ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A DIRECÇÃO DO

BIBLIOTHECARIO

DR. F. L. BITTENCOURT SAMPAIO

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.

(PHILOBIBLION. CAP. XVI)

1885 — 1886

VOLUME XIII

RIO DE JANEIRO
Typ. de G. Leuzinger & Filhos
1890

A 20 de Dezembro de 1627, Fr. Vicente do Salvador concluiu sua *Historia do Brasil*, que dedicou a Manuel Severim de Faria.

O celebre escriptor portuguez pedira-lhe que a compuzesse e se offerecera para edital-a á sua custa. O pedido, além de vantajoso, muito honrava o nosso autor. Severim de Faria passava por um dos maiores conhecedores das cousas portuguezas; de quasi todos os monarchas que haviam reinado depois da descoberta venturosamente realisada por Pedro Alvares Cabral elle descrevera os annaes, quasi as ephemerides; entre os livros que começou entrava uma historia do Brasil 1). Seu offerecimento importava reconhecer as grandes aptidões e os estudos preparatorios, que Fr. Vicente fizera do assumpto.

É natural que ao remate da obra seguisse logo a remessa para a Europa. Entretanto o autor morreu uns dez annos depois de 1627; Severim de Faria quasi trinta, em 25 de Setembro de 1655, sem desempenhar sua palavra.

Que motivos levariam-no a isso mal se pode conjecturar. Pode bem ser que encontrasse difficuldades em obter licença para a publicação, porque já a esse tempo não gostavam os governantes que se vulgarisassem noticias sobre as colonias. Pode tambem ser que o manuscripto não lhe chegasse ás mãos. E esta afigura-se até a hypothese mais provavel. Pelo falecimento do illustre conego eborense, sua bibliotheca passou para o conde de Vimieiro; mas o livro de Fr. Vicente não foi no meio, como o prova o silencio de Barbosa Machado, conhecedor e frequentador daquelle celebre repositorio, que nem o viu nem o cita. Ainda outro indicio é que Jorge Cardoso, autor do *Agiologio Lusitano*, amigo de Severim de Faria 2), de quem recebeu noticias e manuscriptos, tambem não se refere a elle. Pode ser ainda que não agradasse o tom em que falla do Brasil e parecesse arriscado o modo porque pregava sua grandeza, sua independencia do resto do mundo.

---

1) Barbosa Machado cita Msc: *Historia del Rey D. João III por annos e mezes, tirada dos originaes e relações não impressos com os successos de Barberie, Guiné e Brasil; Historia del Rey D. Sebastião; Historia do governo del Rey D. Henrique; Annaes de Portugal...... de todo o tempo que governaram os tres reis de Castella até a acclamação del Rey D. João IV; Annotações a primeira e segunda Decada de Barros; Historia geral do Brasil*, da qual escreveu só tres capitulos, e uma relação muito exacta do seu descobrimento com o catalogo dos seus governadores (*Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, 1752, III, p. 372 e 374).

2) *Agiologio Lusitano*, Lisboa, 1659, II, p. 41.

A

Felizmente nem se perdeu nem ficou de todo desconhecida a historia do escriptor bahiano. Em um *Nobiliario* msc., em dez volumes, attribuido (erradamente) a Affonso de Torres, composto pelos fins do seculo XVII e pertencente á Bibliotheca Fluminense, por mais de uma vez é adduzido o testemunho de nosso autor, em geral sem declaração de nome, simplesmente indicando *Chronica do Brasil Msc.* Nos tomos IX e X do *Santuario Mariano* de Fr. Agostinho de Santa Maria, impressos em 1722 e 1723, são extractados ou textualmente transcriptos grande numero de capitulos, umas vezes com o nome do autor, outras sem elle.

Em nosso seculo a primeira noticia precisa que temos de Fr. Vicente e sua *Historia* deparam-nos as *Reflexões criticas a Gabriel Soares*, publicadas em Lisboa em 1839 no volume V das *Memorias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, pelo nosso illustre compatriota Francisco Adolpho de Varnhagen. Ahi lê-se á nota 67: « Assim escreve Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brasil* Msc. (no capitulo 6.º do primeiro dos cinco Livros), dedicada a Manuel Severim de Faria, em data de 20 de Dezembro de 1627. Até 1587, aproveita quanto refere de Soares, porém dahi por diante é original e merece ser consultado. Foi verdadeiramente com V. do Salvador á vista que Jaboatão escreveu, segundo elle declara e até o cita na p. 85 do *Preambulo* (I, p. 140 da edição do Instituto Historico). E' engraçada a maneira como Salvador remata o seu livro; depois de contar a vinda de Mathias de Albuquerque, dizendo que veio para o reino e chegou a Caminha em 52 dias, termina, etc. » E Varnhagen cita-o ainda ás paginas 85 e 117 do mesmo opusculo.

O codice que o nosso eminente historiador examinou, assegura-nos elle em outro escripto, *Os Indios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3.º*, pertencia á Bibliotheca das Necessidades 1). Viu-o uma vez e nunca mais se poude achar. Isto explica o motivo por que assegura que Fr. Vicente se aproveitou do livro de Gabriel Soares, pois mais detido exame tornaria pelo menos problematica esta conclusão. Isto explica ainda o motivo porque elle diz que Jaboatão escrevera com Fr. Vicente á vista, quando o proprio Jaboatão, tratando da *Chronica* de Fr. Vicente, assim se exprime: « a qual levando-a comsigo seu autor para a Provincia no anno de 1618, assim a ella como a esta Custodia só nos ficou a noticia que desta obra nos dão os estranhos 2) ».

Depois de Varnhagen, as noticias certas referentes a Fr. Vicente do Salvador devemos a João Francisco Lisboa, o illustre escriptor maranhense, que se achava em Portugal, encarregado pelo nosso governo de colher copias de documentos relativos á historia patria. Em 27 de Fevereiro de 1857, escreve a Varnhagen, em carta: « Apresso-me a pôr na sua presença a copia e apontamentos inclusos acerca de Gabriel Soares, que extrahi de um volume encontrado acaso na Torre do Tombo, pelo tal meu officioso amanuense.

1) Os *Indios bravos*, Lima, 1867, p. 93.
2) *Orbe Seraphico*, Rio, 1858, parte I, vol. I, p. 376.

Supponho que este Msc. não é conhecido, pois V. Ex.ª diz na sua ultima nota (Commentarios a Gabriel Soares), que se não sabia como nem onde elle acabara, cousas de que aqui se trata tão circumstanciadamente. Mesmo no caso de não ter valia o documento, creio que o citaria para impugnal-o. Não tenho agora tempo para andar compulsando catologos a ver si descubro o autor, mas não me lembro de obra alguma antiga com o titulo de *Historia do Brasil* e na *Bibliographia* de Figanière que tenho agora á vista, não se menciona. V. Ex.ª poderá mais facilmente que eu rastrear-lhe a origem. Si vir que vale alguma cousa, queira servir-se do que lhe mando como cousa sua propria, pois é V. Ex.ª para mim e para todos o segundo autor do *Roteiro*, e quem deu vida e nome a Gabriel Soares. Á vista de sua resposta, redobrarei de esforços para ver si descubro o Msc. principal, de que este não é mais que addição e emenda 1) ».

Varnhagen respondeu-lhe que pertencia á obra de Fr. Vicente o capitulo mandado por Lisboa, que corresponde ás pp. 148/150 da presente edição, e aproveitando-se do offerecimento generoso do illustre maranhense, publicou-o sob o nome do autor com outros documentos no vol. da *Revista do Instituto* correspondente ao anno de 1858 (p. 455/468). Fique dito de passagem que mais tarde Varnhagen conseguiu ver o livro de Fr. Vicente, que aliás não cita quanto devia. As maiores e melhores novidades que contém a segunda edição da sua *Historia Geral* quanto ao periodo anterior á guerra hollandeza foram bebidas em nosso primeiro chronista, como se poderá convencer quem se quizer dar a este trabalho.

Parece que João Lisboa encontrou logo o Msc. principal, de que o outro não era mais que addição e emenda. Mesmo em 1857 ou em 1858 a copia deve ter chegado ao Rio de Janeiro. Conclue-se isto sabendo que ficou em poder do Marquez de Olinda. Ora este foi ministro do imperio, por cuja repartição corriam as copias mandadas tirar em Portugal, primeiro sob a direcção de Gonçalves Dias e posteriormente sob a de João Francisco Lisboa, desde 4 de Março de 1857 até 12 de Dezembro de 1858.

Em poder do Marquez de Olinda ficou a copia até sua morte a 7 de Junho de 1870, passando depois a seus herdeiros. Um delles incluiu-a em leilão, em que adquiriu-a o honrado livreiro desta cidade o Sr. João Martins Ribeiro, que em seguida offertou-a graciosamente á Bibliotheca Nacional com outros manuscriptos, arrematados no mesmo espolio.

O offerecimento do honrado Sr. João Martins Ribeiro deu-se em Novembro de 1881.

Logo que na Bibliotheca Nacional poude estudar-se a *Historia* de Fr. Vicente, saltou aos olhos sua importancia e surgiu a idéa de edital-a. Afagava este plano o illustre bibliothecario de então, Ex.mo Sr. Dr. Ramiz Galvão, barão de Ramiz, que em sua passagem brilhante, mas demasiado rapida, tantos

1) *Os Indios bravos*, p. 93.

e tão fecundos germens deixou plantados. O mesmo plano formou o Senhor Dr. Saldanha da Gama, seu digno successor e actual bibliothecario; mas outras publicações havia mais urgentes, como de catalogos, que por muito tempo demoraram a execução.

Impacientes, Valle Cabral e eu obtivemos, por intermedio do nosso excellente amigo Lino de Assumpção, nova copia tirada na Torre do Tombo, que começamos a imprimir no *Diario Official* em Julho de 1886. Em volume publicamos os dois primeiros livros a 20 de Dezembro de 1887, para celebrar data tão importante em nossa historiographia. Os outros tres, grande parte dos quaes já está composta, só poderão sahir mais tarde, por causa do trabalho das notas. Felizmente a edição agora feita pela Bibliotheca Nacional, a que estas paginas servem de prefacio, dará paciencia para esperar ás pessoas que benevolamente se interessam por nossa empreza.

Vê, pois, agora a luz pela primeira vez a *Historia do Brasil* de Fr. Vicente do Salvador, não qual sahiu-lhe das mãos: com as mutilações inflingidas pelo descuido e ingratidão de quasi tres seculos de esquecimento. Até que ponto foi mutilada não se pode conhecer com precisão. No primeiro livro faltam com certeza capitulos, ou pelo menos trechos: basta ver como no cap. VI passa-se bruscamente das aves para os peixes. O segundo parece intacto. O terceiro, embora a numeração dos capitulos esteja seguida, tem mais de uma mutilação: prova-o o fim do capitulo XXV. Outro vestigio, o capitulo XXIII relativo ao governo de Antonio Salema: diz-nos Porto Seguro que em uma carta a Salvador Correia, Fr. Vicente do Salvador recommenda-lhe o livro de Salema sobre as guerras do Rio de Janeiro 1). Com certeza, conhecendo este livro, elle teria tratado do assumpto mais desenvolvidamente. No quarto faltam pelo menos 7 e no quinto 8 capitulos. Em ambos os ultimos livros ha dois capitulos com a mesma numeração: XXIV e XLIV, respectivamente. Combinado este facto com o que adiante veremos a proposito do *Sanctuario Mariano*, conclue-se que alterou-se a numeração dos capitulos, provavelmente por culpa dos primeiros copistas, a menos que não seja por accrescimos posteriores, que em tal caso explicariam a demora e afinal o não cumprimento da promessa de Severim de Faria.

A copia que serviu para a presente edição, revista pelo illustre amigo Dr. Teixeira de Mello, antigo chefe da secção de Mss. e hoje da de impressos da Bibliotheca Nacional, foi a que João Francisco Lisboa mandou extrahir. Pelo texto citado acima, vê-se que em 1857 havia dois Mss. de *Historia do Brasil* na Torre do Tombo, um contendo o grosso da obra, e outro os additamentos: no presente volume acham-se notados os capitulos dessa procedencia. Em 1886, quando pedimos nova copia de Portugal, o nosso amigo Lino de Assumpção procurou estes additamentos, mas não os encontrou nem delles houve noticia, recorrendo a empregados antigos da casa:

1) *Historia Geral*, p. 332, nota.

é, portanto, mais um Msc. que com o das Necessidades desapparece dentro de pouco tempo. O codice que hoje existe na Torre é volume in-folio, encadernado em couro ha mais de 100 annos, com as lacunas que se notam nesta impressão, tendo á margem de certos capitulos que figuram como additamentos escripto a lapis a abreviatura *Add* 1). Lino de Assumpção e os empregados da Torre do Tombo são de parecer que João Lisboa enganou-se quando fallou em dois codices; mas além da affirmação do illustre maranhense ser muito categorica, entre a copia que elle mandou extrahir e a que nos remetteu Lino de Assumpção ha differenças ligeiras que excluem a unidade de original: em nossa copia faltam pequenos trechos que vêm nesta; falta até um capitulo inteiro (XXIV do quarto livro), que está na copia de João Lisboa.

A desapparição de tal Msc. não é, porém, perda sensivel, porque já foi copiado e agora vai impresso. O mesmo não succederá talvez com o das Necessidades. Varnhagen só conseguiu vel-o uma vez e seu exame não podia deixar de ser muito perfunctorio. Todavia é de suppôr que, si então reconhecesse que estava mutilado, teria juntado esta indicação importante ás outras que dá nas *Reflexões criticas*. Feliz quem puder encontral-o, si restituir intacta a obra do venerando Frade bahiano.

Os raros materiaes da biographia de Fr. Vicente do Salvador acham-se esparsos no seu livro e no *Novo Orbe Serafico* de Jaboatão. Infelizmente não são sufficientes. Valle Cabral, que está preparando uma biographia de seu illustre comprovinciano, naturalmente os completará. O que segue é trabalho provisorio e que só terá valor emquanto o delle não apparecer.

João Rodrigues Palha chamava-se o pae de Fr. Vicente, e era natural do Alemtejo. Sendo moço, e por fugir de uma madrasta, embarcou em 1554 com Luiz de Mello da Silva, que ia tomar conta de sua capitania do Maranhão. Naufragou nos parceis e baixios da barra que já haviam sido fataes aos filhos de João de Barros e a Ayres da Cunha; mas escapou e com dezesete companheiros foi ter em um batel á ilha de S. Domingos. De lá tornou para a Europa, e embarcou novamente para a Bahia, onde fixou-se.

Diz-nos o filho (p. 58) que no velho mundo seu pae tinha «pouco grão para sustentar familia». No Brasil é possivel que tenha prosperado; mas Gabriel Soares não inclúe seu nome entre os senhores de engenho de seu tempo (1587). Pode-se affirmar quasi com certeza que era de boa geração, provavelmente nobre, porque duas de suas filhas casaram na familia Muniz Barreto, da primeira nobreza da Bahia.

---

1) Este codice pertenceu ao convento de S. Vicente de Fora. Talvez a elle se refira o trecho de Freire de Carvalho a respeito de um livro sobre o Brasil, que Geoffroy de Saint-Hilaire escolheu da bibliotheca para levar para Paris, mas que afinal não levou (*Memorias*, Lisboa, 1855, p. 57).

Vicente Rodrigues Palha nasceu em Matuim, seis leguas ao Norte da cidade do Salvador, então capital do Estado do Brasil, em dia não conhecido. Foi baptisado na sé da cidade pelo cura Simão Gonçalves a 28 de Janeiro de 1567, segundo Jaboatão 1); mas esta data não deve estar certa. Terminando seu livro em 1627, diz Fr. Vicente que está com 63 annos, o que dá para o de seu nascimento 1564; em tempos de observação cultual tão severa como aquelles, não é de crer que deixassem pagão por tanto tempo um menino. É portanto rasoavel admittir que em vez de 28 de Janeiro de 1567, deve-se ler de 1565; e quanto ao dia do nascimento, talvez seja a 20 de Dezembro (de 1564), dia em que dedicou a Severim de Faria o livro em cuja ultima pagina declara ter sessenta e tres annos.

Fez os primeiros estudos no collegio dos Jesuitas, e tudo leva a crer que sob o provincialado de José de Anchieta (1577 a 1588), a quem em um capitulo refere-se com veneração, embora com independencia. Seguiu depois para Coimbra, e na sua Universidade graduou-se em ambos os direitos e formou-se doutor, sendo-o com vantagem na theologia e canones, assegura Jaboatão. Seria importante encontrar-se-lhe a matricula na Universidade para fixar-se a chronologia de seus primeiros annos; até agora não foi possivel obtel-a. É de suppôr que em 1591 já estivesse de volta a Bahia, quando desembarcou o governador D. Francisco de Sousa « em domingo da Santissima Trindade ».

Chegando á Bahia foi ordenado sacerdote, alcançou ser conego da cathedral e foi vigario geral, em tempo que não póde ser sinão do bispo D. Antonio Barreiros. A 27 de Janeiro de 1599, aos 35 annos de edade, lançou-lhe o habito de S. Francisco o padre custodio Fr. Braz de S. Jeronymo, e a 30 do mesmo mez do anno seguinte de 1600 lhe fez a profissão o prelado do Convento, Fr. Antonio da Insua.

A 22 de Outubro de 1606, em junta feita na casa de Olinda pelo custodio Fr. Leonardo de Jesus, decidiu-se fundar nova casa franciscana no Rio de Janeiro, e para esta missão foi escolhido Fr. Vicente com o mesmo Custodio. Fr. Vicente achava-se então em Pernambuco, como se deprehende do seu livro. Antes devia ter missionado na Parahyba. Que effectivamente lá esteve, é elle o proprio a nos assegurar (p. 29). Depois de 1606 é pouco provavel que isto fosse, porque constantemente encontramol-o empenhado em outros misteres; do que se lê a p. 159 póde-se concluir que já estaria lá em 1603. Tanto mais que se sabe por Jaboatão terem-se movido nos ultimos annos do seculo XVI questões de aldeias e catecheses de Indios entre Jesuitas e Franciscanos. Aquelles abandonaram as aldeias da Parahyba. Tanto maior devia ser alli a necessidade de Franciscanos.

Na pagina 169 transpiram as suas impressões de catechista: « Confesso que é trabalho labutar com este gentio com a sua inconstancia, porque no principio

---

8) Os trechos de Jaboatão relativos a Fr. Vicente se encontram parte 1ª, I, p. 230 e 376; e parte 2.ª, I, p. 105/111, II p. 426/431.

era gosto ver o fervor e devoção com que acudião a egreja, e quando lhes tangiam o sino, á doutrina ou á missa, corriam com um impeto e estrepito que pareciam cavallos, mas em breve tempo começaram a esfriar de modo que era necessario leval-os á força, e se iam morar nas suas roças e lavouras, fóra da aldeia, por não os obrigarem a isto. Só acodem todos com muita vontade nas festas em que ha alguma ceremonia, porque são mui amigos de novidades, como dia de S. João Baptista por causa das fogueiras e capellas, dia da Commemoração geral dos defunctos pera offertarem por elles, dia de Cinza e de Ramos e principalmente pelas Endoenças pêra se disciplinarem, porque o têm por valentia. E tanto é isto assim que um principal chamado Iniaobba, e depois de christão Jorge de Albuquerque, estando abzente em a Semana Santa, chegando á aldeia na oitava de Paschoa, e dizendo-lhe os outros que se haviam disciplinado grandes e pequenos, se foi ter comigo, que então alli presidia, dizendo: como havia de haver no mundo quem se disciplinasse, até os meninos, e elle sendo tão valente (como de facto era) ficasse com o seu sangue no corpo sem o derramar? Respondi-lhe eu que todas as cousas tinham seu tempo e que nas Endoenças se haviam disciplinado em memoria dos açoutes que Christo Senhor Nosso por nós havia padecido; mas que já agora se festejava sua gloriosa resurreição com alegria. E nem com isto se aquietou, antes me poz tantas instancias, dizendo que ficaria deshonrado e tido por fraco, que foi necessario dizer-lhe fizesse o que quizesse. Com o que logo se foi açoitar rijamente por toda a aldeia, derramando tanto sangue das suas costas quanto os outros estavam por festa mettendo de vinho nas ilhargas ».

Resolvida a creação da casa do Rio de Janeiro, Fr. Vicente embarcou para a Bahia e de lá veio a esta cidade, onde chegou a 20 de Fevereiro de 1607, recolhendo-se á Santa Casa da Misericordia. Tinha sido doado para fazer-se convento o sitio de Santa Luzia; mas Fr. Leonardo de Jesus, não o achando conveniente, pediu que lhe dessem de preferencia « o outro logar que se chama o outeiro do Carmo, defronte da varzea e bairro de Nossa Senhora sobre o lago de S. Antonio ». Martim de Sá, que governava a capitania, assim o fez por escriptura em 9 de Abril.

« Feita esta escriptura, diz Jaboatão, e tomada por ella a posse do logar, os Religiosos que até então assistiam em a Santa Casa de Misericordia, logo na seguinte segunda-feira, dia da Senhora dos Prazeres (25 de Abril), se passaram para umas casas de Fernando Affonso, pegadas a ermida de Santo Antonio, por ficarem nellas mais perto do sitio escolhido e ali fizeram moradia, em quanto ao pé do monte em que se havia de fundar o convento, se fabricou uma casa terrea com seu claustro e egreja, para onde se passaram dia do Seraphico Patriarcha daquelle mesmo anno (4 de Outubro), dizendo-se nella então a primeira missa. Por primeiro prelado-presidente deste recolhimento poz o Padre Custodio a Fr. Vicente de Salvador».

Neste encargo, Fr. Vicente mandou aplainar o sitio por ser um tanto apertado e aspero, tirando-se no mesmo logar a pedra para a obra. Em taes

preparos esteve até que a 4 de Junho de 1608 se lançou no fundo dos alicerces a primeira pedra dos corredores do convento com grande concurso de povo. Voltando para o Norte, o Padre Custodio levou Fr. Vicente comsigo para abrir um curso de artes em Olinda; mas pouco tempo demorou ali o nosso autor, porque no principio de 1609, chegando mestres e discipulos de Portugal, ficou absolto da leitura.

Do tempo desta sua estadia no Rio, encontrou Jaboatão no cartorio o seguinte testemunho: «Obrava elle com muito zelo e exemplo, por ser muito grande religioso e bom lettrado». Desta mesma epocha, Jaboatão colheu no cartorio o seguinte facto, que alias não se relaciona com o nosso autor, mas serve para se ter uma idéa do que eram as visinhanças do morro de Santo Antonio, nos logares em que se estendem agora as ruas da Guarda Velha, S. José, e outras: «No tempo em que ali esteve, escreve o chronista dos Franciscanos, vieram áquella cidade certos Religiosos Castelhanos de nossa Ordem, que iam para Buenos-Ayres, e andando um delles, que era pregador, passeando e estudando defronte da alagoa, junto à cerca viu uns passarinhos que levavam de comer aos filhos que tinham em uma arvoresinha que estava na ilha da alagoa, a qual sendo pela manhã ficava de fronte de casa; e tornando por. tarde o Religioso ao logar quiz ver os passarinhos e olhando para a mesma paragem os não viu, nem a arvore onde estavam, mas tudo agoa; e advertindo bem viu que a arvoresinha estava muito adiante para a parte de Nossa Senhora da Ajuda; o que bem considerado, achou que a ilha que estava no meio da alagoa se movia de noite para a parte do mar e de dia com a viração para a parte de terra, servindo-lhe de vellas as arvores que tinha.»

De Olinda tornou Fr. Vicente logo para a Bahia, de cuja casa foi nomeado guardião em 1612. No mesmo anno, em capitulo celebrado no convento de Santo Antonio de Lisboa a 15 de Fevereiro, elegeram-no Custodio. Neste caracter, partiu para Pernambuco e a 14 de Outubro fez no convento de Olinda junta, que foi a primeira com voz de capitulo, em que foram eleitos os Prelados para os con ventos da Custodia. Como guardião, mandou fazer a enfermaria do convento da Bahia, «não só necessaria mas muito perfeita para aquelles tempos e com todo o adorno e providencia convenientes». Como Custodio, abriu cursos de artes. Antes de Outubro de 1615 foi de novo a Pernambuco em companhia do governador Gaspar de Sousa (p. 196). Terminado o seu triennio, partiu pela segunda vez para Portugal em 1618. A 16 de Novembro de 1619, estava em Lisboa, onde o admittiram a votar no Capitulo como Custodio que acabava e foi de novo nomeado guardião da Bahia. Tão pouco sabemos desta segunda estadia em Portugal como da primeira. E' plausivel que passasse tempos em Evora, pois de sua dedicatoria a Severim de Faria conclue-se que o conheceu pessoalmente e que esteve em sua casa, pois falla da bibliotheca do illustre escriptor como quem a viu com os proprios olhos. O mesmo se conclue do tom em que falla de D. Marcos Teixeira, inquisidor de Evora e depois bispo da Bahia; tom que subentende relações cordeaes e antigas, que difficilmente podiam ser feitas no Brasil, no pouco tempo que aqui viveu o heroico prelado.

Eleito guardião da Bahia, tornou para a sua patria, o mais cedo em 1620; mas chegando ao convento fez renuncia do logar. Pouco depois veiu ao Rio de Janeiro, donde seguiu para a Bahia em 1624, quando no dia 28 de Maio, á entrada da barra aprisionaram-no navios de Hollandezes, que poucos dias antes se haviam apoderado da capital do Brasil. Até o fim de Julho ficou preso a bordo; depois transportaram-no para a prisão do mar, onde permaneceu quatro mezes. Em fins de Novembro ou principios de Dezembro, Manoel Fernandes de Azevedo, um dos poucos moradores que tinham ficado na cidade invadidas obteve que fosse para sua casa e pudesse andar em sua companhia pela cidade, comtanto que não chegasse aos muros e fortificações. Occupou-se então em confessar os Portuguezes, de modo que, assegura-nos com legitima satisfação, nem um mais morreu sem confissão, como antes morriam. Os Hollandezes davam-lhe e aos Portuguezes ração como aos seus, de pão, vinho, azeite, carne, peixe cada semana.

Comprehende-se como o seu coração de catholico devia sangrar com as desgraças de sua patria, e que jubilo invadiu-o quando finalmente a força das armas obrigou os herejes á retirada: « Aqui confesso eu, exclama, minha insufficiencia para poder relatar os jubilos, a consolação, a alegria que todos sentiamos em ver que nos pulpitos onde se haviam pregado heresias, se tornava a pregar a verdade da nossa Santa Fé Catholica, e nos altares donde se haviam tirado ignominiosamente as imagens dos Santos, as viamos já com reverencia restituidas e sobretudo viamos já o nosso Deus em o Santissimo Sacramento do altar do qual estavamos havia um anno privados, servindo-nos as lagrimas de pão de dia e de noite como a David, quando lhe diziam os inimigos cada dia: Onde está o teu Deus? »

A partir de 1627, faltam-nos quasi absolutamente noticias de Fr. Vicente. Em 1630 foi pela terceira vez eleito guardião da Bahia e desta acceitou e exerceu o cargo. Ainda vivia em 1636, pois acha-se assignado o seu nome numa certidão de *vita et moribus* do ordenando Jeronymo de Lemos, seu parente, feita a 2 de Outubro. « Temos por conjectura verosimil, diz Jaboatão, que no anno de 1639 era já falecido, porque, começando no seguinte o primeiro livro e unico que ha dos obitos desta provincia em quanto Custodia, se não acha nelle o do P. Fr. Vicente do Salvador, indicio certo que já no sobredito anno de 39 era falecido. Mais se confirma por certa esta conjectura porque achando-se este Religioso antes do sobredito anno de 36, assignado em todos os termos de profissões da casa da Bahia, donde ficou por assistente depois de Custodio, deste dito anno de 36 por diante se não acha mais o seu signal e nem outra noticia sua, prova evidente de que do tal anno de 636 até o de 639 foi sem duvida o seu falecimento ».

Antes de ir por diante, convém deixar apurado um ponto que tem dado pretexto a não pequena confusão. Frei Vicente do Salvador escreveu dois livros: *A chronica da Custodia do Brasil* e a *Historia do Brasil.* Já a differença nos titulos é indicio favoravel á conclusão. Mas ha outros: a *Chronica* foi escripta em 1618, a *Historia* em 1627; a *Historia* é obra volumosa, citando a *Chronica* Jorge Cardoso qualifica-a de breve 1); Cardoso que conhece a *Chronica,* desconhece e não cita a *Historia;* Santa Maria, que aproveita a *Historia,* guarda silencio quanto á *Chronica.* Por não ter notado estas circumstancias, Varnhagen, visconde de Porto Seguro, concluiu que Fr. Vicente escreveu a primeira parte de uma vez e annos depois a segunda.

Onde existe agora a *Chronica?* Ignora-se; talvez no espolio de conventos recolhidos á Bibliotheca Nacional, em Lisboa, e ainda não classificados. Sabe-se apenas pelo testemunho de Jorge Cardoso que era breve; pelo emprego, que delle fez, pode concluir-se que devia ser conhecida de Severim de Faria; este conhecimento explicaria então o pedido que o erudito Portuguez fez a nosso autor de uma historia.

Narrando a vida do nosso autor, Jaboatão julga necessario explicar o motivo por que, eleito guardião da Bahia em 1619, Fr. Vicente renunciou ao logar, e reeleito em 1630 acceitou-o. « Sem duvida, commenta o meritorio chronista, que havel-o renunciado então e acceito agora o não devemos attribuir á inconstancia do espirito ou leveza de seu juizo; antes bem a uma discreta e mui discursada circumspecção dos tempos e suas circumstancias occurrentes, etc. » E neste tom continúa ainda por vinte linhas.

Outra explicação afigura-se, porém, muito mais simples. Voltando de Portugal por 1620, Fr. Vicente contrahira com Severim de Faria o compromisso de escrever a *Historia,* e por conhecer que os deveres do cargo de que o investiram não lhe deixavam ensanchas para se occupar do livro, optou por este. Naturalmente pensou, e foi uma benção para as letras patrias, que seria mais facil encontrar um bom guardião para o convento da Bahia do que pessoa competente para escrever a historia. Terminado o livro, desappareceram os primeiros motivos; acceitou, portanto, a segunda nomeação.

O começo da sua *Historia* é com certeza posterior ao anno de 1619, porque uma das obras de que se serviu, *Dialogo das grandezas do Brasil,* é deste ou do seguinte anno. O primeiro e o segundo livros, pelo menos, deviam estar escriptos antes de 1624, pois na descripção da bahia de Todos os Santos não allude á invasão hollandeza. Deve portanto nos annos que vão de 1620 a 1627, interrompidos por viagens, pelo aprisionamento de quasi um anno e por quaesquer outros incidentes desconhecidos, fixar-se o principio da composição deste primeiro monumento de nossas lettras.

Assentados estes dois pontos preliminares, pode tentar-se a descoberta das fontes de que se serviu. A investigação não é facil, porque poucas vezes

---

1) *Agiologio Lusitano* I, p. 469, col. I.

cita as autoridades em que se apoia. O que segue é, portanto, mera tentativa.

Para o primeiro livro forneciam-lhe os materiaes necessarios suas viagens e observações, que effectivamente são o nucleo; a ellas accrescentou o resultado da leitura dos *Dialogos das grandezas do Brasil*. Esta obra, cujo autor até agora não se conhece, porque não é Bento Teixeira, como affirma Barbosa Machado 1); nem Nicolau de Oliveira, como se vê pelo cotejo com os trechos adduzidos por J. de Laet; nem Diogo de Campo, como suggeri; nem talvez Lopes de Santiago, como algumas circumstancias inclinam a suppôr; foi escripta pelo anno de 1619. Havia entre os dois autores communidade de idéas, talvez sympathias pessoaes, é provavel até que fosse o proprio autor quem a mostrasse ao historiador. Fr. Vicente segue-o com frequencia, mas com independencia, ás vezes discordando, modificando a ordem e refutando-o implicitamente. Além dos *Dialogos*, aproveitou as *Decadas* de João de Barros e a *Historia da provincia de Santa Cruz*, de Pedro de Magalhães de Gandavo, impressa em 1576, da qual tira uma estampa que deveria fazer parte do capitulo X do livro I.

Tanto relativamente ao primeiro como ao segundo livros, apresenta-se a questão: Fr. Vicente serviu-se do livro de Gabriel Soares? Varnhagen affirma-o e ninguem houve ainda que conhecesse tão profundamente o *Tratado descriptivo do Brasil*. Entretanto estudo despreoccupado da materia leva antes a concluir pela negativa: Fr. Vicente não utilisou-se de Gabriel Soares, o que foi uma infelicidade, pois sua obra ficaria muito mais completa. Varnhagen convenceu-se que elle o conhecera, por causa de certas semelhanças, aliás de facil explicação. Em primeiro logar na segunda edição dos *Dialogos de varia historia* de Pedro de Mariz, publicada em Abril de 1599, foi aproveitado largamente o livro de Gabriel Soares. Fr. Vicente naturalmente conheceu, nem podia deixar de conhecer, os *Dialogos*, que em poucos annos tinham passado por duas edições. Só por intermedio de Mariz se poderá consideral-o tributario de Gabriel Soares. Mesmo isto não é de necessidade admittir. O autor do *Tratado* funda-se quanto á parte historica em tradições esparsas, e estas o escriptor da *Historia do Brasil* devia conhecel-as até melhor que elle. Do Maranhão falava-lhe seu pae, companheiro de Luiz de Mello; em Pernambuco residiu elle mais de uma vez; na Bahia nasceu, encontrou homens ainda do tempo de Thomé de Sousa e Luiza Alvares, a mulher de Caramurú, em torno do qual já se adensava a legenda; sobre Porto Seguro, informou-o seu collega Pero de Campo; no Espirito Santo, instruiu-o o donatario Francisco de Aguiar Coutinho; no Rio de Janeiro, conversou ainda alguns dos colonisadores primitivos ou seus descendentes immediatos. Gabriel Soares não consta que tivesse

1) Como observou o illustre Varnhagen (*Rev. Inst.* XIII p. 404), o motivo que levou Barbosa Machado a attribuir o *Dialogo das Grandezas* a Bento Teixeira foi encontrar no códice que examinou, e escripto por lettra differente: *Foi composto por Bento Teixeira*. No códice da Bibliotheca de Leyde, mais antigo e correcto, não ha, porém, tal declaração.

tão abundantes occasiões de informar-se; nem é crivel que suas obrigações de senhor de engenho, suas ambições a respeito de descobertas de minas, centralisadas todas nos certões da Bahia, lhe permittissem os mesmos folegos que a um missionario em continuo movimento. Accresce ainda que o livro de Gabriel Soares, dedicado e entregue a D. Christovam de Moura, não foi então impresso e não devia ainda ser muito conhecido, porque pelo tamanho não era facil de copiar-se.

Além dessas tradições vagas, enfeixadas nos *Dialogos de varià historia* de Pero de Mariz e tambem na *Historia* de Gandavo, Fr. Vicente serviu-se de documento importante e até agora desconhecido: para as capitanias de Itamaracá e Pernambuco, teve uma chronica. Elle proprio o dá a entender (o vi escripto por pessoa que o affirma, lê-se a pag. 48); mas o estudo do texto é sufficiente para firmar a convicção.

A existencia de tal chronica, que talvez ainda se consiga descobrir, é facto capital para a historia de nossa litteratura. Não ha duvidar que é esta a mais antiga de todas, porque refere individuamente os factos a partir de 1532 (livro II, cap. XI), porque por vezes chama os Indios de Negros, denominação antiquissima que começa a decahir depois da introducção dos Jesuitas em 1549, que chamaram-nos antes Brasis. Donde se conclue que foi Pernambuco o lugar em que primeiro abrolhou a flor litteraria em nossa patria.

Para este resultado, que aliás certos indicios já faziam prever, concorreu mais de um factor. Pernambuco desenvolveu-se regularmente: Duarte Coelho, desde o desembarque e empossamento da terra, domou os Indios, que nunca mais fizeram-lhe frente com bom exito; os colonos viram desde logo remunerados os seus labores; o sólo era fertil; a vida facil; a sociabilidade e o luxo consideraveis; a população branca em geral de origem commum (Vianna), apresentando menos elementos disparatados, mais depressa tendia á unificação; o sentimento caracteristico de nosso seculo XVI, — o desprezo e desgosto pela terra brasileira, o transoceanismo, contra o qual bradam tão vehementes o autor do *Dialogo das grandezas do Brasil* e Fr. Vicente, — ali primeiro arrefeceu. Accrescente-se a facilidade e frequencia de viagens á Europa; a consequente abundancia de commodidades, cuja ausencia alhures tornava o paiz detestado e detestavel; o natural versar de livros historicos, como os de João de Barros, em que fulgiam os nomes de Albuquerque e Duarte Coelho; a tendencia litteraria dos capitães-móres da terra, evidenciada em Jorge de Albuquerque e seu filho Duarte, que escreveram ambos livros e ao primeiro dos quaes em 1600 Bento Teixeira dedicou a sua *Prosopopea* 1). A conclusão impõe-se: foi

1) Barbosa Machado cita Msc. de Jorge de Albuquerque: *Falla que fez aos Governadores e defensores destes Reynos aos 19 de Junho de 1580; Conselho e parecer que deu a alguns parentes e amigos seus e aos criados de sua casa; Reconciliação, protestação e supplicação feita a Nosso Senhor Jesus Christo e a Virgem Maria Nossa Senhora em dia dos Tres Reys Magos, era de 1558* (provavelmente 1585). Duarte de Albuquerque Coelho publicou em Madrid e em hespanhol as *Memorias diarias*, documento capital para a historia da invasão hollandeza em Pernambuco, e hoje de grande raridade.

Pernambuco, nem podia deixar de sel-o, o centro de que partiu nossa evolução litteraria; para comprehendel-a, o historiador de nossa litteratura deve ali estudar-lhe os germens. Antes do grupo bahiano geralmente conhecido, existiu o grupo litterario pernambucano, em que figuram Fr. Francisco do Rosario, Jorge de Albuquerque, o autor dos *Dialogos*, Bento Teixeira e outros.

Á Chronica Pernambucana primordial prendem-se os capitulos VIII, IX, X, XI, XII, do segundo livro.

Para os primeiros capitulos do terceiro livro, Fr. Vicente utilisou além de elementos fornecidos por contemporaneos com quem conversou, os *Dialogos* de Pero de Mariz, a *Chronica de D. João III* de Francisco de Andrade, publicada em 1613 e as *Decadas* de Diogo do Couto, impressas de 1602 a 1612. Os capitulos relativos ao Rio de Janeiro (VIII, X, XII, XIV) têm tantas minuciosidades que torna-se muito acceitavel, si não necessaria, a existencia de algum diario contemporaneo que nosso autor teve á vista. O capitulo XI é reproducção, reduzida, mas fiel, da historia do naufragio da náu S. Antonio, publicada pela primeira vez em 1601, e modernamente reimpressa, pela terceira vez, no vol. XIII da *Revista do Instituto Historico*, no anno de 1850. O capitulo XV deve filiar-se á Chronica Pernambucana primordial, já referida.

No capitulo XXII começa e prosegue no cap. XXIV o extracto de uma chronica hoje impressa na *Rev. do Inst.*, t. XXXVI, parte 1.ª, p. 5/89, o *Summario das armadas da Parahyba*, attribuida pelo Visconde de Porto Seguro ao jesuita Hieronymo Machado. A' mesma chronica filiam-se no quarto livro os capitulos II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII. O aproveitamento do *Summario* é digno de attenção porque, escripto por mandado do padre Christovam de Gouveia, quando aqui esteve por Visitador da Provincia, não devia facilmente ser conhecido fóra da Companhia de Jesus. O facto de Fr. Vicente ter podido utilisal-o é presumpção que elle estava nos melhores termos com os seus antigos mestres, e que estes forneceram materiaes para outros capitulos.

Além das que já ficam citadas, não é facil indicar fonte precisa para os capitulos do livro IV. Provavelmente nosso autor colheu informações mais ou menos directas das pessoas que nelle figuram. Os capitulos XXXVIII e XLII são evidentemente extrahidos do diario de algum companheiro de Pero Coelho, na sua malfadada expedição ao Ceará. Nos capitulos que faltam deviam estar incorporados os dois relatorios que Jaboatão imprimiu em seu *Orbe Seraphico* (livro ante-primo, c. XIV).

No quinto livro augmentam as difficuldades para descobrir as fontes, si é que existem além do que Fr. Vicente observou e inqueriu por si. Pode-se apenas affirmar que na historia da conquista do Maranhão, elle não seguiu a *Jornada* de Diogo de Campo, provavelmente por preferir o diario de algum dos Franciscanos que acompanharam a expedição; sobre os primeiros tempos desta capitania, deve-lhe ter fornecido apontamentos Fr. Christovam de Lisboa, irmão de Severim de Faria e autor de uma historia do Maranhão, inedita e quiçá

perdida. Na tomada da Bahia tambem não guiou-se pelo livro do padre Bartholomeu Guerreiro: segundo as apparencias, aqui a sua narrativa é quasi toda original e pessoal, o que traz mais um depoimento de primeira ordem para aquelle celebre episodio. Outras citações de fontes esparsas pelo livro: me disse um soldado de credito, p. 11; uma mulher de credito, p. 20; Grammatica da lingua geral de Anchieta, p. 25; Aguiar Coutinho, p. 40; instrumento de testemunhas, p. 41; Pero de Campos, p. 41; homens do tempo de Thomé de Sousa, p. 60; pessoas que caminham da Bahia para Pernambuco, p. 63; um homem da Bahia, p. 95; me disse Martim Soares (Moreno, o fundador do Ceará), p. 179; me affirmou um Padre da Companhia, p. 181; me disse um Hollandez, p. 198.

Depois destas indicações incompletas, o cotejo rapido de alguns trechos das fontes de que nosso autor se serviu com as partes correspondentes da *Historia do Brasil* mostrarão, melhor que qualquer descripção prolixa, o seu methodo de trabalho.

Nos volumes IX e X do *Santuario Mariano* cita-se por diversas vezes a « Historia » de Fr. Vicente

Em alguns logares, pelo tom geral do estylo, pela epocha e pelos factos narrados, conhece-se que o autor citado é Fr. Vicente.

Extrahimos, por isso, os seguintes trechos que, segundo todas as probabilidades, pertenciam ao livro do illustre bahiano e servirão para preencher algumas lacunas.

O códice que Fr. A. de Santa Maria aproveitou, não corresponde, quanto á numeração, ao que agora imprimimos. Quanto á causa destas discordancias seria muito facil formular hypotheses; factos não existem: a quem tiver a felicidade de descobril-os deixamos, pois, a primazia da explicação.

Compare-se este trecho de Diogo do Couto com o de Frei Vicente:

DIOGO DO COUTO

Estando estas naus prestes e carregadas pera darem a vela, abriu a nau Capitanea uma agua tão grossa que se ia ao fundo e chegou a ter em si quatorze palmos della: e acudindo os officiaes pera a remediarem, não sómente lhe não poderam tomar a agua mas nem saberem por onde a fazia, antes viam que cada vez lhe crescia mais, porque nem bombas, nem barris, nem outras vasilhas, que corriam por andaimes lhe poderam esgotar em muitos dias, trabalhando de dia e de noite. Vendo Elrei que se ia gastando o tempo, mandou fazer as outras naus a vela e que aquella se descarregasse,

FR. VICENTE

Estando todas (naus) prestes e carregadas pera dar a vella, abriu a nau capitanea uma agua tão grossa que se ia ao fundo, e acudindo os officiaes pera lhe darem remedio, não lho poderam dar por não saberem por onde entrava a agua. Vendo El-rei que se ia gastando o tempo, mandou fazer as outras naus a vella e que aquella se descarregasse, o que se fez ja, em a nau Capitanea se despejou toda com muita pressa e se

o que elles fizeram ja em Abril. A capitanea se despejou toda com muita pressa, pera verem se lhe achavam por onde fazia esta agua. Vendo D. Luis Fernandes que já naquelle anno não podia fazer viagem, no que recebia muito grande perda, por que era um Fidalgo pobre e tinha gastado muito em se aviar, andava mui triste e descontente. A nau foi revolvida e buscada de popa a proa, sem lhe poderem dar com a agua, e andava uma grande borborinha antre os pescadores da Alfama sobre aquelle negocio que affirmavam publicamente que Deus Nosso Senhor permettira aquillo porque aquelle anno lhe tirara o Arcebispo aquellas suas tão antigas ceremonias, com que veneravam e festejavam o dia do bemaventurado S. Fr. Pedro Gonçalves, levando-o ás hortas de Enxobregas, com muitas folias, cargos de fogaças e outras, e de la o traziam enramado de coentros frescos, e elles todos com capellas ao redor delle, dançando e bailando... E tornando aos nossos mareantes. Quando viram que so a nau do filho do Arcebispo deixaria de fazer viagem, creram que o Santo se quizera satisfazer nisso da offensa que o Arcebispo lhe fizera, em lhes defender suas tão antigas festas, e assim o affirmavam ao mesmo Arcebispo, que vendo tamanha fé e devoção, movido daquelle zelo, lha tornou a conceder, depois que se achou a agua, por que nas voltas que lhe deram, foi um marinheiro dar com um furo de um prego na quilha, que estava destapado, que por descuido deixaram os calafates de lhe por prego e quando a brearam se tapou o buraco, e por ahi fazia aquella agua.

Couto, *Dec.* VIII, *livro* V, *cap.* II.

revolveu e buscou de popa a proa sem lhe poderem dar com a agua. E andava um grande borborinho entre os pescadores dizendo que Deus permittia aquillo porque aquelle anno lhes tirara o Arcebispo as antigas ceremonias com que festejavam o dia do bemaventurado São Frei Pedro Gonçalves, levando-o ás hortas de Enxobregas com muitas folias, cargas de fogaças e outras mostras de alegria e de la o traziam enramados de coentros frescos, e elles todos com capellas ao redor delle cantando e bailando. Chegou esta queixa ao Arcebispo, e como era mui amigo deste fidalgo que andava tristissimo, por não poder aquelle anno fazer viagem, movido tambem da grande fe e devoção que os pescadores e mareantes tinham ao Santo, lhes tornou a conceder licença pera que o festejassem como dantes. Entretanto não se deixou de buscar a agua da nau e trabalhar com as bombas e outros vasos em esgotar ou diminuir a muita que entrava, ate que um marinheiro foi dar com o furo de um prego na quilha... etc.

Historia do Brasil, l. III cap. V.

Comparem-se os seguintes trechos da relação do naufragio que passou Jorge de Albuquerque com o que lhe corresponde na *Historia* :

...deixando tudo pacifico (J. de Alb.) e querendo se vir para este reino, determinou embarcar-se em uma nau nova de duzentos toneis, por nome *Santo Antonio*, que estava carregando

...determinou ir-se outra vez pera o Reino, e embarcar-se em uma nao nova de duzentos toneis, por nome *Santo Antonio* que estava carregada

no porto da villa de Olinda, na mesma Capitania, para fazer viagem a esta cidade de Lisboa, de que era mestre André Rodrigues e piloto Alvaro Marinho, homens destros na arte de navegar e que tinham feito muitas viagens. E estando a nau carregada com muita fazenda, e embarcado elle e todos os que nella haviam de vir, quarta-feira 16 de Maio do anno de 1565, com vento de viagem deram a vela e se partiram do dito porto com vento em popa. E não eram bem fora da barra quando lhe acalmou o vento com que partiram e se lhe tornou tão contrario que por ser rijo e com a corrente da maré que começava a vasar, os levou atraves, de maneira que foram com a nau dar em um baixo que está na boca da barra, onde esteve quatro marés mui perto de se perder, si os mares foram mais grossos. E por lhe acudirem com presteza muitos bateis e outras embarcações, se salvou toda a gente e a maior parte da fazenda que era muita. E nem assim descarregada poude sahir do baixo em que estava, pelo que lhe cortaram os mastros e com estes beneficios nadou e sahiu dos baixos.

(Naufragio, ap. *Rev. Inst.* XIII, 1850, p. 281/282.)

no porto do Recife pera Lisboa, de que era mestre André Rodrigues e piloto Alvaro Marinho. E estando carregada a nau, se embarcou e partiu em uma quarta feira, desaseis de Maio de 1566.] E não era bem fora da barra quando lhe acalmou o vento com que partiu e se lhe tornou tão contrario que com a corrente da maré que começava a vasar, levou a nau atraves até dar em um baixo, onde esteve quatro marés mui perto de se perder, si os mares foram mais grossos. E por lhe acudirem com presteza muitos bateis e outras embarcações se salvou toda a gente e fazenda e nem assim descarregada poude sahir do baixo em que estava sem lhe cortarem os mastros, pelo que foi forçada tornar ao porto a concertar-se e carregar de novo &.

(*Historia do Brasil*, livro III, c. XI).

Comparem-se estes trechos do *Summario das Armadas* e os correspondentes da *Historia :*

O rio Parahyba, que nas cartas de marear se chama S. Domingos, está em seis graus da banda do Sul; corre pelo rumo que os mareantes chamam NNO-SSE, a barra a entrada, corre pelo de NE-SSO ate a ponta do Cabedello, que é ja dentro. Tem de baixa mar, no mais baixo, em um banco que faz de areia, quatro braças e d'ahi para dentro, pelo rio acima, tem seis e sete. A boca da abra que o rio faz terá de largo uma legua e o canal que vae pelo meio, que é o que chamamos barra, tem um quarto de legua e todo o mais de uma parte e outra

O rio da Parahyba, que nas cartas de marear se chama de S. Domingos, está em seis graus e tres quartos. A boca da abra que o rio faz tem de largo uma legua e o canal que vae pelo meio, que é o que chamam barra tem um quarto de legua, e todo o mais de uma parte e de outra é muito esparcellado, o fundo é de areia limpa e assim é muito maior porto e capaz de maiores embarcações que o de Pernambuco,

é muito aparcellado. O fundo é de areia muito limpa e sem nem-uma pedra, e assim é muito maior porto e capaz de maiores embarcações que os de Pernambuco e Tamaracá, dos quaes dista 22 leguas do de Pernambuco e dezasete do de Tamaracá por costa para a banda do Norte &

(*Summario*, ap. Rev. Inst. 1873, XXXVI, parte 1.ª, p. 6.)

do qual dista vinte e duas leguas da costa pera a banda do Norte.

(*Historia*, livro III; c. XXII).

Mais algumas linhas para terminar.

Fr. Vicente era homem douto, conhecedor da litteratura latina, versado na patristica, leitor dos bons classicos portuguezes, amante de obras historicas, de narrativas de viagens, de poesias.

Sua *Historia* prende-se antes ao seculo XVII que ao seculo XVI. Neste, com a difficuldade de communicações, com a fragmentação do territorio em capitanias e das capitanias em villas, dominava o espirito municipal: brasileiro era o nome de uma profissão; quem nascia no Brasil, si não ficava infamado pelos diversos elementos de seu sangue, ficava-o pelo simples facto de aqui ter nascido,— um mazombo; si de algum corpo se reconheciam membros, não estava aqui, mas no ultramar: Portuguezes diziam-se os que o eram e os que o não eram. Fr. Vicente representa a reacção contra a tendencia dominante: Brasil significa para elle mais que expressão geographica, expressão historica e social. O seculo XVII é a germinação desta ideia, como o seculo XVIII é a maturação.

A sua *Historia* não repousa sobre estudos archivaes. Haveria difficuldade em examinar archivos? ou não era seu espirito inclinado a leitura penosa de papeis amarellecidos pelo tempo? Dahi certa laxidão no seu livro: muitos factos omittidos que hoje conhecemos e que elle com mais facilidade e mais completamente poderia ter apurado, contornos esfumados, datas fluctuantes, duvidas não satisfeitas. Até certo ponto a historia de Fr. Vicente é comparavel á geographia do meritissimo Pe Matheus Soares, um seculo mais tarde: correcta onde determinava posições astronomicas; em outros pontos fundada sobre roteiros de bandeirantes e mineiros.

Mas esta pecha resgata-a por qualidades superiores. A *Historia* possue um tom popular, quasi *folk-lorico:* anecdotas, ditos, uma sentença do bispo do Tucuman, uma phrase do rei do Congo, uma denominação de Vasco Fernandes. Mais ainda: vê-se o Brasil qual era na realidade, apparece o Branco, apparece o Indio, apparece o Negro: o preto Bastião percebe-se que fez rir a boas gargalhadas o nosso autor. Informações por que suspiravamos, e que não esperavamos encontrar, elle as offerece ás mãos cheias, ora num traço fugitivo, ora demoradamente: leia-se por exemplo o ultimo capitulo do livro IV, relativo á construcção dos engenhos: antes nada se sabia a tal respeito. Ha tambem

o pensamento que a prosperidade do Brasil está no certão, que é preciso penetrar o Oeste, deixar de ser carangueijo, apenas arranhando praias, a opposição do bandeirismo ao transoceanismo; e d'ahi a porção de roteiros, que debalde se procuraria em outras obras.

O momento em que escrevia foi favoravel a seu trabalho. Mal começavam as guerras hollandezas: ainda a tuba canora não era de rigor, e tinha liberdade de soprar na sua avena predilecta. Alguns annos mais tarde, não poderia empregar a mesma gamma: dominaria a guerra, as entradas sumir-se-iam diante das escaramuças; em vez de paiz do assucar, o Brasil transformar-se-ia em campanha de Flandres. E tanto isto é assim que, tendo-se dezenas de volumes sobre as guerras hollandezas, este é o unico em que os tempos anteriores foram narrados.

Ainda ajudou-o o seu modo de viver. Entrou para o claustro aos 35 annos, por livre escolha, e não ficou lá a embevecer-se no mysticismo ou na lasca de cabellos theologicos: levou ao contrario vida activa, percorrendo as capitanias, catechisando, pregando, confessando, saturando-se do espirito do povo de que mais tarde devia ser o historiador. Grave, porem não soturno, reservado mas accessivel, achava prazer nas festas do povo, ia a uma pescaria de curumans em Macacu, assistia a pesca de baleia da Bahia, era capaz de saltar uma fogueira de S. João, natureza sympathica e equilibrada, como naquelles tempos existiam mais numerosos que hoje.

Sobre seu estylo pouco ha a dizer; um ou outro trocadilho innocente (pão e pao, dominio e demonio), suppressão de uma palavra para dar a outra duplo emprego. Quanto ao mais, simples, familiar, tomando a côr da fonte que copia. Seu livro, no fundo, é uma collecção de documentos, antes reduzidos que redigidos; mais *Historias do Brasil* que *Historia do Brasil*; menos uma flor que um ramalhete. E é uma vantagem: do tom do estylo, dependem as cousas que se podem incluir nelle: compare-se um classico e um romantico, e mesmo um romantico e um realista. No de Fr. Vicente cabe tudo: a historia não se lhe antolha de cothurno, mas de chinellos.

Foi um grande golpe ás lettras patrias não haver sido publicada a *Historia* ao tempo em que foi escripta. Seria uma semente cujos fructos já hoje estariamos saboreando. A capitania de S. Vicente, que nestas paginas brilha pela ausencia, começaria desde logo a enfeixar as façanhas dos bandeirantes. Espirito Santo, Porto Seguro, Ilheus dariam logo chronistas. Uma historia mais completa iria aos poucos sendo organisada, e não estariamos na posição cruciante de ter de esperar pelo menos um seculo antes de, publicados documentos, chronicas e monographias, possuirmos um livro que satisfaça ás exigencias contemporaneas do saber.

Com seus defeitos, com as suas lacunas, o livro de Fr. Vicente é ainda um testemunho de primeira ordem. Que seria si o tivessemos completo!

Que seria si chegasse a nós com o seu companheiro, a Historia do Brasil em verso, feita por um amigo, cujo nome se ignora e que bem pode ser Fr.

Manuel do Salvador, o heroico frade do *Valeroso Lucideno,* que então estava no Brasil e era inclinado á poesia!

Dizem eruditos antigos que Faria e Sousa e o celebre jesuita Manuel de Moraes, escreveram historias do Brasil, ambos em periodos approximados ao do Frade bahiano. Onde estão, ou si estão em alguma parte, ignora-se. Si o acaso algum dia os trouxer á publicidade, pode-se, porem, affirmar que o livro de Fr. Vicente possue tão subidos quilates que não descerá do logar que occupa.

E este é um dos maiores em nossa litteratura colonial.

Rio, Dezembro 1888.

J. Capistrano de Abreu.

NOTAS

Santuario Mariano, IX, pp. 189–194.

No tempo do Governador D. Francisco de Sousa no anno de 1599. em vespera de Natal entrou naquella Bahia hũa Armada de sete náos Hollandezas, cuja Capitania se chamava Jardim de Hollanda, por trazer hum de flores, & hervas cheyrosas, que regavão, & tinhão com curiosidade. Esta Armada se senhoreou do porto, & de algũs navios, que nelle estavão. Mas Alvato Camelo, que na ausencia do Governador governava as Armas, fortificou as estancias em tal fórma, que senão atreverão a desembarcar, como intentavão. E com o sentimento de não poder executar o General o que pretendia, mandou hũa caravela, que havia tomado, com algũas lanchas a roubar o Reconcavo, & assolar o que pudessem, effeytos do odio, que tinhão a Castella, que então possuhia este Reyno. E com effeyto forão ao Engenho de Bernardo Pimentel de Almeyda, que dista da Cidade da Bahia quatro legoas; & porque não achàrão resistencia, o queymarão, & a Igreja, da qual tirarão o sino do campanario. Mas elle soou de forte, que logo forão sentidos de Andrè Fernandes Margalho, que Alvaro Carvalho havia mandado com trezentos homẽs por terra, & achando ainda alli os Hollandezes, brigaram com elles animosamente até os fazerem embarcar, ficandolhes muitos mortos na briga em terra, & algũs no mar ao embarcar, entre os quaes lhes matàrão hum Capitão, que elles muyto sentirão. E dalli se tornàrão às suas nàos, aonde reformados de mais gente, & munições se forão à Ilha dos Frades, para tomarem agua, de que estavão faltos. O que entendido de Andrè Fernandes, que os tinha em espreyta, se embarcou em seis barcas com a sua gente, & entrando por outro boqueyrão, que está entre a Ilha de Cururupèba, & a terra firme, & se não navega senão com maré chea; por não serem sentidos, desembarcárão da outra parte da Ilha dos Frades a tempo, que tambem alli chegava Alvaro Rodrigues Caxoeyra com o seu gentio, & assim forão todos juntos atravessando a Ilha pelos seus matos até perto de hũa legoa junto á praya, aonde havia sahido huma batelada de Hollandezes a provar a agua, & pela acharem salobra se tornavão; & os nossos os deyxárão ir, ficando-se escondidos na sillada, entendendo que hião por mais gente para tornarem a buscar outra fonte. O que elles não fizerão, antes se forão a tomalla na Ilha de Taparica, & desembarcando em terra, puzerão o fogo ao Engenho de Duarte Esquer, sem lhe valer ser Flamengo, ainda que casado com Portugueza: (& elle era Catholico Romano) mas logo nossa Senhora trouxe os nossos Capitães Andrè Fernandes, & Alvaro Rodrigues, que os acometerão com tanto animo, que lhe matárão sincoenta, & fizerão embarcar os mais, & recolherem-se á sua Armada, que tambem logo se fez á vela, & despejou o porto.

Notavel foy a ancia, com que os Hollandezes, Francezes, & Inglezes procurárão fazerse senhores do Brasil; por muytas vezes o infestárão todo os Hollandezes, & totalmente se farião absolutos senhores delle a não os favorecer a Rainha dos Anjos com as grandes vitorias, que deu aos Portuguezes contra os herejes. Tambem os Francezes mandárão muytas Armadas para nos

tomarem todas aquellas terras, & quasi todos estes erão herejes, & cossayros. Que vitorias alcançárão contra elles os Portuguezes no Rio de Janeyro, no Maranhão, no Grão Pará, no Rio Grande, & nas Capitanias dos Ilheos, Espirito Santo, & São Vicente! Permitta-seme referir aqui hũa Armada de Francezes, que sahio de França a tomar a Bahia.

Sahio esta de França no anno de 1595. sendo Governador da Bahia D. Francisco de Sousa, para tomar esta Cidade, ou para lhe fazer todo o mal, que pudesse. Passou de caminho por Arguim, aonde os Portuguezes tinhão hum Castello; & ainda que os Francezes os segurárão, dando-lhes palavra de lhes não fazerem mal, (o que nunca devião crer, pois, sendo herejes, erão inimigos de Deos, & da verdade) como o mostrárão em o queymar, & a Igreja; tirando della sómente hũa Imagem de Santo Antonio de Lisboa, que puzerão no convés da Capitania, para que os guiasse. Assim lhe dizião, mas era por mofa, & escarneo; *Guianos, Antonio, guianos para a Bahia.* E quando dizião isto, o ferião, & acutilavão com as espadas, & lhe assulavão hum cão, que levavão na mesma náo. Mas não lhe guardou Deos o castigo para a outra vida, como faz a outros, levando-os ao Inferno, & castigando-os nelle com eternos tormentos em castigo de offenderem as suas Imagẽs, & as dos Santos. Porque logo alli os começou a castigar com enfermidades mortaes, & mortes repentinas. O primeyro, que foy castigado, foy hum, que tambem era o primeyro na culpa, & o que mais escarnecia do Santo, esgrimindo deante delle, & dandolhe alguns golpes com a espada. Este, bebendo hum pucaro de agua, cahio logo morto repentinamente, & morrendo este por beber, muytos mais forão os que morrérão de sede. Porque as pipas, sendo arqueadas de ferro, arrebentárão, & se desfundárão, entornando-se toda a agua.

Com esta falta, & com as muytas mortes, que cada dia succedião, lhes foy necessario deyxar algũs navios, por faltar a gente para os governar; & passarão a gente delles á Capitania, de que era Capitão hum Frances, que se chamava o Malvirado; & a outra náo grande, cujo Capitão se chamava o Pão de Milho, porque não era todo trigo; & assim senão quiz amassar com o Malvirado, que o aconselhava fossem à Bahia, & se entregassem ao Governador, que lhes não negaria a vida, que já tinhão por perdida. E assim se apartou delle, & se foy ao Rio Real para tomar agua, aonde sendo sentidos do nosso gentio de Cergipe, que dando aviso a Diogo de Quadros, que alli estava por Capitão, derão sobre o Pão de Milho, & o tomárão ás mãos, & aos mais, que havião desembarcado.

O Malvirado com os seus se foy à Bahia, & da barra mandou algũs em hum batel com bandeyra branca, a pedir ao Governador que lhes fizesse merce das vidas, & que elle lhe entregava logo as pessoas, náo, & artelharia, & tudo o mais, para que de tudo mandasse tomar posse; como com effeyto fez, mandando a isso hum Capitão da terra chamado Sebastião de Faria. E os herejes, & o Capitão, porque senão achasse a Imagem do Santo Portuguez, o lançárão antes de chegar á Bahia ao mar, porque senão vissem nelle as cutiladas, que lhe tinhão dado no mar. Foy cousa maravilhosa: que sendo isto no mez de Dezembro, quando cursão naquella costa os ventos Nordestes, & com elles correm as aguas muyto para o Sudueste, a Imagem do Santo contra as aguas, & ventos foy parar perto da Bahia mais de doze legoas, donde o lançárão, que era para o Norte. Senão he que os peyxes, como já havião feyto em outra occasião, ouvindo a doutrina, que os herejes não querião; & assim nesta para os confundir de todo o tomarião, & levarião sobre as suas costas á porfia, & o porião com muyta reverencia naquella paragem, aonde passando os que vinhão de Cergipe com o Pão de Milho preso com os mais Francezes seus companheyros, o achárão na praya posto em pé, como quem os estava esperando, para os levar a Bahia triunfando, como entrou, aonde elles lhe dizião que os levasse.

Bem pudèrão estes perfidos converterse á vista desta maravilha; mas a dureza de seus corações lho não permittia. Entrou o Santo com grande festa

dos que o conhecião, & reverenciavão, & o forão pôr na Igreja de nossa Senhora da Ajuda, a quem dão o titulo dos Mercadores, em quanto se lhe ordenou hũa solenne procissão, em que foy trasladado no primeyro Domingo do Advento do mesmo anno de 1595. para a Igreja de São Francisco, aonde o collocàrão em hum nicho no Altar collateral, que era do mesmo Santo.

Esta procissão mandou ElRey (dando se lhe conta deste successo) que o Governador, Camera, & Cabido lhe fizessem todos os annos, (como fazem) ainda que não he já com tanta devoção. Nesta primeyra ordenou o Governador que se metesse todo o resto, para que vissem os herejes, que estavão presos, com quanta veneração tratavamos a Imagem do Santo, que elles havião desprezado, & affrontado. E assim ao passar pela praça fronteyra ás grades da cadea lhe mandou abater as bandeyras, desparar a mosquetaria, & fazer outras demonstrações de veneração.

Depois de ter reposta d'ElRey o Governador, mandou levantar na mesma praça hũa forca, em que foy enforcado o Pão de Milho, o seu Piloto, & os mais, que forão tomados em Cergipe. Aos que se forão entregar se deu liberdade, posto que mal merecida. Soube-se esta nova em França, & logo no anno seguinte se mandou outra Armada a tomar vingança do que se havia obrado, a qual encontrou com outra de Hollanda, que hia carregada de sal, com que pelejou, & foy dos Hollandezes vencida, & desbaratada de modo, qne a bom livrar, os que escapárão, voltárão para França: mas não foy este sal o que lhe fez a guerra, senão aquelle, que pela bocca do Salvador he chamado Sal.

Santuario Mariano, IX, pp. 231–232.

Não só este he o mal desta Capitania, senão a praga das Alarves Àymores, que com os seus crueis assaltos fizerão despovoar os Engenhos. Depois Francisco Giraldes, sendo Capitão, & senhor daquella Capitania, por morte de seu pay Lucas Giraldes, (este nomeou ElRey Dom João o III. por morte de Manoel Telles em Governador do Brasil, & por arribar, & morrer, não teve o governo) & assim não pode remediar os danos. Chegou áquella Villa huma Armada de Francezes cossayros, que forão mayor praga que os Aymores; & porque tres náos grandes não puderão entrar na Barra, o fizerão dez navios pequenos, foy isto no anno de 1595. saltárão os Francezes herejes em terra, & os moradores, que erão muyto poucos, fugirão; excepto hum Christovão Vaz Leal com algũs poucos, que lhe resistirão; mas tambem lhe foy forçoso retirarse até huma Ermida de nossa Senhora das Neves, que fica fòra da Villa, assim pela multidão dos inimigos, como por estarem desapercebidos, & ainda que tiverão noticia de que andavão cossayros Francezes na Costa, não tiverão tempo para se fortificar, nem na terra havia artelharia, ou armas de fogo, mais que hum falcão no Forte de Santo Antonio, que está no porto, aonde havião desembarcado os Francezes, com o qual lhe fez Pedro Gonçalves artelheyro hum tiro, & lhe matou dous homẽs.

Forão os Francezes seguindo os nossos até a Ermida, aonde ajudados da Virgem nossa Senhora, lhe resistirão tão valerosamente, que com morte de tres, & perda de doze arcabuzes voltárão para a Villa, & se fortificárão nas casas de Jorge Martins, de donde começárão a saquear as mais; mas os nossos se hião secretamente meter em algũas casas, aonde os Francezes, julgando que hião buscar lã, vinhão sem pello. E não houve (de vinte & sete dias, que alli estiverão) hũ, em que destas silladas lhe não matassem algũs, & algumas vezes cahião mortos dos Francezes quinze. À vista disto se animárão, & cobrárão tanto brio os nossos, que se resolvèrão a sair a campo com elles; & porque o Capitão da terra não acabava de chegar, que estava na sua fazenda distante duas legoas, elegèrão outro, não o mais nobre, nem o mais rico; mas o mais valente, & que se havia mostrado mais animoso nos assaltos, & silladas, que era hum pobre Mamaluco (que são os mistiços) chamado Antonio Fernandes,

& por alcunha o Catuçadas, porque assim chamava ás estocadas na lingua de sua mãy. E foy cousa maravilhosa, que tendo os nossos só quinze, ou vinte, sem outras armas mais que arcos, settas, & espadas, matárão dos Francezes no campo cincoenta & sete, em que entrou o Capitão; & se tiverão mais resolução, & advertencia, os matarião a todos, & lhes tomarião os navios. Com esta perda fugirão os Francezes, & se forão embarcar, & despejárão a terra, & o porto pelo valor de hum moço boçal, que nem fallar sabia. Não só foy esta confusão para os Francezes, mas tambem para o Capitão da terra, que nunca appareceu.

Santuario Mariano, IX, p. 261.

Quanto ao estado espiritual, he de saber que, indo visitar o Bispo da Bahia D. Constantino Barradas a Pernambuco, & as mais Igrejas do Norte, aonde em tão larga jornada padeceu muytos trabalhos, & perigos, para se alleviar delles escreveu a ElRey de Castella Filippe III. pelos annos de 1615. pedindo-lhe fizesse sua Magestade a Pernambuco Bispado, & ao Rio de Janeyro: porque erão terras ricas, & os dizimos muytos. ElRey por alleviar ao Bispo da Bahia daquelle trabalho das visitas, assim em Pernambuco, Paraiba, & mais terras do Norte, como das do Rio de Janeyro, & mais partes do Sul, se resolveu a nomear Administradores Ecclesiasticos, independentes do Bispo. Para isto impetrou Breve do Papa Paulo V. pelo qual separou Pernambuco, Paraiba, & mais terras do Norte da jurisdicção do Bispo da Bahia. E o mesmo fez para o Rio de Janeyro, & mais terras do Sul, concedendo ao mesmo Rey que elle nomeasse os Administradores, & que a elle fossem sugeytos quanto á inquirição, & correcção de suas pessoas, & à appellação, & aggravo de suas sentenças.

Santuario Mariano, pp. 375–379.

O Celebre Rio Grão Pará, a quem tambem dão o nome das Amazonas, não as celebradas na antiguidade, cuja Rainha foy a valerosa Pantasiléa, mas outras Indianas, & tão valerosas como as primeyras. A este Rio chamão os Brasilienses de mar doce. Vem de dentro do Certão mais de quinhentas legoas ao salgado; outros dizem nove centas, aonde lhe adoça a agua de tal sorte, que a começão a beber os navegantes vinte legoas; & outros dizem vinte & cinco; fóra da sua barra: a qual tem de largo trinta & seis da ponta de Separará, que lhe fica ao Leste debayxo da Linha Equinoccial até a terra, que lhe fica defronte ao Oeste: mas como esta corre até a ponta chamada do Norte, que demarca em dous gràos da mesma linha Equinoccial para o dito Polo, fica sendo a Barra de muyto mais legoas. O Padre Simão de Vasconcellos na sua Chronica do Brasil lhe dá oytenta de barra. Nesta Barra ha muytas Ilhas, todas adornadas de muytos arvoredos, & madeyras preciosas; as quaes tem muyto bôs portos para surgirem navios; mas hão-se de buscar na baxa mar, Nordeste Sudoeste, porque então se descobrem muyto melhor os canaes, para se evitarem os perigos.

O prymeiro, que descobrio este grande Rey, & Monarca dos Rios, foy hum Francisco de Arelhana, que andava no Perú, & na sua grande conquista em companhia do Adiantado Francisco Piçarro. Este mesmo Capitão Francisco de Arelhana foy por mandado do mesmo Adiantado Francisco Piçarro com alguma gente de cavallo descobrindo a terra, que he muyto vasta, & entrou por ella dentro muytas legoas; aonde vio, & notou muytas cousas maravilhosas, de que fez memoria, para levar ao seu Rey, & penetrou tam largo espaço, que se achou perto da fonte, & nacimento deste grande Rio; & vendo-o tão caudaloso, fez canoas, nas quaes se embarcou com a gente, que trazia, & se veyo pelo mesmo Rio abayxo; no qual se houvera de perder com toda sua companhia, por correrem

com grande furia as aguas, & com muyto trabalho tornou a tomar porto em povoado, aonde se deteve, por ter muytos encontros de guerra com os gentios, & com hum grande exercito de mulheres, que com arcos, & frechas pelejárão com elles, & destas guerreyras mulheres tomou o Rio o nome das Amazonas, & livrando-se deste grande perigo, que encontrárão, & dos mais que tiverão naquella larga viagem, vierão tanto pelo Rio abayxo, que chegárão ao mar. E daqui se forão á Ilha Margarita, que se vè na entrada do grande golfo Mexicano com outras muytas Ilhas.

Depois deste primeyro descobrimento sahio do Rio do Maranhão Francisco Caldeyra de Castello branco, que dista do Grão Pará cento & trinta legoas; levava comsigo dous Religiosos de Santo Antonio, chamados Frey Antonio da Merciana, & Frey Christovão de São Joseph; & entrou por elle dentro trinta, aonde desembarcou em terra da banda do Sul, & aonde escolheu hum bom sitio, em que se fortificou, fazendo hum bom Forte de madeyra, a que poz o nome do Presepio, por haver sahido do Maranhão a este descobrimento em dia de Natal. O que fez sem cõtradicção dos gentios naturaes da terra, ainda que a não deyxava de temer, por ver os muytos, que acodião a pedirlhe ferramentas, & outras cousas, que virão levar aos primeyros, & por não ter já que lhes dar, nem tambem polvora, nem balas, para se defender, faltando as dadivas.

Com esta impossibilidade, & aperto, em que se vio o Capitão Francisco Caldeyra, se resolveu a mandar por terra hum homem com cartas ao Capitão mór do Maranhão Jeronymo de Albuquerque, pedindolhe que o provesse. Escolheu para isto a Antonio da Costa, que partio a sete de Março do anno de 1616. & em sua companhia Pedro Teyxeyra, & mais dous homẽs brancos com trinta Indios, para lhe remarem hũa canoa, quando lhes fosse necessario navegar, & lhes ensinarem tambem o caminho, quando fossem por terra: porque são muytos, & grandes os rios salgados, que por ella entrão. Nesta jornada passárão muyta fome, & sede, por ser o mais do gentio salvagem, que nunca tinha visto homẽs brancos, & vestidos. Huns os agasalhavão com muyta festa, outros fugião cheyos de espanto, & outros os querião matar, se os que os acompanhavão os não defenderão. E Deos principalmente foy o que os defendeu, & os levou ao Maranhão; porque destas Conquistas havia de resultar hum grande bem ás almas de todos aquelles gentios.

Chegárão ao Maranhão a sete de Mayo, dous mezes depois de partirem do Pará, aonde forão muyto bem recebidos de Jeronymo de Albuquerque, que sabendo o a que hião, aviou com toda a brevidade huma lancha, em que mandou por Capitão a Salvador de Mello seu sobrinho com trinta soldados arcabuzeyros, & dous mil cruzados de fazenda, para resgates, & pagas dos soldados, que foy para o Pará, hum bom soccorro naquelle tempo, & o Antonio da Costa partio para Pernambuco com outras cartas para o Governador gèral.

Não teve o Capitão Francisco Caldeyra contradicção alguã da parte dos gentios do Pará, ou Rio das Amazonas, para se haver de povoar a terra: mas as suas imprudencias, & desunião com os companheyros o poz em termos, que não só lhe negárão a obediencia, mas o prendérão, & levantárão outro Capitão. Isto foy causa de se porem a monte os Indios, dizendo claramente que não querião paz com homẽs, que a não tinhão entre si. E assim por isto, como por alguãs extorções, & injurias recebida de alguns, que andavão resgatando nas suas aldeas, os matárão, & ficárão rebellados, pondo logo á nova povoação do Pará hum apertado cerco. Do qual sahio o Capitão Manoel Soares de Almeyda a pedir soccorro a Pernambuco, aonde achou o Governador géral Dom Luis de Sousa, que informado do caso, ordenou com muyta brevidade huma Armada de quatro navios, em que mandou a Jeronymo Fragozo de Albuquerque a inquirir dos culpados, para com as culpas os mandar ao Reyno. E este ficou por Capitão até Provisão delRey, que tambem sentio esta alteração, & levantamento, & mandou recolher na Torre de Belem a

Monsieur de Raverdiere Frances, que andava em Lisboa com requerimentos, porque nesta envolta não tornasse áquellas partes. E podia-se presumir isto delle, porque se mostrava tão affeyçoado áquellas partes, que no seu requerimento só pedia por satisfação dos seus serviços a sua Magestade, por lhe haver largado o Maranhão com a sua Fortaleza, & artelharia, lhe désse licença para mandar cada anno lá duas náos de Mercadores. O que se julgou ser mais affeyção da terra, que cubiça de interesses; porque naquelle tempo não havia ainda Engenhos, em que se fizesse açucar, nem Pao Brasil, que são as drogas, em que se empregão os Mercadores do Brasil. E assim se entendeu o levava a fome do ouro, por se dizer se podia tirar pelo Rio das Amazonas acima com facilidade, por ser todo navegavel, & nascer de huã lagoa dourada, aonde os Indios tinhão presas as suas canoas em cadeas de ouro, por haver muyto no seu contorno.

Chegando Jeronymo Fragozo á Fortaleza do Pará, & achando ainda aos nossos cercados, & com grande fome, depois de os remediar com o que levava, & mandar a Francisco Caldeyra preso, & a outros culpados para o Reyno, seguio o gentio perto de duzentas legoas pelas ribeyras do Pará acima, aonde morreu, depois de ter obrado feytos muytos; como tambem os Capitães Custodio Vicente, Pedro Teyxeyra, & outros que assinalárão grandemente as suas pessoas, & sobre todos o Capitão Bento Maciel, que tinha ido do Maranhão com oytenta Portuguezes, & seis centos frecheyros do gentio pacifico; o qual fez no outro grande estrago, porq̃ muytos fugirão das suas aldeas para os matos, & forão dar nas mãos dos Tapuyas, seus inimigos, que os matárão, & comérão; & outros se forão valer dos Portuguezes á Fortaleza, pedindo paz, & misericordia. Aonde o Padre Manoel Filgueyra de Mendonça, Vigayro daquella nova povoação, os fez ajuntar em huã aldea no Separará, que he na ponta da Barra do Pará, da banda do Leste, promettendo-lhes o amparallos alli, & defendellos, se elles fossem fieis. E assim ficou tudo pacifico, & a povoação foy crescendo em moradores.

Santuario Mariano, X, pp. 55-59.

He Cabo frio hũa muyto notavel paragem, ou hũ muyto prodigioso sitio em toda aquella costa do Sul; está em 23. gráos, como o Rio de Janeyro; porque corre alli a costa de Leste a Oeste, & tem dentro muytos reconcavos, muy fundos, & por isso era muyto estimado, & frequentado dos Francezes; tem tambem algũas Ilhas, & bahias, com bõs surgidouros para quaesquer náos. Pagos destas grandes cômodidades os Francezes continuavão aquelle Porto, & emquanto hũs cortavão, & ajuntavão páo Brasil de tintas, que o ha alli muyto, & muyto excellente, sahião outros com as suas náos a roubar as que vinhão do Rio de Janeyro, do Rio da prata, & de outras partes, que por alli passavão. Do que informado ElRey, & particularmente de cinco náos de Frãça, que neste tempo forão ao Cabo frio com machados, serroens, & a mais ferramenta necessaria para cortarem pao Brasil, & as carregarem, como fizerão muyto a seu salvo; porque ainda que acodio Constantino Menelao Capitão mór do Rio de Janeyro, em cujo destrito fica Cabo frio, para o defender, já foy a tempo, que estavão carregados os navios, & assim se forão em paz: & disto se havia feyto aviso a ElRey, que sabendo a facilidade, com que carregavão, era por não ser aquelle sitio povoado, & ficar longe do Rio de Janeyro, donde senão podia acodir tão depressa. Para se remediar este mal, escreveu ao Governador Gaspar de Sousa com muyta instancia, & encarregando-lhe muyto o mandasse logo povoar, & fortificar. Informado o Governador que Estevão Gomes, morador no Rio de Janeyro, podia fazer bem este negocio, por ser homem rico, senhor de dous Engenhos, & que em todos os rebates, que se offerecèrão no Rio de Janeyro de Cossayros, era dos primeyros, que acodia animosamente com a sua canoa, & escravos, de

que tinha certidões de todos os Capitães móres; lhe passou provisão, para que o fosse da povoação de Cabo frio, pedindo-lhe a aceytasse, & fizesse como delle esperava. E a Constantino Menelao que o provesse á custa da fazenda d'ElRey de soldados, munições, & todas as mais cousas necessarias para a povoação, & defensa da terra.

Aceytou Estevão Gomes o que se lhe encarregava, & o menos foy o que se lhe deu para o muyto, que despendeu da sua fazenda, & assim se fortificou, & começou a povoar, sendo tambem para isto grande ajuda hũa aldea de Indios, que os Padres da Companhia á instancia do Governador levárão das suas doutrinas da Capitania do Espirito Santo, com os quaes sahio o Capitão a vinte & tantos Hollandezes, que alli sahirão de huma grande náo a fazer agoada, aonde matando-lhe dezoyto se tornárão só tres, ou quatro no batel a dar aviso ao outro batel, que tambem hia ao mesmo effeyto de tomar agua, porque hião para a India, & estavão della muyto faltos. E por esta causa quizerão matar sincoenta Portuguezes, que trazião comsigo, & havião tomado em hu navio, que hia para a Mina, senão acodira o seu Predicante, ainda que hereje, dizendo que era injustiça pagarem os innocentes pelos culpados, quanto mais que nem estes havião peccado em defender a agua da sua terra, nem os seus, que havião escapado, se queyxavão tanto dos Portuguezes, quãto dos crueis Indios salvagẽs; & assim mandárão á terra hũ bote com bandeyra branca, & hũa carta ao Capitão, pedindo algũas pipas de agua a troco dos Portuguezes, que trazião cativos.

De tudo fez o Capitão aviso ao Governador do Rio de Janeyro, de quem era inferior; que já não era Constantino Menelao, senão Ruy Vas Pinto, que lhe succedeu, o qual feyta sobre isto huma junta de Religiosos, & dos Officiaes da Camera, & acordárão se lha mandasse dar, & elles largárão os Portuguezes cativos, excepto o Capitão do navio, que levárão comsigo. Desta venda fizerão os negros grande galhofa, dizendo que mais valia hum preto, que sincoenta brancos; porque elles custavão ordinariamente quarenta mil reis, (mas isto era naquelle tempo) & os brancos se compravão por menos de hũa pipa de agua.

Fez tambem pazes o mesmo Capitão de Cabo frio com os Indios Guaytacazes, gentio alli visinho, que nunca se pode conquistar, ainda que para isso foy Miguel de Areredo, sendo Capitão do Espirito Santo, & outros do Rio de Janeyro; porque vivem em terras alagadiças mais a modo de homẽs marinhos, que terrestres; & quando se ha de chegar ás mãos com elles, metem-se dentro das aguas, aonde senão póde entrar nem a pé, nem a cavallo. Mas por hũa mortifera doença de bexigas, que padecérão, se forão sugeytar ao Capitão Estevão Gomes, dizendo que querião ser seus compadres, & dos brancos, & commerciar com elles. Desta sorte ficou aquella nova Capitania de Cabo frio pacifica, & foy isto pelos annos de 1615. pouco mais, ou menos. Não he aquella povoação de poucos interesses, mas os Portuguezes só sabem conquistar, & não povoar.

Ha naquelle porto hum sacco, ou bahia, obra particular da natureza, cavada como de proposito entre o duro de hũa penedia, que lhe serve de muro, & de Fortaleza na sua entrada. Está lançada ao comprido, he capàs de grandes Armadas, que ficão dentro como em hũa casa defendidas de todas as injurias dos ventos com huma só barra para o mar. As aguas desta bahia desde Janeyro até o fim de Fevereyro se vem coalhadas em suas margens, & seios mais secretos, & transformadas em perfeytissimo sal, & em tanta quantidade, que se podem carregar muytas, & grandes náos.

Isto que temos referido, he quando à qualidade, & bondade daquelle terreno; que a ser povoação de Estrangeyros, pudêra ser hũa muyto populosa Cidade; mas he cousa tão limitada, que só he Cidade no nome; porque é tão pobre, que não tem por moradoraes senão hũs pescadores; & sendo aquella Cidade antiga na povoação quem a vir, bem poderá julgar ser muyto moderna pelos poucos que a habitão, como fica dito.

Logo que Estevão Gomes deu principio á povoação; se começou tambem a Igreja, que havia de ser a Matriz della, & esta dedicárão ao mysterio da Assumpção da Mãy de Deos, & ella he a Padroeyra, & a Senhora, que com a sua piedade favorece aquelles moradores, & esta he a unica Paroquia da Cidade de Cabo frio.

Santuario Mariano X, pp. 146–149.

A fama das muytas minas de ouro, & prata. (diz o Padre Fr. Vicente do Salvador na sua Historia) « que havia nas terras da Capitanîa de S. Vi-
« cente, de que ElRey Dom João o III. fez mercê a Martim Affonso de Sousa;
« se espalhou por muytas partes: o que sabido pelo Governador D. Francisco
« de Sousa, avisou a Sua Magestade, offerecendo-se para esta empreza, & ElRey
« lha encarregou, & deyxando no governo da Bahia a Alvaro de Carvalho,
« partio a dar comprimento ás ordẽs d'ElRey sahindo da Bahia no mez de
« Outubro de 1598. & chegando à Capitania do Espirito Santo, por lhe di-
« zerem havia minas na serra de Mestre Alvaro, & em outras partes, mandando
« cavar nellas, & fazendo ensayo, de que se tirou algũa prata. Tambem
« mandou às esmeraldas, a que já havia mandado da Bahia a Diogo Martins
« Cam, que as havia descuberto, & depois de levantar alli hum forte com duas
« peças de artilharia, para defensa da entrada da Villa. Sahio, & fez viagem
« para o Rio de Janeyro, aonde governava Francisco de Mendoça.

« Depois de se haver detido alli algum tempo, o Governador Gèral; quiz
« continuar a sua viagem, quando chegàrão à barra quatro galeões de cossarios,
« & entendendo, que havião de sahir a tomar agoa na ribeyra de Carióca,
« lhe mandou pór gente em siladas junto della, & assim succedeo; porque indo
« quatro lanchas, & sahindo primeyro a gente de hũa, que tendo já tomado
« agoa, para se voltarem, lhe sahirão os nossos, & os matárão a todos, excepto
« dous, que levàrão mal feridos ao Governador, & os das outras lanchas vendo
« isto se voltarão aos galeões, & derão á vèla por saberem estava alli o Gover-
« nador Gèral, que poderia mandarlhes queymar as náos. E assim se forão,
« deyxãdo a barra livre, com q̃ pode o Governador sahir, & continuar a sua
« derrota. Depois de idos chegou outra náo, em q̃ hia por Capitão hũ Holandez
« chamado Lourenço de Bicar, este fez petição ao Governador, dizendo, que
« elle era bom Christão, & que nunca fizera dano aos Christãos, nẽ hia àquelle
« porto com esse intento, senão de vender as suas fazendas; pelo que pedia a
« sua senhoria licença, para as poder descarregar, & vender, & pagar os di-
« reytos a S. Magestade. E o Governador lha despachou, dizendo, que se era
« como dizia, & não havendo outra cousa, lhe dava a licença. Mas tirando
« inquirição, & achando que havia ido por General de hũa grossa Armada ao
« estreyto de Magalhães, & que por não o poder embocar com tromenta, & se
« apartar dos mais da companhia, os vinha alli aguardar. Mandou em hũa
« canoa seis soldados bem armados, & destros, que com dissimulação, de que
« querião ver a náo se fizessem senhores da polvora, & praça de armas, & logo
« atraz desta outras muytas com soldados, & Indios frecheyros, que brevemente
« a abordárão, & tomárão sem que os da náo a pudessem defender, nem
« por-lhe fogo, como querião, por lhe terem os nossos tomada a polvora, &
« as armas. Importava a fazenda, que a náo trazia mais de cem mil cruzados,
« os quaes com a mesma facilidade, com que se adquirirão, se gastárão. » Referi estas cousas; para que se veja em como os Estrangeyros, com a fama das riquezas daquellas terras, sempre as frequentavão, para as roubar, como hoje fazem.

« Da Capitania de S. Vicente, para onde logo partio o Governador, se
« foy à Cidade de São Paulo, que he a mais chegada ás minas, aonde até
« então os homẽs, & as mulheres se vestião de pano de algodão tinto; & se
« havia algũa capa de baeta, ou manto de sarge, se emprestava aos noyvos, &

« noyvas, para irem á porta da Igreja. Era isto quando lá chegou D. Francisco
« de Sousa, pelos annos de 1599. ou de 1600. Depois que lá chegou D. Fran-
« cisco de Sousa, & virão as suas galas, & dos seus criados; houve logo tantas
« librès, & galas ricas, & mantos que parecia aquella terra outra. Muyto se
« havia pago D. Francisco da Bahia; mas quando vio o que era São Paulo
« muyto mais se pagou daquelle clima; porque são alli os Campos, como os
« de Portugal, ferteis de trigo, & de muytas frutas, uvas, rosas, açucenas, re-
« gados de frescas ribeyras, & de excellentes agoas. Alli se empregou nas minas,
« aonde por ser o ouro de lavagem, ás vezes tiravão muyto, outras menos;
« algumas vezes se achavão grãos de pezo, & de preco, de que mandou infiar
« hum rosario assim como sahião redondos, quadrados, ou compridos, que
« mandou a ElRey, com outras mostras de perolas, que se achárão no esparcel
« da Cananea, & em outras partes maritimas. Atéqui o Padre Frey Vicente.

HISTORIA DO BRASIL

POR

FREY VICENTE DO SALVADOR

LIVRO PRIMEIRO

EM QUE SE TRATA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL, COSTUMES DOS NATURAES, AVES, PEIXES, ANIMAES & & DO MESMO BRASIL

Escripta na Bahia a 20 de Dezembro de 1627.

DEDICATORIA

AO LICENCIADO MANOEL SEVERIM DE FARIA CHANTRE NA SANTA SÉ DE EVORA

O motivo que teve Aristoteles para se devertir da especulação, a que o seu genio, e inclinação natural o levava, como consta da sua Logica, Phisica, e Methaphisica, e dar-se a escrever livros historicos e moraes, quaes as suas Ethicas epolicas e a historia de animaes, alem de lho mandar o grande Alexandre, e lhe fazer as despezas, foi ver tambem, que estimava tanto o livro de Homero, em que se contão os feitos heroicos de Achiles, e de outros esforçados guerreiros, que / segundo refere Plutarco in vita Alexandri / de ordinario o trazia comsigo, ou quando o largava da mão o fechava em escriptorio guarnecido de ouro, e pedras preciosas, melhor peça, que lhe coube dos despojos de Dario, ficando-lhe na mão a chave, que de ninguem a fiava, e com muita razão, porque / como diz Tullio 2. de oratore / os livros historicos são luz da verdade, vida da memoria, e mestres da vida; e Diodoro Siculo diz in proemio sui operis, que estes igualão os mancebos na prudencia aos velhos, porque a que os velhos alcanção com larga vida e muitos discursos, podem os mancebos alcançar em poucas horas de lição, assentados em suas casas.

Eis aqui a razão porque o grande Alexandre tanto estimava o Livro de Homero, e se hoje houvera muitos Alexandres, tambem houvera muitos Homeros, porque como diz Ovidio

Scribentem juvat ipse favor, minuitque laborem:
Cumque suo crescens pectore fervet opus.

O favor ajuda o escriptor, alivia-lhe o trabalho, anima-o, e dá-lhe fervor á sua obra; porem o que agora vemos he que querendo todos ser estimados, e louvados dos escriptores, ha mui poucos que os louvem e estimem, e menos que lhes fação as despezas, só temos a V. M. em Portugal que os estima, e favorece tanto como se vê na sua livraria, que quazi toda tem occupada de livros historicos, e principalmente no que fez de louvores dos tres historiadores Portuguezes, Luiz Camões, João de Barros, e Diogo do Couto, favor tão grande para escriptores de Historias, que se pode dizer, e assim he, que aos mortos dá vida, resuscitando-lhes a memoria, que já o tempo lhes tinha sepultada, e aos vivos excita, dá animo, e fervor, para que saião a luz com seus escriptos, e folgue cada hum de contar, e compor sua historia. Este foi o *motivo que tive, para sahir com esta do Brasil, juncto com V. M. ma*

querer fazer de tomar a impressam á sua custa para em tudo se parecer com Alexandre. Outro tive, que foi pedir-mo Vossa Mercê, e pelo conseguinte mandar-mo, pois os rogos dos senhores tem força de preceitos. glos. ĭl unica, et in L. 1.ª ff., quod jussu, donde he aquelle verso

Est rogare ducum species violenta jubendi.

E assim foi este de tanta força, que não só executei por mim, mas incitei a hum amigo *que a mesma historia compozesse em verso*, de sorte que pudesse dizer o que disse Santo Agostinho ao Santo Bispo Simpliciano, que havendo-lhe pedido hum tratado breve em declaração de certas dificuldades lhe offereceo dous livros inteiros, desculpando-se ainda, com ser a letra tanta, que pudera causar fastio, de não satisfazer ao que lhe fora pedido, conforme ao desejo do supplicante; são suas palavras as que se seguem:

Vereor ne ista, quae sunt a me dicta, et non satisfecerint expectationi et taedio fuerint gravitati tuae, quandoquidem et tu ex omnibus, quae interrogati unum a me libellum misti velles, ego duos libros, eosdemque longissimos misi, et fortasse quaestionibus nequaquam expedite diligenter respondi. Aug. Lb. 2.º quæstion. ad Simplic.

Desta maneira havendo me Vossa Mercê pedido hum tratado das cousas do Brasil, lhe offereço dous, leitura, que pudéra causar fastio, se o diverso methodo a não variara, e dera apetite, e comtudo receio de não satisfazer a curiosidade de Vossa Mercê, segundo sei, que gosta desta iguaria. Donde tomei tambem motivo para a dedicar a Vossa Mercê, e não a outrem, lembrando-me que por dar Jacob a Isaac seu Pae huma de que gostava alcançou a benção como a Mãe lho havia certificado, dizendo:

Nuncergo, fili mi, acquiesce consiliis meis: et pergens ad gregem, affer mihi duos hœdos ut faciam ex eis escas patri tuo, quibus libenter vescitur: quas cum intuleris, et comederit benedicat tibi.

Bem enxergou o santo velho, ainda que cego, que Jacob o enganava, pois o conheceo pela voz. Vere quidem vox Jacob, est; mas levado do gosto da iguaria a que era afeiçoado depois da inspiração do Ceu lhe concedeo a benção, esta peço eu a Vossa Mercê, e com ella não tenho que temer a maldizentes. Nosso Senhor, vida, saude, e estado conserve, e augmente a Vossa Mercê, como os seus lhe desejamos.

Bahia 20 de Dezembro de 1627.

Servo de Vossa Mercê
FREY VICENTE DO SALVADOR.

LIVRO PRIMEIRO

DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

CAPITULO PRIMEIRO

Como foi descuberto este Estado

A Terra do Brasil, que está na America, huma das quatro partes do Mundo, não se descobrio de preposito, e de principal intento; mas acaso indo Pedro Alvares Cabral, por mandado de El Rey Dom Manoel no de mil e quinhentos para a India por Capitão Mor de doze Náus, afastando-se da costa de Guiné, que já era descoberta ao Oriente, achou estoutra ao Occidente, da qual não havia noticia alguma, foi a costeando alguns dias com tromenta the chegar a hum porto seguro, do qual a terra visinha ficou com o mesmo nome.

Ali desembarcou o dito Capitão com seus soldados armados, pera peleijarem; porque mandou primeiro hum batel com alguns a descobrir campo, e derão novas de muitos Gentios, que virão; porem não forão necessarias armas, porque só de verem homens vestidos, e calçados, brancos, e com barba / do que tudo elles caressem / os tiverão por divinos, e mais que homens, e assim chamando-lhe Carahibbas, que quer dizer na sua lingoa cousa divina, se chegarão pacificamente aos nossos.

Donde assim como os Indios da Nova Hespanha, quando virão desembarcar nella os Hespanhóes lhes chamarão viracoches, que significa escumas do mar, parecendo-lhes que o mar os lançara de si como escumas, e este nome lhes ficou sempre, assim somos ainda destoutros chamados caraibbas e respeitados mais que homens. Mas muito mais cresceo nelles o respeito, quando virão a oito frades da ordem do Nosso Padre São Francisco, que hião com Pedro Alvarez Cabral, e por Guardião o Padre Frey Henrique, que depois foi Bispo de Cepta, o qual disse ali Missa, e pregou, onde os Gentios ao levantar da Hostia, e Calix se ajoelharão, e batião nos peitos como faziam os Christãos, deixando-se bem nisto ver como Christo senhor nosso neste divino Sacramento domina os Gentios, que he o que a Igreja canta em o Invitatorio de suas Matinas, dizendo

Christum regem dominantem gentibus, qui se manducantibus dat spiritus pinguedinem, venite adoremus.

Do Deus Pam dizião os antigos Gentios, que dominava, e era senhor do Universo, e disserão verdade se o entenderão deste Pam divino; porque sem falta elle he o Deus que tudo domina, e apenas ha lugar em toda a terra onde já não seja venerado, nem Nação tão barbara de que não seja querido, e adorado, como estes Brasis barbaros fizerão.

Bem quizerão os nossos frades pela facilidade que nisto mostrarão, para aceitarem a nossa fe catholica ficar-se ali, pera os ensinarem e baptizarem; mas o Capitão Mor que os levava pera outra seara não menos importante, se partio dahi a poucos dias com elles pera a India, deixando ali hũa Cruz levantada como tambem dous Portuguezes degradados pera que aprendessem a lingoa, e despedio hum Navio a Portugal de que era Capitão Gaspar de Lemos com a nova a El Rey Dom Manoel, que a recebeo com o contentamento, que tão grande cousa, e tam pouco esperada merecia.

CAPITULO SEGUNDO

Do Nome do Brasil

O dia, que o Capitão Mor Pedro Alvares Cabral levantou a Cruz, que no Capitulo atraz dissemos era a tres de Maio quando se celebra a Invenção da Santa Cruz, em que Christo Nosso Redemptor morreo por nós, e por esta causa poz nome a terra, que havia descuberta, de Santa Cruz e por este nome foi conhecida muitos annos: porem como o Demonio com o signal da Cruz perdeo todo o Dominio, que tinha sobre os homens, receando perder tambem o muito, que tinha em os desta terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome, e lhe ficasse o de Brasil, por causa de hum páu assim chamado de côr abrasada, e vermelha, com que tingem panos, que o daquelle divino páu, que deo tinta e virtude a todos os Sacramentos da Igreja, e sobre que ella foi edificada, e ficou tam firme e bem fundada, como sabemos, e por ventura por isto ainda que ao nome de Brasil ajuntarão o de Estado, e lhe chamão Estado do Brasil, ficou elle tam pouco estavel, que com não haver hoje cem annos, quando isto escrevo, que se começou a povoar, ja se ham despovoados alguns lugares, e sendo a terra tam grande, e fertil, como ao diante veremos, nem por isso vae em augmento, antes em diminuição.

Disto dão alguns a culpa aos Reys de Portugal, outros aos povoadores; aos Reys pelo pouco caso que ham feito deste tam grande Estado, que nem o titulo quizerão delle, pois intitulando-se Senhores de Guiné, por huma Caravelinha que lá vae, e vem, como disse o Rey do Congo, do Brasil não se quizerão intitular, nem depois da morte de ElRey Dom João Terceiro, que o mandou povoar, e soube estimal-lo, houve outro que delle curasse, senão par

colher suas rendas, e direitos; e deste mesmo modo se ham os povoadores, os quaes por mais arraigados, que na terra estejão, e mais ricos, que sejão, tudo pertendem levar a Portugal, e se as fazendas e bens que possuem souberão fallar tambem lhes houverão de ensinar a dizer como os papagaios, aos quaes a primeira cousa que ensinão he papagaio Real pera Portugal; porque tudo querem para lá, e isto não tem só os que de lá vierão, mas ainda os que cá nascerão, que huns e outros usão da Terra, não como senhores, mas como usofructuarios, só para a desfructarem, e a deixarem destruida.

Donde nasce tambem, que nenhum homem nesta terra he republico, nem zella, ou trata do bem commum, senão cada hum do bem particular. Não notei eu isto tanto, quanto o vi notar a hum Bispo de Tucuman da ordem de S. Domingos, que por algumas destas terras passou pera a Corte, era grande Cannonista, homem de bom entendimento, e prudencia, e assi hia muito rico; notava as cousas, e via que mandava comprar hum frâgão, quatro ovos, e hum peixe, pera comer, e nada lhe trazião: porque não se achava na praça, nem no açougue, e se mandava pedir as ditas cousas, e outras muitas a casas particulares lhas mandavão, entam disse o Bispo verdadeiramente que nesta terra andão as cousas trocadas, porque toda ella não he republica, sendo-o cada casa; e assi he, que estando as casas dos ricos / ainda que seja á custa alheia, pois muitos devem quanto tem / providas de todo o necessario, porque tem escravos, pescadores, caçadores, que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho, e de azeite, que comprão por junto: nas villas muitas vezes se não acha isto de venda. Pois o que he fontes, pontes, caminhos, e outras cousas publicas he huma piedade, porque atendo-se huns aos outros nenhum as faz, ainda que bebão agoa suja, e se molhem ao passar dos rios, ou se orvalhem pelos caminhos, e tudo isto vem de não tratarem do que ha cá de ficar, senão do que hão de levar para o Reyno.

Estas são as razões, porque alguns com muita dizem, que nam permanece o Brasil nem vai em crescimento; e a estas se pode ajuntar a que atrás tocamos de lhe haverem chamado Estado do Brasil, tirando-lhe o de Santa Cruz, com que pudera ser Estado, e ter estabilidade, e firmeza.

CAPITULO TERCEIRO

Da demarcação da Terra, e costa do Brasil com a do Perú e Indias de Castella

Grandes duvidas e differentes se começavão a mover sobre as conquistas das terras do Novo Mundo, e houverão de crescer cada dia mais, se os Reys Catholicos de Castella, Dom Fernando, e Donna Isabel sua Molher, e ElRey

de Portugal Dom João Segundo, que as hião conquistando não atalharão com hum concerto, que entre si fizerão, de que tambem derão conta ao Papa, e houverão sua approvação e beneplacito. O concerto foi, que de huma das Ilhas de Cabo Verde chamada Santo Antão se medissem tresentas e setenta legoas para o Oeste, e dali lançando huma linha meridiana de Norte a Sul, todas as terras e Ilhas que estavão para descobrir desta linha para a parte do Oriente fossem da Coroa de Portugal, e as occidentaes da Coroa de Castella.

Conforme a isto diz Pedro Nunes, famoso Cosmographo, que a terra do Brasil da Coroa de Portugal começa alem da ponta do rio das Amazonas, da parte do Oeste no Porto de Vicente Pinsõ que demarca em dous gráus da linha Equinocial, pera o Norte, e corre pelo Certão athe além da Bahia de S. Mathias, por quarenta e quatro gráus, pouco mais ou menos, pera o sul, e por esta medida / diz o mesmo Comosgrapho / tem o Brasil pela Costa mil e quinhentas legoas; porem dado que assim seja na theorica a practica he não chegar o Brasil mais que athé o rio da Prata, que está em trinta e cinco gráus, e comtudo ainda tem mais de mil legoas por Costa, porque posto que em algumas partes corre de Norte a Sul, que são os gráus só de dezasete legoas e meia: todavia pela maior parte, que he pera o Sul do Cabo de Santo Agostinho athé o rio da Prata, corre de Nordeste a Sudoeste, que são de vinte e cinco legoas, e pera o Norte do Cabo Branco athe o rio das Amazonas, quazi de leste a oeste, onde se altera o gráu, se multiplicão as legoas, e assi não he muito que em trinta e cinco gráus haja tantas.

Donde se collige tambem, que he a terra do Brasil da figura de huma harpa, cuja parte superior fica mais larga ao Norte correndo do oriente ao occidente, e as colateraes a do Sertão do Norte a Sul, e da costa do Nordeste a Sudoeste, se vão ajuntar no Rio da Prata em huma ponta á maneira de harpa, como se verá no mappa mundi, e na estampa seguinte.

Da largura que a terra do Brasil tem para o Certão não trato, porque athé agora não houve quem a andasse por negligencia dos Portuguezes, que sendo grandes conquistadores de terras não se aproveitão dellas, mas contentão-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos.

Depois do sobredito concerto, e demarcação, se moverão ainda novas duvidas sobre a conquista destas terras; porque hum Portuguez por nome Fernão de Magalhães, homem de grande espirito, e de muita pratica e experiencia na arte de navegação, por hum agravo, que teve de El Rey Dom Manoel por lhe não mandar acrescentar hum tostão a moradia, que tinha pera ficar igual á de seus antepassados, se tirou do seu serviço, e se passou ào Imperador Carlos Quinto, offerecendo-se athe dar maiores proveitos da India de que tinhão os Portuguezes, e por viagem mais breve e menos custosa, e perigosa que a sua, por hum Estreito que elle novamente descobrira na costa do Brasil; e lhe poz tambem as Ilhas de Maluco na demarcação de Castella. Ao que o Imperador não somente deu orelhas, mas admetio ao seu serviço, e

posto que ElRey lhe escreveo logo fazendo-lhe as lembranças necessarias, não deixou de dar navios e gente a Fernão de Magalhães com que cometeo a viagem, e foi pelo estreito ás Ilhas de Maluco, onde todos se perderão, excepto hum, que depois de passar muitos trabalhos, e perigos, e cinco mezes de fome estreitissima, de que lhe morrerão vinte e huma pessoas, os que ficarão vivos, constrangidos da extrema necessidade, arribarão á Ilha de Cabo Verde, onde os Portuguezes, emquanto não souberão da viagem que trazião, os agasalharão e proverão com todos os mantimentos e refrescos necessarios, porque os Castelhanos dizião virem das Antilhas, mas depois que entenderão a verdade, determinarão secretamente de lançar mão da Náu, e a fazerem deter, athe darem aviso ao Reyno, o que tambem aventarão os Castelhanos, e se fizerão a vella com tanta pressa, que não tiverão tempo de recolher o seu batel, e os da Ilha o tomarão com treze homens, que estavão em terra, e os mandarão logo a ElRey com novas do que passava. ElRey que já nesse tempo era Dom João o Terceiro, por falecimento de ElRey Dom Manoel seu Pac, que havia hum anno era morto a treze de Dezembro de mil quinhentos vinte e hum, mandou logo quatro Caravellas em busca do Navio, mas por maior pressa, que se derão, acharão novas, que já era aportado em Sevilha.

Pelo que determinou no seu Conselho de mandar pedir ao Imperador toda a especiaria, que o Navio trouxera das Ilhas de Maluco, por estarem dentro da sua demarcação, e que não quizesse começar a dar motivo de se quebrarem as pazes, que por ambos estavão ratificadas, e assim o escreveo ao Imperador, e a Luiz da Silveira, que havia mandado por seu Embaixador a Castella sobre casamentos, e lianças, escreveo mudasse a substancia da Embaixada, e só tratasse deste negocio, como tambem o mandou fazer o Imperador pelo seu secretario que estava em Portugal, Christovão Barroso, ao qual escreveo, que fallasse logo a ElRey, e lhe desse huma Carta, que sobre isso lhe escrevia, em que se queixava muito de todas estas cousas, e principalmente de elle mandar no alcance da sua Náu, que vinha carregada de especiaria das terras, que cabião na sua demarcação sem tocar por toda a India e que isto era quebrar as Capitulações antigas, e novas das pazes, que estavão assentadas, e juradas de hum Reyno a outro, sendo todos os Navios Portuguezes por seu mandado mui bem recolhidos em todos os portos de seus Senhorios, por onde lhe pedia, que lhe mandasse soltar os presos, e castigar na Ilha os que os prenderão: ás quaes queixas se respondeo de parte a parte, que se porião em juizo, e se julgaria o que fosse justiça.

Mas sem falta se viera o negocio a averiguar pelas armas, se não se effectuarão neste tempo os casamentos delRey com a Rainha Donna Catharina Irmãa do Imperador, e do Imperador com a Imperatriz Donna Isabel, Irmãa delRey, com que ficarão duas vezes cunhados, e Irmãos, e pelo conseguinte em muita paz e amizade.

Tambem ElRey Francisco de França desejoso de ter parte nos grandes

proveitos, que diziâo tirar-se destas terras, começou a arguir novas duvidas sobre a demarcaçâo que entre si os Reys de Portugal fizerão com os de Castella, da qual elle se lançara de fora sendo requerido para isso, e agora sentia muito a renunciaçâo, que tinha feito. Donde se veio a dizer, que pelo desgosto, que tinha destes dous Reys de Portugal e Castella repartirem entre si o Mundo, e o demarcarem á sua vontade, consentia andarem os seus vassallos pelo mar tam soltos, que não somente roubavão os Navios, mas cometião as ditas terras, e as queriâo povoar, principalmente as do Brasil, como adiante veremos.

CAPITULO QUARTO

Do clima e temperamento do Brasil

Opiniâo foi de Aristoteles, e de outros Philosophos antigos que a zona torrida era inhabitavel, porque como o sol passa por ella cada anno duas vezes pera os Tropicos, parecia-lhes, que com tanto calor não poderia alguem viver, e confirmavão sua opinião, porque o sol aquenta com os seus raios uniformiter diformiter, mais ao perto, que ao longe, e por essa causa no inverno aquenta pouco, porque anda distante, sed sic est, que na zona temperada onde nunca entra, só pello accesso que faz no verão enfermão, e morrem os homens de calor, logo a fortiori em a zona torrida donde nunca sahe, ha de ser mortifero.

Porem a experiencia tem ja mostrado, que a zona torrida he habitavel, e que em algumas partes della vivem os homens com mais saude, que em toda a zona temperada, principalmente no Brasil, onde nunca ha peste, nem outras enfermidades commuas, senão bexigas de tempos em tempos, de que adoecem os negros, e os naturaes da terra, e isto só huma vez, sem a segundar em os que ja as tiverâo, e se alguns adoecem de enfermidades particulares, he mais por suas desordens, que por malicia da terra. A razão disto he porque ainda que a terra do Brasil he callida por estar a maior della na zona torrida, comtudo he juntamente muito humida, como se prova do orvalhar tanto de noite, que nem depois de sahir o sol a quatro horas se enxugão as ervas; e se alguem dorme ao sereno, se levanta pela manhã tam molhado delle como se lhe houvera chovido.

Daqui vem tambem não poder o sal e o assucar, por mais que o sequem, e resguardem, conservar-se sem humedecer-se, e o ferro, e aço de huma espada ou navalha, por mais limpo, e sacalado, que seja se enche logo de ferrugem, e esta humidade he causa de que o calor desta terra se tempere, e faz este clima de boa complexão, outra he pelos ventos Leste, e Nordeste, que ventão

do mar todo o verão do meio dia pouco mais ou menos, athé a meia noite, e lavão e refrescão toda a terra.

A ultima causa he pela igualdade dos dias, e das noites, porque (como dizem os Philosophos) a extenção faz intenção; donde se hum puzesse, ou tivesse a mão de vagar sobre hum fogo fraco de estopas, ou de palhas se queimaria mais, que se depressa a passasse por hum fogo forte, e por isto em Portugal, posto que o calor he mais remisso se sente mais, porque dura mais, e sam maiores os dias no verão, que as noites, mas no Brasil, ainda que mais intenso, dura menos, e não aquenta tanto, que o frio da noite o não atalhe, que não chegue de hum dia a outro.

Donde se responde ao argumento de Aristoteles, que o sol aquenta mais na zona torrida, que na temperada, intensive, mas não extensive, e que esta intenção de calor se modera com os ventos frescos do mar, e humidade da terra, junto com a frescura do arvoredo, de que toda está coberta; de tal sorte que os que a habitão vivem nella alegremente. O em que se verifica a opinião dos Philosophos he nas cousas mortas, porque estando nas outras terras a carne tres ou quatro dias sãa, e incorrupta, e da mesma maneira o pescado, nesta não está vinte e quatro horas, que se não dane e corrompa.

CAPITULO QUINTO

Das minas de metaes e pedras preciosas do Brasil

Ja no Capitulo Terceiro, comecei a murmurar da negligencia dos Portuguezes, que não se aproveitavão das terras do Brasil, que conquistão, e agora me he necessario continuar com a murmuração, havendo de tratar das minas do Brasil, pois sendo contigua esta terra com a do Perú, que a não divide mais que huma linha imaginaria indivisivel, tendo lá os Castelhanos descobertas tantas, e tam ricas minas, cá nem huma passada dão por isso, e quando vão ao Sertão he a buscar Indios forros, trazendo-os a força, e com enganos, para se servirem delles, e os venderem com muito encargo de suas consciencias, e he tanta a fome que disto levão, que ainda que de caminho achem mostras, ou novas de minas, não as cavão, nem ainda as vem, ou as demarcão.

Hum soldado de credito me disse, que hindo de São Vicente com outros, entrarão muitas legoas pelo Sertão, donde trouxerão muitos Indios, e em certa paragem lhes disse hum que dali a tres jornadas estava huma mina de muito ouro limpo, e descuberto, donde se podia tirar em pedaços, porem que receava a morte se lha fosse mostrar, porque assim morrera já outro que em outra occazião a quizera mostrar aos brancos; e dizendo-lhe estes, que não temesse, porque lhe rogarião a Deus pela vida, prometeo que lha hiria mostrar, e

assentarão de partir no dia seguinte pela manhãa, porque aquelle era já tarde, com isto se apartou o Indio pera o seu rancho, e quando amanheceo o acharão morto, e como se morrerão todos, não houve mais quem tivesse animo pera descobrir aquella riqueza, que a mesma natureza / segundo dizia o Indio / ali está mostrando descoberta. Outra entrada fez hum Antonio Dias Adorno, da Bahia, em que tambem achou de passagem muitas sortes de pedras preciosas, de que trouxe algumas mostras, e por taes forão julgadas dos lapidarios.

De christal sabemos em certo haver huma Serra na Capitania do Espirito Santo em que estão mettidas muitas Esmeraldas, de que Marcos de Azevedo levou as mostras a ElRey, e feito exame por seu mandado, disserão os lapidarios, que aquellas erão da superficie, e estavão tostadas do sol, mas que se cavassem ao fundo as acharião claras e finissimas, pelo que ElRey lhe fez mercê do Habito de Christo, e de dous mil cruzados, pera que tornasse a ellas, os quaes se não derão; e o homem era velho e morreo sem haver mais athé agora quem la tornasse.

Tambem ha minas de cobre, ferro e salitre, mas se pouco trabalhão pelas de ouro e pedras preciosas, muito menos fazem por estoutras.

Não ponho culpa a ElRey, assim porque sei que nesta materia lhe ham dado alguns alvitres falsos, e diz Aristoteles, que he pena dos que mentem não lhes darem credito quando fallão verdade, como tambem porque não basta mandar ElRey, se os Ministros não obedecem, como se vio no das Esmeraldas de Marcos de Azevedo.

CAPITULO SEXTO

Das arvores agrestes do Brasil

Ha no Brasil grandissimas mattas de arvores agrestes, cedros, carvalhos, vinhaticos, angelins, e outras não conhecidas em Hespanha, de madeiras fortissimas pera se poderem fazer dellas fortissimos galeões, e o que mais he, que da casca de algumas se tira a estopa pera se calafetarem, e fazerem cordas pera enxarcia e amarras, do que tudo se aproveitão os que querem cá fazer Navios, e se podera aproveitar ElRey se cá os mandara fazer; mas os Indios naturaes da terra as embarcações de que usão são canoas de hum só páu, que lavrão a fogo e a ferro; e ha páus tão grandes, que ficão depois de cavados com dez palmos de boca de bordo a bordo; e tam compridas, que remão a vinte remos por banda.

São tambem as madeiras do Brasil mui accomodadas pera os edificios das casas por sua fortaleza, e com ellas se acha juntamente a pregadura; porque ao pé das mesmas arvores nascem huns vimes mui rijos, chamados timbós, e cipós, que subindo athé o mais alto dellas ficão parecendo mastos de Navios

com seus ouveis, e com estes atão os caibros, ripas, e toda a madeira das casas, que houvera de ser pregadas, no que se forra muito gasto de dinheiro, e principalmente nas grandes cercas, que fazem aos pastos dos bois dos engenhos, porque não saião a comer os canaviaes do assucar, e os achem no pasto, quando os houverem mister pera a moenda, as quaes cercas se fazem de estacas e varas atadas com estes cipós.

Ao longo do mar, e em algumas partes muito espasso dentro delle ha grandes mattas de mangues, huns direitos e delgados de que fazem estas cercas e caibros pera as casas. Outros que dos ramos lhes descem ás raizes ao lado, e dellas sobem outros, que depois de cima lanção outras raizes, e assi se vão continuando de ramos a raizes, e de raizes a ramos, athe occupar hum grande espaço, que he cousa de admiração.

Não he menos admiravel outra planta, que nasce nos ramos de qualquer arvore, e ali cresce, e dá hum fructo grande, e mui doce chamado Caragatá, e entre suas folhas, que são largas, e rijas, se acha todo o verão agoa frigidissima, que he o remedio dos caminhantes, onde não ha fontes. Ha muitas castas de palmeiras, de que se comem os palmitos e o fructo, que são huns cachos de cocos, e se faz delles azeite para comer, e para a candêa, e das palmas se cobrem as casas.

Nem menos são as madeiras do Brazil formosas que fortes, porque as ha de todas as cores, brancas, negras, vermelhas, amarellas, roxas, rosadas, e jaspeadas, porem tirado o páu vermelho, a que chamão Brasil, e o amarello chamado Tataisba, e o rosado Araribba, os mais não dão tinta de suas cores, e comtudo são estimados por sua formosura pera fazer leitos, cadeiras, escriptorios e bufetes: como tambem se estimão outros, porque estillão de si oleo odorifero, e medicinal, quaes são humas arvores mui grossas, altas, e direitas chamadas Copahibas, que golpeadas no tempo do estio com hum machado, ou furadas com huma verruma, ao pé estillão do amego hum precioso oleo, com que se curão todas as enfermidades de humor frio, e se metigão as dores que dellas procedem, e sarão quaesquer chagas, principalmente de feridas frescas, posto com o sangue, de tal modo, que nem fica dellas signal algum, depois que sarão: e acerta as vezes estar este licor tam de vez, e desejoso de sahir, que em tirando a verruma, corre em tanta quantidade como se tirarão o torno a huma pipa de azeite; porem nem em todas se acha isto, senão em as que os Indios chamão femeas, e esta he a differença que tem dos machos, sendo em tudo o mais semelhantes, nem só tem estas arvores virtude em o oleo, mas tambem em a casca, e assi se achão ordinariamente roçadas dos animaes, que as vão buscar pera remedio de suas enfermidades.

Outras arvores ha chamadas Coborehibas, que dão o suavissimo balsamo com que se fazem as mesmas curas, e o Summo Pontifice o tem declarado, por materia legitima da santa uncção, e chrisma, e como tal se mistura, e sagra com os santos oleos onde falta o da Persia.

Este se tira tambem dando golpes em a arvore, e metendo nelles hum pouco de algodão em que se colhe, e exprimido o metem em huns coquinhos pera o guardarem e venderem.

Outras arvores se estimão ainda que agrestes, por seus saborosos fructos, que são innumeraveis, as que fructificão pelos campos, e mattos, e assi não poderei contar senão algumas principaes, taes são as sasapocaias de que fazem os eixos para as moendas dos engenhos, por serem rigissimas, direitas e tam grossas como toneis, cujos fructos são huns vasos tapados, cheios de saborosas amendoas, os quaes depois que estão de vez se destapão, e comidas as amendoas servem as cascas de graes para pisar adubos, ou o que querem.

Mussurandubas, que he a madeira mais ordinaria de que fazem as traves e todo o madeiramento das casas, por ser quasi incorruptivel, seu fructo he como cerejas, maior, e mais doce, mas lança de si leite, como os figos mal maduros.

Janipapos, de que fazem os remos pera os barcos como em Hespanha os fazem de faya, tem hum fructo redondo tam grande como laranjas, o qual quando he verde, exprimido dá o summo tam claro como a agoa do pote; porem quem se lava com elle fica negro como carvão, nem se lhe tira a tinta em poucos dias.

Desta se pintão, e tingem os Indios em suas festas, e sahem tão contentes nús, como se sahirão com huma rica libré, e este fructo se come depois de maduro, sem botar delle nada fora.

Gyitis he fructo de outras, o qual posto que feio á vista, e por isto lhe chamão Coroe, que quer dizer nodoso, e sarabulhento, comtudo he de tanto sabor, e cheiro, que não parece simplex, senão composto de assucar, ovos, e almiscar.

Os cajueiros dão a fructa chamada cajús, que são como verdiais, mas de mais summo, os quaes se colhem no mez de Dezembro em muita quantidade, e os estimão tanto, que aquelle mez não querem outro mantimento, bebida ou regalo, porque elles lhes servem de fructa, o summo de vinho, e de pão lhes servem humas castanhas, que vem pegadas a esta fructa, que tambem as molheres brancas presão muito, e seccas as guardão todo o anno em casa pera fazerem maçapães e outros doces, como de amendoas; e dá gomma como a Arabia. A figura desta arvore e do seu fructo he a seguinte.

O mesmo tem outra planta que produz os annanazes, fructa que em formosura, cheiro, e sabor excede todas as do Mundo, alguma tacha lhe pōem os que tem chagas, e feridas abertas, porque lhas assanha muito se a comem, trazendo ali todos os ruins humores, que acha no corpo: porem isto antes argue a sua bondade, que he não soffrer comsigo ruins humores, e purgal-os, pelas vias, que acha abertas, como o experimentão os enfermos de pedra, que lha desfaz em arêas, e expelle com a ourina, e athé a ferrugem da faca, com que se apara, a limpa; a figura da planta e fructo he o seguinte.

Cultivão-se palmares de cocos grandes, e colhem-se muitos, principalmente á vista do mar, mas só os comem, e lhes bebem a agoa, que tem dentro seus mais proveitos, que tirão na India, onde diz o padre Frey Gaspar no seu Itinerario a folhas quatorze, que das palmeiras se arma huma náu a vella, e se carrega de todo o mantimento necessario sem levar sobre si mais, que a si mesma. Fazem-se favaes de favas, e feijões de muitas castas, e as favas seccas são melhores, que as de Portugal, porque não crião bicho, nem tem a casca tam dura como as de lá, e as verdes não são peiores.

A sua rama he a modo de vimes, e se tem por onde trepar faz grande ramada.

Maracujás he outra planta, que trepa pelos matos, e tambem a cultivão e pôem em latadas nos pateos, e quintaes, dão fructo de quatro ou cinco sortes, huns maiores, outros menores, huns amarellos, outros roxos, todos mui cheirosos, e gostosos, e o que mais se pode notar he a flor, porque alem de ser formosa e de varias cores, he mysteriosa, começa no mais alto em tres folhinhas, que se rematão em hum globo, que representa as tres divinas pessoas em huma Divindade ou / como outros querem / os tres cravos com que Christo foi encravado, e logo tem abaixo do globo (que he o fructo) outras cinco folhas, que se rematão em huma roxa corôa, representando as cinco chagas e coroa de espinhos de Christo Nosso Redemptor.

Das arvores e plantas fructiferas, que se cultivão em Portugal, se dão no Brasil as de espinho com tanto viço, e fertilidade, que todo o anno ha laranjas, limões cidras, e limas doces em muita abundancia. Ha tambem romãas, marmellos, figos, e uvas de parreira, que se vindimão duas vezes no anno; e na mesma parreira / se querem / tem juntamente uvas em flor, outras em agraço, outras maduras, se as podão a pedaços em tempos diversos.

Ha muitas melancias e abobras de Quaresma, e de conserva muitos melões todo o verão tam bons, como os bons de Abrantes, e com esta ventagem que lá entre cento se não achão dous bons, e cá entre cento se não achão dous ruins.

Finalmente se dá no Brasil toda a hortalice de Portugal, hortelãa, endros, coentro, cegurelha, alfaces, celgas, borragens, nabos, e couves, e estas só uma vez se plantão de couvinha, mas depois dos olhos, que nascem ao pé, se faz a planta muitos annos, e em poucos dias crescem e se fazem grandes couves: alem destas ha outras couves da mesma terra, chamadas taiaobbas, das quaes comem tambem as raizes cosidas, que são como batatas pequenas.

CAPITULO SEPTIMO

Das arvores e ervas medicinaes, e outras qualidades occultas

Alem das arvores do salutifero balsamo, e oleo de Copaibba, de que já fiz menção no Capitulo Sexto, ha outras, que distillão de si mui boa almecega, pera as boticas: outras chamadas çarsafraz, ou arvores de funcho, porque cheirão a elle, cujas raizes e o proprio páu pera enfermidades de humores frios he tam medicinal como o páu da China. Ha arvores de canafistula brava, assi chamada, porque se dá nos matos, e outra que se planta, e he a mesma que das Indias.

Ha humas arvores chamadas andaz, que dão castanhas excellentes pera purgas, e outras que dão pinhões pera o mesmo effeito, os quaes tem este mysterio, que se tomão com huma tona, e peliculo sutil, que tem, provocão o vomito, e se lha tirão, somente provocão a camera. Mas tem-se por mais facil, e melhor a purga da batata, ou mechuacão, que tambem ha muita pelos mattos.

Nas praias do mar, ou ao longo dellas se dá huma erva, que se não he a çarsa parrilha, parece-se com ella, e tomada em suadouros faz os mesmos effeitos.

A erva fedegosa, chamada dos Gentios, e Indios feiticeira, por as muitas curas, que com ella se fazem, e particularmente do bicho, que he huma doença mortifera.

As ambaïbas, são humas figueiras bravas que dão huns figos de dous palmos, quazi, de comprido, mas pouco mais grossos que hum dedo, os quaes se comem e são mui doces, e os olhos destas arvores pisados, e postos em feridas frescas, com o sangue as sarão maravilhosamente. A folha da figueira do Inferno posta sobre nascidas, e leicenços metiga a dor, e a sara. As de jurubeba sarão as chagas, e as raizes são contra peçonha. A carobba sara das boubas. O cipó, das cameras; emfim não ha enfermidade contra a qual não haja ervas em esta terra, nem os Indios naturaes della tem outra botica, ou usão de outras medicinas.

Outras ha de qualidades occultas, entre as quaes he admiravel huma ervazinha, a que chamão erva viva, e lhe poderão chamar sensitiva, se o não contradissera a Philosophia, a qual ensina o sensitivo ser differença generica, que distingue o animal da planta, e assi define o animal, que he corpo vivente sensitivo.

Mas contra isto vemos, que se tocão esta erva com a mão, ou com qualquer outra cousa, se encolhe logo, e se murcha, como se sentira o toque, e depois que a largão, como já esquecida do agravo, que lhe fizerão, se torna a extender, e abrir as folhas; deve isto ser alguma qualidade occulta, qual a da pedra de cevar pera atrahir o ferro, e não lhe sabemos outra virtude.

CAPITULO OITAVO

Do mantimento do Brasil

He o Brasil mais abastado de mantimentos, que quantas terras ha no Mundo, porque nelle se dão os mantimentos de todas as outras. Da-se trigo em S. Vicente em muita quantidade, e dar-se-ha nas mais partes cansando primeiro as terras, porque o viço lhe faz mal.

Da-se tambem em todo o Brasil muito arroz, que he o mantimento da India Oriental, e muito milho zaburro, que he o das Antilhas, e India Occidental. Dão-se muitos inhames grandes, que he o mantimento de S. Thomé, e Cabo Verde, e outros mais pequenos, e muitas batatas, as quaes plantadas huma só vez sempre fica a terra inçada destas.

Mas o ordinario e principal mantimento do Brasil he o que se faz da mandioca, que são humas raizes maiores, que nabos, e de admiravel propriedade, porque se as comem cruas, ou assadas são mortifera peçonha, mas raradas, exprimidas, e desfeitas em farinha fazem dellas huns bollos delgados, que cozem em uma bacia, ou alguidar, e se chamão beijús, que he muito bom mantimento, e de facil digestão, ou cozem a mesma farinha mechendo-a na bacia como confeitos, e esta se a torrão bem, dura mais que os beijús, e por isso he chamada farinha de guerra, porque os Indios a levão quando vão a guerra longe de suas casas, e os marinheiros fazem della sua matalotage daqui pera o Reyno.

Outra farinha se faz fresca, que não he tão cozida, e pera esta / se a querem regalada / deitão primeiro as raizes de molho, athe que amoleção, e se fação brandas, e então as expremem et cetera, e se estas raizes assi molles as poem a secar ao sol chama-se carimã, e as guardão ao fumo em caniços muito tempo, as quaes, pisadas se fazem em pó tão alvo, como o da farinha de trigo, e delle amassado fazem pão, que se he de leite, ou mixturado com farinha de milho, e de arroz, he muito bom, mas extreme he algum tanto corriento; e assim o pera que mais o querem he pera papas, que fazem pera os doentes com assucar, e as tem por melhores que tizanas, e pera os sãos as fazem de caldo de peixe ou de carne, ou só de agoa, e esta he a melhor triaga, que ha contra toda a peçonha, e por isso disse destas raizes, que tinhão propriedade admiravel, porque sendo cruas mortifera peçonha, só com huma pouca de agoa e sal se fazem mantimento, e salutifera triaga: e ainda tem outra a meu ver mais admiravel, que sendo estas raizes cruas mantimento com que sustentão e engordão cevados e cavallos, se as expremem, e lhe bebem só o summo morrem logo, e com ser este summo tam fina peçonha, se o deixão assentar-se coalha em um polme, a que chamão tapioca, de que se faz mais-gostosa farinha, e beijús, que da mandioca, e crú he bella gomma pera engomar manteos.

Outra casta ha de mandioca, a que chamão aipins, que se podem comer crús, sem fazer damno, e assados sabem a castanhas de Portugal assadas, e assim de huma como da outra não he necessario perder-se a semente, quando se planta, como no trigo; mas só se planta a rama feita em pedaços de pouco mais de palmo, os quaes metidos até o meio em a terra cavada dão muitas e grandes raizes, nem se recolhem em celleiros donde se comão de gorgulho como o trigo, mas colhem-as do campo pouco a pouco, quando querem, e athé as folhas pisadas, e cozidas se comem.

CAPITULO NONO

Dos animaes e bichos do Brasil

Crião-se no Brasil todos os animaes domesticos, e domaveis de Hespanha, cavallos, vaccas, porcos, ovelhas, e cabras, e parem a dous e tres filhos de cada ventre, e a carne de Porco se come indifferentemente de inverno, e verão, e a dão a doentes como a de gallinha. Ha tambem muitos porcos montezes; alguns como os javalis de Hespanha, os quaes andão em manadas, e se o caçador fere algum ha logo de subir-se a alguma arvore, porque vendo elles que não podem chegar-lhe remetem todos ao ferido, e aos outros em que se pegou algum sangue, com tanta fereza, que se não apartão athe não deixarem tres ou quatro mortos no campo, e então se vão em paz, e o caçador tambem com a caça.

Outros ha que tem o embigo nas costas, e he necessario tirar-lho com huma faca, antes que o esquartejem, sob pena de ficar toda a carne fedendo a raposinhos.

Outros ha a que chamão capyguaras, que quer dizer comedores de erva, andão sempre na agoa tirado, quando sahem a pascer pelos valles, e margens dos rios, e alguns tomão, e crião em casa fora da agoa, pelo que se julgão por carne, e não por pescado. Ha outros animaes a que chamão antas, que são de feição de mullas, mas não tam grandes, e tem o focinho mais delgado, e o beiço superior comprido a maneira de tromba, e as orelhas redondas, a cor cinzenta pelo corpo, e branca pela barriga, estas sahem a pascer só de noite, e tanto que amanhece metem-se em matos espessos, e ali estão o dia todo escondidos; a carne destes animaes, é no sabor, e fevera como de vacca, e do couro curtido se fazem mui boas couras pera vestir, e defender de settas e estocadas: algumas tem em o bucho humas pedras, que na virtude são como as de bazar, mas mais lizas, e maciças.

Ha outras mais caças de veados, coelhos, cutias, e pacas que são

como lebres, mas mais gordas, e saborosas, e não se esfollão pera se comerem, porque tem couros como de leitão.

Ha tatús, a que os Hespanhóes chamão armadilhos, porque são cobertas de huma concha não inteiriça como a das tartarugas, mas de peças a modo de laminas, e sua carne assada he como de Gallinha.

Tamandosú he hum animal tão grande como carneiro, o qual he de cor parda com algumas pintas brancas, tem o fucinho comprido e delgado pera baixo, a boca não rasgada como os outros animaes, mas pequena e redonda, a lingoa da grossura de hum dedo, e quazi de tres palmos de comprido; as unhas, a maneira de escopros, o rabo mui povoado de cerdas, quazi tam compridas como de cavallo, e todas estas cousas lhe são necessarias pera conservar sua vida; porque como não come outra cousa senão formigas, vai-se com as unhas cavar os formigueiros, athé que saião da cova, e logo lança a lingoa fora da boca, pera que se peguem a ella, e como a tem bem cheia a recolhe pera dentro, o que faz tantas vezes athe que se farta, e quando se quer esconder aos caçadores, lança o rabo sobre si, e se cobre todo com suas sedas, de modo que não se lhe vem os pés nem cabeça, nem parte alguma do corpo, e o mesmo faz quando dorme, gozando debaixo daquelle pavilhão hum somno tam quieto, que ainda que disparem junta huma bombarda, ou caia huma arvore com grande estrepito não desperta, senão he somente com hum assobio, que por pequeno, que seja o ouve logo, e se levanta.

A carne deste animal comem os Indios velhos, e não os mancebos, por suas superstições, e agouros. Ha tambem muita diversidade de animaes nocivos, que se não comem, como são onças, ou tigres, que matão touros, e se estão famintos cometerão hum exercito, mas se estão fartos, não só não offendem a alguem, mas nem ainda se deffendem e se deixão matar facilmente.

Ha raposas, e bogios, e destes ha huns que são grandes, chamados guaribbas, que tem barbas como homens, e se barbeão huns aos outros, cortando o cabello com os dentes; andam sempre em bandos pelas arvores, e se o caçador atira a algum, e não o acerta matão-se todos de riso, mas se o acerta, e não cahe, arranca a frecha do corpo, e torna a fazer tiro com ella a quem o ferio, e logo foge pella arvore acima, e mastigando folhas, metendo-as na ferida se cura, e estanca o sangue com ellas.

Outros bugios há não tam grandes, nem tem mais habilidades, que fazer momos e caretas, mas são de cheiro; e outros pequenos chamados saguins, huns pardos, outros ruivos.

Ha outro animal chamado jarutacáca, que tem as mãos e pés como bugio, o qual he malhado de varias cores e detestavel á vista, mais que ao olphato, como experimentão os que o querem caçar, porque só com huma ventosidade que larga, he tanto o fedor, que lhe foge o caçador, e do caçador fogem os visinhos, muitos dias não podendo soffrer o máu cheiro, que se lhe com-

municou, e vai communicando, por onde quer que vai, e os cães se vão muitas vezes lavar na agoa, e esfregar com a terra sem poder tirar o fedor.

Outro animal ha a que chamão perguiça, por ser tam perguiçoso, e tardo em mover os pés e maõs, que pera subir a huma arvore, ou andar hum espaço de vinte palmos ha mister meia hora, e posto que o aguilhoem, nem por isso foge mais de pressa.

Ha outro a que chamão taibú, que depois que pare os filhos, os recolhe todos em hum bolço, que tem no peito, onde os traz até os acabar de crear.

Há tambem muitas cobras, e algumas tão grandes, que engolem hum veado inteiro, e dizem os Indios naturaes da terra, que depois de fartas rebentão, e corrupta a carne se gera outra do espinhaço; porque já aconteceo achar-se alguma presa com hum vime, que tinha em si encorporado, o que não podia ser, senão que ficou junto ao vime quando rebentou, e se lhe corrompeo a carne, e depois criando outra de novo a colheo de dentro, e encorporou em si; porem não se ha de dizer que morrem /como os Indios cuidão/, senão, que com a carne corrupta ficão ainda vivas, e assi não ressuscitão mas saram, e algumas se virão ja de sessenta palmos de comprido, em Pernambuco se enrolou huma destas em hum homem, que hia caminhando, de tal sorte que se não levara hum cão comsigo, que mordendo-a muitas vezes a fez largar, sem falta o matava: e ainda assim o deixou tal, que nunca mais tornou as suas cores, e forças passadas.

Tambem me contou huma mulher de credito na mesma Capitania de Pernambuco, que estando parida lhe viera algumas noites huma cobra mamar em os peitos, o que fazia com tanta brandura, que el[illegible] cuidava ser a criança, e depois que conheceo o engano o disse ao marido, o qual a espreitou na noite seguinte e a matou. Ha outras a que chamão cascaveis; porque os tem no rabo, com que vão fazendo rugido, por onde quer que vão, e cada anno lhe nasce hum de novo, algumas vi que tinhão oito, e são tão venenosas, que os mordidos dellas de maravilha escapão. Outra ha que chamão de duas cabeças, porque tanto mordem com o rabo como com a cabeça.

Ha no Brasil infinitas formigas, que cortão as folhas das arvores, e em huma noite tosão toda huma larangeira, se seu dono se descuida de lhe botar agoa em huns textos, que tem aos pés.

Outra casta ha chamada copy, que fazem huns caminhos cobertos por onde andão, e roem as madeiras das casas, e os livros, e roupa que achão, se não ha muita vigilancia. Piolhos, e persovejos não ha no Brasil, nem tantas pulgas como em Portugal; mas ha huns bichinos de feição de pulgas, tam pequenos como piolhos de gallinhas, que se metem nos dedos, e sollas dos pés a quem anda descalço, e se fazem tam grandes, e redondos como camarinhas, quem sabe tiral-os inteiros sem lesão o faz com a ponta de hum alfinete, mas quem não sabe rebenta-os, e ficando a pelle dentro cria materia.

CAPITULO DECIMO

Das aves

Alem das aves que se crião em casa, gallinhas, patos, pombos, e perús, ha no Brasil muitas gallinhas bravas pelos matos, patos nas lagoas, pombas bravas, e humas aves chamadas jacús, que na feição e grandeza são quazi como perús.

Ha perdizes e rollas, mas as perdizes tem alguma differença das de Portugal. Ha aguias de sertão, que crião nos montes altos, e emas tam grandes como as de Africa, humas brancas, e outras malhadas de negro, que sem voarem do chão com huma aza levantada ao alto, ao modo de vella latina, correm com o vento como caravellas, e comtudo as tomão os Indios a cosso nas campinas.

Ha muitas garças ao longo do mar, e outras aves chamadas guarás, que quando empennão são brancas, e depois pardas, e finalmente vermelhas como graã. Ha papagaios verdes de cinco ou seis especies, huns maiores, outros menores, que todos fallão o que lhes ensinão. Ha tambem araras, e canindés de bico revolto como papagaios, mas são maiores, e de mais formosas pennas. Ha huns passarinhos, que porque as cobras lhes não entrem nos ninhos a comer-lhes os ovos, e filhinhos, os fazem pendurados nos ramos das arvores de quatro ou cinco palmos de comprido, com o caminho mui intrincado, e compostos de tantos pausinhos secos, que se pode com elles coser huma panella de carne. Ha outros chamados tapeis, do tamanho de melros, todos negros, e as azas amarellas, que remedão no canto todos os outros passaros perfeitissimamente, os quaes fazem seus ninhos em huns sacos tecidos.

Ha muitas mui grandes ballêas, que no meio do inverno vem a parir nas bahias, e rios fundos desta Costa, e ás vezes lanção a ella muito ambar, do que do fundo do mar arrancão, quando comem, e conhecido na praia, porque aves, caranguejos, e quantas cousas vivas ha acodem a comel-o.

Ha outro peixe chamado espadarte, por huma espada que tem no focinho de seis ou sete palmos de comprido, e hum de largo, com muitas pontas, com que peleja com as ballêas, e levantão a agoa tam alta quando brigão, que se vê dahi a tres ou quatro legoas.

Ha tambem homens marinhos, que já forão vistos sahir fora de agoa apoz os Indios, e nella hão morto alguns, que andavão pescando, mas não lhes comem mais que os olhos e nariz, por onde se conhece, que não foram tubarões, porque tambem ha muitos neste mar, que comem pernas e braços, e toda a carne.

Na Capitania de S. Vicente, na era de mil quinhentos sessenta e quatro, sahio huma noite hum monstro marinho á praia, o qual visto de hum mancebo chamado Balthazar Ferreira, filho do Capitão, se foi a elle com huma espada,

e levantando-se o peixe direito como hum homem sobre as barbatanas do rabo lhe deu o mancebo huma estocada pela barriga, com que o derribou, e tornando-se a levantar com a boca aberta pera o tragar lhe deu hum altabaixo na cabeça, com que o atordoou, e logo acudirão alguns escravos seus, que o acabarão de matar, ficando tambem o mancebo desmaiado, e quazi morto, depois de haver tido tanto animo. Era este monstruoso peixe de quinze palmos de comprido, não tinha escama senão pello, como se verá na figura seguinte.

Ha huns peixes pequenos em toda esta Costa, menores de palmo, chamados majacús, que sentindo-se presos do anzol o cortão com os dentes, e fogem, mas se lhe atão a isca em qualquer linha, e pegão nella, os vão trazendo brandamente a superficie da agoa, onde com hum redefolle os tomão sem alguma resistencia, e tanto que os tirão fora da agoa inchão tanto, que de compridos que erão ficão redondos como huma bexiga cheia de vento, e assim se lhe dão hum couce rebentão e soão como hum mosquete, tem a pelle muito pintada, mas mui venenosa, e da mesma maneira o fel; porém se o esfollão bem se comem assados, ou cosidos, como qualquer outro peixe. Outros ha do mesmo nome mas maiores, e todos cobertos de espinhos mui agudos, como ouriços cacheiros, e estes não vem senão de arribação de tempos em tempos, e hum anno houve tantos nesta Bahia, que as casas, e engenhos se alumiarão muito tempo com o azeite de seus figados.

Mariscos ha em muita quantidade, ostras, humas que se crião nos mangues, outras nas pedras, e outras nos lodos, que são maiores. Nas restingas de arêa ha outras redondas e espalmadas, em que se acha aljofar miudo, e dizem que se as tirassem do fundo de mergulho acharião perolas grossas. Ha briguigões, amejoas, mexilhões, buzios como caracoes, e outros tam grandes, que comida a polpa ou miollo fazem das cascas buzinas, em que tangem, e soão mui longe.

Ha muitas castas de caranguejos, não só na agoa do mar, e nas praias entre os mangues: mas tambem em terra entre os mattos ha huns de cor azul chamados guaiamús, os quaes em as primeiras agoas do inverno, que são em Fevereiro, quando estão mais gordos, e as femeas cheias de ovas, se sahem das covas, e se andão vagando pelo campo, e estradas, e metendo-se pelas casas pera que os comão.

Camarões ha muitos não só no mar como os de Portugal, mas nos rios, e lagoas de agoa doce, e alguns tão grandes como lagostins, dos quaes tambem ha muitos, que se tomão nos recifes de agoas vivas, e muitos polvos e lagostas.

CAPITULO UNDECIMO

De outras cousas que ha no mar e terra do Brasil

Inopem me copia fecit, disse o Poeta, e disse verdade, porque onde as cousas são muitas he forçado que se percão, como acontece ao que vindima

a vinha fertil, e abundante de fructo, que sempre lhe ficão muitos cachos de rebisco, e assim me ha succedido com as cousas do mar e terra do Brasil, de que trato. Pelo que me he necessario rebiscar ainda algumas, que farei neste Capitulo, que quanto todas he impossivel relatal-as.

Faz-se no Brasil sal não só em salinas artificiaes, mas em outras naturaes, como no Cabo Frio, e alem do Rio Grande, onde se acha coalhado em grandes pedras muito, e muito alvo. Faz-se tambem muita cal, assim de pedra do mar, como da terra, e de cascas de ostras, que o Gentio antigamente comia, e se achão hoje montes dellas cobertos de arvoredos, donde se tira e se cose engradada entre madeira com muita facilidade.

Ha tucum, que são humas folhas quazi de dous palmos de comprido, donde só com a mão sem outro artificio se tira pitta rijissima, e cada folha dá huma estriga. Outra planta ha chamada caraguatá, da feição da erva babosa, mas cada folha tem huma braça de comprido, as quaes deitadas de molho, e pisadas se desfazem em linho, de que se fazem linhas, e cordas, e se pode fazer panno.

Ha arvores de sabão, porque com a casca das fructas se ensabôa a roupa, e as fructas são humas contas tam redondas, e negras, que parecem de páu evano torneado, e assim não ha mais que fural-as, enfial-as, e resar por ellas.

Ha muita erva de anil, e de vidro, que se não lavra. Ha muitas fontes, e rios caudalosos, com que moem os engenhos de assucar, e outros por onde entra a maré, mui largos, e fundos, e de boas barras, e portos pera os Navios.

Quiz hum pintar huma cidade mui bastecida e abastada, e pintou-a com as portas serradas, e ferrolhadas, significando que tudo tinha em si, e não era necessario vir-lhe alguma de fora, que he a excellencia; porque diz o Psalmista que louve a celestial Cidade de Jerusalem ao Senhor / Lauda Hierusalem Dominum, lauda Deum tuum, Sion, quoniam confortavit seras portarum tuarum /. Mas não faltou logo quem contrafizesse, e pintasse outra com as portas abertas, e por ellas entrando carretas carregadas de mantimentos, dizendo que aquella era mais bastecida, e abastada, nem lhe faltou outra authoridade com que a confirmar do mesmo Psalmista, o qual diz, que ama Deus muito as Portas de Sion / diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob / e isto não porque as tem fechadas, senão abertas a naturaes, e estrangeiros, a brancos e negros, que todos tem seu tracto e commercio / Ecce alieniginae et Tirus et populus Ethiopum hi fuerunt illic /. Conforme a isto digna he de todos os louvores a Terra do Brasil, pois primeiramente pode sustentar-se com seus portos fechados sem soccorro de outras terras: Senão pergunto eu; de Portugal vem farinha de trigo? a da terra basta. Vinho? de assucar se faz mui suave, e pera quem o quer rijo, com o deixar ferver dous dias embebeda como de uvas.

Azeite? faz-se de cocos de palmeiras. Panno? faz-se de algodão com menos trabalho do que lá se faz o de linho, e de lan; porque debaixo do

algodoeiro o pode a fiandeira estar colhendo, e fiando, nem faltão tintas com que se tinja.

Sal? cá se faz artificial e natural como agora dissemos. Ferro? muitas minas ha delle, e em S. Vicente está um engenho onde se lavra finissimo. Especiaria? ha muitas especies de pimenta, e gengivre. Amendoas? tambem se excusão com a castanha de cajú, et sic de caeteris.

Se me disserem que não pode sustentar-se a terra, que não tem pão de trigo, e vinho de uvas para as missas, concedo, pois este divino Sacramento he nosso verdadeiro sustento, mas para isto basta o que se dá no mesmo Brasil em S. Vicente e Campo de S. Paulo, como tenho dito no Capitulo Nono, e com isto está, que tem os Portos abertos e grandes barras, e bahias, por onde cada dia lhe entrão navios carregados de trigo, vinho, e outras ricas mercadorias, que deixão a troco das da terra.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

Da origem do Gentio do Brasil, e diversidade de lingoas que entre elles ha.

Dom Diogo de Avalos visinho de Chuquiabue no Perú em a sua Miscellanea Austral, diz que em as serras de Altamira em Hespanha havia huma gente barbara, que tinha ordinaria guerra com os Hespanhoes, e que comião carne humana, do que enfadados os Hespanhoes juntarão suas forças, e lhes derão batalha na Andaluzia, em que os desbaratarão, e matarão muitos. Os poucos que ficarão não se podendo sustentar em terra a desempararão, e se embarcarão pera onde a fortuna os guiasse, e assi derão comsigo nas Ilhas Fortunadas, que agora se chamão Canarias: tocarão as de Cabo Verde e aportarão no Brasil: sahirão dous irmãos por cabos desta gente, hum chamado Tupi, e outro Guarani, este ultimo deixando o Tupi povoando o Brasil passou a Paraguae com sua gente, e povoou o Perú: esta opinião não he certa, e menos o são outras, que não refiro, porque não tem fundamento: o certo he que esta gente veio de outra parte, porem donde não se sabe, porque nem entre elles ha escripturas, nem houve algum Author antigo, que delles escrevesse. O que de presente vemos he que todos são de cor castanha, e sem barba, e só se destinguem em serem huns mais barbaros, que outros / posto que todos o são assaz /. Os mais barbaros se chamão in genere Tapuhias, dos quaes ha muitas castas de diversos nomes, diversas lingoas, e inimigos huns dos outros.

Os menos barbaros, que por isso se chamão Apuabetó, que quer dizer homens verdadeiros, posto que tambem são de diversas nações, e nomes; porque os de S. Vicente athé o Rio da Prata são Carijóz, os de Rio de Janeiro Ta-

moios, os da Bahia Tupinambas, os do Rio de S. Franscisco, Amaupiras, e os de Pernambuco, athe o Rio das Amazonas Potyguarás, comtudo todos fallão hum mesmo lingoagem e este aprendem os Religiosos que os doutrinão por huma arte de grammatica que compoz o Padre Joseph de Ancheta, Varão Santo da ordem da Companhia de Jesus, he linguage mui compendioso, e de alguns vocabulos mais abundante que o nosso Portuguez; porque nós a todos os irmãos chamamos irmãos e a todos os tios, tios, mas elles ao irmão mais velho chamão de uma maneira, aos mais de outra. O tio irmão do pae tem hum nome, e o tio irmão da mãe outro, e alguns vocabulos tem de que não usão senão as femeas, e outros que não servem senão aos machos, e sem falta são mui eloquentes, e se presão alguns tanto disto, que da prima noite athé pela menhã andão pelas ruas e praças pregando, excitando os mais á paz, ou á guerra, ou trabalho, ou qualquer outra cousa que a occazião lhes offerece, e entretanto que hum falla todos os mais callão, e ouvem com atenção, mas nenhuma palavra pronuncião com f, l, ou r, não só das suas, mas nem ainda das nossas, porque se querem dizer Francisco, dizem Pancicú; e se querem dizer Luiz, dizem Duhi; e o peor he que tambem carecem de fé, de ley e de Rey, que se pronuncião com as ditas letras.

Nenhuma fé tem, nem adoram a algum Deus; nenhuma ley guardão, ou preceitos, nem tem Rey que lha dê, e a quem obedeção, senão he hum Capitão, mais pera a guerra, que pera a paz, o qual entre elles he o mais valente e aparentado; e morto este, se tem filho, e he capaz de governar, fica em seu lugar, senão algum parente mais chegado ou irmão.

Fóra este, que he Capitão de toda a aldeia, tem cada casa seu principal, que são tambem dos mais valentes, e aparentados, e que tem mais molheres; porem nem a estes, nem ao Maioral pagão os outros algum tributo, ou vassallagem, mais que chamal-os quando tem vinhos, pora os ajudarem a beber, ao que são muito dados, e os fazem de mel, ou de fructas, de milho, batatas, e outros legumes mastigados por donzelas, e delidos em agoa athe se azedar, e não bebem quando comem, senão quando praticão, ou bailando, ou cantando.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

De suas aldêas

Ha huma casta de Gentios Tapuhias chamados por particular nome Aimorés, os quaes não fazem casas onde morem, mas onde quer que lhes anoitece, de baixo das arvores limpão hum terreiro, no qual esfregando huma canna ou frecha com outra acendem lume, e o cobrem com hum couro de veado, posto sobre quatro forquilhas, e ali se deitão todos a dormir com os

pés para o fogo, dando lhes pouco, como os tenhão enxutos, e quentes, que lhes chova em todo o corpo.

Porem as mais castas de Indios vivem em aldêas, que fazem cobertas de palma, e de tal maneira arrumadas, que lhes fique no meio hum terreiro, onde fação seus bailes, e festas, e se ajuntem de noite a conselho. As casas são tam compridas que morão em cada huma setenta, ou oitenta casaes, e não ha nellas algum repartimento mais, que os tirantes, e entre hum e outro he um rancho, onde se agasalha hum casal com sua familia, e o do principal da casa he o primeiro no copiar, ao qual convida primeiro qualquer dos outros, quando vem de caçar, ou de pescar, partindo com elle daquillo que traz, e logo vai tambem repartindo pelos mais, sem lhe ficar mais que quanto então jante, ou cêe, por mais grande que fosse a cambada do pescado, ou da caça.

E quando algum vem de longe, as velhas daquella casa o vão visitar, ao seu rancho com grande pranto, não todas juntamente, mas huma depois de outra, no qual pranto lhe dizem as saudades que tiverão, e trabalhos que padecerão em sua ausencia, e elle tambem chora dando huns urros de quando em quando sem exprimir cousa alguma, e o pranto acabado lhe preguntão se veio, e elle responde que sim, e então lhe trazem de comer, o que tambem fazem aos Portuguezes, que vão ás suas aldêas, principalmente se lhes entendem a lingoa, maldizendo no choro a pouca ventura, que seus avós, e os mais antepassados tiverão, que não alcançarão gente tam valerosa como são os Portuguezes, que são senhores de todas as cousas boas, que trazem á terra de que elles dantes carecião, e agora as tem em tanta abundancia, como são machados, fouces, anzoes, facas, tesouras, espelhos. pentes, e roupas, porque antigamente roçavão os matos com cunhas de pedra, e gastavão muitos dias em cortar huma arvore, pescavão com huns espinhos, fazião o cabello, e as unhas com pedras agudas, e quando se queriam infeitar fazião de hum alguidar de agoa espelho, e que desta maneira vivião mui trabalhados, porem agora fazem suas lavouras, e todas as mais cousas com muito descanso, pelo que os devem de ter em muita estima; e este recebimento he tam usado entre elles, que nunca ou de maravilha deixão de fazer, senão quando reinão alguma malicia ou traição contra aquelles, que vão ás suas aldêas a visital-os, ou resgatar com elles.

A noite toda tem fogo pera se aquentarem, porque dormem em redes no ar, e não tem cobertores, nem vestido, mas dormem nús marido e molher na mesma rede, cada hum com os pés pera a cabeça do outro, excepto os principaes, que como tem muitas molheres dormem sós nas suas redes, e dali quando querem se vão deitar com a que lhes parece, sem se pejarem de que os vejão. Quando he hora de comer se ajuntão os do rancho, e se assentão em cocoras, mas o pae da familia deitado na rede, e todos comem em hum alguidar, ou cabaço, a que chamão cuia, que estas são as suas baixellas, e dos

cabaços principalmente fazem muito cabedal, porque lhes servem de pratos para comer, de potes, e de pucaros pera agoa e vinho, e de colheres, e assi os guardão em huns caniços que, fazem chamados juráos, onde tambem curão ao fumo os seus legumes, porque se não corrompão, e sem terem caixas, nem fechaduras, e os ranchos sem portas, todos abertos, são tão fieis huns aos outros, que não ha quem tome, ou bulla em cousa alguma sem licença de seu dono.

Não morão mais em huma aldêia que em quanto lhes não apodrece a palma dos tectos das casas, que he espaço de tres ou quatro annos, e então o mudão pera outra parte, escolhendo primeiro o principal, com o parecer dos mais antigos, o sitio que seja alto, desabafado, com agoa perto, e terra a preposito pera suas roças, e sementeiras, que elles dizem ser a que não foi ainda cultivada, porque tem por menos trabalho cortar arvores que mondar erva, e se estas aldêas ficão fronteiras de seus contrarios, e tem guerras, as cercão de páu a pique mui forte, e ás vezes de duas e tres cercas, todas com suas seteiras, e entre huma e outra cerca fazem fossos cobertos de erva, com muitos estrepes de baixo, e outras armadilhas de vigas mui pesadas, que em lhes tocando cahem, e derribão a quantos achão.

CAPITULO DECIMO QUARTO

Dos seus casamentos e criação dos filhos

Não hé facil averiguar, maiormente entre os principaes, que tem muitas molheres, qual seja a verdadeira, e ligitima, porque nenhum contracto exprimem, e facilmente deixão humas, e tomão outras, mas conjectura-se que he aquella de que primeiro se namorão, e por cujo amor servirão aos sogros, pescando-lhes, caçando, roçando o matto pera a sementeira, e trazendo-lhes a lenha pera o fogo. Mas o sogro não entrega a moça athe lhe não vir seu costume, e então he ella obrigada a trazer atado pela cintura hum fio de algodão, e em cada hum dos buchos dos braços, outro, pera que venha á noticia de todos, e depois que he deflorada pelo marido, ou por qualquer outro, quebra em signal disso os fios, parecendo-lhe que se o encobrir a levará o diabo, e o marido de qualquer maneira a recebe, e consumando o matrimonio, se tem que esta he a legitima molher, ou quando assi não estão casados, a cunhada, molher que foi do irmão defunto, ainda que lhe ficasse filho delle, ou a sobrinha / filha, não do irmão, que esta tem elles em conta de filha propria, e não casão com ella, senão da irmãa, / e com qualquer destas com que primeiro se casarão, ou seja a sobrinha ou a cunhada, os casão depois sacramentalmente os Religiosos, que os curão, no mesmo dia em que os baptizão, dispensando nos impedimentos, por privilegio que para isto tem, e lhes tirão

todas as outras, casando-as com outros, não sem sentimento dos primeiros maridos; porque de ordinario se ficão com as mais velhas.

A molher em acabando de parir se vai lavar ao rio, e o marido se deita em a rede, mui coberto, que não dê o vento, onde está em dieta, athe que se seque o embigo ao filho, e ali o vem os amigos a visitar como a doente, nem ha poder lhes tirar esta superstição, porque dizem que com isto se preservão de muitas infermidades a si, e á criança, a qual tambem deitão em outra rede com seu fogo debaixo, quer seja inverno, quer verão, e se he macho logo lhe põem na azelha da rede hum arquinho com suas frechas; e se femea huma roca com algodão.

As mães dão de mammar aos filhos sete ou oito annos, se tantos estão sem tornar a parir, e todo este tempo os trazem ao collo hora ellas, ora os maridos, principalmente quando vão ás suas roças, onde vão todos os dias depois de almoçarem, e não comem emquanto andão no trabalho, senão á vespora, despois que voltão pera casa. Os maridos na roça derrubão o matto, queimão-o, e dão a terra limpa ás molheres, e ellas plantão, mondão a erva, colhem o fructo, e o carregão, e levão pera casa em huns cofos mui grandes feitos de palma, lançados sobre as costas, que pode ser sufficiente carga de huma azemula, e os maridos levão hum lenho aos hombros, e na mão seu arco e frechas, que fazem com as pontas de dentes de tubarões, ou de humas cannas agudas, a que chamão taquaras, de que são grandes tiradores; porque logo ensinão aos filhos de pequenos a tirar ao alvo, e poucas vezes tirão a hum passarinho, que não o acertem, por pequeno que seja.

Tambem os ensinão a fazer balaios, e outras cousas de mecanica, pera as quaes tem grande habilidade, se elles a querem aprender, que se não querem não os constrangem, nem os castigão por erros, e crimes que commettão, por mais enormes que sejão. As mães ensinão as filhas a fiar algodão, e fazer redes de fio, e nastros pera os cabellos, dos quaes se presão muito, e os penteão, e untão de azeite de coco bravo, pera que se fação compridos, grossos, e negros.

Nas festas se tingem todas de genipapo, de modo que se não he no cabello parecem negras de Guiné, e da mesma tinta pintão os maridos, e lhes arrancão o cabello da barba, se acerta de lhe nascer algum, e o das sobrancelhas, e pestanas, com que elles se tem por mui galantes, junto com terem os beiços de baixo furados, e alguns as faces, e huns tornos, ou batoques de pedras verdes metidos pelos buracos, com que parecem huns demonios.

Pois hei tratado neste Capitulo do contracto matrimonial deste gentio: tratarei tambem dos mais contractos, e não serei por isso proluxo ao Leitor, porque os livros que hão escripto os Doutores de Contractibus, sem os poderem de todo resolver pelos muitos, que de novo inventa cada dia a cobiça humana, não tocão a este Gentio; o qual só usa de huma simples

commutação de huma cousa por outra, sem tratarem do excesso, ou defeito do valor, e assim com hum pintainho se hão por pagos de huma gallinha.

Nem jámais usão de pesos, e medidas, nem tem numeros por onde contem mais que athe cinco, e se a conta houver de passar dahi a fazem pelos dedos das mãos e pés, o que lhes nasce da sua pouca cobiça; posto que com isso está serem mui apetitosos de qualquer cousa, que vem, mas tanto que a tem, a tornão facilmente de graça, ou por pouco mais de nada.

CAPITULO DECIMO QUINTO

Da cura dos seus enfermos, e enterro dos mortos

Não ha entre este Gentio medicos signalados, senão os seus feiticeiros, os quaes morão em casas apartadas, cada hum per si, e com a porta mui pequena, pela qual não ousa alguem entrar, nem tocar-lhe em alguma cousa sua; porque se algum lhas toma, ou lhes não dá o que elles pedem, dizem vae, que has de morrer, a que chamão lançar a morte, e são tão barbaros que se vai logo o outro lançar na rede sem querer comer, e de pasmo se deixa morrer, sem haver quem lhe metta na cabeça que pode escapar, e assi se podem estes feiticeiros chamar mais mata-sanos, que medicos, nem elles curão os enfermos, senão com enganos chupando-lhes na parte, que lhes dóe, e tirando da boca hum espinho, ou prego velho, que já nella levavão, lho mostrão dizendo que aquillo lhes fazia o mal, e que já ficão sãos, ficando elles tam doentes como de antes.

Outros medicos ha melhores, que são os acautellados, e que padecerão as mesmas enfermidades, os quaes applicando ervas, ou outras medicinas, com que se acharão bem, sarão os enfermos, mas se a enfermidade he prolongada, ou incuravel, não ha mais quem os cure, e os deixão ao desemparo. Testemunha sou eu de hum, que achei na Paraibba tolhido de pés e mãos, a borda de huma estrada, o qual me pedio lhe desse huma vez de agoa, que morria de sede, sem os seus, que por ali passavão cada hora, lha quererem dar, antes lhe dizião que morresse, porque já estava tisico, e que não servia mais que pera comer o pão aos sãos; mandei eu buscar agoa por huns que me acompanhavão, e entretanto o fiquei cathechisando, porque ainda não era christão, e de tal maneira se acendeo em a sede de o ser, e de salvar sua alma, que vinda a agoa, primeiro quiz que o baptizasse, que beber, e dahi a poucos dias morreu em hum incendio de huma aldêia, onde o mandei levar, sem haver quem o quizesse tirar da casa que ardia, vendo que não tinha elle pés nem forças pera se livrar.

Donde se vê a pouca caridade que tem este Gentio com os fracos, e

enfermos, e juntamente a misericordia do Senhor, e effeitos da sua eterna perdistinação, a qual não só em este, mas em outros muitos manifesta muitas vezes, ordenando que percão os Religiosos o caminho que levão, e vão dar nos tigipares, ou cabanas com enfermos que estão agonisando, os quaes recebendo de boa vontade o sacramento do baptismo se vão a gosar da bemaventurança no Ceu.

Tanto que algum morre o levão a enterrar, embrulhado na mesma rede em que dormia, e a molher, filhas e parentas, se as tem, o vão pranteando athé a cova com os cabellos soltos lançados sobre o rosto, e depois o pranteia ainda a molher muitos dias: mas se morre algum principal da aldêa, o untão todo de mel, e por cima do mel o empennão com pennas de passaros de cores, e põem-lhe huma carapuça de pennas na cabeça com todos os mais enfeites, que elle costumava trazer em suas festas, e fazem-lhe na mesma casa, e rancho onde morava, huma cova muito funda, e grande, onde lhe armão sua rede, e o deitão nella assim enfeitado com seu arco e frechas, espada, e tamaracá, que he hum cabaço com pedrinhas dentro, com que costumão tanger, e fazem-lhe fogo ao longo da rede pera se aquentar, e pôem-lhe de comer em hum alguidar, e a agoa em hum cabaço, e na mão huma canguêra, que he hum canudo feito de palma cheio de tabaco, e então lhe cobrem a cova de madeira, e de terra por cima, que não caia sobre o defunto, e a molher por dó corta os cabellos, e tinge-se toda de genipapo, pranteando o marido muitos dias, e o mesmo fazem com ella as que a vem visitar, e tanto que o cabello cresce athé lhe dar pelos olhos, o torna a cortar, e a tingir-se de janipapo, pera tirar o dó, e faz sua festa com seus parentes, e muito vinho.

O marido quando lhe morre a molher tambem se tinge de janipapo, e quando tira o dó se torna a tingir, tosquia-se e ordena grandes revoltas de cantar, e bailar, e beber, nestas festas se cantão as proesas do defunto, ou defunta, e do que tira o dó, e se morre algum menino filho de principal o metem em hum pote, posto em cocoras, atados os geolhos com a barriga, e enterrão o pote na mesma casa, e rancho, debaixo do chão, e ali o chorão muitos dias.

CAPITULO DECIMO SEXTO

Do modo de guerrear o Gentio do Brasil.

He este Gentio naturalmente tam belicoso, que todo o seu cuidado he como farão guerra a seus contrarios, e sobre isto se ajuntão no terreiro da aldêa com o principal della, os principaes das casas, e outros Indios discretos, a conselho, onde depois de assentados nas suas redes, que pera isto armão em

humas estacas, e quieto o rumor dos mais que se ajuntão a ouvir, porque he a gente que em nenhuma cousa tem segredo, propõem o maioral sua pratica, a que todos estão mui attentos, e como se acaba respondem os mais antigos cada hum per si, athe que vem a concluir no que ham de fazer, brindando-se entretanto algumas vezes com o fumo da erva santa, que elles tem por ceri-monia grave, e se concluem que a guerra se faça, mandão logo que se faça muita farinha de guerra, e que se apercebão de arcos, e frechas, e alguns pa-vezes, ou rodellas, e espadas de paus tostados, e como todas estas cousas estão prestes á noite antes da partida, anda o principal da aldêa pregando ao redor das casas, declarando-lhes onde vão, e a obrigação que tem de fazerem aquella guerra, exhortando-os á victoria, pera que fique delles memoria, e os vindouros possão contar suas proezas.

O dia seguinte depois de almoçarem toma cada hum suas armas nas mãos, e a rede em que ha de dormir ás costas, e huma paquevira de farinha, que he hum embrulho liado, quanto pode carregar, feito de humas folhas rijas, que nem se rompem, nem a agoa as passa, e não se curão de mais vianda; por-que com a frecha a cação pelo caminho, e nas arvores achão fructas, e favos de mel.

Os principaes levão comsigo suas molheres, que lhes levão a farinha, e as redes, e elles não levão mais que as armas; e antes que abalem faz o maioral hum Capitão da dianteira, que elles tem por grande honra, o qual vai mos-trando o lugar onde se ham de alojar, e o caminhar he hum ao pós outro, por hum carreiro como formigas, nem ja mais sabem andar de outra maneira, tem grande conhecimento da terra, e não só o caminho por onde huma vez forão atinão, por mais serrado que ja esteja, mas ainda por onde nunca forão.

Tanto que sahem fora de seus limites, e entrão pela terra dos contrarios, levão suas espias adiante, que são mancebos mui ligeiros, e ha alguns de tam bom faro, que a meia legoa cheirão o fogo, ainda que não appareça o fumo.

Chegando duas jornadas da aldêa de seus contrarios não fazem fogo, por-que não sejão por elles sentidos, e ordenão-se de maneira, que possão entrar de madrugada, e tomal-os descuidados, e despercebidos, e depois entrão com grande urro de vozes, e estrondo de bozinas e tambores, que he espanto, não perdoando no primeiro encontro a grandes nem pequenos, a que com suas espadas de páu não quebrem as cabeças, porque não tem por valor o ma-tar, senão quebrão as cabeças, ainda que seja dos mortos por outros, e quantas cabeças quebrão tantos nomes tomão, largando o que o pae lhes deu no nas-cimento, que hum, e outros são de animaes, de plantas, ou do que se lhes antolha, mas o nome que tomarão não o descobrem / ainda que lho roguem / senão com grandes festas de vinho, e cantares, em seu louvor, e elles se fazem riscar, e lavrar com hum dente agudo de hum animal, e lançando pó de carvão pelos riscos e lavores ensanguentados, ficão com elles impressos toda a vida, o

que tem por grande bizarria, porque por estes lavores, e pela differença delles se entende quantas cabeças quebrarão.

E sendo caso que achão seus contrarios apercebidos com cercas feitas, fazem-lhes outra contra cerca de estacas metidas na terra com ramos e espinhos, liados, a que chamão caicára, a qual em quanto verde não ha cousa que a rompa, e dali blasonão, e jogão as pulhas com os contrarios, athe que huns ou outros abalroão, ou saem a pelejar em campo, e toda a sua peleja he fazendo o motim, que he correr e saltar de huma parte pera outra, porque lhe não fação pontaria.

CAPITULO DECIMO SEPTIMO

Dos que captivão na guerra

Os que podem captivar na guerra levão pera vender aos brancos, os quaes lhe comprão por hum machado, ou fouce cada hum, tendo-os por verdadeiros captivos, não tanto por serem tomados em guerra, pois não consta da justiça della, quanto por a vida que lhes dão, que he maior bem, que a liberdade; porque se os brancos os não comprão, os primeiros senhores os tem em prisões atados pelo pescoço, e pela cinta com cordas de algodão grossas e fortes, e dão a cada hum por molher a mais formosa moça, que ha na casa, a qual tem o cuidado de o regallar, e lhe dar de comer athe que engorde, e esteja pera o poderem comer, e então ordenão grandes festas, e ajuntamentos de parentes e amigos, chamados de trinta, quarenta legoas, com os quaes na vespora, e dia do sacrificio, cantão e bailão, comem, e bebem alegremente, e tambem o padecente come e bebe com elles, depois o untão com mel de abelhas, e sobre o mel o empennão com muitas pennas de varias cores, e a lugares o pintão de janipapo, e lhe tingem os pés de vermelho, e metendo-lhe huma espada na mão, pera que se defenda como poder, o levão assim atado a hum terreiro fora da aldêia, e o metem entre dous mourões, que estão metidos no chão, afastados hum do outro alguns vinte palmos, os quaes estão furados, e por cada furo metem as pontas das cordas, onde o preso fica como touro, e as velhas lhe cantão, que se farte de ver o sol, pois cedo o deixará de ver, e o captivo responde com muita coragem, que bem vingado ha de ser, então vão buscar o que ha de matar a sua casa todos os seus parentes, e amigos, onde o achão já pintado de tinta de janipapo com carapuça de pennas na cabeça, manilhas de ossos nos braços, e nas pernas, grandes ramaes de contas ao pescoço, com seu rabo de pennas nas ancas, e huma espada de páu pesada de ambas as mãos mui pintada, com cascas de mariscos pegadas com cera, e no cabo e empunhadura da espada grandes penachos; e assim o trazem com

grandes cantares, e tangeres de seus buzios, gaitas e tambores, chamando-lhe bemaventurado, pois chegou a tamanha honra, e com este estrondo entra no terreiro, onde o paciente o espera, e lhe diz que se defenda, porque vem pera o matar, e logo remete a elle com a espada de ambas as mãos, e o padecente com a sua se defende, e ainda ás vezes offende, mas como os que o tem pelas cordas o não deixão desviar do golpe, o matador lhe quebra a cabeça, e toma nome, que depois declara com as cerimonias que vimos no Capitulo passado.

Em morrendo este preso logo os velhos da aldêa o despedação, e lhe tirão as tripas e forçura, que mal lavadas cosem para comer, e reparte-se a carne por todas as casas, e pelos hospedes, que vierão a esta matança, e della comem logo assada, e cosida, e guardão alguma muito assada, e mirrada, a que chamão moquem, metida em novellos de fio de algodão, e posta nos caniços ao fumo, pera depois renovarem o seu odio, e fazerem outras festas, e do caldo fazem grandes alguidares de migas, e papas de farinha de carima, pera suprir na falta de carne, e poder chegar atodos; o que o matou nenhuma cousa come delle, antes se vai logo deitar na rede, e se faz todo sarrafaçar, e sangrar, tendo por certo que morrerá se não derrama de si aquelle sangue, nem faz o cabello dali a sete ou oito mezes, os quaes passados faz muitos vinhos, e appelida os amigos para beber, e cantar, e com essa festa se tosquêa, dizendo que tira o dó daquelle morto, e he tam cruel este Gentio com os seus captivos, que não só os matão a elles, mas se acontece a algum haver filho da moça que lhe derão por molher, a obrigão que o entregue a hum parente mais chegado, pera que o mate, quazi com as mesmas cerimonias, e a mãe he a primeira que lhe come a carne; posto que algumas, pelo amor que lhes tem, os escondem, e ás vezes soltão tambem os presos, e se vão com elles pera suas terras, ou pera outras.

LIVRO SEGUNDO

DA HISTORIA DO BRASIL NO TEMPO DO SEU DESCOBRIMENTO

CAPITULO PRIMEIRO

De como se continuou o descobrimento do Brasil, e se deu ordem a se povoar

Posto que El Rey Dom Manoel, quando soube a nova do descobrimento do Brasil, feito por Pedro Alvares Cabral, andava mui occupado com as conquistas da India Oriental, pelo proveito que de si prometião, e com as de Africa pela gloria e louvor, que a seus vassallos dellas resultava, não deixou, quando teve occazião de mandar huma armada de seis vellas, e por Capitão Mor dellas Gonçallo Coelho, pera que descobrisse toda esta Costa, o qual andou por ella muitos mezes descobrindo-lhe os portos, e rios, e em muitos delles entrou e assentou marcos, com as armas del Rey, que pera isso trazia lavrados, mas pela pouca experiencia que então se tinha de como corria a Costa, e os ventos com que se navega, passou tantos trabalhos e infortunios, que foi forçado tornar-se pera o Reyno com duas caravellas menos, e a tempo em que já era morto El Rey Dom Manoel, que faleceo no anno do Senhor de mil quinhentos vinte e hum; e reinava seu filho ElRey Dom João Terceiro, ao qual se apresentou com as informações que poude alcançar, pelas quaes ElRey parecendo-lhe cousa de importancia, mandou logo outra armada, e por Capitão Mor Christovão Jacques, Fidalgo de Sua Casa, que neste descobrimento trabalhou com notavel proveito sobre a clareza da navegação desta Costa, continuando com seus padrões conforme o regimento que trazia, e andando correndo esta grande Costa veio dar com a Bahia a que chamou de todos os Santos, por ser no dia da sua festa, primeiro de Novembro, e entrando por ella, especulando todo o seu reconcavo, e rios, achou em hum delles chamado de Paraguasú duas Naus Francezas, que estavão ancoradas commerciando com o Gentio, com as quaes se poz ás bombardadas, e as meteu no fundo com toda a gente, e fazenda, e logo se foi pera o Reyno, e deu as informações de tudo a sua Alteza, as quaes bem consideradas, com outras que já tinha de Pedro Lopes de

Sousa, que por esta Costa tambem andou com outra armada, ordenou que se povoasse esta Provincia, repartindo as terras por pessoas que se lhe offerecerão pera as povoarem, e conquistarem á custa de sua fazenda, e dando a cada hum cincoenta legoas por costa com todo o seu sertão, para que elles fossem não só Senhores, mas Capitães dellas; pelo que se chamão, e se distinguem por Capitanias.

Deu-lhes jurisdicção no crime de baraço, e pregão, açoutes, e morte, sendo o criminoso peão, e sendo nobre até dez annos de degredo; e no civel cem mil reis de alçada, e que assistão ás eleições dos juizes, e vereadores elles ou seu Ouvidor, que elles fazem, como tambem fazem Escrivães do publico, judicial e notas, Escrivão da Camara, Escrivão da Ouvidoria, Juiz, e Escrivão dos Orphãos, Meirinho da Villa, Alcaide do Campo, porque o do Carcere provê o Alcaide Mor, e El Rey os Officios da Sua Real Fazenda, como são os dos Provedores, e seus Meirinhos, Almoxarifes, Porteiros da Alfandega, e Guardas dos Navios; e ainda que os Donatarios são sismeiros das suas terras, e as repartem pelos moradores como querem, todavia movendo-se depois alguma duvida sobre as datas, não são elles os Juizes dellas, senão o Provedor da Fazenda, nem os que as recebem de sismaria tem obrigação de pagar mais que dizimo a Deus dos fructos que colhem, e este se paga a El-Rey por ser Mestre da Ordem de Christo, e elle dá aos Donatarios a redizima, que he o dizimo de tudo o que lhe rendem os dizimos: pertens ce-lhes tambem a vintena de todo o pescado que se pesca nos limites dar suas Capitanias, e todas as agoas com que moem os engenhos de assucar, pelos quaes lhes pagão de cada cem arrobas duas, ou tres, ou conforme se concertão os Senhores dos engenhos com elles, ou com seus Procuradores, as quaes pensões não tem a Bahia, Rio de Janeiro, Parayba e as mais Capitanias de El Rey, nas quaes se paga o dizimo somente, mas no que toca a jurisdicção do civel, e crime lha limitou El Rey depois muito, como veremos no Capitulo Primeiro do Livro Terceiro.

CAPITULO SEGUNDO

Das Capitanias e terras, que El Rey doou a Pero Lopes e Martim Affonso de Souza, Irmãos

Como Pero Lopes de Souza havia já andado por estas partes do Brasil coube-lhe a escolha primeiro que a outros, e não tomou todas as suas cincoenta legoas juntas, senão vinte e cinco em Tamaraca, de que adiante trataremos, e outras vinte e cinco em São Vicente, que se demarcão e confrontão com as terras da Capitania de seu Irmão Martim Affonso de Souza em tanta visinhança, que não deixa de haver litigio e duvidas, sendo que quando de

principio as povoarão e fortificarão foi de muito proveito esta visinhança, por se poder ajudar hum ao outro, e defender do inimigo, como bem se vio depois de idos pelas muitas guerras que os moradores tiverão com os Gentios, e Francezes, que entre elles andavão, e por mar em canoas lhe vinhão dar muitas assaltos, e por muitas vezes os tiverão cercados, e sempre se defenderão muito bem, o que não puderão fazer se as povoações e fortes não estiverão tam proximos.

Donde se verifica bem o que Scipião Africano disse no Senado de Roma, que era necessario continuar-se com as guerras de Africa, porque faltando estas as haveria civis entre os visinhos; como as houve entre estes /ainda que Irmãos/ depois que vencerão os Gentios; mas descendo ao particular a razão das duvidas, que estes Senhores tem, ou seus herdeiros, acerca destas Capitanias me parece que he por dizerem as suas doações, que se demarcarão pela barra do Rio de S. Vicente, hum pera o Norte, outro pera o Sul, e como este Rio tem tres barras, causadas de duas ilhas, que o dividem, huma que corre ao longo da Costa, e outra dentro do Rio, como se verá na descripção seguinte, daqui vem duvidar-se de qual destas barras se ha de fazer a demarcação.

Nesta ilha fóra esteve uma Villa, que se chamou Santo Amaro, de que já não ha mais que a ermida do Santo: mas fez-se outra na terra firme da parte do Sul chamada Villa da Conceição. Na ilha de dentro ha duas povoações, huma chamada de Santos, outra de São Vicente como o rio, a qual veio edificar Martim Affonso de Souza em pessoa, e a povoou de mui nobre gente, que comsigo trouxe, e assim floreceo em mui breve tempo.

Daqui se embarcou em o anno de mil quinhentos e trinta e tres, pera descobrir mais Costa e rios della, e foi correndo athé chegar ao Rio da Prata, pelo qual navegou muitos dias, e perdendo alguns Navios e gente delles em os baixos do rio, se tornou pera a sua Capitania, donde foi chamado por Sua Alteza pera o mandar por Capitão Mor do mar da India, do que servio muitos annos, e depois de Governador da India, donde vindo a Portugal servio muitos annos no Conselho de Estado athé El Rey Dom Sebastião, em cujo tempo falleceo.

Pelo sertão nove legoas do rio de São Vicente está a Villa de São Paulo, em a qual ha hum Mosteiro da Companhia de Jesus, outro do Carmo, e nos tem signalado sitio pera outro de nossa Seraphica Ordem, que nos pedem queiramos edificar ha muitos annos, com muita instancia e promessas, e sem isso era incitamento bastante termos ali sepultado na igreja dos Padres da Companhia hum frade leigo da nossa Ordem, Castelhano, a quem matou outro Castelhano secular, porque o reprehendia que não jurasse, foi Religioso de santa vida, e confirmou-o Deus depois de seu martyrio com hum milagre, e foi que assentando-se huma molher enferma de fluxo de sangue sobre a sua sepultura ficou sãa.

Ao redor desta Villa estão quatro aldêas de Gentio amigo, que os Padres da Companhia doutrinão, fóra outro muito, que cada dia desce do sertão.

São os ares destas duas Capitanias frios e temperados, como os de Hespanha, porque já estão fóra da zona torrida em vinte e quatro graus e mais; e assim he a terra mui sadia, fresca e de boas agoas, e esta foi a primeira onde se fez assucar, donde se levou plantas de canas pera as outras Capitanias, posto que hoje se não dão tanto a fazel-o quanto a lavoura do trigo, que se dá ali muito, e cevada, e grandes vinhas, donde se colhem muitas pipas de vinho, ao qual pera durar dão huma fervura no fogo.

Outros se dão a criação de vacas, que multiplicão muito, e são as carnes mais gordas que em Hespanha, principalmente os cevados, que se cevão com milho zaburro, e com pinhões de grandes pinhaes, que ha agrestes, tam ferteis e viçosos, que cada pinha he como huma botija, e cada pinhão depois de limpo como huma castanha, ou belota de Portugal.

Cavallos ha tantos, que val cada hum cinco ou seis tostões. Mas o melhor de tudo he o ouro, de que trataremos adiante, quando tratarmos do Governador Dom Francisco de Souza, que por mandado d'El Rey assistio nas minas.

(A) Destas Villas se foi á poucos annos hum morador de nação Castelhano, por ser muito cioso da mulher, que era Portugueza, natural de São Vicente, e muito formosa, a morar em huma ilha chamada a Cananea, que fica mais ao Sul, e chegada ao Rio da Prata; mas pouco viveo sem seus receios, porque conhecida a fertilidade da terra, se forão outros muitos com suas familias a morar tambem a ella, e se fez uma povoação tão grande como estoutras.

CAPITULO TERCEIRO

Da terra e Capitania, que El Rey doou a Pero Lopes

Em companhia de Pedro Lopes de Souza andou por esta costa do Brasil Pedro de Goes, fidalgo honrado, muito Cavalleiro, e pela afeição que tomou á terra pedio a El Rey Dom João que lhe desse nella huma Capitania, e assim lhe fez mercê de cincoenta legoas de terra ao longo da Costa, ou as que se achassem donde acabassem as de Martim Affonso de Souza, athé que entestasse com as de Vasco Fernandes Coutinho: da qual Capitania foi tomar posse com huma boa frota, que fez em Portugal á sua custa, bem fornecida de gente e todo o necessario, e no rio chamado da Paraibba, que está em vinte e hum gráus e dous terços, se fortificou e fez huma povoação, em que esteve bem os

(A) Este paragrapho he tirado das addições e emendas a esta Historia do Brasil, que existe no Real Archivo da Torre do Tombo.

primeiros dous annos, e depois se lhe levantou o Gentio, e o teve em guerra cinco ou seis annos, fazendo ás vezes pazes, que logo quebravão, e o apertavão tanto, que forçado a despejar a terra, e passar-se com toda a gente pera a Capitania do Espirito Santo, em embarcações, que pera isso lhe mandou Vasco Fernandes Coutinho, donde ficou com toda a sua fazenda gastada, e muitos mil cruzados de hum Martim Ferreira, que com elle armava pera fazerem muitos Engenhos de assucar.

No districto desta terra e Capitania cahe a terra dos Aitacazes, que he toda baixa, e alagada, onde estes Gentios vivem mais á maneira de homens marinhos, que terrestres; e assim nunca se puderão conquistar, posto que a isso forão algumas vezes ao Espirito Santo e Rio de Janeiro; por que quando se ha de vir ás mãos com elles, metem-se dentro das lagoas, onde não ha entral-os a pé nem a cavallo, são grandes buzios e nadadores, e a braços tomão o peixe ainda que sejão tubarões, pera os quaes levão em huma mão hum páu de palmo pouco mais, ou menos, que lhes metem na boca direito, e como o tubarão fique com a boca aberta, que a não pode serrar com o páu, com a outra mão lhe tirão por ella as entranhas, e com ellas a vida, e o levão pera a terra não tanto pera os comerem, como pera dos dentes fazerem as pontas das suas frechas, que são peçonhentas e mortiferas, e pera provarem forças e ligeireza, como tambem dizem que as provão com os veados nas campinas, tomando-os a cosso, e ainda com os tigres, e onças, e outros feros animaes.

Estas e outras incrediveis cousas se contão deste Gentio, creia-as quem quizer, que o que daqui eu sei he, que nunca foi alguem a seu poder, que tornasse com vida para as contar; verdade he que já hoje ha delles mais noticia, porque lhes deu uma cruel doença de bexigas, que os obrigou a nos irem buscar, e ser nossos amigos, como veremos em o Livro quinto desta Historia.

CAPITULO QUARTO

Da terra e Capitania do Espirito Santo, que El Rey doou a Vasco Fernandes Coutinho

Não teve menos trabalhos com a sua Capitania Vasco Fernandes Coutinho, a quem El Rey, pelos muitos serviços que lhe havia feito na India, lhe fez mercê de cincoenta legoas de terra por costa, o qual a foi conquistar, e povoar com huma grande frota á sua custa, levando comsigo a Dom Jorge de Menezes o de Maluco, e Dom Simão de Castello Branco, e outros fidalgos, com os quaes avistando primeiro a serra de Mestre Alvaro, que he grande, alta e redonda, foi entrar no Rio do Espirito Santo, o qual está em vinte gráus; onde logo á entrada do rio, da banda do Sul, começou a edificar a villa da

Victoria, que agora se chama a Villa Velha em respeito da outra villa do Espirito Santo, que depois se edificou huma legoa mais dentro do Rio, em a Ilha de Duarte de Lemos, por temor do Gentio: e como o espirito de Vasco Fernandes era grande, deixando ordenados quatro engenhos de assucar, se tornou pera o Reyno a aviar-se pera ir pelo sertão a conquistar minas de ouro, e prata, de que tinha novas, deixando por seu locotenente Dom Jorge de Menezes, ao qual logo os Gentios fizerão tão cruel guerra, que lhe queimarão os engenhos, e fazendas, e a elle matarão ás frechadas, sem lhe valer ser tam grande Capitão, e que na India, Maluco, e outras partes tinha feitas muitas cavallarias.

O mesmo fizerão a Dom Simão de Castello Branco, que lhe succedeo na Capitania, e a puzerão em tal cerco, e aperto, que não podendo os moradores della resistir-lhes se passarão pera outras, e tornando-se Vasco Fernandes Coutinho do Reyno pera a sua, por mais que trabalhou o possivel pela remediar, e vingar do Gentio, não foi em sua mão, por estar sem gente e munições de guerra, e o Gentio pelas victorias passadas muito soberbo, antes viveo muitos annos mui afrontado delles em aquella ilha, athé que depois pouco a pouco reformou as duas ditas Villas.

Mas emfim gastados muitos mil cruzados, que trouxe da India, e muito patrimonio, que tinha em Portugal, acabou tam pobremente que chegou a lhe darem de comer por amor de Deus, e não sei se teve hum lençol seu em que o amortalhassem.

Seu filho do mesmo nome tambem com muita pobreza viveo, e morreo na mesma Capitania, e não se attribua isto á maldade da terra, que he antes huma das melhores do Brasil; porque dá muito bom assucar, e algodão, gado vaccum, e tanto mantimento, fructas e legumes, pescado e mariscos, que lhe chamava o mesmo Vasco Fernandes o meu *Villão farto*.

Dá tambem muitas arvores de balsamo, de que as molheres misturando-o com a casca das mesmas arvores pizadas fazem muita contaria, que se manda pera o Reyno, e pera outras partes; mas o que fez mal a estes senhores despois das guerras foi não seguirem o descobrimento das minas de ouro e prata, como determinavão, e parece que herdarão delles este descuido seus successores, pois descobrindo-se despois na mesma Capitania huma serra de christal, e esmeraldas, de que tenho feito menção em o Capitulo quinto do primeiro Livro, nem disto se trata, nem de fortificar-se a terra, pera defender-se dos corsarios, sendo que por ser o Rio estreito se podéra fortalecer com facilidade: antes levando-o pelo espiritual me disse Francisco de Aguiar Coutinho, senhor della, que dissera a Sua Magestade que tinha huma fortaleza na barra da sua Capitania, que lha defendia, e não havia mister mais, e que esta era a ermida de Nossa Senhora da Penna, que ali está, aonde do Mosteiro do Nosso Padre S. Francisco, que temos na Villa do Espirito Santo, vão dous frades todos os sabbados a dizer missa, e a temos a nossa conta; e na verdade a dita ermida

se pode contar por huma das maravilhas do Mundo, considerando-se o sitio, porque está sobre hum monte alto hum penedo, que he outro monte, a cujo cume se sobe por cincoenta e cinco degraus lavrados no mesmo penedo, e em cima tem hum plano, em que está a igreja, e capella, que he de abobeda, e ainda fica ao redor por onde ande a procissão cercado de peitoril de parede, donde se não pode olhar pera baixo sem que fuja o lume dos olhos.

Nesta ermida esteve antigamente por ermitão hum frade leigo da nossa Ordem, Asturiano, chamado Frey Pedro, de mui santa vida, como se confirmou em sua morte, a qual conheceo alguns dias antes, e se andou depedindo das pessoas devotas, dizendo que feita a festa de Nossa Senhora, havia de morrer, e assim succedeo, e o acharão morto de geolhos, e com as mãos levantadas como quando orava, e na tresladação de seus ossos desta igreja pera o nosso Convento, fez muitos milagres, e poucos enfermos os tocão com devoção que não sarem logo, principalmente de febres, como tudo consta do Instrumento de testemunhas que está no archivo do Convento.

CAPITULO QUINTO

Da Capitania de Porto Seguro

Esta Capitania foi a primeira terra do Brasil que se descobrio por Pedro Alvares Cabral indo pera a India, como está dito no Primeiro Capitulo do Primeiro Livro, e della fez ElRey mercê, e doação de cincoenta legoas de terra na forma das mais a Pedro do Campo Tourinho, natural de Vianna, muito visto na arte de marear, o qual armando huma frota de muitos navios á sua custa, com sua molher e filhos, e alguns parentes, e muitos amigos, partio de Vianna, e desembarcou no rio de Porto Seguro, que está em desaseis gráus, e dous terços, e se fortificou no mesmo lugar onde agora he a Villa, cabeca desta Capitania: edificou mais a Villa de Santa Cruz, e outra de Santo Amaro, onde está huma ermida de Nossa Senhora da Ajuda em hum monte mui alto, e no meio delle, no caminho por que se sobe, huma fonte de agoa milagrosa, assim nos effeitos, que Deus obra por meio della, dando saude aos enfermos, que a bebem, como na origem, que subitamente a deo o Senhor ali pela oração de hum Religioso da Companhia, segundo me disse como testemunha de vista, e bem qualificada, hum neto do dito Pedro do Campo Tourinho, e do seu proprio nome, meu condiscipulo em o estudo das Artes e Theologia, e depois Deão da Sé desta Bahia, o qual despois da morte de seu avô, se veio a viver com sua avó e mãe, por sua mãe Leonor do Campo, com licença de Sua Magestade, vender a Capitania a Dom João de Lencastre, primeiro Duque de Aveiro, por cem mil reis de juro, o qual mandou logo Capitão que a governasse em seu nome, e

fizesse hum Engenho á sua custa, e desse ordem a se fazerem outros, como se fizerão, posto que depois se forão desfazendo todos, assim por falta de bois, que não cria esta terra gado vaccum, por causa de certa erva do pasto, que o mata, como por os muitos assaltos do gentio Aymoré, em que lhe matavão os escravos, pelo que tambem despovoarão muitos moradores, e se passarão pera outras Capitanias.

Porem sem isto tem outras cousas, pelas quaes merecia ser bem povoada; porque no rio Grande, onde parte com a Capitania dos Ilheos, tem muito páu brasil, e no rio das Caravellas muito zimbo, dinheiro de Angola, que são huns buziozinhos mui miudos de que levão pipas chêas, e trazem por ellas navios de negros, e na terra deste rio, e em todas as mais que ha athe entestar com as de Vasco Fernandes Coutinho, se dá muito bem o gado vaccum, e se podem com facilidade fazer muitos engenhos.

CAPITULO SEXTO

Da Capitania dos Ilheos

Quando El-Rey Dom João Terceiro repartio as Capitanias do Brasil, fez mercê de huma dellas, com cincoenta legoas de terra por costa, a Jorge de Figueiredo Corrêa, escrivão de sua Fazenda, a qual começa da ponta do Sul da barra da Bahia, chamada o morro de São Paulo, por diante.

Este Jorge de Figueiredo fez huma frota bem provida do necessario, e moradores, com a qual mandou hum Castelhano, grande cavalleiro, homem de esforço, e experiencia, chamado Francisco Romeiro, o qual desembarcando no dito morro, começou ali a povoar, e por se não contentar do sitio, se passou para onde está a Villa dos Ilheos, que assim se chama pelos que tem defronte da barra, e vindo assentar pazes com o gentio Tupinaquim foi com a Capitania em grande crescimento, e neste estado a vendeo o Donatario com licença de Sua Magestade a Lucas Gyraldes, que nella meteo grande cabedal, com que veio a ter oito engenhos, ainda que os feitores (como costumão fazer no Brasil) lhe davão em conta a despeza por receita, mandando-lhe mui pouco ou nenhum assucar: pelo que elle escreveo a hum Florentino chamado Thomaz, que lhe pagava com cartas de muita eloquencia, Thomazo, quiere que te diga, manda la asucre deixa la parolle, e assignou-se, sem escrever mais letra.

Mas não foi este o mal desta Capitania, senão a praga dos selvagens Aymorés, que com seus assaltos crueis, fizerão despovoar os engenhos, e se hoje estão já de paz, ficarão os homens tão desbaratados de escravos, e mais fabrica, que se contentão com plantar mantimento pera comer.

Porem no rio do Camamú, e nas ilhas de Tinharé, e Boepeba, que são da mesma Capitania, e estão mais perto da Bahia, ha alguns bons engenhos,

e fazendas, e no rio de Taipé, que dista só duas legoas dos Ilheos, tem Bartholomeu Luiz de Espinha hum engenho, e junto delle está huma lagoa de agoa doce, onde ha muito e bom peixe do mar, e peixes bois, e hum pomar formoso de marmellos, figos, e uvas, e fructas de espinhos.

CAPITULO SEPTIMO

Da Capitania da Bahia

Toma esta Capitania o nome da Bahia por ter huma tão grande, que por antonomasia e excellencia se levanta com o nome commum, e apropriando-o a si se chama a Bahia, e com razão, porque tem maior reconcavo, mais ilhas, e rios dentro de si, que quantas são descobertas em o Mundo, tanto que tendo hoje cincoenta engenhos de assucar, e pera cada engenho mais de dez lavradores de cannas, de que se faz o assucar, todos tem seus esteiros, e portos particulares; nem ha terra que tenha tantos caminhos, por onde se navega.

As ilhas que dentro de si tem, entre grandes e pequenas, são trinta e duas, só tem hum senão, que he não se poder defender á entrada dos corsarios, porque tem duas bocas, ou barras, huma dentro da outra, a primeira a Leste da ponta do padrão da Bahia, ou morro de S. Paulo, que he de doze legoas, a segunda, que he a interior ao Sul da dita barra, ou ponta do Padrão, a Ilha de Taparica, que he boca de tres legoas.

Está esta Bahia em treze graus, e hum terço, e tem em seu circuito a melhor terra do Brasil; porque não tem tantos areaes como as da banda do Norte, nem tantas penedias como as do Sul, pelo que os Indios velhos comparão o Brasil a huma pomba, cujo peito he a Bahia, e as azas as outras Capitanias, porque dizem que na Bahia está a polpa da terra, e assim dá o melhor assucar que ha nestas partes.

Tambem he tradição antiga entre elles, que veio o bemaventurado Apostolo São Thomé a esta Bahia, e lhes deo a planta da mandioca, e das bananas de São Thomé, de que temos tratado no primeiro Livro; e elles em paga deste beneficio, e de lhes ensinar que adorassem e servissem a Deus, e não ao Demonio, que não tivessem mais de huma molher, nem comessem carne humana, o quizerão matar e comer, seguindo-o effeito athe huma praia, donde o Santo se passou de huma passada á Ilha de Maré, distancia de meia legoa, e dahi não sabem por onde, devia de ser indo pera a India, que quem taes passadas dava bem podia correr todas estas terras, e quem as havia de correr tambem convinha que desse taes passadas.

Mas como estes Gentios não usem de escripturas, não ha disto mais outra prova, ou indicios, que achar-se huma pegada impressa em huma pedra em

aquella praia, que dizião ficara do Santo quando se passou á ilha, onde em memoria fizerão os Portuguezes no alto huma ermida do titulo, e invocação de São Thomé.

Pela banda do Norte parte esta Capitania com a de Pernambuco, pelo rio de São Francisco, o qual era merecedor de se escrever não só em hum Capitulo particular, senão em muitos, por as muitas e grandes cousas, que delle se dizem, mas contento-me com passal as em summa, ou a vulto, como hei passado outras, porque estão todas as do Brasil tam desacreditadas, que não sei se ainda assim o quererão ler.

Está este rio em altura de dez gráus, e huma quarta, na bocca da barra tem duas legoas de largo, entra a maré por elle outras duas somente, e dahi pera cima he agoa doce, donde ha tam grandes pescarias, que em quatro dias carregão de peixe quantos caravellões la vão, e se querem navegão por elle athe vinte legoas, ainda que sejão de cincoenta toneladas de porte.

No inverno não traz tanta agoa, nem corre tanto como no verão, e no cabo das ditas vinte legoas, faz huma cachoeira, por onde a agoa se despenha, e impede a navegação; porem dahi por diante se pode navegar em barcos, que la se armarem, athe hum sumidouro, onde este rio vem dez ou doze legoas por baixo da terra, e tambem he navegavel dahi para cima oitenta, ou noventa legoas, podendo navegar barcos, ainda mui grandes, pela quietação com que corre o rio, quazi sem sentir-se, e os Indios Anaupirás navegão por elle em canôas.

He gentio este que ainda não foi tratado, e dizem que se atavião com algumas peças de ouro; pelo que Duarte Coelho de Albuquerque, senhor que foi de Pernambuco, tratou no Reyno desta conquista, mas nunca se fez, nem o rio se povoou athe agora mais que de alguns curraes de gado e rocas de farinha ao longo do mar, sendo assim que he capaz de boas povoações, porque tem muito páu brasil e terras para engenhos.

Não trato do rio de Sergipe, do rio Real, e outros, que ficão nos limites desta Capitania da Bahia, por não ser prolixo, e tambem porque ao diante pode ser tenhão lugar.

Desta Capitania da Bahia fez mercê El Rey Dom João Terceiro a Francisco Pereira Coutinho, Fidalgo mui honrado, de grande fama, e cavallarias em a India, o qual veio em pessoa com huma grande armada á sua custa em o anno do nascimento do Senhor de mil quinhentos e trinta e cinco, e desembarcando da ponta do Padrão da Bahia pera dentro se fortificou; onde agora chamão a Villa Velha, esteve de paz alguns annos com os Gentios, e começou dous engenhos: levantando-se elles depois, lhos queimarão, e lhe fizerão guerra por espaço de sete ou oito annos, de maneira que lhe foi forçado, e aos que com elle estavão, embarcarem-se em caravellões, e acolherem-se á Capitania dos Ilheos, aonde o mesmo Gentio, obrigado da falta do resgate, que com elles fazião, se forão ter com elles assentando pazes, e pedindo-lhes que se tornassem,

como logo fizerão com muita alegria; porem levantando-se huã tormenta derão á costa dentro na Bahia na ilha Taparica, onde o mesmo Gentio os matou, e comeo a todos, excepto hum Diogo Alvares, por alcunha posta pelos Indios o Caramurú, porque lhe sabia fallar a lingoa, e não sei se ainda isto bastaria pelo que são carniceiros, e ficarão encarniçados nos companheiros, se delle não se namorara a filha de hum Indio principal, que tomou a seu cargo o defendel-o, e desta maneira acabou Francisco Pereira Coutinho com todo o seu valor, e esforço, e a sua Capitania com elle.

CAPITULO OITAVO

Da Capitania de Pernambuco, que El Rey doou a Duarte Coelho

As cincoenta legoas de terra desta Capitania se contêm do rio de São Francisco, de que tratei no Capitulo proximo passado, até o rio de Igarusú, de que tratei no Capitulo Segundo deste Livro, e chama-se de Pernambuco, que quer dizer mar furado, por respeito de huma pedra furada, por onde o mar entra, a qual está vindo da ilha de Tamaracá, e tambem se poderá assim chamar por respeito do Porto principal desta Capitania, que he o mais nomeado, e frequentado de navios que todos os mais do Brasil, ao qual se entra pela boca de hum recife de pedra tam estreita, que não cabe mais de huma náu enfiada apoz outra, e entrando desta barra, ou recife para dentro, fica logo ali hum poço, ou surgidouro, onde vem acabar de carregar as náus grandes, e nadão as pequenas carregadas de cem tonelladas, ou pouco mais, para o que está ali huma povoação de duzentos visinhos com huma freguezia do Corpo Santo, de quem são os mareantes mui devotos, e muitas vendas, e tabernas, e os passos de assucar, que são humas logeas grandes, onde se recolhem os caixões athé se embarcarem os navios.

Esta povoação, que se chama do Recife, está em oito graus huma legoa da villa de Olinda, cabeça desta Capitania, aonde se vai por mar, e por terra, porque he huma ponta de arêa como ponte, que o mar da costa, que entra pela dita boca, cinge ao Leste, e voltando pela outra parte faz hum rio estreito, que a cinge ao Loeste, pelo qual rio navegão com a maré muitos bateis, e as barcas, que levão as fazendas ao varadouro da Villa, onde está a Alfandega.

A Villa se chama de Olinda, nome que lhe poz hum Gallego, criado de Duarte Coelho, porque andando com outros por entre o mato buscando o sitio onde se edificasse, achando este, que he em hum monte alto, disse com exclamação e alegria, Olinda.

Desta Capitania fez El Rey Dom João Terceiro mercê a Duarte Coelho, pelos muitos serviços que lhe havia feito na India na tomada de Malaca, e

em outras occasiões, o qual como tinha tam valerosos, e altos espiritos, fez huma grossa armada em que se embarcou com sua molher Donna Beatriz de Albuquerque, e seu cunhado Hyeronimo de Albuquerque, e foi desembarcar no rio de Igaraçú, onde chamão os marcos, porque ali se demarcão as terras de sua Capitania com as de Tamaracá, e as mais que se derão a Pero Lopes de Souza, onde ja estava huma feitoria de El Rey pera o páu brasil, e huma fortaleza de madeira que El Rey lhe largou, e nella se recolheu, e morou alguns annos, e ali lhe nascerão seus filhos Duarte Coelho de Albuquerque, e Jorge de Albuquerque, e huma filha chamada Donna Ignez de Albuquerque, que casou com Dom Hyeronimo de Moura, e cá morrerão ambos, e hum filho, que houverão, todos tres em huma semana.

Dali deo Duarte Coelho ordem a se fazer a Villa de Igaraçú huã legoa pelo rio dentro, do qual tomou o nome, e tambem se chama a Villa de São Cosme e Damião, pela igreja matriz, que tem deste titulo, e orago, a qual he mui frequentada dos moradores da Villa de Olinda, que dista della quatro legoas, e de outras partes mais distantes, pelos muitos milagres, que o Senhor faz pelos merecimentos, e intercessão dos santos.

Esta Villa encarregou Duarte Coelho a hum homem honrado Viannez chamado Affonso Gonçalves, que já o havia accompanhado da India. Da Villa de Iguaraçú, ou dos santos Cosmos, mandou vir de Vianna seus parentes, que tinha muitos, e mui pobres, os quaes vierão logo com suas molheres, e filhos, e começarão a lavrar a terra entre os mais moradores, que já havia, plantando mantimentos, e cannas de assucar, para o qual começava já o Capitão a fazer hum engenho, e em tudo os ajudavão os Gentios, que estavão de paz, e entravão, e sahião da villa com seus resgates, ou sem elles, cada vez que querião, mas embebedando-se huma vez huns poucos se começarão a ferir, e matar de modo, que foi necessario mandar o Capitão alguns brancos com seus escravos, que os apartassem, ainda que contra o parecer dos nossos lingoas, e interpetres, que lhe disserão os deixasse brigar, e quebrar as cabeças huns aos outros; porque se lhes acodião, como sempre se receiem dos brancos, havião cuidar que os ião prender, e captivar, e se havião de pôr em resistencia, e assim foi, que logo se fizerão em hum corpo, e com a mesma furia, que huns trazião contra os outros, se tornarão todos os nossos, sem bastar vir depois o mesmo Capitão com mais gente para os acabar de aquietar, e o peior foi que alguns, que ficarão fora da bebedice, se forão logo correndo á sua aldêa appelidando arma; porque os brancos se havião ja descoberto com elles, e tinhão presos, mortos, e captivos, e feridos quantos estavão na villa, e assim o irião fazendo pelas aldêas, e para mais confirmação desta mentira levavão hum dos mortos, que era filho do principal da aldêa, com a cabeça qebrada, dizendo que por ali verião se fallavão verdade, o qual visto, e ouvido pelo principal, e pelos mais se pozerão logo em arma, e forão dar em os escravos do Capitão, que andavão no matto cortando madeira, onde matarão hum, os outros fugirão pera a

villa a contar o que se passava; e não bastou mandar-lhes o Capitão dizer que os seus proprios fizerão a briga, e se matarão huns aos outros com a bebedice, e que os brancos forão só apartal-os, e erão seus amigos; nada disto bastou, antes appellidou o principal o das outras aldêas mandando-lhes parte do escravo do Capitão, que haviam morto, para que se cevassem nella, como os da sua havião feito na outra e assim se ajuntarão infinitos, e puzerão em cerco a villa, dando-lhe muitos assaltos, e matando alguns moradores, e entre elles o Capitão Affonso Gonçalves de huma frechada, que lhe derão por hum olho, e lhe penetrou athé os miollos, o qual os da villa recolherão, e enterrarão com tanto segredo, que o não souberão os inimigos em dous annos, que durou o cerco, antes vião tanta vigia, e concerto, que parecia estar dentro algum grande Capitão, sendo que cada hum o era de si mesmo, e a necessidade de todos; porque athe as molheres vigiavão o seu quarto na fortaleza em quanto os homens dormião, e estando ellas de poste huma noite, vendo os inimigos tanto silencio, que parecia não haver ali gente, subirão alguns, e começarão a entrar pelas portinholas das peças, mas ellas, que os havião sentido subir, os estavão guardando com suas partazanas nas mãos, e quando estavão já com meio corpo dentro lhas meterão pelos peitos, e os passarão de parte a parte, e huma não contente com isso tomou hum tição, e poz fogo a huma peça com que fez fugir os outros, e expertar os nossos, que foi um feito mu heroico para molheres terem tanto silencio, e tanto animo.

O aperto maior que houve neste cerco foi o da fome; porque se não podião valler de suas roças, onde tinhão o mantimento, nem do mar para pescar, e mariscar, e se da ilha de Tamaracá os não soccorrerão pelo rio em hum barco, sem duvida morrerão todos á fome; e ainda este soccorro lhe quizerão estorvar por muitos modos, mandando ameaçar aos da ilha, que só por isto lhes irião fazer guerra, e esperando o barco, quando passava, lhe tiravão de terra muitas frechadas, pelo que era necessario ir mui bem empavezado, e comtudo sempre ferião alguns remeiros, e huma vez determinarão fazer huma armadilha com que metessem o barco no fundo com quantos hião nelle, e pera este effeito cortarão huma grande arvore, que estava em huma ponta de terra, por onde havião de ir costeando, e não a cortarão de todo, senão quanto se tinha por huma corda, para que quando passasse o barco por junto della então a largassem e deixassem cahir; mas quiz Deus que elles cahissem na armadilha, que fizerão, porque a arvore não cahio para fora, senão para a terra, e os colheo debaixo, matando, e ferindo a muitos.

Outros muitos milagres obrou Nosso Senhor em este cerco, pela intervenção do bem aventurados S. Cosme e Damião, padroeiros desta villa, que se isto não fôra não se puderão sustentar com tantas necessidades quantas padecião.

Nem Duarte Coelho os podia soccorrer, por estar tambem neste tempo em continuos assaltos do Gentio na Villa de Olinda, e lhe terem por terra todos os caminhos tomados; somente mandou levar em huns barcos as crianças, e a

mais gente, que não pudesse pelejar; porque não estorvassem, nem comessem o mantimento aos mais, que não foi pequeno accordo para aquelle tempo, athe que quiz Nosso Senhor, que os mesmos inimigos, cançados já de pelejar, se pacificarão, e tornarão a ter paz, e amizade com os brancos, com o que tornarão a fazer suas fazendas.

CAPITULO NONO

De como Duarte Coelho correo a costa da sua Capitania, fazendo guerra aos Francezes, e paz com o Gentio, e se foi para o Reyno

Não menos foi o aperto em que Duarte Coelho / como temos tocado / teve todo este tempo em a villa de Olinda, tendo-o por algumas vezes os inimigos posto em cerco em a sua torre, com muitas necessidades de fome e sede, contra quem não valião as ballas, que valerosamente atiravão de dentro, ainda que com ellas matavão muitos Gentios e Francezes: mas Deus Nosso Senhor, que excitou o animo de Raab, molher deshonesta, para que escondesse as espias de seu povo, e fosse instrumento da victoria que se alcançou contra Jerichó, a excitou tambem á filha de hum principal destes Gentios, que se havia afeiçoado a hum Vasco Fernandes de Lucena, e de quem tinha já filhos, para que fosse entre os seus, e gabando os brancos ás outras as trouxesse todas carregadas de cabaços de agoa, e mantimentos, com que os nossos se sustinhão; porque isto fazião muitas vezes, e com muito segredo, e era este Vasco Fernandes tam bem temido, e estimado entre os Gentios, que o principal se tinha por honrado em tel-o por genro, porque o tinhão por grande feiticeiro; e assim huma vez, que o cerco era mais apertado, e estavão os de dentro receiosos de os entrarem, sahio elle só fora, e lhes começou a pregar na sua lingoa brasilica, que fossem amigos dos Portuguezes, como elles o erão seus, e não dos Francezes, que os enganavão, e trazião ali para que fossem mortos, e logo fez huma risca no chão com hum bordão, que levava, dizendo-lhes que se avisassem, que nenhum passasse daquella risca pera a fortaleza, porque todos os que passassem havião de morrer, ao que o Gentio deo uma grande risada, fazendo zombaria disto, e sete ou oito indignados se forão a elle para o matarem, mas, em passando a risca, cahirão todos mortos; o que visto pelos mais levantarão o cerco, e se puzerão em fugida.

Não crera eu isto, posto que o vi escripto por pessoa, que o affirmava, se não soubera que neste proprio lugar, onde se fez a risca, defronte da torre, se edificou depois hum sumptuoso templo do Salvador, que he matriz das mais igrejas de Olinda, onde se celebrão os divinos Officios, com muita solemnidade, e assim não se ha de atribuir aos feitiços senão á Divina Providencia, que quiz com este milagre signalar o sitio, e immunidade do seu templo.

Com estas e outras victorias, alcançadas mais por milagres de Deus, que por forças humanas, cobrou Duarte Coelho tanto animo, que não se contentou de ficar na sua povoação pacifico, senão ir-se em suas embarcações pela Costa abaixo athé o rio de S. Francisco, entrando nos portos todos de sua Capitania, onde achou náus Francezas, que estavão ao resgate de páu brasil com o Gentio, e as fez despejar os portos, e tomou algumas lanças e Francezes, posto que não tanto a seu salvo, e dos seus, que não ficassem muitos feridos, e elle de huma bombardada, de que andou muito tempo maltratado, e comtudo não se quiz recolher athé não alimpar a Costa toda destes ladrões, e fazer pazes com os mais dos Indios, e isto feito se tornou pera a sua povoação com muitos escravos, que lhe derão os Indios, dos que tinhão tomados em as suas guerras, que huns la tinhão com os outros, o que fez tambem muito temido, e estimado dos circumvisinhos de Olinda, dizendo todos que aquelle homem devia ser algum diabo immortal, pois se não contentava de pelejar em sua casa com elles, e com os Francezes, mas ainda ia buscar fora com quem pelejar, e com isto mais por medo que por vontade lhe forão dando lugar para fazer hum engenho huma legoa da Villa, e seu cunhado Hyeronimo de Albuquerque outro; e os lavradores suas roças de mantimentos, e cannaviaes, a que o Gentio os vinha ajudar, e lhes trazião muitas gallinhas, caças, e fructas do matto, peixe, e mariscos a troco de anzoes, facas, fouces, e machados, que elles estimavão muito.

Fez tambem caravellões, e lanchas em que fossem resgatar com os da Costa com que tinha feito pazes, donde a troco das mesmas ferramentas, e de outras cousas de pouca valia, resgatavão muitos escravos, e escravas, de que se servião, e os casavão com outros livres, que os servião tambem como os captivos.

Vendo Duarte Coelho que a terra estava quieta, e os moradores contentes, determinou ir-se a Portugal com seus filhos, deixando o governo da Capitania a seu cunhado Hyeronimo de Albuquerque em companhia da irmãa.

O intento que o levou devia ser para requerer seus serviços, que na verdade erão grandes; e ainda que erão pera seu proveito, e de seus descendentes, aos quaes rende hoje a Capitania perto de vinte mil cruzados: muito mais erão pera ElRey, a quem só os dizimos passão cada anno de sessenta mil cruzados, fora o páu brasil, e direitos do assucar, que importão muito os desta Capitania por haver em ella cem engenhos; porem como ainda então não havia tantos, nem tanta renda, e devia estar mexiricado com ElRey, que lhe tomava a jurisdicção, quando lhe foi beijar a mão lho remocou, e o recebeo com tam pouca graça, que indo-se para casa enfermou de nojo, e morreo dahi a poucos dias; pelo que indo Affonso de Albuquerque com dó ao passo, e sabendo ElRey delle por quem o trazia, lhe disse: Peza-me ser morto Duarte Coelho, porque era muito bom cavalleiro. Esta foi a paga de seus serviços, mas mui differente a que de Deus receberia, que he só o que paga dignamente, e ainda ultra condignum, aos que o servem.

CAPITULO DECIMO

De como na absencia de Duarte Coelho ficou governando Hyeronimo de Albuquerque a Capitania de Pernambuco, e do que nella aconteceo neste tempo

Rezão tinha / se tivera prefeito uso della / o Gentio desta Capitania para não se inquietar, e inquietal-a com a absencia de Duarte Coelho, pois ficava em seu lugar sua molher Donna Beatriz de Albuquerque, que a todos tratava como filhos, e Hyeronimo de Albuquerque seu irmão, que assim por sua natural brandura, e boa condição, como por ter muitos filhos das filhas dos principaes, os tratava a elles com respeito. Mas como he gente que se leva mais por temor, que por amor, tanto que virão absente o que temião, começarão a fazer das suas, matando, e comendo a quantos brancos, e negros seus escravos encontravão pelos caminhos, e o peior era que nem por isto deixavão de lhes vir a casa com seus resgates, dizendo que elles o não fazião, senão alguns velhacos, que havião mister bem castigados.

Muito dava isto em que entender a Hyeronimo de Albuquerque por não saber que conselho tomasse, e assim chamou a elle os officiaes da Camara, e outras pessoas que o podião dar, e juntos em sua casa lhes perguntou o que faria, começou logo cada hum a dizer o que sentia, e os mais forão de parecer que os castigassem, e lhes fizessem guerra, mas não concordando em o modo della, se desfez a junta sem resolução do caso, e se foi cada hum para sua casa, só ficarão alguns, que melhor sentião, e entre elles hum chamado Vasco Fernandes de Lucena, homem grave, e muito expèrimentado nesta materia de Indios do Brasil, que lhes sabia bem a lingoa, e as tretas de que usão, o qual disse ao Governador que não era bem dar guerra a este Gentio sem primeiro averiguar quaes erão os culpados, porque não ficassem pagando os justos pelos peccadores; e que elle / se lhe dava licença / daria ordem e traça com que elles mesmos se descobrissem, e accuzassem huns aos outros, e sobre isso ficassem entre si divisos, e inimigos mortaes, que era o que mais importava; porque todo o Reyno em si diviso será assollado, e huns aos outros se destruirão sem nós lhes fazermos guerra, e quando fosse necessario fazer-lha, nos ajudariamos do bando contrario, que foi sempre o modo mais facil das guerras, que os Portuguezes fizerão no Brasil, e para isto mandasse logo ordenar muitos vinhos, e convidar os principaes das aldêas, para que os viessem beber, e no mais deixasse a elle o cargo.

Pareceo isto bem aos que ali estavão, e o Governador encommendandolhes o segredo como convinha, mandou fazer os vinhos, e elles feitos mandou chamar os principaes das aldêas dos Gentios, e tanto que vierão os mandou agasalhar pelos lingoas, ou interpretes, que o fizerão ao seu modo bebendo com elles, porque não suspeitassem ter o vinho peçonha, e o bebessem de boa

vontade, e depois que estiverão carregados, lhes disse Vasco Fernandes de Lucena que o Governador os mandava chamar porque determinava ir fazer guerra aos Tobayoyas (*Tobayáras ?*), que erão outros Gentios seus contrarios, o que não queria fazer sem sua ajuda; porem como entre elles havia alguns velhacos, como elles mesmos confessavão, que ainda em sua presença matavão, e comião os Portuguezes, e os seus escravos, que achavão pelos caminhos, se receiava que em sua absencia virião a suas casas a matar suas molheres e filhos, pelo que era necessario, antes que se partissem, saber quem erão estes para os castigar, e premiar os bons; e como elles / deve de ser pela virtude do vinho, que entre outras tem tambem esta / nunca fallão verdade, senão quando estão bebados, começarão a nomear os culpados, e sobre isto vierão ás pancadas, e frechadas, ferindo-se, e matando huns aos outros, athé que acudio o Governador Hyeronimo de Albuquerque, e os prendeo; e depois de averiguar quaes forão os homicidas dos brancos, huns mandou pôr em bocas de bombardas, e disparal-as á vista dos mais, para que os vissem voar feitos pedaços, e outros entregou aos accusadores, que os matarão em terreiros, e os comerão em confirmação da sua inimizade, e assim a tiverão dahi avante tão grande como se fora de muitos annos, e se dividirão em dous bandos, ficando os accusadores com os seus sequazes, que era o maior numero, onde dantes estavão, da Villa athé á matta do páu brasil, por onde tiverão os Portuguezes lugar de se alargarem por esta parte, e fazerem seus engenhos, e fazendas, assim na vargea de Capiguaribe, que he a melhor de toda esta Capitania, como em todo o espaço, que ha athé á villa de Iguaraçú; e a gente dos culpados, e accusadores, se passou para as mattas do Cabo de Santo Agostinho, louvando aos Portuguezes que havião feito justiça.

Porem de lá vinhão fazer tanta guerra a estoutros nossos amigos de huma grande cerca, que fizerão nos outeiros, que cercão a vargea de Capiguaribe da banda do Sul, chamados Guararapes, que foi necessario ao capitão mór Hyeronimo de Albuquerque ir dar nella com os brancos, que poude ajuntar, e mais de dez mil de estoutros Indios, que para isto se lhe offerecerão de boa vontade, e como erão tantos, e os da cerca seiscentos frecheiros, com muita confiança remetterão a ella, e a acommetterão por todas as partes, parecendo-lhes que já a tinhão ganhada, mas os de dentro, como andavão mais resguardados, se defenderão, e os offenderão de modo matando e ferindo tantos, que foi forçado aos capitães, depois de muitas horas de peleja, mandal-os recolher para huma caicára, ou cerca de rama, que fizerão vinte e cinco braças afastada da dos contrarios, e houve toda aquella noite grande jogo de pulhas, e bravatas de parte a parte, como costumão: dizendo todavia os contrarios sempre que não o havião com os brancos, antes querião sua amizade, senão com os Indios, e assim o mostrarão o dia seguinte, porque estando os nossos Portuguezes, e Indios muito descuidados, cuidando que não os virião buscar, elles com hum soccorro de duzentos frecheiros, que lhes veio

de outra aldêa, sahirão com tanta pressa, e os commetterão com tanta furia, que a muitos não derão lugar para tomar armas, e sem ellas, e sem ordem alguma lançarão a fugir, tirado o capitão mor Hyeronimo de Albuquerque, que se foi retirando com os Portuguezes ordenadamente, mas não tanto a seu salvo que lhe não quebrassem hum olho com huma frecha em aquella primeira remettida, que depois não quizerão seguil-os senão aos negros, que ião fugindo, nos quaes fizerão grande destruição, e matança, de que depois se vingarão indo com Duarte Coelho de Albuquerque, que por morte de seu Pae veio com seu irmão Jorge de Albuquerque a governar esta sua Capitania, e foi dar guerra a este Gentio do Cabo, como a seu tempo contaremos.

CAPITULO DECIMO PRIMEIRO

Da capitania de Tamaracá

Já dissemos em o Capitulo segundo como Pero Lopes de Souza não tomou as cincoenta legoas de terra, de que ElRey lhe fez mercê, todas juntas, senão repartidas, vinte e cinco da Capitania de São Vicente pera o Sul, e outras vinte e cinco da Capitania de Pernambuco pera o Norte, a que chamão de Tamaracá por respeito de huma ilha assim chamada, na qual está situada a Villa da Conceição com huma igreja matriz do mesmo titulo, e outra da Santa Misericordia.

A Ilha tem duas legoas de comprido, ou pouco mais, ao redor della vem desembocar cinco rios, dos quaes, o de Igaraçú, que demarca, e extrema esta Capitania da de Pernambuco, e está em sete gráus e hum terço, alaga da ilha da parte do Sul, onde está a dita Villa, e o Porto dos Navios, os quaes para entrarem tem por balisa, e signal humas barreiras vermelhas, com as quaes pondo-se Nordeste Sudoeste entrão pela barra á vontade. Outra barra tem a ilha á parte do Norte, pela qual entrão caravellões da Costa.

Os outros rios que da terra firme vem desembocar ao redor desta ilha são os de Araripe, Tapirema, Tujucupapo, e Gueena, nos quaes ha mui bons engenhos de assucar, principalmente em este ultimo de Gueena, onde está outra freguezia.

Em esta ilha de Tamaracá tinhão os Francezes feito huma fortaleza com hum presidio de mais de cem soldados, com muitas munições, e artilharia, onde se recolhia a gente dos seus navios quando vinhão a carregar de páu brasil, que os Gentios lhe cortavão, e acarretavão aos hombros a troco de ferramenta, e outros resgastes de pouca valia, que lhes davão, como tambem lhes trazião a troco dos mesmos muito algodão, e fiado, e redes feitas em que dormem, bugios, papagaios, pimenta, e outras cousas que a terra dá, que para os Francezes era de muito ganho, e por esta causa assim neste porto como em os mais do Brasil commerciavão com o Gentio, e os alteravão contra os Portuguezes, induzindo-os que os não consentissem povoar, antes

os matassem, e comessem, porque o mesmo vinhão elles a fazer, o qual sabido por ElRey Dom João Terceiro, ordenou huma armada mui bem provida de todo o necessario, e mandou nella por capitão mór Pero Lopes de Souza, pera que viesse primeiramente a esta ilha, e daqui a todos os mais portos, e lançasse delle todos os Francezes que achasse, e destruisse suas fortalezas e feitorias, levantando outras, donde lhe carregassem o páu brasil por sua conta, porque esta era a droga que tomava pera si.

Esta armada partio de Lisboa, e navegou prosperamente athé avistar a ilha de Tamaracá a tempo que havia della sahido huma náu Franceza carregada para França, a qual cuidou fugir-lhe, mas mandou atrás della huma caravella muito ligeira, e por capitão della hum João Gonçalves, homem de sua casa, de cujo esforço tinha muita confiança, pela experiencia que delle tinha de outras armadas em que o accompanhou contra os corsarios na costa de Portugal e de Castella; e como a caravella era hum pensamento, e a náu Franceza sobrecarregada, posto que alojou muita parte da carga do páu brasil, emfim foi alcançada, e querendo se pôr em defeza lhe tirarão da nossa com hum pelouro de cadêa, que a colheo de prôa a popa, e a desenxarceou de huma banda, e lhe matou alguns homens, com o que se renderão os mais, que erão trinta e cinco entre grandes e pequenos, e a náu com oito peças de artilharia, com a qual preza se tornou o capitão João Gonçalves, havendo já vinte e sete dias que o capitão mór estava na ilha, onde teve informação de outra náu que vinha de França com munições e resgates aos Francezes, e a mandou esperar por outras duas caravellas, de que forão por capitães Alvaro Nunes de Andrada, homem fidalgo, galezo, da geração dos Andradas, e Gambôas, e Sebastião Gonçalves Arvellos, os quaes a tomarão, e entrarão com ella na mesma maré em que João Gonçalves entrou com a outra, com que os Francezes da fortaleza começarão a enfraquecer, e desmaiar, e muito mais porque se lhe levantou hum levantisco, e alguns Portuguezes que elles tinhão tomado, e andavão entre os Gentios, os quaes, como lhes sabião fallar já a lingoa, os amotinarão contra os Francezes de tal modo, que se Pero Lopes de Souza lho não prohibira, quizerão logo matal-os, e comel-os, que tão variavel he o Gentio, e amigo de novidades; e assim vierão logo os principaes offerecer-se a Pero Lopes de Souza para isto, e para tudo o mais que lhes mandasse; o qual os recebeo benignamente, e lhes disse que não fizessem o mal aos Francezes, porque todos erão irmãos, nem elle lho havia de fazer, se lhe não resistissem, antes muitos beneficios, e favores; sabido isto pelos Francezes / que logo lhe forão dizer / lhe mandou o seu capitão offerecer que fosse tomar entrega da fortaleza, e delles, que todos querião ser seus prisioneiros, e captivos, e só pedião mercê das vidas, e assim se fez; não esperando o capitão da fortaleza que Pero Lopes de Souza chegasse a ella, mas ao caminho lhe trouxe as chaves, e lhas entregou com todos os seus soldados desarmados, elle lhes mandou entregar a sua roupa, e despejada a for-

taleza da artilharia, e do mais que tinha a mandou arrasar, fazendo outra mais forte na povoação, e outra nos marcos, para resguardo da Feitoria delRey, que depois sua Alteza deo a Duarte Coelho, onde logo se tratou de fazer muito páu para a carga dos navios: e em quanto estas cousas se fazião succedeo huma noite, que estando o capitão mór com a candêa, e janella aberta lhe tirarão de fora com duas frechas, das quaes huma lhe foi tocando com as pennas pelo roupão, e ambas se forão pregar em humas rodellas, que estavão defronte na parede, o qual suspeitando nos Francezes, mandou pela manhã que os enforcassem todos, e começando-se a fazer execução, vendo dous que elle havia tomado pera a fortaleza por serem bombardeiros, que os mais erão innocentes, disserão em altas vozes que elles erão os culpados, que lhe havião atirado cuidando de o acertarem, e nenhum daqueloutros tinha culpa; pelo que mandou soestar a execução nelles, e enforcar a estoutros, mas estavão muitos enforcados, e cá se consumirão todos, com que os Gentios ficarão estimando mais os Portuguezes, e os começarão a ajudar a fazer suas roças e fazendas, e a cortar e trazer o páu, que se havia de carregar nos navios de ElRey, o que tudo se lhes pagava muito a seu gosto.

Carregados os navios da armada que o capitão havia trazido para este effeito se partirão para o Reyno, e elle nos outros foi correr a Costa, como ElRey lhe mandava, onde entrou em muitos portos, e queimou algumas náus Francezas que achou, mas os Francezes lhe fugirão pela terra dentro com os Gentios, donde depois nos fizerão muito mal.

Ultimamente chegou a São Vicente, onde achou a seu irmão mais velho, Martim Affonso de Souza, fortificando, e povoando a sua Capitania, e dando ordem a se povoar, e fortificar tambem a sua de São Vicente pera o Sul, se tornou a esta de Tamaracá, e achando boa informação de hum Francisco de Braga, grande lingoa do Brasil, que havia deixado em seu lugar, o tornou a deixar com todos os seus poderes, e se tornou a Portugal a dar conta a ElRey do que tinha feito, donde foi por capitão mór de quatro náus para a India o anno de mil quinhentos trinta e nove, e á tornada para o Reyno se sumio a náu em que vinha, sem nunca mais apparecer, nem cousa alguma della.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

Do que aconteceo na Capitania de Tamaracá depois que della se foi o Donatario Pero Lopes de Souza

Como o capitão Fracisco de Braga sabia fallar a lingoa do Gentio, e era tam conhecido entre elles, não fazião senão o que elle queria, e lhes mandava, e assim se hia esta Capitania povoando com muita facilidade, mas chegou neste tempo Dnarte Coelho a povoar a sua, e como fez a povoação nos marcos, foi a muita visinhança causa de terem algumas differenças, por fim das quaes lhe mandou Duarte Coelho dar huma cutilada pelo rosto, e o

capitão vendo que não podia vingar, se embarcou para as Indias de Castella, levando tudo o que poude; pelo que ficou a Capitania desbaratada, perdida, como corpo sem cabeça, e muito mais por chegarem neste tempo novas que era morto Pero Lopes de Souza, vindo da India, onde ElRey o mandou por capitão mór das náus. Mas sua molher Donna Isabel de Gambôa mandou logo aprestar hum pataxo em que viesse o capitão João Gonçalves, que ja havia estado com seu marido, e se partisse á pressa, sem esperar por outros tres navios, que se ficavão negociando; e assim se partio; porem os que partirão derradeiro chegarão, e o primeiro arribou ás Antilhas, e foi dar á costa na ilha de Santo Domingo, com os mastos quebrados, posto que se salvou a gente.

Vendo Pedro Vogado, que assim se chamava o capitão mór dos tres navios, que não era chegado o capitão João Gonçalves á ilha, os carregou logo de páu brasil, e os tornou a mandar, avisando a Donna Isabel do que passava, e de como elle ficava entretanto governando. A qual, em vez de o mandar continuar porque o fazia mui honradamente, mandou outro capitão, que mais era pera governar huma barca, e assim se embarcou, e foi por essas Capitanias abaixo / como fez o Braga /, deixando esta em termos de se acabar de despovoar, se não fôra hum morador honrado chamado Miguel Alvares de Paiva, o qual levantarão por capitão, porque nunca se quiz sahir da ilha, antes teve mão nos outros, que se não fossem nem mandassem suas molheres, e filhos, como alguns querião, com medo dos Gentios, que neste tempo tinhão cercada a Villa de Iguaraçú, e os ameaçavão que lhes havião de fazer o mesmo; este capitão era o que soccorria os do cerco com os barcos do mantimento, como dissemos no Capitulo nono, e trazia outros entre a ilha e a terra firme com soldados e armas, pera que estorvassem ao inimigo a passagem, athé que finalmente se quietaram, e chegou o capitão João Gonçalves das Antilhas, cuja vinda foi muito festejada, e os Gentios lhe tinhão muito respeito, por verem que assim lho tinha Pero Lopes de Souza, quando cá esteve, e assim não lhe chamavão senão o capitão velho, e pae de Pero Lopes: e na verdade elle o parecia no zelo com que o servia, e procurava o augmento desta sua Capitania, não consentindo que aos Indios se fizesse algum aggravo, mas cariciando a todos, com que elles andavão tam contentes, e domesticos, que de sua livre vontade se offerecião a servir os brancos, e lhes cultivavão as terras de graça, ou por pouco mais de nada, principalmente hum anno que houve de muita fome na Parahiba, donde só pelo comer se vinhão meter por suas casas a servil-os; e assim não havia branco, por pobre que fosse nesta Capitania, que não tivesse vinte ou trinta negros destes, de que se servião como de captivos, e os ricos tinhão aldêas inteiras.

Pois que direi dos resgates, que fazião, donde por huma foice, por huma faca, ou hum pente trazião cargas de gallinhas, bugios, papagaios, mel, cera, fio de algodão, e quanto os pobres tinhão.

Durou esta era, a que ainda hoje os moradores antigos chamão dourada, emquanto viveo o capitão velho, mas depois que morreo vierão outros a destruir quanto estava feito, fazendo, e consentindo fazerem-se tantas vexações e aggravos aos pobres Gentios em suas proprias terras, e aldêas, que se começarão a inquietar e rebellar, e os que pela nossa paz e amizade se afastavão dos Francezes, e senão erão alguns da beira mar, os outros do sertão de nenhuma maneira os admittião entre si, nem querião seu commercio; depois huns e outros se liarão com elles, e nos fizerão tam grandes guerras, quanto os moradores desta Capitania o sentirão em suas pessoas e fazendas, e não menos o donatario, que todo este tempo recebeo della perdas sem proveito, e emfim lhe veio a custar tomar-lhe ElRey hum grande pedaço della, que he grande parte da Parahiba, por havel-a conquistado, e libertado do poder dos inimigos á custa da sua fazenda, e de seus vassallos, como em o Livro Quarto veremos.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

Da terra, e Capitania, que ElRey Dom João Terceiro doou a João de Barros

No fim das vinte e cinco legoas da terra da Capitania de Tamaracá, que ElRey doou a Pero Lopes de Souza, doou, e fez mercê a João de Barros, Feitor, que foi da casa da India, de cincoenta legoas por costa; o qual cuidando de se approveitar a si e a seus amigos, armou com Fernand'Alvares de Andrade, Thesoureiro mór do Reyno, e Ayres da Cunha, que veio por capitão da empreza, mandando com elle dous filhos seus em huma frota de dez navios, em que vinhão novecentos homens, e com todo o necessario pera a jornada, e pera a povoação que vinhão fazer, se partirão de Lisboa no anno de mil quinhentos trinta e cinco; mas desgarrando-se com as agoas e ventos forão tomar terra junto do Maranhão, onde se perderão nos baixos.

Deste naufragio escapou muita gente, com a qual os filhos de João de Barros se recolherão a huma ilha, que então se chamava das Vaccas, e agora de São Luiz, donde fizerão pazes com o Gentio Tapuya, que então ali habitava, resgatando mantimentos, e outras cousas, que lhes erão necessarias: e chegou o tracto e amizade a tanto que alguns houverão filhos das Tapuyas, como se descobrio depois que crescerão, não só porque barbarão, e barbão ainda hoje todos os seus descendentes, como seus paes e avós, senão pelo amor que tem aos Portuguezes em tanta maneira, que nunca jamais quizerão paz com os outros Gentios, nem com os Francezes, dizendo que aquelles não erão verdadeiros Perós / que assim chamão aos Portuguezes, parece por respeito de algum que se chamava Pedro / e todavia quando na era de seis centos e quatorze entrarão os nossos

no Maranhão, logo os vierão ver, e fazer pazes com elles, dizendo que estes erão os seus Perós desejados, de que elles descendião.

Donde se collige que não era o Maranhão a terra, que ElRey deo a João de Barros, como alguns cuidão, senão estoutra, que demarca pela Parahiba com a de Pero Lopes de Souza; porque se fora a do Maranhão, havendo seus filhos escapado do naufragio, e chegado á do Maranhão com quasi toda a sua gente, e achando a da terra tam benevola, e pacifica, que causa havia para que a não povoassem?

Prova-se tambem porque todas as que se derão em aquelle tempo forão contiguas humas com outras, e os donatarios hereos huns dos outros pela ordem que vimos nos Capitulos precedentes.

E finalmente se confirma, porque a do Maranhão foi dada a Luiz de Mello da Silva, que a descobrio, como se verá em o Capitulo seguinte, e não devia ElRey de dar a hum, o que tinha dado a outro.

Nem o mesmo João de Barros, em a primeira Decada, Livro sexto, Capitulo primeiro, onde falla da sua Capitania, faz menção do Maranhão, mas só diz que da repartição que ElRey Dom João Terceiro fez das Capitanias na Provincia de Santa Cruz, que cummummente se chama do Brasil, lhe coube huma, a qual lhe custou muita substancia de fazenda por razão de huma armada, que fez em companhia de Ayres da Cunha et cetera, que he a armada / como temos dito / que arribou, e se foi perder no Maranhão, e dahi mandou depois em outros navios buscar seus filhos, donde ficou tam pobre, e individado, que não poude mais povoar a sua terra, a qual já agora he de Sua Magestade, por cujo mandado depois se conquistou, e se ganhou ao Gentio Potiguar á custa de sua Real Fazenda.

CAPITULO DECIMO QUARTO

Da terra, e Capitania do Maranhão, que El Rey Dom João Terceiro doou a Luiz de Mello da Silva

O Maranhão he huma grande bahia, que fez o mar, cuja boca se abre ao Norte em dous graus e hum quarto da linha para o Sul, entre a ponta do Perehá, que lhe fica a Leste, e a do Cumá a Oeste, tem no meio a ilha de S. Luiz, que he de vinte legoas de comprido, e sete ou oito de largo, onde esteve Ayres da Cunha, quando se perdeo com a sua armada, e os filhos de João de Barros, como dissemos no Capitulo precedente. A qual ilha sahe desta bahia como lingoa com a ponta de Arassoagi ao Norte, onde tem a boca. Dentro tem outras muitas ilhas, das quaes a maior he de seis legoas. Desagoão nesta bahia cinco rios caudelosos, e todos navegaveis, que são o Monim, o Itapucurú, o

Mearim, o Pinaré, que dizem nasce muito perto do Perú, e o Maracú, que se deriva por muitos, e mui espaçosos lagos.

Todos estes rios têm bonissimas agoas, e pescados, excellentes terras, muitas madeiras, muitas fructas, muitas caças, e por isto muito povoadas de Gentios.

No tempo que se começou a descobrir o Brasil, veio Luiz de Mello da Silva, filho do Alcayde mor de Elvas, como aventureiro, em huma caravella a correr esta costa, para descobrir alguma boa Capitania, que pedir a El Rey, e não podendo passar de Pernambuco desgarrou com o tempo e agoas, e se foi entrar no Maranhão, do qual se contentou muito, e tomou lingoa do Gentio, e depois na Margarita de alguns soldados que havião ficado da companhia de Francisco de Orelhana, que como testemunhas de vista muito lha gabarão, e prometerão muitos haveres de ouro, e prata pela terra dentro, do que movido Luiz de Mello se foi a Portugal pedir a ElRey aquella Capitania para a conquistar e povoar, e sendo-lhe concedida, se fez prestes em a Cidade de Lisboa, e partio della em tres náus e duas caravellas, com que chegando ao Maranhão se perdeo nos esparceis e baixos da barra, e morreo a maior parte da gente que levava, escapando só elle com alguns em huma caravella, que ficou fora do perigo, e dezoito homens em hum batel, que foi ter á Ilha de Santo Domingo, dos quaes foi hum meu Pae, que Nosso Senhor tenha em sua gloria, o qual sendo moço, por fugir de huma madrasta, e ser Alemtejano, como o capitão, da geração dos Palhas, e com pouco gráu para sustentar a vida, se embarcou então para o Maranhão, e depois para esta Bahia, onde se casou, e me houve, e a outros filhos, e filhas.

Depois de Luiz de Mello ser em Portugal se passou á India, onde obrou valerosos feitos, e vindo-se para o Reyno muito rico, e com tenção de tornar a esta empreza, acabou na viagem em a náu São Francisco, que desappareceo sem se saber mais novas della ; nem houve quem tratasse mais do Maranhão ; o que visto pelos Francezes, lançarão mão delle, como veremos em o Livro Quinto.

Mas hão se aqui por fim deste de advertir duas cousas : a primeira que não guardei nelle a ordem de tempo e antiguidade das Capitanias, e povoações, senão a do sitio, e contiguação de humas com outras começando do Sul pera o Norte, o que não farei nos seguintes livros, em que seguirei a ordem dos tempos, e successão das cousas. A segunda, que não tratei das do Rio de Janeiro, Serigipe, Paraiba, e outras, porque estas se conquistarão depois, e povoarão por conta delRey, por ordem de seus capitães, e governadores geraes, e terão seu lugar quando tratarmos delles em os Livros seguintes.

LIVRO TERCEIRO

DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU THOMÉ DE SOUZA

ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR MANOEL TELLES BARRETO

CAPITULO PRIMEIRO

De como ElRey mandou outra vez povoar a Bahia por Thomé de Souza, Governador Geral da Bahia

Depois que ElRey soube da morte de Francisco Pereira Coutinho, e da fertilidade da terra da Bahia, bons ares, boas agoas, e outras qualidades que tinha para ser povoada; e juntamente estar no meio das outras Capitanias, determinou povoal-a e fazer nella huma Cidade, que fosse como coração no meio do corpo, donde todas se soccorressem, e fossem governadas. Para o que mandou fazer huma grande armada, provida de todo o necessario para a empreza, e por Capitão mór Thomé de Souza, do seu Conselho, com titulo de Governador de todo o Estado do Brasil, dando-lhe grande alçada de poderes, e regimento, em que quebrou os que tinha concedido a todos os outros Capitães proprietarios, por no civel e crime lhes ter dado demasiada alçada, como vimos no Capitulo Segundo do Livro Segundo; mandando que no crime nenhuma tenhão, sem que deem appellação para o Ouvidor Geral deste Estado, e no civel vinte mil reis somente; e que o dito Ouvidor Geral possa entrar por suas terras por correição, e ouvir nellas de aucões novas e velhas, o que não fazião dantes, e pera isto lhe deu por ajudadores o Doutor Pero Borges, Corregedor que fôra de Elvas, pera servir de Ouvidor Geral; Antonio Cardoso de Barros pera Provedor Mór da Fazenda, e Diogo Moniz Barreto pera Alcayde mór da Cidade, que edificasse; com os quaes, e com alguns creados delRey, que vinhão providos em outros cargos, e seis Padres da Companhia pera doutrinar, e converter o Gentio, e outros Sacerdotes, e seculares, partio de Lisboa a dous de Fevereiro de mil quinhentos e quarenta e nove, trazendo mais alguns homens casados, e mil de peleja, em que entravão quatrocentos degradados.

Com toda esta gente chegou á Bahia a vinte e nove de Março do mesmo anno, e desembarcou na Villa Velha, que Francisco Pereira deixou edificada logo á entrada da barra, onde achou a Diogo Alvares Caramurú, de quem disse

no Setimo Capitulo do Livro Segundo que foi livre da morte pela filha de hum Indio principal, que delle se namorou, a qual embarcando-se elle depois, fugido em hum navio Francez, que aqui veio carregar de páu, e indo já o navio á vella, se foy a nado embarcar com elle, e chegando á França, baptizando-se ella, e chamando-se Luiza Alvares, se casarão ambos, e depois os tornarão a trazer os Francezes em o mesmo navio, promettendo-lhes elle de lho fazer carregar por seus cunhados.

Porem chegando á Bahia, e ancorando no rio de Paraguassú, junto á Ilha dos Francezes, lhes mandou huma noite cortar a amarra, com que derão á costa, e despojados de quanto trazião, forão todos mortos, e comidos do Gentio, dizendo-lhes Luiza Alvares, sua parenta, que aquelles erão inimigos, e só seu marido era amigo, e como tal tornava a buscal-os, e queria viver entre elles, como de feito viveo athe a vinda de Thomé de Souza, e depois muitos annos, e a ella alcancei eu, morto já o marido, viuva mui honrada, amiga de fazer esmollas aos pobres, e outras obras de piedade.

E assim fez junto a Villa Velha em hum aprazivel sitio huma ermida de Nossa Senhora da Graça, e impetrou do Summo Pontifice indulgencias pera os romeiros, dos quaes he mui frequentada.

Esta capella ou administração della doou aos Padres de São Bento, que ali vão todos os sabbados cantar huma missa.

Morreo muito velha, e vio em sua vida todas suas filhas, e algumas netas casadas com os principaes Portuguezes da terra, e bem o merecião tambem por parte de seu progenitor Diogo Alvares Caramurú, por cujo respeito fiz esta digressão; pois este foi o que conservou a posse da terra tantos annos, e por seu meio fez o Governador Thomé de Souza pazes com o Gentio, e os fez servir aos brancos, e assim edificou, povoou, e fortificou a Cidade, que chamou do Salvador, onde ella hoje está, que he meia legoa da barra para dentro, por ser aqui o porto mais quieto, e abrigado pera os navios: onde ouvi dizer a homens do seu tempo / que ainda alcancei alguns / que elle era o primeiro que lançava mão do pilão pera os taipaes, e ajudava a levar a seus hombros os caibros, e madeiras pera as casas, mostrando-se a todos companheiro, e affavel / parte mui necessaria nos que governão novas povoações |; com isto folgavão todos de trabalhar, e exercitar cada hum as habilidades, que tinha, dando-se huns á agricultura, outros a criar gado, e a toda a mecanica, ainda que a não tivessem aprendida, com o que foi a terra em grande crescimento, e muito mais com a ajuda de custa, que ElRey fazia com tanta liberalidade, que se affirma no triennio deste Governador gastar de sua Real Fazenda mais de tresentos mil cruzados em soldos, ordenados de ministros, edificios da Sé, e casa dos Padres da Companhia, ornamentos, sinos, artilharia, gados, roupas, e outras cousas necessarias, o que fazia não tanto pelo interesse, que esperava de seus direitos, e dos dizimos, de que o Summo Pontifice lhe fez concessão com obrigação de

prover as igrejas, e seus ministros, quanto pelo gosto, que tinha de augmentar este Estado, e fazer delle hum grande Imperio, como elle dizia.

Nem se deixou então de praticar, que se alguma hora acontecesse / o que Deus não permita / ser Portugal entrado, e possuido de inimigos estrangeiros, como ha acontecido em outros Reynos, de sorte que fosse forçado passar-se ElRey com seus Portuguezes a outra terra, a nenhuma o podia melhor fazer, que a esta: porque passar-se as Ilhas / como dizião, e fez o Senhor Dom Antonio, pertendente do Reyno, no anno do Senhor de mil quinhentos e oitenta /, alem de serem mui pequenas, estão tam perto de Portugal que lhe irião os inimigos no alcance, e antes de se poderem reparar darião sobre elles.

A India, ainda que he grande, he tam longe, e a navegação tão perigosa, que era perder a esperança de poder tornar, e recuperar o Reyno. Porem o Brasil, com ser grande fica em tal distancia, e tão facil a navegação, que com muita facilidade pode ca vir, e tornar quando quizerem, ou ficar-se de morada, pois a gente que cabe em menos cem legoas de terra, que tem todo Portugal, bem cabera em mais de mil, que tem o Brasil, e seria este hum grande Reyno, tendo gente, porque adonde ha as abelhas ha o mel, e mais quando não só das flores, mas das hervas e cannas se colhe mel e assucar, que de outros Reynos estranhos virião cá buscar com a mesma facilidade a troco das suas mercadorias, que cá não ha; e da mesma maneira as drogas da India, que daqui fica mais visinha, e a viagem mais breve e facil, pois a Portugal não vão buscar outras cousas senão estas, que pão, pannos, e outras cousas semelhantes não lhe faltão em suas terras; mas toda esta reputação, e estima do Brasil se acabou com ElRey Dom João, que o estimava e reputava.

CAPITULO SEGUNDO

De outras duas armadas, que ElRey mandou com gente e provimento pera a Bahia

Logo em o anno seguinte de mil quinhentos e cincoenta mandou ElRey outra armada com muita gente e provimento, e por Capitão Mór della Simão da Gama d'Andrade, em o galeão velho muito afamado; foi este fidalgo em esta Cidade grande republico, e dahi a muitos annos morreo nella de herpes, que lhe derão em huma perna, deixando huma capella perpetua de Missas na igreja da Misericordia, onde está sepultado com hum epitafio, que diz assim:

Pela summa charidade
de Christo Crucificado,
está aqui sepultado
Simão da Gama dandrade
pera ser resuscitado.

Nesta armada veio o Bispo Dom Pedro Fernandes Sardinha, pessoa de muita autoridade e exemplo, e extremado pregador, e trouxe em sua companhia quatro Sacerdotes da Companhia de Jesus pera ajudarem os seis, que já cá estavão, na doutrina, e conversão do Gentio, e outros clerigos, e ornamentos pera a sua Sé.

O anno seguinte de mil quinhentos cincoenta e hum, mandou ElRey outra armada, e por Capitão Mór della Antonio de Oliveira Carvalhal pera Alcayde Mór de Villa Velha, com muitas donzellas da Raynha Donna Catharina, e do Mosteiro das Orphãs, encarregadas ao Governador pera que as casasse, como o fez, com homens a que deu officios da Republica, e algumas dotou de sua propria Fazenda.

Era Thomé de Souza homem muito avisado e prudente, e muito experimentado nas guerras da Africa e da India, onde estivera, tinha mostrado valoroso cavalleiro, mas estava isto cá tam em agro, e enfadava-se de labutar com degradados, vendo que não erão como o pecego, «pomo que da Patria Persia veio melhor tornado no terreno alheio,» que pedio com muita instancia por muitas vezes a ElRey que lhe desse licença pera se tornar ao Reyno, comtudo he muito pera notar hum dito, que / entre outros que tinha mui galantes / disse quando lhe veio a licença.

He costume nesta Bahia ir o meirinho do mar quando entrão os navios, e trazer a nova ao Governador donde são, e do que trazem; como pois fosse em aquella occasião, e achasse que vinha successor ao Governador, tornou-se mui alegre a pedir-lhe alviçaras, porque já erão compridos seus desejos, e estava no porto novo Governador, respondeo-lhe elle depois de estar hum pouco suspenso: Vedes isso, meirinho, verdade he que eu o desejava muito, e me crescia a agoa na boca quando cuidava em ir pera Portugal, mas não sei que he que agora se me secca a boca de tal modo, que quero cuspir, e não posso. Não deo o meirinho reposta a isto, nem eu a dou, porque os leitores dêm a que lhes parecer.

CAPITULO TERCEIRO

Do segundo Governador Geral, que ElRey mandou ao Brasil

Movido ElRey dos rogos e importunações do Governador Thomé de Souza, acabado o triennio do seu governo, lhe mandou por successor Dom Duarte da Costa, o qual se embarcou, e partio de Lisboa no anno de mil quinhentos cincoenta e tres a oito do mez de Maio, trazendo em sua companhia seu filho Dom Alvaro, e o Padre Luiz da Grã, que havia sido Reitor em o Collegio de Coimbra, e mais dous Padres Sacerdotes, e quatro Irmãos da Companhia, hum dos quaes era Joseph de Ancheta, que depois foi cá seu Provincial, e se pode chamar Apostolo do Brasil, pelas obras e milagres, que nelle fez, como o Padre São Francisco Xavier se chamou da India.

O Governador tanto que chegou trabalhou muito por fortificar e defender esta nova Cidade da Bahia contra os barbaros Gentios, que se levantarão, e commetterão grandes insultos, que elle emendava dissimulando alguns com prudencia, e castigando outros com armas, matando-os, e captivando-os em guerras, que lhes fez, de que era capitão seu filho Dom Alvaro da Costa, o qual em todas se houve valorosamente. Nem ElRey o deixou de favorecer em todo o seu tempo com armadas de muitos soldados, e moradores.

Ajudavão tambem o Bispo D. Pedro Fernandes, trabalhando sem cessar na conversão das almas, na ordem do Culto Divino, administração dos Sacramentos, e em tudo mais tocante ao espirito, que ElRey não menos pertendia, e encommendava que o temporal.

Porem o Demonio perturbador da paz a começou a perturbar de modo entre estas cabeças ecclesiastica, e secular, e houve entre elles tantas differenças que foi necessario ao Bispo embarcar-se pera o Reyno com suas riquezas, aonde não chegou por se perder a náu, em que ia, no rio Cururuipe, seis legoas do de S. Francisco, com toda a mais gente que nella ia, que era Antonio Cardoso de Barros, que fôra Provedor Mór, e dous Conegos, duas molheres honradas, muitos homens nobres, e outra muita gente, que por todos erão mais de cem pessoas, os quaes, posto que escaparão do naufragio com vida, não escaparão da mão do Gentio Cayté, que naquelle tempo senhoreava aquella costa, o qual depois de roubados, e despidos, os prenderão, e atarão com cordas, e poucos a poucos os forão matando, e comendo, senão a dous Indios, que ião desta Bahia, e hum Portuguez, que sabia a lingoa.

Não sei se deo isto animo aos mais Governadores pera depois continuarem differenças com os Bispos, de que tratarei em seus lugares, e por ventura os culparei mais, porque tenho noticia das razões, ou para melhor dizer sem razões de suas differenças, o que não posso neste caso sem ser notado de murmurador, pois não sei a causa, que tiveram, sómente direi o que ouvi a pessoas, que caminhão desta Bahia pera Pernambuco, e passão junto ao lugar donde o Bispo foi morto / porque por ali he o caminho / que nunca mais se cobrio de herva, estando todo o mais campo coberto della, e de mato, como que está o seu sangue chamando a Deus da terra contra quem o derramou ; e assim o ouvio Deus, que depois se foi desta Bahia dar guerra áquelle Gentio, e se tomou delle vingança, como ao diante veremos.

CAPITULO QUARTO

De huma náu da India, que arribou a esta Bahia no tempo do Governador Dom Duarte da Costa

No segundo anno do Governador Dom Duarte da Costa, que foi o do Senhor de mil quinhentos cincoenta e cinco, em o mez de Maio, arribou a esta Bahia, por falta de agoa, a náu São Paulo, que ia pera a India em compa-

nhia de outras quatro, das quaes todas ia por Capitão Mór Dom João de Menezes de Sequeira, e por Capitão desta arribada Antonio Fernandes, que era senhor della ; vinhão em esta náu muitos doentes, os quaes o Governador mandou recolher no Hospital, e aos sãos ordenou darem lhes mesa cinco mezes que aqui estiverão, por se tomar parecer entre os officiaes da náu, e outros da terra / presente o Governador, e Dom Antonio de Noronha, o catarraz, que ia servir á Capitania de Diu / e assentarão todos que, se partisse em Outubro poderia passar á India, como aconteceo, e em menos de quatro mezes chegou a Cochim, onde ainda achou a náu Capitania, de que era Capitão Dom João de Menezes, e o dia seguinte deo á vella pera Goa muito contente por levar novas daquella náu, que já se tinha por perdida, ainda que mui descontente com outras que levava da morte do inclito Infante Dom Luiz, Duque de Beja, e Condestable de Portugal, Senhor de Serpa, Moura, Cavilhão, e Almada, e Governador do Priorado de Crato, que falleceo este anno de mil quinhentos cincoenta e cinco, o qual, entre outras muitas virtudes, e excellencias, de que foi adornado, principalmente teve duas, zelo da Religião Christã e sciencia da arte militar, e ainda que em seu tempo se moverão poucas guerras, em que elle se pudesse achar, sabendo que o Imperador Carlos Quinto, seu cunhado, passava a Africa, se foi pera elle sem licença alguma, nem companhia, por saber que o havia ElRey seu irmão de negar, como já em outras occasiões o havia feito, ao que todavia ElRey acudio logo dando licença a alguns fidalgos, que o seguissem, e mandando a huma armada sua, que já lá estava, lhe obedecesse, de que era Capitão Antonio de Saldanha, e para todo o dinheiro que gastasse lhe mandou grande credito, e por esta via se achou com formosa cavallaria de nobreza de seu Reyno acompanhado, em ajuda do Invictissimo Imperador na conquista da Goleta, e de Tunes, que por seu conselho se conquistou contra o parecer de muitos Capitães mais antigos, e experimentados, que o contrario dizião.

Mas o nosso Infante, não podendo soffrer que no exercito onde elle se achava se enxergasse ponto algum de cobardia, tanto insistio neste seu parecer que o Imperador deixou de levantar o cerco, como determinava pelo conselho dos outros, e o mandou proseguir como o Infante dizia, o qual militando debaixo da bandeira do Imperador, se mostrou soldado digno de tal Capitão, e elle se havia por bem afortunado da milicia de tal soldado, parecendo-lhe que no Conselho tinha hum Nestor, e no Exercito hum Achiles; era aos estrangeiros benigno, aos naturaes affavel, e com todos geralmente liberalissimo, pelo que de todos era amado, e de todos louvado.

Nunca casou nem teve filhos, mais que hum natural, que foi o Senhor Dom Antonio, o qual, por não ser legitimo, não foi Rey de Portugal, posto que em algumas partes do Reyno chegou a ser levantado por Rey.

Tambem este mesmo anno de mil quinhentos cincoenta e cinco se recolheo o Imperador Carlos Quinto á Religião no Convento de S. Hyeronimo

de Juste, por ser lugar sadio, e accommodado a quem larga o Governo, e inquietações do mundo, que elle deixou ao muito catholico Principe Dom Philippe seu filho.

CAPITULO QUINTO

De outra náu da India, que arribou á Bahia

No anno de mil quinhentos cincoenta e seis mandou El Rey negociar cinco náus pera mandar á India, de que deo a Capitania Mor a Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos, o qual escolheo a náu Santa Maria da Barca pera ir nella; estando todas prestes, e carregadas pera dar á vella abrio a náu Capitania huma agoa tam grossa, que se ia ao fundo, e acudindo os officiaes pera lhe darem remedio, não lho poderão dar, por não saberem por onde entrava a agoa, vendo El Rey, que se ia gastando o tempo, mandou fazer as outras náus á vella, e que aquella se descarregasse, o que se fez já; em a náu Capitania se despejou toda com muita pressa, e se resolveo, e buscou de popa a proa sem lhe poderem dar com a agoa, e andava huma grande borborinha entre os pescadores de Alfama, dizendo que Deus premetia aquillo, porque aquelle anno lhes tirara o Arcebispo as antigas ceremonias com que festejavão o dia do bemaventurado São Frey Pedro Gonçalves levando-o ás hortas de Enxobregas com muitas folias, cargas de fogaças, e outras mostras de alegria, e de lá o trazião enramado de coentros frescos, e elles todos com capellas ao redor delle cantando, e bailando; chegou esta queixa ao Arcebispo, e como era mui amigo deste fidalgo, que andava tristissimo, por não poder aquelle anno fazer viagem; movido tambem da grande fé, e devoção, que os pescadores, e mareantes tinhão ao Santo, lhes tornou a conceder licença pera que o festejassem como dantes, entretanto não se deixou de buscar a agoa da náu, e trabalhar com as bombas, e outros vasos em esgotar, ou diminuir a muita que entrava, athe que hum marinheiro foi dar com o furo de hum prego na quilha, que por descuido ficou por pregar, e por calafetar, e só se tapou com o breu, que depois se tirou, e por ali fazia aquella agoa, a qual se tomou logo com grande alvoroto, e tornou a náu a carregar, porque disserão os officiaes que ainda tinhão tempo, e assim deo a vella a dous de Maio, e foi seguindo sua derrota, mas na costa de Guiné achou tanta calmaria, que a deteve setenta dias, e tomando parecer sobre o que farião assentarão que fossem invernar ao Brasil, porque era muito tarde, e logo se fizerão na volta da Bahia de Todos os Santos, onde chegarão a quatorze d'Agosto.

O Governador Dom Duarte da Costa foi logo desembarcar o Capitão Mór, e os fidalgos que vinhão na náu, que erão Luiz de Mello da Silva, Dom Pedro de Almeida, despachado na Capitania de Baçaim, Dom Philippe

de Menezes, D. Paulo de Lima, Nuno de Mendonça, e Henrique de Mendonça seu irmão; Hyeronimo Corrêa Barreto, Henrique Moniz Barreto, e outros fidalgos, que agasalhou, banqueteou, e deo pousadas á sua vontade, e o mesmo fez a toda a mais gente da náu, a que deo mantimento todo o tempo que ali esteve.

Seguio-se o anno de mil quinhentos cincoenta e sete mui signalado assim pela morte do Imperador Carlos Quinto, que nelle morreo na idade de cincoenta e oito annos e sete mezes, renunciando ainda em vida em seu filho Philippe os seus Reynos, e em seu irmão Fernando o Imperio, e recolhendo-se em hum Mosteiro, onde acabou felicissimamente a vida; como pela morte de ElRey Dom João, que falleceo em onze de Junho de idade de cincoenta e cinco, tendo reynado trinta e cinco, e neste anno acabou o seu governo Dom Duarte da Costa, e lhe veio successor.

Teve Dom Duarte da Costa, alem de ser grande servidor delRey, huma virtude singular, que por ser muito importante aos que governão não he bem que se calle, e he que soffria com paciencia as murmurações que de si ouvia, tratando mais de emendar-se, que de vingar-se dos murmuradores, como lhe aconteceo huma noite, que andando rondando a Cidade ouvio que em casa de hum cidadão se estava murmurando delle altissimamente, e depois que ouvio muito lhes disse de fora: Senhores, fallem baixo, que os ouve o Governador. Conhecerão-no elles na falla, e ficarão mui medrosos que os castigaria, mas nunca mais lhes fallou nisso, nem lhes mostrou ruim vontade ou semblante.

CAPITULO SEXTO

Do terceiro Governador do Brasil, que foi Men de Sá

A Dom Duarte da Costa succedeo o Doutor Men de Sá, que com razão pode ser espelho de Governadores do Brasil; porque concorrendo nelle letras, e esforço, se signalou muito na guerra, e justiça.

Este, em pondo os pés no Brasil, que foi no anno de mil quinhentos cincoenta e sete, nenhuma cousa do seu Regimento executou primeiro que o que ElRey lhe mandava em favor da Religião Christã; pera isto mandou chamar os principaes Indios das aldêas visinhas desta Bahia, e assentou com elles pazes com condição que se abstivessem de comer carne humana, ainda que fosse de inimigos presos, ou mortos em justa guerra, e que recebessem em suas terras os Padres da Companhia, e os outros Mestres da Fé, e lhes fizessem casas em suas aldêas, onde se recolhessem, e templos onde dissessem missa aos Christãos, dotrinassem os catecumenos, e pregassem o Evangelho livremente; e porque a cobiça os Portuguezes tinha dado em captivar quantos podião colher, fosse justa ou injustamente, prohibio o Governador isto com

graves penas, e mandou dar liberdade a todos os que contra justiça erão tratados como escravos.

Acudio depois a vingar as injurias dos Indios Christãos, que outros seus visinhos pagãos lhe fazião athe chegarem a matar alguns.

Pedio que lhe entregassem os homicidas, e perdoaria aos mais, mas elles fiados na sua multidão zombarão da sua petição; pelo que o Governador em pessoa os commetteu dentro de suas terras, e feita nelles grande matança, e queimadas mais de setenta aldêas, os desfez, de sorte que lhes foi forçado pedirem a paz, a qual lhes concedeo com as mesmas condições, que havia posto aos outros.

O tempo que lhe vagava da guerra, gastava o bom Governador na administração da justiça, porque alem de ser o em que consiste a honra dos que regem, e governão, como diz David: Honor Regis judicium diligit: a trazia elle particularmente a cargo por huma provisão delRey, em que mandava que nenhuma acção nova se tomasse sem sua licença; o que mandou ElRey por ser informado das muitas usuras, que já em aquelle tempo commettião os mercadores no que vendião fiado, pelo que muitos, por se não descobrir a usura, que elles sempre costumão palliar, e por não perderem a divida, e haver as mais penas que o direito põe, não levavão seus devedores a Juizo, e lhes esperavão pela paga quanto tempo querião; mas só punhão acções por dividas licitas, que o Governador logo mandava pagar, e se era o devedor pessoa pobre pagava por elle, ou fazia que o credor esperasse pela divida, pois fiara de quem sabia que não tinha por onde lhe pagar; e assim cessarão as demandas, de modo que fazendo o Doutor Pedro Borges, Ouvidor Geral, huma vez audiencia, não houve parte alguma requerente, do que levantando as mãos ao Ceo deu graças a Deus; mas durou pouco este bem, porque logo veio por Ouvidor Geral o Doutor Braz Fragoso com outra Provisão em contrario á do Governador, e tornarão a correr as demandas, e as usuras, não só palliadas, mas tanto de escancara, que se val hum escravo vinte mil reis pago logo, o dão fiado por hum anno por quarenta, e o que mais he, que porisso o não querem ja vender a dinheiro de contado, senão fiado, e não ha quem por isto olhe.

CAPITULO SETIMO

De como mandou o Governador seu Filho Fernão de Sá soccorrer a Vasco Fernandes Coutinho, e o matou lá o Gentio

Neste tempo estava Vasco Fernandes Coutinho em grande aperto posto pelo Gentio na sua Capitania do Espirito Santo, e mandou á Bahia requerer ao Governador Men de Sá que o soccorresse, o que o Governador logo fez, mandando cinco embarcações bem providas de gente, e por Capitão Mór della a seu filho Fernão de Sá em a galé São Simão; os outros Capitães erão Diogo Morim, o Velho, e Paulo Dias Adorno. Chegarão todos a Porto

Seguro, onde lhes disserão, que no rio chamado Bricaré estava o mais do Gentio, que fazia guerra a Vasco Fernandes, e que ahi devião de os ir buscar, offerecendo-se pera ir com elles, como de feito forão, o Capitão Diogo Alvares, e Gaspar Barbosa em seus caravellões, e navegarão pelo dito rio arriba quatro dias, athé que virão as cercas do Gentio que estavão juntas da agoa, onde, pondo as proas em terra por estar a maré cheia, por ellas desembarcarão, e saltarão fora os soldados, tornando-se os marinheiros com os navios ao meio do rio por não ficarem em secco na vasante, e os bombardeiros, pera de la fazerem seus tiros, começou-se a travar a briga, na qual logo em o primeiro encontro puzerão o Gentio em desbarate, mas tornando-se a ajuntar, e reformar, voltou com tanta força que forçou aos nossos a desordenarem, e misturarem com os inimigos, de maneira que os tiros que tiravão das embarcações, não só os não defendião, mas antes os ferião, e matavão, e retirando-se pera se acolher a ellas estavão tanto ao pego, que os mais forão a nado, e os feridos em algumas jangadas, entre os quaes forão os dous Capitães Adorno, e Morim, ficando o Capitão Mór com o seu Alferes Joanne Monge na retaguarda, onde crescendo o Gentio, que de outras aldêas vinha de soccorro, os mattarão ás frechadas; e assim acabou Fernão de Sá, depois de haver feito grandes cousas em armas contra a multidão destes Barbaros, assim neste combate, como em outros em que se achou na Bahia, e em outras partes: os mais se partirão para o Espirito Santo, onde Vasco Fernandes os recebeu com muito pesar, sabendo do seu destroço, e da morte de Fernão de Sá, e os mandou com a mais gente que poude ajuntar a dar em outros Gentios, que o tinhão quasi em cerco, os quaes lho fizerão levantar, posto que com morte de alguns dos nossos, entre os quaes Bernardo Pimentel, o Velho, que matarão ao entrar de huma casa.

Feito isto se forão a São Vicente, e dahi á Bahia, onde o Governador os não quiz ver, sabendo como havião deixado matar seu filho, e quando elles não tiverão esta culpa, nem por isso a devemos dar ao pae em fazer extremos pela morte de tal filho.

CAPITULO OITAVO

Da entrada dos Francezes no Rio de Janeiro, e guerra que lhe foi fazer o Governador

O Rio de Janeiro está em vinte e tres graus debaixo do Tropico de Capricornio, e impropriamente se chama Rio, porque antes he hum braço de mar, que ali entra por huma boca estreita, que se pode facilmente defender de huma parte a outra com artilharia; mas dentro faz huma bahia, ou enseada em que entrão muitos rios, e tem perto de quarenta ilhas, das quaes as maiores se povoão, e as menores servem de ornar o sitio, ou de portos onde se abriguem os navios.

Estas commodidades, e outras muitas deste Rio e bahia, juntas com a fertilidade da terra, a faziam digna de ser povoada, quando se povoarão as mais do Brasil; mas ou porque coube na doação a Pero de Goes, que se não atreveo com o Gentio, como dissemos no Capitulo Terceiro do Segundo Livro, ou por não sei que descuido, ella esteve por povoar athé que Nicoláu Villaganhon, homem nobre de França, e cavalleiro do Habito de São João, informado dos Francezes, que por ali vinhão commerciar com o Gentio Tapuya, determinou de vir a povoal-a; pera o que fez huma armada em que veio com muitos soldados, e entrando no rio em o anno de mil quinhentos cincoenta e seis, lhe fortificou a entrada, solicitou os Gentios, e fez liga e amizade com elles, e para maior defensa começou em huma das ilhas da enseada a levantar huma fortaleza de pedra, tijollo, e gesso, em cuja obra trabalhavão os Indios com muita vontade, e de França lhe vinhão cada dia novos soccorros.

Corria já o anno de mil quinhentos cincoenta e nove, em que reinava a Raynha Donna Catharina por morte de ElRey Dom João seu marido, e por seu neto ElRey Dom Sebastião não ter ainda a este tempo mais que cinco annos de idade; a qual, informada do que passava no Rio de Janeiro, escreveo ao Governador Men de Sá encarregando-lhe muito esta empreza, e mandando-lhe pera ajuda della huma boa armada, com a qual o Governador, e com outras náus, que poude ajuntar, acompanhado dos principaes Portuguezes da Bahia, e alistados os mais soldados, que poude, assim brancos como Indios da terra, em o anno do Senhor de mil quinhentos e sessenta se partio para o Rio de Janeiro, onde rompendo as forças, que impedião a entrada, entrou na enseada, e tomou huma náu Franceza, da qual soube não estar ahi ja o Villaganhon, que fora chamado a Malta, mas ter deixado hum sobrinho seu por Capitão na fortaleza, a quem escreveo o Governador na maneira seguinte:

« ElRey de Portugal, meu Senhor, sabendo que Villaganhon vosso tio lhe tinha usurpada esta terra, se mandou queixar a ElRey de França, o qual lhe respondeo que se cá estava, que lhe fizesse guerra, e botasse fora, porque não viera com sua commissão, e posto que já aqui o não acho, estais vós em seu lugar, a quem admoesto, e requeiro da parte de Deus, e do vosso Rey, e do meu, que logo largueis a terra alheia a cuja he, e vos vades em paz sem querer experimentar os damnos que succederão da guerra. »

Ao que respondeo o mancebo que não era seu julgar cuja era a terra do Rio de Janeiro, senão fazer o que o Senhor Villaganhon seu tio lhe havia mandado, que era sustentar, e defender aquella sua fortaleza, e que assim o havia de cumprir, ainda que lhe custasse a vida, e muitas vidas, das quaes lhe requeria tambem que não quizesse ser homicida, antes se tornasse em paz.

Gastarão-se nisto dez ou doze dias, nos quaes a nossa armada se poz em ordem de guerra, e assim ouvida esta resposta, a outra que lhe derão foi de artilharia e arcabuzes, com que começarão a bater o forte insuperavel / ao

parecer / ás forças humanas; porem estando huns e outros mettidos no furor do combate, Manoel Coitinho, homem pardo, Affonso Martins Diabo, e outros valentes soldados Portuguezes, subindo por huma parte que parecia inaccessivel, entrarão o castello, e occuparão repentinamente a polvora do inimigo.

Descorçoados os Francezes com a perda da polvora, e com o inopinado atrevimento dos Portuguezes, desempararão o castello á meia noite com todas as maquinas de guerra que nelle havia, recolherão-se ás suas náus, e parte delles em ellas se tornarão pera sua terra, outros ficarão com os Tamoyos / que este é o nome daquelle Gentio /, assim pera restaurar a guerra, e a opinião perdida, como pera exercitar a mercancia com elles, de que tiravão muito proveito.

Alcançada tam illustre victoria desfez o Governador o forte, por não poder deixar gente que o defendesse, e povoasse a terra, por lhe haverem morta muita gente neste combate, e mandou seu sobrinho Estacio de Sá em a náu que havia tomado aos Francezes com o aviso do successo á Raynha Donna Catharina.

CAPITULO NONO

De como o Governador tornou do Rio de Janeiro pera a Bahia, e o successo que teve huma náu da India, que a ella arribou

O Governador se tornou do Rio de Janeiro pera a Bahia, e chegou a ella em o mez de Junho do mesmo anno de mil quinhentos e sessenta, onde continou com o governo da terra, na qual era tam necessaria a sua assistencia, e presença, que algumas poucas vezes, que ia ver um engenho que fez em Sergipe, ia de noite, e deixava hum pagem na escada, que dissesse que estava occupado a quem por elle perguntasse, o qual não mentia, porque onde quer que estava se occupava, e isto fazia para que a noticia da sua absencia não fosse occasião de alguma desordem, e assim, ainda que o engenho distava desta cidade oito legoas, fazia la mui pouca detença.

Neste anno de mil quinhentos e sessenta arribou a esta Bahia a náu S. Paulo, como já outra vez havia arribado em tempo do Governador Dom Duarte da Costa, posto que então vinha em ella por Capitão Antonio Fernandes, como dissemos em o Capitulo Quarto deste Livro, e desta vez vinha Ruy de Mello da Camara, o qual vendo que pera invernar aqui havião de gastar sete ou oito mezes, e que a agoa e guzano corrompem brevemente a madeira das náus, ajuntando-se com os Pilotos, e da terra, diante do Governador praticarão se haveria ainda tempo pera seguirem viagem, e ir invernar á India? e de commum parecer assentarão que sim, se partissem daqui em Setembro, e fossem por muita altura buscar a ilha de Sumatra, pera della em Fevereiro voltarem

com a monção com que vem as náus de Malaca e China, e tomando desta Cidade tudo o que lhes foi necessario, partirão em quinze de Setembro, achando os tempos prosperos forão á vista do Cabo da Boa Esperança em fim de Novembro, e assim forão seguindo sua viagem pera a ilha de Sumatra com ventos brandos athé vinte de Janeiro, dia do bemaventurado Martyr São Sebastião á bocca da noite, em que se acharão tam abordados com a terra por causa da grande corrente das agoas, que por muito que trabalharão por se afastar forão varar nella, e quiz Deus que foi em parte onde ficou a náu encalhada, e todos nella athé pela manhã, que lançarão o batel ao mar, e se passarão á terra sem cousa alguma entender com elles, por ser a gente dali mesquinha, e tão domestica, que acudirão logo a lhes vender algumas cousas; posto que assim não fôra, os da náu erão setecentos homens, todos bem dispostos, e armados, que puderão atravessar toda aquella ilha, e assim logo fizerão cabanas, pera se agasalharem, e desembarcarão da náu mantimentos, vinhos, azeite, e tudo o mais, que puderão, e desfizerão a nau, e tirarão della toda a pregadura, madeira, cordoalha, e tudo mais que lhe foi necessario, e armarão duas embarcações, e levantarão o batel, trabalhando todos com muito gosto, e presteza; servindo de ferreiros, serradores, carpinteiros, e de todos os mais officios, como se sempre o usarão; e assim em breve tempo as acabarão, e lançarão ao mar, e fizerão sua agoada em abastança, e recolherão nellas todas as armas, e alguns berços, e falcões, por não serem as vasilhas capazes de maiores peças, porque erão a modo de barcaças.

Huma dellas se deo a Diogo Pereira de Vasconcellos, hum fidalgo que ali levava sua molher, que se chamava Donna Francisca Sardinha, e era huma das mais formosas do seu tempo.

Outra tomou Ruy de Mello, Capitão da náu, e a terceira derão a Antonio de Refoyos, hum cavalleiro muito honrado, que ia despachado com a Capitania de Coulão, e repartindo a gente por ellas não coube em cada huma mais que cento e setenta homens, ficando cento e setenta, que por nenhum caso se puderão agasalhar: pelo que assentarão, que estes caminhassem por terra á vista dos bateis, pera lhes soccorrerem alguma necessidade, e repartindo por elles as espingardas, que havia, começarão a caminhar de longo do mar, e os bateis sempre á sua vista, e tanto que era noite escolhião lugar pera descançarem, e dormirem, e surgião os bateis com as prôas em terra; e o mesmo fazião a horas de jantar, em que tomavão a refeição ordinaria, e assim forão caminhando nesta ordem sem lhes acontecer desastre algum, e havendo poucos dias que caminhavão houverão vista de quatro embarcações, a que forão correndo, e ellas trabalhando tudo o que podião por lhes fugir, e atirando-lhes de huma embarcação das nossas com hum falcão, que lhes foi zunindo pelas orelhas, lhes poz tam grande medo e espanto, que logo se lançarão a nado pera a terra, e deixarão os navios carregados de farinhas de saguum / que he o principal mantimento de todas aquellas Ilhas

de que os nossos se proverão em abastança /, e recolherão nestas embarcações toda a gente que ia por terra, com o que ficarão mais descançados, e sendo já em tres graus da banda do Sul, se recolherão a hum formoso rio, que acharão, desembarcando todos em terra pera se recrearem, e dormindo tambem nella algumas noites, com tanto descuido e segurança, como se a terra fosse sua, e athé Diogo Pereira de Vasconcellos se desembarcou ali com sua molher, a qual vista pelos Manancabos, que he a gente da terra, tam formosa, junto com estar ricamente vestida, desejarão leval-a ao seu Rey, e assim derão huma noite nas suas estancias, e matarão perto de sessenta pessoas, e levarão Donna Francisca Sardinha, em cuja defensa fez o mestre da náu espantosas cousas athé que o matarão. O Diogo Pereira salvou huma filha, que tinha, chamada Donna Constança, que depois casou com Thomé de Mello de Castro, e outras molheres, com que se recolheo á sua embarcação muito anojado desta desventura, que lhe aconteceo por sua sobeja confiança.

Dali se partirão de longo da Costa, que era mui limpa, com muito mais tento, porque aquelle desastre os espertou, e não se fiarão mais da gente da terra; e assim embocarão o boqueirão do Sunda, e forão tomar a Cidade de Patta, onde acharão quatro náus Portuguezas, de que era Capitão Mór Pero Barreto Rollim, que ali estava carregando de pimenta, e recebeo toda esta gente, e a repartio pelas náus, e proveo a todos bastantemente, e parte delles se passarão á China, pera onde Pero Barreto Rollim ia por mandado do Viso-Rey Dom Constantino.

CAPITULO DECIMO

Do aperto, em que os Tamoyos do Rio de Janeiro puzerão a Capitania de S. Vicente, e o Governador lhes mandou fazer segunda guerra

Vendo-se os Tamoyos ja livres da guerra do Governador Men de Sá, se tornarão a fortificar no Rio de Janeiro, donde sahião a correr a Costa toda athé São Vicente, salteando os Indios novos Christãos, prendendo, matando, e comendo a quantos podião alcançar.

Durou esta molestia dous annos, sem que força alguma pudesse reprimir o atrevimento dos Barbaros insolentes, que cada dia crescia com o favor, e ajuda dos Francezes, com que ja se não contentavão do mal que fazião aos outros Indios, mas a todos os moradores de São Vicente ameaçavão com cruel guerra, e apresentavão huma armada de canôas pera por mar, e por terra os combaterem.

Este mal tam grande quiz remediar o Padre Manoel da Nobrega, primeiro Provincial que havia sido da Ordem da Companhia de Jesus na Provincia do Brasil, resolvendo-se a ir tentear os animos dos Barbaros pera reduzil-os a condições de paz, ou dar a vida pela saude commum.

Pera isto tomou por seu companheiro o Irmão Joseph de Ancheta, e hum Antonio Luiz, homem secular; com os quaes se embarcou em huma náu de Francisco Adorno, illustre Genovez, homem em aquella terra mui conhecido, rico, e devoto da Companhia.

Os Barbaros, á noticia da náu Portugueza, cuidando que ia de guerra, acudirão a suas canôas, e lhe sahirão ao encontro carregadas de frechas; porem o Irmão Joseph de Ancheta com huma breve, e amorosa practica, que lhes fez na sua lingoa, os quietou, e fez benevolos á sua chegada, e depois com outras muitas, e principalmente com suas devotas orações, e exemplo, que deo de sua vida em tres mezes, que ficou só entre elles, e dous que esteve com o Padre Nobrega, que se tornou pera São Vicente, os reduzio á desejada paz, exceptos alguns, que discordes dos mais, e fiados em as armas dos Francezes, continuarão a guerra contra os Portuguezes.

Estes successos previo a Raynha Donna Catharina quando leo a carta do Governador Men de Sá, em que lhe dava conta da victoria, que alcançara no Rio de Janeiro, e assim, ainda que lhe agradeceo, e se houve por bem servida delle, todavia lhe estranhou muito o haver arrasado o forte, e não deixar quem defendesse, e povoasse a terra, e lhe mandou, que logo o fizesse, porque não tornasse o inimigo a fazer ali assento com perigo de todo o Brasil; o mesmo lhe escreveo o Cardeal Dom Henrique, que com ella governava o Reyno, e pera este effeito lhe mandarão pelo proprio seu sobrinho Estacio de Sá, que levou a nova, huma armada de seis caravellas com o galeão S. João, e huma náu da carreira da India chamada Santa Maria a Nova, a que ajuntou o Governador os mais navios que poude, e quizera ir em pessoa; mas por o povo lho não consentir mandou o dito seu sobrinho, em o anno de mil quinhentos sessenta e tres, a quem accompanhou o Ouvidor Geral Braz Fragoso, e Paulo Dias Adorno, Commendador de Sant-Iago, em huma galeota sua, que remava dez remos por banda, e outros Capitães, os quaes chegando todos ao Rio de Janeiro acharão huma náu Franceza, que lhe quiz fugir pelo rio acima, mas os nossos lhe forão no alcance, e a primeira que lhe chegou foi a galé de Paulo Dias Adorno, em que tambem ia Duarte Martins Mourão, e Melchior de Azeredo, depois chegou Braz Fragoso, e outros, os quaes entrando na náu, acharão muito pão, vinho, e carne, e assim a levarão pera baixo onde ficava a Capitania Santa Maria a Nova, e o galeão, e o Capitão Mór Estacio de Sá fez Capitão della a Antonio da Costa; mas como não ha gosto nesta vida, que não seja agoado, indo huma madrugada tres bateis nossos tomar agoa á ribeira da Carioca, derão com nove canôas de Indios inimigos, que estavão aguardando em cillada, os quaes repartindo-se

tres e tres a cada batel, matarão no da Capitania o contra mestre, o guardião, e outros dous marinheiros, e no do galeão ferirão a Christovão d'Aguiar, o moço, com sete frechadas, e outros sete homens, e o levavão, mas Paulo Dias Adorno lhe acudio á pressa na sua galé, e chegando a tiro mandou pôr fogo a hum falcão, que os fez largar o batel.

Enterrados os mortos em huma ilha, chamou Estacio de Sá os Capitães a conselho, e assentarão, que se fosse a S. Vicente buscar canôas, e Gentio domestico, e amigo, com que melhor se poderia fazer guerra áquelle Barbaro inimigo.

Sahirão huma madrugada, e a náu Franceza, que havião tomado, diante de todas as outras com hum caravellão de Domingos Fernandes, dos Ilheos, acharão na barra muitas canôas de inimigos Indios, e Francezes misturados, que chegando ao caravellão o furarão com machados, e o metterão no fundo, matando-lhe quatro homens, e ferindo a Domingos Fernandes de seis frechadas, com que se foi a nado para a náu, á qual tambem chegarão, e lhe fizerão hum buraco; mas um Indio da India de Braz Fragoso, que ali ia com seu Senhor, se foy abaixo da coberta, e por o mesmo buraco matou hum Francez, com o que elles, ou com o temor da armada, que vinha atraz, se forão embora, e a náu tambem, seguindo seu caminho pera São Vicente, onde contarão ao Capitão Mór, e aos mais o que lhes havia succedido.

Neste tempo estava a povoação de São Paulo, que he da Capitania de São Vicente, de guerra com o Gentio, que a tinha posta em grande aperto, ao que acudio Estacio de Sá com muita gente da que comsigo levava, a cuja vista o Gentio lhe veio logo pedir pazes, e elle lhas concedeu, e ficarão fixas.

Entretanto chegarão os Capitães Jorge Ferreira, e Paulo Dias, com as canôas, e Gentio, que tanto que chegou mandou buscar a Cananéa, e provida a armada de todo o necessario se partio outra vez pera o Rio de Janeiro em o anno de mil quinhentos sessenta e quatro, dia de São Sebastião, a quem tomou por Patrão da sua jornada, entrou pelo Rio em o primeiro de Março, e anchorando em a enseada, saltarão em terra, e feitos tujupares, que são humas tendas ou choupanas de palha, pera morarem, onde agora chamão a Cidade Velha, ao pé de hum penedo, que se vai ás nuvens, chamado o pão de Assucar, se fortificarão com baluarte, e trincheiras de madeira, e terra, o melhor que puderão, donde sahião a fazer guerra aos Barbaros, ajudando-os Deus por espaço de dous annos que ali estiverão, de modo que em encontros quasi sempre sahião victoriosos, e os feridos de mortaes feridas das frechas inimigas brevemente saravão: outros feridos nos peitos nús com pelouros dos arcabuzes Francezes, não sentião mais o golpe que se estiverão armados de peitos de prova, e aos pés lhes cahião os pelouros.

Cançados já os Tamoyos de tão prolixa guerra, e enfados de ruins successos, porque ordinariamente em os encontros sahião escalavrados, deter-

minarão lançar o resto de seu poder, e de sua ventura em huma batalha industriados pelos Francezes, e sem duvida a cousa ia traçada pera conseguirem seu intento. Porem a Divina Providencia se acostou á parte mais justificada.

Havião os Tamoyos ajuntado ao numero ordinario de suas canôas outras novas, que chegarão a cento e oitenta, fabricadas secretamente longe do posto donde estavão os navios dos Portuguezes.

Toda esta armada de canôas puzerão em cillada, escondida em huma volta que fazia o mar, daqui sahio hum pequeno numero dellas, contra as quaes mandou o General cinco das nove que trouxe de S. Vicente, porque os Indios amigos, enfadados da guerra, se havião já ido com as quatro.

Os Tamoyos, não ainda bem começada a batalha, virarão as costas, que assim o havião traçado, e metterão os nossos, que atrevidamente os ião seguindo em a cilada, donde sahirão as mais canoas inimigas, e subitamente as cercarão por todas as partes; mas nem por isso perderão o animo os Portuguezes, antes resistirão valerosamente ajudados do Divino favor, o qual ainda das cousas que parecem adversas sabe tirar prosperos successos, como aqui se vio que acaso ascendendo-se a polvora em huma das nossas canoas chamuscou a alguns dos inimigos, que a tinhão abordada, com o que, e com a chamma que levantou a polvora se alterou tanto a molher do General, Tamoya, que dando gritos e vozes espantosas atemorisou a todos, e sendo seu marido o primeiro que fugio com ella, os seguirão os mais, deixando livres os nossos, os quaes tornando ás suas fronteiras derão graças a Deus por tão grande beneficio, e por os haver livres de perigo tam grande pela voz e assombro de huma fraca molher, ainda que depois declararão os mesmos inimigos que não fôra por isto, senão por haverem visto hum combatente estranho, de notavel postura, e belleza, que saltando atrevidamente nas suas canoas os enchera de medo; donde crerão os Portuguezes que era o bemaventurado S. Sebastião, a quem havião tomado por padroeiro desta guerra.

CAPITULO DECIMO PRIMEIRO

Da viagem, que fez Jorge de Albuquerque de Pernambuco pera o Reyno, e casos que nella succederão

Não faltavão tambem neste tempo guerras em Pernambuco, porque com aquella victoria, que os Gentios do Cabo de Santo Agostinho alcançarão de Hyeronimo de Albuquerque, de que fizemos menção em o Capitulo Undecimo do Livro precedente, ficarão tam soberbos, e atrevidos, que não cessavão de dar assaltos em os escravos que os Portuguezes tinhão em suas roças, e fazendas, e principalmente em outros Gentios da matta do Brasil, nossos confe-

derados, que elles tinhão por mortaes inimigos; e o mesmo fazião os do Rio de São Francisco em os barcos que ião ao resgate, que se ao descoberto commerciavão, e mostravão amor aos Portuguezes, em secreto se colhião alguns descuidados os matavão, e comião.

Sobre tudo isto a Raynha Donna Catharina, que governava o Reyno, e não teve menos cuidado em mandar acudir a estas guerras que ás do Rio de Janeiro, mandando que logo se embarcasse Duarte Coelho de Albuquerque herdeiro daquella Capitania, e a viesse soccorrer, o qual, por entender quam necessario lhe era trazer comsigo seu irmão Jorge de Albuquerque, pedio á Raynha que o mandasse como mandou, e elle obedeceo, assim por serviço da Raynha e delRey, seu neto, como por dar gosto a seu irmão, e o ajudar.

E assim, tanto que chegarão a Pernambuco, e tomou Duarte Coelho de Albuquerque posse da sua Capitania, que foi na era de mil quinhentos e sessenta, logo chamou a conselho os homens principaes do governo da terra, e se assentou entre todos, que se elegesse por General da guerra Jorge de Albuquerque, o qual aceitando o cargo a começou logo a fazer assim aos inimigos do Cabo de Santo Agostinho, sahindo-lhes muitas vezes ao encontro aos seus assaltos, matando, e ferindo a muitos, com que já deixavão alargar-se os brancos, e viver em suas granjas, como aos do Rio de São Francisco, aonde foi em companhia de seu irmão, e neste militar exercicio se occupou cinco annos, soffrendo muitas fomes, e sêdes, e não sem derramar seu sangue de muitas frechadas, que os inimigos lhe derão, athé que enfadado mais das guerras civis, e dissenções dos Portuguezes amigos que destoutras, determinou ir-se outra vez para o Reyno, e embarcar-se em huma náu nova de duzentos toneis, por nome Santo Antonio, que estava carregada no Porto do Recife pera Lisboa, de que era mestre André Rodrigues, e piloto Alvaro Marinho, e estando carregada a náu, se embarcou, e partio em huma quarta feira dezaseis de Maio do anno de mil quinhentos sessenta e seis, e não era bem fora da barra, quando lhe acalmou o vento com que partio, e se lhe tornou tam contrario, que com a corrente da maré, que começava a vasar, levou a náu atravez athé dar em hum baixo, onde esteve quatro marés mui perto de se perder, se os mares forão mais grossos; e por lhe acudirem com presteza muitos bateis e outras embarcações, se salvou toda a gente, e fazenda, e nem assim descarregada poude sahir do baixo, em que estava, sem lhe cortarem os mastos, pelo que lhe foi forçado tornar ao porto, e concertar-se, e carregar de novo, no que gastou mez e meio, athé vinte e nove de Junho, dia de São Pedro e São Paulo, em que se tornou a embarcar com todos os da sua companhia não sem contradicção dos amigos, que pelo principio lhe prognosticavão o ruim successo da viagem, a qual foi huma das peiores, e mais perigosas, que hão visto navegantes; porque indo demandar as ilhas huma segunda feira tres de Setembro, fazendo-se o Piloto com ellas, veio a elles huma náu de cossarios Francezes, artilhada, e concertada como costumão, e por a

nossa ir desarmada, e só com hum falcão, e hum berço, determinarão os homens do mar a se render, e entregar aos Francezes, a que acudio Jorge de Albuquerque, dizendo que nunca Deus quizesse, nem permittisse que a náu em que elle ia se rendesse sem pelejar, e se defender quanto possivel fosse; por isso que trabalhassem todos de fazer o que devião, e o ajudassem a pelejar, porque, com a ajuda de nosso Senhor, somente com o berço, e falcão, que tinhão, esperava se defender; mas como a náu ia tam desapercebida de armas, e os mais que nella ião fossem tam fracos de coração, não achou Jorge de Albuquerque quem o quizesse ajudar, mais que sete homens, que pera isso se lhe offerecerão; e assim com estes somente, contra o parecer dos mais, se poz ás bombardas, arcabuzadas, e frechadas com os Francezes perto de tres dias, athé que o mestre, e o piloto, vendo o muito damno que assim a náu como a gente recebia da artilharia, e arcabuzaria dos Francezes, e que Jorge de Albuquerque em nenhum modo determinava entregar-se, mandarão dar subitamente com as vellas em baixo, e começarão a bradar pelos Francezes que entrassem a náu, como logo fizerão pela quadra dezasete Francezes armados de armas brancas com suas espadas e broqueis, e pistolas, os quaes, sem lhes responderem nem lhe poder estrovar se asenhorearão da náu, e vendo que nella não havia mais que o berço, e falcão, que está dito, ficarão muito espantados, e muito mais quando lhe disserão quam poucos erão os que pelejavão, e sendo dito ao Capitão Francez que Jorge de Albuquerque fôra o que fizera defender a náu todo aquelle tempo, se chegou a elle, e lhe disse: Não me espanta o teu esforço, que esse tem todo o bom soldado, mas espanta-me a temeridade de quereres defender huma náu tam desapercebida com tam poucos companheiros, e menos petrechos de guerra, mas não te desconsoles, que por quam bom soldado tu és, eu te farei muito boa companhia, e assim lha fez, tanto que não queria comer sem elle vir primeiro, e o fazia assentar na cabeceira da mesa, athe que hum dia, rogando lhe o Capitão que a benzesse ao modo dos Portuguezes, elle a benzeu com o Signal da Cruz, como costumamos, do que alguns dos circumstantes lutheranos o reprehenderão, e elle reprehendido, mas não rependido, se tornou a benzer, dizendo que com aquelle Signal da Cruz se havia de abraçar emquanto vivesse, e nelle esperava de se salvar de todos seus inimigos, e com isto pedio ao Capitão licença para não ir comer mais com elles, e poder comer em sua camera o que lhe dessem, e posto que o Capitão mostrou-se aggravar-se disto, todavia lhe deo a licença que pedia, e vinha elle algumas vezes comer com Jorge de Albuquerque.

Estando já em altura de quarenta e tres gráus, em huma quarta feira doze de Setembro, sobreveio a maior tormenta de vento que nunca se vio, com que a náu chegou a ficar sem leme, sem vellas, sem mastos, e quasi raza com a agoa; e vendo-se todos em tam grande perigo, ficarão assombrados e fora de si, temendo ser esta a derradeira hora da vida, e com este temor se chegarão todos a hum Padre da Companhia de Jesus por nome Alvaro de Lucena, que com

elles ia, e a elle se confessarão, e depois de confessados, e se pedirem perdão huns aos outros, se puzerão todos de geolhos pedindo a Nosso Senhor Misericordia, o que tambem fizerão os Francezes, que ficarão dentro da nossa náu, porque a sua logo no principio da tormenta desappareceo, e pedião perdão aos Portuguezes dizendo que por seus peccados viera aquella tormenta, que rogassem a Deus por elles, que já se davão por mortos, pois a náu estava da maneira que todos vião. Mas Jorge de Albuquerque começou em altas vozes a esforçar a huns e outros, dizendo que fizessem tambem de sua parte o remedio possivel, huns dando á bomba, outros esgotando a agoa que estava no convez; porque esperava na bondade Divina, e intercessão da Virgem Senhora Nossa, que havião de ser livres do perigo em que estavão; estando-lhes dizendo isto virão todos hum resplandor grande no meio da grandissima escuridão com que ião, a que todos se tornarão a pôr de geolhos, encommendando-se á Virgem, e pedindo a Deus Misericordia, o qual foi servido de aplacar a tormenta, e logo appareceo tambem a náu Franceza tambem muito desbaratada, mas não tanto que ainda não pudesse prover estoutra assim de enxarcea e vellas como de mantimento, o que não quizerão fazer, antes descarregando-a de alguma fazenda que tinha em si, e levando os seus Francezes, se forão pera França, deixando só aos Portuguezes dous sacos de biscoito podre, e huma pouca de cerveja danada, ao que se ajuntou huma botija, que ainda os nossos tinhão, com duas canadas de vinho, e hum frasco de agoa de flor, huns poucos de cocos, e poucos punhados de farinha de guerra, e seis tassalhos de peixe boi, que Jorge de Albuquerque foi repartindo por trinta e tantos homens o tempo que durou a viagem, pera a qual deo ordem com que se fizesse huma vella de alguns guardanapos e toalhas, que se acharão na náu, as quaes mandou se ajuntassem a huma vellinha de esquife dos Francezes, que ficou, e de dous remos fizerão huma verga, e sobre o pé do masto grande puzerão hum pedaço de páu de duas braças em alto, e de huns pedaços de enxarcea, que havião ficado, e de cordas de rede, e murrões, fizerão enxarcea; o leme andava pendurado por hum só ferro, que lhe ficou, e lançarão-lhe humas cordas pera que pudesse servir, e com isto seguirão sua viagem, tomando a Nossa Senhora Mãe de Deus por guia, sem mais outra agulha ou astrolabio que prestasse, porque tudo lhe levarão os Francezes; a qual os guiou de modo que milagrosamente se acharão defronte da sua Igreja da Penna, entre as Barlengas e a Serra de Cintra; ao dia seguinte se acharão mui perto da roca, ; e indo já a náu pera dar á costa, passou por elles huma caravella, que ia pera a pederneira, e pedindo aos homens della que á honra da morte e paixão de Nosso Senhor os quizessem soccorrer, e que lhes pagarião muito bem se os tomassem, e levassem á terra, responderão que Jesu Christo lhes valesse, que elles não podião perder tempo de viagem, e se forão sem alguma piedade, ou por ventura houverão medo da náu por lhes parecer phantasma, porque nunca se vio no mar cousa tão dessemelhada pera navegar, como o pedaço da náu em que ião; porém este

medo ou crueldade não tiverão outros que ião pera a Atouguia, os quaes acudirão logo aos primeiros brados / que não podião ouvir senão milagrosamente por estarem muito longe / e levarão a náu a toa athe a pôrem em Cascaes, a horas de sol posto; donde o Infante Dom Henrique, Cardeal, que neste tempo governava o Reyno de Portugal, a mandou levar pelo rio acima, e pol-a defronte da Igreja de São Paulo, pera que todos os que a vissem dessem muitos louvores a Deus, por livrar os que nella vinhão de tantos perigos como passarão. E assim, ainda que esta viagem pertence tanto á Historia do Brasil que vou escrevendo por ser elle o termino a quo, e feita, e padecida por hum dos Capitães destas partes, e natural dellas, comtudo rogo aos que lerem este Capitulo, que dem ao Senhor as mesmas graças, e louvores; e tenhão sempre em elle firme esperança, que os pode livrar de todos os perigos.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

De como o Governador Men de Sá tornou ao Rio de Janeiro, e fundou nelle a Cidade de S. Sebastião, e do mais que lá fez athe tornar á Bahia

Posto que o Governador Men de Sá não estava ocioso na Bahia, não deixava de estar com o pensamento nas cousas do Rio de Janeiro, e assim sacudindo-se de todas as mais, aprestou huma armada, e com o Bispo Dom Pedro Leitão, que ia visitar as Capitanias do Sul, que todas em aquelle tempo erão da sua diocese, e jurisdicção, e com toda a mais luzida que poude levar desta Cidade, se embarcou e chegou brevemente ao Rio, onde em dia de São Sebastião, vinte de Janeiro do anno de mil quinhentos sessenta e sete, acabou de lançar os inimigos de toda a enseada, e os seguio dentro de suas terras sujeitando-os a seu poder, e arrasando dous lugares em que se havião fortificado os Francezes, posto que em hum delles, que foi na aldêa de hum Indio principal chamado *Iburaguassù mirim*, que quer dizer « pau grande pequeno, » lhe ferirão seu sobrinho Estacio de Sá de huma mortifera frechada, de que depois morreo.

Socegadas as cousas da guerra, escolheo o Governador sitio acommodado ao edificio de huma nova Cidade, a qual mandou fortalecer com quatro castellos, e a barra ou entrada do Rio com dous, chamou a cidade de S. Sebastião, não só por ser nome de seu Rey, senão por agradecimento dos beneficios recebidos do Santo, pois a victoria passada se ganhou dia de S. Sebastião; e em este dia, dous annos antes, partio Estacio de Sá de S. Vicente pera o Rio de Janeiro, e começou a guerra invocando o seu favor, o qual reconhecerão bem os Portuguezes, assim em a batalha naval das canoas, como em outras occasiões de perigo.

Pelo que, ainda em memoria da victoria das canoas, se faz todos os annos em aquella bahia, defronte da Cidade, no dia do glorioso São Sebastião huma escaramuça de canoas com grande grita dos Indios, que as remão, e se combatem, cousa muito para ver.

O sitio em que Men de Sá fundou a Cidade de São Sebastião foi o cume de hum Monte, donde facilmente se podião defender dos inimigos, mas depois, estando a terra de paz, se estendeu pelo val ao longo do mar, de sorte que a praia lhe serve de rua principal, e assim sendo lá capitão mór Affonso de Albuquerque, se achou huma manhã defronte da porta do Convento do Carmo, que ali está, huma balêa morta, que de noite havia dado á costa; e as canoas que vem das roças, ou granjas dos moradores, ali ficão desembarcando cada hum á sua porta, ou perto della, com o que trazem, sem lhe custar trabalho de carretos, como custa pela ladeira acima. Nem elles proprios lá subirão em todo o anno, e menos as molheres, se não fôra estar lá a Igreja Matriz, e a dos Padres da Companhia, pela qual causa mora ainda lá alguma gente.

Fundada pois a Cidade pelo Governador Men de Sá em o dito outeiro, ordenou logo que houvesse officiaes, e ministros da milicia, justiça, e fazenda, e porque havião ido na armada mercadores, que entre outras mercadorias levarão algumas pipas de vinho, mandou-lhes o Governador que o vendessem atavernado, e pedindo elles que lhes puzesse a canada por hum preço excessivo, tirou elle o capacete da cabeça com colera, e disse que sim, mas que aquelle havia de ser o quartilho, e assim foi, e he ainda hoje, por onde se afilaõ as medidas, donde vem serem tam grandes, que a maior peroleira não leva mais de cinco quartilhos.

Entre os primeiros Francezes, que vierão ao Rio de Janeiro em companhia de Nicoláu Villaganhon, de que tratamos em o Capitulo Oitavo deste Livro, vinha hum hereje calvinista chamado João Bouller, o qual fugio pera a Capitania de S. Vicente, onde os Portuguezes o receberão cuidando ser Catholico, e como tal o admittião em suas conversações, por elle ser tambem na sua eloquente, e universal na lingoa Hespanhola, Latina, Grega, e saber alguns principios da Hebréa, e versado em alguns lugares da Sagrada Escriptura, com os quaes entendidos a seu modo dourava as pirolas, e encobria o veneno aos que o ouvião, e vião morder algumas vezes na autoridade do Summo Pontifice, no uso dos Sacramentos, no valor das Indulgencias, e em a veneração das Imagens. Comtudo não faltou quem o conhecesse / que ao lume da Fé nada se esconde /, e o forão denunciar ao Bispo, o qual o condemnou como seus erros merecião, e sua obstinação, que nunca quiz retractar-se; pelo que o remetteo ao Governador, o qual o mandou que á vista dos outros, que tinhão captivos na ultima victoria, morresse a mãos de hum algoz.

Achou-se ali pera o ajudar a bem morrer o Padre Joseph de Ancheta, que já então era Sacerdote, e o tinha ordenado o mesmo Bispo Dom Pedro

Leitão, e posto que no principio o achou rebelde não premettio a Divina Providencia que se perdesse aquella ovelha fora do rebanho da Igreja, senão que o Padre com suas efficazes razões, e principalmente com a efficacia da graça, o reduzisse a ella, ficou o Padre tam contente deste ganho, e por conseguinte tão receioso de o tornar a perder, que vendo ser o algoz pouco dextro em seu officio, e que se detinha em dar a morte ao réo, e com isso o angustiava, e o punha em perigo de renegar a verdade, que ja tinha confessada, reprehendeo o algoz, e o industriou pera que fizesse com presteza seu officio, escolhendo antes pôr-se a si mesmo em perigo de incorrer nas penas ecclesiasticas, de que logo se absolveria, que arriscar-se aquella alma ás penas eternas.

Casos são estes que desculpa a divina dispensação, e a caridade, que he sobre toda a lei, e sem isto mais são pera admirar, que pera imitar.

Ordenadas todas as cousas tocantes ao Governo Politico, povoada, e fortificada a terra, a encarregou o Governador a Salvador Corrêa de Sá, seu sobrinho, pera que a governasse, e elle se tornou pera a Bahia.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

De como o Governador tornou pera a Bahia, e de huma náu que a ella arribou indo pera a India

Tornando o Governador Men de Sá pera a Bahia, e chegando a ella, escreveo logo á Raynha, e ao Infante Cardeal D. Henrique, que governava o Reyno, o que tinha feito no Rio de Janeiro, pedindo em satisfação de seus serviços lhe mandasse successor, pera se poder ir pera Portugal, onde tinha sua filha Donna Helena, que depois casou com o Conde de Linhares Dom Fernando de Noronha; e entretanto foi continuando com seu cargo como costumava, e era obrigado.

Neste tempo veio aqui de arribada Francisco Barreto, que havia sido Governador da India, e ia conquistar Menomotapa, a quem o Governador em tudo o que poude pera sua navegação; ficou-lhe aqui muita gente, e entre os mais hum soldado homicida, que em algum tempo teve differenças com outro em Portugal, mas havião-se depois congraciado, e vinhão ambos, e como taes se forão huma tarde recreiar ao campo, onde se lançarão á sombra de huma fresca arvore, e adormecendo o outro, o Medeiros / que assim se chamava o homicida / lhe deo huma estocada de que logo morreo.

Muito desejou Francisco Barreto castigar esta aleivosia do seu soldado, mas não poude colhel-o, porem depois da sua partida o Ouvidor Geral Fernão da Silva o prendeo, e formado o processo foi sentenciado á morte.

O dia que o levarão a justiçar os mais, que ficarão de Francisco Barreto, tinhão dado ordem que estivessem trincados os baraços, pera que cahisse da forca, como em effeito cahio não só huma vez mas tres vezes, o que visto pelos Irmãos da Misericordia, que o havião accompanhado com a

justiça, como he costume, requererão ao Ouvidor Geral, que não executasse a sentença, pois assim parecia ser vontade de Deus, o que elle fez, e tornando-o ao carcere, foi logo avisar ao Governador do que havia passado, o qual, como era letrado e recto na justiça, o reprehendeo muito, dizendo que aquella piedosa opinião era, mas não tinha lugar em aquelle caso, onde a verdade era sabida, e a aleivosia tam notoria, pelo que o mesmo Governador huma madrugada o mandou tirar da cadêa, e fazer huma forca á porta della, onde o enforcarão, e não quebrou a corda.

Em estas, e outras cousas semelhantes se occupava o Governador na Bahia emquanto esperava successor, e as guerras não cessavão assim nas Capitanias do Sul, como do Norte, segundo veremos nos Capitulos seguintes.

CAPITULO DECIMO QUARTO

De como os Tamoyos, e Francezes depois da vinda do Governador forão do Cabo Frio ao Rio de Janeiro pera tomarem huma aldêa, e do que lhe succedeo

Posto que o Governador Geral Men de Sá, antes que se viesse pera a Bahia, deixou limpa a do Rio de Janeiro dos inimigos Tamoyos, elles se acolherão ao Cabo Frio, que dista do Rio dezoito legoas, e ali se fizerão fortes, e sahião a dar alguns assaltos aos de S. Vicente ajudados dos Francezes, á conta de elles mesmos tambem os ajudarem a cortar páu brasil pera carregarem suas náus, que ha muito em aquelle Cabo; e a tanto chegou o seu atrevimento, que juntando a oito náus Francezas as canoas que puderão, se embarcarão huns e outros, e entrarão pelo Rio de Janeiro, e passando á vista da Cidade de S. Sebastião, forão surgir em hum porto de huma aldêa, que distava da Cidade huma legoa, a qual era dos Indios confederados, e amigos dos Portuguezes, onde estava por principal hum de grande animo, e esforço, que nas guerras passadas havia feito grandes façanhas em defensa do nome Christão, e dos Portuguezes: seu nome brasil foi Arariboia, e no baptismo se chamou Martim Affonso de Souza, como seu padrinho o Senhor de S. Vicente, que o padrinhou quando vio á sua Capitania no anno de mil quinhentos e trinta.

A este vinhão os Tamoyos ajudados dos Francezes saltear e prender, pera fazerem em sua terra hum solemne banquete de suas carnes, segundo elles o mandarão por hum mensageiro dizer ao capitão mór Salvador Corrêa de Sá, o qual temeroso que tomada a aldêa tornassem sobre a Cidade, a fortificou muito á pressa, e mandou aos moradores, e soldados que estivessem em armas, e não menos solicito da saude do Indio amigo lhe mandou logo soccorro de gente Portugueza / ainda que pouca / animosa, e governada por Duarte Martins Mourão, seu capitão.

Avisado o valoroso Indio Martim Affonso de Souza, cercou logo a sua aldêa de trincheiras, e detendo só nella os que podião pelejar, mandou sahir toda a gente inutil, e escondel-a em parte segura, e elle com grande animo esperou os inimigos, os quaes desembarcados em terra, e a seu prometter seguros da victoria, nenhuma cousa fizerão aquelle dia, dilatando a batalha para o outro seguinte.

Donde os nossos, que vierão de soccorro, ajudados da obscuridade da noite puderão pôr em bom lugar hum falconete, que em huma grande canôa havião trazido pera aradarem (*arredarem ?*) com elle os inimigos.

Esforçado mais o valoroso Indio com este soccorro, e animando os seus, mandou romper as trincheiras, e appelidando o nome de Jesus e de São Sebastião, acommetter o inimigo, antes que se concertasse em esquadrões; os Indios alentados com a voz do seu capitão, e animados com o exemplo dos Portuguezes, cerrarão com os inimigos desconcertados, os quaes ainda, por serem mais em numero, lhes resistirão fortemente, em fim virarão as costas, não podendo soffrer a força dos Portuguezes, e Indios confederados.

Os nossos os seguirão, e com pouco damno seu, fizerão grande matança, porque as náus Francezas, acostando-se demasiadamente á terra, com a vasante da maré havião ficado em secco, e o falconete, chovendo sobre ellas huma tempestade de pedras, matava, e feria muitos marinheiros, que nellas estavão, e soldados que se embarcavão, athé que tornando a crescer a maré se fizerão ao mar, perdidos muitos Francezes, e ellas maltratadas; os Barbaros destroçados com difficuldade saltarão em as canoas, e perdidos os brios, e desfeitas as forças, em companhia das naus Francezas tornarão pera o Cabo Frio, e os que carregados de armas sahirão de sua terra ameaçando que havião despedaçar com seus dentes a Martim Affonso, deixarão em o campo espalhados muitos dos seus, pera que com seus bicos os despedaçassem as aves.

Os Francezes, reparadas suas náus, e carregadas de páu brasil, se tornarão nellas á sua patria.

CAPITULO DECIMO QUINTO

Das guerras, que houve neste tempo em Pernambuco

Vendo Duarte Coelho de Albuquerque a muita gente que acudia, assim de Portugal como das outras Capitanias, pera povoarem a sua de Pernambuco, e fazerem nella engenhos e fazendas; e que as terras do Cabo, que os Gentios inimigos tinhão occupadas, erão as mais ferteis, e melhores, determinou de lhas fazer despejar por guerra, e pera isto fez resenha de gente que podia levar, e ordenou que com a gente de Igaraçù fosse por capitão Fernão Lourenço, que era o mesmo capitão da dita Villa: com a gente de Paraty Gonçalo Mendes Leitão, irmão do Bispo, que então era Dom Pedro Leitão, e casado

com huma filha de Hyeronimo de Albuquerque; com a gente da Vargea de Capiguaribe Christovão Lins, Fidalgo Allemão; e da gente da Villa, mercadores, e moradores, porque erão de diversas partes do Reyno, ordenou outras tres companhias, e que por capitão dos Viannenses fosse J.º Paes; dos do Porto, Bento Dias de Santiago; e dos de Lisboa, Gonçalo Mendes Delvas, mercador; pelas quaes seis companhias ião repartidos vinte mil negros, os mais delles do Gentio da matta do páu brasil, contrarios dos do Cabo.

Tambem lhes mandou o capitão da ilha de Tamaracá huma companhia de trinta e cinco soldados brancos, e dous mil Indios frecheiros, e por capitão Pero Lopes Lobo: posto que elle os entregou a Duarte Coelho, pera que os repartisse por onde visse serem necessarios, e quiz antes metter-se na companhia dos aventureiros, que era dos mancebos solteiros.

Sobre todos ia por General Duarte Coelho de Albuquerque, acompanhado de Dom Philippe de Moura, e Philippe Cavalcante, genros de Hyeronimo de Albuquerque, e de outros homens nobres e honrados, que todos o quizerão acompanhar, e não ficou mais na Villa que Hyeronimo de Albuquerque com alguns velhos, que não podião menear as armas.

Com toda esta gente se partio Duarte Coelho de Albuquerque, e foi marchando athe ás primeiras cercas dos inimigos, onde o esperarão aos primeiros encontros, e houve alguns mortos e feridos de parte a parte, mas vendo que era impossivel resistir a tantos, se puzerão em fugida com grande pressa, pera que seguindo-os com a mesma não tivessem os nossos lugar de desmanchar-lhes as casas, e as cercas, e assim tornassem depois pelos mattos a meter-se nellas; mas Duarte Coelho, que lhes adivinhou os pensamentos, lhes mandou queimar algumas, e em outras deixou presidios, com ordem que lhes arrancassem todos os mantimentos, com o que os obrigou a commetter pazes, e elle lhas outorgou com as condições, que melhor lhe estiverão, e repartio as terras por pessoas, que as começarão logo a lavrar, os quaes como acharão tanto mantimento plantado não fazião mais que comel-o, e replantal-o da mesma rama, e nas mesmas covas, e com isto forão fazendo seus cannaviaes, e engenhos de assucar, com que enriquecerão muito, por a terra ser fertilissima, e só hum, que por isto se chamou João Paes do Cabo, chegou a fazer oito engenhos, que repartirão por oito filhos que teve, e coube a cada hum seu de legitima.

E porque as terras do Rio de Cirinhaen, que ficão defronte da ilha de Santo Aleixo, seis legoas do Cabo, erão tambem muito boas, e as tinha occupadas outro Gentio contrario, que já estava sujeito e pacifico, e de lá os vinhão inquietar, e salteal-os, lhes mandou Duarte Coelho dizer pelos nossos lingoas, e interpretes, que se quietassem, e fossem amigos, senão que lhe seria necessario defendel-os, e tomar vingança dos aggravos, e injurias, que lhes fazião.

Ao que elles com muita arrogancia responderão que não o havião com os brancos, nem com elle, senão com aquelles que erão seus inimigos, e con-

trarios antigos; mas se os brancos querião por elles tomar pendencias, ainda tinhão braços pera se defenderem de huns, e de outros.

Tornados os lingoas com esta reposta, fez Duarte Coelho de Albuquerque huma juncta de officiaes da Camera, e mais pessoas da governança, onde se julgou ser a cousa bastante pera se lhes fazer guerra justa, e os captivar, e com este assento se aprestou logo outro exercito, em que foi Philippe Cavalcante, fidalgo florentino, capitão dos que forão por mar em barcos, e caravellões, e Hyeronimo de Albuquerque, dos que marcharão por terra, que Duarte Coelho como soldado quiz ir solto, na companhia dos aventureiros, e tanto que chegarão ás cercas, e aldêas dos inimigos, tiverão grandes encontros, e resistencias, porque erão muitas, e rotas humas se acolhião logo, e se fortificavão, e defendião em outras com grande animo e coragem.

Porem quando virão o soccorro dos barcos, e que não poderão impedir-lhes o desembarcar, posto que o accommetterão animosamente, logo desconfiarão, e fugirão para o sertão, levando as molheres, e filhos diante, e ficando os valentes fazendo-lhes costas, que nunca as virarão aos nossos aventureiros, e Indios nossos amigos, que os forão seguindo muitas legoas, athe chegarem a huma grande cerca, onde se metterão huma tarde, apparecendo alguns pelos altos della, com tantos ralhos, e mostras de se defenderem, que ali cuidarão os nossos que os tinhão certos, e não sabião já quando havia de amanhecer pera abalroarem, animando-se todos huns aos outros pera a peleja; porem pela manhã a acharão despejada, que todos havião fugido, e só sahirão de entre o mato hum moço e huma moça de outro Gentio, que elles tinhão captivos, os quaes contarão que no mesmo tempo, que os ralhadores apparecerão na fronteira da cerca, ião todos os mais secretamente fugindo pela outra parte; e assim não havia pera que cançar mais em os seguir, porque ião pera mui longe, e pera mais não tornarem, como de feito assim foi, e os nossos se tornarão pera onde havião deixado os mais, e os acharão arrancando, e desfazendo os mantimentos dos fugidos, com o que se tornarão todos, huns por mar outros por terra, a Olinda com muito contentamento.

A' fama destas duas victorias ficou todo o Gentio desta Costa athé o Rio de S. Francisco tam atemorisado, que se deixavão amarrar dos brancos como se forão seus carneiros e ovelhas; e assim ião em barcos por esses rios, e os trazião carregados delles a vender por dous cruzados, ou mil reis cada hum, que he o preço de hum carneiro. Isto não fazião os que temião a Deus, senão os que fazião mais conta dos interesses desta vida, que da que havião de dar a Deus, e principalmente veio hum clerigo a esta Capitania, a que vulgarmente chamavão o Padre do Ouro, por elle se jactar de grande mineiro, e por esta arte era mui estimado de Duarte Coelho de Albuquerque, e o mandou ao sertão com trinta homens brancos, e duzentos Indios, que não quiz elle mais, nem lhe erão necessarios; porque em chegando a qualquer aldêa do Gentio, por grande que fosse, forte, e bem povoada, depennava hum frangão,

ou desfolhava hum ramo, e quantas pennas, ou folhas lançava pera o ar tantos demonios negros vinhão do inferno lançando labaredas pela boca, com cuja vista somente ficavão os pobres Gentios machos, e femeas, tremendo de pés e mãos, e se acolhião aos brancos, que o Padre levava comsigo; os quaes não fazião mais que amarral-os, e leval-os aos barcos, e aquelles idos, outros vindos, sem Duarte Coelho de Albuquerque, por mais reprehendido que foi de seu tio, e de seu irmão Jorge de Albuquerque, do Reyno, querer nunca atalhar tão grande tyrannia, não sei se pelo que interessava nas peças, que se vendião, se porque o Padre Magico o tinha enfeitiçado; e foi isto causa pera que ElRey Dom Sebastião o mandasse ir pera o Reyno, donde passou, e morreo com elle em Africa, e ficou a Capitania a Jorge de Albuquerque Coelho, que tambem passou com ElRey, e foi captivo, ferido, e aleijado de ambas as pernas, mas resgatou-se, e viveo depois muitos annos casado com a filha de Dom Alvaro Coutinho de Amourol, da qual houve dous filhos, Duarte de Albuquerque Coelho, e Mathias de Albuquerque, de que trataremos em o Livro Quinto. E o Padre do Ouro tambem foi preso em hum navio pera o Reyno, o qual arribou ás ilhas, donde desappareceo huma noite sem mais se saber delle.

CAPITULO DECIMO SEXTO

De como vinha por Governador do Brasil Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos, e o matarão no mar os cossarios

Em o anno do Senhor de mil quinhentos e setenta vinha por Governador do Brasil Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos, o qual, partido em huma bôa frota, ao segundo dia que sahio da barra de Lisboa começou a correr tormenta, que fez apartar humas náus das outras, donde huma foi encontrar com cossarios poderosos, que a tomarão, e matarão quarenta Padres da Companhia de Jesus, que nella vinhão com o Padre Ignacio de Azevedo, que já havia sido no Brasil seu primeiro Visitador, e a toda a mais gente que a náu trazia; e Dom Luiz arribou destroçado da tempestade á ilha da Madeira, onde refazendo-se, sobre ter navegado de huma parte pera a outra mais de duas mil legoas, com immenso trabalho chegou á vista do Brasil, que demandava, e sem a poder tomar, por mais que por isso trabalhou, lhe foi forçado arribar dalli á ilha Hespanhola, que é das Indias de Castella, e invernar nella, e arribar dalli outra vez a Portugal com a náu desbaratada da falta de tudo, e aportando assim na ilha Terceira, no porto da ilha lhe derão a nova da morte de seu filho Dom Fernando, que desastradamente morreo na India a mãos de Mouros.

Passado a outra náu, esperando tempo pera tornar a commetter a viagem do Brasil, partio quando o teve, sem alguma companhia de outras náus, e encontrou na mesma semana tres náus de cossarios lutheranos, a cujas mãos, não sendo poderoso de defender-se nem se querendo render, sobre ter mui esforçadamente pelejado, foi morto na batalha.

Era Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos / além de outras bôas qualidades, pelas quaes parecia digno de melhor ventura / curiosissimo da arte maritima, e tão douto, e diligente nella, que podia competir com os mais scientes, e experimentados pilotos; mas com isto infelicissimo em todas suas viagens, e navegações.

A primeira vez que houve de sahir ao mar, sendo despachado por capitão mór da Armada da India, estando já as náus carregadas, e a ponto de partirem, abrio a sua Capitania huma tão grossa agoa, que não poude partir com as outras, mas partio depois só, e veio invernar a esta Bahia, como dissemos no Capitulo Quinto deste Livro, e peior foi a jornada da India pera o Reyno, em que se perdeo com miseravelissimo naufragio, de que salvou somente a pessoa, com trinta e tantos companheiros, no batel da náu, deixando nella mais de tresentos, que se afogarão, com tanta magoa de seu coração por lhes não poder valer, que cobrio os olhos com huma toalha por não ver tão triste espectaculo, e sahindo assim da náu permittio Nosso Senhor que visse erra em poucos dias da ilha de S. Lourenço, povoada de cruel, e barbaro Gentio, com que as vidas não ficavão menos arriscadas, não tendo dalli, senão muito longe, outra terra, nem navio, nem mantimento; mas ordenou a Divina Misericordia que topasse alli acaso uma náu resgatando, na qual tornarão a India, onde Dom Luiz se embarcou em outra pera Portugal, e sobre ter peregrinado tres annos, e mais, chegou ao Reyno, sem ter de tão longa jornada, em que mettera tanto cabedal, mais que dividas, e trabalhos, e perigos, que nella passou, e não se cançando nem se mudando por tempo sua fortuna, sendo depois mandado por Governador do Brasil lhe acontecerão os infortunios, que atrás dissemos, e por fim delles a morte, que põe fim a tudo.

CAPITULO DECIMO SETIMO

Da morte do Governador Men de Sá

Neste mesmo anno, em que Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos foi morto em o mar a mãos de inimigos cossarios, que foi o de mil quinhentos setenta e hum, morreo de sua enfermidade o Governador Men de Sá, que o estava esperando pera ir-se pera o Reyno, mas quereria Nosso Senhor leval-o pera outro Reyno melhor, que hé do Ceu, como por sua vida, e morte, e prin-

cipalmente pela Misericordia Divina, se póde confiar. Foi sepultado em a capella da igreja dos Padres da Companhia, que elle havia ajudado a fazer de penas das condemnações applicadas pera a obra, e de outras esmolas. Fez testamento, em que instituio universal herdeira da sua fazenda, a sua filha Condessa de Linhares, com esta clausula, que se morresse sem deixar filho ou filha, que a herdasse, do engenho e terras, que cá tinha em Serigipe, ficasse a terceira parte á casa da Misericordia desta Cidade da Bahia, e os outros dous terços aos Padres da Companhia, hum pera elles, outro pera repartirem em esmolas, e dotes de orphãs.

Porém ainda que a Condessa morreo sem deixar filhos herdeiros, ella legou estes bens ao Collegio dos Padres da Companhia de Santo Antão de Lisboa, onde mandou fazer huma capella, e os Padres de cá, não lhes parecendo bem pôr-se á demanda com os seus, deixarão o litigio á Misericordia.

Não sómente o Governador Men de Sá morreo gososo de suas victorias /se ha cousa nas mundanas que na morte possa dar goso /, mas tambem de outras, que neste anno da sua morte, o decimo quarto do seu governo, alcançarão os Catholicos contra os infieis, que forão as mais insignes de quantas no mundo se hão visto; huma foi a que os Portuguezes alcançarão na India contra tres Reys, que se confederarão pera os lançarem della, e pera este effeito derão todos a hum tempo, o Hidalcão sobre Goa, o Nisa Maluco sobre Chaul, e o de Achem sobre Malaca; mas como em todas estas partes havia defensores Portuguezes, em todas foi igual a resistencia. Muitos forão de parecer que se largasse Chaul, porque não estava murado, nem tinha gente que o pudesse defender do poder de Nisa Maluco, e pera lhe mandar soccorro de Goa seria pôrem-se a perigo de perderem huma cousa, e outra: porém o Viso Rey Dom Luiz de Attayde, contra o parecer de todos, disse que nada havia de largar, e assim ficando-se com só dous mil homens em Goa, mandou Dom Francisco Mascaranhas a Chaul com seiscentos soldados escolhidos, fóra muitos fidalgos, e capitães, dos quaes alguns aperceberão navios em que o seguirão com gente á sua custa, como forão Dom Nuno Alvares Pereira, Pedro da Silva de Menezes, Nuno Velho Pereira, Ruy Pires de Tavora, João de Mendonça, e outros, que não podendo haver embarcações por partirem a furto do Viso Rey, se embarcarão com estes, que dissemos, e com outros, que pelo tempo forão acudindo, e com tão pouca gente foi Deus servido que o Viso Rey vencesse em Goa o Hidalcão, o qual o teve cinco mezes em cerco com trinta e cinco mil cavallos, e sessenta mil de pé, dous mil elephantes armados, e duzentas peças de artilharia de campo, as mais dellas de monstruosa grandeza, e Dom Francisco Mascaranhas com a gente que levava de soccorro, e a que tinha Luiz Freire de Andrade, capitão mór de Chaul, que serião oitocentos homens, matarão a Nisa Maluco doze mil Mouros de cem mil combatentes de pé, e cincoenta e cinco mil de cavallo, com que teve cercado a Chaul, e o puzerão em tanta desconfiança que a cabo de nove mezes, que durou o cerco, commetteo pazes a Dom Francisco Mascaranhas.

As mesmas commetteo o Hidalcão ao Viso Rey, e hum, e outro as aceitou com condições a seu gosto, muito a salvo da sua honra, e delRey. Pois o de Achem não livrou melhor que estoutros, porque indo pera Malaca se encontrou com Luiz de Mello da Silva, que em naval batalha o venceo, e o fez por então tornar frustado de seu intento.

Com esta victoria chegou o Viso Rey Dom Luiz de Attayde ao Reyno a vinte e dous de Julho do anno seguinte de mil quinhentos setenta e dois, por deixar já na India Dom Antonio de Noronha, seu successor, e ElRey Dom Sebastião foi na Cidade de Lisboa dar graças a Deus no domingo seguinte, em solemne procissão da Sé ao Mosteiro de S. Domingos, onde se pregou, e denunciou ao povo, levando á mão direita o Viso Rey em precedencia de todos os Principes e Senhores, de que foi accompanhado; grande honra, mas bem merecida, e devida a tão heroicos feitos.

A outra victoria que neste anno de mil quinhentos setenta e hum se alcançou foi a de Dom João de Austria, General da Liga Christã, o qual com Marco Antonio Colona, General das galés do Papa Pio Quinto, Sebastião Veniero, General dos Venezianos, o Principe Doria, o de Parma, e Urbino, e outros Senhores, que seguirão seu estandarte, em hum domingo, a sete de Outubro, em o Golfo de Lepanto venceo o Baxá General dos Turcos, matou-o, e lhe captivou dous filhos, sendo mais mortos trinta mil Turcos, captivos cinco mil, tomadas duzentas e vinte galés, e galeotas, e libertados quinze mil escravos Christãos, que vinhão remando em a armada do Turco; mas tambem dos nossos morrerão na batalha sete mil e quinhentos soldados, em que entrarão alguns capitães famosos.

Sabida a nova da perda da sua armada por Selim, Imperador dos Turcos, a sentio tanto, que sahio do seu juizo, dizendo que era principio da ruina do seu Imperio, mas sendo consolado por Luchali, que havia escapado com quinze galés, e lhe mostrou o estandarte de Malta, que havia tomado na batalha, e aconselhado pelos seus, mandou logo aprestar outra armada, fazendo general della o dito Luchali, o qual mui contente com o novo cargo se dava pressa em fabricar galés, fundir artilharia, fazer munições, e vitualhas pera sahir o anno seguinte, o que sabido pelo Summo Pontifice tornou a tratar com os Principes Christãos de nova Liga, pedindo tambem a ElRey de Portugal Dom Sebastião quizesse entrar nella, e juntamente quizesse aceitar o casamento de Margarita, filha de ElRey Henrique de França, em que já lhe havião fallado, e ella não quizera, o qual sabendo que o dito Rey de França se excusava da Liga contra o Turco, respondeo que aceitava o casamento, e não queria mais dote com ella, senão que entrasse seu pae na dita Liga, e elle mesmo se offerecia que pelo mar Roxo, e Persico molestaria o Gran Turco com suas armadas em aquelle tempo victoriosas, e nisso trabalharia com todo o seu poder e forças.

Tam zeloso era ElRey Dom Sebastião da honra de Deus, e de guerrear por ella contra os infieis, que só por isto aceitava o casamento / a que não

era afeiçoado /, e não queria outro dote ; mas não se concluindo este matrimonio, que tantos males, e desaventuras podera escusar, casou com ella Henrique de Bourbon, Duque de Vandoma, e Principe de Bierne, e ElRey Dom Sebastião continuou com suas guerras, que era o que desejava sobre todas as cousas da vida, athé que nellas a perdeo.

CAPITULO DECIMO OITAVO

De como ElRey Dom Sebastião mandou Christovão de Barros por Capitão Mór a governar o Rio de Janeiro

ElRey Dom Sebastião, depois que começou a governar por si o Reyno, como era tão solicito de conquistas / que prouvera a Deus não fôra tanto /, sabendo da que se fazia no Rio de Janeiro, mandou a ella por capitão mór, e Governador a Christovão de Barros, o qual era filho bastardo de Antonio Cardoso de Barros, primeiro Provedor Mór da Fazenda dElRey no Brasil, que tornando-se pera o Reyno em companhia do primeiro Bispo, dando a náu á costa junto ao rio de S. Francisco, foi morto, e comido do Gentio, como já dissemos em o Capitulo Terceiro deste Livro.

Era Christovão de Barros homem sagaz, e prudente, e bem afortunado em as guerras, e assim, depois que chegou ao Rio de Janeiro, em todas as que teve com os Tamoyos ficou victorioso, e pacificou de modo o reconcavo, e rios daquella Bahia, que tornados os ferros das lanças em fouces, e as espadas em machados, e enxadas, tratavão os homens já somente de fazer suas lavouras, e fazendas, e elle fez tambem hum engenho de assucar junto a hum rio chamado Magé, onde se faz huma pescaria de fataças, e chama-se Piraiqué, que quer dizer «entrada de peixe», tão notavel, que não é bem passal-a em silencio.

Hé este rio de agoa doce, mas entra por elle a maré huma legoa pouco mais ou menos. Nas agoas vivas do mez de Junho, que hé alli a força do inverno, entrão por elle tantas fataças, ou corimans / como os Indios brasis lhes chamão /, que pera as poderem vencer se juntão duzentas canôas de gente, e lançando muito barbasco machucado á riba donde chega a maré, quando está preamar se tapa a boca, ou barra do rio com huma rede dobrada, vai o peixe a sahir com a vasante, não pode com a rede, nem menos esconder-se em o fundo, porque a agoa o embasbaca, e embebeda de maneira que, viradas de barriga, as fataças andão sobre ella meias mortas, donde com hum redofolles as tirão como colhér de caldeira, aos pares, até encher as canôas.

Sahem-se logo fóra, e cortadas as cabeças lhes escallão os corpos, e salgadas os pôem a seccar em os penedos, que ha alli muitos; e das cabeças cosidas fazem azeite pera se allumiarem todo o anno.

Nas agoas seguintes de Julho se faz outra Piraiqué, ou pescaria, da mesma maneira que a passada, mas não são já tam gordas as fataças, porque estão todas ovadas de ovas grandes e saborosas, as quaes salgão, prensão, e seccão para comerem, e levarem a vender á Bahia, e à outras partes.

Contei isto, porque esta pescaria se faz em aquelle rio de Magé, onde Christovão de Barros fez o seu engenho, e no seu tempo, e ainda depois alguns annos se mandava lançar publico pregão na cidade do dia em que se havia de fazer a pescaria, pera que fossem a ella todos os que quizessem, e poucos deixavão de ir, assim pelo proveito como por recreação.

CAPITULO DECIMO NONO

Do quarto Governador do Brasil Luiz de Brito de Almeida, e de sua ida ao Rio Real

Sabida no Reyno a nova da morte de Luiz Fernandes de Vasconcellos, que os cossarios matarão no mar vindo governar o Brasil, mandou logo ElRey por Governador a Luiz de Brito de Almeida, que havia sido Escrivão da Misericordia em hum anno de muita festa em Lisboa, e desemparando o Provedor, e Irmãos o Hospital com temor do mal contagioso, elle assistio sempre, provendo-os de todo o necessario pera sua cura; pelo que ElRey lhe encarregou este Governo, no qual, depois de chegar, e prover nas cousas da paz, que por morte de seu antecessor achou desordenadas, começou a entender nas da guerra; e a primeira a que acudio foi a lançar os Gentios inimigos do Rio Real, e povoal-o como ElRey lhe havia mandado, pelas boas informações que delle tinha, e o mesmo nome de Rio Real está publicando, e promettendo.

Este rio está em doze gráus, tem de boca meia legoa, em a qual ha dous canaes, e por qualquer delles entrão navios da Costa de cincoenta toneladas. Da barra pera dentro hé o rio mui fundo, e faz huma bahia de mais de huma legoa, onde ha grandes pescarias de peixes bois, e de toda a mais sorte de peixe.

Entrã a maré por elle sete ou oito legoas. Do salgado pera cima hé a terra muito boa pera cannas de assucar, e outras plantas; tem muito páu brasil, e por todas estas cousas a mandava ElRey povoar; porém como havia alli Gentio contrario, foi primeiro o Governador pera a fazer despejar com muitos moradores da Bahia, huns por terra, outros nos barcos, em que ião os mantimentos, e alcançou victoria de hum grande principal chamado Soroby, queimando-lhe as aldêas, matando, e captivando a muitos; e porque outro chamado Aperipé lhe fugio com a sua gente o seguio cincoenta legoas pelo sertão sem lhe poder dar alcance, onde achou duas lagôas notaveis, huma de quinhentas braças de comprido, e cento de largo, cuja agoa hé mais salgada que a do

mar, e toda cercada de perrexil: outra pegada a esta de mais de seiscentas braças de largo de agoa muito doce; ambas tem muito peixe, e o Governador mandou pescar muito, com que se tornou pera a Bahia, encarregando a povoação a Garcia da Vida, que tinha sua casa, fazenda, e muitos curraes dalli a doze ou treze legoas no rio de Tatuapará, o qual a começou, mas nunca se acabou de povoar senão de curraes de gado.

CAPITULO VIGESIMO

Das entradas, que neste tempo se fizerão pelo sertão

Não ficarão pouco pesarosos os moradores da Bahia, que accompanharão o Governador ao Rio Real, por não acharem o Gentio, que buscavão, pera o captivarem, e se servirem delle como aquelles a quem havia levado mais esta cobiça que o zelo da nova povoação, que ElRey pertendia se fizesse; mas ainda se ajudarão do successo pera seu intento, dizendo ao Governador que pois as guerras afugentavão os Gentios, como se vira nesta, e nas que seu antecessor lhes havia feitas, com que os fez afastar do mar mais de sessenta legoas, seria melhor trazel-os por paz, e per persuasão de Mamalucos, que por elles saberem a lingoa, e pelo parentesco, que com elles tinhão / porque Mamalucos chamamos mestiços, que são filhos de brancos, e de Indias /, os trarião mais facilmente que per armas.

Por estas razões, ou por comprazer aos supplicantes, deo o Governador as licenças, que lhe pedirão, pera mandarem ao sertão descer Indios por meio dos Mamalucos, os quaes não ião tam confiados na eloquencia, que não levassem muitos soldados brancos, e Indios confederados, e amigos, com suas frechas, e armas, com as quaes, quando não querião por paz, e por vontade, os trazião por guerra, e por força: mas ordinariamente bastava a lingoa do parente Mamaluco, que lhes representava a fartura do peixe, e mariscos do mar, de que lá carecião, a liberdade de que havião de gosar, a qual não terião se os trouxessem por guerra.

Com estes enganos, e com algumas dadivas de roupas, e ferramentas, que davão aos principaes, e resgates, que lhes davão pelos que tinhão presos em cordas pera os comerem, abalavão aldêas inteiras, e em chegando á vista do mar, apartavão os filhos dos paes, os irmãos dos irmãos, e ainda ás vezes a molher do marido, levando huns o capitão Mamaluco, outros os soldados, outros os armadores, outros os que impetrarão a licença, outros quem lha concedeo, e todos se servião delles em suas fazendas, e alguns os vendião, porém com declaração que erão Indios de consciencia, e que lhes não vendião senão o serviço, e quem os comprava, pela primeira culpa, ou fugida, que fazião, os ferrava na face, dizendo que lhe custarão seu dinheiro, e erão seus

captivos; quebravão os pregadores os pulpitos sobre isto, mas era como se pregassem em deserto.

Entre estas entradas no sertão fez huma Antonio Dias Adorno, ao qual encommendou o Governador que trabalhasse por descobrir algumas minas, o qual entrou pelo rio das Contas, que é da Capitania dos Ilheos, e seguindo a sua corrente, que vem de mui longe, rodeou grande parte do sertão, onde achou esmeraldas, e outras pedras preciosas, de que trouxe as amostras, e o Governador as mandou ao Reyno, onde examinadas pelos lapidarios, as acharão muito boas; mas nem por isso se mandou mais a ellas, signal que havião lá ido mais a buscar peças que pedras, e assim trouxerão sete mil almas dos Gentios Topiguaens, sem trazerem algum mantimento, que comessem, em duzentas legoas, que caminharão muito devagar, por virem muitas molheres, e crianças, e muitos velhos, e velhas, sustentando-se só de fructas agrestes, caça, e mel, mas isto em tanta abundancia que nunca se sentio fome, antes chegarão todos gordos, e valentes: donde se collige quam fertil hé aquelle sertão, e pelo conseguinte com quanta facilidade se pudera tornar em busca das pedras preciosas já descobertas, e descobrir outras.

Tambem mandou o mesmo Governador hum Sebastião Alvares ao rio de S. Francisco com officiaes, e tudo o mais necessario pera fazer huma embarcação em que por elle navegassem em descobrir algumas minas, e pera isso escreveo a hum grande principal do sertão chamado Porquinho, que o ajudasse com gente, e tudo o mais que pudesse; elle mandou hum vestido de escarlata, e huma vara de meirinho pera trazer na mão.

Levou este recado hum Diogo de Crasto, que já havia estado em sua casa, e sabia bem fallar-lhe a lingoa, e outro grande lingoa, que havia sido Irmão da Companhia, chamado Jorge Velho.

Estimou muito o Porquinho ver o caso que delle fazia o Governador, e nunca jámais faltou em quanto os brancos o occuparão; e assim poz com sua ajuda o capitão a embarcação em boa altura, e a fez em parage donde o rio era todo navegavel, porque dalli pera baixo lhe ficava já a cachoeira, e o sumidouro, quando lhe chegou huma carta do Governador Lourenço da Veiga, que succedeo a Luiz de Brito, em que mandava que logo lhe viesse dar conta da fazenda de ElRey, que levara, obedeceo o homem, e posto que depois tornou não achou já os seus, que se havião mettido com outros de Pernambuco a descer Gentio, como elle tambem fez, e todos lá acabarão.

Não só da Bahia, mas tambem dos Ilheos, e de Pernambuco, se fizerão neste tempo outras entradas.

Dos Ilheos foi Luiz Alvares Espinha com pretexto de fazer guerra a certas aldêas dahi a trinta legoas, por haverem em ellas mortos alguns brancos, porém não se contentou com lha fazer, e captivar todas aquelles aldeãos, senão que passou adiante, e desceo infinito Gentio.

De Pernambuco forão Francisco de Caldas, que servio de Provedor da

Fazenda, e Gaspar Dias de Taide com muitos soldados ao rio de S. Francisco, e ajudando-se do Braço de Peixe, que era hum grande principal dos Tobajares› e da sua gente, que era muito esforçada, e guerreira, entrarão muitas legoas pelo sertão, matando os que resistião, e captivando os mais.

Tornando-se depois pera o mar com sete mil captivos, determinarão pagar ao Braço com o levarem tambem amarrado, e a todos os seus: porém elle os entendeo, e não deixando de os servir com mantimentos das suas roças, e caça do matto, pera aquelles, deo duzentos caçadores pera assegurar mais a sua caça, e depois que os teve seguros, que nem se vigiavão, nem lhes parecia haver pera que, mandou chamar outro principal seu parente, chamado Assento de Passaro, que viesse com os frecheiros da sua aldêa, e avisou os seus caçadores, que estavão entre os brancos, estivessem alerta na madrugada seguinte, pera que, quando ouvissem o seu urro costumado, darem juntamente nos nossos, e lhes não escapar algum com vida; e assim foi que, achando-os dormindo mui descuidados, subitamente os accommetterão com tanto impeto, que não lhes derão lugar a tomar armas, nem a fugir, e os matarão todos; e soltos os outros Gentios captivos, depois que ajudarão a festejar a sua liberdade, comendo a carne de seus senhores, os deixarão tornar pera suas terras, ou pera onde quizerão; só escapou dos nossos hum Mamaluco, que huma moça, irmã do principal Assento de Passaro, escondeo.

Este levou a nova aos brancos, que estavão no porto esperando, e depois nelles a Olinda, onde foi muito sentida de todos, pranteando as viuvas seus maridos, e os filhos seus paes, que alli morrerão. Nem parou aqui o mal, senão que os homicidas, temendo-se que os brancos fossem tomar vingança destas mortes, sendo Tobajares, e contrarios dos Potiguares, se forão metter com elles na Paraiba, e se fizerão seus amigos pera os ajudarem em as guerras, que nos fazião, como adiante veremos.

NB. Este Capitulo foi copiado das addições e emendas a esta Historia do Brasil; cujos addimentos existem no Real Archivo da Torre do Tombo.

CAPITULO VIGESIMO PRIMEIRO

Das differenças, que o Governador, e o Bispo tiverão sobre hum preso, que se acolheo á Igreja

Por morte do Bispo Dom Pedro Leitão veio o Bispo Dom Antonio Barreiros, que havia sido Dom Prior de Aviz, a governar este Bispado do Brasil; era homem benigno, esmoler, e dotado de muitas virtudes; mas não era chegado de muitos dias, quando se offereceo huma occasião de differenças, e desgostos entre elle e o governador Luiz de Brito; a occasião foi esta:

Havia nesta terra hum homem, aliás honrado, e rico, chamado Sebastião da Ponte, mas cruel em alguns castigos, que dava a seus servos, fossem brancos ou negros; entre outros chegou a ferrar hum homem branco em huma espadoa com o ferro das vaccas depois de bem açoutado; sentido o homem disto se embarcou, e foi pera Lisboa, onde esperando huma manhã a ElRey, quando ia pera a capella, deixou cahir a capa, que só levava sobre os hombros, e lhe mostrou o ferrete, pedindo-lhe justiça com muitas lagrimas.

Informado ElRey do caso, escreveo ao Governador que mandasse preso, e a bom recado ao Reyno o dito Sebastião da Ponte.

Teve elle noticia disto, e acolheo-se a huma ermida de Nossa Senhora da Escada, que está junto a Pirajá, onde o réo então morava: demais disto chamou-se ás ordens, dizendo que tinha as menores, e andava com habito, e tonsura, porque não era casado, pelas quaes razões deprecou o Bispo ao Governador não o prendesse, mas não lhe valeo, começou logo a proceder a censuras, e finalmente chegou o negocio a tanto, que houverão de vir ás armas, correndo com ellas o povo nescio, e inconstante, já ao Bispo com o temor das censuras, já ao Governador com o temor da pena capital, que ao som da caixa se publicava, e o que mais era, que ainda depois de todos acostados ao Governador, seus proprios filhos, que estudavão pera se ordenarem, com pedras nas mãos contra seus paes se acostavão ao Bispo, e a seus clerigos, e familiares.

Porém emfim / Jussio Regis urgebat /, e se mandou o preso ao Reyno, como ElRey o mandava, onde foi mettido na prisão do Limoeiro, e nella acabou como suas culpas merecião.

Tambem neste tempo deo a náu Santa Clara, indo para a India, á costa no rio Arambepe á meia noite, dando por cima de huma lagea, hum tiro de falcão do recife, e se perderão mais de tresentos homens, que nella ião com o capitão Luiz de Andrade.

Dista o rio donde a náu se perdeo cinco ou seis legoas desta Cidade, e assim acudio logo lá muita gente, e se tirou do fundo do mar muito dinheiro de mergulho, de que se pagarão per si os buzios, e nadadores, e muitos que nada nadarão. A isto acudio o Bispo com a excommunhão da Bulla da Ceia contra os que tomão os bens dos naufragios; não sei se aproveitou alguma cousa, só sei, que ouvi dizer a hum, dalli a muitos annos, que aquelle fôra o tempo dourado pera esta Bahia pelo muito dinheiro que então nella corria, e muitos Indios, que descerão do sertão, e bem dizia dourado, e não de ouro, porque para este outras cousas se requerião.

CAPITULO VIGESIMO SEGUNDO

Do principio da rebellião, e guerras do Gentio da Parahiba

O rio da Parahiba, que nas cartas de marear se chama de S. Domingos, está em seis gráus e tres quartos. A boca da abra que o rio faz tem de largo huma legoa, e o canal que vai pelo meio, que hé o que chamão barra, tem hum quarto de legoa, e todo o mais de huma parte e outra hé muito esparcellado, o fundo é de arêa limpa, e assim hé muito maior porto, e capaz de maiores embarcações, que o de Pernambuco, do qual dista vinte e duas legoas de costa pera a banda do Norte.

Pelo rio acima huma legoa tem huma ilha formosa de arvoredo de huma legoa de comprido, e hum terço de largo, defronte da qual está o surgidouro das náus capaz de grande quantidade dellas, e abrigado de todos os ventos, e chega ainda a maré pelo rio acima cinco legoas, por onde podem navegar grandes caravellões; tem huma varzea de mais de quatorze legoas de comprido, e de largo duas mil braças, toda retalhada de esteiros, e rios caudaes de agoa doce, que já hoje está toda povoada de cannas de assucar e engenhos, pera os quaes dão os mangues do salgado lenha pera se cozer o assucar, e pera cinza da decoada em que se limpa; em este rio entravão mais de vinte náus Francezas todos os annos a carregar de páu brasil, com ajuda que lhes davão os Gentios Potiguares, que senhoreavão toda aquella terra da Parahiba athé o Maranhão algumas quatrocentas legoas: e assim ajudavão os Portuguezes visinhos das Capitanias de Tamaracá e Pernambuco, depois que tiverão pazes, como fica dito no Capitulo Decimo Segundo do Livro Segundo; mas tantas vexações, e perrarias lhe fizerão, que se tornarão a rebellar.

Huma só contarei, que foi como disposição ultima, e occasião propinqua desta rebellião, e foi que entre outros Mamalucos, que andavão pelas aldêas suas resgatando peças captivas, e outras cousas, e debaixo disto roubando-os com violencia e enganos, houve hum natural de Pernambuco, o qual, posto que era filho de hum homem honrado, tirou mais a ralé da mãe que do pae; este indo a huma aldêa da Capaôba com seus resgates, se agasalhou em hum rancho de hum principal grande chamado Iniguasú, que quer dizer « rede grande », e se namorou de huma filha sua, moça de quinze annos, dizendo que queria casar ou amancebar-se com ella, pera ficar entre elles, e não vir mais pera os brancos, no que ella consentio, e o pae tambem, entendendo que cumpriria o noivo a condição promettida. Porém indo a huma caça, que durou alguns dias, quando tornou não achou o genro, nem a filha, porque se havião ido pera Pernambuco: sentio-o muito, e mandou logo dous filhos seus em busca da irmã, os quaes, porque o Mamaluco lha não quiz dar se forão queixar a Antonio Salema, que estava por correição em Pernambuco, posto que já de partida para a Bahia, e

elle mandou logo notificar o pae do querellado, que trouxesse a moça, como trouxe, e a entregou aos irmãos, passando-lhes huma provisão pera que ninguem lhes impedisse o caminho, ou lhes fizesse algum aggravo, antes lhes dessem os brancos por onde passassem todo o favor, e ajuda pera o seguirem ; avisando-os que não consentissem Mamalucos em suas aldêas, e assim o avisou ao capitão mór da ilha Affonso Rodrigues Bacellar, que não consentisse em ir ao sertão semelhante gente.

Forão os negros mui contentes com sua irmã, e mais depois que virão o bom agasalhado, que pelo caminho lhes fazião os brancos, obedecendo á Provisão que levavão, até que chegárão á casa de um Diogo Dias, que era o derradeiro que estava nas fronteiras da Capitania de Tamaracá, o qual os recebeo com muitas mostras de amor, e muito mais a irmã, que mandou recolher com outras moças de Camera, sem mais a querer dar aos portadores, nem a outros, que o pae mandou depois que soube, pedindo-lhe que lhe mandasse sua filha, e quando não quizesse a fossem pedir ao dito capitão mór da ilha, como forão, e nenhuma cousa aproveitou, porque o capitão era amigo de Diogo Dias, e dissimulou com o caso.

Espalhada esta nova pelos Gentios das aldêas quizerão logo tomar vingança em os regatões, que nellas estavão, e tomar-lhes os resgates ; mas o principal agravado lhes foi á mão dizendo que aquelles não tinhão culpa, e não era razão pagassem os justos pelos peccadores, e sómente os fez sahir das aldêas, e ir pera suas casas como o corregedor Antonio Salema havia mandado ; tam bem intencionado era este negro, e affecto aos Portuguezes, que nem ainda de seu offensor tomara vingança, senão fôra atiçado por outros Potiguares, principalmente pelos da beira-mar, com os quaes communicavão os Francezes, e para o seu commercio do páu brazil lhes importava muito ter liança com estoutros da serra, e como nesta conjuncção estavão tres náus Francezas á carga na Bahia da Traição, e o capitão mór da ilha de Tamaracá havia dado hum assalto, que matou alguns Francezes, e lhes queimou muito páu que tinhão feito, no qual assalto se havia tambem achado Diogo Dias, tantas cousas disserão ao bom Rede Grande, que veio a consentir que dessem em sua casa, e fazenda, que era hum engenho que havia começado no rio Taracunhaê ; e porque sabião que o homem tinha muita gente, e escravos, e huma cêrca mui grande feita, com huma casa forte dentro, em que tinha algumas peças de artilharia, se concertarão que elle viria com todo o Gentio da serra por huma parte, e o Tujucipâpo, que era o maior principal da ribeira, com os seus, e com os Francezes por outra, e assim como o disserão o fizerão, e com serem infinitos em numero ainda usarão de huma grande astucia, que não remetterão todos á cêrca nem se descobrirão, senão sómente alguns, e ainda estes começando os nossos a feril-os de dentro com frechas, e pelouros, se forão retirando como que fugião ; o que visto por Diogo Dias se poz a cavallo, e sahindo da cêrca com os seus escravos, foi em seu seguimento, mas tanto que o virão fóra rebentarão os mais

da cilada com um urro, que atroava a terra, e o cercarão de modo, que não podendo recolher-se á sua cêrca, foi alli morto com todos os seus, e a cêrca entrada, onde não deixarão branco nem negro, grande nem pequeno, macho nem femea, que não matassem, e esquartejassem.

Foi esta guerra dos Potiguares, governando o Brasil Luiz de Brito, em a era de mil quinhentos setenta e quatro, e della se seguirão tantas, que durarão vinte e cinco annos.

CAPITULO VIGESIMO TERCEIRO

De como dividio El Rey o Governo do Brasil mandando o Doutor Antonio Salema governar o Rio de Janeiro com o Espirito Santo, e mais capitanias do Sul, e o Governador Luiz de Brito com a Bahia, e as outras do Norte, e que fosse conquistar a Parahyba

Informado El Rey Dom Sebastião de todo o conteudo no Capitulo precedente, e receioso de se os Francezes situarem no rio da Parahyba, mandou ao Governador Luiz de Brito de Almeida o fosse ver, e eleger sitio pera huma forte povoação, donde se pudessem defender delles, e dos Potiguares, e pera que melhor o pudesse fazer, e sem que sentissem sua falta as Capitanias do Sul, de Porto Seguro para baixo, encarregou o governo dellas ao Doutor Antonio Salema, que havia estado em Pernambuco com alçada, e então estava na Bahia, donde se partio em o anno do Senhor de mil quinhentos setenta e cinco, e foi bem recebido no Rio de Janeiro assim pelo capitão-mór Christovão de Barros, como de todos os mais Portuguezes, e Indios principaes, que o visitarão, sendo o primeiro e principalissimo Martim Affonso de Souza, Arariboia, de quem tratamos no Capitulo Decimo Quarto deste livro, ao qual, como o Governador désse cadeira, e elle em se assentando cavalgasse huma perna sobre a outra segundo o seu costume, mandou-lhe dizer o Governador pelo interprete, que alli tinha, que não era aquella boa cortezia quando fallava com hum Governador, que representava a pessoa de El Rey.

Respondeo o Indio de repente, não sem colera e arrogancia, dizendo-lhe: « Se tu souberas quão cançadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a El Rey, não estranharas dar-lhe agora este pequeno descanço, mas já que me achas pouco cortezão eu me vou para minha aldêa, onde nós não curamos desses pontos, e não tornarei mais á tua côrte.» Porém nunca deixou de se achar com os seus em todas as occasiões, que o occupou.

Depois que o Governador esteve alguns dias em terra compondo e ordenando as cousas della, e da justiça, como bom letrado que era, foi informado que no Cabo Frio estavão muitas náus Francezas resgatando com o Gentio, e

que todos os annos alli vinhão carregar de páu brasil; pelo que determinou logo lançal-os fóra, e pera isto se ajuntou com Christovão de Barros, e com quatrocentos Portuguezes, e setecentos Gentios amigos, commetterão animosamente os Francezes, e posto que os acharão já fortificados com os Tamoyos, e se defenderão com muito animo, todavia apertarão tanto com elles, que tiverão por seu bem entregar-se, e os Tamoyos, que escaparão, com espanto do que tinhão visto se afastarão de toda aquella costa, mas os captivos, que quizerão receber a Fé, poz o Governador Antonio Salema em duas aldêas no reconcavo do Rio de Janeiro, a que chamarão huma de S. Barnabé, e outra de S. Lourenço, e se encommendarão aos Padres da Companhia, pera que como aos outros catecumenos lhes ensinassem o ministerio de nossa Fé.

CAPITULO VIGESIMO QUARTO

De como o Governador Luiz de Brito mandou o Ouvidor Geral Fernão da Silva á conquista da Parahyba, e depois ia elle mesmo, e não poude chegar com ventos contrarios

Por não poder o Governador Luiz de Brito de Almeida ir logo á conquista da Parahyba, que El Rey lhe encommendou, a encarregou ao Doutor Fernão da Silva, Ouvidor Geral, e Provedor-mór deste Estado, que em aquella occasião ia por correição a Pernambuco, o qual com todo o poder de gente de pé e de cavallo, e Indios, que de Pernambuco e Tamaracá poude levar, foi a ver o sitio, e castigar os Potiguares rebellados: os quaes como o virão ir tão poderoso não ousarão esperal-o, nem elle os correo mais que athé á boca do dito rio, onde tomou delle posse em nome de El Rey com muita solemnidade de actos, que mandou fazer muito bem notados, e com este feito se tornou mui satisfeito a Pernambuco, e dahi depois de concluidos os negocios de seu officio outra vez para a Bahia, porém os Potiguares, que nenhuma cousa entendem de actos nem termos judiciaes, nem se lhes dá delles, como não virão pelouros, nem quem lhos tirasse, se tornarão a senhorear da terra como de antes, e com mais animo e coragem.

Neste interim se havia concertado Boaventura Dias, filho de Diogo Dias, com hum Miguel de Barros, de Pernambuco, homem rico, e que tinha muito Gentio da terra pera fazerem hum engenho de assucar em Guiana *(Goyana?)*, no sitio em que depois o teve Antonio Cavalcante, e pera bem o poderem fazer, e defender, fizerão huma casa forte de madeira de taipa, e mão dobrada, donde com os arcabuzes, que os brancos dentro tinhão, e o seu Gentio com arcos e frechas, se defenderão de alguns assaltos, que os Potiguares lhe derão, e cerco em que os puzerão; porém hum dia advertirão que a loja da casa estava aberta por

huma parte onde lhes não havião feito taipa, e emquanto huns pelejavão outros secretamente metterão por alli muita palha secca, e lhes puzerão fogo, o qual se começou logo a atear nas traves, e taboas do sobrado, sem que os de riba vissem mais que a fumaça, que os cegava, sem saberem donde vinha, e indo duas molheres abrir hum alçapão para verem o que era, subio incontinente tão grande labareda que as abrazou, o que visto pelos homens, e como toda a casa estava cercada de inimigo, determinarão sahir a campo, e vender bem suas vidas, como fizerão, matando primeiro a muitos, que delles fossem mortos, e como o numero era tão grande forão vencidos e mortos.

CAPITULO VIGESIMO QUINTO

De huma entrada, que nesse tempo se fez de Pernambuco ao sertão

Em a era do Senhor de mil quinhentos setenta e oito, em que Lourenço da Veiga governava este Estado, se ordenou em Pernambuco huma entrada pera o sertão em que foi por capitão Francisco Barbosa da Silva em hum caravellão athé ao rio de S. Francisco, e por ser a gente muita, e não caber na embarcação, forão setenta homens por terra, levando por seu cabo a Diogo de Crasto, que fallava bem a lingoa da terra, e havia já ido da Bahia a outras entradas.

Estes havendo passado o rio Formoso forão commettidos de hum bando de porcos montezes, com tanta furia, e rugido de dentes, que os poz em pavor, mas como tinhão as espingardas carregadas, descarregarão-nas nelles, e os fizerão voltar ficando sete mortos, que forão bons pera a matolagem.

Dahi a nove dias, chegando á lagoa virão estar huma náu Franceza, surta tres legoas ao mar, pera o rio de S. Miguel, da qual se havião desembarcado dez Francezes, e estavão em huma tranqueira contratando com alguns Gentios.

Derão os nossos sobre elles de madrugada quando dormião, matarão nove, ficando só hum defendendo-se tam valorosamente com huma alabarda, que com estar já com huma perna cortada, ainda antes que o matassem matou hum soldado nosso chamado Pedro da Costa.

Os Indios, que com elles estavão, erão poucos, e dizendo-lhes Diogo de Crasto, que os não buscavão, senão aos Francezes, se forão sem fazer alguma resistencia, e os nossos seguirão seu caminho athé o desembarcadouro do rio de S. Francisco, onde foi aportar o caravellão com o seu capitão, e os mais, que levava; e dalli, por não terem Indios, que lhes carregassem os mantimentos, e resgates, os mandarão pedir ao principal chamado Porquinho, e a outro seu contrario chamado o Setta, pera que se hum os não désse, os désse o outro, e elles forão tão obedientes, que de ambas as partes vierão; e assim pera os contentar se foi o capitão com os do Setta, e Diogo de Crasto com os do Porquinho.

O Setta, depois de ter o capitão em casa, lhe commetteo que lhe queria vender huma aldêa de contrarios, que tinha dali a nove ou dez legoas, que fosse com elle, e lha entregaria; aceitou o capitão o partido, e deixando em guarda do fato hum Diogo Martins Leão com doze homens, se foi com os mais onde o Setta os levava.

Dos que ficarão com o Leão forão cinco pelas aldêas visinhas a buscar de comer, porque os Gentios dellas se publicavão amigos, mas elles os matarão sem lhes haverem dado pera isso occasião alguma, e logo se forão á casa onde Diogo Martins Leão havia ficado com os mais pera os matarem todos, e lhes tomarem os resgates, os quaes entendendo a determinação com que ião carregarão á pressa as espingardas, e começarão a se defender valerosamente.

Logo escreveo Diogo Martins huma carta a Diogo de Crasto, que o soccorresse, e lha mandou por hum cigano, a qual vista, e o perigo, e aperto em que ficavão, deo cópia della ao Porquinho, que logo se pôz a prégar que sempre fôra amigo dos brancos, e o havia de ser athé a morte, pois elles lhes levavão as ferramentas com que fazião suas roças, e sementeiras, e outras cousas boas de que erão senhores; que se fizessem prestes pera os irem soccorrer, porque elle se punha já ao caminho, como de feito se pôz, e dentro de vinte e quatro horas se achou junto aos cercados com mil e quinhentos Indios, em companhia de Diogo de Crasto, e de mais oito homens brancos, os quaes, repartidos todos em duas mangas, feito o signal com huma corneta, derão subitamente no inimigo com tanto impeto que não lhes puderão resistir, e se puzerão em fugida; mas como os tinhão cercados com as mangas, ião lhes dar nas mãos, e forão mortos mais de seiscentos; era isto antemanhã, e como amanheceo depois de se saudarem, e renderem as graças os que ficarão livres do cerco, lhes perguntou se sabia o capitão daquella rebellião do Gentio, e por lhe dizerem que não, lhe escreveo dous escriptos do que havia passado, e que logo se tornasse com boa ordem, e vigilancia athé se juntarem com elle, que tambem o ia buscar, porque entre tantos inimigos não convinha andarem espalhados: hum destes escriptos levava hum Mamaluco, que não chegou, porque os inimigos o matarão no caminho; o outro levou hum Indio, que chegou, o qual visto pelo capitão dissimulou o temor, e alvoroço, que com elle recebeo e disse ao Setta e aos mais, que os acompanhavão, que era necessario tornar atraz a soccorrer os brancos, que o Porquinho tinha posto em cerco, e com isto fez volta athé hum rio, que distava dali quatro legoas, onde os rebeldes o estavão já aguardando em cilada, e rebentando della se travou entre todos huma briga, que durou athé a noite, e tornando pela manhã a continual-a, chegarão Diogo de Crasto, e o Porquinho, com cujo soccorro se animou mais o capitão, e combatendo-os huns por detrás, outros por diante, matarão mais de quinhentos.

Ali tomarão conselho, e assentarão que os acabassem de huma vez, e fossem

a huma cerca forte, e grande, onde se havião acolhido, dali a doze legoas, no alto de huma serra.

Começarão a marchar, e no segundo dia chegarão a hum rio, que manava de hum penedo, onde acharão morto, e com os braços cortados, e as pernas, o Mamaluco, que havião mandado com o escripto ao capitão. Dali mandarão hum branco com dous negros por espias, que se encontrarão com outros dous dos inimigos; hum matarão, e trouxerão o outro vivo, do qual souberão que a cerca distava dalli duas legoas, e que estavão nella quarenta e tres principaes nomeados com toda a sua gente, molheres e filhos.

Chegados os nossos á vista, não a quizerão os brancos dar de si senão só os do Porquinho, que já a este tempo erão vindos das suas aldêas mais de dous mil, os quaes vistos pelos da cerca sahirão a elles outros tantos, e fingindo os do Porquinho, depois de haverem bem batalhado, que lhes fugião, se forão retirando athé os afastar hum bom espaço da cerca, e então sahio o nosso capitão com os brancos, dando-lhe sua surriada de pelouros pelas costas, e voltarão os da retirada com outra de frechas, onde tomando-os em meio tresentos, e os mais sem poderem tornar á cerca, se acolherão pera os mattos.

A cerca tinha tres mil e duzentas e trinta e seis braças em circuito, e lançava hum braço athé a agoa de que bebião; esta lhe determinarão os nossos tomar primeiro, e posto que os de dentro a defenderão com muito esforço seis dias, comtudo no setimo foi rendida, com o que começarão a morrer de sede, e a commetter muitos partidos, e o ultimo foi que entregarião huma aldêa de seus contrarios se os brancos fossem com elles a tomar a entrega, como forão, e entrando na aldêa começarão a prégar que elles os tinhão vendido por serem seus inimigos, e ainda lhe fazião muita mercê em não os matarem nem os venderem a outros Gentios, que os matassem ou maltratassem, senão a Christãos, que os havião tratar christãmente; ao que respondeo o principal da aldêa, chamado Araconda, que elles erão os que merecião o captiveiro, e a morte, por serem matadores de brancos, e não elle nem os seus, que nunca lhes fizerão nenhum damno; e então se virou pera o capitão, e lhe disse: « Branco, eu nunca fiz mal a teus parentes, nem estes me podem vender; mas eu por minha vontade quero ser captivo, e ir comtigo. »

O capitão lhe agradeceo com palavras, e mandou que se aprestassem dentro de quinze dias pera o caminho, como fizerão; erão tantos, que indo todos em fileira hum atraz de outro | como costumão /, occupavão huma legoa de terra.

Não sei eu com que justiça e razão homens Christãos, que professavão guardal-a, quizerão aqui que pagasse o justo pelo peccador, trazendo captivo o Gentio, que não lhes havia feito mal algum, e deixando em sua liberdade os rebeldes, e homicidas, que lhes havião feito tanta guerra e traições. Porém elles lhes derão o pago, pois apenas os havião deixado, quando determinarão de

lhe ir no alcance, e mandarão adiante alguns por espias, que se mettessem pelos mattos, e quando os do Araconda fossem á caça lhes dissessem que elles remordidos de suas consciencias os querião redimir do captiveiro dos brancos em que os puzerão, e pera isto lhes querião dar guerra, pelo que os avisavão que quando vissem a batalha os deixassem, e se fossem embora pera suas terras, porque a gente do Porquinho era já despedida, e não tinhão que temer; mas posto que isto se tratou com muito segredo, o ouvio huma India das captivas, que o disse a seu senhor, e o senhor a outros, que não crêrão senão depois que o virão, e não lhes aproveitou o aviso, porque os inimigos lhes derão na retaguarda, e lhes matarão onze homens, sem os da vanguarda lhes poderem valer, assim por irem mais longe, como por o Gentio de Araconda ser acolhido, e cuidar o capitão que nenhum da retaguarda lhes haveria escapado com vida; só mandou dous negros saber se erão mortos ou vivos, os quaes vendo-os cercados e postos em tanto aperto, que quasi estavão desmaiados, entrarão appellidando a Santo Antonio, e hum com arco e frecha, outro com seu terçado, e rodella, fazendo tanto estrago, que bastou este pequeno soccorro pera animar os amigos, e atemorisar os inimigos, de sorte que se puzerão em fugida, e os Pernambucanos não os podendo já seguir, se tornarão pera suas casas, mais pobres do que vierão.

Tinha o Governador Dom Lourenço da Veiga huma cousa, e era que, por mais negocios, que tivesse, não deixava de ouvir missa, e pera não obrigar alguem a que o acompanhasse, ia e vinha sempre a cavallo.

CAPITULO VIGESIMO SEXTO

Da morte do Governador Lourenço da Veiga

Depois que El Rey Dom Henrique reynou, por morte de El Rey Dom Sebastião seu sobrinho, como era já de tanta idade quando entrou no reinado, que passava de sessenta e seis annos, logo se começou a altercar sobre quem lhe havia de succeder no Reyno, porque os pertensores erão El Rey Catholico Philippe Segundo de Castella, a Duqueza de Bragança, o Principe de Parma, o Duque de Saboya, e o Senhor Dom Antonio, e todos enviarão seus procuradores á Côrte, pera que, informado El Rey da justiça de cada hum, declarasse por successor o que lhe parecesse nella mais justificado.

Todos allegavão que erão seus sobrinhos, filhos de seus irmãos ou irmãs, e estavão em igual gráu de parentesco, porque El Rey Catholico era filho de sua irmã a Imperatriz Donna Isabel, e do Imperador Carlos Quinto. A Duqueza de Bragança era filha do Infante Dom Duarte, seu irmão, e de Donna Isabel, filha do Duque de Bragança Dom Jayme.

O Principe de Parma era casado com a Infanta Donna Maria, tambem filha do mesmo Infante Dom Duarte. O Duque de Saboya era filho da Infanta Donna Beatriz, sua irmã, e de Carlos, Duque de Saboya.

O Senhor Dom Antonio era filho natural do Infante Dom Luiz, seu irmão, todos netos de El Rey Dom Manoel, pae dos seus genitores, e do mesmo Rey Henrique, seu tio.

El Rey, posto que de principio se inclinou á parte da Duqueza de Bragança, comtudo, por ser femea, e El Rey Catholico varão, e por outras razões, se resolveo que a elle pertencia o Reyno, mas não o quiz declarar por sentença, nem em testamento, porque era melhor pera os pertensores, e pera o mesmo Reyno de Portugal, que lho dessem por concerto.

Já a este tempo El Rey se achava mui fraco, e foi apertando o mal de maneira que morreo sendo de idade de sessenta e oito annos, e os perfez no mesmo dia em que morreo, que foi o ultimo Rey de Portugal de linha masculina, e como o primeiro senhor de Portugal se chamou Henrique, assim se chamou o ultimo.

Morto El Rey, os Governadores que deixou nomeados forão o Arcebispo de Lisboa, Francisco de Sá, Camareiro-mór de El Rey, Dom João Tello, Dom João Mascarenhas, e Diogo Lopes de Souza, Presidente do Conselho de Justiça, ainda que não tinhão vontade de resistir a El Rey Catholico, todavia, por dar satisfação ao povo, proverão algumas cousas pera a defensa do Reyno, o que tudo sabido por El Rey, e as diligencias que Dom Antonio fazia pera que o levantassem por Rey de Portugal, sentio muito não poder excusar-se de aproveitar-se das armas, e já estava assegurado da consciencia, com pareceres de Theologos e Canonistas, que o podia fazer, e se apparelhava pera isso; mas escreveo primeiro aos Governadores, e a cinco principaes Cidades do Reyno, e aos tres Estados, que estavão em Côrtes em Almeirim, pedindo-lhes que o declarassem conforme a vontade do Rey defunto seu tio, e a seu direito. Responderão-lhe que não podião athé que a causa se declarasse por justiça; o que visto por El Rey, nomeou o Duque de Alba por General do exercito, e mandou que entrassem em Portugal por terra e por mar.

Ião no exercito mais de mil e quatrocentos cavallos, a infantaria, além dos terços de Hespanha, erão quasi quatro mil Allemães, e seu Coronel o Conde Baldrou (*de Lodron*), e quatro mil Italianos com seu Capitão General Dom Pedro de Medicis.

O Duque de Alba, contra o parecer de outros, que dizião que sem tratar da torre de S. Gião (*S. Julião*), se fossem direitos a Lisboa, a começou de bater com vinte e quatro canhões, e ainda que lhe não fez grande damno, Tristão Vaz da Veiga, irmão de Lourenço da Veiga, Governador do Brasil, que era o capitão da Torre, determinou de entregal-a, e mandando pedir seguro ao Duque se vio com elle em campo, e se concertou de entregar a fortaleza, se lhe concedião o que Dom Antonio lhe havia dado, e assim se fez, e se metteo nella presidio

de Castelhanos; o que visto por Pedro Barba, capitão do forte da Cabeça Secca, que athé então se não havia querido render, e que o Marquez de Santa Cruz, Dom Alvaro Baçan, ia entrando com as galés Castelhanas, o desemparou, e se foi a Dom Antonio, que tambem foi dahi a poucos dias vencido em Lisboa, e retirando-se della á Cidade de Coimbra, e de Coimbra á do Porto, onde o reconhecerão por Rey, indo sempre em seguimento Sancho de Avila; finalmente o forçou a embarcar-se no rio Minho, vestido como marinheiro, e passar-se ás Ilhas, e dellas a outros Reynos estranhos, onde acabou a vida.

Hei dito estas cousas em summa, não sem preposito, senão pera declarar o achaque ou occasião da morte do Governador do Brasil Lourenço da Veiga, que como se presava de Portuguez, sentio tanto haver seu irmão Tristão Vaz da Veiga entregue a torre de S. Gião da maneira que temos visto, que ouvindo a nova enfermou, e morreo; e assim acabou o Governador Lourenço da Veiga, e nós com elle acabamos tambem este Livro.

LIVRO QUARTO

DA HISTORIA DO BRASIL
DO TEMPO QUE O GOVERNOU MANOEL TELLES BARRETO

ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR GASPAR DE SOUZA

CAPITULO PRIMEIRO

De como veio governar o Brasil Manoel Telles Barreto, e do que aconteceo a humas náus Francezas, e Inglezas no Rio de Janeiro, e S. Vicente

Como a Magestade de El Rey Philippe Segundo de Castella, e Primeiro de Portugal, foi jurado nelle por Rey no fim do anno de mil quinhentos e oitenta, sabendo da morte do Governadór do Brasil Lourenço da Veiga, mandou por Governador Manoel Telles Barreto, irmão de Antonio Moniz Barreto, que foi Governador da India; era de sessenta annos de idade, e não só era velho nella, mas tambem de Portugal o Velho; a todos fallava por vós, ainda que fosse ao Bispo, mas cahia-lhe em graça, a qual não têm os velhos todos.

Tanto que chegou a esta Bahia, que foi no anno de mil quinhentos oitenta e dous, escreveo a todas as Capitanias que conhecessem a sua Magestade por seu Rey, e foi de importancia este aviso, porque dahi a poucos dias chegarão tres náus Francezas ao Rio de Janeiro, e surgirão junto ao baluarte, que está no porto da Cidade, dizendo que ião com huma carta de Dom Antonio pera o Capitão Salvador Corrêa de Sá, o qual nesta occasião era ido ao sertão fazer guerra ao Gentio; mas o administrador Bartholomeu Simões Pereira, que havia ficado governando em seu logar, e estava informado da verdade pela carta do Governador Geral, lhes respondeo que se fossem embora, porque já sabia quem era seu Rey; e porque a Cidade estava sem gente, e não havia mais nella que os moços estudantes, e alguns velhos, que não puderão ir á guerra do sertão, destes fez huma companhia, e Donna Ignez de Souza, molher de Salvador Corrêa de Sá, fez outra de molheres com seus chapéus nas cabeças, arcos e frechas nas mãos, com o que, e com o mandarem tocar muitas caixas, e fazer muitos fogos de noite pela praia, fizerão imaginar aos Francezes que era gente pera defender a Cidade, e assim a cabo de dez ou doze dias levantarão as ancoras, e se forão.

No mesmo tempo forão dous galeões de Inglezes, de tresentas toneladas cada hum, á Capitania de S. Vicente com intento de povoar, e fortificar-se por relação de hum Inglez, que se havia alli casado, das minas de ouro, e outros metaes, que ha naquella terra, e publicavão que El Rey Catholico era morto, e Dom Antonio tinha o Reyno de Portugal, offerecendo da parte da Raynha de Inglaterra grandes cousas. Porém os Portuguezes, pela carta que tinhão estiverão mui firmes por El Rey Catholico, sem querer admittir aos Inglezes, os quaes ameaçavão de entrar por força, e realmente o fizerão, se naquella conjuncção não chegarão tres náus de Castelhanos, que começarão a pelejar com elles, os quaes logo batterão estandarte, pedindo paz, que os Castelhanos lhes não derão, antes jogarão a artilheria toda a noite, porque pelas correntes não os puderão abordar.

Ao outro dia, ainda que deixarão huma náu tão maltratada que se foi ao fundo, desampararão a empreza, e sahirão do porto mui maltratadas, sem antenas, e as náus furadas por muitas partes, e mais de cincoenta homens mortos, e quatorze feridos. Entrarão as náus Castelhanas em o porto, sendo bem recebidas dos Portuguezes, que rogavão mil bens a Sua Magestade, pois /ainda que acaso/ tão presto os começava a defender.

O caso como alli forão aquellas náus se contará no Capitulo seguinte.

CAPITULO SEGUNDO

Da armada, que mandou Sua Magestade ao Estreito de Magalhães, em que foi por General Diogo Flores de Valdez, e o successor que teve

Francisco Drake, cossario Inglez, passou o anno de mil quinhentos setenta e nove o Estreito de Magalhães, e correo o mar do Sul; e Dom Francisco de Toledo, Viso-Rey do Perú, mandou traz delle a Pedro Sarmento, e Antão Paulo Corso, piloto, os quaes havendo passado o mesmo Estreito do Sul ao Norte, chegarão a Sevilha, e dahi a Badajós, onde El Rey Catholico então estava despedindo o seu exercito sobre Portugal, e ouvida sua relação, e o desassocego, que em o Perú havia posto o cossario; e certificando muito Pedro Sarmento, que em o Estreito se podião fazer fortes de ambas as partes, dos quaes facilmente com a artilheria se impedisse o passo aos navios, houve pareceres contrarios, dizendo que o Estreito era mais largo do que Sarmento o figurava, e que quando fosse tão Estreito, como dizia, nem por isso se impediria o passo aos navios, pela muita corrente, e porque com hum golpe, ou dous de artilheria, não sempre se mette huma náu no fundo, e quando se metta passa outra: entre outros que tiverão esta opinião foi hum o Duque de Alba Dom Fernando Alvares de Toledo.

Porém El Rey mandou que se juntassem em o rio de Sevilha vinte e tres

náus de alto bordo, com cinco mil homens de mar e guerra, com petrechos pera a fabrica destes fortes, capazes pera tresentos homens de guerra, e alguns povoadores pera facilitar mais sua conservação.

Nomeou pera General desta armada a Diogo Flores de Valdez, e por piloto mór a Antão Paulo Corso, e a Pedro Sarmento por Governador dos fortes, e povoações. Sahio de S. Lucar esta armada a vinte e cinco de Setembro do anno de mil quinhentos oitenta e hum, com tam máu tempo por a pressa que o Duque de Medina Sidonia dava, que depois de tres dias arribou com tormenta á bahia de Cadiz com perda de tres navios, havendo-se afogado a maior parte da gente, e tam destroçada, que pera reparar-se se deteve mais de quarenta dias; tornou a sahir com dezasete navios, e chegou ao Brasil, ao porto da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, onde invernou seis mezes e meio; porque ainda que chegou a vinte e cinco de Março, que em Hespanha hé a primavera, em estas partes hé o principio do inverno, em que se não póde navegar pera o Estreito; e porque neste tempo não estivesse a gente ociosa, a occupou em fazer estacas pera trincheiras, e taipaes, e outros petrechos, e em lavrar madeira pera duas casas, em que no Estreito tivessem as munições recolhidas.

Pera o que tudo deo muita ajuda Salvador Corrêa de Sá, Governador do Rio de Janeiro, e parecendo que já era tempo pera navegar sahirão da barra do Rio a dous do mez de Outubro com dezaseis navios, deixando hum por inutil, e tomando a derrota do Estreito, que está setecentas legoas deste porto, chegarão ao rio da Prata, donde se levantou hum temporal de ventos tam fortes, que estiverão vinte e dous dias mar em travez, sem poder pôr hum palmo de vella; e havendo-se perdido aqui em vespora de Santo André a náu do capitão Palomar, e duzentas e trinta e seis pessoas em ella, sem podel-os remediar; aos dous de Dezembro aplacou alguma cousa o mar, e o vento, e com accordo dos capitães e pilotos tornou Diogo Flores atraz, buscando porto pera reparar as náus, porque estavão cinco dellas abertas da tormenta, e as mais em perigo de fazer o mesmo.

Forão á Ilha de Santa Catharina, tresentas legoas dalli, a qual ainda que despovoada /por ser de Portuguezes, que não sabem povoar, nem aproveitar-se das terras, que conquistão/, hé terra de muita agoa, pescado, caça, lenha, e outras cousas: onde a cabo de vinte e dous dias, que alli estiverão, deixou Diogo Flores de Valdez tres náus, que não poderão navegar, a cargo do contador André Equinon, com ordem que se tornassem ao Rio de Janeiro, e deo outras tres a Dom Alonso de Souto Mayor, que ia por Governador do Chili, pera levar a sua gente pelo rio da Prata ao porto de Buenos Ayres, donde não ha mais que vinte jornadas á China; e o dito Diogo Flores, com as mais, em dia de Reys do anno de mil quinhentos oitenta e tres, tornou á volta do Estreito. As tres náus, que ficarão na Ilha de Santa Catharina, sahirão dalli aos quatorze de Janeiro, e aos vinte e quatro do mesmo chegarão á barra de S. Vicente, e em a mesma barra acharão os dous galeões Inglezes, que estavão pera tomar a

terra se não chegassem os Castelhanos, que os lançarão dalli ás bombardas, como temos dito.

Diogo Flores de Valdez seguio seu caminho pera o Estreito, levando a terra á vista, sobre a mão direita, athé darem com a boca em cincoenta e tres gráus, e entrando com bom tempo como duas ou tres legoas, se levantou de repente huma tempestade, que os tornou ao mar mais de quarenta legoas.

Andarão oito dias porfiando por tornar a embocar o Estreito; porém não podendo com o vento, não quiz Diogo Flores tentar mais a fortuna, por ver as náus destruidas, e a gente enferma de tanto trabalho. Tonou-se á costa do Brasil, ao porto de S. Vicente, e com as náus que trazia, e as duas, que alli achou, passou ao Rio de Janeiro, onde topou a Dom Diogo de Alzega (?), que por mandado de ElRei com quatro náus o ia soccorrer com bastimentos, e outras cousas, e parecendo a Diogo Flores que a armada estava desfeita, sem gente, e sem munições, determinou de tornar á Hespanha com Dom Diogo de Alzeda (?), e que o seu Almirante Diogo da Ribeira, com cinco navios, que lhe deixou, ficasse alli pera tornar o verão seguinte, a ver se teria mais ventura de embocar o Estreito, e povoal-o, como ElRey mandava.

Navegando Diogo Flores com os mais navios, que já não erão mais de sete, arribou com huma tormenta, que o fez tornar duzentas legoas atraz, a esta Bahia de Todos os Santos, no principio do mez de Junho de mil quinhentos oitenta e tres, onde se deteve a concertal-os, pera o que da Fazenda de ElRey se lhe deo o que foi necessario; e se mandou fornecimento ao Rio de Janeiro pera o Almirante Diogo da Ribeira seguir a sua viagem ao Estreito, e o Governador Manoel Telles Barreto o banqueteou, e a todos os capitães e gentis-homens hum dia esplendidamente, e o Bispo Dom Antonio Barreiros outro; mas o que mais fez nesta materia foi um cidadão senhor de engenho, chamado Sebastião de Faria, o qual lhe largou as suas casas com todo o serviço, e o banqueteou, e aos seus familiares e apaniguados oito mezes, que aqui estiverão, só por servir a ElRey, sem por isso receber mercê alguma, porque serviços do Brasil raramente se pagão.

CAPITULO TERCEIRO

Do soccorro, que da Parahyba se mandou pedir ao Governador Manoel Telles, e o assento que sobre isso se tomou

No Capitulo Vinte e Cinco do Livro Terceiro tocamos como o Governador Lourenço da Veiga desistira da conquista da Parahyba, por ElRey Dom Henrique, que em aquelle tempo governava, a encarregar a Fructuoso Barbosa, que lha pedio.

Havia este homem ido de Pernambuco, e por haver na Parahyba carregados navios de páu por algumas vezes, no tempo das pazes, que lhe os

Potiguares fizerão, e por ter conhecimento da terra, e delles, o encarregou ElRey da conquista por contracto que fez em sua fazenda, dando-lhe pera isso as Provisões necessarias, náus, e mantimentos, e conquistando a Parahyba, a Capitania por dez annos. Chegou Fructuoso Barbosa á barra de Pernambuco no anno de mil quinhentos setenta e nove em hum formoso galeão, e huma zavra, e outros navios, com muita gente Portugueza, assim soldados como povoadores casados, com muitos resgates, munições, e petrechos necessarios, assim á conquista como á povoação, que logo havia de fazer; pera a qual trazia hum Vigario, a quem ElRey dava quatrocentos cruzados de ordenado, e Religiosos da nossa Seraphica Ordem Franciscana, e de S. Bento, com toda a ordem e recado necessario á empreza, que á Fazenda de ElRey devia de custar muito, e em sete ou oito dias, que esteve na barra surto sem desembarcar, nem tratar do negocio a que vinha, lhe deo hum tempo com quo arribou ás Indias, onde lhe morreo a molher, e tornando dalli ao Reyno partio delle no anno de mil quinhentos e oitenta e dous, por mandado de ElRey Dom Philippe, e tornando a Pernambuco se concertou com os da Villa de Olinda que o licenceado Simão Rodrigues Cardoso, Capitão-Mór e Ouvidor de Pernambuco, fosse por terra com gente, e elle com a que trazia, e outra muita que da Capitania por serviço de ElRey se lhe ajuntou, por mar, o qual chegando á boca da barra da Parahyba com a armada que trouxe, e alguns caravellões, entrou pelo rio acima, por ter aviso de sete ou oito náus Francezas, que lá estavão surtas bem descuidadas, e varadas em terra, e a maior parte da gente nella, e os Indios mettidos pelo sertão a fazer páu pera carregal-as, e dando de subito sobre ellas queimou cinco, esbulhando-as primeiro, que foi hum honrado feito, e as outras fugirão com quasi toda a gente.

Descuidados os nossos com esta victoria alcançada com tam pouco custo, e nenhum sangue, sahindo alguns delles em terra com hum filho de Fructuoso Barbosa, rebentou o Gentio de huma ilha, em que estava, e dando nelles os forão matando athé os bateis, aonde se ião recolhendo, sem das náus os soccorrerem, que foi cousa lastimosa ver matar mais de quarenta Portuguezes, em que entrou o filho do capitão, e com a mesma furia houverão os inimigos de tomar a zavra em que ia Gregorio Lopes de Abreu por capitão, que o dia de antes entrara diante, e o fizera muito bem, por ficar na ponta da ilha quasi em secco, e a se não defender tam esforçadamente, sempre os Indios o tomarão, e acabarão todos.

O capitão Fructuoso Barbosa ficou tão cortado, e receioso deste successo, que se levantou com toda a armada, e foi surgir na boca da barra, por se não ter por seguro dentro, esperando a gente que ia por terra, e estando pera dar á vella por vêr que tardava, chegou o licenceado Simão Rodrigues com duzentos homens de pé, e de cavallo, e muito Gentio, o qual no caminho da varzea da Parahyba teve hum bom recontro com os Potiguares, que avisados da sua vinda o forão esperar, e metterão em revolta e pressa, se o nosso Gentio ajudado da

gente branca lhe não tivera aquelle primeiro encontro; porque os Potiguares animados da victoria passada se mettião tanto, que vinhão a braços com os nossos, mas emfim ficarão vencidos, e desbaratados, e assim chegarão os nossos á barra do rio da banda do Norte com esta victoria, com que consolarão os da armada, e animados huns com outros tratarão em oito dias, que alli estiverão, os meios de se fortificarem da banda do Norte, porque pareceo impossivel da banda do Sul, no Cabedello, por ser máu o sitio, e não ter agoa, o que não fizerão de huma parte nem de outra, antes fugirão á maior pressa, por verem da banda dalém muito Gentio, pelo que mandando dalli o galeão com aviso á Sua Magestade do que passava, desesperado já Fructuoso Barbosa de tudo se veio lograr hum novo casamento, que á sombra da Governação de caminho em Pernambuco havia feito pera restauro da molher e filho, que havia perdido; e assim ficou tudo como dantes, os inimigos mais soberbos, e as Capitanias visinhas a risco de se despovoarem, só os detinhão as esperanças, que tinhão de serem soccorridos da Bahia, onde havião mandado por procurador hum Antonio Raposo ao Governador Manoel Telles Barreto com grandes protestos de encampação; o qual fez sobre isto junta, e conselho em sua casa, em que se acharão com elle o Bispo Dom Antonio Barreiros, o General da Armada Castelhana Diogo Flores Valdez, o Ouvidor Geral Martim Leitão, e os mais que na materia podião ter voto, e se assentou que fosse o General Diogo Flores, e em sua companhia o licenceado Martim Leitão, com todos os poderes bastantes pera effeito da povoação da Parahyba, e por Provedor da Fazenda, e mantimentos da armada, Martim Carvalho, cidadão da Bahia, os quaes todos aceitarão com muito animo e gosto, particularmente Diogo Flores, por ver, já que o jogo lhe succedeo tam mal no Estreito, se ao menos podia levar este vinte de caminho.

CAPITULO QUARTO

De como o licenceado Martim Leitão, Ouvidor Geral, foi por mandado do Governador com o General Diogo Flores de Valdez á conquista da Parahyba, e se fez nella a fortaleza da barra

Tomado o assento que fica dito no Capitulo precedente se aprestarão, e sahirão da Bahia a primeiro do mez de Março do anno de mil quinhentos oitenta e quatro com huma armada de nove náus, sete Castelhanas, e duas Portuguezas, e chegarão a Pernambuco a vinte do mesmo, onde logo desembarcou o Ouvidor Geral, ficando de fóra toda a armada, e fez ajuntar em Camera Dom Philippe de Moura, Capitão da Capitania por Jorge de Albuquerque, senhor della, com os mais vogaes, em que tambem se achou Dom Antonio de Barreiros, Bispo deste Estado, que havia ido na armada a visitar as igrejas de

Pernambuco, e Tamaracá, e ficou assentado se aprestasse tudo pera domingo de Paschoa partirem Dom Philippe de Moura por cabeça, com a gente que o Ouvidor Geral havia de fazer, como logo começou rogando hum, e hum, compondo-lhes suas cousas, com que se aviarão muitos dos moradores de Pernambuco, e se ajuntarão na Villa de Igarusú no dia signalado; havendo já Dom Philippe juntos os da ilha de Tamaracá no engenho de seu sogro Philippe Cavalcante em Araripe athé onde Martim Leitão acompanhou o arraial, e depois de partidos dalli ajuntou mais alguns quarenta homens, que entregues a hum Alvaro Bastardo, mandou a Dom Philippe, e o alcançarão junto ao rio Parahyba, onde tiverão todos hum recontro com o Gentio; mas emfim passarão o rio acima pera a banda do Norte, por onde Simão Rodrigues Cardoso o havia outra vez passado, e forão demandar a barra, onde acharão a Diogo Flores, que já tinha queimadas tres náus Francezas, que alli achou surtas, e varadas em terra, donde indo pera subir em huma lhe derão os inimigos de dentro do matto huma frechada no peito, que lhe não fez nojo, pelas boas armas que levava, e porque o principal fim, que se pertendia, era povoar-se a terra, chegado, e alojado o arraial, sahio Diogo Flores, e tomado conselho entre os Capitães, assentarão fazer-se hum forte primeiro, pera que á sua sombra pudessem povoar.

Pera o qual nomeou o General por Alcayde o capitão da sua infantaria Francisco Castejon com cento e dez arcabuzeiros Castelhanos, e cincoenta Portuguezes, pera os quaes e pera povoação, que se havia de fazer, remetteo ao exercito Portuguez elegesse cabeça, e por a maior parte ser de Vianezes, se elegeo Fructuoso Barbosa, que era Vianez, tendo-se tambem respeito á Provisão que apresentou de ElRey Dom Henrique, em que o fazia Capitão da Parahyba se a conquistasse, posto que, como era condicional, faltando a condição parece que já não obrigava, e este era o parecer do General.

O forte se situou logo huma legoa da barra da parte do Norte, defronte da ponta da ilha, mas, por não fugirem os soldados, com o largo rio, que fica em meio, que por ser bom sitio, que hé baixo, e de ruim agoa, do qual ficou por Alcayde o capitão Francisco Castejon, e delle deo homenagem ao General Diogo Flores, e se lhe poz o nome de S. Philippe e Santiago; no dia dos quaes Santos se fez á vella o General caminho de Hespanha, onde chegou a salvamento.

O capitão Simão Falcão, emquanto os mais assistião na obra do forte, espiada huma aldêa dos inimigos a salteou huma madrugada, matando alguma gente, e captivando quatro, com cuja lingoa o nosso exercito, vendo que já alli não era de effeito, se partio a via do sertão em busca dos inimigos athé huma campina, que se chama das Ostras, tres legoas do forte, onde se alojou, e por ser a festa do Espirito Santo, e a gente ser dada a folgar, se puzeram a festejar com muito descuido o dia, e oitavas, e dizia Dom Philippe por descargo que esperava a seu sogro Philippe Cavalcante, que havia ficado no forte.

Huma tarde ouvindo huma trombeta, e grande rumor, forão dez de cavallo,

e alguns quarenta de pé com muitos Indios á ordem de hum Antonio Leitão, com muita desordem, a descobrir campo, e derão em huma cilada, que os começou a sacudir athé chegarem á vista do arraial, sem haver accordo pera lhes acudirem, antes se poz tudo em tam grande confusão, que vinda a noite se deitarão a huma lagôa por onde havião tornar ao forte, e passando huns por cima dos outros, voando com azas do medo, que levavão, forão bater ás portas do forte, que o Alcayde, enfadado de os ver, lhes não quiz abrir, deixando-os estar á chuva toda a noite, que foi leve castigo pera o merecido.

Vindo o dia lhes persuadio que tornassem a buscar os inimigos com mais cincoenta arcabuzeiros, que lhes dava dos do presidio, e taes estavão que nem com isto quizerão ir, senão voltar pera Pernambuco, e assim se vierão, passando o rio defronte do forte em barcos com bem trabalho por ser inverno, que os tratou mal todo o caminho, onde lhes morrerão muitos cavallos, e escravos á mingoa.

CAPITULO QUINTO

Dos soccorros, que por industria do Ouvidor Geral se mandarão á Parahyba

Chegados desta maneira a Pernambuco, em o mez de Junho, começarão logo os requerimentos do Alcayde do forte, e Fructuoso Barbosa por ficarem faltos de mantimentos; e os inimigos por ficarem victoriosos os molestarão tanto, que só os detinha a não levarem a fortaleza nas unhas a furia da artilharia, que achando-os em descoberto os despedaçava, a cuja sombra o Alcayde em algumas escaramuças, que com elles teve, lhes mostrou o valor da sua pessoa, e dos Hespanhóes, e Portuguezes, que o seguião, apesar de seu capitão Fructuoso Barbosa, que não tinha paciencia com estas escaramuças, e com requerimentos as estorvava quanto podia; e assim encontrados elle, e o Alcayde nos humores, tudo erão brigas, e ruins palavras, fazendo papelladas hum do outro, que mandavão ao Ouvidor Geral, com requerimentos do soccorro dos mantimentos, que como conhecido por mais zeloso do serviço de ElRey athé isto batia nelle, sendo obrigação do Provedor Martim Carvalho, que pelo contrario se mostrava mui remisso, e por esta causa se começarão entre ambos grandes desavenças; crescendo sempre do forte os requerimentos, porque se vião nelle tam apertados da guerra, e fome, que athé os cavallos tinhão comido.

Mandou-lhes Martim Leitão por mar vinte e quatro homens a cargo de hum Nicoláu Nunes com alguns mantimentos, que deo o Provedor, mas forão tam parcos, e crescião tanto os rebates dos inimigos Potiguares, que o Alcayde do forte se veio no mez de Setembro a Pernambuco a pedir soccorro; onde

achou a Pedro Sarmento, que o General havia deixado com o Almirante Diogo da Ribeira no Rio de Janeiro pera ir povoar o Estreito de Magalhães, e governar a povoação, que fizesse, donde já vinha destroçado, e pedia tambem mantimento, que se lhe deo pera poder passar á Hespanha; mas o Alcayde Castejon havia-se tam devagar, que andava impaciente; pelo que achando-se hum dia / depois de outros muitos / em casa de Martim Carvalho com os Juizes e Officiaes da Camera, em presença do Bispo, vierão a muito ruins palavras, sobre as quaes alguma gente da casa arrancou com os soldados do Alcayde em cima onde todos estavão, e baralhados assim sahirão á rua com grande briga, a que acudio muita gente com o Ouvidor Geral, que os apaziguou como poude; por isto se tornou o Almirante pera a Parahyba, em o mez de Outubro, mal provido, e com claras mostras de o ser cada vez menos pelo odio em que com elles ficava o Provedor.

Mas foi de muito effeito a sua tornada, porque logo no Novembro seguinte entrarão duas náus Francezas na Parahyba, e reconhecendo o forte, e huma náu grande Portugueza com dous patachos, que lhe Diogo Flores tinha deixado, se sahirão, e forão surgir tres legoas dahi na boca da Bahia da Traição, e começando trato com os Potiguares, vierão de lá por terra correr o forte, trazendo alguns berços, com que grandemente o apertavão, fazendo grandes cavas, e bardos de terra, e arêa, pelos não pescar a artilharia; com os quaes, e outros ardis, como praticos nas nossas guerras, puzerão o Alcayde em termos de desesperar de poder defender-se, e logo disso avisou ao Ouvidor Geral, com grandes requerimentos, assim seus como de Fructuoso Barbosa.

O Ouvidor no primeiro dia que lhos derão se foi dormir ao Recife, onde aprestou hum navio de setenta toneladas á sua custa com muitos homens brancos, e setenta Indios, e por capitão hum Gaspar Dias de Moraes, soldado antigo de Flandes, que por seu rogo aceitou sel-o, e em dous dias, andando em huma rêde por andar doente, os deitou pela barra fóra; este navio, e a galé de Pedro Lopes Lobo, Capitão de Tamaracá, que tambem o Ouvidor forneceo, em que o mesmo Pedro Lopes foi por capitão com cincoenta homens, e alguns Indios, chegarão á Parahyba, onde forão recebidos, e estimados como a propria vida.

Os Francezes vendo o soccorro se recolherão ás suas náus, que havião deixado na Bahia da Traição, e consultando o caso o Almirante com os capitães do soccorro, assentarão que ficasse Pedro Lopes capitão da galé no forte, por respeito do muito Gentio, que dizião passar de dez mil, os que o tinhão cercado com suas cavas, e trincheiras, e que o Alcayde na sua galé, e náu, que lá tinha, e a do soccorro, fossem buscar os Francezes, como logo forão, e tomando-lhes o mar os fizerão varar em terra com as náus, e lhas queimarão, e matarão alguns, que foi honrado feito por serem as náus grandes, e estarem avisados; mas a náu do forte, por ser muito grande, e a Costa alli ir já muito voltando pera as Indias, arribou a ellas, e nella foi a maior parte da

artilharia, que havião tomado das Francezas. O navio, e galé voltarão, e chegando ao forte desembarcando de subito, e com a gente de dentro, derão nos inimigos com tam grande impeto, que lhes ganharão as suas estancias, matando muitos, com o que se afastarão bem longe, e os nossos cobrarão a agoa, que lhes tinhão tomada, e assim ficando os do forte mais largos, que nunca; e todos muito contentes, com grandes louvores ao Ouvidor Geral se tornarão os de Pernambuco, e Tamaracá athé lhe dar razão de tudo, e receber os perabens da jornada, que foi de muito effeito, assim pera o desengano dos Francezes, que nem na Bahia da Traição havião de ter colheita, como dos Potiguares, que já com elles por nenhuma parte poderião ter commercio.

CAPITULO SEXTO

De como o Ouvidor Geral Martim Leitão foi á Parahyba a primeira vez, e da ordem da jornada, e primeiro rompimento, e cerca tomada

Com esta magoa, e desejo de vingança, que ficou dos Potiguares, no fim de Janeiro de mil quinhentos oitenta e cinco se ajuntarão mais que nunca, e fizerão tres cercas mui fortes ao longo do forte a tiro de pedreiro, de troncos de palmeiras, que por muito grossos os defendião da artilharia, e todas as noites as ião chegando, e ganhando terra, do que logo o Almirante avisou ao Ouvidor Geral, ficando muito receioso que por aquella via com as proprias cercas os virião abordando, athé se abarbarem, e igualarem com o forte, sem se poderem valler da artilharia, nem das mãos, por no forte haver muitas doenças por respeito do máu sitio, fomes, e ruim agoa, de que muita gente lhe era morta, e assim estava com muito perigo.

Aos oito de Fevereiro dobrou com mais força os requerimentos, e encampações de logo despejarem todos; como tambem por avisos se soube terem já pera isto o melhor embarcado em huma náu, que lá tinhão; pela qual nova todas as Capitanias se metterão em grandes revoltas, e muito mais com se saber esta determinação, e por ter chegado de soccorro aos Potiguares o famoso entre o Gentio Braço de Peixe, ou por sua lingoa Pirágiba, de que tratamos em o Capitulo Vigesimo do Livro proximo passado.

O Ouvidor Geral logo em lhe dando os requerimentos do Alcayde os mandou ao capitão Dom Philippe, que estava já liado com Martim Carvalho, ao qual se levarão tambem outros requerimentos sobre mantimentos, vindo a isso o tenente do forte, a cuja instancia todos concordarão, e juntamente o Bispo, e

Officiaes da Camera requererem ao Ouvidor Geral Martim Leitão fosse em pessoa a esta guerra, de que fizerão autos, o que elle, vista a importancia do caso, aceitou em quatorze de Fevereiro com determinação de partir dentro delle: no que se começou com incrivel presteza em toda a parte, e era cousa notavel ver a vontade com que todos se offerecião a ir com elle; mas comtudo, a não haver no porto passante de trinta navios com muitos mantimentos, que nunca tantos houve, nem fôra possivel aviarem-se com tanta brevidade, supprindo tambem a grande diligencia de Martim Leitão, escrevendo particularmente aos nobres convidando-os com razões efficazes pera a jornada, e aviando a muitos; porque no Brasil tudo se compra fiado, e estes nestas cousas querem superabundancias, a que os mercadores já não acudião, e era necessario fazel-os elle prover; e aviar huns, e outros era infinito; fez tambem duas Capitanias pera sua guarda, que depois mandou na vanguarda, pela confiança que nelles tinha, por ser toda gente solta, e muitos Mamalucos, e filhos da terra, porque estes nisto são de muito effeito, e a estas duas companhias deo sempre á sua custa de comer, e todo o mais necessario, e prover de armas, ainda que nos requerimentos, que lhe fizerão pera elle haver de ir, disse o Provedor Martim Carvalho que fosse, que elle o proveria á custa da Fazenda de Sua Magestade.

Além dos dous capitães da guarda, que hum era Gaspar Dias de Moraes, que de soccorro antes havia ido á Parahyba, e outro Mister Hyppolito, antigo, e mui pratico capitão da terra, se elegerão mais de novo por capitães Ambrosio Fernandes Brandão, e Fernão Soares, que se chamavão Capitães de Mercadores; forão mais os capitães das Companhias da ordenança da terra, Simão Falcão, Jorge Camello, João Paes, capitão do Cabo de Santo Agostinho, muito rico, que o fez nesta jornada por cima de todos, em tudo levando sempre a retaguarda, e João Velho Rego, capitão de Igarassú, e todos da Ilha de Tamaracá, com seu capitão Pedro Lopes, e porque havia muita, e boa gente de cavallo, que forão cento e noventa e cinco, ordenou tres guiões de trinta cavallos cada hum dos melhores pera acudirem ao cumprisse (*sic*), de que erão capitães Christovão Paes Daltera, Antonio Cavalcante, filho de Philippe Cavalcante, e Balthezar de Barros.

Ia mais hum filho do Capitão Antonio de Carvalho com a sua bandeira por elle ficar doente, que em todas as jornadas o fez muito bem; e era a segunda pessoa deste exercito, sobre quem carregava o peso delle, Francisco Barreto, cunhado do Ouvidor Geral Martim Leitão, a que chamavão Mestre de Campo, e elle o podera ser de outro de muitos milhares de soldados, por seu esforço e destreza.

Com tudo este exercito, que foi a mais formosa cousa, que nunca Pernambuco vio, nem sei se verá, foi o General Martim Leitão / que assim lhe chamaremos nesta jornada / dormir no campo do Igarusú, no meio do qual mandou armar sua tenda de campo, com outras duas pegadas, huma pera dous

Padres da Companhia de Jesus, que com elle ião, e outra de sua despensa, onde se agasalhava tambem a gente do seu serviço. Aqui mandou deitar grandes bandos, pondo graves penas contra todos aquelles, que brigassem, ou arrancassem, encommendando mui particularmente que houvesse entre todos muita amizade, e conformidade, e outras boas ordens necessarias, que se se cá costumarão nö Brasil não houvera tantas perdas, e desconcertos, como sabemos. Alli esteve tres dias esperando se ajuntassem alguns, que faltavão; onde fez aposentador, e mais Officiaes de Campo.

Ao quarto dia / que foi o primeiro de Março / daquelle alojamento forão dormir além do rio Taporema, onde fez resenha, e se achou com quinhentos e tantos homens brancos, e o general deo regimento a todos do que havião de fazer, repartio as campanhas, e ordenou que hum dos guiões de cavallos aos dias por evitar competencias fosse na vanguarda, outro na retaguarda, e o terceiro na batalha, onde elle ia; e o Capitão a que no seu dia tocava a retaguarda, tivesse obrigação de huma hora antemanhã com alguns Indios correrem, e descobrirem o campo, e assim como toda a ordem possivel, e com irem de continuo alguns homens de confiança com Mamalucos e Indios por descobridores diante, e pelas ilhargas do exercito mettidos pelo mato, e gastadores abrindo o caminho, forão por suas jornadas em cinco dias á grande campina da Parahyba, onde pela lembrança de que alguns alli em outras jornadas tinhão visto, ia a gente tão apartada, que sendo o caminho da campina largo, e raso, não andavão por mais recados, que se passavão a vanguarda em que em aquelle dia, por ser de mais importancia, ia Francisco Barreto; mas não soffrendo tanto vagar tomou o General hum galope, e foi ver o que era, e achando que havião já dado em mato, e se detinhão os gastadores em abrir caminho com as fouces, os fez abreviar, e marchar a vanguarda com presteza e recado, esperando elle alli athé se metter em seu lugar.

Marchando pois a vanguarda, e o Mestre de Campo Francisco Barreto com ella, já quasi sol posto deo em huma cerca mui grande de Gentio, pegada do rio Tibiry, que promettia ter dentro mais de tres mil almas, o que não obstante, nem a escuridão da noite, que sobrevinha, nem ser a cerca mui forte, e com huma rêde de madeira por fora, como huns leões remetterão, e entrarão nella, matando muitos dos inimigos, e pondo os mais em fugida, ficando dos nossos muito pouco feridos, porque foi tal a pressa e açodamento, que lhes não derão vagar, nem tempo pera despedirem muitas frechas, o que sentindo o corpo do exercito, e retaguarda, rebentavão todos por chegar com os dianteiros á briga, e por mais pressa que se derão, quando já chegarão, era acabada.

Entrando pois todo o exercito dentro na cerca, que Francisco Barreto lhe tinha franqueada com a gente da vanguarda, e alojados todos nella, repousarão alli aquella noite, onde acharão farinha feita, e armas, e polvora, que tinhão pera ir cercar o forte, conforme os captivos disserão.

CAPITULO SETIMO

De como se tentarão as pazes com o Braço de Peixe, e por as não querer se lhe deo guerra

Ao outro dia pela manhã cedo logo os Indios se puzerão ás pulhas / como hé seu costume / em hum tezo alto defronte da nossa cerca, além de hum grande alagadiço, que por aquella parte ficava, donde forão conhecidos dos nossos ser gente do Braço de Peixe, que não erão Potiguares, senão Tabajaras seus contrarios; mas por se temerem dos Portuguezes, que vingassem a morte de cento e tantos, que com Gaspar Dias de Atayde, e Francisco de Caldas / ainda que com razão / havião mortos / como dissemos no Capitulo Vigesimo do Livro precedente /, se vierão a metter com os Potiguares, e assim por se reconciliarem com elles, como por serem mais industriosos, e valentes, nos fazião muito damno; o que entendido pelo General Martim Leitão, e considerando de quanta importancia seria ter paz com elles, e apartal-os dos Potiguares, mandou por lingoas fazer-lhe praticas, que estivessem seguros que só buscavão os Potiguares, com os quaes nunca queriamos paz, mas com elles sim, dizendo-lhes mais que o General era homem do Reyno, fora de malicias e enganos, que com elles usavão os do Brasil, e estava muito bem informado da sua amizade antiga com os brancos, pelos quaes sabia que quebrava a paz, e que se os Capitães Atayde e Caldas forão vivos os mandara ElRey castigar; com estas praticas, e vinho que lhes derão a beber, concertarão que dando refens mandaria o Braço seus embaixadores depois de jantar assentar pazes com o General, o qual neste meio tempo trabalhou com toda a dissimulação em mandar descobrir o alagadiço, se por cima ou por baixo daria váu á gente; mas não se achou nisto remedio, pela grandeza do alagadiço, e espessura do mato á roda.

Ao meio dia vierão tres Indios a tratar das pazes, que forão ouvidos na tenda do General, e examinados por lingoas, e feitas todas as diligencias, e ostentações que forão necessarias, por o Braço e os seus terem comsigo muitos Potiguares, juntamente com o medo de suas culpas, nada bastou pera os segurar, e assim tornando-se á tarde quizerão lá matar os refens, e ficou a guerra rota, que os inimigos estimando pouco esquentarão toda aquella tarde, com trinta e tantas espingardas, e muitas frechas que tirarão. Ao que ainda querendo atalhar o General, pera os desenganar mandou sahir por sua ordem todas as companhias, e gente por huma campina entre a cerca, e o lago, que em aquella manhã, pera o que succedesse, tinha mandado roçar; tambem lhe mandou dar mostra de dous berços, que trazia em carros, e varejar com elles huma caiçara, ou tranqueira, que pera pelejarem, e se defenderem no cume de hum pico, no cabo de huma queimada, os inimigos havião feito, e com outros assombros, nada bastou para quererem paz: com isto se resolveo o General a

lhes darem ao outro dia batalha, mandando aquella tarde fazer muitos feixes de fachina, que ao longo da cerca havião cortado, pera que com as pontes, que o Gentio no alagadiço havia feito, passagem (*passassem*) da outra banda.

Não foi nada aprazivel ao arraial esta determinação do General, que se vio melhor no Conselho, que na sua tenda se teve aquella noite, que foi assaz vario, e confuso, e a seus brados se assentou ficassem alli as duas partes do arraial, e Francisco Barreto com elles, com todo o provimento, pera o que succedesse, e elle a pé com a terça parte ir dar nos inimigos no pico.

Ouvindo missa ao outro dia pela manhã muito cedo, partio o General com as companhias da vanguarda sómente, e o guião de cavallo de Antonio Cavalcante, que mandou no roçado, e em huma queimada andar da nossa parte do alagadiço, pera por alli não rebentar alguma cilada, e lhe tomarem as costas, e levando o Padre Hyeronimo Machado, da Companhia, hum crucifixo diante, acharão no alagadiço muito estorvo por de noite os inimigos cortarem muitas arvores, com que o atravessarão, e embaraçarão todo: com isto, e com andarem muitos soldados pela queimada da outra banda ás frechadas, e arcabuzadas, se passava devagar, e com tanto receio, que foi necessario ao General agastar-se com alguns, e mandando ficar a companhia de Ambrosio Fernandes com ordem que se não bulisse do alagadiço athé todos serem em cima, arrancou da espada jurando havia de escalar o primeiro que fallasse, senão obrarem todos como esforçados; isto, e metter-se com o passo apressado após os dianteiros, fez passar os mais, e tomar a ladeira acima bem depressa.

Depois de se recolherem os inimigos na cerca, subião os nossos em pés e mãos por ella, e ferrando-a todos não acabavão de a render, o que vendo o General tomou hum Inglez, que levava comsigo armado, e subindo ás costas em cima da cerca com huma formosa lança de fogo fez taes floreios, lançando della infinidade de foguetes, que despejarão os inimigos. Por alli, e derribando os nossos duas ou tres braças de cerca, que cortarão, entrarão dentro, e os forão seguindo hum pedaço, ainda que, com o ruim caminho, e impedimentos que os inimigos tinhão postos, e elles serem bichos do mato, que furão por onde querem, foi causa de escaparem muitos. O que ordenou Deus pera nos ficarem, como agora os temos, por amigos.

Corridos assim, o mais que os nossos puderão, mandou o General queimar toda a caiçára, e madeira da cerca, e assolado tudo se tornou pera seus companheiros, que havião ficado na outra cerca, os quaes o vierão receber fóra com Te-Deum Laudamus, e no mesmo dia á tarde houve hum rebate da banda do Tibiry a que alguns Capitães acudirão desordenadamente, e por ser a revolta grande mandou o General a Francisco Barreto os fosse recolher, o que fez muito bem, e com muita ordem; porque em a escaramuça que se travou forão mortos alguns Potiguares, sem dos nossos haver ferido algum, e por não ser já de effeito a estada alli, ao outro dia mandou o General pôr fogo á cerca, e com todo o exercito pelo rio Tibiry abaixo foi seguindo os inimigos, e forão

dormir dalli a duas legoas, onde agora se chama as marés, e arrancados todos os mantimentos, que acharão, que foi a maior guerra que se lhes póde fazer, e queimadas duas aldêas, que alli estavão despovoadas, se tornarão acima a buscar outra cerca nova, que havia feito hum principal, chamado Assento de Passaro, aonde, antes de chegarem, acharão tantos embaraços de ruim caminho, que se ia abrindo pelo mato, e brejos, e alguns inimigos corredores, que se atravessarão diante, que por mais que o General se apressou, passando-se á vanguarda com o Ouvidor da Capitania Francisco do Amaral, que sempre o seguia, e marchando com ella, já acharão a cerca, que era grande, e forte, despejada, ainda que em alguns velhos e femeas se vingou o nosso Gentio; e alli pararão aquelle dia, e o outro, donde pelos muitos alagadiços, e diversidades de opiniões dos caminhos, que ninguem sabia, se resolverão tornar pelo rio da Parahyba abaixo, buscar o passo pera o forte, onde se assentaria o que cumprisse.

Partidos desta cerca por outro caminho, que era a estrada, acharão nella tantos laberintos, que os inimigos tinhão feitos, tantos fojos, arvores cortadas atravessadas, que era admiração, e a não haver grande cautela, poucos bastarão alli pera desbaratar a muitos; mas de tudo Nosso Senhor os guardou e desviou.

Passado embaixo o rio da Parahyba, em tres dias chegarão ao forte, que estava cousa piedosa de ver, assim o damnificamento, e ruinez delle, como as pessoas dos soldados, que bem mostravão as fomes, e miserias, que tinhão passado.

CAPITULO OITAVO

De como o General Martim Leitão chegando ao Forte mandou o Capitão João Paes á Bahia da Traição, e depois se tornarão pera Pernambuco

Logo na tarde que chegarão ao forte ordenou o General que fosse o Capitão João Paes com tresentos homens de pé e de cavallo correr a Bahia da Traição, como forão o seguinte dia em amanhecendo. Procurou tambem muito com Fructuoso Barbosa quizesse ir duas legoas do forte, junto das marés, onde havia muitos mantimentos da parte do Sul do rio da Parahyba, fazer povoação, pera o que lhe juntava oitenta homens brancos, e Indios os mais que pudesse, e se offerecia estar com elle seis mezes, e outros seis seu cunhado Francisco Barreto, mas nunca se poude acabar com elle, e por actos que disto se fizerão desistio de toda a pertenção da Parahyba, dizendo que não estaria mais huma hora em ella; comtudo determinou o General fazer no dito sitio / que a todos pareceo bem / a povoação, pera o que commetteo a Pero Lopes, e a outros, mas não poude concluir. Pelo que com assaz paixão se determinou ir pela praia com a gente, que lhe ficou, juntar-se na Bahia da Traição com João Paes; porque assim, levando hum campo por cima outro por baixo, não ficando cousa em meio, seguissem por alguns dias os inimigos athé os encontrarem, ou

enxotarem pera longe, mas determinando partir na baixa mar do outro dia, subitamente aquella noite adoecerão quarenta, e duas pessoas com estranhas dores de barriga e camaras, entre os quaes foi Francisco Barreto, e o Padre Simão Tavares, da Companhia, e outros de muita importancia, com o que houve detença dous dias, e vendo que não melhoravão pelos ruins ares, e agoas daquelle sitio, foi forçado levantar o arraial, e tomar acima duas legoas em hum campo muito formoso e aprasivel, sitio de muitas boas agoas, a que puzerão nome Campo das Hortas, onde em-seis dias, que alli estiverão esperando por João Paes, alguns se refizerão; chegado elle, e juntos outra vez todos, e sabido que na Bahia da Traição não ousarão os inimigos esperar, elles queimarão muitas aldêas, e arrancarão mantimentos, fizerão-se dous ou tres conselhos, pera se dar ordem no que se devia fazer, e por terem por certo que os Tobajaras, Gentio do Braço de Peixe, estavão desavindos com os Potiguares, e começavão a guerrear huns contra outros; se resolverão todos era bem deixal-os, já que por si se querião gastar antes convir muito por alguma via avisar o Braço de Peixe, que lhe darião soccorro contra os Potiguares, e que não se tornasse á Serra; com que em muito segredo o General fez fugido hum Indio seu parente com grandes promessas, se o quietasse, e fizesse tornar ao mar; com esta ordem, e provido o forte de mais vinte homens, e com lhe deixar o Capitão Pero Lopes em lugar de Fructuoso Barbosa, e os prover do seu como melhor poude, deixando-lhes pipas de farinha, biscoito, vinho, e sardinhas, pera dous mezes, se partirão todos pera a Villa de Olinda com muita festa, ainda que o espirito do Ouvidor Geral Martim Leitão / que já chamarei General / não se quietava nem contentava, dizendo não ter feito nada, pois não ficava levantada povoação na Parahyba, e tudo o da guerra concluido, como se fora poderoso pera tam grande empreza, em que nosso Senhor o tinha tam favorecido.

Desta maneira entrarão na Villa de Olinda em som de guerra, postos em ordem, accompanhando todos ao Ouvidor Geral athé sua casa, com a maior festa, e triumpho que Pernambuco nunca teve, que foi a seis de Abril de mil quinhentos oitenta e cinco.

CAPITULO NONO

De como o Capitão Castejon fugio, e largou o forte, e o Ouvidor Geral o prendeo, e agasalhou os soldados

O primeiro de Junho do mesmo anno de oitenta e cinco, chegou nova a Pernambuco era chegado a Tamaracá o Capitão Pero Lopes, que o Ouvidor Geral Martim Leitão deixara com alguns Portuguezes no forte da Parahyba em companhia do Alcayde, o qual tambem se dizia o queria desemparar com os Hespanhoes, e que em secreto buscavão piloto, que de lá os levasse ás Indias, e como o Ouvidor Geral andava tam prompto, e receioso destas cousas, logo

pela posta mandou buscar Pero Lopes, do qual informado, em quatro dias concluio com elle se tornasse a assistir no forte como o deixava, com alguns filhos da terra, e gente, no qual estivesse athé Janeiro, com obrigação de lhe darem cada mez cincoenta cruzados; porque não seria possivel deixar ElRey athé então de avisar, e prover, por cuja falta se despovoava isto.

Difficultosamente aceitou Pero Lopes, porque pela má condição do Alcayde Castejon todos fugião delle; mas sobre isto rebentou outro maior inconveniente, que foi resolver-se o Provedor Martim Carvalho / que athé então mal provia o forte / em não o querer mais prover bem nem mal, nem nisso entender, e assim o respondeo por actos publicos, com o que ficou tudo desarmado, e se concluira peior se o Ouvidor Geral não tratara este negocio por via de em prestimo, com que logo mandou o Capitão Pero Lopes fizesse rol do que havia mister pera provimento de cem homens em seis mezes, e feito, e sommado em tres mil cruzados, os mandou logo tomar, e repartir pelos mercadores, que tinhão as cousas necessarias, aos quaes se satisfazia com creditos de João Nunes mercador, e tomado navio, e aviado, por não succeder no forte fazer o Alcayde com os Hespanhoes abalo, lhe fez escrever da Camera com muitos mimos, e certeza de serem agora muito melhor providos; pois havia de correr por elles livres de Martim Carvalho, que muito devião estimar.

O mesmo lhe escreveo o Ouvidor Geral, e com estas cartas se foi Pero Lopes aviar a sua casa á ilha de Tamaracá, donde havia o navio, e gente de o ir tomar de caminho, e elle entretanto avisaria o Alcayde; e ou o diabo o tecesse ou não sei porque, Pero Lopes não avisou ao forte, nem mandou as cartas, indo disso tam encarregado, e as teve em seu poder sem as mandar desde oito de Junho até vinte e quatro, que estando tudo a pique pera o outro dia partir o navio, e de caminho ir pela ilha, se começou a dizer serem chegados a ella Castelhanos do forte; dizendo vinha atraz o Alcayde, e deixavão tudo arrasado.

A isto / que em breve se encheo a terra / se ajuntou toda a villa ás Aves Marias em casa do Ouvidor Geral, onde se assentou que se juntassem logo pela manhã no Collegio; Bispo, capitão Dom Philipe, Camera, Provedor Martim Carvalho; e elle, que nestas cousas não dormia, na mesma noite despedio os seus Officiaes que fossem buscar a Castejon, e lho trouxesse preso a bom recado, como fizerão, e nas perguntas não deo outra razão senão da fome, que era assaz fraca, pois confessava que depois da guerra que havia dado não apparecer mais inimigo, e irem os barcos, que lhe havia deixado, pelo rio acima buscar mantimentos, que era assaz provimento; mas devião de estar enfadados, e vingarão-se em deitar a artilharia ao mar, e huma náu que lá estava ao fundo, e pôr o fogo ao forte, e quebrar o sino, e com isto se vierão á villa como quem não tinha feito nada; e o que mais é que assim se julgou depois no Reyno aonde o Ouvidor Geral mandou o Castejon preso, que de tudo se livrou e sahio bem.

Ao outro dia pela manhã, juntos em modo de conselho no Collegio, houve algumas duvidas com o Bispo, e outros, movidos de quão mal se respondia do Reyno a tanta importancia, difficultavão a empreza, que na verdade estava mais duvidosa que nunca, por ser sobre tantas quedas, e lá consumirem tantas vezes os nossos, e se receiarem Francezes, que nunca alli faltavão.

Pelas quaes causas dizião que na terra sem grossa mão de ElRey haveria força pera esta empreza, só o Ouvidor Geral Martim Leitão, todo acêso em colera, e fervor com que andava, com muitas razões o persuadio a entre si elegerem hum homem, que com cento e cincoenta, que se offereceo a buscar, e Gentio com a despeza, e vitualha, que estava buscada, tornasse logo a recuperar o perdido, senão que elle com os seus, e amigos que tivesse, estava determinado ir a metter-se no nosso forte arruinado, antes que os inimigos se fortificassem nelle, pois os que tinhão obrigação de o defender o desempararão, e isto com tanta vehemencia, requerimentos, protestos, e ameaças da parte de Sua Magestade, que os espertou e aviventou; e assim elegerão o Capitão Simão Falcão, que pareceo pessoa pera isso, por Fructuoso Barbosa em nenhuma maneira querer aceitar, com estar a tudo presente: do que Simão Falcão foi logo avisado; e o Ouvidor Geral, com alguns pregões, industria, e summa diligencia juntou todos os Hespanhoes, que do forte vierão, e ao presente na terra havia, dos quaes fez duas esquadras, de quarenta e dous, que ajuntou em humas casas, a que cada dia fazia prover da ração ordinaria de sua casa, e á sua custa, não se esquecendo de por via de Religiosos fazer encommendar este negocio a Deus.

CAPITULO DECIMO

De como o Braço de Peixe mandou commetter pazes, pedindo soccorro contra os Potiguares, e o Ouvidor Geral tornou á Parahyba, e começou a povoação

Havendo neste mez de Julho alguma dilação por adoecer Simão Falcão, tanto ao cabo como esteve, no fim do mez chegarão dous Indios do Braço de Peixe ao Ouvidor Geral, pedindo-lhe soccorro contra os Potiguares, porque tornando-se por o seu recado ao mar o cercarão por vezes, e tinhão posto em grande aperto.

Neste proprio dia vestio Martim Leitão os Indios, e se foi dormir ao Recife com João Tavares, escrivão da Camera e Juiz dos Orphãos, ao qual por parecer de todos encommendou este soccorro, e elle por seus rogos, e por serviço dElRey aceitou, e assim com doze Hespanhoes bem concertados, e satisfeitos, e oito Portuguezes, e huma caravella esquipada, e concertada pera tudo com algumas dadivas, e bom regimento, partio do porto de Pernambuco a dous de Agosto de mil quinhentos oitenta e cinco, e aos tres chegou pelo rio da Parahyba acima, onde se vio com o Braço de Peixe, e mais principaes no

porto, que agora é a nossa Cidade, assombrando primeiro os Potiguares com alguns tiros, que presumindo mais força fugirão.

Assentadas as pazes, e dadas suas dadivas, e refens, sahio o Capitão João Tavares dia de Nossa Senhora das Neves, por cujo respeito depois se poz esse nome á povoação, e a tomarão por patrona, e advogada, debaixo de cujo amparo se sustenta, e ordenarão hum forte de madeira com as costas no rio, onde se recolherão.

Avisado logo o Ouvidor Geral, se alvoroçou toda a villa, e moradores destas Capitanias, parecendo-lhes, e com razão, erão já todos seus trabalhos acabados, e depois de muitas graças a Deus, sobre isto chegarão os lingoas por terra com obra de quarenta Indios com a embaixada do Braço, aos quaes todos o Ouvidor Geral em sua casa agasalhou, vestio, e festejou, e avisando ao Capitão João Tavares do que havia de fazer, mandando-lhe mais vinte e cinco homens de toda a sorte, por os Hespanhoes estarem ainda muito enfermos, e mandando vestidos finos pera os principaes, e outros mimos, e todos muito contentes os tornou a mandar, e com grandes defezas, que não houvesse algum genero de resgate, de que o Ouvidor como experimentado era muito inimigo, e com razão, que isto he o que damna o Brasil, maiormente quando he de Indios, pois com titulo de resgate os captivão.

Pera se perfeiçoarem estas pazes pareceo necessario não se perder tempo, antes ir-se logo fazer hum forte, recuperar a artilharia do outro, e assentar a povoação; pera o que por todos foi assentado que ninguem podia fazer todas estas cousas, senão o Ouvidor Geral Martim Leitão, ao qual o pedirão, e requererão todos, e elle o aceitou, por serviço de Deus e de ElRey, e por bem destas Capitanias, e assim se partio pera a Parahyba a quinze do mez de Outubro do mesmo anno com alguns amigos seus, Officiaes, e creados, fazião numero de vinte e cinco de cavallo, e quarenta de pé, levando pedreiros e carpinteiros, e todo o recado necessario pera fazer o forte, e o que mais cumprisse, e chegou lá aos vinte e nove, onde foi grandemente recebido dos Indios e brancos, que ahi estavão; e aos principaes dos Indios, que vierão huma legoa recebel-o, abraçou hum e hum com grande festa, e fazendo apear os de sua casa os fez ir a cavallo, e alguns, pelo que tinhão passado com os brancos, ião tremendo de maneira, que era necessario il-os sustentando na sella.

Com este triumpho os levou pelo meio de suas aldêas, com que huns choravão, e outros rião de prazer, e logo nessa noite se informou dos sitios, que particularmente tinha encommendado lhe buscassem com todas as commodidades necessarias pera a povoação a Manoel Fernandes, mestre das obras de El Rey; Duarte Gomes da Silveira, João Queixada, e ao Capitão, que todos estavão pera isso prevenidos delle em segredo, mas encontrados nos pareceres dos sitios.

Ao outro dia o Ouvidor Geral, ouvindo missa antes de sahir o sol / que caminhando, e andando nestas jornadas sempre a ouvia /, foi logo a pé ver alguns sitios, e á tarde a cavallo, athe o ribeiro de Jaguaripe, pera o Cabo

Branco, e outras partes, com que se recolheo á noite resoluto ser aquelle em que estavão o melhor, onde agora está a Cidade, planicie de mais de meia legoa, muito chão, de todas as partes cercado de agoa, Senhor do porto, que com hum falcão se passa além, e tam alcantilado que da prôa de navios de sessenta toneis se salta em terra, donde sahe hum formoso torno de agoa doce para provimento das embarcações, que a natureza ali pôz com maravilhosa arte, e muita pedra de cal, onde logo mandou fazer hum forno della, e tirar pedra hum pouco mais acima; com o que visto tudo muito bem, e roçado o matto, a quatro de Novembro se começou o forte de cento e cincoenta palmos, derão em quadra com duas guaritas, que jogão oito peças grossas huma ao revez da outra, no qual edifico trabalhavão máus e bons com o seu exemplo, que hum e hum os chamava de madrugada, e repartia huns na cal, outros no matto com os carpinteiros, e serradores, outros nas pedreiras, e os mais a pilar nos taypaes; porque os alicerces, e cunhaes só erão de pedra e cal, e o mais de taypa de pilão de quatro palmos de largo, pera o que mandou logo fazer oito taypaes, pera todos trabalharem, e era cousa pera ver a porfia e inveja, em que os mettia, trabalhando mais que todos, com o que duravão na obra de sol a sol, sem descançar mais que a hora de comer, e assim em duas semanas de serviço chegou a estado de se lhe pôr artilharia, que neste meio tempo com muito trabalho, e industria, por buzios, que pera isso levou, se havia tirado do mar sem se perder peça, que foi cousa milagrosa, só as Cameras faltarão, mas com seis, que levou de Pernambuco, e dous falcões, que forão nos caravellões da matalotagem, se remediou tudo.

Assentada a artilharia ordenou, por se não perder tempo, e o nosso Gentio confederado se não esfriar, como já começava, fossem João Tavares, e Pero Lopes, com toda a gente dar huma boa guerra ás fraldas de Copaoba, que hé huma terra montuosa, e mui fertil, dezoito legoas do mar, donde ha muito Gentio Potiguar; e assim ficando-lhe sómente os seus moços, e officiaes da obra, e Christovão Lins, e Gregorio Lopes de Abreu, forão todos os mais, aonde por andarem treze ou quatorze dias sómente não destruirão mais de quatro ou cinco aldêas, cuja vinda tão apressada o Ouvidor Geral sentio muito, e determinando ir em pessoa, concluio com a maior brevidade que poude a obra do forte, casa pera o Capitão, e armazem.

CAPITULO DECIMO PRIMEIRO

De como o Ouvidor Geral foi á Bahia da Traição

Posto isto em bôa ordem athe vinte de Novembro, deixou ahi Christovão Lins, Fidalgo, Allemão de nação, com os Officiaes e gente necessaria, e elle se partio com oitenta e cinco homens brancos, e cento e oitenta Indios do nosso Gentio, cousa assaz temeraria, e que muitos procuravão estorvar com

roncas de estarem náus Francezas na Bahia da Traição, e sobre isto alguns lhe começarão em palavras a perder o devido acatamento, e respeito, particularmente hum, que se soltou mais do necessario, que já tambem havia posto o arcabuz nos peitos ao Capitão João Tavares, o qual mandou o Ouvidor Geral tomar, e á porta do forte, em presença de todos açoutar, que foi gentil mesinha, porque não houve quem mais fallasse, e assim partidos todos do forte forão dormir ao Tibiry, e dahi no dia seguinte ao Campo das Hortas, onde se juntarão com o nosso Gentio, que não levava mais vianda pera todo o caminho, que seis alqueires de farinha de guerra, nem os brancos levarão de comer mais que pera dous dias, do que sendo advertido o Ouvidor Geral respondeo alegremente que o irião buscar entre os inimigos, que era gente viva, e havia de ter comer, e assim se partirão dahi athe a agoa, que chamão de Jorge Camello, e depois do sol posto chegarão ao rio Mamanguape, que são grandes oito legoas, e por haver de ir dar em humas aldêas, que estavão da outra parte do rio, antes que os inimigos, que havião achado atraz na campina, lhes dessem aviso, e se aproveitarem da baixa mar, o passarão sem ceia á meia noite, e moidos do trabalho do dia, donde em amanhecendo marcharão com boa ordem e recado athé ás dez horas, que derão em hum grande golpe de Gentio, o qual com o seu medonho urro atroou aquella campina, e ribeira, mas os nossos muito contentes de os vêr, ainda que fôra por ponte de prata.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

De como da Bahia da Traição forão ao Tujucupapo, e tornarão pera Pernambuco

Ao terceiro dia, carregados os Indios de despojos, e alguns mantimentos, partirão da Bahia da Traição, indo sempre ao longo da Costa com o lingoa dos Indios captivos, em busca do Tujucupapo o Mór, principal dos Potiguares, por ser muito grande feiticeiro, e indo ao quarto dia depois da partida bem descuidados, parecendo-lhes que já não o acharião o inimigo, gritarão da vanguarda — Potiguares! Potiguares!, e não se espantem fallar desta maneira sendo tão poucos, porque como as guerras destas partes são nos mattos, sempre vão enfiados por o ruim caminho huns tras outros, e assim, ainda que poucos, como não podem ir em fileira nem ordem de guerra, occupão muita terra ao comprido; por esta causa á grita da vanguarda se conceitou cada hum em seu logar, e começarão a marchar depressa, mas por neste tempo vir hum soldado Hespanhol dizer a Martim Leitão acudisse, que recuava a vanguarda, e havia

feridos, em calças e em gibão, como ia, tomou hum remessão a João Nunes, e huma rodella a hum Indio, e encommendando a gente a Gregorio Lopes de Abreu, e a Antonio de Barros Rego, poz as pernas ao cavallo, e atravessando o matto, que era baixo, chegou a tempo que rebentavão do bosque tres esquadrões de gente inimiga, e se tornarão a recolher em ondas ou remettidos, que este é o seu pelejar; e o nosso Gentio vendo tantos inimigos, quasi que ficou assombrado, e á pressa em corpo se andavão cercando de rama pera todos se recolherem em qualquer fortuna; mas chegando assim o Ouvidor Geral, os começou a affrontar de palavras, dizendo-lhe se determinavão fazer ali casas pera viver, e depois morrer como ovelhas, e que as suas casas havião de ser as dos inimigos, e assim gritando rijo a elles passou ávante, mandando João Tavares por outra parte, e com isso pelejava com homens, mas aqui com os elementos, que é mais.

Passados assim da banda d'além, que serião duas horas antemanhã, feito algum fogo, em que brevemente enxugarão os arcabuzes, fez logo o Ouvidor Geral tomar a praia, que como athé então não fosse sabida, e sobre tantos trabalhos, pareceo a todos tam comprida como trabalhosa.

Mas indo elle com Duarte Gomes, e Antonio Lopos de Oliveira, com tres negros da terra descobrindo diante todos, forão athé em amanhecendo, apartados os de cavallo com alguns arcabuzeiros, pera darem da parte do Norte, e os mais com o nosso Gentio, do Sul, remetterão ao forte que ali tinhão os inimigos, o que fizerão com grande grita, e matarão athé vinte Indios, tomarão vivo o seu principal, outros se deitarão ao mar por lhe terem a terra tomada, e se acolherão á náu dos Francezes, que todos estavão recolhidos com sua artilharia do dia de antes, pelo aviso que lhes deo hum Indio, que fugio a Duarte Gomes; e porque com a claridade da manhã começou a varejar a praia, onde os nossos estavão com a artilharia, vararão todos a aldêa, e povoação, que estava acima, a qual acharão toda despejada, mas com muitas farinhas feitas, e favas, que foi grande recreação, junto com os cajús do matto, fructa que já começava, e pera lhe destruirem todos os mantimentos, e assolarem aquella estalagem aos Francezes, assentarão estar alli tres dias, e logo á tarde forão arrancar a mandioca; de noite mandou o Ouvidor Geral lançar ao mar tres ferrarias, que alli havia de Francezes, que foi cousa de importancia tiral-as aos inimigos, que com ellas os cevavão os Francezes, repairando-lhe estes tres ferreiros, que alli já erão moradores, suas ferramentas.

Acharão-se aqui mais de sessenta caldeiras grandes, e pequenas, fato, e muita ferramenta, de que se o nosso Gentio carregou.

Ao outro dia mandou o Ouvidor Geral vinte e quatro arcabuzeiros na baixa-mar dar-lhe huma surriada com tres ou quatro cargas, e ainda que lhes não fez damno, todavia temendo que o virião a receber, ou que viessem algumas embarcações da Parahyba, levarão ancora, e se forão, esbombardeando pera o ar, levar estas novas á França, ficando os inimigos diante de si, deitando-os de

fóra de mil laberintos, que alli tinhão feito e ordenado, e por extremo fortificados, ficando todavia as suas estancias, e meadas de muitos corpos mortos, e mais forão se não houvera a detença dos nossos no abrir dos caminhos pera todos passarem, e assim tiverão os inimigos alguma guarida com o ruim caminho, e grande alagadiço / que sempre elles costumão tomar por repairo /, onde houve muitas graças de muitos atolarem mais do que quizerão, não querendo seguir o Ouvidor Geral seu capitão, que ainda que o cavallo cahiu com elle, o levou pela redea, e sahindo fóra muito gentil homem, e enlodado saltou em cima delle mui desenvolto, e seguio os inimigos por hum caminho com outros dous de cavallo, e alguns Indios, que sempre forão derribando nelles, e o mesmo aconteceo por onde foi o capitão João Tavares, e houverão de ser infinitos os mortos, se o nosso Gentio ousára seguil-os; mas vendo tantos, e elles tam poucos, o fizerão pesadamente, e só á sombra dos brancos; e com isto se recolherão depois das tres da tarde á grande aldêa, que estava perto do alagadiço, onde descançarão o que ficava do dia; dando muitas graças a Deus por esta grande victoria, porque se affirmou haver alli mais de vinte mil Portuguezes : apercebidos de dia do seu feiticeiro, que por desastre se acolheo em hum cavallo, que lá tinha de brancos havia muitos annos, curados os feridos, que houve alguns, e nenhum morto, pera a victoria ficar com dobrado gosto, alli estiverão athé ao outro dia, e por serem doze leguas aquem do Rio Grande, donde tiverão novas ser já passado todo o Gentio inimigo da outra banda, que como senhores de mais de quatrocentas legoas desta Costa não era possivel esgotal-os, se tornarão ao forte, donde forão recebidos com muitas festas, e continuou o Ouvidor Geral as obras em que Christovão Lins com officiaes havia bem trabalhado, e de todo acabou o forte, torres, e casas de armazens com seus sobrados pera morada do Capitão e Almoxarife, e feitos tambem alguns reparos pera a maior parte da artilharia, e ficando-se acabando os mais, tomou a homenagem ao capitão João Tavares, e o deixou com trinta e cinco homens de peleja, providos pera quatro mezes, e feito isto se tornarão pera Pernambuco no fim de Janeiro de mil quinhentos oitenta e seis, que foi assaz breve tempo pera tantas cousas, e obras; mas tudo nos homens honrados o desejo da honra faz possivel.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

Da vinda do Capitão Morales do Reyno, e tornada do Ouvidor Geral á Parahyba

No fim de Fevereiro seguinte vierão cartas ao Ouvidor Geral Martim Leitão de haver por bem servido no que fazia na povoação da Parahyba, e ordem pera que se pagassem todos os gastos, as quaes trouxe hum capitão Hespanhol coxo chamado Francisco de Morales, com cincoenta soldados tam-

bem Hespanhoes, e pera recolher a si os que cá ficarão de Francisco Castejon, que foi grande bem ainda, que disso se não conseguio effeito por o capitão ser em tudo de mui pouco, o qual se partio de Pernambuco a dous do mez de Abril seguinte pera na Parahyba haver de estar á obediencia de João Tavares, capitão do forte, conforme a sua patente, e todos á do Ouvidor Geral; mas o coxo tanto que lá chegou deitou João Tavares fóra do forte, e os Portuguezes, tratando-os de maneira que alvoroçou tudo, e amotinou o Gentio das aldêas, que todos os dias se ia queixar a Pernambuco, e sobre o avisarem que parecia mal tomar o forte a quem tinha dado homenagem delle, e que lho tornasse, se desentoou em palavras com o Ouvidor Geral, esquecido de sua obrigação, e de quanto gasalhado e mimos lhe havia feito em Pernambuco; e assim se enfrestou logo com elle, e com a Camera, e com todos os Portuguezes, que houve muitos requerimentos o tirassem de lá, e o mandassem a ElRey, por muitos excessos, que sempre nelle forão crescendo, ajudado dos ruins conselhos, que lhe mandavão de Pernambuco inimigos do Ouvidor Geral, que por inveja dos seus bons successos o querião infamar, assim cá como no Reyno, o que tudo o Ouvidor foi passando, e dissimulando athé o fim de Setembro do dito anno, porque aos vinte e sete dias delle lhe vierão novas da Parahyba, e cartas que avisarão serem chegadas á Bahia da Traição cinco náus Francezas com muita gente, e munições, determinados a se ajuntarem com os Potiguares pera combaterem, e assolarem o forte da Parahyba, com as quaes cartas vinha hum grande requerimento do capitão Morales, e moradores, e assim ao mesmo Ouvidor, como ao Capitão de Pernambuco, e Camera os fossem soccorrer.

Recebido este requerimento, fez logo Martim Leitão ajuntar no Collegio o Capitão de Pernambuco, Camera, Officiaes da Fazenda, e os mais nobres e ricos da terra, onde por todos foi assentado que por não crescer mais aquella ladroeira, e sahir dalli algum grande exercito de Francezes, que junto com os Potiguares destruissem o que estava ganhado da Parahyba, convinha acudir-lhe, e que ninguem o podia fazer senão elle, como dantes tinha feito; e assim todos juntos lho pedirão, e requererão em nome de ElRey, e elle aceitou, ordenando logo que se aprestassem duas náus, que não estavão mais no porto, e alguns caravellões, em que fossem cento e cincoenta homens de peleja, fóra os do mar, e alguma gente de cavallo por terra, que se ajuntarião com os que estavão na Parahyba, pera que lhes dessem por terra, e por mar huma boa guerra, porque estando-se os navios concertando, e as mais cousas necessarias, chegou nova que Francisco de Morales se queria vir da Parahyba, lhe escreveo Martim Leitão tal não fizesse, e que chegando lá o accommodaria, e serviria em tudo, como sempre fizera, e quando de todo em todo se quizesse vir neste tempo não trouxesse os soldados de ElRey; mas nada bastou pera deixar de se vir, e trazer os soldados de ElRey, e persuadido de alguns de Pernambuco, invejosos, e inimigos do Ouvidor Geral, largou o forte, e se perdeo e estragou

na Villa de Olinda athé se ir pera o Reyno, e porque a vinte de Outubro se soube haverem chegado mais á Bahia da Traição outras duas náus, que erão já sete. Pelo que se requeria melhor recado se tomou mais huma, que chegou do Reyno, e posta a monte, provida de xareta, e fortalecida pera poder soffrer a artilharia como as outras athé a entrada de Dezembro, se puzerão a pique todas tres náus mercantes, e dous bons caravellões ou zavras, de que erão capitães Pero de Albuquerque, Lopo Soares, e Thomé da Rocha, Pero Lopes Lobo, Capitão da ilha de Tamaracá, e Alvaro Velho Barreto.

Ordenado isto, foi o Ouvidor Geral athé o engenho de Phillippe Cavalcante, que he sete legoas da Villa de Olinda, com vinte e cinco homens de cavallo bons, e despedindo-os dalli pera a Parahyba se tornou pera a Villa a embarcar, promettendo-lhes primeiro seria com elles na semana seguinte; e assim se foi logo ao Recife, onde estiverão embarcados treze dias, sem poderem partir com tam grande tormenta de Nordeste, que dentro do rio se desamarrou huma náu, e deo á costa; e temendo o Ouvidor Geral a tardança, quiz mandar hum caravellão com aviso á Parahyba, e erão taes os Nordestes, que o levarão sem remedio além do Cabo de Santo Agostinho á ilha de Santo Aleixo.

Com este trabalho e estando todos pasmados, e o Ouvidor Geral atribulado de não poder fazer viagem, chegou Mauro de Resende com grandes requerimentos, e protestos de largarem todos tudo, se o Ouvidor Geral não era lá athé o dia de S. Thomé, por estarem todos assombrados da muita gente Franceza, e Potiguares, que quatro dias havia tinha dado em huma aldêa das nossas fronteiras, cujo principal era Assento de Passaro, o melhor Indio dos nossos, onde matarão mais de oitenta pessoas, e dous Castelhanos, com o que se davão todos por perdidos; pelo que o Ouvidor Geral, vendo que o tempo lhe não dava logar a ir por mar, determinou ir por terra, dizendo aos mais que o seguissem, se partio quasi só de madrugada, e no rio Tapirema, que são nove legoas de Olinda, se achou ao segundo dia com alguns trinta e dous homens, com os quaes seguio avante, que por ir assim, e os homens despropositados pera o acompanharem, por terra o seguirão sómente estes, e com elles chegou á nossa povoação da Parahyba, a que os moradores chamão Cidade de Nossa Senhora das Neves, aos vinte e tres de Dezembro, vespora da vespora do Natal, onde se começou logo a pôr em ordem, e aviar pera haver de partir no dia seguinte, como partio, caminho da Copahiba, onde teve por novas que estava todo o Gentio, e alguns Francezes fazendo-lhes páu brasil pera a carga das náus, porque estorvar-lha era a maior guerra, que podia fazer assim a huns como a outros.

CAPITULO DECIMO QUARTO

De como o Ouvidor Geral foi da Parahyba á Copahoba

Da cidade de Nossa Senhora das Neves, onde o Ouvidor Geral Martim Leitão deixou Pero de Albuquerque por Capitão em quatro jornadas, chegou á grande cerca de Penacama, que era hum grande e principal Potiguar, aonde Duarte Gomes da Silveira havia ido o Outubro atraz, e depois de lhe succeder muito bem, ao recolher lhe matarão oito ou dez homens, que foi a maior perda que esta empreza da Parahyba teve depois de correr por Martim Leitão, e que elle em extremo sentio; porque além das guerras, que todos estes annos lhes dava por sua pessoa, sempre lhe mandava dar outros assaltos, assim pelo dito Duarte Gomes como pelo capitão João Tavares e outras pessoas: nesta jornada foi infinito o trabalho, principalmente o da agoa, que não havia senão de muito ruins poços, pouca, e tam fedorenta, que era necessario com huma mão tapar o nariz, com a outra beber.

Desta cerca marcharão para a Copahiba direitos, onde ao segundo dia pela manhã derão com outra dos inimigos, e por o nosso Gentio dar o seu urro primeiro que entrasse, fugirão alguns, ainda que se fez incrivel matança, e se tomarão setenta ou oitenta vivos; aos fugidos forão dando alcance por huma parte, e por outra mais de huma legoa athé outra grande cerca, que estava despejada, na qual quiz o nosso Gentio descansar dous dias, e assim era necessario pera o grande trabalho do caminho, que tinhão passado, e por acharem alli rio de agoa, ainda que logo sobre ella começou de haver briga por acudirem os inimigos a defendel-a, ajudados dos sitios, porque esta Copahiba aonde estavão hé toda feita em altibaixos de montes e abysmos, e comtudo, contra a regra geral do Brasil, he tudo massapés, e fertilissima; pela qual causa havia nella cincoenta aldêas de Potiguares, todas pegadas humas nas outras: ao outro dia pela manhã começou de recrescer a briga sobre a agoa, ainda que os nossos tinhão ordem não fossem senão juntos, e a huma hora certa a buscal-a, e a dar de beber aos cavallos, acompanhados sempre com dez ou doze arcabuzeiros de guarda, todavia crescerão muitos inimigos, e tinhão já feito huma caissára sobre ella, que o Ouvidor Geral lhes mandou desmanchar por Duarte Gomes com alguma gente: e porque começarão a frechar, e se recolherão, assentou com o Braço que á tarde lhes lançasse huma cillada por cima, tornando-se primeiro a travar a briga, em que bem cevados lhes dessem nas costas, e sahindo a isso o Braço á tarde se alvoroçou o arraial dizendo estavão muitos inimigos sobre a agoa, sahindo fóra o Ouvidor Geral, e vendo que da outra parte do rio, na ladeira, andavão dez ou doze nossos muito apertados, que não ousavão virar as costas, e carregavão sobre elles muitas frechas, e pelouros, mandou que fossem sete ou oito de cavallo a soccorrel-os com Francisco Pereira, que só passou, e

Simão Tamares, e deitarão fóra os inimigos, e recolherão os nossos com hum já morto, e outro quasi, e todos feridos de frechas e espingardas, e Francisco Pereira peior, que o fez aqui como bom cavalleiro, e João Tavares foi recolher o Braço de Peixe, que neste tempo mandou recado lhe acudissem, porque indo pera fazer cillada aos inimigos, cahira primeiro em huma sua, e o tinhão posto em aperto; com isto começou a entrar hum medo espantoso em todos, e á noite foi avisado o Ouvidor Geral em segredo por João Tavares estavão mais de vinte dos mais honrados ajuramentados pera fugirem, ao que acudio o Ouvidor Geral fazendo-lhe huma falla de mil esforços, e outras diligencias, com que lhes desfez a roda, e se assentou se désse pela manhã com boa ordem nos inimigos, pera o que mandou aquella noite das taboas de algumas caixas, que se acharão, fazer dez pavezes, detraz das quaes os medrosos pudessem ir seguros, com o que animados todos / deixando primeiro queimado tudo, como sempre fizerão a todas as cercas, e aldêas que tomarão /, forão pela manhã buscar os inimigos, os quaes estavão á vista em tres tranqueiras, que elles armarão nos peiores passos, humas diante das outras; e por na primeira tranqueira ou caiçára do rio haver detença pela muita resistencia que acharão, passou lá o Ouvidor Geral, e dando-lhes muita pressa, como quem entendia que nisto estava a importancia, com sua chegada se levou sem nos ferirem pessoa, e com a mesma furia remetterão á segunda, que era enthulhada de terra em hum valle, e lançando-se huma boa manga por hum outeiro acima, ficando as outras duas no baixo; vendo os inimigos tres mangas, e os braços que a meneavão, se assombrarão de todo, que nem na terceira cerca pararão, ainda que não subião os nossos a ella senão de pés e mãos, e sempre lhes custava muito, a se não terem lançado as mangas, que foi gentil ordem do Ouvidor Geral, que nesta occasião trabalhou muito, e nesta manhã cansou tres cavallos, porque queria ver, e estar presente em toda a parte; e assim os ajudou Deus, e forão seguindo os inimigos mais de meia legoa, athé chegarem a huma aldêa, onde fizerão grande resistencia, tudo por salvarem as molheres, e filhos que alli tinhão, com que o negocio esteve em peso, porque tres ou quatro vezes se vio a nossa vanguarda quasi vencida, athé que chegou o corpo da nossa gente com o Ouvidor Geral, e carregando rijo os levarão vencidos, com mais tres ou quatro aldêas, que no mesmo dia lhe forão destruindo, athé se irem aposentar em hum alto, donde vião trinta e tantas em menos de huma legoa, que os inimigos com medo tinhão despejado, e ião ardendo, sendo infinitos em numero, e os nossos só cento e quarenta, e quinhentos Indios frecheiros.

CAPITULO DECIMO QUINTO

De como destruida a Copahoba forão ao Tujucupapo

Daqui se partirão em busca do Tujucupapo, que o anno atraz lhe havia fugido, e caminhando dous dias, virando abaixo ao mar ao terceiro dia pela manhã deo a vanguarda em huma mui poderosa cerca, onde pela bandeira e tambor conhecerão haver Francezes com os Potiguares, do que logo avisarão ao Ouvidor Geral, o qual quando chegou achou a bandeira do capitão João Tavares, que o fez aqui tam animosamente como sempre, porque á sua ilharga tinhão morto tres homens com piedosas feridas de pelouros de cadêa, que os tinhão escallados, e comtudo sempre sustentou a sua bandeira pegado á cerca em huma fronteira, na qual elle, e o sargento Diogo Arias, espantoso soldado que nesta jornada tinha recebido quatorze frechadas, ganharão cada hum sua setteira ou bombardeira aos inimigos, por onde humas vezes com as espadas, outras com os arcabuzes, os fazião despejar dalli.

O Ouvidor, não obstando os grandes chuveiros, e nuvens de frechas, e pelouros, que dos inimigos nunca cessavão, tomando alguns comsigo, que o quizerão seguir, e agachando-se como podião, chegou á cerca pela banda de baixo, que por aquelle confiados os inimigos na espessura do matto era mui fraca, e entulhada de terra e palma, e a começarão a desfazer, ainda que os inimigos logo alli acudirão de dentro com huma espingarda, e muita frecha, com que ferirão o meirinho da alçada, a Heitor Fernandes, e outros; comtudo Martim Leitão foi o primeiro que rompeo a cerca, cortando com a espada os cipós ou vimes com que estava liada, e fazendo buraco por onde se metteo, e posto que de boa entrada com hum páu feitiço lhe ferirão huma mão, de que lhe rebentou o sangue pelas unhas; á vista delle, como elephante indignado, se lançou dentro com Manoel da Costa, natural de Ponte de Lima, que o acompanhava, o que vendo os inimigos, derrubarão de duas ruins frechadas a Manoel da Costa, e com outras duas deitarão a carapuça de armas fóra da cabeça ao Ouvidor Geral, que só lhe ficou pendurada pelo rebuço de diante, e com muitas frechadas pregadas na adarga, poz o joelho no chão pera se desembaraçar das frechas, e cobrir a cabeça, ao que acudio golpe de Gentio pera o tomarem ás mãos, porque o não quizerão matar pelo conhecerem, e desejarem leval-o vivo pera testemunha de sua victoria, e triumpho, mas só o ferirão a mão tente em huma coxa; elle vendo neste ultimo transe da vida se levantou manquejando, mas furiosamente, e chegando-se a Manoel da Costa, seu amigo, pera o defender, os fez afastar, por verem tambem a este tempo entrar já outros, dos quaes o primeiro foi o alcaide de Pernambuco Bartholomeu Alvares, feitura do mesmo Martim Leitão, que bem lho pagou alli, e ajudou como mui valente, e esforçado soldado que era Africano.

O mesmo fizerão os mais, que entrarão após elle com tanto valor e esforço que forão os inimigos despejando a cerca, sendo os Faancezes os primeiros: com o que gritando os nossos de dentro victoria, entrarão os de fóra, huns por huma parte, outros por outra, sem tratarem mais senão de se abraçarem huns aos outros com lagrimas de contentamento da mercê que lhe Deus fez, e não seguirão muito os inimigos, porque passada a furia todos tinhão que curar, e fazer comsigo assaz, por ficarem quarenta e sete feridos, e tres mortos do nosso arraial: do contrario tambem ficou morto algum Gentio, que levavão ás costas, como costumão, e o alferes Francez, que na cerca ficou estirado com a sua bandeira e tambor, que se levarão pera a Parahyba: porém apenas se começavão a curar os feridos, quando foi necessario deixal-os, por se ouvir huma grande grita, e alarido de Potiguares, que vierão de soccorro a estoutros, e a virem mais cedo hum pouco espaço não houvera remedio contra elles, os quaes derão ainda em alguns da nossa retaguarda, mas vendo que erão fugidos os seus da cerca, e os nossos que della vinhão acudindo, tambem fugirão.

Erão tantas, e taes as feridas, maiormente de pelouros, que os Francezes, que com os negros estavão na cerca, tiravão, que todo o restante do dia se gastou na cura dos feridos: na qual o Ouvidor andou provendo com muita vigilancia, e caridade, porque pera tudo ia apercebido de botica, e por respeito delles, falta de polvora, e outros inconvenientes que havia, se assentou queimassem o páu que alli se achou, voltassem por outro caminho o seguinte dia pela manhã, como fizerão com boa ordenança, buscando a Parahyba com assaz trabalho, guiados pelo sol, porque ninguem sabia aonde estava, e assim se agasalharão ao longo de hum ribeiro pequeno aquella primeira noite da jornada como cada hum poude.

No segundo dia de caminho marchando, em amanhecendo os salteou o Gentio por duas partes a provar como ião, mas rebatendo-os fugirão com seu damno, e os nossos sem algum por suas jornadas chegarão á Parahyba, onde todos forão recebidos como merecião.

CAPITULO DECIMO SEXTO

De como despedida a gente o Ouvidor Geral fez o forte de S. Sebastião

Logo naquella semana se aviou o Ouvidor Geral pera por mar ir á Bahia da Traição dar nas náus Francezas, que lá estavão, e pera isto tinha mandado vir caravellões com que de noite, a remos, os determinava saltear, por já irem faltando as munições pera náus grandes irem de Pernambuco á Parahyba; porém sendo certificado que os Francezes, por lhe haverem queimado a carga de páu brasil, havião já ido com as náus vasias, despedio a gente toda, ficando elle sómente

com os seus officiaes, e Pedro de Albuquerque, e Francisco Pereira, que ainda estava mal das feridas, e no fim do mez de Janeiro de mil quinhentos e oitenta e sete se foi ao rio Tybiry, duas legoas acima da Cidade, ao longo da varzea da Parahyba, fazer hum forte pera o engenho de assucar de ElRey, que já estava começado, e pera defender a aldêa do Assento de Passaro, e mais fronteiras, com o que se segurava tudo, e se povoaria a varzea, e assim o ordenou, e fez muito em breve de cem palmos de vão, de muito grossas vigas muito juntas, e forradas de entulho de cinco palmos de largo, e de altura de nove, donde podia pelejar a gente amparada com o muro de fóra, que era mais de vinte e dous em alto, de taipa dobrada de mão muito forte, e do alto vinha o tecto cobrindo o andamo, e casas que se fizerão á roda pera agasalho da gente, com duas grandes guaritas em revez sobradadas, e huma torre no meio com grandes portas pera o rio Tybiry.

Feito este forte, que por o haver começado dia de S. Sebastião o chamou do seu nome, e assentada nelle a artilharia, abertos os caminhos, e tudo acabado, como se houvera de viver alli toda a sua vida, ou o fizera pera si, e seus filhos, se partio na segunda semana do mez de Fevereiro pera Pernambuco, já achacado de algumas febres, que com seu fervor, e incansavel espirito havia passado em pé, e chegando á casa se não levantou mais de huma cama os tres mezes seguintes, e não foi muito com tantas calmas, chuvas, guerras, e trabalhos como havia padecido.

CAPITULO DECIMO SETIMO

De huma grande traição, que o Gentio de Cirizippe fez aos homens da Bahia, e a guerra que o Governador fez aos Aymorés

Grande contentamento recebeo o Governador Geral Manoel Telles Barreto com as boas novas do successo destas guerras, e conquista, por ver a boa eleição que fizera em mandar a ellas o Ouvidor Geral Martim Leitão: mas como todos os contentamentos do mundo são agoados, o foi tambem este com huma grande traição, e engano, que lhe fez o Gentio de Cerigipe, dizendo que se querião vir pera esta Bahia á Doutrina dos Padres da Companhia de Jesus, e tomando-os por isto por intercessores, e terceiros com o Governador, pera que lhes désse soldados, que os acompanhassem, e defendessem no caminho de seus inimigos, se lho quizessem impedir; fez o Governador sobre isto huma junta de Officiaes da Camera, e outras pessoas discretas, onde o primeiro que votou foi Christovão de Barros, Provedor Mór da Fazenda, dizendo, como experimentado nas traições dos Gentios, que se lhes respondesse que se querião vir viessem embora, e serião bem recebidos, e favorecidos em tudo, mas que lhes não davão soldados, porque lhes não fizessem alguns aggravos, como costumão, e o mesmo

votarão os mais experimentados; porém poude tanto a importunação, e autoridade dos terceiros, allegando a importancia da salvação daquellas almas, que se querião vir ao gremio da Santa Madre Igreja, que o bom Governador lhes veio a conceder o que pedião, e lhes deo cento e trinta soldados brancos, e Mamalucos, que os acompanhassem, com os quaes, e com alguns Indios das aldêas, e Doutrinas dos Padres se partirão mui contentes os embaixadores, mandando diante aviso aos seus que os viessem esperar ao rio Real, como vierão, e os passarão em jangadas a outra parte, onde estavão com tujupares feitos ou cabanas, em que os agasalharão, vindo as velhas á pranteal-os, que he o seu signal de paz e amizade, e o pranto acabado lhes administrarão os nossos seus guisados de legumes, caças, e pescados, não se negando tambem ellas aos que as querião, nem lho prohibindo seus paes, e maridos, sendo aliás muito ciosos, que foi mui ruim signal, e assim o significarão alguns escravos dos brancos a seus senhores, mas nem isto bastou pera que se lhes não entregassem de modo como se forão suas legitimas molheres, e nesta forma caminharão por suas jornadas mui breves, e descansados athé Cerigipe, e se posentarão nas suas aldêas repartidos por suas casas e ranchos com tanta confiança, como se estiverão nesta Cidade em suas proprias casas, deixando as armas ás concubinas, e indo-se a passeiar de humas aldêas pera as outras com hum bordão na mão, as quaes lhe entupirão os arcabuzes de pedras e betume, e tomando-lhes a polvora dos frascos lhos encherão de pó de carvão, e feito isto vierão huma madrugada gritando aos nossos que se armassem, que vinha outro Gentio seu contrario, sendo que elles mesmos erão os contrarios, e como os nossos estivessem tam descuidados, e se não pudessem valer das armas, alli forão todos mortos como ovelhas ou cordeiros, sem ficarem vivos mais que alguns Indios dos Padres, que trouxerão a nova, a qual o Governador sentio tanto, que quizera ir logo pessoalmente tomar vingança, e pera este effeito escreveo a Pernambuco ao Capitão Mór, que então era Dom Philippe de Moura, e a Pero Lopes Lobo, Capitão Mór de Tamaracá, que se fizessem prestes com toda a gente, que pudessem trazer, pera por huma parte, e por outra os combaterem, posto que depois, impedido da sua muita idade, e indisposição, lhes rescreveo que não viessem, antes fossem soccorrer a Parahyba.

Tambem neste tempo se levantou outro Gentio chamado os Aymorés em a Capitania dos Ilhéos, que a poz em muito aperto, do que sendo avisado o Governador, ordenou que fossem Diogo Corrêa de Sande e Fernão Cabral de Athayde, que possuião muitos escravos, e tinhão aldêas de Indios forros, a ver se lhes podião dar com elles alguns assaltos, dando-lhes mais os soldados das suas guardas com seus cabos Diogo de Miranda, e Lourenço de Miranda, ambos irmãos, e Castelhanos, os quaes forão todos de Juguarippe por terra ao Camamuré Tinharé, e lhes armarão muitas cilladas, mas como nunca sahião a campo a pelejar senão á traição, escondidos pelos mattos, mui poucos lhes matarão, e elles frecharão tambem alguns dos nossos Indios.

CAPITULO DECIMO OITAVO

Da morte do Governador Manoel Telles Barreto, e como ficarão em seu lugar governando o Bispo Dom Antonio Barreiros, o Provedor Mór Christovão de Barros, e o Ouvidor Geral

Como o Governador Manoel Telles Barreto era tam velho ainda antes de ver bem o fim destas guerras, enfermou e passou desta vida, que tambem é huma continua guerra, como diz o Santo Job, quereria Deus que fosse pera a triumphante, donde tudo he huma summa paz, gloria, e bemaventurança; foi este Governador mui amigo, e favoravel aos moradores, e o que mais esperas lhe concedeo, pera que os mercadores os não executassem nas fabricas de suas fazendas, e quando se lhes ião queixar disso os despedia asperamente, dizendo que elles vinhão a destruir a terra, levando della em tres ou quatro annos, que cá estavão, quanto podião, e os moradores erão os que a conservavão, e acrescentavão com seu trabalho, e havião conquistado á custa do seu sangue.

Morto pois Manoel Telles, cuja morte foi em o anno de mil quinhentos oitenta e sete, se abrio logo a via de ElRey, que elle proprio havia trazido, na qual se continha que governassem por sua morte o Bispo Dom Antonio Barreiros, o Provedor Mór Christovão de Barros, e o Ouvidor Geral; e porque este ultimo então estava absente, começarão de governar os dous, tomando por Secretario o Contador Mór da Fazenda Antonio de Faria, e foi prospero o tempo do seu governo, assim por as victorias, que se alcançarão contra os inimigos, de que faremos menção em os Capitulos seguintes, como por este tempo se abrir o commercio do Rio da Prata, mandando o Bispo de Tucuman o Thesoureiro Mór da sua Sé a esta Bahia a buscar estudantes pera ordenar, e cousas pertencentes á Igreja, o que tudo levou, e dahi por diante não houve anno em que não fossem alguns navios de permissão Real, ou de arribada com fazendas, que lá muito estimão, e cá o preço universal que por ellas trazem.

Tambem neste tempo e era do Senhor de mil quinhentos oitenta e sete vierão ao Brasil fundar conventos os Religiosos da nossa Provincia Capucha de Santo Antonio, com o Irmão Frey Melchior de Santa Catharina, Religioso de muita autoridade, e bom pulpito, por commissario por hum Breve do Senhor Papa Xisto Quinto, e patente do nosso reverendissimo Padre Geral Frey Francisco Gonzaga, que faz do Breve relação no fim do livro que fez da nossa Seraphica Ordem, e por virem á instancia de Jorge de Albuquerque, senhor de Pernambuco, fizerão lá o primeiro convento, pela qual causa, e por termos naquella Capitania quatro conventos, se fazem nella os nossos Capitulos, e Congregações Custodiaes.

CAPITULO DECIMO NONO

De tres náus Inglezas, que neste tempo vierão á Bahia

Pouco tempo depois de começarem a governar o Bispo, e Christovão de Barros, entrarão subitamente nesta Bahia duas náus, e huma zavra de Inglezes com hum patacho tomado, que havia della sahido pera o Rio da Prata, em que ia hum mercador Hespanhol chamado Lopo Vaz; tanto que chegarão, tomarão tambem os navios que estavão no porto, entre os quaes estava huma urca de Duarte Osquer, mercador Flamengo, que aqui residia, com marinheiros Flamengos, que voluntariamente lha entregarão, e se passarão aos Inglezes, e logo todos começarão as bombardadas á Cidade tam fortemente que desanimados, e cheios de medo, os moradores fugirão della pera os mattos; e posto que o Bispo poz guardas, e Capitães nas sahidas, que erão muitas, porque não estava murada, pera que detivessem os homens, e deixassem sahir as molheres, muitos sahirão entre ellas de noite, e algum com manto molheril, e esses poucos que ficarão pedirão ao Bispo fizesse o mesmo; ao que acudio hum veneravel, e rico cidadão chamado Francisco de Araujo, requerendo-lhe da parte de Deus, e de ElRey não deixasse a terra, pois não só era Bispo, mas Governador della, e que se a gente era fugida, elle com a sua se atrevia a defendel-a.

Tambem veio huma molher a cavallo, com lança e adarga, da Itapoá, reprehendendo aos que encontrava, porque fugião de suas casas, e exhortando-os pera que se tornassem para ellas, do que elles zombavão.

Neste tempo não estava Christovão de Barros na Cidade, que andava pelos engenhos do reconcavo, tirando huma esmola pera a casa da Misericordia, de que era Provedor aquelle anno, mas logo acudio ao som das bombardadas, trazendo comsigo todos os que achava, com os quaes, e com os que na Cidade achou, a fortificou, repartindo-os por suas estancias, castigando alguns dos fugitivos porque não tornassem a fugir, e pera exemplo dos outros poz hum á vergonha em o pelourinho mettido em o cesto com huma roca na cinta; e porque os Inglezes se não atreverão a entrar na Cidade, mas contentarão-se de balraventear pela Bahia, que é larguissima, e de muito fundo, e onde não era tanto que pudessem chegar os navios grandes, mandarão a zavra, e as lanchas á pilhagem, ordenou Christovão de Barros huma armada de cinco barcas, das que levão canna e lenha aos engenhos, as quaes ainda que sem coberta são mui fortes e veleiras, mandando-as empavezar, e metter em cada huma dous berços, e soldados arcabuzeiros com seus capitães, que erão André Fernandes Margalho, Pantaleão Barbosa, Gaspar de Freitas, Antonio Alvares Portilho, e Pedro de Carvalhaes, e por capitania huma galé, em que ia por Capitão Mór Sebastião de Faria, pera que onde quer que desembarcassem os Inglezes dessem sobre elles; e assim sabendo que erão idos a Jaguará a tomar carnes ao curral

de André Fernandes Morgalho, e por os acharem já embarcados á zavra a combaterão, donde houve mortos, e feridos de parte a parte, e entre os mais foi hum Duarte de Goes de Mendonça, que ia na galé, a quem passarão o capacete, que tinha na cabeça, com hum pelouro, e lhe fez nella tam grande ferida, que esteve a perigo de morte.

Tambem sahirão outra vez na ilha de Taparica. Donde Antonio Alvares Caâpara, e outros Portuguezes com muito Gentio os fizerão embarcar com morte de alguns, e no mar lhe tomou tambem huma das nossas barcas hum batel com quatro Inglezes, que o remavão, e matarão tres, pelo que visto o pouco ganho que tinhão, e que Lopo Vaz, de quem esperavão resgate, lhes havia fugido a nado pera a Cidade, levantarão as ancoras e se forão ao Chamamú, pera fazer agoada, onde tambem o Capârâ lha não deixou fazer, e lhes matou oito, de que trouxe as cabeças aos Governadores; e assim se tornarão os Inglezes pera a sua terra, depois de haverem aqui estado dous mezes.

CAPITULO VIGESIMO

Da guerra, que Christovão de Barros foi dar ao Gentio de Cirizippe

Muito estimou Christovão de Barros entrar no governo do Brasil pera poder ir vingar assim a traição, que o Gentio de Ceregippe fez aos homens da Bahia, de que tratamos no Capitulo Dezoito deste Livro, como a morte de seu pae Antonio Cardoso de Barros, que alli matarão, e comerão, indo pera o Reyno com o primeiro Bispo desta Bahia, como tenho contado em o Capitulo Terceiro do Terceiro Livro, e assim appellidou por isso muitos homens desta terra, e alguns de Pernambuco, e huns e outros o acompanharão com muita vontade, porque sendo guerra tam justa, dada com licença de ElRey, esperarão trazer muitos escravos.

Fez capitão da vanguarda a Antonio Fernandes, e da retaguarda a Sebastião de Faria, e determinando ir ao longo do mar, mandou primeiro pelo sertão Rodrigo Martins, e Alvaro Rodrigues, seu irmão, com cento e cincoenta homens brancos, e Mamalucos, e mil Indios, pera que levassem todos os Tapuias que de caminho pudessem em sua ajuda, como de feito levarão perto de tres mil frecheiros; e assim vendo-se com tanta gente, sem esperar por Christovão de Barros commetterão as aldêas dos inimigos, que tinhão por aquella parte do sertão, os quaes forão fugindo athé se ajuntarem todos, e fazerem hum corpo com que lhe resistirão, e puzerão em cerco mui estreito, donde mandarão quatro Indios dar conta a Christovão de Barros do perigo em que estavão, com que mandou apertar mais o passo, e chegando a hum alto virão hum fumo, a que mandou Amador de Aguiar com alguns homens, e trouxerão quatro espias, que tomarão aos inimigos, dos quaes guiados os nossos chegarão aos cercados vespora da vespora do Natal, ás duas horas depois do meio-dia, os quaes vistos

pelos contrarios fugirão logo, e levantarão o cerco, mas não tanto a seu salvo, que lhes não matassem seiscentos, e elles a nós seis.

Dalli descerão á cerca de Baepêba, que era o Rey, e Principe de todo este Gentio, e tinha juntas da sua mais duas cercas, nas quaes todas haveria vinte mil almas; os nossos fizerão suas trincheiras, e lhes tomarão a agoa, que bebião, sobre que houve mortos, e feridos de parte a parte, mas da sua mais.

Tambem lhes abalroarão o lanço de huma cerca, que elles logo refizerão, e por onde estava Sebastião de Faria abalroarão outra, da qual sahirão, e nos matarão hum homem, e ferirão muitos, mas os nossos os fizerão retirar, matando-lhes tresentos.

Finalmente determinou o Baepeba concluir o negocio, e pera este effeito mandou avisar os das outras cercas, que sahissem contra os nossos pera elle tambem sahir, e colhendo-os em meio os matarem, o qual aviso levarão tres Indios aventureiros por meio do nosso arraial, porque não tinhão outro caminho, ás quatro horas da tarde, sem que lho pudessem impedir, mais que hum delles que matarão.

Ouvido pois o mandamento se sahirão das cercas, e o nosso General lhes sahio só com os de cavallo, que erão sessenta homens, e o poz em fugida, não consentindo que os nossos os seguissem, como querião, porque os da cerca principal do Baepeba não lhes dessem nas costas, donde á noite do Anno Bom de mil quinhentos e noventa, vendo-se sem os das outras cercas, e sem a agoa, começarão tambem a fugir, indo os mais valentes diante despedindo nuvens de frechas, com que forçarão os nossos por aquella parte estavão não só a dar-lhes caminho, mas ainda em lhes irem fugindo; porém o General atravessando-se-lhes diante, a brados, e com o conto da lança os fez parar, e voltar aos inimigos athé os fazer tornar á cerca, onde entrando os nossos após elles, lhes matarão mil e seiscentos, e captivarão quatro mil.

Alcançada a victoria, e curados os feridos, armou Christovão de Barros alguns caravellões, como fazem em Africa, por Provisão de ElRey, que pera isso tinha, e fez repartição dos captivos, e das terras, ficando-lhe de huma cousa, e outra muito boa porção, com que fez alli huma grande fazenda de curraes de gado, e outros a seu exemplo fizerão o mesmo, com que veio a crescer tanto pela bondade dos pastos, que dalli se provêm de bois os engenhos da Bahia e Pernambuco, e os açougues de carne.

Está Cerigippe na altura de onze gráus e dous terços, por cuja barra com os bateis diante costumão entrar os Francezes com náus de mais de cem toneladas, e vinhão acabar de carregar da barra pera fóra, por ella não ter mais de tres braças de baixa-mar; e assim ficou Christovão de Barros não só castigando os homicidas de seu pae, mas tirando esta colheita aos Francezes, que alli ião carregar suas náus de páu brasil, algodão, e pimenta da terra, e sobretudo franqueando o caminho de Pernambuco, e mais Capitanias do Norte, pera esta Bahia, e daqui pera ellas, que dantes ninguem caminhava por terra, que

o não matassem, e comessem os Gentios, e o mesmo fazião aos navegantes, porque alli começa a enseada de Vasa-barris, onde se perdem muitos navios, por causa dos recifes que lança muito ao mar, e os que escapavão do naufragio não escapavão, de suas mãos, e dentes, donde hoje se caminha por terra com muita facilidade, e segurança, e vem, e vão cada dia com suas appellações, e o mais que lhes importa, sem esperarem seis mezes pera monção, como dantes fazião, que muitas vezes se tinha primeiro resposta de Portugal que daqui ou de Pernambuco, e com ser tam boa obra esta, e digna de galardão, o que achou Christovão de Barros, quando tornou pera a Cidade, foi achar o seu lugar occupado não só da Provedoria Mór da Fazenda Real, de que elle havia pedido a ElRey o tirasse pera poder assistir na sua, que tinha quatro engenhos de assucar, mas tambem do Governo, porque estando na dita guerra chegou Balthazar Rodrigues Sora com Provisão pera servir o cargo de Provedor Mor, em que logo o Bispo o admittio; porém querendo logo entrar no governo, não lho consentiu, dizendo que a sua Provisão não fallava nisto, e a outra por onde Christovão de Barros governava não dizia só que governasse o Provedor, como dizia a do Ouvidor Geral, senão que o nomeasse por seu nome, e era graça pessoal; comtudo insistio o Provedor Balthazar Rodrigues Sora, pedindo ao Bispo puzesse o caso em disputa, como o poz, ajuntando-se com outros Lettrados, Theologos, e Juristas no Collegio da Companhia, donde sem valerem as razões do Bispo sahio Balthazar Rodrigues com a sua pela maior parte dos pareceres, e entrou na Mesa do Governo. Porém tudo desfez Christovão de Barros com sua chegada, por ser contra parte não ouvida, que estava actualmente em serviço de ElRey, pera o qual aggravou Balthazar Rodrigues, e se foi com o seu aggravo pera o Reyno, donde nunca mais tornou.

CAPITULO VIGESIMO PRIMEIRO

De huma entrada, que se fez ao sertão em busca dos Gentios, que fugirão das guerras de Cirygippe e outras

Alcançada a victoria, que temos dito no Capitulo precedente, partio-se o Governador Christovão de Barros pera a Bahia, e deixou Rodrigues Martins em Cirygippe, pera acabar de recolher o Gentio, que da guerra havia fugido, dos quaes se havião passado muitos pera a outra parte do rio de S. Francisco, que he da Capitania de Pernambuco, donde tambem vierão logo muitos á caça delles: o primeiro foi Francisco Barbosa da Silva, do qual dissemos no Capitulo Vigesimo Sexto do Livro precedente, que veio desbaratado de outra entrada do sertão, e desta lhe succedeo peior, porque lhe custou a vida, e a quantos com elle vinhão, que não soffrendo os afflictos huma afflicção sobre outra, e nelles se vingarão. Outro foi Christovão da Rocha, que veio com quarenta homens em hum caravellão, o qual com consentimento de Thomé da Rocha, Capitão

de Cirygippe, se concertou com Rodrigo Martins pera entrarem pelo sertão em busca deste Gentio, e do mais que achasse.

Havendo andado alguns dias, e passado o sumidouro do rio de S. Francisco, se alojarão em casa de hum selvagem chamado Tuman, onde começarão a ter duvidas, dizendo Christovão da Rocha que elle vinha com licença dos Albuquerques de Pernambuco, sem a qual os moradores da Bahia não podião conquistar nem fazer resgates em aquelle sertão, e assim havião de melhorar nos quinhões por razão da licença os Pernambucanos, posto que erão menos em numero, no que Rodrigo Martins não quiz consentir, e se tornou do caminho; mas aceitou o partido hum Antonio Rodrigues de Andrade, que levava cem negros, e alguns outros brancos da Bahia, com os quaes se partio dalli o capitão Christovão da Rocha, e por ter ouvido que a gente do Porquinho matara quatro ou cinco homens, que lá forão com dous Padres da Companhia, se foi direito ás suas aldêas, onde chegando á primeira, entrou hum Mamaluco chamado Domingos Fernandes Nobre, pregando que ião tomar vingança da morte dos brancos, e isto bastou pera os alborotar, e pôr a todos em fugida, o que tambem fizerão por verem no nosso exercito cavallos, porque os temem muito.

Visto isto pelo capitão, mandou recado a outro Gentio contrario, pera que o viessem ajudar contra estoutro, como o fizerão; e não hei de deixar de contar aqui o que me contou hum soldado desta companhia, que fez hum principal destes que vierão, o qual diz-se foi á estrebaria onde estava hum cavallo dos nossos, e assentando-se poz-se a fallar com elle, e dizer-lhe que o tomava por compadre, porque tinha ouvido dizer que os cavallos erão mui valentes na guerra, e bom era tel-os homem por amigos, pera que nella o conheção, e lhe não fação mal. Estava alli hum Mamaluco, que tinha cuidado do cavallo, e quando o vio tam triste, porque lhe não respondia, se lhe offereceo pera interprete, e fingindo que lhe fallava á orelha, lhe tornou por resposta que folgava muito com sua amizade, e que elle o conheceria quando fosse tempo; com esta resposta se affeiçoou mais o rustico, e perguntou que comia seu compadre, ou o que desejava, porque de tudo o proveria.

Respondeo o Mamaluco que o seu mantimento ordinario era herva e milho, mas que tambem comia carne, e peixe, e mel, e de tudo o mandou prover abundantemente, andando os seus huns a segar herva, outros a caçar, e pescar, e tirar mel dos páus, com que o interprete se sustentava, e o cavallo engordou tanto, que abafou, e morreo de gordo, cuja morte o rustico muito sentio, e o mandou prantear por sua molher, e parentes, como costumão fazer aos defuntos que amão.

Este era hum dos principaes, que o capitão Christovão da Rocha convocou pera dar caça aos do Porquinho, que pola pregação do outro Mamaluco andavão fugidos com medo pelos mattos.

Porém hum veio fallar secretamente a Diogo de Crasto, soldado nosso,

por ser seu amigo, e conhecido, e lhe disse que se espantava muito que vindo elle alli lhe quizessem fazer guerra, pois sabia quam amigos erão dos brancos, e se havião mortos os que vierão com os Padres da Companhia, fôra por elles dizerem mal dos mesmos Padres, que não ouvissem sua pregação, porque os vinhão enganar, nem esses forão todos, senão alguns, e não era bem que todos pagassem.

Respondeo-lhe Diogo de Crasto que bem inteirado estava da sua amizade, e paz antiga, nem elles vinhão a quebral-a, como o Mamaluco mal dissera, mas que só vinhão em seguimento dos que lhes havião fugido da guerra de Cerygippe, e assim lhes aconselhava que tornassem pera suas aldêas, que elle os segurava de lhes não fazerem aggravo; comtudo não se deo o Indio por seguro sem que o puzesse com o capitão, e lho promettesse de sua bocca. E com isto foi pregar aos seus, e os reduzio em poucos dias.

Vinha entre elles o Porquinho, já muito velho, e enfermo, pedio o Sacramento do Baptismo, e Diogo de Crasto o catechisou, e baptizou, pondo-lhe por nome Manoel. Nem eu sei outro bem que se tirasse desta jornada, posto que, morto elle, se contractarão os contrarios de vender os mais aos brancos, e elles lhos comprarão a troco dos resgates, que levavão, e os trouxerão amarrados athé certa paragem do rio de S. Francisco, onde fizerão delles partilha, levando o capitão Christovão da Rocha com os Pernambucanos huma parte, e Antonio Rodrigues de Andrade com os da Bahia outra.

Estes fizerão seu caminho pola Serra do Salitre, e trouxerão algum em cabaços pera mostra, dizendo que era muito em quantidade, mas havia em aquelle tempo alli muito Gentio, e tinhão mortos atreiçoadamente a Manoel de Padilha com quarenta homens, que ião desta Bahia pera a Serra, e por outra vez a Braz Pires Meira com setenta, que forão por mandado do Governador Manoel Telles Barreto, e o mesmo quizerão fazer a estes, que vinhão, se lhes não valera a grande vigilancia com que passarão.

N. B. — Este Capitulo Vigesimo Primeiro foi copiado dos Additamentos, e emendas a esta Historia do Brasil, que existem neste Real Archivo da Torre do Tombo.

CAPITULO VIGESIMO SEGUNDO

De como se continuarão as guerras da Parahyba com os Potiguares, e Francezes, que os ajudavão

Ficando a Capitania da Parahyba, na fórma que dissemos no Capitulo Decimo Sexto deste Livro, entregue ao Capitão João Tavares, começou logo a fazer hum Engenho não longe do de ElRey, com que corria hum Diogo Correa Nunes, e pelo conseguinte os moradores mui contentes começarão logo a plantar as cannas, que nelle se havião de moer, e a fazer suas roças / que assim chamão

cá ás granjas ou quintas dos mantimentos, fructas, e mais cousas, que a terra dá.

Chegou neste tempo Dom Pedro de la Cueva, Hespanhol, que havia ido ao Reyno por mandado de Fructuoso Barbosa, requerer que lhe entregassem a povoação da Parahyba, pois lhe fora dada por Sua Magestade, o qual trouxe huma Provisão, pera que lha entregassem, e elle ficasse por Capitão da Infantaria de todos os Hespanhóes, que cá havião ficado, assim do Alcayde Francisco de Castejon, como do Capitão Francisco de Morales, o que tudo logo se cumprio, ficando o Governador Fructuoso Barbosa na Povoação, e Dom Pedro em hum Forte, que tinha feito Diogo Nunes Correa nas Fronteiras, porem estes dous Capitães / como se só o foram pera se fazerem guerra hum ao outro / começarão logo a ter contendas entre si, deixando os inimigos andar livremente salteando as roças, e fazendas dos brancos, e as aldeas dos Indios amigos, em tal modo, que já não ousavão ir a pescar, nem mariscar, porque a qualquer hora que ião, achavão inimigos, que os matavão, sem estes Capitães pôrem nisto remedio, mais que escreverem a Dom Philippe de Moura, Capitão Mór de Pernambuco, e a Pedro Lopes Lobo, da Ilha de Tamaracá, que os soccorressem, o que de Tamaracá fez levando a gente, e munições, que poude, e tanto que foi na Parahyba se ordenarão mais duas companhias, huma do Capitão D. Pedro de la Cueba, com os seus soldados Hespanhoes | ficando em seu lugar no forte Diogo de Paiva com quinze /, outra de Portuguezes, de que ia por Capitão Diogo Nunes Correa; com os quaes, e com a gente do Braço de Peixe, e do Assento de Passaro, e dous Padres nossos, que os doutrinavão, se partio Pedro Lopes Lobo a correr todas aquellas Fronteiras, mandando sempre suas espias, e corredores diante, athé darem em huma aldea grande, donde fizerão grande matança, por os acharem descuidados, e captivarão perto de novecentas pessoas, as mais dellas femeas, e moços, o que sabido pelas outras comarcas se vigiavão melhor, não pera se defenderem mas pera fugirem, e assim quando os nossos chegavão, as achavão despovoadas, e queimarão mais de vinte aldeas, que erão as que fazião mal á gente da Parahyba, e os apertavão na fórma que está contado: e vindo por diante discorrendo a huma parte, e a outra, toparão os nossos corredores com huma cerca muito grande, e forte por huma parte, e como a não virão bem que pela outra se encobria com o mato, vierão tam medrosos a dar a nova, que pegarão medo a todos; porém Pedro Lopes, que andava já tão versado nestas guerras, depois de os exhortar, e animar com muitas razões toda a noite, o dia seguinte pela manhã os repartio em tres esquadrões iguaes, e mandou marchar á vista da cerca, donde vendo o vagar e temor, com que ião, se adiantou, e embraçando a adarga, e a espada na mão se partio pera a cerca, dizendo « Siga-me quem quizer, e quem não quizer fique, que eu só basto », com o que tomarão todos os mais tanto animo, que sem mais esperar, commetterão a cerca, e a entrarão, matando, e captivando muitos dos inimigos sem da nossa gente perigar pessoa, posto que forão muitos frechados, particularmente huns moços naturaes de Tamaracá, que entrarão primeiro com

10

alguns negros pela parte do matto, donde a cerca era fraca, e feita de ramos, e esta foi tambem a causa de se alcançar a victoria com tanta facilidade, porque andando os de dentro travados com estes, e devertidos, não tiverão tanto encontro aos mais, que abalroarão pelas outras partes.

Nesta cerca se detiverão tres dias, curando os feridos, na qual acharão muitos mantimentos de farinha, e legumes, e muitas armas, arcos, frechas, e rodellas, e algumas espadas Francezas, e arcabuzes, que deixarão quinze Francezes, que de dentro fugirão.

Ao quarto dia pela manhã, se partirão pera a praia, e caminharão por ella athe á Bahia da Traição, donde tornarão a tomar o caminho por dentro da terra athe á Parahyba sem acharem encontro algum de inimigos, que achal-o, segundo o animo, que levavão da victoria passada, nenhum lhe pudera resistir.

Chegados á Parahyba se aposentou o Capitão Pero Lopes Lobo na aldea do Assento com os nossos Frades, donde elle, e elles tratarão de fazer amigo o Governador Fructuoso Barbosa, com Dom Pero de la Cueva, e emfim os fizerão abraçar, mas indo-se Pero Lopes á sua Capitania de Tamaracá os odios, e differenças forão por diante, e pelo conseguinte a guerra dos Potiguares, sem haver quem os reprimisse, athé que El Rey mandou ir a Dom Pedro pera o Reyno, e Fructuoso Barbosa se foi por sua vontade, e posto que em seu lugar ficou André de Albuquerque, estavão as cousas em tal estado, que não poude remedial-as esse pouco tempo que servio o cargo.

CAPITULO VIGESIMO TERCEIRO

Como Francisco Giraldes vinha por Governador do Brasil, e por não chegar, e morrer, veio Dom Francisco de Souza, que foi o setimo Governador

Sabendo Sua Magestade da morte do Governador Manoel Telles Barreto, mandou em seu lugar Francisco Giraldes, filho de Lucas Giraldes, que no Livro Segundo Capitulo Sexto dissemos ser Senhor dos Ilheos, e se chegara ao Brasil alguma cousa importara ao bem daquella Capitania, mas por demandar a Costa mais cedo do que convinha, e as agoas da Parahyba pera traz correrem muito pera as Antilhas, arribou a ellas, e dellas tornou pera o Reyno, onde morreo sem entrar neste governo; com elle vinha casa da Relação, que era pera o Brasil cousa nova em aquelle tempo, mas tambem quiz Deus que não chegassem senão quatro ou cinco Desembargadores, que vinhão em outros navios, dos quaes hum servio de Ouvidor Geral, outro de Provedor mór dos defuntos,

e absentes, e por não vir o Chanceller, e mais collegas, se não armou o Tribunal, nem El Rey se curou então disso, senão só de mandar Governador, que foi Dom Francisco de Souza, o qual chegou no anno de mil quinhentos e noventa, em Domingo da Santissima Trindade, e com elle veio por Inquisidor ou Visitador do Santo Officio Heitor Furtado de Mendonça, que chegou mui enfermo com toda a mais gente da náu, excepto o Governador, que os veio curando, e provendo do necessario, mas depois que desembarcou, e foi recebido com as cerimonias custumadas adoeceo, e se foi curar ao Collegio dos Padres da Companhia, onde havendo chegado ao ultimo da vida, lhe quiz Deus fazer mercê della, e a primeira sahida que fez, ainda mal convalecido, foi pera assistir em o primeiro acto da Fé, em que o Visitador, que já estava são, publicava na Sé suas patentes, e concedia tempo de graça, e neste chegou huma caravella de Lisboa, que trouxe cartas ao Governador da morte de sua molher, com o que elle se resolveo em não tornar ao Reyno, mas ficar cá athé á morte, e assim o publicava, nem o dizia ociosamente senão que como era prudente, e por isso chamado já de muito tempo Dom Francisco das Manhas, entendeo que era boa esta pera cariciar as vontades dos cidadãos, e naturaes da terra fazer-se cidadão, e natural com elles, e pouco aproveitara dizel-o de palavra, se não puzera por obra, e assim foi o mais bemquisto Governador, que houve no Brasil, junto com o ser mais respeitado, e venerado; porque com ser mui benigno, e affavel conservara a sua autoridade, e magestade admiravelmente, e sobre tudo o que o fez mais famoso foi sua liberalidade, e magnificencia, porque tratando os mais do que hão de levar, e guardar, elle só tratava do que havia de dar, e gastar, e tam inimigo era do infame vicio da avareza, que querendo fugir delle passava muitas vezes o meio em que a virtude da liberalidade consiste, e inclinava pera o extremo da prodigalidade, dava a bons, e máus, pobres, e ricos, sem lhes custar mais que pedil-o, donde costumava dizer que era ladrão quem lhe pedia a capa, porque pelo mesmo caso lha levava dos hombros.

Não houve igreja que não pintasse, aceitando todas as confrarias, que lhe offerecião, murou a Cidade de taipa de pilão, que depois cahio com o tempo, e fez tres ou quatro fortalezas de pedra e cal, que hoje durão; as principaes, que tem presidios de soldados, e capitães pagos da Fazenda Real, são a de Santo Antonio na boca da barra e a de S. Filippe na ponta de Tapuype, huma legoa da Cidade, que mais são pera terror que pera effeito; porque nem a Cidade nem o porto defendem, por ser a Bahia tam larga, que tem na boca tres legoas, e no reconcavo muitas; e tudo então podia fazer porque tinha Provisão de El Rey, pera que quando não bastasse o dinheiro dos Dizimos, que he só o que cá se gasta a El Rey, o pudesse tomar de emprestimo de qualquer outra parte, e assim houve occasião em que tomou hum cruzado á conta do que se havia de pagar dos direitos de cada caixão de assucar nas alfandegas de Portugal, e algum dinheiro dos defuntos, que se havia de passar por lettra aos herdeiros absentes; e de huma náu que aqui arribou indo pera a India,

chamada S. Francisco, tomou a Diogo Dias Querido, mercador, trinta mil cruzados, o que tudo El Rey mandou pagar em Portugal de sua Real Fazenda: porém a nenhum outro Governador a passou depois tam ampla, antes os apertou tanto, que nem dividas velhas de El Rey podem pagar sem nova Provisão, nem fazer alguma despeza extraordinaria; o motivo que El-Rey teve pera alargar tanto a mão a Dom Francisco foi as guerras da Parahyba, e por os muitos cossarios que então cursavão esta Costa do Brasil, como veremos em os Capitulos seguintes.

CAPITULO VIGESIMO QUARTO

Da jornada, que Gabriel Soares de Souza fazia ás minas do sertão, que a morte lhe atalhou

Era Gabriel Soares de Souza hum homem nobre dos que ficarão casados nesta Bahia, da companhia de Francisco Barreto quando ia á conquista de Menopotapa, de quem tratei no Capitulo Decimo Terceiro do Livro Terceiro. Este teve hum irmão, que andou pelo sertão do Brasil tres annos, donde trouxe algumas mostras de ouro, prata, e pedras preciosas, com que não chegou por morrer á tornada, cem legoas desta Bahia, mas enviou-as a seu irmão, que com ellas se foi depois de passados alguns annos á Côrte, e nella gastou outros muitos em seus requerimentos, athé que El Rey o despachou, e se partio de Lisboa em huma urca Flamenga chamada Griffo Dourado a 7 de Abril de mil quinhentos e noventa com tresentos e sessenta homens, e quatro Religiosos Carmelitas, hum dos quaes era Frey Hyeronimo de Canavazes, que depois foi seu Provincial.

Avistarão esta Costa em 15 de Junho, e por não conhecerem a paragem, que era a enseada de Vasabarris, lançarão ferro, mas era tão forte o vento Sul, e correm alli tanto as agoas, que se quebrarão duas amarras, e querendo entrar por conselho de hum Francez chamado Honorato, que veio á terra com dous Indios em huma jangada, e lhes facilitou a entrada, tocou a náu e deo tantas pancadas, que lhe saltou o leme fóra, e arrombou, pelo que alguns se lançarão a nadar, e se afogarão em as ondas; os mais sahirão em huma setia, que lhes mandou Thomé da Rocha, Capitão de Cerigipe, e tirarão alguma fazenda sua, e de El Rey, a qual mandou Gabriel Soares de Souza trazer a esta Bahia em a mesma setia com doze soldados, de que veio por Cabo Francisco Vieira, e por Piloto Pero de Paiva, e Antonio Apêba, vindo elle por terra com os mais em cinco companhias, de que fez Capitães a Ruy Boto de Souza,

Pedro da Cunha de Andrade, Gregorio Pinheiro, sobrinho do Bispo D. Antonio Pinheiro, Lourenço Varella, e João Peres Galego. Fez tambem seu Mestre de Campo a Julião da Costa, e Sargento Maior a Julião Coelho.

Chegarão a esta Cidade, e forão bem recebidos do Governador Dom Francisco de Souza, que lhe fez dar a execução as Provisões, que trazia de Sua Magestade pera levar das aldeas dos Padres da Companhia duzentos Indios frecheiros, e os brancos que quizessem ir, com os quaes se partio pera sua fazenda de Jaguaryppe, e ahi reformou duas companhias, por Pero da Cunha, e Gregorio Pinheiro não querer ir na jornada, e deo huma a João Homem, filho de Gracia da Vila, outra a Francisco Zorrilha. Forão por Capelães o Conego Jacome de Queiroz, e Manoel Alvares, que depois foi Vigario de Nossa Senhora do Soccorro.

Partirão de Jaguaryppe, e chegarão á serra de Quarerú, que são cincoenta legoas, onde fizerão huma fortaleza de sessenta palmos de vão com suas guaritas nos cantos, como El Rey mandava que se fizesse a cada cincoenta legoas.

Aqui fizerão os mineiros fundição de pedra de huma betta, que se achou na serra, e se tirou prata, mas o General a mandou serrar; e deixando ali doze soldados com hum Luiz Pinto Africano por Cabo delles, se foi com os mais outras cincoenta legoas, onde nasce o Rio de Paraguassú, a fazer outra fortaleza, na qual por as agoas serem ruins, e os mantimentos peiores, que erão cobras, e lagartos, adoecerão muitos, e entre elles o mesmo Gabriel Soares, que morreo em poucos dias no mesmo lugar, pouco mais ou menos, onde seu irmão havia fallecido.

Foj sepultado na fortaleza, que fazia, com muito sentimento dos seus, e della se vierão pera primeira, que tinha melhores ares, e agoas, donde avisou o Mestre de Campo Julião da Costa ao Governador Dom Francisco de Souza do que havia succedido, e elle os mandou recolher a esta Cidade.

Vierão pela Cachoeira, donde os foi Diogo Lopes Ulhoa buscar, e depois de os ter nos seus engenhos oito dias mui regalados, os mandou nas suas barcas ao Governador, que os não recebeo, e proveo com menos liberalidade, gastando com elles de sua fazenda mais de dous mil cruzados.

O intento que Gabriel Soares levava nesta jornada era chegar ao Rio de S. Francisco, e depois por elle athé a Lagoa Dourada, donde dizem que tem seu nascimento, e pera isto levava por guia hum Indio por nome Guaracy, que quer dizer Sol, o qual tambem se lhe poz, e morreo no caminho, ficando de todo as minas obscuras, athé que Deus verdadeiro Sol queira manifestal-as.

Os ossos de Gabriel Soares mandou seu sobrinho Bernardo Ribeiro buscar, e estão sepultados em S. Bento com hum titulo na sepultura, que declarou em seu testamento puzesse, e o titulo he:

Aqui jaz hum peccador.

E não sei eu que outra mina elle nos pudera descobrir de mais verdade, se vivera, pois como affirma o Evangelista S. João, se dissermos que não temos peccado, mentimos, e não ha em nós verdade.

N. B. — Este Capitulo Vigesimo Quarto foi copiado das Addições, e emendas desta Historia do Brasil de Frey Salvador, porém o Capitulo Vigesimo Quarto da dita Historia, he o que se segue; que nas emendas é o Vigesimo Quinto.

CAPITULO VIGESIMO QUARTO

De como veio Feliciano Coelho de Carvalho governar a Parahyba, e foi continuando com as guerras della

Em o anno de mil quinhentos noventa e hum no mez de Maio chegou a Pernambuco Feliciano Coelho de Carvalho, Fidalgo, que se criou de moço em Africa, bom Cavalheiro, e de bom conselho, o qual mandando o seu fato por mar, se partio por terra ao seu Governo da Parahyba, e achou a Cidade posta em tanto aperto com os continuos assaltos, que os Potiguares fazião nas suas roças e arrebaldes, que determinou de correr a terra, e enxotal-os della, e pera isto pedio a Pero Lopes, Capitão Mór da ilha de Tamaracá, que o ajudasse com sua pessoa, e gente, como fez como cincoenta homens brancos de pé e de cavallo, e tresentos negros, e assim se partirão ambos em muita conformidade, levando o Governador da Parahyba o Gentio Tobajar, e os mais brancos, que poude, repartidos huns, e outros em companhias, com suas caixas e bandeiras, e logo derão com huma aldea grande, que levavão espiada, onde posto que acharão os inimigos descuidados, não deixarão de fazer rosto aos da nossa vanguarda, travando-se entre huns e outros huma grande escaramuça, porque os contrarios cuidavão que não era a gente mais, porém, depois que virão os de cavallo, e mais de pé, que ião chegando, começarão a virar as costas, posto que tarde, porque o nosso exercito estava já todo junto, e matarão tantos, que era piedade ver depois tantos corpos mortos, e aos mais que fugirão foi seguindo a nossa vanguarda, não sem resistencia de muitas frechadas, que ião tirando, porque tinhão costas em outra aldea, que distava destoutra hum quarto de legoa, para a qual se ião retirando, donde sahirão muitos a soccorrel-os, e fizerão parar os nossos, jogando-se de parte a parte muitas frechadas, e ferindo-se muitos, athé que chegou o Capitão Martim Lopes Lobo, filho de Pero Lopes, com dous homens mais de cavallo, e vinte arcabuzeiros, e alguns negros, com que os nossos cobrando animo remetterão com furia, e os contrarios com medo se espalharão pelos matos, dando-lhes lugar que entrassem na aldea, e fizessem tal matança nas molheres, meninos, e velhos, que nella ficarão, que só hum foi tomado vivo, por se metter debaixo do cavallo do Capitão Martim

Lopes, e elle o defender, pera se saber da determinação dos Francezes, e Gentio, e neste tempo...

N. B. — O resto deste Capitulo Vigesimo Quarto não está concluido, pois lhe faltão folhas, como se vê na pagina seguinte do Msc., a qual parece ser parte do Capitulo Trigesimo, visto o que se segue ser o Capitulo Trigesimo Primeiro, havendo portanto hum salto de seis Capitulos.

Parte do Capitulo que parece ser o Trigesimo

...mandado pedir soccorro, trazendo em sua companhia a D. Hyeronimo de Almeida, que poucos dias havia chegado de Angola, e outros muitos cavalleiros, que havia na Capitania, os quaes ficarão todos admirados de ouvir que tam poucos se defendessem de tantos, e os offendessem de maneira, que está dito, e por não serem já necessarios dahi a alguns dias se tornarão pera Pernambuco, mas não deixou de resultar grande proveito deste soccorro; porque vendo huma India Potiguar de hum soldado casado, que andava já domestica entre os nossos, tanta gente de cavallo, o foi com grande espanto contar á senhora, a qual lhe respondeo: « Isto que tu vês é nada, sabe que ainda ha de vir muita mais, pera irem matar todos teus parentes, e a quantos Francezes andão entre elles, senão olha tu quam poucos soldados no Cabedello desbaratarão a gente de tantos navios, e por aqui verás se estes, que vês, forem á serra, e os mais, que hão de vir, se deixarão lá cousa viva. » Esta Potiguar ouvindo isto fugio pera os seus, ainda antes que Manoel Mascaranhas se partisse da Parahyba, e os achou apercebendo-se pera virem dar sobre os nossos com ajuda de Monsieur Rifot (*Rifault*), de quem temos contado o mal que fez por esta Costa, o qual escreveo huma carta de desafio a Feliciano Coelho, e mettida em hum cabaço lha mandou pôr em hum caminho, donde os nossos espias a trouxerão, e posto que Feliciano Coelho lho mandou pôr outra vez no mesmo posto onde foi achado sem outra resposta mais que polvora e pelouros dentro, significando que com isto se havia de defender, e mandou outra vez pedir soccorro em Pernambuco, melhor foi desvial-os a negra que não viessem, dizendo-lhes que serião todos mortos; porque erão innumeraveis os Portuguezes de pé, e de cavallo, que vierão de Pernambuco, o que ouvido por Rifot, mandou pôr em esquadrão todos os seus Francezes, e Potiguares, que erão infinitos, e lhe perguntou se serião os Portuguezes tantos como aquelles, e a negra respondeo que mais erão, e tomando seis ou sete punhados de areia a lançou pera o ar, dizendo-lhe que ainda erão mais que aquelles grãos de areia, com que os parentes se começarão a acobardar de modo, que o Rifot lhes disse que pera tanta gente era necessario ir buscar mais á França; e assim se despedio com os seus pera o Rio-Grande, onde tinha as náus, e se embarcarão nellas pera sua terra, e os Potiguares se espalharão pelas suas mui cheios de medo, como tudo constou por dito de tres, que os nossos corredores tomarão em huma roça.

CAPITULO TRIGESIMO PRIMEIRO

De como Manoel Mascarenhas Homem foi fazer a fortaleza do Rio-Grande, e do soccorro que lhe deo Feliciano Coelho de Carvalho

Informado Sua Magestade das cousas da Parahyba, e que todo o damno lhe vinha do Rio-Grande, onde os Francezes ião commerciar com os Potiguares, e dali sahião tambem a roubar os navios, que ião, e vinhão de Portugal, tomando-lhes não só as fazendas, mas as pessoas, e vendendo-as aos Gentios, pera que as comessem, querendo atalhar a tam grandes males, escreveo a Manoel Mascaranhas Homem, Capitão Mór em Pernambuco, encommendando-lhe muito que logo fosse lá fazer huma fortaleza, e povoação, o que tudo fizesse com conselho e ajuda de Feliciano Coelho, a quem tambem escreveo, e ao Governador Geral Dom Francisco de Souza, que pera isto lhe desse Provisões, e poderes necessarios pera gastar da sua Real Fazenda tudo o que lhe fosse necessario, como em effeito o Governador lhe passou, e lhe pôz logo tudo em execução com muita diligencia, e cuidado, mandando huma armada de seis navios e cinco caravellões, que o fossem esperar á Parahyba, em a qual ia por Capitão Mór Francisco de Barros Rego, por Almirante Antonio da Costa Valente, e por Capitães dos outros navios João Paes Barreto, Francisco Camello, Pero Lopes Camello, e Manoel da Costa Calheiros.

Por terra com o Capitão Mór Manoel Mascaranhas forão tres companhias de gente de pé, de que erão Capitães Hyeronimo de Albuquerque, Jorge de Albuquerque seu irmão, e Antonio Leitão Mirim, e huma de cavallo, que guiava Manoel Leitão: os quaes chegados huns e outros á Parahyba, se ordenou que Manoel Mascaranhas fosse por mar ao Rio Grande, na armada que veio de Pernambuco, e levasse comsigo o Padre Gaspar de S. João Peres, da Companhia, por ser grande architecto, e engenheiro, pera traçar a fortaleza, com seu companheiro o Padre Lemos, e o nosso irmão Frey Bernardino das Neves, por ser muito perito na lingoa Brasilica, e mui respeitado dos Potiguares, assim por essa causa, como por respeito de seu pae o Capitão João Tavares, que entre elles por seu esforço havia sido mui temido, o qual levou por companheiro outro sacerdote da nossa Provincia chamado Frey João de S. Miguel; e que Feliciano Coelho fosse por terra com os quatro Capitães, e Companhias da gente de Pernambuco, e com outra da Parahyba, de que ia por Capitão Miguel Alvares Lobo, que por todos fazião somma de cento e setenta e oito homens de pé e de cavallo, fóra o nosso Gentio, que erão das aldeas de Pernambuco noventa frecheiros, e das da Parahyba setecentos e trinta, com seus principaes, que os guiavão, o Braço de Peixe, o Assento de Passaro, o Pedra Verde, o Mangue, e o Cardo Grande, e este exercito começou a marchar das fronteiras da Parahyba a dezasete de Dezembro de mil

quinhentos e noventa e sete, indo as espias, e corredores diante queimando algumas aldeas, que os Potiguares despejavão com medo, como confessarão alguns, que forão tomados, mas aos que fugião os inimigos não fugio a doença das bexigas, que he a peste do Brasil, antes deo tam fortemente em os nossos Indios, e brancos naturaes da terra, que cada dia morrião de dez a doze, pelo que foi forçado ao Governador Feliciano Coelho fazer volta á Parahyba pera se curarem, e os Capitães pera Pernambuco com a sua gente, que poude andar, dizendo que cessando a doença tornarião, pera seguirem a viagem, excepto o Capitão Hyeronimo da Albuquerque, que se embarcou em hum caravellão, e foi ter ao Rio Grande com seu Capitão Mór Manoel de Mascaranhas, o qual havia ido na armada, como já dissemos, e na viagem teve vista de sete náus de Francezes, que estavão no porto dos Buzios contratando com os Potiguares, os quaes como virão a armada picarão as amarras, e se forão, e a nossa não a seguio por ser tarde, e não perder a viagem.

No dia seguinte pela manhã mandou Manoel Mascaranhas dous caravellões descobrir o rio, o qual descoberto, e seguro entrou a armada á tarde guiada pelos marinheiros dos caravellões, que o tinhão sondado, ali desembacarão, e se trincheirarão de varas de mangues pera começarem a fazer o forte, e se defenderem dos Potiguares, que não tardarão muitos dias que não viessem huma madrugada infinitos, acompanhados de cincoenta Francezes, que havião ficado das náus do porto dos Buzios, e outros que ahi estavão casados com Potiguaras, os quaes, rodeando a nossa cerca, ferirão muitos dos nossos com pelouros e frechas, que tiravão por entre as varas, entre os quaes foi hum Capitão Ruy de Aveiro em o pescoço com huma frecha, e o seu sargento, e outros, com o que não desmaiarão antes como elefantes á vista de sangue mais se assanharão, e se defenderão, e offenderão os inimigos tam animosamente que levantarão o cerco, e se forão, depois veio hum Indio chamado Surupibba pelo rio abaixo em huma jangada de juncos, apregoando paz, o qual prenderão em ferros, e com estar preso mostrava tanta arrogancia, que vendo o apparato com que Manoel de Mascaranhas se tratava, e comia, disse que o não havião de tratar menos, e assim lhe dava bom tratamento, e per persuasão dos Padres da Companhia, posto que contradizendo o nosso Irmão Frey Bernardino, que conhecia bem suas traições e enganos, emfim o soltou, e mandou, promettendo-lhe o Indio de trazer todo o Gentio de paz, pera o que lhe deo vestidos, e outras cousas que pudesse dar aos seus, não só quando foi, mas ainda depois por duas vezes, que lhas mandou pedir, dizendo que já os tinha apaziguados, e vinhão por caminho a entregar-se, porém indo dous bateis nossos com vinte homens, de que ia por cabo Bento da Rocha, a cortar huns mangues, estando mettidos em huma enseada, e começando a fazer a madeira, os cercarão por entre os mangues, pera os tomarem na baixa mar, quando os bateis ficassem em seco, onde houverão de ser todos mortos, se hum dos bateis, que era maior, se não fora pôr de largo, aonde os descobrio, e deo aviso ao

chamado Tavira, que com só quatorze companheiros, que comsigo levava, matou mais de trinta espias dos inimigos sem ficar hum só, que levasse recado, e assim os nossos subitamente na cerca derão ao meio dia, e comtudo pelejarão mais de duas horas sem a poderem entrar, excepto o Tavira, que temerariamente trepando por ella se lançou dentro com huma espada, e rodella, e nomeando-se começou a matar, e ferir os inimigos, athé lhe quebrar a espada, e ficar com só a rodella, tomando nella as frechas, o que visto pelo Capitão Ruy de Aveiro, e Bento da Rocha, seu soldado, tirarão por huma ceteira duas arcabuzadas, com que os inimigos se afastarão, e lhe derão lugar de tornar a subir pela cerca, e sahir-se della com tanta ligeireza como se fôra hum passaro; e com este, e outros semelhantes feitos tanto nome havia ganhado este Indio entre os inimigos, que só com se nomear, dizendo eu sou Tavira, acobardava e atemorisava a todos; e assim atemorisados com isto os da cerca, e os nossos animados, vendo que se a noite os tomava de fóra com o inimigo tam visinho, e outros, que podião sobrevir de outras partes, ficavão mui arriscados.

Remetterão outra vez á cerca com tanto animo, disparando tantas arcabuzadas e frechadas, que puzerão os de dentro em aperto, e se deixou bem conhecer pelos muitos gritos, e choros, que se ouvião das molheres e crianças; e o Capitão Miguel Alvares Lobo com o seu Sargento João de Padilha, Hespanhol, e seus soldados, remetteo a huma porta da cerca, e a levou, por onde logo entrarão outros, e o mesmo fez o Capitão Ruy de Aveiro, e outros capitães por outras partes, com que forçarão os Potiguares a largar a praça, e fugirão por outras portas, que abrirão por riba da estacada, e por onde podião, mas comtudo não deixarão de ficar mortos, e captivos mais de mil e quinhentos, sem dos nossos morrerem mais de tres indios Tabajares, posto que ficarão outros feridos, e alguns brancos, dos quaes foi o Sargento João de Padilha.

De ali a quartorze dias derão em outra cerca, e aldêa, não tam grande como estoutra, mas mais forte, e de gente escolhida, onde não havia molheres, nem crianças, que chorassem, senão todos homens de peleja, e entre elles dez ou doze bons arcabuzeiros, os quaes não atiravão pelouros, que não acertassem em os nossos, o mesmo fazião os frecheiros, com que nos ferião muita gente, e não fôra possivel sustentar o cerco, se hum soldado natural da Serra da Estrella, chamado Henrique Duarte, não lançara huma alcanzia de fogo dentro, com que lhes queimou huma casa, e vendo elles o fogo, cuidando que serião todos abrasados, se forão sahindo da cerca, não fugindo ou dando as costas, mas retirando-se, e defendendo-se valorosamente contra os nossos, que os seguião, e assim ainda que lhes matarão cento e cincoenta, tambem elles nos matarão seis brancos, em que entrou Diogo de Sequeira, Alferes do Capitão Ruy de Aveiro Falcão, com hum pelouro, que primeiro havia passado a carapuça a Bento da Rocha, que estava junto delle, o qual quando o vio morto, e a bandeira derribada, a levantou, e se poz a florear com ella no campo

entre as frechadas e pelouros, pelo que o seu Capitão Mór Manoel Mascaranhas lha deo, e lhe passou depois huma certidão, com que pudera requerer hum habito de cavalleiro com grande tença, mas elle o quiz antes do nosso Seraphico Padre São Francisco, com a tença da pobreza e humildade, em que viveo, e morreo nesta Custodia sanctamente.

Tambem ferirão o Capitão Miguel Alvares Lobo de duas frechadas, e a Diogo de Miranda, Sargento da Companhia de Manoel da Costa Calheiros, deu hum Indio agigantado tal golpe com hum alfange, que lhe fendeo a rodella athé a embaraçadura, e o ferio no braço, e elle lhe correo huma estocada, mettendo-lhe a espada pelos peitos athé a cruz, a qual não bastou para que o Indio se não abraçasse com elle tam rijamente, que sem falta o levara debaixo, se não acudira Hyeronimo Fernandes, Cabo de esquadra da sua Companhia, dando-lhe hum golpe pelo pescoço, com que o fez largar, e enterrados os mortos, e curados os feridos, tornou o campo a marchar athé chegar ás fronteiras da Parahyba, donde se despedio Manoel Mascaranhas de Feliciano Coelho, e se foi com os seus pera Pernambuco.

CAPITULO TRIGESIMO TERCEIRO.

De com Hyeronimo de Albuquerque fez pazes com os Potiguares, e se começou a povoar o Rio Grande

Hyeronimo de Albuquerque, depois que os mais se partirão, se aconselhou com o Padre Gaspar de Samperes, da Companhia de Jesus, que tornou ao forte, por ser o engenheiro que o traçou, sobre que traça haveria pera se fazerem pazes com os Potiguares, derão em huma facilissima, que foi soltarem hum que elles tinhão preso, chamado Ilha Grande, principal e feiticeiro, e mandal-o que as tratasse com os parentes.

Foi o Indio bem instruido no que lhes havia de dizer, e chegando á primeira aldêa foi alegremente recebido, maiormente depois de saberem ao que ia. Mandarão logo recado ás mais aldêas assim da Ribeira do Mar, como da serra, onde estava o Páu Secco, e o Zorobabe, que erão os maiores principaes, e todos juntos lhes disse o mensageiro:

« Vós irmãos, filhos, e parentes, mui bem conheceis, e sabeis, quem eu sou, e a conta que sempre de mim fizestes assim na paz, como guerra; e isto é o que agora me obrigou a vir dentre os brancos a dizer-vos que se quereis ter vida, e quietação, e estar em vossas casas e terras com vossos filhos e molheres, he necessario sem mais outro conselho ires logo commigo ao forte dos brancos a fallar com Hyeronimo de Albuquerque, Capitão delle, e com os Padres, e fazer com elles pazes, as quaes serão sempre fixas, como forão as

que fizerão com o Braço de Peixe, e com os mais Tobajares, e o costumão fazer em todo o Brasil, que os que se mettem na igreja não os captivão, antes os doutrinão, e defendem, o que os Francezes nunca nos fizerão, e menos nos farão agora, que tem o porto impedido com a fortaleza, donde não podem entrar sem que os matem, e lhes mettão com a artilharia no fundo os navios. »

Estas, e outras tantas razões lhe soube dizer este Indio, e com tanta energia de palavras, que todos aceitarão o conselho, e lho agradecerão, muito principalmente as femeas, que enfadadas de andar com o fato continuamente ás costas, fugindo pelos mattos sem se poderem gozar de suas casas, nem dos legumes, que plantavão, trazião os maridos ameaçados que se havião de ir pera os brancos, porque antes querião ser suas captivas, que viver em tantos receios de continuas guerras e rebates.

Com isto se vierão os principaes logo ao forte a tratar das pazes; houve pouco que fazer nellas, pelas razões já ditas, donde dahi por diante começarão a entrar com seus resgates seguramente, e foi de tudo avisado o Governador Dom Francisco de Souza pelo Capitão Mór de Pernambuco Manoel Mascaranhas, que se foi ver com elle a Bahia, e lhe deo a nova, o qual mandou que as ditas pazes se fizessem com solemnidade de direito, como em effeito se fizerão na Parahyba aos onze dias do mez de Junho de mil quinhentos noventa e nove, estando presentes o Governador da Parahyba Feliciano Coelho de Carvalho com os Officiaes da Camera, e o dito Manoel Mascaranhas Homem com Alexandre de Moura, que lhe havia succeder na Capitania Mór de Pernambuco, o Ouvidor Geral Braz de Almeida, e outras pessoas; e o nosso Irmão Frey Bernardino das Neves foi o interprete, por ser mui perito na lingoa brasilica, e mui respeitado dos Indios Potiguares, e Tobajares, como já dissemos; pelo que o Capitão Mór Manoel Mascaranhas se acompanhava com elle, e nunca nestas occasiões o largava.

Feitas as pazes com os Potiguares, como fica dito, se começou logo a fazer huma povoação no Rio Grande huma legoa do forte, a que chamão a Cidade dos Reys, a qual governa tambem o Capitão do forte, que El Rey costuma mandar cada tres annos. Cria-se na terra muito gado vaccum, e de todas as sortes, por serem pera isto as terras melhores que pera engenhos de assucar, e assim não se hão feito mais que dous, nem se poderão fazer, porque as cannas de assucar requerem terra maçapés e de barro, e estas são de areia solta, e assim podemos dizer ser a peior do Brasil, e comtudo se os homens tem industria, e querem trabalhar nella, se fazem ricos.

Logo em seu principio veio ali ter hum homem degradado pelo Bispo de Leyria, o qual ou zombando, ou pelo entender assim, poz na sentença: Vá degradado por tres annos para o Brasil, donde tornará rico e honrado », e assim foi, que o homem se casou com huma molher, que tambem vejo do Reyno ali ter, não por dote algum, que lhe dessem com ella, senão por não haver ali outra, e de tal maneira souberão grangear a vida, que nos tres annos adqui-

rirão dous ou tres mil cruzados, com que forão pera sua terra em companhia do Capitão Mór do Rio Grande João Rodrigues Colasso, e de sua molher Donna Beatriz de Menezes, comendo todos a huma mesa, passeando elle hombro com hombro com o Capitão, assentando-se a molher no mesmo estrado que a fidalga, como eu as vi em Pernambuco, onde forão tomar navio pera se embarcarem; e toda esta honra lhe faziáo, porque, como em aquelle tempo não havia ainda outra molher branca no Rio Grande, acertou de parir a molher do Capitão, e a tomarão por comadre, e como tal a tratavão daquelle modo, e o marido como o compadre, cumprindo-se em tuno a sentença do Bispo, que tornaria do Brasil rico e honrado.

Nem foi este só que no Rio Grande enriqueceo, mas outrosmuitos, porque ainda que o territorio é o peior do Brasil, como temos dito, nelle se dão muitas criações, e outras grangearias, de que se tira muito proveito, e do mar muitas e boas pescarias.

Nem estão muito longe dahi as salinas, onde naturalmente se coalha o sal em tanta quantidade que podem carregar grandes embarcações todos os annos; porque assim como se tira hum, se coalha e cresce continuamente outro, nem obsta que não vão ali navios de Portugal / senão he algum de arribada /, pois basta que vão á Parahyba, donde dista sómente vinte e cinco legoas, e de Pernambuco cincoenta, porque destas partes se provejão do que lhe é necessario, como fazem em seus caravelões, e sobre todos estes commodos foi de muita importancia povoar-se, e fortificar-se o Rio Grande pera tirar dali aquella ladroeira aos Francezes.

CAPITULO TRIGESIMO QUARTO

De como foi o Governador Geral ás minas de São Vicente, e ficou governando a Bahia Alvaro de Carvalho, e dos Hollandezes que a ella vierão

Muitos annos havia que voava a fama de haver minas de ouro, e de outros metaes em a terra da Capitania de São Vicente, que El Rey Dom João o Terceiro doou a Martim Affonso de Souza, e já por algumas partes voava com azas douradas, e havia mostras de ouro; o que visto pelo Governador Dom Francisco de Souza, avisou a Sua Magestade offerecendo-se pera esta empreza, e elle lha encarregou, e mandou pera ficar entretanto governando esta Cidade da Bahia a Alvaro de Carvalho; o Governador se partio pera baixo em o mez de Outubro de mil quinhentos noventa e oito, levando comsigo o Desembargador Custodio de Figueiredo, que era hum dos que vinhão com Francisco Giraldes, e servia de Provedor Mór de defuntos e absentes.

O anno seguinte de mil quinhentos noventa e nove, vespora da vespora do Natal, entrou nesta Bahia huma armada de sete náus Hollandezas, cuja Capitania se chamava Jardim de Hollanda, por hum jardim de hervas e flôres, que trazia dentro em si; esta armada se senhoreou do porto, e dos navios, que nelle estavão, queimando e desbaratando os que lhe quizerão resistir, como foi hum galeão de Baylio de Lessa, que veio fretado por mercadores pera levar assucar; pôz Alvaro de Carvalho a gente por suas estancias na praia e na Cidade pera a defenderem se quizessem desembarcar; mas elles não se atrevendo, tratarão de concerto, pedindo em refens huma pessoa equivalente ao seu General, que queria vir pessoalmente a este negocio, e assim foi para a sua Capitania em refens Estevão de Brito Freire, e elle se veio metter no Collegio dos Padres da Companhia, onde o Capitão Mór Alvaro de Carvalho o esperava, e se tratou sobre o concerto quatro dias, que ali esteve assaz regalado.

Porém foi-lhe respondido no fim delles que puxasse pela carta, porque não podia haver outro concerto, com o que elle se embarcou colerico, e se desembarcòu Estevão de Brito; com esta colera mandou huma caravella, que tinha tomado no porto, e alguns patachos, e lanchas, que fossem pelo reconcavo roubar e assollar quanto pudessem, o que logo fizerão no engenho de Bernardo Pimentel de Almeida, que dista desta Cidade quatro legoas, e não achando resistencia lhe queimarão casas, e igreja, da qual tirarão athé o sino do campanario, mas soou, e logo forão castigados por Andre Fernandes Morgalho, que Alvaro de Carvalho havia mandado com tresentos homens por terra, e achando ainda ali os inimigos brigarão com elles animosamente athé os fazerem embarcar, ficando-lhes muitos mortos na briga em terra, e alguns no mar ao embarcar, entre os quaes se matou hum capitão, que elles muito sentirão.

Dali se tornarão ás suas náus, donde reformados de mais gente, e munições se forão a ilha dos Frades pera tomarem agoada, de que estavão faltos, o qual entendido por André Fernandes, que os tinha em espreita, se embarcou com a sua gente em seis lanchas, e entrando por outro boqueirão, que está entre a ilha de Cururupiba, e a terra firme, e se não navega se não de maré cheia, por não serem sentidos, desembarcarão da outra parte da ilha dos Frades, a tempo que tambem ali chegava Alvaro Rodrigues da Cachoeira com o seu Gentio, e assim forão todos juntos, atravessando a ilha pelos mattos até perto de huma legoa junto a praia, aonde havia sahido huma batelada de hollandezes a povoar a agoa, e por acharem salobra se tornarão, e os nossos os deixarão ir, ficando escondidos na cilada, entendendo que ião por mais gente pera tornarem a buscar outra fonte, o que elles não fizerão, antes a forão buscar á ilha de Taparica, e desembarcando em terra puzerão fogo a hum engenho, que ali estava de Duarte Osquis, sem lhe valer ser tambem Flamengo, posto que casado com Portugueza, e antigo na terra, mas logo chegarão os nossos Capitães André Fernandes Margalho, e Alvaro Rodrigues, e os

commetterão com tanto animo, que matarão cincoenta, e fizerão embarcar os mais, e recolherem-se á sua armada, que tambem logo se fez á vela, e despejou o porto, que havia cincoenta e cinco dias tinha occupado.

Ao sahir pela barra tomarão huma náu de Francisco de Araujo, que vinha do Rio de Janeiro com sete ou oito mil quintaes de páu brasil, e depois de o descarregar nas suas do páu, e da gente que trazia, a queimarão lançando só em terra humas molheres, que na náu vinhão.

CAPITULO TRIGESIMO QUINTO

Da guerra dos Gentios Aymorés, e como se fizerão as pazes com elles em tempo do Capitão Mór Alvaro de Carvalho

Não só por mar foi esta Bahia neste tempo contrastada de inimigo, mas tambem, e muito mais por terra dos Gentios Aymorés, que são huns Tapuias selvagens, de que fizemos menção em o Capitulo Decimo Quinto do Primeiro Livro, os quaes como não tenhão casas nem lugar certo onde os busquem, nem saião a pelejar em campo, mas andem como leões e tigres pelos mattos, e dali saião a saltear pelos caminhos, ou ainda sem sahir detraz das arvores, empreguem suas frechas, poucos bastão pera destruirem muitas terras; e assim havendo já destruido as de Porto Seguro, e dos Ilheos, entrarão nas da Bahia, e havião feito despejar as do rio de Jaguarippe, e Paraguasú, posto que não passarão este da parte do Norte, que a passal-o não ficara cousa, que não assolarão athé a Cidade, porque como athe ella haja mattos, e todos caminhos se fação entre elles, ninguem pudera entrar nem sahir sem ser morto ou salteado por estes selvagens.

Desejosos Dom Francisco e Alvaro de Carvalho de remediar este damno o consultarão com Manoel Mascaranhas, que aqui veio a tratar sobre as cousas do Rio Grande com o Governador antes que se partisse, e todos acordarão que se não fossem com outro Gentio, bicho do matto como elles, não se lhe poderia fazer guerra, pera o que se offereceo Manoel Mascaranhas a mandar-lhos do Gentio Potiguar da Parahyba, que ja estava de paz, e pera que tambem devirtidos com isto os Potiguares, e tirados da Patria, não tornassem a rebellar-se, e assim tanto que chegou a Pernambuco deo ordem a vir hum grande golpe delles, e por seu principal, e guia hum mais revoltoso, e de que havia mais suspeitas, chamado Darobabe, estes mandou Alvaro de Carvalho com o Capitão Francisco da Costa aos Ilheos, pera que de lá viessem dando caça aos Aymorés, que assim se póde chamar a sua guerra, mas posto que os amedrontarão e fizerão muito, não ficou de todo o mal remediado, nem deixara de ir muito avante depois de tornados os Potiguares, que em breve

tempo voltarão pera a Parahyba se Deus não sem outro mais facil, e efficaz remedio, por meio de huma femea Aymoré, que Alvaro Rodrigues da Cachoeira a tomou com o seu Gentio em hum assalto, á qual ensinou a lingoa dos nossos Topinambás, e aprendeo, e fez a alguns nossos aprender a sua, fez-lhe bom tratamento, praticou-lhe os mysterios da nossa sancta Fé Catholica, que he necessario crer hum Christão, baptizou-a, e chamou-lhe Margarida, depois de bem instruida, e affecta a nós vestio-a de sua camisa, ou sacco de panno de algodão, que he o trage das nossas Indias, deo-lhe rêde em que dormisse, espelhos, pentes, facas, vinho, e o mais, que ella poude carregar, e mandou-a que fosse desenganar os seus, como fez, mostrando-lhes que aquelle era o vinho, que bebiamos, e não o seu sangue, como elles cuidavão, e a carne que comiamos era de vacca, e outros animaes, e não humana, que não andavamos nús, nem dormiamos pela terra, como elles, senão em aquellas redes, que logo armou em duas arvores, e nenhum ficou, que se não deitasse nella, e se não penteasse, e visse no espelho: com o que certificados que queriamos sua amizade, se atreverão alguns mancebos a vir com ella á casa do dito Alvaro Rodrigues na cachoeira do rio Paraguasú, donde elle os trouxe a esta Cidade ao Capitão Mór Alvaro de Carvalho, que logo os mandou vestir de panno vermelho, e mostrar-lhes a Cidade, onde não havia casa de venda ou taverna em que não os convidassem, e brindassem; com o que mui certificados forão acabar de desenganar os companheiros, e se fez com os Aymorés em toda esta Costa, queira nosso Senhor conserval-a, e que não demos occasião a outra vez se rebellarem.

CAPITULO TRIGESIMO SEXTO

Do que fez o Governador nas minas

Despedido o Governador desta Bahia, em poucos dias chegou a Capitania do Espirito Santo, onde por lhe dizerem que havia metaes na serra de Mestre Alvaro, e em outras partes, as tentou e mandou cavar, e fazer ensaio, de que se tirou alguma prata. Tambem mandou que fossem as esmeraldas, a que já da Bahia havia mandado por Diogo Martins Cão, e as tinha descobertas; fez hum forte pequeno de pedra e cal, em que pôz duas peças de artilharia pera defender a entrada da Villa, e feito isto se partio pera o Rio de Janeiro, donde foi recebido do Capitão Mór, que então era Francisco de Mendonça, e do povo todo com muito applauso, por ser parte onde nunca vão os Governadores Geraes; e assim achou tantos pleitos civeis, e crimes indicios, que pera os haver de julgar lhe fôra nècessario deter-se ali muito tempo: pelo que mandou chamar o Ouvidor Geral Gaspar de Figueiredo Homem, que se havia casado em Pernambuco, pera o deixar ali.

Chegado o Ouvidor, e estando o Governador pera se partir, lhe tomarão a barra quatro galeões de cossarios, o qual entendendo que havião de sahir á terra a tomar agoa na ribeira de Carioca, lhe mandou pôr gente em ciladas junto della; e assim aconteceo que indo quatro lanchas, e sahindo primeiro a gente só de huma, e tendo já a agoa tomada pera se tornarem a embarcar, lhes sahirão os nossos, e os matarão todos, excepto dous, que levarão mal feridos ao Governador, e os das outras lanchas vendo isto se tornarão ás galés, nas quaes sabendo de hum Mamaluco, que havião tomado em huma canoa, que estava ali o Governador Dom Francisco de Souza, e determinava mandar-lhes queimar os navios, os fizerão logo a vela, e lhe deixarão a barra livre pera seguir a sua viagem, como seguio, e chegou a São Vicente, onde dahi a pouco tempo entrou outro galeão em que ia por Capitão hum Hollandez chamado Lourenço Bicar, o qual fez petição ao governador, dizendo que elle era bom Christão, e nunca fizera damno aos Christãos, nem ia a aquelle porto com esse intento, senão a vender suas mercadorias, pelo que pedia a Sua Senhoria licença pera as poder descarregar, e vender com pagar os direitos a Sua Magestade, e o Governador lha despachou, que sendo assim como dizia, e não havendo outra cousa, lhe dava licença, porém tirando depois inquirição, e achando que tinha ido por General de huma grossa armada ao Estreito de Magalhães, e por não o poder embocar com tormenta, e se apartar dos mais companheiros, os vinha ali aguardar, mandou em huma canoa seis aventureiros armados, que com dissimulação de quererem ver a náu se senhoreassem da polvora, e praça de armas, e logo atraz desta outras muitas com soldados e Indios frecheiros, que brevemente a abordarão, e tomarão, sem que os de dentro pudessem defendel-a nem pôr-lhe o fogo, como quizerão, por lhe terem os nossos tomado a polvora e armas.

Importaria a Fazenda que esta náu trazia mais de cem mil cruzados, os quaes com a mesma facilidade se gastarão, que se adquirirão, e o Governador se foi de São Vicente á Villa de São Paulo, que é mais chegada ás minas, onde athé então os homens e molheres se vestião de panno de algodão tinto, e se havia alguma capa de baeta e manto de sarge se emprestava aos noivos e noivas pera irem á porta da igreja; porém depois que chegou Dom Francisco de Souza, e virão suas galas, e de seus criados e criadas, houve logo tantas librés, tantos periquitos, e mantos de soprilhos, que já parecia outra cousa; com isto se havia pagado Dom Franscisco da Bahia muito, muito mais se pagou de São Paulo; porque são ali os campos como os de Portugal, ferteis de trigo, e uvas, rosas, e açucenas, regados de frescas ribeiras, onde elle humas vezes caçando outras pescando entretinha o tempo, que lhe restava do trabalho das minas, que era mui grande, e muito maior não ser sempre de proveito, porque como he ouro de lavage, humas vezes se levava pouco, ou nenhuma, mas outras se achavão grãos de peso, e de preço, e de que elle enfiou hum rosario, assim como sahião redondos, quadrados ou compridos,

que mandou a Sua Magestade com outras mostras de perolas, que se achavão no esparcel da canané, e em outras partes, mandando-lhe pedir Provisão pera fazer descer Gentio do sertão, que trabalhassem neste ministerio, e outras cousas a elle necessarias, a que lhe não deferirão por morrer neste tempo El Rey Philippe Primeiro, que o havia enviado, e lhe succedeo seu filho Philippe Segundo, que o mandou ir pera o Reyno, havendo treze annos que governava este Estado, e lhe enviou por successor no Governo Diogo Botelho.

CAPITULO TRIGESIMO SETIMO

Do oitavo Governador do Brasil, e o primeiro que veio por Pernambuco, que foi Diogo Botelho; e como veio ahi ter a gente de huma náu da India, que se perdeo na ilha de Fernão de Noronha

O oitavo Governador do Brasil foi Diogo Botelho, o qual veio em direitura a Pernambuco, em o anno de mil seiscentos e tres; e foi o primeiro que isto fez, a quem depois sempre forão seguindo seus successores. A occasião, que teve / segundo alguns dizião /, foi induzil-o Antonio da Rocha, Escrivão da Fazenda, que ali era casado, e vinha com elle do Reyno, aonde havia ido com hum aggravo contra o Capitão Mór Manoel de Mascaranhas, o qual lhe diria das larguezas de Pernambuco, e que podia delle tirar muito interesse, ou o mais certo he que o fez por ver a terra, e as fortalezas, de que havia tomado homenagem, e cuja defenção e Governo estava por sua conta, nem eu sei, quando a detença ali não seja muita, que inconveniencias ha pera que os Governadores não visitem de caminho aquella praça.

Trouxe o Governador comsigo dous Religiosos graves de Nossa Senhora da Graça, da Ordem de Santo Agostinho, onde tinha hum filho, pera fundarem casa em Pernambuco, mas o povo o não consentio, dizendo que não era capaz a terra de sustentar tantos Religiosos graves, porque tinhão já cá os da Companhia de Jesus, de Nossa Senhora do Carmo, do Patriarcha São Bento, e de nosso Seraphico Padre São Francisco; e assim dando-lhes huma muito boa esmola, que com o favor do Governador se tirou pelos engenhos, se tornarão pera Lisboa.

Neste tempo lançarão os Hollandezes na ilha de Fernão de Noronha a gente de huma náu da India, em que vinha Dom Pedro Manoel, irmão do Conde da Atalaya, e por Capitão Antonio de Mello, dali em o batel da náu, e em huma caravella que lhes mandou o Governador Diogo Botelho forão aportar nús, e famintos ao Rio Grande, sem trazerem mais que alguma mui pouca pedraria, e ainda essa não guardada por seus donos, senão por alguns Indios escravos, os quaes sendo buscados pelos Hollandezes a engolião por não lha tomarem.

Não estava o Capitão do Rio Grande, que era João Rodrigues Colasso, ahi quando chegarão, que era ido a Pernambuco a dar ao Governador as boas vindas; porém não fez falta aos naufragantes, porque Donna Beatriz de Menezes, sua molher, filha de Henrique Moniz Telles, da Bahia, os hospedou, e banqueteou a todos os dias que ahi estiverão, e pera o caminho, que he despovoado athe á Parahyba, mandou seus escravos com canastras cheias de todo o necessario; chegados á Parahyba os agasalhou o Capitão Mór Francisco Pereira de Souza como poude, e deo hum vestido do seu de chamalote roxo a Dom Pedro Manoel, que lhe aceitou, e agradeceo, pela necessidade que tinha.

Dali vierão caminhando até Guaiena, que he da Capitania de Tamaracá, onde hum filho de Antonio Cavalcante, que estava no engenho do pae os agasalhou e banqueteou esplendidamente, e os acompanhou athe a Villa de Igarasú, na qual acharão o Almoxarife de Pernambuco Francisco Soares, que de mandado do Governador os foi aguardar com doces, e agoa fria, o Governador tambem os foi esperar hum quarto de legoa fora da Villa de Olinda, offerecendo a casa a Dom Pedro Manoel, que não a quiz aceitar, e se foi agasalhar no Collegio dos Padres da Companhia, donde o foi tirar com forçosos rogos Manoel Mascaranhas, e o levou pera a sua, que pera isso tinha mui ornada, largando-lha com todo o seu serviço, e passando-se para outra defronte; ao dia seguinte mandou Manoel Mascaranhas trazer muitas peças de seda, e pannos de casa dos mercadores á sua custa, e alfaiates que cortassem vestidos pera os que os quizessem, e não houve algum que engeitasse, porque todos tinhão necessidade, senão Dom Pedro Manoel, que contente com o que lhe havia dado o Capitão da Parahyba, disse que por quem havia tanto perdido em aquelle naufragio, aquelle lhe bastava athé o Reyno, como quem sabia que em pondo lá os pés a pessoa querião ver, e não os pannos, e assim casou logo com huma sobrinha do Arcebispo de Braga Dom Aleixo de Menezes, que o conhecia bem da India, onde foi Arcebispo de Goa, e lhe deo grande dote, e Sua Magestade lhe fez muitas mercês.

CAPITULO TRIGESIMO OITAVO

Da entrada, que fez Pero Coelho de Souza da Parahyba com licença do Governador á serra de Boappaba

Querendo Pero Coelho de Souza ver se podia recuperar a perda em parte, que com seu cunhado Fructuoso Barbosa recebera na Parahyba, e entendendo que, pois ElRei lha tomára por elles não poderem conquistal-a, podia correr com a conquista de outros rios, e terras adiante, especialmente da Serra de Boapaba, que era mais povoada de Gentio, pedio licença ao Governador Geral Diogo Botelho, e havendo-a alcançado mandou tres barcos com mantimentos,

polvora, e munições, que o fossem aguardar ao rio de Jaguarybe, e elle se partio da Parahyba por terra este mesmo anno de seiscentos e tres, em o mez de Julho, com sessenta e cinco soldados, dos quaes os principaes erão: Manoel Miranda, Simão Nunes, Martim Soares Moreno, João Cide, João Vaz Tataperica, Pedro Congatan, lingoa, e mais outro lingoa Francez chamado Tuim Mirim, e com duzentos Indios frecheiros, de que erão principaes Mandiopubba, Batatam, Caragatim, Tobajares, e Garaguinguira, Potiguar, caminhando por suas jornadas, chegarão ao rio Jaguaribe, onde acharão os barcos de mantimentos; dalli mandou o Capitão Pero Coelho hum soldado com setenta Indios a descobrir campo, os quaes tomarão hum que andava a comedia, do qual se soube que os seus estavão em arma, e em nenhum modo querião pazes com os brancos; comtudo o contentou o Capitão com fouces, machados, e facas, com que o mandou que os fosse apaziguar, como foi, e ao dia seguinte tornou em busca de hum nosso lingoa, com quem se entendessem, o qual lhe soube dizer taes cousas, e era Gentio tam facil, e desapropriado, que deixando suas casas e lavouras se vierão com molheres, e filhos, dizendo que não querião senão pazes com os brancos Christãos, e acompanhal-os por onde quer que fossem; o mesmo fizerão depois os da outra aldêa, á imitação destoutros, e forão todos marchando athé o Ceará, onde depois de alguns dias de descanço por causa da gente miuda, tornarão a marchar athé hum oiteiro, a que depois chamarão dos Cocos, porque huns sete ou oito, que plantarão, á tornada os virão nascidos com muito viço; e dalli forão á enseada grande do ambar, e á matta do páu de côres, que chamão Iburá quatiara, depois ao Camocy, que he a barra da Serra da Boapabba, pera a qual marcharão o seguinte dia, vespora de S. Sebastião, dezanove de Janeiro de mil seiscentos e quatro, antemanhã, e clareando o dia forão logo vistos dos inimigos, sem haver mais lugar que pera formar dous esquadrões, e a bagagem no meio, e outro esquadrão de parte com vinte soldados á ordem de Manoel de Miranda, pera dalli lançar mangas por onde fosse necessario, dezaseis soldados na retaguarda, e nove na vanguarda, em companhia do Capitão Mor Pero Coelho de Souza; nesta ordem forão recebidos meia legoa ao pé da Serra com muita frechada, e com sete mosquetes, que disparavão sete Francezes, e fazião muito damno, comtudo não deixarão de largar o campo com alguns mortos, porque os nossos o fizerão com muito animo e esforço, e com duas horas de sol se sitiou o nosso arraial athé ao pé da Serra, e se fez hum repairo de pedras por falta de madeiras, que por o fogo se não achava, por ser todo escalvado, e menos havia que cosinhar com o fogo, nem agoa para beber, pelo que começavão já a morrer algumas crianças, e sobretudo vindo a noite tornarão os inimigos do alto a tirar muitas frechadas, e pedradas de fundas, com que ferião os nossos, ralhando que festêjavão a sua vinda, porque serião senhores de captivos brancos, e outras cousas desta sorte; mas quiz Nosso Senhor que ás tres horas da noite veio hum grande chuveiro de agoa, com que cessou o das frechas, e pedras dos inimigos, e os nossos apla-

carão a sede, e pera ser a mercê maior virão em amanhecendo huma gruta donde procedia hum ribeiro de agoa, que os nossos Indios Christãos tiverão por milagre, e se puzerão todos de joelhos a dar graças a Deus, e o Capitão com esta alegria mandou matar hum cavallo, que ainda levava, pera confortar os soldados, que aos mais era impossivel chegar, porque entre grandes e pequenos erão mais de cinco mil almas.

Das dez horas por diante começarão os da Serra a tocar huma trombeta bastarda, á qual respondeo o nosso Francez Tuim Mirim com outra, e pedindo licença ao Capitão se foi a hum outeiro a fallar com os Francezes, onde logo descerão tres, e depois de se abraçarem, e saudarem, disserão que o principal Diabo Grande queria paz se lhe dessem Manoel de Miranda, e Pero Cangatá, e o petitorio era de huns mulatos e Mamalucos crioulos da Bahia, maiores diabos que o principal com quem andavão.

O Tuim Mirim lhe respondeo que não havia o Capitão fazer tal aleivosia, porque lhe seria mal contado de seu Rey, com a qual resposta se tornarão, e ás duas horas depois do meio dia desceo todo o Gentio da Serra, e batalharão athé á noite, que se tornarão á sua cerca ao alto, deixando muitos mortos dos seus, e dos nossos dezasete, e alguns feridos.

Pela manhã mandou o Capitão marchar o exercito pela Serra acima, indo elle por huma parte com a mais gente, e Manoel Miranda por outra com vinte e cinco homens; quando chegarão á cerca seria meio dia, e logo se começou a batalha cruelmente, por serem os de dentro ajudados por dezaseis Francezes, que com seus mosquetes pelejavão detraz de hum parapeito de pedra, mas vendo que os nossos os combatião por outras partes, e lhes matavão e ferião muita gente, abrirão a cerca e fugirão, morrendo sómente dous soldados dos nossos, e os outros se recolherão nas casas da cerca, que acharão muito bem providas de mantimentos, carnes, legumes, de que tinhão assáz necessidade, porque nem castanhas tinhão já, que era o com que athé alli se vierão sustentando; alli estiverão vinte dias, e no fim delles forão fazer guerra a outra cerca muito forte, que o Diabo Grande, com ajuda de outro principal mui poderoso chamado o Mel Redondo, fez hum quarto de legoa destoutra, onde posto que acharão grande resistencia, tambem a ganharão, e puzerão o inimigo em fugida athé á cerca do Mel Redondo, a que se acolherão por ser fortissima, com duas redes de madeiros mui grossos, e fortes, huma por dentro, outra por fóra, e tres guaritas, onde pelejavão os Francezes; o que visto pelo Capitão Pero Coelho de Souza, mandou fazer huns pavezes, que cada hum occupava vinte negros em o levar, e indo detraz delles a bagagem, e alguma gente, se chegarão a ajustar com a cerca, e a combaterão dous dias, onde nos matarão tres soldados brancos, e ferirão quatorze, fóra muitos Indios; mas emfim foi tomada, e dez Francezes, que estavão dentro, que os mais fugirão com o Gentio, e os nossos lhe forão no alcance quatro jornadas athé hum rio chamado Arabé, onde se alojou o nosso arraial, e dahi mandou o Capitão dar alguns assaltos,

e em poucos dias lhe trouxerão muito Gentio, e entre os mais hum principal chamado Ubauna, o qual era em aquella Serra tão estimado, que sabido pelos outros mandarão commetter pazes, com condição que lho dessem, e o Capitão lho prometteo, e deo aos embaixadores fouces e machados, com que ao dia seguinte vierão muitos principaes já de paz, e levarão o seu querido Ubauna.

Ultimamente dahi a tres dias veio o Mel Redondo, e o Diabo Grande com todo o Gentio, e antes que entrasse no arraial largarão suas armas em signal de paz, da qual mandou o Capitão Mor Pero Coelho fazer hum acto por hum escrivão, promettendo huns e outros de sempre a conservarem dali em diante.

Daqui forão todos juntos ao Punaré, e quiz Pero Coelho marchar mais quarenta legoas athé o Maranhão, o que os soldados não consentirão porque andavão já nús, e sobre isso o quizerão alguns matar; pelo que lhe foi necessario retirar-se ao Ceará, onde deixou Simão Nunes por Capitão com quarenta e cinco soldados, e se veio á Parahyba buscar sua molher, e familia pera se tornar a povoar aquellas terras, do que em chegando deo conta ao Governador Geral Diogo Botelho, e lhe mandou de presente os dez Francezes, e muito Gentio, pedindo juntamente ajuda e soccorro pera proseguir a conquista, que o Governador lhe prometteo mandar, e não mandou por depois ser informado que se captivavão por esta via os Indios injustamente, e os trazião a vender, e que seria melhor reduzil-os por via de pregação e doutrina dos Padres da Companhia, como depois tratou com o seu Provincial na Bahia, e nós trataremos outra vez deste successo em os Capitulos Quarenta e Dous, e Quarenta e Tres deste Livro.

CAPITULO TRIGESIMO NONO

Do zelo, que o Governador Diogo Botelho teve da conversão dos Gentios, e que se fizesse por ministerio de Religiosos

He tam necessario ao bom governo do Brasil zelarem os Governadores a conversão dos Gentios naturaes, e a assistencia dos Religiosos com elles, que se isto viesse a faltar seria grande mal, porque como estes Indios não tenhão bens que perder, por serem pobrissimos, e desapropriados, e inconstantes, que os leva quem quer facilmente, se espalhão donde não podem acudir aos rebates dos inimigos, como acodem das Doutrinas em que os Religiosos os tem juntos, e principalmente contra os negros de Guiné, escravos dos Portuguezes, que cada dia se lhe rebellão, e andão salteando pelos caminhos, e se o não fazem peior he com medo dos ditos Indios, que com hum Capitão Portuguez os buscão, e os trazem presos a seus senhores.

Entendendo isto bem o Governador Diogo Botelho apertou muito com o nosso Custodio, que então era, que pois doutrinavamos os Tobajares / do que os Potiguares estavão mui invejosos |, désse tambem ordem, e ministros, que os doutrinassem, pois essa foi a principal condição com que aceitarão as pazes na Parahyba, e havia cinco annos que os entretinhamos dizendo-lhes que fizessem primeiro igrejas, ornamentos, sinos, e o mais, que era necessario, e vendo que o Custodio se excusava por não ter Frades peritos na lingoa Brasilica, escreveo a Sua Magestade, e ao nosso Ministro Provincial grandes; pelo que vindo do Reyno o Irmão custodio Frey Antonio da Estrella, veio sobre isto muito encarregado, e ordenou tres Doutrinas pera os Potiguares da Parahyba, além das duas que tinhamos dos Tobajares, onde já tambem havia alguns Potiguares casados, pondo quatro Religiosos em cada huma, porque como era tanto o Gentio, além das aldêas em que residião os Frades tinhão outras muitas de visita, era necessario andarem sempre dous por ellas, doutrinando-os e baptizando os enfermos, que estavão in extremis, que forão mais de sete mil, fóra as crianças, e adultos catecumenos, que forão quarenta e cinco mil, como consta dos livros dos baptizados emquanto os tivemos a nosso cargo, confesso que he trabalho labutar com este Gentio com a sua inconstancia, porque no principio era gosto ver o fervor e devoção, com que acudião á igreja, e quando lhes tangião o sino á doutrina ou á missa corrião com hum impeto e estrepito, que parecião cavallos : mas em breve tempo começarão a esfriar de modo que era necessario leval-os á força, e se ião morar nas suas roças, e lavouras, fóra da aldêa, por não os obrigarem a isto; só acodem todos com muita vontade nas festas em que ha alguma ceremonia, porque são mui amigos de novidades, como dia de S. João Baptista, por causa das fogueiras, e capellas, dia da Commemoração Geral dos defuntos, pera offertarem por elles, dia de Cinza, e de Ramos, e principalmente pelas Endoenças, pera se disciplinarem, porque o tem por valentia, e tanto he isto assim, que hum principal chamado Iniaobba, e depois de Christão Jorge de Albuquerque, estando abzente em a Semana Santa, chegando á aldêa nas Oitavas da Paschoa, e dizendo-lhe os outros que se havião disciplinado grandes e pequenos, se foi ter comigo, que então ali presidia, dizendo « como havia de haver no mundo que se disciplinassem athé os meninos, e elle sendo tam grande valente / como de feito era / ficasse com o seu sangue no corpo sem o derramar, » respondi-lhe eu que todas as cousas tinhão seu tempo, e que nas Endoenças se havião disciplinados em memoria dos açoutes que Christo Senhor Nosso por nós havia padecido, mas que já agora se festejava sua gloriosa Resurreição com alegria, e nem com isto se aquietou, antes me poz tantas instancias dizendo que ficaria deshonrado e tido por fraco, que foi necessario dizer-lhe fizesse o que quizesse, com o que logo se foi açoutar rijamente por toda a aldêa, derramando tanto sangue das suas costas quanto os outros estavão por festa mettendo de vinho nas ilhargas.

CAPITULO QUADRAGESIMO

De como o Governador veio de Pernambuco pera a Bahia, e mandou o Zorobabe, que se tornava com os seus Potiguares pera Parahyba, désse de caminho nos negros de Guiné fugidos, que estavão nos palmares do rio Itapucurú, e de como se começarão as pescarias das balêas

Depois de estar o Governador Diogo Botelho hum anno ou mais em Pernambuco, se veio pera esta Bahia, e com a sua chegada se partio Alvaro de Carvalho pera o Reyno. Estão as casas de ElRey, em que os Governadores morão, defronte da praça, no meio da qual estava o pelourinho, donde o Governador o mandou logo tirar pera o passar a outra parte onde o não visse, porque dizia que se entristecia com a sua vista, lembrando-se que estivera já ao pé de outro pera ser degolado por seguir as partes do Senhor Dom Antonio, culpa que Sua Magestade lhe perdoou por casar com huma irmã de Pedro Alvares Pereira, que era Secretario na Côrte; e não só elle, que tinha este odio ao pelourinho, mas nenhum de seus successores o levantou mais, nem o ha nesta cidade, sendo assim que me lembra haver lido hum terremoto, e tormenta de fogo que houve em Baçaim, que não ficou templo nem casa, que não cahisse, senão o pelourinho, e no Capitulo dos Frades a parede em que estavão as varas com que açoutão, pera mostrar que primeiro devem faltar os povos e Cidades, que o castigo das culpas.

Á sua chegada estavão já de partida o Zorobabe com os seus Potiguares pera a Bahia, donde havião vindo á guerra dos Aymorés, como dissemos no Capitulo Trinta e Tres deste Livro, e informado o Governador de hum mocambo ou magote de negros de Guiné fugidos, que estavão nos palmares do rio Itapucurú, quatro legoas do Rio Real para cá, mandou-lhes que fossem de caminho dar nelles, e os apanhassem ás mãos, como fizerão, que não foi pequeno bem tirar dali aquella ladroeira, e colheita, que ia em grande crescimento; mas poucos tornarão a seus donos, porque os Gentios matarão muitos, e o Zorobabe levou alguns, que foi vendendo pelo caminho para comprar huma bandeira de Campo, tambor, cavallo, e vestidos, com que entrasse triumphante na sua terra, como diremos em outro Capitulo, que agora neste será tratarmos de como se começou nesta Bahia a pescaria das balêas.

Era grande a falta que em todo o Estado do Brasil havia de graxa ou azeite de peixe, assim pera reboque dos barcos e navios, como pera se alumiarem os engenhos, que trabalhão toda a noite, e se houverão de alumiar-se com azeite doce, conforme o que se gasta, e os negros lhe são muito affeiçoados, não bastara todo o azeite do mundo. Algum vinha do Cabo vender, e de Biscaia por via de Vianna, mas era tam caro, e tam pouco, que muitas vezes era necessario usarem do azeite doce, misturando-lhe destoutro amargoso, e

fedorento, pera que os negros não lambessem os candeeiros, e era huma pena como a de Tantalo padecer esta falta, vendo andar as balêas, que são a mesma graxa, por toda esta Bahia, sem haver quem as pescasse, ao que acudio Deus, que tudo rege, e provê, movendo a vontade a hum Pedro de Orecha, Biscainho, que quizesse vir fazer esta pescaria; este veio com o Governador Diogo Botelho do Reyno no anno de mil seiscentos e tres, trazendo duas náus a seu cargo de Biscainhos, com os quaes começou a pescar, e ensinados os Portuguezes, se tornou com ellas carregadas, sem da pescaria pagar direito algum, mas já hoje se paga, e se arrenda cada anno por parte de S. Magestade a huma só pessoa, por seiscentos mil réis pouco mais ou menos, pera lustro de Ministros: e porque o modo desta pescaria he pera ver mais que as justas todas e torneios, a quero aqui descrever por extenso.

Em o mez de Junho entra nesta Bahia grande multidão de balêas, nella parem, e cada balêa pare hum só, tam grande como hum cavallo, em o fim de Agosto se tornão pera o mar largo, e em o dia de S. João Baptista começão a pescaria, dizendo primeiro huma missa em a Ermida de Nossa Senhora de Montserrate, na ponta de Tapuippe, a qual acabada o Padre revestido benze as lanchas, e todos os instrumentos, que nesta pescaria servem, e com isto se vão em busca das balêas, e a primeira cousa que fazem é arpoar o filho, a que chamão baleato, o qual anda sempre em cima da agoa brincando, dando saltos como golfinhos, e assim com facilidade o arpoão com hum arpéo de esgalhos posto em huma hastea, como de hum dardo, e em o ferindo e prendendo com os galhos puxão por elle com a corda do arpéo, e o amarrão, e atracão em huma das lanchas, que são tres as que andão neste ministerio, e logo da outra arpoão a mãe, que não se aparta do filho, e como a balêa não tem ossos mais que no espinhaço, e o arpéo he pesado, e despedido de bom braço, entra-lhe athé o meio da hastea, sentindo-se ella ferida corre, e foge huma legoa, ás vezes mais, por cima da agoa, e o arpoador lhe larga a corda, e a vai seguindo athé que cance, e cheguem as duas lanchas, que chegadas se tornão todas tres a pôr em esquadrão, ficando a que traz o baleato no meio, o qual a mãe sentindo se vem pera elle, e neste tempo da outra lancha outro arpoador lhe despede com a mesma força o arpéo, e ella dá outra corrida como a primeira, da qual fica já tam cançada, que de todas as tres lanchas a lanceião com lanças de ferros feitos a modo de meias luas, e a ferem de maneira que dá muitos bramidos com a dor, e quando morre bota pelas ventas tanta quantidade de sangue pera o ar, que cobre o sol, e faz huma nuvem vermelha, com que fica o mar vermelho, e este he o signal que acabou, e morreo, logo com muita presteza se lanção ao mar cinco homens com cordas de linho grossas, e lhe apertão os queixos e bocca, porque não lhe entre agoa, e a atracão, e amarrão a huma lancha, e todas tres vão vogando em fileira athé a ilha de Taparica, que está tres legoas fronteira a esta Cidade, onde a mettem em o porto chamado da Cruz, e a espostejão, e fazem azeite.

Gasta-se de soldadas com a gente que anda neste ministerio, os dous mezes que dura a pescaria, oito mil cruzados, porque a cada arpoador se dá quinhentos cruzados, e a menor soldada que se paga aos outros he de trinta mil réis, fora comer, e beber de toda a gente; porém tambem he muito o proveito, que se tira, porque de ordinario se matão trinta ou quarenta balêas, e cada huma dá vinte pipas de azeite pouco mais ou menos, conforme he a sua grandeza, e se vende cada huma das pipas a dezoito ou vinte mil réis, além do proveito que se tira da carne magra da balêa, a qual fazem em cobros, e tassalhos, e a salgão e põem a secar ao sol, e seca a mettem em pipas, e vendem cada huma por doze ou quinze cruzados, e nisto se não occupa a gente do azeite, que são de ordinario sessenta homens entre brancos e negros, os quaes lhe são mais affeiçoados que a nenhum outro peixe, e dizem que os purga, e faz sarar de boubas, e de outras enfermidades, e frialdades, e os senhores, quando elles vêm feridos das brigas, que fazem em suas bebedices, com este azeite quente os curão, e sarão melhor que com balsamos.

Mas com se haver morto tanta multidão de balêas, em nenhuma se achou ambar, que dizem ser o seu mantimento, nem era do mesmo talho, e especie, outra que sahio morta ha poucos annos nesta Bahia, em cujo bucho e tripas se acharão doze arrobas de ambar gris finissimo, fóra outro que tinha vomitado na praia.

CAPITULO QUADRAGESIMO PRIMEIRO

De como *Zorobabé* chegou á Parahyba, e por suspeito de rebellião foi preso, e mandado ao Reyno

Já no Capitulo Trigesimo Nono deste Livro disse como Zorobabé indo da guerra dos Aymorés pera a Parahyba deo de caminho, por mandado do Governador, no mocambo dos negros fugidos, matou alguns, e prendeo outros, de que levou os que quiz, e os foi vender aos brancos, com que comprou bandeira de Campo, tambor, cavallo, e vestidos pera entrar triumphante em a sua terra, da qual o vierão esperar ao caminho alguns Potiguares quarenta legoas, outros a vinte, e a dez, abrindo-lho, e limpando-lho a enxada. Só o Braço de Peixe, que era Gentio Tobajar, se deixou estar com os seus na sua aldêa, e porque o Zorobobé determinou passar por ella lhe mandou dizer que sahisse a esperal-o á entrada, pois os mais o havião feito tão longe, ao que respondeo o velho, ainda que já centenario, que fóra de guerra nunca fôra esperar ao caminho senão damas, e pois elle não era dama, nem vinha dar-lhe guerra, não se levantaria da sua rede, com a qual resposta o Zorobabé passou de largo, e foi jantar ao rio Nhioby, meia legoa da sua aldêa, por onde caminhava.

Dali mandou tambem recado aos nossos Religiosos, que nella assistião, que lhe mandassem huma dansa de conumis, que erão os meninos da escola, e lhe enramassem a igreja, e abrissem a porta, porque havia de entrar nella.

O Presidente dos Religiosos respondeo ao embaixador que os meninos com o alvoroço da sua vinda andavão todos espalhados, que a igreja não se enramava senão á festa dos Santos, mas que a porta estava aberta: entrou elle á tarde a cavallo, bem vestido, e acompanhado com sua bandeira, e tambor, e hum Indio valente com espada nua esgrimindo diante, e fazendo afastar a gente, que era innumeravel.

Com este triumpho passou pelo terreiro da igreja, e sem entrar nella se foi metter em casa, mas logo veio hum parente seu, que já era Christão, e se chamava Diogo Botelho, e athé então havia governado a aldêa, em seu lugar, a desculpal-o com os Religiosos, que não entrara na igreja por vir bebado, porém que viria o dia seguinte, como fez, mandando primeiro pôr no cruzeiro cinco cadeiras, e a do meio, em que elle se assentou, estava coberta de alto a baixo com hum lambel grande de lã listrado, nas outras se assentarão o dito seu parente, e os principaes das outras aldêas, que vierão receber, dos quaes era hum o Mequiguassú, principal em outra aldêa, que já era Christão, e se chamava Dom Philippe, ali lhe forão os Religiosos dar as boas vindas, e o levarão pera dentro, á escola onde se ensinão os meninos, em que os assentos erão huns rolos, e pedaços de páus, em que se assentarão, mas logo o Zorobabé se enfadou, e quizera ir-se se o Presidente o não detivera, dizendo-lhe que via ali junto todo o Gentio da Parahyba, e muitos Portuguezes, e que não ião a outra cousa, segundo todos dizião, senão a saber sua determinação, pelo que elle queria o dia seguinte, que era domingo, pregar-lhes, e porque na pregação se não podia dizer senão a verdade, a queria saber delle neste particular, por isso que não lha negasse; ao que respondeo que sua determinação era ir dar guerra ao Milho Verde, que era hum principal do sertão, que lhe havia morto hum sobrinho Christão chamado Francisco, e pelo seu nome antigo Aratibá, que seu irmão o Páu Seco havia mandado a dar-lho guerra, e pois elle por morte do pae, e filho entrava agora no governo, a queria continuar, e tomar a vingança; o Presidente lhe disse que já erão vassallos de ElRey, e não podião fazer guerra justa sem ordem sua, e do seu Governador Geral nestes Estados; e além disso, que bem sabia a condição dos seus, que tanto que a guerra fosse apregoada havião de largar a agricultura, e como á guerra não havião de ir as molheres, nem os velhos, e meninos, ficarião morrendo de fome, pelo que se lhe parecesse pregaria que roçassem, e plantassem primeiro, e que esta fosse tambem a sua falla, pera que se aquietassem, no que elle consentio, e assim se tornarão ás suas aldêas quietos.

O Zorobabé foi tambem visitado de muitos brancos da Parahyba, com boas peroleiras de vinho, e outros presentes, ou por seus interesses de Indios, por seus serviços, e empreitadas, ou por temor que tinhão da sua rebellião, por

o verem tam pujante, o qual temor era tam grande que o Capitão da Parahyba, excitado dos de Tamaracá, e Pernambuco, não cessava de escrever ao Presidente que vigiasse, porque se dizia estar o Gentio rebellado com a ida deste principal, o que os Religiosos não sentião em algum modo, porque o achavão mui obediente, só se queixou huma vez que não ião á sua casa, como fazião os mais moradores da Parahyba, ao que responderão os Religiosos que não ião lá porque não era Christão, e tinha muitas molheres, e elle disse que cedo as largaria, e ficando com só huma se baptizaria, que já pera isto tinha mandado criar muitas gallinhas, porque elle não era vilão como os outros, que comião nas suas bodas, e baptismo carne de vacca, e caças do matto, mas que o seu banquete havia de ser de gallinhas, e aves de penna: comtudo, quando se embebedava era inquieto e revoltoso, e foi crescendo tanto o medo nos Portuguezes, que o prenderão e mandarão a Alexandre de Moura, Capitão mór de Pernambuco, e dahi ao Governador, os quaes na prisão lhe derão por muitas vezes peçonha na agoa e vinho, sem lhe fazer algum damno, porque dizem que receioso della bebia de madrugada a sua propria camara, e que com esta triaga se preservava e defendia do veneno; finalmente o mandarão pera Lisboa, donde por ser porto de mar, do qual cada dia vem navios pera o Brasil, em que podia tornar-se, o mandarão aposentar em Evora Cidade, e ahi acabou a vida, e com ella as suspeitas da sua rebellião.

CAPITULO QUADRAGESIMO SEGUNDO

Do que aconteceo a huma náu Flamenga, que por mercancia ia á Capitania do Espirito Santo carregar de páu brasil

Costumavão ir ao Brasil urcas Flamengas despachadas, e fretadas em Lisboa, Porto, e Vianna com fazendas da sua terra, e de mercadores Portuguezes, pera levarem assucar, entre as quaes foi huma á Capitania do Espirito-Santo, e pedio o Capitão della ao Superior da casa dos Padres da Companhia, que ali tem Doutrina de Indios a seu cargo, que lhe mandassem fazer por elles huma carga de páu brasil na aldêa de Reritiba, onde ha muito, e tem bom porto, e o anno seguinte tornaria a buscal-o, e lhes trarião a paga em ornamentos pera a igreja, ou no que quizessem; deo o Padre conta disto ao Procurador, que ali estava, dos contractadores do páu, e com o seu beneplacito se fez na dita aldêa, porém sendo ElRey informado que por essas urcas serem mais fortes, e artilhadas, todos querião carregar antes nellas, e cessava a navegação dos navios Portuguezes, e quando os quizesse pera armadas não os teria, nem homens que soubessem a arte de navegar, parecendo-lhe bem esta razão a ElRey, e outras que o moverião, escreveo ao Governador Diogo Botelho, e aos

mais Capitães, não consentissem mais em suas Capitanias entrar navio algum de estrangeiros por via de mercancia, nem por outra alguma, mas os mettessem no fundo, e perseguissem como a inimigos.

Depois desta prohibição chegou o Flamengo á barra do Espirito-Santo, e não achou já o Padre Superior, por ser mudado pera o Rio de Janeiro, senão outro, que lhe não fallou a proposito, foi-se á aldêa onde o páu estava junto, e porque tambem os Padres, que lá estavão, lho não deixarão carregar, tomou quatro Indios, e se foi ao Cabo Frio desembarcar, e dali por terra disfarçado a fallar com o Padre no Collegio do Rio de Janeiro, o qual lhe disse que não tratasse disso, porque ElRey o tinha prohibido, antes se tornasse com toda a cautela, porque se Martim de Sá, Governador do Rio, o sabia, lhe custaria a vida; não se tornou com tanto segredo o Flamengo, que Martim de Sá o não soubesse, e assim mandou logo cinco canoas grandes com muitos homens brancos, e Indios frecheiros, e seu tio Manoel Corrêa por Capitão, o qual chegou ao Cabo Frio a tempo que os achou em terra com alguns Flamengos, carregando a lancha de páu brasil, que ali estava feito, e lha tomou, e prendeo a todos, voltando outra vez pera o Rio de Janeiro, onde não achou o sobrinho, que era ido por terra ao mesmo Cabo Frio, e quando lá chegou, e não achou as canoas pera ir tomar a náu, que estava ao pego, se tornou com muita colera, e aprestou brevemente quatro navios, que estavão á carga, e sahio em busca da náu dos Flamengos, que já andava á vela, mandou-lhes fallar pelo seu mesmo Capitão, que levava preso, que não atirassem, e se deixassem abalroar, e elles assim o fizerão mettidos todos debaixo da xoreta, sem apparecer algum; houve Portuguezes que a quizerão desenxarcear, ou cortar-lhe os mastos; respondeo Martim de Sá que a náu era já sua, e não a queria sem mastos e enxarcea.

Era isto já de noite, e os nossos passavão por cima da xareta como por sua casa, quando os Flamengos e Indios, que com elles ião, começarão a pical-os debaixo com os piques, e da proa, e popa dispararão duas roqueiras cheias de pedras, pregos, e pelouros, com que fizerão grande espalhafato, matarão alguns, e ferirão tantos, que os obrigarão deixar-lhe a náu, e irem-se curar á Cidade. Os Flamengos, que se virão livres, se forão á ilha de Santa Anna quinze legoas do Cabo Frio pera o Norte, a tomar agoa, de que estavão faltos, e ha ali boas fontes, e bom surgidouro pera náus, e porque não tinhão batel fizerão huma prancha em que forão cinco com os barris á terra, e pondo hum no pico da ilha a vigiar o mar, os quatro enchião os barris, e os ião levando poucos e poucos.

Não ficavão na náu mais que outros quatro homens, e dous moços, porque a mais gente lhes havião levado as canoas, o que considerado pelos Indios, que tambem erão quatro, remetteo cada hum a seu com facas e treçados, e como estavão descuidados facilmente forão mortos, os dous moços grumetes reservarão feichando-os na camera, porque não avisassem aos da agoa, quando

viessem, e porque depois os ajudassem na navegação; e assim em chegando os da agoa a bordo os matarão, e cortadas as amarras largarão as velas ao vento Sul, que então ventava e era em popa, pera a sua aldêa, mas como não sabião navegar aos bordos, e estando já perto della se virou o vento ao Nordeste, tornarão a voltar pera o Cabo Frio, passarão-no, e ião perto da barra do Rio de Janeiro, quando outra vez lhe ventou o Sul, e como do Cabo Frio ao Rio corre a Costa de Leste a Oeste, e o Sul lhe fica travessão, ali deo a náu atravez, e se fez em pedaços, salvando-se todavia os Indios a nado, que levarão a nova á Martim de Sá, o qual posto que já tinha acabado o seu governo, porque em aquelle mesmo dia entrou seu successor Affonso de Albuquerque, ainda com seu beneplacito foi vêr se podia salvar algumas fazendas das que sahião pela Costa, mas poucas se aproveitarão, por virem todas dos mares danadas e desfeitas.

CAPITULO QUADRAGESIMO TERCEIRO

Da segunda jornada, que fez Pero Coelho de Souza á Serra de Boapabba, e ruim successo que teve

O Capitão Pero Coelho de Souza, de quem tratamos em o Capitulo Trinta e Sete, se partio com molher e filhos em huma caravella, e foi desembarcar em Syará, onde havia deixado o Capitão Simão Nunes com os soldados, que ali estiverão anno e meio, em hum forte de taypa, que fizerão aguardando o soccorro do Governador, o qual como não chegasse, e houvesse já muita falta de roupas, e mantimentos, requererão os soldados que se retirassem ao rio de Jaguaribe, donde, por ser mais perto de povoado, poderião ir pedir o soccorro, o que por ventura fizerão, pera de lá lhe ficar mais perto, e facil a fugida, que fizerão, porque logo Simão Nunes pedio licença ao Capitão Mór pera passar da outra banda do rio a comer fructa, e como lá se virão não se curarão de colher fructa senão de se acolherem, o que visto pelo Capitão, e que lhe não ficavão mais que dezoito soldados mancos, e por isso não forão com os outros, e dos Indios só hum chamado Gonçalo, porque tambem os mais fugirão, determinou tornar-se pera sua casa, e com este, e com alguns soldados menos mancos ordenou huma jangada de raizes de mangues, em que poucos e poucos passarão todos o rio, e como o tiverão passado, mandou marchar cinco filhos diante, dos quaes o mais velho não passava de dezoito annos, logo os soldados, e detraz elle e sua molher, todos a pé, logo nesta primeira jornada a sentir o trabalho, porque, tanto que a calma começou a cahir, não havia quem pudesse pôr o pé na arêa de quente, começava já o choro das crianças, os gemidos da molher, e lastima dos soldados, e o Capitão fazendo seu officio, animando, e dando coragem a todos.

No segundo dia já o Capitão carregava dous filhos pequenos ás costas por não poderem andar, e começavão as queixas de sede, que se não remediou senão ao terceiro dia por noite em hua cacimba, ou poço de agoa doce junto de outras duas salgadas, mas não havendo mais espaço de entre ellas que de duas braças; ali se detiverão dous dias, e encheo o Indio Gonçalo dous cabaços de agoa, com que se partirão, e caminharão algum tempo, com muito trabalho, e risco de Tapuyas inimigos, que por ali andão, e lhes vião os fumos; mas o peior inimigo era a fome e sêde, com que começarão a morrer os soldados; o primeiro foi hum carpinteiro, com o qual os que já não podião andar disserão ao Capitão que os deixasse ficar, que com morrer acabarião seus trabalhos, como acabava aquelle, mas o Capitão os animou, dizendo que fossem por diante, que Deus lhe daria forças pera chegarem aonde houvesse agoa, e de comer, com isto se levantarão, e caminharão athe morrer outro, ali se pôz Donna Thomazia, molher do Capitão, a dizer tantas lastimas, que parece se lhe desfazia o coração, vendo que tinha todos seus filhos ao redor de si, e pegando della do menor, athe o maior, dizião que athé ali bastavão caminhar que tambem querião morrer com aquelle homem, porque já não podião soffrer tanta sêde, e ella derramando de seus dous olhos dous rios de lagrimas, que bem puderão matar-lhe a sêde, se não forão salgadas, disse ao marido fosse e salvasse a vida, porque ella não queria já outra senão morrer em companhia de seus filhos, os soldados huns rebentarão a chorar, outros a pedir-lhe que quizesse caminhar; o Capitão dissimulando a dôr o mais que poude, disse que dali a pouco espaço estava huma cacimba de agoa, e com esta esperança tornarão a caminhar pera a agoa amargosa, que assim se chamava aquella cacimba pelo amargor da agoa, pelo que chegando a ella não houve quem a bebesse, e forão caminhando pera outra, que chamão a boa maré, passando meia legoa de mangues com lodo athe a cinta, onde acharão huns caranguejos chamados Oratús, e como athe ali se não sustentavão senão em raizes de arvores; e de hervas, pegando dos caranguejos os comião crus, com tanto gosto como se fora algum guisado muito saboroso, e muito mais depois que chegarão á cacimba de agoa, onde descansarão alguns dias.

Dali marcharão pera as salinas muitos dias, e estando nellas virão passar o barco, em que ião os Padres da Companhia, que era o soccorro que o Governador lhes mandava, mas não lhe puderão fallar, mas caminhando avante da sallina, morreo o filho mais velho ao Capitão, que era o lume de seus olhos, e de sua mãe; o que cada qual delles fez neste passo deixo á consideração dos que lerem; aqui erão já os soldados do parecer das crianças, dizendo que athé ali bastava, e sem duvida o fizerão, se a molher do Capitão, esforçando-se pera os animar, lhe não pedira que quizessem caminhar, pois tambem as crianças, o que elles começavão a fazer por seus rogos, mas estavão tam fracos que o vento os derribava, e assim se ião deitando pela praia athe que o Capitão, que se havia adiantado cinco ou seis legoas com dous soldados mais

valentes a buscar agoa, tornou com dous cabaços della, com que os refrigerou pera poderem andar mais hum pouco, donde virão pela praia vir huns vultos de pessoas, e era o Padre Vigario do Rio Grande, o qual pelo que lhe disserão os soldados fugidos os vinha esperar com muitos Indios, e redes pera os levarem, muita agoa e mantimentos, e hum crucifixo em a mão, que em chegando deo a beijar ao Capitão, e aos mais, o que fizerão com muita devoção, e alegria, com muitas lagrimas, não derramando menos o Vigario, vendo aquelle espectaculo, que não parecião mais que caveiras sobre ossos, como se sóe pintar a morte, e com muita caridade os levou, e teve no Rio Grande, athe que se forão pera a Parahyba, donde Pero Coelho de Souza se foi ao Reyno requerer seus serviços, e depois de gastar na Côrte de Madrid alguns annos sem haver despacho, se veio viver a Lisboa, sem tornar mais á sua casa.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUARTO

Da missão, e jornada, que por ordem do Governador Diogo Botelho fizerão dous Padres da Companhia á mesma Serra de Boapaba, e como deferia aos rogos dos Religiosos

Não só zelou o Governador a conversão dos Gentios, que já estavão de paz na Parahyba, e pedião doutrina, como dissemos, mas tambem dos que ainda estavão na cegueira de sua infidelidade, e assim logo depois que veio pera a Bahia pedio ao Padre Provincial da Companhia Fernão Cardim mandasse dous Padres a pregar-lhes á Serra da Boapaba, onde o Capitão Pero Coelho de Souza andava, porque com isso se escusarião as guerras, que lhes fazião, e o custo dellas, e se conseguiria o fim, que se pertendia, que era sua paz, e amizade, pera se poderem povoar as terras, o que o Provincial logo fez, enviando os Padres Francisco Pinto, varão verdadeiramente religioso, e de muita oração, e trato familiar com Deus, entendendo em os costumes, e lingoas do Brasil, e Luiz Figueira, adornado de letras, e de dons da natureza, e de graça.

Estes se partirão de Pernambuco o anno de mil seiscentos e sete, em o mez de Janeiro, com alguns Gentios das suas Doutrinas, ferramenta, e vestidos com que os ajudou o Governador pera darem aos barbaros. Começarão seu caminho por mar, e proseguirão ao longo da Costa cento e vinte legoas pera o Norte athe o rio de Jagaribba, onde desembarcarão: dahi caminharão por terra, e com muito trabalho outras tantas legoas, athé os montes de Ibiapána, que será outras tantas aquem do Maranhão, perto dos barbaros, que buscavão, mas acharão o passo impedido de outros mais barbaros e crueis do Gentio Tapuia, aos quaes tentearão os Padres pelos Indios seus companheiros com dadivas,

pera que quizessem sua amizade, e os deixassem passar adiante, porém não quizerão, mas antes matarão os embaixadores, reservando sómente hum moço de dezoito annos, que os guiasse aonde estavão os Padres, como o fez, e seguindo-os muito numero delles, sahindo o Padre Francisco Pereira da sua tenda, onde estava resando, a ver o que era, por mais que com palavras cheias de amor, e benevolencia os quiz quietar, e os seus poucos Indios com as frechas pretendião defendel-o, elles com a furia com que vinhão matarão o mais valente, com que os mais não puderão resistir-lhe, nem defender o Padre, que lhe não dessem com hum páu roliço taes e tantos golpes na cabeça, que lha quebrarão, e o deixarão morto, o mesmo quizerão fazer ao Padre Luiz Figueira, que não estava longe do companheiro, mas hum moço da sua companhia sentindo o ruido dos barbaros o avisou, dizendo em lingoa Portugueza: « Padre, Padre, guarda a vida, » e o Padre se metteo á pressa em os bosques, onde guardado da Divina Providencia o não puderão achar, por mais que o buscarão, e se forão contentes com os despojos, que acharão dos ornamentos, que os Padres levavão para dizer missa, e alguns outros vestidos, e ferramentas pera darem, com o que teve lugar o Padre Luiz Figueira de recolher seus poucos companheiros, espalhados com medo da morte, e de chegar ao lugar daquelle ditoso sacrificio, onde acharão o corpo estendido, a cabeça quebrada, e desfigurado o rosto, cheio de sangue e lodo, limpando-o, e lavando-o, e composto o defuncto em huma rêde, em lugar de ataude, lhe derão sepultura ao pé de hum monte, que não permettia então outro aparato maior o aperto em que estavão: porem nem Deus permittio que estivesse assim muito tempo, antes me disse Martim Soares, que agora he Capitão daquelle districto, que o tinhão já posto em huma igreja, onde não só dos Portuguezes, e Christãos, que ali morão, he venerado, mas ainda dos mesmos Gentios.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUINTO

De como o Governador Dom Diogo de Menezes veio governar a Bahia, e presidio no Tribunal, que veio, da Relação

Só hum anno se deteve o Governador Dom Diogo de Menezes em Pernambuco, porque teve aviso de hum galeão, que arribou a esta Bahia, indo pera a India, e posto que logo mandou o Sargento Mór do Estado Diogo de Campos Moreno, com ordem de se concertar e prover de mantimentos, e do mais que lhe fosse necessario, como em effeito se fez, gastando-se em o apresto della da Fazenda de Sua Magestade nove mil cruzados, que deu o Contractador dos dizimos, que então era Francisco Tinoco de Villa Nova, e comtudo não quiz o Governador faltar com sua presença, porque nada faltasse ao dito

galeão, pera seguir sua viagem, como seguio, mas por ir tarde, e achar ventos contrarios deo á costa em a terra do Natal, salvando-se só a gente que coube no batel, em que forão á India, donde tornarão os marinheiros em outra náu, que o anno seguinte se veio perder nesta Bahia, de que diremos em outro Capitulo.

Tratando agora do Tribunal da Relação, que este anno veio do Reyno, em que o Governador presidio, e depois os mais Governadores seus successores; veio por Chanceller desta casa Gaspar da Costa, que em breve tempo morreo, e lhe succedeo no cargo Ruy Mendes de Abreu, e como era cousa nova esta no Brasil, e athé este tempo se administrava a justiça só pelos juizes ordinarios da terra, e hum Ouvidor Geral, que vinha do Reyno de tres em tres annos, e quando a gravidade do caso o pedia se lhe ajuntava o Governador com o Provedor Mór dos defuntos, que era letrado, e os mais que lhe parecia, não deixou de haver pareceres no povo / cousa mui annexa a novidades /, dizendo huns que fossem bem vindos os Desembargadores, outros que elles nunca cá vierão; porem depois que tiverão experiencia da sua inteireza no julgar, e expediencia nos negocios, que dantes hum só não podia ter, não sei eu quem pudesse queixar-se com razão, senão o juizo ecclesiastico, porque erão nesta materia demasiadamente nimios, e á conta de defenderem a jurisdicção de ElRey, totalmente extinguião a da Igreja, o que Deus não quer, nem o proprio Rey, antes ElRey Dom Sebastião, que Deus tenha no Ceo, mandou que em todo o seu Reyno se guardasse o Concilio Tridentino, o qual manda aos Bispos que na execução de suas sentenças contra clerigos, e leigos, não usem facilmente de excommunhões, senão que primeiro prendão e procedão por outras penas, pelos seus Ministros, ou por outros, e quando já sobre isto haja algum doutor que escrevesse o contrario, parece que não he bastante emquanto outro Rey, ou outro Concilio / que bem necessario era juntar-se sobre isto / o não revogue, porque se hão de julgar aggravados os amancebados, alcoviteiros, onzeneiros, e os mais que por elles aggravão dos juizes ecclesiasticos, e que não obedeção a suas penas, ainda que sejão censuras? de que effeito he logo a jurisdicção ecclesiastica? ou porque chamão a estes casos misti fori, se ainda depois de preventa se hão de entremetter a perturbar esta, e defender os culpados, pera que se fiquem em suas culpas; não foi por certo esta a razão porque se chamarão mixti fori, senão porque andassem á porfia a quem primeiro os pudesse castigar, emendar, e extirpar da terra; não nego que quando os juizes ecclesiasticos procedem contra as regras de Direito, deve o secular desaggravar o réo, mas fóra dahi não deve, nem ElRey se serve, nem Deus, que pelo que não importa se estorve a correição dos males, e se perturbe a paz entre os que a devem zelar, como se fez depois que veio a Relação ao Brasil, e particularmente na Bahia, onde ella residia, e custava tam pouco aos aggravantes com razão, e sem ella, seguirem seus aggravos, e o ecclesiastico tem o remedio tam longe pera seus emprasamentos quanto ha

daqui ao Reyno, que são mil e quinhentas legoas ou mais; e assim chegou o Bispo deste Estado Dom Constantino de Barradas a termo de não ter quem quizesse servir de Vigario Geral.

Huma cousa vi nesta materia com a qual concluirei o Capitulo / posto que em outro me hade ser forçado tornar a ella /, e foi que tendo o dito Bispo declarado por excommungado nominatim a hum homem, aggravou pera a Relação, e sahio, que era aggravado, e não se obedecesse á excommunhão menor, que se incorre por tratar com os taes, e fugião por não se encontrar, e fallar com elle, mandou-se lançar bando que sob pena de vinte mil cruzados todos lhe fallassem, cousa que antes da excommunhão não fazião, senão os que querião, porque era hum homem particular.

CAPITULO QUADRAGESIMO SEXTO

De como Dom Francisco de Souza tornou ao Brasil a governar as Capitanias do Sul, e da sua morte

Muito se receiava no Brasil, pelo muito dinheiro que Dom Francisco de Souza havia gastado da Fazenda de Sua Magestade, que lhe tomassem no Reyno estreita conta; porem como nada tomou pera enthesourar, antes do seu proprio gastou, como o outro grão Capitão, não tratou ElRey senão de lhe fazer mercês, e porque elle não pedio mais que o Marquezado de Minas de São Vicente o tornou a mandar a ellas, com o governo do Espirito Santo, Rio de Janeiro, e mais Capitanias do Sul, ficando nas do Norte governando Dom Diogo de Menezes, como no tempo do Governador Luiz de Brito de Almeida se havia concedido a Antonio Salema.

Trouxe Dom Francisco comsigo seu filho Dom Antonio de Souza, que tambem já cá havia estado pera Capitão Mór desta Costa, e outro filho menino chamado Dom Luiz; e Sebastião Parvi de Brito por Ouvidor Geral da sua repartição, com appellação e aggravo pera Relação desta Bahia; partirão em duas caravellas de Lisboa, e chegarão a Pernambuco em vinte e oito dias, onde ainda que não era do seu governo, e jurisdicção, lhe fizerão muitas festas.

Dali se foi pera o Rio de Janeiro, e começou a entender no seu governo da terra, e o filho no mar, onde dizia Affonso de Albuquerque, que então ali era Capitão Mór, que lhe ficava pera governar senão o ar, mas presto o deixarão, porque Dom Francisco foi pera as Minas, e Dom Antonio pera o Reyno com as mostras do ouro dellas, de que levava feita huma cruz e huma espada a Sua Magestade, o que tudo os cossarios no mar lhe tomarão, nem o Governador teve lugar de mandar outra com huma enfermidade grande, que teve na Villa de São Paulo, da qual morreo estando tam pobre, que me affirmou hum Padre da Companhia, que se achava com elle á sua morte, que

nem huma vela tinha pera lhe metterem na mão, se a não mandara levar do seu Convento; mas quereria Deus alumial-o em aquelle tenebroso tranze, por outras muitas que havia levado diante, de muitas esmolas, e obras de piedade, que sempre fez.

Seu filho Dom Luiz de Souza ainda que de pouca idade ficou governando por eleição do povo athé que se embarcou pera o Reyno, tomou de caminho Pernambuco, e ali ficou casado com huma filha de João Paes; e assim cessou o negocio das minas, posto que não deixão alguns particulares de ir a ellas, cada vez que querem, a tirar ouro, de que pagão os quintos a Sua Magestade, e não só se tira de lavagem, mas da propria terra, que botão fora depois de lavada, se tira tambem com artificio de azougue.

CAPITULO QUADRAGESIMO SETIMO

Da nova invenção de engenhos de assucar, que neste tempo se fez

Como o trato e negocio principal do Brasil he de assucar, em nenhuma outra cousa se occupão os engenhos, e habilidades dos homens tanto como em inventar artificios com que o fação, e por ventura por isso lhe chamão engenhos.

Lembra-me haver lido em hum livro antigo das propriedades das cousas que antigamente se não usava de outro artificio mais que picar, ou golpear as cannas com huma faca, e o licor que pelos golpes corria, e se coalhava ao Sol, este era o assucar, e tam pouco que só se dava por mesinha; depois se inventarão muitos artificios, e engenhos pera se fazer em mor quantidade, dos quaes todos se usou no Brasil, como forão os dos pilões, de mós, e os de eixos, e estes ultimos forão os mais usados, que erão dous eixos postos hum sobre o outro, movidos com huma roda de agoa, ou de bois, que andava com huma muito campeira chamada bolandeira, a qual ganhando vento movia, e fazia andar outras quatro, e os eixos em que a canna se moia; e além desta machina havia outra de duas ou tres gangorras de páus compridos, mais grossos do que toneis, com que aquella canna, depois de moida nos eixos, se espremia, pera o que tudo, e pera as fornalhas em que o caldo se cose, e encorpora o assucar, era necessario huma casa de cento e cincoenta palmos de comprido e cincoenta de largo, e era muito tempo e dinheiro o que na fabrica della, e do engenho se gastava.

Ultimamente, governando esta terra Dom Diogo de Menezes, veio a ella hum clerigo Hespanhol das partes do Perú, o qual ensinou outro mais facil, e de menos fabrica e custo, que he o que hoje se usa, que he somente tres páus postos de por alto muito justos, dos quaes o do meio com huma roda de agoa, ou com huma almanjarra de bois ou cavallos se move, e faz mover

os outros; passada a canna por elles duas vezes larga todo o summo sem ter necessidade de gangorras, nem de outra cousa, mais que cozer-se nas caldeiras, que são cinco em cada engenho, e leva cada huma duas pipas pouco mais ou menos de mel, além de huns tachos grandes, em que se põem em ponto de assucar, e se deita em fôrmas de barro no tendal, donde as levão á casa de purgar, que he mui grande, e postas em andainas lhes lanção hum bolo de barro batido na boca, e depois daquelle outro, com o assucar se purga, e faz alvissimo, o que se fez por experiencia de huma gallinha, que acertou de saltar em huma fôrma com os pés cheios de barro, e ficando todo o mais assucar pardo, virão só o lugar da pegada ficou branca.

Por serem estes engenhos dos tres páus, a que chamão entrosas, de menos fabrica e custo, se desfizerão as outras machinas, e se fizerão todos desta invenção, e outros muitos de novo; pelo que no Rio de Janeiro, onde athé aquelle tempo se tratava mais de farinha pera Angola que assucar, agora ha já quarenta engenhos.

Na Bahia cincoenta, em Pernambuco cento, em Tamaracá dezoito ou vinte, e na Parahyba outros tantos; mas que aproveita fazer-se tanto assucar se a copia lhe tira o valor, e dão tam pouco preço por elle, que nem o custo se tira.

A figura das entrosas, e engenhos de assucar, que agora se usão assim de a goa, como de bois, he a seguinte.

Neste mesmo tempo, que governava a Bahia Dom Diogo de Menezes, entrou nella por fazer muita agoa huma náu da India, da qual era Capitão Antonio Barroso, vindo primeiro em hum batel a remos o mestre, que havia ido no galeão o anno passado, chamado Antonio Fernandes, o máu, a pedir soccorro, porque vinha a náu por tres partes rachada, e já com quatorze palmos de agoa dentro, e o Governador mandou logo duas caravellas com pilotos praticos, que a trouxessem ao porto, o que não bastou pera que com a corrente da maré, que vasava, não se encostasse em huma baixa, onde por evitar maior damno lhe cortarão os mastos, e descarregarão com muita brevidade, e depois que de todo esteve descarregada, vendo que não tinha concerto, lhe mandou Dom Diogo pôr o fogo, chegando quanto puderão á terra pera se aproveitar a pregadura, como se aproveitou muita, a fazenda se entregou ao Provedor Mór, que então era o Desembargador Pero de Cascaes, o qual sobre isso foi mandado do Reyno que fosse preso, como foi, e pelejando no mar com hum cosario o ferirão em hum pé, de que ficou manco, mas no que toca á Fazenda, livrou-se bem, a qual mandou ElRey cá buscar em sete náus da armada por Feliciano Coelho de Carvalho, Capitão Mór que havia sido da Parahyba, e a levou a salvamento.

LIVRO QUINTO

DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU GASPAR DE SOUZA

ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR DIOGO LUIZ DE OLIVEIRA

CAPITULO PRIMEIRO

Da vinda do decimo Governador do Brasil Gaspar de Souza, e como veio por Pernambuco a dar ordem á conquista do Maranhão

Sabida por Sua Magestade a nova da morte de Dom Francisco de Souza, tornou a juntar o Governo do Brasil todo em hum, e o deo a Gaspar de Souza, e porque os Francezes em o anno de mil seiscentos e doze tinhão (*sic*) a povoar o Maranhão, dizendo que não tinhão os Reys de Portugal mais direito nelle que elles, pois Adão o não deixara em testamento mais a huns que a outros, com este pretexto trouxerão doze Religiosos da nossa Ordem Capuchinhos pera converterem os Gentios, meio efficacissimo pera com muita facilidade os pacificarem, e povoarem a terra; mandou Sua Magestade ao Governador que viesse por Pernambuco para dahi dar ordem a lançar os Francezes do Maranhão, e o povoar e fortificar, pois era da sua conquista pela Corôa de Portugal, e que Dom Diogo de Menezes, seu antecessor, se fosse para o Reyno, pois tinha acabado o seu triennio, e ficassem governando a Bahia emquanto ello a ella não vinha o Chanceller Ruy Mendes de Abreu, e o Provedor Mór da Fazenda Sebastião Borges, os quaes por serem ambos muito velhos e enfermos, ajuntou o Governador por sua Provisão Balthazar de Aragão, aqui morador, por Capitão Mór da guerra por terra, por ter aviso que vinhão inimigos á terra, e em Pernambuco, pera a do Maranhão a Hyeronimo de Albuquerque, que mandou com cem homens por mar em quatro barcos descobrir os portos, e o que nelles havia; o qual discorrendo a Costa avante do Ciará foi athé o Buraco das Tartarugas, e ahi fez huma cerca, e deixou hum presidio, donde mandando o Capitão Martim Soares Moreno em hum barco a descobrir o Maranhão, se tornou a Pernambuco a dar conta ao Governador do que tinha feito, e pedir mais gente,

e cabedal pera a conquista, que o Governador dilatou athé a vinda de Martim Soares, e sua informação, occupando-se entretanto no governo politico, e administração da justiça, sem em esta fazer excepção de pessoas, pelo que era amado dos pequenos, e temido dos grandes; fez tambem fazer algumas obras importantes, como foi huma formosa casa pera a alfandega sobre o varadouro, onde se desembarcão as fazendas das barcas, e algumas calçadas nas ruas da Villa, e huma mui comprida no caminho de Jaboatão, onde com a muita lama atolavão os bois e carros, e não podião trazer as caixas de assucar dos engenhos.

Em este interim foi Martim Soares seguindo sua viagem, descobrindo e reconhecendo a bahia, rios e portos do Maranhão, e por via de Indios levou recado ao Reyno que estavão ali Francezes em commercio, com o qual aviso mandou Sua Magestade ordem ao Governador que tornasse a enviar a este descobrimento o dito Hyeronimo de Albuquerque.

CAPITULO SEGUNDO

De como mandou o Governador a Hyeronimo de Albuquerque a conquistar o Maranhão

Eleito Hyeronimo de Albuquerque por Capitão Mór da conquista do Maranhão, como temos dito, se foi logo ás aldêas do nosso Gentio pacifico, e por lhes saber fallar bem a lingoa, e o modo com que se levão, ajuntou quantos quiz: hum contarei só do que houve em huma aldêa, pera que se veja a facilidade com que se leva este Gentio de quem os entende e conhece, e foi que poz a huma parte hum feixe de arcos, e frechas, a outra outro de rocas, e fusos, e mostrando-lhos lhes disse: «Sobrinhos, eu vou á guerra, estas são as armas dos homens esforçados e valentes, que me hão de seguir; estas das molheres fracas, e que hão de ficar em casa fiando; agora quero ouvir quem he homem, ou molher». As palavras não erão ditas, quando se começarão todos a desempulhar, e pegar dos arcos, e frechas, dizendo que erão homens, e que partissem logo pera a guerra; elle os quietou, escolhendo os que havia de levar, e que fizessem mais frechas, e fossem esperar a armada ao Rio Grande, onde de passagem os iria tomar.

Não ajuntou com tanta facilidade o Governador os soldados brancos que queria mandar, porque excepto alguns, que por sua vontade se offerecerão a ir, os mais nem com prisões podião ser trazidos, porque como os trazião de longe, e por mattos dos engenhos e fazendas de noite, fugião, e de dez não chegavão quatro; porém cahio em huma traça mui boa, que foi obrigar aos homens ricos, e afazendados, que tinhão mais de hum filho, que dessem outro, com o que

lhe sobejou gente; porque nenhum homem destes mandou seu filho, sem ao menos mandar com elles hum criado branco, e dous negros.

Tambem pedio dous Religiosos da nossa Ordem, e o Prelado lhe deu o Irmão Frey Cosme de S. Damião, varão prudente, e observantissimo da sua regra, e Frey Manoel da Piedade, mui perito na lingoa do Brasil, e respeitado dos Indios Potiguares, e Tobajares, assim por seu pae João Tavares, como por seu irmão Frey Bernardino das Neves, dos quaes temos tratado no Livro precedente: e porque a guerra não havia de ser só contra os Indios, senão tambem contra Francezes, que estavão com a fortaleza feita, e já prevenidos, deo o Governador a Hyeronimo de Albuquerque por companheiro o Sargento Mór do Estado Diogo de Campos Moreno, soldado experimentado nas guerras de França, e Flandres, e que sabia bem formar hum Campo, e os ardis e tretas da peleja.

Feito isto se embarcarão todos dia de S. Bartholomeu, vinte e quatro de Agosto da éra de mil seiscentos e quatorze annos, em huma caravella, dous patachos e cinco caravellões; na caravella ia o Capitão Mór, e seu filho Antonio de Albuquerque por Capitão de huma companhia de cincoenta arcabuzeiros, de que era Alferes Christovão Vaz Moniz, e Sargento João Gonçalves Baracho; em hum dos patachos ia o Sargento Mór do Estado Diogo de Campos Moreno com quarenta homens, no outro o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, que ia por Almirante, com cincoenta soldados tambem arcabuzeiros, e seu Alferes Conrado Lino, e Sargento Francisco de Navaes.

Dos caravellões erão Capitães Martim Callado com vinte e cinco homens, o Sargento de Antonio de Albuquerque com doze, Luiz Machado com quinze, Luiz de Andrade com doze, e Manoel Vaz de Oliveira com outros doze, e além desta gente branca, ião mais duzentos Indios de peleja, que Hyeronimo de Albuquerque tinha escolhido nas aldêas da Parahyba, e o estavão esperando no Rio Grande os mais delles com suas molheres e familias, onde os foi tomar, e os repartio pelas embarcações, lhe requererão os Religiosos mandasse ficar as Indias, que ião sem maridos, e algumas outras, que já de Pernambuco ião amancebadas, e assim se fez.

Dali forão ao Buraco das Tartarugas, onde havia deixado o presidio, no qual se havia já provado a mão com os Francezes, que ali forão aportar em a náu Regente, e desembarcarão duzentos com o seu Capitão ás duas horas da tarde, onde lhes sahirão o Capitão Manoel de Souza e Sá com dezoito arcas buzeiros, e matando-lhes alguns os fez embarcar, ficando tambem dos nosso- hum morto, e seis feridos, e deu por causa o Monsiur a quem lhe perguntou porque se retirava, que virão muita gente na trincheira donde os nossos sahirão, e temera que vindo de soccorro lhes não poderião escapar, não tendo por possivel que tam poucos homens houvessem commettido a tantos, senão com as costas quentes (como dizião), e confiados nos muitos que trás elles sahirão, e os muitos erão vinte soldados, que havião ficado por não terem polvora, e munição, e se assumavão por cima da trincheira a ver de palanque a briga, que

na praia se fazia, mas melhor causa dera se dissera que o quiz assim Deus; e foi esta victoria como hum presagio da que havia de conseguir no Maranhão, para onde se embarcou tambem Manoel de Souza com os seus soldados, e Hyeronimo de Albuquerque o fez Capitão da vanguarda de todo o exercito.

CAPITULO TERCEIRO

Da guerra do Maranhão, e victoria que se alcançou

Do Buraco das Tartarugas se partio a nossa armada aos 28 de Setembro da dita éra, e navegando tres dias inteiros foi ao quarto surgir a huma barra de hum rio chamado a Parca, onde houve opiniões se farião algum forte, dizendo Diogo de Campos que não fossem logo buscar direitamente o inimigo aonde estava com toda a força, mas que lhe fossem pouco a pouco ganhando terra, comtudo Hyeronimo de Albuquerque disse que isso era infinito, e mandou ao Piloto Mór Sebastião Martins com o Capitão Francisco de Palhares, e treze soldados, que fossem sondar o rio, e reconhecer a terra, como forão, e tendo andado vinte legoas pouco mais ou menos derão na bahia do Maranhão da banda do Sul em hum bom porto, que lhes pareceo capaz para estar a armada surta, com a qual informação se fez toda á vela, e navegando cinco dias por onde o batel tornou, e chegou a este porto aos vinte e oito do mez de Outubro, dia dos Bemaventurados Apostolos S. Simão e Judas, donde desembarcarão na terra firme, e começarão a fazer hum forte a que chamarão de Santa Maria, no qual ainda que de faxina e materia fraca, materiam superabat opus, pela boa traça que lhe deo o Capitão Francisco de Frias, architecto mór de Sua Magestade em estas partes do Brasil, e este forte se fez ao Léste da Ilha de S. Luiz, onde estavão os Francezes, os quaes vendo as nossas embarcações, e sabendo pelos Indios, que trazido (*sic*) por espias a pouca gente, que em ellas estava, derão nellas huma noite e as tomarão com alguns marinheiros, que ainda se não havião desembarcado, e dali a oito dias, que era o de Santa Isabel Rainha de Portugal, em ellas mesmas, e nas suas, com mais quarenta e seis canoas, em que ião tres mil Indios frecheiros, se passarão da Ilha, e forão surgir espaço de dous tiros de mosquete, abaixo do nosso forte, onde logo começarão a desembarcar os das canoas, e das outras embarcações maiores, ficando o seu General Daniel de Lanche (*de la Touche*), que era Monsiur de Reverdière (*sic*), e Calvinista, em as maiores ao pego, esperando que enchesse a maré pera sahir com os mais, o que visto pelos nossos, e que se deixavão fortificar em terra, e pôr-nos cerco, não era o nosso forte bastante para lhes resistir, nem havia nelle mantimentos bastantes pera resistir á fome, determinarão sahir logo

a elles, como fizerão, indo Hyeronimo de Albuquerque com oitenta arcabuzeiros, e cem frecheiros pela montanha, e Diogo de Campos pela praia com o resto da gente, que era ainda menos, que ficavão no forte sessenta soldados e alguns Indios a cargo do Capitão Salvador de Mello, pera que se fosse necessario soccorro o désse, e indo assim marchando o Sargento Mór pela praia, chegou hum Francez trombeta, em huma canoinha, que remavão quatro Indios, e lhe deo huma carta do seu General Monsiur de Reverdiere, de grandes ameaças, se lhe quizessem resistir, e que lavava as mãos do sangue, que se derramasse, porque tinha por si o direito da guerra, e muito maior força, a qual carta o Sargento Mór metteo entre o véo do chapéo, e mandou o portador com outro véo nos olhos ao forte, pera que o tivessem preso entretanto, porque não havia já tempo pera mais outra resposta que esperar o signal, que Hyeronimo de Albuquerque havia de dar pera remetterem, o qual dado com hum grande urro, que deo o nosso Gentio ao sahir da brenha, donde o inimigo se não receiava, remetterão tambem os da praia, indo em meio delles os nossos dous Frades, Frey Manoel, e Frey Cosme, cada hum com huma cruz em a mão, animando-os, e exortando-os á victoria, que Nosso Senhor foi servido dar-lhes, em tal modo, que pouco mais de meia hora matarão setenta Francezes, e entre elles o Tenente do seu General, tomarão vivos nove, e puzerão os mais em fugida, morrendo dos nossos sómente quatro, e alguns feridos, entre os quaes foi hum o Capitão Antonio de Albuquerque, filho do Capitão, com dous pelouros de arcabuz em huma coxa.

Visto pelo General Francez este destroço dos Francezes, e dos seus indios, que ficarão muitos mortos, e os mais fugidos, e que esta fora a resposta da sua arrogante carta, se tornou pera a Ilha com a sua armada, e menos arrogancia.

CAPITULO QUARTO

Das tregoas, que se fizerão entre os nossos e os Francezes no Maranhão

Ao dia seguinte mandou o General dos Francezes outra carta a Hyeronimo de Albuquerque, em que lhe fazia cargo do mal que havia guardado as leis da guerra em lha dar sem primeiro responder á outra sua carta, antes lhe prender o portador, ameaçando-o que se lho não mandava com os mais que lá tinha, havia de enforcar á sua vista os Portuguezes que tinha na Ilha, que havião levado com os navios, e não se enganasse pela victoria alcançada, cuidando alcançaria outra, porque lho havião ficado ainda muitos e bons soldados, fóra outros que esperava de França, e muitos milhares de Gentios, com que lhes havia fazer cruel guerra, é tomar vingança das crueldades, que havião

usado com os seus, e assignou-se ao pé da carta «Este seu mortal inimigo de Reverdiere.» A esta respondeo Hieronymo de Albuquerque que elle Senhor de Reverdiere fora o que quebrara as leis, e pratica da guerra, mandando-lhe tomar os navios, que estavão com quatro pobres marinheiros, desarmados no porto da conquista de Sua Magestade, sem lhe escrever primeiro, senão depois de ter lançado em terra junto ao seu forte tresentos Francezes, e tres mil Indios armados, que se começavão a fortificar donde já não havia outra resposta senão a que dá o direito, que he com huma força desfazer outra, e que se elle lá enforcasse os Portuguezes captivos, mal seria, que faria aos seus, que cá tinhão; estas, e outras razões continha a carta, a que logo o Francez respondeo com outra já mais branda e cortez, e assim forão as que dali por diante se escreverão de parte a parte, e por fim succedeo como a jogadores de cartas, que depois de grandes invites e revites, de restos vierão a partido, e concerto, sobre o qual (havido salvo conducto dos Generaes) vierão ao nosso forte de Santa Maria o Capitão Malharte, e hum Cavalleiro da Ordem de S. João, e foi aos seus navios, onde o General então estava, Diogo de Campos Moreno, collega do Capitão Mór, e o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, seu sobrinho, e depois de declararem huns e outros o que querião, e assentarem que o General Francez, pois commettia as pazes, fizesse os capitulos dellas, se vierão os nossos mensageiros, e se forão os seus, e ao dia seguinte tornou o Capitão Malharte com os capitulos por escripto, que erão os seguintes:

FORMA DAS TREGOAS

« Artigos acordados entre os Senhores Daniel de Lauché (*La Touche*), Senhor de la Ravardière, Lugar Tenente Genèral do Brasil pelo Christianissimo Rey de França e de Navarra, agente de Micer Nicolas de Harley, Senhor de Sansy, do Conselho de Estado do dito Senhor Rey, e do Conselho Privado, Barão de Molé, e Grosbués; e por Micer de Rasilli, entre ambos Lugar Tenentes Generaes por ElRey Christianissimo em as terras do Brasil com cem (*sic*) legoas de Costa com todos os meridianos em ellas inclusos; e Hyeronimo de Albuquerque, Capitão Mór pela Magestade de ElRey Philippe Segundo da Jornada do Maranhão, e assim o Capitão e Sargento Mór de todo o Estado do Brasil, Diogo de Campos, collega, e collateral do dito Capitão Mór, et cetera.

Item — Primeiramente a paz se acordou entre os ditos senhores do dia de hoje athé o fim de Novembro (*sic*) do anno de mil seiscentos e quinze, durante o qual tempo cessarão entre elles todos os actos de inimizade, que hão durado de vinte e oito (*sic*) de Outubro athé hoje, por falta de saber as tenções de huns e outros, donde se seguia grande perda do sangue Christão de ambas as partes, e grandes desgostos entre os ditos Senhores.

Item — Se accorda entre os ditos Senhores que enviarão as Suas Magestades

Christianissima, e Catholica, dous Fidalgos para saber suas vontades tocantes a quem deve ficar em estas terras do Maranhão.

Item — Durante o tempo que os ditos mensageiros tardarem em tornar da Europa e trazer de Suas Magestades o accordo, e ordem do que se deve seguir, nenhum Portuguez passará a Ilha, nem Francez a terra firme de Léste sem passaporte dos Senhores Generaes, excepto elles e seus criados sómente, que poderão ir, e vir aos fortes da Ilha, e terra firme todas as vezes que lhes parecer.

Item — Que os Portuguezes não tratarão cousa alguma com os Indios do Maranhão, a qual não seja tratada pelos lingoas do Senhor Reverdiere, e nem elles consentirão pôr os pés em terra a menos de duas legoas de suas fortalezas, nem de seus portos, sem permissão do dito Senhor.

Item — Que tanto que o recado vier de Suas Magestades, a nação que se mandar ir se aprestará dentro de tres mezes pera deixar ao outro a terra.

Item — Se accorda que os prisioneiros, que forão tomados de huma parte, e da outra, assim Christãos como Gentios, fiquem livres, e sem alguma lesão; mas se alguns delles por algum tempo quizerem ficar em a parte que se achão, lhes será permittido.

Item — Que o Senhor de Reverdiere deixará o mar livre aos Senhores Albuquerque e Campos, para que possão nos seus navios fazer vir todas as sortes de vitualhas, que houverem mister, com toda a seguridade, e se succeder que lhes venha soccorro de gente de guerra, nem por isso haverá alteração alguma emquanto durar o tempo da paz, da maneira que está assentado.

Item — Que nenhum accidente em controversia do que está assentado por estes Senhores terá capacidade de fazer romper este contracto de paz, a causa das grandes allianças, que hoje ha entre Suas Magestades, e o prejuizo que pode vir em alterar-se; e se succeder algum caso de aggravo entre os Christãos ou Gentios de huma e outra parte, a nação aggravada fará a sua queixa ao seu General pera lhe dar remedio, e quanto a outras cousas de menos importancia os ditos Senhores não as especificão, porque se confião em suas palavras, em as quaes não faltarão jamais, como gente de honra, e para seguridade, e firmeza de tudo o atraz declarado mandarão fazer estas, em que todos tres os ditos Senhores se assignarão, e sellarão com os sellos de suas armas, feita em armada Franceza, diante o forte dos Portuguezes em o rio Maranhão, vinte e sete de Novembro de mil seiscentos e quatorze annos. »

Depois de apresentados estes Capitulos, e vistos pelos nossos Capitães, ao dia seguinte vierão Monsiur de Reverdiere, e Monsiur del Prate (*du Prat*), e Frey Angelo, Commissario dos Capuchinhos, com tres Frades companheiros, e outros Fidalgos Francezes com mostras de muita alegria, a que da nossa parte se respondeo com a mesma, e se assignarão as pazes em o nosso forte de Santa Maria, onde estiverão todo o dia, e á tarde se embarcarão com grande salva de artilharia, ẽ se forão pera a Ilha.

Os que levarão esta embaixada á Hespanha forão o Sargento Mór Diogo de Campos, e com elle como em refens o Capitão Malharte Francez, e da mesma maneira foi como embaixador Francez o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, que lá morreo, e tambem se forão logo os Frades Francezes, vendo o pouco fructo que fazião na doutrina dos Gentios, por lhe não saberem a lingoa, deixando aos dous da nossa Custodia, que a entendião, e sabião seus modos, e não forão pouco admirados de ver que nestas partes tam remotas houvesse Religiosos tam observantes da regra do nosso Seraphico Padre S. Francisco, não menos o ficarão os nossos de ver que Religiosos de tanta virtude, e autoridade viessem em companhia de hereges, posto que nem todos o erão, que muitos erão Catholicos Romanos, que ouvião missa, confessavão-se, e commungavão-se; tambem se partio Manoel de Souza de Sá em hum caravellão com a nova ao Governador Geral Gaspar de Souza, mas arribou ás Indias, e de lá a Lisboa, donde com a nova lhe trouxe juntamente cartas de Sua Magestade, e ordem do que havia de fazer.

CAPITULO QUINTO

Do soccorro, que o Governador Gaspar de Souza mandou por Francisco Caldeira de Castello Branco ao Maranhão

Entendendo o Governador a necessidade que haveria no Maranhão de soccorro assim de gente como de munições e mantimentos, logo em o anno seguinte de mil seiscentos e quinze, ordenou outra armada, de que mandou por Capitão Mór Francisco Caldeira de Castello Branco, por Almirante Hyeronimo de Albuquerque de Mello em huma caravella, o Capitão Francisco Tavares em outra, e João de Souza em hum caravellão grande.

Partirão do Recife, porto de Pernambuco, em dez dias do mez de Junho da dita éra, e aos quatorze chegarão á enseada de Mucurippe, que dista da fortaleza do Siará tres legoas, onde ancorarão, e sahio a gente em terra a se lavar e refrescar, porque ião alguns doentes de sarampo, que com isto guarecerão, e os sãos pescarão com huma rede, que lhe deo o Tenente da fortaleza, e tomarão muito peixe.

Aqui achou o Capitão Francisco Caldeira tres homens, que Hyeronimo de Albuquerque, Capitão Mor do Maranhão, mandava por terra pedir soccorro ao Governador, e estes erão Sebastião Vieira, Sebastião de Amorim, e Francisco de Palhares, dos quaes os dous primeiros não deixarão de continuar seu caminho com as cartas, que levavão do Maranhão, e outras que daqui se escreverão, mas o Palhares se embarcou na armada assim pelo soccorro, que já nella

ia, como por dizer o Tenente que havia poucos dias se partira daquelle porto hum patacho, que tambem ElRey mandara de Lisboa com munições e polvora, e mais cousas necessarias, aos dezasete se tornou a nossa armada a fazer á vela, e foi ancorar ao Buraco das Tartarugas aos dezoito, donde mandou o Capitão Mór hum lingoa com alguns Indios a huma aldêa da gente do Diabo Grande, que era hum principal dos Tobajares assim chamado, ficando entretanto os mais pescando em a praia, e comendo aboberas e melancias, que acharão ali muitas, das plantas que havia deixado Manoel de Souza de Sá quando ali esteve, e Hyeronimo de Albuquerque quando passou; e depois de tomar lingoa com os nossos Indios, e mais quatro, que se offerecerão do Diabo Grande pera a viagem, a tornarão a seguir athé a barra do rio Apereá, onde surgirão dia de S. João Baptista, e ao entrar tocou o patacho, em que ia o Capitão Mór, em hum banco de arêa, de que escapou milagrosamente, porque havendo só cinco palmos de agoa, e demandando o Capitão dez, indo com as velas todas enfunadas o cortou, ou saltou como quem salta a fogueira de S. João, e se poz da outra parte do banco onde era fundo: dali mandou hum barco com seis homens do mar, e tres soldados, de que ia por Capitão Francisco de Palhares, pera que fossem dar nova a Hyeronimo de Albuquerque de como ali estavão, e lhes mandasse pilotos que os levassem pelo rio dentro, ou ordem do que havião de fazer, como logo lhes mandou dous pilotos, os quaes forão de parecer que não fossem por dentro, por causa de ser o rio de pouco vento, e muitos baixos, por conseguinte a viagem arriscada, e quando menos detençosa, e assim tornarão a desembarcar, e forão por fora em dous dias surgir ao nosso porto da nossa fortaleza de Santa Maria vespora da Visitação da Senhora, que não foi pequeno contentamento do Capitão Mór Hyeronimo de Albuquerque, e dos mais que ali estavão soffrendo grandes necessidades, vendo que os visitava o Senhor em aquelle dia com tam grande soccorro, e assim se festejou com salva de toda a artilharia e arcabuzaria de parte a parte, como pelo contrario se entristecerão os Francezes, entendendo que alterarião os nossos as pazes, que com elles tinhão feito; e assim succedeo, que acabado de descarregar os navios da fazenda, mantimentos, polvora, e munições, que levavão, feita entrega de tudo ao Almoxarife, e dos soldados ao Capitão Mór, com que reformou as companhias, que tinha, e fez mais duas de novo de sessenta homens cada huma, que entregou a Hyeronimo de Albuquerque de Mello, seu sobrinho, e a Francisco Tavares.

Logo mandou chamar o General dos Francezes Monsiur Raverdiere, e depois de lhe fazer huma formosa mostra da sua soldadesca da praia, onde o foi receber com Francisco Caldeira athé a fortaleza, se recolherão todos tres pera dentro, e lhe disse o Capitão Mor como Francisco Caldeira de Castello Branco levava ordem do Governador Geral Gaspar de Souza pera por armas, quando não quizesse por vontade, lhe fazer despejar o Maranhão, e as fortalezas, que tinha na Ilha de S. Luiz, porque não havia consentido nas tregoas, nem ainda sabia dellas; ao que o Raverdiere respondeo que conforme o con-

certo que tinhão feito, se devia esperar resposta de seus Reys, a quem tinhão escripto, e não anovar nem alterar cousa alguma; mas comtudo que iria dar conta aos seus do que se tratava, e brevemente responderia, o que fez dahi a quatro dias, pedindo que fossem lá o Capitão Caldeira, e o Padre Frey Manoel da Piedade, propor aos seus o que se havia tratado, e que elles levarião a ultima resolução, e resposta do negocio, os quaes se embarcarão na mesma lancha Franceza, que havia levado a carta, e desembarcando na Ilha de S. Luiz se forão á fortaleza do nome do mesmo Santo, onde os Francezes estavão, e se detiverão lá em altercação treze dias, da qual dilação presumindo mal Hyeronimo de Albuquerque começava já aperceber pera levar o negocio á força, e lhe fôra muito facil por ter já todo o Gentio do Maranhão inclinado ao ajudarem contra os Francezes; porém elles se resolverão em largar tudo sem mais contenda, dando-lhes embarcações, em que se fossem pera França, pelo que se passarão os nossos pera a Ilha, a hum forte e cerca, que fizerão, a que puzerão o nome de S. Joseph, e ali os deixemos por ora, porque importa tratar de outras cousas.

CAPITULO SEXTO

De como o Capitão Balthazar de Aragão sahio da Bahia com huma armada contra os Francezes, e se perdeo

Recebendo Balthazar de Aragão a Provisão de Capitão Mór da Guerra desta Bahia, junto com o aviso da vinda dos inimigos Francezes, como dissemos no Capitulo Primeiro, logo começou a perceber e fortificar assim a Cidade como a praia, cercando-as de suas cercas de páu a pique, com tanta diligencia que a todo o instante trabalhava com os seus escravos, e criados sem occupar a outros, senão era a officiaes de carpinteiros, e pedreiros, com que fez de pedra e cal o muro e portal da barda do Carmo, que athé então era de terra de pilão, reformou e fortificou as portas, o que tudo pagou da sua bolça, e athe os páus pera a cerca da praia mandou vir quazi todos nas barcas dos seus engenhos; estando assim prestes aguardando os inimigos, soube que andavão na barra pera a parte do morro de São Paulo seis náus Francezas, e aprestando das Portuguezas, que estavão á carga outras tantas, elle se embarcou em huma sua, que já tinha dentro tresentas caixas de assucar, levando comsigo suas charamellas, baixella de prata, e as mais ricas alfaias de sua casa, porque determinava levar logo de lá a preza ao Governador, que estava em Pernambuco.

Das outras náus deo a melhor a Vasco de Brito Freire, que fez seu Almeyrante, e as outras a Gonçalo Bezerra, e Bento de Araujo, que erão Capitães de ElRey, e comião seu soldo nesta Cidade, e ao Alferes Francisco do Amaral,

e a outro chamado Queirós; no dia seguinte depois que partirão, e foi o do Bemaventurado Apostolo S. Mathias, encontrarão com os Francezes, e pelejarão de parte a parte animosamente, e os nossos com muita ventagem, porque lhes tomarão huma náu, e lhes tratarão a Almeyranta tam mal, que ao outro dia seguinte se foi ao fundo, só a Capitania quiz Balthazar de Aragão poupar, não querendo que lhe tirassem senão abalroar com ella, e tomal-a sã e inteira pera a levar por tropheo em seu triumpho, mas não sei se com este vento se com outro, que lhe deo nas velas, quando ia já pera a ferrar pendeo tanto a sua náu, que tomou agoa pelas portinholas da artilharia, e calando-se pelas escotilhas, que ião abertas, foi entrando tanta, que em continenti se foi ao fundo com seu dono, o qual quando se fazia, dizem que dizia «Faço o meu ataude», e com elle se afogarão mais de duzentos homens assim dentro na náu, como nadando no mar, donde não houve quem os tomasse, porque a Almeyranta se recolheo, e os mais com elle, podendo seguir a victoria com muita facilidade, e se alguns se salvarão foi nadando athé ás náus dos inimigos, que os tomarão, como foi Francisco Ferraz, filho do Desembargador Balthazar Ferraz, que era sobrinho da molher do Aragão, o qual depois deitarão os Francezes em terra sessenta legoas do Rio Grande pera o Maranhão com outros dous ou tres homens, onde de fome e cansaço do caminho morreo ao passar de hum rio á pura mingoa, sendo que tinha de patrimonio nesta Bahia mais de cincoenta mil cruzados, porque tambem seu pae morreo logo de desgosto; e publicamente se disse ser justo juizo de Deus por hum caso exorbitante, que pouco antes havia acontecido, e foi o seguinte.

Tinha Balthazar Ferraz aqui hum sobrinho, o qual se namorou de huma moça casada com hum mancebo honrado, e chegou a tirar-lha de casa, e trazel-a de sua mão por onde queria, e finalmente mandal-a pera Vianna donde era natural; querelou delle o marido, diante do Ouvidor Geral Pero de Cascaes, que o prendeo valorosamente, e preso na cadêa se livrou athé final sentença, trabalhando o tio tanto em desviar testemunhas, recusar a parte, e outras astucias, que os Desembargadores o julgarão por solto, e livre, e se os pregadores o estranhavão no pulpito, dizião que erão huns ignorantes, e que nunca outra mais justa sentença se dera no mundo, e assim não havia mais remedio que appellar pera Nosso Senhor Jesus Christo, o qual como recto juiz permittio que o réo se embarcasse com o primo e parente, e todos acabassem desastradamente, e o tio que se não embarcou tambem com elles.

Outro mancebo chamado Agostinho de Paredes foi a nado athé a Almeyranta dos inimigos, mas como estavão colericos por lhe terem a náu tam maltratada, não o quizerão recolher, antes indo subindo o ferirão com hum pique em hum hombro, de que depois de escapar do naufragio, e dos tubarões, que o ião seguindo pelo sangue, nadando mais de huma legoa pera a terra, esteve a ponto de morte em mãos de Surgiões, mas sarou, e viveo depois muitos annos.

CAPITULO SETIMO

Da vinda do Governador Gaspar de Souza de Pernambuco á Bahia, e do que em ella fez

Depois que o Governador mandou o Capitão Francisco Caldeira de Castello Branco com o soccorro ao Maranhão, e soube o successo da morte do Capitão Balthazar de Aragão na Bahia, pela qual nella sua presença mais necessaria, deo huma chegada, e não esperou que o fossem receber com palio e solemnidade, como se soe fazer aos Governadores quando vem, mas secretamente, com só hum criado se foi metter em casa, dizendo que o fazia por sentimento da morte de Balthazar Aragão.

O dia seguinte foi á Sé. O primeiro dia que foi presidir a Relação fez huma pratica aos Desembargadores ácerca das queixas, que delles tinha ouvido, de que não ficarão mui contentes, e se as de ouvido lhes não ficarão no tinteiro, menos lhe ficou depois alguma, se a vio, que logo a não reprehendesse.

He incrivel o cuidado com que Gaspar de Souza vigiava sobre todos os ministros, e Officios de justiça, e Fazenda, da milicia e da Republica, sem lhe escapar o erro ou descuido do almotacé, ou de algum outro, que não emendasse. Esta era a sua occupação, não jogos e passatempos, com que outros Governadores dizem evitão a ociosidade, os quaes elle desculpava, dizendo que terião mais talento, pois com lidar, e trabalhar de dia, e de noite, nas cousas do Governo confessava de si, que não acabava de remedial-as, mas foi pouco venturosa a Bahia em não o gozar muito tempo, porque não havia estado nella quatro mezes, quando foi chamado a Pernambuco, pelo recado de ElRey, que lhe veio ácerca do Maranhão, e assim fez huma junta, ou vestoria na Sé com os Desembargadores, e Officiaes da Fazenda, da Camera, e da architectura, sobre se a derribarião, e farião de novo, ou repararião somente o que estava arruinado, que era hum arco da nave, huma parede, e o portal principal, e posto que o seu voto era que só se reparassem as ruinas, accrescentasse a Capella Mór, e se fizesse hum côro alto, que ainda não havia; comtudo os mais votos forão que se fizesse de novo, como se começou a fazer, pera tarde ou nunca se acabar; com isto se embarcou o Governador pera Pernambuco, e ficarão governando a Bahia o Chanceller Ruy Mendes de Abreu, e o Provedor Mór da Fazenda Sebastião Borges, como dantes.

CAPITULO OITAVO

De como o Governador tornou pera Pernambuco, e mandou Alexandre de Moura ao Maranhão

O Governador se embarcou em huma caravella de Castelhanos, que nesta Bahia estava invernando pera no verão ir ao Rio da Prata, e esta viagem acertei de ir a Pernambuco com elle, e fomos em poucos dias, mas hum antes

de chegarmos houve tam grande tromenta do Sul, que temendo o Governador de se sossobrar a caravella com as grandes marés, mandou soltar dos ferros os presos, que levava condemnados á conquista do Maranhão, e me mandou pedir alguma reliquia, pera deitar ao mar, e que fizessemos as nossas deprecações a Deus Nosso Senhor, como fizemos, e meu companheiro lhe mandou o cordão com que estava cingido, o qual pendurarão do bordo athé o mar, e quiz Nosso Senhor que a caravella em continente se quietasse, e moderasse o vento, e os mares, de modo que ao dia seguinte entramos com bonança.

O que visto pelos Castelhanos não quizerão tornar o cordão, dizendo que por elle esperavão ir seguros de tempestades ao Rio da Prata, nem foi esta só a vez, mas infinitas as que Deus por meio do cordão do nosso Seraphico Padre São Francisco ha livrado a muitos de naufragios, e feitas outras muitas maravilhas, pelo que lhe sejão dadas infinitas graças, e louvores.

O Governador achou a Manoel de Souza de Sá, que o estava aguardando com cartas de ElRey em Pernambuco sobre o negocio do Maranhão, em cujo cumprimento aprestou logo nove navios, quatro grandes e cinco pequenos, com mais de novecentos homens entre brancos e Indios, com plantas, e gados pera povoarem a terra, e armas pera a fazerem despejar aos Francezes, quando não quizessem de outro modo, porque assim o mandava ElRey, e porque neste tempo era já vindo Vasco de Souza pera Capitão Mór de Pernambuco, e vagava Alexandre de Moura, que o havia sido, lhe encarregou o Governador esta empreza, dando-lhe todos os seus poderes pera prover nos Officios da Republica e Milicia como lhe parecesse.

Foi por Almeyrante desta frota Payo Coelho de Carvalho, que tambem havia acabado de ser Capitão Mór de Tamaracá, e depois de se ir do Maranhão pera o Reyno, se fez Religioso da Ordem do nosso Padre São Francisco na Provincia da Arrabida. Os Capitães dos outros navios erão Hyeronimo Fragoso de Albuquerque, Manoel de Souza de Sá, Manoel Pires, Bento Maciel, Ambrosio Soares, Miguel Carvalho, André Corrêa; o Capitão Mór Alexandre de Moura levou comsigo dous Padres da Companhia de Jesus, e com este sanctissimo nome se partirão do Recife a cinco de Outubro da éra de mil seiscentos e quinze.

O Governador nem por andar occupado em estas cousas deixava de entender nas do Governo da terra, como fez em tempo de Alexandre de Moura, de que Vasco de Souza menos soffrido se enfadou muito, e mandou seu irmão Religioso da Ordem do nosso Padre, que comsigo trouxe, com requerimento a ElRey que se servisse delle em outra cousa, porque ali estava occioso, e só o Governador fazia tudo, pelo que ElRey, ouvidas suas razões, lhe mandou Provisão pera que viesse por Capitão Mór da Bahia, e a governasse, como o fez.

CAPITULO NONO

De huma armada de Hollandezes, que passou pelo Rio de Janeiro pera o Estreito de Magalhães, e de outra de Francezes, que foi carregar de páu brasil ao Cabo Frio, et cætera

Em este tempo sendo Capitão Mór do Rio de Janeiro Constantino de Menelau, que succedeo a Affonso de Albuquerque, foi aportar á enseada do rio da Marambaia, que dista nove legoas abaixo do Rio de Janeiro, huma armada de seis náus Hollandezas, cujo General se chamava Jorge: soube-o Martim de Sá, que tinha hum engenho ali perto na Tujuca, e entendendo como experimentado que por necessidade de agoaião ali, e que havião de desembarcar com o beneplacito do Capitão Mór, a quem escreveo, se foi lá huma noite com doze canoas de gente, em que irião tresentos homens Portuguezes, e Indios, os quaes deixando-as escondidas no rio, se desembarcarão dellas, e conjecturando por tres bateis, que virão na praia da enseada, que andavão Hollandezes em terra, como de feito andavão huns á agoa, outros ás fructas, bem descuidados, os cercarão, e derão sobre elles tam subitamente, que ainda que se quizerão defender trinta e seis Hollandezes que erão, não puderão, antes lhes matarão vinte e dous, e captivarão quatorze com as lanchas, sem que das náus lhes pudessem valer, porque ficavão longe, e logo se fizerão á vela pera seguir sua viagem, que era pera o Estreito de Magalhães, e por elle ao mar do Sul, e Costa do Perú, onde passarão, e metterão no fundo algumas náus, que encontrarão, as quaes parece que não erão de tam boa madeira, como outras, que depois encontrarão de Manilha, que he huma das Ilhas Philipinas, com que se combaterão tambem fortemente, mas emfim não as poderão levar, porque segundo me disse hum Hollandez, que se achou presente, e era Surgião de officio, era tal a madeira daquellas náus de Manilha, que a passava o pelouro, e logo se serrava o buraco por si mesmo sem unguentos, nem outra cousa, o que não tinhão as suas Hollandezas, antes lhe metterão duas no fundo, e fugio huma, e tomarão as outras, captivando a gente, que ficou com vida, mettendo-os a rogar nas galés com tanta fome e trabalho, que tomarão antes a morte, segundo este Surgião dizia.

Os outros, que tomarão no Rio de Janeiro, quizera Martim de Sá tomar á sua conta, pera que andassem soltos, e levou pera sua casa hum chamado Francisco, e o regalou....

NB. O resto deste Capitulo Nono não está no Manuscripto, nem nas Emendas; alem disto salta deste Capitulo para o Decimo Oitavo, havendo portanto huma falta de oito Capitulos: o Capitulo Decimo Oitavo he o seguinte.

CAPITULO DECIMO OITAVO

De como estando provido Henrique Corrêa da Silva por Governador do Brasil, não veio; a causa porque; e como veio em seu lugar Diogo de Mendonça Furtado

Tendo Dom Luiz de Souza acabado o triennio do seu governo do Brasil, e sua molher a Condessa de Medelim na Côrte, que requeria sua ida, proveo Sua Magestade o cargo em Henrique Correa da Silva, que o aceitou de boa vontade, e bom zelo, segundo alcancei algumas vezes que com elle fallei em Lisboa, onde me achei em aquelle tempo, no qual determinou Duarte de Albuquerque Coelho de mandar seu irmão Mathias de Albuquerque a governar a sua Capitania: porque os mais Governadores, depois que Diogo Botelho a encetou, se vinhão ali em direitura, por se não encontrarem em pontos de preeminencias, que como são pontos são indivisiveis, e cada hum os quer todos pera si. Alcançou huma Provisão de Sua Magestade, que se notificou ao Governador Henrique Correa, pera que se viesse em direitura á Bahia sem tocar Pernambuco, e se de arribada, ou de qualquer outro modo lá fosse lhe não obedecessem; ao que elle respondeo que nem a Pernambuco, nem ao Brasil viria, porque não havia de dar homenagem das terras, que não podia vêr como estavão fortificadas, e o que havião mister pera serem defendidas, e governadas como convem. Pelo que Sua Magestade, se havia de ser com aquella condição, podia prover o cargo em outrem, como de feito proveo logo em Diogo de Mendonça Furtado, que havia vindo da India onde estava casado, e andava requerendo na Côrte a satisfação de seus serviços.

Diogo de Mendonça se aprestou o mais breve, que poude; e porque os Desembargadores, que vierão com Dom Diogo de Menezes, huns erão mortos, outros idos pera o Reyno com licença de ElRey, e outros lha tinhão pedida pera se irem, mandou sete com o Governador, pera que com dous, que cá estavão casados, se inteirasse outra vez a casa, e tribunal da Relação.

Todos partirão de Lisboa em o mez de Agosto de mil seiscentos e vinte e hum, e chegando á altura de Pernambuco, onde os navios, que pera lá vinhão se apartarão dos da Bahia, mandou o Governador a elles hum creado chamado Gregorio da Silva provido na Capitania do Recife, que estava vaga pela ausencia de Vicente Campello, posto que Mathias de Albuquerque o admittio só na Capitania da fortaleza de ElRey, separando-lhe a do lugar ou povoação, que ali está, e dando-a a hum seu criado, e assim andão já separadas.

CAPITULO DECIMO NONO

Da chegada do Governador Diogo de Mendonça á Bahia, e ida de seu antecessor Dom Luiz de Souza pera o Reyno

Em doze de Outubro de mil seiscentos e vinte e hum, a huma terça-feira, que o vulgo tem por dia aziago, chegou o Governador Diogo de Mendonça Furtado, que foi o duodecimo Governador do Brasil, á Bahia, e desembarcando foi levado a Sé com acompanhamento solemne, e dahi a sua casa, donde antes de subir a escada, foi ver o almazem das armas, e polvora, que estava na sua loge, demonstração de se prezar mais de soldado e Capitão, que de outra cousa, e na verdade esta era em aquelle tempo a mais importante de todas, por se haverem acabado as pazes ou tregoas entre Hespanha, e os Hollandezes, e se esperarem novas guerras nestas partes transmarinas, que estas são sempre as que pagão por nossos peccados, e ainda pelos alheios, e assim he necessario que as Ilhas e Costas do mar estejão sempre em arma.

Isto parece que proveo o Governador Diogo de Mendonça, quando antes que entrasse em casa, e se desenjoasse, e descançasse da viagem, quiz ver o almazem de armas. Com seu antecessor em quanto senão partio pera o Reyno correo com muita amizade, visitas de comprimentos, assim em publico nas igrejas, como em sua casa, a que Dom Luiz respondia como bom cortezão; e aprestando-se os navios, se embarcou em hum patacho de Vianna, chamado Manja Legoas, por ser bom navio de vela, deixando a todos saudosos com a sua abzencia, porque nunca por obra, nem por palavra fez mal algum, e foi mui rico sem tomar o alheio, senão pelo grande cabedal que trouxe seu, e retorno que sempre lhe vinha, antes fez alguns emprestimos, que lhe ficarão devendo, os quaes não sei depois como se lhe pagarião.

Fez em seu tempo huma formosa casa contigua com as suas pera se fazer nella Relação, que athé então se fazia em casas de aluguel; e porque hum Seminario, que ElRey havia mandado fazer com renda pera quatro orphãos estudarem, se havia desfeito, por as casas serem de taipa de terra, e cahirem, começou outras de pedra e cal, mas nem por ser obra tam pia, nem por deixar já pera ella seis mil cruzados consignados, houve quem lhe puzesse mão athé agora, e queira Deus que alguma hora o haja.

Levou Dom Luiz em sua companhia Pero Gouvea de Mello, que fora Provedor Mór da Fazenda, e o Desembargador Francisco da Fonseca Leitão; e tomou de caminho Pernambuco, pera ir em companhia da frota, da qual não quiz ir por Capitão, por ser de navios mercantes, ou por não ter occasião de entender com Mathias de Albuquerque, Capitão Mór de Pernambuco, com quem não estava corrente.

CAPITULO VIGESIMO

De como Antonio Barreiros, filho do Provedor Mór da Fazenda, foi por Provisão do Governador Geral Diogo de Mendonça Furtado governar o Maranhão, Bento Maciel o Gram-Pará, e o Capitão Luiz Aranha a descobril-o pelo Cabo do Norte por mandado de Sua Magestade

Sabendo Sua Magestade da morte de Hyeronimo de Albuquerque, Capitão Mór do Maranhão, proveo na Capitania com titulo de Governador, independnte do Governador do Brasil, a Dom Diogo de Carcome Hespanhol, casado em Lisboa, o qual se deteve tanto tempo em seus requerimentos, e pretenções, ou os Ministros de ElRey em o despachar, que primeiro o despachou a morte, e morreo em sua casa antes que de Lisboa se partisse. Pelo que o Governador determinou prover a serventia, em quanto ElRey não mandava outro, e porque Sua Magestade tinha dado a Provedoria Mór de sua Fazenda a Antonio Barreiros por seis annos, com condição que se dentro nelles fizesse dous engenhos de assucar no Maranhão lhe faria mercê do Officio por toda a vida; proveo o Governador na Capitania do dito Maranhão a Antonio Moniz Barreiros, filho do dito Provedor, pera com o poder do seu cargo melhor poder fazer os engenhos.

Tambem proveo na do Rio das Amazonas a Bento Maciel Parente, por ser morto Hyeronimo Fragoso de Albuquerque, que o servia como fica dito, e neste mesmo tempo, que foi em o anno do Senhor de mil seiscentos e vinte e tres, mandou Sua Magestade o Capitão Luiz Aranha de Vasconcellos em huma caravella de Lisboa a descobrir e sondar o dito Rio pelo Cabo do Norte, por dizerem que por ali podia tirar a sua prata do Potucy, com menos gasto, e pera este effeito lhe deo Provisão pera os Capitães de Pernambuco, Rio Grande, Maranhão, e Pará lhe darem tudo o que fosse necessario; em virtude das quaes lhe deo Mathias de Albuquerque em Pernambuco huma lancha com dezasete soldados, e o piloto Antonio Vicente, mui experimentado em aquella navegação, e lhe carregou na caravella oito mil cruzados de diversas sortes de fazendas por conta de Sua Magestade pera a fortaleza do Pará, que havia dous annos se não provia com pagas, nem algum soccorro, pelo que estava mui necessitada, e André Pereira Timudo, Capitão Mór do Rio Grande, lhe deo quatro soldados, dos quaes era hum Pero Gomes de Gouvea seu Alferes, que o Capitão Luiz Aranha fez Capitão da lancha.

Os outros erão o Sargento Sebastião Pereira, Pero Fernandes Godinho, e hum carpinteiro, que tambem foi importante á jornada. Antonio Moniz Barreiros

no Maranhão lhe deo quinze soldados, em que entrava hum Flamengo chamado Nicoláu, que os Indios havião tomado no Pará sahindo-se de hum forte que os Hollandezes lá tinhão, com outros dous, e sete negros de Guiné, a huma roça a plantar tabaco, e era pratico em aquelle gram Rio.

Pera o qual se partirão os nossos do Maranhão, e chegarão á fortaleza a quatorze de Maio da dita éra de mil seiscentos vinte e tres, onde o Capitão della Bento Maciel, por dizerem que a caravella não poderia navegar contra a corrente do Rio, lhes deo outra lancha, e algumas canoas de Indios, e lhes dava tambem trinta soldados brancos com seu Capitão signalado, que Luiz Aranha não quiz aceitar, por querer ser elle o que lho signalasse, dizendo que Sua Magestade lhe mandava dar soldados, e não Capitães; mas contentou-se com os Indios, e com o Commissario que ali estava da nossa Ordem e Provincia Frey Antonio da Merciana lhe dar o Irmão Frey Christovão de São Joseph por Capellão desta jornada, o qual era tam respeitado dos Indios, que em poucos dias de navegação pelo Rio acima lhe ajuntou quarenta canoas com mais de mil frecheiros amigos, que de boa vontade seguirão ao Capitão, movidos tambem das muitas dadivas, que elle dava aos principaes, e a outros, que lhe trazião suas offertas de caça, fructas, e legumes, as quaes não aceitava sem pagar-lhes com ferramentas, vellorio, pentes, espelhos, anzoes, e outras cousas, dizendo que assim lho mandava ElRey.

Com esta multidão de Indios, e os poucos soldados brancos, que havia trazido das outras Capitanias, seguio sua viagem, nem sem algumas grandes tormentas, principalmente huma com que lhe quebrou o leme da lancha maior, e os obrigou a tomar terra, onde o carpinteiro, que havia trazido do Rio Grande, fez outro de hum madeiro, que cortarão, com o qual, posto que as femeas erão de cordas, e era necessario renoval-as cada tres dias, todavia governava muito bem, e assim forão todos navegando athé certa paragem, onde o Flamengo Nicoláu, que trazião do Maranhão, lhes disse que estava perto hum forte de Hollandezes, os quaes não esperando que os nossos chegassem, mandarão mais de setecentos Indios seus confederados a salteal-os no Rio, como fizerão a meia noite, e se travou entre huns e outros huma batalha, que durou duas horas, mas foi Deus servido de dar aos nossos victoria com morte de duzentos contrarios, fora trinta que tomarão vivos em duas canoas, dos quaes se soube haver seis ou sete que erão amigos, e compadres dos Hollandezes por dadivas, que delles recebião, quando vinhão navios de Hollanda, mas que em aquella occasião nenhum estava no porto, nem havia na fortaleza mais de trinta soldados, e alguns escravos de Guiné, com quem lavravão tabaco.

Ouvido isto pelo Capitão mandou remar athé se pôrem Leste a Oeste com o forte, e em amanhecendo mandou lá hum soldado em huma canoa pequena, que remavão quatro remeiros, e sua bandeira branca, a dizer que se entregassem dentro de huma hora primeira, senão que os poria todos a cutello, porque assim lho mandava o seu Rey de Hespanha, cujas erão aquellas terras e conquistas.

Ao que responderão que aquella fortaleza era, e se sustentava pelo Conde Mauricio, pelo que se não podião entregar sem ordem sua, e pera esta vir era pouco tempo o que lhes dava.

Mas depois se soube que o seu intento não era este, senão esperar que lhe viesse soccorro de outra fortaleza, que distava desta dez legoas, do que tudo se desenganarão com lhe responder Luiz Aranha que elle tinha já ordem, que havia de seguir, e não tinha que aguardar outra, e mais quando a ventagem dos seus soldados era tam conhecida, e porque assim o cuidassem mandou pôr entre os brancos, assim nas lanchas como nas canoas, muitos Indios com roupetas, chapeos, ou carapuças, com que ao longe parecião todos brancos, e bastou este ardil, e outros de que usou, pera que logo levantassem bandeira de paz, e se entregassem com a artilharia, mosquetes, arcabuzes, munições, escravos, e fazendas, que tinhão na fortaleza, a qual os nossos queimarão, e arrasarão; e o dia seguinte, querendo ir dar em outra fortaleza, mandou huma canoa com quarenta romeiros todos Indios frecheiros, e tres homens brancos muito animosos, que erão Pero da Costa, Hyeronimo Correa de Sequeira, e Antonio Teixeira, a descobrir o caminho, aos quaes sahirão doze canoas de Gentio contrario, chamados Haruans, e tomando a nossa em meio sem quererem admittir a paz, e amizade, que lhes denunciavão, começarão a disparar muita frecharia, os nossos já como desesperados da vida, porque não podião ser soccorridos tam bem depressa dos mais, que ficavão longe, encommendando-se a Deus, se defenderão, e pelejarão tam animosamente, que já quando chegarão os companheiros tinhão mortos muitos, e muitos mais se matarão depois da sua chegada, e soccorro, e se tomarão quatro canoas de captivos, sem dos nossos morrerem mais de sete, mas ficarão vinte e cinco feridos, e Hyeronimo Correa de Sequeira com duas frechadas, huma no peito, outra em huma perna, de que esteve mal, e ficou assim elle, como os dous companheiros, que ião na primeira canoa, com as mãos tam empoladas da quentura dos canos dos arcabuzes, que mais de vinte dias não puderão pegar em cousa alguma, porque cada hum delles disparou mais de quarenta tiros.

Curados os feridos, e descançando do trabalho da peleja aquella noite, na manhã seguinte mandou hum Capitão hum Cabo de esquadra com recado aos Hollandezes que se entregassem, porque assim o havião feito os da outra fortaleza de Muturú / que era o nome do primeiro sitio /, e ali os trazião comsigo, do que certificados por hum que lá lhe mandou, se vierão a entregar assim as pessoas, que erão trinta e cinco, como toda a fabrica da fortaleza, artilharia, escravos, e o mais que nella tinhão.

Aqui perguntou o Capitão aos Hollandezes se havia mais alguma fortaleza, ou estancia de gente da sua nação em aquelle Rio, e certificado que não, senão duas de Inglezes, e essas lhe ficavão já abaixo, se tornou á nossa fortaleza do Pará; e não achando nella o Capitão Bento Maciel, que o havia ido buscar pera o ajudar, se embarcou em sua caravella, e foi pela banda do

Norte da Barra Grande outra vez ao Rio arriba athé o achar, depois de ter navegado hum mez por entre hum laberinto de ilhas, e ao dia seguinte, depois de estarem juntos, virão vir huma náu, e surgir huma legoa donde estavão, á qual foi Bento Maciel com quatro canoas ao socairo da caravella em que ia Luiz Aranha, pera remetterem á náu, e pondo-se debaixo della a desfazerem, o que se não poude fazer com tanta presteza, que primeiro não alcançassem da náu com hum pelouro de oito libras a huma canoa, com que nos matarão sete homens brancos, e ferirão vinte negros, porem as outras se metterão debaixo do bojo da náu, e vendo que a não querião dar a furarão ao lume da agoa com machados, com que se foi a pique, e sobre isto puzerão os inimigos ainda fogo á polvora, pera que nenhuma cousa escapasse, e comtudo escaparão algumas pipas de vinho, e cerveja, barris de queijos, e manteiga, e huma caixa grande de botica, de que os nossos se aproveitarão; porem os Hollandezes, que erão cento e vinte cinco, todos forão mortos a fogo e a ferro.

Com estas victorias e boas informações do grande Rio das Amazonas, que sempre o piloto Antonio Vicente foi sondando, se partio Luiz Aranha de Vasconcellos, em a sua caravella, a dar a nova a ElRey, levando por testemunhas quatro dos Hollandezes, que havia tomado, e hum Indio principal, que o havia guiado, e tambem alguns escravos, pera de caminho vender em Indias, donde se partio em companhia da frota da prata, mas apartando-se della junto a Belmuda (*sic*), dahi a quinze dias foi tomado dos cossarios Hollandezes, os quaes por irem muitos doentes das gengivas, a que chamão mal de Loanda, o lançarão em hum pequeno bote com quatro marinheiros Portuguezes na Iliceira, pera que lhe fossem buscar alguns limões, e outra embarcação mais capaz em que levassem os companheiros, e por não tornarem / cousa mui ordinaria de quem se vê livre / levarão os mais captivos a Salé, donde sahirão por resgate, excepto o Indio, e os quatro Hollandezes, que levarão livres á Hollanda.

CAPITULO VIGESIMO PRIMEIRO

Das fortificações, e outras boas obras, que fez o Governador Diogo de Mendonça Furtado na Bahia, e duvidas, que houve entre elles e o Bispo, e outras pessoas

Era o Governador Diogo de Mendonça Furtado liberal, e gastava muito em esmolas. Accrescentou a igreja de S. Bento, que lhe custou dous mil cruzados, e a todos os mais Mosteiros ajudou, e fez as esmolas que poude. Fortificou a Cidade, cercando-a pela parte da terra de valla de torrões; e porque a casa que servia de almazem, junto á da Alfandega, estava cahida,

começou a fazer outra no cabo da sua, pera que o alto lhe ficasse servindo de galaria, e o baixo de almazem, como tudo se fez com muita perfeição, posto que a outros não pareceo bem depois o almazem, por não ser boa tanta visinhança com a polvora.

Tambem começou a fazer a fortaleza do porto em hum recife, que fica hum pouco apartado da praia, havendo Provisão de Sua Magestade pera se fazer não só da imposição do vinho, que estava posta nesta Bahia, mas tambem da de Pernambuco, e Rio de Janeiro, e que do dinheiro que recebem os mestres, não dos fretes, senão de outro, que elles introduzirão chamado de avarias, que ordinariamente são duas patacas por caixa, désse quatro vintens cada hum pera a obra da fortaleza, que não deixou de ser contrariada de alguns, porém realmente era mui necessaria pera defensão do porto, e dos navios que ali surgem á sombra della, e de que não se póde tirar o louvor tambem ao architecto Francisco de Frias, que a traçou.

Hum dos contradictores, que houve da fortaleza sobredita, foi o Bispo Dom Marcos Teixeira, o qual sendo rogado que quizesse ir benzer a primeira pedra, que se lançou no cimento do forte, não quiz ir, dizendo que se lá fosse seria antes amaldiçoal-a, pois fazendo-se o dito forte cessaria a obra da Sé, que se fazia do dinheiro da imposição; mas não foi este o mal, que o Governador lhe reservou seis mil cruzados pera correr a obra da Sé, senão que do dia, que chegou o Bispo a esta Cidade, que foi a oito de Dezembro de mil seiscentos vinte e dous, desconcordarão estas cabeças, não querendo o Governador achar-se no acto do recebimento, e entrada do Bispo, senão se houvesse de ir debaixo do palio praticando com elle, no que o Bispo não quiz consentir, dizendo que havia de ir revestido da capa de asperges, mitra e baculo, lançando bençãos ao povo, como manda o ceremonial romano, e não era decente ir praticando.

Por isto não foi o Governador, mas mandou o Chanceller, e Desembargadores, e depois o foi visitar á casa, e se visitarão pessoalmente, e de presentes muitas vezes. Logo se levantou outra duvida acerca dos lugares da igreja, querendo o Governador que tambem se assentassem ambos de huma parte, e ali estivessem ambos conversando, ao que o Bispo respondeo não podia ser conforme ao mesmo ceremonial, por razão dos circulos e outras ceremonias, que mandão se fação com elle em as missas solemnes; e nem isto bastou, nem huma sentença, e Provisão de ElRey, que lhe mandou mostrar, em que por evitar duvidas / quaes as houve entre o Governador e Bispo de Cabo Verde / declara pera os do Brasil, e todos os mais, que o Governador se assente á parte da Epistola, e primeiro se insençasse o Bispo, e depois o Governador.

Nem isto bastou, antes respondeo que se elle se achasse em alguma igreja com o Bispo, se cumprisse o que o ceremonial, e ElRey manda, fundado em que nunca iria onde o outro fosse, e assim o cumprio.

Os Desembargadores, que não podião contender com elle sobre o lugar

material da igreja, contenderão sobre o espiritual, e jurisdicção que tem pera a correição dos vicios, e neste tempo mais que em nenhum outro, porque lhe tirarão de hum navio dous homens casados, que mandou fazer vida com suas molheres a Portugal, por estarem cá abarregados com outras havia muito tempo, e isto sem os homens aggravarem, antes requerendo que os deixassem ir, pois já estavão embarcados; pelo que o Bispo excommungou o Procurador da Corôa, que foi o autor disto, e houve sobre o caso muitos debates, emfim estas erão as guerras civis, que havia entre as cabeças, e não erão menos as que havia entre os Cidadãos, prognostico certo da dissolução da Cidade, pois o disse a Summa Verdade, Christo Senhor Nosso, que todo o Reyno onde as houvesse, entre os naturaes e moradores, seria assolado e destruido.

Outro prognostico houve tambem, que foi arruinarem-se as casas de ElRey, em que o Governador morava, de tal maneira, que se as não sustentarão com espeques, se vierão todas ao chão, sendo assim que erão de pedra e cal, fortes, e antigas, sem nunca athé este tempo fazerem alguma ruina.

CAPITULO VIGESIMO SEGUNDO

De como os Hollandezes tomarão a Bahia

A vinte e hum de Dezembro de mil seiscentos vinte e tres partio de Hollanda huma armada de vinte e seis náus grandes, treze do Estado, e treze fretadas de mercadores, da qual avisou Sua Magestade ao Governador Diogo de Mendonça que se apercebesse na Bahia, e avisasse os Capitães das outras Capitanias fizessem o mesmo, porque se dizia virem sobre o Brasil. O Governador avisou logo a Martim de Sá, Capitão Mór do Rio de Janeiro, o qual entrincheirou toda a Cidade, concertou a fortaleza da barra, e fez ir os homens do reconcavo pera os repartir por suas estancias, companhias e bandeiras; e porque muitos não apparecião, por andarem descalços, e não terem com que lançar librés, ordenou huma companhia de descalços, de que elle quiz ser o Capitão, e assim ia diante delles nos alardos descalço, e com humas ceroulas de linho, e o seguião com tanta confiança, e presumpção de suas pessoas, que não davão ventagem aos que nas outras companhias militavão ricamente vestidos, e calçados.

Sem esta, forão muitas as preparações de guerra, que fez Martim de Sá nesta occasião. As mesmas farião nas outras Capitanias / que a todas se deo aviso, athé o Rio da Prata /, mas faço menção do Rio de Janeiro como testemunha de vista, porque ainda então lá estava. Da mesma maneira se apercebeo o Governador nesta Bahia, mandando vir toda a gente do reconcavo; e por

alguns se não tornassem logo por serem pobres, e não terem que comer na Cidade, mandou a hum mercador seu privado que désse a cada hum desses tres vintens pera cada dia, por sua conta; porém como não haja moeda de tres vintens, dizia-lhes que levassem hum tostão, e lhes daria huma de oito vintens, e se os pobres lhe levavão o tostão, lhes dizia que o gastassem primeiro, e depois lhe daria os tres vintens, porque o Governador lhos não mandava dar senão aos pobres, que nenhuma cousa tinhão, nem lhes aproveitava replicar que havião pedido o tostão emprestado, e que não era seu, nem outra alguma razão que dessem.

Não se passarão muitos dias, quando vierão ao Governador novas de Boepeba, que andava lá huma náu grande, a qual tomara hum navio, que vinha de Angola com negros. Quiz sahir ou mandar a ella, cuidando que não seria da armada, porque passava de quatro mezes era partida de Hollanda, e se entendia haveria aportado em outra parte: e esta era a náu Hollanda, em que vinha o Coronel pera governar a terra, chamado Dom João Vandort, a qual não poude tomar a Ilha de S. Vicente, que he huma das de Cabo Verde, onde as outras náus se detiverão dez semanas a tomar agoa, e carnes, e levantar oito chalupas, que trazião em peças; e por esta causa chegou primeiro a esta Costa, e andava aos bordos dos Ilhéos pera o morro, esperando as mais pera entrar com ellas, o que não fez, porque não as vio quando entrarão, que foi a nove de Maio da éra de mil seiscentos e vinte e quatro; mas vistas pelo Governador Diogo de Mendonça repartio logo as estancias pelos Capitães, e gente das freguezias de fóra, que ainda aqui estavão, e da Cidade; e deixando a companhia de seu filho, que era de soldados pagos, e recebião soldo da Fazenda de ElRey, pera acudir, aonde fosse necessario, mandou a outra companhia com seu Capitão Gonçalo Bezerra ao porto da Villa Velha, que he meia legoa da Cidade; e o Escrivão da Camera Ruy Carvalho com mais de cem arcabuzeiros do povo, além de sessenta Indios frecheiros de Affonso Rodrigues, da Cachoeira, que os capitaneava.

Fez a Lourenço de Brito Capitão dos Aventureiros, e a Vasco Carneiro encommendou a fortaleza nova, da qual posto que não acabada jogava já alguma artilharia. Não trato das outras estancias, porque só em estas duas partes desembarcarão os Hollandezes aquella mesma tarde.

Os do porto da Villa Velha estavão com os seus arcabuzes feitos detraz do matto, pera os dispararem ao desembarcar dos bateis; porém vendo ser muito maior o numero dos inimigos não os quizerão esperar, quiz detel-os Francisco de Barros na Villa Velha animando-os, ainda que velho e aleijado, mas ião tam resolutos, que nem bastou esta amoestação, nem outra que lhe fez o Padre Hyeronimo Peixoto, Pregador da Companhia, o qual os foi esperar a cavallo, dizendo-lhes porque fugião, pois tinhão por todo aquelle caminho de huma parte e de outra mattos donde se podião embrenhar, e a seu salvo fazer a sua batalha sem os inimigos saberem donde lhes vinhão.

Nada disto bastou pera tirar-lhes o medo, que trazião, antes como mal contagioso o vierão pegar aos da Cidade, ou lho tinhão já pegado os primeiros nuncios, pois de quanta gente estava nella não houve outro soccorro que sahisse senão hum Padre Pregador, que então pregava em deserto, e todavia se fôra hum bom soccorro, que lançarão duas mangas de gente por entre o matto, e rebentarão das encruzilhadas, que ha em o caminho, ainda que os Hollandezes erão mil e duzentos, não lhes deixarão de fazer muito damno.

Melhor o fizerão os da fortaleza nova, á qual o Almirante Petre Petrijans (*sic*), ou como os Portuguezes lhe chamamos Pero Peres, com o resto da sua soldadesca valorosamente combateo, e não com menos valor, e animo lha defendeo Vasco Carneiro, e Antonio de Mendonça, que o ajudou com mui poucos dos seus soldados, que já os mais lhe havião fugido; tambem os soccorreo com muito animo Lourenço de Brito, Capitão dos Aventureiros, porém como erão muitos os Hollandezes, e o forte não estava acabado, nem com os repairos necessarios, foi forçado largar-lho, estando já Lourenço de Brito ferido, e treze homens mortos, sendo dos ultimos que se sahio o nosso Irmão Frey Gaspar do Salvador, que os esteve exhortando, e confessando, e quando se abaixou perà entender o que lhe dizia hum Castelhano, a quem hum pelouro havia levado huma perna, o livrou Deus de outro, que lhe passou por cima da cabeça, havendo-lhe já outro levado hum pedaço de tunica: e os Hollandezes por ser já noite, e se temerem que os rebatessem da parte de terra se contentarão só com cravar as peças de artilharia, e o deixarão, tornando-se pera as suas náus, não deixando dellas de dia nem de noite de esbombardear pera a Cidade, e pera toda a praia, na qual matarão a Pero Gracia no seu balcão, onde se poz com seus criados, e chegando o Governador a perguntar-lhe como estava / porque andava elle em aquelle (*sic*) doente / lhe respondeo: « Senhor, já estou bom, que neste tempo os enfermos sarão, e tirão forças da fraqueza », animo por certo, a que os proprios inimigos deverão ter respeito, e assim depois que o souberão, mostrarão pesar, pondo a culpa á diabolica arma do fogo, que aos mais valentes mata primeiro, e como raio onde mais fortaleza acha faz mais damno.

O pelouro lhe deo pelas queixadas, e ainda lhe deo lugar a se confessar, e de se reconciliar com alguns seus inimigos, que alli se acharão, hum dos quaes era Henrique Alvares, a quem tambem outro pelouro matou pouco depois. Os mais que havião desembarcado na Villa Velha se alojarão aquella noite em S. Bento, pera combaterem no dia seguinte a Cidade, na qual o Governador determinou de se defender, mas como se não poz em hum cavallo correndo, e discorrendo por toda a Cidade que não lhe fugisse a gente, todos se forão sahindo: o que não podia ser sem que os Capitães das portas, e mais sahidas da Cidade fossem os primeiros; e o Bispo, que aquelle dia se fez amigo com o Governador, e se lhe foi offerecer com huma companhia de Clerigos, e seus criados, pedindo estancia onde estivesse, e a quem o Governador agra-

decendo-lhe muito o offerecimento disse que em nenhuma parte podia estar melhor que na sua Sé, tambem a desemparou, consumindo o Santissimo Sacramento, e deixando a prata e ornamentos, e tudo o mais, o mesmo fizerão Clerigos e Frades e seculares, que só tratarão de livrar as pessoas, e algumas cousas manuaes, deixando as casas com o mais, que tinhão adquirido em muitos annos: tanto poude o receio de perder a vida, e emfim se perde tarde ou cedo, e ás vezes em occasião de menos honra.

CAPITULO VIGESIMO TERCEIRO

De como o Governador Diogo de Mendonça foi preso dos Hollandezes, e o seu Coronel Dom João Vandort ficou governando a Cidade

O Governador vendo que a gente era toda fugida, ainda que não faltou quem lhe dissesse que fizesse o mesmo, respondeo que nunca lhe estava bem dizer-se delle que fugira, e antes se poria o fogo, e se abrasaria, e vendo passar dous Religiosos nossos pela praça os chamou, e confessando-se com hum delles se recolheo dentro de sua casa só com seu filho Antonio de Mendonça, Lourenço de Brito, o Sargento Mór Francisco de Almeida de Brito, e Pero Casqueiro da Rocha.

Pela manhã chegarão os Hollandezes á porta da Cidade, e a outras entradas, que ficão daquella parte de S. Bento, onde se havião alojado de noite, e não achando quem lho contradissesse, entrarão, e tomarão della posse pacifica, subirão alguns á casa do Governador, que neste tempo quiz pôr fogo a huns barris de polvora pera abrasar-se, se Pero Casqueiro lhe não tirara o morrão da mão, e vendo-os entrar levou da espada, e remetteo a elles, mas emfim o prenderão, e aos que com elle estavão, e os repartirão pelas náus.

Dahi a dous dias chegou o Coronel Dom João Vandort, que como dissemos no Capitulo passado não havia entrado com os mais, e começou a governar as cousas da terra, porque o General, que era hum homem velho chamado Jacob Vilguis, nunca, ou rarissimamente sahio da náu: o Coronel era homem pacifico, e se mostrava pesaroso do damno feito aos Portuguezes, e desejoso da sua paz e amizade, e assim aos que quizerão tornar passou passaportes, e lhes mandou dar quanto quizerão, não sem os seus lho estranharem, porque segundo o principio que levava lhe houverão de levar tudo; porém a não serem os Portuguezes tam firmes na fé da Santa Igreja Catholica Romana, e tam leaes aos seus Reys como são, não lhes fizera menos guerra com estas dadivas, sujeitando os animos dos que as recebião, do que os seus a fazião por outra parte com as armas, tomando quanto podião pelas roças

circumvisinhas da Cidade, e isto com tanto atrevimento como se forão senhores de tudo, e assim se atreverão só tres ou quatro a ir ao tanque dos Padres da Companhia, que dista da Cidade hum terço de legoa, e em sua presença fallando-lhes hum delles latim, e dizendo-lhes : Quid existimabatis quando vidisti classem nostram »; fazendo dos calções alforges, e enchendo-os de prata da igreja, e de outra que alli acharão, os puzerão aos hombros, e se forão mui contentes; porém quatro negros dos Padres, que não tinhão tanta paciencia, os forão aguardar ao caminho com seus arcos e frechas, e matando o Latino, fizerão fugir os outros, e largar a prata que levavão.

Da mesma maneira forão onde a vargea de Tapuyppe, que dista pouco mais de meia legoa, e matarão huma vacca, mas estando esfolando-a deo sobre elles Francisco de Crasto, George de Aguiar, e outros cinco homens brancos, e doze Indios, e matarão cinco dos Hollandezes, e logo chegou tambem Manoel Gonçalves, e seguindo os outros que fugião matou quatro, e ferio dous feridos, que levarão a nova, deixando a vacca morta e esfolada aos Indios, que a comerão, e as suas armas aos nossos soldados.

Nem só andavão os Hollandezes insolentes por estes caminhos, mas muito mais os negros, que se metterão com elles, entre os quaes houve hum escravo de hum serralheiro que prendeo seu senhor em a roça de Pero Gracia, onde se havia acolhido, e depois de o esbofetear, dizendo-lhe que já não era seu senhor, senão seu escravo, não contente só com isto lhe cortou a cabeça, ajudado de outros negros, e de quatro Hollandezes, e a levou ao Coronel, o qual lhe deo duas patacas, e o mandou logo enforcar, que quem fizera aquillo a seu senhor, tambem o faria a elle se pudesse.

Melhor o fez outro negro, que nos servia na horta, chamado Bastião, o qual tambem se metteo com os Hollandezes, mas porque lhe quizerão tomar hum facão, que levava na cinta, e o ameaçarão que o enforcarião, se sahio da Cidade com outros dous ou tres negros, os quaes encontrarão á fonte nova, que he logo á sahida, seis Hollandezes, que lhe começarão a buscar as algibeiras, mas como o Bastião levava ainda o seu facão, temendo-se que se lho vissem o quererião outra vez enforcar, o escondeo em o peito de hum, e matando-o lançou a correr pelo caminho, que vai pera o Rio Vermelho, onde encontrou huns criados de Antonio Cardoso de Barros, os quaes informados do caso fingirão tambem que fugião com o negro, e se forão todos embrenhar adiante, donde depois que os Hollandezes passarão lhes sahirão nas costas, e os forão levando athé hum lameiro, e atoleiro, onde matarão quatro, e captivarão hum, e será bem saber-se pera gloria dos valentes, que o era tanto hum dos mortos homem já velho, que mettido no atoleiro quasi athé á cinta alli aguardava as frechas tam destramente com a espada, que todas as desviava, e cortava no ar, o que visto por Bastião se metteo tambem no lodo, e lhe deo com hum páu nos braços, atormentando-lhos de modo que não poude mais manear a espada.

CAPITULO VIGESIMO QUARTO

De como o Bispo foi eleito do povo por seu Capitão Mór emquanto se avisava a Pernambuco a Mathias de Albuquerque, que era Governador

Tanto que a Cidade foi tomada, e o Governador preso, se juntarão dahi a alguns dias os Officiaes da Camera na aldêa do Espirito Santo, que he de Indios doutrinados dos Padres da Companhia, e alli abrirão a via de successão do Governador Diogo de Mendonça, em que Sua Magestade mandava que por sua morte ou absencia lhe succederia no Governo Mathias de Albuquerque, que actualmente estava governando Pernambuco por seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho, senhor daquella terra, do que logo avisarão, mas porque a distancia he grande, e de ida e vinda são mais de duzentas legoas de caminho, e os Hollandezes não contentes com estarem senhores da Cidade, se querião assenhorear do que havia fóra, como vimos no precedente Capitulo, elegeo o povo, e acclamou por seu Capitão Mór, que os governasse o Bispo Dom Marcos Teixeira, o qual a primeira cousa que intentou foi recuperar a Cidade se pudesse, e pera este effeito nomeou por Coroneis a Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, e a Melchior Brandão, e escrever a muitos homens que já estavão todos em seus engenhos, e fazendas, e como os teve juntos determinou entrar na Cidade no dia do bemaventurado Santo Antonio de madrugada, e porque no Mosteiro do Carmo, que está fóra defronte della, se havião agasalhado dous Portuguezes com suas molheres e familia, se murmurava delles que servião de espias aos Hollandezes, e lhes davão signal, e aviso com o sino; pera que então lho não dessem mandou diante Francisco Dias de Avila com Indios frecheiros e alguns arcabuzeiros que os prendessem, o que os Indios fizerão com tanta desordem, que antes elles forão os que derão aviso e signal, porque em chegando ao dito Mosteiro, e não lhes querendo os de dentro abrir, entrarão por força, dando hum urro de vozes tam grande, que ouvido pelos Hollandezes, tiverão tempo de se aperceber, de sorte que quando os quizerão commetter, que era já sol sahido, e vierão descendo a ladeira do Carmo, e alguns já subindo a da Cidade pera entrarem pela porta onde estava huma fortaleza, lhe tirarão della tantas bombardadas, e mosquetadas, que os fizerão tornar por onde vierão, e ainda os forão seguindo hum grande espaço, sendo que erão os Portuguezes mais em numero, e se se dividirão em algumas mangas, que commettessem juntamente por outras partes da Cidade, que ainda não estavão fortificadas, por ventura a recuperarão.

E porque athé este tempo entravão e sahião alguns Portuguezes na Cidade com passaporte do Coronel, houve licença Lourenço de Brito pera ir visitar a Diogo de Mendonça á nau, e concertou com elle que lhe mandaria huma

jangada, e outra pera seu filho Antonio de Mendonça, com dous Indios remeiros, que de noite mui secretamente os levassem á terra, como de feito mandou, e estando já pera descerem a ellas deo o urro, que temos dito no Carmo, com que espertarão os da náu, que lha estorvarão, e os das jangadas se acolherão mui ligeiramente pera a terra, não sem serem sentidos dos Hollandezes, que dahi por diante entendendo o que podia ser nella, e nas mais, puzerão grandessissima vigia, e os dos passaportes, com temor que os Hollandezes se alterassem com estas contas, se sahirão da Cidade sem tornarem mais a ella, só ficarão dous ou tres mercadores casados por conservarem sua fazenda, com outros tantos officiaes mecanicos, e alguns pobres velhos, e enfermos, que por sua pobreza e enfermidade não puderão sahir.

CAPITULO VIGESIMO QUINTO

De como foi morto o Coronel dos Hollandezes Dom João Vandort, e lhe succedeo Alberto Escutis, e o Bispo assentou o seu arraial, e estancias pera os assaltar

Desta desordenada vinda, e commettimento da Cidade ficarão os nossos Portuguezes desenganados de mais poderem commetter; mas ordenou o Bispo que andassem ao redor della pelos mattos algumas companhias, porque quando alguns Hollandezes sahissem fora como costumavão, ou os negros de Guiné, que com elles se havião mettido a buscar fructas, e mantimentos pelos pomares, e roças circumvisinhas, os prendessem, succedeo ser o Coronel o primeiro que sahio a cavallo a ver a fortaleza de S. Philippe, que dista huma legoa da Cidade, e á tornada se adientou dos Hollandezes, e negros, que trazia em sua guarda, levando só em sua companhia hum trombeta em outro cavallo, onde lhes sahio Francisco de Padilha com Francisco Ribeiro, seu primo, cada hum com a sua escopeta, e acertando melhor os tiros que acertou o Coronel com hum pistolete, que disparou, lhes matarão os cavallos, e depois de os verem derribados, e com os pés ainda nos estribos debaixo dos cavallos, matou o Padilha ao Coronel, e o Ribeiro ao trombeta, e logo chegarão os Indios selvagens de Affonso Rodrigues da Cachoeira, que alli andavão perto, e cortando-lhes os pés e mãos e cabeças, conforme o seu gentilico costume, e os deixarão, donde os Hollandezes levarão o corpo do seu Coronel, e o dia seguinte o enterrarão na Sé com a pompa, que costumão, muito differente da nossa, porque não levarão cruzes, musica, nem agoa benta, senão o corpo em hum caixão coberto de baêta de dó.

Os Capitães, que o levarão aos hombros, e hum filho do defunto, hum cavallo á dextra, que tambem ia, e as caixas, que se tocarão destemperadas,

tudo isto ia coberto de dó, e adiante as companhias, todos dos mosqueteiros, com os mosquetes debaixo do braço, e as forquilhas arrastando, os quaes, entrando na igreja o defunto, se ficarão de fora ao redor della, e ao tempo que o enterrarão, os dispararão todos tres vezes, não se mettendo entre huma surriada e outra mais espaço que emquanto carregão, o que fazem com muita ligeireza; e logo deixadas as armas do defunto penduradas em hum pillar dos da igreja junto á sua sepultura, se tornarão á sua casa, onde antes de entrarem se leo a via do successor, que era Alberto Escutis, o qual já quando se tomou a Cidade havia servido o cargo dous dias, que estoutro tardou, e lido o papel se fez pergunta aos Capitães e soldados se o reconhecião por seu Coronel, e Governador, pera lhe obedecerem em tudo o que lhes mandasse, e respondido que sim os despedio, feitas suas cortezias, e se recolheo com os do Conselho, e alguns, e porque de todo os Portuguezes perdessem as esperanças de poderem recuperar a Cidade, a cercou, e fortificou por todas as partes represando o ribeiro, que corre ao longo della pela banda da terra, com que cresceo a agoa sobre as hortas, que por alli havia, muitos palmos, e assim por esta banda como pela do mar fez muitos baluartes, e fortes de artilharia.

O Bispo tambem assentou seu arraial huma legoa da Cidade, em a chan de hum monte a que se não podia subir senão por tres partes, nas quaes mandou fazer tres trincheiras com suas peças, e duas roqueiras cada huma, e a que estava pera a banda da Cidade, entregue ao Coronel Melchior Brandão com a gente de Paraguasú, a outra, que estava pera Tapuype, ao Capitão Pero Coelho, e a terceira, por onde se servia pera o sertão, ao Capitão Diogo Moniz Telles, e o corpo da guarda se fazia junto á tenda, ou casa palhaça do Capitão Mór pelos soldados do Presidio, e outros, que serião todos duzentos.

A este arraial se trazia a vender carne, peixe, fructas, farinhas, e o mais que havia por todo o reconcavo, e algum pouco vinho, e azeite, que se trazia de Pernambuco em barcos athé á terra de Francisco Dias de Avila, e dahi por terra ao arraial, fora do qual havia tambem outras estancias pera os Capitães dos assaltos, convem a saber, em Tapegippe defronte da fortaleza de S. Philippe, que occupavão os Hollandezes, estava huma trincheira com duas peças de bronze, onde assistião os Capitães Vasco Carneiro, e Gabriel da Costa com huma companhia do Presidio com quarenta soldados, e não muito longe desta estava outra em outro caminho com cinco falcões, e duas roqueiras, em que assistião os Capitães Manoel Gonçalves, e Luiz Pereira de Aguiar, e Jorge de Aguiar, e junto ao mar, e porto outra, donde estava o Capitão Jordão de Salazar da ermida de S. Pedro, pera a vigia estavão os Capitães Francisco de Crasto, e Agostinho de Paredes com sessenta homens da vigia. Pera o Rio Vermelho com quarenta homens na roça de Gaspar de Almeida, Francisco de Padilha, e Luiz de Siqueira.

Fóra estes forão tambem Capitães em alguns assaltos Pero de Campos, Diogo Mendes Barradas, Antonio Freire, e outros; os Cabos destes Capitães

dos assaltos erão da banda do Norte da Cidade, onde fica o Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo, Manoel Gonçalves, e da banda do Sul, onde fica o de S. Bento, Francisco de Padilha; posto que sempre se ajudavão huns aos outros, quando a necessidade o requeria, e Lourenço de Brito como Capitão dos Aventureiros acudia a todas as partes.

CAPITULO VIGESIMO SEXTO

Dos assaltos, que se derão emquanto governou o Bispo

Ordenadas as cousas pelo Bispo, na maneira que fica dito, sabendo os Capitães Francisco de Padilha, e Jorge de Aguiar, que os Hollandezes fazião poste em a casa de Christovão Vieira, Escrivão dos Aggravos, a qual está hum pouco mais de hum tiro de pedra fora do muro, e porta da Cidade, entrarão nella huma noite com mais dez companheiros, e á espada matarão quatro Hollandezes, pelo que depois derribarão e puzerão fogo á casa, e a todas as mais que havia nos arrebaldes, e roçarão os mattos, que lhe podião ser impedimento, e aos Portuguezes abrigo, mas sobre este roçar de mattos, e derribar casas houve alguns encontros, em que os Capitães Lourenço de Brito, e Antonio Machado com a sua gente matarão huma vez quatro, e por outra o mesmo Lourenço de Brito, e Luiz de Sequeira matarão muitos, e aqui testificou o Capitão Lourenço de Brito do negro Bastião, de que atrás fizemos menção, que se adiantou a todos dizendo, que a sua frecha não chegava tam longe como o pelouro dos arcabuzes, e assim lhe era necessario pera empregal-a nos inimigos chegar-se mais perto delles, o que tambem fez em outros encontros, e huma vez andando já com elles á espada, dizendo-lhes os nossos negros que se retirasse, respondeo « Não retira, não, sipanta, sipanta, » querendo nisto dizer que não era tempo de retirar quando andavão já á espada; porque tinha experimentado dos Hollandezes que não erão tam dextros nesta arma, como nas de fogo, e assim vindo á espada tinha já o pleito por vencido; outros Hollandezes forão athé a casa de Jorge de Magalhães, que dista mais de huma legoa da Cidade, queimando as que havia pelo caminho, e roubando quanto achavão; porque os moradores se sahião fugindo pera os matos, e a huma molher, que não poude fugir, quizerão romper as orelhas pera lhe tirarem os cercilhos, e pendentes de ouro, se ella não lhos dera, e ainda fizerão outras cousas peiores se não acudira Francisco de Padilha com a sua gente, o qnal matou quatro, e foi seguindo os mais, qne lhe fugirão athé o Rio Vermelho; outra vez forão muitos ao pomar de Diogo Sodré, que se chama da Vigia, porque dalli a fazem aos navios que apparecem na Costa, e se dá aviso na Cidade antes que entrem na barra, e levarão muitos negros comsigo dos seus confederados pera carregarem de laranjas, limas doces, limões, e cidras, que ha alli muitas, mas sahirão-lhe os Capitães Antonio Machado, e Antonio de Moraes com cincoenta

homens cada hum, e depois de batalharem animosamente, e lhes matarem nove Hollandezes, todavia se retirarão com dous Portuguezes mortos, e alguns feridos; mas a este tempo acudio o Capitão Padilha com vinte soldados seus, e indo após elles, que já se ião pera a Cidade, lhe fizerão rosto, e se tornou a travar outra batalha, a que tornarão os dous primeiros Capitães, que se havião retirado, e os forão levando athé terem vista do soccorro, que ia aos Hollandezes, que então os deixarão, por não terem mais polvora, nem munição, mas ainda nesta segunda batalha lhe matarão muitos mais, e captivarão hum vivo, chamado Rodrigo Matheus, que levarão ao Bispo.

Não se havião com menos animo e esforço Manoel Gonçalves, e os mais Capitães, que ficavão da banda do Carmo, vigiando continuadamente se sahião pera aquella parte alguns Hollandezes, e assim junto ao mesmo Mosteiro do Carmo matarão huma vez seis, e outra tres; e sahindo do forte de S. Phillipe a pescar a humas camboas, que ficão perto, derão sobre elles, e os pescarão, antes que elles pescassem; matarão hum, e captivando tres, que levarão ao Bispo, dos quaes hum era o cabo do forte; e vendo os Hollandezes que os nossos se ajudavão por estes assaltos, de humas casas que alli estavão, onde no tempo da paz morava o Capitão do forte com sua familia, forão huma manhã cinco com picões pera derribal-a, mas Manoel Gonçalves, Jorge de Aguiar, e Pero do Campo, que já estavão esperando emboscados em o matto, tanto que os virão subidos pera destelharem a casa, sahirão com os seus, matarão dous, e seguindo os outros athé á porta da fortaleza, e sem falta a entrarão daquella vez, se na mesma porta não puzessem os de dentro huma peça de artilheria, que dispararão com muita munição miuda, e os fizerão tornar.

Outra vez havendo-lhe hum negro do Capitão Pero de Campo tomado o batel do pé do forte, e levado aos nossos, sem embargo de muitas peças, que lhe atirarão sem lhe acertar alguma, entendendo o dito Capitão Manoel Gonçalves que pois não tinhão batel irião por terra dar aviso á Cidade do que passava, os foi esperar ao caminho, e vendo que ião dous em huma jangada mandou a elles a nado, mas não os tomarão, porque lhes acudio huma lancha sua, que ia da Cidade.

CAPITULO VIGESIMO SEPTIMO

De outros assaltos, que se derão á beira mar aos Hollandezes

Vendo os Hollandezes que por terra ganhavão mui pouco, e os não deixavão chegar ás fazendas de fóra, determinarão ir a ellas por mar, sucapa / como elles dizião / de buscar algum refresco por seu dinheiro, ou a troco de outras mercadorias; e pera isto levavão ás vezes alguns Portuguezes comsigo, dos que entre si tinhão, pera que segurassem aos outros da paz, e quando não quizessem lhes farião guerra, mas tambem disto se previnio o Bispo, mandando

que os que tinhão engenhos, e fazendas junto á praia se fortificassem, e assistissem nellas, e por esta causa mandava sahir de cada freguezia vinte homens a assistir no arraial, e com esta prevenção se defenderão dos inimigos em algumas partes, e ainda em outras os offenderão, como fez Bartholemeu Pires, morador na boca do Rio de Matuim, o qual vendo que de hum patacho que alli se poz sahião os Hollandezes ás vezes ao engenho de Simão Nunes de Mattos, que está defronte na ilha de Maré, a comer com o feitor, porque seu dono não estava ahi, se foi metter com elles, e os convidou pera huma merenda no dia seguinte, avisando a Antonio Cardoso de Barros lhe mandasse gente pera o ajudar, como mandou, e a poz em cillada da outra parte do engenho, e mortas as gallinhas, postas a assar pera mais dissimulação, tanto que os teve juntos deo signal aos da emboscada, os quaes sahirão, e matarão alguns, em que entrou hum mercador Hollandez; e fugindo os mais pera o batel, captivarão só tres, que depois dahi a seis mezes tornarão a fugir de casa de Antonio Cardoso de Barros pera os seus.

Outros forão em huma náu á ponta da Ilha de Taparica, chamada a Ponta da Cruz, e depois de a carregarem de azeite, ou graxa de balêa, que ahi havia / porque aquelle é o lugar onde se faz /, se forão ao engenho de Gaspar de Azevedo, que está na praia huma legoa atraz da Ponta, onde lhe não tomarão assucar nem fizerão algum damno, antes lhe escreverão que viesse pera o seu engenho, e moesse canna, e lhe darião pera isso negros, e toda a fabrica necessaria, e sómente a huma cruz de páu alta, que estava no terreiro do engenho, derão algumas cutiladas, a qual milagrosamente se torceo, e virou logo pera outra parte, pera a qual caminhando depois os Hollandezes acharão alguns moradores da Ilha com Affonso Rodrigues da Cachoeira, que então alli chegou com o seu Gentio, e mortos oito a frechadas, e arcabuzadas, lhes tomarão huma lancha com tres roqueiras, e fizerão embarcar os mais com a agoa pela barba, e muitos mui mal feridos; pelo que se ficou tendo aquella cruz em tanta veneração e estima dos Catholicos, que fazem della reliquias, com que sarão muitos enfermos de maleitas, e outras enfermidades.

O Capitão Francisco Hollandez foi em outra náu á Ilha de Boipeba, que he de fóra da barra, e entrando pelo rio dentro athé a Villa do Cairú, que será de vinte visinhos, com duas lanchas de mosqueteiros; mandou o Portuguez que comsigo levava á terra, e de lá veio com elle Antonio de Couros, senhor alli de hum engenho, por ser amigo do dito Capitão Hollandez Francisco, do tempo que nesta Cidade esteve preso, como dissemos em o Capitulo Nono deste Livro; o qual Antonio de Couros, depois de se saudarem com as palavras, e cerimonias devidas, se virou ao Portuguez medianeiro, chamando-lhe tredo a ElRey, e parcial dos Hollandezes, e logo disse ao Capitão que não queria com elle paz senão guerra, e pera ella o ia esperar em terra, e foi tam honrado o Hollandez que, ou pelo seguro da paz que lhe havia dado, ou pela amizade e conhecimento que tinhão dantes, ou pelo que fosse, nem por palavras, nem

por obras lhe deo ruim resposta, antes se tornou pera a náu, que havia deixado no morro de S. Paulo, que he a barra daquelle rio, e dahi pera a Cidade, depois tornou ao Camamú com outra náu, e com mais lanchas e soldados, e outro Portuguez, que havia sido seu carcereiro no tempo que esteve preso, e com muitos negros dos que havião tomado dos navios de Angola, pera ver se lhos querião trocar por vaccas, porcos, e gallinhas, e tambem por lhe não responderem ao seu preposito, se tornou só com doze bois, que tomou do pasto do engenho dos Padres da Companhia, e ainda estes lhes custarão oito Hollandezes, que os Indios matarão a frechadas, e por haver levado as lanchas de vela perderão cá a presa de hum navio de Vianna, que vinha da Ilha da Madeira carregado de vinhos, e mui embandeirado, ao qual estando já junto das náus Hollandezas pera tomar a valla, e deitar ancora, tirarão de huma dellas duas bombardadas, o que visto pelos Portuguezes do navio conhecerão pelos pelouros que levavão ser de guerra, e largando todo o panno ao vento, que era largo, forão correndo pela Bahia dentro, indo tambem a Hollandeza, que era a náu Tigre, após ella, porém como se deteve em se desamarrar, e largar as velas, sempre o navio lhe levou esta ventagem, a qual bastou pera a seu salvo se pôr na boca do rio de Matuim, onde a náu, por ser grande, que era de tresentas e cinccenta tonelladas, e não levar lanchas, não poude chegar nem fazer-lhe damno.

O dia seguinte chegadas as lanchas do Camamú as mandarão logo ao dito rio, onde por não acharem o navio, que se foi metter dalli a huma legoa em a Petinga, derão em a fazenda de Manoel Mendes Mesas, lavrador, e lhe tomarão algumas ovelhas, que virão andar no pasto, com que tornarão pera as suas náus.

O Bispo mandou logo o Capitão Francisco de Crasto, e outros ao rio da Petinga, pera defenderem o navio se lá fossem os Hollandezes em quanto se descarregava, e delle levarão seis peças de artilharia pera o arraial, e sabendo que huma náu se puzera entre a Ilha dos Frades, e a de Maré, pera dahi com a sua lancha tomar os barcos, que por aquelles boqueirões navegavão, encarregou ao Capitão Agostinho de Paredes que andasse por ahi em huma barca pera lhe impedir as presas, e ver se podia tomar-lhes a lancha, porém elles se guardarão disso, porque estando alli vinte dias, e sahindo nella quasi cada dia o Capitão, que se chamava Cornelio Cornelles, com vinte e cinco mosqueteiros, ou quando elle não ia o piloto, a qualquer barco que passava, tanto que o barco encalhava em terra, ou se mettia pelos boqueirões o deixavão, e se tornavão á náu, o que eu sei como testemunha de vista, porque neste tempo ainda estava captivo nesta náu, e hum dia lhes disse que se desenganassem de poder fazer presa alguma; porque estava defronte huma fortaleza, mostrando-lhe huma Igreja de Nossa Senhora do Soccorro de muitos milagres, a qual defendia todo aquelle circuito, do que muito se rirão, mas emfim se tornarão pera o porto da Cidade sem pilhagem alguma.

CAPITULO VIGESIMO OITAVO

Dos navios, que os Hollandezes tomarão na Bahia, e o que fizerão da gente que captivarão

Quando os Hollandezes tomarão a Bahia acharão trinta navios ancorados, alguns ainda carregados com as fazendas, que trouxerão do Reyno, outros de assucar, já pera partirem, outros de farinha da terra, e outros mantimentos pera Angola, os quaes todos tomarão descarregando-os nos seus, e em suas loges, escolherão os melhores pera os armarem, e servirem delles, e aos mais metterão no fundo, e fóra estes lhes vierão depois a cahir nas mãos alguns vinte; porque como este porto he de tanto commercio, e vem a elle de partes tam remotas, que nem dahi a quatro mezes se póde nellas saber como estava impedido por si se vinhão entregar, e ancorar entre os inimigos, com quanto lhes era necessario de farinha de trigo, biscoito, azeite, vinho, sedas, e outras ricas mercadorias, e por remate lhes veio hum do Rio da Prata carregado della, em que vinha Dom Francisco Sarmento, que havia servido em Potosi de Corregedor, e trazia molher e filhos, e hum genro e neto, que todos recolheo o Coronel em sua casa depois de roubados, e lhes deo mesa e vestidos.

Entre estes navios tomados foi logo dos primeiros hum o dos Padres da Companhia, em que costumão visitar os Collegios e casas, que tem por esta Costa, e nesta occasião vinha ao Rio de Janeiro o Padre Domingos Coelho, seu Provincial, que ia já acabando, e o Padre Antonio de Mattos, que lhe havia de succeder, e outros Padres e Irmãos da Companhia, que por todos erão dez.

Vinhão tambem quatro Religiosos de S. Bento, e eu, e meu companheiro da Ordem do nosso Padre S. Francisco: amanhecemos aos vinte e oito de Maio da dita era de mil seiscentos e vinte e quatro na ponta do morro de S. Paulo, que he por onde se entra na primeira boca da Bahia, onde vimos duas lanchas, e huma náu, que se vierão a nós, e brevemente ferrarão do navio por vir desarmado, e se senhorearão delle, e de quanto trazia, que erão caixões de assucar, marmelladas, dinheiro, e outras cousas de encommendas, e de passageiros, que nelle vinhão e nos trouxerão pera o porto, donde nos repartirão pelas suas náus de dous em dous, e de quatro em quatro, e assim estivemos athé o fim de Julho, que o seu General se partio com onze náus pera as Salinas, e o Almeyrante com cinco, e dous patachos pera Angola, e juntamente partirão quatro em direitura carregadas de assucar pera Hollanda, em que mandarão o Governador Diogo de Mendonça Furtado, com seu filho, e o Ouvidor Geral Pero Casqueiro da Rocha, e o Sargento Mór, e tambem os Padres da Companhia, e os de S. Bento, e a nós deixarão pera nos trocarem pelos seus, que estavão captivos dos assaltos, sobre o que andava hum Portuguez, morador na terra, que fallava a lingoa Flamenga, o qual depois

acharão que lhe era tredo, e os enganava, pelo que o prenderão, e enforcarão com hum irmão seu, e hum mulato, que os acompanhava, e a nós se ficarão dilatando as esperanças da nossa liberdade, de tal sorte que meu companheiro por melhor arriscar-se a ir a nado, o que eu ainda que quizera não podia fazer, porque quem não sabe nadar vai-se ao fundo, e assim estive na prisão do mar quatro mezes, os quaes passados me pedio Manoel Fernandes de Azevedo hum dos moradores Portuguezes, que ficarão na Cidade, e concederão que viesse pera sua casa, e pudesse andar em sua companhia pela Cidade, comtanto que não chegasse aos muros e fortificações, donde me occupei em confessar os Portuguezes, em fórma que nem hum morreo sem confissão, como athé este tempo morrião, mas não erão muitos, porque todos os que se quizerão ir derão licença, e tres navios, em que se forão hum pera Pernambuco, e dous pera o Rio de Janeiro, nos quaes forão tresentas pessoas, os mais delles gente do mar, e passageiros dos navios, que tomarão, tambem fugirão muitos pera o nosso arraial, pera onde lhes não querião dar licença, e de lá se veio pera elles huma molher casada fugindo a seu marido com huma filha formosa, que o Coronel casou com hum mercador Hollandez, e lhes fez grandes festas em seu recebimento de musicas, danças, e banquetes, que durarão tres dias.

Aos mais Portuguezes, que ficamos, davão ração como aos seus de pão, vinho, azeite, carne, peixe cada semana; e as obras que lhe fazião alguns, que erão alfaiates e sapateiros, e camisas, que as molheres fazião pagavão muito bem.

CAPITULO VIGESIMO NONO

De como Mathias de Albuquerque, depois que recebeo a Provisão do Governo, tratou do soccorro da Bahia, e fortificação de Pernambuco, onde deteve a Francisco Coelho de Carvalho, Governador do Maranhão

Recebida por Mathias de Albuquerque em Pernambuco a Provisão do Governo do Brasil na vagante de Diogo Mendonça Furtado, fez logo huma juncta dos Officiaes da Camera, Capitães, Prelados da Religião, e outras pessoas calificadas sobre se viria em pessoa soccorrer a Bahia, o que por todos lhe foi contradicto; assim porque não bastaria o soccorro, que de lá podia trazer pera recuperal-a, como pelo perigo em que deixava estoutra Capitania, de cuja fortificação e defensa se devia tambem tratar, pois vião arder as barbas dos seus visinhos, com a qual resolução mandou Antonio de Moraes, que de cá havia ido, e achado no caminho hum grande pedaço de ambar, tornasse por terra com soccorro de alguns soldados com suas armas, e munições, fazendo tambem tornar outros, que encontrasse pelo caminho, e assim chegou ao arraial huma boa companhia.

O Governador se ficou fortificando na Villa de Olinda com muita diligencia, cercando toda a praia, e pondo nella soldados com seus Capitães em as estancias necessarias, como tambem fez em o rio Tapado hum terço de legoa da Villa, e o Páu Amarello, que dista della tres legoas, e he porto onde podem entrar lanchas, e patachos; e porque o do Recife he o principal onde estão os nossos navios, e duas fortalezas, que são as chaves de todo o Pernambuco, pedio a Francisco Coelho de Carvalho, Governador do Maranhão, que pouco havia alli chegara do Reyno, não quizesse em aquella occasião seguir sua viagem pera o Maranhão, encarregando-lhe o dito porto e povo do Recife, e o governo delle, sobre o qual ambos escreverão a Sua Magestade que se houvesse disso por bem servido, e por esta causa se ficou alli Francisco Coelho de Carvalho com tres companhias de soldados, que do Reyno levava, e juntamente com elle seu filho Feliciano Coelho de Carvalho, Manoel Soares, seu Sargento Mór, Jacome de Reymonde, Provedor Mór da Fazenda do Maranhão, e Manoel de Souza Deça, Capitão Mór do Pará, e mandou só hum barco ao Maranhão com alguns velhos, e molheres, no qual se embarcou nosso Irmão Frey Christovão Severim, que ia por Custodio com quinze Frades, que trazia da Provincia, e cinco que se lhe ajuntarão desta Custodia do Brasil, a quem tambem o Administrador de Pernambuco, que então era o Dr. Bartholomeu Ferreira, deo poderes de Vigario Geral, e Provisor, como os trazia do Santo Officio pera rever e calificar os livros, o que tudo era mui necessario em aquellas partes.

Partirão do Recife a doze de Julho de mil seiscentos vinte e quatro, e aportarão aos dezoito do mez na enseada de Mocaripe, tres legoas do Ciará, donde os veio buscar o Capitão Mór Martim Soares Moreno pera o forte, em que se detiverão quinze dias, sacramentando os brancos, e doutrinando os Indios de duas aldêas, que alli estavão, com os quaes o Custodio deixou dous Religiosos, por requerimento, que o Capitão lhe fez, pera quietação dos Indios, que com esperanças de alcançal-os os havião athé alli sustentado.

Os mais chegarão ao Maranhão em seis de Agosto, onde começarão a edificar huma casa, e igreja de taypa, em que se disse a primeira missa no anno seguinte dia de Nossa Senhora das Candêas, ajudando Deus a obra como sua com algumas maravilhas, e milagres notaveis; hum foi que dizendo os pedreiros que pera se rebocarem as paredes erão necessarias sessenta pipas de cal, e não havendo mais que vinte e cinco com ellas se rebocarão, e sobejarão ainda dezasete pipas, não sem grande admiração dos officiaes, que com juramento affirmarão era milagre.

Outro foi que trazendo-se pera a obra em hum carro huma mui grande e pesada trave, cahio o carreiro que ia diante, e passando a roda do carro por cima delle com todo aquelle peso, não lhe fez damno algum, mas logo se levantou são, e proseguio sua carreira, ficando-lhe só o signal da roda impresso no peito por onde passou pera prova do milagre.

Nem trabalhou menos o Padre Custodio em o edificio espiritual das almas, que em a visita achou estragadas, e em a conversão dos Indios. O mesmo fez no Pará, onde reduzio á paz dos Portuguezes os Gentios Tocantins, que escandalisados de aggravos, que lhe havião feito, estavão quasi rebellados, e levou comsigo os filhos dos principaes pera os doutrinar, e domesticar, prohibio com excommunhão venderem-se os Indios forros, como fazião, dizendo que só lhe vendião o serviço.

Queimou muitos livros, que achou dos Francezes herejes, e muitas cartas de tocar, e orações supersticiosas, de que muitos usavão, apartou os amancebados das concubinas, e fez outras muitas obras do serviço de Nosso Senhor, e bem das almas, não sem muito trabalho, e perseguições, que por isto padeceo, sabendo que são bemaventurados os que padecem pela justiça.

CAPITULO TRIGESIMO

De como o Governador Geral Mathias de Albuquerque mandou de Pernambuco por Capitão Mór da Bahia a Francisco Nunes Marinho, e da morte do Bispo

Informado o Governador Geral Mathias de Albuquerque em Pernambuco de algumas duvidas, e differenças, que havia entre o Bispo e o Ouvidor Geral Antão de Mesquita de Oliveira sobre o governo do arraial, e da mais gente da Bahia, porque tambem havião pera isto eleito o mesmo Ouvidor Geral, antes que elegessem, e acclamassem o Bispo, pera atalhar a estas duvidas, e differenças, mandou que viesse por Capitão Mór Francisco Nunes Marinho, que o havia já sido na Parahyba, e servido a ElRey na India e em outras partes com muita satisfação, e pera isto lhe deo dous caravellões, de hum dos quaes veio elle por Capitão, e de outro Antonio Carneiro Falcato com trinta soldados, polvora, munições, e vitualhas de vinho, azeite, e outras cousas, que se lhe puderão dar em tempo tam necessitado dellas.

No mar tiverão huma grande tormenta, que os obrigou a entrar no rio de Serigipe dElRey com vergas e mastos quebrados, donde depois que os refez, pera seguirem sua viagem, e elle se foi com alguns soldados por terra, e chegou a muito bom tempo, porque dahi a poucos dias adoeceo o Bispo da doença, de que morreo aos oito de Outubro da dita era, deixando a todos assás saudosos, e desconsolados com a falta de sua presença, por ser ella tal, que ainda a natural agradava a todos, sem as muitas graças sobrenaturaes, que Deus a esmaltou, porque era mui esmoller, e liberal, devotissimo do Santissimo Sacramento, o qual levava elle proprio aos enfermos, ou ao menos o acompanhava com hum brandão acceso, todas as vezes que o levavão fóra de dia, ou de noite. Celebrava cada dia derramando em a missa muitas lagrimas de devoção.

Pregava sem ser Theologo, posto que grande Canonista, melhor que muitos Theologos, com muito zelo da salvação das almas: emfim delle se podia dizer aquillo do sabio Sapientiæ 4, que o levou Deus deste mundo, e em tam pouca idade, que ainda não chegava a cincoenta annos, porque não era o mundo digno de tanto bem, e se isto se pode dizer dos seus merecimentos pera com Deus, não menos pera com ElRey, como bem se vio em esta occasião, em que o servio de Capitão Mór e Governador depois da Bahia tomada; porque elle foi o que andando os homens espalhados pelos mattos morrendo de fome, e nem elles se tendo por seguros, os fez ajuntar em hum arraial, como já dissemos, e alli deo ordem a que se levassem mantimentos de todas as partes a vender, sustentando elle os pobres á sua custa, que o não podião comprar.

Dalli ordenou os Capitães e companhias pera os assaltos, em que reprimio a insolencia dos Hollandezes, que se isto não fôra houverão de assolar todas as fazendas de fóra, e quando ião aos assaltos os animava, e exhortava de modo que athé os Gentios selvagens, que de principio andavão alguns nestas companhias, obrigava a irem com muita vontade, e esforço; logo se punha em oração pedindo a Deus lhe désse victoria, e quando com ella tornavão lhe dava graças, abraçava os soldados, e gratificava-lhes não só com palavras, mas com dadivas, com que todos andavão á porfia a quem melhor havia de pelejar; e assim puzerão sem o ter sitiado em tanto aperto, que não se atrevião a sahir cincoenta passos da Cidade a buscar hum limão, senão com muita gente, e ordem, e nem essa bastava, o que tudo se pode attribuir tambem ás orações do Santo Bispo, que não só governava estas guerras com sua industria, conselho, e agencia, como Josué, e outros famosos Capitães, mas com lagrimas e orações como Moysés: e entendendo que a tomada da Cidade fôra castigo do Céo por vicios, e peccados, depois se castigava a si mesmo, e fazia tam aspera penitencia, que nunca mais fez a barba, nem vestio camisa, senão huma sotaina de burel, dormia mui pouco, e jejuava muito, pregava e exhortava a todos á emenda de suas culpas, pera que applacassem a divina ira, athé que destes trabalhos o tirou Deus pera o descanço da Bemaventurança, como se pode confiar em sua divina misericordia.

CAPITULO TRIGESIMO PRIMEIRO

Dos encontros, que houve com os Hollandezes no tempo que governou o nosso arraial o Capitão Mór Francisco Nunes Marinho

Ainda que o Capitão Mór Francisco Nunes Marinho era velho, e enfermou gravissimamente chegando á Bahia, nem por isso enfraqueceo do animo, ou faltou hum ponto do que era do seu officio, e governo, antes tinha dito a João Barbosa, que o acompanhou, e servio desde a Parahyba, que por mal que esti-

vesse nunca o dissesse aos soldados, mas tomando-lhe o recado, dissesse que lho ia dar, e tornasse com a resposta em seu nome, que lhe parecesse, o que o dito João Barbosa fazia com tanta prudencia e cortezia, que todos ião contentes, e depois que sarou usava de outra cautella, que tendo mui pouca polvora, mostrava botijas cheias de arêa, fazendo entender aos soldados que erão de polvora, e quando se lhe queixavão porque dava tam pouca, e pedião mais, dizendo que deixavão muitas vezes de seguir os inimigos nos assaltos, porque no melhor lhes faltavão as cargas, respondia que bastava aquillo, querendo antes ser notado de escasso, ou de qualquer outra nota, que descobrir a falta da polvora, pera que de todo não desmaiassem, e deixassem a guerra; assim foi continuando com os assaltos na fórma, que o Bispo havia ordenado, e era a melhor que podia ser, accrescentando mais duas trincheiras, huma em Tapuype, e outra da banda de S. Bento, pera os nossos que nelles andavão.

Ordenou tambem que andassem dous barcos de vigia hum na Itapoan, outro no morro, pera avisar os navios que vinhão de Portugal, com que se salvarão tres ou quatro, e sem mudar o arraial lhe abreviou o caminho pera a Cidade hum terço de legoa, pera com mais presteza poderem acudir aos assaltos; e no seu tempo soube o Capitão Manoel Gonçalves pelas espias, que trazia, que estavão alguns Hollandezes mettidos no Mosteiro do Carmo, e deo sobre elles com os mais Capitães de que era Cabo, onde pelejarão huns e outros valorosamente, e ficarão dos Hollandezes e dos nossos dous. Outra vez encontrou o mesmo Manoel Gonçalves huns Hollandezes, que sahirão da fortaleza de São Philippe, e matou dous, fazendo recolher os outros: queimou-lhes hum batel, e emfim os tinha tam apertados, que senão era por mar poucos passos se atrevião a sahir da fortaleza.

Alguns assaltos forão tambem dar por mar os Hollandezes, como foi hum no engenho de Manoel Rodrigues Sanches, onde lhe tomarão cincoenta caixas de assucar, queimando-lhe as casas, e a igreja sem lho poderem impedir, posto que acudirão Manoel Gonçalves, e André de Padilha, pae do Capitão Francisco de Padilha, e depois o Coronel Lourenço Cavalcanti com quarenta homens, e os fizerão embarcar, matando-lhes, e ferindo-lhes alguns. Outro assalto derão no engenho de Estevão de Brito Freire, donde ao desembarcar lhe resistio o Capitão da Freguezia Agostinho de Paredes com alguns arcabuzeiros, os quaes por serem poucos, e os inimigos muitos, foi forçado retirarem-se ao alto ás casas de hum lavrador fora dos pastos do engenho, no qual os Hollandezes matarão alguns bois, e chegarão a estar ás arcabuzadas, e ainda ás pulhas com os nossos; mas de noite se embarcarão á pressa, deixando dous bois mortos sem os levarem, e só levarão vinte caixas de assucar, que acharão no engenho, havendo já de caminho tomado doze de retame de hum engenho de melles, e alguns porcos de hum chiqueiro, e se não se houverão assim embarcado não o puderão depois fazer tanto a seu salvo, porque no dia seguinte acudio o Capitão dos assaltos Francisco de Padilha, e Melchior Brandão, e Capitão de

Paraguassú com muita gente ; e porque huma náu dos Hollandezes havia ficado em seco, e se detiverão tres ou quatro dias em tomar huma agoa, que abrira, e allivial a da artilharia em as lanchas, os ditos Capitães se embarcarão com o Paredes, cuidando que sahissem em terra, o que não fizerão, mas concertada e alliviada a náu se forão pera o porto da Cidade.

Tinha mais o dito Capitão Mór Francisco Nunes ordenadas, e feitas setenta escadas pera escalar a fortaleza de S. Philippe em Tapuype, e á força se senhorear della, e da polvora dos inimigos pera os assaltos, o que não poz em execução, porque lhe veio successor, e trouxe polvora, e tudo o mais necessario.

CAPITULO TRIGESIMO SEGUNDO

De como veio Dom Francisco de Moura por mandado de Sua Magestade soccorrer a Bahia, e governar o arraial

Sabida pelo nosso Rey Catholico Philippe Terceiro a nova da perda da Bahia, a sentio grandemente, não tanto pela perda quanto por sua reputação, por entender que os Hollandezes por esta via determinavão divertil-o das guerras, que actualmente lhes fazia em Hollanda, ou que por sustental-a, e acudir aos assaltos, que continuamente lhe fazião pela Costa de Hespanha, não poderia acudir a estoutro, como elles dizião, e assim pera desenganal-os destes desenhos mandou com muita brevidade aprestar suas armadas, e que entretanto se mandasse de Lisboa todo o soccorro possivel, não só á Bahia, mas ás outras partes do Brasil, pera que os rebeldes não tomassem pé no Estado, nem ainda o lançassem fora dos limites da Cidade, que tinhão tomada, porque nisso podião perigar as fazendas dos engenhos de assucar, que estão no reconcavo, de que tanto proveito recebem as suas alfandegas.

O que visto pelos Governadores do Reyno Dom Diogo de Castro, Conde de Basto, e Dom Diogo da Silva, Conde Mordomo Mór, mandarão logo em oito de Agosto de mil seiscentos e vinte e quatro duas caravellas em direitura a Pernambuco, pera dalli seguir em a ordem que o Governador Mathias de Albuquerque lhes désse em soccorro da Bahia ; erão os Capitães Francisco Gomes de Mello, e Pero Cadena, hum e outro bem vistos na Costa do Brasil.

Trazião de soccorro o que em tam poucos navios podia ser, cento e vinte homens de guerra, cincoenta quintaes de polvora, mil e cem pelouros de ferro de toda a sorte, vinte quintaes de chumbo em pão, mil e tresentos arcabuzes de Biscaia apparelhados, quatorze quintaes de chumbo em pelouros, duzentas lanças e piques de campo, quatro arrobas de morrão.

Chegou Francisco Gomes de Mello a Pernambuco nos ultimos de Setembro, onde foi recebido com extraordinario alvoroço, e repiques da Villa, sabendo por elle ficarem fervendo Portugal, e Castella em soccorro do Brasil. O Capitão Cadena chegou mais tarde, por dar de caminho aviso na Ilha da Madeira.

Mandarão tambem os Senhores Governadores em dezanove de Agosto da dita éra Salvador Corrêa e Sá de Benevides em o navio Nossa Senhora da Penha de França com oitenta homens, armados com seus arcabuzes de Biscaia, quatorze quintaes de polvora, oito de chumbo, e dous de morrão, ao Rio de Janeiro, em que seu pae Martim de Sá estava actualmente governando. E á Bahia mandarão por Capitão Mór Dom Francisco de Moura, que já havia sido Governador de Cabo Verde, com cento e cincoenta homens de guerra, tresentos arcabuzes apparelhados, cincoenta quintaes de polvora, dez de morrão, vinte e nove de chumbo em pão, cento e cincoenta fôrmas de fazer pelouros.

Com este soccorro chegou Dom Francisco de Moura a Pernambuco, patria sua, em tres caravellas, das quaes elle capitaneava a sua, e as outras duas Hyeronimo Serrão, e Francisco Pereira de Vargas, aos quaes se ajuntarão em Pernambuco Manoel de Souza de Sá, Capitão Mór do Pará, e Feliciano Coelho de Carvalho, filho do Governador do Maranhão, que se offerecerão pera os acompanharem, e o Governador Mathias de Albuquerque lhes deo seis caravellões, e oitenta mil cruzados mais de novos provimentos, e nos caravellões se metteo todo o soccorro, que vinha nas caravellas, o que tudo se fez dentro de oito dias, no fim dos quaes se partirão do Recife, e forão desembarcar á torre de Francisco Dias de Avila, donde se vierão por terra ao arraial, e em chegando a elle aos tres de Dezembro de 1624 lhe fizerão salva de seis peças de artilharia, o que aos Hollandezes na Cidade deo que entender, porque athé aquelle tempo não tinhão dalli ouvido outras, e assim desejavão muito saber o que era, e colher alguem que lho dissesse, pera o que fizerão huma sahida a S. Bento, onde se encontrarão com o Capitão Lourenço de Brito em huma emboscada, e lhe matarão o Sargento, e prenderão outro homem muito mal ferido, do qual souberão ser D. Francisco de Moura, Capitão Mór, que succedera a Francisco Nunes Marinho, e este ao Bispo, que era morto, das quaes cousas nenhuma athé então sabião senão por dito dos negros, a que não davão credito.

Outra sahida fizerão ao Carmo, a qual não lhes succedeo tanto a seu gosto por ser a tempo que D. Francisco mandava o architecto Francisco de Frias reconhecer aquelle sitio, e como em elle se pudessem os nossos fortificar, e ião em seu resguardo o Capitão Manoel Gonçalves, Gabriel da Costa, e os mais, que daquella parte militavão, os quaes pelejarão com tanto esforço neste encontro, e lhes matarão, e ferirão tantos com morte de hum só dos nossos, que o architecto foi dizer a Dom Francisco que pera tão

valentes, e animosos soldados não havia mister fazer fortificações artificiaes, pois sem ellas remettião aos inimigos como leões. Ia-lhes tambem faltando já o conducto da carne, e pescado, e por lhes dizerem que na Ilha de Taparica, tres legoas da Cidade, havia muitos curraes de vaccas, e boas pescarias, determinarão senhorear-se della, e pera este effeito se embarcarão em duas náus, e algumas lanchas quatrocentos soldados com o Capitão Quife, e o Capitão Francisco, e indo já nos bateis pera desembarcar na Ilha em o engenho de Sebastião Pacheco, estava Paulo Coelho, Capitão da Ilha, detraz de huma cava ou bardo da bagaceira da canna, com outros Portuguezes, donde ás arcabuzadas lhe ferirão alguns, e impedirão que não desembarcassem. E porque em todos os mais engenhos houvesse a mesma resistencia, mandou D. Francisco de Moura por Manoel de Souza Deça ver as fortificações, que tinhão, e que onde não as houvesse se fizessem, o que fez com grande cuidado. Fez tambem Cabo a João de Salazar de dez barcas pera defenderem do inimigo as que trouxessem mantimentos, ou gente do reconcavo ao arraial. Com isto cessarão os assaltos por mar, e tambem por chegar hum navio de Hollanda pela festa do Natal, que tomou de caminho outro nosso, que vinha de Lisboa pera Pernambuco com cartas de El Rey, e aviso da nossa armada, que vinha.

N. B. — Este Capitulo foi copiado das Addições e emendas a esta Historia do Brasil.

CAPITULO TRIGESIMO TERCEIRO

Da morte do Coronel Alberto Scutis, e como lhe succedeo seu irmão Guilhelmo Scutis, e se continuarão os assaltos

Muito solicito andou o Coronel Alberto Scutis, depois que teve estas novas, em fortificar a Cidade e o porto, entendendo que por huma parte e outra lhe convinha defender-se, e principalmente mandou acabar, e perfeiçoar o forte da praia, que Diogo de Mendonça começou, e não tinha ainda acabado, mas nem por isto deixava de andar em festas, e banquetes, assim na terra como nas náus, a que levava o seu prisioneiro D. Francisco Sarmento com toda a sua familia, e porventura daqui se lhe originou dar em huma enfermidade, de que morreo em poucos dias.

Logo o dia em que o Coronel Alberto Scutis morreo, que foi a vinte e quatro de Janeiro de mil seiscentos e vinte e cinco, foi levantado por Coronel seu irmão Guilhelmo Scutis, que era Capitão Mór ou Mestre de Campo, ficando em seu lugar o Capitão Quiffe; no dia seguinte se deo sepultura ao defunto na Sé e com as mesmas ceremonias, que se fizerão na do primeiro Coronel, de que tratámos no Capitulo Undecimo, senão que derão mais duas surriadas

que ao outro, ou fosse por ser irmão do Coronel, ou por neste mesmo dia lhe haver chegado huma náu de Hollanda com sessenta soldados; a treze de Março chegou outra, que por o vento lhe ser escasso, e os que a governavão duvidarem se o porto seria ainda seu, andou dous dias aos bordos sem entrar, nem menos duvida, e receio houve com isto na Cidade, suspeitando que seria da armada de Hespanha, e andaria esperando pelas mais; e assim se apercebeo o Coronel com todas as prevenções necessarias; porém quietarão-se com a chegada da náu, vendo que era sua, e vinha carregada de ladrilho, que muito estimarão, pera huma torre que tinhão começada á porta do muro, que vai pera o Carmo, pera a qual ião tirando a pedra já da Capella nova da Sé, e porque lhes faltava cal, forão aos dezasete do mesmo mez pela manhã cedo a huma casa donde a havia além do Carmo, junto da Ermida de Santo Antonio, buscal-a com muitos negros, e saccos pera a trazerem, e cento e vinte soldados mosqueteiros de resguardo, os quaes mettidos na casa da cal, e em outras alli visinhas, porque chovia, sahião alguns poucos a vigiar, a que sahio o Capitão Jordão de Salazar, que estava na Ermida, e logo o Capitão Francisco de Padilha, e Jorge de Aguiar, e os mais Capitães dos assaltos, que por alli andavão perto, e se travou entre todos huma rija batalha, na qual por chover, e não poderem usar das armas de fogo as largarão, e vierão ás espadas, com que nos matarão dous homens, e ferirão doze, e os nossos matarão nove Hollandezes, hum dos quaes era Tenente Coronel, e ferirão muitos; tomarão-lhe dezoito mosquetes, duas alabardas, hum tambor, e algumas espadas, assim dos mortos, como dos que fugirão; mas vendo que lhes vinha soccorro da Cidade se retirarão os nossos, dando-lhes lugar que levassem os seus mortos e feridos, posto que sem a cal, que ião buscar.

Não trato dos assaltos, que se derão aos negros seus confederados, que algumas vezes sahião fora pelas roças como quem bem as sabia, e os caminhos, a buscar fructas pera lhes venderem, dos quaes forão alguns tomados, e a hum destes cortou o Capitão Padilha ambas as mãos, e o tornou a mandar pera a Cidade com hum escripto pendurado ao pescoço, em que desafiava o Capitão Francisco, que era o mais conhecido, porque este / como já disse / he o que tomou Martim de Sá no Rio de Janeiro, e o mandou o Capitão Mór Constantino Menelau de lá a esta Cidade, onde esteve preso muito tempo. O qual sahio ao desafio com duzentos mosqueteiros, e alguns negros frecheiros, mas quando vio a confiança com que o estavão aguardando além de S. Bento, junto á Ermida de S. Pedro, e sentio hum rumor no matto, que imaginou ser manga de Indios, pera lhe tomarem as costas, posto que realmente não erão senão huns negros, que ião carregados de taboas da Ermida de Santo Antonio da Villa Velha pera o arraial, isto bastou pera não ousar a commetter, nem ainda a esperar, e se tornou pera a Cidade.

Outra fineza fez o Capitão Francisco Padilha com seu primo Antonio Ribeiro, que se forão a hum bergantim dos Hollandezes huma noite, e junto

da fortaleza nova, e dos seus navios, que tinhão continua vigia, o levarão dalli á vista da sua náu, que estava vigiando na barra, a metter no rio Vermelho com duas peças pequenas de bronze, e quatro roqueiras, que tinha dentro, indo por terra o Capitão Francisco de Crasto, com a sua companhia, e a do Padilha de resguardo, pera que se os Hollandezes fossem atraz do bergantim o encalhassem em terra, e lho defendessem, o que elles não fizerão por se não poderem persuadir / segundo dizião / que lho levarão os Portuguezes, senão que se desamarrara, e o vento, e a maré o levara.

CAPITULO TRIGESIMO QUARTO

Da armada que Sua Magestade mandou a soccorrer e recuperar a Bahia, e dos Fidalgos Portuguezes, que se embarcarão

Com muita brevidade mandou Sua Magestade aprestar suas armadas, assim em Castella, como em Portugal e Biscaia pera soccorrer, e recuperar a Bahia do poder dos Hollandezes, dizendo que se lhe fôra possivel elle mesmo houvera de vir em pessoa, o que foi causa de todos seus vassallos se offerecerem á jornada com muita vontade, e só na armada de Portugal se embarcarão mais de cem Fidalgos, pera o que foi tambem grande motivo Dom Affonso de Noronha, Fidalgo velho, que havia sido eleito Viso Rey da India, e foi o primeiro que se alistou por soldado, a quem todos os outros seguirão, pera passar este grande Oceano, como os filhos de Israel a Aminadab, pera a passagem do Mar Vermelho.

Partio esta armada de Lisboa a vinte e dous de Novembro de mil seiscentos e vinte e quatro, dia de Santa Cecilia, por General della Dom Manoel de Menezes em o galeão S. João, do qual vinha por Capitão seu filho Dom João Telles de Menezes, e juntamente de huma companhia de soldados, e Dom Alvaro de Abranches, neto do Conde de Villa Franca, e Gonçalo de Souza, filho herdeiro de Fernão de Souza, Governador do Reyno de Angola, de outras duas, que por todos erão seiscentos soldados.

Na Almeyranta, que era o galeão Santa Anna, vinha por Almeyrante e Mestre de Campo de hum terço Dom Francisco de Almeida, por Capitão da sua infantaria Simão de Mascarenhas, do habito de S. João.

No galeão Conceição vinha por Capitão e Mestre de Campo de outro terço Antonio Moniz Barreto; por Capitão da infantaria Dom Antonio de Menezes, filho unico de Dom Carlos de Noronha. No galeão S. Joseph vinha por Capitão Dom Rodrigo Lobo, e da infantaria Dom Sancho Faro, filho do Conde de Vimieiro.

Na náu Caridade vinha por Capitão della e da infantaria Lancerote de França. Na naveta Santa Cruz vinha por Capitão della e da infantaria Constantino de Mello. Na náu Sol Dourado Capitão Manoel Dias de Andrade. Na náu Penha de França Capitão Diogo Vayão.

Na náu Nossa Senhora do Rosario, Capitanea da esquadra do Porto e Vianna, por Capitão Mór della e de toda a esquadra Tristão de Mendonça Furtado, e por Capitão da infantaria Antonio Alvares. Na Almeyranta chamada S. Bartholomeu, Almeyrante Domingos da Camara, e Capitão da infantaria Dom Manoel de Moraes.

Na náu Nossa Senhora da Ajuda, Capitão della e da infantaria Gregorio Soares. Na náu Nossa Senhora do Rosario Maior, Capitão della e de arcabuzeiros Ruy Barreto de Moura.

Na náu Nossa Senhora do Rosario Menor, Capitão Christovão Cabral, do Habito de S. João. Na náu Nossa Senhora das Neves Maior, Capitão Domingos Gil da Fonseca. Na náu Nossa Senhora das Neves Menor, Capitão Gonçalo Lobo Barreto. Na náu S. João Evangelista, Capitão Diogo Ferreira. Na náu Nossa Senhora da Boa Viagem, Capitão Bento do Rego Barbosa. Na náu S. Bom Homem, Capitão João Casado Jacome.

Os mais navios erão patachos e caravellas, que por todos erão vinte e seis, dez do Porto e Vianna, e os mais de Lisboa.

Os Fidalgos que em elles vinhão embarcados por soldados, seguindo a ordem do alphabeto, erão: o já nomeado Dom Affonso de Noronha, do Conselho de Estado. Dom Affonso de Portugal, Conde de Vimioso. Dom Affonso de Menezes, herdeiro da casa de seu pae, Dom Fradique. Dom Alvaro Coutinho, senhor de Almourol. Alvaro Pires de Tavora, filho herdado de Ruy Lourenço de Tavora, Governador que foi do Algarve, e Viso Rey da India. Alvaro de Souza, filho herdeiro da casa de Gaspar de Souza, do Conselho de Estado, e Governador que foi do Brasil. Alvaro de Souza, filho de Simão de Souza. Dom Antonio de Castello, senhor de Pombeiro. Antonio Corrêa, senhor de Bellas. Antonio Luiz de Tavora, filho herdeiro do Conde de S. João. Antonio Telles da Silva, do Habito de S. João, filho de Luiz da Silva, do Conselho de Sua Magestade, Vedor de sua Fazenda. Antonio da Silva, filho de Pedro da Silva. Antonio Carneiro de Aragão. Antonio de S. Paio, filho de Manoel de S. Paio, senhor de Villa Flor. Antonio Pinto Coelho, senhor das Figueiras. Antonio Taveira de Avellar. Dom Antonio de Mello. Antonio Freitas da Silveira, filho de João Rodrigues de Freitas, da Ilha da Madeira. Braz Soares de Souza. Dom Duarte de Menezes, Conde de Tarouca. Duarte de Albuquerque, senhor de Pernambuco. Dom Diogo da Silveira, filho herdeiro de Dom Alvaro da Silveira, e neto do Conde de Sortelha. Dom Diogo Lobo, filho de Dom Pedro Lobo. Dom Diogo de Noronha. Dom Diogo de Vasconcellos e Menezes, e Dom Sebastião, filhos de Dom Affonso de Vasconcellos, da casa de Penella. Duarte de Mello Pereira. Duarte Peixoto da Silva. Estevão

Soares de Mello, senhor da casa de Mello. Estevão de Brito Freire. Dom Francisco de Portugal, Commendador da Fronteira. Francisco de Mello de Castro, filho de Antonio de Mello de Castro. Dom Francisco de Faro, filho do Conde Dom Estevão de Faro, do Conselho de Estado de Sua Magestade, e Vedor de sua Fazenda. Francisco Moniz. Dom Francisco de Toledo, e Antonio de Abreu, seu irmão. Dom Francisco de Sá, filho de Jorge de Sá. Francisco de Mendonça Furtado, e Christovão de Mendonça Furtado, seu irmão. Gracia Velles de Castello Branco. Gaspar de Paiva de Magalhães. Jorge de Mello, filho de Manoel de Mello, Monteiro Mór. Jorge Mexia. Gonçalo de Souza, filho herdeiro de seu pae Fernão de Souza, Governador do Reyno de Angola. Gonçalo Tavares de Souza, filho de Bernardim de Tavora, do Algarve. Dom Henrique de Menezes, senhor de Louriçal. Hyeronimo de Mello de Castro. Dom Henrique Henriques, senhor das Alcaçovas. Henrique Corrêa da Silva. Henrique Henriques. Dom João de Souza, Alcaide Mór de Thomar. João da Silva Tello de Menezes, Coronel de Lisboa. João de Mello. Dom João de Lima, filho segundo do Visconde Dom João de Portugal, filho de Dom Nuno Alvares de Portugal, Governador que foi do Reyno. Dom João de Menezes, filho herdeiro de Dom Diogo de Menezes. João Mendes de Vasconcellos, filho de Luiz Mendes de Vasconcellos, Governador que foi do Reyno de Angola. João Machado de Brito. Joseph de Souza de S. Paio. Luiz Alvares de Tavora, Conde de S. João, senhor da casa de Mogadouro. Dom Lopo da Cunha, senhor de Sentar. Luiz. Cesar de Menezes, filho de Vasco Fernandes Cesar, Provedor dos Almazens de Sua Magestade. Lourenço Pires Carvalho, filho herdeiro da casa de Gonçalo Pires Carvalho, Provedor das obras de Sua Magestade. Dom Lourenço de Almada, filho de Dom Antão de Almada. Lopo de Souza, filho de Ayres de Souza. Martim Affonso de Oliveira de Miranda, morgado de Oliveira. Martim Affonso de Tavora, filho de Ruy Pires de Tavora, Reposteiro Mór de Sua Magestade. Manoel de Souza Coutinho, filho de Christovão de Souza Coutinho, Guarda Mór das náus da India, senhor da casa de Bayão. Dom Manoel Lobo, filho de Dom Francisco Lobo. Manoel de Souza Mascarenhas. Martim Affonso de Mello, e Joseph de Mello, seu irmão. Dom Manoel Coutinho, e dous filhos do Marechal Dom Fernando Coutinho. Nuno da Cunha, filho herdeiro de João Nunes da Cunha. Dom Nuno Mascarenhas da Costa, filho de Dom João Mascarenhas. Nuno Gonçalves de Faria, filho de Nicoláu de Faria, Almotacé Mór. Pedro da Silva, Governador que foi da Mina. Pedro Cesar de Eça, filho de Luiz Cesar. Pero da Silva da Cunha, filho de Duarte da Cunha. Pero Lopes Lobo, filho de Luiz Lopes Lobo. Pero Cardoso Coutinho. Pero Corrêa da Silva. Paulo Soares. Pero da Costa Travassos, filho de João Travassos da Costa, Secretario da Mesa do Paço. Ruy de Moura Telles, senhor da Povoa. Dom Rodrigo da Costa, filho de Dom Julianes da Costa, Governador que foi de Tangere, Presidente da Camera de Lisboa, e do Conselho do Paço. Dom Rodrigo Lobo. Ruy Corrêa Lucas. Rodrigo de Miranda Henriques. Ruy de

Figueiredo, herdeiro da casa de seu pae Jorge de Figueiredo. Luiz Gomes de Figueiredo, e Antonio de Figueiredo, seus irmãos. Dom Rodrigo da Silveira, e Fernão da Silveira, seu irmão, filhos de Dom Luiz Lobo da Silveira, senhor das Sargedas. Ruy Dias da Cunha. Sebastião de Sá de Menezes, filho herdeiro de Francisco de Sá de Menezes, irmão do Conde de Mattosinhos. Simão de Miranda. Simão Freire de Andrade, e muitos outros homens nobres, que parece se não tinhão por taes os que se não embarcavão nesta occasião; e assim aconteceo em Vianna entre tres irmãos, que sendo necessario ficar hum com o cuidado de sua familia, e dos mais, nenhum delles o quiz ter, por não faltar na empreza, e por entender o Conde de Miranda Diogo Lopes de Souza que importava ficar algum, por sorte de dados resolveo a contenda.

A mesma houve entre hum pae, e hum filho, querendo cada qual vir por soldado, e foi o caso ao Conde Governador, que resolveo tocar mais a jornada ao filho, que ao pae, e os deixou conformes na pertenção da honra, que cada hum pera si queria.

CAPITULO TRIGESIMO QUINTO

Da ajuda de custa, que derão os vassallos de Sua Magestade Portuguezes pera sua armada

E se tam liberaes se mostrarão de suas pessoas os Portuguezes em esta occasião, não o forão menos de suas fazendas, não sómente os que se embarcarão, que estes claro está que aonde davão o mais havião de dar o menos, e aonde arriscavão as vidas não havião de poupar o dinheiro, e assim fizerão grandissimas despezas; mas tambem os que se não puderão embarcar derão hum grande subsidio pecuniario pera o apresto da armada.

O Presidente da Camera da Cidade de Lisboa deo da renda della cem mil cruzados. O Excellentissimo Duque de Bragança Dom Theodosio Segundo deo da sua fazenda vinte mil cruzados. O Duque de Caminha Dom Miguel de Menezes, dezaseis mil e quinhentos cruzados. O Duque de Villa Hermosa, Presidente do Conselho de Portugal, Dom Carlos de Borja, dous mil e quatrocentos cruzados, com que se pagarão duzentos soldados.

O Marquez de Castello Rodrigo Dom Manoel de Moura Corte Real, tres mil tresentos e cincoenta cruzados, que em tanto se estimou o frete da náu Nossa Senhora do Rosario Maior, e a companhia que nella veio á sua custa. Dom Luiz de Souza, Alcaide Mór de Beja, senhor de Bringel, e Governador que foi do Estado do Brasil, tres mil e tresentos cruzados, e trinta moios de trigo pera biscoitos.

O Conde da Castanheira Dom João de Athayde, dous mil e quinhentos cruzados. Dom Pedro Coutinho, Governador que foi de Ormuz, dous mil cruzados. Dom Pedro de Alcaçova, mil e quinhentos cruzados. Antonio Gomes da Matta, Correio Mór, dous mil cruzados. Francisco Soares, mil cruzados. Os filhos de Heitor Mendes, quatro mil cruzados. Contribuirão tambem os Prelados ecclesiasticos.

O Illustrissimo e Reverendissimo Arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro com dous mil cruzados. O Illustrissimo Arcebispo Primaz Dom Affonso Furtado de Mendonça, dez mil cruzados. O Illustrissimo Arcebispo de Evora Dom Joseph de Mello, quatro mil cruzados. O Bispo de Coimbra Dom João Manoel, quatro mil cruzados. O Bispo da Guarda Dom Francisco de Castro, dous mil cruzados. O Bispo do Porto Dom Rodrigo da Cunha, mil e quinhentos cruzados. O Bispo do Algarve Dom João Coutinho, mil cruzados.

Finalmente derão os mercadores Portuguezes de Lisboa e Reyno trinta e quatro mil cruzados. Os Italianos quinhentos cruzados, e os Allemães dous mil e cem cruzados, que em tanto se estimarão cento e cincoenta quintaes de polvora, que derão; montou tudo duzentos e vinte mil cruzados, que foi o gasto da armada, sem entrar nelle a fazenda de Sua Magestade, e assim veio provida abundantissimamente de todo o necessario pera a viagem, porque além das matalotagens, que os particulares trazião de suas casas, se carregarão pera a campanha sete mil e quinhentos quintaes de biscoito, oitocentas e cincoenta e quatro pipas de vinho, mil tresentas sessenta e oito de agoa, quatro mil cento e noventa arrobas de carne, tres mil setecentas e trinta e nove de peixe, mil setecentas e oitenta e duas de arroz, cento vinte e dous quartos de azeite, noventa e tres pipas de vinagre, fora outro muito provimento de queijos, passas, figos, legumes, amendoas, assucar, doces, especiarias, e sal; vinte e duas boticas, dous Medicos, e quasi em todos os navios Surgiões; duzentas camas pera os enfermos, e muitas meias, sapatos e camisas; tresentas e dez peças de artilharia, pelouros redondos e de cadêa dous mil e quinhentos; mosquetes, e arcabuzes, dous mil setecentos e dez; chumbo em pelouros, duzentos e novo quintaes; piques e meios piques, mil tresentos e cincoenta e cinco. De morrão duzentos e dous quintaes. De polvora quinhentos quintaes, e muitas palanquetas de ferro, lanternetas, pés de cabra, colhéres, carregadores, guarda-cartuchos, e todos os mais pretextos (*petrechos?*) necessarios pera o serviço da artilharia, e pera o de fortificações e cerco; vierão muitas pás, enxadas, alviões, picões, fouces roçadeiras, machados, serras, ceiras de sparto, e carretas de terra; e pera o concerto dos navios veio muito breu, alcatrão, cevo, pregadeiras sorteadas, estopa, chumbo em pasta, enxarcea, lona, panno de treu, fio, e outras muitas miudezas, e pera huma necessidade vinte mil cruzados em reales.

CAPITULO TRIGESIMO SEXTO

Como a armada de Portugal veio ao Cabo Verde esperar a Real de Hespanha, e dahi vierão juntas á Bahia

Aos dezanove de Dezembro da dita éra de mil seiscentos e vinte e quatro tomou a nossa armada de Portugal as ilhas de Cabo Verde, donde levava ordem de Sua Magestade, que não passasse sem a armada da Corôa de Castella; aos quatorze havia derrotado da mais armada o galeão Conceição, de que era Capitão Antonio Moniz Barreto, Mestre de Campo; e aos vinte deo á costa com tormenta nos baixos de Santa Anna na Ilha de Maio, das onze pera a meia noite, morrerão cento e cincoenta soldados, que se lançarão ao mar, vendo que não ião com os Fidalgos na primeira batelada, e ainda se houverão de lançar a perder mais, se não acudira Dom Antonio de Menezes, Capitão de infantaria, filho unico de Dom Carlos de Noronha, mancebo de vinte e dous annos, exhortando-os que tivessem paciencia athé tornar o batel, e esperança em Deus, que todos se havião de salvar, nem elle os havia de desacompanhar athé os ver todos salvos, postos em terra; o mesmo lhes disse Dom Francisco Deça, filho de Dom Jorge Deça, e com o exemplo destes dous Fidalgos se deliberarão todos a passar ou no batel, ou em outros modos, que cada hum inventava, de jangadas, e pranchas de páus e taboas, entre os quaes se salvarão tambem dous Frades da nossa Provincia de Santo Antonio, Frey Antonio, e Frey Francisco, que vinhão por Capellães do galeão, hum no batel, outro em huma cruz, que engenhou de duas taboas, figura daquella em que esteve, e está toda a nossa salvação, e remedio; chegando recado ao General Dom Manoel de Menezes da desgraça do naufragio, avisou logo ao Governador de Cabo Verde Francisco de Vasconcellos, e a João Coelho da Cunha, senhor da Ilha de Maio, onde o naufragio succedera, pera que mandassem soccorrer aos perdidos, o que elles fizerão com tanto cuidado que não só os curarão, e regalarão, mas com sua ajuda, de seus escravos, e criados se tirou a artilharia, munições, enxarceas do galeão, e outras cousas tocantes assim á Fazenda de Sua Magestade como de particulares, que se derão a seus donos, e com isto se entreteve alli a armada cincoenta dias, athé chegar a de Castella, que esperavão, a qual era de trinta e duas náus; na Capitania Real vinha por Generalissimo do mar e terra Dom Fadrique de Toledo, por Almeyrante Dom João Fajardo, General do Estreito, em a sua.

Na Capitania de Napoles Capitão o Marquez de Coproni (*Cropani*), Mestre de Campo General da empreza. Na Almeyranta o Marquez de Torrecusa, Mestre de Campo do Terço de Napoles. Na Capitania de Biscaya General Valezilha. Na Almeiranta seu irmão. Na Capitania de Quatro Villas General D. Francisco de Azevedo. No galeão Santa Anna, que era tambem desta esquadra de Quatro

Villas, Capitão Dom Francisco de Andruca (?); e neste vinha o Mestre de Campo do Terço da Armada Real de Oulhana (*Orellàna*), em outro Dom Pedro Osorio, Mestre de Campo do Terço do Estreito, e em outros de todas as esquadras outros Capitães, Sargentos, e Officiaes de guerra, a que não sei os nomes, mas em os tratados particulares, que se imprimirão da jornada, se poderão ver, e neste nos Capitulos seguintes se verão as obras, das quaes, mais que dos nomes, se collige a verdadeira nobreza.

Juntas pois estas armadas em o Cabo Verde, e feitas suas salvas militares, e cortezãos comprimentos, se partirão dahi em onze de Fevereiro de mil seis centos e vinte e cinco em dia de entrudo pera esta Bahia, á qual chegarão em vinte e nove de Março, vespora de Pascoa, a salvamento, somente se perdeo a náu Caridade, de que era Capitão Lançarote de Franca, em os recifes da Parahyba, mas acodio-lhe logo seu tio Affonso da Franca, que era Capitão Mór da Parahyba, com barcos e marinheiros, e quatro caravellões, que mandou o Governador de Pernambuco, com que salvarão não só a gente toda, excepto dous homens, que acceleradamente se havião lançado ao mar, mas depois o casco da náu com todo o massame, armas, artilharia, munições, e o Capitão Lançarote de Franca, deixando a náu, pera que a mastreassem, porque lhe havião cortado os mastos, se foi com os seus soldados á Pernambuco, e dahi em sete caravellões, que o Governador lhes deo, á Bahia, onde chegou no mesmo dia que a armada.

CAPITULO TRIGESIMO SETIMO

De como Salvador Correa do Rio de Janeiro, e Hyeronimo Cavalcanti de Pernambuco vierão em soccorro á Bahia, e o que lhes aconteceo com os Hollandezes no caminho

Em o Capitulo Vigesimo Oitavo deste Livro dissemos como depois da Bahia tomada pelos Hollandezes foi o seu Almeyrante Pedro Peres com cinco náus de força, e dous patachos, pera Angola; o fim, e intento, que os levou foi pera a tomarem, e della poderem trazer negros pera os engenhos, pera o qual dizião que se havião contractado com El Rey de Congo, e na barra de Loanda andavão já outras náus suas, e tinhão queimados alguns navios Portuguezes, e feitas outras presas em tempo que o Bispo governava pela fugida do Governador João Correa de Souza, porem como lhe succedeo no Governo Fernão de Souza, e teve disto noticia, se aprestou, e fortificou de modo que quando os Hollandezes chegarão não puderão conseguir o seu intento, nem fazer mais damno que tomar huma náu de Sevilha, que ia entrando, e dous navios pequenos, e assim se tornarão á Costa do Brasil, e entrarão no rio do Espirito Santo a dez de Março de mil seiscentos e vinte cinco, onde havia poucos dias era chegado Salvador Correa de Sá e Benevides com duzentos e

cincoenta homens brancos e Indios em quatro canoas e huma caravella, que seu pae Martim de Sá, Governador do Rio de Janeiro, mandava em soccorro da Bahia, o qual ajudou a Francisco de Aguiar Coutinho, Governador e Senhor daquella terra do Espirito Santo, a trincheirar a Villa, pondo nas trincheiras quatro roqueiras, que na terra havia, e desembarcando os Hollandezes lhes tirarão com huma dellas, e lhes matarão hum homem; e depois de entrados na Villa lhe sahirão os nossos por todas as partes, com grande urro do Gentio, e lhes matarão trinta e cinco, e captivarão dous, sendo o primeiro que remetteo á espada com hum Capitão, que ia diante, Francisco de Aguiar Coutinho, dizendo-lhe « Se vós sois Capitão conhecei-me, que tambem eu o sou, » e com isto lhe deo huma grande cutilada, com que o derribou em terra; tambem o guardião da Casa do nosso Padre S. Francisco Frey Manoel do Espirito Santo, que andava com os seus Religiosos animando os nossos Portuguezes, vendo já os inimigos junto ás trincheiras, se assomou por cima dellas com hum crucifixo dizendo « Sabei, lutheranos, que este Senhor vos hade vencer », e com isto vendo-se livre de hum chuveiro de pelouros, se foi ao sino da Igreja Matriz, que ali estava perto, e o começou a repicar publicando victoria, com que a gente se animou mais a alcançal-a, de sorte que o General dos Hollandezes se retirou pera as náus com perto de cem feridos, de trezentos que havião desembarcado, e alguns mortos, entre os quaes foi hum o seu Almeyrante Guilherme Ians, e outro o traidor Rodrigo Pedro, que na mesma Villa havia sido morador, e casado com molher Portugueza, e sendo trazido por culpas a esta Bahia, fugio do carcere pera Hollanda, e vinha por Capitão em huma náu nesta jornada, e com esta raiva mandou o General huma náu, e quatro lanchas a queimar a caravella de Salvador Correa, que havia mandado metter pelo rio acima, em hum estreito, mas elle acudio nas suas canoas, e lhes matou quarenta homens, e tomou huma das lanchas.

O dia seguinte escreveo o General a Francisco de Aguiar em este modo: «Vossa Senhoria estará tam contente do successo passado, quanto eu estou sentido, mas são successos da guerra; se me quizer mandar os meus, que lá tem captivos, resgatal-os-hei, quando não, caber-nos-ha mais mantimento aos que cá estamos ».

Isto lhe escreveo o General cuidando que ficarão na terra menos mortos, e mais captivos, mas nem esses poucos lhe quiz mandar o Governador, e assim se fez o Hollandez á vela em dezoito de Março, e se partio com muito pouca gente, donde em sahindo topou com o navio dos Padres da Companhia, em que nos havião tomado, e os mesmos Hollandezes havião dado a Antonio Mayo, mestre do navio de Dom Francisco Sarmento, em troco do seu, e vinha já outra vez do Rio de Janeiro carregado de assucar pera a Ilha Terceira, o qual trouxerão athé a barra da Bahia, e dahi mandarão hum patacho de noite reconhecer o estado do porto, e das náus que nelle estavão, e por dizerem que era a armada de Hespanha, descarregando nas suas, e pondo fogo ao

navio, se forão pôr defronte de Olinda em Pernambuco, donde tomarão hum negro de João Guteres, que andava pescando em huma jangada, e lhe perguntarão se estava a Bahia recuperada, o qual não só lhes disse que sim, senão tambem que mandara o General Dom Fadrique de Toledo matar os Flamengos todos : e elles / ainda que era mentira / o crerão, dizendo não seria elle Castelhano, e descendente do Duque de Alba; pelo que se forão á Ilha de Fernão de Noronha a fazer agoada, e chacinas, com que se tornarão pera Hollanda levando o negro comsigo; e aos mais negros e brancos, que havião tomado no navio dos Padres, derão hum patachinho, em que forão cahir á Parahyba, e contarão estas novas. E Salvador Correa, que ficou victorioso no Espirito Santo, se partio nas suas canoas com a sua gente pera a Bahia, onde se metteo entre a armada, e foi dos Generaes, e de todos aquelles Fidalgos bem recebido.

Da mesma maneira sabendo Hyeronimo Cavalcanti de Albuquerque em Pernambuco de Lancerote da Franca, que se perdeo na náu Caridade na Parahyba, que a armada era passada pera a Bahia, se embarcou em hum navio por ordem do Governador Mathias de Albuquerque, com dous irmãos seus, e outros parentes, e amigos, e cento e trinta soldados, todos sustentados á sua custa, e vindo encontrou-se no mar com o patacho, que os Hollandezes havião mandado vigiar antes da vinda da nossa armada, com cuja vinda ficou de fora; este commetteo o de Hyeronimo Cavalcanti, e depois de se tirarem hum, e outro muitas bombardadas, sendo mortos cinco dos nossos, hum dos quaes foi Estevão Ferreira, capitão da proa, que com estar ferido se não quiz recolher athé o não matarem os Hollandezes, e se forão, que não devia de ser sem terem tambem muitos mortos, ou recebido algum damno, e os Cavalcantis entrarão na Bahia. donde forão bem recebidos de todos, particularmente do Capitão Mór Dom Francisco de Moura, seu primo, e do Senhor de Pernambuco Duarte de Albuquerque, que havia vindo na armada por soldado, e Sua Magestade se deo do feito por bem servido, como o manifestou em huma carta, que escreveo ao mesmo Hyeronimo Cavalcanti.

CAPITULO TRIGESIMO OITAVO

Como desembarcarão os da armada, e os Hollandezes lhes forão dar hum assalto a S. Bento, donde se começou a dar a primeira bateria

Melhor Pascoa cuidarão os Hollandezes que tivessem, quando a vespora della pela manhã, a hora que na igreja se costuma cantar Alleluia, tiverão vista da armada imaginando ser a sua, que esperavão, porem tanto que a virão por de largo em fileira e meia lua, que quasi cercava da ponta de Santo Antonio

athé á de Tapuype toda a enseada em que está a Cidade, e virem-se os barcos dos Portuguezes do reconcavo metter entre ella, conhecerão ser de Hespanha, e se começarão aparelhar com muito cuidado, chegarão as suas náus á terra junto das fortalezas, e metterão tres das mercantis, que tinhão tomadas, no fundo diante das suas, pera entupirem o passo ás da nossa armada, que lhes não pudesse chegar, tirarão os marinheiros Portuguezes, que tinhão a bordo, e os trouxerão pera a Cidade, notificando a elles, e aos mais, que nella estavamos que não saissemos de casa; trouxerão algumas peças de artilharia pera o Collegio, e outras partes, per onde lhes pareceo que os poderião entrar. Despejarão o forte de São Philippe, que está huma legoa da Cidade, entendendo que lhes não erão sessenta homens, que lá tinhão, de tanto effeito como nella.

Os da nossa armada em este tempo ião-se desembarcando junto ao forte de Santo Antonio dous mil Castelhanos, mil e quinhentos Portuguezes, e quinhentos Neapolitanos com seus Mestres de Campo, que erão dos Castelhanos Dom Pedro Osorio, e Dom João de Orelhana; dos Portuguezes Dom Francisco de Almeida e Antonio Moniz Barreto, e dos Neapolitanos o Marquez de Torrecusa, dos quaes deixou o General em o quartel de S. Bento a Dom Pedro Osorio, Dom Francisco de Almeida, e o Marquez, cada hum com o seu Terço, que todos continhão dous mil soldados, e elle se passou ao do Carmo com os mais, e logo se foi trazendo a artilharia pera pôr em ambos, porque ambos estão em montes, e são quasi os ultimos de outros, que tem a Cidade da banda da terra por padrastos. O que presentindo os Hollandezes, e receiando o damno, que dali lhes podião fazer, sairão aos que estavão alojados em São Bento tresentos mosqueteiros á terceira oitava da Pascoa ás dez horas do dia, donde se começou huma batalha, que durou duas horas, na qual forão mortos dos nossos oitenta, porque como os vierão retirando athé os fazerem recolher á Cidade, da porta della, e de outras fortalezas lhes tirarão tantas bombardadas com cargas de munição meuda, e de pregos, que puderão fazer toda esta matança, e ferir a muitos, do que os Hollandezes vierão mui contentes, e trouxerão por tropheo huma coura de hum Capitão Castelhano, cujo corpo, com cobiça della, que era toda apassamanada de ouro, trouxerão arrastando athé ao pé da ladeira onde do muro podião chegar com qualquer arcabuz, e muito melhor com os mosquetes, de que elles usão, e assim vindo os nossos a buscal-o de noite pera lhe darem sepultura, lhes tirarão algumas mosquetadas, mas comtudo o levarão, e o enterrarão em sagrado com os mais, que neste assalto morrerão pelejando animosamente, que forão os de mais conta Dom Pedro Osorio, Mestre de Campo do Terço do Estreito, o Capitão Dom Diogo de Espinosa, o Capitão Dom Pedro de Santo Estevão, sobrinho do Marquez de Cropani, João de Orejo, Secretario do Mestre de Campo, Dom Fernando Gracian, Dom João de Torreblanca, Francisco Manoel de Aguilar, D. Lucas de Segura, e Dom Alonso de Agana, junto ao qual se achou na batalha Dom Francisco de Faro, filho do Conde de Faro, com hum Hollandez

a braços, e o matou, como tambem forão outros mortos e feridos, posto que poucos em comparação aos nossos, os quaes com esta colera sem mais aguardar assentarão logo a artilharia, e no dia seguinte, que foi quinta-feira tres de Abril, começarão com ella a bater a Cidade, porque (*sic*) aquella parte fronteira a São Bento, abrindo-lhe grandes buracos no muro, que os Hollandezes tornavão a tapar de noite com saccos de terra, que pera isto fizerão, mas não tanto a seu salvo, que cada noite lhes não matassem e ferissem alguns, com o que elles não desmaiavão, tendo esperança que viria cedo a sua armada, como hum Ingrez feiticeiro lhes havia certificado, e por esta causa puzerão huma grande bandeira com as suas armas no pinaculo da torre da Sé, que está no mais alto lugar da Cidade, pera que vindo os seus a vissem, e pudessem entrar confiadamente conhecendo que estava a terra por sua. E a esta conta se defendião, e nos offendião por todos os modos, que podião, entre os quaes foi hum, que largarão duas náus de fogo huma noite com vento em popa, e maré pera que fossem abalroar ás nossas, e queimal-as, huma das quaes poz em risco a nossa Almeyranta de Portugal, e sem falta se queimara se não ficara amarra, e largara o traquete, com que quiz nosso Senhor que se livrasse do perigo.

A outra investio com a Almeyranta do Estreito com tanto impeto, que se começava a derreter o breu, e chamuscar alguns soldados, mas tambem foi livre pela diligencia e industria de Dom João Fajardo, a cujo cargo estava a armada, e a canoa em que cuidarão escapar tres Hollandezes, que governavão o fogo, foi tomada com hum delles per huma chalupa de Roque Centeno.

Nem deixavão com toda esta occupação os Hollandezes todos os dias, manhã e tarde, de se ajuntarem á Sé a cantar psalmos, e fazer deprecações a Deus que os ajudassem: donde hum Domingo pela manhã deo hum pelouro, que vinha da nossa bateria de S. Bento, e passando a parede da Capella de S. Joseph levou as pernas a quatro, que estavão assentados em hum banco, ouvindo a sua pregação, de que morrerão dous.

Assistião neste quartel de S. Bento, donde esta bolada se fez, e outras muitas, Dom Francisco de Almeida, Mestre de Campo de hum Terço Portuguez e Almeyrante da Armada Real da Coroa de Portugal, e com elle militarão Dom João de Souza, Alcaide Mór de Thomar, Antonio Correa, Senhor da Casa de Bellas, Dom Antonio de Castello Branco, Senhor de Pombeiro, Ruy de Moura Telles, Senhor da Povoa, Dom Francisco Portugal, Commendador da Fronteira, D. Alvaro Coutinho, Senhor de Almourol, Pedro Correa Gama, Sargento Mór deste Terço. O Capitão Gonçalo de Souza, o Capitão Manoel Dias de Andrade, o Capitão Salvador Correa de Sá e Benevides, o Capitão Hyeronimo Cavalcanti de Albuquerque, seus irmãos, e outros Nobres Portuguezes.

Assistia tambem com o seu Terço de Neapolitanos Carlos Caraciolos, Marquez de Torrecusa, em quanto se não mudou a outro sitio. E do Terço do

Estreito muitos Fidalgos e Capitães, que todos huns, e outros a inveja no cavar da terra pera os vallos parecião cavadores de officio, no carregar da faxina pera as trincheiras mariolas, mas no disparar dos mosquetes, e muito mais em esperar os dos inimigos, valorosos soldados.

N. B. — Este Capitulo Trigesimo Oitavo foi copiado das Addições e emendas a esta Historia do Brasil, que existem no Real Archivo da Torre do Tombo.

CAPITULO TRIGESIMO NONO

Da segunda bateria, que se fez do Mosteiro do Carmo, onde assistio o General Dom Fadrique de Toledo, e outras duas, que della se derivarão

Não trabalharão menos os que militarão na bateria do Carmo com o General Dom Fadrique, mas como os de São Bento forão picados daquelle assalto dos Hollandezes, não houve redea, que os tivesse, a não serem os primeiros ; alem de que acharão hum pedaço de muro do proprio Mosteiro de que se ajudarão pera a trincheira, e os do Carmo a fizerão toda de novo, assim pera a banda da Cidade, a cuja porta fica este monte fronteiro da parte do Norte, como pera as náus inimigas, que lhe ficavão ao pé da banda do Poente, ás quaes começarão de tirar em nove de Abril, tratando-as mui mal com os pelouros, e a maior dellas, que era do Capitão Sansão, e tinha duas andainas de artilharia meterão no fundo, posto que ali o fundo he pouco por estar muito chegada á terra, e a náu ser grande, ainda ficou com grande parte sobre a agoa, mas perderão-se-lhe alguns mantimentos, e cousas que estavão no porão, e matarão-lhe quatro homens, e ferirão doze.

Não foi menos o damno, que desta bateria fizerão na Cidade furando-lhe o muro e a porta, e derribando muitas casas, pelo que prometteo o Coronel a todos os Hollandezes, que de noite trabalhassem no reparo dos muros e trincheiras, duas patacas a cada hum ; porque de dia sem estipendio o fazião, e assim era continuo o trabalho, e sobre este fazer e desfazer, romper, e reparar de muros era tambem continua a bateria de peças, e mosquetes, e se matava de parte a parte alguma gente ; entre outros foi mui notavel hum tiro, que tirarão desta bateria do Carmo á outra, que tinhão os Hollandezes á porta da Sé, onde deo o pelouro na terra debaixo dos pés de hum sargento, e sem lhe fazer mais damno, que fazel-o saltar como quem dansando faz huma cabriola, varou ao Hospital, e rompendo a parede matou a dous Surgiões, que estavão curando a seus feridos, e ferio de novo a hum dos feridos.

Da mesma maneira forão mortos alguns dos nossos, como foi Martim Affonso, Morgado de Oliveira, que recolhendo-se a casa a vestir huma camisa, suado do trabalho de carregar faxina, e carregar e descarregar mosquetes,

assentando-se á janella a tomar hum pouco de ar, o ferio huma peça dos Hollandezes em huma perna, de que em tres dias morreo com tanto valor e Christandade como se esperava de tam qualificada pessoa, o qual se embarcou enfermo de Lisboa, e advertindo-o parentes e amigos que não tratasse da jornada, respondeo que ungido havia de ir nella, tanta era o desejo, que tinha do serviço do seu Rey, não só em esta occasião, mas em outras muitas ia bem mostrado; o qual Sua Magestade lhe soube bem gratificar depois de sua morte nas mercês que fez a seus filhos, como ao diante veremos.

Este foi hum dos Fidalgos Portuguezes, que militava neste quartel do Carmo, de que havemos tratado, e imos tratando, com sua Excellencia; os outros erão Dom Affonso de Noronha; o Conde de São João Luiz Alvares de Tavora, cunhado do dito Morgado de Oliveira; o Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal; o Conde de Tarouca Dom Duarte de Menezes; Duarte de Albuquerque; Francisco de Mello de Castro; Alvaro Pires de Tavora; João da Silva Tello; Lourenço Pires de Carvalho; Dom João de Portugal; Martim Affonso de Tavora; Antonio Telles da Silva; o Capitão Dom João Telles de Menezes; o Capitão Christovão Cabral; o Capitão Dom Alvaro de Abranches; o Capitão Dom Antonio de Menezes; o Capitão Dom Sancho de Faro, e outros.

Desta Estancia do Carmo ordenou o General Dom Fadrique que se fizessem outras duas, huma nas palmeiras, em que estiverão os Mestres de Campo Dom João de Orelhana, e Antonio Moniz Barreto, e Tristão de Mendonça, Capitão Mór da esquadra do Porto, com dous sobrinhos seus Francisco e Christovão de Mendonça, Dom Henrique de Menezes, Senhor de Louriçal; Ruy Correa Lucas, Nuno da Cunha, Antonio Taveira de Avellar, o Capitão Lancerote da Franca, o Capitão Diogo Ferreira, e outros; e foi esta Estancia de muita importancia, por ser mais alta que todas, e não estarem as dos Hollandezes por aquella fronteira tam fortificadas, e assim lhe descavalgarão as suas peças, e lhes matarão e ferirão muitos homens, posto que tambem nos matarão alguns, e entre elles o Capitão Diogo Ferreira, que foi hum dos tres irmãos Viannezes, que ganhou por sorte de dados o vir na jornada, que dissemos no Capitulo Trinta e Tres, e tambem outro a que chamavão João Ferreira, que vinha por Provedor Mór da Fazenda deste Estado do Brasil com hum navio armado, fretado á sua custa, morreo em Lisboa de huma febre aguda, ficando o que perdeo na sorte dos dados com vida, e fazenda em sua casa e patria, ainda chorando porque não foi hum delles.

A outra Estancia e bateria foi de Dom Francisco de Moura com a gente da Bahia, e Capitães dos Assaltos, donde assistirão tambem alguns criados de Duarte de Albuquerque Coelho, Capitão, Governador, e Senhor de Pernambuco; e esta foi muito arriscada bateria, porque estava diante da de Dom Fadrique hum tiro de arcabuz, mui chegada á Cidade, e fronteira ao Collegio dos Padres da Companhia, donde os Hollandezes batião com seis peças, e de parte a parte se fazia muito damno.

CAPITULO QUADRAGESIMO

De outras trincheiras, que se fizerão da parte de S. Bento, e como se começarão a dividir os Francezes dos Hollandezes

Tambem / e ainda antes das duas Estancias sobreditas / fizerão as suas Dom Manoel de Menezes, e Dom João Fajardo á parte de S. Bento, em hum morro junto ao mar, sobre a Ribeira que chamão de Gabriel Soares, donde fizerão muito damno com cinco peças de artilharia não só aos navios Hollandezes, e ás fortalezas da praia, que toda dali se descobria, mas tambem a algumas da Cidade.

Entre esta Estancia, e a de S. Bento fez tambem o Marquez de Torrecusa, Mestre de Campo do Terço dos Napolitanos, os quaes ainda que ficavão bem fronteiros á porta da Cidade, e tam perto della, que não só com a artilharia grossa, mas com a miuda podião fazer damno, desejosos / parece / de virem ás mãos com colera de Italianos, forão fazendo huma cava, com que chegarão ao pé do muro. Estas sete Estancias, que estão ditas nestes tres Capitulos, são donde se fez bateria á Cidade, sem se deixar de ouvir estrondo de bombardas, esmerilhões, e mosquetes de parte a parte, hum quarto de hora, de dia nem de noite, em vinte e tres dias que durou o cerco, e erão tantos os pelouros pelo ar, que milagrosamente escapavão as pessoas assim nas casas, como nas ruas, e caminhos; nem faltou curioso que contasse, e diz que forão as balas grossas que os inimigos tirarão duas mil quinhentas e dez, e as que os nossos lhe tirarão quatro mil cento e sessenta e oito. O qual pera que melhor se entenda porei aqui a descripção da Cidade, e sitio das fortalezas, donde se tirava de dentro, e de fora della, que he a seguinte.

Bem entenderão por estas vesporas os inimigos qual seria a festa quando os nossos entrassem a Cidade, e com este receio se começarão já os Francezes a dividir dos Hollandezes determinando fugir pera os nossos, da qual occasião se quiz aproveitar tambem hum soldado Portuguez Indiatico, que os Hollandezes havião tomado vindo de Angola, e se havia alistado com soldo, entrando, e sahindo com elles da guarda, o qual sabendo a determinação dos Francezes se concertou com quatro pera pôr fogo á polvora, e allegando este serviço, que não era pequeno, alcançar perdão da vida, porém hum o descobrio ao Coronel, o qual mandou logo prender, e enforcar o Portuguez, e hum dos Francezes, que os outros dous lhe fugirão pera os nossos; pelo que mandou o Coronel lançar bando pelas ruas, a som de dez ou doze tambores, que todo o que soubesse de outro, que quizesse fugir, e lho fosse denunciar lhe daria quatrocentos cruzados, e dahi avante se teve muita vigia sobre os Francezes na poste que fazião.

CAPITULO QUADRAGESIMO PRIMEIRO

De como se levantarão os soldados Hollandezes contra o seu Coronel Guilhelmo Scutis, e depondo-o do cargo elegerão outro em seu lugar

Aos vinte e seis dias do mez de Abril, que era hum sabbado, dia dedicado á Virgem Sacratissima Senhora Nossa, em que costuma fazer particulares mercês a seus devotos, favoreceo signaladamente aos que estavão na sua bateria, e trincheira do Carmo, dando-lhes este dia tanto animo e coragem, que alguns sem temor da artilharia e mosquetes, que disparavão os inimigos, chegarão athé á porta da Cidade, e hum soldado Aragonez chamado João Vidal, da Companhia de Dom Affonso de Alencastre, chegou a tomar a bandeira, que estava sobre a porta, e por entre as balas, que os inimigos lhe tiravão a levou ao seu Capitão, e delle ao General, que inda que reprehendeo a sorte, por se fazer sem ordem sua, recebeo o caso como o merecia o valor delle, e fez acrescentar ao soldado oito escudos de ventagem.

Succedeo tambem que sacudindo, no mesmo tempo, o morrão hum Hollandez, que estava de guarda em aquella parte, derão as faiscas em hum barril de povora, com que se chamuscarão vinte e cinco de tal maneira, que não poderão mais manear as armas, cousa que elles dizião em aquella occasião sentir mais que a propria morte, porque morrendo, só os mortos faltavão na peleja, mas sendo lesos e feridos, faltavão tambem os Surgiões, e enfermeiros, que com sua cura se occupavão, tam desejosos andavão da victoria, que a antepunhão ás suas proprias vidas; e porque o seu Coronel acudio tarde a este rebate, e já em outras occasiões o havião notado de descuidado, e tratava de commetter Concerto, segundo o descobrio a huma sua amiga Portugueza, se conjurarão trinta soldados, e forão pera o matar dentro em sua casa, e a Estevão Raquete, Capitão da Companhia de Mercadores, que com elle estava, mas este fugio, e ferirão o Coronel com huma alabarda na cabeça e nas mãos, o que dizem se fez com consentimento dos Capitães, cuja prova he não se prender alguns dos ditos soldados, e logo os do Conselho privarem o ferido do cargo, e elegerem por coronel o Capitão Mór chamado Quiffe, e em seu lugar por Capitão Mór, ou Mestre de Campo o Capitão Buste.

Incrivel he a insolencia com que nisto se houverão estes soldados, pois não bastou o novo Coronel mandar prender a Estevão Raquete na cadêa publica pera se quietarem, senão que ainda lá forão dous pera o matarem, e o houverão de fazer se lhe não acudirão outros presos, e o proprio Coronel, o qual os mandou prender; os outros se forão a casa da Portugueza tambem pera a matar se lhes não fugira pera casa de hum Portuguez casado, que a escondeo, e vingarão-se em lhe roubarem quanto lhe acharão, que não era pouco o que o Coronel lhe havia dado.

Não he menos incrivel a vigilancia e cuidado, com que o novo Coronel de dia e de noite trabalhava recolhendo-se com as trincheiras pera dentro, pera assestar nella a artilharia, quando as de fora fossem de todo rotas, e trajando (*traçando*) outros ardis, e invenções de guerra, com que se pudessem entreter athé lhes vir o soccorro da sua armada, que esperavão, e em que tinhão toda a sua confiança.

CAPITULO QUADRAGESIMO SEGUNDO

De como se entregarão os Hollandezes a Concerto

Quão enganados vivem os homens, que põem a sua confiança em as forças e industria humana, experimentarão brevemente os Hollandezes em esta Cidade da Bahia, cuja guarda e defensão cuidavão estar em tirarem hum Capitão, e pôrem outro mais diligente e industrioso, sendo certo o que diz David que se o Senhor não guarda a Cidade, em vão vigião os que a guardão. E assim não passarão tres dias inteiros, que se não desenganassem do seu intento, vendo que já não podião reparar o damno, que das nossas baterias lhes fazião, e emfim vierão a entender que lhes convinha fazer Concerto, que ao outro Coronel havião estranhado, mas ainda o fizerão paleado com huma capa de honra, mandando por hum tambor huma carta ao General Dom Fadrique ao Carmo, em que lhe dizião que aquella manhã havião ouvido huma trombeta nossa, que segundo seu parecer os chamava, e convidava a paz, a qual tambem elles querião, e pera tratar della houvesse entretanto tregoas. Ao que respondeo Dom Fadrique que elle não chamava a sitiados, e cercados com trombetas, senão com vozes de artilharia, mas se elles a estas acudião, e querião cousa que não fosse contraria á honra de Deus, e dElRey, estava prestes pera os ouvir, com o que logo se começou a tratar das pazes, e estavão os Hollandezes tam desejosos dellas, que na mesma hora os que ficavão fronteiros á bateria das palmeiras, a qual estava á ordem de Dom João de Orelhana, e Antonio Moniz Barreto, Mestre de Campo, e de Tristão de Mendonça, Capitão Mór da esquadra do Porto, se forão pera elles levantando as mãos em signal de rendidos, aos quaes desceo a fallar o dito Tristão de Mendonça, e Lancerote da Franca, Capitão da Infantaria, que se foi com elles a fallar ao Coronel, e do quartel do Carmo, por ordem de Sua Excellencia, João Vicente de S. Felix, e Diogo Ruiz, Tenente do Mestre de Campo General, e depois outros recados de parte athe se concluir o Concerto, o qual se fez por escriptura publica em presença de pessoas do Conselho, que forão da parte dos Hollandezes Guilhelmo Stop, Hugo Antonio, e Francisco Duchs.

Da parte de Sua Magestade o Marquez Dom Fadrique, o Marquez de Cropani, Dom Francisco de Almeida, e Antonio Moniz Barreto, Mestres de Campo

de dous Terços de Portuguezes: D. João de Orelhana, Mestre de Campo de hum Terço Castelhano: Dom Hyeronimo Quexada, Auditor geral da Armada Castelhana, Diogo Ruiz, Tenente do Mestre de Campo General, e João Vicente de S. Felix, os quaes todos, depois de suas conferencias, assentarão que os Hollandezes entregarião a Cidade ao General Dom Fadrique de Toledo em nome de Sua Magestade, no estado em que se achava aquelle dia trinta de Abril de mil seis centos e vinte e cinco, a saber, com toda a artilharia, armas, bandeiras, munições, petrechos, bastimentos, navios, dinheiro, ouro, prata, joias, mercancias, negros escravos, cavallos, e tudo o mais, que se achasse na Cidade do Salvador, com todos os presos que tivessem, e que não tomarião armas contra Sua Magestade athé se verem em Hollanda. E o General em nome de Sua Magestade lhes concedeo que todos pudessem sahir da Cidade livremente com sua roupa de vestir e cama, os Capitães e Officiaes cada hum em seu bahú ou caixa, e os soldados em suas mochillas, e não outra cousa, e que lhes daria passaporte pera os navios de Sua Magestade, não os achando fora da derrota da sua terra, e embarcações em que commodamente pudessem ir, e mantimentos necessarios pera tres mezes e meio, e que lhes darião os instrumentos nauticos pera sua navegação, e os tratarião sem aggravo, e lhes darião armas pera sua defesa na viagem, sem as quaes sahirião athé os navios, salvo os Capitães, que poderião sahir com suas espadas.

Assignarão-se estas Capitulações no quartel do Carmo a trinta de Abril de mil seiscentos e vinte e cinco, per Dom Fadrique de Toledo Osorio. Guilhelmo Stop. Hugo Antonio. Francisco Duchs.

NB. Este Capitulo foi copiado das Addições e Emendas a esta Historia do Brasil.

CAPITULO QUADRAGESIMO TERCEIRO

De como se tomou entrega da Cidade, e despojos: graças, que se derão a Deus pela victoria, e aviso, que se mandou á Hespanha

Em o primeiro de Maio da dita éra, dia dos Bemaventurados Apostolos S. Philippe e Sant'Iago, se abrirão as portas da Cidade, e entrando por ellas o nosso exercito bem ordenado, se puzerão logo postas nas partes que era necessario. E os Hollandezes / que ainda erão mil novecentos e dezanove / se recolherão nas casas da praia com boa guarda de soldados Hespanhoes; e depois em as suas náus, com encargo de as concertarem, e calefetarem os seus carpinteiros e calafates. Tambem forão logo presos os Portuguezes, que se ficarão com elles, e se lhes fez inventario da sua fazenda, como tambem se fez de toda a que foi achada em poder dos Hollandezes, e das mais cousas que entre-

garão, que forão seiscentos negros, huns fugidos de seus senhores pera o inimigo com amor da liberdade, outros de prezas que tomarão em navios, que vinhão de Angola.

Entregarão mais seis navios e duas lanchas, porque ainda que quando entrou a nossa armada na Bahia tinhão vinte e hum, já os outros erão queimados, ou metidos no fundo.

Item — entregarão dezaseis bandeiras de Companhias, e o Estandarte, que estava na torre da Sé: duzentas e dezaseis peças de artilharia, quarenta de bronze, e as mais de ferro. E trinta e cinco pedreiros, quinhentos quintaes de polvora embarrilados: balas, bombas, granadas, e outros artificios de fogo em abundancia, mil e quinhentos e setenta e oito mosquetes, cento e trinta e tres escopetas, e arcabuzes, grande quantidade de cobre em pasta: oitocentos e setenta morriões: oitenta e quatro peitos fortes, grande numero de outros, e espaldares; vinte e hum quintal de morrão; e todas as fazendas, que havião tomadas, assi das logeas dos mercadores, e casas da Cidade, como de navios, e muitas que trouxerão de sua terra, as mais das quaes tinhão metidas no Collegio dos Padres da Companhia, onde os mercadores moravão, pera as venderem quando achassem compradores, e se o Collegio lhe servia de logea de mercancias, e morada de mercadores, a igreja lhes servia de adega. E depois que os vinhos se acabarão, de enfermaria.

Da mesma maneira estavão profanadas todas as outras igrejas da Cidade, porque a do Nosso Seraphico Padre servia de almazem de polvora e armas, e no dormitorio morava hum Capitão, e companhia de soldados. A ermida de Nossa Senhora da Ajuda era outro almazem de Polvora. A Misericordia tambem era sua enfermaria: e só na Sé pregavão, e enterravão os Capitães defuntos, que pera os mais fizerão cemiterio do Rocio, que fica defronte dos Padres da Companhia. E assim não houve outra Igreja, que fosse necessario desviolar-se senão a Sé, cousa que os herejes sentirão muito, ver que desenterrarão dous seus Coroneis, e outros Capitães, que ali estavão enterrados, e chamarão alguns pera que mostrassem as sepulturas, e os levassem a enterrar ao campo, pera se haver de celebrar a primeira missa in gratiarum actionem, a qual cantou solemnemente o Vigario Geral do Bispado do Brasil, o Conego Francisco Gonçalves, aos cinco dias do mez de Maio.

Forão diacono e subdiacono dous Clerigos Castelhanos Capellães da armada. Pregou o Padre Frey Gaspar da sagrada Ordem dos Pregadores, que Dom Affonso de Noronha trazia por seu confessor. Nella se ajuntarão os Generaes da Empreza com todos os fidalgos, que nella se acharão de Portugal e Castella.

Depois se fez o mesmo em as outras igrejas, pela mercê da victoria alcançada, e se fizerão officios pelos Catholicos que nella morrerão. Aqui confesso eu minha insufficiencia pera poder relatar os jubilos, a consolação, a alegria, que todos sentiamos em ver que nos pulpitos, onde se havião pregado heresias,

se tornava a pregar a verdade de nossa Fé Catholica, e nos altares, donde se havião tirado ignominiosamente as imagens dos Santos, as viamos já com reverencia restituidas, e sobretudo viamos já o nosso Deus em o santissimo Sacramento do altar, do qual estavamos havia hum anno privados, servindo-nos as lagrimas de pão de dia, e de noite, como a David quando lhe dizião os inimigos cada dia « Onde está o teu Deus »? E depois de lhe darmos por isto as graças, as davamos tambem ao nosso Catholico Rey por haver sido per meio de suas armas o instrumento deste bem.

E daqui entendo eu que se o seu Reyno de Hespanha se pinta em figura de huma donzella mui formosa com a espada em huma mão, e espigas de trigo em a outra, não he só pera denotar sua fortaleza, e fertilidade, mas pera significar como pelas armas de seus exercitos se gosa este divino trigo em todo o mundo.

O aviso deste successo venturoso se encarregou por particular a Dom Henrique de Alagon, que no assalto que os Hollandezes derão a São Bento, foi ferido de dous pelouros, a quem acompanhou o Capitão Dom Pedro Gomes de Porrez, do habito de Calatrava, em o patacho de que era Capitão Martim de Lano. O treslado da carta, que levou de Dom Fadrique pera Sua Magestade he o seguinte.

« Senhor: eu hei trazido a meu cargo as armas de Vossa Magestade a esta Provincia do Brasil, e nosso Senhor ha vencido com ellas, se hei acertado a servir a Vossa Magestade, com isto estou sobejamente premiado. As occupações de dar cobro a Cidade, restituir a Nosso Senhor seus templos, tratar dos negocios da justiça, que Vossa Magestade me encarregou, e castigo dos culpados, carena de algumas náus, bastimento pera a Armada, em que ha bem que fazer: aviamento, e despacho dos rendidos, que hão de tornar a sua terra, e o deste aviso, e outras mil cousas me tem sem hora de tempo: o que faltar na relação emendarei no segundo aviso. Dom João Fajardo ha servido a Vossa Magestade melhor que eu, porque ha assistido no apresto do que ha desembarcado do mar com grande cuidado, que não ha sido menos essencial que o das armas; tambem esteve em a segunda bateria, que se fez aos navios, e em tudo ha procurado servir a Vossa Magestade, e ajudar-me como pessoa de tantas obrigações.

« O mesmo ha feito Dom Manoel de Menezes. O Marquez de Cropani ha trabalhado, ainda que velho, como moço, com o fervor, e zelo que outras vezes, dando a Vossa Magestade obrigação de fazer-lhe mercê, e honra, e a mim de supplical-o a Vossa Magestade, etc. »

E assim proseguio depois em outras o louvor de todos em geral com a liberalidade, que he mui propria na nobreza Castelhana. Foi feita a dita carta a doze de Maio, e chegou brevemente a Madrid, onde Sua Magestade fez dar solemnemente as graças a Nosso Senhor pela mercê recebida, sobre outras mui grandes, que este anno de mil seiscentos e vinte e cinco recebeo, como foi livrar-lhe Cadiz de huma poderosa armada de cento e trinta navios Ingrezes,

da qual livrou tambem milagrosamente a frota de Indias, que aquelle anno trazia dezasete milhões em ouro, prata e fructos da terra. E o milagre foi que tanto que os Ingrezes aportarão em Cadiz, mandou S. Magestade despachar seis caravellas com grandes premios a frota pera que fosse aportar a Lisboa ou Galisa, por não ser presa dos inimigos; cahio huma das caravellas nas mãos dos Ingrezes, os quaes, tendo por certo que esperando a frota em quarenta gráus se farião senhores della, partirão logo de Cadiz a por-se em aquella altura, mas foi Deus servido que nenhuma caravella das nossas acertou com a frota, e assim veio direita a Cadiz, vinte dias depois da Ingreza a estar esperando na paragem por onde houvera de vir se lhe derão o recado de Sua Magestade.

Nem aqui parou a sua desgraça, e ventura nossa, senão que a sua armada se pèrdeo depois com tempestades, e tormentas, de sorte que a menor parte della tornou a sua terra. Em Flandres foi tomada aos herejes a poderosa Cidade de Breda. E no Brásil / como temos dito / recuperada de outros a Bahia, que o anno dantes a tinhão occupada. Bem parece que foi aquelle bisexto e estoutro de Jubileu, em que o Vigario de Christo em Roma tam liberalmente abre, e communica aos fieis o thesouro da Igreja, pera que confessando-se sejão absolutos de culpas, e censuras, que são muitas vezes as que impedem as mercês e beneficios divinos, e nos acarretão os castigos. E principalmente se pode attribuir a felicidade deste anno a Hespanha, em ser nelle celebrada a Canonização de Santa Isabel, Rainha de Portugal, e natural do Reyno de Aragão, por cuja intercessão e merecimentos podemos crer que fez, e fará Deus muitas mercês a estes Reynos.

NB. Este Capitulo foi copiado das emendas a esta Historia do Brasil.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUARTO

Da guerra que o Governador Mathias de Albuquerque mandou dar ao Gentio da Serra da Copahobba, que se rebellou na occasião dos Hollandezes

Não só o Gentio da beira mar se rebellou nesta occasião dos Hollandezes contra os Portuguezes, mas tambem os do Sertão e Serra de Copahobba, e a esta conta matarão logo dezoito visinhos seus, e lhes captivarão seis filhas moças donzellas, e alguns meninos; pelo que o Capitão Mór da Parahyba, Affonso da Franca, tanto que Francisco Coelho se partio, mandou o Capitão Antonio Lopes de Oliveira, e á sua ordem os Capitães Antonio de Valladares e João Affonso Pinheiro com muita gente branca, e o Padre Gaspar da Cruz com os Indios Tobajares, nossos amigos, e inimigos antigos dos Potiguares rebellados, pera que lhes fossem fazer guerra, e os castigassem como merecião: os quaes os não acharão já na Serra, porque presentindo isto / cousa mui natural em os que

se sentem culpados /, pondo fogo ás aldeas e igrejas, que nellas tinhão / porque já muitos havião recebido o Sacramento do Baptismo /, se havião ido metter com os Tapuias, dalli mais de cem legoas, pera que os ajudassem, e defendessem dos Portuguezes, levando-lhe de presente as donzellas e meninos, que havião tomado na Parahyba, do que tudo informado o Governador Mathias de Albuquerque, mandou suster na jornada Antonio Lopes de Oliveira, e os mais Capitães que ião da Parahyba, athé se informar melhor do caso, e tomar conselho sobre a justiça da guerra; pera o que fez ajuntar em sua casa os Prelados das Religiões, Theologos, e outros letrados, Canonistas e Legistas, e concluindo-se entre elles ser a causa da guerra justa, e pelo conseguinte os que fossem nella tomados escravos, que são no Brasil os despojos dos soldados, e ainda o soldo, porque o Gentio não possue outros bens, nem os que vão a estas guerras recebem outro soldo.

Logo o Governador mandou os Capitães Simão Fernandes Jacome e Gomes de Abreu Soares, e por Cabo delles Gregorio Lopes de Abreu, com suas companhias; os quaes chegando á Parahyba, e informados de Antonio Lopes de Oliveira do lugar pera onde o Gentio tinha fugido, mandarão os mantimentos, e alguma gente athé o Rio Grande por mar, e se partirão por terra pera dahi levarem outra companhia, que por mandado do Governador Geral lhe deo o Capitão Francisco Gomes de Mello, e foi por Capitão della Pero Vaz Pinto á ordem tambem de Gregorio Lopes de Abreu, os quaes começarão todos a marchar pelo sertão, onde padecerão grandes fomes, e sedes, e aconteceo andarem tres dias sem acharem agoa pera beber, pelo que desesperados de todo o remedio humano, e esperando só nos merecimentos e intercessão do Bemaventurado Santo Antonio, cuja imagem levavão comsigo, o começarão a invocar huma tarde, e cavar na terra seca pedindo que lhes desse agoa, e foi cousa maravilhosa, que a poucas enxadadas sahio em tanta quantidade, que todos os do alojamento muito se abastarão aquella noite, e o dia seguinte, enchendo suas vasilhas pera caminharem, a agoa se seccou.

Dali a tres jornadas derão com huns poucos dos Indios, e os tomarão pera lhes servirem de guias, posto que fugio hum, que levou aviso aos mais; pelo que quando chegarão os nossos os acharão já postos em arma; mas nem isso bastou, pera que os não commettessem com tanto impeto, e animo, que lhes matarão muitos, não perdoando os nossos Tobajares a molheres nem meninos, pela vontade que levavão aos rebeldes, o que visto pelos Tapuias, depois de haverem sustentado a briga dous dias, mandarão perguntar a Gregorio Lopes, Cabo das nossas companhias, que vinda fora aquella ás suas terras, donde nunca forão brancos a fazer-lhes guerra, não lhes tendo elles dado causa a ella? O qual respondeo que não o havião com elles, senão em quanto erão fautores e defensores dos Potyguares, que se havião rebellado contra o seu Rey, havendo-lhe promettido vassallagem, e se havião confederado com os Hollandezes, e morto os Portuguezes seus visinhos contra as pazes, que tinhão celebradas, e

assim se desenganassem que, senão, iria sem os levar captivos ao Governador, ou lhes custaria a vida, com o qual desengano lhe trouxe o principal dos Tapuias, dous principaes dos rebeldes, chamado hum Cipóuna, e outro Tiquarusú, pera que tratassem de pazes, e concerto, como tratarão; e em resolução foi que se querião entregar com toda a sua gente da Serra de Copahobba ao Governador, pera que dispuzesse delles como lhe parecesse justiça, dando-lhe pera isto hum mez de espera; o que o Capitão Gregorio Lopes aceitou pela necessidade em que os seus estavão de mantimento, trazendo logo comsigo muitos dos filhos em refens, e as moças brancas, e meninos, que tinhão presos.

Nem este concerto aceitou, e fez com o principal Tiquarusú, que era mais culpado, antes o mandou matar logo em presença de todos ás cutiladas. Não com Cipoúna, o qual cumprio depois á risca, trazendo toda a sua gente, no tempo que ficou, pera que o Governador dispuzesse della á sua vontade, e o Governador, sem tomar nenhum por si, commeteo ao Desembargador João de Sousa Cardines que os repartisse pelos soldados e outros moradores, pera que os servissem em pena de sua culpa, e rebellião, mas muitos se acolherão a sagrado das Doutrinas dos Padres da Companhia, onde forão bem acolhidos, porque ali se doutrinão, e conservão melhor, que nas casas dos seculares, como já outras vezes tenho dito.

NB. Este Capitulo Quadragesimo Quarto foi copiado desta Historia do Brasil por Frey Vicente do Salvador; porém o Capitulo Quadragesimo Quarto que está nas Addições e Emendas a esta Historia hé o que se segue.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUARTO

Da armada, que veio de Hollanda a Bahia em soccorro dos seus, e do mais, que succedeo athe a partida da nossa

Não se podia dizer que a guerra era acabada, por se haver recuperada a Cidade dos Hollandezes, pois ainda se esperava pela sua armada do soccorro. E assim chegou logo hum navio de Angola, que deo por nova andar no Morro huma náu, e hum patacho, que tinhão tomado dous navios nossos, hum de mantimentos pera a armada de Portugal, que vinha de Lisboa, outro da Ilha da Madeira, com vinhos, que tambem se mandava á armada, e ao Conde de Vimioso da sua capitania de Machico; sahio-lhes Tristão de Mendonça, e o Capitão Gregorio Soares, por mandado do seu General D. Manoel de Menezes, e tomarão o dos mantimentos com os Hollandezes, que dentro estavão. Tambem mandou D. João Fajardo hum patacho, que tomou o dos vinhos, e dos Hollandezes, que tomarão destes dous navios, constou que vinha já a sua armada do soccorro, a qual poucos dias depois, aos vinte e seis de Maio pela manhã, appareceo na barra; erão trinta e quatro náus, quinze grandes do Estado, e as mais de frete, e assim erão duas capitanias. Ás duas horas depois do meio

dia entrarão todas enfiadas humas traz outras pera dentro com tanta confiança que provavelmente se entendeo devião ainda cuidar que estava a Cidade por sua, e que fôra bom o conselho, que o Marquez de Coprani havia dado, que se não abalasse a nossa armada, porque elles virião surgir junto della, acrescentando que seria bom tirar-se a bandeira Real, que havião posto na torre da Sé, e pôr em seu lugar a Hollandeza, que havião tirado, e dispararem da nossa armada alguns tiros á Cidade, e da Cidade á armada, pera que se confirmassem os Hollandezes no que cuidavão, e lhes viessem a cahir nas mãos: porém Dom Fadrique respondeo o que referem de Alexandre Magno que não era honra alcançar victoria com enganos, e mandou sahir os navios mais pequenos logo pela manhã com ordem que não pelejassem, athe não chegarem as capitaneas, as quaes se desamarrarão tam tarde, que havendo ido os primeiros em vento e maré favoravel, acharão já tudo contrario, o dia que se ia acabando, e os inimigos retirando-se, pelo que mandou tirar hum tiro de recolher, e tambem por ver que havia hum galeão nosso, chamado Santa Thereza, dado em seco em os baixos da parte da Taparica, o qual cortando-lhe o masto grande, nadou, e sahio do perigo. E os Hollandezes, posto que alguns tocarão o baixo, sahirão, e se forão todos a seu salvo aquella noite na volta do mar, sem perderem mais que dous bateis, que se desamarrarão, ou largarão por mão, e huma bandeira que a Almeyranta de Napoles levou com hum pelouro a hum delles da quadra: onde se perdeo a mais gloriosa empresa, que se podia ganhar, com a qual, junta á que havião alcançado na Cidade, se ficavão quebrando os braços aos inimigos, pera nos não poderem tam cedo fazer damno, mas parece que os quiz Deus deixar ainda no Brasil / como deixou os Cananeos aos filhos de Israel / pera freio de nossos peccados; e assim se forão logo desta Bahia á da Traição, do que sendo avisado Dom Fadrique per via de Pernambuco, mandou á pressa aprestar a armada pera ver se de caminho, em caso que ainda ahi estivessem, os podia levar. E pera este effeito mandou que João Vincencio Sanfeliche, de quem se valia em as cousas de mais consideração, e o General Francisco de Vallecilha, como tam experimentado na nautica, se adiantasse a Pernambuco com instrucção que em companhia do Governador Mathias de Albuquerque, e das pessoas mais praticas o informasse do sitio da Bahia da Traição, suas particularidades, e capacidade, pera ver se achando-se a armada inimiga em ella, poderia entrar a de Hespanha a desalojal-a, e não podendo, que conviria fazer em resolução de não perder tempo quando chegasse a Pernambuco, senão que pudesse executar o que tivessem determinado, pelo que fez logo o Governador juntar todos os pilotos em sua casa, e com seu parecer assentarão que na boca da dita Bahia não havia mais que quinze ou dezaseis palmos de agoa, com que era impossivel entrar a armada de Hespanha, além de que a parte que tinha mais fundo estava occupada com os navios de Hollanda; e assim o melhor seria surgir a nossa armada defronte da barra, e saltearem os inimigos por terra athe os forçar a sahir; e pera isto havião pre-

venido cem juntas de bois, e carros pera tirar a artilharia, mil Indios da Parahyba, e mil homens brancos de Pernambuco, que com os mais, que Dom Fadrique mandaria desembarcar dos seus, seria bastante pera conseguir seu intento, o qual por esta causa deo conclusão ás cousas da Bahia.

Mandou enforcar dos Portuguezes, que estavão presos por voluntariamente se haverem ficado com os Hollandezes, quatro, e dos negros, que se confederarão com elles, seis, sendo primeiro huns e outros ouvidos, e julgados pelo Auditor Geral. Repartio os despojos das mercadorias, e fazendas, que os Holladezes havião tomado aos moradores, pelos soldados da armada. Donde trouxe hum Pregador, pregando em aquella occasião muito a proposito aquillo do primeiro Capitulo do Propheta Joel / Residuum erucæ comedit locusta /, porque o que havião deixado os inimigos lhes levarão os amigos, que vierão pera os soccorrer, e remediar. E se ainda destes restou alguma cousa / residuum locustæ comedit bruchus /, que foi o presidio de mil soldados, que o dito General deixou da armada na Cidade, no qual deixou por Sargento Mór Pedro Correa, que o havia sido de hum dos Terços de Portugal, soldado velho, experimentado nas guerras de Flandres.

Fez Capitães da infantaria a Francisco Padilha, Manoel Gonçalves, Antonio de Moraes, e Pero Mendes, que o havião sido dos assaltos, e Capitão Mór e Governador da Terra a Dom Francisco de Moura, que já de antes o era. Despedio-se dos Conventos dando a cada hum de esmola duzentos cruzados pera ajuda de repararem as paredes, que como servirão de baluartes e trincheiras, ficarão mui damnificados.

E com isto pedindo que lhe encommendassem a Nosso Senhor a viagem, se embarcou a vinte e cinco de Julho, dia do Bemaventurado Apostolo Santiago, patrão de Hespanha, posto que por o vento ser contrario, não poude sahir da barra senão a quatro de Agosto, no qual tempo o tiverão tres dos navios, em que ião embarcados os Hollandezes rendidos, pera se apartarem dos mais, e se irem.

NB. Segue-se o Capitulo Quadragesimo Quinto do successo da nossa armada pera o Reyno, e dos Hollandezes pera a sua terra; porém nas Addições e Emendas a esta Historia do Brasil he o quadragesimo setimo.

CAPITULO QUADRAGESIMO SETIMO

Do successo da nossa armada pera o Reyno, e dos Hollandezes pera a sua terra

Com tormenta partio a nossa armada da Bahia, pelo que logo abrio muita agoa hum galeão de Hespanha, e lhe foi forçado tornar pera dentro, pera depois de tomada hir em companhia de outro, que tambem, por se não poder concertar

a tempo, não foi com a armada, á qual depois de partir sobreveio outra tormenta, tam grande, que não poude tomar Pernambuco, onde a estavão esperando com muito alvoroço, não já pera pelejar com a Hollandeza, que era ida, senão pera regalarem a sua Excellencia, e mais senhores, pera cujo recebimento tinhão ordenadas muitas festas, especialmente sentirão não poder ver o Senhor da terra Duarte de Albuquerque Coelho, e não devia elle de sentil-o menos, pois padecia a pena de Tantalo, não podendo gozar do que appetecia, e via, nem a vinda pera a Bahia, nem a ida. Daqui começarão logo os navios a apartar-se, cada hum pera onde a força da tempestade o levava, e muito mais depois que lhes sobrevierão outras na altura das Ilhas, com que se perdeo a Almeyranta de Portugal na Ilha de S. Jorge, mas salvou-se o Almeyrante Dom Francisco de Almeida, e os que com elle ião, com muito trabalho, e darem continuamente á bomba, sem comer, porque a matalotagem apodreceo com a agoa, donde depois na mesma Ilha adoecerão, e morrerão muitos, e entre elles Dom Antonio de Castello Branco, Senhor de Pombeiro, que Nosso Senhor tenha em sua gloria, como confio em sua divina Misericordia, e pelo que sei delle no tempo que esteve nesta Bahia, que se confessava, e commungava cada semana, ouvia todos os dias missa, junto com ser muito esmoler, e outras virtudes, que como pedras preciosas, engastadas em fino ouro de sua nobreza, davão de si muito lustre.

O galeão em que ia Dom Affonso de Alencastre, por fazer muita agoa, e não a poderem tomar, tomarão a gente em outro, e o mais que puderão, e puzerão-lhe fogo. Constantino de Mello, e Diogo Varejão encontrarão seis navios Hollandezes, com quem pelejarão, e sendo rendida a náu do Varejão, ficou só o Mello na sua naveta continuando a briga com tanto valor, que já o deixavão, se não sobrevierão tres náus de Estado, a que tambem resistio, mas emfim o tomarão, e levarão a Hollanda, roubando-lhe quanto levava, senão a fama do Capitão, que forão publicando, e he bem se publique por todo o mundo.

Dom Manoel de Menezes, General da armada de Portugal, chegou a Lisboa a quatorze de Outubro, havendo brigado na paragem da Ilha de S. Miguel com dous galeões de Hollandezes, que ião de Mina carregados, o qual depois de ter feito amainar hum o deixou ao galeão Sant'Anna das Quatro Villas, que ia na sua esteira, no qual ia o Mestre de Campo Dom João de Orelhana, e se foi em seguimento do outro, que lhe ia fugindo, e por ventura o tomara, segundo a sua náu era forte, e ligeira, se não fôra necessario tornar atraz acudir ao galeão Sant'Anna, que ardia; porque havendo abordado e rendido o dos Hollandezes, e passados já muitos ao nosso, tirado alguns, que se não quizerão sahir, não sei se por estes, ou se acaso se pegou fogo ao seu, e in continenti delle ao nosso, com que se abrasarão ambos, sem se salvar mais que cento e quarenta e oito pessoas, que se lançarão a nadar, a que Dom Manoel acudio quando vio o fogo, deixando o galeão, que ia fugindo, e largando-lhes a fragata, cabos, jangadas, taboas, e outras cousas, de que se pudessem valer, os livrou do perigo da agoa, morrendo todos os mais abrasados com o Mestre de

Campo Dom João de Orelhana, Dom Antonio de Luna de Menezes, e outros muitos.

Dom Fadrique de Toledo com grande parte da armada derrotou com o rigor do tempo avante do Estreito ao Porto de Malaga, e fazendo dalli alguns Fidalgos sua jornada a Portugal souberão de hum Correio de Sua Magestade junto a Sevilha ser aportado a Cadiz huma armada Ingreza de cento e trinta velas, per onde logo voltarão desandando o caminho, que já tinhão andado, julgando ser aquelle o mais proprio de quem elles erão, que o que depois de tam larga jornada levavão a suas casas: erão os que fizerão esta volta João da Silva Tello, Dom Duarte de Menezes, Conde de Tarouca, Francisco de Mello de Castro, Dom Lopo da Cunha, Senhor de Santar, Dom Francisco Luiz de Faro, filho do Conde Dom Estevão de Faro, Antonio Taveira de Avellar, e Dom Nuno Mascarenhas. Levarão seu caminho de Sevilha a Xeres, onde o Duque de Medina Sidonia, neto de Ruy Gomes da Silva, pelo que tinha de Portuguez, lhes fez singulares demonstrações de agasalho, e estimação, que valia tão primoroso valor.

Tratarão logo do fim da sua vinda, que era metterem-se em Cadiz, pera que a ajudassem a defender, pedindo ao Duque huma galé pera nella passarem, e pelas difficuldades, que o Duque representou, não puderão então levar avante esta sua deliberação, e assim se forão á defensão da ponte de Suasso, onde assistião quatro mil homens, mas chegando depois recado de Cadiz de Dom Fernando Girão, pera que de noite lhe mettessem na Cidade tresentos homens escolhidos, forão os Fidalgos os primeiros, que na vanguarda com seus piques partirão a este soccorro, caminhando tres legoas a pé, com chuva, e agoa em muitas partes pelos geolhos, athé entrarem na Cidade ás onze horas da noite, onde Dom Fernando Girão os foi buscar a suas pousadas, significando com palavras, e com abraços, que sentiria muito fazer o inimigo leva da sua armada, pois com o favor de taes Cavalleiros podia esperar desbaratal-o. Em Cadiz assistirão como valorosos a todo o trabalho e perigo militar athé o inimigo se ir. Não merecerão menos estimação Dom Affonso de Noronha, Antonio Moniz Barreto, Henrique Henriques, e Dom Affonso de Alencastre, porque ainda que quando chegarão a Cadiz estavão já os inimigos retirados, dizem os Theologos que a vontade efficaz he equivalente á obra, se não pode pôr-se em effeito, e por tal a estimou Sua Magestade, escrevendo ao Conselho que porque estava informado do valor com que os Portuguezes o servirão nesta occasião, e que pera morrer por seu serviço lhes não faltava vontade, e sobejava o animo, mandava que a cada hum se désse o que tivesse da Corôa pera filhos ou herdeiros, e lhes fizessem todas as mais mercês, que elle por outro Decreto seu tinha concedido aos que morressem nesta empreza da Bahia, sem ser necessario a nenhum fazer sobre isto mais diligencias. O teor da carta he o seguinte:

« Governadores amigos. Eu El Rey vos envio muito saudar, como aquelles

que amo. Havendo-se entendido o bem que os Fidalgos Portuguezes, que forão cobrar a Bahia de Todos os Santos, tem servido, e desejando que conheção quam agradavel me foi seu serviço, e quam satisfeito me acho de suas pessoas, Hei por bem em primeiro lugar que se executem as mercês geraes, que fiz pera os que morressem nesta jornada nos filhos de Martim Affonso de Oliveira, e que se me consulta em que outra poderia eu mostrar-lhes meu agradecimento, e sentimento da morte de seu pae, por ser tam honrado Fidalgo, e tam zeloso do meu serviço, não reparando pera o fazer em nenhum particular seu, ficando, se pode ser, tam satisfeito do seu modo de servir, como de seus mesmos serviços. E aos mais Fidalgos me pareceu se lhes declarem, e dem por feitas todas aquellas mercês, que se lhes fizerão per em caso que morressem na jornada, pois da sua parte não lhes ficou mais que fazer. Desejando eu infinito que saibão os que me servem que gratifico o animo de fazel-o, como a mesma obra, e que não hão mister mais solicitação, negociação, recordo, nem passos, que dados em meu serviço, e por esta razão sem consulta nenhuma o quiz resolver assim. Escripta em Madrid a dezoito de Setembro de mil seiscentos e vinte e cinco. Rey. »

Não se poderá ver maior demonstração do amor de Sua Magestade á Corôa de Portugal; pois sem consulta do Estado, só pela do amor, foi servido de seu motu proprio formar hum Real Decreto tam favoravel a esta Corôa. Nem menos grato se mostrou aos que vierão pela Corôa de Castella, fazendo a huns e outros grandes mercês; mas muito maiores as recebeo de Deus este mesmo anno, que foi o de mil seiscentos e vinte e cinco, e bem parece que era o do Jubileu geral, em que o Vigario de Christo em Roma tam liberalmente abre, e communica aos fieis o Thesouro da Igreja.

(A) Daquella armada Ingreza tam poderosa, da qual livrou tambem tam milagrosamente a frota das Indias, que aquelle anno trazia dezasete milhões em ouro, prata, e fructos da terra, e o milagre foi, que tanto que os Ingrezes aportarão em Cadiz, mandou Sua Magestade despachar seis caravellas com grandes premios á frota, pera que fosse aportar a Lisboa ou Galisa por não ser presa dos inimigos. Cahio huma das caravellas nas mãos dos Ingrezes, os quaes tendo por certo que esperando a frota em quarenta gráus se farião senhores della, partirão logo de Cadiz a pôr-se naquella altura; mas foi Deus servido que nenhuma caravella das nossas acertou com a frota, e assim veio direita a Cadiz vinte dias depois da Ingreza a estar esperando na paragem por onde houverão de vir se lhe derão o recado de Sua Magestade; pelo que reconhecido El Rey de tam grande mercê, deo graças a Nosso Senhor, e muito mais depois que soube ser quasi toda a armada inimiga com tempestades, e tormentas, de

(A) Este paragrapho vem incluido no Capitulo Quadragesimo Terceiro das Addições e Emendas a esta Historia do Brasil, o qual já está copiado; comtudo não se pode deixar de repetir aqui, pera não truncar este Capitulo.

sorte que a menor parte della tornou á sua terra. Em Flandres foi tomada aos herejes a poderosa Cidade de Buda. No Brasil recuperada de outros a Bahia, que o anno dantes a tinhão occupada. Mas que havia de ser, se em este anno foi celebrada a Canonização de Santa Isabel Raynha de Portugal, natural do Reyno de Aragão, por cuja intercessão e merecimentos podemos crer que fez, e fará Deus muitas mercês a estes Reynos.

Tambem padecerão grandes tormentas em o mar os Hollandezes, que forão da Bahia, ainda que levavão os navios mais descarregados, que he hum bem só em as tormentas conhecido; e não foi menor a que padecerão em terra depois que chegarão á Hollanda, porque logo forão todos presos pelos seus, e sentenciados á morte por se haverem entregues a partido tam cedo com a Cidade, e o mais que tinhão, e havião ganhado na Bahia, sem esperarem pela sua armada do soccorro, ao que acudirão as molheres, filhos, e parentes com embargos, allegando que não fôra possivel deixarem de se entregarem, ou morrerem todos, pela muita tardança do seu soccorro, e grande aperto em que os nossos os tinhão postos: e outras cousas, pelas quaes emfim os soltarão, e lhes concederão as vidas, condemnando-os sómente em que se lhes não pagassem os soldos, que se lhes devia.

Os outros, que havião vindo de soccorro, se forão da Bahia da Traição a Porto Rico, que he em Indias de Castella, onde achando a gente descuidada desembarcarão, e saquearão o lugar, depois acudio o Capitão da fortaleza da Barra, que por ser estreita e como porta daquelle porto, lho cerrou de modo que não puderão sahir como entrarão, antes se virão em tanto aperto, que já de concerto largarão quanto tinhão roubado, e ainda alguma cousa do seu, porque os deixassem sahir, o que o Capitão lhes não quiz conceder, assim por entender que os tinha vencidos, como por receiar que El Rey lho estranhasse, e em ambas as cousas se enganou, porque os inimigos estavão mui fortes em suas náus, com tudo quanto saqueado, ensacado, e mettido dentro nellas, esperando só huma noite escura de tormenta, e vento, que lhes servisse pera sahirem, como lhes succedeo em huma em que sahirão, e se forão, sem lho poderem impedir nem fazer-lhes algum damno, mais que em huma náu velha, que puzerão por... *(sic)*, e Sua Magestade mandou cortar a cabeça ao Capitão da fortaleza, e não por aceitar o concerto, que lhe commettião os Hollandezes, no que elle só cuidava que estava toda a culpa.

N. B — Nas Addições e Emendas vem este Capitulo, porém onde no fim delle diz: «e Sua Magestade mandou cortar a cabeça ao Capitão da fortaleza, e não por aceitar o concerto, que lhe commettião os Hollandezes, no que elle só cuidava que estava toda a culpa.» nas Emendas só diz o seguinte: « E Sua Magestade não se houve por tam bem servido do Capitão da fortaleza como elle imaginou. »

CAPITULO QUADRAGESIMO SEXTO

De como o Governador Mathias de Albuquerque mandou buscar a carga de huma náu da India, que se perdeo na Ilha de Santa Helena

Providencia Divina foi ficarem na Bahia os dous galeões que dissemos no Capitulo precedente, hum dos quaes era da esquadra de Biscaia, chamado Nossa Senhora da Atalaya, de que era Capitão João Martins de Arteagoa, outro da esquadra do Estreito, chamado S. Miguel, e o Capitão Francisco Cestim, porque forão depois mui uteis e necessarios pera irem buscar a carga da náu Conceição, que por se ir ao fundo com agoa descarregou na Ilha de Santa Helena; vinha esta da India em companhia de outras quatro, das quaes vinha por Capitão Mór Dom Antonio Tello, o qual não podendo deixar de seguir a sua viagem, tomou della a fazenda que poude, e a gente com o seu Capitão Dom Francisco de Sá, e deixou a Antonio Gonçalves pousado com cento e vinte homens brancos, e alguns Cafres em guarda do mais, escrevendo por hum batel ao Governador do Brasil que lhe mandasse navios; chegou o batel a Pernambuco, onde o Governador Mathias de Albuquerque, que estava em dezoito de Agosto de mil seiscentos vinte e cinco, o qual avisou logo a Dom Fadrique, pedindo-lhe pera isto quatro urcas, que ahi o estavão aguardando com mantimentos pera a armada, dos quaes era cabo João Luiz Camarena, e Dom Fadrique do mar, onde achou o recado, mandou que fossem os ditos galeões da Bahia, porque das urcas dos mantimentos tinha necessidade a sua armada, pelo que o Governador mandou logo em direitura aos de Santa Helena huma caravella de refresco, e por Capitão della Matheus Rodovalho, e duas náus pela Bahia, huma chamada S. Bom Homem, Capitão Antonio Teixeira, outra Churrião, Capitão Custodio Favacho, providas da Fazenda de Sua Magestade, pelo contractador Hyeronimo Domingues, pera que daqui fossem com os ditos galeões, como logo forão, e com outra náu chamada a Rata, que mandou Dom Francisco de Moura, da qual era Capitão Rodrigo Alvares.

Chegarão a Santa Helena a vinte e sete de Dezembro de mil seiscentos e vinte e seis, acharão os Indiaticos entrincheirados com os fardos, e com tres baluartes feitos, em que tinhão seis peças de artilharia, donde havião pelejado primeiro com huma náu Hollandeza, e depois com quatro de Hollandezes e Ingrezes, tam valorosamente, que não se atreverão a sahir á terra, e se forão com muita gente morta.

Depois de começarem os nossos navios a tomar carga, estando já quasi carregados, chegou huma náu Hollandeza, maior que a náu da India, com quarenta peças de artilharia, a qual surgio entre os dous galeões, e elles abalroarão com ella, e saltando a gente no convez, que acharão despejado, se se-

nhorearão delle, rompendo a enxarcea, e velas, e dizendo aos que estavão debaixo da xarcta que se rendessem, respondião que não, porque já o diabo estava em seus corações, e assim pelejarão como endemoninhados, matando, e ferindo com os piques, por entre a xarcta, e com roqueiras a muitos dos nossos, entre os quaes foi morto o Capitão Arteagoa, pelo que, e por se temerem do fogo, que por algumas vezes lhe lançarão, a desabalroarão, e a náu se foi com todas as riquezas, que trazia de Ternate.

Os nossos acabarão de carregar, deixando ainda na Ilha o mapam *(sic)* de ancoras, e amarras, que não couberão.

Partirão em sete de Fevereiro da dita éra de mil seiscentos e vinte e seis, vindo por Capitão Mór Philippe de Chaverria, em lugar do que morreo na batalha: chegarão a Pernambuco o primeiro de Março, onde o Governador os proveo de todo o necessario pera a viagem, por ordem do sobredito contractador, e do Almoxarife João de Albuquerque de Mello, e se fizerão á vela com outros navios mercantes pera o Reyno aos dezoito do mesmo mez, e chegarão a Lisboa a salvamento em quinze de Maio.

CAPITULO QUADRAGESIMO SETIMO

Dos Hollandezes, que andavão por esta costa da Bahia athé á Parahyba em o anno de mil seiscentos e vinte e seis, e da ida do Governador Francisco Coelho de Carvalho pera o Maranhão

Em dezanove de Abril desta éra de mil seiscentos e vinte e seis apparecerão na bocca desta barra da Bahia, junto ao morro, tres náus Hollandezas de força, huma das quaes trazia trinta peças de artilharia grossa e cento e quatro homens de guerra: metteo no fundo huma caravella, que vinha de Angola, de que era mestre Antonio Farinha, visinho de Sezimbra, por não querer amainar, mas salvarão-lhe toda a gente branca, e alguns negros, de cento e setenta que trazia, e os trouxerão onze dias comsigo, fazendo-lhes boa companhia, por o trazerem / segundo ao depois disserão / assim por ordem do seu Principe de Orange, em respeito do bom tratamento que o General Dom Fadrique de Toledo deo aos Hollandezes na recuperação desta Cidade, e depois os forão lançar todos no Rio das Contas, donde feita sua agoada, se forão ajuntar com outra esquadra de quatro náus, e hum patacho, que vinha pera Pernambuco, e ahi ancorarão todas juntas defronte da barra aos vinte de Maio, excepto o patacho, o qual por ser mui ligeiro andava com dez peças de artilharia, discorrendo sempre pela Costa de huma parte pera outra, e este fez encalhar na Poripuera, trinta legoas de Pernambuco pera a Bahia, huma lancha,

que o Governador mandava de aviso, e tomou hum navio de Vianna, que havia sahido do Recife com seiscentas caixas de assucar, e assim por ir tam carregado, e com caixas por entre as peças de artilharia, não poude jogar dellas, e se deixou tomar de hum patacho, cousa em que os Ministros de Sua Magestade devião vigiar muito nestas partes, porque não foi este o primeiro que se perdeo por esta causa, nem será o derradeiro, senão se fizer muita vigia pera que não vão sobrecarregados.

Tomou tambem outro, que ia pera Angola, e huma caravella, que vinha da Ilha da Madeira, carregada de vinhos, lançando a gente de todos em a Ilha de Santo Aleixo.

Deo caça a huma caravella que vinha dos rios de Congo, a qual se lhe acolheo ao porto do Páu Amarello, e a outra de Sezimbra, que se metteo em a enseada do Cabo de Santo Agostinho, donde depois ao longo do Recife forão metter no porto, como tambem fizerão tres navios de Lisboa, e dous das Canarias, por aviso que lhes derão de hum barco que o Governador mandou pera este effeito da banda do Cabo, que he a paragem por onde no mez de Maio, e nos mais de inverno, navegão pera Pernambuco.

Tambem mandou o mesmo Governador Geral Mathias de Albuquerque dous Indios da terra, e hum mulato, cada hum em sua jangada com artificio de fogo pera o pôrem ás náus dos Hollandezes, que estavão mais de quatro legoas da barra ao mar, dos quaes chegou hum chamado Salvador, e o pegou á pôpa da Capitanea, mas foi sentido de hum cachorro da náu, que despertou a gente, e o apagarão, tirando logo ás mais hum tiro de rebate, com a qual raiva queimarão o dia seguinte a caravella, que havião tomado, e tambem porque o mestre lhes não havia querido dar por ella cincoenta cruzados, que lhe pedirão, e feito isto levantarão ferro, e se forão.

Tambem se foi Francisco Coelho de Carvalho, Governador do Maranhão, o qual passava já de dous annos que estava em Pernambuco sem poder partir-se, assim pela cobrança de vinte mil cruzados, que El Rey ali lhe mandou dar, como por causa dos Hollandezes da Bahia, e destoutros, e por isto, tanto que os vio idos, e desimpedido o passo, se partio em treze de Julho da dita éra de mil seiscentos e vinte e seis, com cinco barcos, que lhe deo o Governador Mathias de Albuquerque, o qual o veio despedir ao Recife, e lhe mandou fazer salvas das fortalezas.

Elle ia em hum dos barcos com seu filho Feliciano Coelho de Carvalho, e o Sargento Mór Manoel Soares de Almeida. Dos outros erão Capitães Manoel de Souza Deça, Capitão Mór do Pará; Jacome de Reymonde, Provedor Mór da Fazenda, e João Maciel.

Gastarão na viagem quinze dias athé o Ceará, porque não navegavão de noite; alli se detiverão outros quinze dias, nos quaes proveo o Governador o forte de polvora, e de mais artilharia, e fez paga aos soldados, e ao Capitão Martim Soares Moreno lançou o habito de Santo Iago, de que El Rey lhe fez

mercê por seus serviços, que não forão poucos os que lhe fez, não só no descobrimento do Maranhão, como fica dito em o primeiro Capitulo deste Livro, mas depois de estar por Capitão do Ceará, onde os cossarios o temem tanto, que havendo alli aportado algumas vezes, nenhuma se atreverão a desembarcar, desejando-o elle tanto, que chegou a metter-se entre os Indios nús, nú e tinto da sua côr, parecendo-lhe que como estes forão seus compadres, e amigos, não se temendo delles, desembarcarião, e assim os colheria, e nem isto bastou. Feito foi este de subrogação, pois parece não obrigar seu officio a tanto, e assim foi bem empregada a mercê, que Sua Magestade lhe fez do habito, e se lhe deo com elle pouca tença, por isso lhe dá Deus muito ambar por aquella praia, com que pode muito bem matar la hambre.

Estava em Ceará a esta sasão o Padre Frey Christovão Severim, Custodio do Maranhão, chegado de poucos dias depois de haver passados muitos no caminho, porque veio por terra, padecendo grandes fomes, e sedes, e guerras dos Gentios Tapuyas, Arechis, e Uruatins, que duas vezes o saltearão, e lhe matarão hum Indio dos que trazia em sua companhia, e lhe ferirão treze, com mais tres brancos Portuguezes; mas com serem os inimigos em numero muitos mais, sem comparação, os poucos nossos, e seis brancos arcabuzeiros, ajudados e animados pelo Padre Custodio, lhes tiverão os encontros tam valorosamente, que emfim se livrarão delles, deixando-lhe tambem alguns dos seus mortos, e feridos, e chegarão ao Ceará, onde o Custodio e seu companheiro agasalharão com muito respeito e caridade a dous Padres da Companhia de Jesus, que ião com o Governador Francisco Coelho de Carvalho, e dalli se embarcarão, e partirão todos pera o Maranhão, na qual viagem, depois de haverem passado o Buraco das Tartarugas, por não levarem pilotos praticos na Costa, forão dar em huns baixos com huma grande tormenta em que se virão perdidos, mas quiz Nosso Senhor que ião as agoas de lançamento, com o que, e com alijarem alguma carga dos barcos, puderão nadar, e seguir sua viagem athé o Maranhão, onde o Governador, e os que com elle ião, forão bem recolhidos, e onde os deixaremos a outros Historiadores, que escrevão suas obras. Assim porque Sua Magestade tem já apartado aquelle Governo deste do Brasil, de que escrevo, como porque eu tambem vou dando fim a esta Historia.

CAPITULO ULTIMO

De como Diogo Luiz de Oliveira veio governar o Brasil, e se foi seu antecessor Mathias de Albuquerque pera o Reyno

Aos vinte e cinco de Agosto de mil seiscentos vinte e seis partio de Lisboa Diogo Luiz de Oliveira, que havia sido Mestre de Campo em Flandres, pera vir governar este Estado do Brasil; chegou a Pernambuco a sete de No-

vembro, onde deixando as urcas de fóra da barra, porque não trazia licença pera se deter ahi muito tempo, desembarcou em huma lancha, e foi se recolher em casa do nosso Padre Santo Antonio, que temos no Recife, athé dia de S. Martinho Bispo, que hé aos onze, em que se foi pera a villa acompanhado com oitenta cavalleiros.

A entrada della na porta da alfandega estava hum arco triumphal de muito boa architectura, ornado de bons versos, emblemas, e epigrammas em seu louvor. Dalli se estendião duas fileiras de soldados arcabuzeiros ao longo das paredes athé á porta da Misericordia, onde estava outro arco não com menos perfeição lavrado, e ornado; neste se apeou, e feita a falla por André de Albuquerque, Vereador mais velho, o levarão debaixo do palio athé á igreja Matriz, indo diante o Mestre de Campo, General deste Estado, Dom Vasco Mascarenhas / officio novamente creado pera o Brasil /, e o Capitão Mór de Pernambuco André Dias de Franca, e o de Tamaracá Pero da Motta Leite, todos novamente vindos do Reyno com o mesmo Governador, e o povo todo de Olinda com muito applauso; donde depois de feita oração, e as ceremonias costumadas, o levarão á casa do seu antecessor, que já lha tinha pera isso desoccupada, visitarão-se ambos muitas vezes com signaes de grande amizade, o tempo que o Governador alli se deteve, que foi athé aos vinte de Dezembro do dito anno de mil seiscentos e vinte e seis; e porque lhe veio recado que estava na barra de Guyena hum navio Hollandez com duas lanchas, e que tomara hum barco de Pero Pires carregado de assucar, e dera caça a hum navio, que se foi metter na Parahyba, e a outro do Biscainho, que vinha carregado de vinhos da Ilha da Madeira, determinou ver se de caminho podia fazer esta presa, mas o ladrão, quando vio tantos navios, fugio, e o Governador chegou com os seus a salvamento á Bahia, onde a primeira cousa que fez foi ordenar que se fizesse hum solemne Officio pela alma de seu irmão, o Morgado de Oliveira, em a igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde foi enterrado.

Dous mezes passados depois da sua chegada, aos tres de Março de mil seiscentos e vinte e sete entrarão treze navios Hollandezes, e tomarão vinte e hum nossos, que estavão no porto já com tres mil caixas de assucar dentro, elles perderão dous dos seus, hum dos quaes era a sua Capitanea, em que vinha por General Pero Peres Ingrez, que na tomada da Bahia viera por Almeyrante.

Mathias de Albuquerque, vendo que as urcas, em que determinava ir-se pera o Reyno, erão tomadas dos Hollandezes na Bahia, escolheo huma caravella ligeira, na qual depois que outros tres navios Hollandezes, que andarão na barra de Pernambuco, a desoccuparão, se embarcou, e partio a dezoito de Junho da dita era, e levou em sua companhia o Doutor Bartholomeu Ferreira Lagarto, Vigario da Parahyba, e administrador, que foi destas partes, antes de se reunir a jurisdicção dellas á Mitra, e hum Religioso da nossa Custodia sacerdote.

Foi Mathias de Albuquerque todo o tempo que servio, assim de Capitão Mór de Pernambuco, como de Governador Geral do Brasil, que forão sete annos, sempre muito limpo de mãos, não aceitando cousa alguma a alguem, nem tirando officios pera dar a seus criados. Nas occasiões de guerra, e do serviço de Sua Magestade foi mui diligente, não se poupando de dia, nem de noite ao trabalho: nunca quiz andar em rede, como no Brasil se costuma, senão a cavallo, ou em barcos, e quando nestes entrava não se assentava, mas em pé os ia elle proprio governando. Tinha grande memoria, e conhecimento dos homens, ainda que só huma vez os visse, e ainda dos navios, que huma vez vinhão áquelle porto, tornando outra dahi a muito tempo, antes de chegar o mestre, dizia cujos erão, e vez houve que vindo hum com o masto mudado, vendo o de mui longe com o oculo, disse: aquelle he tal navio, que aqui veio ha hum anno, mas traz já outro masto; e assim o affirmou o mestre depois que chegou, sendo perguntado.

Teve boa fortuna em seu governo, por serem os tempos tam infortunos e calamitosos, e na viagem o livrou Deus de innumeraveis cossarios, de que o mar estava povoado, levando-o sempre a salvamento em cincoenta e dous dias a Caminha, onde achou o Duque della, e Marquez de Villa Real Dom Miguel de Menezes, seu parente, onde os deixaremos, e darei fim a esta Historia, porque sou de sessenta e tres annos, e he já tempo de tratar só da minha vida, e não das alheias.

FIM

HISTORIA DO BRASIL

POR

FREY VICENTE DO SALVADOR

INDICE

LIVRO TERCEIRO

Da Historia do Brasil do tempo que o governou Thomé de Souza athé a vinda do Governador Manoel Telles Barreto

LIVRO QUARTO

Da Historia do Brasil do tempo que o governou Manoel Telles Barreto athé a vinda do Governador Gaspar de Souza

LIVRO QUINTO

Da Historia do Brasil do tempo que o governou Gaspar de Souza athé a vinda do Governador Diogo Luiz de Oliveira

---

ERRATA

Pags.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
38	25	Pero Lopes	Pero de Goes
108	22	successor	successo
204	30	entre elles	entre elle

DICCIONARIO BRAZILEIRO

DA

LINGUA PORTUGUEZA

ELUCIDARIO ETYMOLOGICO-CRITICO

DAS

PALAVRAS E PHRASES QUE, ORIGINARIAS DO BRAZIL, OU AQUI POPULARES, SE NÃO ENCONTRÃO NOS DICCIONARIOS DA LINGUA PORTUGUEZA, OU NELLES VÊM COM FORMA OU SIGNIFICAÇÃO DIFFERENTE

1875-1888

PROLOGO

Já é tempo dos brazileiros escreverem como se falla no Brazil, e não como se escreve em Portugal.

DICCIONARIO DA LG. LUSO-BRAZILEIRA

ABREVIATURAS LEXICAS

(SÓ AS MENOS USUAES)

---

alt. alteração ou modificação de palavras.
ann. annuncio (secção dos jornaes).
ant. antigo, antiquado.
ap. *apud.*
apd. apedido (secção dos jornaes).
ar. arabe.
arch. archaico, archaismo.
bd. bundo ou lg. angolense.
b.lat. baixo latim.
br. lingua brazil ou lingua geral tupi-guarani.
braz. brazileiro.
cast. castelhano (hispanhol); cast. do Rio da Prata.
cf. confere, confira.
cfr. cafre, lg. da Cafraria.
cg. congo, lg. do Congo.
coll. collecção.
comp. composição, composto.
contr. contracção, contracto.
corr. corrupção.
corrp. corresponde, correspondente a; correspondencia (secção dos jornaes).
cp. compare, comparado.
dah. dahomeu, lg. fongbê, fallada na Costa dos Escravos, na Guiné, pelos negros do Dahomey, Portonovo etc.
der. derivação, derivado, deriva-se.
des. desinencia.
ed. edição.
edit. editorial (secç. dos jorn.), artigo de fundo.
elim. eliminação, eliminado, elimine-se.
erud. erudito.
ext. extensão (do significado).
fam. familiar.
fb. fongbê, lg. dahomeia.
fig. figurado.
folh. folhetim (secç. dos jorn.).
gr. grego.
guar. guaraní.
hebr. hebraico.
hom. homonymia.
intj. interjeição.
jor. joruba, lg. dos negros nagôs, haussas etc.
l.br. luzo-brazileiro.
lett. lettrado.
lex. lexico ; lexicologia.
lg. lingua.
litt. litterario.
littor. littoral, costa do Brazil.
ll. leilões (secç. dos jorn.).
loc. locução.
metapl. metaplasmo.
moç. moçambique ou suahile.

neol. neologismo.
orthogr. orthographia.
orthoph. orthophonia.
p. c. parte commercial (secç. dos jorn.).
pop. popular.
pron. pronuncia, pronuncia-se, pronuncíe.
pref. prefixo.
qv. que veja (remissão á pal. anterior mais proxima).
r. raiz.
rad. radical.
red. redacção (secç. dos jorn.), artigo do pessoal da casa, mas não de fundo, ineditorial.
sh. suahile, lg. de Zanzibar, Moçambique e outras terras da Africa oriental.
suff. suffixo.
syn. synonymia.
term. terminação.
tp. tupi.
tp. g. tupi-guarani.
tp. am. tupi do Amazonas.
tp. c. tupi da costa, do littoral.
tr. traducção, traduzido.
trs. transcripção, transcripto.
tt. titulo (de alguma lei).
us. usado, usual.
v. verbo; velho.
va. v. activo ou transitivo.
var. variação.
vb. *verbo, sub verbo,* debaixo da palavra.
vig. vigente, em vigor, não antiquado.
vj. veja.
vn. v. neutro ou intransitivo.
vr. v. reflexivo ou pronominal.
[ ] As pals. comprehendidas dentro dos colxetes, nos trechos alheios citados, são do A. deste livro, e servem para explicar ou subentender outras necessarias á intelligencia das citações.
( ) Ao parenthesis deixou-se o seo uso ordinario.
* Este signal, antes de uma pal., indica que ella é hypothetica; devia ter existido, comquanto se não possa provar.
¿ Antes de qualquer trecho, de Etym. por ex., indica affirmação hypothetica, apenas provavel.
.. .. Nos trechos citados, indica suppressão de palavras desnecessarias á explicação.
... A reticencia conservou-se o seo uso vulgar.

ABREVIATURAS BIBLIOGRAPHICAS

(AA. E OBRAS MAIS FREQUENTEMENTE CITADOS)

ABN. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, ex 1876.

Abreo capitão Manuel Joaquim de Abreo, in *RIH.*

Al. cons. dr. José de Alencar.

Al. Az. Aluizio Azevedo, *Philomena Borges* etc.

Alenc. José Martins Pereira de Alencastre, in *RIH.*

AMN. *Archivos do Museo Nacional do Rio de Janeiro*, ex 1876.

Anch. padre José de Anchieta,— *Gr.* | *Arte de Grammatica da Lingua mais usada na Costa do Brazil*, ed. Platzmann, 1874.—*Cart.* | *Cartas*, na *RIH.*, nos *ABN.* e in DOff.

Ant. André João Antonil, *Cultura e Opulencia do Brazil;* obra dos começos do seculo XVIII, ed. de 1837, Rio de Janeiro.

Ass. Br. Assiz Brazil, *Historia da Republica Riograndense*, Rio Jan., 1882.

Aul. prof. Franc. Julio Caldas Aulete, *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza*, Lisboa, 1881.

Av. Aviso, na *Coll. das Decisões do Governo do I. do Brazil.*

Az. conde de Azambuja, in *RIH.*

Band. cap. Joaquim José Pinto Bandeira, in *RIH.*

BC. dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, o nosso eminentissimo americanologo. Obras varias, mas principalmente *Vocabulario das Pals. Guaranís us. pelo traductor da* Conquista Espiritual *do p. A. Ruiz de Montoya.* E' o vol. VII dos *Annaes da Bibliotheca Nacional.*

B. Guim. dr. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, poesias e romances.

Bl. padre Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez e Latino.*

Bleek revd. Wm. H. J. Bleek, *The Language of Mosambique*, Lond., 1856.

BR. cons. marech. Visconde de Beaurepaire Rohan, *Glossario de Vocabulos Brazileiros*, in *GL.*

Braz. *Brazil*, jornal da Corte, 1883-1885.

B. Roiz. João Barboza Rodrigues.

BSGL. *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.*

Bueno conego João Ferreira de Oliveira Bueno, in *RIH.*

Burguy G. F. Burguy, *Grammaire de la Langue d'Oïl,* Berlin, 1869.

C.Abr. João Capistrano de Abreo, *Descobrimento do Brazil e seo desenvolvimento no seculo XVI,* Rio Jan., 1883.

Cam. 1.° tenente Antonio Alves Camara, *Ens. sobre as Construcç. Navaes indig. do Braz.,* Rio de Jan., 1888.

Cann. fr. Bernardo Maria de Cannecattim. — *Gr.* | *Collecção de Observações Grammaticaes sobre a Lingua Bunda ou Angolense,* 2.ª ed., Lisboa, 1859. — *Dicc.* | *Diccionario da Lingua Bunda ou Angolense,* Lisboa, 1804.

Cas. padre Ayres do Casal, *Corographia Brazilica,* nova ed., R. Jan., 1833.

Celesta Em. Celesta, *Dell' Antichissimo Idioma de' Liguri,* Genova, 1863.

CEP. *Catalogo dos Diversos Productos da Exposição Provincial do Paraná,* 1866, 1872 e 1875.

Ces. João Cesimbra-Jacques, *Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul,* Porto Alegre, 1883.

Chavée H. Chavée, *Les Langues et les Races,* Paris, 1862.

C. de L. dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet, folhetins no *Jornal do Commercio.*

C.Mag. dr. José Vieira Couto de Magalhães, *O Selvagem,* Rio Jan., 1876.

Const. Francisco Solano Constancio, *Novo Diccionario critico e etymologico da lg. port.*

Cor. Antonio Alvares Pereira Coruja, *Collecção de Vocabulos e Phrazes usados na prov. de S. Pedro do Rio Grande do Sul,* in *RIH.*

Courdioux padre Ph. E. Courdioux (chefe da Missão do Porto Novo, Africa occid.), *Dictionaire abrégé de la Langue Fongbe ou Dahoméenne,* Par., 1879.

Crowther Samuel Crowther, *Vocabulary of the Yoruba Language,* Lond., 1843.

D'Al. sarg.-mór d'engenh. Luiz d'Alincourt, in *RIH.*

Davis Wm. J. Davis, *a Grammar of the Kafir Language,* 3ª ed., Lond., 1863.

DC. Du Cange, *Glossarium mediæ et infimæ Latinitatis.*

Devic Marcel Devic, *Dictionaire Étymologique des Mots d'Origine Orientale,* ap. Littré, *Dict. de la Lang. Franç.,* 1879.

Diez Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen,* Bonn, 1878.

Dir. *O Direito, rev. de Legisl., Doutr. e Jurisprud.,* Rio Jan., desde 1873.

DN. *Diario de Noticias,* Corte, ex 1875.

D Off. *Diario Official do Brazil.*

Döhne revd. J. C. Döhne, *a Zulu-Kafir Dictionary,* Cape Town, 1875.

Drouin — E. A. Drouin, *Dictionaire comparé des Langues fr., ital., esp., lat., all., angl., gr., hébr. et arabe*, Caen, 1866.

DV. — fr. Domingos Vieira, *Grande Diccionario Portuguez.*

Elliot — o sertanista João Henrique Elliot, in *RIH.*

Eng. — dr. W. H. Engelmann, *Glossaire des Mots Espagnols et Portugais dérivés de l'Arabe*, Leyde, 1861.

Ens.Sc. — *Ensaios de Sciencia, por diversos amadores*, Rio Jan. 1876, I, II; 1880, III.

E. Pit. — Epiphaneo Candido de Souza Pitanga, in *RIH.*

Est. — *A Estação, jornal de modas parizienses* (*La Saison*), Rio Jan.

F. All. — dr. Francisco Freire Allemão, in *RIH.*

Faidh. — gen. Faidherbe, *Essai sur la Langue poul*, Paris, 1875.

Ficalho — Conde de Ficalho, in *BSGL.*

Fl. — *O Fluminense*, periodico impresso em Niteroy.

FN. — *A Folha Nova*, jornal da Corte.

Fr. Jun. — dr. Joaquim José da França Junior.

F. Tav. — dr. João Franklin da Silveira Tavora, in *RBr*[2]. etc.

Gay — con. vig. João Pedro Gay, in *RIH.*

G. Bell. — Guilherme Bellegarde.

G. Dias — dr. Antonio Gonçalves Dias. *Diccionario da lingua Tupi*, Lipsia, 1858.— *Cantos*, e in *RIH.*

Gl. — *O Globo*, jornal da Corte.

GL. — *Gazeta Litteraria*, da Corte, dirigida por Teixeira de Mello e Valle Cabral.

GN. — *Gazeta de Noticias*, da Corte.

GT. — *Gazeta da Tarde*, Corte.

GS. — Gabriel Soares de Souza, in *RIH.*

Grivet — A. Grivet, *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, R. Jan., 1881.

Gurj. — dr. Hilario Maximiano Antunes Gurjão, in *RIH.*

Hartm. — R. Hartmann, *Les Peuples de l'Afrique*, Paris, 1880.

H. M. — Barão Homem de Mello.

Hõnor. — dr. S. J. Honnorat, *Dictionaire provençal-français, ou Diction. de la Langue d'Oc*, Digne, 1846.

JC. — *Jornal do Commercio*, da Corte.

JCC. — *Jornal do Commercio de Curitiba.*

J.G. — Juvenal Galleno.

J. Rib. — João Ribeiro, *Phil.* | *Estudos Philologicos*, R. Jan., 1884.—*Pron.* | *Morphologia e Collocação dos Pronomes*, *These*, R. Jan., 1886. — *Gr.* | *Grammatica da Lingua Portugueza*, 2ª ed., Rio Jan., 1888.

J.R.Cunha — cap. Jacintho Rodrigues da Cunha, in *RIH.*

J. Serra — Joaquim Serra.

J. Sald. — José de Saldanha, in *RIH.*

J. Veriss. — comm. José Verissimo, in *RAm.*

Kaleid. — *O Kaleidoscopio*, publicação semanal do Instituto Academico Paulistano, S. Paulo, 1860.

Kos. — Carlos v. Koseritz, ap. *CC. pp.* de SR. — *Bosq.* | *Bos-*

quejos Ethnologicos, Porto Alegre, 1884.

L. lei geral, na *Coll. das Leis do Imp. do Brazil.*

Laf. p.ᵉ Lafitte, *Le Pays des Nègres*, 2.ª ed., Paris, 1878.

Lam. prof. Boaventura Placido Lameira de Andrade.

Largeau V. Largeau, *Le Pays de Rirha Ouargla*, Paris, 1879.

Lev. general Augusto Leverger, barão de Melgaço, in *RIH.*

Lex. port. Lexico portuguez.

Lopes o sertanista Joaquim Francisco Lopes, in *RIH.*

L. pr. lei provincial.

Lg. Tocc. Ach. Longhi e L. Toccagni, *Vocabolario della Lingua italiana*, Milão, 1856.

Lux A. E. Lux, *Von Loanda nach Kimbundu*, Vienna, 1880.

M. p.ᵉ Antonio Ruiz de Montoya, *Arte de la Lengua guarani. — Vocabulario y Tesoro de la Lengua guarani*, ed. de Varnh., Viena-Paris, 1876.

Mac. dr. Joaquim Manuel de Macedo.

Magalhães Domingos José Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaya.

M. Assiz Joaquim Maria Machado de Assiz.

M. Azev. dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo.

MBraz. *Minerva Braziliense*, Rio Jan., ex 1843.

M. Mor. dr. Alexandre José de Mello Moraes.

M.M.Jr. dr. Alex. J. de Mello Moraes filho.

M. Oliv. cor. José Joaq. Machado de Oliveira, in *RIH.*

Mor. José de Moraes e Silva, *Diccionario da Lingua portugueza*, 1.ª ed., Lisboa, 1779.

Moura fr. José de S. Ant. Moura, ap. Sz.

M. P. Costa Miguel Pereira da Costa, in *RIH.*

MSM. *Monitor Sul Mineiro*, periodico da Campanha, Minas Geraes.

Norb. comm. Joaquim Norberto de Souza Silva.

Nog. A. F. Nogueira, *A Raça Negra*, Lisboa, 1880.

Nov. Faustino Xavier de Novaes, *Cartas de um Roceiro*, Rio Jan., 1867.

Ott. sen. Theophilo Benedicto Ottoni, in *RIH.*

P. Al. Manuel de Araujo Porto Alegre, barão de Sant'-Angelo, in *MBraz. et alibi.*

Pach. Jr. prof. Francisco José Pacheco Junior.

Paiz *O Paiz*, jornal da Corte, ex 1884.

Panor. *O Panorama*, periodico de Lisboa.

Patroc. José do Patrocinio (o *Proudhomme* da *G. da T.*).

Pina Conde A. de Pina, *Deux Ans dans le Pays des Épices* (*îles de la Sonde*), Paris, 1880.

Port. portaria do Governo Geral, na *Coll. das Leis.*

Port. pr. portaria do governo prov. de...

Praz. fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, in *RIH.*

P. Taq. Pedro Taques de Almeida Paes Leme, in *RIH.*

Quest. *Questões do Dia, observações politicas e litterarias escriptas por varios* [José Felic. de Castilho, dr. Franklin Tavora &], Rio Jan., 1871.

RAm. *Revista Amazonica*, Pará, ex 1883.

Rb., Rub. Braz da Costa Rubim, in *RIH*, e *Vocabulario Brazileiro*, Rio Jan., 1853.

RBr.[1] *Revista Brazileira*, dirigida pelo cons. Candido Baptista de Oliveira, Rio Jan. ex 1857.

RBr.[2] *Revista Brazileira*, dirigida pelo comm. Nicoláo Midosi, dr. Moreira Sampaio e outros, Rio Jan., ex 1879.

REA. *Revista da Exposição Anthropologica Brazileira*, dirigida pelo dr. Mello Moraes filho, Rio Jan., 1882.

Reb., Th. Reb., Thomaz da Costa Correia Rebello e Silva, in *RIH.*

Rel. Pres. *Relatorio do Presidente* (da prov. de...) á assembléa legislativa provinc., ou ao seo successor.

RH. *Revista de Horticultura*, dirigida por F. Albuquerque, Rio Jan., ex 1876.

Riddel Alexander Riddel, *a Grammar of the chinyanja Language as spoken at lake Nyansa, with chinyanja-english and e.—ch. Vocabularies*, London, 1880.

RIH. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, Rio de Jan., ex 1839.

Roq. p.e J. I. Roquette, *Diccionario da Lingua Portugueza*, Paris, 1867.

R. Ort. Ramalho Ortigão, *A Hollanda*, ed. da *GN.*, etc.

R.Th. Rodolpho Theophilo, *Historia da Secca do Ceará.* Fortaleza, 1883.

R.T.Seg. dr. Rufino Theotonio Segurado, in *RIH*, 1848.

Sar. cardeal Saraiva, d. fr. Francisco de S. Luiz, *Obr. compl.*, ed. de A. C. Caldeira, Lisboa, 1872.

Sarm. Alfr. de Sarmento, *Os Sertões d'Africa*, Lisboa, 1880.

Sev. dr. João Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brazil*, Rio Jan., 1881.

S. Luiz o mesmo cardeal Saraiva.

Soido Claudio Soido, in *REA.*

SR. dr. Sylvio Romero. — *CC. pp.* | *Cantos populares do Brazil*, Lisboa, 1883. — *Hist.* | *Introducção á Historia da Litteratura Brazileira*, Rio Jan., 1882.— *Crit. parl.* | *Ensaios de Critica parlamentar*, Rio Jan., 1883, etc.

St. H. Augusto de St. Hilaire, *Voyages dans l'Intérieur du Brésil.* Citão-se as obras pelas provincias, *Min.* ou *RJan.*, viagem pelo Rio de Jan. e Minas; *SP.*, em S. Paulo; *Goy.*, em Goyaz.

Sz. fr. João de Souza, *Vestigios da Lingua Arabica em Portugal*, Lisboa, 1830.

dr. Sz. dr. Antonio José de Souza. —*Pref.* | *Tratado dos Prefixos da Lingua Latina*, Rio Jan., 1868. — *Suff.* | *Tratado dos Suffixos da Lingua Latina*, Rio Jan., 1868.

Taun. dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, romances e in *RIH.*

Th.Reb. vj. Reb.

U. D. Urbano Duarte, na *GL.*

Wappœus J. E. Wappœus, *A Geographia Physica do Brazil* refundida, ed. condensada, por C. Abreu e V. Cabral, Rio Jan., 1884.

Varnh. Fr.^co Adolpho de Varnhagen, visconde de Porto Seguro.

V. Cabr. Alfredo do Valle Cabral, in *GL.* — *Guia* | *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*, Rio Jan., 1882.

Virg. dr. Virgilio Martins de Mello Franco, *Viagem á Comarca da Palma*, Rio Jan., 1876.

Vit. fr. Joaquim de S. Rosa de Viterbo, *Elucidario*, ed. de Innocencio, Lisboa, 1865.

V.Mag. dr. Antonio Valentim da Costa Magalhães, na *GN.* e *alibi.*

V. Real Thomaz de Souza Villa Real, na *RIH.*

Nota. — Os *classicos brazileiros*, coloniaes e contemporaneos, não contemplados n'estas abreviaturas, vão citados no corpo do *Diccion.* com os nomes por inteiro. — Ás vezes, e por mero descuido, o A. afasta-se do seo systema de abreviaturas; mas, como o leitor intelligente sabe sempre a quantas anda, não faz mal.

As abreviaturas dos nomes das nossas provincias facilmente se percebem á vista das suas iniciaes: *RJan.* Rio de Janeiro, *Min.* Minas Geraes, *Mgr.* Mato Grosso, *RGS.* Rio Grande do Sul, *Serg.* Sergipe, *SP.* São Paulo, etc. Na duvida, vão por extenso, como *Pará*, *Paraná*; mas *Parah.* Parahyba do Norte.

ACCENTOS PROSODICOS EMPREGADOS N'ESTA OBRA

1.° Aos accentos *agudo* ´, *circumflexo* ^ e *nasal* ~, assim como ao trema ¨, conservou-se o uso ordinario.

2.° Os accentos *longo* ¯ e *breve* ˘ indicão ser tonica, ou não, a vogal em que recahem, como em latim designão a quantidade; e só os empregamos na figuração da pronuncia.

3.° O accento ⁀, nas palavras tupís e guaranís, é nasal; e só usamos para guardar uniformidade com os vocabularios da lingua geral ou brazil.

4.° O accento *faucal* ou *guttural* do chamado *i especial* do abánheenga e do nheengacatú (lingua geral) é representado nos auctores pelo signal de breve (ĭ), que aqui não podia ter duplo emprego; pelo que, o *i especial* ou *guttural* é representado pelo *i* lithuanio, assim: *į.*

5.° O accento breve `, não é portuguez, nem tão pouco brazileiro; propomol-o para distinguir a preposição *a* do artigo *a*, nos raros casos dubios, como em logar proprio se verá.

DICCIONARIO BRAZILEIRO

DA

LINGUA PORTUGUEZA *

The national language is the only safe exponent of the national character.

DÖHNE

La parola è la prima istoria delle nazioni: e perciò i parlari plebei sono, oserei dire, gli archivii e la più ricca miniera dei documenti d'un popolo.

EM. CELESTA

Vivamus moribus præteritis: præsentibus verbis loquamur.

MACROBIUS

a sm., primeira lettra do alphabeto luso-braz., tem tres sons; 1.° surdo ou breve, quando sobre elle não recae accento prosodico: *arara*, *cuia*, *tanga*, *vatapá*; 2.° aberto ou longo, levando ou não accento prosodico, salvo si fôr seguido de *m*, *n* ou *nh*: *ata*, *cajá*, *coivara*, *paca*, *Pará*, *picuá*; 3.° nasal, quando marcado com til, ou seguido de *m*, *n* ou *nh*, ainda que estas consoantes não fação corpo com o *a* e pertenção a syllaba separada: *arcão*, *carimã*, *moganga*, *amo*, *tucano*, *maniva*, *cama*, *picanha*. || LEX. PORT. Querem os Castilhos Antonio e José que o *a* port. tenha quatro sons; Barboza Leão dá-lhe só tres. Admittem aquelles a nasalisação do *a* antes de *m*, *n* ou *nh*, ainda mesmo pertencentes á syllaba seguinte; este não, e mais acertadamente, porque os portuguezes pronuncião *á mo*, e não como nós *ã-mo*; elles *ingá-no*, nós *engã-no*; elles *cá-ma*, *fá-ma*, e nós *cã-ma*, *fã-ma*; lá *picá-nha*, e cá *picã-nha*; *dum jái-mi* dizem elles de *Dom Jayme*, que nós pronunciamos *dom jãi-me*; e emquanto lá dizem *mêu má-nu*, dizemos nós *meo mã-no*; quando nos referimos a irmão ou *mano*. || PHONOL. Como em Port., o povo do Braz. perverte o som do *a*, trocando-o por outro: assim, no littoral do R. Jan., e principalmente no Cabofrio e Barra de S. João, onde mais se accentua a influencia portugueza, é frequentissimo ouvir *elegre*, *kemisa*, *gheivota* por *alegre*, *camisa*, *gaivota*, permutado o *a* pelo *e*. E' a tendencia portugueza para a suppressão das vogaes de som claro, pronunciando *'legre*, *k'misa*, *gh'ivota*. « Elle

* Protesta o A. que este livro, debaixo de todos os pontos de vista, não passa de mero ensaio.

êhi vem, elle *ê* vem » ahi vem. || Outras vezes é o contrario; dá-se ao *e* o som do *a*, como em *libaral* liberal, *sociadade* sociedade. Este vicio é muito mais frequente em Port. que no Braz.: lá dizem ainda *Pachâco* em vez de *Pacheco*, não obstante o *e* ser tonico (*Panor.* n. 146, 325); e no ditongo *ei* a troca é infallivel, ex. a pal. *conselheiro*, que elles pronuncião *cunsilháiru* e nós *cônsêlhêro; ameixa, peita, seita,* que lá se diz *amâixa, pâita, sâita,* e cá *amêxa, pêita, sêita.* || Tambem dão o som do *a* ao *e* nasalisado por *m, n, nh,* como em *bem, convem, tenho, mantens, parabens,* pronunciando *bãi, cunvãi, tãnho, mantãx, prâbãx,* e rimando com *mãe, mães (mãx).* Um litterato nosso, escrevendo sobre Gomes Leal, reparou que o poeta rimasse *mães* com *tens*, e *Jerusalem* com *mãe.* Não tem razão: elles pronuncião *tãi, jruz'lãi, mãi;* e a rima é perfeita. || A troca de *i* por *â* só se ouve aqui em boccas portuguezas, como em *mil reis,* que pronuncião *mâl râix,* e nós *mil réz* (ás vezes *min réx*). O *â* port., circumflexo, fechado, usual entre inglezes, é impossivel em bocca brazileira. || Em regra, não embebemos o *a* na vogal antecedente. A phr. « porque a nau arribou » pronunciamos *pôrkê ã náu árribô;* os portuguezes, *purcânáu arbô,* ou, como attesta o dr. Figueiredo Magalhães, *Cam.* 76, *pôrca náu* etc. « Basta-me dizer que acho-me animado » (J. Nab.) pronunciamos *bástame dizêr kê áxume ãnimádu*; os port. *bást'mi dzêr cáxu mânnmádu.* Si Joaquim Nabuco dissera « que me acho animado » (como devia dizer, por ser brazileiro, isto é, portuguez classico, do padre Vieira), entende o dr. Figueiredo Magalhães que se devia pronunciar *k'maxu manimadu;* mas cá pronunciariamos, no littoral, *kê me áxu ãnimádu,* e em S. Paulo e Paraná, *kê mê ãxô animadô.* || A lettra *a* accresce ou supprime-se em muitos vocabulos, fazendo apocope em *contáro* contárão, *disséro* disserão, *viro* virão; apherese em *lazão* alazão, *guiada* aguilhada, *calentar* acalentar, *cabar* acabar; epenthese em *Ingalaterra* Inglaterra, *caravelha* cravelha (lat. *clavicula*); prothese em *abastar, alembrar, alevantar, asucceder, avexar, avoar;* syncope em *pra* para, *escrafunchar* escarafunchar, *frandulaje* farandulagem, *graveto* garaveto, *tramela* taramela, etc.

a art. f., vj. *o.*

a prep., indica diversas circumstancias ou relações entre os substantivos, pronomes e verbos; e especialmente as de attribuição, logar para onde, fim para que, ordem. || ETYM. lat. *ab* de, *ad* a, para, logar, direcção de, juncto de, para onde, fim para que; v. fr. *ai;* prov. hisp. ital. *a;* fr. *à.* || ORTHOGR. Concorrendo a prep. *a* com o art. *a*, contrahem-se e a prep. toma accento agudo. « Vou *á* casa » *a a* casa. Querem, porem, graves escriptores brazileiros, como Alencar, Baptista Caetano, José Jorge, que se accentue sempre a prep., para differençal-a do art.; o que parece inutil, visto a facilidade de fazer de prompto a distincção, como bem demonstra Grivet, n. 139. Entretanto, si duvida houver, como n'este ex. de

Vieira: « Outros dirão que, para ter muito, o melhor remedio é tel-o, guardar, poupar, não gastar, morrer de fome e *matar a fome* », em que *a fome* tanto pode ser complemento directo, como indirecto de *matar*, podemos sobrepôr á prep. o accento grave *(à)*, como em francez, o qual nenhum outro emprego tem no Brazil; mas não o accento agudo, que está consagrado na lingua para a contracção do artigo na preposição. || SYNT. Não tem ainda no Brazil o uso universal e exagerado que em Portugal, onde substitue quasi todas as outras preposições: mas já se vai generalisando, graças á preponderancia dos litteratos de Lisboa na imprensa da Côrte. Onde regularmente empregamos *com, de, em, para, por,* os portuguezes empregão somente *a*, como nos demonstrão os exs. segs.

Portuguez	**Brasileiro**
Trabalhar *a* preceito........................	*com* preceito.
Consentem *a* grande pena.................	*com* muita pena.
Ter medo *á* pobreza..........................	*da* pobreza.
Pescar *á* canna, *á* linha....................	pescar *de* pindahiba, *de* linha, *de* anzol.
Caçada ao leão (fr. *la chasse au lion*) Alfr. Sarm. cap. 1.º	caçada *de* onça, *de* paca, *de* veado, *de* tatú, *de* leão.
Cheiro nauseabundo *a* carne queimada. *Corr. Eur.* 21 oit. 81......	cheiro *de* carne, cheiro *de* peixe, cheiro *de* flôr.
Telheiro coberto *a* zinco e vidros. Ann. *Fl.* 5 jul. 85...................................	coberto *de* zinco, coberto *de* vidro, coberto *de* telha, *de* tabuinhas etc.
Basta olhar para elle para a gente se escangalhar *a* rir. V. Mag. *G. N.* 3 fev. 84.......................................	a gente se escangalha *de* rir.
Vir *a* ferias, ir *a* ferias, estar *a* ferias......	*de* ferias, *em* ferias.
Não são noivos... que podem então elles ser um *ao* outro? R. Ort.................	que podem ser um *do* outro?
Fructas verdes com que se estraga diariamente o estomago *ás* crianças. Dr. Pires de Alm. *DN.* 12 maio 86.....	o estomago *das* crianças.
Distancia que equivale a 8 vezes a volta *ao* mundo. Red. *DN.* 18 jul. 86........	a volta *do* mundo.
Cortinas de cassa abertas *ao* centro e prezas *a* cada lado. R. Ort. *Holl.* 551............	abertas *no* centro e prezas *de* cada lado.

Portuguez	Brazileiro
Por mais que olhasse em torno *a* si. Red. *DN.* 4 maio 86	em roda *de* si, em redor *de* si.
Luvas brancas pospontadas *a* preto *a* toda a medida do braço. R. Ort. *Holl.* 399	*de* preto *em* toda a medida.
Escriptorio *á* rua do Ouvidor; residencia *á* rua da Lapa; *ao* largo do Capim; *ao* campo de S. Anna	*na* rua do Ouvidor; *na* rua da Lapa; *no* largo, *no* campo, *no* beco, *na* praça.
De grão *a* grão enche a gallinha o papo. Adag. pop. DV	de grão *em* grão.
Ter felicidade *ao* jogo	*no* jogo.
Ao 1.° de Março	*no* primeiro.
A rir-se *á* janella	rindo-se *na* janella.
Estava *á* janella, encostada *na* grade.	estava *na* janella, encostada *á* grade. BC. *Rasc.* 138.
A vasa cuja existencia mal se suspeitava *ao* fundo das aguas tranquillas. Edit. *GN.* 17 dz. 83	*no* fundo das aguas.
O almoço está *á* meza. Red. *FN.* 7 oit. 84	*na* meza, está *na* meza, *em cima da* meza, *sobre* a meza.
Venho alistar-me *á* legião dos vencidos. Dr. Aff. Celso Jr. apd. *JC.* 20 jan. 85	*na* legião, *no* batalhão, *no* exercito, *na* marinha.
Sentar-se *ao* throno. Edit. *GN.* 24 maio 85	*no* throno.
Uma vez *ao* anno. V. Mag. *GN.* 28 dz. 83	uma vez *no* anno, *por* anno.
Subiu, de certo, da planicie que lá *abaixo* vê *se* estendida até *á* praia. Ed. Prado, de Lisboa, *GN.* 4 abr. 86.	lá *embaixo se* vê estendida até *a* praia.
Cancella de ferro que fecha, *a* toda largura, a embocadura da ponte. R. Ort. *Holl.* 63	fecha *em* toda *a* largura.
Entre Bonn e Reiragen, o rio espraia-se *a uma* grande largura. Id. ibid. 71	espraia-se *em* grande largura.

Portuguez	Brazileiro
Collocado pela historia *a* toda a altura da sua legenda. Id. ibid. 81............	collocado *em* toda a altura.
Por mais que olhasse *em torno a* si. Red. *DN.* 4 maio 86....................	olhasse *em roda de si*, *em redor de* si.
Ás mezas que guarnecem *á* toda a sua extensão o tombadilho é difficil encontrar *um* logar devoluto. R. Ort. 65..	*nas* mezas que guarnecem o tombadilho *em* toda a sua extensão é difficil encontrar logar vazio.
Entrecortado de longe *a* longe. Id. 404..	de longe *em* longe.
E *ao* meio de uma ovação. *Corr. Eur.* 9 jun. 86..................................	*no* meio de uma ovação.
E a figura de bronze posta *ao* centro da praça. Red. *GN.* 7 set. 86..........	posta *no* centro.
O attentado.. foi motivado, segundo se pensa, *á* exaltação politica do aggressor. Telegr. *GN.* 12 maio 86.....	motivado *pela* exaltação.
Responder topico *a* topico. V. Mag. apd. *JC.* 30 nov. 86......................	topico *por* topico.
Traduzir palavra *a* palavra..................	palavra *por* palavra.
Apenas, de quando em quando, atravessa *ao* fundo. R. Ort. cit. 417......	atravessa *pelo* fundo.
Vai *para* a rua de S. Jorge tentar fortuna *ao* vispora. Red. *GN.* 7 set. 86.	vai *á* rua de S. Jorge tentar fortuna *no* vispora.
Ficou o paiz com um engenheiro vulgar *a* menos e um actor distincto *a* mais. Folh. de Lisboa *JC.* 1 jan. 87.	um *de* menos ; um *de* mais.

Vê-se que as relações ou circumstancias de causa, companhia, contiguidade, direcção, distancia, fim, instrumento, logar onde, d'onde, para onde e por onde, materia, modo, nexo, ordem, possessão, os portuguezes de hoje exprimem pela só prep. *a*, e os brazileiros por innumeras outras, herdadas do portuguez antigo, do port. classico de Camões, de fr. Luiz de Souza e do p. Antonio Vieira. || Antes de verbo no infinito, com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir* etc., *a* em port. hodierno é supprido, no Brazil, pelo gerundio. O port. « Estava a rir, ia a churar, andava a r'zar » diz-se em braz. « estava rindo-se, ou estava-se rindo, ia chôrando, andava rêzando ». || Depois da prep. *até* não usamos de *a*.

« Até o fim » braz.; port. hod. « até *ao* fim » —« Vendo ora o mar até o inferno aberto » Camões, e assim se diz no Brazil; em Portugal, porém, « até *ao* inferno ». || Tambem não empregamos *a* antes de « um a um, um por um, pouco a pouco, pouco e pouco, mais, demais », como fazem os ports. « Refutando *a* um por um todos os factos de *uma* invenção pueril. » R. Ort. *Holl.* 376; no Br., refutando um por um. « A multidão agglomerada no Binnenhof dispersa *a* pouco *e* pouco ». Ibid. 376; no Br., dispersa-*se* pouco *a* pouco. « *Se* elle tentar proferir uma palavra *a* mais, e os *dous* amigos separão-se n'*um* silencio funebre ». Ibid. 373; no Br., « *si* elle tentar proferir uma palavra mais (ou demais), e os *dois* amigos se separão (ou separão-se) em silencio funebre ». ||

ãatá sf., canôa de casca de madeira. « Do sr. dr. Paranaguá, presidente do Amazonas, acaba de receber o sr. dr. Ladisláo Netto uma *ãatá*, canôa feita de um pedaço de casca de jitahy dos indios Ipurinás, que habitão o rio Aquery, affluente do Purús, e uma piroga ou igara dos indios Pamaris, do mesmo Purús, donde as trouxe S. Ex. de volta da sua excursão áquelle rio. A igara lembra a forma da que esteve exposta no salão Rodrigues Ferreira e que o sr. dr. Ladisláo Netto trouxe do aldeiamento do rio Potiretá, o mais recondito dos indios Tembés; e a canôa de casca, ubá ou ãatá, comquanto lembre as ubás expostas no mesmo salão, tem as duas extremidades achatadas em forma de bico de pato, como se achão figuradas na *Viagem Illustrada* de Marcoix ». Red. *JC.* 25 fev. 83 || ETYM. tp. am. ¿ *a* = *aa* pouco, ruim, mal + *atá* andar, caminhar, marchar.

-aba[1] suff., cabello, pennugem, lã: entra na comp. de muitos nomes brazileiros de plantas, animaes e logares. *Guaraciaba* cabello do sol; *Icamiaba* cabello de velho (*kîmîab*); *piaçaba* cabello de criança. || ETYM. guar. *a, ab*; tp. c. *aba*: tp. am. *aua*.

-aba[2] = *hab* suff. part., logar, tempo, modo, causa, fim, instrumento com que se fazem as coisas: entra na comp. de muitos nomes braz. de logar e outras pal. usuaes. *Pindamonhangaba* logar onde se faz anzol (*pindá* anzol + *monhang* fazer, fabricar + *aba* logar onde); *Paranapiacaba* d'onde se afasta o mar (*paraná* agua muita como o mar + *peá* = *piá* afastar, apartar, arredar + *hab* = *cab* onde; serra em S. Paulo, até cujo sopé chegavão as aguas das baixadas de Santos); *Guarakessaba* pouso dos guarás (*guará* a *Ibis rubra* + *kê* dormir + *hab* = *çaba* onde). || ETYM. guar. *ab* = *hab*: tp. c. *aba, caba, haba, çaba*; tp. am. *aua*.

abá[1] pref. e suff., homem: entra na comp. de alguns ts. brazs., como *abaetê, abarê, emboaba* (seg. BC.), e outros que virão nos seos logares. || ETYM. guar. e tp. c. *abá*; tp. am. *auá*.

abá[2] pref., fructa: entra na composição de nomes de plantas. || ETYM. Corr. pop. do br. *îbá* fructa.

abacaxi sm., variedade do ananaz *Bromelia ananas* L., *Ananassa sativa* Lindl., denominada *Pyramidalis*

alba Mill., é a melhor fructa conhecida (Richard), justamente apreciada, pelo perfume e pelo sabor, nas mezas brazileiras, ao lado da laranja e da banana. || ETYM. corr. pop. do br. *ĭbácaxi* = *ĭbácatĭ* fructa rescendente, de cheiro forte. Alli, *x* = *tx* = *tch*.

abade sm., prelado da ordem benedictina. « *Mosteiro de S. Bento.* — Chama-se a attenção do exm. sr. d. Abbade para a obra que estão fazendo no predio da rua *Primeiro de Março.* » Apd. *J. C.* 19 mr. 83. || ETYM. prov. *abat*, *abbat*; hisp. *abad*; ital. *abate*, *abbate*; v. fr. *abé*; fr. *abbé*; lat. *abbas* (abl. *abbate*), e *abas* ap. Sidon. *Carm.* XVI, v. 114; hebr. *ab*; syrio *aba* pae. || LEX. PORT. prelado de monges, em geral; eremitão veneravel; cura d'almas, parocho; ant. confessor. Const.; nome geral dado aos chefes espirituaes, não só em mosteiros ecclesiasticos, mas ainda em seculares e meramente civis. DV. « O prior do convento do Carmo foi agraciado pela Santa Sé com os privilegios e insignias dos abbades regulares e o uso da cruz peitoral. » Red *J. C.* 15 jul. 83. Entende-se dos abades regulares da Europa; no Brazil, *abade* só de S. Bento. || ORTHOGR. us., com *bb*; etymol., indifferente, com *b* ou *bb*. Os lexs. ports. dão *abadão* augm. de *abade*; *abadar* provêr de *abade*; *abadengo* apresentação de *abadia*; *abadessa*, *abadado*, *abatina*. Não ha, pois, razão para preferir a geminação do *b*, nullo na pronuncia.

abadessa sf., fig. mulherona, alta e gorda; matrona respeitavel; matronaça.

abaeté sm., « nome brazilico de qualquer varão idoso e prudente » define DV. como si fosse t. us. na ling. braz.; mas sem fundamento, pois é voc. puro guar. ou tp. da costa, e nunca se abrazileirou, comquanto seja frequente em livros brazileiros. Rb. e Cor. não o recolherão; nem Aul. o reproduziu. || ETYM. br. *abá* homem + *eté* corr. de *etê* verdadeiro, legitimo, bom, honrado, illustre, grande, muito; donde, *abaeté* homem de bem (BC.). || HIST. titulo nobiliarchico do sr. visconde Antonio Paulino Limpo de Abreo, senador do Imperio, que acaba de fallecer (1884), digno realmente da alta qualificação de *abaeté*. Elle dizia chamar-se *Abaetê*, e não *Abaeté* como geralmente se pronunciava; e com razão, porque *eté* significa quasi o contrario de *etê*, isto é, feroz, terrivel, demasiado.

abaixo-assignado sm., requerimento, representação, memorial, attestado, felicitação, qualquer papel contendo um *cabeçalho*, em que se requer ou attesta alguma coisa, e assignado por muita gente. « Vá mais longe, ordenando ao tal typo que arranje um abaixo-assignado contestando a jogatina ». Apd. *GN.* 30 abr. 83. || ETYM. vem de começarem taes peças por estas palavras: *Nós abaixo assignados*, moradores em... etc. etc. || SYNON. *nós-abaixo*, *subscripção*.

abajur sm., abaixa-luz, quadro ou reflector de metal ou de papel que se põe nos lampiões para abater a luz. Littré. Neologismo necessario, pois não temos em braz., nem em port., t. correspondente; e o objecto existe com o seo nome popular de

abajur e *abajú* (já com a queda do *r* final, tendencia pronunciada da lingua brazileira). || ETYM. fr. *abat-jour.*

abanador sm., especie de abano para enxotar as moscas, na meza, quando a gente come: consiste simplesmente n'um ramo de arvore, ou em haste de páo fino e duro, em cuja ponta se amarra um mólho de tiras de papel compridas, que se agitão em roda da meza. || LEX. PORT. *abanamoscas, enxotamoscas.*

abancar sm., «tomar assento, assentar-se; us. em Minas Geraes.» Rb. || ETYM. prep. *a* + s. *banc* (*o*) + suff. *ar.* || LEX. PORT. existia já então (1853) em port., mas só na forma refl. *abancar-se.* Aul. dá *abancar* v. tr., intr. e pr.; mas é novidade; os outros lexicogr. não trazem n'aquelle signif. sinão o refl. *abancar-se.*

abará sm., « iguaria grosseira, feita com massa de feijão cozido, adubado com pimenta e azeite de dendê.» Rb. || ETYM. BR., citando a Neves Leão, dá como t. joruba, dos negros nagôs. Crowther e Courdioux não o trazem; nem Bouche, nem Lafitte o mencionão.

abarbarado adj., « terrivel, valentão, capaz de atirar-se aos maiores perigos.» Ces. « Sou gaucho abarbarado Da serra do Caverá; A faca de ponta grande E a cinta de tafetá, Por Deus e um patacão, Gosto d'isto, que é meo chá.» Ces. 114.

abaré sm., guar., « sacerdote selvagem, diz DV., é nome dado pelos indigenas do Brazil aos missionarios »; e cita este trecho de Simão de Vasconcellos: « E como esta gente se preza muito de que os Abarés (assim chamão aos Padres) lhes gabem seos bailes e vozes.» Está no mesmo caso de *abaeté,* t. guar., que jámais se introduziu no uso vulgar. Note-se, porém, que *abaré* não significa « sacerdote selvagem »; ao contrario este é *abá pajé* homem feiticeiro ou sacerdote; o padre christão é *pai-abaré* padre homem outro, que « conserva comsigo até morrer aquella innocencia com que fôra amamentado.» *Conq. Espir.* || ETYM. tp. guar., s. *abá* homem + adj. *é* diverso, differente, outro = *'ré.*

abatiz sm., mais us. entre nós no pl. *abatizes,* t. tact. mil. « Trincheira defensiva, formada de repente com troncos e ramos de arvores, principalmente usada nas planicies pela infantaria. Servem tambem para tornar mais inaccessivel um reducto e difficultar a passagem do inimigo na direcção em que elle caminha. Os abatizes erão usados no tempo dos Germanos, como historia Tacito. O abatiz tambem pode ser offensivo.» DV. || ETYM. fr. *abatis* derrubada, córte, matança, em poncto grande, de arvore, de gente, de gado, de caça; extremidades da ave, como pés, cabeça, azas. Littré. || HIST. Introduzido na 6.ª ed. de Mor. (1858), é t. braz., nacionalisado depois da Independencia.

aberem sm., « iguaria feita de farinha de milho com assucar.» Rb.; bolo envolto em folhas de banana e assado ligeiramente no forno, na frigideira ou nas brazas. || ETYM. BR., citando N. L., dá como t. joruba; pensamos porém ser o guar. *abereb* (*b* fin. nasal = *mb*) chamuscar, quei-

mar de leve, tostar. Entretanto não é raro deparar com termos equiformes e de egual significação nos diccionarios das duas linguas geraes da Africa occidental e da America meridional, o bundo e o tupi. || *Deest in* Crowther e Courdioux.

abichornado adj., aniquilado. Ces. || ETYM. corr. pop. do cast. *abochornar* crestar ; irritar ; córar, envergonhar-se, encalistrar : intercurrencia da pal. *bicho* qv. || GEOGR. RGS. campanha.

abobra 1º sf., fructa da *abobreira*, *Cucurbita pepo* L. e de outras cucurbitaceas. « Os poetas gentis sertanejos. As abobras chamarão meninas. » P.ᵉ Correia *Son.*, alludindo á *abobra menina. C. pepo, C. max.* Duches. « Chegados os quatro á estação da Côrte, perdem-se a gorducha e a abobora... Ora, como ambas são do sexo feminino e assemelhão-se em corpulencia — embora eu ache a abobora mais magra do que a moça — adivinha-se logo que vai nascer d'ahi um *quiproquo* .. cada vez que os personagens perguntão : — « Que é d'ella ? » os *mocistas* e os *abrobistas* respondem referindo-se á moça ou á abobora. » Folh. *J.C.* 12 mr. 85. « Ora vá plantar abobra ! » phr. de desprezo com que se despede algum importuno ; e corresponde á port. « vá plantar pés de burro ! » || 2º sm., fig. molleirão, fracalhão, sem prestimo ; anal. do fructo, cujo cheiro e sabor são quasi nullos. || ETYM. ? || ORTOPH. é lei constante a queda da vogal atona precedida de qualquer consoante e seguida de *r*; d'onde *abobra*, *abobral*, *abobreira* (Nic. Mor., *Dicc. de Plant. Medic. Braz.*), *abobrinha*, *abobrista* (ex. supra). Vj. *escrafunchar*, || SYN. 2º *banana*, *inhame*, *pacova*.

aboiar vn., «cantar á frente do gado ; toada pouco variada e triste : serve para guiar e pacificar as rezes, e sobre estas exerce muita influencia, quando saudosa e em viagem. » J. G. || ETYM. pref. *a* + s. *boi* + suff. *ar*, chamar boi. || GEOGR. Ceará. || LEX. PORT. *aboiar* va., amarrar na boia ; vn., boiar, fluctuar.

abolição sf.

abolicionismo sm.

abolicionista s. 2, termos novos, creados modernamente, para exprimir ideias relativas a medidas tendentes á extincção da escravidão. « Partido dos Estados-Unidos » dizem Littré e DV.; podião accrescentar : — e do Brazil, e de todos os paizes onde se mantem como instituição social o abuso chamado *escravatura*, sustentado pelo homem ladrão, locupletando-se com o suor do homem roubado, á sombra da lei da força, tolerada por governos cobardes, em beneficio de sociedades que não têm clara a noção da justiça. || ETYM. do port. *abolir*; lat. *abolere*, comp. do pref. *ab* diminuição, suppressão + r. ary. *ol* crescimento, augmento + suff. *ere*; prov. hisp. fr. *abolir*; ital. *abolire*.

abombado pp., muito cansado, arquejante, esfalfado. « De saudade inda me lembro De um dia em que lá cantei, E de amores abombado, Este verso botei. » Ces. 104. || GEOGR. Paraná, RGS.

abombar vn., cansar, esfalfar-se, ficar arquejante : « diz-se que o ca-

vallo *abombou* quando, tendo feito grande viagem em dia de calor, fica em estado de não poder mais caminhar; mas, depois de refrescar, ainda pode continuar a viagem. » Cor. || ETYM. pref. *a* + s. *bomb* (*a*) globo, corpo redondo, bola + suff. vb. *ar;* do mesmo modo que o v. port. *abolar* vem de *bola* corpo redondo, e sign. « derrubar o que está levantado, amassar como uma bola, embotar .. Faria e Souza .. diz: *abolar* é deixar alguma cova ou buraco, finalmente desegualar com golpe qualquer coisa que estava egual ou lisa, como soem de ser os arnezes. » DV. A ideia é a mesma: *abombar* é *abolar*, amolgar, amassar, fazer de qualquer coisa *bola*, *bolo*, *bomba*, *massa*, amarrotar, machucar, pisar. B. Roh. pensa que o voc. é guarani, e promette justificar. || GEOGR. Paraná. RGS. || SYN. *abolar*, *assolear*, *assonsar*. « Mas o do luzo, arnez, couraça e malha Rompe, corta, desfaz, abola e talha.» Camões III, 51. *Abatatar*, *atomatar* dão a mesma ideia de reduzir um corpo a massa molle e informe, a monte, montão, corpo limitado por linhas curvas como a *bola*, a *bomba*, o *tomate*, a *batata*.

abotoar va., agarrar pelos botões do paletó, da farda, da camisa; segurar botando a mão no peito de outrem (port.: deitando a mão áo peito d'um outro). || ETYM. pref. *a* + s. *bot*(*ã*)*o* + suff. vb. *ar*. || LEX. PORT. metter os botões nas casas.

abrideira sf,. bebida de espirito, em pequena quantidade, antes da comida, para abrir o appetite; de ordinario, um copinho (port. *copito*) de aguardente, laranjinha, paratí, cognac. || ETYM. f. de *abridor*, do v. *abri*(*r*)+suff. m. *dor*, f. *deira* agente. || GEOGR. Min., R. Jan.

abridor sm. instrumento consistente em pequena lamina de aço encabada em madeira, para abrir latas de conservas alimentares, como sardinhas de Nantes, lombo de Portugal, compotas francezas etc. ||ETYM. v. *abri*(*r*) + suff. *dor* agente. || LEX. PORT. adj. e sm. que abre; sm. gravador.

abrir va., « dobrar as franças das folhas de palmeira, obrigando-as a sahirem perpendiculares da haste, de modo a assentarem bem sobre o tecto e as paredes », J. Veriss. *RAm.* I, 194 || ETYM. lat. *aperire*.

abrir-cancha, dar logar. Ces. || GEOGR. campanha RGS. Vj. *cancha*.

abrir-o-cavallo = *tirar-o-cavallo-da-chuva*, loc. equivalente a mandar que outrem retire o que disse. Ces. Vj. *cavallo*.

á bruta loc. adv., em grosso, em monte; informemente; em grande copia, innumeravelmente. « Comer á bruta », com intemperança. « Correr á bruta », a perder o folego. « Havia gente á bruta », multidão sem conta e atropelada.

abrutalhar-se vr., embrutecer-se, tornar-se bruto, grosseirão. || ETYM. pref. *a* + s. *brut* (*o*) + suff. *alh* (*o*) pejor. + suff. vb. *ar*. || LEX. PORT.; *abrutar*, *abrutecer* = braz. *embrutecer*.

absenteismo sm., systema dos fazendeiros ricos de serrácima, no Rio de Janeiro e Minas, que não residem nas suas terras, e vão despender na

Côrte ou na Europa os rendimentos das fazendas. « Um [escripto] com data do Rio 5 de Abril, no qual o que ha de mais interessante é uma allusão, em poucas linhas, ao *absenteismo* das classes abastadas, que vão gastar o seo dinheiro na Europa, ou o empregão em acquisição de valores extrangeiros ». Corrp. Berlim *JC.* 4 jun. 86. || ETYM. fr. *absentéisme*; do ingl. *absenteism*, de *absentee* que se ausenta do seo paiz ou emprego; do abl. lat. *absente*, que deu o v. *absentare* ausentar se.

abuna sm., padre, frade: nome que os indios das Missões davão aos jesuitas, alludindo á sua roupeta negra. || ETYM. br. s. *ab* (*á*) homem + ad. *una* negro, preto.

acaboclado pp., parecido com caboclo; côr de cabloco. « Mulato acaboclado » que tira mais a indio do que a negro. || ETYM. pref. *a* + s. *abocl* (*o*) + suff. pp. *ado*.

acaboclar-se vr., atrigueirar-se, queimar-se no sol, ficar côr de caboclo. || ETYM. pref. *a* + s. *cabocl* (*o*) + suff. vb. *ar*.

acaçá, vj. *acassá*.

acachapar va., abater; achatar. || « Folhetim acachapado pelo noticiario ». Red. *FN.* 11 maio 85. || ETYM. corr. pop. do port. *acaçapar-se*, por intercurrencia de *escachar* abrir de meio a meio; pois é-nos desconhecido o t. *caçapo*. || LEX PORT. *acaçapar-se* agachar-se como o caçapo.

academico sm., estudante do curso superior de qualquer faculdade; especialmente da de S. Paulo e Pernambuco, onde o termo se emprega por opposição aos estudantes do curso de preparatorios, professados no mesmo edificio (*bichos*), e aos estudantes de collegio (*cascabulhos*).

acaipirado pp., feito *caipira* qv.; de maneiras esturdias; acanhado, sem desembaraço na sociedade.

acaipirar-se vr., tornar-se caipira; adquirir habitos e modos de fallar do roceiro ou matuto.

açalpão sm., gaiola com armadilha para apanhar passaros: dentro da gaiola vai o *chama* qv. || ETYM. metathese do port. *alçapão*. || HIST. O povo já o vai convertendo em *açarpão* e *sarpão*; e não será de Apollo prever que a intercurrencia de *sapo* virá converter *alçapão* em *sapão*, de bocca aberta para apanhar passarinhos, como o sapo para apanhar insectos.

acan = *acang* pref. e suff., cabeça: entra na composição de algumas palavras brazileiras. || ETYM. guar. *acan* = *acang*; tp. *acanga*, *canga*.

acanalhar-se vr., tornar-se *canalha* qv.; desmoralizar-se, perder o prestigio. || ETYM. pref. *a* + s. *canalh* (*a*) + suff. vb. *ar*.

acará [1] sm., peixe escamoso, cascudo, de que se conhecem varias especies em todos os rios e lagos do Brazil; apreciado pela sua carne branca e sabor delicado: *carapeba*, *carapicú*, *caratinga*, *carauna*. Vj. *cará*. || ETYM. br. adj. *acará* = *cará* cascudo, escamoso. Entra em varios tt. braz.

acará [2] sm., pão, bolo, croquette frita em azeite de dendê; « comida feita de massa de feijão cozido, com a fórma de bolas, que são fritas em azeite de dendê, com pimenta malagueta ». BR. vb. *acarajé* = *acará*. ||

ETYM. jor., dah. *acará* pão, bolo; fb. *acrá*. || GEOGR. Bah., RJan. Na Costa dos Escravos, o *acará* não faz parte da comida ordinaria; é especialidade, prato de gulodice (*un hors-d'œuvre, presque une friandise,* diz Bouche), e distingue-se em *acará-bovôbovô* em fórma de annel; *a.-avon* especie de filé; *a. folhado* mistura de *ocrô* (planta comestivel) e feijão branco; *a.—cu* (*acará* da morte) biscoito secco, que se conserva por muito tempo e serve de viveres de campanha. Bouche 62.

acarajé sm., acará[1]. || ETYM. ¿ jor. *acará* + *jeh* comer, comida. Falta, entretanto a prep. *ti* ou o apostrophe (signal de genitivo) que ligue as duas pals. || ORTHOGR. *carajé*. SP.

acassá sm., 1.° « angú preparado com farinha de arroz ou de milho, e serve de conducto ». Rub. *RIH.* 1882. || 2.° angú « sómente de fubá mimoso de arroz, reduzido a uma massa gelatinosa, que, desfeita em agua com assucar, se toma no verão como refrigerante ». Rub. *l. c.* || 3.° fig. perfume rescendente; attractivo; coisa que embriaga.. « O ardor do carurú não impelle a tanto; o acaçá do poder aconselha, pelo contrario, ganhar tempo ». Patroc. folh. *GN.* 4 jul. 81. || 4.° fig. refrigerio, calmante. « O mais do discurso do sr. Dantas, respondendo ao sr. Vianna, foi verdadeira agua de flor, fresco acaçá.. trescalando gratidão e ternura ». Red. *FN.* 10 jun. 84. || ETYM. jor. *acassá* = *ècô* bolo de massa de farinha de milho fermentada (*agidi*), do tamanho de uma laranja, envolto em folha de bananeira e tostado no fogo. Bouche 59. É o prato nacional da Costa dos Escravos, na Africa Occidental. A etym. de Rub. do guar. *caaçá* coisa cozida ou assada, que elle viu em M. (*caaçã* cosa cocida o assada) é uma das fórmas do part. *caẽhab* = *caençab* enxuto, secco, tostado (d'onde *mocaẽ* moquear, fazer enxuto, tostar) = *caẽçã*, que já está longe de *acaçá*. || ORTHOGR. B. Rohan e P. Bouche escrevem com *ss*; Rubim e os jornalistas da rua do Ouvidor, á portugueza, com *ç*. Preferimos com *ss*. || SYNOM. 2° *garapa de acassá*. Bahia; *pamonha de garapa*. Pern. (B. Roh.).

acatingado adj., que tem alguma *catinga*, menos que *catingoso* ou *catinguento* qv. « Inqualificaveis estylos de um Senio, com os seos Canhos escanhoados e as suas Catitas acatingadas ». F. Tav. *Quest.* I, XI, 13. || ETYM. prep. *a* + s. *cating* (*a*) + suff. pp. *ado*.

acceite sm., vj. *aceite*.

acceito sm., vj. *aceito*.

accentos prosodicos são tres no luso-brazileiro: o accento *agudo* ′, que faz aberta a vogal *e*, *o*, e sempre carregada ou forte aquella sobre que recae: *acassá, Maricá, café, Itambé, siri, Piquiri, coió, Marajó, angú, Acaraú*; o accento *circumflexo* ^, que faz fechada a vogal *e*, *o*; *mercê, canjirê, Itiberê, avô, zorô*; o accento nasal ou til ~, que a nasaliza ou torna fanhosa: *romã, pirão, mães, irmãos*. || Os accentos prosodicos nas palavras derivadas do latim exprimem sempre contracção: o primeiro e o segundo, de vogal identica ou analoga; o segundo e o terceiro, da

consoante nasal *n*. O s. *pé* vem do abl. lat. *pede*, que perdeu a consoante media *d* e ficou *pee*, que se contrahiu em *pé*. O s. *mercê*, do abl. lat. *mercede*, *mercee*, *mercê*. O s. *arêa*, do lat. *arena* = *arenna*, *aren-a*, *arê-a*. O v. *vi*, do pret. lat. *vidi*, *vii*, *vi*. O s. *avô*, do b. lat. *avolo*, *avoo*, *avô*. O adj. *nú*, do lat. *nudo*, *nuo* (pron. *nuu*), *nú*. O s. *mão*, do lat. *manu* (pron. *mã-nu*), que perdeu o *n* e ficou *mã-u* = *mão*. O s. *irmã*, do lat. *germana*, *germãa* = *hermãa* = *ermã* = *irmã*. O adj. *vão*, do lat. *vano*, *vã-o*, *vão*. || Nas palavras oriundas de linguas extrangeiras, os accentos são meramente tonicos: *cajá*, *ipê*, *juvevê*, *caurí*, *sací*, *quingombô*, *calundú*, *zungú*, *tabôca*, *cavôco*, *carimã*. || ORTHOGR. O accento nasal fóra do ditongo *ão* substitue-se por *m* ou *n*: *poã* = *poan*, *cecẽ* = *cecem*, *mutũ* = *mutum*; salvo, si recahe sobre vogal seguida de vogal com que a consoante faria syllaba: *ãatá* não se poderia escrever *anatá*. || O accento grave ˋ, que Garrett considerava extranho ao portuguez, não tem uso entre nós. Poucos o empregão, e só para exprimir que é breve alguma vogal que costuma ser longa, como o *e* antes do *a*: *Gavèa*. Propomol-o para distinguir a prep. *a* nos casos duvidosos. « Como vai a guerra? » (*a* art.); « Como vai à guerra? » (*a* prep.) « Matar a fome » (*a* art.); « matar à fome » (*a* prep.).

aceirar vn., abeirar; circular, rodeiar, estar de fora, observando e mudando de posição para melhor ver; approximar-se de alguem ou de alguma coisa, espreitando. « Aceirar o jogo » é vel-o de fora, mas tomando interesse na sorte dos jogadores. || ETYM. s. *aceir* (*o*) beira, facha de terra, limpa d'enxada, em redor da derrubada, para impedir que o fogo da queimada passe pr'as capoeiras e roças vizinhas + suff. vb. *ar*. Analogia do fogo, que percorre toda a derrubada; mas só no espaço abeirado pelo aceiro. || LEX. PORT. dar tempera de aço; metter na ceira; assoldadar; fazer aceiro. No Br. só empregamos o primeiro e o ultimo signifs. *Ceira*, cesta de botar fructa, não se conhece cá.

aceite sm., «declaração escripta de quem acceita lettras de cambio ou da terra, pela declaração exarada nellas das palavras sacramentaes: *Aceito*, sendo um só aceitante; *Aceitamos*, sendo aceita por dois ou mais aceitantes. *Cod. do Comm.* art. 394 ». Teixeira de Freitas, *Vocab. Jurid.* || ETYM. lat. *acceptus*[2], abl. *accepto*. || ORTHOGR. tem prevalecido a phonographica, escrevendo-se com um *c* só.

aceito pp. de *acceitar*, recebido, admittido; bemquisto; agradavel. || ETYM. abl. lat. de *acceptus*[2]. || LEX. PORT. *acceite*.

achamurrado pp., achatado; grosso e chato. « Era um cabra curiboca De nariz achamurrado, Tinha cara de pipoca». SR. I, 75. || ETYM. parece corr. pop. do hisp. e port. *achaparrado*, ¿por intercurrencia do v. *esmurrar*, visto não conhecermos no Brazil o s. port. *chaparro*. || GEOGR. Ceará.

acochar va., conchegar apertando, calcando. «O sebo está muito caro, Stá valendo um dinheirão: Quero ver com que se acochão Estes cocós

de cordão ». SR. 1, 64. || ETYM. hisp. *acocharse* agachar-se. || GEOGR. Sergipe, R. Jan. etc. || HIST. Blut. traz na forma reflexiva, e como signif. de agachar-se. Roq. dá nas formas activa e reflexiva. Aul. não inclue o voc., que parece ter-se antiquado em Port.

açoiteira sf., 1° chicote curto de que usão os cavalleiros. || 2°, pl., « as pontas das redeas com que o cavalleiro açouta o cavallo ». Cor. || ETYM. cast. *azotera*, do ar. *assoate* +suff. *era*. || GEOGR. no sg. RJan.&; no pl. RGS. || ORTHOPH. Cor. recolheu o voc. sob a forma port. de *açouteira;* mas, no Brazil, pronuncia-se *açoite*, *açoiteira*=*açoitêra* || SYN. *rebenque*, *tala*.

acolherar va., 1° « reunir dois cavallos por uma guasca chamada *colhera*, afim de que não fuja o cavallo que não está aquerenciado ». Ces. Cf. Cor. || 2°, por ext., acamaradar-se, amigar-se. « Louco e cheio de amor Andava como um demonio, E já queria metter-me No curral do matrimonio. N'isto chega um cajetilha Mui alegre e rufião, Acolherou-se com ella, E já me ganhou de mão. « Ces. 105. || ETYM. cast. *acollerar;* hisp. *acollarar*.

acostumar-se vr., dar-se bem no logar, gozando saude e passando a vida á medida dos desejos, independente de se adoptarem ou não os costumes locaes. N'este sentido, é muito usual no Paraná perguntar a quem está de fresco na terra: « O sr. se acostuma aqui? » como quem diz: « vai logrando saude? tem gostado do logar?» O signif. port. de *acostumar-se* é habituar-se, adquirindo os usos e costumes da população, affazendo-se ao clima, gostando da alimentação, folgando com as relações sociaes, adaptando-se, emfim, ao meio onde a gente se acha: ideia complexa, predominando a influencia dos costumes da localidade sobre o seo novo habitante; mas, n'aquella phrase paranaense, o *acostumar-se* é, antes de tudo, acclimar-se, e depois achar a gente o melhor modo de levar a vida, —ideia mais restricta, e relativa antes ao meio physico do que ao moral. A' phr. paran. corresponde esta fluminense: « o sr. se dá (ou dá-se) bem aqui? vai passando bem? tem gostado d'isto? »

açú = *assú* = *guaçú* = *oçú* = *uçú* suff., grande, grosso, graúdo, grosseiro: entra na comp. de muitos nomes de logares, animaes e plantas do Brazil: *Paraguaçú*, *Manhuassú*, *Mogyguaçú*, *Caboçú*, *tatúguaçú*, *andáuaçú*, *pindobossú*, etc.

acuação s. f., 1°, acção de acuar de perseguir a caça até obrigal-a a entocar. || 2°, fig., perseguição do inimigo até mettel-o em reducto donde não possa fugir. « Depois de grande algazarra, Férrão dura acuação; O Bugre acode: o que viu? Proficua, austera licção.» Apd. *JC.* 12 ag. 82.

acuar 1° vn., sentar-se (o cão) ao pé da toca ou da arvore onde se refugiou a caça, e ahi ficar ladrando até que chegue o caçador. || 2° va., perseguir (o cão) a caça, ladrando, e obrigal-a a entocar, ou a trepar em arvore, ou a tomar pela *espera*, onde a aguarda o caçador. || 3°, por ext., perseguir o inimigo até pol-o em sitio. || ETYM. pref. *a* + s. *cu* + suff.

vb. *ar.* || LEX. PORT. o 1° e o 2° signifs. tral-os Blut. Roquette dá-os todos tres, e accrescenta: recuar; ficar confundido em argumento, entocar; parar (o cavallo) e não querer andar: empregos que *acuar* não tem entre nós. Aul. consigna o 1°, e mais: recuar, ceder.

adestra adv. de logar, e **adestro** 1° adj., ao lado. || 2° adv., que vai ao lado, para preencher falta; sobresalente: diz-se principalmente de cavallo que se leva para muda em caminho. || ETYM. corr. pop. de *adextra* á mão direita; do lado direito; em geral, ao lado: do lat. *ad dexteram.* || HIST. arch. em Port., este termo é vig. no Brazil. Bluteau define: *adestro* diz-se de coisas que se levão de mais, por allivio e por estado. « Mandou-lhe dar outro andor, que trazia adestro. » Barros I, dec. 75, col. 3. Cf. Vit. vb. *adextrado.* Já não o dão Roq. nem Aul. Nem mesmo trazem *adestra*, vig. em Port. no sec. XVIII, sg. F. J. Freire. || ORTHOGR. com *s*, ou com *x*; *adextra*, — *o*. || ORTHOPH. *e* aberto (*é*).

adjectivo possessivo antes de nome de parentesco, com referencia á pessoa que, com quem ou de quem se falla, é imprescindivel. «Meo pae, tua mãe, nossos irmãos, suas tias. » Não leva artigo, salvo si entre o possessivo e o nome se interpõe adjectivo qualificativo. É a regra do italiano. « Meo pae, tua mãe, seo tio, nossos irmãos, vossas filhas, seos cunhados; o meo velho pae, a tua sancta mãe, o seo generoso tio, os nossos bons irmãos, as vossas queridas filhas, os seos amantes cunhados. » || SYNT. PORT. o adj. poss. na especie é sempre precedido do artigo. « O meo pae, a minha mãe, os nossos filhos, as vossas irmãs », quando não supprimem o possessivo como é de regra lá. « O pae, a mãe, os irmãos, os tios, » significando *o meo, o teo, os nossos, os vossos.*

adjutorio sm., auxilio que um vizinho tem o direito de exigir dos outros para os serviços da lavoura, segundo o costume local. « Parentes, amigos e vizinhos, no mais cordial *adjutorio*, com elle arrancão, raspão e cevão a bemdicta raiz. Levão-na á prensa, á peneira, ao forno. » R. Theoph. 86. || ETYM. lat. *adjutorium* (abl.—*o*). || GEOGR. Ceará, RJan.

administrado sm. e adj., indio escravizado. Por euphemismo, em vez de *escravo* dizia-se *administrado.* « Tres mil tupys (estes são os indios administrados dos paulistas, que n'aquelle tempo tinhão por seos administradores os que no sertão os conquistavão e do centro da gentilidade os trazião ao gremio da Egreja, ficando os seos descendentes tambem administrados). » P. Taq. *RIH.* 1869. 1, 185. Vj. *amo.*

administrador sm., a principio senhor de indio captivado nas entradas do sertão, como se vê do ex. supra; hoje, feitor-mór das fazendas cujos donos residem na Côrte, ou nas capitaes das provincias, ou em outras fazendas: preside aos feitores da roça e do terreiro, á enfermaria etc., superintendendo no serviço geral da fazenda.

adornar vn., port. *adernar*: cahir de banda, para um lado. O port.

adernar é *abaixar-se*, abater. « Foi quando ouviu uma forte pancada; então, olhando para traz, viu Justino adornado sobre o balcão e Lino perto d'elle... E d'ahi a pouco, voltando d'alli, já viu Justino morto no chão, e, junto a seo corpo, grande porção de sangue. » Autos crimes, Cabofrio, 1884. || LEX PORT. ornar, aformosear.

adufo sm., pandeiro, com fundo de couro: instrumento musico muito us. nas folias do Espirito-Santo. || ETYM. ar. *addufe* ; hebr. *hadaff* pandeiro. || LEX. PORT. *adufe*.

adverbios em mente. Uma das bellezas do port., que conspirão para dar lhe o tom masculo e energico pelo qual tanto se avantaja ao francez, é a suppressão do suff. *mente* em um ou mais adverbios d'essa forma, quando concorrem dois ou mais, conservando-se só no ultimo; ex. : « vinha tardía, lenta e vagarosamente; appareceu subita e inesperadamente ; batalhou firme e intrepidamente; morreu calma e valorosamente. » Em fr., os adverbios em *ment* hão de por força arrastar-se com toda a sua longa cauda. Estes exs. são de Ramalho Ortigão: « O movimento litterario foi subitamente e violentamente refreado pela censura. Inicia-se um novo regimen de tolerancia e de liberdade relativa, o qual findou rapidamente e completamente com a reacção subsequente á sublevação da Polonia. » Carts. Ports. in *GN.* 24 nov. 82. N'essa Carta ha, em 2 1/2 estreitas cols. da *Gazeta*, boa duzia e meia de compridos adverbios em *mente*. « As cousas passavão-se tão simplesmente como *se* cada um estivesse *tranquillamente* e *confortavelmente* exercendo no *seu* escriptorio ou na *sua* officina o trabalho legal da *sua* profissão. » Id. *GN.* 4 dz. 82. No Brazil escrever-se-hia: « As *coisas* se passavão tão simplesmente como *si* cada um estivesse no escriptorio ou na officina, exercendo tranquilla e confortavelmente o trabalho legal da profissão. » A repetição de *seo*, *sua*, *um*, *uma*, sem necessidade, é outro francezismo do Chiado. « E assim progressivamente até *ao* duodecimo caderno vai o discipulo aprendendo racionalmente e praticamente a traçar as lettras, de sorte que o estudo se torna muito facil. » Red. *GN.* 28 dz. 83. « Os casamentos são canonicamente e civilmente legaes. » Edit. *GN.* 2 abr. 85. « É preciso que a lei regule taxativamente e expressamente.» Ibid. Em luso-braz., isto é, em bom portuguez, supprimia-se o primeiro s. *mente* em cada uma d'essas phrases. « D. Fernando, dirige-se gravemente, colericamente e sardonicamente a Passos Manuel. » A. Zeferino Candido apd. *JC.* 17 jan. 86. || No Brazil, frequentissimas vezes, mesmo na linguagem popular, elimina-se, á grega, a termin. *mente*. « Corre violento, come apressado, caminha lento,» por «corre violentamente, come apressadamente, caminha lentamente,» são phrases muito usadas, mais ainda cá do que lá. Este grecismo, uma das bellezas do port. antigo, conservado aqui tão vivo, e tendendo (segundo parece, julgando pelos escriptores) a perder-se em Portugal, prova a verdade da these de José Jorge, que o portuguez puro é o que se está

fallando no Brazil, é o luso-brazileiro.

afamilhado part. pass. de

afamilhar-se vr., ter muitos filhos, encher-se de familia. « Esse ministro deve ser, com seos collegas, uma commissão do parlamento, e não um commissario de cada deputado ou senador, cheio de compromissos ou afamilhado. » Red. *Braz.* 27 dz. 83. || ETYM. pref. *a* + *familh(a)* = *famili(a)* + suff. pp. *ado.* || GEOGR. Minas, S. Paulo, R. Jan., Paraná etc.

afan sm., ancia; cansaço, fadiga; lida, trabalho penoso. || ETYM. voz onomatopaica de quem está cansado (DC.), deu logar ao b. lat. *affanare* e *ahanare*; prov. *afan*; cat. *afany*; hisp. *afan*; port. *affan, afan*; ital. *affanno*; fr. *ahan*: troca de *h* aspirado por *f.* Raynouard, *Lex. Rom.*, verificando a existencia da palavra antes do anno de 1000, aventura-se a derival-a do ar. *ana*, labor, fadiga, pena « cujo primeiro *a*, fortemente aspirado, havia de ser reproduzido por *af* »; e Denina, cit. por Honnorat, diz que vem do ar. *afan* ou *ufan*, pezar; mas nem Souza, nem Engelmann o trazem. Para Du Cange, o t. formou-se da interj. *ahan!*, exclamação de cansaço de quem *labori succumbit.* Diez acha razoavel esta explicação; e comquanto depare com o gaelico *fann* cansado, *fainne* cansaço, fadiga, correspondente ao adj. kymri *gwan*, não lhe dá pezo porque o *f* gael. = *gw* kymr. não se troca pelo *f* lat., porém pelo *v*; e umoutra pal. kymri *afan* combate, agitação, sedição, não basta para filiar a etymologia. || HIST. Em França, como em Portugal, a pal. *ahan* = *afan* cahiu em desuso: entretanto, observa Littré, seria bom fazer esforços para conserval-a; pois é expressiva, e relacionada com todas as linguas romanas. No Brazil, já conseguiu esse desideratum o genio de Alvares de Azevedo, o *poeta dos vinte annos*, rejuvenescendo o vocabulo, que ahi está vigente, com os seos derivados *afanar-se* e *afanoso.* || ORTHOGR. Brandão, *Monarch. Luzit.* liv. 17 cap. 54, *afão*; Bl. *afam*; Vit. *afanar, afanoso, affam, affan* (sec. XIV); Mor. *afão*; Roq. *afão, afan, afano*; DV., Aul. *afan.* Admittida a etym. de Du Cange, é inadmissivel a geminação do *f.*

afanar-se vr., cansar-se, fatigar-se, afadigar-se, trabalhar com excesso. || ETYM. b. lat. *affanare* trabalhar com as mãos; d'onde *affanator*; hisp. *affanador* operario; v. fr. *affaineur, affanour*: b. lat. *ahanare* lavrar o campo; voz de quem, vencido pelo labutar, succumbe exclamando *ahan!* (DC.). Sg. Diez, o v. port. *afanar* era transit. e intransit.; e o v. fr. *ahaner* ou o b. lat. *ahanare* significava trabalhar de enxada, lavrar a terra: donde *ahans* o cultivo dos campos; *ahanables* campos de cultura, terras de lavoura. No Braz. temos só a forma reflexiva com o signif. port. ant. || HIST. ant. em Port.; vig. no Br. desde 1852.

afandangado pp. de

afandangar va., 1° cantar, tocar ou dançar em estylo de fandango. || 2° imitar os requebros do fandango. « Lundum afandangado; polka afandangada; afandangando a modinha na viola (port. « a modinha *á* viola). » || ETYM. pref. *a* + s. hisp. *fandang(o)* + suff. vb. *ar.*

afurá sm., bolo de farinha de arroz fermentado, o qual, diluido n' agua adoçada, produz bebida refrigerante; especie de *acassá*. || ETYM.? *Deest in* Crowther, Courdioux, Davis, Steere, Bleek, Bouche, Lafitte, Hartmann etc. || GEOGR. usado entre os nagôs e na Bahia. BR.

agaturrar va., agarrar; prender, capturar. || ETYM. corr. pop. de *capturar* (pronunciado *caturar*) por intercurrencia das pals. *gato* e *garra:* troca natural de *c* por *g;* queda do *p*, nullo na pronunciação, e geminação do *r*. Vj. *gaturrar.*

agauchado pp. de

agauchar-se vr., tomar habitos de *gaucho* qv.

aggregado sm., morador gratuito das terras da fazenda, obrigado a certos serviços pessoaes em favor do fazendeiro. « Os corpos enfraquecidos, que, sem trabalho nem pão, são a grande fonte onde o fazendeiro vai buscar os servos que chama *aggregados*, e o Governo os seos *capangas*, os seos *votantes* e os seos *soldados* .. *aggregados*. Estes são uma especie de *bohemios* sem domicilio certo; pois que, ao menor capricho do senhor das terras, têm de pôr os trastes ás costas e mudar-se». SR. *Hist. L.* 47. || ETYM.: lat. *aggregatus*[3]; prov. *agreguado;* hisp. *agregado*; ital. *agregato:* do voc. lat. *aggregare*, de *ad* + *grex,-gis* rebanho. || SYNON. *camarada*, *foreiro*, *morador*.

agir vn., obrar, fazer, proceder. «Por sua vez, a auctoridade ver-se-ha compellida a agir. Comprehende-se que a auctoridade actue espontaneamente quando se tracta de coisas graves ». Disc. sen. Aff. Celso *JC.* 12 abr. 82. « Ellas [historias e anecdotas dos indios] nos mostrão como age o espirito humano sem cultura e só inspirado pela natureza ». Claudio Soido *REA*. 83. || ETYM. lat. *agere* (r. sanscr. *aj* mover); fr. *agir*, que suppõe o lat. * *agire*. Littré. || HIST. a lingua lusobrazileira já possuia os vocabs. *coagir*, *exigir*, *reagir*, *transigir* (que confirmão a supposição de Littré), *acção*, *acto*, *agente:* aquelles, composições do v. lat. *agere;* e estes, ablativos dos ss. lats. *actio*, *actus*, e p. pr. *agens*[3]. Era logica a formação de *agir*, que é novo e se creou no Brazil primeiro que em Portugal, graças a esse requintado e ridiculo escrupulo que nos enche de horror á vista de um cacophaton, ainda mesmo phantastico. Não ha duvida, *agir* foi inventado por falso pejo; porquanto, o seo synonymo *obrar* é empregado pelo povo no sentido de evacuar materias excrementicias. E ainda não está acclimado, não é popular, nem mesmo entre os escriptores e oradores, que não ousão conjugal-o em alguns tempos, conservando-o defectivo, e substituindo-o por *actuar*, como no primeiro ex. supra. Ahi, em vez de *actue*, o orador podia dizer *aja*, como diria *coaja*, *reaja*.

agorinha adv. dim., agora-agora, ha pouquinho, ha poucos instantes, ainda agora, agora mesmo, quasi n'este mesmo momento. « Agorinha mesmo me acabão de mostrar a copia de um contracto ». Folh. *Fl.* 21 mr. 86. « Agora é que você chegou? — Agorinha mesmo ». Fr. Jr. *Folh.* 164.

|| ETYM. adv. *agor(a)* (lat. *hac hora* n'esta hora) + suff. f. *inha* dim. Cp. *longinho*, *pertinho*. Vj. *diminutivo*.

agreste sm., o *littoral*, nas provincias do Norte, opposto ao *sertão*, como no Paraná a *marinha* é o littoral opposto á *serra* e aos *campos*. « Cumpre notar que hoje conta o sertão mais duas comarcas, creadas depois d'aquella epocha. Isto deve ser levado em linha de conta, quanto á egualdade da população, para o districto do agreste ou littoral. O Decr. n. 1108 .. dividiu esta provincia em dois districtos eleitoraes. Rio Gr. N. corrp. *JC*. 28 nov. 81. « A falta das chuvas destruiu a planta do algodão nos agrestes e catingas ». Pernamb. trs. *Diar. Br.* 28 mr. 84. || ETYM. lat. *agrestis*[3], de *ager*, *agri* o campo: o campestre, a campina, a planicie coberta de capim nas dunas, as restingas e marinhas do littoral. || LEX. PORT. s. homem do campo; adj. campestre, rustico, tosco, rude, grosseiro, desabrido.

agrestia sf., rudeza, rusticidade; grosseria. « O SR. CARVALHO MOREIRA: — É agrestia do meo character. O SR. FURTADO: — O nobre deputado não permitte estas observações? » Disc. dep. Furtado sess. 5 ag. 48. || ETYM. adj. *agrest(e)* + suff. *ia*.

aguachado adj., gordo, barrigudo e largado ha tempo: diz-se do cavallo. Ces. || ETYM. cast. *aguachado?* || GEOGR. RGS. || ORTHOGR. BR. escreve com *x* (=*ch*).

aguapé sm., 1° *Nymphæa nelumbo* Pison., nympheacea de S. Cruz (RJan.) e seos arrabaldes pantanosos. Nicol. Mor. || 2°, *Villarsia nymphæoides*, da mesma familia, flores brancas e aromaticas, fructos comestiveis. || 3° por ext., nome dado ás nympheaceas e mais plantas aquaticas que alastrão a superficie dos lagos. « Na maior parte do anno, ella [bahia de Caceres], como as outras lagoas ás bordas do Paraguay, mais parece extenso e nivelado prado do que uma massa de agua, coberta de aguapés, nenuphares, victorias-regias e de varias especies de cyperaceas e gramineas aquaticas a que no Amazonas chamão *caranas*, cujas extensas hastes e grossos rhizomas formão um tecido tão emmaranhado e cerrado que detem muitas vezes a marcha de vapores, até de grande força ». Sev., I, 314. « No dia 20 do passado, appreceu em uns agoapés [*sic*] das proximidades do passo do Arroio-grande o cadaver do inditoso Antonio .. capataz da estancia do sr. dr. V... Estava mettido no aguapés até o pescoço ». Red. *Braz.* 3 nov. 85. || ETYM. br. *aguá* redondo + *pé* chato, allusão ás folhas das nympheas. || HOMON. licor tirado do pé da uva repizada no lagar, com mistura d'agua; vinho fraco. || ORTHOGR. *agoapé*, como no 2° ex., é corr. erud., por intercurrencia do s. port. *agoa* agua, o meio onde vivem essas plantas. || ORTHOPH. tp. c. *auapé* (Pará).

aguaxado adj., vj. *aguachado*.

agulhas sf. pl., « pedaços de carne unidos ao osso do espinhaço do boi: picado o osso do espinhaço, cada um d'estes pedaços de osso com a carne correspondente é o que se chama *agulhas* ». Cor.

ai = *aib* = *aiba* = *aiva* qv.

ãi = *anha* suff., aspero; aguçado, em ponta; em gancho; que corta; que pica. BC.: entra na composição de algumas palavras brazileiras, ex. *piranha* = *pirãi.* || ETYM. tp. guar.

ai = *aí* = *aim* suff., crespo, enrolado, grenho; rugoso; murcho; aspero; aguçado; picante; cortante. BC.: entra na composição de algumas pals. brazs., ex. *pixaim.* || ETYM. tp. guar.

aiba = *aiva* qv.

ai-cuna! intj. de admir., ai minha gente! ai gente! « Aicuna, que moço guapo! » oh que valente moço! Ces. || ETYM. intj. *ai!* + s. hisp. *cuna,* familia, gente, patria (originar., berço de criança). || GEOGR. RGS. || SYNON. gente! ó gente! ô minha gente! R. Jan., Min.

aijulate, vj. *julata.*

aipim sm., mandioca doce, *Manihot aipi* L., euphorbiacea cultivada nas hortas, e cuja raiz come-se assada ou cozida e serve para fazer papas, sopas, doces, bolos etc. « Tambem se faz farinha de outras raizes, que chamão *aipin*; são como as de mandioca propriamente, mas não matão, e tambem se comem assadas. » Anch. in *DOff.* 10 abr. 86. || ETYM. br. *aĭpi* (*a* fructa + *ĭpi* secco? BC.). || GEOGR. ES. R. Jan., e provincias do sul. || ORTHOGR. Nic. Mor. escreve com *y* *aypim,* dando ao *y* o valor do *i* especial = *ĭ* || SYN. *macaxera,* da Bahia para o N.

aiuá!

aiuê! intj. de alegria zombeteira, de gracejo. || ETYM. bd., intj. de afflicção, sg. Cap.-Iv., que escrevem *ai-o-è-!* || GEOGR. Bahia, em estribilhos de lunduns: « Aiuê! aiuá! Meia pataca, sinhá! »

aiva, 1° suff., máo, ruim; pequenino, insignificante, átôa; pouco; falso; fraco; torto; diminutivo, entra na comp. de innumeras pals. brazileiras. « Ha diversas cartas de *pajé*: uns a que chamão *pajé catú,* pajé bom; outros, *pajé ayba,* id est, máo. O pajé catú não é tão ruim, nem tão embusteiro como o ayba. » J. Daniel in *RIH.* 1840, 497. « O nome de *temirecô etê,* sc. *uxor vera,* creio que o tomarão dos padres, que lhes querião dar a entender a perpetuidade do matrimonio, a qual é mulher legitima, porque d'este vocabulo *etê,* que quer dizer « legitimo », usão elles nas coisas naturaes da sua terra; e assim a seo vinho chamão *cãoy etê* vinho legitimo, verdadeiro, á differença do nosso a que chamão *cãoy áyà,* vinho agro. » Anchieta in *RIH.* 1846, 258. *Ayà*=*ayva.* Esses exs., assim como os segs.: *caá* = *cá* mato, *caetê* mato virgem, *caaguaçú* mato alto = *caapuam, caacatú* mato limpo, *caiva* carrascal, mato ruim, baixo, sujo; *pará* mar, *paraguaçú* mar grande, *paranan* irmão ou parente do mar, parecido com o mar, *paraiba* mar pequeno, *paranaiba* rio grande, porém menor do que o outro com o qual se compara; *jaguar* cão, onça, *jaguary* rio da onça ou do cão, *jaguarycatú* rio bom ou grande da onça, *jagùaryaiva* rio máo ou pequeno da onça, justificão a sign. pejorativa de *aiva* com os seos « varios sentidos *in malam partem* », como diz Figueira. || 2° adj., com os mesmos significados do suff. « Homem aiva » insignificante, átôa, sem prestimo. « Cavallo aiva » punga, de máos an-

dares, cangalheiro, mofino. « Educação aiva » falsa, baseada em principios falsos. « Sciencia aiva » sem serventia, sem utilidade. || ETYM. guar. *aí=aib*, tp. c. *aiba* no S., *aúba* no N., *aiva*, *aúva*; tp. am. *aĕua*, *aĕuva*, *aĕva*: oppõe-se a *catú* bom; muito, avultado; a *guaçú* grande, grosso; a *etá* muito, plural; a *etê* verdadeiro; forte; direito; legitimo; superlativo. || GEOGR. 1º, geral; 2º, SP., Paraná SC., RGS., Mgr. || LEX COMP. é esta palavra uma das muitas da lingua braz. identicas ás quaes vamos achar outras nas linguas africanas da familia *bantu*, e particularmente no bundo onde « máo, ruim, sem prestimo, á tôa, mofino » é *aïiba*. Parece ahi dominar a raiz *i*, cujo significado absoluto dá a ideia de movimento, e, como consectario, a de instabilidade, fraqueza; em contraposição á raiz *sta*, que exprime em absoluto a fixidez, estabilidade, immobilidade, e, em consequencia, duração, permanencia, resistencia, força. Em guarani, o *i* posp. ao substantivo fal-o diminutivo, e dá-lhe o sentido de pequenez, fraqueza, pouca dura. || ORTHOGR. Mont. escreve *aí*, *aib*, *aĭ*, *aĭb*; Fig. *aib*; B. Caet. *aib*, *ahiva*; C. Mag. *aĭua* (*ĭ* = *ĩ* = *i* especial da lg. ger.); como, porém, o *h* é mudo e o *y* das formas que o trazem não se pronuncia diverso do *i* port., a escripta *aiba*, *aiva* parece mais conforme não só com a pronuncia, mas tambem com a etymologia. São, entretanto, frequentes nos nossos classicos as formas *ahiba*, *ahiva*, *ahyba*, *ahyva*, *ayba*, *ayva*. Quanto a estoutras *aúba* e *aúva*, *aĕua* e *aĕuva*, são do tupi do litt. do norte e do tp. do Amazonas.

ajoujo sm., barca feita de duas canoas emparelhadas e travadas. Cam. dá no pl. e define: « Reunião de duas ou tres canôas, tendo por cima um lastro de madeira inteira, ou formado de tábuas separadas, sendo o todo bem amarrado ». Chegados a Tres-Irmãos, tinhamos de atravessar para o lado esquerdo do Parahyba. A barca que encontrámos fez-nos rir. Parecia um dos *ajoujos* tão usados no S. Francisco, e as varas que empregavão a principio os barqueiros augmentarão a illusão». Red. *GN.* 14 ag. 83. || ETYM. lat. *ad jugum*; *adjugare* ajoujar; *conjungere*, *ad aliquid jungere* conjungir; donde *conjuncção*. || GEOGR. centro e norte do Braz. || LEX. PORT. correia, cipó, ou corda, com que se prendem os cães dois a dois; canga; fig. união forçada e incommoda. Mas não nos consta d'estoutra sign. de Aul.: « um par de animaes ajoujados um ao outro ». || ORTHOPH. *ajôjo*.

ajudar va., t. techn. da fabricação de assucar nos antigos engenhos. « Sahida a primeira escuma per si mesma, começão os caldeireiros com grandes escumadeiras de ferro a escumar o caldo e ajudal-o: e chamão *ajudar o caldo* o botar-lhe de quando em quando já um reminhol de decoada, já outro de agua, que ahi tem perto: a agua nas tinas, e a decoada nas fôrmas. Serve a agua para lavar o caldo, e a decoada para que toda a immundicia que resta na caldeira venha mais depressa arriba, e não

assente no fundo. » Antonil, 77. || ETYM. lat. *adjuvare*.

ajulata sf., vj. *julata*.

ajurú sm., nome brazil, generico, do papagaio. || ETYM. br. *a* gente + *jurú* bocca: allusão ao fallar o papagaio como a gente.

ajurujuba, sf., vj. *jurujuba*.

a la prep. e art., nas locs.: « a la grande » a fartar; « a la fresca! » intj. de admiração; « a la gran pucha! » intj. de colera. Ces. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS.

alagadiceiro adj., que pasta nos alagadiços: diz-se do gado. Mor.

alambrado sm., cerca de arame. Ces. || ETYM. pp. de *alambrar*.

alambrador sm., fabricante de fios de arame para cerca; fazedor de de cerca de arame. « Os mesmos bandidos forão furtar ovelhas na estancia do sr. em Caraguatá; e indo um peão reconhecel-os foi por elles assassinado, bem como tambem assassinarão um aramador (*alambrador*) que encontrárão no regresso. » *Independ.* de Bagé, trs. *JC.* 8 fev. 84. || ETYM. v. *alambra* (*r*)+suff. *dor* agente. || GEOGR. RGS.

alambrar va., cercar o pasto, a roça etc. com fios de arame atravessados em moirões ou postes de madeira ou de ferro. || ETYM. hisp. *alambre* arame. O port. *alambre* é o hisp. *alambar*; do ar. art. *al*+ s. *ânbàr*. || GEOGR. RGS.

albardão sm., 1° cadeia de serros e baixadas. « Posto que a chuva tornou a repetir de noite, comtudo sempre nos deu logar para n'este dia caminharmos mais outras duas leguas escassas para nornordeste, pelo albardão de serros e baixadas, entre pontas de restingas. » J. Sald. *RIH.* 1841, 68. || 2° cochilha pequena. Rub. « O Paraguay, internando-se entre montanhas e pequenos abbardões .., e agora reunidos n'um só corpo seos immensos cabedaes, vão-se elevando no solo, vão submergindo pouco a pouco os albardões e tezos. » Sev. I, 48. « A direcção do rio Mucajahy, onde encontraria [a estrada do Rio Branco] albardão de terra firme, e povoações de indios mansos, que alli vivem em suas malocas. » Corrp. Manaos ap. *JC.* 14 ag. 83. || ETYM. augm. do hisp. port. *albarrada* cerca, trincheira; port. *albarran*, hisp. *albarrana* torre levantada de distancia em distancia, ao longo das muralhas: do ar. art. *al*+ adj. *barrani* exterior, de fóra da cidade, do campo, extramuros; de *barr* terra, campo, roça. Sz., Eng., Marc. || GEOGR. RGS. || HOMON. port. *albardão*, augm. de *albarda* cangalha: do ar. *al-bardáa*.

alçado adj., brabo, que nunca foi costeado; diz-se do gado. Cor. || «Tinhão a seo favor a immensa campanha do sul do Ibicuhy, cheia de gado alçado, fazendo todos os annos uma corrida geral: o gado apanhado se repartia pelas suas estancias.. A abundancia do pumbauva, angico e outras cascas capazes de cortir a multiplicidade de couros, e as innumeraveis eguas alçadas nos dão a facilidade dos cortumes. » Th. Rab. *RIH.* 1840, 160, 165. || ETYM. prov. *alsar*; hisp. *alzar*; ital. *alzare*; fr. *hausser*; wal. *inaltzá*: b. lat. * *altiare*, que Diez e Littré suppõem ter existido e de que ha exemplos nas *Sigl. Benedictin.* ap. DC. Aul. deriva do

v. lat. *altare*, que com effeito existiu, pois não só se acha em Sidonio, como persistiu no seo composto *exaltare*; mas o *t* seguido de *a o u* não se transforma em *ç=s*, como seguido de *ia, ie, io, iu*, ex. *justitia* justiça, *planitie* planicie, *actione* acção, *pretio* preço. || GEOGR. campanha RGS.; campos-geraes do Paraná. No R. Jan., é t. erudito, e signif. levantado, elevado, exaltado.

alcaguete sm., alcoviteiro. Ces. || ETYM. cast. *alcahuete*: port. *alcaiote*; prov. *alcauotz, alcaot, alcavot, alcoat*: do ar. *al*+ *cahuet*, do v. *cada* acompanhar, levar uma pessoa a outra de sexo differente. || GEOGR. RGS.

alcaide sm., coisa avariada, mercadoria mofada, trastes velhos de pouco ou nenhum valor. « O facto é que consegue attrahir alguns papalvos transeuntes que sahem depennados e com cada alcaide até indigno de figurar no mais reles belchior. » Red. *FN.* 15 jan. 85. || ETYM. ar. art. *al*+ s. *caid* commandante. HIST. o cargo foi gradualmente diminuindo, desde chefe de districto ou provincia entre os mauro-arabes, commandante de praça militar na Hispanha (Eng.), até magistrado sem lettras e meirinho em Portugal e Brazil, onde ficou com a significação pejorativa. || LEX. PORT. ant., governador de provincia, de comarca, de castello, de navio; juiz do povo; official de justiça, meirinho.

alcazar sm., theatro onde se cantão operetas francezas. || ETYM. hisp. *alcasar* fortaleza; palacio; port. *alcacer* castello, paço real: do ar. art. *al*+s. *cacer* palacio acastellado. || HIST. Passou para o fr. sob a forma hisp., e assim se naturalizou no Brazil, em 185.., com a ultima syllaba longa, quando em hisp. é breve.

alcazarino adj., pertencente ao Alcazar. « Estrellas alcazarinas » chamavão-se as cantoras bonitas do theatro francez d'aquelle nome, no Rio de Janeiro.

alcoviteiro adj., contador de novidades; mexeriqueiro, intrigante. || ETYM. v. *alcovit* (*ar*)+suff. *eiro*: do ar. art. *al*+s. *coued=cahuet=cauvâd* medianeiro, que acompanha a quem se vai entregar a outrem de outro sexo. Vê-se que o significado brazileiro é figurado. || LEX. PORT. medianeiro de amores alheios; mensageiro de recados de amantes. || SYNON. *azeiteiro, invencioneiro, novidadeiro.*

aldeia sf., 1° povoação de indios brabos, vivendo junctos sob o mando de um chefe, morubixaba ou cacique. «Filhos casados segundo seo modo com indios principaes de toda a aldeia de Jaribâtiba. » Anch. *RIH.* 1846, 255. « Vivião elles [indios] em ranchos e em casas bem seguras.. formando *tabas* ou aldeias, circumdadas de uma cahiçara ou trincheira.» Norb. *RIH.* 1854, 123. || 2° cada uma das casas dos indios, as quaes reunidas formavão a povoação. « Nas terras dos carijós, gentio do Brazil, a cada casa ou palhoça sua chamão *aldeia.* 35 casas são 35 aldeias. Fern. Guerr. liv. 4 das *Cois. do Braz.* p. 199». Bl. *suppl.* « E casa [ou *oca*] ha que tem duzentas e mais pessoas». Cardim 9. || 3° povoação de indios mansos, vivendo junctos sob o man-

do de um director, que costuma ser padre ou frade missionario, ou militar reformado. « Em suas aldeias [dos Jesuitas] reinavão os dias de paz, alegria e bonança da edade d'ouro. Comsigo levavão pelos desertos os indios convertidos a attrahir os que vivião ainda na rudeza da ignorancia. Por meio de presentes .. os acariciavão .. Formavão depois as aldeias, que deixavão sob a guarda e vigilancia de dois missionarios. » Norb. cit. 138. « A falta de missionarios me tem inhibido de fazer algumas tentativas no sentido de reanimar as principaes aldeias actualmente em quasi completa decadencia, e de crear outras no alto Purús, onde sei ha tribus dispostas a abraçar a civilisação. » Wilk. de Matt. *Relat. Pres.* Amaz. 1870, 30. || 4° pejor. e erud., povoação insignificante pelo numero e qualidade das casas, quer seja freguezia, quer villa, ou mesmo cidade. || ETYM. ar. *ad-daiâ* predio, immovel. Sz.; *adh-dhaiâ* pequena povoação. Eng. Com Sz. concordão Diez e Devic. Blut. deriva do gr. *aldainein* augmentar, accrescentar. Vit. do longob. *aldius*, *aldio*, donde *aldios* aldeões, *aldearicias* casas separadas dos semiservos das fazendas; mas, observa Diez, precisava interpretar a terminação *ĕa=eia*. || HIST. nos secs. XV e anteriores, chamava-se *aldeia* a uma só casa rural. Vit.; donde o 2° signif. attestado por Fernão Guerreiro. || LEX. PORT. povoação rustica, sem jurisdicção propria; o campo, em contraposição á cidade ou villa (no Brazil, *roça*). || SYNON. 1° *taba* no littoral; *toldo*, *toldaria* no Paraná e RGS.; *maloca* no Pará e Am.; 3° *aldeiamento*; 4° *arraial*, *povoação*, *povoado*, *villorio*.

aldeiado adj. e sm., reduzido a vida colonial; indio manso, que vive em aldeiamento. « O cacique Victorino Condá, chefe dos indios mansos aldeiados em Palmas. » Ermelino *Rel. Pres.* Paraná 1871, 19.

aldeiamento sm., povoação de indios, sob a direcção de missionario ou de auctoridade leiga. « Os indios voltarão satisfeitos para o aldeiamento, tendo tambem recebido alguns brindes que pedirão. » Ermelino *Rel. Pr.* Paraná 1871, 19. « Aldeiamento de S. Pedro de Alcantara: é o mais importante da provincia, e está sob a direcção de fr. Timoteo de Castelnuovo .. Aldeiamento de S. Jeronymo; é dirigido por fr. Luiz de Cemitile .. Aldeiamento de Paranapanema, continua sob a direcção do cidadão José Antonio Vieira de Araujo. » Lamenha Lins *Rel. Pr.* Paraná, 1876. « Estabeleção-se officinas, abrão-se asylos nas localidades mais proximas dos aldeiamentos do gentio, onde se recebão exclusivamente orphãos e menores indigenas. » J. Paranaguá *Rel. Pr.* Amaz. 1883, 45.

aldeiar va., reunir indios em povoação, formar aldeia. « Recebi ordem para mandar aldeiar indios em Marrecas, no municipio de Guarápuava. » C. A. Carvalho *Rel. Pres.* Paraná 1882, 84. « Hordas immensas de selvagens, alliciadas pela piedade fervente dos religiosos capuchinhos .. já procurão aldeiar-se. » Villa-da-Barra *Rel. Pr.* Min. Ger. 1876, 25. || SYNON. *amalocar*.

alevantado pp., mais us. como adj., elevado, exaltado, remontado, sublime. «Estylo alevantado ; linguagem alevantada ; feitos alevantados ; qualidades alevantadas. » || ETYM. pref. *a*+th. *levant*+suff. pp. *ado.* || HIST. este termo, ant. em Port. e no Br., foi entre nós rejuvenescido por influencia de Alvares de Azevedo, cuja prosa turgida era tida em conta de linguagem muito *alevantada*, e d'aqui passou para Lisboa. Com o mesmo direito com que os litteratos renovão este archaismo, pode o povo formar *abastar*, *alembrar*, *avexar*, *avoar*, *azangar* etc., e podemos, nós brazileiros, usar sem reparo d'essas protheses, que têm por fundamento a lei da analogia.

alevante sm., 1° levantamento popular contra alguma auctoridade ; sublevação de povo ; insurreição de escravos. || 2° aleive, calumnia, accusação falsa. || ETYM. pref. *a* para, contra+th. *levant*+desin. *e*. Cp. *acceite*, *esquente*. || HIST. port. ant. *alevanto* alvoroço, motim, estrondo, descomposição de palavras, ralhos, disputas, contendas. Vit., sec. XIV. Roq. dá *alevanto* sublevação. || LEX. PORT. *levante*.

alfafa sf., luzerna, *Medicago sativa* L., leguminosa ; excellente forragem para o gado. || ETYM. ar. *al*+*halfa* trevo, esparto, *Fœnum Burgundiacum*. Eng. ; hisp. *alfalfa*.

alfaque sm., pego, cova funda, com ou sem redomoinho, buraco no mar, formado pela deslocação da areia, nas paragens onde se toma banho. || ETYM. ar. *al* + *heqqe*. || GEOGR. Cabofrio (R. Jan). || LEX. PORT. fenda da terra ou quebrada que fórma o pego ou lago quando sécca. Moura; pego fundo. Mor. Engelmann desconhece o signif. e pergunta: «banc de sable ? bas fond ?» Aulete, porem, não teve duvidas, e foi traduzindo: « banco de areia, recife. » || SYN. *perâu*.

alqueire de medir em muitas partes do Brazil tinha cinco quartas, e chamava-se «medida velha». || ETYM. *alqueire* vem do ar. art. *al*+s. *queil* medida. || GEOGR. R. Jan. (Cabofrio), Paraná, Min., Mgr.

alqueire de terra, superficie onde se póde plantar um alqueire de milho. || GEOGR. Em S. Paulo e Paraná, equivale a 5000 braças quadradas ou um rectangulo de 50 braças de testada com 100 de fundos. Em Minas Geraes e serrácima do Rio de Jan., ha dois typos: um de $75^{br} \times 75^{br} = 5625^{br^2}$ (alqueire de Cantagallo) ; outro de $85^{br} \times 85^{br} = 7225^{br^2}$ (alqueire de Minas). Na mata, está se adoptando, de certo tempo a esta parte, o *alqueire geometrico* chamado, equivalente a um terreno de 100^{br} em quadra$=10000^{br^2}$. *Direito*, XV, 102. Em Port., tambem varia muito esta medida, como se pode ver em MS. *Tr. Jur. Pract. da Med. e Demarc. das Terr.*, II, 492. « Calculou-se serem as roças de 4 a 5 alqueires de planta de milho.» 1850 Vic. Ayr. *RIH*, 1851, 441.

aluá sm., bebida refrigerante, feita de farinha de arroz ou de milho com agua, fermentada em potes de barro ; «bebida de farinha de milho torrado com agua adoçada.» Juv. Gall. « No primeiro reinado, o refresco em voga, foi o *aluá*.. O pote

de aluá sahia para o meio da rua, e o povo refrescava-se ao ar livre, a vintem por cabeça». França Jr. *Gl.* 19 nov. 81. || ETYM. m.-ar. *haluah*, *halauah* doce secco, doce de fructa confeitado. Marcel. *Aloá*, diz Blut.; doce o mais commum de todo o Oriente, compõe-se de farinha de arroz, manteiga e jagra (que é o assucar da palmeira); e accrescenta que os portuguezes da Asia o estimão tanto como os orientaes, e pronuncião *aluá*. Parece vir da mesma origem arabe o bd. *ualúa* especie de cerveja de milho (Cap.-Iv.), o massongo *ualla* bebida feita de milho fermentado (Lux), correspondente ao *kimbombo* dos bailundos e a *garapa* de outras terras d'Africa. Mor., 5ª ed., dá por etym. *lua* agua [?] na lg. dos negros *aüssás* (aussas) da Costa da Mina. || HIST. levado á Africa central pelos mouros ou berberes, traficantes de escravos; e de lá trazidos por estes e pelos pombeiros para a costa occidental, donde o recebemos. Accresce que os portuguezes da Asia devião tel-o introduzido na Africa e na America. Vj. *cuscús*. Mor., 1ª ed., já dá como t. braz. significando « bebida de arroz com assucar fermentado em agua ».

alvarenga sf., «barco pequeno que serve para conduzir generos de commercio ». Rub.; « embarcação de carga e descarga dos navios. » Cam. «Em Pernambuco dá-se este nome a uma embarcação de forte construcção, guarnecida de remos, que se emprega no serviço de carga e descarga de navios fundeados, principalmente no Lameirão». *DMB*. || ETYM. ? Temos o nome proprio de familia, *Alvarenga*; *inde ?* || SYNON. *barcaça*, *bateira*, *perú*, *saveiro*.

am[1]=*ão* (breve), desin., vj. *ão*.

-Am[2] suff., em pé, erguido, firme., sobranceiro, tezo : t. tp.-guar., entra na composição de algumas palavras brazileiras.

amadrinhar va., 1º «acostumar os cavallos a persistirem juncto de uma egua, a que se dá o nome de *egua-madrinha*. O cavallo assim acostumado se diz *amadrinhado*. » Cor. || 2º guiar um animal a tropa, indo adeante com a campainha no pescoço, regularisando-se ao som d'ella os passos das bestas. «Tropa bem amadrinhada» é a que se habituou ao som e compasso da campainha, e se não extravia. || 3º fig., disciplinar multidões, indo á frente commandando. || ETYM. pref. *a* + sf. *madrinh* (*a*) qv. + suff. vb. *ar*. || GEOGR. Min., Mgr., SP., Paraná, serracima R. Jan., RGS.

amago-furado sm., « molestia que ataca o fumo. » Rub.

amalgamento sm., resultado da amalgamação (combinação do mercurio com outro metal); combinação, confusão, mistura de coisas diversas. || ETYM. formação incorrecta; pois, vindo do v. *amalgamar*, devia ser *amalgama* (*r*) + suff. *mento*, =*amalgamamento*.

amalocado pp. de

amalocar va., metter indios em maloca; reunil-os em aldeia. || ETYM. pref. *a* + s. *maloc* (*a*) + suff. vb. *ar*.

amalucado pp. de

amalucar-se vr., ficar maluco; andar malucando. Usa-se mais do v. *malucar* e do pp. *amalucado* como

adj. || ETYM. pref. *a* + adj. *maluc (o)* qv. + suff. vb. *ar*. Cp. *abobado, abrutalhado, adoidado, aparvalhado, apascaçado, apatetado, atoleimado*, formações identicas de palavras synonymas.

amanhecer vn., passar a noite. || GEOGR. esta phr. usualissima e peculiar do Paraná : « Como amanheceu ? » equivale a estoutra do littoral : « Como passou a noite ? » No R. Jan. aquella pergunta só se faz a quem, por encommodos physicos ou moraes, tinha razão de passar a noite mal, e desejamos saber si com a manhã melhorou ; ou então, a quem deixámos depois da meia noite e queremos saber como lhe foi o resto d'ella.

amar va., ter amor, dedicação, affeição viva e forte por pae e mãe, pela mulher, pelos filhos, pela amante: t. erud.; o pop. é *estimar, querer bem*, como já observou B. Caet., *Rasc.* 168. || HOM. *gostar de*, gallicismo usual entre escriptores do Chiado e da rua do Ouvidor, avezados á leitura dos livros francezes.

amarrar va., 1° ajustar ou apostar carreiras. «Quando está concluido o ajuste d'ellas, e algumas vezes com papel de tracto, se diz estar a carreira atada ou *amarrada*. » Cor. || 2° concluir ajuste definitivo sobre qualquer assumpto, e não sómente sobre corridas de cavallos. «Amarrar o tracto, amarrar o negocio». || SYN. *arreglar, atar*.

amassador sm. logar onde se amassa qualquer coisa, barro, cal, pão etc. || ETYM. port. *amassadouro* (que nós pronunciamos *amassadôro*, e elles *amassadôiro*. Aul.)—*o* final, que cahe, ficando *amassador*, que já vai por sua vez perdendo o *r* e dando *amassadô*. Cp. *babador, bebedor, tombador*.

ambicioneiro adj., ambicioso. || ETYM. form.reg. do th. lat. *ambition (e)* +suff. *eiro* abl. do suff. lat. *arius*, que significa habito permanente, e tambem habitos vulgares, menos nobres. || GEOGR. matta de Minas.

ambos-e-dois, ambos-os-dois, ambos, os dois, um e outro. « Ai de mim ! ai de você ! Ai de nós ambos e dois ! Ai de mim primeiramente ! Ai de você ô depois !» Mod. pop. Maricá (RJan.) « Ambos os dois (á italiana) mandão (são *mandachuvas*, dizem no norte) contra o senso commum, contra os factos, contra tudo. » BC. *Rasc.* 153. || ETYM. ital. *ambi i due*. Na primeira expr. vê-se que a conj. *e* é trad. do art. pl. *i* do ital. || GEOGR. litt. RJan.

ambrozô sm., comida feita de farinha de milho, azeite de dendê, pimenta e outros temperos. Syl. Rom. ap. BR. || ETYM. ¿ jor.

amendoim sm., corr. erud. do tp. *mendubi* = *mendobi* qv., por intercurrencia de *amendoa*.

americanizar va., tornar americano ; fazer á americana, como fazem os Americanos do Norte ou habitantes dos Estados-Unidos, e como os americanos devem fazer, diversamente dos europeos. « Ao nosso patriotismo cumpre americanizar as nossas institituições politicas.» Apd. JC. 2 ag. 88. || ETYM. adj. *american (o)* + suff. vb. *izar* imitativo e frequentativo.

amigação sf., acção de amigar-se.

amigado pp. de

amigar-se vr., amancebar-se, amasiar-se.

amilhar va., dar ração de milho aos animaes; tractal-os com bastante milho. || ETYM. pref. *a* + s. *milh* (*o*) + suff. vb. *ar*. || GEOGR. serrácima R. Jan., Min., SP., Paraná, RGS.

amistade sf., amizade. || ETYM. hisp. *amistad;* prov. *amistatz;* cast. *amistat*; ital. *amistà*; fr. *amitié*; port. *amizade*; lat. * *amicitas*, abl. *amicitate*. || GEOGR. entre caipiras no Paraná. Presidindo nós o jury da Curitiba, em 1876, uma testimunha, mulher, natural da provincia, d'onde nunca havia sahido, perguntada aos costumes, disse «não ter maior amistade ao reo». || Cp. *inimistado*, *amistoso*.

amo sm., senhor, dono de escravos. «Essa prizão foi solicitada pelo sr. .. na qualidade de amo do dicto negro; mas este declara ser livre.» Red. *JCC.* 13 nov. 85. || ETYM. fórma masc. de *ama*, do abl. fem. do lat. *almus** criador, que nutre, faz viver; b. lat., hisp. *ama*. Sz. e S. Luiz derivão do hebr. *am* mãe; *amah*, *amim* ama; de *aman* criar, instruir, educar. || HIST. a origem do desvio da significação de *amo* foi um euphemismo. Os sertanistas conquistavão os indios, e reduzião-nos a captiveiro; como, porem, vedava-lhes a lei, e os Jesuitas, sob a capa da religião, mas impellidos pelo interesse proprio, os estorvavão de tel-os por escravos, os senhores, fingindo tutela officiosa e hypocrita, pretextavão ser apenas *amos*, não *senhores*, e ter os indios por *criados*, *administrados*, não *escravos*; e ahi entrava a significação usual port. de *amo*. Erão na realidade *senhores*, não *amos*, e crudelissimos; e os desgraçados indios, *escravos*, reduzidos á condição mais lastimosa, á condição de coisa, que se vendia, trocava, alugava, doava, e legava por testamento, como vemos no de Lucrecia Leme (*Geneal. das fam. Botelho* etc., 147): «Declaro que *tenho em meo poder* alguma *gente do Brazil forros, e por taes os deixo*, e *estejão* com as pessoas *que m'os derão*, como foi o meo neto .. E assim nos mais netos que *me derão sua gente, de que me sirvo até o presente*, e *se lhes entregarão* os que forem vivos *por minha morte;* e sendo viva uma *moça* por nome Paula, se *entregará* a minha filha Luiza Leme, *por lhe pertencer*. Declaro que tenho mais algumas *pessoas forras que me coubetão por morte de meo irmão* Braz Esteves, as quaes peço *estejão com meos herdeiros*, e elles as tractem bem, e as doutrinem, e lhes dêm o necessario, *e as não vendão;* no que desencarrego minha consciencia.» Este testamento é de 1645; e um seculo depois, ainda o bispo do Pará d. fr. João de S. José, na *Viagem e Visita do Sertão* na sua diocese (1762), estigmatizava esse euphemismo tartufo dos que ajustavão com o gentio do Xingú, «devendo receber *tantas peças*, isto é, *indios de serviço*, a troco de outras coisas, persuadidos n'aquelle tempo que, como livravão da morte a muitos, lhe podião tyrannizar contra a vontade dos proprios a liberdade, que estimão mais que a vida, fazendo assim *illicitos captiveiros* palliados com o *especioso*

titulo de resgates: » *RIH.* 1847, 68. Era inaudita a barbaridade dos brancos, os intitulados *amos.* « E' bem verdade (refere o A. do *Thesouro Descoberto no rio Amazonas*) que alguns brancos são reprehensiveis pela crueldade de que usão muitas vezes com os indios, pelos terem mortos uns á vehemencia de açoites, e, quando pouco, a outros tem posto ás portas da morte ... *E visto que os açoites são os castigos mais convenientes e proporcionados para os indios,* como a experiencia tem mostrado .., é *louvavel* o castigo de só 40 açoites, *como costumavão os seos missionarios.*» *RIH.* 1841, 47. Esse euphemismo de *amo* por *senhor,* essa dissimulação de *resgate* em vez de *reducção ao captiveiro,* esse disfarce de *entregar um forro que se recebeu dos paes* por não dizer que *legava ao filho o escravo herdado do pae,* prova que a lei não consentia nesses abusos, mais que abusos, crimes, tanto mais nefandos quanto erão infames os motivos da perpretação: contra o sexo fraco, a concupiscencia sem o freio da moral; contra os homens, a molleza da ociosidade, atolando-se o portuguez, o paulista, o boava, em toda a sorte de vicios com os ganhos do suor do indio escravizado. « A legislação portugueza, observa Machado de Oliveira, .. teve ao menos a virtude philologica de modificar palavras sem que mudasse a essencia da coisa sobre que dispunha .. Si antes d'ella os indigenas vivião na condição explicita e genuina de escravos, n'esta condição persistirão elles subsequentemente, embora o legislador procurasse neutralizal-a; mas, em vez de serem chamados *escravos,* como d'antes, foi esta palavra substituida pelo epitheto menos odioso de *administrados,* que em nada alterou a primordial condição.» *RIH.* 1846, 210. Depois da introducção dos africanos, a pal. *negro* foi ficando syn. de *escravo*: no Paraná ainda se diz « meo negro », quando no geral das provincias se diz «meo escravo», e alli ainda que o escravo seja cafuz, mulato, pardo, caboclo, não-negro emfim; e a expressão «meo negro» é a correlata de «meo amo». || GEOGR. SP., Paraná, SC., RGS. || LEX. PORT. aio; dono de casa; patrão; estalajadeiro. || SYN. a « meo amo » nas provincias mencionadas corresp. em Min., R. Jan., Bahia e outras do littoral « meo senhor. » *Amo* n'estas é patrão do criado ou camarada.

amocambado part. pass. de

amocambar va., ajunctar, reunir em *mocambo* qv. || SYN. *aquilombar.*

a mode que corr. pop. de

a modo que loc. adv., como que. Castilho disse: « Ás vezes sinto a vista a modo turva » (ap. Aul.); no Brazil dir-se-hia «a modo que turva» Na seguinte anecdota da *GN.* 5 jan. 84 sahiu gryphada, como se costuma fazer na transcripção da linguagem incorrecta do matuto, essa locução, aliás correctissima, pois é brazileira de lei. « *A modo* que conheço o senhor. — E' possivel. — *A modo* que conheci seo pae. — Tambem é possivel. — *A modo* que elle era sapateiro e que estes sapatos que tenho nos pés forão feitos por elle. — Tambem é possivel, porque meo pae era ferrador. » O tal matuto po-

dia não ter sciencia; mas com certeza fallava lingua de branco (ao menos cá do Brazil, nossa terra).

amojada adj., «vacca que está prestes a parir; o que se conhece pelo *amojo.*» Juv. Gal. || ETYM. pp. de *amojar* encher de leite o ubre. || HIST. ant. em Port., vig. no Braz. || GEOGR. Ceará.

amolação sf., discurso ou acto com que se aborrece, desgosta, molesta ou caustica a outrem.

amolador adj., massante, aborrecido, enjoado. «Diz-se de um homem que falla pelos cotovellos,.. que se nos mette em casa para tomar chá e conversar até as duas horas da noite:—é um amolador, é um cacete! » Folh. *JC.* 2 mr. 83. «Os amolladores [*sic*] são o que Molière chamava *impertinentes;* o que nossos paes denominavão *importunos.*» Red. *MSM.* 14 jun. 85. || HIST. Roq., em 1867, ainda não dá noticia d'este signif.; tral-o Aul., 1881. Já o tinhamos na Corte desde antes de 1860, tirado de um italiano que percorria as ruas, de rebolo nas costas, offerecendo os seos serviços e gritando em voz fanhosa, de espaço a espaço e sempre no mesmo tom:—*Amolador!... amolador!...* D'ahi, *amolação* e *amolar.* Cremos (si nos não falha a memoria) que França Junior foi o primeiro que introduziu a palavra na imprensa, pelos annos de 1858 ou 1859.

amolar va., aborrecer, desagradar, desgostar, enfadar, enjoar, entediar, massar. «E' mister que o sr. .. mude de linguagem, e não continue a amolar o publico, repetindo tantas vezes que deixou espontaneamente o seo cargo.» Apd. *JC.* 13 jun. 85. || ETYM. siginificação translata da accepção natural de *amolar* faca, tezoura, ferramenta em geral, na pedra de amolar ou no rebolo, produzindo certo chiado continuo, que irrita os nervos dos impacientes. || LEX. PORT. D. Vieira traz estes signifs., apenas na forma refl.: «*Amolar-se,* na linguagem da giria, acharse em difficuldades; procurar modo de sahir d'ellas; ver-se abarbabo ou mettido em talas. *Estar-se amolando,* isto é, em linguagem vulgar, estar-se preparando para o que succeder; prevenindo-se.» No Brazil não é tanto assim: *amolar-se, estar-se amolando* é acharse em difficuldades, abarbado com algum massante, ver-se em talas, n'um caso grave; mas independente da ideia de prevenção.

amolecado part. pass. de

amolecar va. e *amolecar-se* vr., sevandijar, desmoralizar, tractar indecorosamente pessoas ou coisas, ridicularizar uma *funcção,* uma sociedade; proferir graçolas inconvenientes, practicar acções indignas de homem serio, tornar-se moleque emfim. || ETYM. pref. *a* + s. *moleq (ue)* + suff. vb. *ar.*

amostrinha sf., certo tabaco em pó.

andador adj., cavallo cujo passo habitual é a *andadura.* Cor.|| GEOGR. B. Roh. dá como t. do RGS.; é tambem us. na baixa e em serrácima do R. Jan., matta de Minas, por toda a parte onde é empregada a pal. *andadura.* || HIST. Roq. já o havia recolhido. || LEX. PORT. que anda muito; que avisa (nas irmandades); carrinho em que andão meninos; official d'almotaçaria.

andadura sf., passo em que a cavalgadura levanta successivamente a mão e pé com movimento egual, andando assim com velocidade e commodo. DV. Entre nós é tido por incommodo esse passo, ao menos cá no littoral, onde se prefere muito o cavallo marchador.

andar de déu em déu loc. pop., andar de festa em festa; passar a vida aqui e alli em pagodes; suciar todos os dias. « Isto vai de déu em déu. E assim domingos passemos; De modo que sempre busquemos Divertimentos. » SR. I, 154. || ETYM. curiosa traducção pop. do hymno festivo *Te Deum laudamus* da egreja, onde o acc. lat. *te* converteu-se na prep. port. *de; dèum—dèum—dèum*, repetido pelos cantores no côro, passou a *dèu—em—dèu—em—dèu*, pela transformação da termin. *um* na prep. *em*; e *laudamus* verteu-se por *lá vamos* na bocca de uns; e *andamos* na de outros. || GEOGR. RJan. SP. Min. etc.

andorinha sf., « carruagem de praça na cidade do Rio de Janeiro, tem quatro rodas, assentos para duas pessoas, um cocheiro, e é puchada por um só animal. » Rub.: definição que Dom. Vieira copiou, e Julio Cesar Machado reproduz no folh. *JC.* 5 jan. 85. « Grandes carroças appropriadas ao serviço de mudanças, conducção de moveis, pianos, vidros etc. V. Cabr. *Guia* 28. » No Rio de Janeiro é impossivel abrir fallencia a empreza de *andorinhas*. E' um transporte continuo de trastes de um lado para outro. » França Jr. *Folh.* 52. « Outra vez, tractava-se de safar um pobre diabo que ficara entalado entre uma andorinha e uma parede: o nosso Borges arranjou um ponto de apoio, metteu os hombros contra a andorinha, e esta virou e cahiu immediatamente para o lado opposto. » Al. Az. *Philom. Borg.* || ETYM. *andorinha* passaro; lat. *hirundo*, dim. fem. * *hirundina*. Allude á frequencia e rapidez com que essas carroças se movem pela cidade, cruzando-se em todas as direcções, como as andorinhas no espaço.

-anga suff., que tapa, faz sombra, envolve, escurece: entra na composição de algumas palavras brazileiras. || ETYM. br.

angá = angab = angaba pref., e suff., visão, apparição, phantasma, alma do outro mundo: entra na compos. de alguns vocabs. brazileiros. || ETYM. br.

angana sf., 1° a senhora, mulher do senhor. || 2° a filha mais velha da senhora. || 3° denominação familiar dos paes ás filhas. || ETYM. bd. *ngana* senhor; zulu *i-ngane* criança, *nguana* menino,—a. || HIST. o bd. *ngana* é masculino; o fem. é *ngana-mug'atu* senhor-femea. Cann., Lux; *ngana-muatu*. Cap.-Iv.; como, porém, para o senhor reservavão os nossos escravos o tratamento magestatico portuguez de *senhor* em absoluto e por excellencia, ficou *ngana*, aportuguezado em *angana*, para a mulher do senhor, intercorrendo a terminação em *a*, propria dos substantivos femininos || SYN. *yáyá, nhanhá, sinhá*.

angareira sf., « pequena rede rectangular de malhas miudas, com as cabeceiras cozidas em pequenas

varas em que segurão os canoeiros, e fixão no fundo da canôa, para n'ella baterem as tainhas quando saltão por cima da rede que as cerca e cahirem dentro de canôa. » Cam. || ETYM. encurtamento de *angariadeira* f. de *angariador* alliciador, recrutador, receptador? Cp. *angaria*, *angariar*, *angarilha*. || GEOGR. Bah., R Jan. (Cabo frio).

anginhos sm. pl., par de argolas de ferro, de abrir e fechar, para prender os polegares dos criminosos, dos recrutas e dos negros fugidos; *algemas* dos dedos. || ETYM. norm. e fr. *engin*; prov. *engen*, *engein*, *engienh*, *engin*; hisp. *ingenio*; ital. *ingegno*; port. *engenho*; do lat. *ingenium*, de *ingenere* produzir, gerar. Talvez de *angere* apertar, premer? O nosso voc. foi tomado n'uma das significações do fr. *engin* ratoeira, esparrela, armadilha, laço, instrumento de agarrar ou apertar pelo pescoço, pelos braços, pelos pés. «Un engin à prendre les rats. » Scarron; fig. « Un engin pour prendre les sots.» Voltaire; quebra nozes: «Un engin pour casser des noix. » Scarron. — A etym. de Aul., do lat. *angere* apertar, carece de justificação.||ORTHOGR. os lexs. ports. dão com *j* suppondo o voc. dim. pl. de *anjo*. || SYNON. *anilho*.

angola 1° adj. patron. 2, angolano, angolense, natural de Angola; negro; já us. por Greg. de Matt.: «Porque brancas e mulatas, Mestiças, cabras e angolas, São o azeviche em parolas, E as duas são duas pratas. » I, 281. Aqui, *angola* negra, preta. || 2° sm., capim d'Angola; *Panicum guineense*, graminea. « Fazenda denominada *Engenho de Serra*, com 400 alqueires de boas terras de cultura, sendo 40 em pastos de angola, com uma boa e bem construida casa, toda envidraçada. » Ann. *MSM*. 26 fev. 80. «As invernadas, quer sejão de angola ou de gordura, são completamente devoradas, ficando a terra reduzida a uma *marmellada* de bichos. » *Gaz. Sul Mineira* ap. *JC*. 25 fev. 86. || EYM. bd.

angostura, vj. *angustura*.

angú sm., 1° bolo de farinha de mandioca, de milho, de batata, fervida n'agua, com o qual se come a carne, o peixe, o carurú, o feijão, o quingombô etc. « Mascarado é papa-angú.» Gr. Matt. I, 60. «Quem tem dó de angú não cria cachorro. » Annex. pop. «Talvez com o fim de ganhar um prato de angú, avança-se a procurar defender uma causa que ninguem pode defender. » Apd. *GN*. 4 Maio 83. « Ha outros que morrem por um angú de quitandeira. » Apd. *JC*. 7 jan. 83. « Offerte-lhes o mel de jatahy, Que combate amargores do giló E adoça a insipidez do grosso angú.» P.e Correia, *Son*. || 2° fig., mistura confusa; trapalhada; mixordia. « Quanda a phrase deve ser dicta de um trago, com certa precipitação, Lucinda atrapalha tudo por forma tal, faz tal angú que nem o diabo a percebe. » Folh. *JC*. 7 maio 85. || 3° por ext., intriga, mexerico, mexida. || 4° massa ou qualquer preparação destinada a solidificar-se e que fica molle e não corta. || ETYM. bd.? br.? || GEOGR. acha-se o voc. em todo o Brazil e na ilha de S. Thomé, onde as papas similhantes ao *infundi* d'An-

gola têm esse nome. Parece levado de cá como forão *calulu* carurú, *churasco* churrasco, *fuba* fubá, *mandioca*, *mandubim*, *mingau*, *muqueca*, *pilão* pirão, em que vemos *r* tp. = *l* bd., tp. *á*, *ú* (agudo) final = *a* (grave) bd. || SYNON. O angú de farinha de mandioca ou de batata ingleza, ou de aipim tem o nome particular de *pirão*. O de farinha de milho é *angú de milho*. O de farinha de mandioca fervida em caldo de feijão é o *tutú* qv. *Angú de negra mina*, *angú de quitandeira* são guizados de carurú e outras hervas, com ou sem carne, muito apimentados, com ou sem azeite de dendê, engrossados com farinha de mandioca, de milho ou arroz. *Angú de fubá*. « Serve-se [com o carurú] angú de fubá de moinho ou de pirão de farinha de mandioca.» *Cozinh. Nac.* 52.

anguite sm. especie de angú de negra mina ou carurú da Bahia. BR. || ETYM. *angú* + *ite* suff. = *ito* dim. hisp. : *angúzinho ?* ou br. *itê* por *etê* bom, verdadeiro, legitimo, com o *e* final abreviado segundo a indole das linguas africanas do grupo *bantu ?* || GEOGR. Maranhão. || ORTHOPH. *an-gu-ī-te*.

angustura sf., logar estreito, passagem apertada, boqueirão ||ETYM. lat. *angustura*; hisp. *angostura*. || GEOGR. Paraná, RGS. || LEX. PORT. angustia : é t. obs., sg. Aul. || SYN. apertado, biboca.

anguzada sf., 1° « misturada de coisas, confusão, mescla. » Rb. || 2° intriga, mexerico, mexida de palavras e contos, como de quem mexe angú. || 3° reunião de pessoas de genio, opiniões e habitos encontrados, da qual só pode nascer a desordem e a confusão.

anguzô sm., especie de angú de quitandeira ou carurú bahiano. || ETYM. *angú* + *z* euph. + *ô* desin. que reporta a voz ao fb. e ao jor., nagô e outros idiomas da Costa dos Escravos, Costa da Mina, do Ouro e mais d'Africa occidental da região do Niger. Cp., *ambrozô*, *bovô* qv. em *acará*, *nagô*, *quingombô*, *zorô*.

anhanga sm., espirito errante, alma que vaga. M.; alma do mal, o diabo. BC. «O destino da caça do campo parece estar affecto ao *Anhanga*. A palavra *Anhanga* quer dizer sombra, espirito. A figura com que as tradições o representão é de um veado branco, com olhos de fogo. Todo aquelle que persegue um animal que amamenta corre o risco de ver o *Anhanga*, e a sua vista traz febre, e ás vezes a loucura. » C.Mag. *Selv.* II, 136. Parece que Couto de Magalhães engana-se: sombra, espirito é *ang ; anhang* é mais alguma coisa. ||ETYM. guar. *an*=*ang*, tp. *anga* alma, espirito+v. *nhan* correr, vagar. M. ; ou s. *ai* mal, ruindade + *ang*. BC: alma errante, espirito máo.

anhanguera sm., 1° diabo que foi e existe debaixo de outra forma ; ex-diabo. || 2° por ext., destemido, decidido, resoluto, valentão. || ETYM. br. *anhang* diabo + pret. nom. *uera* que foi uma coisa e hoje é outra. ||HIST. alcunha dado pelos indios ao grande sertanista e intrepido bandeirante Bartholomeo Bueno da Silva, sec. XVII. || ORTHOPH. *gue*=*gûê*=*gu-é*.

anilho sm., « corda pertencente á colhéra; é a parte que enlaça o

pescoço (do animal), e prende por um botão.» Cor., formando anel. ||ETYM. hisp. *anillo* anel. || GEOGR. Paraná, RGS. || LEX. PORT. Mor. define «argola de metal para enfiar ou prender corda etc.; especie de anel de ferro, que se abre e fecha, com que se prendem os dois dedos polegares aos criminosos que se levam presos: hoje diz-se *anjinhos*;» argola para enfiar cabos (naut.). Viterbo já dá *anilhaçar* prender com anilhos.

aningal sm., mato de *aninga*, *Arum liniferum*. Arr. Cam., aracea. «Esta planta encontra-se em Pernambuco abundantemente nos pantanos, dos quaes muitos estão quasi cobertos d'ellas.» Alm. Pinto. «Os feios arapapás côr de terra, de enormes bicos concavos maiores que a cabeça, grasnão amontoados nos perigosos aningaes, onde se aninhão tambem as truculentas sicurijús enroscadas em montes.» J. Veriss. *R. Am.* I, 192.

anonadar va., anniquilar, reduzir a nada. «S. Francisco é um mercado que se levanta para anonadar ao Paraná no seo commercio de matte.» P. c. *Dezen. Des.* Curit. 29 jul. 82. || ETYM. hisp., pref. *a* + s. *nonada* ninharia, bagatella + suff. vb. *ar*.

anoque=noque sm., «couro quadrado, com 4 varas costeando os 4 lados, porém mais curtas que estes, e as 4 pontas sobre 4 forquilhas para fazer decoada.» Cor. || ETYM. b. lat. *noccus* telha de chumbo servindo de rego, balde; v. a. all. *nôch;* v. fr. *nocq, nols;* fr. *noc, noue*. DV. deriva do blat. *noca*, que elle traduz «porção de terra». *Noca=nocha*, sg. DC., é *modus terræ* medida agraria, e não porção. *Legavit Christinæ filiæ suæ unam nocham terræ .. Tres nocas terræ, quas tenuit Willelmus.* || ORTHOGR. tambem *noque*, que mais confirma a nossa etym. || LEX. PORT. pellame onde se curtem couros.

ansim adv., assim. || GEOGR. t. obsol. em Portg. e em todo o littoral do Braz.; us. porém em muitas partes de serrácima, e particularmente no interior de S. Paulo e campos geraes do Paraná, até mesmo entre gente de boa sociedade.

anta s. 2, 1° *Tapirus americanus*, da ordem dos pachydermos, familia dos tapirideos. || 2° pelle ou couro preparado para obras de vestuarios. || ETYM. ? a anta americana tinha no Brazil o nome de *tapii*, *tapiira*, convertido pelos escriptores em *tapir*. || HIST. vj. *couro-d'-anta* cara dura.

-antã suff., vj. *tã=tan*.

antes (em), vj. *em antes*.

antes pelo contrario loc. adv. pop., pleonastica e muito expressiva, posta em voga na imprensa por Arthur Azevedo ap. *Folha Nova*, e sem razão extranhada por outras folhas da Corte, principalmente por Luiz de Castro no *Jornal do Commercio;* pois é port. e braz. de lei. «Tão longe estavão os portuguezes de seguir a ordem da construcção latina que, antes pelo contrario, o que mais frequentemente se observa nos documentos d'essas edades é...» S. Luiz, IX, 185. «Não tendo estas [sesmarias] até agora regimento proprio ou particular que as regule quanto ás suas datas, antes pelo contrario têm sido aqui concedidas por uma sum-

maria e abreviada regulação.» Alv. 5 oit. 1795 pr. «Antes pelo contrario, isto como já notámos, será anglicanismo ou germanismo, jámais gallicismo.» BC. *Rasc.* 140. || GEOGR. usualissimo em todo o Brazil.

anthontem adv., no dia immediatamente antes do de hontem. || ETYM. t. bil., da prep. lat. *ante* antes + adv. *hontem.* || LEX. PORT. antehontem. || ORTHOPH. o *e* de *ante* e o *m* de *hontem* cáem na pron. pop., *antonte.*

anû = anum sm., 1° passaro preto, da familia dos crotophagos, vive em bando, e serve ao povo de termo de comparação para a côr negra. || 2° dansa pop. ao som de cantigas de viola, a qual Cesimbra descreve assim: «Erão então as dansas [no RGS.] em ordem e debaixo de marcas como nas quadrilhas actuaes, e começavão assim: — Depois da roda feita, no *anú* por exemplo, dizia o marcante: *Roda Grande!*; a esta voz todos se davão as mãos, e ao dicto do mesmo marcante: *Tudo cerra!* a um tempo cerravão a sapateada de mãos dadas; á voz de *caaena!* fazião os dansantes mão direita de dama, como na quadrilha. Acabado isto, cantava o tocador da viola: *O anú é passaro preto, Passarinho de verão; Quando canta á meia-noite, Dá ũa dôr no coração ...* .... *Folgue, folgue, minha gente, Que uma noite não é nada; Si não dormires agora, Dormirás de madrugada.* Durante o canto, cada cavalheiro tomava a mão de sua dama e passava-lhe o braço por cima da cabeça, como na *meia-canha* e no *pericon;* e assim dispostos, comprimentavão-se com a cabeça mutuamente ..» pg. 93. || ETYM. BC. traz *anú=ani* aparentado, que vive na sociedade [de eguaes]: parece haver na pal. a raiz *anâ* parente, mas seguida do suff. *un* preto, negro. || GEOGR. 2° no litt. R. Jan. tambem se dansava esse fado; mas pronuncia-se *anúm.*

-ão[1] (breve) suff. vb. da 3ª p. pl. pr. indic. 1ª conj. e conjunct. das outras, e dos prets. imperf., perf. e plusq. perf. ind. de todas, hodiernamente substituido por *am* em Portugal, donde passou para o Brazil, desde a 2ª metade d'este seculo. O auctor d'este diccionario, engodado pelo genio de Garrett, que não escrevia de outra maneira, já usou d'essa esturdice; mas, confessa que errou, pois o *am* não reproduz o som do *ão*, como em *amão, vendão, partirão, puzerão*; nem está de accordo com a etymologia. Com effeito, *am* sôa *ă+m'=an+m';* *ão* sôa *ă+o=an+o.* Cp. *ão* longo de *christão*, lat. *christiano*, e *ão* breve de *orphão*, lat. *orbano=orphano*, e ver-se-ha que o som de *ão* é o mesmissimo, com a só differença da quantidade. Nem outra existe hoje, phoneticamente, entre o pret. *amárão* e o fut. *amarão.* Tambem não está *am* de accordo com a etym., que, sendo o lat. *ant*, passou para o port. como *ão.* E este som nacional de *ão*, que os portuguezes de hoje querem enjeitar, não porque seja difficil pronuncial-o, mas só porque os francezes o achão feio, é mais varonil e certamente mais bello do que o fanhoso *on* fr. e hisp. muito mais nasal; e pois, não vale

a pena trocal-o. Cp. fr. *raison*, hisp. *razon*, port. *razão:* o nosso ditongo é mais aberto, mais da bocca que do nariz; mais sonoro, portanto.—O *Jornal do Commercio* e a casa editora Laemmert nunca adoptárão a novidade de *am* por *ão*, e quando querem distinguir do futuro os preteritos perfeito e plusquam perfeito, os unicos tempos que se poderião confundir (e o evitar essa confusão, tão singular e tão accidental, tem sido o grande argumento dos mantenedores da innovação), accentuão a vogal da syllaba anterior á do *ão*, ou mesmo esta, assim: *amárão*, *amaráõ; vendêrão*, *venderáõ; vestírão*, *vestiráõ*. Como, em regra, as pals. ports. em *ão* são longas, basta realmente distinguir a excepção; o que se consegue por meio do accento na vogal da syll. precedente.

-ão[2] (breve) desin. de substs. e adjs., e flex. vb., tende a trocar-se por *on*, e a perder mesmo o som nasal pela queda do *ã:* ex. *orgão*, *ôrgon*, *ôrgo; orphão*, *orphon*, *orfo*, *orfons*, *orfos*, tal qual nos tempos primitivos. « Dos Mininhos Orfoos, a que dam Titores ata doze annos » inscreve-se o art. 51 dos das Cortes de Santarem (1369) ap. Per. e Sz. *App. ás Prim. Linh. Proc. Civ.* I, 27. O povo de todo o Brazil diz: « *Foron* elles que *contaron* o que *fizeron* e o que *deixáron* de fazer. »

-ão (longo) suff. augm., masculiniza os substantivos femininos, communicando-lhes as dimensões, a força, a virilidade do masculino: lei da energia, mais constante ainda no Brazil do que em Portugal. Exs. *baeta baetão*, *câsa casão*, *caixa caixão*, *faca facão*, *fita fitão*, *gala galão*, *jalapa jalapão*, *mulher mulherão*, *porta portão*, *vara varão*, *xacra xacrão* etc.

aonde adv., onde; direcção para, logar para onde se vai. « Onde vai? onde foi? » aonde vai? aonde foi? « Aonde está? aonde dormiu? » onde está? onde dormiu? || ETYM. lat. *ad* a, para + *unde* onde. Cp. *donde*, direcção de, logar *de* onde se vem: lat. *de* + *unde*. *Unde* onde exprime repouso, parada, estada *em* certo logar. || SYNT. erra-se muito empregando *aonde* por *onde*, e vice-versa. «Como todas as grandes capitaes aonde existe uma população heterogenea e onde os habitos sociaes .. têm creado uma situação penosa para as familias, aonde a má educação ..» Red. *Paiz* 27 mr. 86.

apalermado pp. de

apalermar-se vr., ficar pateta, tornar-se *palerma* qv., bobear.

apanhado sm., 1° apanha, apanhação, apanhamento; colheita em grosso; vista geral e rapida; avaliação de relance; exposição summaria. || 2° apanhamento, colhimento do panno do vestido em pregas quando se arregaça, andando. || 3° arregaço feito na saia do vestido para armar-lhe o *puf* qv. || ETYM. pp. substantiv. do v. port. *apanhar*, hisp. *apañar*, prov. *panar*, v. fr. *paner*, do lat. *pannus;* v. fr. *pan*, ital. e port. *panno*, hisp. *paño*, como demonstra Diez; e não do port. *pão*, como pretende Aul. || LEX. PORT. Aul. já dá; mas os escriptores do Chiado preferem o fr. *aperçu*, e ás vezes *coup d'œil*. Vj. Cap.-Iv.

apascaçado part. pass. de

apascaçar-se vr., torna-se *pascacio* qv., atoleimar-se, apalermar-se.

apecú = apecum, vj. *apicú.*

apedido sm., rubrica de artigos do *Jornal do Commercio* da Corte, sob a qual se inscrevem publicações de interesse particular, com a responsabilidade dos donos ou de terceiros (*testas de ferro* qv.), que não da redacção; secção não editorial. « Facto ha tantos dias denunciado pelo dr. .. e em apedidos commentado, e deplorado pela opinião publica. » Apd. *JC.* 23 abr. 83. « O abaixo assignado, deparando na *Gazeta* de hoje com um artigo inserto na secção dos *apedidos* e com a epigraphe acima, não pode deixar de vir dar a competente resposta. » Apd. *JC.* 28 dz. 83. « Vejão o *Jornal do Commercio* de ante-hontem nos seos apedidos. » Red. *GN.* 19 jan. 84. || ETYM. da rubrica cit., que se inscreve: *Publicações a pedido.* || ORTHOGR. alguns escrevem, com visivel incorrecção, no pl. *a pedidos;* e ha quem ainda accentue a prepos. « Nos á pedidos do *Jornal* de ante-hontem. » C. Mag. apd. *JC.* 20 jan. 85.

apendoar vn., botar pendão ou bandeira (o milharal). || ETYM. pref. *a* + sm. *pend(ã)o* + suff. vb. *ar.* || GEOGR. geral no norte; no sul dizemos *pendoar* qv. || HIST. em Mor. e Roq., ant. ornar, guarnecer com pendões (as náos etc.); Aul. já o não dá. Arch. em Port., vig. no Braz.

aperado part. pass. de

aperar va., arreiar, ajaezar o cavallo de sella. « Diz-se estar o cavallo *bem aperado* quando está ricamente ornado para montar-se». Cor. || ETYM. cast., s. *aper(o)* sella etc. + suff. pp. *ado.*

apero sm., e mais us.

aperos sm. pl., « os preparos necessarios para ensilhar um cavallo. » Cor.; « apparelho de guascas, com prata ou com corredores de tentos, para uso do cavallo: consta o apero das rédeas, do boçalete e cabresto, da maneia, cabeçadas, rabicho, peitoral e da trava, que se prende á maneia para segurar além das patas dianteiras uma das trazeiras. » Ces. « Em suas excursões, a ellas [mulheres] destinão [os indios] a melhor cavalgadura e *aperos* (arreios de montar). » M. Oliv. *RIH.* 1842, 177. || ETYM. cast. *apero.* || LEX. PORT. *apeiro* apparelho, preparo, trem, o necessario.

apertado sm., estreito, desfiladeiro, garganta de morros ou serras; estreitura de rio ou de caminho. « Dormi em um apertado que faz o rio. » 1850 Vic. Ayr. da Silva *RIH.* 1851, 441. || ETYM. pp. de *apertar* estreitar. || SYNON. *angustura.*

apicú sm., « *apicús* são as corôas que faz o mar entre si e a terra firme, e as cobre a maré; dão o barro para purgar o assucar nas fôrmas e para a olaria. » Antonil, 46. || ETYM. ¿ guar. *apecú* lingua (*apé* chato + *cu* longo), por serem os apicús verdadeiramente linguas de alagadiços que entrão pela terra a dentro? ou do guar. *apé* casca, crosta + adj. *cu* longo, comprido, por ter essa fórma a vasa deixada pelo mar, a qual, seccando no sol, na baixa-mar, racha e fragmenta-se em cascões? Propendemos para esta etym. como a que mais material e sensivelmente traduz o facto geogra-

phico, parecendo menos natural a metaphora conteúda na primeira; e assim, traduzimos *apecú* encoscorado, escamoso, superficie coberta de cascas duras e quebradas em tijolos irregulares. || ORTHOGR. adoptada a etym br. (e não vemos outra), preferimos *apecú;* mas o uso tem consagrado *apicú*, pela tendencia portugueza de trocar o *e* atono pelo *i*. || ORTHOPH. *apecú*, *apicú* no sul; *apecum*, *apicum* no norte.

apinchar, vj. *pinchar*.

aplastado adj., cansado, fatigado. «Pois vou esbarrar o pingo, Que já vai muito aplastado: Por outra vez te direi O mais comprido recado». Ces. 105. || ETYM. pp. do hisp. *aplastar* achatar, esmagar. || GEOGR. RGS. || ORTHOGR. BR. dá *aplastrar*. Cp. *emplasto=emplastro*, *emplastar = emplastrar*.

apojar va., «fazer o terneiro mamar segunda vez para se poder tirar o *apojo*.» Cor. || HIST. Blut. recolheu o sf. *apojadura;* Mor. o part. pass. *apojado*; DV. o v. *apojar* ; Cor. o sm. *apojo*: ver-se-ha, comtudo, e já em seguida, que, apezar da identidade da origem, ha differença essencial entre braz. *apojo* e port. *apojadura*, como se acaba de ver entre o braz. e o port. *apojar*. || LEX. PORT. vn., retezar-se, encher-se a têta em resultado da secreção do leite. DV.

apojo sm., « leite mais grosso que se tira da vacca, depois de terse tirado o primeiro: tirado o primeiro leite, faz-se o terneiro mamar segunda vez, como para chamar este segundo leite.» Cor. || ETYM. a de DV., do ital. *appogiatura* apoio, não é recebivel; e menos a de Aul., do va. ant. *pojar* desembarcar, do ital. *poggiare* ir para cima; navegar com vento em popa; soprar o vento; apoiar. *Apojar* parece corr. pop. de *apejar=pejar* encher, endurecer, entezar. Reteza-se o ventre da vacca *pejada* como se reteza o ubre da *apojada*. A prothese do *a* é frequente no braz. e no port. pop.; e a troca do *o* pelo *e* nada tem de extraordinario em quem, como os portuguezes, tem horror ás vogaes e pronuncia *pejar* e *pojar=p'jar*. || LEX. PORT. *Apojadura*, sg. Blut. e os outros, é abundancia de leite que vem ás vezes ao peito da ama ou da femea do animal; é *mais liquido* que o leite que lhe vem ordinariamente, e sahe com maior força, *ainda que não chupado da criança*.

aporreado part. pass. de

aporrear va., domar o cavallo contra as regras da equitação, viciosamente. « *Aporreado*, que se tem tentado domar, mas que não se consegue; domado viciadamente (cavallo).» Ces. || ETYM. pref. *a* + hisp. port. *porr* (*a*) massa, clava, cacete, porrete + suff. vb. *ear*. || GEOGR. RGS. || LEX. PORT. va. ant., dar pancada com porra ou porrete, vexar, atormentar, aporrinhar, educar brutalmente.

apparelho sm., t. de pescaria, o conjuncto dos seguintes utensilios: linha, anzol, chumbada, faca de escala e bodoque de pescar. || GEOGR. Cabofrio (R Jan.).

aprumo sm., 1° vertical, em posição erecta. || 2° fig., segurança de si, consciencia de suas opiniões;

convicção profunda. || 3° altivez, sobranceria. « A cada momento ouve-se o ruido soturno dos destroços que cahem. Decididamente ha falta de aprumo e de equilibrio. » Red. *Paiz* 8 jan. 85. N'esta phr., o voc. não parece bem empregado; pois o subst. *prumo* só por si exprimia bem a ideia do jornalista. Influencia do Chiado, onde aliás se diz mesmo em francez, *à plomb*, por ser mais elegante... ||. ETYM. fr. *à plomb*. Cp. *apedido*.

apuava adj., espantado, que custa a chegar-se, alçado: diz-se do cavallo. || ETYM. parece haver alli o rad. *puã* levantar-se, reagir, brigar, resistir; ou talvez *apó*, com os mesmos signif.; mas, o suff. *-ava* = *aba* = *haba* exprime circumstancia de modo, tempo, logar, instrumento, e não o agente, que é o suff. *-ar* = *har*. Só si é a pal. *abá* homem, abreviada, na passagem para o port., em *aba*, como succedeu com *emboaba*, transformação de *mbo abá*: então teriamos *apoabá* homem da briga, rusguento; e posterior translação para o cavallo. Sg. Cesimbra, os guascas, quando querem pegar o cavallo, chamão-no de *amo*, *patrão*. || GEOGR. Paraná, RGS. || ORTHOGR. *apoava ?* || SYN. *aragano*, *aruá*, *fuá*.

aquerenciar-se vr., « tomar querencia a algum logar: diz se especialmente dos animaes; tambem se diz que um animal está *aquerenciado* com outro quando vivem junctos ou se acompanhão. » Cor. || ETYM. cast. Temos o sf. port. *querença* affeição, boa ou má vontade a outrem, nos vocabs. *bemquerença*, *malquerença*; mas o v. *aquerençar-se* parece nunca ter existido. Os riograndenses do sul tomarão o voc. dos hispanhoes do Prata, que o formavão do sf. *querencia*. || LEX. PORT. Aul. dá *querencia* logar ou paradeiro onde habitualmente o gado pasta ou onde foi criado. Mas, o hisp. *querencia* é o port. *querença* affeição, amor, benevolencia, estima.

aquilombado part. pass. de.

aquilombar va.,-se vr., reunir, reunir se em *quilombo* qv. « Só a escravatura [de Caxias] computa-se em cerca de 20.000 africanos; o que muitas vezes ameaça o socego publico subtrahindo-se parte d'ella ao jugo do senhorio, e aquilombando-se nas mattas, d'onde em sortida vão roubar as fazendas circumvizinhas. » D.J.G.Mag. *RIH*. 1848, 277. || SYN. *amocambar*.

a quo phr. empregada com os vv. estar e ficar. « Estar *a quo*, ficar *a quo* » não entender, ficar em jejum ou na ignorancia do que se lhe explicou; não saber a licção. || ETYM. da declinação do pr. rel. *qui quæ quod* nas artinhas da grammatica latina, fazendo no abl. *a quo qua quo* ou sómente *qui*. A principio dizia-se « ficar *a quo* ou sómente *qui* »: depois supprimiu-se o ultimo membro da locução, que aliás era o seo sainete, Creação dos estudantes, como todos os latinorios que subsistem no port.

ar[1] sm., estupor (ar de), paralysia. « Apanhou o ar » ficou estuporado, arejado.

ar[2]=**ara** pref. e suff., nascer; succeder; cahir; receber; agarrar, prender: entra na compos. de algumas pals. braz.

-ar³=ara suff., agente, sujeito que faz a acção expressa pelo verbo : entra na comp. de muitas pals. brazs. || ETYM. guar. *ar=har=çar=car ;* tp. *ara* fazedor, possuidor, senhor.

araã! interj., exprime saudade ou surpreza agradavel. BR. || ETYM. ? guar. *araá = maraá = mbaraá* doença, doente (BC.): febre, quentura de doença daria para expressão de dôr. || GEOGR. Pará.

aracambús sm. pl., 1º « cruzetas feitas de páos encavilhados nas bordas da jangada, onde descança a verga da mesma.» Cam. || 2º « armação de páos infincados nos da jangada, com um no centro com forquilha, onde pendurão os utensilios da pesca. » Cam. || ETYM. tp. guar. *îbîrá* páo + *cambî* forquilha, páo cruzado. Cp. *araçanga, buraçanga, Itácambira* montanha em Minas (forquilha de pedra). O tp. guar. *îbîrá* deu *bîrá, mîrá, îrá* que apparece em *ará*. || GEOGR. 1º Bahia; 2º Al., Pern. e Ceará.

araçanga sf., « cacete curto que usão os jangadeiros para matarem o peixe já ferrado no anzol, quando chega perto da jangada para poderem collocal-o sobre ella sem perigo. » Cam. || ETYM. ¿ br. *ar* colher, tomar, agarrar + *açá* ir de travez, ir sobre, cortar em cruz, cahir obliquamente sobre, cahir de banda. ? Talvez melhor corr. pop. de *îbîraçanga* páo longo, páo largo, cacete, porrete. Cp *buraçanga*, que tem o mesmo signif. || GEOGR. Ceará.

aração sf., acção de * *arar ;* fome canina; precipitação no comer. || ETYM. v. *ar* (*ar*) + suff. *ação.* || GEOGR. Sergipe (SR.); litt. norte do R. Jan.

aracati sm., « vento mui forte que sopra de repente, no verão, ao cahir da noite. » Rod. Theoph. 15.; nordeste (Th. Pomp.), que sopra do lado do Aracaty. || ETYM. br. *ára* tempo, vento+*catú* muito. Cp. *atapú* e *minuano.* || GEOGR. sertão do Ceará e principalmente no valle do Jaguaribe.

araçazada sf., doce de *araçá,* fructa do *Psidium araça, P. pomiferum* L., araçazeiro: o fructo é descaroçado, fervido em calda de assucar, coado em peneira fina e engrossado em ponto de marmellada.

arachá, vj. *araxá.*

arado pp., morto de fome, com fome canina. || ETYM. pp. de * *arar* vn. offegar, estar anhelante, sem ar, estar rafado de fome. || GEOGR. Sergipe (SR.); litt. N. do R. Jan.

aragano adj., disparador; fujão; difficil de pegar se: diz-se dos cavallos. Ces. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS. || SYNON. *apuava, aruá, fuá.*

arajaué !, vj. *arayaué !*

aramador sm., fazedor de cerca de arame. Vj. ex. em, *alambrador.*

araponga sf., 1º psittaco muito conhecido, branco, pousa no cimo das mais altas arvores, d'onde solta os seos gritos metallicos e estridulos, que atrôão o matto; é o *chasmarhynchus* dos ornithologistas, o passaro martellante. || 2º fig., pessoa que falla gritando, de voz estridente. || ETYM. br. *ará* arara, papagaio grande +*ponga* p. pr. e adj. que sôa, batendo-se. || SYN. *ferrador.* Min.

arapuca sf., 1° «armadilha de varinhas para apanhar passarinhos. » Juv. Gal.; « para apanhar passaros. » Rub.; « aves, e mesmo outros animaes. » BC. « A passarinhada que o bom do fazendeiro caça em arapucas e laços de toda especie, para que não lhe destroce os milhares.» Patroc. folh. *GN.* 23 maio 81. || 2° fig., casa velha, esburacada, que ameaça ruina. «Ha muito, ha muitissimo tempo que todo o mundo reclama, supplica e pede pelo amor de Deos que se retire a justiça publica d'aquella arapuca fetida e fatidica [a casa do Jury da Corte]. » V. Mag. *GN.* 5 jan. 84. «Casa destinada para banhos.. .., sendo antes uma armadilha que uma casa em ruinas. Aquella arapuca conserva-se ainda alli para attestar o quanto os governos geral e provincial fazem caso de Caxambú.» Maxim. Serzedello *GN.* 20 jul. 84. || ETYM. BCaet. dá *arapug* cahir com estrondo, rebentar cahindo, comp. de *ar* cahir + *a* euph. + *pug* rebentar, estourar; furar-se, arrombar-se; bater; soar. Pode que, em vez de *ar* cahir, seja *ar* tomar, apanhar, prender, agarrar: e então seria o guar. *arapug* =tp. *arapuca* prender batendo; o que melhor se adapta ao fim da armadilha. Cp. *arataca;* e ao lado d'essas duas formas, *urupuca* e *urutaca* (Min., SP.), compostos de *urú* cesto, cóvo + *pug* + *tag* = *taca* estralar, bater com ruido, soar com estrondo. || GEOGR. littoral. || SYN. *arataca*, *urupuca*, *urutaca*, *urapuca* (Pará), *mundéu*.

arara sf., 1° nome generico dos papagaios grandes, fam. dos Psittacos, ordem dos trepadores. || 2° especie de papagaio grande, « tem as pennas do collo, pernas e barriga vermelhas, e as das costas, das azas e do rabo azues, e algumas verdes, e a cabeça e pescoço vermelho, e o bico branco e muito grande, e tão duro que quebrão com elle uma cadeia de ferro, os quaes mordem muito e gritão mais. Crião estas aves em arvores altas, comem fructas do matto e milho pelas roças, e a mandioca quando está a curtir. Os indios tomão estes passaros quando são novos nos ninhos, para os criarem; os quaes, depois de grandes, cortão com o bico por qualquer páo como se fosse uma inxó. A sua carne é como as dos canindés, de cujas pennas se aproveitão os indios. » G. Soares. « Em vão das flexas a purpurea arara Fugir-lhe espera! » Cl. Man. *Villa-Rica* c. III. || 3° fig., toma-se no mesmo sentido que o fr. *canard*, peta, carapetão, balela. «Comer araras» é ser victima de logro. « A historia toda é uma peta, uma grandissima arara, que ninguem engole. » Edit. *Braz.* 11 jan. 84. «Cobra com pernas?.. Oh collega! não será arara isso?» Red. *FN.* 17 jan. 85. || ETYM. guar. *ará*=tp. *arara*, que dizem ser onomat. do fallar da ave, «mas note-se, diz B. Caet., que *ara* exprime «dia, luz, aurora. » || HIST. A origem do *canard* vem de certo espertalhão que promettia castellos na Hespanha, vendendo *patos pela metade*, isto é, *meio* pato por um: d'ahi, «vender um pato pela metade » phr. simplificada em « vender um pato » tornou-se synon. de zombar, caçuar, pregar logro; pois vender *um*

pato pela *metade* não é vendel-o inteiro. Littré. A analogia da nossa phrase parece vir de serem a *arara* e o *canard* passaros grandes, aves corpulentas, e, não obstante o tammanho, ser capaz de engolir uma de um só bocado o credulo ou simplorio que come o mais grosso carapetão como si fôra verdade.

arataca sf., armadilha para apanhar aves e animaes de caça. || ETYM. vj. *arapuca.* || SYN. *arapuca, mundéu, urupuca, urutaca.*

aratanha sf., 1° vacca de pequena estatura. BR. || 2° especie de camarão pequeno. || 3° sapo pequeno. || ETYM.? a de *Aratanha* serra na provincia do Ceará parece vir de *ará* arara + *tãi* bico, trad. litt. do nosso *Bico do Papagaio* aqui na Côrte. O mesmo nome cabe ao camarão, que toma a forma adunca; mas, os outros significados? || GEOGR. 1° Piauhy; 2° e 3° Al. || SYN. 3° *intanha* qv. Alagoas.

araxá sm., planalto, vasta chapada no interior do Brazil, chapadão. «Os lagos [na região amazonica] são de grande belleza, sobretudo na parte da bacia que fica em cima do grande *plateau* ou *araxá* central.» Cout. Mag. *Selv.* II, 176. «Da immensa área da provincia [Mattogrosso] a parte maior está situada no vasto planalto central da America do Sul, e talvez o mais elevado *araxá* brazileiro.» Sever. I, 21. || ETYM. Couto de Magalhães tem esta pal. por tupi-guarani, composta de *ára* dia + *xá=chá* ver, «por ser o *araxá* a região mais alta de um systema qualquer [orographico?] e assim a primeira a ver e a ultima a deixar de ver os raios do sol.» Mas, sendo assim, tractando se de *logar onde*, esta circumstancia havia de ser expressa pelo verbal *hab=aba=caba*, dando *araechahab* (guar. *echab* ver), *arachacaba*, que se contrahiria em *aracháb* guar., *arachaba=arachava=arachaua* tp. Cp. *Ibiapaba, Paranapiacaba, Pindamonhangaba*. || ORTHOGR. com *ch.*, mais conforme á etym.; com *x*, usual.

arayaué! intj. «de aborrecimento causado pela repetição enfadonha de qualquer noticia já de todos sabida.» BR. || ETYM. tp. Talvez comp. de *arayá* todo o dia, sempre, de continuo + intj. *ué!* || GEOGR. valle do Amazonas || ORTHOGR. com *y* traduz se melhor o som do *j* da lg. ger., como si se pronunciasse *arai-iá-ué.*

areia-preta sf., «qualidade de rapé» (Rub.) da fabrica de Meuron, na Bahia.

areião sm., augm. de *areial.* «Cheguei a um areião ou banco de areia, que tinha uma extensão de mais ou menos 30 braças, em que quasi totalmente se descarregarão os barcos.» 1847 Ruf. Theot. *RIH.* 1848, 203.

areisco adj., areiento, «terra misturada de areia e salão, serve para mandioca e legumes, mas não para canna.» Rub.

arejar vn., apanhar o ar, sc. de estupor (paralysia), estuporar. || LEX. PORT. tomar ar; expôr ao ar; ventilar.

armar va., «nos engenhos de assucar, é arrumar a lenha na fornalha.» Rub., ou na bagaceira. «O pri-

meiro apparelho da lenha, para se botar fogo á fornalha, chama-se *armar;* e isto chama-se empurrar rolos e estendel-os no lastro (o que se faz com varas grandes que chamão *trasfogueiros*) e sobre elles cruzão travessos e lenha miuda, para que levantada chegue mais facilmente com a chamma aos fundos das caldeiras e taxas.» Anton. 71.

armarinheiro sm., **armarinhista** s. 2, negociante de miudezas, que constituem o commercio de armarinho. || LEV. PORT. *capellista*.

armarinho sm., 1º armario pequeno, onde se guardão miudezas. || 2º casa onde se vendem objectos de costuras e outras miudezas. || ETYM. *armar(io)* + suff. *inho* dim. O 2º sign., exclusivo nosso, vem de serem os *armarinhos* lojas pequenas, *armarios* comparados a *armazens*. || LEX. PORT. 2º casa de capella.

arranchar 1º vn., tomar rancho para descançar da viagem do dia; parar e dormir em rancho. || 2º — *se* vr., morar em rancho. «Arranchando-se fora da estrada em suas casas de esteiras, entrão [os guaycurús] dentro do forte de dia e desarmados.» 1795 Prado *RIH.* 1839, 55. || ETYM. pref. *a* + s. *ranch(o)* casa de palha, telheiro aberto + suff. vb. *ar.* || GEOGR. interior do Braz., especialmente Min., Mgr., SP. e Paraná, RGS., serrácima do RJan. etc. || LEX. PORT. *arranchar* nas signifs. tr., intr. e pron., é formado de *rancho* grupo de pessoas que se associão para qualquer fim, e particularmente para viajar e para comer. || SYNON. *parar, pousar*.

arrastão s. m., rede de apanhar peixe, varre tudo o que encontra, graúdo e miúdo.

arreador,

arrear,

arreata = **a reata,**

arreeiro vj. com *-rei: arreiador, arreieiro, arreio* etc.

arreganhar vn., «ficar o cavallo cansado a ponto de cerrar os queixos sem que se lhe possa tirar o freio.» Cor. || ETYM. pref. *a* + s. *reg(o)* sulco, vinco, contracção da face em gesto feroz ou de dôr profunda, trismo + suff. iter. *anhar.* || SYNON. *abombar, assolear, assonsar.*

arreglar va., ajustar, contractar, regular um negocio. «Segundo o *Conservador*, sete são os motivos que levão o redactor da *Gazeta de Noticias* á capital do Imperio, entre os quaes citaremos os tres seguintes.. .. arreglar e decidir questões de terras devolutas.» *Echo do Sul* [RGS.] 7 abr. 83. || ETYM. s. cast. *arregl(o)* + suff. vb. *ar.* || GEOGR. Paraná, RGS.

arreglo sm., ajuste, tracto. || ETYM. hisp. *arreglo* regra, ordem, regulamento. || GEOGR. Paraná, RGS.

arreiador sm., 1º tropeiro encarregado do arreiamento e do tratamento da tropa. || 2º chicote curto com que o cavalleiro toca a propria cavalgadura. «Um chicote (arriador) de cabo de páo, fingindo tecido de lonca.» *CEP.* 1875, 174. « Chegava prezo a Lages, um individuo.. que armado de uma faca e um arreador de ferro, tentou matar o fazendeiro.. residente na freguezia da Bagagem.» Red. *JC.* 12 jan. 84. || ETYM. vb. *arreia(r)* + suff. *dor* agente. || GEOGR.

Paraná, SC., RGS. || ORTHOGR. *arreador, arriador;* mas o th. é *arrei-*. || SYNON. *açouteira, tala.*

arreiar va., botar os arreios no animal. || LEX. PORT. *deitar, pôr* os arreios a *uma cavalgadura.* Aul. || ORTHOGR. *arrear, arriar* não reproduzem o th. que é *arrei-*, metath. do v. ar. *arriel* ornar, enfeitar.

arreiata loc. adv., pela corda, pelo cabresto. || ETYM. contracç. da prep. e art. *a* + sf. *arreiata* corda, cabresto.

arreieiro sm., encarregado dos arreios da tropa. || ETYM. s. *arrei(o)* + suff. *eiro* profissão. || ORTHOGR. port. *arrieiro.* || ORTHOPH. *arrerêro, arrièro.*

arreios sm. pl., «as peças com que se arreia um cavallo para montar, e são: suadouro, xerga, carona, lombilho, cincha, coxinilho (ou pellego), badana, sobrecincha ou cinchão, rabicho e freio com seos pertences.» Cor. «Especie de sella complicada, quasi que só usados aqui [RGS.], nas republicas do Prata e Paraguay.» Ces. || ETYM. Aul. dá para etym. de *arreio* e seos compostos *arreiar, arreiador, arreieiro, arreiata, arreiamento,* a interj. *arre!* usual entre os arreieiros (que elle escreve *arrieiro*); cremos, porém, que essa interj. arabe, derivada do v. *arra*, e que significa «anda! move-te! vamos!» Sz. não podia dar logar a um verbo que signif. ornar, vestir com garbo, decorar, enfeitar. E' duvidoso mesmo que interjeições produzão qualquer outra especie de palavras. Demais, o t. *arreieiro=arrieiro* é evidentemente formado de *arreio;* e este existiu antes que os *arreieiros* tornassem popular a sua exclamação favorita: *arre!* Estamos com Bluteau, que deriva *arreiar* = *arriar* do ar. *arriel* ornar, adornar, enfeitar, revestir; vestir, cobrir de adornos.

arribe sm., chegada, importação, «O commercio [do matte] está muito abatido .. Receiamos baixa ainda muito mais importante em vista dos proximos arribes que se esperão.» P. c. *Dezen. Dez.* Curitiba 2 ag. 82. || ETYM. cast. *arribo* chegada. || GEOGR. Paraná, RGS.

arrinconar va., «metter animaes em um rincão.» Cor.; encantoar. || ETYM. pref. *a*+s. *rinc(ã) o* = hisp. *rincon* canto, extremidade, logar escondido + suff. vb. *ar.* || GEOGR. Paraná, SC., RGS. || HIST. Bl. havia recolhido o pp. *arrinconado,* e Mor. o vr. *arrinconar-se.* Em Port., já houve *arrinconar,* que se tornou obsoleto; hoje é *arrincoar,* que Aul. diz ser pouco usado.

arroz-de-cuxá sm. comp., arroz cozido n'agua e sal, sobre o qual se bota o molho de *cuxá* qv.

arroz-de-ussá sm. comp., arroz cozido n'agua e sal, sobre o qual se bota carne secca frita, bem picadinha e bem temperada. || ETYM. de *Aussa* nação da Costa dos Escravos. BR. || GEOGR. Bah., Serg., Al., Pern. || ORTHOGR. *ussá* é contr. de *aussa.* O ult. *a* quasi longo: pron. *ău-çá,* com maior quantidade na 1ª syll.

articulista s 2., auctor de *artigos* de jornaes.

artigo, vj. *o* art.

aruá adj., desconfiado, espantadiço, indocil. Applica-se aos cavallos inquietos, que não se deixão facilmente apanhar, e antes correm quando o vão prender. ‖ ETYM. guar. *aruai* solto, desenvolto, escarnecedor: de *arõ* sorrir + *ai* mal. Talvez de *arú* revolto ; damnoso, malefico ; contrariador ; damnado, perverso + suff. part. *á* = *ar* agente. ‖ GEOGR. RGS.

arubé sm., «massa feita de mandioca puba, misturada com sal, alho e pimenta da terra, a qual desfazem no molho do peixe ou carne e lhe serve de tempero á meza. Tambem a chamão *uarubé*.» BR. ‖ ETYM. ? Temos em br. *carú* comida, sustento, e *bé* que dura, permanente ; d'onde *carubé* conserva de alimento. Mas então, a pal. seria *harubé*, que parece justificada pela forma *uarubé*. ‖ GEOGR. Pará.

arvore da Independencia sf., croton assim chamado por ter as folhas pintadas das cores nacionaes: verde e amarello. No começo do Imperio, os patriotas, em lucta com os portuguezes, distinguião-se collocando no chapéo, ou na casa da jaqueta, da farda ou da casaca uma *folha da Independencia*. « E ainda hoje, a sua presença é uma lembrança d'esse facto em todas as festas nacionaes; por isso, todos a cultivão. » Alm. Pinto.

assado sm., « pedaço de carne ordinariamente sem osso, para assar : tem já este nome antes de assado. » Cor. ‖ GEOGR. RGS.

assado-de-couro sm., « carne que se assa sem desunir-se do couro, em cuja parte se applica ao fogo. » Cor.

assahi sm., 1° *Euterpe edulis* Mart. ; *E. oleracea* Mart., palmeira. ‖ 2° «especie de alimento feito com a polpa da fructa d'este nome diluida em agua. Ajunctão-lhe assucar e tapioca ou farinha de mandioca, e torna se desta sorte um alimento nutriente e agradavel, apezar de um certo gosto herbaceo, que repugna aos novatos. » BR. ‖ « Saboreiem-a como si estivessem no Pará deante de uma cuia d'aquelle ineffavel assahy, que se bebe aos goles para não acabar depressa. » Red. *D.N.* 12 sett. 85. ‖ ETYM. *ïá* fructa + *çaî* que chora, bota agua. ‖ GEOGR. Am., Pará, Mar. ‖ ORTHOGR. acceita a etym., deve-se escrever com *ç* = *s* ; mas, está em uso com *ss*.

assaranzado pp., trapalhão ; abobado. ‖ ETYM. pref. *a* + s. *saranz* (*a*) qv. + suff. pp. *ado*. ‖ GEOG. Cabo-frio. ‖ SYN. *avoado*.

assaranzar-se vr., atrapalhar-se ; ficar tonto, abobado. ‖ ETYM. pref. *a* + *saranz* (*a*) qv. + suff. vb. *ar*.

assentada sf., «partida falsa, ou pequena carreira dada do ponto de partir pelos cavallos parelheiros antes de começarem a correr; costuma haver 1ª assentada, 2ª ou 3ª, ou ás vezes mais, conforme o tracto com que se amarrou a carreira. » Cor. ‖ ETYM. v. *assent* (*ar*) adaptar, ajustar, applicar, acertar, endireitar, preparar, collocar convenientemente, ensaiar si está justo + suff. *ada*.

asso adj., albino : homem de raça preta, que sae branco pela ausencia total do pigmento destinado

a colorir a pelle dos da sua casta. || ETYM. negros da costa occidental d'Africa, e do paiz dos Mumbutus, nas margens do Bahr-el-Ghazel.

assoalhar va., pôr soalho na casa. || HIST. já era vocab. braz. antes de figurar nos lexicos ports. Na 5.ª ed. de Moraes (1844), ainda de *assoalhar a casa* se remette para *assolhar*, que era o v. port., derivado de *solho*, o nosso *soalho* ou *assoalho*. Roq. (1867) traz *assoalhar* guarnecer a casa de *solho;* e não conhece *soalho* e *assoalho*. *Assoalhado*, e só, em Bl. *Suppl.*

assoalho sm., vj. *soalho.*

assolear vn., « fatigar-se por ter viajado ao sol, ou em dia de calor : diz-se do animal, principalmente si é gordo. E' quasi o mesmo que *assonsar.* » Cor. || ETYM. cast. *asolearse* insolar-se, queimar-se no sol.

assombração sf., susto causado por encontro ou apparição de alma do outro mundo, do diabo, do lobishomem, da çaipora, do curupira ou outra coisa sobrenatural; terror motivado por causa inexplicavel, fora da ordem natural, por sombra ou phantasma. || ETYM. th. *assombr-* = prep. *a* + s. *sombra* visão, espectro, phantasma, extra e super-natural, do outro mundo + suf. s. *ação*. Aul. dá *assombrar* vindo de *assombro*, e *assombro* de *assombrar*; e ria-se do nosso Moraes...

assonsar vn., « quasi o mesmo que abombar; mas não tanto. » Cor. || ETYM. de *sonso* velhaco que se faz de tolo? malandro que se faz de doente para não trabalhar? || GEOGR. serrácima R. Jan., mata de Min., Paraná, RGS. || SYNON. *affrouxar, cansar, assolear, assonsar, esfalfar, arreganhar, arrebentar.* No litt. do R. Jan., exprime-se a gradação assim : — O cavallo fica *lerdo* quando por priguiça ou manha habitual, ou cansaço, ou molestia, anda com difficuldade no passo costumado. *Affrouxou, está frouxo*, quando o cansaço o impede de andar na marcha costumada, e precisa leval-o a passo mais lento *Cansou, está cansado* quando precisa parar para *descansar*, pois nem a passo lento pode caminhar. *Esfalfou, está esfalfado* quando cahe arquejante. Estes dois ultimos tt. correspondem a *assonsar* e *abombar*. O *assolear* exprime antes a causa da molestia, a *insolação ;* o *arreganhar*, um symptoma, o trismo. Assim o cavallo *assonsou* quando *está cansado; abombou* quando *esfalfado*, ou, como tambem dizemos na beiramar, *arrebentado*. E talvez esta mesma ideia de *arrebentar*, *estourar* tenha dado nascimento ao v. *abombar* qv.

-assú = **guassú** = **uassú** suff., grande, grosso, grosseiro, saliente ; opposto a *mirim :* entra na composição de grande numero de nomes de animaes, plantas e logares. « Na ausencia do zumbi-assú, o sr. agente do correio recorreu ao zumbi-mirim de S. Gonçalo de Sapucahy. » Apd. *GN.* 17 set. 84. *Zumbi-assú, zumbi-mirim*, notavel formação bilingue : subst. bd. qualificado por adj. tp.-guar. || ETYM. br. || ORTHOGR. *açú* á hisp., *guaçú*, *uaçú*.

assucena sf., recipiente de vidro, em forma de lyrio, que se col-

loca nos castiçaes afim de aparar o espermacete que cahe da vela. || ETYM. port. *assucena* lyrio branco; ar. *alsusana*, do heb. *susan* = *zuzan*, cecen, lyrio.

assumptar vn., ouvir attento, escutar com interesse, dar attenção ao assumpto. « Ora me assumpte, nhá Tuca, que eu conto pra mecê como foi que o arreglo se amarrou » ora escute-me, d. Gertrudes, que eu lhe digo como foi que o tracto se firmou (trad. em linguag. do litt. d'aquella phr. que ouvimos no Campo-largo, Paraná). « O caçador que se embrenhar no serrado acautele-se ao perder o trilho e assumpte bem no que faz quando de novo o encontrar, porque muitas vezes é o curupira que o está enganando. » Alb. Torrezão *Fl.* 13 jul. 83. || ETYM. s. *assumpt* (*o*) qv. + suff. vb. *ar*. || GEOGR. SP., Paraná, RGS.

assumpto sm., attenção. « Dar assumpto» prestar attenção. || ETYM. confusão pop. dos dois tt. *attenção* e *assumpto*, empregados ordinariamente na mesma phraze e separados pela prep. e art. *ao*, pronunciado *ô* e confundido com a conj. *ou*. « Prestar attenção *ao* assumpto, *ô* assumpto, attenção *ou* assumpto. » Lei da intercurrencia. D'ahi, muito naturalmente o v. *assumptar*.||GEOGR. litt. R. Jan. Paraná.

assungar va., levantar, puchar para cima. « Assungar a saia; assungar o cesto etc.». || ETYM. pref. *a* + v. *sungar* qv.

atá va., andar: apparece só na phr: «Caranguejo anda ao atá », diz a cantiga, para signif. anda andando, á tôa, sem direcção, como succede quando elle está na desova. || ETYM. prep. *a* + 3ª p. sg. pr. ind. v. *atá*: *oatá* elle anda.

atacado (por —) loc. adv., em grosso, por juncto, não a varejo. «Vender por atacado». || LEX. PORT. vender atacado.

atacar va., t. d'engenh., dar começo aos trabalhos da empreitada. « Si o empreiteiro atacar os trabalhos de Macahé a encontrar os que vão de Capivary, o presidente da provincia encarregará um engenheiro das obras publicas da fiscalização d'aquelle trecho. » Emenda do dep. Pedro Luiz sess. ass. prov. Rio Jan. 26 oit. 86.

atalhar va., endireitar os arreios, concertal-os em ordem a não machucarem os animaes. || ETYM. pref. *a* + v. *talhar* cortar por molde ou por medida, ajustando a roupa ao corpo de modo que fique elegante e commoda. || GEOGR. interior do Br., Min., SP., Mgr., Goyaz.

atapú sm., « buzio grande ou caramujo, que serve de trombeta. O jangadeiro toca o buzio para chamar os companheiros, ou para chamar freguezes ao mercado do peixe.» J. Gal. || ETYM. br. *guatapú* = *guatapi*, que BCaet. decompõe em = *guatá* = *atá* andar + intj. *pi* ólá! então? vamos! depressa! Talvez do s. *atá* o andar, caminhada, viagem + *pug* o que sôa, a buzina. No Pará *uatapú*, guar. *oatá* elle anda + *pug*: anda soando, tocando buzina. || GEOGR. Ceará e outras provs. do N.

atar va., conchavar, concluir ajuste, contracto, mas de uma vez, de-

finitivamente, ficando o negocio *amarrado*. « N'estas reuniões [de caudilhos e peães nas pulperias ou vendas] se falla de carreiras [sc. de cavallos], se atão novas, se falla de marcações, de animaes extraviados, de assassinatos e disputas que têm havido na semana, de eleições &. » Con. Gay *RIH.* 1863, 835. || SYNON. *arreglar* é regular as condições do ajuste; *atar* é concluil-o, dal-o por feito e acabado; *amarrar* é implicitamente prometter não voltar atraz, sellar o pacto com a honra dos contractantes, ou com estipulação de signal adeantado, ou mulcta em caso de arrependimento, ou outra qualquer garantia do fecho do tracto. *Amarrar* é dar o nó em negocio *atado* depois do arreglo.

ataraú sm., furor. « Estar em ataraú » em furor, muito zangado. Araripe Jr. ap. BR. || ETYM. guar. *atá* fogo + *raú* á tôa, sem razão, ficticio, illusorio; exaltação de animo, furia, furor, ás vezes sem motivo. || GEOGR. Ceará. || SYN. *calundú.*

atilho sm., no Paraná é egual a 4 espigas de milho: 16 atilhos fazem ũa *mão* = 1 quarta, quando o milho não é bem graúdo, porque então dá mais. As 4 espigas amarradas ou *atadas* constituem o *atilho.*

atirado part. pass. de *atirar*, morto a tiro; que soffreu a acção de quem atirou. « Atrevido gavião, merece ser atirado, Pra não ter o atrevimento De comer pomba criada. » Kos. ap. SR. II, 12. « A testimunha ouviu um tiro; em seguida, mais alguns; e viu de novo voltar na carreira o mesmo Martins e cahir do lado de dentro da sala, atirado, não sabendo por quem. » Goyaz ap. *JC.* 24 fev. 86.

atirar va. e n., 1º dar tiro em; fazer alvo de. || 2º matar a tiro de espingarda, pistola, revólver, garrucha, clavina, clavinote, bacamarte, armas de fogo e de tiro usuaes no Brazil.

atôa adj. 2, sem objecto; sem fim; a reboque; sem reflexão; sem prestimo; sem occupação; inutil; inconsiderado; a esmo; ao acaso. « Homem *atôa* » h. nullo; « mato *atôa* » m. sem utilidade; « coisa *atôa* » c. sem prestimo, sem serventia. || ETYM. adv. *á tôa*: prep. *a* + art. *a* + sf. *tôa* corda extendida de um navio a outro para o rebocar; reboque; sirga.

atoamente adv., de modo *atôa.* || ETYM. adj. *atôa* desoccupado, sem que fazer + suff. adv. *mente.*

atocaiar va., fazer tocaia ou espera a alguem; esconder-se para com surpreza atacar a outrem; assaltar nas trevas ou no ermo. « E' por isso que o inimigo simula contramarchas e movimentos de flanco á espera que chegue a vez do beaterio presumptivo. Elle espera atocaiado, porém minando sempre... » *Lucros e Perdas* IV, 17. || ETYM. vj. *tocaia.*

atocanar, vj. *atucanar.*

atoledo sm., atoleiro. || ETYM. v. *atol* (*ar*) + suff. *edo* = *eiro*. Cp. *balsedo* ao lado de *balseiro* &. || GEOGR. SP., Bah. (BR.)

atomatar va., acachapar (port. acaçapar), esborrachar como ao tomate; pizar; abater; envergonhar.

atora sf., pedaço de páo, cor-

tado em peças regulares; tóro. || ORTHOPH. (*ô*)

atorar va., cortar em toros, reduzir a toros. || ETYM. pref. *a* + s. *tor*(*o*) + suff. vb. *ar* || LEX. PORT. *torar*.

atropilhar va., « reunir os cavallos em *tropilha* » qv. Cor.

atucanar va., escorraçar, fazer fugir, perseguir; apoquentar, moer a paciencia alheia com coisinhas; aborrecer; dar bicadas, alfinetadas; enticar, bulir com quem está quieto. || ETYM. pref. *a* + s. *tucan* (*o*) qv. + suff. vb. *ar*: do tp. guar. *tucan* bater; esbarrar; esmurrar. || ORTHOGR. a escripta com *o*, *atocanar*, presuppõe a composição com o s. *toca*, forçar a outrem a metter-se na toca; mas deixa sem explicação a nasal *an*. *Toca* deu *entocar*; e podia dar * *atocar* e * *atoquear*; mas não *atocanar*, que só se explica pelo vezo portuguez de escrever *o* onde se tem de pronunciar *u*. || SYNON. *amolar*, *enticar*, *massar*.

aturá = *uaturá* sm., cesto em cone truncado para carregar mandioca e outros productos da roça. || ETYM. tp. am. (Couto de Mag. ap. B. Roh.; J. Ver.).

aurana sf. « certa especie de morphéa, vai passando dos indios, principalmente das tribus Purús e Purupurús para as pessoas de outras castas. Esta molestia não se apresenta com os tuberculos empolados da elephantiasis, que se engrossão nas partes mais salientes do rosto; mas conhece-se por manchas e pintas, que lavrão por todo o corpo. Dá-se-lhe a denominação de *aurana*, que quer dizer « impigem ou herpes », e se attribue a máos humores alterados por alimentos continuados de peixes gordos e nocivos. » Tenr. Aranha *Rel. Pr. Am.* 1852, ed. Manaos 1874, 22. || ETYM. guar. *ai* = *aib* chaga, ferida, podridão + *rã* similhante, parecido. Glz. Dias dá *averana* = *aberana* tisica, asthma.

avalentoado part. pass. de

avalentoar-se vr., tornar-se *valentão*, levantar-se contra alguem. « Escravo avalentoado » de genio indomavel, que se insurgia contra o senhor ou o feitor.

ave sf., sujeito exquisito, esturdio, singular. « Um cerebro que já se denuncia esbodegado pelo olhar fixo e vitreo d'essa ave. » Apd. *JC*. 5 mr. 83. || ETYM. da loc. lat. *avis rara*. Creação dos estudantes. || SYN *typo*.

aviado sm., negociante por conta alheia, mascate que, mediante lucro, vai vender no sertão por conta dos negociantes da costa. « Em tempo não mui remoto, erão frequentes os *aviados* das casas da costa para o interior [d'Africa]. Hoje poucos são os *aviados*. A morte de uns, a fuga de outros, tem dado logar a que os negociantes da costa mostrem a maior repugnancia em fornecer fazendas para o interior. O commercio, pois, é quasi exclusivamente feito pelos indigenas e por sua propria conta. » Cap.-Iv. 1, 15 e 17. Na região amazonica, porém, os *aviados* florescem. « O *Izora*, propriedade de um *aviado* do sr. Elias, tambem se julga perdido, ou pelo menos todo escangalhado. » Corrp. Purús in *Comm.*

Am. trscr. *Braz.* 21 ag. 83. || GEOGR. Amaz., Pará, para onde foi transportado da Africa portugueza.

avoado pp., tonto, adoidado, que anda com a cabeça no ar; trapalhão; sem assento ou juizo. || ETYM. Corr. de *azoado?* ou part. pass. de *avoar?* Este v. significava no port. ant. fugir, desapparecer quasi de repente: do lat. *advolare*. Vit.; e deu o s. *avoamento* vôo; elevação d'espirito. Parece que é d'este ultimo significado, tomado em má parte, que vem o nosso pejor. *avoado*. || ETYM. litt. RJan. || SYN. *assaranzado*.

axi! intj., vj. *êxe!*

ayurú sm., papagaio. Vj. *ajurú*. || GEOGR. Min., onde a cidade de *Ayuruoca* (casa do papagaio).

azedinha sf. herva acidula, refrigerante, cozinha-se para comer com pirão, e entra na composição dos carurús, quitutes, angús e outras comidas brazileiras.

azeite-de-cheiro sm. comp., azeite de dendê, fabricado na Bahia por processo differente do importado d'Africa.

azeite-de-dendê sm. comp., oleo extrahido do coqueiro de *dendê* qv. || LEX. PORT. *oleo de palma*.

azeiteiro sm., fig. alcoviteiro; pelintra; bigorrilha. || LEX. PORT. em sent. fig., *azeiteiro* sujo de azeite, porcalhão &.

azulego adj., «oveiro de pintas miudinhas de branco e preto, que de longe parece azul: diz-se dos cavallos, e são rarissimos.» Cor. || ETYM. cast. *azulejo*: *j* asp., pronunciado com o som do *g* forte ou guttural.

-ba suff. part. act. na lg. geral. Contr. de *bab=baba*, e de *bae* agente do part. (corrp. ao lat. *-ans -tis*, *ens -tis*, *iens -tis*), apparece em muitos vocs. brazs. como *bacaba*, *chebamba*, *jereba*, *patureba*, *potaba*, *quirimbaba*, *teba* etc.

babá sm., bolo de farinha de trigo, leite e ovos. «Babá de Paris.. babá allemão.. babá de banqueiro.. babá de espeto.» *Doceiro Nacional*, 1881. || ETYM. fr. *baba* doce em que entrão passas de Corintho. Littré.

babaça s. 2, irmão gemeo. || ETYM. bd. || GEOGR. Bahia. || ORTHOGR. *cabaça* qv., recolhido por V. Cabr. na Bah.

baba-de-moça sf., doce feito de coco da Bahia. Rb. || ETYM. port. hisp. *baba*; prov. ital. *bava*; fr. *bave* saliva que escorre insensivelmente da bocca (v.fr. *bave* a falla das crianças) + prep. *de* + sf. *moça* do port. *moço*, hisp. *mozo*, fr. *mousse* joven: do lat. *mustus* novo, fresco (troca de *st* por *z* e *ç*). * Diez. A propriedade do nome está na consistencia babosa do doce; o espirito do confeiteiro addicionou-lhe o designativo. || ORTHOPH. ¿ *babá* em vez de *bába*. Cp. *babá*, supra. ¿ Caso notavel da lei da intercurrencia: pois a etym. é identica; mas *babá* é t. estranho, *baba* é nacional, e, por ser popular, prevaleceu no nome do do-

* Essas e outras etymologias, que se achão em conhecidissimos livros de AA. europeos podem parecer truismo ou pedantismo. Damol-as, porém, como amostras do systema que vamos empregar no diccionario completo da lingua luso-brazileira; pois, protestamos ainda, o que se está publicando é mero ensaio, destinado a ser, no fundo e na forma, total e inteiramente refundido. O voto dos criticos decidirá.

ce bahiano. Cp. *babá-de-banqueiro*, *b.-de-espeto* etc.

babacuara s. 2, 1° toleirão, apascaçado. || 2° roceiro, matuto. BR. || ETYM. br. *mbaebê* nada + *cuaá* saber + suff. *ara* agente do part. act., de nada sabedor, ignorante, bobo. BR. approxima *babacuara* do port. *babão*, ant. *baboca*, *baboso* tolo, boca-aberta ou boquiaberto, que anda babando. Ha, com effeito, no grego no baixo latim e em todas as linguas que d'elle descendem, e bem assim nas germanicas, a raiz *bab* criança, e por metaph., simples, simplorio, tolo. *Baba* saliva que escorre, e seos compostos ; isl. *bab ;* din. *bable ;* ingl. *to babble ;* holl. *babbelen ;* all. *babbeln ;* fr. *babil* e seos compostos; b. lat. *babiger*, *babillio*, *babosus*, *babugus* tolo, *baboynos* especie de macaco, *babulus* dimin. de * *babus*, *baburcus*, *baburrus ;* prov. *babú* som inarticulado das creanças e seos compostos, *babau* tolo, *babi* criança, *babiola* brinquedo de criança, *bava* saliva e seos compostos, *bavous* e outros ; ital. *babalone* credulo, *baba* e seos compostos ; hisp. e port. *baba*. *babão*, *babáo*, *baboso ;* celt. *bab* criança ; gr. *babai* ! interj. de espanto. Mas, a segunda parte *cuara* de *babacuara* está mostrando que esta pal. braz. náo é formada sobre aquella raiz das lg. européas ; e sim sobre o substantivo tupi-guarany *mbaé* coisa. A etym. que ligar *babacuara* á indo-germ. *bab* criança, será mais um exemplo da lei da *intercurrencia*, tão frequente nas corrupções operadas pelos eruditos. Vj. *bacuara*. || GEOGR. Campos (R. Jan.)

babado sm., tira entuiótada, ou encanudada, ou em pregas, de renda, crivo, crochet etc., para guarnecer saias, vestidos, toalhas, lençoes, fronhas e outras peças de roupa. «Si vós tendes um baijú Com seos babados de chita.» Silva sapateiro, *Decimas*. «Ai me largue o babado ! Ai me largue, diacho ! Que diacho de padre! » SR. I, 68. Serg. «Amarrotar os babados de alguem » loc. pop., offender-lhe os brios. || ETYM. ¿ pp. de *babar*, cahido do vestido como a baba cahe do beiço. Cp. *babador* =port. *babeiro*. || SYN. port. *folho*, desus. no Brazil.

babador sm., peça do vestuario das crianças, consistente n'um panno quadrilongo ou arredondado, preza no pescoço e pendente sobre o peito, para se não sujarem babando ou comendo. || ETYM. port. *babadouro* (pronunciado *babadôro*)—*o*, que cahiu, ficando *babador ;* de *baba* qv. sub vb. *babacuara*. Cp. *amassador*, *bebedor*, *logrador*, *tombador*.||LEX. PORT. *babadoiro*, e tambem *babeiro*, aqui desconhecido.

babatar vn. apalpar ; procurar pelo tacto, como os cegos. || ETYM. bd., *cu-babata* apalpar. || GEOGR. R. Jan.

bacaba sf., coco da palmeira *Œnocarpus bacaba* ou bacabeira. || ETYM. tp. guar. *ĭbácâbáe*, comp. de *ĭbá* fructa+*câ*=*acâ* caroço+suff. *bae* agente, que tem : como que os brazis fizerão da *bacaba* o typo do coqueiro, planta de fructa de caroço, talvez pela dureza do pericarpo.

bacabada sf., bebida preparada

com o succo da bacaba. Rb.; muito substancial. Gama e Abreu ap. Aul.

bacabal sm., mato de bacabeiras.

bacabeira sf., a *Œnocarpus b.*, a planta, a arvore da palmeira.

bacalháo sm., 1° tira de couro crú, torcido para servir de corda. «Traz comsigo um embornal de algodão com corda nova de bacalháo.» Mar d'Hisp., Minas, ann. *JC.* 29 abr. 83. || 2° Açoite de quatro ou cinco pernas, de couro crú, com que nas fazendas se castigavão escravos que tivessem commettido falta grave, batendo-lhes nas nadegas. «No peito, nas costas, nos braços, apresentava as carnes dilaceradas a chicote; e as nadegas, inteiramente cortadas, denunciavão o supplicio demorado do bacalhao a que fôra submettida a infeliz [escrava]». Edit. *GN.* 15 jan. 84. «Soffreu a penna de 100 açoites, a que fôra condemnado pelo jury, sendo a applicação d'esse castigo feita com um azorrague (vulgarmente chamado *bacalháo*) já muitas vezes usado para o mesmo fim, impregnadissimo de sangue putrefacto e exhalando máo cheiro.» Parecer medico legal apd. *JC.* 22 maio 85. «Surrados com bacalháo, e raspada a cabeça.» Apd. *GN.* 17 abr. 87. Allude a este instrumento da nossa selvajaria a seguinte quadrinha pop.: «Bode do cabello grande Merece ser bem penteado Com pente de cinco pernas, Para não ser confiado.» Kos. ap. SR. II, 71. *Bode* aqui é syn. de mulato. Os escravos trazem de ordinario o cabello rente; os de gaforina ou topete reputão-se atrevidos, desaforados e insubordinados. «Apresentarão-se á policia dois menores, queixando-se de que, ha cerca de dois annos, havião sidos castigados com bacalhao de quatro pernas (textual) por Cayara.» Corrp. S. Paulo in *GN.* 6 jun. 86. || 3° fig., coisa secca, homem muito magro. (Em hisp. o mesmo sentido). «Bacalháo de porta de venda» expressão popular que designa qualquer pessoa esmirrada, demasiado secca. || ETYM. analogia do couro crú e secco com o peixe crú e secco do mesmo nome. Suppõe Diez que *bacalhao* vem, por deslocação, do holl. *kabeljaauw*; e talvez se refira ao lat. *baculus* bastão, páo, o hisp. *bacalao*; basco *bacailaba*; venez., piem. *bacalà*; b. all. *bakkeljau*. O fr. *cabéliau=cabillaud=cabliau*, wall. *cabiawe*, namurez *cabouau* (Littré), vêm directamente do holl. Hõnor. diz que o prov. *bacalhau* vem de *Bacalaos*, nome de um logar da Terranova onde se pesca o conhecido *Gadus*, e significa «morue blanche». Sendo assim, não precisamos da hypothese de Diez. || ORTHOGR. adoptando a etym. de Hõnor., devemos escrever com *o*, e não *u*; pois evidentemente o ditongo *au*, que apparece no fr. e nam., é trad. do *o* de *Bacalaos*, pron. *bácàláôs*. Cp. fr. *cábêliô=cábiô*, nam. *cábúô*, holl. *cábêlhaôu*, hisp. *bácállàô*. E' a orthographia etymologica e prosodica, como em Mor.; *secus* em Aul.

bacalhoada sf., surra de bacalháo.

bacalhoeiro sm., 1° negociante de bacalháo a retalho. || 2° fig., lambazão, porco, que fede a bacalháo.

bacamarte sm., fig., sujeito grande e sem prestimo, pezadão, inutil, coisa á tôa. || ETYM. allusão ás dimensões da conhecida arma de fogo, comparadas com as da pistola, garrucha ou revolver, que, em ponto muito menor, e muito mais leves e portateis, produzem o mesmo effeito. Do b.-lat. *baga = baca Martis* sacco de Marte, bagagem de guerra. Não conhecemos o voc. em outra lingua além da port. || LEX. PORT. Aulete dá como chulo, significando livro velho muito volumoso: é a mesma ideia do nosso signif., menos a qualificação de *chulo*, que no braz. é syn. de obsceno, pornographico; e aquelle *bacamarte* é t. apenas faceto, pilherico, ou, si quizerem, amolecado; mas não obsceno. Bl. dá «livro velho que já não presta.»

bacaraí sm., «o feto da vacca morta em estado de prenhez, e que muita gente aproveita como alimento appetitoso.» BR. || ETYM. bi-lg.: do hisp. *baca* vaca + guar. *raî* filho.

bacatella sf., vj. *bagatela*.

bacuara adj., «esperto, diligente, sabido». BR.; o contrario de *babacuara* qv.. || ETYM. br. *mbaé-cuara* entendedor das coisas, entendido, sabedor: de *mbaé* coisa + *cuáá* s. o saber (das coisas), pericia, sciencia, arte; v. saber, entender, ser versado nas coisas. BC. + suff. part. act. *ara* agente. || SYN. *cuéra*.

badana sf., peça dos arreios do cavalleiro, «pelle macia, lavrada, que se põe por cima do coxinilho». Cor., para amaciar o assento. || ETYM. port. e hisp.; b.-lat. *bazan, bazana, bazena, bedanas* (sec. XIV), *besana* (sec. XVI) «corium vitulinum, ovinum vel hircinun subactum». DC.; ar. *bithānet* pelle de carneiro curtida. Littré; ar. *badane* pelle, couro. Sz.; ar. *batana* forro, «pelles curtidas das ovelhas, que servem para forros dos sapatos». Moura; ou ar. *bitana* corrp. ao fr. *doublure*, hisp. *baldrez*, prov. e hisp. *dobladura*, ital. *doppiatura*, port. *chumaço, entretela*. Eng., Littré.

baderna sf., sucia, quasi sempre dansante. «Este sujeito leva toda a noite tocando viola no meio de uma baderna de sujeitos conhecidos pela auctoridade do logar como incorrigiveis.» Apd. *Fl.* 31 dez 84. Maricá (RJan.). || ETYM. ¿ de Marietta Baderna, celebre dansarina que esteve na Côrte em 185... onde fez furor. *Badernas* chamavão-se os seos admiradores e partidistas. || LEX. PORT. termo naut., arrebens que segurão os colhedores no apertar da enxarcia. Só no pl. || SYN. *brincadeira, pandega*.

bae[1] pref. coisa, coisas; o que existe; o que se possue, seres, riqueza; o que se sabe, sciencia, arte; entra na comp. de algumas pals. brazs., ex. *babacuara, bacuara, Baependy, Baetava* etc. || ETYM. contr. do br. *mbaé*, corrp. lat. *res*; port. *ser* tudo quanto existe.

-bae[2] suff., o que, aquelle que, o agente do verbo; o que faz: entra na compos. de algumas pals. brazs., ex. *chebamba, jereba, patureba, potaba, teba* etc. || ETYM. br., suff. de part. act. Vj. *ba*.

baé, vj. *bahé*.

baeco adj., baixo e reforçado. || ETYM. ? || GEOGR. ¿ Ceará. Re-

colh. por V. Cabr. || ORTHOPH. *bá-é-cŏ.*

baeta sm., fig., mineiro, habitante da provincia de Minas Geraes. « Vamos para a terra dos baetas, que é gente boa, credula, enthusiasta». Leopoldina, Minas, apd. *JC.* 23 dz. 82. || ETYM. vem das jaquetas de baeta com que se veste a gente dos campos. Do lat. *bætica ;* d'onde Marcial formou o adj. *bæticatus* vestido de lã da Betica (Andaluzia hoje), liv. I epigr. 97 ; prov. cat. hisp. *bayeta ;* it. *bajetta ;* v. fr. *bayette.* Sar. deriva do gr. *βαῖτα* ou *βαίτη* pelle, vestido de pelles. || LEX. PORT. tecido de lã para roupa de inverno.

baetão sm., cobertor de lã, colcha de lã grossa. || LEX. PORT. baeta grossa propria para capas.

baga sf., mamona, semente do mamoneiro *Ricinus comm.* L. «Azeite de baga» azeite de mamona ; o oleo de ricino não purificado. || ETYM. lat. prov. ital. *bacca ;* fr. *baie.* || LEX. PORT. *baga* especie de fructo, de polpa molle como a uva ; com o que alias nada se parece o do ricino.

bagaceira sf., 1º monte de bagaço, arrumado debaixo de coberta enxuta, ou amontoado no campo ao sol, nos engenhos de assucar. « As escravas de que necessita a moenda são sete ou oito .. e outra finalmente para botar fora o bagaço, ou no rio ou na bagaceira, para se queimar a seo tempo ». Anton. 64. || 2º monte de lenha, armada em pilha, no campo das fazendas, em certa ordem, de sorte que os fornecedores d'ella á fornalha, quando necessitarem de tiral-a, não percão tempo em escolher a de que precisarem, grossa, meiã ou miuda (vj. *lenha*), nem desmanchem a pilha. « Chegada a lenha ao porto do engenho, arruma-se na sua bagaceira : e sempre é bom que, deante ou perto das fornalhas, estejão arrumadas cinco ou seis tarefas de lenha ». Anton. 71. || 3º fig., palavreado sem ideia, como bagaço sem succo.

bagaço sm., 1º a parte fibrosa da canna de assucar que fica depois de expremida na moenda para se lhe tirar o caldo. || 2º fig., coisa já inutil por se lhe haver tirado o util. || ETYM. anal. do *bagaço* da uva, que se deriva de *bago=baga* fructo carnudo, sem caroço, com a semente no centro. Littré filia o fr. *bagasse* ao hisp. *bagazo*=port. *bagaço ;* mas do fr. *bagasse,* it. *bagascia,* hisp. *bagasa,* port. *bagaxa,* prov. *baguassa* meretriz, mulher vil, tem por duvidosa a origem depois de dar as que Diez indica, a saber, do ar. *bâges* vergonhoso, ou *bagi* prostituta ; do celt. kymri *baches* femeazinha ; do b.-lat. *baga* mala, pacote com o suff. pejor. *acca, pacotilha* = **bagotilha* (*bag(a)* + suff. dim. *ot* (*e*) + suff. dim. *ilha*). Parece que o rebotalho do sexo feminino, *bagaxa* = fr. *bagasse,* tem analogia com o rebotalho da canna, da uva etc., *bagaço*=fr. *bagasse* : são refugos. N'este caso, o fr. vem do lat. *bacca,* hisp. e port. *bag(o)* + suff. *aço.*

bagage=bagaje sf., bagagem, povo miudo e ruim, que vai atraz da gente boa, tal qual a bagagem do exercito, a bagagem que vai atraz do

viajante etc. || ETYM. b.-lat. *bagagium* (cp. port. *viajem* do lat. *viaticum*); prov. *bagagi*; cat. *bagatje*; hisp. *bagaje*; fr. *bagage*; v.-ital. *bagaggio*; ital. *bagaglio*: do ingl. *bag* sacco, mala, que deu o b.-lat. *baga*. || LEX. PORT. cargas; trem; o que se leva nos sacos de viagem; o que leva o exercito para a sua manutenção. || SYN. *teréns*. qv.

bagatela sf., « jogo entre duas pessoas, e sobre um taboleiro, com umas bolinhas de marfim que se mettem em uns buracos semiespheroides». Rb. || ETYM. hisp. *bagatela*; it. *bagattella*; fr. *bagatelle*, que Diez suppõe algum dim. do b.-lat. *baga*, que deu *bagattare* dizer frioleiras, subtilizar, fazer tricas. DC.: *baga* signif. anel, collar, cofre, sacco. O it. *bagattella* é o nome collectivo dos instrumentos (copos, varinhas, aneis etc.,) com que os prestidigitadores executão as suas escamoteações. L.-Tocc. Parece que o nosso t. provém de ser jogo de pouca ponderação, mais de mãos do que de calculo, jogo proprio de mulheres e meninos. *Ex eo bagatella dicimus nugas et jocularia: latini quoque nugas dixere res omnes muliebris mundi*. Salmasio ap. Bl. S. Luiz deriva do gr. βραχυτελής de pouca dura. || ORTHOGR. *bacatela*, e já desde Bluteau.

baguá=bagual adj., 1° cavallo brabo, amontado, alçado, que se não deixa pegar, « não obedece ao costeio, nem o fazendeiro conta com elle, e só a bolas pode ser pegado ». Cor. || 2° cavallo vistoso. Ces. « De meos trastes que ficarem Te reservo umas chilenas, Que o bagual repinquei Na frente de umas morenas ». Kos. ap. SR. II, 74. || 3° cavallo ruim, trotão, de cangalha; magreirão. || ETYM. ¿ guar. *mbaguá* que tem fim, mortal, perecedouro; que não fica, não permanece; por ext., que vai-se embora, que não nos pertence. D'ahi a signif. metaphor. 1° de cavallo amontado ou brabo, sem dono, livre; e d'esta, 2° de cavallo bom, bravo, garboso. O 3° signif. está na accepção natural de dar a casca: vj. *baguari*, *manguari*. || GEOGR. 1° e 2° RGS., Paraná; 3° RJan.||ORTHOPH. *baguá*. Paraná; *bagual*. RGS. || SYN. no RGS. « cavallo bagual » corrp. a « boi chimarrão ».

bagualada sf., manada de baguás, « manadas sem numero de animal cavallar, que andão montados e sempre a corso com incrivel velocidade. » M. Ol. *RIH.* 1842, 335. « Como a horda de charruas e minuanos, disputando com as matilhas de chimarrões a posse do avestruz e da poldra da bagualada com que se devem alimentar.. Apresentava-se apto para voltear o laço e as bolas e a disparar sobre a bagualada quando vinha em um cordão incommensuravel reconhecer os viandantes». ibid. e 338.

baguari adj., 1° pezadão, vagaroso, lerdo: diz-se do cavallo. || 2° grandalhão e pezadão, corpulento e molle. || ETYM. br. *mbaguari*, nome generico de cegonhas e garças. BC. || GEOGR. R.Jan. || ORTHOGR. *manguari*: queda do *b*, absorvido no *m* de *mb*; nasalização do *g* (*ng*).

bahé sm., «fazenda de algodão fabricada em Inglaterra e que se

reexporta para a costa d'Africa». Rb. || ETYM. *baê* chamão na India ás mulheres dos canarins christãs por differençar das gentias. Bl. Que relação terá a fazenda com as christãs da India? O mesmo t. Mor. accentua *baé*. « Fazenda de *baé* » ? || ORTHOGR. *baé? bahé?*

bahia sf., lagoa com canal de communicação para o rio. « Do outro lado, o Paraguay, internando-se entre montanhas ou pequenos albardões, cobre os terrenos da sua margem direita desde o rio Jaurú, penetra por entre as serranias da Insua, Pedras de Amolar, Dourados, Xanés, Jacadigo, Albuquerque etc., paredes que, mesmo na secca, deixão-lhe entradas francas para as lagoas, ou como aqui as chamão, *bahias* de Uberaba, Gahibas, Mandioré, Caceres e Negra; e ahi, reunido a esses já por si vastos lençóes d'agua, muitissimo accrescentados pelas torrentes de alluvião, espraia-se, cobrindo enorme territorio, onde as estreitas depressões do terreno, já aproveitados pelas primeiras escoantes das chuvas, têm se convertido em rios; onde os brejos e almargeaes hão se mudado em lagos; e agora reunidos n'um só corpo seos immensos cabedaes, vão-se elevando no sólo, vão-se submergindo pouco a pouco os albardões e tezos, vão ilhando as montanhas e cobrindo as florestas ». Sev. I, 48,313. || 2° canal de escoante dos pantanos, banhados, brejaes e campos alagados. « *Bahias* são canaes naturaes que servem de escoante aos campos e pantanos, e por onde as vezes se derramão pelos mesmos campos as entumecidas aguas dos rios : segundo as depressões do terreno, formão lagos mais ou menos consideraveis, ou encanão-se como rios, dos quaes se distinguem por não terem correnteza sinão occasionalmente ». Lev. *RIH.* 1862, 212. || ETYM. b.-lat. prov. ital. *baia;* hisp. *bahia*; fr. *baie* ; ingl. *bay*. || GEOGR. Mattogrosso.||LEX. PORT. t. geogr., porção de mar ou de lago que entra pela terra a dentro, formando sacco ou enseada, com embocadura estreita, e alargando-se para o fundo ; no que se distingue do *golfo*, que tem a bocca mais larga do que o sacco.

bahianada sf., 1° fanfarronada de bahiano nas expansões do seo espirito de bairrismo. || 2° acção de quem diz uma coisa na presença a outra na ausencia ; falta de sinceridade; diplomacia, no sent. pejor. de francezia ou jesuitismo, arte de empregar as palavras para occultar os pensamentos.

bahiano, 1° adj. patron., natural da provincia da Bahia. « O Brazil é dos brazileiros ; a Bahia é dos bahianos». Dictado pop. « Quem vencerá : o bahiano, ou o guasca ? » Apd. *JC.* 13 jun. 85. (O *bahiano* era o ministro d'agricultura, deputado pela Bahia ; o *guasca*, um senador pelo RGS.). || 2° adj., nortista, em geral.|| 3° adj., roceiro, matuto, habitante do campo, da roça. || 4° sm., homem de apparencias enganadoras, falto de sinceridade, que diz uma coisa na presença e outra por detraz ; que promette tudo e nada cumpre. « Que programma d'espavento Exhibiu-nos n'um momento Esse principe ro-

mano!... Fez tantas promessas, tantas, Que n'isto parece o Dantas, Ou qualquer outro bahiano ». Red. *FN.* 17 jan. 85. || 5° máo cavalleiro, molleirão, que não sabe montar a cavallo e cahe com facilidade. « Na questão de hippiatria, um riograndense vai sempre pelo que melhor monta. E ainda mais, ou o sujeito é bom cavalleiro, e n'esse caso elle é chamado *guasca ;* ou o homem faz figura triste, e em tal caso elle tem a sua sentença final na palavra, carregada de ironia, *bahiano* ». Red. *GN.* 23 abr. 85. « N'essa occasião [guerra do Paraguay] verificámos que erão muitos os brazileiros que tinhão servido em nosso exercito e que estavão engajados nos exercitos argentino e oriental. Pela campanha do Estado Oriental se encontrão esses nossos rebaixados, que são chamados *os bahianos* porque não sabem bem andar a cavallo: todos quantos não sabem andar a cavallo n'aquelle paiz são chamados *bahianos* ». Disc. sen. H. d'Avila sess. 5 jun. 85. || 6° dansa, syn. de *baião.* || GEOGR. 1° em todo o Br.; 2° do RJan. até o sul, e no centro; 3° Piauhy, Maranhão; 4° geral no littoral; 5° RGS. e Estado Oriental do Uruguay; 6° Ceará. || HIST. provém a signif. pejor. ligada ao voc. de serem os bahianos muito bairristas. É d'elles a phr. cit. : « O Brazil é dos brazlleiros ; a Bahia é dos bahianos »; e como na provincia do Rio de Janeiro não ha gente bairrista como os campistas, costuma-se chamal-os *bahianos do Rio de Janeiro.* Ha contra os bahianos certo sentimento de rivalidade. Elles entrão em todas as organizações ministeriaes ; constituem na camara dos deputados e no senado grupos importantes e unidos ; emigrão facilmente e vêm occupar cá no sul e centro, na Côrte e nas provincias do Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo, Matto-Grosso, Goyaz, Paraná, S. Catharina, Rio Grande do Sul, os melhores logares da administração e da magistratura; de ordinario intelligentes, vivos, insinuantes, flexiveis, fallantes, poetas, jornalistas, facilmente conquistão posições, que excitão inveja ou reparo. No Rio Gr. do Sul, somos *bahianos* todos os que estamos de S. Paulo para o Norte; e a pal. é tomada no sentido pejor. Vingamo-nos cá chamando a elles, os riograndenses, de *castelhanos* e *hispanhoes*, isto é, fanfarrões e *guascas* qv.

baiacú sm., 1° peixe do littor. R. Jan., que incha e bufa quando se lhe toca. || 2° fig., « homem baixo, gordo e desgeitoso ». Rb. || 3° fig., orgulhoso, cheio de vento, cheio de fumaças.

baião sm., canto e dansa popular, ao som da viola. || ETYM. corr. pop. de *bahiano.* E *bayadeira*, India? || GEOGR. Ceará. || ORTHOGR. mais correcto *bahião*, como nota BR.? Cp. *bayadeira.*

baixa e seos comps., vj. *baxa.*

bajú sm., camisa da India, vestido de mulher, que não desce abaixo da cintura. S. Luiz. Castanheda e Góes o mencionão. Pina, descrevendo o traje dos naturaes de Deli, diz que se compõe de calção largo e curto, amplo bajú (especie de veste) e sarong atirado sobre os hombros. || ETYM.

ar. *badju*, sg. Moura; Bluteau e Saraiva dão indiano. || HIST. inteiramente desus. entre nós, acha-se n'uma decima do Silva sapateiro: « Si vós tendes um baijú Com seos babados de chita ». || ORTHOGR. no ex. de Silva *baijú*. No Brazil, sg. Mor., tambem *bajó*.

bala sf., porção de assucar derretido, levado a ponto de pasta e secco, embrulhada em papel e disposta em fieira ou collar, que os moleques vendem na rua em taboleiros: dissolve-se na bocca. Ha de assucar simplesmente, ou de ovo, de chocolate, de amendoa, abacachí, côco, hortelã-pimenta etc. || ETYM. b.-lat. *balla* pedra de chuva; « grandinis globulus »: sec. XIII. DC.; prov. hisp. *bala*; ital. *palla*; fr. *balle*: do v.-a.-all. *balla* = *palla*; all. *ball*; ingl. *ball*; scand. *böllr*. Reportão-se todos estes termos á raiz aryana *bal* = *bol* adj. redondo; s. arremeço, tiro. || GEOGR. provs. do sul. || HIST. forão celebres na Côrte as *balas do Parto*, feitas pelas educandas do Recolhimento de N. S. do Parto, rua dos Ourives, nº 1. || LEX. PORT. esphera de metal para arma de fogo; esphera de barro para bodoque; bola; fardo; pacote. || ORTHOGR. *balla* é conforme á etym.; usualmente, porem, escreve-se *bala*. || SYN. *queimado*. Bah.; *bola*. Pern. e outras provs. do N.; *rebuçado*. Port.; *raspa*. Africa occ. port.

balaiada sf., a sedição dos *balaios* no Maranhão, de 1839 a 1840. « Durante a revolta da *Balaiada*, movimento sem caracter politico, mão grado as asseverações de alguns escriptores apaixonados, a imprensa democratica pôz-se ao lado da auctoridade». J. Serra *Jornalismo* 96. « Entrando no Brejo [Raymundo Gomes], reuniu-se com Ferreira Balaio, do qual tirou o povo o nome de Balaiada para denominar esta revolta. Sem plano, nem principios politicos, practicando a pilhagem e o crime, principiou essa rebellião de atrocidade e sangue, que assolou o Maranhão e o Piauhy ». M. Azev. *Hist.* 294.

balaio sm., 1º cesto de palha, do feitio de alguidar, mais largo na bocca que no fundo, feito de folhas de sapê, trançado de gungí ou outro sipó, para guardar costuras, roupa etc. Em Minas, cesto de taquara, para apanhar café, com fórma de vaso de jardineiro; cesto de sipó e bambú, para guardar roupa suja. Fr. Vic. 38. « Balaio, meo bem, balaio, Balaio do coração; Moça que não tem balaio, Bota a costura no chão. Mandei fazer um balaio Pra botar meo algodão; Balaio sahiu pequeno, Não quero balaio não ». Mod. pop. «Balaios de taquara. Expostos por diversos». *CEP*. 1866, 44. « Um terno de balaios de taquara de forma elliptica .. Um dicto redondo. Um balainho de taquara e fio de arame amarello.. Uma cesta de taquara .. Um balaio de dicto .. Um dicto com tampo». *CEP*. 1875, 165-6. « Volta [a agulha] para a caixinha da costureira antes de ir para o balaio das mucamas». M. Ass. *GN*. 1 mr. 85. || 2º farnel que vai dentro do cesto nos passeios ou viagens de recreio. Eis ahi o continente dando o nome ao conteúdo. || 3º partidario do Balaio, bandido, chefe de uma revolta no Ma-

ranhão. « Na *Chronica* são dignos de menção os artigos.. e a discussão sobre a revolta dos *Balaios* ». J. Serra 144. || ETYM. Bl. define : « cesto como redondo, feito de uma palhinha negra e parda, que vem de Angola ». Entretanto, a pal. não é africana. Chamavão-se, na meiedade, *baladium* ou *balagium* os restos do trigo que se ajuntavão com a vassoura, as varreduras da eira ; e *balaium* a propria vassoura ; d'onde o v.-fr. *balay*, hoje *balai*, prov. *balay*, celt. *balan*, *balaen*, kymri *balaon* (pl. de *bala*). Recolhidos os restos n'uma cesta, facilmente se applicou ao continente a signif. do conteúdo ; e pela queda da consoante medial *g* ou *d*, tanto mais depressa quanto já existia a pal. *balaium*, velu *balagium* ou *baladium* a converter-se n'aquella, dando logar ao port. *balaio*. || GEOGR. 1º geral no Br.; 2º Pará, Am. ; 3º Maranhão, Pará.

✦ **balandronada** sf., fanfarronada, hispanholada. « Não ha na provincia do Rio Grande do Sul nenhum symptoma que ameace as instituições do paiz ; e a doutrina do nobre senador, dizendo que empregou esforços para garantir alli essas instituições, não passa de uma simples balandronada para fazer effeito nos espiritos fracos ». Disc. dep. Silva Tavares sess. 4 jul. 88. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS.

baldrame sm., alicerce, massiço de alvenaria de pedra e cal, fundamento de parede, de muralha. || ETYM. ? a de Castro Lopes, do lat. *basim alteram*, é pura phantasia ; pois daria *băldrămĕ*, e não *băldrāmĕ*, como pronunciamos ; ou antes, nem dava *băldrāme*, porem sim *baçăldra*, *bazăltra*, *baçōldra*, *baçōutra*, *bazōutra*; *baldrāme* nunca. E para assim concluir, basta possuir as mais rudimentares noções da historia da lg. port. Não vem nos arabistas Souza, Engelmann, Dozy, Devic, Marcel, S. Luiz e outros; mas, a feição da pal. é arabe, e talvez não passe de corr. pop. do port. ant. *albarrã*, *albarrada*; d'onde o nosso *albardão* qv.; por metath. *abaldrão*, por apher. *baldrão*, *baldram*, *baldrame*. *Albardão* é contr. de *albarradão*, augm. de *albarrada* parede de pedra secca. Covarruvias ap. Dozy & Eng. *Gloss.* 2ª ed. || GEOGR. geral. || LEX. PORT. corr.

balla, vj. *bala*.

balsa sf., 1º « especie de plataforma fluctuante, feita de antenas ou outros quaesquer páos de modo que possa occasionalmente servir, já para descarregar um navio, já para salvar a gente de bordo em caso de naufragio ». *DMB*. || 2º especie de jangada usada no Uruguay, Paraná e outros rios do sul e do oeste, para passar gente e gado, e transportar carga ; pelota ou barca de couro, que Basilio da Gama descreve assim : « Especie de barcos em que os nossos passão n'aquelle paiz [Rio Gr. do Sul, Missões &] os maiores e mais profundos rios. Fazem-se de couros de boi. Levão no fundo as cargas, e em cima os homens, com os cavallos nadando á mão. Os indios, que são robustissimos, e grandes nadadores, tirão toda esta machina por uma corda, cujas pontas tomão nos dentes. Quem vai dentro leva na mão a outra ponta, largando-a mais

ou menos, conforme julga ser necessario». Nota sob a rubr. *Balsas e Pelotas*, commentando estes versos do *Uraguay:* « Preparo curvas balsas e pelotas, E em uma parte de passar aceno, Emquanto em outra parte occulto as tropas ». || 3° barcaça de tabuado, com a mesma serventia da pelota (que é feita de couro). « E é ordinariamente até este ponto [Salto Grande, no r. Uruguay] que chegão os barcos e canôas que sahem da provincia de Missões, ou as grandes balsas de tabuado que algum dia se tirárão dos mattos do lado oriental ». Th. Rab. *RIH.* 1840, 157; ás vezes com cobertas, que ficavão verdadeiras casas fluctuantes. « No 1° de Agosto de 1734, sahiu uma armada do porto geral da villa do Cuyabá, a qual se compunha de 28 canôas de guerra, 80 de bagagem e 3 balsas, que erão casas portateis, armadas sobre canôas, onde celebravão os capellães da tropa, que se compunha de 842 homens, entre brancos, pretos e pardos». 1795 Prado *RIH.* 1839, 42. « Eu passei o Parnahyba, Navegando n'uma barça. O pecado vem da saia; Mais não pode vi da carça ». [*sic*] Mod. pop. Ceará. || ETYM. S. Luiz deriva *balsa* do gr. *Βάλκα*; Aul. diz ser o basco *balsa* montão, cumulo; mas ap. Du Cange vem como voz hisp., corrp. ao lat. *ratis* jangada, e abonada com o seg. ex.: « Rex Ferdinandus fecit fieri balsas et navigia de lignis et coriis ». || GEOGR. 1° litt. do Br.; 2° RGS.; 3° Mgr., Goyaz, RGS. || HIST. o signif. de « barco » é braz. desde antes do sec. XVIII: Basilio da Gama (17...) e Moraes (1789) trazem-no como termo corrente no Brazil. || LEX. PORT. matagal; forro de palha, tapume; uva pizada; funil de baldear vinho; antigo estandarte dos Templarios; barril para guardar a bordo a carne salgada do rancho. || SYNOM. *pelota.* RGS., Mgr.; *banguê.* Bah. (S. Franc).

balsedo sm., matagal fluctuante nos rios, lagos e banhados. || ETYM. *bals* (*a*) matagal + suff. *edo* collecção, reunião, muito, grande porção. Cp. *arvoredo, atoledo, rochedo, vinhedo.* || LEX. PORT. *balseiro* é matagal espesso (Aul.), sem a ideia de fluctuação, ou de existencia n'agua ou em logares humidos. O sent. do nosso *balsedo* é o de uma das significações que de *balsa* dá S. R. de Viterbo: «logar apaulado, coberto de matagaes, charcos ou lagôas ».

bamba sf., no jogo do bilhar, bamburro, acaso feliz, fortuna de fazer uma bola sem esperar, sem calculo. « Arregaçou as mangas, deu giz no taco e fez uma *rufia* que a todos pareceu bamba. Caramba! ». Apd. *JC.* 27 dz. 83 || ETYM ¿ bd. *mbamba* jogo; talvez no bilhar jogo á toa, sem reflexão, grosseiro.¿ Encurtamento de *bamburro?* talvez para evitar entre os jogadores a ideia ligada ás duas ultimas sylls. Propendemos para a 1ª origem, tanto mais que em alguns artigos seguintes vamos achar *bamba* como tronco de vocabulos africanos abrazileirados, com a signif. de dansa, jogo, brincadeira, divertimento de muita gente reunida. Vj. etym. de *bambaré.* || LEX. PORT. f. do adj. *bambo.*

bambá[1] sm., 1° dansa dos negros

africanos, em circulo de homens e mulheres que cantão o estribilho: *Bambá, sinhá! bambá, querê!* ao som de palmas cadenciadas, em applauso a um ou dois dansadores que, no centro, executão varios passos e figuras. || 2º jogo de cartas. « Em Itaipú, em uma das casas de negocio, todos os dias joga-se o *bambá* tão descaradamente que priva-se os freguezes de chegarem ao balcão ». Apd. *Fl.* 1 abr. 81. || 3º fig., desordem, confusão, sarilho, como sóe haver nas dansas d'esse genero. || 4º fig., dansa qualquer que acaba em desordem. || ETYM. bd. *mbamba* jogo, divertimento, em circulo, formando roda. || GEOGR. R. Jan., Min., SP., Bah., Mgr. etc. || SYN. 1º *bambaquerê, bangulê, bendenguê, batuque, candombe, candomblê, canjerê, cateretê, jongo, samba*; 3º *bambaré, banzé, chinfrim, sarilho.*

bambá[2] sm., bôrra do azeite fino de dendê. || ETYM. bd. || GEOGR. Bah.

bambaquerê sm., 1º a dansa do bambá, cujo estribilho diz: *Bambá, querê!* || 2º fig., confusão, desordem. || 3º fig., toda a dansa ou outra funcção que acaba em desordem, pancada, gritaria. || ETYM. bd. || SYN. vj. *bambá*[1].

bambaré sm., vozeria, barulho de vozes em desordem. || ETYM. bd. Vj. *bambá*[1], *bambaquerê, bambulá.* «D'ahi a poucos instantes suscita-se um *bambaré* ou arruaça medonha, e mais de meia hora decorre ainda para restabelecer o socego ». Cap.-Iv. *Iacca* I, 131. Blut. e Mor. (1ª ed.) dão *babaré*, termo de Gôa, Asia, onde «tocar babaré» é dar rebate de ladrões na vizinhança; o que não obsta á origem africana, maxime tractando-se de duas colonias portuguezas, para cada uma das quaes levavão os dominadores vocabulos usuaes da outra. As pals. *bambá*[1], *bambaquerê, bambulá, bambê* parece filiarem se todas a esta ultima, na sua fórma bunda *mbambi* limite, rumo, que cinge e separa as roças, aceiro, como nas danças os dansadores estão no terreiro central, separados do publico pela linha dos que, em circumferencia, cantão e batem palmas. ¿ *Bambaré* já é formado do sent. fig. de *bambá* e *bambaquerê.*

bambê sm., « mato estreito que, á guiza de cerca, se deixa entre uma roça e outra, linha divisoria ». BR. || ETYM. bd. e cg. *mbambi* limite, rumo, aceiro. || GEOGR. R. Jan., Bah. (alto S. Franc.).

bambear va. e n. afrouxar, fazer *bambo*, lasso. || LEX. PORT. *bambar.* Aul., que accrescenta: pouco usado. *Deest* em Mor.

bambinar v. n., «adejar; bater; esvoaçar; agitar, como a fita do sapato quando está desatada e vai adejando com o movimento do andar ». V. Cabr. || ETYM. de *bambo* frouxo, lasso. Cp. *bambalear, bambinela.* || GEOGR. Bah.

bambú sm., 1º *Bambusa arundinacea* graminea gigantesca, de tantas applicações na lavoura e nos usos domesticos, para cestos, balaios, peneiras, gongás, esteiras, cercas, páos a pique, ripas, caibros, e para forragem dos animaes. Esta preciosa planta veiu-nos da India portugueza, com o seo nome actual, que aqui ficou desde os tempos coloniaes. || 2º fig.,

homem muito alto e magro. || ETYM. Devic. dá t. malaio, sob a forma de *mambú*, tambem pop. entre nós. || SYN. *taquara*.

bambual sm., mata de bambú, cerrado de bambús. || HIST. antiquissimo em Port. (sec. XVI), vem em Balth. Telles *Ethiop.* IV cap. 17, como termo corrente (sec. XVII) e na Asia port. Dão-no Bl. e Mor. Entre nós, é de uso vulgar e commum.

bamburro sm., no jogo do bilhar, acaso feliz que nos faz ganhar sem esperarmos; jogada errada que faz carambola. || ETYM. b-lat. *baburrus* inepto, estulto. Cp. prov. *badoc* e *barboulhur*; hisp. *barbullon*; ital. *barbugliatore*; fr. *barbouilleur*; port. *borrador*. || LEX. PORT. *bamburrio*.

banana sf., 1° fructa da bananeira *Musa*. || 2° fig., sm. poltrão, moleirão, palerma. || ETYM. galibi? || HIST. Na *Carta do Spiritusancto para o Padre doctor Torres*, de 10 de Junho de 1562, dá-se noticia da horta dos Jesuitas, onde havia « muitos legumes e fructas em seo pomar, especialmente a que chamão *bananas*, que durão todo o anno e são grande ajuda para sustentação d'esta casa ». *RIH.* 1840, 421. Por ahi se vê que, ainda na segunda metade do seculo XVI, a *banana* era novidade em Portugal, para onde se mandava do Brazil noticia da abençoada *musa do paraiso*. Bl. diz ser fructa do Brazil; Aul. que é indiana; Mor., fructo asiatico e brazilico.

bananada sf., doce da polpa da banana, coada na peneira e engrossada em calda de assucar até o ponto de marmelada.

bananal sm., plantação de bananeiras, cerrado de bananeiras, quer de pomar, quer de jardim, quer silvestres ou do mato. « Outro grupo de indios acaba de apparecer no Amparo, queimando casas e bananaes ». Goyaz, *Tribuna Livre* trscr. *JC.* 25 abr. 84.

bananeira sf., 1° planta que dá a banana, da familia das *Musaceas*; a haste sécca depois que deu o cacho e as fructas têm amadurecido. « Bananeira que deu cacho » diz-se fig. de quem teve prestimo e hoje nada vale; de negocio que já rendeu, e não dá mais lucro que sirva; de terra que se esterilizou depois de muitas colheitas etc. || 2° chamão *bananeira do matto* ou *caeté* uma *amomacea* de sementes pretas, duras, redondas, luzidias, de que fazem contas de rosario; flôr em cachos amarellos ou vermelhos, linda planta de ornamento, parecida com a bananeira nas folhas e no porte. A *caeté* é planta nossa; mas, a bananeira Musa não é fóra de duvida que não nos tenha vindo das Indias portuguezas.

banca sf., banco curto, largo, sem encosto, cujo assento é formado de duas tábuas collocadas em angulo obtuso reintrante, com ou sem gavetinhas, onde se sentão as mulheres quando cozem. *Banca de costura.* || ETYM. f. do port. hisp. ital. *banco*; b.-lat. *bancus*; fr. e prov. *banc*: do v.-a.-all. *banc*, *panc*; celt. *banc*, *beinc*, *benk*, ingl. *bench*. || LEX. PORT. *banqueta*, pequeno banco sem costas. Aul.

banco sm., ilhota de alluvião. « Appellidão [os paraguayos] *bancos*

as pequenas e baixas ilhas formadas por alluviões, embora sejão cobertas de arvoredo ». Lev. *RIH.* 1862, 213. || ETYM. vj. *banca.* || GEOGR. Matogr., Paraguay.

bandão sm., augm. de *bando,* porção grande, numero avultado. « Sua Magestade disse... Ah! mas agora me lembro que a Falla [do Throno] foi publicada hontem na *Gazeta,* por signal que se vendeu mais um *bandão* de exemplares ». Red. *GN.* 10 mr. 85. Um bandão de gente é muita gente, mas não é um povo; um bandão de soldados são muitos soldados, mas não fazem um exercito. « Arma bando sobre bando Até formar um bandão ». Red. *FN.* 11 mr. 85. || GEOGR. geral. « Um bandão de gente, um bandão de povo » phrases populares em todo o Braz. || ETYM. s. hisp. port. *band* (*o*) multidão reunida; tropa; quadrilha; partido; rancho + suff. *ão* augm.: do ablat. do b.-lat. *bandum* bandeira; bando, tropa; *bandus* multidão reunida sob uma bandeira; prov. ital. hisp. *banda;* fr. *bande*: do all. *band* fita, faxa, banda; bandeira feita de fita; gente que segue a bandeira.

bandeira 1° sf., bando, cabilda, cafila, caravana, « dá-se no Brazil este nome *bandeira* a um indeterminado numero de muitos homens que, providos d'armas, munições e mantimentos necessarios para sua subsistencia e defeza, entrão nas terras possuidas pelos indigenas com algum intuito, v. g. de descobrir minas, reconhecer o paiz ou castigar as hostilidades dos barbaros. Os individuos que formão estas campanhas appellidão-se *bandeirantes* e os chefes *sertanistas* ». Casal 1, 205 nt. Um d'aquelles intuitos, e o mais frequente, era escravizar indios. Vj. *descimento* e *resgate.* || 2° sf., guião em forma de estandarte, tendo no panno pintada uma pomba branca entre raios prateados ou dourados, chamados *resplandores,* e que symboliza o Espirito Sancto. E' a *bandeira do Divino.* Vj. *folia.* || 3° sf., pé de milho em roda do qual, quando se quebra o milharal na roça, se vão ajuntando pequenos montes de espigas, ficando elle inteiro no meio para os assignalar. || 4° sm., empregado das companhias dos bondes, de ordinario invalidos, que se sentão nas esquinas das ruas que os carros atravessão, para fazer signal com uma bandeirola, afim de evitar abalroamentos. « Falleceu repentinamente um bandeira da companhia de S. Christovão, que estava de serviço na praça da Constituição, canto da rua do Sacramento ». Red. *DN.* 9 oit. 85. « Falleceu repentinamente .. Francisco Cardoso, empregado como *bandeira* na companhia de S. Christovão ». Red. *JC.* 10 oit. 85. || ETYM. b.-lat. *banderia*; prov. *baneira;* prov. ital. *bandiera;* hisp. *bandera* (pronuncia braz.); fr. *bandière, bannière.* Vj. *bandão.* || GEOGR. 1° SP., Min., Mgr., Goyaz; 2° todo o Br.; 3° S. João del Rey (Min.); 4° Corte. || SYNON. 3° *capitão.*

bandeirante sm., que fazia parte das caravanas chamadas *bandeiras.* « A preponderancia do Tieté [no devassamento do interior do Br.] é tammanha que geralmente são considerados synonymos *paulista* e *bandeirante*... Si o characteristico de taes

expedições é a insignia sob que marchavão, então os paulistas são provavelmente os unicos bandeirantes, pois não consta que alhures usassem de bandeira. Si o que ha de fundamental é o fim e o resultado, — o fim, isto é, a captura de indios e a procura de objectos de valor; o resultado, isto é, a exploração inconsciente do territorio, então quasi todas as provincias têm bandeirantes ». C. Abr. *Desc.* 79. « Quando [os Canoeiros] assassinão e fazem depredações, costumão os parentes e interessados pelas victimas fazer bandeiras, como os antigos aventureiros sertanistas.. Esses bandeirantes vingativos por sua vez cahem sobre os selvagens, e não lhes poupão mulheres nem filhos, sobre quem exercem toda a especie de atrocidades ». Virg. 25, 26.

bandeirar vn., andar em bandeira, ser bandeirante ou bandeirista.

bandeirista sm., bandeirante. « Foi-lhe a clavina arrebatada por um indio, que deu ás gambias com toda a velocidade, não tanto quanto voaria uma das nossas balas, si a quizessemos empregar segundo o costume dos bandeiristas ». Elliott *RIH.* 1848, 166.

bando sm., vj. *pomba de —*.

bando-precatorio sm. comp., reunião de gente que sae encorpoporada pelas ruas, esmolando para algum fim pio. || HIST. assim se chamou, em 1885, o que esmolou na Corte em beneficio das victimas do terremoto na Hispanha.

bandó sm., penteado de mulher, arredondando em relevo desde o alto da cabeça até a orelha, de um a outro lado. « E uma velha com uma especie de bandó na testa ». Lop. *RIH.* 1850, 330. || ETYM. v.-fr. *bande*: nomin.-sg. *li bandaus;* acc.-pl. *les bandaus;* actual *bandeau*, pronunciado á port. *bandó* (á braz. e parisiense, *bandô*).

bangoê, vj. *banguê*.

bangolê, vj. *bangulê*.

banguê sm., 1° cadeirinha, liteira, puxada por dois animaes, um atraz, outro adeante, dentro dos varaes, com assento para duas a quatro pessoas e cortinado nas portinholas. « A viagem da estação de Caldas aos Poços.. se faz com poucas commodidades.. conducções constantes de animaes de sella, cargueiros, trolys e banguês, notando-se que nos banguês só poderão viajar deitados, soffrendo muitos abalos devidos aos máos caminhos: esses bánguês são carregados por dois animaes, e só dão commodidade a uma pessoa ». Pinto Coelho, *Rot.* 53. || 2° ladrilho das taxas, nos engenhos de assucar, por onde corre a espuma que trasborda com a fervura, ou quando se ajuda a caldeira, ou quando o fogo é muito. || 3° a fornalha e o terno das taxas assentadas sobre a fornalha, o complexo do apparelho do cozimento do caldo. « Privilegio por dez annos para.. assentar banguês com fogo sobreposto, isto é, deitado de cima para baixo ». *Aux. Ind. Nac.* 1870, 149. « Julgando ver uma fabrica central em cada banguê ». Apd. *JC.* 5 ag. 82. || 4° padiola de carregar terra. || 5° padiola de conduzir cadaveres. || 6° carro da Misericordia, que conduz a tumba. « Negro Gêge quando morre Vai pra

tumba do banguê; Os parentes vão dizendo: Aribú tem que comê.» Cantiga bah. recolh. por V. Cabr. || 7° coxo de couro para curtir pelles ou fazer decoada. || 8° canôa de pelle ou couro, *pellota* qv. || ETYM. a feição da pal. é bunda, *mbanguê*, e não *banghé* como Aul. manda pronunciar. || GEOGR. 1° M. gr., Goyaz, Min, SP., serrác. R. Jan.; India port.; 2° litt. R. Jan., ES., Bah.; 3° ibid.; 4° 5° e 6° Bah. e outras provs. do N.; 7° Min., Goyaz, Mgr.; 8° Bah. || HIST. « No seculo XVII, cantava-se na Bahia uma modinha com o estribilho: « Meo Deos, que será de mim?», que outros substituião por este: « Banguê, que será de ti?»; e forão ambos glosados por Greg. de Mattos, o unico que nos deixou testimunho da canção popular, hoje perdida na tradição. Em um documento de 1761, da Santa Casa da Misericordia da Bahia, sobre negocios de defuntos, lê-se: « Ha mais um esquife chamado do Banguê, em que se sepultão os escravos, de que dão seos senhores dois cruzados, de cujo rendimento se satisfaz a despeza dos tres que o carregão e o da cruz e o capellão, que os acompanhão á sepultura, e se pagão os 240 rs. de emolumentos aos sachristães das respectivas egrejas onde se sepultão». Doc. manuscripto da Bibl. Nac. « Irmandade de banguê » diz-se de irmãos ou pessoas da mesma casa que não se unem muito, estando sempre em brigas. « Pelo progressivo entaipamento do cemiterio do Campo da Polvora, apressou-se a remover as inhumações para o Campo Santo, determinando que de 1° de Maio de 1844 em deante fossem ahi sepultados os corpos dos doentes fallecidos no Hospital, e os dos escravos, que a Sancta Casa fazia conduzir no esquife denominado *banguê*. (Damazio, *Tombamento da Sancta Casa da Misericordia da Bahia*, 1862, pg. 57.)» Communicação de V. Cabr. || LEX. PORT. Aul. define fornalha em que se collocão as *talhas* nos engenhos de assucar (no Brazil); liteira rasa, coche de coiro [braz. *couro*, pron. *côro*] na India. De algures copiou *talhas* por *tachas* ou *taxas*, si não é erro typ. || ORTHOPH. *ban-gu-ê*.

banguela adj. 2, 1° benguela, natural do reino d'esse nome, n'Africa occidental. || 2° fig., sujeito que falla incorrectamente. || 3° fig., desdentado na frente. || ETYM. bd. O sentido figurado vem do costume dos benguelas arrancarem os dentes da frente das crianças em tenra edade, como fazem os australianos (Letourneau 77; Topinard 373). || ORTHOGR. *banguela* = *benguela*, no sent. propr. e no fig., é pop. no Brazil. Aqui, na cidade do Cabofrio (1886) e cartorios da provedoria, do tabellião das notas, dos orphãos etc., tenho achado muitos testamentos, escripturas, avaliações de escravos, cartas de alforria de antiquissimas datas, onde vem *banguela* como naturalidade dos negros de Benguela. || ORTHOPH. *gu* = *gh*: *banghêla*.

banguelê sm., briga, desordem. BR. || GEOGR. Minas. || ORTHOPH. *gu* = *gh*.

bangula sf., « embarcação de pescaria ». Rub. || ETYM. bd. || ORTHOPH. *băn-gŭ-lă*. Erra Aul. pro-

nunciando *băn-gŭ-lă*. || SYNON. *garopeira*. Bahia.; *calungueira*. Niteroy, Cabofrio até ES.

bangulê sm., dansa dos negros, ao som da puita, de cantigas obscenas, palmas e sapateados. || ETYM. bd. || GEOGR. Cabofrio. || SYNON. vj. em *batuque*. Cp. *bambá* e *banguelê*.

banhado sm., brejo, pantano, laguna coberta de vegetação aquatica e de ordinario pouco profunda. « Comecei a viajar observando varios banhados á esquerda, e á direita terrenos altos e enxutos ». E. Pit. *RIH*. 1864, 162. « Seo clima [de Curitiba] é muito saudavel, não obstante haver na entrada da cidade um ou outro banhado formado pelo rio Iguassú ». E. Pit. *RIH*. 1863, 542. « Pode um commandante ordenar a um batalhão que atravesse um banhado». Red. *GN*. 27 mr. 84. « Tambem se fará declaração no *Memorial*.. dos banhados ou mangues, e terrenos aridos ou estereis ». Av. n. 98 de 8 maio 1854, art. 45. « Quem não quizer emprehender viajem nos mezes sem chuva ha de atravessar por lagoas, banhados interminaveis, atravessar a nado e com mil perigos as caudalosas correntes ». Piauhy corresp. *JC*. 26 fev. 84. || ETYM. part. pass. do v. *banhar* substantivado; mas vem directamente do cast. *bañado*.

banqueiro sm., 1° nas fazendas de assucar, é o encarregado da casa das caldeiras de noite, em substituição do *mestre de assucar* qv., que assiste de dia. « Tem mais por obrigação o banqueiro repartir de noite o assucar pelas fôrmas, assental-as no tendal e concertal-as com cipó ». Anton. 75. || 2° banco de açougueiro. « Da cabeça do boi Espacio D'ella se fez um banqueiro Para retalhar a carne Da gente do Saboeiro ». SR. 1, 85. || ETYM. port. *banc (o)* + suff. *eiro*. || GEOGR. 1° litt. do Br.; 2° Ceará. || LEX PORT. negociante que faz negocio de banco; jogador que faz o monte e tira as cartas.

banquinha sf., banca pequena, onde, nas fazendas, se sentão meninas ou negrinhas que aprendem a cozer. « As mucamas.. sentadas em banquinhas, costuravão a seo lado ». França Jr. *Paiz*, trscr. *Progressista* (S. João da Barra, R. Jan.) 30 dz. 86.

banzar vn., pasmar com pena (Bl.) e magoa (Mor.), pela consideração de algum mal que se teme (S. Luiz); estar pensativo sobre qualquer caso; triste sem saber de que; soffrer do *spleen* dos inglezes, tristeza e apathia simultaneas; soffrer de nostalgia, como os negros da costa quando vinhão para cá, e ainda depois de cá estarem; considerar, meditar, pensar. Cannec.; mas concentrada e irresolutamente, sem tomar resolução alguma. « Botei-lhe os olhos no mundo, Banzando d'esta maneira: Boi Branquinho foi dizendo :- Muda-te d'esta ribeira». O *Boi Branquinho*, cantiga do sertão, recolh. em Paulo Affonso por V. Cabr. || ETYM. bd. *cu-banza* estar pensativo e pezaroso.

banzé sm., vozeria, fallatorio, barulho, desordem; festa ou funcção ruidosa. « Está bem claro que não é para acabar com o Hospicio que elle tem feito esse banzé ». Apd. *JC*. 24 maio 82. « Ao ser transportado de um cubiculo para outro [na casa de

Correição, o reo] armou *banzé* com as dez praças que o forão levar, e feriu o soldado Alberto ». Red. *GN.* 25 mr. 85. || « *Banzé de cuia* » barulhada; grande tumulto, arruaça, chinfrim qv., vaia batendo em cuia. «Logo á noite, si a senhora não encontra a roupa engommada, faz ahi um banzé de cuia que ninguem a pode aturar ». Fr. Jr. *Folh.* 114. || ETYM. ¿ bd. *mazue*, pl. de *rizue* vozes, vozeria, que, pela natural nasalização do *b* e do *z* com o *m* e o *n*, deu *mbanzue*, que perdeu a vogal atona *u ?* Propendemos para ver ahi o mesmo rad. *banz* = *banç* do v. bd. *cu-banza* = *cubança*, que deu os subst. ports. *banza* viola ou guitarra, *banzé* folia ou festa ruidosa, *banzo* nostalgia dos negros d'Africa, os vv. *banzar* e *banzear*, e o adj. *banzeiro*. Banzando está o triste que da viola desfere accordes saudosos: não viria d'ahi o chamar a viola de *banza*? E adquirido pelo instrumento o nome do effeito causado sobre o musico, não teriamos facilmente *banzé* tocata de viola, mas já sem a ideia de melancholia, antes em tom festivo, de funcçanata, barulho de toques, cantigas e dansas, e comes e bebes, sem ordem nem preceito? *Banzear* é balouçar, mover-se de um para outro lado, ondular, vacillar, mover-se inquietamente: ideia contida em *banza, banzar, banzé, banzeiro, banzo. Banzeiro* inquieto, mal seguro; « mar banzeiro » nem quieto nem tormentoso; « jogo banzeiro » quando ninguem ganha. Blut. Em todos esses vocabs. está o sentido de indecisão, irresolução, suspensão de animo vacillante, estado do espirito obsediado por pensamentos confusos ou contrarios, por tristezas vagas e inquietadoras; perturbado como as ondas em marulho ou barulho, ou como o vozear de povo em tumulto. E eis-nos na accepção de *banzé.* || SYN. *bambá, banguelê, chinfrim.*

banzeiro adj., profundamente triste e sem motivo; *spleenetico*, nostalgico: pensativo, como quem está *banzando*, « alheio ao que se passa, meditabundo». Juv. Gal.; inquieto, mal seguro, nem quieto nem tormentoso. « Chronicas incognitas, onde tambem achou a sua poesia banzeira, os seos selvagens mandriões ». Frankl. Tav. *Quest.* II, 130. || ETYM. bd. r. *banz-* + suff. port. *eiro.* || HIST. João de Barros, na *Dec.* 1ª, já empregava o t. como usual da marinha: « O mar com a calmaria andava banzeiro ».

barangandan sm., « collecção de ornamentos de prata que as crioulas trazem pendentes da cintura nos dias de festa, principalmente na do Senhor do Bom-Fim». BR. || ETYM. ¿ onomat. do ruido que fazem, como chocalho, as missangas, aneis, figas, rosarios etc. que constituem essa peça de enfeite. || GEOGR. Bah.

banzo ad., molle; triste. || GEOGR. Pernamb. (V. Cabr.).

barbacuá sm., girão ou grade de varas sobre forquilhas emcima da qual se extendia a herva (*ilex paraguariensis* St. Hil.: vj. *herva*), accendendo-se por baixo o fogo para sapecal-a. « Todos os oito dias, trazião [os Guaycurús] á venda provisões, que consistião em caça conservada por um processo que chamavão *barbacoá* em feixes e n'uma especie de

manteiga». Southley I, 185. E' a caça *sapecada* ou *moqueada :* vj. estas pals. || ETYM. guar. *mbara* = hisp. *vara* + *mbacuá* coisa assada para se comer. M., BC. *No se dize de cosa grande, e assi se aplica a almuerço ó merienda.* M. *Tes. Obarbacoá = amôcâem, assar algo en parrillas.* M. *Voc.* || GEOGR. *Paraná*, ant.; acha-se substituido por *carijo.*

barbaridade sf., bandão, muito. Us. como intj. « Que barbaridade! » sc. de gente, de bichos, de soldados, de peixes, de coisas que andão em collecção. || SYN. *bandão.*

barbatão adj., brabo, amontado, o contrario de *corteleiro* qv. SR. I. 79 nt. « Minha mãe era uma vacca, Vaquinha de opinião; Emquanto fui barbatão Nunca entrei em curralão.. Tenho corrido muito gado, Novilhote e barbatão, Nos carrascos e restingas; Agora fiquei logrado No centro d'este sertão». SR. I, 81, 88. || ETYM. corr. pop. de *brabatão* duplo augm. de *brabo,* por intercurrencia de *barba, barbado, barbadão.* Cp. port. ant. *barbata* bravata, fr. *bravade.* Vit.; e *braganha* barganha; *bargante* bragante; *barguilha* braguilha; *burlote* brulote; *pregunta* pergunta; *percisão* precisão. A metathese do *r* deslocado da sua vogal é frequente na falla pop. || GEOGR. sertões do norte, da Bahia ao Piauhy, Ceará. || SYNON. *montado.* R. Jn.; *alçado, chimarrão.* RGS.

barbela sf., 1° peça do freio que, passando por baixo do queixo do animal, se prende nas câimbas. || 2° barbicacho. || 3° especie de botão que se toma nos gatos de ferro afim de não desengatarem do logar onde estão dados. *DMB.* || ETYM. sf. *barb* (*a*) + suff. *ela.* || GEOGR. 1° R.Jan.; 2° SP. || HIST. 3° ant. em Portugal; vig. no Brazil.

barbicacho sm., 1° « cordão trançado, cujas pontas cozidas no chapéo o prendem ou segurão á pessoa que o traz, passando por baixo da barba ». Cor. || 2° pedaço de corda ou couro que se amarra no queixo do cavallo, passando por baixo da lingua, para governal-o quando se monta em pello. || ETYM. duplo dim. de *barba*: *barb* (*a*) + suff. *ic* (*a*) + suff. *acho* pejor. || GEOGR. 1° RGS.; 2° RJan.

barcaça sf., augm. de *barca,* 1° pontão, « embarcação com apparelho proprio para virar de carena os navios: deve ter menos pontal que o navio que fôr virar, e o lastro necessario ». *DMB.* || 2° « Ha certas embarcações na prov. de Pernambuco que conduzem diversas mercadorias de uns para diversos portos da mesma provincia e para os das provincias limitrophes, a que dão o nome de *barcaças*; suas velas são como as das jangadas ». *DMB.* « A navegação do rio Doce, de sua barra até o porto de Souza, é franca e boa; e pouco abaixo do dicto porto de Souza, admitte barcaças que podem velejar, e mesmo bordejar.. Si a navegação de todo o rio Doce admittisse barcaças, as cachoeiras das Escadinhas lhe servirião de grande obstaculo; mas, como muitos logares do rio, que pertencem á capitania de Minas Geraes, só admittem navegação de canoas, sempre no ultimo d'estes se deverião baldear os generos para

barcaças ». Tovar 1810 *RIH.* 1839, 174-5. « As canoas a que chamão *barcaça* e que navegão pela costa de Pernambuco e provincias adjacentes do sul e norte têm dois páos d'esta arvore [jangadeira], para formarem equilibrio : chamão-os *embonos* ». Alm. Pinto.

bargado adj., 1° experto, matreiro, diz-se do gado que se não deixa pegar. || 2° em ger., vivorio, vivatão, que logra os outros, mas não se deixa lograr ; expertalhão. || ETYM. port. *bargante* = *bragante*, velhaco, talvez *barganhante* troquilha ? ou *brigante*, *brigão*, como quer Diez ? E que relação terá com *desbragado* dissoluto, sem leis, nem costumes ; e *desembargado* = *desembaraçado ?* Vj. *bragado*, que é coisa diversa. ||GEOGR. Ceará.

barra sm., resoluto, decidido, valente, homem para qualquer desempenho. || ETYM. ¿ do jogo da *barra*, onde ganha quem atira mais longe uma barra de ferro : do b. lat. prov. hisp. ital. *barra ;* ingl. *bar ;* all. *barre*, *barren* : do celt. *bar* vara, tranca. Vj. *barranco.* || SYN. *botábaixo*, *cabo* (eleitoral), *chefe* (de partido), *cuera*, *damnado*, *grubixá*, *influencia*, *influente*, *macota*, *manda-chuva*, *mandão*, *manata*, *morubixá*, *proconsul*, *regulo*, *sova*, *tarugo*, *teba*, *temivel*, *totum-cuebas*, *tutú*, *tuxaua*.

barranca sf., barranco. « Dando elle [os paraguayos] á palavra *barranca* a mesma significação que damos a « barranco », extendem frequentemente essa denominação a toda a ribeira esquerda ou oriental, designando a outra pelo nome de *chaco*, que, como se sabe, designa o vasto e pouco conhecido paiz situado a poente do Paraguay ». 1847 Lev. *RIH.* 1852, 213. Suas margens [do Jatapú], formadas de barrancas altas de argilla, apresentão em alguns pontos praias e em outros igapós .. Entre as barrancas a mais notavel é a chamada Tatáuacá, pouco abaixo do lago Uaucú, na curva que ahi apresenta o rio, com frente para NO. E' formado de seis stratus distinctos ». BRoiz. 1875 *Urubú* 59-60. « O aspecto da barranca, que desde a margem do Paranápanema é alta, de rocha, de piçarrão e terra barrenta quasi roxa, transformou-se em pantanos cobertos de relva até a barra do Ivahy ». Elliot. 1845 *RIH.* 1847, 28. || ETYM. vj. *barranco.* || GEOGR. Matto Grosso, Amazonas e Paraná : d'onde se vê que não é só expressão paraguaya, como se deprehende do Barão de Melgaço no trecho supra cit.

barranceira sf., barranco ou barranca de certa extensão; continuação de barrancas. « Ao cabo de cinco dias, Estando eu na barranceira, Quando fui botando os olhos E' que vi Manuel Moreira ». O *Rabicho da Geralda*, versão das Alagoas, rec. por V. Cabr. || ETYM. os lexs. que o trazem dão como forma ant. de *ribanceira* ; mas parece erro. *Ribanceira* vem de *riba*, lat. *ripa* praia ; d'onde *ribeira* no mesmo sentido de *barranca*. Lev., ex. cit. *Barranceira* compõe-se do s. *barranc* (*a*) margem ou riba excavada, barrancosa + suff. *eira* ; e bem duvidou Moraes quando, depois de remetter de *barranceira* para *ribanceira*, pergunta : « Talvez continuação de barrancos ? »

Sim, mas de *barrancas*; e a etym. d'estas pals. é o port. *barro*, do ar. *bara* terra. Eng. E' certo que, sendo o *c* de *barranca* = *k* = *qu*, devia dar *barranqueira;* mas, a intercurrencia de *ribanceira*, do ant. port. *ribanç(a)* margem de rio talhada a pique + suff. *eira*, explica a formação pop. do nosso voc.

barranco sm., « é o nome que se dá á ribeira do rio, tendo ella pouco ou nenhum talude, seja alias qual fôr a sua altura; quando pelo contrario, o talude é consideravel, a ribeira recebe o nome de *praia*, designação que tambem ás vezes se applica aos baixos, ainda que não contiguos ás margens ». 1847 Lev. *RIH*. 1862, 212. « Abre o rio um estirão muito comprido, e no fim campo á beira do rio, á direita com suas ilhas; outro estirão comprido, campo á parte direita á beira do rio, suas ilhas da parte esquerda.. Forão apparecendo suas praias e ilhas, barranco de campo á direita ». V. R. 1793 *RIH*. 1848 Suppl. 413. Eis ahi: campo que morre á beira do rio, e campo que se desbarranca sobre o rio. « E logo praia muito grande á direita, e no fim ilha grande á esquerda; barranco de campo á direita, ilha de serans pelo meio do rio; praia da parte direita; o canal é á esquerda; avistão-se muito longe dois morros da parte esquerda; e pelo meio do rio suas ilhas de serans; e no fim, uma entaipava rasa; ficando os morros na beira do rio, com barranco de campina á esquerda; alarga muito o rio: fiz pousada ». Ibid. 416. Vê-se: *barranco* opposto a *praia*, *despenhadeiro* opposto a *margem que vai morrer á flor das aguas*. || ETYM. ha tres familias de palavras começando por *bar*, cuja etym. precisa discernir. 1° *Barral*, *barranca*, *barranceira*, *barranco*, *barrancoso*, *barrear*, *barreira*, *barreiro*, *barrela*, *barrento*, *barroca*, *barrocal*, *barroso*, vêm do port. *barro*, que se formou do ar. *bara* terra. Eng., que pergunta: *ut ex qua quid formatur?* 2° *Barra* de porto, *barraca*, *barrica*, *barriga*, *barril*, *barco*, *barathro*, *baratta* vaso, descendem da raiz aryana *bar* ouco, oucura, cava, excavação, vacuo, bojo, capacidade. 3° *Barra* trave, *barra* do vestido, *b.* do dia, *barreira* obstaculo, *barrar* separar, fechar, *bardo* cerca, *vara*, constituem outra familia, proveniente do celt. *bar* vara, regua, trave, que obsta, que separa, que cerca. O port. *barro* argilla, não tem correspondente em nenhuma outra lg. neolat., com excepção do hisp., que o tirou da mesma fonte. O fr. é *glaise*, ital. *bucchero*, prov. *argila*. || LEX. PORT. *barranco* é « cova ou quebrada de terra, a modo de vallado de uma e outra parte, que, por receber de ambas toda a agua, está humida e feita quasi barro ». Bl.; « cova ou quebrada formada pelas enxurradas ou por outra causa ». Aul.: noção que tambem aqui temos.

barrancoso adj., cheio de barrancos ou barrancas. « As margens, desde a barra [do Ivahy] baixas e pantanosas tornão-se barrancosas ». Elliot 1845 *RIH*. 1847, 29. || ETYM. *barranc(o)* + suff. *oso* cheio.

barrão sm., porco novo e inteiro, serve de reproductor ou pae do lote, *vir gregis*. || ETYM. corr. pop. de *var-*

rão pela troca do *v* pelo *b*. A forma augm. *varrão* presuppõe o ant. port. * *varro*, do b.-lat. *verrus*, v.-fr. *ver:* do lat. *verres*. Com effeito, as formas norm. *vernat*, *verrot*, *verrou*, wall. *verâ*, *veraû*, prov. *verrat*, *verragut*, hisp. *verraco*, fr. *verrat* não são primitivas; ao contrario são diminutivas ou augmentativas, da mesma sorte que as ports. *varrão*, *varrasco*. || LEX. PORT. *varrão*.

barrasco sm., dim. de *barrão*, entre leitão e barrão. || ETYM. v.-port. * *varr*(*o*) + suff. *asco* pejor.; hisp. *verraco*, prov. fr. *verrat*.

barrear va., revestir de barro a parede: vj. *embarrear*. « Para o que se barreou um dos ranchos ». *RIH.* 1855, 258. || ETYM. s. *barr* (*o*) + suff. vb. *ear*. || LEX PORT. *barrar*.

barreio sm., pastagem nos barreiros salgados. « Fazer barreio » levar o gado a pastar nos barreiros salitrados. « Todo o mais dilatado espaço de campanha [na prov. das Missões] não só não cria, como mata, passados tempos, os animaes que n'ella se apascentão. Este defeito, porem, poderia remediar-se tendo-se o trabalho de fazer barreiros; mas como os nossos povoadores têm a fortuna de possuir campos que, independente d'este serviço, crião com notavel proveito e adiantamento, desprezão estes campos ». Th. Rab. *RIH.* 1840, 158. || ETYM. s. *barr* (*o*) + suff. *eio*. Parece que, á similhança de *rodeio* qv., se formou a pal. *barreio:* acção de levar o gado ao *barro* onde ha sal.

barreira sf., « logar escarpado na margem do rio com extensão até meia legua, onde não ha mato». RTS. *RIH.* 1848, 202. « D'este ponto [Tupinambáranas] ou pouco mais acima se deve atravessar o Amazonas, por não navegar uma margem insipida .. e um rio vazio de muitas praias, e buscar a parte do norte até Cararaucú, que são umas barreiras de terra vermelha ». André Frnz. 1820? *RIH.* 1848, 419. || ETYM. *barr*(*o*) + suff. *eira*. || GEOGR. Mgr., Goyaz, Am. || LEX. PORT. logar donde se tira barro; estacada; alvo; limite; obstaculo. || SYN. *barreiro*.

barreiro sm., 1º logar donde se tira barro para as obras de pedreiro. || 2º « terreno salitrado mui buscado pelos animaes, e sitios sabidos dos caçadores para a espera e caçada das antas ». Sev. I, 53. Ou, como descreve Taunay: « Chamão-se *barreiros* algumas baixadas salino-salitrosas, de côr acinzentada puxando para o branco. Todos os animaes buscão, com verdadeira soffreguidão, esses logares; não só mammiferos, como aves e reptis. O gado lambe o chão, e, atolando-se nas poças, bebe com delicia aquella agua e come o barro. Quando as vezes voltão á noite d'esse pascigo, vêm com o ventre empazinado, como se estivessem prenhes. Não ha melhor poncto d'espera para um caçador; na verdade, a abundancia de passaros e de caça grossa que se juncta n'um barreiro é coisa de pasmar. Tambem ahi é que os sucurys vêm-se esconder para colherem as suas prezas ». 1865 *RIH.* 1874, 220. « Sahi em uma canoa a correr todos os barreiros, que ficão ou se achão nas margens do Tieté, de cujo barro comem os gados, talvez por ser salgado;

parece-me que elles contêm sua porção de muriato de soda, mas nunca salitre,' como aqui tinhão pensado.. Na volta, encontrei o sujeito encarregado da fabrica do salitre, bom practico, que vinha examinar as dictas barreiras, a quem desanganei ». Martim Francisco 1803 *RIH.* 1882, 28. « Vim dormir nos campos; e depois que anoiteceu, embarcarão os dois remeiros e forão esperar caça em um barreiro, pois que ha muita pelas margens do rio, e matarão uma anta ». Ol.B. 1810 *RIH.* 1839, 182. « Atravessei o rio Daboque, que vem da serra, e alem d'elle encontrei barreiros mui ricos de salitre ». D'Al. 1825 *RIH.* 1857, 340. « Chegámos a uma pequena e romantica ilha com um barreiro na ponta superior, aonde affluia um bando immenso de passaros, e ahi pousámos ». Elliott 1847 *RIH.* 1848, 161. Esses exs. definem o *barreiro* que, segundo o naturalista D'Alincourt, contem salitre, e segundo o naturalista Martim Francisco [illegible] tem. || [illegible] campo [illegible], não condo [illegible] || GEOGR. SP., Paraná, Mgr., Goyaz.

barrigueira sf.. « peça que faz parte da cincha: é a parte que passa pela barriga do cavallo ». Cor.

barroca sf., buraco, rasgão praticado na terra pelas enxurradas ou outras causas, cova profunda, circular ou comprida, que geralmente intercepta o passo. || ETYM. a pal. filia-se, parece, á mesma familia descendente de *barro.* Comtudo, Diez acha bom fundamento nos etymologistas ports. que a derivão do ar. *borqah'.* || HIST. « Este termo, diz DV., anda confundido com *barranco,* como se vê pela definição de *cova* que lhe assignão »; e define *barroca* monte ou rocha de piçarra; ou de barro, ajuncta Aul., dando tambem o signif. vulgar de *cova, barranco.* Esta accepção vulgar de *cova,* unica que passou para o Brazil, era tambem a unica em Port. no sec. XVII, como testimunha Bluteau, definindo *barrôca* covas que fazem as aguas impetuosas; e adduz ex. de João de Barros: d'onde concluimos que assim era no sec. XVI. No sec. XVIII, vemos em S. Rosa de Viterbo *barroco,* *barrocos* (forma masc.), penedo ou penedos altos e sobranceiros ao valle ou á terra plana e assente; d'onde *barrocal* logar cheio de penedos altos e fragosos; pal. ainda então usada em Pinhel e Ribacôa. N'este sec., Moura ap. Souza dá *barroca,* do ar. *borca* terra inculta cheia de penedia e cascalho; mas Engelmann não perfilha o vocabulo, que já nos está com tres ideias diversissimas; cova, penedo e [illegible] terra coberta de penedos e cascalho. Cumpre notar que o ar. *borqah'* faz no pl. *boraq,* d'onde o nosso t. *buraco;* logo, *barroca* devia ser *cova.* « O chão estava calçado ou alastrado de pedras soltas e deseguaes, com muitos saltos e barrocas; e onde isto faltava, era atoleiro grande e caldeirões muito fundos ». Az. 1751 *RIH,* 1845, 471. O Conde de Azambuja, que chegava de Portugal, emprega aqui *barroca* no sent. de Moura. « D'elle [morro do Bom Jesus, em Iguape] correm por muitas barrocas regatos de boa agua.. Sempre as grandes massas da mencionada rocha granitica, desarrumada. Esta rocha forma pelo

seo desarrumamento barrocas a cada passo, por onde correm regatos e cachoeiras abundantes em aguas ». Mart. Franc. 1805 *RIH.* 1847, 532-3. Eis ahi a accepção brazileira. As barrocas, em forma de covas circulares, assim como as grotas, são muito frequentes nos campos geraes do Paraná, consequencia talvez da formação rochosa do terreno. O solo dos taboleiros ou chapadas que se extendem sobre as cristas das serras é uma camada comparativamente delgada, que os ventos crestão e as enxurradas facilmente excavão; e tanto mais amiude quanto, despojados de vegetação vigorosa, apenas coberta de gramineas, aroideas, cyperaceas e outras hervas e alguns subarbustos, cujas tenues raizes não segurão a terra, é infallivel e rapida a desaggregação das rochas que a compõem. A forma e direcção das barrocas são determinadas pelas fendas dos rochedos, atravez das quaes foi a terra carregada pela acção das aguas pluviaes; e depositando-se no leito e pelas bordas d'essas bibocas, dá nascimento á vegetação enfezada e carrasquenha que a reveste.

barrocal sm., logar cheio de barrocas. Oliv. Bello *Farrapos* 4.

barrocão sm., augm. de *barroca.* « Juntou atraz o Moreira, Correndo como um damnado; Mas logo adeante esbarrei, Escutando um zoadão. Moreira se despenhou No fundo de um barrocão ». Al. ap. SR. I, 75. Ceará.

barroso adj., 1° branco sujo, côr de barro, entre branco e vermelho: diz-se do gado, e é, nas fazendas, nome com que os moleques e pastores baptizão o boi ou vacca de côr barrenta. || 2° branco. Cor. « E's branco como o jasmim, Colorado como a rosa: Si tu me amares sempre Dou te ũa terneira barrosa ». Kos. ap. SR. II, 73. || ETYM. s. *barr* (*o*) + suff. *oso* cheio. || GEOGR. 1° litt. RJan.; 2° RGS.

barulhoso adj., agitado, tumultuoso, marulhoso. « E não tocava ainda o fundo a grande anchora, que caia levantando barulhosamente espadanas d'agua e escorregando com ruido pelos escovens, já muitos saltavão nas montarias e dirigião-se para elle ». J. Ver. 1883 *RAm.* I, 186. || ETYM. *barulh* (*o*) + suff. *oso* cheio: corr. pop. de *marulhoso* (*m* por *b*) por intercurrencia de *barulho* t. us., em vez de *marulho* t. erud.

basquine sm., peça de roupa das mulheres, paletó curto e justo no corpo. || ETYM. picard *vasquine*, hisp. *basquina*, fr. *basquine*, port. *vasquinha.* J. Rib. *Philol.* 49 deriva *vasquim*, *vasquino* talvez de *balduquino*, adj. formado adulteradamente de *Bagdad*, para designar um tecido de seda. Littré def. « especie de casaco rico e elegante usado pelas mulheres *bascas* e hispanholas » : parece mais provavel esta origem.

basto sm., « lombilho de cabeça mui rasa e pequena: ordinariamente se diz no plural ». Cor. || ETYM. cast.

batata sf., 1° o tuberculo da conhecida solanea tuberosa. *Batata edulis.* « Plantar batatas » loc. corresp. ao port. « bugiar », ao braz. « pentear macacos » : phr. de aborrecimento ou desprezo com que se despede um importuno. « A especialidade do

sr. Damaso é a lavoura; e, si nos permitte um conselho, dir-lhe-hemos: Vá plantar batatas». Apd. *JC.* 3 abr. 83. || ETYM. Martius dá como t. taino; que é americano não ha duvida. || 2° fig., nariz grande e grosso. || 3° asneira grossa, dicto tolo.

batatada sf., 1° doce de batata preparado como a *bananada* qv.. || 2° fig. erro grosseiro de pronuncia ou de dicção. || 3° sequencia de tolices.

batatão sm., nome que dão ao fogo fatuo na Parahyba do Norte; syn. de *boitatá* em outras provincias. BR. || ETYM. corr. de *mboitatá* cobra afogueada.

batateiro adj., 1° que pronuncia mal ou falla incorrectamente. || 2° que diz asneiras.

batecum sm., 1° barulho de sapateados e palmas como nos batuques. || 2° barulho de pancadas fortes e frequentes com os pés, com soquete, martello etc. || 3° pulsação forte, cheia e rapida da arteria, no coração, nas fontes, no ventre, a qual o doente ouve e sente como si fôra na cabeça. || ETYM. nasalização do port. *batecú* pancada que se dá com as nadegas, cahindo.

batedeira sf., «é similhante á escumadeira, mas com beiço e sem furos». Anton. 81, para bater o melado afim de se não queimar na taxa. || LEX. PORT. engenho de bater manteiga, barata.

batelão sm., 1° «canôa curta e com grande bocca e pontal sem relação a seo tamanho». Cam. || 2° canôa pequena. || GEOGR. 1° Bah.; 2° Mgr. || LEX. PORT. augm. de *batel.*

bater vn. e a., correr. || GEOGR. RJan., Pern. SR. *Contos* 131.

batoque sm., vj. *cherembetá* e *tembetá.*

batucar vn., 1° dansar o batuque. || 2° fazer batecúm; bater a miudo e de rijo, bater muito e forte. || ETYM. bd. *batuq* (*ue*) dansa + suff. vb. *ar.*

batuera sf., sabugo do milho sem os grãos. || ETYM. br. *abatiera, abaticuera, abatiguera, abatiuera* milho que foi e já não é. Montoya dá *abatĩguê, espiga de maiz sin grano,* ou litteralmente *abati* milho + *ĩ* = *ĩb* haste ou pé + *guer* que foi. || LEX. PORT. *carolo.* || ORTHOPH. pronuncia-se o *e* ora aberto, ora fechado.

batuque sm., 1° dansa com sapateados e palmas, ao som de cantigas acompanhadas só de tambor quando é de negros, ou tambem de viola e pandeiro quando entra gente mais aceada. «Acolá .. rasgado cateretê. Ao longe, ouvem-se sons surdos de tambores acompanhando umas cantigas monotonas, porém cheias de suave tristeza. E' o *batuque* dos negros das fazendas circumvizinhas». Fr. Jr. *Folh.* 159, 160. || 2° fig., qualquer barulho produzido por pancadas frequentes e fortes, sapateados, arrastar de pés etc. || ETYM. acceitamos a procedencia africana que dá o cardeal Saraiva quando define: «*batuque* dansa ou baile de que usão as duas nações congueza e bunda, e a que ambas dão o mesmo nome». Cf. Aul. «Recebendo-nos com a maior amabilidade, não faltando *batuques* (dansas), caçadas e excursões .. Os *batuques* prolongarão-se ao som dos bumbos, pifanos e palmas, re-

petidas pela multidão enthusiasmada, que a esta medonha scena accrescentava transportes de alegria, gritos e urros ». Cap.-Iv, 56, 210. Alfr. de Sarmento dá o nome de *batuque* não sómente á dansa, mas tambem ao tambor a cujo som se executa (vj. *púita*). Merece aqui transcripta a perfeita descripção que elle faz de uma dansa tão original, que os negros d'Africa ainda hoje reproduzem no Brazil com toda a côr local: « Forma-se um circulo composto dos dansadores e dos espectadores, fazendo parte d'elle tambem os musicos com os seos instrumentos. Formado o circulo, saltão para o meio d'elle dois ou tres pares, homens e mulheres, e começa a diversão. A dansa consiste n'um bambolear sereno do corpo, acompanhado de um pequeno movimento dos pés, da cabeça e dos braços. Estes movimentos accelerão-se, conforme a musica se torna mais viva e arrebatada, e, em breve, se admira um prodigioso saracotear de quadris, que chega a parecer impossivel poder-se executar sem que fiquem deslocados os que a elle se entregão. Aquelle que maior rapidez emprega n'esses movimentos é freneticamente applaudido e reputado como o primeiro dansador de batuque. Quando os primeiros pares se achão extenuados, vão occupar os respectivos logares no circulo formado e são substituidos por outros pares que executão os mesmos passos.. Os cantares que acompanhão estas dansas lascivas são sempre immoraes, e até mesmo obscenos, historias de amores descriptas com a mais repellente e impudica nudez ». Esse é o batuque do Congo e dos sertões ao norte do Ambriz. Em Loanda e outros presidios e districtos, « o *batuque* consiste tambem n'um circulo formado pelos dansadores, indo para o meio um preto ou preta, que, depois de executar varios passos, vai dar uma embigada, a que chamam *semba*, na pessoa que escolhe, a qual vai para o meio do circulo substituindo-o. Esta dansa, que se assimelha muito ao nosso *fado*, é a diversão predilecta dos habitantes do sertão africano onde a influencia dos europeos tem modificado de algum modo a sua repugnante immoralidade. Os cantares são menos obscenos, e não raro é ver tomar parte n'um batuque, por occasião de festa, alguns indigenas de classe mais elevada ». O mesmo se dá entre nós: o batuque do Congo é mais proprio dos negros africanos; o outro, já mais civilizado, é dos crioulos, dos mulatos e até dos brancos. Esses exs. provão que a pal. nos veiu d'Africa; mas, não teria sido importada lá pelos portuguezes, e naturalizada, e espalhada por todos os recantos que esses ousados viajantes têm percorrido? ha muitas outras palavras n'este caso, e entre ellas algumas evidentemente tupis. E não teria passado para a dansa o nome do tambor, que a characteriza? e o voc. *batuque* applicado ao tambor não está denunciando origem port. no v. *bater*, na forma iterativa *batucar*? De todas as linguas africanas que conhecemos (de vista apenas, ou antes, de ouvir dizer), já da costa occidental, já da oriental, já da meridional ou da região dos lagos, em ne-

nhuma se acha o t. *batuque*, quer applicado a dansa, quer a tambor. Em todas, *dansa*, *tambor*, *bater*, são palavras que não têm uma lettra de *batuque*. Em conclusão, o t. veiu d'Africa; mas a etym. parece port. Vj. *batucar*. || GEOGR. geral no Brazil. No RJan., applica-se a toda a dansa desde que é executada ao som do tambor como unico ou principal instrumento. || SYN. *bangulê*, *bendenguê*, *candombe*, *candomblê*, *cateretê*, *jongo*, *samba* etc.

bazar sm., armazem ou loja que comprehende todos os generos de fazendas seccas, pannos, vidros, objectos de armarinho, chapeos, calçado, cutilarias, quinquilharias etc. « Casas onde se vendão fazendas e objectos de diversas especies e qualidades, conhecidas pela denominação de *bazares*, de 40$ a 100$ ». L. prov. R. Jan. n. 2538, art. 24. || ETYM. persa *bazar* praça, feira onde se vendem todas as castas de mercadorias. Sz.

bazulaque sm., doce feito de coco ralado e mel de furo: « quando tem bastante consistencia para ser cortado em talhadas, chamão-no *pé-de-moleque* ». BR. || ETYM. parece corr. de *badulaque*, t. port., guizado de figado e bofes em pedacinhos, com os quaes se comparassem os do coco ralado. || GEOGR. Alagoas. || LEX. PORT. alem d'aquelle signif., o port. *badulaque* exprime *cacarecos* trastes de pouco valor por serem velhos ou quebrados, cacos; e ha *bazulaque*, t. burl., homem muito gordo (Aul.), e, como define Blut., « guizado de forçura de carneiro, com cebola, toucinho, azeite e vinagre, coentro, ortelã etc. He muy usado no Mosteiro de Alcobaça, para cea dos Monges », e remette para *badulaque*. || ORTHOGR. *bazulaque* parece erro. || SYN. *sambongo*. Pern.

bebes sm. pl., vj. *comes-e-bebes*.

bebida sf., bebedouro, deposito de aguas da chuva, aonde vão beber os animaes durante as seccas no Ceará. Como os barreiros em Goyaz e Matto Grosso, são as *bebidas* logares azados para a caça. « Conhecida a *bebida*, logar onde as pombas costumão beber, fazem uma *espera*, pequena palhoça de ramos verdes, á beira d'agua, onde se possa occultar uma pessoa. Atravessão um páo de uma a outra extremidade da fonte, a pouca distancia da espera, e está prompta a armadilha ». R. Theoph. 287. || GEOGR. Ceará, Piauhy. || SYN. *barreiro*.

bejú sm., especie de biscoito de farinha de mandioca. « *Meiú* (bejú) não é propriamente biscoito, mas é o que entre os selvagens substitue a isso ». C. Mag. *Selv.* I, 35. Gabriel Soares descreve-o assim: « Fazem mais d'esta massa [da raiz da mandioca ralada] depois de exprimida, umas filhós, a que chamão *beijús*, estendendo-se no alguidar sobre o fogo, de maneira que ficão tão delgadas como filhós mouriscas, que se fazem de massa de trigo; mas ficão tão eguaes como obreias; as quaes se cozem n'este alguidar, até que ficão muito seccas e torradas. D'estes beijús são mui saborosos, sadios e de boa digestão, que é o mantimento que se usa entre gente de primor, e que foi inventado pelas mulheres portuguezas, que o gentio não usava d'elles.

Fazem mais d'esta mesma massa tapiocas, as quaes são grossas como filhós de polme e molles; e fazem-se no mesmo alguidar como os beijús, mas não de tão boa digestão, nem tão sadias; e querem-se comidas quentes; com leite têm muita graça, e com assucar clarificado tambem ». 1587 *RIH.* 1851, 104. Vê-se que o chronista nacional dá o bejú como invenção port., quando é certo e elle refere que os indios no seo tempo tiravão da mandioca todas as utilidades, inclusive a farinha como alimento. O que ha de ser das mulheres ports. é a forma delicada do bejú de tapioca, em folhas finas, niveas, transparentes, tenras, saborosas, como só mãos femininas e civilizadas soem fazer. « N'esta fazenda [Bahia] se fazem os mantimentos de farinha e beijús de mandioca para os irmãos ». 1585 Anch. in *DOff.* 4 abr. 86. || Ha os *bejús de tapioca*, feitos de polme da massa da mandioca, de ordinario cylindricos e oucos; *bejús de massa*, feitos da propria massa da mandioca, redondos e chatos; *bejús de sola*, especie de *manapansa*, temperados com sal, assucar e herva-doce e assados em folhas de banana; *bejús de guardanapo* ou *de prato*, que se dobrão como guardanapos. « Tambem cruas se ralão [mandiocas] e expremem-se e fazem-se uns beijús que são como obreias do tamanho de um prato. E' mantimento de pouca sustancia, insipido, mas são e delicado. » Anch. in *DOff.* 10 abr. 86. «Lencinho de crivo, dobrado em forma de bejú». Fr.Jr. *Folh.* 101, isto é, em triangulo, como ordinariamente se dobrão os guardanapos. « A praça do centro [da aldeia dos Curutús] é commum a todos para os differentes trabalhos de ralar a mandioca, amassar e cozer os beijús, para as suas dansas etc. » M.M. 1866 *Br. Hist.* I, 105. « N'esse ponto entrou um mulatinho com um bule de louça azul e quatro tijelinhas brancas; depôz tudo sobre a meza e foi buscar um prato de alvissimos beijús encanutados e frescos ». Folh. *GN.* 16 ag. 82. « Bijú de tapioca.—1 lata ». *CEP.* 1875, 138. « No roçado germinavão extensos milharaes, fornecendo optimas maçarocas, e dava bem boa mandioca, com que se fazião excellentes bijús.. ». C. de L. folh. *JC.* 7 ag. 81. || ETYM. guar. *mbeiú* cosa apeñuscada; tortas de mandioca; cosa en razimos. M.; *mbeyú* = *mbejú* bolo ou filhó de farinha torrada. BC., de *mbiú* pp. de *u* comer, a comida por excellencia, o pão; tp. *meiú.* C. Mag. || ORTHOGR. a escripta correcta é, pois, *bejú* ou *bijú*, e não *beijú*, que já fez alguem acreditar viesse do port. *beijo*, como outros bolos, e doces, e flores, denominados *beijo de moça*, *b. de freira*, *de frade*, *de Venus* etc., quando não viesse do fr. *bijoux* joia!

beiracampo sm., comp. « terreno comprehendido entre o limite de um campo com um mato e o poncto em que, a começar d'aquelle, prefizer 600 braças ». Art. 1° L. pr. Paraná n. 619, 18 fev. 57.

belchior sm., negociante de coisas velhas, livros em segunda mão, registos de sanctos, badulaques ou trastes velhos. « Olhou machinalmente para o interior de uma casa de ferros velhos e deu com o respectivo bel-

chior muito occupado a limpar a moldura de um velho quadro.. Que o calunga não escandalize a piedade do leitor: o belchior era judeo ». Red. *DN.* 24 jun. 85. « Quanto aos trastes velhos.. Que o digão os *belchiores*, que não tem mãos a medir ». Red. *DN.* 5 oit. 85. « Folheto que alias o meo informante não poude encontrar em nenhuma livraria, e nem teve a lembrança luminosa de procurar nos *belchiores* ». Dr. J. Macario apd. *JC.* 13 nov. 86. « Vendeu o guarda-chuva por 500 rs. a um belchior da rua da Carioca ». Red. *JC.* 27 nov. 88. « O facto é que consegue attrahir alguns papalvos transeuntes que sahem depennados e com cada alcaide até indigno de figurar no mais reles belchior ». Red. *FN.* 15 jan. 85. || ETYM. provavelmente de algum Melchior ou Belchior que tivesse tido d'esse commercio na Corte, d'onde parece originaria a pal. || ORTHOPH. *belxó*, *belxór*, *berxó*, *brexó*, pronuncias pop. viciosas. || SYN. *cagasebo.*

beldroegas sf. pl. de *beldroega*, 1° herva das hortas da fam. das portulaceas. || 2° fig., um coisa á tôa, lorpa, molleirão, comedor de hervas frias?, homem frio e melloso como a folha mucilaginosa e fresca da beldroega? « O Sr. Zama : —... o orador tem culpa da pobreza intellectual do juiz, da sua falta de energia... O Sr. João Penido : — E' um pouco *beldroegas* ». Sess. cam. dep. 13 jul. 88. || ETYM. persa *baldoraca.* Sz. D'ahi *baldoreca*, *beldoreca*, *beldorega*, *beldroega.*

belicuete sm., quartinho sem ar, nem luz, para guardar trastes velhos; deposito de canastras e malas vazias; cafua; beliche. || ETYM. de *belichete*? || SYN. *boliche*, *candomblé.*

bem-bom sm. comp., belprazer. « Estar no seo bem-bom » loc. mineira, corresp. á riogr. do sul « estar na sua cancha », a gosto, á vontade, como quer. || GEOGR. Min.

bem-de-falla sm. comp., loc. pop., modo de fallar, de dizer as coisas singelamente, sem atavios, nem rodeios, sem malicia ou segunda tenção. || GEOGR. RJan.

bemtevi sm. comp., 1° « passarinho que articula distinctamente o seo nome ». Rub. || 2° « parcialidade politica no Maranhão ». Rub. || ETYM. 1° onomat. *bemte-vi*; 2° o *bemtevi* é acerrimo inimigo do gavião, *caracará*, a que persegue sem piedade, belisca e faz correr, defendendo o seo ninho. Houve no Ceará o partido *caracará*; o *bemtevi* era de rigor houvesse: cremos que essas denominações se filião á mesma origem ornithologica. Cp. *capoeira*, *marido é-dia* etc.

bemzinho-amor sm. comp., especie de fandango no Rio Grande do Sul. Cor. ap. BR. Ces. menciona entre as dansas do Rio Grande o *feliz-amor*: será a mesma?

benção-de-Deos sf. comp., certa dansa entre a gente rustica do Ceará. Araripe Jr. ap. BR. || ORTHOPH. pronuncia se longo o ditongo de *benção*, *bençã-o.*

bendenguê sm., jongo, dansa dos negros da costa, ao som da púita e cantigas africanas, especie de *bangulê* qv. || ETYM. bd? suah.? cafre? *Auctores tacent.* || GEOGR. Cabofrio. || ORTHOPH. *gu*=*gh.*

bengala sf., bastão ordinariamente de junco, cacete ou porrete fino, mais ou menos flexivel, com ou sem castão e ponteira de metal. || ETYM. bd. *bangala* junco, canna índica. Talvez que os abundos houvessem recebido o termo dos portuguezes da Asia; e a pal. seja abreviatura de « canna de Bengala », do celebre reino da India portugueza, como pensa o cardeal Saraiva. Cp. *bretanha, cachemira, cambraia, damasco, escocia, hollanda, irlanda, madapolão, nankim, segovia* etc. || HIST. ha na costa e no interior do RJan. gente antiga que ainda pronuncia *bangala*, a forma afr. da pal. || ORTOGR. *bengalas do Brazil* erão, no sec. XVIII, genero de exportação para Inglaterra e Hollanda, como affirma D. Luiz da Cunha *Testam. Polit.* 59, 60.

benguela, 1° adj., natural do reino do mesmo nome na costa occidental d'Africa || 2° fig., que falla mal a lingua natal. || GEOGR. RJan.: para qualificar a falla ou escripta incorrecta diz-se « lingua de benguela ou banguela, lingua de cassange, de congo, d'angola, de moçambique, de negro mina », sem duvida porque áquellas nações pertencião em grande numero, na quasi totalidade, os escravos que importavamos do continente negro. Vj. *banguela*. || ORTHOPH. *benghéla*.

bens do evento, vj. *evento*.

bentinho sm., escapulario. || ETYM. « assim chamado porque se benze. » Bl.: de *bent* (*o*) coisa que se benzeu + suff. *inho* dim. || LEX. PORT. Aul. dá só o pl. *bentinhos*, que não é braz. Bl., Mor. e Roq. dão no sg. || SYN. *breve*.

benzina sf., oleo obtido pela distillação do acido benzoico (extrahido do benjoim), incolor, volatil, de cheiro forte tirando a alcatrão, vulgarmente empregado para tirar nodoas. « Por Deos! não gaste toda a sua benzina com a nodoa negrejante da escravidão ». Red. *JC.* 30 abr. 88. || ETYM. r. lat. *benz* (*oe*) + suff. *ina*. O hisp. *benjui, menjui*, port. *beijoim, benjoim*, ital. *belzuino, belgivino* vêm do ar. *loubban djauí* incenso de Java.

beriberi sm., molestia do norte do Brazil, characterisada por paralysia, ou por hydropisia, ou por uma e outra (forma mixta), anciedade, prostração etc., e importada d'Asia. « O *beriberi*, que existe no norte do Imperio ha muito tempo, ha 15 ou 20 annos: é uma molestia que pode-se dizer endemica. No Pará mesmo essa molestia tem-se manifestado com character endemico ha muitos annos ». Disc. min. Meira de Vasconc. sess. sen. 28 maio 85. Epidemica tambem, diz o dr. Silva Lima, nos seos *Ensaios sobre o beriberi no Brazil.* || ETYM. dão-lhe por etym. o indust. *b'hay-ri* carneiro, porque o andar do beriberico se assimelha ao d'este herbivoro, *mictando genibus, ac elevando crura, tanquam oves ingrediuntur.* Bontius ap. dr. A. J. Nicoláo *These*, Rio Jan. 1877. Referem-na outros ao ar. *buhr* oppressão, asthma + *bahri* maritimo, por ser molestia frequente no Mar-Vermelho. Opinão outros em favor do voc. indust. *bharbhari* inchação, que é um dos symptomas characteristicos da forma mais commum do beriberi. Vem do cingalez

beri fraqueza; *beriberi* augm. ou superl. Apezar de haver quem negue a existencia do superl. cingalez formado pela repetição do voc., preferimos esta etym., que é de Bontius *Medicina Indorum* (sec. XVII), e acceita por Littré e a maior parte dos medicos que se têm especialmente occupado do assumpto. || ORTHOPH. *bĕrĭbĕrĭ.*

beriberico adj., doente do beriberi.

berne sm., certa larva que se introduz sob a pelle dos animaes, do gado vaccum principalmente, e ahi cresce e encabella, podendo occasionar a morte. É uma das pragas da industria pastoril. || ETYM. corr. pop. de *verme.* || ORTHOGR. *berno* in folh. *Fl.* 25 jan. 85.

bertanha sf., 1º fazenda de linho muito fina, branca, importada da Bretanha de França. « Sua saia de bertanha, Sua camisa de irlanda ». Mod. pop. || 2º renda de linho muito delicada, da mesma procedencia. || ETYM. metath. de *bretanha.* || HIST. Esta corr. data de longe. « Sr. P.ᵉ Antonio Gl'z. Marinho. R.ᶜᵒ a sua carta por mão de seu Primo, e vejo tudo o q̃. me diz; ao mesmo entreguey os coatro sentos mil reis em dr.ᵒ, como tãobem o Gabão, bertanha e panno del.ᵒ [de linho], estimarey vá a seu gosto, o gabão foi aleição [á eleição] do Alfayate. » Carta sem data de Antonio José Ribeiro Guimarães, pelos fins do sec. XVIII (em nosso poder). E assim, no mesmo sec., escreveu D. Luiz da Cunha *Testam. Polit.* 59. || Vj. *bretanha.*

bestagem sf., tolice, asneira; acção de

bestar vn., fazer asneiras; praticar inconveniencias. || GEOGR. sertão do Alto S. Francisco (Bah.), rec. pelo dr. Brotero de M. Soares.

bezunga sf., vj. *bizunga.*

biboca sf., 1º fenda, rasgão da terra; cova estreita, comprida e funda; barroca, fundão. « As plantas estão no maior desaccordo com o terreno: onde tem uma biboca a planta do dr. C... marca uma meia-laranja ». Apd. *JC.* 13 sett. 82. || 2.º, em S. Paulo, « no sentido de buraco ou toca, dão figuradamente o nome de *biboca* a uma casinhola de palha ». BHM. ap. BR. || ETYM. br. *ĭbĭ* terra + tp. *boca* = guar. *bog* rasgão, fenda, abertura violenta.

bibocão sm., augm. de *biboca.*

bica sf., da giria dos estudantes, chorrilho de approvações nos exames; facilidade de passar sem saber, de escorregar como a agua pela bica. « Forão concedidos identicos favores [licença] a outros funccionarios, ou, como se diz em linguagem escholastica, foi uma boa *bica* para os felizardos ». Edit. *GN.* 2 sett. 84. || ETYM. Aul. deriva do celt. *pic;* mas talvez seja antes a forma fem. de *bico,* por anal. ou similhança da *bica,* por onde o chafariz, o poço, a valla deixa sahir a agua reprezada, como bico de passaro. A razão de duvidar é que o celt. *pic* que deu o b.-lat port.. hisp. *pica,* it. *picca,* fr. *pique,* signif. vara, haste comprida, fina e rija; ideia sem applicação alguma á *bica,* mais parecida com a excrescencia cornea que forma a bocca dos passaros, e dir-se-hia com propriedade o *bico* do chafariz, do poço,

da repreza etc. Ora, *bico* vem ou do lat. *bucca*, ou do b.-lat. *becca*, *becco*, *beccum*, velho vocab. gaulez (DC.), que deu o picard e berry *bé*, vall. *bèche*, prov. e cat. *bec*, port. hisp. *bico*, it. *becco*, fr. *bec*, b.-bret. *bec* = *beg*, gael. *beic*, ingl. *beak*. Cp. *barranco barranca*, *esteiro esteira*, *pero pera*, *barco barca*, *marco marca*, *porto porta*, coisas inanimadas com distincção regular de generos, como si tivessem sexos; e não haverá difficuldade em admittir a nossa etym.

bicão sm., matame qv. || ETYM. augm. de *biço*, que apparece em *bico de sinhá Anninha* especie de enfeite de saias e vestidos. || GEOGR. Bahia.

bicha sf., 1º nome vulgar da aguardente de canna no Ceará. J. Gal. || 2º nos engenhos de assucar do R. Jan., a serpentina do alambique. || 3º sf. pl., « fazer bichas » é pintar o padre, pintar o diabo, pintar o sette, pintar a manta, fazer diabruras, coisas do arco-da-velha. « Pegarão as bichas » foi bem succedido, feliz na empreza. Na loc. port. « bicha de sette cabeças », o nosso povo já substituiu *bicha* por *bicho*. || 4º *bichas*, brincos de orelha. || ETYM. b. lat. *bicha* = *bissa*, ital. *biscia*, v. fr. *biche* ou *bisse* serpente. Vj. *bicho*. || LEX. PORT. *lombriga* e *sanguesuga*.

bichará sm., « poncho de bichará é poncho de lã grossa, branca e preta com listras ao comprido: d'estes tambem se chamão *ponchos de Mostardas* por serem feitos em uma povoação d'este nome, onde se crião muitas ovelhas ». Cor. || ETYM. ?

bicheira sf., 1º ulcera coberta de bichos de vareja; « ferida dos animaes com bichos ». Cor. « Domingos e dias sanctos Sempre tenho que fazer: Ou bezerros com bicheira, Ou cavallos para ir ver ». Araripe Jr. ap. SR. 1, 96. Ceará. || 2º « grande anzol prezo a um cacete, com que se puxa o peixe pezado para cima da jangada, afim de não quebrar a linha ». J. Gal. || LEX. PORT. *bicheiro* (Cabo-frio).

bichento adj., que tem bicho nos pés. || SYN. *cambaio*, *pindunga*.

bicho sm., 1º todo animal que não é homem, nem ave, nem peixe. || 2º todo animal, seja homem, ave ou peixe, de formas colossaes, ou extranhas á especie, ou muito feios. || 3º visão, alma do outro mundo, *coisa* extraordinaria, phenomenal e inexplicavel, o *mbaú* dos guaranis, o *zumbi* dos negros d'Angola e do Congo, o *papão* = fig. *coca* come-criança (dos ports.) « Olha o bicho! » dizem as amas brazileiras mettendo medo ás crianças; « olha o zumbí! » dizem as negras; « olha o papão! » dizem as portuguezas, todas no mesmo sentido e com a mesma intenção. E n'esse signif. é que são synonymos, como dissemos na *RBr.*[a] IV, 269, e Valle Cabral contestou na *GL*. I, 549. Vj. *zumbi*. — « Olha o bicho, está lá dentro... Senhores, deixal-o estar; Si elle fôr amante firme, Não tarda que ha de voltar ». Mod. pop. (Cabofrio). || 4º homem exquisito, selvagem, anti-social. « Está ficando um bicho do mato, acudiu Sophia rindo ». M. Ass. *Est.* 15 sett. 83. « Na vida de bicho do mato em que ia, nunca presumiu que fossem typographicamente applicados [elogios] ». M. Ass. *GN*. 4 jan. 84. « Artigos laudatorios do astuto e

grande bicho.. pretendendo tapar o sol com a peneira». Apd. *JC.* 8 abr. 83. « De resto, não tem absoluta consciencia do que fez ; é uma especie de bicho ! Não sabe a razão porque apparece em publico, não comprehende nada do que o cerca ». Al. Az. || *Bicho de conta,* um myriapode que vive debaixo das pedras e se enrola quando se bole n'elle. || *Bicho de concha,* 1° todo o mollusco que vive debaixo d'essa capa, sob a qual se recolhe quando se lhe toca; e tambem 2° o *tatú* qv., legendario nas modinhas nacionaes. Ambas estas expressões designão fig. o sujeito vivorio, espertalhão, jesuita, que sabe viver sem se comprometter, que tem a habilidade de sahir sempre bem dos passos arriscados e das situações difficeis. || ETYM. a mesma de *bicha,* do b.-lat. *bicha* = *bichia* = *bitschia* = *bissa,* prov. *bicha,* it. *biscia,* hisp. *bicho,* fr. *biche,* all. *betze,* ingl. *bitch.*

bichôco adj., *bichento* qv., diz-se do cavallo a que, por falta de exercicio, inchão os pés, como si os tivera bichentos. || GEOGR. RGS.

bicos sm. pl. de *bico,* restos de alguma coisa; quebrados de dinheiro; quantia insignificante. || ETYM. analogia de *bicos* cotos de vela.

bicudo adj., 1° zangado, amuado; taciturno, que puxa bico, de seo natural. || 2° que puxa bico por ter bebido de mais; que está nos prodromos da bebedeira. || 3° difficil de aturar. « Si os tempos estão bicudos e não ha dinheiro.. ». Red. *GN.* 31 jl. 83.

bidé sm., 1° movel de quarto de vestir onde se guarda uma bacia em forma de 8, para banho de assento || 2° movel de quarto de dormir, collocado ao pé da cama, e sobre o qual se bota o catiçal com vela, a caixa de phosphoros, o copo d'agua &. : tem tampo de marmore, gavetinha e duas prateleiras com porta onde se guardão ourinoes. || ETYM. celt. *bideacto, bidein* pequenino, *bidan* fraco; donde fr. *bidet,* ital. *bidetto,* ingl. *biddy* pequira, cavallinho, signif. originaria do voc. || SYN. 2° *criado-mudo, velador.*

bife sm., 1° posta de carne, ordinariamente de vacca, assada na grelha, ou ensopada em fatias grandes e finas com batatas, cebolas &. || 2° fig., o inglez. || ETYM. ingl. *beef* carne (de vacca), boi, vacca.

bifestéque sm., talhada ou posta de vacca, mal assada, com molho da mesma carne. || ETYM. ingl. *beefsteak.* || ORTHOGR. Os ports. escrevem *bifteck,* pal. barbara que se lê nos *Guias de Conversação* de Carolino Duarte, nas narrações dos turistas do Chiado &.

bilontra sm., adj. 2, sem character; biltre com ares de homem serio. « O *bilontra,* que é, nada mais, nada menos, um meio termo entre o *pelintra* e o *capadocio* ». Red. *DN.* 31 jan. 86. « O *bilontra* actual é pouco mais ou menos o *capadocio* de hontem, algum tanto mais civilizado, e *caradura* pela influencia mesologica ». C. de L. folh. *JC.* 31 jan. 86. || HIST. Carlos de Laet explica assim a formação d'este voc. na Corte, donde é originario: « Ao imperador Tiberio exprobrou Pomponio Marcello haver creado não sei que palavra nova: Pódes, disse-lhe, conferir direito de

cidade aos homens, mas não aos vocabulos. E tinha razão este Pomponio. Acima, porém, dos reis estão em coisas litterarias o lampejo do genio e a vontade geral. O Urso metteu uma palavra no diccionario. Para variar chamavão-no *Lontra;* e elle retorquia, antepondo com agudeza philologica o prefixo *bis*... — Oh lontra! oh lontra! berrava a molecagem. — E vocês são bilontras! respondia o philologo. Foi assim que nasceu o termo, constituido de accôrdo com as sãs prescripções glottologicas. *Sociologia, bureaucracia* e outros monstros que correm mundo, melhormente se terião formado, si os houvera engendrado a philologia do Castro Urso ». Folh. *JC.* 9 maio 86. É o caso do proloquio ital.: *Si non è vero è ben trovato.* O Castro Urso, original geralmente conhecido na Corte.

binga sf., 1° chifre, corno. || 2° especie de piçarra [cascalho]. Mor. || 3° o colibri, beija flor, fam. *Trochilidæ*, grupo *Tenuirostres.* || ETYM. bd. *binga* chifre. || GEOGR. 1° sertão da Bah.; 2° ?; 3° R. Jan. || HIST. No R. Jan., ouvimos, em menino, negros novos dando o nome de *binga* ao nosso colibri, beija-flor ou chupa-flor. D'elles passou para o vulgo; mas não o achamos com esse signif. em vocabulario algum das linguas africanas.

biombo sm., quarto de dormir ou d'escriptorio, formado de peças de tábua ou panno, de armar e desarmar. « Actos immoraes e improprios da nossa civilização que praticão algumas mulheres de má vida, frequentadoras de um *biombo* d'aquellas immediações». Red. *Provincia do Rio* (Niteroy) 1 abr. 86.

biqueira sf., ponteira de ambar, de louça, vidro &, dentro da qual se mette a ponta do charuto ou cigarro para se fumar. || ETYM. s. *bic* (*o*) + suff. *eira.*

biriba[1] sf., eguinha, egua pequena ou nova, mas refeita, já prompta para o trabalho. || ETYM. br. *mbîrîba, pîrîb* pouco, diminuto, pequeno. || GEOGR. Paraná.

biriba[2] sf., cacete, porrete. || ETYM. br. *bî= î* pão, vara + *mbîrîb* curto. || GEOGR. Bahia, RJan. || ORTHOGR. nas Alagoas *imbiriba*, forma completa do voc. || SYN. *camarão, cipó, gurungumba, japecanga, quirí.*

birimbáo sm. «Chicolate, café, birimbáo, Uma correia na ponta de um páo, Nas suas cadeiras, não era máo ». SR. I, 173. R. Jan. || ETYM. corr. pop. de *marimbáo* qv.

birola sf., « fazenda de algodão fabricada em Inglaterra e que se reexporta [?] para as costas d'Africa ». Rub.

bisca sf., fig. pessoa sem character, coisa-á-tôa. || ETYM. do jogo da *bisca:* ital. *bisca* logar onde se joga publicamente.

biscoitar vn., comer aos bocadinhos; comer coisas miudas; mariscar. || ETYM. *biscoit*(*o*) + suff. vb. *ar.* A forma correcta seria *biscoitear.* || LEX. PORT. desus.; *abiscoitar* seccar no forno a ponto de biscoito.

bitú sm., « coco para pôr medo ás crianças ». Rb.; personagem cantada nas cantigas populares. « Vem cá, Bitú, Vem cá, Bitú, Vem cá, meo camarada. — Não vou lá, não vou lá, não vou lá; Tenho medo de apanhá.—Que d'elle o teo camarada?

— Agua do monte o levou. — Não foi agua, não foi nada; Foi caxaça que o matou». (Versão de Maricá.) Sylvio Romero dá *bitú* n'uma versão por elle colligida no Rio Jan. (Pirahy?), e *vitú* n'outra coll. por Varnhagen (onde?). || ETYM. *Bitú, Vitú* é dim. fam. de *Victorino*; e como anda ligada á cantiga uma recordação pessoal, de bebado que desappareceu em alguma enxurrada (agua do monte), propendemos para aquella origem. A do br. *îbîtú* vento não tem explicação.

bizunga sf., a velha bezunga, protogonista de um conto pop., por nós recolhido em Maricá, e publicado pelo dr. Sylvio Romero nos *Cant. Pop. do Braz.* I, 117. || ETYM.? || ORTHOGR. *bizunga, bezunga.*

blindagem sf., 1° revestimento do tecto das obras de fortificação militar. || 2° revestimento de navio com chapação de aço.

blindar va., «resguardar, defender um forte, um navio etc., revestindo-o de grossas vigas de madeira, de amarras de ferro etc., de modo a impedir ou difficultar a penetração dos projectis. Com referencia aos navios, a blindagem que hoje se usa consiste no revestimento de chapas de ferro ou aço, que se collocão na parte exterior do costado, para proteger a linha d'agua, as obras vivas ou parte d'ellas». *DMB.* || ETYM. fr. *blinder*; all. *zu blenden*; ingl. *to blind*: do all. *blende* couraça, de *blind* cego, tapado. || HIST. este e o t. antecedente são neologismos introduzidos aqui ao mesmo tempo que em Portugal.

bloco sm., pedaço consideravel de qualquer substancia pezada, como pedra, ferro etc. || ETYM. b.-lat. *blocus* (sec. XIII); fr. *bloc.*: do v.-a.-all. *bloc, bloch*; all. *block*: do celt. *bloc, bluic.* || HIST. não no dão os lexs. ports.; mas, desde annos, está introduzido no Brazil. Nos *Archivos do Museo Nacional* VI, 324 *et alibi*, escreve-se «bloc»(em typo redondo): convinha dar ao voc. a forma port. *bloco*, já nacionalizada.

blusa sf., paletó largo, de panno grosso, que se amarra na cintura; usado por soldados e operarios. || ETYM. fr. *blouse, blande*, prov. *blial, bliau, blizaut*, hisp. *brial*, v.-all. *blîalt, blîât* estofo, panno, fazenda: de origem desconh. || HIST. não no trazem os lexs. ports.; mas é desde annos us. entre nós, até em peças officiaes. Guerra Junqueiro ainda escreve *blouse* em francez. «A's commendas diamantinas Prefere os lirios nevados, E as *blouses* garibaldinas A's beccas dos advogados». *Musa em ferias.*

boava sm. e adj., 1° filho de fora, portuguez. || 2° extrangeiro em geral. || ETYM. corr. pop. de *emboaba* qv. || GEOGR. Paraná, sertão de SP., campos de S. Cathar.

bobalhão sm., muito bobo, palerma. || ETYM. duplo augm. de *bob*(*o*) + suff. *alh*(*o*)pejor. + suff. *ão* augm. || SYNON. *boccó, palerma, pascacio.*

bobear vn., ficar bobo, patetear, pasmar. || GEOGR. serra ácima do Rio Jan., Minas, SP., Paraná.

bobó sm., «iguaria de feijão com abobora». Rb.; «comida africana,

mui usada na Bahia, a qual é feita de feijão mendubi, alli chamado feijão mulatinho, bem cozido em pouca agua com algum sal, um pouco de banana da terra quasi madura. Reduzido o feijão a massa, pouco consistente, junctão-lhe por fim azeite de dendê em boa quantidade, para o comerem só, ou encorporado com farinha de mandioca. Ha tambem o *bobó* d'inhame». BR. || ETYM. fb. *bovô* qv. s. v. *acará*. || LEX. PORT. o voc. africano (Angola) *bombó* qv. não é outra coisa.

-bóca=*poca* suff., racha; rachar; rachado; que racha, entra na comp. de algumas pal. brazs.: *taboca*, *pipoca*, *biboca*, *arapoca*, *Ibitipoca* etc.

bocaina sf., boqueirão, rasgão de serra, desfiladeiro; «depressão de uma serra ou cordilheira quando a escarpa d'esta parece abrir-se como formando uma grande *bocca*, que facilita o accesso ao plano superior ou chapada». BHM. ap. BR. «O alto da serra do Tinguá tem na bocaina da estrada do Commercio 360 braças, isto é, 792 metros, acima do nivel do mar·· O rio de S. Pedro corre naturalmente mais baixo, e a estrada do Commercio desce para o atravessar; assim como, depois de atravessal-o, tem de subir para alcançar a bocaina da serra de S. Anna». Apd. *JC*. 6 abr. 85. || ETYM. ¿ br. *bocaba*, part. de *bog* fenda, racha, buraco em forma de rasgão? Antes, s. port. *bocca* + suff. *anho*=*anco*, por metath. *ãeno*=*aino*, dando *bocanha*=*bocaina*? || ORTHOPH. pron. braz. *bôcãi-nă*; port. *bucái-na*.

bocal sm., 1° «peça de prata que circumda o loro na parte inferior, immediata ao estribo». Cor. || 2° peça do freio que entra na bocca do animal.

boçal 1° sm., cabresto com focinheira. Cor. || 2° adj. 2, rude, inculto, ignorante da lingua e dos usos do Brazil: dizia-se particularmente do negro novo, recentemente importado d'Africa, não *ladino*. «Constando ao Intendente Geral da Policia, ou a qualquer Juiz de paz ou criminal, que alguem comprou ou vendeu preto buçal, o mandará vir á sua presença, examinará si entende a lingua brazileira; si está no Brazil antes de ter cessado o trafico da escravatura, procurando por meio de interprete certificar-se de quando veiu d'Africa, em que barco». Decr. 12 abr. 32, art. 9. || ETYM. hisp. *bozal;* port. *buçal*: de *bozo* buço. Coruja escreve *buçal* derivando do port.: etym. sem razão rejeitada por Beaurepaire Rohan, porque o hisp. *bozal* vem de *bozo* buço. «Que relação, pergunta elle, haverá entre *buço*, que é a pennugem do bigode nos moços, e um cabresto com focinheira?» Toda; ou pelo menos duas essenciaes: de forma, em arco; e de logar, no queixo superior, por cima do beiço. S. Ex. mesmo escreve *buçal*, e não *boçal* como devia escrever, derivando do cast. || ORTHOGR. preferimos *boçal* a *buçal* porque, alem de se conformar com a etym., está de accordo com a pron. braz. (*bôçãl;* não com a port., *buçal*); e é como escrevem Bl., Mor., Const., Roq., Aul. etc., e já antes escrevião Lucena, Galvão e outros. Vj. *buçal*.

boçalete sm., boçal aperfeiçoado. Ces.

bochinche sm., batuque reles, chinfrim. BR. || ETYM. cast. (Valdez). || GEOGR. RGS.

boccó = bocó [1] sm. e adj. 2, bobo, bocca-aberta, pascaço, palerma. || « Sou gaucho da cochilha Que dou meo tiro de laço De quatro e cinco rodilhas, Que do chão levanta pó. E quem não faz essa gauchada Nunca passa de bocó ». Ces. 100. || SYN. *bobalhão, pongó, punga.*

bocó [2] sm., maleta, alforge de couro não curtido, ainda com o cabello do animal; pendura-se a tiracollo e serve para guardar miudezas, canivete, isqueiro, fumo, palha de cigarro, barbante; e tambem matelotaje; e ás vezes dinheiro. || ETYM. br., contr. de *mbocog* segurar, prender, deter, reter, guardar ; ¿ s. vasilha, sacco? Cp. guar. *mbohog* cobrir, tapar, acoutar, receber em casa, hospedar, guardar. || GEOGR. us. em quasi todo o Brazil. || SYN. *cacaio, capanga, caramenguá, guaiaca, mala, patiguá, patuá, picuá.*

bode sm., fig. mulato, mestiço. « Quanto ás minhas *bellas* qualidades physicas, é franqueza, sou *moreno* na lingua d'aquelles que julgão que não me conheço n'este ponto; na linguagem official, sou *pardo ;* e na minha, sou *bode* ou *cabra*; mas fiquem tambem sabendo que tenho o sangue vermelho ». Apd. *MSM.* 2 abr. 84. S. v. *bacalhão* vj. outro ex. || ETYM. é difficil que venha do celt. *boc, buic,* que deu o wall. *bo, boc*; prov. *boc*; arag. *boque*; fr. *bouc.* A metaphora, de procedencia port., funda-se na catinga propria da raça africana comparada com o bodum dos cabritos.

bodoque sm., « arco com duas cordas e uma rede, no meio da qual se põe a balla ou pelouro de barro com que se atira ». Pizarro IX, 6. « Tres bodoques com pelotas ou balas de barro. Este instrumento é empregado na caça de passaros e outros pequenos animaes pelos homens da roça ». *CEP.* 1875, 190. || LEX. PORT. *bodoque* bala de barro. Bl., Roq., Aul. Roq. dá tambem o signif. braz. de arco; mas como ant., que é em Port., no signif. de *bala.*

bôeiro = boieiro adj., que demanda pouca agua para navegar; que só com muita carga attinge a linha de fluctuação: diz-se de canôa, bote, lancha, e mesmo de embarcações maiores. || LEX. PORT. conductor ou guardador de bois. || ETYM. v. *boi* (*ar*) + suff. *eiro.* || GEOGR. Cabofrio (RJan.).

bogó sm., vasilha para tirar agua dos poços. || ETYM. ¿ corr. pop. de *bocó* [2]. || GEOGR. sertão do Alto S. Francisco (Bah.). || SYN. *caçamba.*

boi-espaço sm., vj. *espaço, espacio.*

boiada sf., « porção de bois mansos, especialmente do serviço de carretas ». Cor.: noção mais restricta que a port. « manada de bois ». A loc. « fazer boiada » comprar gado, arrebanhar gado, é braz. « O tenente Hygino, indo para as margens do rio Paranáhyba fazer boiada, levou como seo camarada na comitiva a João ». Red. *JC.* 19 oit. 82.

boiadeiro sm., capataz do gado; tocador de boiada; comprador de gado para revender, « que compra o gado ao invernista para vendel-o ao

marchante. *Invernista*, que compra o gado ao criador, engorda-o [nas *invernadas* qv.] e vende-o ao boiadeiro, ou ao marchante. *Criador* propriamente dicto, que tem animaes que se occupão na reproducção; que cria os productos da sua industria para vendel-os aos invernistas, ou manda-o cortar de conta propria ». Apd. *JC.* 23 jun. 82. « Muitos que exercem a profissão de boiadeiros, transitando no sertão com avultadas sommas ». Apd. *JC* 19 oit. 82. «Boiadeiros .. com este nome são conhecidos não só os individuos que comprão gado para vender, mas tambem os capatazes e tocadores do gado (tropeiros), que, em numero extraordinario accumulão-se nas proximidades do matadouro ». Acta da Camara Munic. da Corte 3 jl. 84. « Criador é o que cria gado. Invernista, o que o melhora e engorda. Boiadeiro, o que compra gado aos dois primeiros para tornar a vender em pé. Marchante, o que compra o gado para vendel-o depois de abatido. Tambem são vulgarmente conhecidos como boiadeiros os capatazes e tocadores de gado». *JC.* 11 jl. 84.

boiota sf., 1° partes exteriores e pendentes do apparelho genital, engrossadas por hydrocele etc. || 2° testiculos muito desenvolvidos. || ETYM. do v. *boiar?*

boitatá sm., 1° fogo-fatuo, exhalação dos corpos organicos em decomposição, nos cemiterios e nos pantanos. || 2° na mythol. br., « o *mboitatá* é o genio que protege os campos contra aquelles que os incendeião; como a palavra o diz, *mboitatá* é cobra de fogo; as tradições figurão-na como uma pequena serpente de fogo, que de ordinario reside n'agua. A's vezes, transforma-se em um grosso madeiro em braza, denominado *mbuan*, que faz morrer por combustão aquelle que incendeia inutilmente os campos», C. Mag. II, 138. || 3° na mythol. pop. braz., touro furioso, botando fogo pelas ventas e queimando tudo. || ETYM. br. *mboi* cobra + *tatá* s. fogo; adj. afogueado, encandescente; ou seg. Anch., *mbaêtatá* coisa que é toda fogo, *Gr.* 12. « Cobra de fogo», como traduz o dr. Couto de Magalhães, é contra a syntaxe da lingua geral, que, á similhança do genitivo saxonio, antepõe o possuidor ao possuido; e assim, *mboi-tatá* diz « da cobra o fogo, fogo de cobra »; e é exactamente «fogo do feitio de cobra». Na lenda brazileira, a pal. *boi* touro já é corr. pop. do guar. *mboi*, tp. *boia* cobra, por intercurrencia d'aquelle voc. port. E' facil de ver pela pron.: o tp. guar. pronuncia *mbói*; o nosso povo *bôi*; a noção passou de « cobra » para « boi ».

bola sf., 1° doce de assucar, derretido em ponto de quebrar, que se derrete na bocca. || 2° pastilha envenenada para matar cães. « Vai se abrir concurrencia para o fornecimento de pastilhas de strichnina, destinadas a matar cães .. *Pastilhas* é o nome moderno. Antigamente era *bola*. O processo é que é o mesmo. Confia-se as pastilhas ou bolas aos guardas-fiscaes, e estes, de passeio pelas ruas, vão distribuindo aos cães que encontrão a preciosa comida ». Red. *GN.* 1 fev. 85. || « Comer bola » deixar-se

embahir por tolo, como os cães que innocentemente comem as bolas envenenadas; faltar aos deveres por condescendencia, peita ou suborno. || 3° no pl., « tres pedras de forma espherica, retovadas com couro e prezas por guascas de couro de covado de comprido: d'estas tres uma, que é mais pequena, se chama *manica;* e é n'esta que se pega para fazer mover as outras. Servem para bolear os animaes ». Cor. || 4° fig., *um bolas* é um coisa-á-tôa, um cara-dura, sem character. || ETYM. Aul. deriva do lat. *bulla:* devia então dobrar o *l* e escrever *bolla*. De *bulla* vem o fr. *boule*; mas o prov. hisp. port. *bola* é o b.-lat. *bola*. || SYN. *bala*. RJan.; *queimado*. Bah.; *rebuçado*. Pará e Port. || GEOGR. Al., Pern.

bolapé sm , « corresponde quasi á pal. port. *vão:* diz se estar o rio de *bolapé* quando está muito cheio, mas inda o cavallo passa sem nadar ». Cor. || ETYM. cast. *vuelo à pié* vôo a pé, que, na verdade, mais anda que nada, e menos anda que vôa quem, pé aqui, pé alli, pé acolá, vai transpondo o leito do rio cheio.

bolas! « intj. de desdem, de despeito, de aborrecimento, para enxotar um importuno, ou rebater uma insolencia: foi ouvido da bocca de um deputado mineiro em plena camara em 186... E' a isso que allude este trecho: « Ora bolas! que é parlamentar ». Red. *GN.* 7 abr. 84.

boleador sm., peão dextro em manejar as bolas, na campanha do RGS.

bolear[1] 1° va., « pegar com bolas algum animal, atirando-lh'as aos pés ». Cor. || 2° vn. atirar-se o cavallo no chão com o cavalleiro. || GEOGR. 1° RGS.; 2° RJan.

bolear[2] vr., « deixar-se o cavallo cahir com o cavalleiro ». Cor.; atirar-se como uma *bola*. || GEOGR. RGS.

boliche sf. « vendinha de pouco sortimento e de pouca importancia ». Ces. || ETYM. hisp. *boliche* tarrafa, rede para apanhar peixe miudo na praia.

bolsa sf., « o logar, no salão da Praça do Commercio ou da Associação Commercial, destinado a operações de compra e venda de titulos publicos, acções de bancos e companhias, de valores commerciaes, e finalmente, de metaes preciosos ». Regim. 12 abr. 77 art. 1°. || ETYM. v.-fr. *borse;* pron. ital. *borsa;* hisp. *bolsa*: do lat. *byrsa*. || HIST. até 1877, as operações de que falla o Regim. cit. erão chamadas da *praça*, por se fazerem na do Commercio, na Corte.

bomba sf., 1° canudinho de páo ou de metal, provido, n'uma das extremidades, de uma cestinha espherica ou alongada, que se introduz na cuia para tomar matte, sorvendo: pelo crivo da cestinha passa o liquido, deixando na cuia os residuos da herva. « Bombas de matte enfeitadas.. Cuia e bomba de prata e ouro para matte, feita e exposta pelo sr.. Dicta guarnecida de prata, com bomba ». *CEP.* 1866. « Bombas para matte (enfeitadas).. Idem de cesta dupla ». *CEP.* 1872. || 2° boeiro para esgoto das aguas. || 3° Na giria dos estudantes, reprovação em exame. || ETYM. lat.

bombus estrondo, estalo ; onomatopeia que deu o port. hisp. it. *bomba*, prov. *boumba*, fr. *bombe*. A forma espherica da *bomba* transportou a pal. para o instrumento de tomar matte. Da mesma noção de rebentar com estrondo vem a metaphora dos estudantes, chamando *bomba* a infelicidade de baquear nos exames. O 2° signif., porem, já se refere a *bomba* de tirar agua, com a qual se esgotão poços etc., fr. *pompe*, ingl. all. *pump*, holl. *pomp*, que Menage tira do gr. *παμπή* acção de enviar (Littré), que deu o lat. *pompa* comboi, conducção em fila, tropa, cortejo, acompanhamento, procissão; mas não sabemos como podia dar o fr. *pompe*, d'onde se formou o b.-lat. *pompa* receptaculo d'onde se tira agua com a machina que em lat. se chamava *antlia*. || GEOGR.. 1° SP., Paraná, SC., RGS. ; 2° Pern. ; 3° geral.

bombeador sm., explorador, que *bombeia*. « Um indio prizioneiro, que foi atacado por uma das guardas avançadas, na campanha dos mesmos castelhanos, cujo indio andava com outros, que escapárão em bons cavallos, fazendo a diligencia de nos verem a forma com que acampamos, marchamos, e as forças que trazemos, como tambem o caminho por onde marchamos, para darem parte aos seos caciques e maioraes. A estes chamão elles bombeadores dos seos campos ». JRC. 1756 *RIH*. 1853, 215.

bombear vn., 1° procurar com empenho e minuciosidade, explorar, espiar, espreitar. « Suppuzemos que, desconfiados pelos tiros da tarde antecedente, nos bombeassem no alto de alguma arvore, em algum espigão ». Elliott 1845 *RIH*. 1847, 37. || 2° t. eschol., reprovar em exame. || ETYM. N'este ultimo sentido, vem de *bomba* esphera cheia de polvora, que estoura. No outro, virá de *bomba* machina de tirar agua, sacar, arrancar de outrem informações, segredos, o que se deseja, como a bomba faz surgir a agua do seio da terra ou levanta-a do fundo do poço? Em fr., *pomper* tambem tem essa signif. metaphorica. Pode, entretanto, que não seja sinão metath. de *pombear*, assim como *bombeiro* de *pombeiro* qv. Esta origem, assignalada por B. Rohan, parece mais acceitavel.

bombeiro sm., 1° explorador; espião do campo inimigo. || 2° soldado do corpo dos *bombeiros*, que trabalha com *bombas* de apagar incendios.

bombó sm., mandioca puba, na Africa occidental portugueza. || ETYM. bd. Suppomos ser a mesma pal. *bobó* supra, applicada a differente objecto. Depois de descrever a preparação do *bombó* n'aquellas possessões patrias, diz o Conde de Ficalho que « mais geralmente desfazem o *bombó* em almofarizes de páo, e peneirando-o em cestos ou peneiras de *subi*, obtêm a *fuba* ou farinha ». *BSGL*. 3ª ser. 619. Vj. *fubá*.

bombonassa sf., 1° a palmeira *Carludovica palmata*. || 2° a fibra ou palha que se extrahe das suas folhas para fazer chapéos, objecto de grande exportação da região amazonica. «Chapéos de bombonassa 33154, valor 165:770$000 ». Ad. de Barros *Rel. Presid. Amaz.* 1884, 45.

bond sm., 1° cautela dos titulos da divida publica interna, contrahida em 1868, pelo ministerio de 16 de Julho, com juros pagaveis em ouro. || 2° Carro de passageiros na Corte, *bonde* qv. || ETYM. ingl. *bond* vale, bilhete contendo obrigação, cautela de titulos ou apolices a receber; fr. *bon* bilhete que auctoriza a receber determinada coisa.

bonde sm., carro de passageiros, que corre sobre trilhos de ferro, puxado por bestas. « Vocemecês tomão-me por um d'esses pobres diabos que por ahi vagão á tôa, e julgão que eu venho implorar á sua generosidade alguns cartões de bonds ». 1871 J. F. de Castilho *Quest. do Dia* XXV, 74. » O bond conta apenas oito annos de existencia. Entretanto, quantas revoluções não tem elle operado em tão curto espaço de tempo! » Fr. Jr. 1876 *Folh.* 143. « Conversa-se muito nos bonds do Cajú ». C. de L. folh. *JC.* 8 abr. 83. « Uma das coisas de que mais me admiro n'esta vida e n'esta cidade é não ter morrido ainda esmagado por um bond ». V. Mg. *GN.* 6 jan. 84. « A scena passa-se em um *bonde* ». Fr. Jr. folh. *JC.* 27 abr. 83. || HIST. Quando em 1868, o Visconde de Itaborahy, ministro da fazenda e presidente do concelho dos ministros, emittiu o emprestimo nacional de juros pagaveis em ouro, operação financeira que attrahiu a attenção geral na Côrte, com a entrega dos *bonds* ou cautelas das apolices do emprestimo coincidiu o estabelecimento de viação urbana da *Botanical Garden Rail Road Company*, cujo serviço se inaugurou dois mezes depois. O povo applicou aos novos vehiculos, elegantes, commodos e velozes o nome das cautelas do emprestimo; e a pal., que os jornalistas a principio medrosamente escrevião em grypho e com a fórma ingl. de *bond*, pouco a pouco se foi nacionalizando até tomar a feição braz., que está quasi firmada, de *bonde*. Valle Cabral escreve *bonde* (*Guia* 29), e explica a denominação como provindo do apparecimento simultaneo dos bonds do emprestimo Itaborahy, emittidos em ag. de 1868, e dos bilhetes de passagem da *Botanical Garden*, que gyravão no pequeno commercio como moeda corrente. Pode ser; era mesmo natural se désse a esses bilhetes o nome de *bonds*, os *bonds* da Companhia, os *bonds* de Botafogo; e dos bilhetes passasse o voc. para os carros, cuja inauguração teve logar em Oitubro, quando ainda occupava a attenção de todos o exito da brilhante operação realizada pelo eminente financeiro que então dirigia a pasta da Fazenda.

bondinho sm., dim. de *bonde*, applicado aos dos Carrís Urbanos e outras companhias, por serem menores que os de Botafogo e S. Christovão. « Pagámos um ao outro a passagem no bondinho de tostão ». Red. *GN.* 7 ag. 83.

boneca de milho sf., a espiga ainda com os *cabellos* (estames) prezos aos grãos. || ETYM. anal. de *boneca* de criança.

bongar va., apanhar catando, procurando com empenho e minuciosidade, de grão em grão. « Bongar os caroços de café na apanhação » é extremal-os da terra e do cisco em que

estão envoltos, separal-os das folhas cahidas: loc. muito usual na roça. || ETYM. bd. *cu-bonga* catar, apanhar, colher. || GEOGR. RJan.

bonzo sm., hypocrita, jesuita. || ETYM. jap., sacerdote de Buddha.

boquinha sf., beijo, osculo.

boqueirão sm., baixa ou valle profundo. « O João Bernardo e Miguel .. Tomarão pr'o boqueirão ». SR. I, 89. Pern. || ETYM. augm. de *boqueir(a)* + suff. *ão*. Cp. *biqueira*. || SYN. *barrocão, bibocão, brechão, fundão, grotão.*

borá sm., a substancia amarella e amargosa dos cortiços, que nem é cêra, nem mel, e as abelhas comem. || ETYM. br., contr. de *heborá*. *Borá* propriamente é o fut. do v. *bor*=*por* ter, conter. *Heborá* que ha de ter sc. mel, *t-ei-porá* o que vai ser sc. mel. BC.; *heborá* = *teborá, hámago, comida de las avellas*. M.-Rubim define: « abelha amarella e esguia do tamanho de uma mosca pequena ». ?

borda do campo sf., limite do campo com o mato, logar onde acaba o mato e principia o campo. S. Hil. *Rio et Min.* I, 113. Vj. *beira-campo*. || ETYM. *borda* reporta-se ao celt. *bord* tábua, *burdd* meza, e ao german. *bord* (v.-scand.) e *bort* (v.-a.-all.) tábua, meza: d'ahi o fr. *bord*, o port. hisp. e ital. *bordo* (do navio). *Bord*, observa Littré, é propriamente tábua, prancha; e a etym. permitte seguir o encadeiamento das significações. O *bordo* do navio é obra de tábuas; d'ahi, por metonymia, o que borda, encerra, limita, fica na extremidade.

bordoeira sf., frequencia de bordoadas, grande sova. || ETYM. s. *bord(ã)o* bastão, cacete, porrete, bengala grossa e tosca + suff. *eira*: do b. lat. *bordo, bordonus, burdo, burdus*, prov. *bordo*, ital. *bordone*, hisp. *bordon*, fr. *bourdon*.

boré sm., trombeta dos indios. || ETYM. br. ¿ *mbîré*, pret. de *mbîg* soprar: talvez contr. do pp. *mimbîrer* o soprado. BC.; *mburé-mburé*. M.

boreste sm., estibordo, bordo de leste, « o lado direito do navio, olhando da popa para a prôa ». *DMB*. || ETYM. s. *bor(do)* + s. *este* leste, oriente ou nascente. || HIST. para evitar a confusão que se dava, nas vozes de manobra, entre *bombordo* e *estibordo*, devida á identidade das duas ultimas syllabas, a primeira das quaes é justamente a tonica, mandou o Av. do Minist. da Mar. de 14 fev. 84 substituir *estibordo* por *boreste*. O Decr. n.º 9382 de 21 fev. 85 diz: « que o *clarão verde* nunca seja visto de bombordo, nem o *encarnado* de boreste da prôa ». Mas, observa um articulista: « Vimos empregada essa expressão de BE (boréste); entretanto ha pouco no senado por occasião de ser interpellado o ex-ministro da marinha, disse este que aquelle termo não é official e que apenas está introduzido pelo uso, apezar de que o aviso de 14 de Fevereiro do anno passado mande adoptar essa expressão ao mesmo tempo que as vozes do excellente manobreiro Wandenkolk. Ficamos, pois, inteirados de que *boréste* não é termo official, comquanto o relatorio que ora estudamos mostre predilecção por elle ». Apd. *JC*. 24 jun. 85. Hoje geralmente empregado, official e extra-officialmente.

borocotó sm., vj. *brocotó*, mais us.

borracha sf., 1.° gomma elastica, leite da seringueira coalhado, cahutchú. || 2° seringa de gomma elastica. || 3° fig., beberrão. || ETYM. b.-lat. *borratium* = *borrachia* vestido grosseiro de *borra* tomento ou estopa, restos que se não fião da lã ou da seda; panno grosso, de estopa, com o pello aspero, como o couro ainda encabellado com que se fazem as borrachas ou ôdres para vinho, mais grosseiro e mais aspero que a estamenha, feito « do que a gente do monte chama *tomentos*, que é a ultima escoria do linho ». Fr. Luiz de Souza, *Vida de d. Fr. Bartolameu dos Martyres* liv. 4 cap. 21 : lat. *burr(a)* panno grosseiro de lã + suff. *acho* pejor. || HIST. foi aqui, na colonia, que os port. applicárão o nome de *borracha* sacco de couro em forma de pera aos pães de gomma elastica que apparecerão no commercio debaixo d'aquella forma.

borrachada sf., seringada, clyster dado com seringa de borracha. || ETYM. s. *borrach(a)* seringa de gomma elastica + suff. *ada*. || GEOGR. Mgr.

borrachão sm., augm. de *borracha* « chifre com fundo (a parte mais larga) tapado, e aberto na ponta: serve para conduzir agua ou outro liquido em viagens; alguns são feitos com primor ». Cor. || ETYM. s. *borrach(a)* + suff. *ão*. || GEOGR. RGS. || SYN. *guampa*.

borrachudo sm., « mosquito muito conhecido pelas ferroadas dolorosas que dá. » Rub.: enche-se de sangue que nem borracha de vinho; e assim se deixa facilmente matar. || ETYM. s. *borrach(a)* + suff. *udo* plenitude.

borrasbotas sm., homem á tôa, insignificante; poltrão. || ETYM. 3ª p. sg. pr. ind. v. *borra(r)* + art. *as* + sf. pl. *botas*. || LEX. PORT. *borrabotas*, sem o art. *as*.

bota sf., composição ruim de pintor, gravador etc. « Tem apenas 24 annos de edade e já é auctor de 140 quadros! A menos que tão prodigiosa quantidade de telas não passe de uma vergonhosa collecção de *botas;* a menos que o sorprendente mancebo seja um caiador incipiente, ou um pintamonos bisonho ». Red. *DN.* 5 ag. 88. « Conscios da inqualificavel *bota* por elles feita (perdôe-nos o honrado julgador: d'este termo usão os artistas quando querem qualificar trabalho abaixo da critica) .. Os trabalhos de pintura dos AA. forão qualificados de chinfrinadas, sem gosto artistico, sem similhança alguma, mal pintados, horrorosos, detestaveis, imprestaveis, abaixo da critica, verdadeiras *botas*, e os AA. considerados sapateiros...». Dr. J. Monteiro da Luz, Côrte, 2ª vara commercial, escrivão Abreo, AA. J. F. G. e J. L. R., R. Georges Heughbaert.

botada sf., acto de *botar* o engenho a moer, nas fazendas de assucar, precedido de benção do capellão e seguido de jantar dado pelo senhor d'engenho aos seos lavradores, vizinhos e amigos. « O primeiro engenho a vapor que houve no Brazil foi na ilha de Itaparica [Bahia].. cujo proprietario era então o coronel Pedro Antonio Cardoso.. Assistírão á botada do engenho o Conde dos Arcos,

o coronel Cogominho de Lacerda e outros ». M. Mor. *Br. H.* I. 280. « Mezes antes, um grande jantar se realizára alli por occasião da *botada* do engenho, ao qual assistiu Felix José Machado [governador de Pernambuco] ». Fr. Tav. *RBr.*[2] VII, 227.

botafogo sm., 1° barulhento, rixoso. || 2° nome proprio de uma familia da Côrte, descendente de João Coelho Gato Botafogo, dono de uma fazenda sita no actual bairro do mesmo nome, que o tirou da « fazenda do Botafogo ».

botar va., 1° pôr, lançar sobre, em; dispôr, collocar, arrumar, assentar, deitar, prostrar, dar posição em geral e seja qual fôr; lançar dentro ou entre, metter: ideia de logar onde, repouso. « João, bota este vaso onde estava antes, disse ella ». M. Assiz *Est.* 15 sett. 83. « A carne do boi Espacio, Botada no estaleiro, Comêrão vinte familias De janeiro a janeiro ». SR. I, 85. Ceará. « O sr. Pinheiro Chagas não quiz botar: *e só podião encontra-la* ». B. Caet. *Rasc.* 45. || 2° lançar para ou contra, impellir, arremessar: ideia de logar para onde, movimento para. « Botar barro á parede » loc. pop., empregar os meios para conseguir algum fim. « Seccarão-se os olhos d'agua Onde eu sempre ia beber: Botei-me no mundo grande, Logo disposto a morrer ». Al. ap. SR. I, 78. Ceará. « Estava no meo descanso Debaixo da cajazeira; Botei os olhos na estrada: Lá vinha seo Antonio Ferreira ». SR. I, 81. Sergipe. « Eu vi outra lagartixa Na feira da Macahiba, Botando torrões abaixo, Botando torrões arriba ». SR. I, 142. Alagoas. || 3° lançar de si, lançar fóra, expellir, fazer sahir de si, exhalar: ideia de logar d'onde, movimento de extracção de dentro. « O cravo do meo craveiro Bota amarellos e verdes ». Mod. pop. « Botar ovos » diz-se da gallinha e outras aves. « Botar cheiro » diz se das flores. « Botar grelo, botar botão, botar flor, botar fructa » diz-se das plantas. || 4° lançar fora, lançar de algum logar, atirar embaixo, desfazer-se de, rejeitar: ideia de logar d'onde, movimento de repulsão. « Queria que me demorasse [no governo] para me botarem abaixo? » Aparte do sen. Saraiva sess. 7 oit. 86. || 5° acabar, terminar, chegar ao fim, conseguir. « O doente não bota o anno fora » não chega ao fim do anno, morre antes d'elle findo. « O negro não botou o eito fóra » não acabou o eito. || 6° soltar, largar. « Bote o burro no campo » solte o burro, tirando-lhe o cabresto. « Bote o remo » largue-o n'agua. || 7° entornar, derramar. « Isto foi, como diz o vulgo, botar agua na fervura ». Red. *JC.* 2 ag. 82. || 8° *botar* a mão, o gadanho, a unha, agarrar, prender. « Eu tinha meo boi Espacio, Meo boi preto caraúna; Por ter a ponta mui fina, Sempre fui, botei-lhe a unha ». SR. I, 80. Sergipe. || 9° fazer apparato, ostentar. « Botar carro; botar luminarias; botar estadão ». || 10 estabelecer-se, arranjar-se. « Botou casa de negocio; botou sapataria ». || 11 abrir, sahir, dar sahida. « A porta bota para a rua; a janella bota para o jardim ». || 12 vn., botar a, começar. « Botar a moer », ou sómente « botar » diz-se

do engenho que começa a moagem ». || 13 vn., bater, dar pancada. «Vendo-se assim maltractado, apanhou uma acha de lenha e botou no tal sujeito ». Red. *GN.* 29 jun. 83. || 14 — *se* vr., abalançar-se, aventurar-se, arriscar-se, atrever-se. || ETYM. b.-lat. *botare, boutare* (pellere, pulsare, offendere : sec. XIV.), prov. *boutar, botar, butar,* ital. *bottare,* hisp. *botar,* fr. *bouter.* || GEOGR. todo o Brazil. || HOM. port. *botar* embotar não se conhece aqui. || LEX. PORT. tem os mesmos signifs. brazs.; mas lá é t. vulgar e menos polido, sg. Aul. No Brazil, não; é termo usual, popular, empregado no jornal, no livro, no parlamento, na sala, no gabinete, na venda, na praça, na roça e na cidade. E por mais que certa imprensa da Côrte, influenciada por jornalistas do Chiado, porfie em substituir o nosso brazileirissimo *botar* por *deitar* e *pôr,* ouve-se o voc. nacional a cada passo nos salões, nas assembleias de todo o genero, nas rodas populares e nas dos homens de lettras. || ORTHOPH. braz. *bôtar,* port. *butar.*

botara sf., vj. *butara.*

botocar vn., sahir fora, saltar fora, surdir em ponta. || ETYM. s. *botoq(ue)* + suff. vb. *ar.*

botocudo adj., 1° indio que traz *botoque* ou batoque pendente dos labios, das orelhas etc. || 2° fig., inculto, selvagem.

botoque sm., rodela ou cylindro de páo, de resina ou outra substancia, que certos naturaes d'America, d'Africa e da Oceania mettem pelas orelhas, narinas e labios furados. || ETYM. br. *mbotog* fazer tapar, cobrir; tapar. || HIST. Moraes prefere o nosso *botoque* como mais certo; Aul. nem o dá, posto venha em Roquette, e já o velho Bluteau o houvesse recolhido com esta definição exacta: « *botoque* chamão no Brazil a pedra que os indios mettem na barba, furada para este effeito, e é seo principal ornato ». || SYN. *cherembetá, metara, tembetá* pedra do beiço.

bozerra sf., 1° bosta, monte excrementicio. || 2° fig., molleirão, sem animo para nada, um banana, um inhame. || ETYM. ¿ corr. do port. *bruceira* a estopa mais grosseira que primeiro se tira do linho? ou do port. *bostela* pustula? Vj. em DC. *buccerius* carniceiro, açougueiro; *buccetum* curral destinado para tirar leite das vaccas; *bostar* = *bostarium* curral dos bois, e ter-se-ha talvez a origem da pal.

bozó sm., jogo que se faz com uma bola. || ETYM.? || GEOGR. Bah. (V. Cabr.)

brabeza sf., ferocidade, selvajaria, exprime ideia diversa de *braveza* bravura, coragem, intrepidez.

brabo adj., 1° bravio, selvagem, grosseiro. || 2° nocivo, damnoso. || 3° feroz, sanhudo. « Dirigindo-se ao logar o delegado de policia do termo [do Mar d'Hispanha, Min.], .. em caminho foi ameaçado de *ter a mesma sorte dos pretos si lá fosse muito brabo* (textual)». Carta lida pelo sen. Chr. Ottoni sess. 26 jun. 85. || ETYM. b.-lat. *bravus* sicario, capanga; touro novo e ainda não amansado; selvagem; prov. *brau* (f. *brava*), *brabe, brave* duro, máo, brabo; ital. hisp. *bravo,* fr. *brave*: do lat. *pravus* máo, torto, falso, disforme, perverso, alva?

do v.-a.-all. *raw* (epenthese do *b* de *braw*)? do celt. *braw* terror, ou *borb* cruel? || HIST. a Port. de 2 de Julho de 1662 deu providencias sobre o *gentio brabo*. *ABN.* IV, 221. Em Bluteau, 1712, *brabura* bravura, no adagio pop. « A fartura faz brabura ». || SYN. confundem os eruditos *brabo* com *bravo;* ou melhor, rejeitão *brabo* como vicioso; mas, o povo braz. distingue sempre. « Homem *brabo* » é homem zangado, que se enfurece por qualquer coisa, capaz de violencias; « homem *bravo* » é o que não teme o perigo. O animal não domesticado é *brabo*, bravio; ninguem diz « cavallo bravo », mas *brabo*. O mar encapellado está *brabo;* e aqui a ideia de *bravo* nem teria applicação. «Cardo *brabo* » é um cujo fructo se não come, de ruim no gosto, ou grosseiro, ou espinhoso que é. « Figo *brabo* » cujo leite assa a bocca de quem o come. *Bravo* é t. erud.; *brabo* é pop. e corrp. ao erud. *bravio*. O nosso povo, do littoral ao menos, não conhece o t. *bravo;* substitue-o por valente, animoso, atrevido, avalentuado.

brabura sf., brabeza, ferocidade; sanha, ira; grosseria. || GEOGR. pop. no litt. RJan.

branca sf., aguardente, cachaça, por opposição ao vinho, que é *tincto*. « Está um tempo levado de todos os diabos! Venha um gole da *branca* para aquecer.. Barroso tragou de um gole o copinho de aguardente ». V. Mg. *GN.* 23 mr. 84. « No dia seguinte, sob pretexto de sua mulher o haver abandonado, fez um grande samba em sua casa, onde, ao som da viola e saboreando a *branca*, dansárão até ao amanhecer ». Garanhuns (Pern.) ap. *JC.* 30 sett. 86. || ETYM. f. de *branco*, b.-lat. *blancus*, prov. fr. *blanc*, hisp. *blanco*, ital. *bianco*, v.-a.-all. *blanch*. || GEOGR. Juv. Gal. dá como t. do Ceará; é tambem pop. no RJan. || SYN. *bicha*, *canna*, *parati* etc.

brazileiro adj. gent., 1° nascido no Brazil. || 2° naturalizado cidadão do Brazil. || LEX. PORT. portuguez que emigra para o Brazil; portuguez ou de outra nacionalidade que, tendo estado no Brazil, regressa para a Europa.

brazino adj., « côr de *braza*, isto é, vermelho com algumas riscas pretas: diz-se do gado e tambem dos cães ». Cor. « Pela menor coisa ás vezes Perde um qualquer o tino; Por isso ás vezes me sinto Como aspa de boi brazino ». Kos. ap. SR. II, 73. « Andando em serviço de campo na fazenda do Auctor, Theophilo Rassier, de quem é capataz, fez reponte de uma ponta de gado de propriedade de seo patrão, na qual estavão duas vaccas de pello brazino-claro, sendo uma d'ellas novilha.. Viu ter sido alli morta e carneada a vacca brazina-clara ». Sent. Juiz de Dir. da Encruzilhada (RGr. S.) 1879 *Dir.* XXVIII, 413. || ETYM. b.-lat. *braza*, hisp. *brasa*, it. *brace*, *bracia*, *bragia*, *brascia*, fr. *braise*, v.-all. *bras* fogo, flam. *brase*, sueco e v.-scand. *brasa* fogo vivo, gael. *brath* conflagração.

brazulaque sm., vj. *bazulaque*.

brechão sm., augm. de *brecha* abertura, rasgão: t. geog., brecha profunda e larga. « Mais longe viu-se o brechão do Paranápanema, cortando

o sertão de leste a oeste ». Elliott 1846 *RIH.* 1848, 156. « Do alto d'essa serra, em dia claro e com bom oculo, vimos sómente matos frondosos para todos os lados áquem do Paraná, cujo brechão avistámos em distancia de 10 a 12 leguas, além do qual vimos fumaça de queima nos campos de S. Rita, na provincia de Cuyabá ». Elliott 1845 *RIH.* 1847, 26. || ETYM. s. *brech* (*a*) + suff. *ão* augm.: do all. *zŭ brechen* quebrar, v. a.-all. *brechâ*, m.-a.-all. *breche*, holl. *breke*, prov. *breca*, it. *breccia*, hisp. *brecha*.

brejal sm., brejo extenso. || GEOGR. R.Jan.

brek=*breque* sm., freio do carro da machina nos caminhos de ferro. || ETYM. ingl. *brake* (pron. *brêic*).

brekista sm., vj. *brequista*.

breque sm., freio do carro da machina nos caminhos de ferro. « Justamente quando o honrado actual sr. presidente do concelho, então ministro da fazenda, proclamava a necessidade de *breques* nas rodas do carro do estado ». Edit. *Rio de Jan.* 31 ag. 86. || ETYM. forma port. do ingl. *brake*, pron. *brêic*. ||ORTHOGR.|| *brek*. || ORTHOPH. *brĕke*.

brequefeste sm.,almoço,refeição ligeira; almoço fora do ordinario, na roça, em *pic-nic* qv., em caçadas ou pescarias etc. || ETYM. ingl. *breakfast* almoço.

brequista sm., empregado nas estradas de ferro, que tem a seo cargo o freio da machina, o *brek*. « Entre ellas [pessoas] esteve um brequista do trem, conhecido por Gorgonha ». *Jorn. do Recife* transcr. *JC.* 12 jan. 85. || ORTHOGR. *brekista*.

bretanha sf., vj. *bertanha*.

breve sm., bentinho, escapulario contendo *breve* do Papa, impondo alguma obrigação (de rezar certa oração por ex.), para livrar de algum mal. || GEOGR. muito us. entre os nossos caipiras e matutos, que acreditão piamente na efficacia dos breves, ou *patuás*, como tambem os chamão, para livrar de traição de inimigo, de mordedura de cobra, de morte de raio, ou qualquer outro desastre. E não só entre os caipiras, mesmo entre gente civilizada, doutores e homens de lettras, o uso do *breve* é muito espalhado, mesmo na Côrte, mas sobretudo em Minas, interior de S. Paulo e outras provincias mais atrazadas, cuja educação moral e litteraria tem sido flagellada pelos padres, jesuitas, capuchinhos e lazaristas, protegidos pela ignorancia, pelo fanatismo, e não menos pela velhacaria de quem só póde governar pelo obscurantismo. || SYN. *patuá*.

brevidade sf., biscoito de farinha de milho. « Ficava todo o serviço de casa e roça a cargo d'aquella virago, que nos deu de boamente farinha de milho com leite e o biscoito mais saboroso do interior, a *brevidade*, especie de pão-de-ló ». Taunay *RIH.* 1869. 2, 45. || GEOGR. Mgr.

brigalhada sf., briga aturada. « O menor Massarico, a 24 do passado, fez uma brigalhada com o menor Avelino, do que resultou atirar este sobre aquelle uma tesoura, que lhe fez um ferimento na perna ». Red. *FN.* 14 jan. 85.

brincadeira sf., dansa, festa familiar, patuscada, pagode, sucia

cantante e dansante. « Depois do minuete, foi desapparecendo a ceremonia e a brincadeira aferventou, como se dizia n'aquelle tempo ». Almeida *Mem. de um Sargento de Milicias* 103. « Ainda hontem foi ao cartorio de proposito avisar-me de que viria tarde, mas que contasse com elle; tinha de ir a uma brincadeira na rua da Carioca ». M. Assiz *GN.* 29 oit 84. || LEX. PORT. Aul. adduz ex. de Al. Herculano no signif. braz.

brinquete sm., 1° « travessa em que os aguilhões [da roda que toca as moendas] se encostão ». Anton. 57. || 2° peça da prensa, que expreme a mandioca reduzida a massa no rodete. J.Gal. || ETYM. ? fr. *briquet?*

brôa sf., pão ou bolo de farinha de milho, arroz, araruta etc., com ovos bem batidos, assado no forno ou no borralho. || ETYM. hisp. *borona*, port. *borôa* (pron. *burôa*).

broaca sf., vj. *bruaca*.

broca sf., 1° « cavidade na raiz do casco do cavallo, que vai minando até a parte superior do mesmo casco ». Cor. || 2° mato baixo que se corta antes das arvores grossas. || 3° peneira grossa de peneirar o café em grão. || 4° bicho que fura a madeira. || 5° instrumento de furar, como verruma grande ou trado. || 6° o furo feito por esse instrumento. || ETYM. b.-lat. *broca* dente, chifre, espinho, garfo, ponta, que espeta, que fura, que faz buraco. || GEOGR. 1° geral; 2° Ceará e outras provs. do norte; 3° RJan.; 4° 5° 6° em todo o Braz.

brocar va., cortar o mato fino com a foice: é o primeiro trabalho no roçado». J.Gal.; furar o mato grosso, desembaraçando-o do fino. « Nos annos regulares, tudo corre bem. Em Oitubro, brocão-se os roçados. Junctão-se, para este fim, os parentes e amigos da vizinhança, permutando entre si os dias de serviço. Cada um abre o seo *roçado*, que a mais das vezes não excede de duzentos passos em quadro ». Rod. Theoph. 85. || ETYM. *broc(a)* furo+suff. vb. *ar.* || GEOGR. Ceará e outras provs. do N. || ORTHOGR. *broquear.* Ceará, RJan. || SYN. *roçar, cortar de foice* arvores finas, em contraposição a *derrubar, cortar de machado* arvores grossas.

brocotó sm., terreno desegual, aspero, cheio de altos e baixos. || ETYM. ¿ de *mburú* contr. de *pororú* transtornado, atormentado, revolto, que immerge e emerge, entra e sahe+*cotog* vacillante, vaivem, que sacode e balança, mexe e remexe, levanta e abaixa, puxa e empurra. || GEOGR. Bah., Pern., Piauhy, Mgr. (sg. BR.). || ORTHOGR. *borocotó.* || SYN. *chão repecho.* Paraná.

broguncios sm. pl., 1° miudezas, coisas e negocios miudos. || 2° pequena bagagem, pobre e reles, do viajante a pé, do trabalhador d'estrada, do garimpeiro, constando do surrão de roupa do serviço, rede, marmita etc. || 3° o complexo das miudezas da barraca ou casa de poucos recursos. || ETYM. ? || GEOGR. sertão do Alto S. Francisco, recolh. pelo dr. Brotero de M. Soares. || SYN. *cangaçaes, mucumbaje.*

bromar vn., falhar; perder-se; ser mal succedido, quebrar no pezo, na medida, no valor. « No anno se-

guinte se descobriu outro corrego, em que se tirou bastante ouro; mas em breve tempo brumou [*bromou*]». 1727 Cabr. Cam. *RIH.* 1842, 499. || ETYM. *brom(a)* insecto que roe a madeira + suff. vb. *ar.* || LEX. PORT. va. deitar a perder, roer como a broma. || ORTHOPH. braz. *brômar*; port. *brumar* como no ex. supra de Cabral Camara.

bruaca sf., sacco de couro crú com capacidade para accommodar um sacco de mantimentos, que se pendura nos ganchos da cangalha sobre o animal de carga. || ETYM. contr. de *buruaca*; do br. *mburuá = pîruã*, comp. de *pî* centro, interior+'*ruã* erguer-se, inchar; barriga inchada, prenhez. || SYN. *buraca, surrão.*

bruaqueiro adj., 1° que carrega bruaca: diz-se do animal de carga. || 2° tropeiro, que lida com bruacas e animaes de carga; que vive de transportar mantimentos das roças para os povoados. «A praça do mercado existe em uma coberta ou rancho para tropeiros (ou *bruaqueiros*, como se chamão os que exclusivamente transportão viveres para as povoações)». P.e Correia *Not.* 27. || 3° homem da roça, que vive dos trabalhos da lavoura e dos campos de criar. «Ainda hoje, não ha talvez um só *caipira* de S. Paulo ou um *bruaqueiro* de Minas a quem possaes dizer que é um ente imaginario o *saci-cererê*». C. Mag. *Selv.* II, 121. || ETYM. *bruac(a)*+suff. *eiro* profissão. || SYN. 1° *cargueiro*; 2° *tropeiro*; 3° *caipira*. S.P., Paraná; *mandioqueiro, matuto, roceiro*. R. Jan.

bruega sf., desordem, barulho. || LEX. PORT. chuvisco miudo e de pouca duração; embriaguez.

brutamonte adj., alarve, grosseirão. || LEX. PORT. *brutamontes*.

bubuia sf., leve, fluctuante, que boia, que nada. «Vir de *bubuia*, estar de bubuia, ficar de bubuia, fluctuando sobrenadando, boiando». J.Ver. *RAm.* I, 86. || ETYM. tp. *bebuia*, guar. *bebui* boiante, fluctuante. BC. || GEOGR. Pará e Amazonas.

bubuiar vn., fluctuar, sobrenadar, boiar. «Pouco us. em suas formas verbaes, geralmente substituidas por *bubuia* e sem auxiliar». J.Ver. *l. cit.*, como vimos no subst. *bubuia*.

buçal sm., especie de cabresto com focinheira. «Um cadaver horrivelmente mutilado; cheio de cicatrizes produzidas por laço, tala e buçal, além de queimaduras pelas costas e peito, feitas por liquido». *Fidelense* trscr. *Fl.* 8 jul. 85. Vj. *boçal*.

buçalete sm., vj. *boçalete*.

bucaneiro sm., define Littré: 1° caçador de bois selvagens; 2° espingarda grossa e comprida usada n'essa caçada; 3° e por extensão, piratas que infestavão as Antilhas. N'este ultimo signif. é que temos visto o t. empregado entre nós. || ETYM. fr. *boucanier* de *bucan*, t. caraiba, sg. Furetière ap. Littré, 1° logar onde os caraibas botão as suas carnes no fumeiro; 2° grade, caniçada, jirão, sobre o qual se faz seccar a *cassada* qv.; 3° preparação para reduzir a tartaruga a pastel; 4° na linguagem pop. e muito baixa, syn. de *vacarme* sem duvida alludindo á vida desordenada e ruidosa dos bucaneiros, e

tambem signif. « bordel ». *Bucan* é o nosso *moquem* = *mboquem* = *poquê* = *boquem*, que os francezes pronunciãao *bocãe* = *bocan*, como os ports. pronunciarião *mocãe* ou *mocan-e*. *Bucaneiro* é simplesmente « moqueador ».

bucha sf., pop., comida leve, bolo, bejú, biscoito para tomar com café, ou matte, ou leite, segurando o estomago, quando se tem de almoçar ou jantar tarde; pequeno *lanche* qv. || ETYM. b.-lat. *buxa*, *buxus*; it. *busso* ? hisp. *broza*, fr. *bourre*. Formação por anal. de « bucha d'espingarda ». ? || LEX. PORT. Aul. dá como t. plebeo (?) « bocado de pão ou de outra comida que se mette de uma vez na bocca »: a ideia é a mesma. « Tomar café simples ou com bucha » é usual na beira-mar do R. Jan. || ORTHOGR. Bluteau escreve com *x*, *buxa* de espingarda; Roq. de ambos os modos.

bugia sf., 1° ant., velinha de cera. || 2° vela d'espermacete. || 3° t. cirurg., velinha, sonda cylindrica para a uretra. || ETYM. de *Bugia* cidade da Argelia, na Africa septentrional, onde se fabricavão as taes velinhas de cera; fr. *bougie*, nome que vinha no rotulo dos pacotes de velas de espermacete.

bugio 1° sm., macaco, mono. || 2° adj., feio, mas engraçado. || ETYM. *Bugia*, cidade argelina, ao norte d'Africa.

bugra sf., a femea do *bugre* qv., como *cafra* é a femea do cafre. || ETYM. fr. *bugresse*, f. de *bougre*, bulgara, natural da Bulgaria.

bugrada sf., 1° malta de bugres. || 2° acção de bugre. || GEOGR. 2° Paraná.

bugre sm., 1° indio brazil, indio brabo, indigena no estado primitivo. « Guarda destinada para defensa dos bugres ou tupis ». 1798 J. Saldanha *RIH*. 1841, 65. « Achámos saborosas jaboticabas, muitos vestigios de bugres, tanto de um como de outro lado ». 1845 Elliott *RIH*. 1847, 25. « Hoje, o viajante caminha tranquillo, não teme a flexa do bugre; e o lavrador, habitando solitario esses sertões [de Santa Catharina], goza das delicias do campo, sem receiar os perigos do ermo ». Ol. Paiva *RIH*. 1841, 519. || 2° indio manso, já domesticado, aldeiado. « Os oito camaradas indios, temendo os bugres bravos, decidirão-se a voltar, apezar de promessas e ameaças ». Elliott. cit. 24. Vê-se: *bugre brabo* (Elliott, extrangeiro, erudito, escreve *bravo*) contraposto a *indio* ou *bugre manso*. || 3° fig., selvagem, grosseiro, estupido, perfido, desconfiado. || ETYM. Aug. de St. Hilaire, *S. Paul* I, 454, foi o primeiro (cremos nós) a notar que *bugre* vem evidentemente do fr. *bougre*; e assim é. Na edade media, hereges *bulgaros*, cujas doutrinas religiosas muito se assimilhavão ás dos albigenses, receberão e transmittirão a estes a alcunha injuriosa de *bugres*. Um dos crimes attribuidos aos bulgaros e aos albigenses era a sodomia: verdade ou mentira dos padres catholicos, n'esse tempo sem o menor escrupulo para casos taes, a palavra *bugre* passou a significar « o que se entrega á luxuria contra a natureza », e ficou como expressão de desprezo e injuria, usual na linguagem popular a mais trivial e grosseira. Littré. Não é outro o sentido em que os paulistas appellidárão

bugres os indios não aldeiados, sodomitas, porcos, avessos a qualquer noção de moralidade, decencia ou asseio. Entretanto, Varnhagen, « depois dos mais profundos estudos do tupy » (!!), descobriu que « *bugre* não quer dizer mais do que carregador ou portador de carga, de *bohu-rêa* [?]; pelo que, ficarão assim chamando os indios escravos ». *Hist. ger.*, 2ª ed., I, 18. É o caso do cavallo do rei Gradasso : *Alfana vient d'*equus, *sans doute; Mais il faut avouer aussi Qu'en venant de là jusqu'ici, Il a bien changé sur la route.** Quanto áquelle *bohurea*, Varnhagen viu algures o s. e vn. *bohĩi* carregar-se, pezar, pezo, carga, e o adj. *'reá*, campeiro, morador dos campos, e concluiu que o ar. *alfana* vem do lat. *equus*, e ambos gerarão o port. *cavallo*. Em definitiva, *bugre*, fr. *bougre*, vem do lat. *bulgarus*, natural da Bulgaria, que, pelas conhecidas leis da formação das linguas, só podia dar *bougre*, pela quéda do *l*, consoante media, e desapparecimento do *a*, vogal atona. || GEOGR. pretende Machado de Oliveira que os bugres formão « uma só nação », recomposta das reliquias das tribus do littoral da capitania de Martim Affonso, que, vencidos e dispersos, se congregarão nas mattas da Serra Geral e do sertão; sendo depois divididos em tribus, que vivem errantes no espaço longitudinal da serra que vae de Curitiba ás Missões Brazileiras. *RIH.* 1842, 176, isto é, todo o territorio oeste e sul da actual provincia do Paraná. Em anthropologia, proposições d'estas, não documentadas com provas anatomicas, physiologicas, ethnologicas e linguisticas, não têm valor algum; são conjecturas, que não podem ser affirmadas, nem negadas. Entretanto, parece pouco plausivel a asserção da « unidade nacional » dos bugres. A diversidade não só das linguas, como da indole e costumes das hordas que habitão esse territorio, o odio profundo que mutuamente se votão, as continuas dissensões em que de dia em dia se anniquilão, mostrão a impossibilidade de se amalgamarem n'um só povo tantos elementos divergentes e tantas forças dissolventes de qualquer vinculo social. *Bugre*, já vimos, é nome gentilico, é termo erudito de origem franceza, usado pelo nosso povo do interior para exprimir o mesmo que em Portugal o *cafre*, no Pará o *tapuya*, no Rio de Janeiro o *cigano* etc. Entre os proprios indigenas, *tapuya* era o inimigo, mas o inimigo domestico, natural do paiz, filho da terra, por differença do *emboaba* o inimigo extrangeiro, filho de fóra; do *caraiba* o inimigo de côr differente, o extrangeiro branco etc. « Nunca, diz Varnhagem, houve no Brazil uma grande nação de indios *tapuyas*. Esta expressão, que de si mesma significa *inimigo*, na lingua geral [?], applicarão todas as nações para todos os seos vizinhos rivaes; e d'ahi veiu que, achando-se noticias de tapuyas por toda a parte, se julgou serem elles uma nação formidavel. Nenhuma nação dizia, nem diz ainda hoje de si mesma que é *tapuya*. Assim acontece em São Paulo com os *bugres*, expressão que parece significar *escravos*. Entre aquelles que conversámos no rio Paranápanema, Fachina e Curitiba, todos dizião de si não serem

bugres; e todavia, é esse o nome que por cá damos aos indios não domiciliados». *RIH*. 1844, 70. Não sabemos porque ao illustre visconde pareceu que *bugre* é synonymo de *escravo:* sel-o-hia, pela mesma razão, *tapuya*, o inimigo, gente errante, que anda roubando e matando, cafila de beduinos, cabilda de ciganos, horda de tuaregues, corja de cafres, os bandos que mais se assimelhão ao bugre, o *tapôy* sem raiz, sem fixidez, como tão expressivamente o chamão os guaranis. É verdade que Martius affirma serem cames os que os habitantes do interior de S. Paulo chamão *bugres* ou « indios do matto ». *Gloss.*, 212 not.; e aquella palavra parece ser alcunha, equivalente a fugitivo, calhambola; e na propria lingua dos cames significa « cobarde ». Ora, a palavra *came* é arabe ou mauro-arabe, berb. *khame*, e quer dizer « escravo » (Largeau); e, assim como *bugre*, *cafre*, *beduino* e *cigano*, é de introducção e applicação erudita. Aos bugres chamão tambem, no Paraná e no interior de S. Paulo, *cafres* e *chinas*, vozes evidentemente de procedencia lettrada. Não é improvavel a hypothese de Machado de Oliveira, considerando os bugres como emigrados do littoral para as mattas e campos dos planaltos do interior. Em Guarapuava, ha indicios glottologicos da invasão dos cames e repulsão dos guaranis pelo Iguassú abaixo até o Paraná, como se mostrou na *Revista Paranáense* I, 14 (1881). Entretanto, não consta que jámais existisse no littoral, do Amazonas ao Prata, tribu alguma de indios com o nome gentilico de *bugres*. No Paraná, vimol-o, dá-se esta appellação ao «indio» em geral, seja brabo, seja manso; da mesma sorte que, no Pará, *tapuya* é, em geral, o indio manso ou bravio, de qualquer tribu. Accioly *RIH*. 1849, 152; mas, quando se quer fallar do indio feroz, é o *bugre*, e ninguem o confunde com o indio manso ou civilizado. O mesmo succede no sertão de S. Pau'o, nos campos de Santa Catharina e na campanha do Rio Grande de Sul.

bumba! intj., onomatopéa, como soem ser as interjeições populares: *bum! tibum! catumba!* correspondentes á port. *catrapuz!* para exprimir a queda, com estrondo e ridiculo, de um corpo, gente ou bicho, que se acachapa ou cahe n'agua. || *Bumba, meo boi!* dansa comica em que figura de protogonista um sujeito agachado debaixo de um arcabouço, coberto de colcha pintada e rematado em cabeça de boi, a dar chifradas em pae Matheus e mãe Catherina (*sic*), que dansão em roda, ao som das cantigas do violeiro, que faz de dono do boi. « O meo boi é pintadinho Da cabeça até os pés...— Ora dansa que dansa, meo boi! Ora pula que pula, meo boi! Ora investe, investe!... »; e aqui o boi dá marradas no pae Matheus, que cahe e põe-se a chorar. Acode mãe Catherina, a quem o preto dirige agradecimentos (com graçolas ás vezes bem deshonestas), acabando por convidal-a para dansarem outra vez. Recomeça o da viola: « Quem me empresta um vintem? Eu ámanhã dou-lhe dois; Para comprar uma corda, Para laçar o meo boi.—Ora dansa que dansa, meo boi! Ora pula que pula, meo boi! Ora investe, investe!... » Esta brincadeira

tem logar na vespera do dia de Reis (6 de janeiro), e aqui no Cabofrio (1883) chama-se o *Reis do Boi*, por differençar do *Reis dos Meninos*, do *Reis dos Mouros*, do *Reis das Contradansas*, e outros grupos de «Cantadores de Reis», que sabem a divertir o povo, mediante qualquer voluntaria paga, e se distinguem pelo genero de dansa, pelo vestuario, especie de representação ou scena, comica ou seria etc. — Sylvio Romero traz, nos *Cantos Populs. do Br.* I, 167, os versos do *Bumba, meo boi!* de Sergipe; e na *RBr²*. I, 265, define assim: «O *Bumba, meo boi* vem a ser um magote de individuos, sempre acompanhados de grande multidão, que vão dansar nas casas, trazendo comsigo a *figura de um boi*, por baixo da qual occulta-se um rapaz dansador. Pedem, com canticos, licença ao dono da casa para entrar. Obtida a licença, apresenta se o *boi* e rompe o côro: «Olha o boi, Olha o boi que te dá... Ora entra pra dentro, Meo boi marruá... Olha o boi, Olha o boi que te dá... Ora dá no vaqueiro, Meo boi marruá». O vaqueiro representa sempre a figura de um *negro* ou de um *caboclo*, vestido burlescamente, e que é o alvo das chufas e pilheiras populares. — Do *Bumba, meo boi!* da Bahia temos a seguinte descripção de Celso de Magalhães, cit. por Th. Braga, nota aos *Cantos Pops. do Br.* II, 218: «Um outro grupo pulava e saltava deante de um boi, cujo arcabouço era de madeira, coberto com pannos pintados. No meio de tudo isso, os fadistas, os trovadores da rua, com os violões enfitalhados, a cantarem desentoada e lugubremente modinhas em tons menores. É o fundo do quadro. O variegado dos vestuarios ajudava a belleza do panorama. Os jaqués encarnados, os calções de côres, as fitas, os laços, os ramos de flores, fazião um conjuncto original. Foi onde já vimos o espirito popular mais puro e mais despreoccupado».

bumbo sm., tambor grande, bombo. || ETYM. provavelmente do lat. *bombus*, tem, entretanto, na ling. d'Angola, o corresp. *mubumbi* tambor grande, caixa redonda, cujo rad. *bumb* deu o v. *cu-bumbi* arredondar. Parece voz onomat. Vj. *zabumba*.

bunda sf., o assento, as nadegas; onde se bate; que bate. || ETYM. bd. *cu-bunda* bater. || LEX. PORT. Aul. def. «t. braz. nadegas volumosas». Beaurepaire Rohan confirma; o adj, porém, é de mais: carnudas ou magras, as nadegas são sempre a *bunda*, pal. chula para os ports., mas pop. no Brazil, e por isso muito acceitavel.

bundo adj. gent., 1° natural d'Angola; negro d'Angola. || 2° «lingua bunda» lingua d'Angola. || 3° lingua de negro em geral, sem differença de nação d'Africa. || 4° fig., linguagem errada, falla ou escripta incorrecta.

buque sm., navio peqneno. «Sobre o «*Almirante Brown*».. ao entrar em Montevideo.. quasi encalhou o «*Almirante*». Si o fundo não fosse de lama, lá ficaria o formidavel buque, de uma feita». Red. *GN.* 8 nov. 81. || ETYM. hisp. *buque* navio; capacidade do n.; carcassa do n.; v.-port. *buco* pequena embarcação de

guerra: do b.-lat. *buca* tronco, madeiro; bocca, entrada; bojo, capacidade. Cp. v.-prov. *buc* cortiço de abelhas, it. *buco* vaso, abertura, fr. *bouque*, que Littré considera outra pron. de *bouche* bocca, prov. hisp. *boca*, ital. *bocca*: do lat. *bucca*, scr. *bhuj* comer. O *Dicc. Mar. Braz.* não recolheu.

buraca sf., « pequeno sacco de couro que usão os tropeiros de Minas ». Rb. || ETYM. *bruaca* qv. é um sacco grande; ambos os vocabs., porém, parece virem do br. *mburuá*, qv. s. v. *bruaca*.

burassanga sf., 1° « pequeno cacete cylindrico para bater algodão ». J. Veriss. || 2° idem « para bater roupa na occasião da lavagem ». J. Veriss. || ETYM. br. *mîrá* = *îbîrá* páo, madeira + *çanga* extendido, que se extende de um para outro lado, que serve para extender: *mîraçanga* a bengala, o porrete (Couto de Magalhães) ». J. Veriss. 1883 *RAm.* I, 86.

buriqui sm., vj. *muriqui.*

buriti sm., *Mauritia vinifera* Mart., palmeira insigne, a mais alta do paiz; come-se o fructo. « Em tempo de calamidade, o povo erra pelas matas á procura d'estes fructos, para mitigar a fome; mas o uso quotidiano e prolongado d'elles determina uma amarellidão na cutis ». Almeida Pinto. O tronco fornece por incisão excellente succo vinhoso; as folhas têm variadas applicações; o caule fornece madeira de construcção: faz lembrar a tamareira nos desertos d'Africa central. || ETYM. br. *îmbîrîtî*: de *î* agua + *mbîrîtî* que emitte, que bota, que escorre.

buritizal sm., 1° mata de buriti, a palmeira *Mauritia vinifera* Mart. || 2° logar humido onde cresce o buriti. « As excellentes pastagens de variado capim, humidecidas por lagoas, buritizaes, ipoeiras e rios ». Virg. 56.

buritizeiro sm., arvore do buriti (a palmeira).

burjaca sf., jaleco, jaqueta. « Trazia chapéo de palha fina, bnrjaca preta, calças de ganga, botas de polimento, onde retinião esporas de prata ». F. Tav. *RBr*[2]. VIII, 87. || LEX. PORT. ant. *borjaca* sacco de couro com fundo de páo, onde o caldereiro ambulante mettia o que comprava e vendia. Bl., Aul.

burlantim sm. pop., funambulo, acrobata, dansador de corda, volteador, que brinca no trapezio. « Companhia de burlantins », estes fazião parte das companhias de bonecos e de cavallinhos. || ETYM. b.-lat. *burla, burlaria, locus in urbe, vel extra urbem, in quo ludere solent incolæ* (DC.), it. *burlare*, hisp. e port. *burlar*: d'ahi o b.-lat. *burlator*, fr. *bourleur*, o nosso *burlantim*, que faz jogos sc. acrobaticos. Essa mesma é a origem do it. *burletta* scena comica, farça, entremez.

burlequeador sm., que burlequeia, vadio.

burlequear vn., vadiar, andar á tôa, passeando sem destino. || ETYM. não parece de origem analòga a de *burlantear* andar como *burlantim*, de povoado em povoado, na vida nomada e vadia das companhias de bonecos e de cavallinhos? Der. do b.-lat. *burla* jogo, divertimento, gracejo, illusão, scena de theatro etc.

burocracia sf., 1° poder das repar-

tições publicas dos diversos ministerios. || 2° influencia abusiva dos empregados d'essas repartições. || 3° carreira ou profissão de empregado publico, principalmente de empregado de escripta. || ETYM. fr. *bureaucratie*: do fr. *bureau* meza d'escriptorio; repartição bancaria, ou publica; empregado d'essas repartições + gr. *Κρατέω* ter o poder. *Bureau* vem do b.-lat. *burellum* panno grosso de lã com que se cobrem mezas d'escrever; prov. *bureou*, hisp. *bureo*, meza coberta de *burel*, *buriel*, ital. *burello*, port *burel*.

burocrata s2., 1° poderoso nas repartições publicas, bancarias, de grandes companhias etc. || 2° influente por meio das repartições. || 3° empregado de secretaria. || 4° fig., vadío, que vive á custa do Estado.

burocratico adj., pertencente á burocracia. « O SR. AFFONSO PENNA faz diversas considerações sobre a empregomania; que parece ser o unico campo para desenvolver-se a auctoridade nacional, tornando-se este paiz — não essencialmente agricola, mas essencialmente burocratico ». Sess. cam. dep. 6 oit. 86.

burrada sf., tropa de burros e bestas. || LEX. PORT. asneira grossa, estupidez notavel, *burrice*. || SYN. *mulada*.

burrego sm., carneirinho ou cabritinho. || ETYM. corr. pop. port. *borrego*, por intercurr. de *burro*. || GEOGR. sertão do Alto S. Francisco, rec. pelo dr. Brotero de M. Soares.

burriquete sm., « nome de pequena vela triangular que serve nas embarcações empregadas na pesca (na parte da costa do Brazil, entre a Bahia e Rio de Janeiro), e que se denominão *ygarités*. O *burriquete* enverga a ré e serve para capear, bem como para conservar as embarcações aproadas ao vento, quando fundeadas ». *DMB*. Em vez de *igarités*, t. só do norte, Beaurepaire Rohan emenda com razão « garoupeiras e bangulas ». Corresp. ao fr. *tape cul* e ingl. *ring-tail*, e parece aportuguezamento do fr. *bourriquet* torniquete; machina de levantar pezos, polé; hisp. *borriquillo*, *pollino*.

buruaca sf., vj. *bruaca* e *buraca*.

butara sf, armadilha, mundéo. « Tomando por guia as manchas de sangue que o animal [onça canguçù] deixara pelo caminho, eis que o avistão dentro de uma *butara* ». Red. *Diar. da Bah.* 1 oit. 84. || ETYM. br.: de *pó* mão + *tar* apanhar, colher? *mbotara* = *potara*. Cp. guar. *mbîtaá* = *pîtahab* andaime; pouso, pousada.

buzina sf., 1° « buraco do centro da roda do carro, onde entra o eixo: é assim chamado por ser mais largo da parte de dentro que de fora. D'aqui vem que, quando se acha gasto e é preciso pôr-se-lhe um remate, se chama a este *contrabuzina* ». Cor. || 2° buzio grande, furado de um lado, servindo de buzina aos pescadores, *atapú* qv. || 3° « conducto de ferro, fixo no convez, por onde passa a amarra ». *DMB*. || 4° fig., homem brabo, irritadiço, que falla grosso. || ETYM. lat. *buccina*. || GEOGR. 1° e 4° RGS.; 2° litt. R. Jan.; 3° geral.

buzo sm., jogo com rodelas de

casca de laranja, verdes de um lado e brancas do outro: ganha-se ou perde-se como no jogo de *cruz ou cunho* (tambem chamado do *buzo*), apostando um dos jogadores pelo lado que cahir para cima. || ETYM. corr. pop. de *buzio?* jogar-se-hia com a concha d'este nome? *Buzio*, sg. Aul., vem do lat. *buccinum;* sg. Sar., é da costa [?] d'Africa. O nosso *buzo*, jogo usual entre os *negros novos*, é pal. bunda.

ca[1] pref., diminutivo. || ETYM. bd. adj. *ca* pequeno, menos, abaixo do que a coisa é ou deve ser: *ngulu* porco, *cangulu* porquinho. No cg., particula negativa, que destróe o effeito do verbo. Holman Bentley.

ca[2] contr. de

caá s., 1° folha de planta. || 2° planta, herva, mato. || 3° páo, madeira. || 4° o matte, *ilex paraguariensis* St. Hil. || 5° o chá de matte. || ETYM. tp. - guar. Entra como thema na compos. de innumeras pals. brazs., nomes de plantas principalmente. Vj. *caeté*, *capão*, *capueira* &.

caátinga, vj. *cahatinga* e *catinga.*

-cab = *-ab* = *-hab,*

-caba[1] = *aba* suff. posposicional, denota varias circumstancias ou relações grammaticaes, como sejão de causa, fim, instrumento, logar, modo, tempo etc., que exprimimos pelas nossas preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *para*, *por* etc. || ETYM. suff. partic. 1° guar., 2° tp. Entra na compos. de innumeros vocabs. brazs., principalmente de nomes de logares. Ex. *jaboticaba*, *potaba*, *Mambucaba*, *Paranápiacaba* &. Vj.- *aba*[1].

caba[2] sf., « especie de abelha mordaz ». Rub.; marimbondo. || ETYM. tp. guar. *cab*, *caba* que fere, offende, pica, abre, corta, quebra. Cp. kech. *cab* mel, assucar (Brasseur de Bourbourg), e vj. a synonymia. || GEOGR. nos Campos dos Guaitacazes, prov. do RJan., chamão *caba* um marimbondo preto de bunda amarella. *Caba* é da região amazonica; no Paraná *eixú* = *inxú;* no resto do Braz. *marimbondo* qv. || SYN. *abelha-cachorra* (do mel que fabrica? de ser abelha braba, que morde?), *eixú*, *marimbondo.*

cabaça[1] sf., vj. *cabaço.*

cabaça[2] s2., gemeo, - a.||ETYM. bd. Vj. *cacúlo.* || GEOGR. Bahia, onde *babaça*, sg. V. Cabr.

cabaceiro sm., 1° arvore do cabaço, a. da cuia, *Crescentia Cujete* L., fam. das Bignoniaceas, a *cuiîb* dos brazís, assim descripta por Gabriel Soares: « *Cuiêyiba* é uma arvore tamanha como nogueira, a qual se não cria em ruim terreno, e dá umas flores brancas, grandes. Da madeira se não tracta porque a não cortão os indios, por estimarem muito o seo fructo, que é como melões, maiores e menores, de feição redonda e comprida, o qual fructo se não dá entre as folhas como as outras arvores, sinão pelo tronco da arvore e pelos braços d'ella, cada um por si: estando esta fructa na arvore, é da côr dos cabaços verdes, e, como os colhem, cortão-nos pelo meio ao comprido e lanção-lhe fora o miolo, que é como o dos cabaços; e vão curando estas peças até se fazerem duras, dando-lhe por dentro uma tinta preta, e

por fora amarella, que se não tira nunca; ao que os indios chamão *cuias*, que lhe servem de pratos, escudelas, pucaros, taças e de outras coisas ». *RIH.* 1851, 220. || 2° planta de haste reptante, da familia das Cucurbitaceas, *C. lagenaria* L., *C. leucanthes* Duchesn., de cujos fructos tambem se fazem cuias e cumbucas. || ETYM. de *cabaço.* || GEOGR. 1° RJan.; em Min., SP. & *coité*, *cuité;* 2° RJan., Al., Pern. || SYN. 1° *cuité*, *cuieira*. Pará, *cuitéseiro*, *cuitéeira* (Alm. Pinto); 2° *cabaço do chão.* RJan., *c. de collo.* Pern., *c. marimba.* Al..

cabacinha sf., 1° dim. de *cabaça* fructa da *Cucurbita maxima*, *C. lagenaria* &, e vasilha feita da fructa. Vj. *cabaço.* || 2° bala de cera, cheia d'agua da Colonia, para jogar o entrudo. Vj. *limão de cheiro.*

cabacinho sm., dim. de *cabaço* qv., em todas as suas accepções.

cabaço sm., 1° fructo de varias cucurbitaceas, *Cucurbita lagenaria* L., *C. leucanthes* e *maxima* Duchesn., *C. ovoide*, *pulvis* &. « Especie de abobera de miolo amargo, o qual se separa, e deixa um casco rijo, de que se fazem cuias, secando-se, para guardar farinha, liquidos & ». Pizarro IX, 6. || 2° fructo da *Crescentia cujete* L., o br. *coité* = *cuieté* = *cuitéseiro* = *cuieira.* || 3° vasilha formada da casca do fructo do cabaceiro despojado do miolo: muito leve, portatil e duradouro, para guardar liquidos e seccos, usualissimo no Brazil, já desde os indigenas, de quem dizia Simão de Vasconc. que « o seo maior enxoval vem a ser uma rede, um patiguá, um pote, um cabaço, uma cuia, um cão. Serve-lhe.. o cabaço para [guardar] suas farinhas, mantimento seo ordinario ». || 4° fig., o hymen, virgindade, integridade dos genitaes da mulher: analogia da inteireza do fructo antes de destampado para se lhe tirar o miolo. « Ter cabaço » phrase plebeia equivalente a « ser virgem »; « perder o cabaço » perder a virgingindade; « tirar o cabaço » deflorar. || ETYM. cat. *carabassa*, hisp. *calabaza*, prov. *calabassa*, sic. *caravazza*, fr. *calebasse:* talvez do ar. *kerâbat* pl. de *kerbah* barril, vasilha d'agua. Diez. || HIST. Bl. differença *cabaço* vaso de *cabaça* fructa e vaso. Mor. 1ª ed. dá para *cabaça* o fructo, um vaso de vidro da mesma forma (de pera, diz elle) e pendente ou pinjente de brincos id.; e para *cabaço* o fructo e a vasilha. Roq. *cabaça* fructo, *cabaço* vaso. Aul. ambos os signifs. para ambas as pals. || SYN. *cuia*, *cuieté*, *cuité*, *cumbuca*, *caramenguá*, *patiguá*, *patuá*, *quituto*. O signif. de « regador grande de cabo comprido » in Aul. não se conhece no Brazil.

cabaçuda adj. fig., virgem.

cabaçudo adj. fig., novo, fresco, simples, ingenuo como a virgem.

cabahú, vj. *cabaú.*

cabala sf., 1° manejo, trica, meios empregados para arranjar a maior somma de votos n'uma eleição e inutilizar os do contrario. || 2° pedido instante a uns e a outros para se conseguir uma pretenção. || ETYM. chald. *chhabalah* doutrina dos interpretes da biblia; corpo de interpretes; conjuração com fim máo. D'ahi o sent. do nosso t., conspiração dos

influentes para ganhar eleições politicas ou quaesquer outras, como por ex. nas irmandades religiosas.

cabalar 1° vn., fazer *cabala* 1° || 2° pedir com instancia a uns e outros, de quem depende um arranjo, um bom logar; dispôr as coisas a geito.

cabalista s2., que sabe cabalar; geitoso para ganhar eleições; para arranjar empregos. || LEX. PORT. dado ás praticas da cabala; astrologo.

cabanada sf., bando de cabanos. « Nome com que tornou-se conhecida a revolução levantada no Pará, em 1834, pela rivalidade politica, e sustentada depois pela infima plebe ». Al. Arar. *RIH.* 1880, II, 216. || HIST. já antes assim se chamava a sedição que grassou em Pernambuco e nas Alagoas, de 1832-35.

cabanage = **cabanagem** sf., 1° acção de cabano, selvajaria, vileza. || 2° cabanada, grupo de cabanos. || 3° por ext., canalha, bagage.

cabano sm., sectario do partido que, de 1832 a 35, pegou em armas em Pernambuco, sob o mando de um Antonio Timotheo, concentrado nas mattas de Panellas e Jacuipe, e perpetrou toda sorte de crimes, passando tambem á provincia das Alagoas. « Conhecidos por *cabanos*, vivião esses rebeldes commettendo vinganças, devastações e roubos ». Mor. Az. *Hist.* 97. Com essa mesma denominação forão designados os revoltosos que se rebellarão no Pará, de 1834 a 38. || ETYM. ¿ alcunha derivado do adj. port. *cabano* baixo, cahido para baixo, pendido; decahido, arruinado, pobre, proletario, alludindo á infima plebe de que se compôz, logo no principio, a cabanada. « Boi cabano, cavallo cabano » de chifres derrubados, de orelhas pendentes. || LEX PORT. o signif. supra, e mais o de « cesto », accepção aqui desconhecida.

cabaú sm., mel do tanque. BR. || ETYM. br. *càba* marimbondo + *ú* comida. || GEOGR. Sergipe. || ORTHOGR. BR. escreve com *h*; mas sem justificação. O *h* na lingua geral é sempre aspirado, mais ou menos fortemente, e dá a pronuncia do *c* = *k*, *ç* = *s*, ou *f*. E assim *cabahú* daria *cabacú*, *cabaçú* ou *cabafú*; mas não *cabaú*, como se pronuncía.

cabeçada sf., cabresto ou focinheira, enfeitado de fitas, pedaços de chita ou de baeta, e guarnecido de campainhas, com que adornão o animal que vai na frente amadrinhando a tropa. || GEOGR. Min., S. Paulo, Paraná, R. Jan. (serrácima). || LEX. PORT. *cabresto*, commum; fig. desacerto, erro de más consequencias.

cabeçadas s. pl., « correias que, cingindo a cabeça, testa e focinho do cavallo, lhe segurão na bocca o freio: sendo guarnecidas de chapas de prata, lhes chamão *chapeado* ». Cor.

cabeçalho sm., os dizeres do *abaixo-assignado* qv., da subscripção, expondo o assumpto que vai ser adoptado pelos subscriptores ou abaixo-assignados. || ETYM. s. *cabeç(a)* + suff. pejor. *alho* pequeno. || LEX. PORT. cabeçalho do carro.

cabeção sm., « a parte superior da camisa da mulher: de ordinario a mulher do povo veste se de saia e

camisa ; ficando, pois, descoberto o cabeção, fazem-no de fazenda mais fina ». Juv. Gal. *Lend.* 395. « Rosa apenas trouxe em dote Duas saias de riscado, Dois cabeções, um rosario, E um crucifixo dourado ». Juv. Gal. 32. « Esta velha intentou Vestir panno de fustão ; Precisou quinhentos covados Pra fazer um cabeção ». SR. I, 48. || ETYM. augm. de *cabeça,* sc. da camisa. || LEX. PORT. parte outra do vestuario feminil.

cabiuna, 1° sf., jacarandá preto, madeira de marcenaria. || 2° adj. 2, preto, côr de cabiuna. Nome usado nas fazendas para os bois. Em uma freguezia do norte da prov. do R. Jan., chamavão *cabiuna* o vigario, caboclo de côr fula, natural das Alagoas. || ETYM. br. *caá* pão + *obî* verde, azul + *una* preto : madeira de côr entre azul e preto, ou verdinegra. O *caobi* = *cabuí* = *cambuí* forma extensa familia de madeiras de construcção e de marcenaria.

cabocla 1° sf., femea do caboclo. || 2° adj., côr de caboclo. « Pomba cabocla ». || SYN. *china* qv.

caboclada sf., 1° bando de caboclos. « E voltando-se para os seos companheiros, ordenou-lhes : — Caboclada ! ponhão-lhe os maneadores ». Red. *Artista* RGS. ap. *JC.* 26 ag. 87. || 2° acção ou qualidade propria de caboclo : desconfiança, animo vingativo, perfidia.

caboclo, 1° sm., indigena do Brazil, e, em geral, da America, indio. « Minha mãe .. Pegue na cabocla, Dê-lhe co o bordão, Que ella foi causa Da minha prizão ». SR. I, 165. || 2° raça de côr acobreada. || 3° mistiço de branco com indio brazil. || 4° mulato de côr acobreada e cabellos corridos, como os brazis. || 5° o sertanejo, caipira, tapuia &., o proletario do sertão ou da roça, queimado do sol. « Si não pudermos sustentar, com a lei do contracto ao serviço estipulado, o nosso caboclo, que vive aggregado á nossa propriedade. » *Diar. de S. Paulo* 20 jul. 83. « Affrouxa a redea, Caboclo ! Encosta a espora, Preguiça ! » SR. I, 90. || 6° adj., côr de caboclo, acobreado. « Abelha cabocla, boi caboclo, formiga cabocla, marimbondo caboclo, páo caboclo, pomba cabocla (especie de rôla côr de tijolo. Rub.) ». || 7° fig., sujeito desconfiado e traiçoeiro. || ETYM. ¿ *caboclo* = *caboco* (Mor.) é sync. de *cariboca,* na forma masc. aportuguezada * *cariboco.* Sg. Marcgrav, o filho de pae do Brazil e mãe negra é *curiboca* ou *cabocles* ; mas, *curiboca* = *cariboca* perfilhado por branco (BC.) é outro mestiço, meião de branco com indio. O que é certo, entretanto, é que a denominação de caboclo abrange todo e qualquer sujeito côr de pinhão (br. *curi*), mais ou menos carregada. O *l* de *caboclo* pode ser = *r,* em metath. de *car'boco,* dando *cabocro* = *caboclo.* Cp. port. ant. *vigairo* vigario, *frol* flor, *Crasto* Castro &. Vj. em *curiboca* a etym. que aventuramos. Moraes (5ª ed.) s. v. *caipora* dá tambem *cabouco,* forma que achamos na Africa occidental. Alfr. de Sarmento falla no dembo Cabouco, a quem conheceu em Angola. Não seria improvavel viesse de lá o vocabulo. || GEOGR. geral, em todas as provincias, e em

quasi todos os significs. || HIST. era, ainda no sec. XVIII, termo injurioso, como attesta o Alv. de 4 de abril de 1755, que concedeu privilegios aos que no Brazil casassem com indias naturaes: « E outrosim prohibo que os ditos meos vassallos casados com as indias ou seos descendentes sejão tratados com o nome de *caboucolos*, ou outro similhante que possa ser injurioso ». || SYN. 2°, 3° e 4° *caborê*, *caboverde*, *cabra*, *cafuz*, *cariboca*, *curiboca*, *mameluco*; 5° *tapuia*. Pará e Am.; *cabrà*. Ceará; *matuto*, *restingueiro*. R. Jan.; *caipira*. SP., Paraná, Min. &.

caborê[1] 1° sm., especie de coruja, côr escura, entre amarello e preto. || 2° adj. 2, moreno acaboclado, trigueiro, fusco. || 3° mistiço de indio com negro. BR. || 4° caipira, matuto, sertanejo. || 5° fig., sujeito que só sahe de noite, como as corujas, ou por medo, ou por systema. || 6° fig., sujeito feio e de ar tetrico, como ave agoureira. || ETYM. tp.-guar., contr. de *caá* mato + *poré* morador. BC. Montoya dá *caburé* « passarillo conocido »; mas não traz a etym. || GEOGR. 1° R. Jan.; 2° Pern.; 3° Mgr.; 4° Mgr. e Goyaz. « O *caipira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Matogrosso, o *gaucho* do Rio Grande do Sul, Uruguay e Republica Argentina são o vaqueiro, o pastor por excellencia, porque são descendentes d'aquella raça que está habituada á vida nomade ». C. de Mag. *Selv*. II, 87; 5° e 6° RJan. || ORTHOGR. *caborê*, *caboré*, *caburê*, *caburé*. A escripta com *u*, em vez do *o* de *poré*, não calha; é vezo port. de trocar o som das vogaes. *Caburo*, como traz Aul., é erro de transcripção. || SYN. *caboclo*, *cabra*, *caboverde*, *cafuz*.

caborê[2] sm., 1° boião, vasilha de barro para aquentar agua, cozinhar hervas &. BR., Rub. || 2° fig., homem gordo, de baixa estatura. BR., por analogia da forma bojuda do boião.|| ETYM. br. *caá* herva + *poré* continente, vaso &.: que levou hervas dentro, mas está sem ellas. BC. Vj. pret.guar. *cuer*. || GEOGR. 2° Mgr.

caborteiro adj., « máo, velhaco, manhoso &.: diz-se dos homens e dos animaes ». Cor. || ETYM. ? || ORTHOGR. *cavorteiro*. SP. || SYN. *candongueiro*, *mirongueiro*.

cabos-brancos sm. pl.,

cabos-negros sm. pl., «diz-se do cavallo de qualquer côr que tem os quatro pés brancos; vj. baio cabos-brancos; tambem se diz *cabos-negros* do que tem os quatro pés negros ». Cor. || ETYM. *cabo* extremidade. || LEX. PORT. ¿ *cabo-negro* especie de palmeira da America equatorial. Aul.

cabouco s. e adj., caboclo. Mor. || ETYM. contr. de *caboucolo*, s. v. *caboclo*. || HOMON. port. valla, fosso, cava. Corr. de *cavouco*. « Alguns cavoucos em que no inverno se recolhe alguma agua ». Barros I dec. 192 col. 3.

cabo-verde s. e adj. 2, 1° mistiço de negro com indio. || 2° quarteirão de negro com mulato. || ETYM. analogia da côr com a dos naturaes do archipelago do Caboverde. « Hontem.. varios individuos caboverdes estavão reunidos em grande conversa na estalagem ». Red. *JC*. 29 nov. 87.

GEOGR. Bahia, RJ. || SYN. *caborê, cabra, cafuz, canarim, fulo.*

cabra s2. e adj. 2, 1° quarteirão de mulato com negro; caboclo escuro. « Resolverão-se a chamar De Pajehú um vaqueiro; Dentre todos que lá tinha Era o maior catingueiro. Chamava se Ignacio Gomes. Era um cabra curiboca, De nariz achamurrado, Tinha cara de pipoca ». SR. I, 75. « Não achando n'estes honrados homens consentimento para uma tal maldade, servirão-se em ultimo remedio de um homem cabra de nome José Vieira Braga, famulo assalariado de Maria Ferreira Leite ». 1824 A. Borg. Corr. *Manifesto ao Grão Brazil* 43.

cabralhada sf., 1° porção de cabras. || 2° acção de cabra. || SYN. *bugrada, canalhada, congada* &.

cabrestear vn., 1.° « ir o animal prezo pelo cabresto ». Cor. || 2° deixar-se o animal conduzir bem pelo cabresto, sem reluctar.

cabriola s2., dim. de *cabra* 1°. « Procedemos á penhora em um escravo cabriola, de nome Geraldo ». Autos de exec. de Francisco Felix de Andrade, Cabofrio 1882. || ETYM. vj. *cabrito.* || GEOGR. RJan. || LEX. PORT. salto de cabra; fig., mudança rapida de opinião ou de partido.

cabriolar vn., vadiar, andar aos pulos na vadiação. || ETYM. do s. *cabriola* (lex. port.): lei da intercurrencia.

cabrito sm., 1° dim. de *cabra* 1°. « Eu vi uma lagartixa Tocando n'uma viola. O calangro respondeu: Oh! que cabrita paixola! » SR. *Cant.* I, 142. || 2° mulato. « Lourenço Ribeiro, clérigo e prégador, natural da Bahia .. mulato .. teve a indiscrição de mofar e desdenhar publicamente dos versos de Gregorio de Mattos. Chegou isto aos ouvidos do poeta, que, offendido da fatuidade do cabrito, resolveu logo tirar a desforra ». Gr. Matt. I, 126, introd. || ETYM. *cabriola* e *cabrito,* ts. brazs., vêm de *cabra* nação africana, como os ts. ports.' identicos se formárão de *cabra* animal. As applicações são phenomenos de intercurrencia.

cabrocado pp. de

cabrocar va., roçar, cortar o mato, a capoeira, com foice. || ETYM ? vj. *brocar* || GEOGR. Bah. (BR.). || ORTHOGR. BR. escreve *cabrucar. Quid juris?* Vj. *brocar* e *cavacar.*

cabrocha adj. 2, dim. de *cabra* 1°. || SYN. *cabrinha, cabriola.*

cabroeira sf., porção de *cabras* junctos. || ETYM. a regular seria do s. *cabr(ã)o* + suff. *eira;* e como *cabrão* é augm. port. de *cabra,* parece que na formação da pal. interveiu a lei da intercurrencia.

cabroeiro sm., magote de cabras em qualquer dos seos tres signifs. || GEOGR. Ceará.

cabrucar va., roçar, cortar o mato com foice. || ETYM. ? Vj. *brocar* e *cabrocar.*

cabundá s2., fujão e ladrão (escravo). || ETYM. guar. *cabondá* = *caá-bondar* caçador, de *caá-bô-hi* andar pelo matto. BC. + suf. part. ag. *ar*; tp. *mondá* furtar, pilhar. G. Dias: donde *cábondá* ladrão do mato. || GEOGR. RJan. || ORTHOGR. com *o;* mas a usual com *u* é conforme a pronuncia. || SYN. *canhambora, quilombola.*

cabungo sm., 1° ourinol. || 2° fig., homem desprezivel. || ETYM. bd. || SYN. *bispote*.

cabungueiro adj., 1° moleque ou negrinha encarregada da limpeza da latrina; carregador de *cabungo*. || 2° fig., porco; desprezivel; que só serve para officio baixo.

caburê, caburé, vj. *caborê*. « O *caipira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Mattogrosso, o *gaúcho* do Rio Grande do Sul, Uruguay e Republica Argentina são o vaqueiro, o pastor por excellencia, porque são descendentes d'aquella raça que está habituada á vida nomade ». C. de Mag. *Selv* II, 87. || ORTHOGR. preferivel com *o*, já por ser a etymologica, já por ser a phonetica em varias partes, como por ex. o littor. R. de Jan.

cacaio sm., alforge, sacco de viagem, prezo debaixo dos braços e pendurado nas costas. || ETYM. bd. ? || GEOGR. Bah., sertão de Min. || SYN. *bocó*, *capanga*, *caramenguá*, *guayaca*, *patiguá*, *patuá*.

cacaieiro adj., portador de cacaio.

caçamba sf., 1° balde prezo na ponta de uma corda enrolada no sarilho (port. *nora*), para tirar agua do poço. « Aonde vai a corda vai a caçamba ». Adagio pop., corrp. ao port. « onde vai a nora vão os alcatruzes », só por portuguezes us. no Brazil. « Formando ambos novos irmãos siamezes ou, conforme o anexim popular, *a corda e a caçamba* ». Dr. Gomes Guimarães *Direito* XXXIV, 443. || 2° balde, em geral. « O encarregado d'essas lavagens nocturnas vem quasi sempre despejar, com toda a semceremonia, o conteúdo da caçamba, de que se serviu, no meio da rua. » Red. *JC*. 12 jan. 85. || 3° sapato do estribo, em forma de chinella, onde o cavalleiro mette o pé. || 4° « nome que os garotos dão .. ao vehiculo [carro da praça] .., considerado pelos conductores como injurioso ». V. Cabr. *Guia* 70. || ETYM. ar. *qeçâa* prato de páo em que os arabes comem o cuscús. Largeau 38 e 51; de *qaçâ* sorver, engolir, beber. Cp. ar. *tassah* taça, copo, vasilha de beber. || ORTHOGR. Rub. e BR. escrevem *cassamba*; mas é escripta arbitraria. || SYN. o port. *alcatruz* é desconhecido no Brazil, ou, pelo menos, desusado.

cação sm., 1° *Mustellus vulgaris*, peixe da familia dos Mustellideos. || 2° por ext., homem ruim, á tôa, sem prestimo, como o cação que os pescadores botão fora na praia, por ser peixe ruim de comer (salvo a variedade chamada *caneja*, que é apreciada). || 3° mulher perdida e já fóra do commercio venereo, prostituta reles. || GEOGR. 3° RJan.

caçar va., 1° procurar coisas perdidas, animaes fugidos, papeis desapparecidos. || 2° pescar, apanhar peixe. || 3° transmittir, passar uma coisa a outro. || ETYM. lat. *quassare*, b.-lat. *caciare*, *cassare*, ital. *cacciare*, prov. *cassar*, hisp. *cazar*, fr. *chasser*. Menage e Diez presumem o verbo lat. * *captiare*, donde *captare*, que no b.-lat. significava *caçar*. DC. O signif. de « pescar » pode ser translação do tupi-guarani, onde *poracá* caçar e pescar. « Ce mot *yporraca* est specialement pour aller en pescherie au poisson. Mais ils en vsent en toute

autre industrie de prendre beste et oyseaux ». Lery. || GEOGR. 1° e 2° Min., SP., Paraná; 3° Min. || SYN. 1° *bombear*, *bongar*, *campear*.

cacaracá (de -) phr., de nada, de nenhum prestimo ou valor. « Coisa de *cacaracá* » c. á tôa. « Razões de *cacaracá* » que não convencem, razões de cabo d'esquadra. « Apanhados das folhas da Europa, a circular dos deputados francezes das *direitas* traduzida para uso dos eleitores brazileiros, meia duzia de noticias de ca-ca-ra-cá [*sic*], alguma palha e mais não disse ». Apd. *JC.* 1 oit. 85. || ETYM. ? Cp. *cacareco*. Parece, comtudo, t. tp.-guar., introduzido desde o sec. XVII. || HIST. Bl., Mor. e Roq. dão; Aul. não: o que faz crer se não usa em Portugal. Bluteau, depois de definir *cácaracá* voz que imita a do gallo, accrescenta: « Usa o vulgo d'esta expressão fallando em coisas de pouco preço, de pouca estimação, v. gr., palavras, negocios, etc. de *cacaracá*. Como ninguem faz caso do canto do gallo [?], tambem ninguem o faz das coisas de cacaracá ». É duvidoso.

cacareco sm., mais us. no pl., trastes velhos, coisas de pouco ou nenhum valor. « Por menos de cem mil reis mensaes é impossivel encontrar um buraco limpo onde uma familia que se preze se metta com os respectivos cacarecos ». Arthur Azev. red. *DN.* 26 oit. 85. « Defender cá a pessoinha e os respectivos cacarecos ». Id. ibid. 24 nov. 88. || ETYM. ¿ *cac*(*o*)+(*a*)+*r* euphon. + suff. *eco* pejor., pedaço de louça quebrada, fraudulagem, trastes velhos e estragados. Cp. port. *tareco*, donde parece ter o nosso voc. derivado o seo suff. por intercurrencia. || LEX. PORT. *cacarêo*.

cacaria sf., corja de ladrões; espelunca de ladrões. || ETYM. da ilha da Cacaria, onde existiu uma quadrilha de salteadores.

cacerenga sf.,

cacerenguenge sm., vj. *cacheringuengue*.

cacete adj. 2, massante, amolador, que tem por habito moer os outros com bobagens e impertinencias. « Sabemos que é a indole de nós brazileiros; ninguem resiste a esses pedidos, principalmente si o pedinte torna-se cacete ». Disc. dep. M. J. Soares, sess. 10 maio 85. « Peixinhos a quem frei Antonio prégava os seos cacetes [sc. discursos] ». Folh. *Fl.* 25 Jan. 85. || ETYM. por ext. de *cacete* páo, porrete, com que se moem os ossos do proximo (port. *ao* proximo). « E' então que o sr. NN., orador, desembrulha o cacete, e exordiando: — Exmas. senhoras, meos senhores .. ». C. de L. folh. *JC.* 27 nov. 81.

cacetear va., massar, amolar, moer o proximo (port. *ao* proximo).

caceteação sf., acção de cacetear. « Não foi mais possivel supportar o temivel livreiro; era uma caceteação damninha. » SRom. *Expert.* 10.

cachaça sf., 1° a escuma grossa que sahe da tacha do cozimento do caldo da canna. « Espuma espessa, contendo impuridades, que tira-se das caldeiras na defecação ». F. R. B. de Lacerda in *JC.* 24 jun. 82. « O fogo faz n'este tempo o seo officio; e o caldo bota fora a primeira escuma, a

que chamão *cachaça;* e esta por ser immundicia vai pelas bordas das caldeiras .. por um cano .. cahindo .. em um cocho de pão, e serve para as bestas, cabras, ovelhas e porcos; e em algumas partes tambem os bois a lambem ». Anton. 77. « Já houve quem botou no caldo cachaça azeda em quantidade bastante ..; e comtudo, coalhou muito bem a seo tempo ». Id. 80. || 2° aguardente do mel ou borras do melaço. Mor. 1ª ed. « O mel que das fôrmas depois de lhes botar barro torna a cozer se .., e se faz d'elle assucar .., ou se estilla d'elle aguardente, que nunca eu aconselharia ao senhor d'engenho, para não ter uma continua desinquietação na sanzala dos negros, e para que os seos escravos e escravas não sejão com a aguardente mais borrachos do que os faz a cachaça ». Anton. 95. || 3° fig., bebado. || 4° fig., paixão predominante. « O jogo é a sua cachaça »; isto é, o seo vicio habitual. « A politica é a sua cachaça », isto é, a sua occupação exclusiva. || ETYM. ? || SYNON. *aguardente, branca, branquinha, canna, canninha, gerebita, paraty.*

cachaceira sf., 1° logar onde se deposita a cachaça. || 2° bebedeira. || LEX. PORT. cachaço grande e largo.

cachaceiro adj., dado ao vicio de beber cachaça. « As ameaças e provocações de cachaceiros que contão com o apoio das auctoridades policiaes ». Doc. da villa de Alcobaça, Bah., lido na sess. sen. 21 abr. 85.

cachaço sm., cevado, porco engordado na ceva. || ETYM. abreviat. da phr. « porco de cachaço » sc. de pescoço gordo e grosso. Mousinho *Affonso Africano.* De *cach(o)* ant. pescoço + suff. *aço* grandeza. || GEOGR. Min., SP., Paraná.

cachambú sm., 1° caixa grande, tambor, bumbo. « Grande barril tapado com uma pelle esticada ». Lino d'Assumpção *Narrat. do Braz.* 210. || 2° dansa. « Aprecião [os do valle do Paranã] muito a dansa; porém a mais commum é a que executa-se ao som do tambor, a que chamão *cachambús.* Essa dansa, porém, nada tem de elegante, nem artistica; ao contrario, é grosseira e brutal como todas as coisas africanas, e consiste em uns trejeitos e gatimanhos .. ». Virg. 55. || ETYM. ? || GEOGR. 1° Min., SP.; 2° Goyaz. || SYN. *púita.*

cacheado pp. e adj., 1° espigado em cachos. || 2° penteado em cachos. « Mulatinha do cabello cacheado ». Mod. pop. || 3° crespo, encrespado.

cachear, 1° vn. dar cacho (o arrozal). Em Portugal, dar cacho a vinha. || 2° va. encachar os cabellos, penteal-os em cachos, isto é, em anneis ou canudos pendentes; encrespal-os.

cachengó sm.,

cacherenga sf.,

cacherenguengue sm., vj. *cacheringuengue.*

cacherim sm., 1° faquinha, canivete. || 2° faca velha, gasta pelo uso, toco de faca. || ETYM. tp. - guar. *quicé* faca + *mirim* = *ĩ* = *hĩ* = *quirĩ* dim. || SYN. *cacumbú* é toco de enxada, foice, machado ou cavadeira; *cacherim* é toco de faca, facão, canivete etc. Vj. *quicé.*

cacheringuengue sm., faquinha velha, gasta, sem córte. || ETYM.

bi-lg.: tp.-guar. *quicêmirim*+bd. *ndengue* pequeno, diminuto, reduzido. Cp. *cacerenguengue*. || ORTHOGR. acceita a etym., não se pode escrever com Coruja *cachiringüengue*, nem com B. Roh. *caxirenguengue*.

cachichi adj., de má qualidade, inferior; diz-se da aguardente. BR. || ETYM. corr. pop. de *cachacinha?* talvez *cauichĩ* vinhosinho, vinho á tôa, aguado. Cp. *cachirim*.

cachimbada sf., porção que se pita do cachimbo.

cachimbar vn., 1° fumar pelo cachimbo; pitar cachimbo. || 2° meditar, reflectir, scismar, lembrar-se com saudade ou magoa. « Busca outros temperilhos, Que eu já estou destemperado; E estou na quinta do Pegas, Minhas coisas cachimbando ». Gr. Matt. 1, 205. || SYN. 1° *pitar*; 2° *banzar*.

cachimbeiro adj.,

cachimbento adj., 1° habituado a pitar cachimbo. || 2° fig., reles, sujeito de baixa extracção.

cachimbo sm., 1° apparelho para *fumar* qv., isto é, aspirar o fumo do tabaco que está ardendo: compõe-se de um recipiente de barro, louça ou metal, de forma conica, onde se bota e accende o tabaco, e de um canudo fino, mais ou menos comprido, uma de cujas extremidades se insere no vaso e a outra na bocca do fumante. || 2° por ext., vaso ou recipiente onde se adapta outra peça, como o *cachimbo* do leme, da tranca da porta, da vela etc. || 3° por ext., contas de coquilho. Mor. || ETYM. bd. *quixima* poço, buraco, coisa ouca. || HIST. veiu-nos este termo ao mesmo tempo que foi para Port., importação africana; e entre nós tem formado o grupo de palavras que se acaba de vêr e algumas das quaes não vêm nos lexicos ports. Vj. *cacimba*.

cachinche=**cachinge** sm., vj. *cachinguelê*.

cachingar vn., coxear. || ETYM. ? || GEOGR. Piauhy, sertão do Alto S. Franc. (recolh. pelo dr. Brotero de Macedo Soares).

cachinguelê sm., 1° *Sciurus æstuans* L., o eschilo, animal da ordem dos roedores. || 2° fig., sujeito miudinho, magrinho e expertinho, figura de *cachinche*. || « Dentes de *cachinche* », vj. *serelepe*. || ETYM. bd. pref. de dim. *ca* pequeno+*jingulu* pl. de *ngulu* porco. J. Rib. O *ê* final (fechado e longo) parece influencia do tp.-guar. || ORTHOPH. *gu*=*gh*.

cachirim sm., 1° caldo feito de bejú diluido n'agua. || 2° « licor fermentado, extrahido da mandioca por destillação ». Roq. || ETYM. tp.-guar. s. *caui* vinho, bebida + s. *rĩ* sumo, caldo. || GEOGR. 1° Pará, Amaz.; 2° ¿ arraial do Cabo (RJan.). || SYN. 2° *cacica*, *icica*, *mocororó*.

cachoeira sf.,

cachopos sm. pl., vj. *itupava*.

cachumba sf., « molestia que ataca o pescoço ». Rub.; inflammação das glandulas parotidas: mais us. no pl. || ETYM. ? parece bd. || GEOGR. RJan. || SYN. *esquinencia*.

cacica sf., cachirim 2.° || ETYM. tp.-guar. s. *caá* herva+s.*îcîg*=*îcîca* gomma, gusmo, grude; adj. pegajoso. || GEOGR. Cabofrio. || SYN. *chipá*, *icica*, *mocororó*, *quicica*, *tipá*.

cacimba sf., cova ou poço que se faz em logar humido, para se ajunctar agua que reçuma ou para ahi corre de algum olho ». Pizarro II, 152 nt. 24. « E' porém esta paragem falta d'agua corrente, e servem-se das produzidas pelas cacimbas ». J. F. Lopes *RIH.* 1850, 320. « Os habitantes do interior continuárão a abrir cacimbas nos leitos dos rios e nas ipoeiras ». Rod. Theoph. 187. « Costellas do boi Espacio, D'ellas se fez cavador Para se cavar cacimbas: Do duras não se quebrou ». SR. *Cant.* I, 83. Sergipe. « Emquanto Deos não dá chuva Logo tudo desanima, Sómente mode o trabalho Das malvadas das cacimbas ». Id., ibid. 86. Ceará. « Não conseguiu [certo engenheiro no Ceará] abrir uma cacimba ». Disc. sen. H. d'Avila sess. 6 jun. 85. || ETYM. bd. ant. *quichima*, actual *cacimba*, *cacimbo* poço, fonte, comp. de *ca* dim. + *cimbo* denominação « frequentemente dada aos logares onde se encontra agua, cavando poços ». Cameron *Africa* I, 56: do mauro-ar. *hhassi* poço « cavado á mão no leito arenoso de um rio secco, ou em comoro ou recife ». Largeau *le Pays de Rirha* 48 nt.; do v. *hhassá* beber chupando. || HIST. a necessidade de Pizarro, em 1817, definir em nota a pal. *cacimba* mostra que não era vocabulo usual entre os ports.; e só se poderia vulgarizar aqui por intermedio dos africanos. || HOM. o outro signif. de *cacimba* ou *cacimbo* nevoeiro humido e doentio que cahe de tarde, nas costas d'Africa occidental, a nossa *garôa* qv., ficou em Portugal, não foi aqui importado.

cacimbado adj., terreno onde as aguas empoção; encharcado n'uns logares e n'outros não; onde se formão pequenas poças, rasas como cacimbas; terreno de barro de louça.

cacimbão s., augm. de *cacimba*. « Veiu aquella grande secca.. Seccárão-se os olhos d'agua Onde eu sempre ia beber.. Segui por uma vereda Até dar n'um cacimbão; Matei a sede que tinha, Refresquei o coração». SR. *Cant.* I, 78. Ceará.

cacimbar vn., encharcar-se o terreno, formando poças aqui e alli, como succede nos de barro de louça, que sécca e se fende em panellas ou *caldeirões* qv., d'onde a agua não sahe sinão evaporada pelo calor do sol.

cacique sm., chefe de indios. Roq. || ETYM. quichua? aymara? galibi? || GEOGR. mais us. no sul e oeste que no norte; no valle do Amaz. é quasi desconhecido, com excepção do rio Negro e Orenoco. || SYNON. *morubichaba*, *tubichaba*, *tuchaua* (Amaz.).

caco sm., tabaco de caco, pó das folhas do *fumo* (*Solanacea*) torradas e esmoidas em caco de panella, boião ou outra vasilha de barro.

cacorio adj., expertalhão, vivorio, manhoso, que não se deixa lograr; ajuizado. || ETYM. de *cac(o)* cabeça + suff. *orio* qualidade. Cp. *simplorio*, *vivorio*. O bd. *cacoria* avarento não se aclimatou entre nós.

caçuá sm., 1° cesto de cipó. « Da beira do rio levárão peixe para o engenho em *caçuás;* tão grande fôra a pescaria ». Fr. Tav. *RBr.*[2] VII, 231. || 2° jacá de alças, para pendurar na cangalha. || 3° saco de couro, como

o 2°. || 4° rede de pescar, de malha larga, armada em forma de sacco. || ETYM. tp. || GEOGR. 1° e 2° Al., Pern. etc.; 3° Mar.; 4° litt. RJan. (Cabo-frio etc.). || SYN. 3° *bruaca*.

cacuco sm., vj. *cacumbú*.

caçula[1] s2., o mais moço dos filhos, o ultimo dos irmãos. Rub. « E todos sahem, cada um para o seo lado, inclusive o *caçula* com o competente cigarrinho ». França Jr. *Folh.* 145. « Havia um homem que tinha tres filhos: João o mais velho, o outro Manuel e o caçula José ». SRom. *Contos* 124. || ETYM. bd. *cazulê* o mais moço da familia (*ca* pref. dim.). Vj. *caçulê*.

caçula[2] sf., o soque do milho no pilão, a braços. « Ao anoitecer, sahindo de uns paúes perigosos.. ouviu sorprezo o bater de uma *caçula* por alli perto. E tirou para a casinha d'onde lhe chegava aos ouvidos o som levantado pelo alternado bater das mãos do pilão sobre o milho. Fazião a *caçula* uma rapariga e uma mulher já de edade. A mulher era alli mesmo das vizinhanças, e viera ajudar a moradora no serviço da *caçula* ». Fr. Tav. *RBr.*[2] VII, 320-4. || ETYM. bd. *cuçula* = *caçula* pilar, socar (*ca* = *cu* demonstr. vb., como *to* ing., *zŭ* all.).

caçulê s2., caçula: é forma mais approximada do bd. *cazulê*. || ORTHOPH. B. Roh. dá *caçulé* (*e* aberto), que nunca ouvimos, nem está de accordo com a pronuncia angolana.

caçulo adj., o mais moço: forma menos us. que as duas precedentes.

cacúlo[1] sm., o gemeo que nasce primeiro; o que vem em segundo logar é *cabaça* qv. || ETYM. bd. (*ca* pref. dim.).

cacúlo[2] sm., vj. *cuculo*.

cacumbi sm., 1° *cacumbú* qv. || 2° *jiqui* qv.

cacumbú[1] sm., 1° cacherim, toco de faca. || 2° toco de enxada, machado, foice, cavadeira, gastos pelo uso. || 3° fig., o tempo que vai do meio-dia de quinta-feira santa ao meio-dia de sexta-feira da Paixão, o qual se guardava nas fazendas do Rio de Janeiro: são dias *cacumbús*, pedaços, metades ou tôcos de dia de serviço e de dia-sancto. || ETYM. bd.: pref. *ca* dim. + s. *quimbu* machado. || SYN. *cacuco*. Cabofrio.

cacumbú[2] sm., dansa dos negros africanos, ao som da púita, com palmas e cantos. || ETYM. bd. Vj. *cachambú*, *cacumbi* e *cucumbi*.

cacunda sf., dorso, costas, já do homem, já dos brutos. || ETYM. bd.: pref. *ca* dim. + (pref. de s. da 2ª decl. *ri*+) s. *cunda* dorso. *Carcunda* e *corcunda* já são corrupções eruds., por intercurrencia de *corcova* giba.

cacundê sm., bordado de fitas ou tiras de chita sobre a fazenda, cobrindo um debuxo feito a lapis ou tinta do sumo verde de folhas de fava, formando gregas, desenhos de folhagem e outros lavores. || ETYM. ¿ tp.-guar. *caá* herva, folha + *cundá* entretecido, entrelaçado, enrolado: debucho de folhas. || GEOGR. Al. || SYN. *picado*. RJan.

cacundeiro adj., 1° carregador, que tem por officio levar carga ás costas, na *cacunda*. || 2° animal que na tropa gosta de andar atraz dos outros, pelas costas, pela *cacunda*. ||

3º fig., homem de baixa extracção, da infima plebe. || GEOGR. Min. || SYN. 1º *cangalheiro*.

cacundo adj., carcundo, corcundo qv. « Quem toma o que deu fica cacundo ». Adagio pop.

cacuri sm., cesto de pescaria, afunilado como o *jiqui* ou *covo* qv., feito das folhas do jupatí. Baena. || ETYM. tupiguar.: *caá* folha + *curú* cesto. Cp. br. *ĭrú* = *urú* vasilha, cesto, caixa, bacia; *urucurú* cesto ralo, grade, gaiola ; *urupema* cesto chato, peneira.

cadê?

cadella?

cadelle? phrases interrogat., que de? que d'ella? que d'elle? que é de? que é d'ella? que é d'elle?: populares em todos os recantos do Brazil. « Você diz cadê as tropas Do coitado do Pinheiro ». SR. *Cant.* I, 110 (Ceará). « Matheus, cadê o boi ?» *Ibid.* 181 (Pern.). « Vem cá, vem cá, Vitú.. Que d'elle o teo camarada? » *Ibid.* 281 (RJan.). || SYNT. parece a alguns grammaticos que nas phrases supra *que d'elle*, *que d'ella*, ha erro, que se deve emendar para *que de lo*, *que de la*, sendo *lo*, *la* as ultimas syllabas. do adj. lat. *ille*, no abl. *illo*, *illa* (ou, como pensa Diez, no acc. *illum*, *illam* com a queda do *m*). Assim, em vez de *que d'ella a chave*, deve-se escrever *que de la chave;* em vez de *que d'elle o chapéo*, *que de lo chapéo*. Entendem outros que as phrases são ellipticas ; imaginamos, ao formulal-as, que o nosso interlocutor está sciente do que nos preoccupa o pensamento quando procuramos alguma coisa, do genero masculino ou do feminino, e rompemos na pergunta: « que é d'elle? que é d'ella? » isto é, o chapéo? que é feito d'elle? a chave? que é feito d'ella? A prova está nas locuções equivalentes : « que d'elle? » sem substantivo, e « que de? » sem substantivo, nem pronome. Diz bem Leite de Vasconcellos que com o pronome *elle* a explicação não é menos clara que com o archaico *lo*. Quanto ao castelhanismo *que de la chave* etc., imaginado por Baptista Caetano, *Rasc.* 220, parece desnecessario para entender locução nossa, tão só e tão puramente brazileira, a qual ou se explica pela hypothese do pronome lat., ou pela do pron. port.

cadeira sf., assento de platéa, no theatro. || LEX. PORT. *fauteil.* Os escriptores do Chiado, em podendo empregar palavra extrangeira, franceza sobre tudo, não empregão portugueza; ao que os obriga o intenso amor da patria, como diria Filinto Elysio, que dava o cavaco com essas importações desnecessarias.

cadena sf., 1º « maneira engenhosa de tirar dos chifres do touro bravo, sem perigo, o laço em que se acha prezo; e isto se faz com o soccorro de um outro laço prezo á argola do em que se achava laçado: para se fazer esta *cadena*, põe-se o touro no chão, e então se forma a laçada a que se dá este nome ». Cor. || 2º cadeia, figura do *anú*, dansa ant. do RGS. : « Á voz de *cadena!* fazião os dansantes mão direita de dama, como na quadrilha ». Ces. 93. || ETYM. cast.

caecáe sm., rede de pescaria. « As demais redes de arrasto, denominadas *cerco*, *arrastão*, *caecae* e

outras, constituindo verdadeiro flagello contra a criação do peixe, devem ser prohibidas em absoluto ». Dr. Nobre, relat. sobre a pesca na bah. do R. Jan., ap. *JC.* 21 abr. 88. || ETYM. *cáe-cáe* duplicação da 3ª p. sg. pr. ind. v. *cahir*, para signif. que é rede em que todo o peixe cáe.

caetê sm., 1º mato bom, grosso, alto; m. virgem. || 2º a canna indica, bananeira do mato, de cujas latas folhas se usa « para forrar por dentro os jacazes em que se carrega o café ». Rub. « Vou fazer uma saude Pela folha do caeté: — Viva o senhor Antonio E mais a sua mulher ». Kos. ap. SR. II, 62. || ETYM. br. *caá* mato, folha + *etê* bom, legitimo, verdadeiro, respeitavel, grande. || ORTHOPH. vj. *caeté* e *abaeté*.

caeté sm., mato brabo, de espinho ou silva, embora fino, mas embastido e difficil de romper; m. cerrado, sem campo de permeio. « *Caethé* quer dizer mato bravo sem mescla de campo ». Claudio Manuel *Villa Rica* nt. 2 ao cant. VII. « Era o terreno de *cahyté* ou cuyaté (que significa mato bravo, sem mistura de campo) ». Pizarro IX, 3. || ETYM. br. *caá* mato, folha + *eté* ruim, falso, mesquinho, brabo, barbaro. || ORTHOPH. o *e* final pronuncia-se fechado ou aberto, conforme as localidades, sem que, entretanto, se possão confundir os dois vocabulos, muito distinctos em sua composição e significados.

cafageste sm., 1º quem não é estudante, da população academica, o philistheo dos estudantes da Allemanha. || 2º « a parte mais ou menos culta que figura no commercio, nas artes, na politica e nas lettras, e a parte inculta, a immensa cohorte dos capadocios ou cafagestes. Estes são os residuos populares das villas e cidades. É gente madraça, que, possuindo todos os defeitos dos habitantes do campo, não lhes comparte as virtudes ». S. Rom. *RBr.*[2] I, 265. « Hoje foi agraciado o sr. Beltrão, e ámanhã sel-o-ha do mesmo modo qualquer cafageste ». Apd. *JC.* 27 jan. 84 (Curitiba). || ETYM. ? || GEOGR. SP., Pern. || HIST. até 1862, em SP., só se empregava no 1º sentido. || ORTHOGR. *cafagestre* em Pern.

cafanga sf., 1º « desdem simulado por aquillo que se deseja; recusa apparente d'aquillo que é offerecido: a isso chamão *botar cafanga* ». BR. || 2º embuste. SR. || ETYM. ? Cp. *cafageste*, *cafife*, *cafiroto*, *cafofo*, *cafúa*, *cafunẽ*, *cafunge*.

cafeeiro sm., planta do café. || HIST. forma erud., posta em circulação pelo *Jornal do Commercio* da Corte, ha cerca de vinte annos. O pop. é *cafezeiro*, consoante a *cafezal* e *cafezista* qv. Cp. *sapê sapezal*, *piri pirizal* etc.

cafeina sf., alcali extrahido do café, do chá, do matte, do cacáo etc. || ETYM. s. *café* + suff. *ina* força (na nomencl. chim.). || ORTHOPH. *cafeīna.*

cafelama sf., grande extensão de cafezal. || ETYM. *café* + *l* euph. + suff. *ama* accumulo, monte, augmento. Cp. *bolama* bolada sc. de dinheiro, monte de ouro, de notas do Thesouro ou dos bancos etc.; *dinheirama*. || GEOGR. RJan., Min., SP.

cafelista s 2., bebedor de café; apaixonado pelo café.

cafezal sm., plantação de café.|| LEX. PORT. *cafeeiral.* Roq., t. de todo desconhecido aqui, na terra do café.

cafezeiro sm., 1° a arvore do café. || 2° lavrador, fazendeiro de café.

cafezista adj. 2, 1° negociante, commissario de café. || 2° plantador, lavrador de café.

cafife sm., 1° malestar, molestia indefinida, que traz desanimo para qualquer serviço; fraqueza de corpo e alma. || 2° infelicidade constante. || ETYM. bd. *cafife* sarampo, molestia que incommoda sempre, mas raro mata; que amofina, mas sem perigo.|| GEOGR. 1° Minas, RJan.; 2° Pern., Min., RJan., SP. || SYN. 1° *lazeira;* 2° *caipora* qv.

cafifice sf.,

cafifismo sm., estado de cafife. || SYN. *caiporismo.*

cafila sf. fig., corja, bando de gente ruim; quadrilha de ladrões. || ETYM. ar. *câfila* tropa de viajantes, caravana. Eng. || HIST. no sent. fig. e pejor., já vem em Aul. (1881); todos os outros lexicos dão só no sent. proprio. Entre nós, é antiga a accepção fig. || LEX. PORT. « companhia de mercadores e de passageiros que, para maior segurança, se juntão para ir a uma feira, ou que vão de uma parte para outra ». Bl.

cafiroto sm., ? « Estar de *cafiroto accezo* equivale a estar de *candeias ás avessas* ». Arar. Jr.^r ap. BR. || ETYM. ? Cp. *cafageste, cafanga, cafife, cafofo, cafre, cafúa, cafuz. Quid* da raiz *caf ?*

cafofo sm., latrina, commúa. || ETYM ? vj. *cafundó.* || GEOGR. Maricá (RJan.).

cafra sf., femea do

cafre sm., 1° natural da Cafraria, na Africa. || 2° por ext., negro em geral. « Então não pizavão indios E vos habitavão cafres; Hoje chispaes fidalguias E arrojaes personagens ». Gr. Matt. I, 145. || 3° fig., ignorante; brutal; immoral: ideia pejor. ligada ao negro selvagem e, em geral, ao escravo.

caften sm., alcoviteiro, emprezario de alcouces, que faz commercio de explorar a prostituição. « Fóra, fóra com os *caftens* da infancia ». V. Mag. *GN.* 25 fev. 85. || ETYM. ar. *caftân* ou *khaftân* vestido talar, tunica, saia. Dombay, Dozy. *Caften* homem de saia, h.-mulher. Cp. ar. *kettân* lençol. || HIST. introduzido no Rio de Janeiro no terceiro quartel d'este seculo.

caftenismo sm., officio de *caften.* « Um vigoroso e indignado protesto contra o *caftenismo* de nova especie de que ha muito tem sido victima essa pobre menina ». V. Mag. *GN.* 25 fev. 85. Vj. *caftismo.*

caftina sf., mulher que exerce profissão de *caften.* « O sr. .. subdelegado do 1° districto d'esta cidade, effectuou a captura da caftina Rosa Porjéau, que se havia evadido d'aquella para esta capital ». Edit. *Fl.* 22 abr. 83. « Maria declarou ás auctoridades que é livre, e que Quirino queria obrigal-a a ser caftina ». Red. *JC.* 10 jul. 84. « Uma pobre menina de 17 annos.., Rosa da Silva a maltractava e obrigava a ter vida desregrada.. O sr. desembargador chefe de policia.. obteve do sr. ministro da justiça ordem de captura e deportação contra Rosa da Silva como caftina ». Red. *JC.* 3 oit. 86.

caftismo sm., officio de *caften*. « Homem de máos costumes e que exerce a vergonhosa industria do caftismo; pelo que, já foi por duas vezes deportado ». Red. *Paiz* 24 fev. 86. « Chegando ao conhecimento do subdelegado.. que o dono da hospedaria.. exercia o *caftismo* com a menor Angela, filha de Presciliana, escrava de... » Red. *Paiz* 30 nov. 86. A forma *caftismo* tem predominado sobre *caftenismo*.

cafúa sf., 1° furna, caverna. || 2° fig., rancho, casa escura e immunda. || 3° por ext., taberna reles, com os generos em desordem. || ETYM. bd.? vj. *cafundó*. || HIST. desde Bl., com os mesmos signifs. || SYN. 1° *cafuca*, *cafundó*, *cafundorio*, *cafurna*; 2° *baiuca*; 3° *futrica*, *massimbo*, *quitanda*.

cafuca sf., cova de carvão de madeira. « O cemiterio publico, metade já está capinada e outra parte rouçada [*sic*]; porem a rua que vai para elle, o mato que tem já dá uma boa *cafuca* (pequena cova de carvão)». Apd. *Fl.* 12 jun. 85. || ETYM. corr. de *cafúa?* || GEOGR. R. Jan.

cafundó sm., 1° cafúa. || 2° « logar ermo e longinquo, de difficil accesso, ordinariamente entre montanhas ». Meira ap. BR. || ETYM. a r. *caf* ou o thema *cafu*, que apparece em *cafofo*, *cafúa*, *cafuca*, *cafundó*, *cafurna*, talvez seja a mesma r. *cav*, que deu *cava*, *cavar*, *caverna*, *cavoco*, *cova*, *covanca*, *coveiro*, *covil*, *covo*.

cafundorio sm., corr. erud. de *cafundó*, com a adjecção do suff. *orio*.

cafuné = **cafunen** sm., 1° estalo com o dedo pollegar no alto da cabeça d'alguem ». Roq. « Fazer cafunê, dar cafuné » phrases pops. em todo o Brazil. « Emquanto os meos negros suão ao rigor da canicula, as mulatinhas me balanção a rede e me dão cafunés ». Folh. *Fl.* 24 fev. 82. « E eu, si hei de estar a embalar-me na rede, ou a berrar com o feitor, ou a pedir que me fação cocegas e dêm *cafonés* [*sic*], venho governar o mundo em secco e aborrecer-te com as minhas tontices». *Quest.* I, 51. « É tão bom viver em santo ocio, fruindo o juro das apolices, deitado na rede, levando cafunés da mulata e sem se incommodar com inquilinos... ». Folh. *Fl.* 25 abr. 86. || 2° os cocos menores do cacho de dendê. V. Cabr. ap. BR. || ETYM. bd. || GEOGR. 1° geral; 2° Bah. || ORTHOGR. *cafoné* no ex. supra das *Quest.* bem se vê que é escripta de portuguez, que põe *o* onde ha de pronunciar *u*. Basta ver a construcção da phr.: « hâi d'star á imbalar-me, a burrar cu fâitor u a pudir câ mu fação cóçugas » etc. *U* é a vogal predilecta dos portuguezes, que, entretanto, na escripta, substituem-na por *e* e *o*. || ORTHOPH. *cafuné*, *cafunê*, *cafunè*.

cafungar va., esmiuçar, procurar minuciosamente, catar. || ETYM. ¿bd.: talvez *cafucar* abrir cova, ir ao fundo, procurar dentro e embaixo. || SYN. *bombear*, *bongar*, *campear*.

cafunge sm., 1° moleque travesso, levado da breca, arteiro, fujão, larapio. || 2° fig., gatuno; homem desprezivel. || ETYM. ¿ bd. || SYN. *camafonge?*, *candimba*.

cafurna sf., « cova, logar escuro e subterraneo ». Bl. || ETYM. ? vj. *cafúa*. || SYN. *baiuca*, *cafua*, *frege*, *futrica*, *massimbo*, *quitanda*.

cafuz = **cafuzo** = **carafuzo** sm., mistiço de negro com indio brazil. || ETYM. ? || GEOGR. a forma *cafuz* é geral; *cafuzo* e *carafuzo* são do Pará. J. Ver. || LEX. PORT. Aul. dá *cafuza* s2. e adj. 12; mas, entre nós, *cafuza* é a femea do *cafuz*.

caguincha sm.,

caguincho 1° sm. o dois-de-páos nas antigas cartas-de-jogar portuguezas. || 2° adj. fig., fraco; medroso, cobarde; anemico; pequenino de corpo. || ETYM. vem do valor nullo que o dois de páos tem em alguns jogos. || LEX. PORT. *caguinchas*. || SYN. 1° *coringa, dunga;* 2° *cambembe, cambuta, coringa, dunguinha.*

cahatinga sf., vj. *catinga.*

cahiva, cahyva sf., vj. *caïva.*

caiambola s2., vj. *calhambola.*

cãibro sm., «um par de qualquer objecto, principalmente duas espigas de milho prezas entre si com a propria palha: ũa mão de milho tem 50 espigas ou 25 cãibros». BR. Vj. *atilho.* || ETYM. ¿ corr. pop. do port. *cãibo, cambo* enfiada. || GEOGR. Pern., Al.

caiçá sf.,

caiçara sf., 1° estacada, trincheira, tapume. BC. « *Caiçá* era o nome do tapigo, tapume, silvado ou sebe, que fazia a contracerca ou circumvallação das tranqueiras ou palancas». Varnh. *RIH.* 1851, 410. « *Caiçara,* no *Dicc. Port. e Brasil.*, é indicado como traducção do port. *arraial.* Presumo que esta palavra significa aqui *campo,* e não *aldeia*». S. Hil. *Rio Jan.* II. 362. « Fazem-lhe por derredor outra contracerca de ramos e espinhos, muito liada com madeira que mettem no chão, a que chamão *caiçá,* pela qual, emquanto verde, não ha coisa que os rompa». G. Soares 331. Fr. Vic. do Salvador, *Hist.* 42, copiando esse trecho de Gabriel Soares, dá *caiçara* (que é a forma tp., sendo a guar. *caiçá*), e sempre assim escreve: « Foi forçado aos capitães, depois de muitas horas de peleja, mandal-os recolher pera uma caiçara ou cerca de rama, que fizerão 25 braças afastada da dos contrarios». *Hist.* 87. || 2° «cerca de ramos y ramones [galhos] con que van recogiendo el pescado, como con redes». M. vb. *caá*; tapagem do rio, na boca do poço formado por alguma queda, e onde, por mais fundo, se ajuncta o peixe, afim de não o deixar sahir quando se pesca de cesto, peneira, rede, tarrafa, ou com *tingui* qv. || 3° « N'esta comarca da provincia do Rio Negro houve uma povoação, que por muito tempo se denominou *Caiçara,* do nome indigena do curral onde ordinariamente se retinhão os infelizes prisioneiros». J. F. Lisboa, *Timon* 1853, 463. || 4° mulher velha, feia, Megera, que tem nas faces rugas como varas de *caiçara.* || ETYM. guar. *caá* mato + *içá* estaca, espeque, páo, galho (tp. *içara*). || GEOGR. 1° e 2° norte e centro; 3° Mar.; 4° Paraná. || SYN. 2° *cani, pari.*

cainho adj., sovina, avarento, somitico, «misero, illiberal». Mor. || ETYM. de *Caim,* o máo filho de Adão, o fratricida, que deu cabo de Abel, seo irmão, por achal-o mais favorecido da graça divina? Cp. pop. *ruinho*

=*ruim*. Aul. deriva de *cão*, d'onde *cainçalha* e *cainhar*, aqui desconhecidos. || HIST. F. J. Freire dá *cainho* parco, t. ant. no seo tempo (sec. XVIII); no Brazil, porém, sempre esteve em vigor, ao menos entre o povo. Segundo Bl., era chulo em 1727; o que explica o ter-se antiquado em Port.

caiongo adj., avelhentado, sem forças. || ETYM. ? || GEOGR. litt. R. Jan.

caipira s2., 1° morador de fóra do povoado; gente que não vive na sociedade mais culta das villas e cidades. « Em Pernambuco, chama-se aos homens da roça, do campo ou mato, *matutos;* o mesmo é em Alagoas; o *matuto* é o caipira de S. Paulo e o tabaréo da Bahia ». J. Aug. da Costa *RBr*². IV, 348. « Vem pelludo como um caipira ». Red. *Brazil* 28 Jul. 83. « Na roça, entre caipiras e matutos, é conhecida a interj. *ehá!* e outros cacoethes em que se ouve essa inspiração de sons ». BCaet. *Ens. Sc.* I, 57. « Um caipira nobre não recúa ». Aparte á conferencia de J. Patroc. ap. *JC.* 15 oit. 88. || 2° fig., inculto, grosseiro, de maneiras acanhadas. || ETYM. tp.-guar.: s. *caá* mato + s. *ipîr* = *ipî* principio, base; adj. primitivo, oriundo: filho do mato, originario da roça. Baptista Caetano traduz *caipira* pelle tostada, de *cái* queimado + *pir* pelle; ou então, o homem corrido, envergonhado, abatido, submettido, de *cai* vergonhoso, acanhado, medroso. *ABN.* VI, 12. Rejeitamos a segunda explicação, porque os brazís, muito precisos na sua nomenclatura, não tinhão em conta qualidades moraes, que os induzissem a designações de objectos characterisados por ellas; e a primeira por se não adaptar o nome á coisa. *Caipira* nunca significou trigueiro, moreno, fusco &. || GEOGR. e SYN. 1° *bahiano.* Piauhy; *caboclo* 5°, *caboré.* Goyaz, Mgr.; *cabra.* Ceará; *casaca.* Piauhy; *gaucho, guasca.* RGS.; *matuto.* R. Jan., Pern., Parah., RGN.; *restingueiro, mandioqueiro, roceiro.* R. Jan.; *tabaréo.* R. Jan., Bah., Serg.; *tapuia.* Pará, Am. Em Port. *camponio, camponez.* 2° *pelludo.* Min.

caipirada sf., 1° bando de caipiras. || 2° acção de caipira; exquisitice de maneiras; toleima.

caipiragem sf.,

caipirice sf.,

caipirismo sm., caipirada 2°; toleima, acanhamento de maneiras; costume ou habitos de caipira.

caipora, 1° sm., deos, genio ou espirito da theogonia brazilica, assim descripto por Couto Magalhães: « Homem collossal de corpo pelludo, montado em um porco do mato, ninguem o podia ver sem ser extremamente infeliz pelo resto de sua vida. O *cahapora* é, pois, um ente tão máo que não pode ser visto sem que arraste a infelicidade para quem o avistar .. O *cahapora* era o genio protector da caça do mato, e só era visto quando, rodeando-se uma familia de animaes selvagens, se a pretendia extinguir ». *Selv.* II, 130. || 2° sm., sujeito que não pode ver a outro sem que o infelicite. || 3° adj., infeliz, nos negocios e fora d'elles, sempre, como quem viu o *caipora* 1°. « Era um pobre diabo, menos diabo do que pobre. Para este jámais a vida sorrira .. Um

famoso caipora ». V. Mag. *GN.* 5 fev. 83. || 4ª sf., infelicidade continuada e em tudo. « Dirá o leitor: — Foi minha caipora! Sería ». C. Mag. apd. *JC.* 28 abr. 83. || ETYM. tp. *caápor* morador do mato? BC. traduz « o que ha no mato »; porquanto o v. *por* exprime em geral, ser, existir. Mas *bor* haver, ter, possuir póde explicar o termo pela natural troca do *b* pelo *p*; e então *caápora* significaria quem tem o dominio e posse do mato, o dono, o senhor das florestas. Entretanto, não passa de conjectura. || ORTHOGR. a de Couto Magalhães, *cahapora*, é inadmissivel; pois, sendo o *h* aspirado passava para o port. como *caçapora*. || SYN. port. *callisto, tumba.*

caiporismo sm., infelicidade constante, sem treguas, em todos os negocios, logares, tempos e situações. « Esta circumstancia .. não tem valor sinão para accentuar mais o caiporismo do secretario ». Red. *GN.* 24 jan. 85. « Vê tu que sina a minha! — Isto é o diabo! — Que queres? o caiporismo não me larga ». Trscr. de jornal da Côrte no *JC.* 3 jan. 85. « E o meo caiporismo vai ao ponto de não tolerarem minhas represalias ». Disc. dep. Coelho de Rezende sess. 7 jul. 88.

caitetú sm., vj. *catetú.*

caiva sf., 1º mato ruim, carrasquenho, de silvas. || 2º por ext., terra esteril. || ETYM. br.: s. *caá* mato + adj. *aib* máo, ruim, aiva qv. || ORTHOGR. *cahiva,* como vem in BRoh., só é admissivel tomando-se o *h* como mera notação orthographica, equivalente ao trema ou ao accento agudo sobre o *i*, para indicar que não se dá o ditongo *ăĭ*; mas são preferiveis esses signaes porque na lingua brazil o *h* não é indifferente e sôa quasi *c*, *ç*, *s* e ás vezes *f*.

caixeta sf., 1º dim. de *caixa*: muito us. para guardar guaiabada, marmelada, araçázada, bananada qv. || 2º fig., avarento, sovina, caixa de aferrolhar dinheiro. || GEOGR. 1º ger.; 2.º R. Jan.

cajetilha s2., pelintra; « rapaz da cidade, que anda no rigor da moda ». Ces. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS. || ORTHOPH. *caxetilha; j* gutt. hisp. = *x* inic. port.

cajú sm., *Anacardium occidentale* L., *giganteum, pomiferum* &. || « Chuva de cajú » chama-se no Ceará a do tempo d'essa fructa. || ETYM. br.: s. *caá* folha, planta + adj. *jú* = *jub* amarello.

cajuada sf., bebida refrigerante feita de sumo de cajú, agua e assucar.

cajual sm., mata, grande porção de cajueiros.

cajueiro sm., a arvore do *Anacardium.* Entra na lyrica nacional, já pela flor, já pela castanha, já pelo sumo e o cheiro agradavel do sarcocarpo e das folhas. « Cajueiro pequenino, Carregado de flor, Eu tambem sou pequenino, Carregado de amor ». Cantiga pop. Maranhão.

calabouço sm., prizão, xadrez, enxovia quasi sempre escura, principalmente para escravos. « Os escravos que fôrem encontrados fazendo desordens serão conduzidos ao calabouço, dando-se immediatamente parte aos senhores, para estes mandarem dar nos motores 100 açoites ». 1833 Postur.

Cam. Mun. Cabofrio, art. 193. || ETYM. ? || LEX. PORT. *calaboiço* casa de prisão para militares. Aul. Mor. 1ª ed. definia: « prisão funda, soterranea, masmorra ».

calabrez adj. gent., 1º natural da Calabria, Italia. || 2º fig. salteador, ladrão d'estrada. « Chama-me o meo antagonista de *calabrez*, isto é, de salteador d'estrada ou roubador dos dinheiros alheios. Repillo a injuria energicamente ». Dr. A. P. apd. *JC.* 23 jul. 85. « Per loro il popolano d'Italia, principalmente delle provinzie meridionali, chi sà per quanto tempo ancora, resterà un povero affamato, un *carcamano*, un ex-brigante calabrese. La parola *calabrese* scrivvemo, poichè, tra le frasi fatte ed antiquate, che spesso vediam citate da giornali brasiliani, scorgiamo quella, quando si parla di scene di sangue o simili: — Par di essere in piena Calabria! ». Red. *La Voce del Popolo* (R. Jan.) 22 maio 86.

calafate sm., chamão no Cabofrio e em Araruama o vento léste, pelos damnos que causa ás embarcações, obrigando-as a concertos de calafeto. || ETYM. b.-lat. *calafactus*, ital. *calafate*, fr. *calfat.* || LEX. PORT. operario que calafeta embarcações.

calango = calangro sm., 1º lagarto, teijú qv. Em SR. *Cantos*, apparece frequentemente na poesia pop. || 2º grupo de salteadores e assassinos que, de 1873 a 1880, assolou a provincia do Ceará, duplicando os horrores da secca e da fome. Deveu o seu nome a João Calangro, evadido da cadeia do Crato, onde cumpria pena por furto de gado, e reunido a Innocencio Vermelho e outros faccinoras, evadidos das prisões de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Parahyba e Ceará, foi chefe de um bando de malfeitores até findar a secca. Rod. Theoph. 116 e segs. || ETYM. ¿ a mesma de *caranga* qv Havia nas Missões do Paraguay um logar com esse nome: *ibî ambuae* Calango *yape*, em outra terra chamada Calango. *Conq.* in *ABN.* VI, 183. O *l* não faz parte do alphabeto brazil. Note-se que no b.-lat. lemos *calandrus* grillo, cigarra, gurgulho, fr. *calandre*, ital. *calandra*, germ. *kalander*, *calender;* mas não passou para o port.

calão sm., 1º lingua dos ciganos. M. Mor. Jr. || 2º linguagem peculiar dos capoeiras; giria de certa classe de gente ruim. || 3º vara do *candombe* qv., e serve para arrastal-o ao longo da costa e suspendel-o dentro d'agua. Dr. Nobre in *JC.* 21 abr. 88. || ETYM. ? || LEX. PORT. os signifs., que traz Bl., de vaso da India, com ex. de Barros: « Achárão os *calões* em que os da terra trazião a agua », e de juramento na Ethiopia Oriental (correspondente ao *lembamento* da Africa occidental), abonado com ex. de fr. João dos Sanctos, não passárão para nós. Sobre o *lembamento* vj. Alfr. de Sarmento.

calça sf., port. *calças* (no pl.). Cp. braz. *ceroula* = port. *ceroulas*, *meia* = *meias*, *labio* = *labios*, *treva* = *trevas:* liberdades poeticas, que ficárão na prosa, e são geralmente empregadas na linguagem usual.

calcanha sf., « nos engenhos de assucar, é a mulher que cuida das

candeias, e varre ». Rub. e Anton. || ETYM. a serviçal d'esse officio era de ordinario preta velha, *acalcanhada*, cambeta qv. *Inde ?*

calcúlo sm., *cucúlo* qv., por intercurrencia de *cálculo*.

caldeirão sm., 1° « cova que a passagem das tropas ruraes deixa na estrada, que antes fôra alagada pelas chuvas ». Rub. ; « buraco grande no meio do campo ou estrada, feito por chuva ou pisada de animaes ». Cor. « *Caldeirões* são umas covas que os cavallos fazem com a continuação do andar, as quaes, quando chove, se enchem de agua e lama, ficando entre cova e cova como uma parede de barro duro ; de sorte que é necessario que os cavallos vão por estes logares muito socegados, pondo os pés dentro das mesmas covas ; porque, si assim o não fazem, infallivelmente cahem, com grande risco de quebrar as pernas ao cavalleiro ». Esta descripção do Conde de Azambuja (1751) é perfeita. *RIH*. 1845, 470. || 2° tanque natural nos lagedos, onde costuma ajunctar agua das chuvas ». Meira ap. BR. « Este meo boi Epacio Morava em dois sertãos ; Comia nos cipoaes, Bebia nos caldeirãos ». SR. I, 86. || 3°, no regimen dos rios, redomoinho, vortice, turbilhão d'agua. « Nos desviámos da bocca de cima da vizinhança do Amazonas (de que tudo são braços), para evitar o perigo de encontrar os *caldeirões*. Succede talvez ao viajante, levada de impetuosa corrente a embarcação, ir cahir em paragem, ou, para melhor dizer, em revolução d'agua, que, mettida em movimento, como se estivesse a ferver, deu nome de *caldeirões* a este formidavel phenomeno. É uma inquietação de vortice, ou como se explicão os francezes, *tourbillon*, a que pode corresponder o *redomoinho*. Nasce esta effervescencia do encontro de aguas violentas em sitio onde se junctão com movimentos oppostos, ou se unem combatendo, até correrem em confluencia, vendo-se antes levantar as aguas grandes canellões ou rejetões em tres e quatro palmos de altura, como os de artificio nos repuxos. É perigoso o encontro, porque endoidecem as canôas andando á roda, e succede alagar-se, como succedeu a uma canôa do dr. João da Cruz,.. a qual se perdeu em caldeirões que hoje não ha. O exm. sr. d. fr. Miguel de Bulhões se viu atribulado juncto a Belem, nos caldeirões fronteiros a S. Boaventura, durando-lhe o susto e o perigo emquanto observou inefficaz o remo e frustrada a força dos indios, até que a mesma agua serviu á diligencia com que felizmente se livrou. Os acautelados devem prevenir muito antes este perigo, apartando-se a tempo da veia da corrente que os encaminha aos caldeirões, e procurando outra para evitar o lance em um sitio tão profundo e inquieto, como arriscado a tantos, fatal a muitos ». 1762 *RIH*. 1847. Não nos pudemos furtar ao gosto de transcrever inteiro esse trecho do sabio bispo d. fr. João de S. José, tão intrepido viajante, quão amavel narrador, além de ser honra e lustre da Ordem Benedictina. N'elle se vê definido o phenomeno, demonstrada a origem, explicada a causa,

indicado o perigo, aconselhado o remedio. || ETYM. augm. de *caldeira*: do lat. *caldarium*; b.-lat. *calderia*, *caldaria*, ital. *caldaia*, *caldaio*, *caldura*, hisp. *caldera*. || LEX. PORT. « cova que se abre nas terras alagadiças para enxugar os caminhos alagados pelas chuvas », sg. define Aul. como t. braz., é phantasia de quem aliás não perdoava ao nosso Moraes qualquer descuido. || SYN. *camaleão*.

caldo sm., o sumo da canna de assucar, exprimido na moenda. || SYN. *garapa*. SP., Min., Paraná. RJan., Pará etc.

caleça sf., carro, sege. || ETYM. fr. *calèche*. || LEX. PORT. *caleche*.

calembe sm., « unica vestimenta do indio, consiste n'uma faxa, de panno ou de casca de páo, para cobrir as partes ». Coudreau *Guyenes et Amazonie* II, glossar. || ETYM. ? A pal. que conhecemos é nome de logar d'Africa, reproduzido n'uma fazenda de Saquarema (do major João Barboza), RJan. Consignamos a def. de Coudreau, aguardando ulterior exame. || SYN. *curú*, *julata*, *tanga*.

calhambola adj. 2, fujão. Vj. *canhambora* e *quilombola*.

calhorda adj., patife, desprezivel.

calimbá sm., vj. *calumbá*. || GEOGR. *Calimbá* é o nome de um caminho, hoje rua, na cidade de Nitheroy.

calis sm., « cano de páo nos engenhos de assucar ». Rub., Anton.

calombo sm., inchaço, tumor no corpo do homem ou do bruto. « Queixa-se tão sómente que não houvessem sido mencionados os calombos e contusões que este recebeu no barulho ». Carta ap. *GN*. 27 abr. 84. A definição de Rubim « sangue, leite ou outro liquido coalhado em forma granular », acceita por Aulete, que por conta propria accrescenta o sentido isolado e geral de « coagulo », não é exacta. || ETYM. bd. *calumba* giba, giboso, corcova.

calmeiro adj., que navega (embarcação) com muito pouco vento, quasi com calmaria. || GEOGR. Cabofrio, Iguaba (RJan.).

caluge sm., rancho de palha. || ETYM. bd. || ORTHOGR. BRoh. dá *caloji* como t. de Pern. e Pará. Em Itaborahy (RJan.), houve uma fazenda de assucar com o nome de *Caluge*.

calumbá sm., « nos engenhos de assucar é o cocho do caldo ». Rub. || ETYM. bd. *calumba* giboso, corcovado. || ORTHOGR. vj. *calimbá*. || SYN. *cocheira*. « Para alimpar o coxo do caldo (a que chamão *cocheira* ou *calumbá*) ». Antonil.

calundú sm., 1° frenezi, máo humor, zanga, faniquito, hemorrhoidas, nervosia. || 2° quindins, partes, momices, capricho. « Vou criar as minhas raivas Com meos calundús, Para fazer as coisinhas Que eu bem quizer ». SR. *Cant*. 1, 67. Sergipe. || ETYM. bd. Aug. de Carv. *Capitania de S. Thomé* 252. Baptista Caetano opina que é o guar. *acânundú* dôr de cabeça, ter febre, sezões. *Calundú* na Angola é parte de feitiçaria, e t. já recolhido por Gregorio de Mattos: « Que de quilombos que tenho Com mestres superlativos, Nos quaes se ensina de noite Os ca-

lundús e feitiços ». I, 82 || GEOGR. RJan., Bah., etc. Na Parah. e RGN *lundú*; o que confirma a etym. angolana (onde o pref. *ca* é dim. e pejor.). Em Itaborahy (RJan.), houve uma fazenda de assucar com o nome de *Calundú*. || ORTHOGR. tambem se diz e escreve *calundum*, pl. *calundums*. RJan. (litt.).

calunga sm., 1° rato pequeno, em geral. || 2° certo ratinho preto do mato. || 3° o pargo, peixe da familia dos *Sparoides*. || 4° bonecos, cavallinhos e outros brinquedos das crianças do sexo masculino; estampas de livros para divertir as crianças. « Meninos ricos que têm seos brinquedos bonitos... Que calungas! Cavallinhos, velocipedes, boisinhos ». Arth. Az. *Bilontra*. « Um S. João, respondeu o belchior ...Os São-Joões têm tido muita procura este anno .. De repente lembrei-me de que ha tres annos tinha este calunga alli n'um canto ». Red. *DN*. 24 jun. 85. || ETYM. bd. *calunga* mar; e d'ahi, « deos », não o deos d'elles, *zambi*, familiarmente conhecido e representado em figura; mas o deos incognoscivel dos missionarios, o qual era impossivel aos negros comprehender, e por isso lhe derão « um nome perfeitamente como ao mar, *calunga* ou *lunga*, cuja latitude não percebem ». Cap.-Ir. *Iácca* II, 241. Ora, para elles o deos não pode ser percebido sinão sob as formas do homem; e os seos feitiços são bonecos, animaes e outros artefactos d'essa ordem. Tambem, e pela mesma razão de superioridade divina ou quasi divina, chamão os abundos aos fidalgos *calungas*, uns como semideoses, intermediarios dos seos adeptos juncto á pessoa do rei, o *muquiche*. A applicação ao rato e ao peixe já foi por extensão. A pal. *calunga* que apparece nas cantigas bilingues, publicadas por Couto de Magalhães, Silvio Roméro e outros, é o t. bd. na significação originaria de « mar ». || GEOGR. 1° Bah.; 2° RJan. (Araruama); 3° Cabofrio; 4° Pern. e outras provs. do norte. || SYN.

calungage sf., vadiação, andar por sambas e em folias. || GEOGR. Parah.; rec. por V. Cabral.

calungueiro s. e adj., empregado na pescaria do pargo (*calunga* 3°); camarada de canôa ou lancha empregada n'essa pesca. Cp. *garoupeira*. « De settembro a março, mezes das inundações, é a quadra dos bagres ou *mulatos-velhos* tambem do Rio-Grande, e das pescarias de barra fóra nos lanchões de convez a que dão o nome de *calungueiros* ». F. J. Martins, *S. João da Barra* 18. || GEOGR. litt. RJan., ES. etc. || SYN. *bangula*.

cama sf., leito, fundo do rio. « Chegámos á barra do Corumbaty, rio caudaloso de 20 braças de largura, com cama de lage solida ». *RIH*. 1847, 33. || ETYM. b.-lat., hisp. *cama*. A de Constancio, derivando do gr. *Κοιμάω* deitar na cama, adormecer, e a de Aul. do gr. *Χαμαι* em terra, no chão, podem indicar a posição de quem está deitado, mas não o traste, utensilio, movel, onde se dorme.

camada sf., vasta extensão de campo limpo e parelho, sem mato,

nem cochilhas, nem barrocas. « Descí por terra com a minha comitiva, atravessando uma grande camada de campo; porém, este para os fundos, na direcção do rio Paraná, tornou-se intransitavel ». Lopes *RIH.* 1850, 323. || ETYM. *cam(a)* superficie plana +suff. *ada.*

camafonge, vj. **cafunge.**

camaleão sm., buraco feito pelas tropas e carros nas estradas, e cheio d'agua das chuvas. || ETYM. corr. pop. do port. *camalhão,* com transposição do signif.: *camalhão* é a terra que se ajuncta e levanta em roda do buraco [port. em *torno do* buraco], nas duas margens do rego, cova, cava ou sulco; *camaleão* é, ao contrario, o rego, a cava, o buraco. || GEOGR. Pern., Al. (recolh. por BRoh.). || SYN. *caldeirão.*

camalote sm., ilha de troncos soltos, raizes, folhas e o mais que eventualmente se lhes aggrega, fluctuando á mercê das correntes nos grandes rios, como o Paraguay, Uruguay, Paraná, S. Francisco, Amazonas, Tocantins etc. || ETYM. ? || SYN. *piriantã.*

camarada s2., 1° amigo da infancia; amigo intimo. || 2° criado, pagem, de condição livre, pago ou não; companheiro de viagem, no character de servente, para cuidar dos animaes, da bagagem, da cozinha do patrão. St.-Hil. *S. Paulo* I, 128. « Fazendas ou engenhos isolados, com uma fabrica de escravos, com os moradores das terras na posição de aggregado do estabelecimento, de camaradas ou capangas ». Jm. Nabuco *Abolicion.* 152. « José Novato, homem pobre, mas de probidade incontestavel. Vivia do que chamamos *camarada;* e no desempenho d'estes serviços, só ou acompanhando seos patrões, forão-lhe confiadas muitas sommas e valores. Alegre, jovial e respeitoso, fiel cumpridor de seus deveres, distrahia os viajantes que acompanhava com historietas agradaveis ». Corrp. Uberaba (Minas) ap. *JC.* 15 jan 83. Vj. outro ex. s.v. *boiada.* || ETYM. de *camara* quarto de dormir. || GEOGR. SP., Paraná, Min., Mgr., Goyaz, serrácima do RJan. || LEX. PORT. o nosso egual, o companheiro d'armas, de cama, de rancho, amigo de cama e meza. || SYN. *aggregado, capanga* qv.

camarão sm., cipó, vara cylindrica, estriada ou canellada, cuja casca se recorta em debuxos, tirando-se a necessaria para fazer os lavores, e que se bota na cinza quente para tostar o lenho nas partes descascadas, conservando-se a côr natural nas encascadas: extrahidas estas fica o páo todo pintado. Serve de bengala, de chicote para tocar cavallo etc. « D'ahi a um nadinha, de um outro grupo, que alli está só para fazer chinfrim, parte o grito de todas as nossas sedições da rua, a *marselheza* da rapaziada, que não acha tantas vezes quantas precisa quem lhe applique uma boa dose de camarão: — Não pode! — Quando de um d'esses grupos parte o grito fatidico *não pode!* é contar que vai ferver pancadaria ». Red. *GN.* 31 oit. 83. || ETYM. br. *caá* páo+*marã* pintado, colorido. || HOM. conhecido crustaceo decapodes. || LEX. PORT.

vaso de louça (braz. *lôça;* port. *lôiça);* gancho de pendurar lustres etc. : signifs. que não temos no Brazil. || SYN. *cipó, gurungumba, marmello, vara.*

camarinha sf., quarto de dormir. « Pequena prateleira no canto [port. *ao* canto] da sala ou camarinha ». J. Gal. *Sc.* 273. « Enhá Tuca com siá Anninha, Qual d'ellas mais bizarrona, Lá estão na camarinha, Sentadas n'uma carona ». Kos. ap. SR. I, 74. || ETYM. sf. *camar(a)* port., ant. no Braz., quarto de dormir+suff. *inha* dim. || GEOGR. provs. do norte, RGS. || LEX. PORT. no pl. gottas pequenas e redondas, vg. de suor; desconh. no Braz. || SYN. *beliche, casinha.*

camarote sm. divisão na camara do navio ou sala de theatro, para alojamento dos officiaes ou tripolantes, ou dos espectadores. || HIST. ant. em Lisboa, onde se diz *cabina,* e se prefere o puro fr. *cabine,* que, por não cheirar á portuguez, torna-se mais elegante; no Brazil, porém, está em vigor.

camachilra sf., corr. erud. de *camachirra,* por intercurrencia do v. *chilrar = chilrear.*

camachirra sf., 1º « passarinho de côr escura que tem o canto jovial ». Rub., frequenta os arredores das casas, chilrando e pulando, sempre alegremente. || 2º fig., mulher pequenina, risonha, buliçosa; animal pequenino e espertinho. || ETYM. br. *cambá* preto (applicado a vivente: gente, macaco, sarigué, passaro) + *chiichii* nome onomat. das andorinhas, a chilradora. Cp. *gambá.* || ORTHOGR. *cambachirra, gamachirra, camachilra* qv.

camb- raiz ary., mudar, mudança, mudavel, troca; torto. Vj. no lex. port. e no luso-braz. *camba, cambada, cambadela, cambaio, cambalacho, cambalear, cambalhota, cambão, cambapé, cambar, cambeta, cambiar, cambio, cambista, cambito, cambo, cambona, cambota, cambulhada, cambuta;* lat. *gamba;* gr. καμπή curvatura, dobra.

camba sf., mucama, mucamba, criada de quarto, escrava de serviço domestico. « Si Thereza é mui bonita, Mulata guapa e bizarra, Com mui bom ar se desgarra A mestiça Mariquita. Ninguem a uma e outra quita Serem lindissimas cambas ». Gr. Mattos I, 281. || ETYM. bd. || GEOGR. Bah.; no R. Jan. *mucama.*

cambar[1] va. e n., 1º mudar, virar de um lado para outro, de baixo para cima, trocar de posição. || 2º t. marit., « mudar de um bordo para outro, vg., as escotas das velas latinas, o vento etc. ». *DMB.* || ETYM. b.-lat., ital. *cambiare* (do lat. *cambire*), prov. hisp. *cambiar.* || GEOGR. 1º Cabofrio. || *Lex. Port.* em ambos os signifs., mas antiquado.

cambar[2] vn., andar cambaio, cambetear. || ETYM. do lat. *scambus* torto das pernas. || LEX. PORT. vig. n'este signif., pouco us. no Brazil.

cambembe sm., 1º cambaio, torto das pernas. || 2º adj., esturdio mal amanhado. || 3º o sino, que ás 10 horas da noite, toca a recolher (Cabofrio). || ETYM. bd.

cambica sf., « especie de alimento feito com a polpa da fructa murici (*Byrsonima sp.*), misturada com agua,

assucar e farinha de mandioca ». BR. || ETYM. br. *cambî* leite. || GEOGR. Ceará, Maranhão.

cambito sm., pernil de porco. || ETYM. ital. *gambetta*, dim. de *gamba* perna. || GEOGR. SP.

camboatá sm., 1° peixe cascudo, que tanto nada, como anda; peixe de mar e terra. || 2° fig., sujeito que vive bem com todos; que accende uma vela a Deos e outra ao Diabo. « Camboatá não emperra; anda n'agua e em terra ». Prov. pop. em contrario do que diz: « Antes quebrar que torcer ». || ETYM. br. *cá = car* escama, casca + *mbo* que faz + *atá* andar. || GEOGR. 1° geral; 2° litt. RJ. || SYN. 2° *bahiano, diplomata, francez, jesuita*.

cambondo s., amasio, amigo, concubino, mancebo. BR. || ETYM. bd. || GEOGR. Bahia.

cambota sf., 1° peça de madeira, semicircular ou em quarto de circo, que faz parte das rodas d'agua, dos carros etc. || 2° molde de madeira para armar arcos. || ETYM. b.-lat. *cambotta* bastão recurvado na extremidade superior, baculo dos bispos, cajado dos peregrinos, etc. Vj. *cambuta*.

cambraia sf., 1° tecido fino de fazenda branca. || 2° « côr de cavallo; é branco de pello e coiro ». Rub. || 3° bejú de tapioca. || ETYM. *Cambray* cidade de França, donde vem a fazenda. Os signifs. 2° e 3° são metaphoricos da côr branca. || GEOGR. 1° geral; 2° provs. do Sul; 3° Bahia, Alto S. Francisco, recolh. pelo dr. Brotero F. de Macedo Soares.

cambraeta sf., especie de *cambraia 1°*.

cambrainha sf., especie de *cambraia* 1°, pouco ácima da *cambraeta* qv. « Cambrainhas finas, Não são pra você; Pra gente, sinhá, Que me faz a mercê.. ». SR. *Cant.* I, 61.

cambuquira sf., guizado de grelos de abobreira, para se comer com carne assada. || ETYM. br. *cambîquî*. BC., de *caá* herva + *ambîquî = oquîr = oquîra* grelo. || GEOGR. SP., Paraná, Min. || ORTHOGR. *camoquira, camboquira, camuquira, cambuquira.*

cambuta s2., pequeno e enfezadinho, mal nutrido, mal construido, diz-se do homem ou mulher caturra, de physico depauperado; torto, cambeta. || ETYM. b.-lat. *cambotta = cambuta* páo, bastão curvado na extremidade por onde se deve pegar. DC. Vj. *camb-*. || GEOGR. litt. RJ.

came = camé adj. gent., tribu de indios de Guarapuava (Paraná). || ETYM. ar. *hkame* escravo. Cp. *bugre* e *cafre*. E' t. erud.

camina sf., « armadilha de pesca, que consiste em uma vara fincada no chão por uma das extremidades. A outra extremidade, sendo fortemente acurvada a vara, é preza dentro da agua em um gancho de páo disposto em um pequeno cesto atado na mesma extremidade da vara, de sorte que, logo que o peixe toca na ceva, a vara desprende-se, e tornando ao seo estado natural, traz ácima o peixe dentro do cesto ». Baena ap. BR. || ETYM. br. *caá* páo + *amî* que puxa, arranca, expreme, saca.

caminhão sm., carroça de quatro rodas, de pouca altura, com boléa. « O caminhão n.° 380 passava hontem em disparada pela praça da Accla-

mação. A victima foi um pequeno italiano». Red. *GN.* 8 nov. 81. « Não pode deixar de ser censurada a imprudencia com que alguns cocheiros de caminhões costumão conduzir os seos vehiculos, levando-os em disparada, atropellando os transeuntes com o maior desembaraço ». Red. *JC.* 1 oit. 85. || ETYM. fr. *camion*, por intercurrencia do v. *caminhar* andar. || HIST. é recente este voc. na Côrte.

camoci = **camocim** sm., 1° pote em geral, tina etc. || 2° pote ou talha de barro em que os indios sepultão os cadaveres dos seos. « As grutas calcareas das cercanias de S. Luiz de Caceres, nas quaes os bororós tinhão suas necropolis, a julgar pelo numero de *camocis* ahi encontrados ». Sev. I, 54. « O nome de *cambuchis* ou *camucins*, dado a todas as talhas e potes pintados, a que tambem chamavão *igacabas*, applica-se hoje mais especialmente a estas urnas funerarias ». Varnhag. *Hist.* 41. || ETYM. *camocî* = *cambocî* = *camotî* = *cambuchî*: de *cambú* mammar, chupar, sorver, beber + *cî* fonte, manancial, o que dá de beber, pote, vaso d'agua.

camondongo sm., « ratinho caseiro ». Rub. « Vivo e experto como um camondongo, caminhava para o collegio, acompanhado por uma negra ». Fr. Jr. *Folh.* 155. « Convidar o povo para ver aquillo foi como chamar um gigante para ver um camondongo ». V.Mag. *O Escandalo* V, 6. || ETYM. bd.: *ca* pref. dim. + *mundongo* rato domestico. || ORTHOGR. mais correcto *camundongo*. Herdámos do port. o *o* medial atono = *u*.

camote sm., namoro. Ces. || ETYM. cast. || GEOGR. fronteira do RGS. com as republicas do Prata.

campanha sf., 1° campo extensissimo, a perder de vista. « Pantanaes que recebem os escoantes que esgotão os largos campos que os cercão. Estas campanhas formão um quadro de 14 leguas de lado, ellas fazem com os campos de Villa-Bella uma alagação geral no tempo das aguas ». Serra *RIH.* 1840, 27. « Não achei vestigios que me orientassem, .. pois a campanha é espaçosa n'aquelle logar». Lopes *RIH.* 1850, 324. « Do Tacuman segui por uma campina vasta, a que dão o nome de *Campo Grande*, sem descobrir agua ». D'Alincourt *RIH.* 1857, 339. Eis a campanha, campina vasta, campo grande. « D'elles [morros] entra-se em campanhas dilatadas até ao rio Apa ». Ibid. 341-2. « As campanhas comprehendidas nos limites d'esta provincia [das Missões] não são egualmente criadoras. Todos os campos ao sul do Ibicuhy têm preferencia em bondade ». Th. Rab. *RIH.* 1840, 157. || 2° campos geraes do Rio Grande do Sul e Minas Geraes. « E não vinha pessoal sómente de Porto Alegre, mas de outros pontos assás longinquos da campanha ». Disc. sen. Visc. de Pelotas sess. 3 jun. 85. || ETYM. s. *camp* (*o*) + suff. *anha* extensão. || GEOGR. provs. do sul e do centro || SYN. *campina* RJ.; *campos geraes* Paraná; *campos* RJ., Min.

campão sm., augm. de *campo*. «E para o norte e oeste [de Camapuã], é mais regular [o terreno], e apresenta espaçosas lombadas e grandes campões ». D'Alinc. *RIH.* 1857, 335.

campação sf., acção de *campar* 2°; passeio nocturno com fim amoroso. || GEOGR. litt. RJan.

campador sm., passeante nocturno em busca de amores: especialmente applicado aos escravos nas fazendas do littoral do Rio de Janeiro.

campar vn., 1° brilhar, sobresahir. « E tu, cidade, és tão vil Que o que em ti quizer campar Não tem mais do que metter-se A magano, e campará ». Gr. Matt. I, 358. || 2° sahir a passeio nocturno; ir ter com a amante, de noite, fóra de horas: dizia-se particularmente dos escravos nas fazendas do litt. RJan. || GEOGR. RJan. || HIST. Moraes, 1ª ed., dá só no sentido de *acampar* assentar o campo ou arraial, e *campear* estar acampado etc.; e só no famil., brilhar, lustrar. || LEX. PORT. naquelles signifs. e nos de *lograr*, *aproveitar*, não se usa aqui.

campeação sf., acção de *campear* qv.

campeador sm., *campeiro* qv. || LEX. PORT. batalhador, combatente. Cid, o campeador.

campeão sm., « cavallo em que campêa-se ». J. Gal. *Lendas*, 396. « Então nas catingas, rompendo espinheiros, Saltando os vallados .. Té o céo desafio no meo campeão ». Ibid. 39. || LEX. PORT. batalhador, combatente, defensor.

campear vn., 1° « andar a cavallo no campo em procura ou tractamento de gado ». J. Gal. *Lend.* 396. « Com cuidado leva o dia E a noite a maginar: De manhã tirar o leite, Ir ao campo campear ». SR. *Cant.* 96. || 2° explorar, bater campo, procurar com minuciosidade, por todos os recantos. « Mandou o general castelhano logo de manhã 120 correntinos campear estas campanhas, não só a exploral-as, mas tambem a reconduzirem gado dos indios para o seo exercito ». *RIH.* 1853, 242. || ETYM. s. *camp* (*o*) + suff. v. *ear* iterat. || GEOGR. 1° RGS., Paraná, SC., SP., Ceará; 2° sul do Brazil em serrácima. || LEX. PORT. acampar, batalhar, correr campo, lustrar, sobresahir, ufanar-se. || SYN. *bombear*, *caçar*.

campeiro sm., 1° empregado, camarada, que tem a seo cargo o tracto do gado. « O trabalho das estancias .. não ha lida mais barbara e fragosa do que essa, em que a propria existencia periga a todos os momentos, já no domador .. já no campeiro, que despara á redea solta com rapidez vertiginosa, sobre terrenos crivados de buracos e precipicios ». Ass. Bras. I, 29. || 2° adj., que vive habitualmente nos campos geraes ou na campanha. || SYN. *vaqueiro*, Ceará, Piauhy, RGN. &; *pastor* RJ. e Portugal.

campestre sm., campo pequeno. « Sahi de tarde para o quinto ou penultimo campestre dos fachinaes de José Francisco .. dono d'estes campestres, repartidos por cinco restingas, que atravessámos ». *RIH.* 1841, 65. « Quando passei o campestre, Vi uma rez lá deitada ». SR. *Cant.* I, 90. || GEOGR. RGS., Ceará e outras provs. do norte. || LEX. PORT. adj., rustico, proprio do campo: us. no Brasil.

campo sm., grande extensão de terreno sem mato, nem capoeira, antes coberto de capim, comprehendendo varias especies de gramineas, cypera-

ceas, arundinaceas, juncaceas e outras plantas herbaceas, mais ou menos rasteiras e quasi todas apropriadas para pasto do gado. E' o inverso da *mata* qv. Distingue-se o *campo coberto* ou *sujo*, onde crescem subarbustos e macegas que precisa queimar annualmente, para que não tomem conta dos campos, reduzindo-os a *fachinaes* e *catanduvas;* e o *campo limpo*, que só tem capim proprio para pastagem. « Mais para o sul e para oeste, derramão-se leguas apoz leguas de campo ondulado até o horizonte, campo mais verdejante nos valles, mais sujo nos cabeços, quando a estação vai adeantada, mas interrompido apenas por algumas linhas de arbustos juncto aos arroios e dois ou tres capõesinhos nas ladeiras abrigadas ». Herbert Smith in *GN.* 10 ag. 86. « E eu subi por terra .. .., visto ser tudo por campo, apezar de coberto, como são quasi todos da serra de Maracajú para o lado do rio Paraguay .. Porém, logo que estive nas vertentes para o Paraná, elles [campos] são limpos e de uma vista encantadora, um céo benigno, um clima regular ». J. Fr. Lopes *RIH.* 1850, 326. || *Campo parelho* é o plano sem ondulações muito sensiveis; *c. dobrado* ou *repecho* é, ao contrario, o que se dilata por terreno fortemente accidentado, de muitas e frequentes lombas. || *Campo nativo* é o que nasceu e se conserva nesse estado, pastagem natural; por differença de *campo feito*, plantado pela mão do homem, quasi sempre de gramma ou de capim gordura. || LEX. PORT. *campo* no Brazil é us. em todas as significações de além-mar, menos na de « terreno aravel, extensão de terrenos fóra dos povoados ». Aul. A isto chamamos *roça* e *sitio ;* e ao terreno aravel *terra de planta.* || SYN. *brocotó*, *campanha*, *campina*, *catanduva*, *fachinal.*

campos-geraes sm. pl., vastas campinas no planalto medio entre o da Curitiba e o de Guarapuava, na provincia do Paraná. Ha os campos da Curitiba, e os de Guarapuava; mas não são esses os *campos geraes*, que se extendem desde o rio Itararé até a Serrinha, no municipio do Campolargo, desde os 23° 40' lat. S. até ± 25°, em distancia de ± 8 leguas da Curitiba. St. Hil. *S. Paul* I, 100; e ao O. vão entestar com as matas que precisa varar para sahir nos campos de Guarapuava. E' d'essa fadaica e abençoada região que com tanto enthusiasmo falla um dos mais illustres viajantes francezes e entranhado amigo do Brazil, Auguste de Saint-Hilaire, no seo notabilissimo livro intitulado *Voyage dans l'intérieur du Brésil*, ibi: « Montanhosa e coberta de grandes mattas nos dois pontos (áquem de Itararé e além do Campolargo), a região dos *Campos Geraes* apresenta, em geral, um terreno plano e ondulado, onde, a perder de vista, se descobrem immensas pastagens, cujo verde claro faz o mais agradavel contraste com os tons escuros dos capões de mato que se levantão nas baixadas, ora formados só de *Araucarias*, ora compostos dellas e de outros arbustos quasi sempre de folhagem verde, egualmente carregada. Emquanto na Europa é rara a planta que medra nos pinhaes, aqui brotão

entre as *Araucarias* prodigiosa quantidade de arbustos, subarbustos e plantas herbaceas, contrastando de differentes modos com a rijeza dessas grandes arvores e suas côres severas. Formão as *gramineas* a totalidade dos pastos nativos; crescem pelo meio outras plantas, aqui e alli diversas, commummente *Vernonias*, mimosaceas, um *Convolvulus*, a composta vulgarmente chamada *Charrua*, uma verbenacea, uma *Cassia*, uma labiatiflora. Em Janeiro, Fevereiro e mesmo começos de Março, a verdura dos *Campos* é tão fresca como a dos nossos prados; é, porém, menor o numero das flores que os esmaltão. Entretanto, em alguns pontos são extraordinariamente numerosas, sobresahindo em abundancia um *Eryngium* e uma composta; e ao passo que nos nossos prados dominão o amarello e o branco, aqui é o azul celeste que dá côr aos campos floridissimos .. .. Sem ser chatos e monotonos como as planicies de Beauce, os accidentes do terreno não são bastante sensiveis para estorvar a vista. A's vezes, no lançante da collina surgem rochedos á flôr da terra, deixando escaparem-se cascatas, que se precipitão nos valles: numerosos rebanhos de bestas, vaccas, pastão na campanha, animando a paysagem: poucas casas, mas bem aceiadas e acompanhadas de jardinzinhos, plantados de maceeiras e pecegueiros. O céo, sem deslumbrar como sob os tropicos, é mais convinhavel á fraqueza da nossa vista .. .. Vê-se que tive razão em chamar os *Campos Geraes* o *Paraiso terrestre do Brazil* ». Saint-Hilaire, *S. Paul,* I, 100; II, 2 e 29. Attribuimos a existencia dos *Campos* á formação do solo, cuja base granitica é apenas coberta, geralmente, por delgadas camadas de alluvião de differentes edades, onde não podem crescer arvores, nem arbustos de certo porte, cujas raizes exigem maior profundidade de terreno. Nessas camadas são frequentes os grés, mais ou menos solidos, schistos, calcareos em maior ou menor quantidade, ás vezes bem á flor da terra. Accresce a geada, a que só e difficilmente resistem as gramineas, sendo assim annualmente, de Maio a Settembro, queimadas quaesquer plantas vivazes que fôrem brotando. Finalmente, a vastidão dessas planuras sem fim, desdobradas a dezenas e dezenas de leguas entre serros que, mais approximados, poderião defendel-as da violencia dos ventos, e a consequente relativa escassez d'agua, explicão sufficientemente a razão do desapparecimento das mattas nos *Campos Geraes*. Nos raros oasis onde é mais profunda a camada de alluvião, e o solo deixa de ser piçarrento, arenoso ou ferruginoso, cresce a *Araucaria* com todo o seo viço « contribuindo para (diz St. Hil. cit.), por sua elevação, elegante magestade das fórmas, immobilidade, verde sombrio da folhagem, dar aos *Campos Geraes* uma physionomia particular »; crescem as *Laurineas*, a *Embuya*, o *Sassafras*, cujas folhas, esbranquiçadas na face inferior, contrastão sensivelmente com o verde-escuro do pinheiro; crescem as melastomaceas, vição as compostas e as myrtaceas e formão-se esses bosques encantadores, regados por algum fresco arroio; essas *ilhas de mato*, como

os chamarão os indios, comparando os campos ao mar e os capões a ilhotas.

canalha sf., adj. 2, vil, infame, desprezivel. « A lama que os canalhas lhe atirão não pode emporcalhal-o ». J. Patroc. ap. *JC.* 15 oit. 88. || HIST. até pouco tempo, era só empregado como sf., para significar a « infima plebe, o rebutalho do povo ». Já vem em Aul. como sm., mas não como adj. Importação do Chiado.

canarim adj. gentil., homem de côr amarello-escura, malaio trigueiro, como os canaras de Gôa, na Asia. || ETYM. do ind. *canara* aldeião dos contornos de Gôa, serviçal dos officios mais baixos do campo e da cidade. « A esses taes chamão-lhe *canarins* porque seguem os costumes e as superstições dos povos que na India chamão *canaras*, donde vem a lingua canarina, muito commum na India ». Bluteau. || SYN. são os *caboclos* ou *fulos* da India portugueza.

cancaburrada sf., asneira grossa, tolice grande, parvoice, desproposito sem qualificação. || ETYM. corr. pop. do port. *cacaborrada* obra mal feita, desproposito, parvoice (Aul.), por intercurr. de *burro, burrada* acção de burro. || SYN. *borradela, burrada, burrice.*

cancha sf., 1° « logar no matadouro das charqueadas onde o boi vai morrer ». Cor. || 2° « logar onde o [cavallo] parelheiro está acostumado a correr. Diz-se *está na sua cancha,* isto é, em logar conhecido, onde é mais forte etc. ». Cor. || 3° « logar onde se correm carreiras ». Ces. || 4° fig., commodo, commodidade; logar onde a gente está a seo gosto. Taunay, *Narrat. Milit.* 114. « Condemne-se deveras o detestavel systema de procurar o emprego, ou antes a cancha ou a sinecura para o afilhado, mas escolha-se o funccionario para o cargo ». Apd. *JC.* 29 jan. 83. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS., SP., Paraná, SC., Min., RJ. || SYN. o proloquio « estar na sua cancha » corresponde ao port. « estar nos seus geraes », e ao min. « estar no seu bem-bom ».

candango sm., nome com que os africanos designão o portuguez. || ETYM. bd. || GEOGR. RJ., recolh. por Valle Cabral.

candeia adj., « casquilho, elegante, bonito, não só em relação a pessoas, como a coisas: uma moça *candêa,* uma sala *candêa* ». B. Roh. || ETYM. br. *candeá* limpo, puro, são, bonito, perfeito: do s. *cang* cabeça + adj. *teá* formoso. B. Caet. « O *Grapsus brasiliensis,* notavel por sua formosura, tem, tanto no Rio de Janeiro, como na Bahia, o nome vulgar de *siri candêa* ». BR. || GEOGR. Pern., Parah., RGN., Bahia, RJan.

candeieiro = **candieiro** sm., « o homem que, de ordinario armado de aguilhada, vai adeante dos bois que puxão o carro, como que ensinando-lhes o caminho que devem seguir ». Cor. || 2° certa dansa afandangada. || ETYM. s. *candei* (*a*), que vai adeante, allumiando o caminho + suff. *eiro* profissão. || GEOGR. 1° RJ., RGS.; 2° RGS.

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

ANNOTAÇÕES DE A. M. V. DE DRUMMOND

Á SUA BIOGRAPHIA

ANNOTAÇÕES DE A. M. V. DE DRUMMOND
Á SUA BIOGRAPHIA

PUBLICADA EM 1836

NA

Biographie Universelle et Portative des Contemporains

DRUMMOND (Antonio de Menezes Vasconcellos de) naquit à Rio de Janeiro le 21 Mai 1794, d'une famille fort ancienne. A quinze ans il avait déjà terminé ses études littéraires et connaissait à fond la doctrine du célèbre Smith, le maître de l'économie politique. Il avait approfondi Filangieri, Kant, un grand nombre d'autres philosophes et parlait quatre langues vivantes. On le destinait à la marine militaire, mais son aversion (1) pour cette carrière décida son père à soliciter (2) pour lui une place dans la grande chancellerie des royaumes unis de Portugal, Brésil et Algarves. Il occupa bientôt un des premiers emplois de cette grande administration et s'y distingua, dans un âge si tendre, par ses talents, son application et la justesse de ses idées. Une recompense honorifique brilla sur sa poitrine (3), mais il ne s'en montra point orgueilleux, et sa modestie contrasta sans cesse avec la fierté de ses émules. Lorsqu'en 1817 (4) le premier cri de liberté s'éleva de la province de Fernambouc, il fut dénoncé au roi don Jean VI comme appartenant à l'un des clubs d'où était partie l'étincelle revolutionnaire ; mais le crédit de son père et la considération dont il jouissait lui-même, le mirent à l'abri des traits de ses ennemis. Cependant le gouvernement jugea convenable de l'éloigner de la capitale et une

espèce de congé, accompagné de lettres spéciales de recommendation, le fit partir sur une frégate pour l'île de Sainte Catherine ([5]). Il y resta sept mois sous la surveillance du gouverneur de la province. Cet exil ne fut pas perdu pour la patrie de M. de Drummond. De retour dans la capitale il présenta au ministre Villanova ses vastes plans d'amélioration et fut sur-le-champ dépêché pour les mettre en œuvre ([6]). Il débarqua donc de nouveau à Sainte Catherine, surmonta tous les obstacles qui s'offraient à lui dans un pays encore sauvage, entreprit et exécuta la navigation du grand fleuve Itajahy, établit des peuplades sur ses deux rives, traversa d'immenses forêts vierges, ouvrit des chemins, rapprocha ainsi de grandes distances, et réussit enfin à animer, par son infatigable présence, une contrée qui sommeillait encore dans le chaos primitif ([7]). Sur ces entrefaites, une grande révolution éclata à Rio de Janeiro, le 26 Février 1821. Obligé par ordre de la cour de suspendre tous les travaux qui exigeaient de trop fortes dépenses ([8]), M. de Drummond entra dans la capitale de la province de Sainte Catherine, déchirée par les partis qui s'agitaient pour suivre les mouvements de Rio de Janeiro en faveur de la métropole. Il y déclara solemnellement que si le Brésil rompait la chaîne d'obéissance qui l'unissait au Portugal, ce devrait être pour son entière liberté et pour son indépendance, et qu'il ne concevait pas et n'approuvait pas qu'un peuple se revoltât pour retomber dans ses anciens fers ([9]). Cette opinion qu'il soutint plusieurs jours n'ayant pas triomphé, il fut forcé de s'embarquer à la hâte au milieu de la nuit; le bâtiment qu'il montait fut rasé par la tempête, et tandis qu'il franchissait la barre de Rio de Janeiro, son père expirait dans cette capitale ([10]). Il rentra sous le toit paternel en proie à la plus vive désolation. Don Jean VI s'était déjà embarqué pour le Portugal; la capitale du Brésil gémissait sous le glaive d'une soldatesque effrénée. M. de Drummond, enfoncé dans la retraite ([11]), déplora les maux de sa patrie et rêva son indépendance. L'époque où ces vœux allaient être accomplis s'avançait rapidement. Il prit une part très active à tous les actes qui

amenèrent le 9 Janvier 1822 et qui vit poser la première pierre de l'édifice constitutionnel du Brésil. Cette révolution qui avait pour but de retenir en Amérique le jeune Dom Pedro, comme gage de la tranquilité publique, et d'empêcher son retour en Portugal, n'était pas sans danger si l'on considère qu'on n'était encore d'accord qu'avec la province de Saint Paul et qu'il était urgent d'appeler toutes les autres à un même centre d'opinion, afin d'en retirer une force suffisante pour résister à la métropole et aux divisions intestines. Fernambouc était le point qu'il convenait d'attirer le premier au système d'indépendance, non seulement à cause de sa force, mais encore pour sa position géographique et pour le caractère de ses habitants. M. de Drummond s'embarqua sur la goëlette française *la Perle*, avec un passeport pour la France, relâcha à Fernambouc, sous prétexte de maladie, et resta dans le pays. Là, il trouva toutes les autorités contraires à la séparation d'avec le Portugal, et désirant gagner du temps, afin de se séparer aussi de Rio de Janeiro. La plus subtile politique fut, en conséquence, employée par M. de Drummond; et tandis qu'il préparait Fernambouc à sa séparation d'avec la métropole, sa vigilance s'étendait sur toute la côte jusqu'à Maranhão. Ses efforts ne furent pas inutiles et il vit, le 1er Juin 1822, briller la revolution en faveur de l'indépendance, à la tête de laquelle il s'était placé. Les troupes portugaises furent expulsées et il fut proclamé au Recife le sauveur du Brésil. Le cri retentit dans les provinces du nord: les Alagoas, Parahyba, Piauhy, presque toutes les villes, enfin, à l'exception de Maranhão et de Pará, se dèclarèrent pour l'indépendance ([12]). Le mouvement du Rio Grande du Nord fut déterminé par un jeune littérateur français, M. Eugène Garay de Monglave, que le goût des voyages avait attiré dans ces pays ([13]). A peine M. de Drummond fût-il sûr de la simultanéité du mouvement des provinces septentrionales, qu'il fit partir une députation de Fernambouc pour mettre leurs hommages aux pieds de Dom Pedro. Le prince reçut cette députation avec grande pompe et annonça d'une des fenêtres de son palais, au

peuple qui attendait avec anxiété des nouvelles des provinces, que Fernambouc était indépendant et réuni au Brésil ([14]). M. de Drummond ne borna pas là ses efforts en faveur de la liberté. Il forma le projet de passer à Bahia ([15]), qui luttait encore contre les troupes portugaises que, par un manque de vigilance impardonnable, les autorités avaient laissé s'emparer de la place, des arsenaux, des forteresses. Cette tentative était des plus hasardeuses. Le moindre soupçon mettait sa tête en péril; il quitta secrètement Fernambouc et sur un frêle bateau atteignit une goëlette des Etats-Unis qui faisait voile vers Bahia. Il arriva dans ce port en quinze jours, s'insinua dans l'amitié du général portugais Madeira, qu'il avait connu autrefois, pénétra l'état de ses forces de terre et de mer, de ses finances, de ses hôpitaux, etc., anima d'un autre coté les Brésiliens et leur adressa chaque jour de patriotiques exhortations dans le journal le *Constitucional.* L'auteur de ces articles fut bientôt découvert; la fureur des Portugais fut à son comble et la garnison entière prit les armes contre un journal; il y allait de sa tête. M. de Drummond s'embarqua sur le brick anglais le *Tartare* et arriva à Rio de Janeiro le 8 Septembre 1822 ([16]), il déposa dans les mains du ministre d'Andrada tous les documents précieux dont il était porteur; notamment ceux qui traitaient des forces de l'ennemi. Bien reçu du prince et de son conseil, M. de Drummond trouva dans cet accueil un dédommagement suffisant des services qu'il avait rendus à sa patrie, de la perte de sa santé et de la ruine de sa fortune. Il refusa toute indemnité du gouvernement, paya jusqu'à l'ordre qui autorisait son absence de la capitale et ne voulut pas même avoir son passe-port gratis. En août 1823, il vit qu'une conspiration s'ourdissait contre l'indépendance et la liberté de sa patrie, que le gouvernement était à la tête des factieux, et qu'il fallait éclairer le peuple et éloigner la tempête. Il entreprit, en conséquence, et redigea lui-même le journal *Tamoyo* ([17]), dans lequel il exhortait le peuple avec une prudence consommée et censurait les actes de l'administration en tout ce qui offensait les principes solemnellement

adoptés. Cette feuille, conçue sur une base large, est sans contredit la meilleure qui ait été publiée en Amérique; elle fait honneur au talent de son redacteur. La dissolution de l'assemblée frappa aussi M. de Drummond. Sa vie fut encore quelques jours en danger; une soldatesque égarée courait la capitale demandant à grands cris sa tête. M. de Drummond échappa au danger en passant à Bahia et de là en Angleterre. Il habite maintenant Paris, où tout entier à l'étude, il se fait chérir et estimer des savants et littérateurs. Il est un des collaborateurs les plus actifs du *Journal des Voyages* ([18]).

---

(1)

Esta aversão não é exacta. Fui destinado para a marinha como meus irmãos para o exercito. Era isso muito de meu gosto e a minha inclinação para a marinha, não obstante seguir outro destino, conserva-se ainda pelo amor que tenho a esta arma. Estava para partir em 1807, a bordo do navio *Europa*, para Lisboa, afim de seguir ahi o curso dos guardas-marinha, quando chegou ao Rio de Janeiro a noticia das occurrencias politicas que determinarão a transferencia da Familia Real portugueza para o Brasil e esta circumstancia mudou a resolução e o meu destino, ao mesmo tempo.

(2)

Meu Pai não solicitou nenhum emprego para mim. Era amigo intimo do chanceller-mór Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal e, em consequencia desta amizade, fui eu chamado em principio do anno de 1809 para o gabinete particular do dito chanceller-mór. Este achando-se satisfeito com meu serviço, conferio-me em 24 de Julho do mesmo anno um officio de propriedade na sua chancellaria. Algum tempo depois conferio-se me outro, igualmente de propriedade, e tal foi a preponderancia que cheguei a ter naquella Repartição Publica, que aconteceu mais de uma vez não despachar ella por não poder eu, por doente, comparecer.

Tendo a experiencia mostrado que por ignorancia do Vedor da chancellaria-mór, que era o empregado mais graduado della, o Estado era lesado na percepção dos direitos de chancellaria, creou-se o logar de Contador e este emprego foi conferido a meu pai, o qual pouco tempo serviu, porque as suas occupações de administrador da alfandega não lhe permittião comparecer com assiduidade na chancellaria-mór. Passei eu a servir o dito emprego e por morte de meu pai me foi elle conferido de propriedade pelo Principe Regente do Brasil.

(3)

Em 13 de Maio de 1810, em galardão de meus bons serviços e consideração por meu pai, me fez o sr. D. João 6.º mercê do habito da ordem de Christo, com 12 mil reis de Tença.

Meu Pai gozava de um credito tal de intelligencia e probidade que o sr. Rei D. João 6.º, depois de regressar a Portugal, ordenou ao seu antigo ministro Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal de fazer uma Exposição do governo e administração do Brasil durante a estada do mesmo augusto sr. no Rio de Janeiro. Thomaz Antonio emprehendeu a obra, mas não a acabou, porque antes disso aconteceu a morte do rei. S. Magestade via de quando em quando o trabalho de Thomaz Antonio e muitas vezes o ajudava com a sua larga memoria. Thomaz Antonio, fallando nesse trabalho dos melhoramentos operados na admi-

nistração da Fazenda e sobretudo da alfandega, os attribue em grande parte a meu pai, e nesse lugar lhe tece um elogio. El-rei, de sua propria mão, poz a seguinte emenda = e com um desinteresse sem exemplo =. Este papel ainda por terminar e com lacunas no que já estava feito, por morte d'el-rei ficou em poder de Thomaz Antonio, de quem o recebi em Lisboa, dizendo-me que o guardasse, porque aquellas palavras escriptas pela mão do rei erão um monumento de gloria para os descendentes d'aquelle homem a quem ellas se referião. Este papel ficou com alguns outros em uma pasta e se escapou ao incendio lá está para attestar o que digo.

Meu pai adoeceu de dôr e consternação pelos funestos acontecimentos da Praça do Commercio do Rio de Janeiro em Abril de 1821. El-rei, antes de partir, lhe mandou dizer por Antonio Luiz Pereira da Cunha que, desejando dar uma prova da estima em que o tinha, pedisse elle o que quizesse para si e para sua familia. Meu pai respondeu que, em tão criticas circumstancias, era melhor que o rei empregasse toda a sua attenção aos negocios do Estado, e não a desviasse para curar de interesses pessoaes. Ainda depois disto o rei mandou pelo conde de Paraty dizer a meu pai que fizesse elle os decretos que quizesse e que os mandasse para receberem a real assignatura. A resposta de meu pai ao conde de Paraty foi ainda mais dura do que aquella que já havia dado a Antonio Luiz Pereira da Cunha. Nem os rogos de seu amigo Thomaz Antonio o puderão demover de seu proposito, nada quiz pedir; nada quiz acceitar do que a generosidade do rei lhe offerecia, e no dia 9 de Maio falleceu.

(4)

O que refere de 1817 é exacto. Fui com effeito denunciado de pedreiro livre por José Anselmo Corrêa, pai do actual visconde de Seiçal, actual ministro de Portugal em Bruxellas, e eu não era, não fui e ainda hoje não sou pedreiro livre! A denuncia fez grande impressão no animo d'el-rei e de Thomaz Antonio, porque ambos me tinhão em bom conceito. José Albano Fragoso, juiz da Inconfidencia, com quem eu tinha estreitas relações de amizade, foi encarregado por Thomaz Antonio de se prevalecer desta estreita amizade para descobrir a verdade e desviar-me de maus conselhos. José Albano Fragoso, no desempenho desta commissão, conduziu-se tão indignamente que muito contribuio para aggravar as circumstancias em que então me achei. Sabía muito bem que eu não era pedreiro livre, que a denuncia era falsa, e commigo lamentava que o governo se achasse em circumstancias de autorisar espiões para macular reputações. O ser pedreiro livre era então um crime. Mas a Thomaz Antonio dizia elle o contrario do que sabia e conversava commigo. Não me accusava directamente, nem confirmava a denuncia, mas com palavras mysteriosas sustentava a suspeita, ora menos, ora mais fortemente, e emittia a opinião de ser eu mandado para fóra do Brasil. Esta opinião calou no animo de Thomaz Antonio, que se decidiu por ella. S. Ex.ª declarou-me em fim que me preparasse

para ir no paquete para Londres, afim de servir na Embaixada, sem me dizer em que posto. Respondi que voluntariamente não partia, que eu era innocente e que os innocentes não pedião perdão nem aceitavão a commiseração de quem quer que fosse. Que se me julgava criminoso mandasse pôr-me em processo, e que se me julgava innocente não consentisse que se abusasse da sua boa fé, nem que o fizessem instrumento da perseguição de um moço que no principio da sua carreira tinha já dado boas provas da sua honra e da sua probidade. Esta resposta fez abalo no animo de Thomaz Antonio, e como eu me achasse então moralmente doente com os desgostos que me causava a perseguição, conviemos em ir para Santa Catharina mudar de ares, com seis mezes de licença.

(5)

Da denuncia ao dia de minha partida decorrerão muitos mezes, mais de um anno, e neste longo intervallo a minha saude soffreu muito. José Albano abusava da minha amizade, atraiçoava a verdade e mentia ao ministro, e tudo para que? Sem vergonha o não digo. Queria desconceituar-me ou perder-me para ficar um lugar vago na chancellaria-mór que elle solicitava para seu enteado Manoel Placido da Cunha Valle!

No principio da minha vida uma tal calumnia parecia dever ser o preludio de muitas outras, em que no decurso della teria eu de soffrer da maldade dos homens. A este respeito contarei uma anecdota. Dois annos depois de eu estar em Lisboa disse-me a rainha D. Maria 2.ª, em um daquelles momentos em que ella era amavel e boa, o seguinte: «Ora, você sabe que por muito tempo estive enganada a seu respeito.? A' sua chegada aqui disserão-me e eu lhe digo quem foi, foi o Almeidão (Verissimo Maximo de Almeida) que você era um grande jogador e um grande beberrão. Acreditei, e quando vi que você não jogava nem bebia, suppuz ao principio que era por dissimulação e só depois é que tive certeza de que me tinhão mentido a este respeito.» «Fique V. Magestade certa que não será esta a ultima mentira que lhe hão de pregar, e eu espero que as que forem a meu respeito tenhão todas o mesmo resultado que esta teve. Mas não queira mal por isso a esse pobre moço que me calumniou na sua augusta presença, porque elle nem sabe o que diz, nem merece tanta honra.»

O sr. D. Pedro 1.º, desde o principio do seu reinado até 1830, me attribuia a maior parte das cousas que se fazião no Rio de Janeiro ou se publicavão pela imprensa, e ainda no tempo em que eu me achava no exilio. Agora mesmo passo por autor de cousas que não fiz e soffro as consequencias da calumnia. Voltaire diz, não sei onde, que todo o homem conspicuo em dignidade e saber tem infallivelmente emulos e delatores, os quaes se augmentão á proporção que lhe cresce a celebridade. Quanto a mim, é de certo por causa da dignidade que sempre sustentei, que formigão os delatores.

(6)

Quando regressei a Santa Catharina, encarregado da commissão de que falla a biographia, a qual tinha por fim colonisar as terras que banhão o rio Itajahy, Thomaz Antonio me disse que no meu regresso S. M. me despacharia governador para uma das provincias do Brasil. Fazendo a este dito as objecções que nascião da minha incapacidade (tinha eu então 25 annos de idade), respondeu-me que eu tinha o genio criador e o talento de governar, e que estas qualidades reunidas devião ser aproveitadas. O que eu tinha realmente era um zelo e um amor pelo Brasil que não podião ser excedidos.

Durante o meu exilio na Europa, sendo collaborador do *Journal des Voyages* etc., publiquei varios artigos concernentes aos interesses do Brasil e em um ou dois delles fallei do rio Itajahy, do celebre monte Tayó, onde ha, segundo se suppõe, abundantes minas de prata, e da minha viagem e residencia nas margens daquelle rio.

Foi no meu tempo em Santa Catharina e por proposta minha, que Thomaz Antonio determinou a abertura de uma estrada de Santa Catharina a Lages, e desannexou esta villa da provincia de S. Paulo para a reunir á provincia de Santa Catharina. A obra da abertura da estrada foi interrompida pela revolução de 1821, que decidio do regresso do rei D. João 6.º a Portugal. Não sei se depois da independencia essa obra continuou, nem o estado em que se acha. O que me parece é que deve ser acabada e em toda a sua extensão criadas colonias agricolas de gente livre, cujo numero nunca será demasiado. Todo aquelle terreno é muito productivo. Da vargem dos pinheiros se tirou o mastro grande para a nau *D. Sebastião,* que foi construida no Rio de Janeiro. A intenção de Thomaz Antonio era de criar ahi colonias nacionaes e estrangeiras.

(7)

Ha aqui muita exageração. Alguns trabalhos se fizerão no rio Itajahy; mas nem houve tempo nem meios para os levar ao cabo. Todavia ali se construio uma sumaca denominada *S. Domingos Lourenço,* que foi a primeira embarcação daquelle lote que passou a barra do rio Itajahy, carregada de feijão, milho e taboado, para o Rio de Janeiro. Do rio Itajahy mandei a madeira para a obra do museu do campo de S. Anna, e mandei de presente, porque era cortada e cerrada á minha custa. Soube depois que uma parte da madeira que mandei para as obras do museu fôra distrahida por Thomaz Pereira de Castro Vianna, que servia de thezoureiro do mesmo museu, para as obras que monsenhor Miranda fazia em uma chacara sua. Todos sabem que o museu do campo de S. Anna principiou em uma casa que o governo comprou, sendo ministro Thomaz Antonio, a João Rodrigues Pereira de Almeida, no campo de S. Anna, canto da rua dos Ciganos, a qual não sendo bastante, o ministro mandou fazer novas construcções pelo lado do campo de S. Anna em terrenos que para esse fim comprou, o que tudo junto forma hoje o museu nacional.

Durante a minha estada na provincia de S.ta Catharina percorri o rio de S. Francisco do Sul, e no museu nacional devem existir algumas perolas que eu mandei, pescadas naquelle rio. Erão pequenas, mas de boa qualidade.

A provincia de S.ta Catharina pela sua posição geographica, pelos seus portos, rios, lagos e mattas e pela fertilidade de seu terreno, deve merecer amplos cuidados do governo. A enseada de Garopas é um dos melhores portos do mundo. A caixa d'agua pode conter innumeros navios abrigados de todos os ventos. Os catharinetas amão a vida do mar e são bons marinheiros. Deve-se criar alli e fazer prosperar uma boa povoação maritima. Para isso é necessario proteger a pesca em grande. A pesca é o viveiro de marinheiros e produz muito alimento barato. O ministro Thomaz Antonio tinha em vista fazer de S.ta Catharina um grande arsenal maritimo. Tinha em vista elevar aquella provincia a um gráu de grande prosperidade. S.ta Catharina é o posto avançado do Rio de Janeiro no Rio da Prata.

(8)

Foi um aviso do almirante Quintella, ministro do reino da revolução de 26 de Fevereiro de 1821, pelo qual me participava que *tendo a tropa* reunida pelo silencio da noite, na praça do Rocio, proclamado a constituição que se fizesse em Portugal, S. M. havia annuido e nomeado a elle almirante seu ministro do reino; que, sendo necessario nas actuaes circumstancias proceder com a mais severa economia, suspendesse eu todas as obras que exigissem despeza e me retirasse para a côrte, porque S. M. dava por acabada a commissão de que eu estava encarregado.

(9)

É um facto algum tanto exagerado. Era então governador de S.ta Catharina o coronel João Vieira de Tovar, e intendente de marinha o capitão de mar e guerra Miguel de Souza Mello e Alvim. Tão ignorante, estouvado e brutal era o governador, como intelligente, circumspecto e polido o intendente de marinha. Tovar era de uma familia de Portugal bem nascida, tinha um irmão official general no exercito portuguez, outro desembargador em Gôa, onde foi secretario do governo, encarregado de escrever a historia diplomatica de Portugal, e depois, de uma missão em Hespanha para o fim de advogar os direitos do Infante D. Sebastião; o terceiro irmão era tambem militar, governou provincias subalternas do Brasil, explorou o rio Doce e foi capitão general de Angola, e o quarto é magistrado em Portugal. Tovar veio para o Brasil na divisão de voluntarios reaes commandada por Lecór, era então major de cavaleria do regimento n.º 4 de Portugal. Na campanha do sul perdeu o braço direito na batalha da India Morta, se me não engano. Foi então mandado para S.ta Catharina na qualidade de commandante do deposito que ahi se estabeleceu para os doentes do exercito, e se lhe ajuntou depois o governo da

provincia por protecção de monsenhor Miranda, em substituição de D. Luiz Mauricio da Silveira, que por muitos annos governou aquella provincia, dando o ordenado do lugar ao Freitas Corcunda, official maior da secretaria da marinha, para o sustentar no emprego, ficando elle com o fructo da corrupção com que governava. A Tovar, porque era incapaz, se lhe ajuntou Miguel de Souza, intendente da marinha e ajudante de ordens do governo, e deu-se instrucções a Tovar para que nada fizesse sem o conselho e approvação de Miguel de Souza. Tovar era limpo de mãos, no exercicio do governo alguns despropositos praticou, mas Miguel de Souza evitou muitos outros e deu uma forma regular ao governo da provincia.

Tal era o estado daquella provincia quando ali chegou a noticia da revolução de 26 de Fevereiro de 1821 no Rio de Janeiro. O officio que recebeu Tovar do novo ministro do reino era concebido nos mesmos termos do que me fôra dirigido, e nem um nem outro se explicava acerca das occurrencias de 26 de Fevereiro, deixando entrever que era pela vontade do Rei que assim se tinha obrado. Estes officios forão levados por um brigue de guerra, o qual fundeou á entrada da barra do norte e mandou por um escaler leval-os á cidade do Desterro. O brigue encarregado de entregar os taes despachos, acto continuo seguiu para Montevideo com despachos para o general Lecor. O official que commandava o escaler e a gente que o guarnecia tinhão ordem de guardar o mais inviolavel segredo sobre as occurrencias do Rio de Janeiro. Tovar com Miguel de Souza e commigo, unicos que suppunhamos ter conhecimento dellas, concordamos em manter o segredo, mas foi em vão, porque já se achava divulgado pelos marinheiros e talvez pelo proprio official do escaler. Algum rumor começou-se a sentir da parte do povo. O regimento de linha estava em Missões. Havia sómente de tropa paga uma companhia de artilharia, cujos officiaes erão portuguezes. A força da provincia consistia em dois regimentos de infantaria, dois de caçadores e outro de cavallaria, todos milicianos, e nestes a maxima parte dos officiaes era brasileira. Tovar poude conter a companhia de artilharia, que era a força activa que se achava reunida; outro tanto, porém, não podia fazer a respeito da força miliciana espalhada em toda a provincia. Esta só dependia para se revoltar que da cidade lhe dessem o signal. Foi então que eu disse aos moços que se agitarão pelo enthusiasmo politico e que me consultarão, que a revolução era portugueza e que os brasileiros se não devião metter nella; que deixassem correr o tempo e que fossem observando e estudando, porque quando chegasse a nossa vez seria para a independencia do Brasil. A minha voz foi ouvida e comprehendida. Em S.[ta] Catharina manteve-se a tranquillidade até eu deixar aquella provincia. Tovar foi rendido por Valente, commandante do batalhão de caçadores n.° 3, e que não quizera revoltar-se com o seu corpo no dia 26 de Fevereiro. A escolha não podia ser peior. Valente não tinha merito algum; como militar nem para sargento servia e como administrador ou politico era completamente nullo. Era, na força do termo, uma

entidade analphabeta. Foi talvez por isso que depois da independencia foi elevado no Brasil a general, conde, gran cruz do Cruzeiro e encarregado de inportantes commissões, das quaes deu conta correspondente a seu merito, que não vai aqui exagerado. Valente não poude sustentar-se por muito tempo em S.ta Catharina. Esta digressão parece extranha, mas como cahiu, não sei porque, do bico da penna, deixo ir.

(10)

Não é exacto. A minha opinião foi seguida e eu deixei S.ta Catharina porque era chamado ao Rio. Tinha pressa de partir afim de chegar antes da sahida d'el-rei para Portugal. Parti na sumaca *Venus* de João Luiz do Livramento e fui levado a bordo por Tovar, Miguel de Souza, José Feliciano, secretario do governo, Diogo Duarte Silva, thezoureiro da Junta de Fazenda, José Maria Pinto, capitão do porto, Manoel Francisco da Costa e muitas outras pessoas. O temporal é verdadeiro. Infelizmente tambem é verdade que eu cheguei ao Rio de Janeiro no dia 9 de Maio de 1821 e que nesse mesmo dia expirava meu Pai.

Não é fóra de proposito contar que achei o conde dos Arcos no ministerio do reino, e que este conde pelo seu caracter rancoroso perseguia aos amigos de Thomaz Antonio, de quem era inimigo, por inveja, e não por outro motivo, porque foi por influencia de Thomaz Antonio que o rei o nomeou capitão general da Bahia e ministro da marinha. Depois da minha chegada ao Rio, passado o nojo pela morte de meu pai, logo que as minhas forças permittirão fui apresentar-me ao conde dos Arcos, que morava em sua casa no campo de S. Anna, que é actualmente o paço do Senado. Esperava ser mal recebido, mas qual não foi a minha surpreza quando vi o contrario. O conde me recebeu com affectada franqueza e muita cortezia, evitou fallar de negocios, dizendo-me que o golpe pelo qual eu tinha passado era tal que seria cruel da parte delle incommodar-me com negocios, que depois fallariamos disso, e que contasse com a sua boa vontade em meu favor. Ao despedir-me acompanhou-me até o patamal da escada, ahi me apertou a mão e quando abaixo della eu lhe fazia a minha cortezia, elle despedio-me com estas palavras: « Folgarei ser-lhe agradavel ».

Em 5 de Junho foi o conde demittido por exigencia da tropa portugueza, embarcado e remettido para Lisboa. Tocando na Bahia, onde tinha sido capitão general, ahi o tiverão em estado de prisão, e como preso de Estado continuou a sua viagem para Lisboa. Pedro Alves Diniz foi quem o substituio no lugar de ministro do reino por apresentação da tropa naquelle mesmo dia 5 de Junho. Pòr este ministro soube eu depois que o conde dos Arcos mandára examinar nas thezourarias de S.ta Catharina, Rio Grande e no Erario do Rio de Janeiro o estado das minhas contas durante a commissão de que tinha estado encarregado com a Fazenda Publica. Disse-me mais que todos aquelles papeis já

tinhão subido á sua presença, e que se acharão no caso de se me dar quitação, o que elle ia fazer com prazer, porque era digno de louvor o modo por que eu me havia conduzido e a regularidade das minhas contas. Então é que percebi a razão pela qual o conde se havia mostrado affavel e polido e evitara fallar em negocios quando eu o visitei de volta de S.[ta] Catharina. O conde desconfiou, e nisto me fez grave injustiça, que eu estaria alcançado com o Erario ou teria gerido mal os dinheiros do Estado, e que sendo assim era chegada a occasião de poder elle saborear o prazer da vingança. A sua affabilidade não era pois mais do que uma dissimulação estudada.

(11)

No mesmo mez de Maio do meu regresso ao Rio de Janeiro, recomecei os meus trabalhos na chancellaria-mór, mas não frequentei a sociedade. O Rio de Janeiro apresentava então uma physionomia anormal bem triste.

Do dia 26 de Fevereiro, o theatro era o logar onde se commettião todas as noutes as mais inauditas scenas de anarchia social em presença do rei e depois do Principe Regente. A representação era continuadamente interrompida por miseraveis poetas que repetião maus e grosseiros versos, muitas vezes insultantes á magestade que se achava presente. A platéa exercia uma tyrannia de que não ha exemplo e que lhe fôra importada de Lisboa. Nem as senhoras estavão a abrigo dessa tyrannia. Se qualquer da platéa gritasse: « Cantem as senhoras Fulanas e Fulanas », as pobres indigitadas não tinhão remedio senão cantar, alias ficarião expostas aos mais grosseiros insultos de uma platéa composta de militares ebrios e caixeiros malcriados e enthusiasmados pelas glorias da mãi-patria. As familias honestas deixavão de frequentar o theatro e só comparecião ali aquellas cujos chefes ou parentes pertencião á sucia dos dominadores do dia, ou procuravão tirar partido da situação. O Rio de Janeiro podia dizer-se uma cidade conquistada. O Principe Regente estava completamente unido aos conquistadores. Erão elles os corpos da divisão auxiliadora e os chatins das ruas da Quitanda e do Rosario. O Principe Regente affeiçoou-se á mulher do general dessa tropa Jorge d'Avilez, que ao depois foi feito conde do mesmo nome pelo rei D. Pedro 4.º de Portugal. As orgias do principe com taes officiaes erão quasi diarias para os differentes pontos dos lindos arrabaldes do Rio de Janeiro e Praia Grande.

Semelhante situação justifica o isolamento a que se votára a maxima parte dos fluminenses naquella desgraçada epoca. O luto que eu trazia por meu pai, luto nos vestidos e no coração, desculpava para com todos a minha ausencia. Assim não compareci ao baile dado em 24 de Agosto, 1.º anniversario da revolução do Porto, pelos officiaes da divisão auxiliadora sob a protecção do Principe Regente, para o qual tinha sido convidado. O baile foi dado na sala do theatro então de S. João e hoje de S. Pedro, tendo-se corrido o tablado por cima da platéa até o camarote real. Foi sumptuoso, mas, segundo o que então

se disse, scenas escandalosas se passarão ali, sobretudo depois da meia noite, quando a embriaguez era já mais decidida dos autores delle. Felizmente soube no dia seguinte que as familias brasileiras mais respeitaveis, não obstante o empenho do Principe Regente e o receio da vingança, não havião tambem comparecido. O baile e tudo quanto se passou nelle foi completamente portuguez. De Setembro em diante comecei a comparecer menos na chancellaria-mór. Com a partida da côrte portugueza os negocios que se tratavão na chancellaria diminuirão consideravelmente e ninguem cuidava já do presente, senão para liquidar as suas contas com o passado afim de entrar desembaraçadamente na nova era que se aproximava. Do meio de Dezembro em diante não compareci mais na chancellaria-mór. Obrigações de maior importancia reclamavão a minha attenção. Desta minha ausencia resultou a perda dos emolumentos que percebia pelos officios que tinha naquelle tribunal, porque os collegas forão inexoraveis commigo: excluirão-me da repartição dos emolumentos e ficarão com aquelles que me erão exclusivos, e eu nunca reclamei, nem lhes fiz a menor observação. O tempo era de revolução ou antes de anarchia, e a chancellaria-mór não podia ficar isenta da lepra que então lavrava no paiz.

(12)

Até aqui, salvas pequenas incorrecções, é exacto. É, porém, necessario explicar a minha ida a Pernambuco. No Rio de Janeiro contava-se muito com Pernambuco para resistir a Portugal. Os precedentes desta provincia e o caracter bellicoso de seus filhos erão uma garantia de que jamais abandonaria o Rio de Janeiro na nobre empreza da emancipação commum. A Bahia estava occupada pelas forças de Portugal e para ali convergia toda a actividade da metropole portugueza afim de recolonisar em seu proveito o novo reino do Brasil. Era pois necessario apertar a Bahia entre o Rio de Janeiro e Pernambuco. Esta ultima provincia havia expulsado o Verres, que desde 1817 até 21 a havia tyrannisado. A crueldade de Luiz do Rego Barreto, sobretudo em quanto teve por secretario e mentor o tenente coronel Andréas, que depois tanto figurou e foi galardoado no tempo calamitoso das regencias, que continuou até o actual reinado, foi tal que se davão palmatoadas nas mulheres livres por trazerem o cabello cortado, que era indicio de ser republicano! E foi na regencia de um pernambucano que este Andréas, já general, já marechal do exercito, foi encarregado de trucidar brasileiros!

Expulso Luiz do Rego, installou-se um governo provisorio de sete membros, do qual foi eleito presidente Gervasio Pires Ferreira. Este abastado negociante havia tomado parte nos acontecimentos de 1817 e foi o ministro da Fazenda da Republica daquella epoca. Preso e posto em processo perante a terrivel alçada de Bernardo Teixeira, emmudeceu na prisão da Bahia e tal foi a constancia de seu caracter que apezar do mais duro tratamento nunca trahio o seu proposito. Estava ainda mudo quando foi eleito presidente do governo provisorio.

Já tinha contrahido o habito de não fallar e ainda se conservou mudo nas primeiras sessões do seu governo, escrevendo em uma louza o que tinha a dizer. Gervasio não era nada affecto a Portugal, mas tambem não queria decidir-se pelo Rio de Janeiro. Temia que a regencia do Principe não deparasse em absolutismo. As suas idéas se concentravão na republica pernambucana, ou quando muito na confederação do Equador. Manoel Paes de Carvalho, homem ominoso que havía entrado na revolução de 1817 e fugido dos perigos della, como depois fugiu dos perigos de todas as outras em que entrou, era o homem popular da infima classe e seguia Gervasio nestas idéas. Servia então de intendente da marinha. A politica pois desses dous homens influentes era de conservar a provincia apparentemente obediente ao Rio de Janeiro e a Lisboa, recebendo desta tanta tropa quanta fosse necessaria para se manter em respeito com aquella e que em tempo opportuno pudesse ser dissolvida sem maior esforço e reenviada a Portugal. Era a politica de expectação ou de ganha tempo.

Em conformidade com esta politica recebeu Pernambuco alguma tropa de Portugal. Esta noticia chegou ao Rio de Janeiro por uma gazeta, formato in 4.°, intitulada *Cega-rega* e impressa em typos de madeira. O Principe Regente foi a unica pessoa que a recebeu. A *Cega-rega* dizia que os pernambucanos havião recebido aquellas tropas com tanta satisfação como se recebessem irmãos por muito tempo ausentes. Esta noticia fez dolorosa impressão no animo do Principe. S. Alteza foi á noute ao theatro e a tristeza que se divisava no semblante mostrava que alguma cousa de importante o preoccupava. Mandou pelo seu guarda-roupa João Maria Berquó, que depois foi camarista e marquez de Cantagallo, mostrar a referida *Cega-rega* a algumas pessoas do Club da Independencia, que se chamava então da Resistencia, e que se achavão em um camarote. Estas pessoas ali reunidas erão: José Mariano de Azeredo Coutinho, José Joaquim da Rocha, meu irmão Luiz e eu. Respondeu-se que se avisaria nos meios de contrariar aquellas demonstrações e que no emtanto descançasse S. Alteza, porque a respeito do espirito pernambucano seria injustiça duvidar da sua lealdade. O Principe deixou o theatro mais cedo do que de costume. Nós seguimos o exemplo e seguimos para a casa de José Mariano na rua do Cano, onde se reunirão alguns outros dos nove primitivos que prepararão e concertarão a resistencia a Portugal. Ali se decidio, depois de uma breve discussão, que fosse um de nós a Pernambuco observar as tendencias e esclarecer os pernambucanos, se fosse necessario, sobre as intenções do Rio de Janeiro. Tomada esta deliberação, tratou-se da escolha do que devia ir, e por unanimidade, menos um voto, fui eu o escolhido. Esta deliberação foi communicada ao Principe na manhã seguinte por José Mariano e por mim. Mas era necessario uma licença do governo para eu poder ausentar-me da côrte e dos empregos que nella exercia; mas era tambem necessario guardar segredo acerca do destino que eu levava. Isto ali ponderado, dictei eu mesmo e o principe escreveu a minuta da licença nos termos de me ser concedida para estar ausente da côrte sem decla-

ração de tempo nem de destino. O modo pelo qual a biographia conta a minha partida, chegada a Pernambuco, etc., é em tudo conforme com a verdade. O que ella não conta e que eu contarei aqui é o seguinte:

Na reunião em que se decidio da minha ida a Pernambuco tratou-se igualmente de votar uma quantia para as despezas da viagem, da residencia, eventuaes, etc. Mano Luiz offereceu-se para fazer elle todas aquellas despezas á sua custa, o que executou com aquella generosidade e grandeza d'alma que o distinguia, indo muito além do que era necessario.

A minha ausencia excedeu de seis mezes e na conformidade da lei, o governo não póde dar licença por mais de seis mezes com vencimento de ordenado, e a licença que me foi concedida, por mim mesmo redigida, nem sequer nisso fallava. Regressando ao Rio de Janeiro achei no ministerio da Fazenda, exercendo cargo de ministro, o meu amigo Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Julguei que o ordenado do meu emprego me era devido pelo tempo que estive ausente d'elle em tão importante commissão. Não havia bem reflectido, mas na crença de que me era devido requeri ao ministro que me mandasse pagar pela Thezouraria Mór, visto não ter eu entrado em folha do Conselho da Fazenda, por não ter requerido como de costume em consequencia da minha ausencia. Fiz este requerimento sem fallar previamente a Martim Francisco, e qual não foi minha admiração quando me constou que o meu nome se achava no livro da porta do Erario com um escusado! Fallei então a Martim Francisco e este me disse que eu tinha feito importantissimos serviços e que se requeresse uma recompensa pecuniaria, apesar da penuria da Fazenda seria elle o primeiro a votar uma quantia avultada, mas quanto ao pagamento do ordenado pelo tempo que estive ausente, não o podia fazer, porque era contra a lei. Queixei-me então da publicação do escusado, dizendo que o publico que visse o meu nome no livro do porta, escusado por um amigo meu em uma pretenção minha, deveria suppôr que essa pretenção era, além de injusta, excessiva e extraordinaria. A isto respondeu Martim Francisco que em cousas de officio fallava o dever e não a amizade, que eu tinha feito um requerimento e que esse requerimento devia ter um despacho. Não fallei mais nisso e no dia seguinte dirigi-lhe um officio offerecendo para as urgencias do Estado tudo quanto até aquelle dia o Erario me devia. Martim Francisco respondeu-me por uma portaria que o Imperador agradecia esta nova prova do meu zelo pela causa publica. É de notar que, além do tempo em que estive ausente com licença, ainda se me devia ordenados atrazados, que não havia recebido por negligencia minha ou pelo atrazo em que se achava então o Erario. O meu requerimento assim escusado deve achar-se no Thezouro, bem como o officio pelo qual offereci tudo quanto se me devia para as urgencias do Estado e o registro da portaria em resposta de Martim Francisco. A perseguição deu cabo de uma parte de meus papeis e o incendio levou o resto. Não me ficou senão a memoria já enfraquecida pela idade e pelos desgostos da vida publica.

Não obstante ser este facto de notoriedade publica, pois constava de documentos officiaes, como são o despacho do ministro e a portaria em resposta á minha offerta, houve quem me calumniasse depois, dizendo que eu recebera do Thezouro sommas avultadas para ir a Pernambuco, onde nada fizera. Mas o calumniador era um homem tão ambicioso e invejoso que a sua calumnia nem sequer satisfez ao proverbio que della sempre fica alguma cousa.

Depois do acontecimento memoravel do 1.° de Junho de 1822, pelo qual a provincia de Pernambuco unio-se ao Rio de Janeiro e reconheceu o principe como regente do Brasil e tão independente no exercicio das suas altas funcções como seu pai o era no governo de Portugal; estando já a partir a deputação pernambucana, composta de 3 membros, para ir ao Rio de Janeiro render as devidas homenagens ao principe e manifestar a firme opinião da provincia de permanecer unida á do Rio de Janeiro na santa causa de que se tratava; estando eu tambem proximo a deixar Pernambuco, pois que só me faltava para isso occasião propicia que (me) levasse a Bahia, chegou a Pernambuco procedente do Rio de Janeiro o desembargador Bernardo José da Gama. Sinto não poder, porque me falha a memoria, fixar o dia da chegada deste individuo, mas ella devía ter acontecido nos fins de Junho, sendo hoje facil de verificar, uma vez que se recorra ás noticias maritimas da folha official do Rio de Janeiro, onde se pode encontrar o dia da partida.

Quando o Gama sahio do Rio de Janeiro ainda não havia ali chegado a noticia do memoravel acontecimento do 1.° de Junho. As communicações entre Pernambuco e o Rio de Janeiro erão então bem pouco frequentes. Gama ao chegar a Pernambuco ficou surprehendido com o memoravel acontecimento do 1.° de Junho e não poude disfarçar a contrariedade que esse acontecimento lhe causava. Procurou-me immediatamente e eu o recebi sem o menor disfarce nem suspeita, posto já soubesse do descontentamento em que elle se achava. Gama ao principio da conversação não se pronunciou a respeito do 1.° de Junho; todo o seu proposito foi fallar contra José Bonifacio, dizendo-me que a maçonaria é que o mandara a Pernambuco para accelerar a união com o Río de Janeiro; que elle era o agente e o representante da maçonaria; que José Bonifacio era um homem de idéas retrogradas, já desconceituado, e que era necessario que de toda a parte os bons brasileiros concorressem para o derribar do poder. Quanto ao 1.° de Junho, com o qual elle Gama não contara, não lhe parecia completo e que elle estava disposto a fazer as cousas por outro modo. Não refiro palavra por palavra, refiro tão sómente o sentido das palavras do Gama, que tinhão por fim desacreditar José Bonifacio e derribal-o do poder para que elle e outros se amparassem *(sic)* delle.

Respondi a Gama que a sua chegada era para mim uma surpreza, porque ninguem do Rio de Janeiro me havia participado, mas que todavia estimava muito, porque eu não tinha ambição pessoal e que todos os meus esforços se reunião em favor do triumpho da causa do Brasil; que eu estava a partir para o Rio de Janeiro

e que por motivos particulares não ia na escuna de guerra *Maria Zeferina*, que transportara a deputação; que me parecia que os pernambucanos ja não precisávão que os esclarecessem acerca das intenções do Rio de Janeiro, que estavão bem ao facto de tudo e erão de um caracter tão nobre que o duvidar delles seria um attentado contra o bom senso, que uma só cousa tinha que pedir e recommendar a S. S.ª e era que, sendo necessario, empregasse toda a sua influencia para que se não dissolvesse tumultuariamente a Junta Provisoria do Governo; que eu a tinha sustentado, posto a não julgasse boa, sómente para evitar a sua queda por uma acção tumultuaria. Que era melhor esperar pelas providencias do principe do que prevenil-as por actos illegaes, que praticados uma vez não se lhes conhecia o termo. Este meu discurso não fez boa impressão no animo de Gama. Elle só tinha em vista o seu engrandecimento e a destituição de José Bonifacio.

Deixei Pernambuco dias depois, e ali ninguem soube nem como nem para onde fui. Levei commigo apenas um sacco com roupa e deixei em casa de minha cunhada, sem lhe dizer adeus, os meus bahus e toda a minha bagagem. Derão-me por morto e assim o participarão para o Rio de Janeiro.

Gama, como o seu fim era o seu engrandecimento e a destituição de José Bonifacio, aproveitando-se da minha ausencia, fez logo uma revolução contra a Junta do Governo, o que era cousa muito facil, para a dissolver e elevar-se elle á presidencia do novo governo e dahi contrariar a administração de José Bonifacio no Rio de Janeiro. Não lhe faltava força para dissolver um governo que não gozava da affeição publica; mas elle mesmo não gozava dessa affeição para ser escolhido para o substituir. A Junta foi dissolvida tumultuariamente, mas Gama não foi eleito nem presidente e nem sequer membro da nova. O seu desespero foi tal que disparou em invectivas e intrigas que muito mal fizerão á causa naquelle tempo.

Gama, apesar de sua ambição, não prosperou tanto como desejava. Não era amado nem em Pernambuco, sua terra, nem no Rio de Janeiro, nem em nenhuma outra parte, onde tivesse estado. Tinha sido juiz territorial em varias provincias e em todas brigado e sahido mal com todos. Do Maranhão, tal foi a desesperação em que poz o capitão general D. José Thomaz de Menezes, que sahio preso e em ferros por acto arbitrario e violento desta autoridade. Mas Gama não perdia occasião de requerer e allegar serviços. Aproveitou-se da dissolução da Assembléa Constituinte em 12 de novembro de 1823 para fazer causa commum com os autores e conselheiros desse inconsiderado e perigoso acto. Para os ganhar em seu favor dilacerava por palavras e por escripto a reputação dos Andradas e seus amigos. Era então moda calumniar a uns e a outros. Gama excedeu a todos no desempenho desta tarefa. Em todos os seus escriptos contra os Andradas reservava para a minha pessoa um lugar distincto, mas, apesar disso, não alcançava tudo o que queria. O Imperador não o havia contemplado na larga lista dos titulares com que enriqueceu a aristocracia brasileira. Foi

uma pena, porque então a lista seria completa. Gama redobrou de esforços, e em uma allegação de serviços que publicou pela imprensa disse que eu nada fizera em Pernambuco e que recebera do Thezouro largas sommas, e que elle, que tudo fizera, nada havia recebido. Foi então contemplado com o titulo de visconde de Goyanna.

Da minha parte nunca alleguei serviços, nunca pedi recompensas e posso affirmar que até hoje, 17 de Dezembro de 1860, ainda não fiz nem uma só petição pedindo recompensas e considerações do Estado. As secretarias de Estado lá estão e podem certificar se isto é verdade ou não.

Quanto a Pernambuco, appello para as cartas que d'ali escrevi a José Bonifacio de Andrada, e a José Joaquim da Rocha, áquelle como ministro de Estado e a este como membro da sociedade a que eu pertencia para levar a effeito a Independencia do Brasil. A um e a outro logo na primeira carta que escrevi disse, verbaes palavras: «Os pernambucanos não precisão que os estimulem para irem adiante, pelo contrario, se alguma cousa temos a fazer é puxar para traz, para que não vão muito depressa.» Estava tão convencido desta verdade que lhes não quiz tirar a gloria do acto do 1.° de Junho, que era delles, comparecendo eu na sessão publica em que se reuniu a camara municipal do Recife e a Junta Provisoria do Governo para ouvirem a vontade da provincia. Se ali compareci no momento da maior difficuldade, em que a preponderancia da Junta ia fazendo vacillar o animo dos assistentes, foi porque fui para isso buscado e procurado em minha casa da rua do Vigario pelos srs. Manoel Ignacio Cavalcanti de Lacerda e D.r Manoel Pedro Maia, e ainda no palacio do governo, dizendo a minha opinião aos meus amigos, recusei entrar na sala das sessões e só o fiz quando fui a isso compellido por um movimento repentino do coronel José de Barros Falcão. Veja-se o relatorio que dessa memoravel sessão fez o presidente da junta Gervasio Pires Ferreira e dirigiu ás côrtes de Portugal. Foi impresso em Lisboa nas folhas do tempo e deve achar-se registrado no livro competente da Secretaria do Governo de Pernambuco. Gervasio confessa que eu entrei estando já a sessão muito adiantada, que á minha presença elle pedira e bebêra um copo d'agua e concluira por assignar a acta com declaração de que o fazia por ser isso da vontade do povo. Se, pois, algum serviço fiz foi em esclarecer os pernambucanos sobre as intenções do Rio de Janeiro, dando conhecimento do verdadeiro estado das cousas e não compellindo ou seduzindo a homens que desejavão a Independencia do Brasil tão ardentemente como eu. O sr. Manoel Ignacio Cavalcanti de Lacerda, acima referido, actualmente senador e presidente do senado, e cuja probidade não precisa de elogios, pode dizer se nesta minha narração ha alguma cousa de inexacto. O D.r Maia, tambem acima referido, já não existe: com a sua morte prematura o Brasil perdeu um filho enthusiasta da Independencia e eu um amigo.

Por occasião da coroação do 1.° Imperador e da criação da imperial ordem do Cruzeiro, José Bonifacio encarregou-me de fazer a lista das pessoas das pro-

vincias do norte que havião trabalhado para a Independencia, afim de serem contemplados com a nova ordem, que era o premio do merito. Fiz a lista com todo o escrupulo e a apresentei ao ministro, não dentro de 24 horas, como elle exigia, mas depois de trez dias de reflexão. Ao lêl-a José Bonifacio apertou-me trez vezes a mão em prova de satisfação de não me achar contemplado nella. Tinha intenção, disse-me então, de o distinguir não o contemplando no despacho. Era o mais que lhe podia fazer, porque o igualava a mim; mas se o seu nome viesse nesta lista não teria remedio senão mudar de proposito, e isto muito me custaria. Agradeci a José Bonifacio esta grande prova de amizade que me dava. Mas qual não foi minha admiração quando no dia da coroação, lendo no Palacio da cidade a lista dos despachos, deparei com o meu nome no numero dos cavalleiros! Contrariava o que José Bonifacio me havia dito e tanto me havia lisongeado, e era uma mercê que pelo menos me desigualava dos meus amigos e companheiros contemplados em grau superior na mesma ordem. Confesso que me fez grande impressão naquelle momento. Quiz logo fallar a José Bonifacio para lhe pedir uma explicação, mas não foi isso possivel senão á noute no theatro. As occupações do dia nos trouxerão quasi sempre separados. José Bonifacio ignorava que o meu nome estivesse na lista e nem podia comprehender como fôra ahi introduzido. Esta declaração tranquilisou o meu espirito e no dia seguinte tratamos ambos de examinar o negocio. Moitinho, que havia feito a lista, é quem podia decifrar o enigma, e elle o fez apresentando um quarto de papel que havia recebido do Imperador na vespera á noute do dia da coroação e pelo qual S. M. determinava do seu proprio punho o dito despacho de cavalleiro do Cruzeiro. Em presença de tal papel escripto da mão do Imperador, que mostrava ser o despacho espontaneo da vontade de S. M., fiquei por extremo satisfeito e nenhum outro despacho, por maior que fosse, conferido de outro modo, podia ser, como este, tão lisongeiro á minha vaidade, nem tão conforme com os meus sentimentos. O bilhete do Imperador assim escripto em um pedaço de papel, Moitinho o collou em uma folha para ficar na respectiva secretaria de estado, onde se deve encontrar nos papeis daquelle tempo.

O Imperador já me havia dado outra prova de estima e consideração nomeando-me em 12 de outubro de 1822, dia da sua acclamação, moço da sua imperial camara. Foi o unico despacho daquelle memoravel dia. A primeira assignatura que fez como Imperador foi em meu favor. No 1.º de Dezembro seguinte, dia da coroação, é que fez os outros despachos da Casa Imperial. Devo dizer, para nada occultar, que depois do meu regresso de Pernambuco e do Imperador de S. Paulo, S. M., conversando commigo benignamente, perguntou-me se eu não tinha alguma pretenção, que dissesse o que queria. Respondi que não tinha pretenções, que nada queria para mim pessoalmente, e que só desejaria ser criado do 1.º Imperador do Brasil independente e constitucional. A nossa conversa a este respeito terminou aqui.

O meu desinteresse não podia ser maior: não tinha em vista, não anhelava senão ver firmada a Independencia e consolidado o Imperio do Brasil. Não queria outra cousa, não tinha outra ambição. Tive em minha mão a eleição dos deputados do Rio de Janeiro á Assembléa Constituinte, e nas mãos dos meus amigos as deputações de S. Paulo e Minas Geraes, e não quiz ser deputado! Respondi sempre aos amigos, que me compellião a entrar no numero dos candidatos, que eu era muito moço, e que não tinha ainda a experiencia necessaria para desempenhar tão altas funcções; que fóra da camara podia ser mais util do que dentro della. Se as eleições do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo não satisfizerão completamente, a culpa não foi minha, porque para acertar na escolha empreguei todos os disvelos da minha capacidade, tanto quanto a influencia que tinha me permittia então.

Reconheço que não devo fazer o elogio do meu desinteresse, porque ser desinteressado era o meu dever. Eu era então moço, na flor da idade, de imaginação viva e coração ardente, não podia manchar-me com a idéa do interesse pessoal. Esta mesma virtude tinhão os meus amigos, e nelles mais rara, porque erão muito mais velhos do que eu. A epoca era de desinteresse e heroismo, como os factos estão provando e cada vez mais, á proporção que nos afastamos della, e nós não podiamos fazer o contrario do que a epoca exigia, do que era do nosso tempo. Todavia, contarei ainda, posto que fóra do lugar, uma anecdota a respeito do meu desinteresse.

Com a Independencia ficou vago o officio de Vedor da chancellaria-mór, porque o seu proprietario José Maria Raposo tinha já precedido á côrte portugueza na ida para Portugal. Eu pertencia áquelle tribunal, era o mais antigo delle e considerado o mais habil. Já se tinha criado o emprego de contador para zelar a Fazenda Publica, que a ignorancia do Vedor desbaratava, e aquelle emprego foi dado a meu pai, servido por mim, a quem depois foi conferido de propriedade. Achando-se, pois, vago o officio de Vedor, tinha eu por todas as razões direito a elle. O officio era de grande importancia e tambem de grande rendimento, rendia de emolumentos para cima de 8 contos de reis, moeda daquelle tempo. Martim Francisco, ministro da Fazenda, homem de justiça direita, de antes quebrar do que torcer, propoz ao Imperador a minha nomeação. S. M. declinou a proposta, dizendo que já tinha promettido o officio a Francisco Xavier Raposo, irmão do proprietario que se tinha ausentado e que já estava servindo em nome delle. Martim Francisco replicou que uma promessa officiosa de S. M. não podia destruir um direito adquirido; e que demais Francisco Xavier Raposo era um homem incapaz e indigno de semelhante officio; que era um militar e que não devia sahir de sua carreira para invadir a carreira dos outros; que era um militar portuguez e tão incapaz que levára baixa em Portugal do posto de capitão por uma ordem do dia do marechal Beresford, que assim deshonrado viera para o Brasil, onde, por empenhos do medico Manoel Vieira da Silva, barão de Alvaiazere, fôra por decreto restituido ao posto de

capitão no estado maior do exercito do Brasil e promovido a major ; e finalmente que não devia ser nem era compativel com as circumstancias nomear semelhante homem para um emprego importante, que elle não sabia exercer e para o qual havia outro com direito adquirido e este brasileiro e benemerito.

O Imperador insistiu, e Martim Francisco declarou a S. M. em conselho que jamais referendaria o decreto que conferisse a Francisco Xavier Raposo a propriedade do officio de Vedor da chancellaria-mór. Os outros membros do conselho não tomarão parte nesta discussão. José Bonifacio deu-me parte do occorrido no mesmo dia, louvando muito a firmeza de caracter de seu irmão Martim Francisco. Eu tambem a louvei, mas disse a José Bonifacio que eu não pretendia nem queria semelhante officio e que se o quizesse desistia, porque por forma alguma consentia em ser causa de uma scisão no conselho. Fiz outras ponderações, que forão louvadas por José Bonifacio, e no dia seguinte fui ter com Martim Francisco, a quem repeti as ponderações que já tinha feito a seu irmão, concluindo que jamais acceitaria o officio de Vedor da chancellaria-mór que o Imperador bem ou mal havia promettido. Francisco Xavier Raposo foi provido no officio vago pela ausencia de seu irmão e tambem no posto de tenente da guarda imperial dos archeiros, que seu irmão serviu no Rio de Janeiro. Ora, o que é mais galante é que o irmão José Maria Raposo, que tinha ido para Portugal, foi depois indemnisado pelo Brasil em moeda sonante da perda dos seus officios, que elle abandonou e que não podia por estrangeiro exercer.

Depois deste acontecimento José Bonifacio offereceu-me e insistio commigo para acceitar uma missão diplomatica nos E. Unidos d'America do Norte. José Bonifacio considerava a missão diplomatica nos E. Unidos como sendo a mais delicada e da maior importancia e para a qual era necessario um homem de intelligencia e confiança. Não acceitei, resisti a toda a insistencia de José Bonifacio. Mais tarde soube que offerecera esta missão a Moitinho e que este a não acceitara, para não perder o lugar que tinha de official de gabinete do ministro.

No ministerio dos Andradas recebi duas mercês, como já disse, e estas tão pequenas que só tinhão valor pela espontaneidade com que forão conferidas pelo Imperador, por elle tão sómente, porque de uma nem o ministro teve noticia senão depois de publicada, como já referi. Dissolvido o ministerio dos Andradas fiquei na posição em que estava, não tinha nada, fiquei sem nada, porque já nem sequer exercia os officios que tinha na chancellaria-mór, confeferidos pelo sr. D. João VI e que erão meus de propriedade. Nesta posição me achou a dissolução d'Assembléa Constituinte, e nesta posição fui perseguido, posto em processo e obrigado a emigrar para salvar a vida do furor daquelles que nas noutes de 12, 13 e 14 de Novembro pedião em alta voz pelas ruas da cidade a minha cabeça. Estes erão mandados por outros, que a desejavão ver separada do meu corpo.

Já se vê que não recebi despacho nem recompensa alguma pecuniaria, como assoalhou Bernardo José da Gama pela imprensa, que eu havia recebido para ir a Pernambuco. Este pobre Gama, depois de ser elevado, á força de fallar mal de mim e dos Andradas, ao titulo de visconde, contentou-se com o premio e diminuio a sua agressão. Eu, quando li um dos seus impressos, que me remetterão para a Europa, sempre lhe escrevi uma carta, na qual, não me queixando de suas calumnias, disse tão sómente que lhe fazia doação de tudo quanto eu havia recebido do Thezouro para ir a Pernambuco, ou por outro qualquer titulo, podendo elle tirar certidão; á vista da qual receberia a somma doada. Não me respondeu a esta carta, e eu não consenti que fosse impressa, como desejavão os meus amigos. Não sei se foi por desprezo ou por caridade.

Devo repetir que os pernambucanos em these não precisavão de mim, nem de ninguem para se pronunciarem, como fizerão, com vehemencia pela santa causa da Independencia. Não direi o mesmo em hypothese, porque precisavão de quem os esclarecesse acerca das intenções do Rio de Janeiro, e tinhão um governo sombrio, que adoptara a politica espectante, sem querer tomar desde logo parte nos acontecimentos que se desenrolavão em todo o Brasil. Esta tarefa me cahiu em sorte, e eu a executei com tanto prazer como felicidade. Ainda hoje, e já lá vão 38 annos, na reflexão da velhice considero o tempo mais feliz da minha vida aquelle que passei entre os briosos pernambucanos.

Nessa occasião quiz a minha boa ventura que eu pudesse contribuir para poupar a Pernambuco um grande embaraço que se lhe preparava em um futuro muito proximo, e este serviço feito a Pernambuco foi em utilidade da causa da Independencia e por isso geral ao Brasil inteiro. Nunca o articulei para merecer louvores, nem recompensas, e hoje pela primeira vez é que delle fallo.

Em fins de Fevereiro de 1822 (não me recordo o dia) chegou a Pernambuco uma esquadra portugueza commandada pelo chefe de divisão Francisco Maximiliano de Souza. A capitanea desta esquadra era a nau *D. João 6°*. Trazia a bordo o general José Corrêa de Mello e um regimento com o titulo de provisorio commandado pelo coronel Antonio Joaquim Rosado. As ordens que trazia erão de desembarcar em Pernambuco o general, para ahi tomar o commando das armas em substituição de José Maria de Moura, que já se tinha ausentado, e continuar a sua derrota para o Rio de Janeiro, caso de achar Pernambuco tranquillo e bem submisso a Portugal, e no caso contrario de desembarcar tambem ali o regimento provisorio e operar com a esquadra para manter a união com Portugal.

A apparição desta esquadra causou grande sensação, e emquanto permaneceu nas aguas de Pernambuco pode-se dizer que os pernambucanos não dormirão mais. Erão todos de uma voz, e a multidão era immensa pelas praias e desembarques, «nada de tropas portuguezas.» Gervasio mandou a bordo da nau dizer a Francisco Maximiliano que visse elle mesmo qual era o estado de desconfiança em que se achava o povo, mas que esse povo era constitucional, fiel

e unido a Portugal de coração, e que só receiava o despotismo, viesse de onde viesse; que convidava o general José Corrêa de Mello nomeado para commandar as armas da Provincia a desembarcar e vir á terra observar pelos seus proprios olhos se era isso exacto ou não. O general desembarcou, mas eu já estava a bordo da nau com Francisco Maximiliano, de quem era amigo. Não direi o que se passou entre nós dous, porque não é necessario. Francisco Maximiliano immediatamente se decidiu a seguir para o Rio de Janeiro com o regimento provisorio. José Corrêa de Mello ficou em terra e tomou posse do governo das armas. A população do Recife tranquilisou-se e dois dias depois já ninguem fallava da esquadra que tantas aprehensões havia causado.

A esquadra chegou ao Rio de Janeiro, se não falha a minha memoria, sem o recurso dos meus papeis, cujos restos acabarão em um incendio, no dia 9 de Março.

A fortaleza de Santa Cruz a fez fundear debaixo de suas baterias, e Francisco Maximiliano (e Rozado) forão convidados a desembarcarem. Conduzidos á casa de José Bonifacio de Andrada, onde se achava o Principe Regente, Francisco Maximiliano entregou ao ministro a carta de que era portador, que eu havia escripto a bordo da nau fundeada no Lameirão e que elle conhecia o conteudo; e ahi assignou com o coronel Rosado a declaração de que obedecerião em tudo ás ordens dō Principe Regente. Esta declaração foi impressa e de todos conhecida, assim como quaes forão as ordens do principe a respeito do regimento provisorio e da esquadra, cousa que ninguem ignora.

Se o regimento provisorio ficasse em Pernambuco e a esquadra operasse com elle, não seria isso mais do que um novo obstaculo a vencer, mas este obstaculo não duraria muito, graças ao denodo e brio dos pernambucanos, mas havia de custar caro, porque uma só vida brasileira que se perdesse seria uma perda de grande valor e de lamentar para sempre. O que aconteceu foi o melhor e quem contribuio para que isso assim acontecesse prestou relevante serviço ao seu paiz.

Vou agora contar uma anecdota sómente para ter occasião de referir o nome de um militar que prestou em Pernambuco bons serviços á causa da Independencia, e de quem nunca mais, nesta vida de peregrinação em que ando desde então, tenho ouvido fallar.

Chegou a Pernambuco por arribada forçada a bordo do navio francez em sua viagem do Rio de Janeiro para Lisboa o marquez de Angeja. A marqueza achava-se em sua companhia, bem como uma filha do conde dos Arcos, e a comitiva se compunha de pouca criadagem. Estes viajantes tomarão aposento em um hotel do Forte do Mato, servido por um francez. Não me recordo, por ser cousa muito indifferente, o dia em que chegarão a Pernambuco. Foi em fins de Abril. O navio descarregou para concertar e o concerto não sendo pequeno, a demora tambem o não era. Mas esta demora começou a causar desconfiança no povo, e o marquez por um acto irreflectido augmentou essa desconfiança,

que ia sendo fatal. No dia 13 de Maio, anniversario natalicio do rei D. João 6.º, o marquez entendeu que o devia festejar, vestio a sua farda de camarista e foi congratular-se com o general José Corrêa de Mello. Em poucos instantes o quartel general se achou rodeado de uma multidão, pela maior parte armada, que pretendia ver naquelle acto de côrte uma traição. A multidão crescia em numero, o quartel general trancou-se o mais que poude, e o medo dentro delle era tão excessivo como a furia dos sitiantes. Nesta triste circumstancia fui procurado pelo capitão d'artilharia Antonio Cardoso Pereira de Mello, que estava ás ordens do quartel general e vinha pedir o auxilio da minha pessoa para salvar a vida do marquez e calmar a irritação publica. Partí immediatamente e cheguei a tempo, porque um momento mais tarde já não teria podido evitar um desastre. Fallei ao povo; o povo tinha confiança em mim e me ouvio. O povo pernambucano é tão valente como generoso. A multidão se dispersou sem commetter a mais pequena violencia. Levei o marquez para minha casa, restitui-o á sua familia e o mandei para Lisboa o mais depressa possivel.

O capitão Antonio Cardoso Pereira de Mello era natural da Bahia. Tinha um irmão, o padre José Cardoso Pereira de Mello, membro da Junta Provisoria da Bahia. Este padre era o homem mais corajoso que tinha aquella Junta, composta de bons brasileiros, mas todos de caracter fraco para as circumstancias, como terei ainda occasião de referir. O capitão Antonio Cardoso era homem que não gostava de apparecer nem figurar, tinha feito bons estudos e era talentoso. Mantinha-se no seu posto ás ordens de um general portuguez, mas d'ahi prestava bons serviços á causa da Independencia. Por mais de uma vez communicou-me o seu pensamento de demittir-se, e eu sempre o obriguei por motivos bem ponderosos a continuar no serviço do quartel general. Cooperou commigo e deu muito boa conta de tudo de que o encarreguei. Para referir o nome deste benemerito militar é que conto esta anecdota do marquez.

(13)

Este facto é desconhecido quanto á mim, pelo menos. Pode ser seja verdadeiro, mas neste caso deve ser sabido e constar em alguma parte. Naquelle tempo não ouvi fallar delle, nem que nenhum francez influisse na deliberação do Rio Grande do Norte em se reunir ao Rio de Janeiro para a Independencia. Na minha emigração, em consequencia da dissolução da Assembléa Constituinte, conheci em Paris este Eugenio Garay de Monglave e com elle tratei até o meu regresso para o Brasil. Era moço de boas maneiras, escriptor publico e fallava a lingua portugueza. Traduziu e publicou em francez alguns romances portuguezes. Dizia-me que aprendera a lingua no Brasil e que estivera no Rio Grande do Norte, mas nunca me fallou dessa parte que tomára nos acontecimentos politicos daquella provincia. Mas seja como fôr, este topico é tão estranho á minha biographia que o não relevo aqui senão como esclarecimento para a historia em geral.

(14)

Já se vio que foi a provincia de Pernambuco e não eu que mandou uma deputação ao Rio de Janeiro para prestar homenagem e reconhecer o Principe Regente independente do Brazil. Esta deliberação foi tomada na memoravel sessão de 1.º de Junho de 1822 e inserida na acta daquelle dia. Não partiu com a brevidade que era de desejar, porque Gervasio Pires Ferreira, presidente da Junta do Governo, a essa partida poz todos os embaraços que poude. Ora, erão os deputados que não estavão promptos, ou um delles se achava incommodado de saude. Um dos membros da deputação que, em conformidade da acta devia ser da escolha da Junta Provisoria do Governo, era Philippe Nery Ferreira, parente de Gervasio e membro da mesma Junta. Concorreu efficazmente com o seu parente para demorar a partida. Ora, era á escuna que faltava uma cousa ou outra e Manoel de Carvalho Paes de Andrade, intendente da marinha, nunca acabava de a fornecer de todo o necessario para poder partir. Tambem o commandante, que era um official de marinha nascido em Portugal, de nome Saturnino, não me lembro de que, cooperava voluntariamente para esta demora. Mas, emfim, não podia ella ser longa, porque as circumstancias urgião e os pernambucanos não erão homens para se deixarem embalar por esses meios dilatorios; reduzio-se a alguns dias de mais do que em caso contrario serião necessarios. Gervasio e seus amigos da politica espectante e republica pernambucana esperavão sempre que algum acontecimento politico viesse no entanto destruir a acta do 1.º de Junho e annullar a deputação. Não aconteceu assim. Com a demora de alguns dias mais do que era necessario partiu o vaso de guerra que levava a deputação. A sua chegada ao Rio de Janeiro foi um dia de festa; a cidade illuminou-se espontaneamente, e no theatro applaudiu-se com vivo enthusiasmo a união de Pernambuco. O Principe Regente recebeu a deputação em audiencia solemne no paço da cidade. O que a biographia refere acerca dessa audiencia é exacto. O principe, depois de receber a deputação, chegou a uma janella da sala do throno e disse á multidão do povo que enchia o Largo do Paço, anciosa de saber o resultado da audiencia: *Pernambuco é nosso!* Os vivas da multidão ao principe, a Pernambuco, a José Bonifacio, e até á minha humilde pessoa, troarão por algum tempo.

A deputação, porém, como tinha dentro de si a pessoa de Philippe Nery, que exercia sobre os seus collegas influencia decisiva, porque emfim era membro do governo que ainda distribuia a seu sabor os empregos da provincia e os dinheiros della, não foi interprete fiel dos sentimentos da provincia que representava. O seu discurso era pallido, irresoluto e sem vigor, não parecia pernambucano. Mas a alegria publica era tal que nem nisso se reparou. O facto da união absorvia tudo.

A deputação annullou-se completamente e só ficou Philippe Nery tratando por si só com o governo. A questão mais delicada que havia a resolver era a militar e infelizmente o ministro da guerra, posto que excellente patriota, não podia

ser mais apoucado do que era. Philippe Nery abusou da simplicidade do ministro e este por uma ordem poz á disposição da Junta de Pernambuco a sorte dos militares naquella provincia. A Junta não deixaria de vingar-se daquelles que a forçarão á união com o Rio de Janeiro. E nem o contrario se podia esperar de homens ulcerados pela paixão politica e despeitados pelo mallogro de seus projectos. Esta ordem, porém, do ministro da guerra Luiz da Nobrega Pereira não chegou a produzir todos os seus perniciosos effeitos, porque foi derrogada á requisição minha logo á minha chegada ao Rio de Janeiro.

Cumpre saber em resumo qual era a situação militar de Pernambuco, para melhor avaliar o alcance da ordem do ministro da guerra alcançada por Philippe Nery.

Em consequencia dos acontecimentos politicos de 1821, a disciplina estava abalada e a tropa se achou dividida em dois campos. A maior parte tinha pelejado para a expulsão do general Luiz do Rego e a menor pela sustentação delle. Luiz do Rego promoveu aquelles officiaes que naquella occasião lhe ficarão fieis e a Junta de Goyanna promoveu os outros. Havia duas promoções, uma que tinha ido para Lisboa afim de ser confirmada, e a outra feita pela Junta, que precisava de confirmação. Os officiaes promovidos de ambas as partes já usavão das insignias e os da Junta recebião o respectivo soldo. As duas promoções não attenderão nem às antiguidades, nem ao merito, forão obra da politica e das circumstancias. Era pois necessario definir e regular a posição de cada um, e esta delicada tarefa o ministro Nobrega commettia á Junta Provisoria, que havia sido forçada pelos officiaes promovidos pela Junta extincta de Goyanna a se unir ao Rio de Janeiro! Luiz Pereira da Nobrega, era, como já disse, bom patriota, entrou no numero dos nove primitivos que organisarão a resistencia a Portugal, mas não tinha a capacidade necessaria para ser ministro e pela sua boa fé cahio no laço grosseiro que lhe armou Philippe Nery e que podia ter tido consequencias funestas se porventura prevalecesse por muito tempo.

(15)

Formei esse projecto, é verdade, e a respeito delle guardei o mais inviolavel segredo. Para o Rio de Janeiro, nem a José Bonifacio participei. Desappareci de Pernambuco e todos ahi se perdião em conjecturas sobre o fim que tinha levado, e concluirão pelo desastre dalgum assassinato, e assim o communicarão a minha familia para o Rio de Janeiro. Parti levando um sacco com alguma roupa e deixando todos os meus bahús na casa em que morei, na rua do Vigario.

Naquelle tempo os navios que vinhão dos Estados Unidos, com carregamento de farinha, não entravão á barra, mandavão do Lameirão, onde ficavão a bordejar, a lancha para saber do consul se a guerra continuava na Bahia e para lá partião a vender por bom preço o seu carregamento. Pedi ao consul

americano que me prevenisse, sem dizer para que, da passagem do primeiro. Quiz a minha má fortuna que fosse uma escuna onde não havia a comer senão carne salgada e bolacha. Vinho não havia e a agua era detestavel. Arroz cozido com melaço e uma gota de aguardente era o que havia de mais delicado e que se dava uma vez por outra. A camara era excessivamente pequena e tão mal asseiada que todas as manhãs ao romper do dia subia eu para o convez afim de sacudir de mim não pequena quantidade de insectos que me atormentavão toda a noute. O beliche era tão baixo que só já deitado podia entrar para elle, e do lado da cabeça havia por cima uma barra de madeira que era preciso bastante cautella para poder virar a cabeça sem bater na tal barra. Para esta embarcação parti eu na lancha della, levando um sacco com alguma roupa, alguns papeis e uma boa porção de dinheiro. Disse adeus ao consul americano que se despediu de mim, com um sorriso malicioso, mas que nunca revelou a ninguem o destino que eu levava.

Depois de uma viagem tormentosa de 15 dias, combatidos por um sudeste mais ou menos rijo, avistámos a barra da Bahia e a esquadra portugueza que bordejava fóra della. Não fez caso da nossa pequena embarcação, que já trazia a bandeira americana arvorada. Entrámos á barra e fundeámos no porto. A embarcação foi logo visitada por muitos caixeiros portuguezes. Eu estava na pequenissima camara a vestir-me e ouvia os discursos que elles fazião a meu respeito. Dizião que eu era um agente do traidor D. Pedro, que ia para o Rio de Janeiro, e que a esquadra mandára para a Bahia. Confesso que não gostei do discurso. Apresentou-se-me então um sargento dizendo-me que o accompanhasse para ir dar entrada no palacio da Junta do Governo. Subi para o tombadilho, a caixeirada me fez alas, e eu ouvia os dicterios que em voz baixa elles me lançavão, e assim passei em um bote com o sargento para a terra, onde já se tinha divulgado o boato da minha chegada como agente de D. Pedro capturado pela esquadra. Acompanhei o sargento e observava a curiosidade que eu causava, porque o povo parava na rua e os caixeiros corrião ás portas das lojas para me verem. Chegado ao palacio da Junta tranquilizei o meu espirito, porque me achei com bons brasileiros que só tinhão o defeito da fraqueza.

Ao sahir do palacio da Junta pedi ao sargento que me levasse ao quartel general do Governador das Armas, Madeira. Respondeu que não era necessario, mas cedeu ás minhas instancias. No quartel general Madeira me recebeu com demonstrações do maior interesse. Eramos amigos desde S.ta Catharina, onde nos haviamos dado muito bem. A senr.a D. Joanna, sua esposa, era a todos os respeitos digna de consideração, e em S.ta Catharina mantive tambem com ella boas relações de amizade. Esta snr.a tinha uma filha do 1.º matrimonio D. Julia, que se achava então casada em S.ta Catharina com o coronel Joaquim Soares Coimbra, filho de um antigo Governador e natural daquella provincia. A esta D. Julia que ficou brazileira ainda me coube a satisfacção, sendo eu ministro em Lisboa, de lhe prestar bons serviços em uma complicada questão

de inventario por morte de sua mãi, de quem era herdeira na provincia de Traz os Montes.

Madeira convidou-me para ser seu hospede até haver navio que me levasse a Lisboa. Era esse o fim, lhe havia eu dito, da minha viagem á Bahia. Não acceitei por motivos que as circumstancias me suggerirão naquella occasião. Elle cedeu, mas a snr.ª D. Joanna não cessou de insistir commigo para que ficasse em sua casa. Prometti de ir jantar com ella naquelle mesmo dia e em todos os outros em que pudesse. Madeira mandou que um dos seus ajudantes de ordens me accompanhasse até a alfandega, onde precisava ir para retirar a *minha bagagem*. Acceitei a companhia, pensando logo nos meios de evitar della o conhecimento do que eu chamava a *minha* bagagem e que não era mais do que um sacco feixado á chave. Na alfandega fallei ao sr. Joaquim Carneiro de Campos, nella empregado, e em particular aceitei a hospedagem que elle me offereceu com instancia em sua casa, para onde elle se encarregou de mandar levar o meu sacco e eu fiquei de ir depois do jantar do general.

Não conhecia até então pessoalmente o sr. Joaquim Carneiro de Campos; sabía que era irmão de José Joaquim Carneiro de Campos, de Manoel e João Carneiro de Campos, do Rio de Janeiro, com quem eu estava em boas relações de amizade, e pai de José Tiburcio Carneiro de Campos, com que eu tambem cultivava boas relações e a quem havia prestado poucos mezes antes, na cidade do Recife, alguns serviços que naquella occasião erão de importancia. Este os havia talvez exagerado a seu pai, e dahi veio a offerta com instancia da hospedagem e a minha aceitação contra o que eu tinha resolvido de ir ficar em uma estalagem.

O sr. Joaquim Carneiro de Campos e sua esposa hospedarão-me com tanta amizade e tanta confiança que ainda hoje sinto satisfacção em offerecer á memoria de um e de outro este tributo da minha gratidão.

O rei o snr. D. João 6.º, ao deixar o Brasil, deu ás pessoas que ficavão do seu conhecimento o que ellas pedirão. O bondoso rei sentía não ter mais para dar. A José Joaquim Carneiro de Campos, que era e ficava official maior da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino do Brasil, fez mercê da propriedade do officio de Guarda-Mór d'alfandega de Pernambuco. O novo proprietario nomeou seu serventuario a seu sobrinho José Tiburcio e o mandou para tomar posse do officio naquella provincia. José Tiburcio não foi nem era de esperar fosse bem recebido nella; o officio estava servido por outra pessoa da provincia e o paiz se achava no estado convulsivo, que resultava das circumstancias politicas que tinhão roto todos os laços da antiga obediencia. A posição de José Tiburcio era pois critica, odiosa mesmo, e foi necessario todos os meus bons officios para que elle sahisse della e se retirasse são e salvo.

Sahindo deste desvio, ato já o fio desta nota. Regressei com o ajudante de ordens que me acompanhava ao quartel general. Jantei com o general e a sua esposa. Cordeal e amigavel foi a nossa conversação. Como é de presumir,

a maxima parte della versou sobre as circumstancias politicas e a defeza da Bahia. Dirigi bem a conversa para o fim de irmos naquella mesma tarde visitar a linha de fortificações que se estava fazendo. A minha segurança pessoal exigia que os dominadores da Bahia me vissem em boa harmonia com o general Madeira. Depois do jantar montámos a cavallo e partimos para esta digressão. A companhia era numerosa e toda militar, com a unica excepção de minha pessoa. Compunha-se do general Madeira com seus ajudantes de ordens, o coronel Pereira, commandante do batalhão 12, e tres officiaes mais deste corpo, que erão meus conhecidos, dois officiaes de engenharia e alguns outros officiaes de differentes corpos que não erão meus conhecidos. Voltando ao quartel general, onde tomei chá e mais tarde fui para a casa do sr. Joaquim Carneiro de Campos, onde dormi aquella primeira noute e estabeleci dahi por diante a minha residencia. Um ajudante de ordens e duas ordenanças do general me acompanharão neste curto trajecto. A minha reputação entre os dominadores da Bahia ficava estabelecida sob estes bons auspicios e eu podia dahi por diante, empregando muita precaução, tratar dos fins que me fizerão emprehender aquella perigosa empreza.

A Bahia tinha uma Junta de Governo composta de bons brasileiros que só tinhão, como já disse, o defeito da fraqueza. A provincia estava quasi toda revoltada contra a dominação portugueza, e daquellas partes que ainda se não sabia chegava todos os dias á cidade noticia da revolta e da separação. Nem a esquadra nem a tropa portuguezas souberão conservar, como tanto lhes convinha, a ilha de Itaparica. Todos os ataques que fizerão depois para rehaverem aquelle importante posto estrategico forão infructuosos. Um habitante delle, de nome Lima, nascido em Portugal e que não era militar, se poz á testa do povo e o defendeu e conservou até a expulsão das tropas portuguezas da Bahia. A cidade ainda tirava recursos de farinha da villa de Nazareth, mas esta villa acabara de revoltar-se e as expedições que Madeira fizera contra ella forão obrigadas pela força do povo a regressarem em toda diligencia. Fallei ao major do 12, que commandára a primeira expedição, e este me disse que navegára desde a cidade da Bahia até o Funil sem encontrar a menor resistencia, mas que ali, sendo a passagem muito estreita e a corrente rapida, se vira de repente assaltado por todos os lados de uma fuzilada tão viva e tão certeira que era impossivel tentar um desembarque ou continuar a viagem. A sua gente cahia morta e ninguem via o inimigo. Nem a metralha de suas peças nem as balas das suas espingardas podião destruir os inimigos, bem visiveis pelo mal que fazião e completamente invisiveis para serem alcançados. Não via senão arvoredo e detraz delle ninguem cahia. Nesta penosa circumstancia regressára, tendo perdido alguns homens e trazendo elle o signal do encontro em uma bala na coxa.

O governo brasileiro no Reconcavo estava organisado e á testa delle as pessoas mais gradas da provincia. Ao ouvidor de S.to Amaro, Antonio José Duarte de Araujo Gondim, se devia essa reunião. Era a maior autoridade do

Reconcavo que abraçava espontaneamente a revolução e era tambem a pessoa mais intelligente de entre todos. A sua reputação de magistrado integro e bemfazejo lhe dava o ascendente que elle tão vantajosamente exerceu em todas as classes. para organisar a revolução e proclamar a Independencia. A Junta da Cachoeira tinha forças para se defender dos ataques que por ventura os portuguezes tentassem contra ella, mas estes não ousarão entranhar-se no paiz e á Junta faltavão todos os recursos que a puzessem em estado de poder vir atacar e expulsar os portuguezes da Bahia. Os portuguezes tinhão o mar livre, uma esquadra sua, muitos navios mercantes, uma cidade abastada e um commercio rico em seu favor. Só do Rio de Janeiro podia a Junta tirar os recursos de que precisava para ganhar victoria.

Mas o Rio de Janeiro estava falho desses recursos. Os que tinha lhe erão necessarios para sua defeza interna e externa. Estava desde a partida do Rei reduzido aos seus proprios recursos financeiros e estes não bastavão. De nenhuma outra provincia recebia as sobras. O que lhe valia em tão apurada circumstancia (erão) a estricta economia e boa ordem que o governo punha no emprego do dinheiro publico. Era tambem, e força é confessar, o desinteresse e a independencia de caracter dos homens que então governavão, influião ou promovião a resistencia a Portugal e a criação de um Imperio independente no Brasil. As discordias internas não estavão apagadas, nem as rivalidades entre os proprios brasileiros extinctas. O partido portuguez minava surdamente e o republicano mais abertamente. Este estava em toda a força de seu direito, porque tratando o Brasil de se constituir, a seus filhos pertencia escolher a forma de governo em que isso devêra ser feito. A discussão era pois licita, mas era perigosa ao mesmo tempo, porque fraccionando com isso os brasileiros, augmentava e consolidava a força portugueza que elles tinhão a debellar.

No meio de tanta difficuldade José Bonifacio era incansavel em occorrer e acudir a tudo. As difficuldades lhe augmentavão a energia e o Reconcavo da Bahia foi promptamente socorrido com tropa, dinheiro e tudo o mais de que precisava. Nada faltou, tudo foi previsto para o fim de confortar o animo dos bahianos e as esperanças do Brasil.

Mas a Junta do Governo da cidade da Bahia não tinha livre arbitrio, achava-se coacta pela força militar portugueza, de quem recebia as ordens e obedecia cegamente. Obrava contra a sua consciencia e contra a sua vontade e não ousava resistir. As suas proclamações e todos os seus actos, dictados pela autoridade militar, corrião impressos e fazião mal á causa brasileira, porque os nomes das pessoas que assignavão taes actos e proclamações sendo considerados no paiz, havia sempre quem acreditasse nas palavras que ellas erão constrangidas a assignar e a proclamar.

Este mal crescia e era necessario destruil-o para accelerar a expulsão dos portuguezes. Eu estava muito bem com todos os membros da Junta e até com o velho presidente della, o Sr. Vianna. Este tremia de tudo, e quando eu

lhe fallava da situação e do que era necessario fazer, respondia com um suspiro e contava uma historia do bom tempo do marquez de Pombal. Fiz ver aos membros da Junta todo o mal que elles involuntariamente estavão fazendo e propuz para sanar esse mal de duas uma, ou a Junta tivesse a coragem de dizer a verdade, que se achando coacta pela autoridade militar se demittia de suas funcções, e sobre essa autoridade deixava a responsabilidade das consequencias; ou, se essa coragem lhe faltava, tivesse ao menos a de emigrar em massa immediatamente para o Reconcavo. Esta proposta traspassou de medo os membros da Junta. Um só delles, o padre José Cardoso, a approvou e defendeu. Disse que estava prompto a assignar a dissolução da Junta e a proclamar os motivos dessa dissolução, e que se a Junta decidisse o contrario ou não quizesse emigrar para o Reconcavo, elle só o faria por sua conta e sem perda de tempo. O padre, se bem o disse, melhor o fez. A dissolução da Junta pelos meios por mim indicados produziria grande effeito no Reconcavo e seria o desespero do partido portuguez. Era isto bastante para eu insistir por ella. Declarei então aos membros da Junta que eu ia convidal-os pela imprensa a tomar essa resolução e que motivaria o meu convite apresentando a minuta da proclamação ou manifesto que elles deverião fazer e publicar. Fui surdo ás observações que me fizerão em contrario, principalmente o sr. Francisco Carneiro de Campos, por quem, fóra disso, tinha eu toda a consideração. Francisco Carneiro chegou a dizer-me que se eu fizesse tal seria o mesmo que matal-o; que cada um delles já tinha uma sentinella portugueza á porta da casa de sua residencia e que a publicação pela imprensa de semelhante proclamação ou manifesto seria o signal da carnificina. Reconhecia que involuntariamente algum mal fazia a Junta á causa brasileira, mas nem elle nem seus collegas, excepto o P.ᵉ José Cardoso, tinhão valor para affrontar o perigo. Eu era hospede, como já disse, de Joaquim Carneiro, devia por isso ter particular consideração do irmão Francisco, mas Joaquim Carneiro, posto não tivesse a intelligencia do irmão, tinha a coragem que a esse faltava e approvava o meu plano. Tres ou quatro dias se consummirão nesta negociação e Francisco Carneiro, por fim, já não ousava fallar-me nem ir á casa do irmão, só porque eu lá me achava e elle temia que os meus planos fossem descobertos. Todavia, eu o preveni do dia em que o meu artigo appareceria no *Constitucional* e na vespera á noute elle ainda mandou sua sobrinha, a snr.ª D. Anna, filha de Joaquim Carneiro, que estava então em sua casa, para com supplicas me demover do meu proposito.

O sr. Montezuma já tinha partido para o Reconcavo e deixado a redacção do periodico *Constitucional*, que elle havia criado, á Corte Real. As minhas relações com este bom brasileiro se estabelecerão após minha chegada á Bahia. O *Constitucional* era a unica folha brasileira que ali existia e não faltava coragem nos que trabalhavão nella entre inimigos que tinhão em suas mãos o poder e a força. O meu artigo convidando a Junta a dissolver-se e a mo-

tivar esse acto pela coacção em que se achava pela autoridade militar, appareceu nesta folha. Fez grande bulha, mas não produziu a carnificina que Francisco Carneiro receiava. A imprensa do *Constitucional* alguma cousa soffreu. Côrte Real teve de apressar a sua partida para o Reconcavo e eu a minha para o Rio de Janeiro. A publicação do *Constitucional* cessou completamente e eu segui viagem para o Rio de Janeiro a bordo do brigue inglez *Tartar*. Eu me achava munido de uma circular do sr. Chamberlain, encarregado de negocios da Grã-Bretanha, pela qual este illustre diplomata me recommendava á protecção dos agentes consulares e dos commandantes e officiaes dos navios de guerra da Grã-Bretanha. Esta circular me foi mandada a Pernambuco por José Bonifacio e muito me servio em mais de uma occasião. Em Pernambuco a mostrei a um negociante inglez de nome Roberto Tod e delle recebi importantes serviços. Sirva esta declaração de tributo de gratidão que consagro á nação ingleza pelo interesse que tomou pela Independencia do Brasil.

O tempo que fiquei na Bahia foi empregado com muito proveito. O resultado foi além das minhas esperanças. Para o Reconcavo entretive correspondencia secreta com o desembargador Gondim, pessoa que eu estimava e de quem era amigo. Delle recebi as mais importantes informações, que devião ser levadas confidencialmente ao conhecimento de José Bonifacio e das quaes muito dependia o bom exito da causa.

O arsenal de marinha tinha por intendente o Capitão de mar e guerra Tristão Pio dos Santos, official de bastante intelligencia, mas de pouco juizo. Era nascido no Brazil, de pai portuguez e mãi brasileira, nascida na colonia do Sacramento antes de passar esta para o dominio da Hespanha, e era senhora de muitas prendas. Tristão, posto que ao serviço de Portugal, estava de coração votado á causa do Brasil ; o que lhe faltava era saber dar conveniente direcção a essa sua boa vontade. Andava vacillante e irresoluto. Eu o tirei desse estado e o puz em bom caminho. A' minha partida lhe deixei os meio de fugir para o Rio de Janeiro a bordo do paquete inglez e de deixar a sua familia na Bahia para ir depois. Esta separação é o que muito custava a Tristão, receioso de que a familia fosse maltratada em consequencia de sua fuga, que equivalia aos olhos dos portuguezes, na sua qualidade de militar, a uma deserção. O receio era infundado, porque nem os portuguezes se lembrarão, naquella occasião de odios e vinganças, de fazer guerra ás mulheres. Na fuga Tristão se dirigiu tão mal que chegou ao Rio de Janeiro, onde eu já me achava, com a roupa no corpo com que sahira da Bahia, sem trazer nem mais uma camisa. Foi na minha casa que mudou e vestiu roupa minha para ir apresentar-se commigo a José Bonifacio.

Tristão Pio dos Santos como Intendente da marinha ao serviço de Portugal na Bahia fez o que poude no interesse do Brasil, servindo a Portugal sem zêlo e sem actividade. A necessidade de assim obrar o constrangia, e muitas vezes me lamentou a sua posição. Tinha no Arsenal, entre os proprios portu-

guezes ali empregados, formado certo partido que reprovava tudo o que se fazia em Lisboa e tudo o que se fazia no Rio de Janeiro; era um partido que não queria nem a oppressão portugueza, nem a independencia do Brasil. O que desejava era a união dos dois reinos, e tudo o que pudesse concorrer para essa união era para elle não só o melhor, senão o mais justo. A' gente imbuida nesses principios faltava zelo para o serviço em que estava empregado. Neste numero achava-se o constructor do arsenal. Era elle nascido em Portugal, homem robusto e chão. A fragata *Constituição*, que elle tinha em construcção, estava quasi acabada e podia dentro de poucas semanas ser lançada ao mar. Era um bom vaso de guerra que ia augmentar a força maritima de Portugal. Tristão fez tudo o que dependia delle para demorar o acabamento, mas isso não podia durar sempre e a occupação portugueza prolongava-se. Não podendo dar a fragata ao Brasil, entendeu que era melhor destruil-a do que armal-a para nos fazer a guerra. Communicou-me a sua idéa, mas era necessario a concurrencia do constructor, e este obstinadamente não consentiu que se puzesse fogo á fragata, chegando a ameaçar que denunciaria os autores se porventura estes não cedessem do seu intento. Em vão se lhe mostrava que o fogo não destruiria completamente a fragata, porque o Arsenal havia de acudir a tempo, que o que se pretendia era fazer-lhe um damno que precisasse de muito tempo para ser reparado, e que assim se tirava a Portugal e ao Brasil aquelle instrumento com o qual reciprocamente se farião mal. O constructor foi surdo a todos os argumentos. «Não consinto que se destrua nem se faça damno a esta obra minha,» era por ultimo a sua unica resposta. A fragata foi lançada ao mar e armada, mas não fez damno ao Brasil, porque a marinha portugueza foi para isto impotente. Acha-se actualmente podre e fóra do serviço nas aguas do Tejo sob a denominação *Duqueza de Bragança.*

As minhas relações com Madeira permanecerão no pé da melhor intelligencia. Se affrouxarão no fim da minha estada na Bahia, foi isso mais apparente do que real. Não aconteceu, porém, outro tanto com o coronel Pereira, alguns outros officiaes e principalmente com o commandante da Legião Lusitana, cujo nome completamente escapou de minha memoria, não ficando senão o de *Ruivo*, pelo qual era geralmente conhecido (1). A desconfiança a meu respeito elles a traduzião já por factos, e se não fôra a vigilante solicitude da senr.ª D. Joanna eu lhes teria cahido nas mãos e sido remettido preso para Lisboa. Mas a providencia havia determinado diversamente, e eu devia ir pela primeira vez a Lisboa como ministro do Imperio do Brasil e não como réo maniatado pelos seus inimigos.

A senr.ª D. Joanna tremia pela sorte de seu marido e lembrava-se com viva saudade de sua filha unica, que estava em S.ta Catharina. Os seus desejos erão de ver seu marido sahir com honra da penosa situação em que se

(1) Chamava-se João de Gouvêa Osorio.— Nota de uma copia do Sr. M. L.

achava e ir viver em companhia de sua filha. Algumas confidencias me fez a esse respeito repetidas vezes, e eu me animei então a fazer-lhe uma proposta, declarando logo que não estava para isso autorisado, como de facto não estava, mas que no caso de ser aceita eu me obrigava a fazer tudo o que de mim dependesse para que o Principe Regente o approvasse. Propuz que Madeira entregasse a cidade, expedisse a sua tropa para Portugal, ficando elle e os officiaes que elle quizesse no Brasil. Que se lhe daria o posto de tenente general (Madeira era então brigadeiro de fresca data) e uma somma avultada para poder contentar a todos, e aos officiaes que ficassem com elle um posto de accesso. Esta proposta foi recebida melhor do que eu esperava, e a Senr.ª D. Joanna ficou de sondar seu marido, posto duvidasse desde logo que elle a acceitasse.

No dia seguinte participou-me com demonstrações de muito pesar que o marido a repulsára, e pediu-me ao mesmo tempo que me abrisse eu com elle sobre o assumpto sem o menor receio, porque seu marido não era homem capaz de trahir a ninguem, quanto mais a seus amigos. Estas palavras da senr.ª D. Joanna me fizerão conceber a maior esperança, e já me parecia que ia entrar no Rio de Janeiro levando a noticia da restauração da Bahia devida ao meu zelo tão sómente. Eu era então moço e as illusões proprias da idade naquella occasião produzirão em mim todo o seu effeito. Não hesitei um instante, e sem reflectir nas consequencias, com uma segurança incrivel, dirigi-me a Madeira e fiz-lhe uma exposição summaria da situação presente e das consequencias mais ou menos proximas que devião resultar, e conclui fazendo a minha proposta nos mesmos termos em que já tinha feito á senr.ª D. Joanna. Escuso dizer que levei à maior altura o papel que a Providencia tinha reservado ao general de ser o pacificador entre Portugal e Brasil. Madeira ouvio tudo com ar sereno e pacifico. Agradeceu-me pela confiança que tinha nelle, pois que era necessario que fosse illimitada para lhe fazer semelhante proposta. Que não se illudia, que conhecia perfeitamente a posição em que se achava, que era a de uma victima; que a contenda era entre o pai e o filho, que todavia não querião essa contenda, e que elle, Madeira, como instrumento forçado, qualquer que fosse o resultado, havia de forçosamente succumbir; que era militar, estava no seu posto e nelle aguardava o seu fim desastroso, mas que jamais fugiria da sua sorte á custa da sua honra. Previu bem. Acabou numa prisão, onde esgotou a ultima gotta do calice da amargura. Depois desta conferencia, se observei em Madeira alguma mudança a meu respeito foi em se mostrar mais terno. Uma vez, porém, me perguntou como é que eu conciliara a confiança que tinha nelle com a proposta que lhe havia feito. Agora lhe peço que se esqueça, como eu me esqueço, como se não tivesse acontecido.

Logo ao meu regresso ao Rio de Janeiro referi a José Bonifacio toda esta occurrencia, sem esquecer certas pequenas particularidades que não per-

tencem a este lugar. José Bonifacio entendeu que, pois que a mulher queria, com alguma perseverança se poderia alcançar que o marido quizesse tambem. A este respeito certas promessas havia eu feito á snr.ª D. Joanna. A minha proposta foi feita sem eu me achar para isso autorisado, foi uma proposta particular, que podia ser ou não approvada. Entendeu-se, portanto, que renovando-se a proposta já autorisada pelo principe, o que lhe dava o caracter de certeza, poderia isso talvez mudar a resolução de Madeira. José Bonifacio mandou á Bahia um agente encarregado desta delicada missão. Offerecia a Madeira o mesmo que eu lhe havia offerecido e fixava a somma em 100 contos de reis metallicos. Pelo que me disse José Bonifacio a proposta foi rejeitada. Não me recordo com certeza quem foi o agente que José Bonifacio mandou á Bahia. A multiplicidade de occurrencias, que se precipitavão umas sobre outras, não permittia que fossem todas classificadas ao mesmo tempo na memoria. Os nomes dos agentes ficarão esquecidos no turbilhão dos acontecimentos. Todavia, se me não engano, como pode muito bem acontecer, esse agente foi um Paiva, que era secretario da academia de marinha. Seu nome inteiro, com alguma alteração talvez, era José Henriques de Paiva Pessoa. Este agente, antes de partir, veio ver-me mandado por José Bonifacio; mas não foi a elle a quem eu entreguei as cartas que então escrevi a D. Joanna e a Madeira. Eu as entreguei em mão a José Bonifacio.

Agora, para poder avaliar o que fica dito, é preciso que o leitor faça conhecimento mais particular da pessoa do general Madeira. Eu o mostrarei tal qual o vi e conheci. Madeira era natural da provincia de Traz os Montes, de uma estatura bem acima do ordinario, grosso, bem formado e bonito, mas com pouca barba. A sua voz era extremamente forte e sonora. A' testa de um regimento, quando commandava, de uma extremidade á outra da linha todos o percebião claramente. Não tinha instrucção alguma, salvo a pratica do seu officio. Veio para o Brasil no posto de coronel commandante do batalhão n.º 12 de infantaria, que fazia parte da divisão auxiliadora que o rei D. João 6.º mandou vir de Portugal, depois dos acontecimentos de Pernambuco em 1817. O batalhão 12 ficou na Bahia, um outro batalhão em Pernambuco e o resto da divisão auxiliadora ficou no Rio de Janeiro. O batalhão 12 de que Madeira era commandante foi transferido em 1819 da Bahia para S.ta Catharina. Foi aqui que eu o conheci e cultivei a sua amizade. Em 1820 regressou com o seu batalhão para a Bahia. Não tomou parte na revolução de 10 de Fevereiro, pelo contrario se mostrou opposto a essa revolução. O tenente coronel Pereira foi quem seduziu e levou o batalhão á revolta. A voz publica dizia, não sei com que fundamento, que por dinheiro que recebêra para isso. Madeira achou-se humilhado com o procedimento do seu tenente-coronel. Era a primeira vez que o seu batalhão lhe desobedecia. Apresentou-se no meio da revolta e os soldados, seduzidos pelo tenente-coronel, mal o virão, reconhecerão o seu commandante e o acclamarão para não serem commandados por outro. Eis como Madeira se achou compromettido na revolução.

De Lisboa foi promovido a brigadeiro e commandante das armas da Bahia, e Pereira a coronel commandante do batalhão 12. Entre Madeira e Pereira nunca mais poude reinar boa harmonia.

Madeira, como já disse, acabou a vida em uma prisão ou sahiu da prisão para morrer. Pereira, pelo contrario, em consequencia dos subsequentes acontecimentos de Portugal, como era homem para tudo, foi elevado ao titulo de visconde de Villar de Perdizes, se não me engano. Não sei se ainda vive; eu ainda o encontrei em Lisboa, já abatido pelo tempo e quasi que esquecido dos influentes da epoca. Disserão-me que não estava mal de fortuna, mas elle me disse o contrario.

A nomeação de Madeira para commandante das armas offendeu a Pereira. Este julgava-se com direito ao posto, por ser elle quem levára a força armada á revolução. Veio depois a Legião Lusitana e Pereira se unio ao commandante della contra Madeira. Cabalavão para o depôr do posto. A insubordinação chegou a ponto que já não havia official que se não julgasse digno do commando em chefe e que não cabalasse para depôr o general. Se não fossem tantos os pretendentes de certo que um delles teria conseguido o seu intento.

Era esta a posição de Madeira entre os seus. Tinha de repartir, pois, a sua actividade contra os inimigos internos e externos. Estava concentrado na cidade da Bahia, onde os recursos de toda a especie ião escasseando de dia em dia. Tinha o mar livre e uma esquadra á sua disposição, mas essa esquadra nunca soube tirar partido da liberdade do mar e limitou a sua acção em evitar as occasiões de encontro ou de fugir em vista do inimigo. Não era lisongeiro semelhante commando das armas, mas quando se considera que Portugal já tinha mandado tudo o que podia e que nada mais lhe restava a mandar, mais sombria se antolha a posição de Madeira. Portugal estava sem dinheiro, sem credito, sem soldados, e sem vasos de guerra. O que podia fazer?

Foi em tal conjunctura que Madeira, com consciencia do que fazia e contra as instancias de sua mulher, rejeitou uma proposta que sem prejudicar a Portugal fazia a sua felicidade! Sem prejudicar a Portugal, digo, porque o fim da contenda não podia ser diverso do que foi. Madeira fica assim caracterisado: era um soldado obediente e fiel ao seu juramento. Não conhecia mais do que isto. Nem o seu discernimento chegava para conhecer até onde cessa a obediencia e desobriga o juramento. A contenda não era com uma potencia estrangeira, era entre uma mesma familia que pretendia separar-se em duas, e uma parte não tinha, até certo ponto, o direito de constranger a outra a permanecer unida.

(16)

Esta data está errada. Cheguei ao Rio de Janeiro em fins de Agosto e não em 8 de Setembro, como diz a biographia. Não posso fixar a data, porque a memoria já me falta para tudo, mas é facil a quem estiver no Rio de Ja-

neiro, percorrendo as noticias maritimas do *Diario do Governo*, achar o dia da minha entrada a bordo do *Tartar*.

Entrei a barra do Rio de Janeiro ás 10 horas da noute e fundeámos em frente da Fortaleza de Villegagnon. Posto fosse passada a hora da visita, veio logo a bordo o capitão Justino, que pertencêra ao antigo regimento que conservou o nome de *Bragança*. Este official, de quem terei ainda occasião de fallar vantajosamente, estava encarregado da visita dos navios, e naquelle tempo o zelo pelo serviço era quasi geral em todas as classes de empregados publicos. Esta era a razão porque elle ia em hora tão avançada a bordo de um navio que entrava e não podia ser ainda visitado: queria saber se vinha de porto de onde trouxesse alguma noticia que interessasse á causa publica. Foi grande a sua admiração em ver-me ali e com toda a polidez e cautelosa delicadeza me fez entender que em terra me julgavão morto. Offereceu-me o seu escaler para eu desembarcar immediatamente, o que eu acceitei com muita satisfação. Elle me acompanhou até o largo do Paço e dahi voltou para a Fortaleza. Dirigi-me á casa de meu irmão Luiz, que era nessa occasião na rua de S. Pedro, o que me fôra dito pelo mesmo capitão que me indicou o numero. Não é possivel descrever esta scena de sorpreza e de alegria: achei a minha familia de luto pela minha morte! Meu irmão não estava em casa; eu sahi immediatamente para a casa de José Mariano de Azeredo Coutinho, na rua do Carmo, onde o devia encontrar. Ahi a sorpreza não foi menor, mas a scena foi diversa; não houve lagrimas, apenas um silencio de espanto e a manifestação immediata de uma verdadeira alegria. Era uma hora da noute. Parti dahi com meu irmão para a casa de José Bonifacio, ao Rocio, onde fiquei até perto das 4 horas. No emtanto meu irmão foi para sua casa e mandou-me a sua sege para minha volta.

José Bonifacio já dormia, mas eu o fiz accordar. Não sei se ainda vive o capitão Santos, que o acompanhou de S. Paulo e que morava em um quarto em baixo, á entrada da loja, á esquerda, onde eu fui bater. Se ainda vive pode talvez contar esta recepção melhor do que eu. Quando ouviu a minha voz e que disse quem era, o homem deu um grito e respondeu-me como quem fallava com uma alma do outro mundo. Custou muito a convencêl-o que era eu mesmo, e só depois de me impacientar a não poder mais é que me abrio a porta. O homem, que parecia sahido de um grande pezadello, abraçou-me com muita satisfação e conduzio-me ao aposento de José Bonifacio. Este recebeu-me áquella hora tão impropria, e quando já me julgava morto, sem a menor sorpreza. « Logo vi que você não era homem a se deixar matar, dê cá um abraço. » Forão as primeiras palavras que disse ao ver-me. Estava ainda deitado. Nessa posição conversou commigo por algum tempo, levantou-se, correu o quarto em todos os sentidos e continuou a conversa ora de pé, ora sentado. Da minha parte referi summariamente tudo o que sabia e tudo por que tinha passado, e na minha narração fui muitas vezes interrompido com as risadas

e bons ditos com que o meu interlocutor sabia melhor que ninguem variar e animar uma conversação. Dizia elle que era para sacudir o diaphragma.

O Principe Regente achava-se então em S. Paulo, para onde tinha partido em 14 de Agosto, afim de pôr cobro aos disturbios que ali estava causando José da Costa Carvalho á causa da Independencia. José Bonifacio havia tambem naquelle dia ou na vespera recebido novas de Lisboa, e, juntas estas com aquellas que eu trazia, julgava conveniente acabar com os palliativos e proclamar a Independencia. Fosse esta a causa isolada ou cumulativa com os seus desejos de ser a Independencia proclamada na sua provincia, o caso é que elle desde logo entendeu que se não devia adiar para mais tarde esse solemne acto. O principe já estava em S. Paulo, e se a occasião não fosse aproveitada, quem sabe se outra se poderia proporcionar tão cedo. Despedio-me e ordenou que eu me achasse ás 11 horas da manhã no Paço de S. Christovão, mas que lhe entregasse antes todos os papeis que eu trazia, e para o que me esperava até ás 9 horas.

Ás 8 já eu estava com elle, entreguei os papeis, e erão taes e tão minuciosos que nada faltava para que se pudesse conhecer por elles o verdadeiro estado da Bahia. Do Reconcavo, as informações e os officios secretos e confidenciaes do benemerito desembargador Gondim. Da cidade da Bahia, os mappas e o estado completo da força armada de mar e terra e dos hospitaes. A força de cada navio, seu armamento, artilharia, munições de bocca e de guerra, etc., etc. Emfim o estado moral e as desavenças que reinavão entre os adversarios. O atrazo em que se achavão os pagamentos e os recursos financeiros com que podião contar. Era um registro completo ou estatistica do acampamento da Bahia. Alguns destes documentos os havia eu recebido das proprias mãos do general Madeira. O contentamento de José Bonifacio não podia ser maior.

Ás 11 horas me achei no Paço de S. Christovão. José Bonifacio já lá estava. Havia conselho. Beijei a mão á princeza. No conselho decidio-se de se proclamar a Independencia. Emquanto o conselho trabalhava, já Paulo Bregaro estava na varanda prompto a partir em toda a diligencia para levar os despachos ao Principe Regente. José Bonifacio ao sahir lhe disse: «Se não arrebentar uma duzia de cavallos no caminho nunca mais será correio: veja o que faz.» Não sei se Bregaro arrebentou muitos cavallos, o que sei é que elle deu boa conta de sua commissão, e que fez a viagem em menos tempo do que até então se fazia muito á pressa.

A princeza mandou-me esperar e era para que eu visse a carta particular que S. A. escrevia ao principe. Eu a li e tive occasião de admirar o espirito e a sagacidade da princeza. Retirei-me erão quasi tres horas da tarde, e então é que fui jantar e almoçar ao mesmo tempo com meu irmão. A' noute fui para José Bonifacio, onde estive com Martim Francisco, José Mariano, e Rocha, até ás 11. Confesso que me achava já cançado de corpo e de espirito, e que o somno dessa noute foi talvez o mais socegado e deleitoso de toda a minha vida.

O meu contentamento em vista do acolhimento que recebi dos meus patricios não podia ser maior. Considerei como uma bella recompensa dos serviços que havia prestado. Fui visitado uma e mais vezes por todas as pessoas que se interessavão pela Independencia do Brasil. Amigos conhecidos e até pessoas que nunca tinha visto me procurarão com igual afago. O bello sexo brasileiro que tão digno e tão nobre se mostrou na causa da Independencia não foi indifferente á minha chegada. As brasileiras souberão sempre galardoar o merito, e se esse merito não havia na minha pessoa, ellas vião em mim um moço ardente pela felicidade da patria. Até certos individuos altamente collocados, que não querião a Independencia, para não arriscarem as suas bellas posições, me procurarão com demonstrações de affecto. Estes zangões andavão sempre com uma vella accesa a Deus e outra ao diabo, procurando o lado vencedor para se introduzir nelle afim de gozar do triumpho do vencedor. E tão bem fizerão que com a dissolução da Assembléa Constituinte se ampararão (*sic*), na occasião da maior corrupção, das avenidas do poder.

José Bonifacio augmentou de tal sorte a amizade que me tinha que até o ultimo instante da sua vida me deu disso as mais exuberantes provas. Era eu o seu melhor amigo. Cousa que parece providencial. O incendio de Agosto deste anno, que devorou todos os meus preciosos papeis e mais objectos que ficarão em casa do meu amigo Dr. Mello Moraes, respeitou um só livro, e esse livro foi a collecção de algumas cartas do meu amigo José Bonifacio de Andrada, que eu havia mandado encadernar em Paris no anno de 1854. Erão algumas das muitas que havia recebido, a maior parte das quaes incendios de outra natureza já havião devorado. Com a emigração a que fui forçado em 1823 por occasião da dissolução da Assembléa Constituinte todos os meus papeis forão roubados no Rio de Janeiro.

José Mariano de Azeredo Coutinho tambem ficou tendo por mim muita consideração. Votou-me uma terna amizade. Era amizade hereditaria, porque tinha sido intimo amigo de meu Pai e se tratavão de parente. A dissolução da Assembléa Constituinte e o meu exilio forão o golpe que lhe decidiu da vida. Pouco tempo resistiu depois destes funestos acontecimentos.

O Principe Regente regressou de sua viagem a S. Paulo em 15 de Setembro. Eu estava bastante incommodado de saude. As fadigas de sete mezes, durante os quaes poucas forão as noutes em que me deitei, juntas a uma constipação que apanhei logo á minha chegada ao Rio de Janeiro, me impossibilitavão de sahir. O dia estava frio, chuvoso e ventava muito. Apesar do mau tempo e do incommodo de saude fui a S. Christovão beijar a mão ao principe. S. Alteza me recebeu com a maior consideração. Depois que lhe beijei a mão, em presença das pessoas que ali se achavão, passou o braço sobre os meus hombros e assim me levou para o seu quarto. Dignou-se fallar commigo por espaço de uma hora, e eu fui a primeira pessoa que lhe dei o tratamento de Magestade. O principe fez nisso reparo e dizendo-me que pedisse o que qui-

zesse, eu lhe respondi que só queria servil-o. A Imperatriz tratou-me com aquella alta benevolencia com que ella sabia agraciar os seus subditos que de alguma forma se distinguião, e deu-me um laço de seda verde que seu augusto esposo havia adoptado como signal da Independencia, dizendo-me que era das fitas do seu travesseiro, porque já tinha desmanchado em laços para dar todas as outras fitas verdes que tinha. Conservei este precioso dom com religioso cuidado e, apesar do exilio, da perseguição e da vida errante que levei depois, não me separei delle senão por ultimo e quando já não tinha vista. De todos os objectos preciosos que perdi no incendio de Agosto, é talvez este o que mais lamento. Marcava uma epoca tão gloriosa para o meu paiz como satisfactoria para mim. Era o dom de uma princeza que não nascêra no Brasil, mas que eu amava como se nelle nascida fosse. Fui testemunha ocular e posso asseverar aos contemporaneos que a princeza Leopoldina cooperou vivamente dentro e fóra do paiz para a Independencia do Brasil. Debaixo deste ponto de vista o Brasil deve á sua memoria gratidão eterna.

Do regresso da sua viagem de S. Paulo ao dia da acclamação só mediarão 27 dias. A epoca era da actividade e do desinteresse. Era a alma de José Bonifacio que se imprimía em todos os actos da publica administração. O Principe foi acclamado no dia 12 de Outubro de 1822 Imperador Constitucional do Brasil. Completava nesse dia 24 annos de idade. Publicou um só despacho e esse foi em meu favor. Fui o primeiro que lhe dei o tratamento de Magestade e a primeira vez que o principe assignou como Imperador foi essa assignatura em meu favor! Ao publicar o despacho em seguida ao acto da acclamação no Palacete do Campo de S.ta Anna, dirigindo-se a mim fez esta observação. Nomeou-me Moço da sua Imperial Camara. No dia 1.º de Dezembro seguinte é que fez as outras nomeações e organisou a Casa Imperial.

Os uniformes da casa Real erão de côr escarlate para grande gala, e azul ferrete com gola escarlate para pequena. O Imperador, por um decreto, mudou para côr verde, conservando os mesmos bordados para a grande e a pequena gala. José Bonifacio e eu fomos os primeiros que nos apresentámos na Côrte, 7 dias depois, com uniforme verde. A'cerca do matiz houve uma desintelligencia entre o Imperador e José Bonifacio. S. M. entendia que o verde do decreto era escuro, ou como vulgarmente se chama, garrafa, côr da casa de Bragança, e o ministro que era verde claro, symbolo da primavera eterna do Brasil. Prevaleceu a opinião do Imperador e eu a segui, mas José Bonifacio permaneceu na sua, e a farda que trazia era de panno da côr verde claro. Não se procure nestas notas exactidão chronologica, porque nem a natureza dellas, nem a pressa com que escrevo permittem que a siga com rigor. Não tenho presente documento algum, o que refiro é reproduzido pela memoria, que felizmente ainda se acha algum tanto vigorosa. Esta explicação serve para me absolver de toda e qualquer censura.

Refiro agora um facto que, posto que alheio ao objecto destas notas, vem

a proposito para esclarecer um facto já acima expendido, relativamente a nunca ter eu pedido favor ao poder.

Meu irmão Gaspar de Menezes Vasconcellos de Drummond era capitão de estado maior e tinha sido em Pernambuco desde 1817 ajudante de ordens do general Luiz do Rego. Desejoso de combater os inimigos da Independencia do Brasil, foi ao Rio de Janeiro pedir serviço no exercito brasileiro da Bahia. Achou difficuldade da parte do ministro da guerra, que lhe dizia que officiaes lhe não faltavão. Meu irmão era pai de familia e abastado fazendeiro na provincia de Pernambuco. Queria deixar tudo isto para ir combater pela Independencia no ponto mais perigoso, e a solução do seu requerimento se fazia esperar em vão! Fallei então ao principe a quem apresentei o dito meu irmão, o qual foi immediatamente nomeado ajudante de ordens do general Labatut e partiu para seu destino sem a menor perda de tempo. Ali serviu como seus companheiros de armas até a expulsão dos portuguezes. Refiro isto como signal de gratidão ao principe, que attendeu ao meu pedido e conferiu a meu irmão um lugar nas fileiras dos defensores da Bahia.

O Principe Regente, desde que José Bonifacio reorganisou no Rio de Janeiro a Maçonaria e criou um Oriente Brasileiro do qual foi eleito Grão-Mestre, começou a manifestar o desejo de fazer parte dessa sociedade. José Bonifacio se oppunha com razões à satisfacção desse desejo.

Antes de passar adiante cumpre dizer qual era até então o estado da Maçonaria no Rio de Janeiro e no Brasil todo. Todas as lojas que tinhão existido erão dependentes do Oriente Lusitano, que residia em Lisboa. Os tristes acontecimentos de Pernambuco em 1817 chamarão sobre essas lojas a attenção do governo. Este, em conformidade das leis que prohibião as sociedades secretas, as perseguiu e augmentou as penas por um alvará de que me não lembra a data. Deu-se tanta importancia a este alvará que se mandou transitar pela chancellaria mór, solemnidade esta que, com rarissimas excepções, tinha cahido em desuzo.

Da perseguição seguiu-se a dissolução das Lojas. No Rio de Janeiro criou-se um juizo de Inconfidencia. Foi nomeado para este logar o desembargador José Albano Fragoso. José Anselmo Corrêa foi o espião escolhido pelo Paço pelo Governo. Este denunciou a todo o mundo, até mesmo a quem não era maçon, de o ser. Incutiu terrores, apoderou-se do animo timido do rei e se fez o flagello dos habitantes do Rio de Janeiro. Aquelle, mais moderado, servia-se do seu emprego para abrir um caminho que por fas ou por nefas o levasse ao ministerio. Alguns maçães, antes que os denunciassem, denunciarão-se a si mesmos. O infeliz Luiz Prates de Almeida Albuquerque, depois de jazer por algum tempo nas prisões da fortaleza da Lage e responder aos interrogatorios do juiz da Inconfidencia, foi mandado sem sentença para Gôa. O terror era tal que para proceder-se á prisão deste individuo, que foi feita á noute, ficarão as tropas em armas nos quarteis, e grandes patrulhas forão postas de vigia nos

cantos das ruas que se dirigião á de S. Pedro, onde Prates morava só, em uma miseravel casa terrea, quasi ao chegar ao campo de S.ta Anna. O official encarregado desta prisão foi o coronel Gordilho, que depois foi pelo merecimento de sua ignorancia marquez de Jacarépaguá e senador do Imperio.

Entre os maçons que se denunciarão a si mesmos, refiro os nomes de dois pelas scenas bufas que essas denuncias causionarão. Forão o marquez de Angeja e o conde de Paraty. O rei cahiu estupefacto das nuvens e ainda lhe parecia impossivel que dois camaristas seus, ambos estimados e um valido, fossem maçons! O marquez de Angeja ajuntou aos protestos do seu arrependimento a offerta que foi aceita de toda a sua prata para as urgencias do Estado. Foi logo expedido em commissão para Portugal, afim de tomar o commando e conduzir ao Rio de Janeiro a divisão auxiliadora que se mandava vir, extrahida do exercito de Portugal.

Quanto ao conde de Paraty o negocio era mais serio. O rei era muito affeiçoado a este conde, que foi no Rio de Janeiro o seu primeiro valido. Morava no Paço. Nem os protestos de arrependimento, nem a offerta de sua prata, que a não tinha, porque se servia da que era da Casa Real, podião inspirar inteira confiança a respeito de quem, em razão do seu officio e das relações de amizade, devia continuar no serviço e no valimento de S. Magestade. Em tão apuradas circumstancias o rei sahiu pela tangente de um expediente assaz curioso. Disse ao conde que para lhe não ficar nada do passado de que se arrependia, era necessario que tomasse o habito de irmão da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia. Foi um dia de festa no Paço aquelle em que o conde prestou juramento e foi recebido irmão da Ordem Terceira. O contentamento do rei não podia ser maior. O conde de Paraty, para fazer a vontade a S. M., andou no Paço todo aquelle dia com o habito da ordem destinado a laval o de seus erros. Estes dois fidalgos portuguezes pertencião á Loja de S. João de Bragança, e é talvez por isso que houve quem dicesse e publicasse que essa Loja existira com sciencia do rei D. João 6.º, o que é um erro que nem sequer merece ser refutado.

José Bonifacio resistio quanto poude á vontade do principe de entrar para a Maçonaria, mas nem os rogos nem a razão puderão demover este moço impetuoso do seu projecto. José Bonifacio cedeu e elle mesmo o conduzio para aquillo que a sua razão e a sua experiencia não permittião de consentir.

Estes desejos do principe lhe erão nutridos por certas pessoas que procuravão por todos os meios ampararem-se (sic) delle para o dominar. Já tinhão visto malogradas outras tentativas, e presumião serem mais felizes n'esta que se envolvia em um mysterio do qual o principe não poderia sahir livremente. Sua Alteza exultou com a sua entrada na Maçonaria, que foi para elle uma grande novidade. Antes de partir para S. Paulo, em Agosto de 1822, os mesmos individuos que procuravão amparar-se de sua pessoa, fosse por que meio fosse, prevalecendo-se da ausencia de José Bonifacio, que se achava in-

commodado de saude, por meio de uma cabala revestirão o principe de todos os graus maçonicos e o elegerão Grão Mestre. Intenderão que, lisongeando assim a vaidade do principe, o conquistavão para sempre. Parece que, por um accommodamento, conservarão José Bonifacio como Grão Mestre Adjunto. Este não dava importancia a essas cousas, servia-se da Maçonaria como um meio de reunir os homens para um fim, e não para criar um estado no estado, como querião outros.

O principe foi para S. Paulo, onde proclamou a Independencia em 7 de Setembro, e regressou em 15 do mesmo mez ao Rio de Janeiro. Em 12 de Outubro, isto é, 27 dias depois da sua chegada, foi proclamado Imperador. Tudo estava preparado para isso, e se não houvesse outra prova bastaria esta do curto espaço de tempo que mediou entre o regresso do Principe e a acclamação de Imperador. O caracter de José Bonifacio não era para consentir que, governando elle, um poder estranho se intromettesse entre o governo e a nação.

Recebia a todos, utilisava o serviço de todos em proveito da causa publica, mas não se deixava influir por ninguem.

A idéa de se conferir ao principe o titulo de Imperador e não de Rei nasceu exclusivamente de José Bonifacio, e foi adoptada pelo principe com exclusão de outra qualquer. Nos conselhos alguma opposição houve quem fizesse a esta idéa, não por a considerar prejudicial, mas sómente pelo temor de que viesse causionar algum embaraço para o reconhecimento das outras nações. Os que assim pensavão opinavão pelo titulo de Rei, que não acharia os mesmos embaraços, sobretudo da parte das grandes potencias da Europa. José Bonifacio refutou todos esses argumentos, que lhe parecião infundados. «O Brasil, dizia elle, quer viver em paz e amizade com todas as outras nações, ha de tratar igualmente bem a todos os estrangeiros, mas jamais consentirá que elles intervenhão nos negocios internos do paiz. Se houver uma só nação que não queira sujeitar-se a esta condição, sentiremos muito, mas nem por isso nos havemos humilhar nem submetter á sua vontade.» Estas e outras palavras de igual peso e consideração, elle as disse, em minha presença, a M.r Chamberlan, Encarregado de Negocios da Inglaterra.

Contarei tambem uma anecdota curiosa a esse respeito. A vivacidade natural de José Bonifacio fazia com que na discussão dos negocios mais importantes introduzisse muitas vezes algumas facecias. Nesta, para se assentar no titulo com o qual o principe devêra ser acclamado, no meio de argumentos de ordem superior, disse que o titulo não podia deixar de ser o de Imperador, porque o nosso povo já estava acostumado com o Imperador do Espirito Santo, e que um titulo pomposo se accomodava mais com um nobre orgulho dos brasileiros do que outro qualquer. Mas, quando o principe partio para S. Paulo, já esta resolução estava tomada no animo de José Bonifacio. Quando eu cheguei, em fins de Agosto, de volta de Pernambuco e Bahia ao Rio de Janeiro, ainda no Governo se fallava disso como cousa assentada e decidida,

Não foi, pois, um improviso de um individuo, que nenhuma influencia tinha no Governo, como já houve quem pretendesse inculcar pela imprensa.

Aquelles individuos que procuravão por todos os meios amparar-se (sic), para seus fins, da pessoa do Imperador, fazião guerra ao Governo, ou antes a José Bonifacio, que era o rival que elles mais temião. Ao povo pregavão uma liberdade desregrada, e ao Imperador procuravão captar a vontade por meio da lisonja. Era assim que condemnavão o *Regulador*, periodico redigido pelo padre mestre Sampaio, como subversivo e attentatorio da liberdade, e ao principe offerecião o titulo de Protector do Brasil! Padre mestre Sampaio no seu *Regulador* combatia as idéas exageradas de homens que, no meio do enthusiasmo publico, só cuidavão de si e espreitavão occasião de tirar partido, no interesse pessoal, das occurrencias politicas; tendo, pois, de combater excessos, podia muito bem exagerar sem intenção no sentido contrario. Mas o *Regulador* ainda existe, porque alguns exemplares escaparão do fogo a que forão condemnados, e hoje, que por assim dizer quasi que já podemos julgar como a posteridade em presença desse escripto, parece-me que se não achará nelle doutrina que não seja constitucional e de principios de boa ordem. Quem combatia esses principios queria outros que lhe fossem oppostos, e estes não poderião quadrar nem com a indole nem com a educação dos brasileiros, e muito menos com o systema monarchico, que convinha adoptar para conservar sem quebra a união da «famosa peça inteiriça de architectura social», como dizia José Bonifacio fallando do Brasil.

José Clemente Pereira, Juiz de Fóra e Presidente do Senado da Camara Municipal, era desses de que acima fallo, e um dos mais activos e talvez o mais audaz. Era natural de Portugal. Compellido pelas circumstancias, havia tomado parte nos negocios da Independencia, mas nunca chegara a inspirar confiança aos brasileiros sinceros que tratarão com elle. Andou sempre de má fé com o governo de José Bonifacio, ao qual se dizia affecto. O discurso que, na qualidade de Presidente do Senado da Camara Municipal, pronunciou por occasião da acclamação do Imperador, no dia 12 de Outubro, é disso uma prova. Desse discurso não me refiro á triste redacção, refiro-me sómente á doutrina que elle encerra, que seria mais propria para um artigo de um jornal sem crença do que para um discurso serio, pronunciado em occasião tão solemne. Mais improprio não podia ser. Peior ainda, estava muito alterado da minuta que elle lêra na vespera a José Bonifacio. José Clemente, quando fez taes alterações, talvez que se julgasse já na vespera de substituir ao Patriarcha da Independencia na pasta do ministerio dos negocios do Imperio e na intimidade do Imperador.

Fallei acima do titulo de protector do Brasil, offerecido ao principe. Chamo a attenção do leitor para essa referencia. Quando em 13 de Maio José Clemente Pereira e os seus amigos, que figurarão com elle na funesta noite de sabbado de Alleluia de 1821 na Praça do Commercio do Rio de Ja-

neiro, pretenderão captar a vontade do Principe Regente offerecendo á Sua Alteza um titulo pomposo, esse titulo foi — Protector e Defensor Perpetuo do Brasil —. O principe respondeu que defenderia o Brasil, mas que não acceitava o titulo de Protector, porque o Brasil se protegia por si mesmo. Tão aduladora é a offerta como nobre a resposta. Veja-se os papeis do tempo, porque eu cito de cór confiado na minha memoria, mas talvez que não me engane. Offerecião ao principe o papel de Cromwell na Inglaterra. O principe o não acceitou, mas seguio mais tarde as lições do Protector inglez, mas só lhe faltou o talento e a rara habilidade daquelle homem de Estado. Quando dissolveu a Assembléa Constituinte foi com os morrões accesos e as bayonetas dos seus soldados.

Os homens que se reunirão para combater e substituir a José Bonifacio na privança do principe e na opinião do publico, forão os mesmos que tomarão parte e influirão nos acontecimentos desastrosos da Praça do Commercio. Veja-se o processo, a que, por taes acontecimentos, se mandou proceder e do qual foi Juiz especial o desembargador do Paço Lucas Antonio Monteiro de Barros. Ahi se achavão compromettidos os mesmos individuos que 18 mezes depois, reunidos na Maçonaria, fazião do principe um Grão-Mestre, e exigião por meios astuciosos que elle prestasse o juramento prévio de obedecer á Constituição tal qual a fizesse a Assembléa Constituinte. O principe, obedecendo ao seu caracter amigo de novidade e desejoso de gloria, que não sabia ainda distinguir a verdadeira da falsa, enthusiasmou-se por tal fórma com o titulo de Grão Mestre que, se não fôra a influencia de José Bonifacio, teria cahido em laços, dos quaes não poderia mais sahir sem arriscar a integridade do Imperio e a sorte da Monarchia. A influencia de José Bonifacio no animo do principe era tão grande que resistio a todas as suggestões de seus adversarios e, se uma vez succumbio foi por effeito de uma desgraçada paixão amorosa que submetteu o coração do principe, gerou os acontecimentos que affligirão o Brasil, provocou a abdicação e fez da Monarchia um problema por algum tempo difficil de resolver.

Na hora extrema o Imperador provou exuberantemente, na carta que escreveu a José Bonifacio, pedindo que acceitasse a tutoria de seus filhos, o juizo que acima faço do conceito que gosava no animo de S. Magestade o venerando José Bonifacio.

Traslado aqui a carta do Imperador e o decreto de nomeação, porque me parece que taes documentos, tendo voado com a poeira da revolução, são já pouco conhecidos entre nós.

« *Amicus certus in re incertâ cernitur.*

É chegada a occasião de me dar mais uma prova de amizade, tomando conta da educação do meu muito amado e presado filho, seu Imperador.

Eu delégo em tão patriotico cidadão a tutoria do meu querido filho, e espero que educando-o naquelles sentimentos de honra e de patriotismo com

que devem ser educados todos os Soberanos para serem dignos de reinar, elle venha um dia a fazer a fortuna do Brasil, de quem me retiro saudoso.

Eu espero que me faça este obsequio, acreditando que a não m'o fazer eu viverei sempre atormentado.

Seu amigo constante

PEDRO. »

« Tendo maduramente reflectido sobre a posição politica deste Imperio, conhecendo quanto se faz necessaria a minha abdicação, e não desejando mais nada neste mundo, senão gloria para Mim e felicidade para a Minha Patria, Hei por bem, usando do direito que a Constituição Me concede no Cap. 5, Art. 130, nomear, como por este Meu Imperial Decreto nomeio, tutor de Meus amados e presados filhos ao *muito probo, honrado e patriotico cidadão José Bonifacio d'Andrada e Silva, meu verdadeiro amigo.*

Boa Vista, aos 6 de Abril de 1831, decimo da Independencia e do Imperio.

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL. »

Na hora fatal dos desenganos reconheceu o Imperador que José Bonifacio era o seu verdadeiro amigo, e delle exigia que acceitasse a tutoria de seus filhos. Era mais uma prova de amizade que pretendia do venerando ancião, que tantas outras já lhe havia dado, do contrario viveria sempre atormentado. Assim se exprime o Imperador na memoravel carta que fica acima trasladada.

O Imperador, reconhecendo o seu verdadeiro amigo, virtualmente reconheceu os seus inimigos. No numero destes achavão-se muitos dos aduladores, que elle havia enchido de honras e riquezas immerecidas, e que muito havião contribuido para a ruina do principe e para os desastres daquelle dia fatal, 7 de Abril.

José Bonifacio não havia recebido do principe nem uma só mercê. Sahio do ministerio como para elle havia entrado, não trazendo para si nada mais do que levou. A justo titulo o Brasil lhe conferio o glorioso de *Patriarcha da Independencia*, e baixou á sepultura José Bonifacio como era, e nada mais. Em sua vida nunca se lhe abrirão as portas do Senado, nem se lhe deu assento no Conselho de Estado. Por sua morte não se perpetuou em nenhum dos seus netos, por um titulo honorifico conferido pelo Poder, a memoria do avô.

Não accusarei o Imperador D. Pedro 1.º de desleixo. Deu-lhe o exilio em recompensa dos seus assignalados serviços, mas antes disso pretendeu galardoar por differentes modos esses mesmos serviços. Se o não conseguio foi porque achou em José Bonifacio decidida resistencia. Recusou a grã cruz do Cruzeiro e o titulo de marquez, quando esse titulo ainda se não achava enxovalhado. O Imperador levou este negocio de conferir o titulo de marquez a José Bonifacio ao Conselho de Ministros por elle presidido. Ahi o venerando ancião declarou solemnemente que não acceitava nem jamais acceitaria mercê alguma

honorifica em recompensa de seus serviços prestados a prol da Independencia, mas que tinha uma graça a pedir ao Soberano, e era que depois de sua morte lhe mandasse pôr sobre a sepultura uma pedra tosca, á custa do Estado, com a seguinte inscripção :

« Eu d'esta gloria só fico contente,
Que á minha terra amei e a minha gente. »

O Imperador com as lagrimas nos olhos, cerrando a mão ao venerando ministro, prometteu ser o executor de sua ultima vontade.

É uma divida da Corôa que ainda se acha em aberto.

Recordo-me que fiz allusão, em um numero do *Tamoyo*, a este facto, e parece-me que José Bonifacio, fazendo o seu requerimento, substituio no verso do poeta a palavra — terra — pela palavra — principe —. Veja-se o numero do *Tamoyo*, ou, melhor ainda, interrogue-se o Sr. Luiz da Cunha Moreira, actual visconde de Cabo Frio, testemunha presente, porque exercia então, e muito dignamente, o cargo de Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha.

A amizade que me unia a José Bonifacio era tão estreita que entre nós, apesar da differença das idades, não havia a menor divergencia. As opiniões de José Bonifacio na generalidade erão as minhas ; eu o respeitava como amigo, como mestre e director, e para mim tudo isso era uma gloria que enchia a minha alma da mais pura satisfação. O Imperador sabia muito bem que em politica eu não tinha outros sentimentos que não fossem os sentimentos de José Bonifacio. O Imperador nunca me escreveu, mas eu tive o prazer de saber que elle fazia justiça á lealdade do meu caracter. Da cidade do Porto mandou-me dizer a Hamburgo, onde eu me achava, por Luiz Carlos Rebello, consul geral por elle nomeado para a Hollanda, que era meu amigo.

Escuso referir outras palavras, porque não vêm ao caso, que igualmente me mandou dizer pela mesma via. A venda que trazia nos olhos cahio no dia 7 de Abril, e então poude ver claramente aonde estavão os seus amigos e os seus inimigos. Poude conhecer que os aduladores são o presente funesto que a Providencia envia aos principes para os perder.

O Imperador no seu regresso de S. Paulo, em 15 de Setembro de 1822, uma das primeiras cousas em que me fallou foi da maçonaria. Fallou-me nisso com um contentamento tal que eu não pude então bem decifrar. Pareceu-me que havia ali mais inexperiencia das cousas deste mundo do que verdadeiro enthusiasmo, e tudo quanto lhe ouvi naquella occasião puz em conta da volubilidade do seu caracter. Disse-me que eu devia entrar para aquella corporação e que elle mesmo queria encarregar-se de fazer a proposta. Respondi que agradecia muito a Sua Magestade, mas que não podia acceitar o seu favor ; que não tinha a menor repugnancia pela maçonaria, mas que havia promettido a mim mesmo de jamais ser maçon, e isto por occasião de haver soffrido pelo que eu não era, como já em outro lugar se acha referido. Que se eu cumpria

a palavra dada a outrem, como não cumpriria a que dava a mim mesmo? Se a maçonaria, como dizia S. Magestade, só tinha por fim reunir os homens afim de trabalharem pela causa da Independencia, que se me permittisse que eu continuasse a trabalhar fóra dessa reunião, porque neste caso me acharia com mais companheiros do que dentro della: que o Brasil todo queria ser independente, e não precisava senão de quem o dirigisse para conseguir o seu intento, e finalmente a direcção pertencia ao Governo e o esforço a todos.

Foi com taes razões que declinei a proposta e resisti ás instancias do principe. Foi talvez um capricho o querer eu sustentar uma promessa que havia feito a mim mesmo em occasião de uma afflicção, em occasião em que eu era perseguido por uma cousa que eu não era. Declaro portanto que não tinha outro motivo senão este, que é muito alheio á cousa em si mesmo. Mas os meus argumentos tornarão-se depois contra mim, porque o principe veio a fallar-me para entrar no Apostolado, e eu, sem ser incoherente, não podia es cusar-me. Acceitei. Foi esta a unica sociedade secreta a que tenho pertencido até hoje, em que me acho fóra da idade das illusões. Confesso que não me causou o menor enthusiasmo, e que, fóra da noute da entrada, bem poucas forão as outras em que eu ali compareci até a sua dissolução. O juramento que prestei foi pura e simplesmente de defender a Independencia, a Monarchia Constitucional e a dynastia do Imperador o Sr. D. Pedro 1.° Prestei-o com satisfação, porque não se exigia de mim senão aquillo que eu queria ardentemente, e pelo que daria a minha vida se fosse necessario, como ainda hoje darei, posto que já não valha nada.

Já fallei do discurso que José Clemente, presidente do senado da camara municipal do Rio de Janeiro, dirigio ao principe no dia 12 de Outubro de 1822 por occasião da acclamação de Sua Magestade. Esse discurso tomou o titulo de — *Representação do Povo do Rio de Janeiro.* José Clemente, como presidente do senado da camara, principia o seu discurso fallando em nome do povo do Rio de Janeiro, e acaba em nome do Brasil inteiro. Diz que ali se acha á testa do senado da camara municipal e que estão presentes todas as outras camaras da provincia. Diz que o senado da camara *decretára* que o principe fosse acclamado Imperador naquelle dia, e assigna elle só o discurso! Este documento é de uma extensão *fatigante*, escrito em linguagem impropria do assumpto e cheio de erros historicos. Insulta e elogia ao mesmo tempo. Por exemplo, diz que os 12 annos do governo do Sr. D. João 6.° no Brasil forão de roubo, etc., etc., e firma o direito do Brasil na sua elevação a reino por decreto do mesmo rei. Não sustenta analyse. José Clemente, quando o pronunciou, alterou-o consideravelmente da minuta que havia recebido a approvação de José Bonifacio. Taes alterações constituião uma falta grave, um erro de officio. José Bonifacio não corrigio o discurso, examinou sómente se elle continha alguma expressão inconveniente, e, como as não achasse na minuta que lhe foi apresentada, o approvou. As alterações com que foi apre-

sentado despertárão as desconfianças, que já existião, da deslealdade de José Clemente. Estas desconfianças não tardarão em se traduzir em factos, que tiverão em seguida bem tristes consequencias.

José Bonifacio andava bem informado dos passos que davão os anarchistas da Praça do Commercio á sombra da maçonaria, nada ignorava; porque, seja dito, havia traidores graduados que revelavão tudo, até aquillo mesmo em que apparentemente tomavão parte. José Bonifacio tinha, pois, em sua mão o fio dos segredos dos seus adversarios. Veio a saber que o principe, no seu enthusiasmo pela maçonaria, acceitára a condição de assignar tres folhas de papel em branco para ser eleito Grão Mestre. O principe assignou com effeito as tres folhas de papel em branco e as entregou a Lédo, José Clemente e Nobrega. Guardou disso segredo, como de tudo o mais que era concernente á sua eleição clandestina de Grão Mestre. Já se vê que o principe estava naquella occasião subjugado pelos homens que lhe estorquião tres assignaturas em branco e pelo ridiculo enthusiasmo de ser o Grão-Mestre da Maçonaria Brasileira.

José Bonifacio, sciente de tudo isto, teve com o Imperador uma explicação franca no dia 26 de Outubro e concluio pedindo a sua demissão. Martim Francisco fez outro tanto. O Imperador hesitou primeiro e acabou por confessar que havia dado tres assignaturas em branco ás pessoas acima indicadas. Reconheceu que erão judiciosas as reflexões de José Bonifacio, que havia errado, commettido grande falta, mas entrava em duvida acerca dos meios de rehaver as tres assignaturas em branco que tão inconsideradamente havia prestado. « Não ha senão um meio, respondeu José Bonifacio. Mande V. Magestade chamar a sua presença esses tres individuos e ordene-lhes que entreguem logo as tres assignaturas em branco nas mãos de V. M. Se elles não obedecerem, mande-os recolher á fortaleza da Lage, e manifeste ao paiz as causas deste seu procedimento. Desembaraçado de tão affrontosa tutela, poderá então governar livremente e nomear ministros que bem possão servir ao paiz e a V. M., porque, quanto a mim e a meu irmão, tendo sido encetada a confiança reciproca que existia, já nada podemos fazer. Nós nos retiramos, mas salve V. M. a sua dignidade, a sua dynastia e a integridade do Brasil, compromettidas com taes manejos. »

José Bonifacio deixou o principe sob a dolorosa impressão destas palavras, que, se não são as mesmas que o venerando ancião proferio, dão pelo menos o sentido dellas, e retirou-se declarando que já não era ministro. E para que a sua presença não servisse de motivo para perturbar a ordem publica, visto que a cidade, desde logo que soube que José Bonifacio havia dado a sua demissão, se mostrara alvoroçada, largou a sua casa do Rocio e foi immediatamente habitar uma pequena casa no caminho velho de Botafogo.

O Imperador sahio do lethargo em que jazia e passou de repente para aquelle estado de actividade, que tantas vezes o distinguio em crises perigosas.

No dia seguinte, 27, mandou chamar a S. Christovão a José Clemente, Ledo e Nobrega, os quaes correrão apressurados ao chamado, julgando que era para formarem o novo ministerio. A illusão durou pouco tempo. O Imperador lhes fallou duramente e ordenou a restituição das assignaturas em branco, em falta do que irião dali mesmo para a fortaleza da Lage e a nação seria informada das causas da prisão. Os homens obedecerão e o Imperador os deixou livres para irem elles mesmos buscar as assignaturas em questão. Segundo minha lembrança foi nesse mesmo dia, 27, e em seguida a este acto, que o Imperador, como Grão-Mestre, mandou cessar os trabalhos e fechar as lojas maçonicas.

José Bonifacio não se encontrou mais com o Imperador. Desejava que S. Magestade sahisse honrosamente do embaraço em que se achava, mas não queria voltar ao ministerio. De 26 á noute até 30, ao meio-dia, fui eu o intermediario da correspondencia verbal que houve entre o Imperador e José Bonifacio; posso, portanto, affirmar que a vontade de José Bonifacio era que o Imperador sahisse dignamente do embaraço em que se achava, nomeasse um ministerio de bons brasileiros, e não se deixasse mais illudir fosse por quem fosse. O Imperador, porém, insistia em que José Bonifacio e seu irmão voltassem ao ministerio. O Imperador conhecia bem o caracter firme de José Bonifacio, mas sabia ao mesmo tempo que o venerando ancião era por extremo sensivel ás demonstrações de affecto popular. Preparou elle mesmo essa demonstração e não lhe custou muito, porque essa era a vontade quasi unanime dos habitantes do Rio de Janeiro.

José Mariano de Azeredo Coutinho tomou a presidencia do senado da camara municipal, e esta corporação em nome do seu municipio pedio por uma representação a reintegração dos dois irmãos, José Bonifacio e Martim Francisco, ao ministerio. José Clemente, quando soube que o senado da camara estava reunido a deliberar sob a presidencia de José Mariano, correu aos paços do Conselho e dahi foi expulso com insultos pelo povo. Se homens bons não se houvessem intromettido teria elle sido naquella occasião victima do furor popular. Ficou quite com algumas pedradas na carruagem e com os apodos de traidor que contra elle vociferava o povo. O conselho de procuradores de provincia, o clero e outros corpos do Estado fizerão iguaes representações. O povo se poz em marcha para o caminho velho de Botafogo, onde se achava José Bonifacio. O movimento era grande. Todas as classes de cidadãos tomarão parte. O Imperador sahiu de S. Christovão erão 4 horas da tarde e veio ao Rocio, onde morava José Bonifacio, e não o achando quasi que foi levado pela multidão para o lado do Cattete. Ao chegar á Gloria encontrou se com José Bonifacio, que vinha trazido pelo povo. O joven Imperador e o velho ministro ambos se abraçarão e ambos derramarão lagrimas de ternura. Vierão ao Rocio, e do balcão da casa de José Bonifacio, este e o Imperador fallárão ao povo. Dali foi S. Magestade para o theatro, onde o enthusiasmo publico foi extraordinario.

Dos papeis do tempo se verá a narração exacta deste acontecimento. Em Paris publicou-se em 1827 na typographia de Tenon, Libraire éditeur, rue Hautefeuille n.° 30, uma obra intitulada — *Correspondance de Don Pêdre 1.er, empereur constitutionnel du Brésil, avec le feu roi de Portugal Don Jéan 6.° son Père, durant les troubles du Brésil,* traduite sur les lettres originales, précédée de la vie de cet empereur et suivie de pièces justificatives, par Eugène de Monglave.—Nesta obra, apesar de muitas inexactidões e erros grosseiros, achão-se narrações de factos acontecidos dignas de serem consultadas. O autor fez um bom serviço ao Brasil reunindo em um só livro a noticia de muitos acontecimentos e varios documentos de grande importancia. Será sempre consultado, não obstante, como já disse, as suas inexactidões. Sobre o facto a que acima me refiro veja-se de pagina 70 em diante. O autor é pouco explicito nas causas que o determinarão, mas refere com bastante exactidão o que se passou no dia 30 de Outubro de 1822.

O publico ignorava a causa principal que determinou José Bonifacio a dar a sua demissão. Esta causa era as tres assignaturas em branco que o Imperador déra secretamente a Ledo, José Clemente e Nobrega. Este facto insolito constituia igualmente no pensar de José Bonifacio uma falta de confiança da parte do soberano para com os seus ministros. O publico ignorava, digo, a existencia desta causa, que era sabida de bem poucos. Supponho que só José Mariano, Rocha e eu estavamos até então na confidencia. Affectava a honra do Imperador; era por isso um segredo que guardavamos religiosamente. Mas, apesar dessa ignorancia em que se achava o publico, foi elle severo, principalmente contra Ledo, José Clemente e Nobrega. Exigia contra estes tres individuos o mais severo castigo e ameaçava de os punir popularmente, se antes não fossem punidos pela justiça. A vida destes tres homens achava-se em perigo. José Bonifacio entendeu que para calmar a irritação publica conviria mandal-os por algum tempo para fóra do Imperio. Decidiu que fosse para a França. José Clemente e Nobrega forão subtrahidos ao furor publico, presos e mandados para a França. Ledo refugiou-se em casa do consul da Suecia e dahi para uma fazenda da provincia do Rio de Janeiro. O Governo sabia onde elle se achava e contentou-se com isso, porque a sua intenção era evitar o mal e não perseguir a individuos. Eu tambem não ignorava onde elle se achava. Tive em minha mão a carta que Ledo escreveu do seu exilio a meu tio Manoel Frazão de Souza Rondon, para que este implorasse a minha protecção em seu favor. A carta era notavel, porque inculpava a José Clemente como sendo este o autor do plano de que elle era accusado. O padre Januario da Cunha Barbosa foi preso no caminho de Minas e remettido para a fortaleza de S.ta Cruz, de onde seguio viagem para a França. Contra este padre se levantarão graves accusações. Era elle fraco de caracter e se achava naquella occasião completamente dominado por Ledo e José Clemente. Encontrarão-se-lhe papeis que provavão que a sua missão a Minas era desorganisadora da monarchia no Brasil.

Lamento que duas cartas que este padre, de quem eu era amigo, me escreveu da Fortaleza de S.ta Cruz e que eu conservei com o maior cuidado, fossem agora destruidas pelo incendio em uma (caixa), em que se achavão com muitas outras de pessoas notaveis com quem em outro tempo me correspondi. O padre Januario pedia a minha protecção junto a José Bonifacio e defendia-se das accusações de que era arguido, mas ao mesmo tempo historiava os acontecimentos por tal modo que as suas cartas se tornavão instrumento de accusação contra Ledo, e José Clemente principalmente. Eu fiz o que pude em favor do padre Januario, responsabilisei-me por elle, e não pude evitar o seu exilio temporario. Mostrei as duas cartas a José Bonifacio, mas não consenti que fossem ellas juntas ao auto de devassa que se installou depois. José Bonifacio approvou e louvou o meu procedimento. O coração de José Bonifacio não podia abrigar odio contra ninguem. Quando se vingava era por actos de generosidade.

Outras pessoas forão depois presas em consequencia de uma devassa, da qual foi juiz o desembargador Francisco da França Miranda. A probidade, a rectidão e a intelligencia deste digno magistrado erão taes que afastavão delle no conceito publico toda a idéa de parcialidade. Os presos forão entregues ao poder judiciario e o governo não mais se occupou disso. Erão pessoas de pouca importancia, e se uma ou outra de entre ellas figurou depois foi em razão da lei que faz subir as impuridades á superficie em occasião de revolução. Não me recordo bem dos nomes desses individuos, mas parece-me que um delles se chamava Luiz Manoel Alves, homem pobre de espirito e de fortuna e que exercia um emprego subalterno no Erario; um Gouveia, por antonomasia o Boquinha, que fôra escrevente do cartorio do escrivão dos Defuntos e Ausentes e era então serventuario de um officio de escrivão do judicial. Deste individuo ouvi dizer que era forte na chicana do fôro; o coronel ou brigadeiro Domingos Alves Branco, conhecido pelo titulo de *Pai avô* e que tinha banca de rabula em a loja de uma casa da rua da Cadeia onde morava; outro, finalmente, que me ficou na memoria foi João da Rocha Pinto. Este individuo era filho de um negociante do Porto, que antes de o ser tinha sido alfaiate, de nome Thomaz da Rocha Pinto. Emquanto o pai floresceu no Porto tinha o filho uma casa de commercio em Londres. Quebrarão ambos. O pai falleceu e o filho foi para o Rio de Janeiro. Ainda até hoje o Brasil não cessou de ser o amparo dos portuguezes. No Rio de Janeiro Targini, que campava de grato, lembrou-se de certa obrigação que em tempo de sua miseria devera a Thomaz da Rocha Pinto, declarou-se protector do filho necessitado. O poder de Targini era immenso. Creou para o seu afilhado, porque não havia emprego vago para se lhe dar, um officio novo e desnecessario. Felizmente naquelle tempo os ministros não se achavão ainda armados do poder demissorio. João da Rocha Pinto foi nomeado ajudante do administrador da alfandega com um conto e 200 mil reis de ordenado. Tomando posse do seu officio o administrador da

alfandega achou que o homem não servia para nada, e que tinha certo vicio que podia ser muito prejudicial á Fazenda Publica se chegasse a exercer a autoridade. Disse-lhe com bom modo que, não tendo nada em que o empregar, fosse para a sua casa, não voltasse á alfandega e continuasse a receber o seu ordenado, que naquelle tempo era avultado. Isto que refiro passou-se por assim dizer debaixo dos meus olhos, porque era meu Pai o administrador da alfandega, que assim despedia o ajudante que lhe davão contra sua vontade.

A Independencia do Brasil respeitou todos os direitos, mal ou bem adquiridos. Não ha exemplo que em nenhum outro paiz acontecesse outro tanto no meio de uma revolução. Mas Martim Francisco, subindo ao Ministerio da Fazenda, não admittia que se comesse em ocio os dinheiros do Estado, e mandou que João da Rocha fosse administrar os trabalhadores que punhão o sello nas fazendas despachadas. Tinha então fallecido o ultimo proprietario do officio de sellador da alfandega, Antonio Nascentes Pinto, cujo rendimento com o crescimento do commercio era já immenso, e Martim Francisco por um decreto extinguio o officio e encorporou o rendimento delle ás rendas do Estado. Eis pois o ajudante do administrador, officio igualmente extincto por outro decreto, de vara na mão vigiando os pretos no trabalho de pôr o sello e castigando muitas vezes com a fustigação aquelles que se arredavão do seu dever ou procuravão empalmar alguma mercadoria.

Foi nesta *elevada* posição que João da Rocha Pinto se achou envolvido na devassa e preso na ilha das Cobras. O Imperador D. Pedro 1.°, ninguem sabe porque, affeiçoou-se a este homem, sem merito algum, e fez delle seu valido, seu camarista e estribeiro mór da Imperatriz! Mandou-o a bordo da nau *D. João 6.°* buscar o infante D. Miguel, que se achava então em Vienna d'Austria. O valido cumprio tão mal a missão que não levou o Infante, mas gastou tanto dinheiro que nunca se poude verificar a quantia, como consta de um documento original que existe em meu poder e do qual abaixo darei o transumpto. João da Rocha já se achava em Paris quando o Imperador abdicou. Na Europa continuou a representar o papel de valido e teve muita influencia na decisão dos negocios, principalmente naquelles que erão relativos a dinheiro, porque nestes era sempre consultado e ouvido pelos agentes executores. Viveu com grande luxo até a morte do Imperador. Cessando depois o rendimento e não cessando nelle o gosto de gastar, achou-se em breve destituido de todos os recursos. A rainha lhe tirou o lugar que tinha na mesa do Estado. Nestes apuros o bom homem suicidou-se asphyxiando-se com fumo de carvão e dando golpes nos pulsos e no pescoço com uma navalha de barba.

Não me lembro de nenhum outro que fosse preso naquella occasião, mas não duvido que houvesse. Todavia creio que, se houve, não foi pessoa de consideração ou nome conhecido. Continuarei a consultar a minha memoria, até ver se ella me assegura na duvida em que me acho.

Recordo-me agora que forão tambem presos Pedro José da Costa Barros,

Joaquim Valerio Tavares e Thomaz José Tinoco. O 1.º era official da brigada da marinha, natural do Ceará, supponho eu, homem inquieto e ambicioso. Servio a todos os partidos: foi exaltado republicano, constitucional e absolutista. Deputado á Constituinte, entrou ao principio no numero dos exaltados, e na occasião da dissolução violenta daquella assembléa já era um dos mais humildes devotos de S. Christovão, para onde levava á tarde os ditos, as palavras particulares e até os pensamentos, muitas vezes inventados por elle, dos deputados da opposição. Foi presidente de provincia, e exerceu o poder despoticamente. Veja-se o que delle refere a Historia do Brasil, de Mr. Armitage. Joaquim Valerio Tavares era um portuguez analphabeto, que veio de Portugal aguadeiro do Paço, onde subio a varredor e reposteiro, casou com uma retreta, e teve por isso o habito de Christo e o officio de meirinho do desembargo do Paço ou Conselho da Fazenda. Nos almanacks do tempo se achará em qual dos dois tribunaes. Thomaz José Tinoco era natural do Rio de Janeiro e filho de um mercador, homem sem educação e sem fortuna. Vivia casado com uma meretriz que fôra comica e era conhecida pelo nome de Chica da Paula. Quando foi preso era já official da Secretaria de Estado dos negocios da Justiça, emprego que obteve por intervenção de seus *amigos*, tendo sido essa nomeação muito censurada por causa da incapacidade e da vida do nomeado.

De 30 de Outubro, em que tudo isto se passou, até o 1.º de Dezembro em que se fez a coroação do Imperador, marchou o governo desaffrontado, imprimindo na sua marcha aquelle vigor e aquella actividade que fazem hoje a nossa admiração. Quem é de entre nós que não se admira actualmente de que no espaço de 11 mezes o Brasil resistisse aos iniquos decretos de Portugal, declarasse a sua Independencia, acclamasse e coroasse o seu Imperador!

Vou agora contar duas anecdotas, que são já desconhecidas ou sabidas de mui poucos, as quaes se referem á coroação. José Bonifacio tinha pensado em crear uma ordem militar para perpetuar a memoria da Independencia e premiar o merito. Tinha feito o desenho das insignias e assentado na côr da fita e no titulo da ordem, mas não julgava ainda azada a occasião de a decretar e publicar. O seu intento era de o fazer quando a Independencia se achasse bem consolidada e os portuguezes expulsos da Bahia; porque era então que elle entendia se devia avaliar e pesar o merito de cada um, para ser contemplado nos diversos graus da ordem.

Mas o caracter impaciente do Imperador não permittio que isso se fizesse com a demora pausada e reflectida que exigia a sua gravidade. Quasi nas vesperas da coroação quiz e exigio que a ordem fosse decretada no dia della. José Bonifacio cedeu, como cedia sempre á vontade do Imperador quando não era opposta ou não compromettia os interesses vitaes do Brasil. O Imperador quiz ao mesmo tempo ser coroado trazendo já a ordem do *Cruzeiro*, que este era o seu nome. Concluio-se a toda pressa o modelo que se estava fazendo e com elle foi o Imperador coroado.

Nas vesperas tratou-se de escolher as pessoas que devião ser contempladas. José Bonifacio queria que todas as provincias, tando quanto fosse possivel, fossem contempladas na escolha. Fui eu encarregado de apresentar os nomes dos benemeritos das provincias do Norte. O Imperador decidio que José Bonifacio e Martim Francisco fossem contemplados com a Gran-Cruz. Ambos elles resistirão e declararão decididamente que não aceitavão a mercê. O Imperador affligiu-se com a recusa. Lembrou-se então de Antonio Carlos, que já estava na lista com alguns outros deputados do Brasil que bem se havião conduzido nas côrtes de Portugal, para dignitarios, e quiz que fosse este nomeado Gran-Cruz. «Quero, repetio o Imperador, que fique esta distincção em um membro da familia de José Bonifacio.» Este annuio e agradeceu. Todavia o Imperador não podia occultar a sua pena de José Bonifacio não acceitar a Gran Cruz do *Cruzeiro*. Consultou a Antonio Telles da Silva, seu camarista, depois marquez de Rezende, e este foi de parecer que S. M., depois de coroado, tirasse a sua Gran Cruz e a puzesse alli mesmo na igreja e por suas mãos em José Bonifacio, porque deste modo não poderia elle deixar de a acceitar. O Imperador achou excellente o parecer e decidio seguil-o, mas, receiando que o mesmo não parecesse a José Bonifacio, procurou sondal-o e, na vespera, á noute, communicou-lhe o seu projecto. José Bonifacio atinou logo que fôra Antonio Telles o conselheiro, e quasi fóra de si disse ao Imperador que não fizesse tal, porque se o fizesse elle perturbaria o acto da coroação e declararia a S. M. fóra de seu juizo. «E' um paulista que lhe falla, faça agora o que quizer e verá o resultado.» O Imperador nada fez, mas por conselho tambem de Antonio Telles nomeou a José Bonifacio, sem o consultar, seu mordomo-mór. Isto pelo modo que vou contar.

O prazer de José Bonifacio por occasião da coroação do Imperador não podia ser maior. Estava como um homem que tinha alcançado aquillo para o que toda a sua vida havia trabalhado. A exaltação, o enthusiasmo de José Bonifacio erão patentes. Jantava-se no Paço. O Imperador compareceu no meio do jantar á mesa de Estado e disse que ia fazer uma saude, que era á saude do Sr. José Bonifacio, a quem ia fazer um pedido e esperava que lhe não faltasse. José Bonifacio, no excesso da alegria em que se achava, poz a mão direita no hombro do Imperador e disse: «Peça V. M. o que quizer, hoje não lhe recuso nada, faço a sua vontade em tudo e por tudo.» Então o Imperador bebeu á saude do Sr. José Bonifacio seu mordomo-mór. Esta saude foi vivamente applaudida por todos os assistentes e José Bonifacio respondeu a ella com estas unicas palavras: «Sim Sr., sou mordomo-mór; sou tudo que V. M. quizer que eu seja.»

Á noute fomos para o theatro; José Bonifacio nem disso mais se lembrou, mas no dia seguinte achou que o Imperador fizera mal de o surprehender em um momento de alegria para lhe extorquir um sim, que aliás jamais lhe daria. Houve entre elle e o Imperador uma scena a este respeito, que

esteve a ponto de terminar pela sahida de José Bonifacio do ministerio. Concluio-se porém amigavelmente, recahindo as culpas em Antonio Telles, que havia sido o conselheiro. Este, redigindo a carta imperial, introduzio uma phrase que, posto que lisongeira a José Bonifacio, não se accommodava com os principios, nem com a fidelidade do venerando ancião. A phrase era « que acceitára, não sem grande repugnancia.» José Bonifacio quiz que se riscasse esta phrase como deshonrosa ao Imperador; mas o tempo passou, tudo se accommodou, nunca se fez outra Carta Imperial e aquella permaneceu com a phrase indecorosa como estava! José Bonifacio servio de mordomo-mór até a sahida do ministerio. Depois disso continuou a sel-o sem comparecer no Paço, até a sua deportação. Muito tempo se passou sem se lhe dar um successor, até que por fim foi nomeado o conde de Palma, mas nunca se publicou nem se communicou a José Bonifacio que elle se achasse demittido daquelle officio.

O decreto pelo qual o Imperador creou a ordem do *Cruzeiro* resentio-se da precipitação com que foi feito. José Bonifacio havia meditado tudo, menos o regulamento da ordem, a respeito do qual nem as bases estavão ainda assentadas, faltava o tempo para fazer tudo isto, estava na vespera da coroação e o Imperador queria, como acima fica dito, que no dia della fosse publicada a creação da ordem e os despachos. Nestes apuros José Bonifacio entendeu que sahiria delles publicando o decreto da creação, com declaração de que o regulamento se faria por outro decreto. Se estas não são as textuaes palavras do decreto, como é de presumir não sejão, explicão pelo menos o sentido dellas.

Na redacção do decreto servio-se José Bonifacio de uma phrase que acarretou sobre si as mais severas censuras dos politicos improvisados. Disse que o Imperador, « a exemplo de seus gloriosos antepassados, » etc. E a saltar sobre elle todo esse enxame de vadios que pretendião ver no *exemplo dos gloriosos antepassados* o despotismo atrozmente encarnado! O Imperador não tem antepassados, dizião, escrevião e publicavão pela imprensa os coripheus do liberalismo.

A maxima parte dos erros de José Bonifacio que a opposição combatia erão desta força! Parece hoje impossivel que tal se fizesse, e todavia foi por ahi que a opposição conseguio levantar alguma suspeita sobre as intenções de José Bonifacio. Não admira, porque naquelle tempo, entre nós, bem poucas erão as noções que havia acerca do governo representativo, e essas poucas quasi que erão exclusivamente importadas de Portugal. A ignorancia destes principios, mesmo entre a gente illustrada de Portugal, era tal que nas Côrtes Constituintes de Lisboa discutio-se mui *seriamente*, e a discussão durou alguns dias, se os ministros de Estado poderião sentar-se em presença dos representantes da nação! Depois de longos debates decidirão, talvez por piedade, que os pobres ministros, em presença dos deputados, tivessem assento em mocho raso!

Muito se tem dito, fallado e escripto acerca dos redactores do *Tamoyo*, e nada se tem dito, fallado e escripto que verdade seja. As paixões, as inimizades, e tambem a inveja, muito têm contribuido para isso. As causas que determinarão a publicação do *Tamoyo* são bem sabidas. O *Tamoyo* foi o primeiro alerta do perigo que corria a Independencia. A dissolução pela força armada da Assembléa Constituinte, o tratado pelo qual o Brasil comprou a Portugal a sua Independencia, quando elle já a havia conquistado com as armas na mão, ficando o rei de Portugal com o titulo vitalicio de Imperador do Brasil, e sendo elle quem dava a Independencia pelo preço ajustado, os factos subsequentes, e até o deploravel 7 de Abril de 1831, ahi estão clamando que o *Tamoyo* tinha razão e que se tramava contra a Independencia do Brasil.

Passada a coroação, começou o Imperador a soffrer desta molestia que é o flagello dos homens politicos protegidos pela fortuna e que acaba por dar cabo delles. Á proporção que a molestia crescia, o Imperador se persuadia que era elle o autor de tudo o que se tinha feito. Persuadia-se que era um homem de genio, a quem os acontecimentos se curvavão, porque erão producção sua. Chegou a ponto de dizer, por occasião da sahida de José Bonifacio do ministerio : — Que o velho se vá com Deus, que eu já lhe tirei tudo o que elle sabia.

Inchado com taes idéas, vendo que o Brasil todo lhe obedecia e, como por encanto, tinha a sua voz feito mudar todas as condições sociaes da vida dos brasileiros, começou a pensar que era já tempo de tratar do seu engrandecimento pessoal. O Brasil já era seu, porque se lhe dera pelo influxo de seu genio voluntariamente. De Portugal era o herdeiro presumptivo e mais cedo ou mais tarde essa herança se effectuaria. Dispôr pois as cousas para que se effectuassem sem o menor abalo, era o de que já se tratava.

O Imperador achava-se rodeado de portuguezes que o nutrião nestas idéas. O serviço do Paço era feito por portuguezes. Os brasileiros que entrarão no dia da coroação para esse serviço, nenhuma influencia tinhão. Estavão ali como estranhos; fazião a sua semana e retiravão-se aos sabbados sem nada saberem do interior do Paço. Os mais intimos do Imperador erão : Francisco Gomes da Silva (o Chalaça), João Carlota e Placido. Este era um barbeiro, que o foi de José Egydio Alvares, o outro tinha sido moço de carregar as caixas da cosinha e o primeiro mau official de ourives. Todos tres portuguezes. José Bonifacio olhava com receio para este estado do Paço, em attenção sobretudo ao caracter voluvel do Imperador, e nunca lhe poude pôr remedio, porque S. M. a isso se oppunha pela razão de que era negocio seu particular o governar a sua casa como bem entendesse. Os militares que mais privavão erão todos portuguezes e o Imperador se hia já affeiçoando aos brasileiros, que pouco ou nada se importavão com a Independencia, áquelles brasileiros que mais campavão de realistas e amigos de Portugal. José Bonifacio ia vendo

e observando estas tendencias, porque ninguem melhor do que elle, que se achava perto do Imperador, as podia ver e observar com melhor acerto.

Por outro lado, o Imperador mandára vir de S. Paulo uma mulher que elle lá havia conhecido, depois de ser ella já conhecida de um criado particular seu, e se ia apaixonando por ella tão vivamente que deixava já entrever os escandalos de que esta mulher foi depois a causa no Paço e na Côrte. José Bonifacio não poude desviar o Imperador, por mais esforços que fizesse, desta indecente e indecorosa ligação. A desapprovação de José Bonifacio foi motivo della se ver logo rodeada e lisongeada por aquelles que pretendião supplantar o velho ministro. — O Imperador cahio do cavallo em fins de Junho de 1823 e na quéda quebrou duas costellas e machucou uma coxa tão fortemente que se formou ahi um abcesso. Retido no leito, essa mulher foi então admittida com inaudito escandalo no seu quarto e começou desde logo a imperar. O estado de fraqueza em que o Imperador se achava tambem contribuira para esse funesto resultado.

Disse que o Imperador tinha cahido do cavallo, quebrado duas costellas, etc. Conformei-me com a versão official e popular daquelle tempo. Passarei adiante sobre esta particularidade, porque de nada serve agora averiguar de que procedeu a desgraça que ainda hoje devemos lamentar. O que posso dizer é que o primeiro boletim que se publicou daquelle funesto acontecimento foi escripto por mim e dictado por José Bonifacio. Os medicos o assignarão e servio elle de norma e ponto de partida para os outros que se seguirão.

O desgosto de José Bonifacio crescia de dia em dia. Já não confiava no Imperador. Tinha razão de suspeitar que se tramava contra a Independencia e que a união estava na mente do principe. A conducta deste com a tal mulher de S. Paulo era um escandalo que o velho não podia tolerar. Logo que a confiança falta, todas as suspeitas tomão o caracter da verdade. As cousas estavão neste ponto, quando o Imperador, ainda na cama, por empenhos da Domitilia, que assim se chamava a tal mulher, fallou a José Bonifacio para conceder amnistia aos réos politicos de S. Paulo e Rio de Janeiro. José Bonifacio respondeu: « Hontem eu já esperei que V. M. me fallasse nisso. Estou informado que é empenho da Domitilia e que essa mulher recebe para isso uma somma de dinheiro. » O Imperador desviou esta tremenda accusação, fazendo ver que os homens erão innocentes; José Bonifacio replicou que os innocentes não querião amnistias; que os culpados precisavão dellas, mas que nas circumstancias actuaes a conveniencia e a politica aconselhavão que o perdão fosse dado depois do julgamento. Que o governo estava em presença de uma Assembléa Constituinte, que podia querer tomar contas do exercicio de um poder que não se achava ainda bem definido. Demais, que era sabido que se depositara dinheiro para se alcançar a amnistia e que elle José Bonifacio jamais daria seu nome para comparecer em negocio tão vergonhoso. O Imperador encolerisou-se a ponto de erguer-se da cama e quebrar o apparelho que lhe continha as costellas. A Domitilia

estava no quarto proximo, José Bonifacio pedio ali mesmo a sua demissão, dizendo que desde aquelle instante já se não considerava ministro. Foi isto no dia 15 de Julho de 1823.

No dia seguinte apresentou-se Martim Francisco dando a sua demissão. O Imperador pedio que não sahisse do ministerio, porque não havia para isso motivo: « A sahida de seu irmão não é uma razão para que o Sr. saia tambem ». O Imperador estava então muito pacifico, não parecia o mesmo da vespera. Martim replicou que tinha os mesmos motivos que tinha seu irmão para sahir do ministerio, a falta de confiança em S. M. O Imperador pedio então que Martim lhe indicasse o individuo que julgava capaz para lhe succeder no ministerio da Fazenda. Martim recusou-se. D. Maria Flora, irmã dos Andradas, que era camareira-mór, retirou-se do Paço na tarde desse mesmo dia, enviando a sua demissão por escripto a S. Magestade. No dia seguinte, 17, apparecerão os decretos de demissão.

José Bonifacio foi substituido por José Joaquim Carneiro de Campos e Martim Francisco por Manoel Jacintho Nogueira da Gama, ambos instrumentos da realeza e affectos á união.

Devo dizer que Carneiro de Campos, sendo chamado ao Paço para substituir a José Bonifacio, disse ao Imperador que não aceitava o lugar emquanto não tivesse uma entrevista com o mesmo José Bonifacio, para o que pedia licença a S. Magestade. Carneiro foi immediatamente procurar a José Bonifacio e com a maior franqueza lhe disse o que havia a respeito e que não aceitaria o lugar se José Bonifacio não approvasse e lhe negasse o seu apoio; que estava prompto a ser ministro para continuar com a politica de José Bonifacio e receber delle as instrucções e não de outra forma. E' de presumir que esta delicadeza de Carneiro de Campos agradasse a José Bonifacio. Disse-lhe que approvava a escolha do Imperador, mas que estava cançado e não podia occupar-se mais de negocios publicos; que acceitasse o lugar, que elle faria o que pudesse em seu favor e que no emtanto recommendava o Moitinho, official que fôra de seu gabinete, que era intelligente e estava ao corrente dos negocios exteriores. Carneiro de Campos concluio dizendo que ia relatar ao Imperador toda aquella conversa e acceitar a nomeação de ministro.

As pessoas da maior confidencia de José Bonifacio erão o desembargador Francisco da França Miranda e eu. A estes abria elle o seu peito sem a menor reserva. Já em fins de Março ou 1.º de Abril de 1823 se queixava José Bonifacio da tibieza do Imperador a respeito dos negocios da Bahia, pondo obstaculos á amplitude das instrucções que José Bonifacio dava a Lord Cochrane para fazer guerra a Portugal. O Imperador queria expulsar os soldados portuguezes da Bahia e de todo o Brasil, mas não queria mais do que isto, emquanto que José Bonifacio estendia as suas vistas a tirar a Portugal todos os meios de poder este hostilisar ao Brasil. Neste ponto a discussão

entre o Imperador e José Bonifacio foi violenta e acabou por o Imperador ceder á vontade do ministro.

A Assembléa Constituinte abrio-se em 3 de Maio. José Bonifacio, apesar das suspeitas que já nutria, não declinou da sua opinião de que a constituição que a assembléa fizesse não podia obrigar senão depois de acceita pela nação e pelo Imperador. O Brasil havia declarado a sua independencia, declarado tambem a sua vontade de querer existir constituido em monarchia representativa e proclamado para seu Imperador o Sr. D. Pedro 1.°

Havia igualmente nomeado deputados para organisarem o pacto social, mas nem ao Brasil, nem ao Imperador, nem a qualquer outro brasileiro impunha a obrigação de aceitar e obedecer a esse pacto se as suas condições lhe não conviessem. Em Portugal se havia commettido o absurdo de jurar obediencia á Constituição tal qual as Côrtes da nação a fizessem. No Brasil o partido de Ledo e José Clemente, que pretendia angariar e manietar ao mesmo tempo o Imperador, quiz fazer outro tanto, mas, sendo combatido por José Bonifacio, resolveu-se pelo modo que já se sabe, em 30 de Outubro de 1822.

Em 20 de Junho de 1823 o deputado por Pernambuco Moniz Tavares propoz na Assembléa Constituinte que o governo fosse autorisado a expulsar do Brasil os portuguezes que fossem hostis á causa da Independencia. Antonio Carlos apoiou esta proposta, houve sobre ella uma discussão, e não passou adiante. E' o que a minha memoria ainda conserva, mas nos papeis do tempo e na respectiva acta da Assembléa se achará este episodio tal qual aconteceu. Agora direi que nem Moniz Tavares, nem Antonio Carlos, nem ninguem mais, que estivesse de intelligencia com o governo, queria que semelhante proposta fosse convertida em lei. Foi feita pura e simplesmente para sondar a opinião publica e sobretudo para ver o effeito que ella causava no animo do Impeperador. O ministerio reconheceu então que estava em um terreno falso e que as suas suspeitas se convertião em factos todas as vezes que as punha em prova. Os portuguezes erguerão a cabeça e o apoio do Imperador ficou então sendo patente.

Seguio-se, como já fica dito, a sahida de José Bonifacio e de Martim Francisco do ministerio em 17 de Julho. Da Assembléa Constituinte, visto a sua composição, nada se podia esperar. Á excepção de meia duzia, era composta de moços inexperientes ou de velhos ambiciosos que não tinhão fé naquillo mesmo que estavão fazendo. Para estes a Independencia e a liberdade, comtanto que houvesse um soberano que distribuisse graças e mercês, erão cousas indifferentes. Mas para aquelles a Independencia e a liberdade erão cousas sacrosantas, que elles querião, mas que não sabião atinar com os meios de as obter. Falladores insupportaveis, que fallavão a torto e a direito sem saberem o que dizião, mas que se julgavão capacissimos para constituirem uma nação e administrarem um Estado.

Foi nesta conjunctura, em que a Independencia se achava ameaçada e sem defensores officiaes, que o desembargador Francisco da França Miranda e eu, depois da sahida de José Bonifacio e Martim Francisco do ministerio, emprehendemos a publicação de um periodico afim de esclarecer o povo e defender a Independencia, tão gravemente ameaçada.

Esta tarefa nos pertencia de direito. O desembargador França Miranda tinha sido redactor do famoso papel — *O Despertador Brazileiro* — que deu o 1° alerta para a Independencia no Rio de Janeiro, e eu, que era então um moço ardente, não ambicionando senão a Independencia de minha patria e que já me achava na vanguarda dos seus primeiros soldados, combinámos e concertámos a politica que deviamos seguir na redacção do periodico; decidimos que fosse intitulado *O Tamoyo*, redigimos o 1° numero, e depois de impresso, mas antes de ser publicado, é que fomos mostral-o a José Bonifacio e pedir a sua approvação. José Bonifacio fez ao principio algumas ponderações contra o nosso projecto, mas cedeu emfim, exigindo sómente que mudassemos a epigraphe para que della se não pudesse tirar allusões pessoaes. Tinhamos adoptado a seguinte epigraphe — Pour qu'on vous obéisse, obéissez aux lois — Cedemos á vontade de José Bonifacio e adoptámos a outra, que ficou prevalecendo desde o 1° até o ultimo numero que se publicou deste periodico:

Tu vois de ces tyrans la fureur despotique,

Ils pensent que pour eux le ciel fit l'Amérique.

Foi necessario destruir a edição inteira do 1° numero e fazer outra com esta 2ª epigraphe. Poucas folhas se distribuirão com a primeira.

Até aqui Martim Francisco e Antonio Carlos erão completamente extranhos ao *Tamoyo*, pela unica razão de não ter havido tempo para os prevenir e consultar. Da nossa decisão, de França Miranda e minha, de redigirmos um periodico, á execução della o espaço foi muito curto. Antonio Carlos e Martim Francisco approvarão e prometterão a sua collaboração, mas muito pouco escreverão para o *Tamoyo*. Martim Francisco, segundo minha lembrança, só dois artigos fez e Antonio Carlos com pouco mais contribuio. José Bonifacio fez tambem dois ou tres artigos, mas não os redigio elle mesmo, era conversando sobre as questões vertentes que França Miranda ou eu apanhavamos as idéas e ali mesmo José Bonifacio corrigia os artigos que assim haviamos França Miranda ou eu organisado. Se a minha memoria não me falha nesta occasião, indico como sendo de José Bonifacio, mas escripto pela forma acima referida, com aquelles accrescentamentos que Francisco Miranda ou eu julgavamos a proposito fazer, o artigo do *Tamoyo* n° 5. Não o tenho presente, nem sequer possuo uma collecção desse periodico, que tanto influio nas cousas de nossa terra, aliás diria isto com certeza. A minha vida, desde a dissolução da Assembléa Constituinte até hoje, que me acho em Paris cego, esquecido dos meus e até de quem, por dever de officio, se devia lembrar, tem sido uma continuada peregrinação, na qual

me não foi dado conservar nem os meus papeis, que todos forão victimas do roubo, dos bichos e ultimamente de um desastroso incendio.

Passado algum tempo, que a minha memoria não pode agora precisar, unio-se a nós na redacção do *Tamoyo* Antonio José de Paiva Guedes, que acabava de ser redactor do *Diario do Governo*. Fomos pois nós tres, França Miranda e eu, os fundadores do *Tamoyo* e Antonio José de Paiva Guedes o redactor, que se nos ajuntou depois. Ninguem mais, á excepção do pouco que para elle contribuião os Andradas, teve parte na redacção do referido periodico desde o principio até o fim de sua publicação.

Haviamos convencionado que no caso de ser o jornal chamado á juizo por abuso de liberdade de imprensa, o autor do artigo incriminado não declinaria a responsabilidade, antes se apresentaria para defender-se em juizo. Exceptuamos desta regra a José Bonifacio, não porque elle recusasse responder pelos seus actos, mas em razão de não serem seus artigos redigidos, no rigor da palavra, por elle mesmo. Na minha defeza, que mandei de Paris em... para se ajuntar aos autos da informe devassa a que se procedeu por occasião da dissolução da Assembléa Constituinte, e na qual fui pronunciado á prisão e livramento, declarei isso mesmo dizendo que, se havia abuso de liberdade de imprensa na redacção do *Tamoyo*, estavamos promptos, eu e os Andradas, cada um a responder pelas suas obras perante o tribunal competente. Uma casualidade fez cahir em minhas mãos uma copia de minha lettra da mencionada defeza, que ajuntarei a estas notas.

O que fica exposto é a historia veridica do *Tamoyo*. Quem a ler julgará do animo daquelles que até hoje a tem vertido diversamente. As paixões politicas e a inveja são talvez a causa deste desatino.

Não direi as diligencias que fez o Poder para mudar a linguagem do *Tamoyo* ou ao menos para fazer cessar a sua publicação, porque não vem isso ao caso e eu dicto notas para a historia e não faço a minha apologia. Todas as diligencias, todas as offertas, todas as visitas do ministro José Joaquim Carneiro de Campos e de outras pessoas graduadas da minha amizade forão baldadas, nada poude demover-me do meu firme proposito de sacrificar-me, se tanto fosse preciso, pela Independencia e pela Liberdade da minha Patria. Se me disserem agora que nem a Liberdade nem a Independencia estavão em perigo; se me disserem que as nossas previsões erão então erradas e que não havia a menor intenção de reunir outra vez o Brasil a Portugal, responderei que taes erão as minhas convicções, que nunca soube transigir com ellas, e por fim appellarei para os factos que vierão depois dar por verdadeiras essas convicções. E sereis vós, srs. de 7 de Abril, quem as accusareis de erradas?

Completemos esta confidencia acerca dos redactores do *Tamoyo*. A entrada de Paiva Guedes não foi uma necessidade, foi uma conveniencia. Não havia necessidade de reforçar a redacção; era conveniente proteger o opprimido. Eu me explico. Paiva Guedes, sendo redactor do *Diario do Governo* escreveu um

artigo no qual o Poder pretendeu ver um elogio a José Bonifacio. Uma palavra honrosa a José Bonifacio no *Diario do Governo?* Paiva Guedes foi immediatamente demittido da redacção da folha official! Este moço, pai de familia e pobre, ficou de um dia para o outro sem pão para dar a seus filhos! Mas a falta era grave, o crime honrendo, disse que José Bonifacio tinha bem servido ao seu paiz! Em taes circumstancias assignei a Paiva Guedes uma pensão de 60 mil réis mensaes, pagos pelo rendimento do *Tamoyo*, e para não vexar o homem a quem eu queria obsequiar e de cuja sorte me compadecia, declarei que elle tomaria parte na redacção e que a dita pensão seria um ordenado de seu trabalho. Encarreguei a Paiva Guedes de fazer a resenha dos jornaes, que o *Tamoyo* publicava, segundo minha lembrança, aos sabbados. Nunca o encarreguei da redacção de artigos politicos, nem nenhuma outra cousa escreveu elle para o *Tamoyo*. Nem as mesmas resenhas forão todas escriptas por elle; mas era nesta parte da folha em que elle trabalhou. Depois da dissolução da Constituinte a sorte de Paiva Guedes mudou consideravelmente e veiu a acabar seus dias ainda moço, mas já conselheiro e official maior da secretaria de Estado dos Negocios do Imperio. José Joaquim Carneiro de Campos, que o havia demittido de redactor do *Diario do Governo*, muito o estimou depois e o teve como official do seu gabinete emquanto foi ministro de Estado.

Os novos ministros que entrarão em 17 de Julho de 1823 satisfizerão logo a vontade do Imperador amnistiando os réos politicos de S. Paulo e do Rio de Janeiro. O *Tamoyo* não combateu este acto do ministerio, mas foi inexoravel combatendo o outro, pelo qual o mesmo ministerio mandou vir da Bahia os soldados portuguezes prisioneiros de guerra para assentarem praça nos regimentos do Rio de Janeiro. O Brasil estava em guerra com Portugal, e o governo brasileiro queria armar e entregar a defeza da Independencia aos soldados portuguezes prisioneiros de guerra que acabavão de combater contra essa mesma Independencia! As provas estavão tiradas, e mediana reflexão bastava para prever a que fim se dirigia essa medida dos novos ministros.

Parece-me que foi em 27 de Maio que se dissolverão as côrtes geraes em Portugal, e que o rei D. João 6.°, segundo a phrase do tempo, reassumiu os seus inauferiveis direitos. Desde logo tratou o novo governo portuguez de conciliar-se com o Brasil. Entendia que, tendo desapparecido a causa da separação, que era o governo representativo, não havia já motivo que impedisse a união. O conde de Subserra, ministro assistente ao despacho e muito influente, estava capacitado que, com algumas concessões que fizesse ao Brasil, facilmente aplanaria as difficuldades creadas pelo tempo e pelas circumstancias. Acreditava que o Imperador se prestaria a tudo que tivesse por fim a grandeza de sua casa, da qual era o primogenito e herdeiro presumptivo.

O que acabo de expôr não é uma supposição, é uma realidade. Taes erão as crenças politicas do conde de Subserra, que me forão communicadas por Manoel José Maria da Costa e Sá, official maior da secretaria de Estado dos

Negocios da Marinha, confidente do conde de Subserra e redactor das ordens e instrucções com que passarão ao Rio de Janeiro o conde de Rio Maior e Francisco José Vieira, afim de tratarem da união.

El-rei D. João 6.º declarou positivamente que não havia sacrificio que lhe fosse custoso para evitar a separação do Brasil, durante a sua vida ao menos. «Depois de minha morte, que não está longe, fação o que quizerem, mas deixem-me morrer sem levar o coração traspassado de dôr pela separação em minha vida!» O rei previa que se aproximava a sua morte, e infelizmente não se enganou.

Decidiu-se mandar um official general á Bahia com ordem ao Madeira para suspender as hostilidades, e uma commissão ao Rio de Janeiro para tratar da união. Para ir á Bahia foi escolhido o marechal de campo Luiz Paulino da França, e para a commissão do Rio de Janeiro o conde de Rio Maior e o desembargador Francisco José Vieira. Luiz Paulino era natural da Bahia, e nas côrtes de Lisbôa, onde era deputado, muito opposto se havia mostrado á Independencia do Brasil, o que muitos desgostos lhe havia já custado, sendo um delles a bofetada que lhe deu o seu collega Barata, que o fez rolar pelas escadas do convento das Necessidades. Os dous membros da commissão erão ambos naturaes de Portugal; havião já estado no Brasil e erão pessoalmente conhecidos do Imperador. O conde de Rio Maior tinha sido camarista do Imperador quando Principe Real, e suppunha elle mesmo gosar da confiança de seu antigo amo. Francisco José Vieira tinha sido desembargador da Casa da Supplicação do Rio de Janeiro, no exercicio de cujo emprego gosou a boa reputação de honrado e justiceiro, e foi depois ministro e secretario de Estado dos Negocios do Reino e Estrangeiros do Principe Regente. Foi successor de Pedro Alvares Diniz e predecessor de José Bonifacio de Andrada neste ministerio. O Imperador reconhecia a sua probidade e o distinguiu com a sua estima, e José Bonifacio muito insistiu para que não voltasse a Portugal e ficasse no Brasil. Vieira não annuiu a esta repetida insistencia pela unica razão do posto que occupava. Se não fôra ministro, dizia elle, de certo que cá ficava. A escolha pois das tres pessoas para tão ardua commissão parecia acertada.

Antes de passar adiante contarei uma anecdota, que não deixa de vir a proposito. O Principe Regente consultou o ministerio sobre se devia ou não annuir ao pedido do Rio de Janeiro para ficar no Brasil. Tratava-se então do pedido de 9 de Janeiro de 1822. O ministerio votou unanimemente que o Principe devia voltar para Portugal, porque essas erão as ordens do rei e a vontade do *Soberano Congresso*. Levantada a sessão, Francisco José Vieira pediu ao principe de o ouvir em particular, e assim achando-se, disse a S. Alteza: « Senhor, V. A. Real já ouviu o meu voto como ministro, agora quero dizer-lhe a minha opinião como simples particular. — Não vá, fique, que é o que convem a todos. » — O Imperador usou depois desta distincção de voto e opinião para metter a ridiculo, que escreveu e publicou no periodico *Espelho*,

o seu antigo ministerio, do qual um membro fazia distincção metaphysica entre voto e opinião.

Como já disse, as instrucções com que passou ao Rio de Janeiro a referida commissão forão redigidas por Manoel José Maria da Costa e Sá. Eu as trouxe de Lisboa nas minutas originaes, com pequenas ampliações, da lettra do conde de Subserra. Erão tres: Instrucções Geraes, Secretas, e Secretas Subsidiarias. Estes importantes papeis desapparecerão no lamentavel incendio de Agosto de 1860 no Rio de Janeiro. Luiz Paulino, que partiu antes da commissão, devia ir primeiro á Bahia suspender as hostilidades e vir depois reunir-se no Rio de Janeiro aos membros da commissão. A estes era muito recommendado pelas Instrucções Secretas Subsidiarias de ter estas e as Instrucções Secretas no maior segredo e só das Geraes dar conhecimento a Luiz Paulino.

Os dois membros da commissão, que forão ambos nomeados por cartas regias, pedirão algumas explicações e, entre ellas, que tratamento deverião dar ao Imperador no caso de os seus ministros não quererem negociar sem que esse tratamento fosse de Magestade Imperial. O conde de Subserra respondeu que neste caso não hesitassem em dar o dito tratamento, declarando porém que o fazião para se conformarem com os usos que achavão em pratica no paiz, sem todavia tirar consequencia para ulteriores argumentos.

O conde de Subserra dirigiu-se a Antonio Carlos, escrevendo uma carta muito amigavel, em que lhe pedia empregasse toda a sua influencia para o fim de restabelecer a união. Cartas no mesmo sentido escreveu o mesmo conde e algumas outras pessoas da côrte portugueza, a seus amigos e conhecidos do Rio de Janeiro. Todos se calarão. Só Antonio Carlos deu conta ao paiz deste importante acontecimento, publicando no *Tamoyo* a sua resposta e a carta do conde de Subserra.

O *Tamoyo* redobrou então de actividade na defeza da Independencia, tão gravemente ameaçada. As suas folhas ainda existem e nellas podemos hoje admirar o zêlo e o denodo com que combatia. O *Tamoyo* fez murchar muitas esperanças.

Em 7 de Setembro de 1823 chegou Luiz Paulino ao Rio de Janeiro, tendo já passado pela Bahia, onde achou tremulando em seus fortes a bandeira brasileira. Madeira e toda a tropa portugueza já tinhão sido expulsos. Alguns dias depois chegou a commissão do conde de Rio Maior e Francisco José Vieira a bordo de uma corveta portugueza. A fortaleza de Santa Cruz a fez fundear debaixo de suas baterias. O governo não consentiu que os commissarios desembarcassem, nem quiz entabolar com elles negociação alguma, sem que previamente declarassem que estavão autorisados para reconhecerem a Independencia do Brasil. O Imperador recusou receber as cartas de seu Pai, de que era portador o conde de Rio Maior. Luiz Paulino, em razão de se achar enfermo, obteve permissão para desembarcar de bordo do brigue em que veiu para a

casa de seu cunhado o desembargador Antonio Garcez Pinto de Madureira, onde esteve com sentinella á vista até regressar, em cuja viagem morreu no caminho para Portugal.

Os commissarios conde de Rio Maior e Francisco José Vieira corresponderão-se com José Joaquim Carneiro de Campos, ministro de Estado dos Negocios do Imperio e Estrangeiros, mas, como não vinhão autorisados para reconhecerem a Independencia, não lhes foi permittido incetar a negociação de que erão encarregados. Regressarão a Lisboa a bordo de um navio mercantil, segundo minha lembrança.

A corveta foi retida e considerada boa prêza, em razão de ter tentado entrar a barra do Rio de Janeiro com bandeira portugueza, achando-se o Brasil em guerra com Portugal. Os commissarios portuguezes acharão-se, durante a curta estada que fizerão nas aguas do Rio de Janeiro, na maior penuria, faltando-lhes o dinheiro necessario para pagar e sustentar a tripolação da corveta, e até para supprirem as suas necessidades. Tal era a confiança com que vinhão e a certeza que tinha quem os mandou do feliz resultado da empreza que nem estes nem aquelles se proverão previamente dos meios necessarios. Recorrerão a pequenos emprestimos e a pequenos donativos, que não chegarão para nada. Nesta mesma situação se achou o commandante da corveta Pegado desde a partida dos commissarios até a entrega da corveta em virtude da sentença que a condemnou boa prêza.

Em Lisboa pude reunir todos os papeis concernentes a esta tentativa politica, desde a nomeação dos commissarios até o relatorio pelo qual, á sua chegada a Lisboa, derão conta da mallograda negociação. A maior parte destes papeis ou erão originaes ou impressos. Reuni igualmente a correspondencia de Pegado, depois da partida da commissão até a condemnação da corveta, com o seu governo.

Todos esses importantissimos papeis forão consumidos no incendio de que já acima fallei, segundo me informa o meu amigo Dr. Mello Moraes. A correspondencia de José Joaquim Carneiro de Campos e da commissão foi toda impressa no *Diario do Governo* do Rio de Janeiro, bem como no *Diario do Governo* de Lisboa.

José Joaquim Carneiro de Campos achou-se em uma posição bem delicada, e não se sahiu mal della, porque teve a prudencia de procurar o conselho de José Bonifacio para lhe servir de norma. José Bonifacio fallou com a energia que todos lhe conhecerão, declarando que o mais pequeno vislumbre de tentativa de união seria o signal de uma conflagração em todo o Brasil. Aconselhou a linha de conducta que o ministro devia ter, e quanto á redacção da correspondencia, aconselhou outrosim que a confiasse a Luiz Moutinho Alvares de Lima, que era official de gabinete do ministro e já o tinha sido do ministerio de José Bonifacio. Até aqui muito bem, mas como em todas as cousas, por mais importantes que sejão, ha sempre um lado para fazer rir, esta

não escapou da sorte commum. Moutinho redigia a correspondencia e José Bonifacio a corrigia, mas como José Joaquim Carneiro não estivesse neste segredo, e a vaidade ministerial não lhe permittisse assignar sem correcção o trabalho de seu official, fazia tambem as suas emendas, e taes forão que dahi resultou a imperfeição da obra, como facilmente podemos verificar.

Disse acima que algumas pessoas além de Antonio Carlos havião igualmente recebido cartas de Lisboa em favor da união. Esta asserção já não soffre a menor contestação, porque se acha hoje sufficientemente por mim verificada. Durante a minha estada de 16 annos em Lisboa, indaguei tudo o que era relativo ao Brasil, e as relações intimas que contratei com Manoel José Maria da Costa e Sá, que foi por assim dizer o conselheiro e director do conde de Subserra em todos os negocios a cargo deste ministro, me puzerão nas circumstancias de nada ignorar do que então se passou. Tudo se tentou para aliciar as pessoas que se julgavão capazes de serem uteis á causa da união. Pelo paço foi encarregado o cirurgião Aguiar de insinuar aos seus amigos do Rio de Janeiro que essa era a vontade do rei e que S. Magestade estava disposto a premiar largamente os executores della. Aguiar era filho do Rio de Janeiro (creio que se chamava Theodoro). Durante a estada da côrte portugueza no Brasil viveu sempre no paço e conservou intima amizade com Antonio de Araujo (conde da Barca) e José Egydio Alvares de Almeida (barão, visconde e marquez de S.to Amaro). Depois da Independencia foi ainda ao Rio de Janeiro, isto é, depois da dissolução da Assembléa Constituinte, parece-me que com caracter diplomatico reservado ou secreto. Regressando a Lisboa foi accusado pela voz publica de ter propinado veneno ao infeliz rei D. João 6. Não assevero que assim fosse; o crime é horrivel para que se acredite, sem solidos fundamentos, mas confesso que conservo a esse respeito motivos de desconfiança, não pelo que ouvi da voz publica, mas pelo que me disserão duas altas personagens de grande conceito, moralidade e virtude. Não accusarão directamente, mas disserão-me bastante para deixarem no meu animo uma grave impressão de dolorosa suspeita. Uma das duas altas personagens a que me refiro ainda vive em Lisboa, e a outra jaz no cemiterio do Monte de S. João daquella cidade. Talvez que ainda, se Deus me conservar mais alguns dias de vida, volte a este assumpto para dizer o que sei. No emtanto seja como fôr, o que é certo é que Aguiar morreu envenenado de um copo d'agua que bebeu no Paço não muito tempo depois da morte do infeliz e bondoso rei D. João 6.° A agonia de Aguiar, segundo me referiu o D.r Clemente (natural da Bahia), testemunha de vista, foi horrivel. Aguiar voltando do paço para a sua casa, conhecia o estado em que se achava, e de onde lhe vinha o mal, que já não tinha remedio; fez algumas disposições, no meio do tratamento que se lhe fazia, e expirou traspassado de dor e de remorso.

Desviei-me do meu fim; volto atraz e ato o fio das minhas notas. Nos meus papeis consumidos no incendio se achavão as listas das pessoas do Rio a quem

se havia escripto pelos ministros, seus agentes e pelo cirurgião Aguiar. Facil é de presumir que se dirigirão ás pessoas da ordem civil, ecclesiastica e militar, que a côrte portugueza deixou no Rio de Janeiro occupando os altos empregos do Estado. Na lista de Aguiar lembra-me ter lido os nomes de Luiz José de Carvalho e Mello, barão de S.to Amaro, Manoel Jacintho Nogueira da Gama, José Albano Fragoso, monsenhor Miranda, bispo capellão-mór e alguns outros ecclesiasticos. Como nunca esperei perder taes papeis não conservei na memoria tudo aquillo que elles continhão, aliás poderia dar hoje por inteiro ao conhecimento do publico o que elles continhão.

O *Tamoyo* pois prestou relevantissimos serviços á causa da Independencia e da liberdade do Brasil. Foi a sentinella vigilante que gritou álerta quando se formava o perigo, e gritou tão forte que não ousarão pôr em execução os planos que projectavão. Se os puzessem não vencerião, mas havia de custar caro ao Brasil reconquistar a sua Independencia, e só Deus sabe por que modo isso se alcançaria! Talvez com a quebra da integridade do Imperio em porções desparatadas e rivaes, que é o maior mal que lhe pode acontecer. Recorrerão a outro meio, e foi este a dissolução pela força armada da Assembléa Geral Constituinte. Por este meio, se fosse feliz, se não abalasse as provincias, poderião chegar, posto que mais lentamente, ao mesmo fim, de voltar ao governo absoluto e á união com Portugal. Direi agora o que sei ácerca deste desgraçado acontecimento.

Depois da partida de Lisboa da commissão do conde de Rio Maior e Francisco José Vieira, partiu tambem para o Rio de Janeiro Francisco Villela Barbosa. A chegada deste individuo, natural da provincia do Rio de Janeiro, causou admiração e deu motivos a graves apprehensões em todos que se achavão empenhados na causa da Independencia. Francisco Vilella Barbosa era de familia pobre e desconhecida; foi para Portugal na primeira mocidade da vida, estudou mathematicas na Universidade de Coimbra, e formou-se nesta faculdade, tudo á custa do bispo conde D. Francisco de Lemos, reitor da mesma Universidade. Fez a sua carreira publica em Lisboa, onde entrou para o corpo de engenheiros e foi lente do Collegio dos Nobres. Quando a côrte portugueza, obrigada pela invasão dos francezes em Portugal, partiu para o Brasil, Villela Barbosa de livre vontade quiz ficar em Lisboa. Estava ali casado e não queria separar-se, dizia elle, da sua nova familia e da patria commum, que era a capital da Monarchia.

Neste estado se achava Villela Barbosa, já na declinação da vida, quando em 1821 foi eleito deputado supplente pelo Rio de Janeiro ás côrtes de Lisbôa. É de notar que no Rio de Janeiro, quando se procedeu ás eleições de 1821, ninguem queria ser eleito deputado para as côrtes de Lisboa. Decidiu-se então que se elegessem brasileiros já residentes em Portugal. Do Rio de Janeiro só forão dois, o D.r Luiz Nicoláo Fagundes Varella, porque assim quiz o commercio, que tinha nelle muita confiança e esperava fosse nas côrtes strenuo

defensor de seus interesses, e um bom homem da roça cujo nome escapou da minha memoria, como elle já então vivia ignorado, para completar o numero. Villela Barbosa, se me não engano, foi eleito supplente e tomou assento em côrtes para substituir o deputado José Joaquim de Azeredo Coutinho, inquisidor-mór, que fallecera em seguida de haver tomado posse nas côrtes. Villela Barbosa não se distinguiu senão pela opposição que fez aos projectos da separação do Brasil, e pela defeza da justiça com que Portugal pretendia tyrannisar o Brasil. Chegou ao excesso de dizer em um discurso que tinha vergonha de ter nascido no Brasil, e que tal era a sua raiva que estava prompto, posto que velho, a marchar, ainda que fosse a nado com a espada na boca, para castigar aos degenerados brasileiros que querião a separação, e obrigar a voltarem á salutar união com Portugal! Estas não são as textuaes palavras, mas o sentido e a imagem do bom homem, a nado com a espada na boca atravessando o oceano, são originaes do seu autor. Villela Barbosa, posto que poeta fazendo bons versos, nas côrtes de Lisboa não campou por orador.

A chegada inesperada de um tal individuo ao Rio de Janeiro deu, como já disse, cuidado aos homens que se desvelavão pela causa publica. Os cuidados subirão de ponto logo que se soube que o Imperador o havia recebido affectuosamente e que os zangãos absolutistas o rodeavão com admiração. Houve então suspeita de que elle fôra mandado expressamente, munido de cartas para o Imperador e outras pessoas, para tratar da união. Estas suspeitas erão porém vagas e José Bonifacio as recusava como improvaveis, porque não conhecia no individuo nenhuma daquellas qualidades que são necessarias para emprehender um projecto de tanto arrojo, emquanto que Antonio Carlos pendia para as acreditar como muito provaveis, porque, dizia elle, da duplicidade do caracter de Villela Barbosa tudo se devêra esperar. Eu quizera que fôra antes devido ás circumstancias em que elle casualmente se achou, do que a um proposito deliberado com más intenções o que resultou da sua viagem ao Rio de Janeiro, mas infelizmente não posso já seguir esta minha vontade, porque em Lisboa Manoel José Maria da Costa e Sá, na confidencia da amizade, certificou-me o contrario e mostrou-me cartas de Villela Barbosa escriptas do Rio de Janeiro, dando conta das entrevistas que tivera com o Imperador, José Egydio, barão de S.to Amaro, Luiz José de Carvalho e Mello e outros, e da dissolução da Constituinte, que me tirarão todas as duvidas que eu queria nutrir a respeito de Villela Barbosa.

Este homem, que guerreou a Independencia, que tomou parte na dissolução da Assembléa Constituinte e foi mandado para isso ao Rio de Janeiro, governou o Brasil não só no reinado do primeiro Imperador, mas tambem e com muita influencia na minoridade do segundo, actualmente reinante! Foi elevado a todas as grandezas do Imperio, marquez, grã-cruz do Cruzeiro, conselheiro de Estado, senador e ministro e secretario de Estado por varias vezes!!! E quaes forão os seus serviços, que de alguma forma pudessem fazer esquecer as suas faltas, senão os seus crimes anteriores? Esta lista é escura.

A famosa Domitilla, a Messalina da epoca, estava já na amplitude do seu poder, rodeada de vis e baixos cortezãos aduladores e imperando sobre o espirito do mal avisado principe que se achava á testa dos destinos do Brasil. Por influencia desta mulher tudo se fazia, e ella vendia os seus favores a quem os queria comprar por dinheiro. Os que se intitulavão republicanos tambem a procuravão e compravão os seus favores, sobretudo quando estes erão necessarios para satisfazer a uma vingança. O Imperador viu na côrte que fazião a esta mulher os chamados republicanos um indicio de que até os mais exaltados estavão bem dispostos a submetterem-se á sua vontade, comtanto que dahi lhes viesse algum proveito. A Domitilla não foi pois estranha ao projecto da dissolução da Assembléa Constituinte; pelo contrario, era a representante assalariada dos chamados republicanos nessa conjuração. Estes levavão em vista, na dissolução da Constituinte, dois pontos essenciaes: 1° vingarem-se dos Andradas e seus amigos, os quaes com a dissolução devião ser banidos, e o 2° era aproveitar a occasião de perturbação, que a dissolução devia causar em todo o Brasil, para expulsar delle o Imperador e fundar a Republica. Os homens que taes projectos nutrião e para os quaes trabalhavão com ousadia, erão todos destituidos de capacidade para fundarem um governo.

Tudo estava preparado para a dissolução da Constituinte. Para isso só faltava a occasião ou o pretexto. Os absolutistas, isto é, o partido portuguez, queria a dissolução da Constituinte com a expulsão dos Andradas e seus amigos, porque vião nesse acto o restabelecimento da união com Portugal e do governo absoluto. Os chamados republicanos querião a dissolução com a expulsão dos Andradas e de seus amigos, para por este modo se vingarem destes seus inimigos, e para perturbarem o Brasil e tirarem dessa perturbação a expulsão do Imperador e a fundação da Republica. Os fins erão diversos, mas o accordo era perfeito.

Como só faltava o pretexto, e este se procurava, facilmente appareceu e foi approveitado. Em um periodico intitulado *Sentinella* appareceu uma carta assignada *O Brasileiro resoluto*. Nesta carta se desapprovava com indicações pessoaes a incorporação de officiaes portuguezes ao exercito do Brasil. Na tarde do mesmo dia, que, supponho, foi 5 de Novembro de 1823, em que appareceu a referida carta na *Sentinella*, dois officiaes portuguezes a cavallo pararão á porta de uma botica ao Largo da Carioca, e um delles, apeando-se do cavallo, entrou pela botica e dirigindo-se ao dono della, que se achava só, perguntou-lhe se elle era o brasileiro resoluto. Com a resposta affirmativa desembainhou a espada, e cahindo sobre o pobre boticario, que se achava desarmado, o cutilou de modo que o deixou gravemente ferido e em perigo de vida. O official, auctor desta façanha, muito seguro de si, metteu a espada na bainha, montou a cavallo e partiu com o seu companheiro glorioso da sua acção para o seu quartel.

Este official era um capitão de artilharia montada de nome Lapa, filho de

um cosinheiro da casa real, homem impetuoso e muito relacionado no paço. O pai tinha regressado para Portugal com a casa real da qual, como já disse, era cosinheiro.

Antes de passar adiante, não é fóra de proposito designar mais claramente a pessoa do capitão Lapa e os futuros destinos que o aguardavão. Lapa deixou o serviço do Brasil depois do indicado assignalado feito e regressou a Portugal. Era casado com uma senhora brasileira, filha de um official superior de nome Betancourt, que o acompanhou. Em Portugal, na questão dynastica entre D. Pedro e D. Miguel, seguiu as partes deste, e foi um strenuo defensor do governo absoluto. Expulso D. Miguel pela convenção de Evora Monte, ficou Lapa na triste condição de Miguelista, que era a peior que podia ser; mas de tal arte trabalhou que se metteu com os cartistas, foi empregado no exercito, e por occasião da revolução que se chamou da Maria da Fonte, appareceu no Estado-maior do marquez de Saldanha. Nas correrias que este fez em torno de Santarem, onde se achava o conde das Antas com as tropas revolucionadas, Lapa teve o commando de uma columna e desenvolveu nessa occasião muita actividade e intelligencia. Bateu-se com vantagem em Ourem. O conde das Antas me disse que Lapa havia feito melhor serviço á rainha do que Saldanha. Foi feito barão de Ourem, e teve o posto de brigadeiro. Pacificado o paiz pela intervenção armada das tres potencias que assignarão com Portugal o tratado da quadrupla alliança, o barão de Ourem foi nomeado ministro da Marinha, em cujo exercicio mostrou bastante intelligencia e limpeza de mãos, mas não podia conformar-se com as formulas constitucionaes, sendo por genio e caracter amigo das formulas absolutas. Nas camaras foi violentamente accusado de tender para o absolutismo. A sua linguagem atrevida e muitas vezes grosseira o desenhava talvez mais absolutista do que era. Foi feito visconde e governador geral da India. O seu governo foi turbulento, os povos se revoltarão, e a actividade do governador esgotou-se na guerra civil, que durou muito tempo e arruinou o paiz. Foi nomeado par do reino, e chamado á côrte teve de soffrer graves accusações nas camaras e na imprensa, a sua conducta foi posta em processo militar, do qual sahiu triumphante, como em taes casos tem acontecido a todos os outros que se acharão nas mesmas circumstancias. Adoeceu em Lisboa, e por um fatal descuido foi envenenado, e morreu por effeito desse envenenamento. O medico que o tratava era homœopatha, receitou para o seu doente uma porção de globulos de belladona diluidos em agua distillada, para tomar uma colher de 2 em 2 horas. A receita foi levada, pela ignorancia do criado e pelo descuido de quem o mandou, a uma botica allopatha, e o bom do boticario, como a não entendia, assentou de a commentar e traduziu os globulos da quinta por grãos de extracto de belladona, dissolveu em agua distillada e, em vez de remedio, mandou a morte ao doente. Os descuidos continuárão e até o outro dia continuárão a dar sem interrupção o remedio ao doente. Reconhecido o engano, tratarão de reparal-o, mas já era tarde, a

belladona tinha produzido os seus effeitos, e o visconde de Ourem falleceu. Assim acabou o heroe da Carioca, que deu pretexto para a dissolução da Assembléa Constituinte do Brasil.

O acontecimento acima referido do *Brasileiro resoluto*, em outra qualquer occasião seria vulgar, apenas deshonroso ao official que o commetteu e sujeito ás regras geraes do fôro criminal; mas naquella em que foi mudou muito de aspecto, sendo considerado como um insulto feito ao Brasil na pessoa do *Brasileiro resoluto.* O governo havia expedido ordens para incorporar ao exercito do Brasil os soldados portuguezes prisioneiros de guerra, promovido e espalhado officiaes portuguezes por todos os corpos do mesmo exercito, e os commandos quasi que exclusivamente estavão nas mãos de officiaes nascidos em Portugal. A tendencia pois do governo era de armar os portuguezes e desarmar os brasileiros. Aquelle que se disse resoluto foi logo atacado na sua propria casa. O perigo era grande, os brasileiros se julgarão todos ameaçados e clamárão que havia traição.

David Pamplona (este era o nome do brasileiro resoluto) dirigio do leito de dôr uma petição á Assembléa Constituinte, referindo o occorrido e dizendo que na sua pessoa se achava o Brasil todo insultado por aquelles que lhe querião destruir a Independencia, e se achavão já para isso armados pelo influxo do governo. O negocio era serio, mas a camara não podia tomar delle conhecimento, porque versava em assumpto que pertencia ao poder judiciario. O mais que podia fazer era remetter o requerimento ao governo, recommendando de empregar toda a diligencia para que justiça fosse feita e se tornasse impossivel a repetição de taes actos. Antonio Carlos e Martim Francisco orárão pouco mais ou menos neste sentido. Os seus discursos forão curtos e vehementes, como as circumstancias talvez exigissem. Estes dois discursos forão logo impressos em supplemento do *Tamoyo.* A sessão foi levantada, e Martim Francisco e Antonio Carlos ao sahirem da camara forão levados em braços pelo povo, que era numeroso em roda do edificio. Tirárão os cavallos da pobre sege de boléa, que era commum aos dois irmãos, e quizerão puxal-a para os levar á casa, mas elles não consentirão e o povo cedeu.

Disse que a sessão fôra levantada, e não expliquei bem este ponto. Convem fazel-o melhor. Foi na sessão de 10 de Novembro que o negocio se apresentou. A concurrencia do povo nas galerias era grande, todos os corredores da camara estavão cheios de pessoas que procuravão assistir á sessão. A camara votou por proposta do deputado Alencar que se desse ingresso no recinto da Assembléa ao povo, que não achava lugar nas galerias. As portas forão abertas e o recinto invadido por autorisação da Assembléa. Orárão Antonio Carlos e Martim Francisco, como fica acima referido. Os discursos destes dois deputados forão vivamente applaudidos por muitos outros e pelos expectadores com enthusiasmo. O presidente, em vez de recorrer aos termos do regulamento para restabelecer a tranquillidade, levantou-se, declarou que estava encerrada a sessão, deixou a

cadeira presidencial, e no meio das reclamações dos deputados poz o chapéo na cabeça e retirou-se. Ao sahirem é que os dois irmãos Andradas, Antonio Carlos e Martim, forão victoriados pelo povo. Eu não me achei na camara nesse dia, não fui testemunha desse facto, e todavia fui depois processado por elle. O presidente da Assembléa era João Severiano Maciel da Costa, que foi depois na lista dos titulares da Domitilla feito marquez de Queluz.

Não me achei na camara no dia 10, porque tinha um dever mais urgente a cumprir. Naquelle dia, como na vespera e no seguinte, os espiritos se exaltárão e procuravão vingança, e era necessario que houvesse quem desviasse os brasileiros exaltados desses excessos. Nisso me occupava com muito feliz resultado, tendo salvado a vida na noute de 9 a um portuguez bem adverso ao Brasil. Erão 10 horas quando soube que se tratava de tentar contra a vida de Francisco Gordilho Velloso de Barbuda. Corri ao lugar da emboscada, e vivamente apoiado por um official da Parahyba do Norte de nome Sodré, dissolvemos a emboscada quasi no momento de realisar o seu intento. Gordilho não poude ignorar naquella mesma noute quem fôra o salvador da sua vida na rua do Ouvidor quando entrava em casa, deu-me então os seus agradecimentos e foi no dia seguinte um dos meus maiores inimigos.

Na tarde de 10 a tropa da guarnição do Rio de Janeiro recebeu ordem vocal de marchar para S. Christovão. Os regimentos marcharão uns após outros, porque as ordens não forão communicadas a todos ao mesmo tempo. Em S. Christovão acampárão. A dissolução da Assembléa Constituinte estava resolvida.

No dia 11 os deputados se reunirão em sessão. A marcha da tropa na vespera para S. Christovão constituia um acontecimento da maior gravidade. Em Lisboa tambem assim se havia feito. O rei foi com a tropa para Villa Franca, as côrtes se dissolverão por si mesmas, e o rei reassumiu, como disse em um decreto, os seus inauferiveis direitos.

A Assembléa Constituinte do Brasil, em vista de tal acontecimento, declarou-se em sessão permanente e votou que se officiasse ao governo pedindo informações. O officio partiu ao meio-dia e a camara suspendeu os seus trabalhos á espera da resposta. Era meia noute quando ella chegou. Os deputados não tinhão desamparado o seu posto, excepto aquelles que estavão de connivencia com S. Christovão, e que ião lá levar até as mais insignificantes palavras que os deputados em conversa dizião uns aos outros.

Emquanto isto se passava na Assembléa, a tropa em S. Christovão estava, desde que para lá foi, com as communicações cortadas com a cidade. Baldadas forão as tentativas que se fizerão a todas as horas da noute para se abrir communicação com alguns officiaes. Uma cintura de vedetas impedia a passagem.

A resposta do governo era evasiva, dizia que a tropa se tinha reunido voluntariamente em S. Christovão e que pedia vingança contra os seus detractores, que a Assembléa era anarchista, e que a tropa pedia tambem a expulsão

dos Andradas, que erão os redactores do *Tamoyo*, e taes e quejandas deste mesmo gôsto. Esta resposta delatoria retardada convencia de que se approximava o momento da dissolução, tambem retardada, porque o ministerio não ousava tomar sobre si semelhante responsabilidade, nem o ministro da Justiça se prestava a referendar o decreto da dissolução. Era este ministro de Justiça o velho desembargador Tinoco, o qual, sendo forçado pelo Imperador a referendar o decreto, pegou da pena, olhou para S. Magestade e arrojando-a sobre a mesa, disse: « Senhor, a mão treme, não posso assignar este decreto! » O Imperador resolveu mudar naquella mesma noute o ministerio. Tinha ao seu lado Villela Barbosa para uma pasta, e alguns outros como elle para as outras. Faltava um magistrado para a Justiça. Este é que devia referendar o decreto. Foi chamado Clemente Ferreira França, a vergonha da toga, o magistrado mais corrompido do Brasil. Aceitou gostoso e referendou o decreto. Clemente Ferreira França foi elevado ao titulo de marquez de Nazareth na mesma fornada que conferiu o titulo de marqueza de Santos á prostituta Domitilla.

A Assembléa, em presença da resposta do governo, deliberou chamar o ministro do Imperio ao seu seio para responder verbalmente. A Assembléa ignorava ainda a mudança de ministerio. Durante toda a noute os deputados não desampararão a Assembléa. Erão 8 horas da manhã annunciou-se o ministro do Imperio; era Villela Barbosa que se apresentava com este titulo. Approximando-se á mesa do presidente, um deputado observou que o ministro estava com a espada á cinta, o que era prohibido na sala da Assembléa. O ministro respondeu que a sua espada era para defender a camara. Este incidente não continuou. O ministro se apresentara de farda militar. Interrogado sobre differentes pontos, respondeu em resumo que nada sabia, porque havia poucas horas tinha sido chamado para fazer parte do ministerio; que estava vendo no Rio de Janeiro o mesmo que tinha visto em Lisboa: o soberano separado com a tropa, e a camara isolada e abandonada. Depois desta resposta foi despedido; erão 9 horas pouco mais ou menos.

Referindo-me ao conteudo do officio do Governo á meia noute apenas dei a substancia delle, e não as palavras textuaes; se me enganei, deve existir o autographo do officio, e á vista delle se poderá fazer as rectificações. Se faltar o autographo recorra-se ao registro. Este papel é muito importante para a historia, deve por isso apparecer nella por inteiro.

Emquanto isto se passava na Assembléa era chegado o momento decisivo em S. Christovão. O Imperador montou a cavallo, apresentou-se em frente da tropa, chamou os officiaes a um circulo, e disse que a Assembléa acabava por uma deliberação sua de o depôr, e degradar a tropa para os confins do Brasil. Se esta quizesse sujeitar-se a semelhante deliberação, elle se sujeitaria tambem, e desde logo metteria a sua espada na bainha e partiria para a Europa; mas se pelo contrario, a tropa estava disposta a sustentar os direitos do throno e os da sua propria dignidade, neste caso se acharia desde já á sua frente para

dissolver a Assembléa Constituinte e restabelecer a ordem gravemente alterada pelos anarchistas que a compunhão. Os officiaes não hesitárão em declarar que estavão promptos a marchar sobre a Assembléa. A maior parte delles ignorava que isto fosse um estratagema para os convencer, o que não admira, porque não estavão no segredo e se achavão desde o principio da crise separados de toda a communicação com a cidade.

O Imperador, certo de que pela resposta dos officiaes, podia contar com a tropa e fazer della o que quizesse, deu ordem de marcha, ornou o seu chapéo de um frondoso ramo de folhas de café, e o mesmo fizerão os generaes e officiaes. Aos soldados se distribuiu a cada um um ramo das mesmas folhas, para ornar a barretina. Era o emblema da victoria que ião alcançar. Villela Barbosa, posto não fosse militar combatente, tambem ornou o seu chapéo com um ramo de café. O mesmo fez Clemente Ferreira França, apesar de ser o chapéo que trazia naquella occasião de pasta, e elle paysano em todo o rigor da palavra. Até os criados do paço se ornárão com folhas de café, e a Domitilla com um ramo exorbitante no peito. O triumpho era geral. Todos esses ramos de folhas de café estavão de antemão preparados.

O Imperador fez alto com a sua tropa no campo de S.ta Anna, e della destacou uma brigada para marchar sobre a Assembléa. Fazia parte della um regimento de S. Paulo e era commandada pelo brigadeiro Lazaro, portuguez. A incorporação do regimento de S. Paulo a esta brigada levou dois fins, fazer acreditar que a provincia de S. Paulo approvava aquella dissolução e satisfazer ao mesmo tempo a vaidade da Domitilla, que tanta parte tomava naquelle acontecimento. A Domitilla era filha da provincia de S. Paulo; os soldados paulistas que marchárão sobre a Assembléa figuravão ser os seus representantes em tão alto acontecimento.

Esta brigada, assim composta e commandada pelo brigadeiro Lazaro, desfilou do Campo de S.ta Anna sobre a Assembléa a passo accelerado, cercou a casa da mesma Assembléa, carregou as suas peças e as apontou para as portas e janellas do edificio. Ao mesmo tempo o general Moraes, acompanhado de alguns officiaes e soldados, poz sentinellas na porta principal. Fechou todas as outras e mandou evacuar as galerias. Ficou então demonstrado que entre S. Christovão e o presidente da Assembléa havia inteira intelligencia. O general Moraes entrou só no recinto da Assembléa e apresentou ao presidente o decreto do Imperador, referendado por Clemente Ferreira França, que a dissolvia. O presidente fez delle leitura e concluiu que estava levantada a sessão. Alguns deputados pedirão a palavra, ao que o presidente respondeu pondo o chapéo na cabeça e sahindo pela porta fóra. Ao sahirem os deputados o general Moraes deu voz de preso a Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Belchior Fernandes Pinheiro, José Joaquim da Rocha e Francisco Gê Acayaba de Montezuma. A voz de preso foi dada á ordem do Imperador. Estes presos forão dali conduzidos ao caes do Largo do Paço,

embarcados em um escaler guarnecido de tropa, e levados ao Arsenal de Marinha, acompanhados de quatro escaleres igualmente guarnecidos de tropa. Tudo isto estava de antemão preparado. Antonio Carlos ao sahir preso e acompanhado de soldados, tirou o chapéo a uma peça de artilharia que estava apontada para a porta que elle acabava de franquear, e disse: « Respeito muito o seu poder ».

Evacuada a casa da Assembléa, fechadas e trancadas as portas, a brigada commandada pelo brigadeiro Lazaro postou-se no Largo do Paço. No campo de S.ta Anna o Imperador dava as suas ordens, expedia patrulhas e pequenas columnas volantes receioso de um perigo que não existia. O Imperador estava installado com os seus ministros, Chalaça e outros agentes no palacete do Campo de S.ta Anna. Este palacete tinha sido na sua origem o camarote da côrte portugueza em uma praça de touros. Demoliu-se a praça e conservou-se o camarote, no qual pelo tempo adiante algumas reparações se fizerão que lhe mudárão completamente o aspecto interno e externo de camarote. O Imperador tinha feito e fez pelo diante deste edificio o theatro de suas proezas em diversos generos. Um incendio o consumiu completamente. Parece-me que foi na proximidade da coroação do Sr. D. Pedro Segundo, nosso actual Imperador, quando ali se trabalhava em um fogo de artificio para festejar aquelle dia. Dir-se-ia que a Providencia não quiz, quando se tratava de festejar o filho, que subsistisse mais aquella testemunha dos desvarios da mocidade do pai!

A Assembléa Constituinte era em geral mal composta. Poucos de seus membros comprehendião a missão de que estavão encarregados e gastárão o tempo em discussões futeis. Mostrarão mais fraqueza do que má vontade, mas acabárão nobremente. Em Portugal as côrtes de 1823, que não erão constituintes, mal virão o rei retirar-se com a tropa para Villa Franca, 5 a 6 leguas distante da capital, dissolverão-se a si mesmas deixando um protesto, que poucos assignárão, e cada um dos seus membros foi procurar pôr-se a salvo ou na fuga ou na comitiva do rei. No Brasil, pelo contrario, os deputados da Assembléa Constituinte nos dias de perigo permanecerão nos seus postos e não os deixarão senão pela força das bayonetas.

José Bonifacio não se achava na Assembléa quando ella foi dissolvida. Tinha passado, como é de suppôr, mal o dia e principalmente a noute da vespera da dissolução em sessão permanente. Achou-se tão incommodado á noute que se viu obrigado a deitar-se, passar duas horas em um banco na Secretaria. Ás 10 para as 11 horas da manhã foi a sua casa para tomar um banho e mudar de roupa. Estava já á mesa para comer alguma cousa e voltar para a Assembléa, quando lhe disserão que a casa estava cercada de soldados da guarda de honra do Imperador. José Bonifacio morava ao Cattete e ainda não sabia da dissolução da Assembléa. Um official da guarda de honra sobe e José Bonifacio o recebe á mesa onde se achava. Por este official é que elle soube da dissolução. O official lhe disse que S. Magestade se achava no palacete do

campo de S.ta Anna, que o chamava ali. José Bonifacio perguntou se era preso que devia ir. O official replicou que a ordem que recebera fora de participar a S. Ex.a que o Imperador o esperava no palacete do campo de S.ta Anna; que não recebêra ordem alguma para prender, mas sim para acompanhar S. Ex.a até o palacete do campo de S.ta Anna, afim de evitar qualquer desattenção pelo caminho. « Neste caso, tornou José Bonifacio, posso acabar o meu jantar, e se o Sr. official quizer, estimarei muito que se sirva de alguma cousa. » O official não acceitou o convite, mas concordou com polidez em demorar-se. Concluido o jantar, José Bonifacio perguntou se podia ir na sua sege, ao que respondeu o official affirmativamente, e se puzerão em caminho, o official a cavallo ao estribo da sege e esta acompanhada dos soldados que havião cercado a casa, dois dos quaes ião adiante como que fossem batedores. Já tinhão percorrido a rua das Mangueiras quando ao entrar na rua dos Arcos um official que vinha a toda a brida, fez parar a sege, fallou em particular ao official que a escoltava, e com a mesma pressa com que viera voltára pelo mesmo caminho. O official da guarda de honra, sem nada dizer a José Bonifacio, mandou virar a sege para a rua dos Barbonos e dahi a dirigiu para o Arsenal de Marinha. José Bonifacio ao apeiar-se foi por elle entregue ao general Moraes, que ali se achava á espera. José Bonifacio foi por este general conduzido a um pavilhão, onde já se achavão, com sentinellas á vista, seus irmãos, seu sobrinho Belchior, Rocha e Montezuma. Achavão-se tambem dois filhos menores do deputado Rocha, e José Bonifacio, julgando que elles ali se achavão em procura do pai, louvou o zêlo dos filhos, mas quando lhe disserão que os dois menores erão tambem presos de Estado, riu-se de raiva e compaixão; perguntou então ao general Môraes se ainda se esperava por alguns outros presos. O general respondeu: « Estes dois meninos não estão na minha lista. O unico que falta, e por quem espero da minha lista é o Sr. Drummond, redactor do *Tamoyo.* »

Eu havia passado a noute de 11 para 12 na Assembléa. Assisti á leitura da resposta do governo acima mencionada e ao interrogatorio feito ao novo ministro Villela Barbosa. Depois disto fui á minha casa mudar de roupa, almoçar e tirar as provas do *Tamoyo.* Morava eu na rua do Conde, na casa que tem actualmente o n.° 34. Ahi recebi participação que o Imperador estava em marcha com a tropa para o campo de S.ta Anna. Logo em seguida outro aviso de que tinhão já chegado ao campo e marchado uma brigada para dissolver a Assembléa Constituinte. Metti as provas do *Tamoyo* na algibeira e parti a pé para a Assembléa. Ao entrar no Rocio encontrei vedetas de cavallaria em todos os cantos. No meio da praça encontrei um official muito enfeitado com um grande ramo de folhas de café no chapéo. As vedetas tambem trazião nas barretinas o mesmo enfeite. O official era um dos ajudantes do quartel general e criado do Imperador, de nome José Maria da Gama Berquó, que depois foi marquez de Cantagallo. Como era pessoa do meu conhecimento, cumprimentou-me com um riso gracioso. Do Rocio segui para o largo de S. Francisco

de Paula, afim de ver se podia entrar na typographia do *Tamoyo*, e fazer tirar alguns exemplares do numero cujas provas eu levava na algibeira e desejava espalhar no meio do conflicto, mas a typographia se achava já invadida pela tropa. O governo se amparou (*sic*) de tudo o que nella existia do *Tamoyo*. Entrei pela rua da Cadeia e cheguei até defronte da casa da Assembléa, e tudo já estava consummado. Todas aquellas ruas que deitão para aquelle lado estavão apinhadas de gente, attrahida pela curiosidade, ou de pessoas que procuravão recolher-se ás suas casas. Passei pelo meio de tanta gente e fui á rua da Ajuda, á casa do deputado Rocha, saber do que havia passado na camara. Não havia um quarto de hora que ali me achava com a familia daquelle meu amigo, quando a sala foi invadida repentinamente por uma grande patrulha commandada por um capitão de nome Thomé Pedro, que era do meu conhecimento. Este capitão deu voz de preso aos dois filhos de Rocha, ambos menores, e não consentiu que elles se demorassem nem mais um instante em sua casa, e os levou presos para o Largo do Paço. O capitão, posto que meu conhecido, não me fallou, mas olhou fixamente para mim algumas vezes no curto espaço de tempo que ficou na sala em que estavamos. Este capitão, com os filhos do Rocha, tambem se conduziu polidamente. Levou-os um a seu braço direito e outro ao esquerdo, e mandou que a escolta acompanhasse em alguma distancia. No largo do Paço entregou os presos ao brigadeiro Lazaro, que ali estava postado com a sua brigada. Este mandou por outra escolta, commandada por outro official, levar os presos para o Arsenal de Marinha. Este official quiz usar para com elles da mesma polidez que o outro usára, dando o braço a ambos e levando a escolta um pouco affastada. Poucos passos porém tinhão assim dado, quando o brigadeiro Lazaro expediu outro official em toda a diligencia para pôr cobro áquella polidez. Então o official, com ar constrangido, metteu os dois meninos presos no centro da patrulha e marchou elle atraz della. Em toda a rua Direita até o Arsenal uma multidão de moleques, pagos pelos portuguezes, assobiavão, davão vaias e morras aos presos com insupportavel alarido. Davão tambem vivas ao Imperador. Á porta do Arsenal os moleques tornarão-se ainda mais insupportaveis, e a tropa em tudo consentia. José Bonifacio, como ia de sege e acompanhado de soldados a cavallo, não sentiu muito o alarido dos moleques, mas ao chegar á porta do Arsenal estes se desforrárão de uma maneira estrondosa. Entre os gritos de viva o Imperador e morrão os anarchistas, que é o que lhes tinhão ensinado, vociferárão outras parvoices que fazião nojo. José Bonifacio, ao som de semelhante musica, disse ao general Moraes, que o esperava á porta: « Hoje é o dia dos moleques. »

Os presos ficárão assim detidos no Arsenal á espera que chegasse o outro, e esse outro era eu. Assim permanecerão até ao entrar da noute. O general ordenou a partida sem dizer para onde, e os presos forão entregues a um capitão da guarda da policia, de nome Luiz Antonio, e embarcados em um escaler armado com tropa. Quatro outros escaleres, igualmente armados com tropa,

fazião alas ao que levava os presos. Levou muito tempo a arranjar tudo isto e a pôr o comboio em marcha. Remavão tão lentamente que parecia que todos ião em funeral. O silencio era completo. Só se ouvia de quando em quando baterem os remos no mar. Antonio Carlos, depois de meia hora de marcha, interrompeu este silencio perguntando ao capitão Luiz Antonio para onde os levava. O capitão não respondeu, mas, instado por alguns dos outros presos, disse que as ordens que recebera não lhe permittião fazer aos presos semelhante declaração. Erão já mais de 9 horas da noute quando os escaleres aportárão á fortaleza da Lage, onde nem o commandante nem ninguem mais sabia que ião ter taes hospedes. Foi uma surpreza para todos. O velho commandante já estava recolhido e recolhido deixou-se ficar. O seu immediato foi quem deu as ordens. Os presos desembarcárão entre alas, que fazião os soldados que com elles tinhão vindo, isto depois do capitão Luiz Antonio ter communicado com o commandante da fortaleza e com o seu immediato. Os presos forão logo recolhidos a um armazem subterraneo immundo e que vertia agua por todos os lados. Ali devião ficar a noute sem ter nem sequer uma pedra para descançar a cabeça. Só José Bonifacio havia jantado naquelle dia; os outros até aquella hora estavão com a chicara de café que havião tomado pela manhã. Na fortaleza nem pão se podia obter. A vontade do immediato e dos soldados era boa, mas elles não podião fazer apparecer o que não havia. Um soldado tinha um gallo: era por aquella noute o unico recurso; o gallo foi vendido, morto e posto ao fogo em uma marmita. Com uma pouca de farinha de pessima qualidade, da ração dos soldados, se fez o jantar, que comerão á meia noute. Mas era necessario descançar tambem o corpo. Ninguem porém pensava em si, todos pensavão em José Bonifacio, a quem a idade mais que aos outros reclamava o descanço do corpo. José Bonifacio de Andrada, lançado em uma prisão subterranea, immunda e pestilenta, sem ter nem sequer uma cama... e por ordem de quem? por ordem expressa do Imperador D. Pedro 1.°! Tão feia ingratidão a posteridade recusará de acreditar fosse praticada no seculo 19! O immediato consentiu que se tirasse um pedaço de tapete velho que havia na igreja para ser levado para a prisão. Este pedaço de tapete velho, posto sobre um chão humido e mal cheiroso, foi o leito em que descançou naquella noute o Patriarcha da Independencia do Brasil! Os outros presos nem um banco tinhão para se assentarem, passárão a noute toda de pé.

Quanto á minha pessoa, já se sabe que me achava em casa de Rocha quando os filhos deste forão presos. Suppuz que a minha prisão estava tambem decretada. Não havia muitos dias que José Joaquim Carneiro de Campos, insistindo comigo, em uma visita que me fez ás 9 horas da noute, para eu mudar a politica do *Tamoyo* ou acabar com a sua publicação e receber os beneficios que o Imperador estava disposto a fazer-me com largueza, me disse que não estava longe o dia do meu arrependimento. Enganou-se. Os acontecimentos de 12 de Novembro não fizerão mais que confirmar em meu animo a santidade da

politica que abraçara. Por uma pessoa de minha confiança que se pôz immediatamente em communicação com minha casa, soube que eu tinha sido já procurado para ser preso, ainda com mais pompa do que os outros o forão. A minha casa tinha sido cercada de tropa e varejada com tanta minuciosidade, como se procurassem algum contrabando. O Imperador passou a cavallo pela frente della quando se estava varejando, e parando gritou para os seus officiaes: «Catem-n'o bem, que elle ahi está». Estas palavras são textuaes, e é por isso que faço uso dellas, pedindo desculpa ao leitor. A' noute foi outra vez assaltada a minha casa com menos pompa, mas com mais efficacia, porque derão busca em meus papeis, dos quaes levarão muitos e destruirão outros. Joias e outras cousas de valor desapparecerão de meus aposentos, mas eu não sei se foi nessa occasião ou se depois, porque a consternação em que ficou minha familia era tal que nada podia prevenir nem evitar. Pensava em mim e em nada mais. Buscas se derão na mesma noute em varias casas de amigos meus, e muito minuciosamente e com grande aparato de tropa em uma chacara do Engenho Novo. Emquanto assim me procuravão eu continuava a estar em casa do Rocha, onde apressei-me em jantar, para não ir para a prisão sómente com o almoço. De casa do Rocha as minhas communicações se estenderão até S. Christovão por via de Pedro Dias Paes Leme, que depois foi marquez de Quexeramobim. Este illustre brasileiro foi naquella crise perfeito para comigo. Era meia noute, e eu me admirava não estar ainda preso, procurarão-me em toda parte menos aonde eu estava, e para onde centenares de olhos me havião visto entrar. Decedi então subtrahir-me á prisão, e acompanhado de um homem, em quem eu tinha toda a confiança, e este homem era de côr preta, sahi de casa do Rocha e fui para outra, onde elle me tinha procurado um asylo. A casa era humilde e pertencia a uma velha que nella vivia com uma só escrava. Estava porém tão apparente que ficava immediata ao quartel general. Dahi ouvia eu mais claramente os chatins e taberneiros portuguezes pedirem em altos gritos a cabeça do Tamoyo. Nesta pobre casa me demorei até o dia 23, em que embarquei pelas 11 horas da noute a bordo de um navio inglez, que me transportou á Bahia. Estive até esse dia em communicação com os meus amigos e sempre ao corrente do que se passava. Fui para bordo accompanhado do homem de côr a que acima me refiro, deste honrado cidadão, bom amigo, cujo nome deixo aqui recommendado á posteridade: Caetano Manoel da Lapa. Quando iamos para a praia de D. Manoel, em busca do bote que me devia levar para o navio inglez, onde eu era esperado naquella noute, passamos pela igreja do Parto, em frente da qual se achava um café ainda com as portas abertas e bem allumiado. Nós iamos pelo lado do café, quando de repente encontrei-me face a face com o coronel Vidigal, commandante da guarda da policia, elle que vinha e eu que ia. O coronel ao ver-me virou o rosto para o lado opposto, fingindo que me não via, e eu segui o meu caminho bem persuadido que a maxima parte dos brasileiros não approvavão as violencias do Poder.

No mesmo dia 12 ou no seguinte, que a minha memoria não me ajuda hoje para dizer ao certo, forão presos os deputados Vergueiro e José Custodio. Este foi recolhido á ilha das Cobras e aquelle á fortaleza de Santa Cruz. Ambos forão postos logo em liberdade sem se lhes dizer nem porque tinhão sido presos nem porque erão postos em liberdade. Um jornal do tempo, fallando da prisão e soltura do deputado Vergueiro explicou-se por este modo: « O Sr. Vergueiro foi preso porque estava solto, e foi solto porque estava preso.» Procurou-se tambem para ser preso o desembargador Francisco da França Miranda. Deu-se-lhe rigorosas buscas em casa e tambem nas de seus amigos, e em nenhuma foi encontrado. Um inglez lhe havia dado asylo.

O tempo era de vingança, e parece que se commetterão algumas por conta particular. Neste numero se contava a prisão dos dois filhos do deputado Rocha. Não affirmo que seja verdade, conto somente o que se disse depois a respeito desta prisão. Pessoas que eu devia suppôr bem informadas me affirmarão que o capitão de Engenheiros Paulo Barbosa da Silva lembrara ao Chalaça do Imperador que, uma vez que se prendia o Rocha pai, era conveniente prender tambem os filhos, porque erão igualmente perigosos. Chalaça achou boa a lembrança, deu as ordens e os dois jovens Rochas forão presos como acima fica dito. Repito que me custa acreditar esta versão, porque se fosse ella verdadeira seria uma perfidia de ingratidão, vistas as obrigações que ao deputado Rocha devia o capitão Paulo Barbosa, talvez sem exemplo. Em todo caso fica patente que os dois moços Rochas não estavão nas listas dos presos que recebera o general Moraes, e que semelhante prisão, sem explicação por ser contra dois menores, procedeu de ordem posterior.

Dissolvida a Assembléa, o Imperador percorreu, acompanhado de um numeroso estado-maior, todos enramados de folhas de café, as ruas da cidade, victoriado pelos portuguezes e por bandos de moleques, que elles convidavão a gritar: « Viva o Imperador e morrão os Tamoyos. » Em honra do Rio de Janeiro é justo dizer que fóra deste grupo a cidade parecia submergida na maior tristeza. Ao passar a imperial comitiva as janellas se fechavão. Á noute as casas portuguezas se illuminarão. Os brasileiros, alguns por medo e outros constrangidos, illuminarão tambem as suas casas; porém os mais denodados, e este era o maior numero, conservarão as suas casas ás escuras. O aspecto da cidade fez logo vacillar o Imperador, e certas modificações o seu governo começou a fazer desde o dia seguinte.

O decreto da dissolução, expondo os motivos pelos quaes o Imperador tomava aquella deliberação, dizia que a Assembléa havia perjurado. Levantou-se desde logo um clamor publico contra semelhante injuriosa asserção. No dia seguinte, 13, o governo publicou uma declaração, dizendo que não fôra a Assembléa que perjurára, mas sim alguns deputados anarchicos. Esta declaração, bem como o decreto da dissolução, são dois documentos importantissimos, que a Historia deve registrar e offerecer á posteridade na sua integra. O governo

foi logo sondando o perigo em que se achava, e tomando precauções para que não fosse de morte. Para que a noticia da dissolução não chegasse com muita brevidade ás provincias do Norte, mandou fechar a barra do Rio de Janeiro, para que não sahisse embarcação alguma antes da partida dos presos de Estado que estavão destinados ao exilio. Para o transporte destes mandou preparar uma velha charrua, denominada *Luconia*, a quem se deu um commandante brasileiro, mas em seguida foi este mudado e substituido por outro portuguez de nome Barbosa. O immediato e a equipagem erão portuguezes. De brasileiros só havia meia duzia de soldados. Gastou-se nestes preparativos, etc., porque não havia pressa, 12 dias, e neste espaço de tempo nenhuma embarcação nacional ou estrangeira sahiu a barra do Rio de Janeiro. Os presos continuavão a viver no armazem subterraneo da fortaleza da Lage, onde o commandante permittia que durante o dia fossem tomar ar acima, com sentinellas á vista. Já estavão providos de cama, e tudo o mais necessario que receberão de suas familias, e de que o commandante não impediu o ingresso na fortaleza. O que se lhes prohibia era receber e expedir cartas fechadas. Abertas não punhão a isso obstaculo. Tres ou quatro dias depois de ali se acharem, mandarão transferir José Bonifacio para a fortaleza de Santa Cruz. Foi o maior golpe que se lhe podia dar. Separado em semelhante conjunctura de seus irmãos e de seus amigos, para ir ficar só em outra prisão, era um excesso de crueldade que muito amargurou o coração do venerando ancião. Obedeceu e partiu. Ao chegar á fortaleza de Santa Cruz, agradeceu ao official que o conduzia o modo polido por que se houve no desempenho da commissão de que fôra encarregado.

A historia deve registrar as palavras propheticas que José Bonifacio disse ao general Moraes, quando este o deixou preso no arsenal. « Diga ao Imperador, repetiu José Bonifacio, que eu estou com o coração magoado de dôr, não por mim, que estou velho, e morrer hoje fuzilado ou amanhã de qualquer molestia, é cousa para mim bem indifferente ; que é por seus filhos innocentes que eu choro hoje; que trate de salvar a corôa para elles, porque para si está perdida desde hoje; a sentença o Imperador mesmo a lavrou e já não póde subtrahir-se aos seus effeitos, porque se o castigo da Divindade é tardio, esse castigo nunca falta. »

No mesmo dia 13 publicou o Imperador uma proclamação chamando os brasileiros a uma conciliação, e explicando os motivos por que mandara prender os Andradas e outros deputados, declarava que as familias destes serião protegidas; e concluia pedindo que tivessem confiança nelle, como elle tinha no paiz, e que os adoptivos erão muito bons brasileiros. Esta proclamação a Historia a deve tambem registrar. Não sei se foi nella, ou no decreto de dissolução, ou em outro qualquer documento, que o Imperador prometteu convocar outra Assembléa Constituinte para discutir um projecto de constituição que elle offereceria, duas vezes mais liberal do que aquelle que já estava em dis-

cussão na Assembléa dissolvida. Isto deve ser examinado em presença dos documentos, porque a minha memoria já não póde descriminar tantas especies diversas e nas narrações alheias, feitas até agora, pouca confiança tenho.

A tropa voltando aos seus quarteis e os officiaes ao seio de suas familias, pouco a pouco forão sabendo que tinhão sido victimas de um engano. Souberão que a Assembléa não havia decretado nem a deposição do Imperador nem o exilio da tropa. Souberão que nenhuma deliberação havia tomado na sessão permanente, e que apenas um deputado havia proposto que a tropa fosse afastada da capital para a Assembléa poder deliberar livremente. O conhecimento destes factos fez grande abalo no animo de muitos, e desde logo principiarão a cogitar nos meios de uma reacção que os restabelecesse na confiança da Patria. Erão para isso compellidos pelo despreso em que erão tidos pelos proprios parentes, que não perdião occasião de lhes lançar em rosto a falta que havião commettido, pondo em perigo a Independencia da Patria em proveito de uma facção odiosa. As mães reprehendião os filhos, as esposas censuravão os maridos e as irmãs despresavão aos irmãos, que tinhão trazido ramos de folhas de café nas barretinas no nefasto dia 12 de Novembro. Forçoso é confessar que em geral as mulheres no Brasil muito se enthusiasmarão pela Independencia e liberdade. O dia 7 de Abril de 1831, que foi a reacção do 12 de Novembro de 1823, viu á testa dos acontecimentos a tropa e os mesmos homens da acção contra a qual reagião. Tive em minhas mãos provas inconcussas de que ainda se não tinha passado um anno, já em meio de 1824, a tropa tencionava fazer o que pôz em pratica em 1831, e que só a respeitosa veneração que todos tributavão á Imperatriz Leopoldina é que a poude demover do seu intento. Nem as promoções e nem as considerações honorificas com que o Imperador procurou alliciar a maior parte dos officiaes poderão desviar um acontecimento que estava na natureza das cousas, e previsto de antemão.

Em 16 de Novembro o Governo publicou um manifesto para justificar a sua conducta. Nesse processo autoou e julgou a Assembléa Constituinte e seus actos. Este documento tambem entra no numero dos que a Historia deve registrar por inteiro.

Em 24 de Novembro abriu-se o porto do Rio de Janeiro. Depois da sahida da *Luconia*, todos os outros navios nacionaes e estrangeiros ficarão com passagem livre. Pela manhã forão os presos transportados com escoltas para bordo da *Luconia*, e ahi ainda em estado de prisão na camara. O commandante lhes declarou que só depois de perder de vista a terra é que se lhes daria liberdade a bordo. Mas qual não foi a agradavel surpreza de alguns dos presos quando, descendo á camara, ahi encontrarão as suas familias, de quem até então não tinhão tido noticias! Quem fôr esposo ou pai que a julgue. As senhoras de José Bonifacio, Antonio Carlos, Martim Francisco e Montezuma havião alcançado, por intermedio do Encarregado de Negocios da Grã-Bretanha,

a faculdade de acompanharem seus maridos para o exilio. Assignou-se aos presos casados uma pensão de um conto e duzentos mil réis e aos solteiros de seiscentos mil réis annualmente. Estas pensões, em compensação do que alguns delles deixavão de receber de seus officios, soffrerão alguns embaraços e demoras no pagamento, mas por fim forão pagas regularmente, até o regresso de cada um dos deportados, pela delegação em Londres. Os filhos do Rocha não forão comprehendidos neste beneficio, ou porque erão filhos familia, ou porque não estavão na lista do governo, sendo presos, como se dizia, por intervenção de um amigo em satisfacção propria. Eu, que me não deixei prender, nada recebi do governo; pelo contrario, suspenderão o pagamento dos ordenados dos meus empregos, e os meus collegas, com quem dividiamos os emolumentos na chancellaria-mór, continuarão a não contar comigo, como já ha muito fazião.

Os Andradas partirão para o exilio na maior pobreza. José Bonifacio, a sua maior riqueza consistia em uma excellente livraria, instrumentos de physica e um importante gabinete numismatico. Martim Francisco nem isso tinha, a sua pobreza era completa. Antonio Carlos não estava mais supprido. Rocha e Belchior tambem nada tinhão. Montezuma somente, que acabava de casar, é que podia contar com os soccorros do sogro, e estes parece que não lhe faltarão. Felisberto Caldeira Brant Pontes, que depois foi marquez de Barbacena, mandou a cada um dos tres Andradas e ao Rocha um credito de um conto de reis para receberem na Europa. Parece-me que só Rocha aceitara e usara deste credito. Os Andradas, tenho sciencia certa, nem aceitarão nem usarão.

Cumpre agora explicar este acto de generosidade do futuro marquez de Barbacena. Era elle inspector das milicias da Bahia quando ali se fez a revolução de 10 de Fevereiro de 1821. Fez opposição a essa revolução, que tinha por fim proclamar o systema constitucional, e sendo derrotado fugiu para o Rio de Janeiro. Á sua chegada a esta côrte achou que tambem nella se havia já proclamado a constituição de Portugal em 26 de Fevereiro, e o abrigo que encontrou foi a fortaleza de Santa Cruz, onde o recolherão preso. Poucos dias depois, serenando a trovoada, foi solto, e partiu sem demora para a Inglaterra. Em 1822 José Bonifacio me encarregou de contractar marinheiros para a esquadra brasileira. Em 1823 foi eleito pela provincia de Minas Geraes, terra de seu nascimento, deputado á Assembléa Constituinte. Esta deputação lhe foi agenciada por José Joaquim da Rocha, a instancias de Pedro Dias Paes Leme, que depois foi marquez de Quixeramobim, que era irmão por parte de mãe do futuro marquez de Barbacena. Felisberto chegou ao Rio de Janeiro, para tomar assento na Assembléa Constituinte, dias antes de ser ella dissolvida. Não achou no governo aquella consideração com que contava, e de outro lado assustou-se com a preponderancia portugueza que estava dominando. Na Assembléa e fóra della tomou uma attitude de observação. A dissolução da Assembléa ainda o

achou nella, mas como a sua opinião contraria á dominação portugueza era assás conhecida, receiou ser tambem preso e deportado. Vendo porém que o não era, e que os vencedores parecião já, pelas satisfacções que ião dando, enfraquecidos, julgou conveniente estreitar a alliança com os vencidos e capitular com os vencedores. Estes precisavão de alliados e não desdenhavão o futuro marquez de Barbacena. Este pediu em premio da sua alliança, o que lhe foi concedido, a commissão de ir a Londres negociar o emprestimo. Manoel Jacintho Nogueira da Gama, que depois foi marquez de Baependy, tinha sido o autor desta, como se diz em Portugal, comedella, e já tinha negociado esse emprestimo com um Oxfort de Londres. Entre os dois campeões houve grande lucta qual delles levaria o pomo de ouro. Venceu o futuro marquez de Barbacena e a voz publica attribuiu essa victòria a uma transacção secreta entre o Imperador e o futuro marquez. Rompeu então este a alliança que pretendia estreitar com os vencidos, offerecendo a quatro delles soccorros pecuniarios.

Acerca da pobreza de José Bonifacio, que não possuia mais de 30 mil reis quando foi preso e deportado, contarei uma anecdota, que não será lida sem interesse. Os ministros da Regencia de D. Pedro reduzirão seus ordenados á metade do que erão em tempo de D. João 6.° Ficarão com 4:800$ annuaes pagos mensalmente. José Bonifacio, recebendo 400 mil reis em bilhetes do Banco de um mez do seu ordenado, os metteu no fundo do chapéo, e no theatro lhe roubarão o chapéo e o conteudo. O primeiro ministro do Imperio do Brasil achou-se no dia seguinte sem ter com que mandar comprar o jantar. Não possuia nem um vintem mais, e seu sobrinho Belchior Fernandes Pinheiro foi quem pagou as despezas do dia. Em conselho José Bonifacio referiu esta occurrencia e a extrema necessidade a que ella o reduzira e a sua familia. O Imperador entendeu que o ministro, visto a penuria em que se achava, devêra ser indemnisado, pagando-se-lhe outro mez de ordenado, e neste sentido deu ali as suas ordens ao ministro da Fazenda. Martim Francisco não obedeceu. Disse ao Imperador que não havia lei que puzesse a cargo do Estado os descuidos dos empregados publicos; que o anno tinha para todos 12 mezes, e não 13 para os protegidos; e finalmente pedia a S. Magestade retirasse a sua ordem, porque não era exequivel. Que elle Martim Francisco repartiria com seu irmão o seu ordenado, e que viverião ambos com mais parcimonia naquelle mez, o que era melhor do que dar ao paiz o funesto exemplo de se pagar ao ministro duas vezes o ordenado de um só mez. Este incidente não foi mais adiante. Martim Francisco repartiu com seu irmão o dinheiro que tinha, e José Bouifacio dahi por diante tomou mais cuidado no chapéo e no dinheiro que recebia.

As diligencias do Governo em se amparar da minha pessoa não cessarão, mas sempre em vão, porque, pelo que sei, não achou senão um homem que se prestasse a servil-o com zelo nesta empreza, e por uma casualidade não con-

seguiu elle o seu intento. Fui, como já disse, na noute de 23, acompanhado do fiel Caetano Manoel da Lapa, para bordo de um navio inglez, que devia largar no dia seguinte em que se abria o porto para a Bahia. Aconteceu que a *Luconia*, que levava os deputados, se demorasse mais tempo em os receber e não pudesse largar senão um pouco mais tarde, e como os outros navios, e erão muitos, não podiam sahir senão depois della, aconteceu igualmente que o meu entrasse no numero dos que pela demora da visita já não puderão sahir por falta de vento: tive portanto de ficar a bordo todo aquelle dia até o outro pela manhã. Os outros passageiros forão, uns para a cidade e outros para a Praia Grande: fiquei só, mas bem descançado acerca da probidade de todos. Ao anoutecer recolherão-se elles para bordo. A's 9 horas estavamos todos na camara, excepto Felisberto Caldeira Brant filho, actual visconde de Barbacena, que passeava na tolda com outro passageiro, ou com o capitão do navio, quando inesperadamente ouvimos gritar por duas vezes « Lá vae Manoel Innocencio ». Estas vozes erão do referido Felisberto Caldeira Filho. Apenas tive tempo de me lançar em um beliche e correr a porta. Alguns passageiros tomarão assento em um degráo lateral, de modo que ficarão encostados á porta do beliche em que eu estava e do outro immediato. A visita de Manoel Innocencio tinha por fim, disse elle, despedir-se áquella hora da noute dos amigos que devião ter sahido pela manhã! Fallou contra a dissolução da camara, contra as violencias que o governo estava praticando, e lamentou a sorte immerecida de seu amigo Drummond; disse que procurava este amigo, porque só elle lhe poderia dar um asylo seguro até que passasse a trovoada, que não seria de muita duração, porque isso de emigrar para paiz estrangeiro trazia comsigo muitas despezas e um regresso mais demorado. Neste sentido foi discorrendo, mas sempre interrompido pelos passageiros, que parecião mostrar não fazer caso do que elle dizia, nem da pessoa a que se referia. Do beliche eu ouvia toda esta conversa, que durou até depois das 11 horas. Manoel Innocencio sondou depois a cada um em particular, abrindo alguns beliches e os passageiros muito de proposito abrião e fechavão outros. Finalmente despediu-se, e depois de ter descido a escada do portaló e feito ahi uma demora, tornou a subir, não sei a que pretexto, mas ainda em vão, porque todos o vigiavão. Tornou a descer, embarcou em um escaler e foi-se. Eu subi á tolda para ter a satisfação de ver a ardentia do mar, que allumiava os remos do escaler que levava o homem que áquella hora da noute traiçoeiramente me procurava para me entregar aos ferros do despotismo! Este homem era Manoel Innocencio Pires Camargo! Foi elle quem depois denunciou a meu irmão.

No dia seguinte o nosso navio foi um dos primeiros que foi visitado. Todos os passageiros estavão a bordo desde a vespera; nada podia demorar a sahida. O espião não appareceu, como nós suppunhamos que apparecesse, pela manhã. Se apparecesse corria risco de vir comnosco. Ao menos essa era a vontade do capitão bem pronunciada, desde que soube que tivera um espião

a bordo. O official do Registro abraçou-me tres vezes e na ultima disse: « A tropa de quem os patriotas tem razão de queixa ainda os ha de vingar, no emtanto isoladamente vai fazendo a reparação que pode. » Entregou-me então uma carta de meu irmão, uma porção de dinheiro em ouro e prata e uma caixinha com alguns objectos que me pertencião, escapados ao varejo do dia 12. Adjunto á carta achei uma lettra de cambio sobre Londres. Fui eu talvez o unico que levei comigo alguns meios de subsistencia. Os outros nem isso tinhão. Despedi-me do official do Registro com uma emoção tal que não posso hoje, que as forças me faltão, descrevel-a. Não me resta dessa scena senão a pena de não poder recordar-me hoje do nome daquelle benemerito official. Eu era tão moço, as minhas idéas tão vivas, e levava no coração uma saudade tão terna da Patria e da familia, que tudo se confundia e desapparecia neste sentimento. Ainda hoje, quando me recordo daquelle triste momento em que ao sulcar a barra olhei para terra que deixava atraz de mim: e disse no meu coração: — qual será o teu destino! — não posso conter as lagrimas nos meus olhos! A Patria e a familia forão, e são ainda, a unica paixão que domina minha alma.

Durante a viagem recebi dos passageiros e do capitão do navio provas de attenção e de amizade. O capitão me disse que havia recebido a meu respeito a mais efficaz recommendação do consulado britannico. Os passageiros erão todos brasileiros naturaes da Bahia, que se recolhião offendidos com a dissolução da Constituinte, e receiosos da perda da Independencia. Sinto não poder hoje recordar-me do nome de todos, alguns dos quaes ainda vivem, para lhes agradecer a bondade com que me tratarão naquella occasião; designarei porém aquelles que ainda conservo na memoria, que são: Miguel Calmon du Pin e Almeida, actualmente marquez de Abrantes, e seu irmão Antonio Calmon du Pin e Almeida, Francisco Maria Sodré, o coronel Villas Boas, Sr. de engenho, que foi depois barão não sei de que, Pinheiro Vasconcellos, actualmente presidente do Tribunal Supremo de Justiça, o bacharel Paim, Felisberto Caldeira Brant Filho, actualmente visconde de Barbacena, seu irmão Pedro, ainda menino, actualmente conde de Iguassú, e sua irmã D. Anna, tambem menor, actualmente viscondessa de Santo Amaro. Destes parece que só o primeiro era deputado á Assembléa Constituinte; mas todos se achavão indignados com o acto da dissolução pela força das bayonetas. Voltavão para sua provincia incertos talvez do que devião fazer, mas bem dispostos, pelo que dizião, a não supportarem mais o jugo portuguez.

O dia da nossa chegada na Bahia foi um dia de consternação. A noticia da dissolução da Assembléa Constituinte pela força das bayonetas causou a mais viva impressão, e o espirito publico se voltou logo contra os portuguezes. No Brasil, quando se soffre alguma desgraça, o instincto nacional leva logo a reconhecer nos portuguezes a causa della. Custou muito a conter naquella tarde e nos dias seguintes a opinião publica, para não exorbitar

em excessos contra os portuguezes. Parece-me que os passageiros chegados do Rio contribuirão para isso, ou fizerão o que puderão neste sentido. Na mesma noute e no dia seguinte os bahianos se reunirão e deliberarão sobre o que devião fazer, no caso de perigar a Independencia pela volta do absolutismo e da preponderancia portugueza. Não assistí a essa primeira reunião. Apenas desembarquei, fui com a familia de Felisberto Caldeira Brant, isto é, com os tres filhos acima mencionados, para a sua casa do sitio do Barril, onde devia ser hospedado por ordem delle. A hospedagem nesta casa me foi dada com cordialidade, mas essa cordialidade foi enfraquecendo á proporção que os negocios publicos ião mudando de aspecto e o dono da casa consolidando a sua alliança com os dominadores do tempo.

Os deputados pernambucanos, que havião partido logo que se abriu o porto do Rio de Janeiro para a sua provincia, chegarão a ella ainda mais escandalisados do que os bahianos. Em Pernambuco forão á vias de facto contra os portuguezes. A provincia declarou-se em hostilidade contra o governo do Rio de Janeiro, e julgou o acto da dissolução da Assembléa Constituinte pela força das bayonetas como attentorio da soberania nacional e altamente criminoso. Os homens influentes puzerão-se logo em communicação com a Bahia por um lado e pelo outro com a Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, para o fim de obrarem de accordo contra as pretenções do governo do Rio de Janeiro.

Emquanto isto assim se passava na Bahia e Pernambuco, no Rio de Janeiro o governo procurava acalmar a indignação que a dissolução da Constituinte tinha causado no animo dos brasileiros promettendo convocar outra Assembléa Constituinte e offerecendo á discussão della um projecto de constituição onde a soberania nacional fosse expressamente reconhecida. Ao mesmo tempo continuava a exercer vinganças individuaes nas pessoas que erão desaffectas aos mandões. O governo, desesperado por não ter podido pôr-me a mão emcima depois de haver para isso tomado todas as precauções, procurou vingar-se de mim na pessoa de meu irmão Luiz. Sabia que a mais terna amizade existia entre mim e elle, e que o golpe mais cruel que me poderia ferir seria aquelle que atacasse meu irmão. Foi este preso e encarcerado em um subterraneo da fortaleza da Lage. Meu irmão já tinha previsto este acontecimento, e para que se não verificasse antes da minha partida do Rio de Janeiro, conservou-se fóra de sua casa, até que foi denunciado por Manoel Ignacio Pires Camargo. Meu irmão Luiz de Menezes Vasconcellos de Drummond era administrador da alfandega e nesta repartição se achava quando a Constituinte foi dissolvida em 12 de Novembro de 1823; mandou immediatamente fechar a Alfandega, que se achava já deserta, porque os negociantes havião corrido para suas casas afim de evitar que na confusão em que este acontecimento punha a cidade se commettesse ali algum roubo. Sahindo da alfandega foi para a casa do deputado Rocha, de quem era amigo particular, e ali me achou, como já fica dito em outro lugar. Mandou que o seu cocheiro levasse a carruagem

para a casa, e ficou elle para me acompanhar nos transes da fortuna. As noticias, que vierão de nossa casa, do varejo que nella se havia dado em busca da minha pessoa, o determinarão a não me deixar até que as cousas se esclarecessem. Depois da minha sahida da casa do Rocha, como tambem já fica dito, conservou-se elle nella. Manoel Innocencio era pessoa de intimidade da casa e ali ia com frequencia, naquelles dias de crise não appareceu, porque talvez andasse em busca de mim em outras partes. Quando finalmente appareceu, meu irmão não se occultou delle porque o não suppunha capaz de ser delator, e naquella occasião parecia que não havia brasileiro que o quizesse ser. Manoel Innocencio queixou-se dos excessos do governo e offereceu a meu irmão um asylo em sua casa, que não foi aceito. Manoel Innocencio despediu-se e duas ou tres horas depois a casa do Rocha foi cercada de tropa e meu irmão preso e conduzido a um subterraneo da fortaleza da Lage. Antes disso, e por varias vezes, já a sua propria casa tinha sido cercada de tropa e elle procurado nella para ser preso.

Em 26 de Novembro nomeou-se uma commissão para discutir a constituição que o Imperador apresentára em projecto. Foi este um dos meios que o governo empregou para acalmar a irritação publica. Mostrava-se arrependido e queria reparar a sua falta, e assim balançava o paiz em esperanças que poderião bem não ser realisadas, se porventura as circumstancias assim o permittissem. O projecto de constituição que o Imperador apresentou á discussão, elle o achou feito no Apostolado, onde tinha sido apresentado por Martim Francisco. Posso attestar esse facto, porque fui eu que puz a limpo a minuta de Martim Francisco para aquelle fim. A commissão ajuntou-lhe os conselhos provinciaes, que o projecto originario não tinha.

A desconfiança sendo geral no Rio de Janeiro, entenderão como meio de contraminar as dissimuladas intenções do governo que convinha que o projecto fosse convertido em constituição jurada, e observada immediatamente. Por este modo ficava dispensada a convocação de uma Assembléa Constituinte e os embaraços de uma discussão, que podia muito bem trazer comsigo consequencias fataes á Independencia e á integridade do Imperio. Na constituição se achavão os meios de evitar outro golpe de Estado igual áquelle de 12 de Novembro. A Bahia entendeu como o Rio de Janeiro, e requereu igualmente que o projecto tal qual se achava fosse jurado, e posto em execução sem a menor demora. As outras provincias fizerão outro tanto. Pernambuco porém não annuiu e resistiu, até que vencida, sujeitou-se aos ferros do vencedor.

As noticias que ião chegando á Bahia do modo pelo qual o Imperador procurava sahir do embaraço que elle mesmo havia creado, pouco a pouco modificarão as idéas dos homens influentes da Bahia; mas nenhuma autoridade daquella provincia obedecia ao governo do Rio de Janeiro no que elle mandava no sentido de perseguição e vingança. A minha estada na Bahia foi logo sabida de todos no Rio de Janeiro, e ordens sobre ordens forão expedidas para

que eu fosse preso e enviado á côrte. Nenhuma autoridade prestou obediencia a essas ordens e eu andei sempre livre, sem o menor receio de ser trahido, na Bahia. Confiava no espirito nacional e na probidade politica dos bahianos. Felisberto Gomes, que governava as armas da provincia, mostrou-me as ordens que recebeu para me prender e remetter para o Rio, e todas as vezes que isto fazia era dando-me a segurança de que, emquanto elle ali estivesse, ninguem me privaria da minha liberdade. Além das ordens, recebião-se insinuações e promessas de recompensa a quem me prendesse, mas tudo isso foi baldado, o governo do Rio de Janeiro não achou na Bahía um só individuo que quizesse manchar a sua reputação para lhe fazer a vontade. Outro acto, que distinguiu a Bahia de todas as outras provincias do Imperio, existe na demonstração de vigor que derão os seus eleitores elegendo depois a José Bonifacio no exilio deputado á Assembléa Geral legislativa. José Bonifacio agradeceu aos bahianos com uma bella ode, onde as expressões propheticas de que usou ainda não deixarão de ser uma realidade.

A hospedagem que recebi em casa de Felisberto Caldeira ia-se tornando de dia em dia, á proporção, como já disse, dos arranjos pessoaes do dono della no Rio de Janeiro, menos cordeal. Fui para o Reconcavo em companhia de Miguel Calmon e Felisberto Caldeira Filho. Visitámos os engenhos mais notaveis, achando em casa de Egas Muniz, Sodré, Villasboas, e outros o mais cordeal agasalho. O engenho dos Calmons era o nosso quartel general, e eu era ahi tratado com toda a amizade. Confesso que a minha estada no Reconcavo era tão agradavel que por momentos me fazia esquecer do horror com que eu encarava o estado actual do Brasil. Regressámos todos á Bahia em principio de Fevereiro, e voltei para a casa de Felisberto Caldeira, onde havia ficado a minha bagagem. Facilmente percebi que havia ali desejo que eu me retirasse. Felisberto Caldeira Filho nunca me mostrou por acto algum esse desejo, pelo contrario, foi até o fim polido para comigo; deixou porém sobre uma commoda de meu quarto uma carta aberta que havia recebido de seu pai, na qual esse dizia que se desfizesse de mim e dava para isso as razões que lhe assistião. Foi por este modo que o joven Felisberto se houve para me communicar as ordens de seu pai. Em vista dellas é natural saltasse de contente quando soubesse que os Andradas não havião aceitado o dinheiro que elle lhes offerecera quando ainda estava incerto do caminho que lhe convinha seguir. Eu chamei a carta, qne assim se deixava para eu tomar conhecimento, propriedade minha, e tratei logo de partir para a Europa. Havia approvado e contribuido quanto cabia em mim para que a Bahia tomasse a resolução que tomou, de pedir que o projecto apresentado pelo Imperador fosse desde logo convertido em constituição jurada e posta em observancia, afim de evitar as consequencias de uma revolução. Já estava desenganado que não podia mais contribuir para demover certos influentes de Pernambuco do proposito em que estavão de preferir a revolução a qualquer transacção amigavel. A minha missão

pois, com que sahira do Rio para a Bahia, estava terminada. Queria partir para Inglaterra, mas por aquelles dias não havia navio algum a largar para esse destino. Havia um navio inglez que já estava prompto e despachado para partir para Hamburgo; tomei passagem nelle com obrigação da parte do capitão de me deixar no Canal em algum barco de pilotagem. Deixei a casa de Felisberto Caldeira com as demonstrações do maior agradecimento, sem deixar de modo algum perceber que eu estava ao corrente das disposições que havia a meu respeito, levando todavia na algibeira a carta que me serviu de annuncio; fui para a baixa afim de embarcar, mas como o navio houvesse de se demorar ainda um ou dois dias no porto, estes passei eu em casa de um negociante natural da provincia do Rio Grande do Sul, de nome Pedroso, que me hospedou, tratou e me acompanhou a bordo com bondade. Eu já o conhecia do Rio de Janeiro; consta-me que agora é um abastado capitalista.

O navio em que embarquei era um pequeno brigue, e tão carregado de caixas de assucar que até a camara e os camarotes estavão entulhados dellas. O navio estava tão mettido, que fazia medo olhar para o mar; mas felizmente a viagem foi tão socegada, que parecia que navegavamos em aguas mortas. O vento nunca nos foi contrario, mas era tão brando que nunca andamos mais, e isto poucas vezes, de 5 milhas por hora, sendo o ordinario de 3 e ainda menos. Levámos 60 dias até entrar no Canal, mas ahi já era outra cousa: vento variado, forte e muito mar, parecia que o navio ia submergir-se. A equipagem compunha-se de 6 homens robustos e bons trabalhadores, e mais o capitão e o piloto, muito rapaz ainda, que era seu irmão. Recordo-me do nome deste, que se chamava Sebastião, e não do outro. Era eu o unico passageiro, e para mim se havia desatravancado um camarote das caixas de assucar de que estava cheio, ficando só uma ou duas debaixo da minha cama. A camara era pequena, e tão atravancada estava que não havia nella espaço para se dar dois passos. A mesa de jantar estava mettida entre caixas de assucar e só tinha um lado do quadrado livre para se pôr uma cadeira onde eu me sentava. O capitão e o piloto sentavão-se dos outros lados em cima de caixas de assucar, que ficavão na altura da mesa. Quando o capitão estava de quarto o piloto trabalhava com os marinheiros em remendar velas e fazer outros serviços economicos do navio, ou dormia, e vice-versa se era o piloto que estava de quarto. O moço do serviço da camara era um bruto, que poucas vezes ali apparecia. Eu não tinha litteralmente com quem fallar; durante 60 dias nenhum trapista me excedeu no silencio; tinha porém livros, e estes me davão occupação durante o dia, mas as noutes erão tão grandes e nem sequer podia haver uma candêa para as fazer menos insupportaveis. Quando me achei neste silencio sobre as ondas do oceano, que eu sulcava pela primeira vez, idéas sobre idéas se accumularão na minha cabeça, e eu adoeci seriamente. Não havia a bordo medicamento algum e nem mesmo quem fizesse um caldo de gallinha; uma febre ardente me devorava e eu não via ninguem em roda de mim,

sentia o bater das ondas e o balançar do navio, e me parecia que era o prestito que marchava para o funeral. Mas a Providencia Divina não abandona quem tem fé : appareceu uma erupção cutanea, meu corpo cobriu-se de leicenços, a febre diminuiu e a molestia entrou em curativo. Mas, que de tormentos, que privações por 30 e tantos dias ! Nem quero pensar nisso. Rendo graças a Deus de se haver compadecido de mim. Depois de 60 dias de navegação entramos no Canal. Era em o mez de Abril de 1824, vento contrario e mar forte. O capitão bordejou prolongando-se com Falmouth, até que um barco de piloto viesse á falla. Passar para esse barco com a minha bagagem não foi cousa de facil execução, tanto o vento estava desabrido e o mar picado. Quando deixei o navio era meio dia, e passava de seis horas quando puz pé em terra da Inglaterra depois de quasi desesperar de não ser já possivel alcançar do céo tão grande beneficio. Estava tão molhado pela quantidade de agua que entrava no barco, que parecia ter cahido no mar. A minha bagagem estava arruinada, mas isso nada era a quem acabava de estar em perigo de vida. Foi neste deploravel estado, gelado de frio, que desembarquei em Falmouth e me apresentei no Hotel Royal, que era o maior daquella cidade. Seccar os meus vestidos ao fogo, tomar chá, que foi o que appeteci apesar de não ter jantado, e metter-me na cama, forão cousas que se forão fazendo successivamente e sem demora. Eu estava tão cançado, tão abatido de corpo e espirito, menos pela tormenta do mar do que pela saudade da Patria, que precisava descançar se isso fosse possivel.

O meu estado de saude era deploravel, não me sentia com forças de partir para Londres, as 300 milhas que tinha de percorrer, não obstante a commodidade e a rapidez com que já então se viajava na Inglaterra, me fazião tremer; resolvi ficar alguns dias em Falmouth, afim de ver se podia restabelecer as minhas forças. Quatro ou cinco dias depois da minha chegada a esta pequena cidade chegou tambem um paquete do Brasil, e logo me constou que viéra por elle um lord brasileiro. Este titulo se dá na Inglaterra a todo o estrangeiro que se inculca poderoso pelas suas riquezas ou pela sua alta posição social : é uma expressão vulgar. No mesmo dia á noute ou no dia seguinte, subindo a bella escada do Hotel encontrei nella o menino Pedro Brant e a menina D. Anna, ambos filhos do futuro marquez de Barbacena. Ambas estas crianças me reconhecerão logo e vierão a mim com esta innocencia infantil que não sabe encobrir o que sente, e me abraçarão chamando-me pelo Sr. Rosa, que era o nome pelo qual me communiquei com os meus amigos desde a dissolução da Constituinte até a minha partida da Bahia. Emquanto estive na casa do Barril, com estas duas crianças é com quem melhor me entendia. Depois de trocarmos algumas palavras ellas correrão para dizer ao pai que eu ali me achava, dizendo-me que esperasse no meu aposento que ellas voltarião com o Papá, que havia gostar de me ver. Esperei até ás 11 horas, e no dia seguinte soube que pela manhã o futuro marquez de Barbacena

havia partido com a sua familia para Londres. O filho primogenito não o acompanhava, havia ficado na Bahia. O futuro marquez de Barbacena vinha do Brasil encarregado de negociar o emprestimo que o futuro marquez de Baependy havia ageitado para si com a casa de Oxford em Londres. Já se vê que tinha sahido da incerteza em que se achava por uma tangente metallica de grande peso. Os interesses deste emprestimo para os negociadores delle forão exhorbitantes, porque, a lei dos ordenados que vencia o ministro da Fazenda de então, que era o futuro marquez de Maricá, lhes concedeu uma avultada commissão commercial deduzida do capital nominal. O collega do futuro marquez de Barbacena nesta commissão foi o futuro visconde de Itabayana, por elle livremente escolhido.

Em uma pequena cidade perto de Falmouth encontrei com alguns deputados das côrtes portuguezas, que ali se achavão refugiados, e fiz com elles conhecimento. A communidade de infortunio nos unio. Erão elles José da Silva Carvalho, Moura, Xavier Monteiro, Maggiorche, e alguns outros cujos nomes me não lembra agora. Já me achava algum tanto restabelecido e resolvido a partir para Londres. Resolvi tambem aquelles liberaes portuguezes, que ali se achavão a quasi um anno refugiados, a fazer outro tanto. Elles ali se demoravão á espera de uma reacção em Portugal que restabelecesse o governo representativo; mas como já sabião dos acontecimentos de Abril em Lisbôa, que obrigarão o rei a passar para bordo de uma náo ingleza e, sob a protecção da bandeira desta nação, desconcertar a conjuração urdida contra a sua pessoa e a mandar seu filho o infante D. Miguel, que se achava á testa della, para Paris, não esperarão mais, e partimos todos, com um ou dois dias de intervallo eu delles para Londres. Nesta capital não procurei nem o futuro marquez de Barbacena nem o futuro visconde de Itabayana; mas um bom dia recebi pela posta uma carta do primeiro, dizendo que precisava fallar-me com urgencia em cousa do meu interesse, e como eu não queria ir á sua casa nem a elle convinha vir á minha, porque nella moravão alguns deputados portuguezes com os quaes se não queria encontrar, propunha-me um *rendez-vous* em um passeio; que pelas 6 e meia da tarde daquelle dia estivesse eu prompto a sahir sem nada dizer, logo que eu ouvisse bater duas pancadas demoradas uma da outra na porta da rua da casa em que me achava. Não respondi a esta carta, porque tendo ella chegado pelas quatro horas ás minhas mãos, ainda que quizesse já não podia poupar ao futuro marquez a pena de passar e bater á minha porta. Parecia-me este *rendez-vous* por demais mysterioso, mas á hora indicada estava eu na salla immediata á porta da rua, e sentindo as duas pancadas sahi e fechei a porta. Era o futuro marquez, elle mesmo, que as havia dado. S. Ex. vinha a cavallo e deixou a sua cavalgadura um pouco arredada no lado opposto da casa. Mandou o seu criado que o seguisse de longe, deu-me o braço e fomos nós a pé. O *rendez-vous* era todo cordeal, e elle podia dizer, segundo a sua intelligencia,

pedido no meu interesse. Depois de um largo preambulo, em que os Andradas forão tratados de loucos e visionarios, deu-me o futuro marquez uma explicação do seu procedimento e de outros homens de bem, que se achavão no poder, resumindo-se esta explicação na certeza de que elle e os seus amigos havião salvado a Independencia e o systema constitucional, e que jamais consentiria que os portuguezes preponderassem no Brasil; e concluio que era tempo de eu tratar de mim, pois que já não havia receio pela causa publica; que escrevesse eu uma carta ao Imperador, pedindo expressamente perdão de minhas faltas, e que me empregasse na Europa, que elle futuro marquez me assegurava que perante esta carta, que seria expedida por elle, o Imperador attenderia ao meu pedido e me nomearia secretario de Legação em Londres, encarregado dos trabalhos do emprestimo, de que elle futuro marquez se achava incumbido. Depois de ouvir todo o seu bello discurso, respondi que não podia pedir perdão de faltas que não havia commettido, e que eu não podia empregar-me no serviço do Estado sem primeiro saber que tinhão cessado as crueldades contra os benemeritos brasileiros e que a Independencia e o Systema Representativo se achavão garantidos de facto, e não por palavras a que eu não dava valor algum; que meu irmão ainda se achava encarcerado em um subterraneo da fortaleza da Lage, e os Andradas e alguns outros illustres brasileiros deportados ou refugiados, e que não era em semelhante conjunctura que eu iria pedir um emprego a um governo que commettia taes atrocidades; finalmente, que agradecia muito a S. Ex. o interesse que tomava por mim, mas que lhe pedia que me não fallasse mais nisso. O futuro marquez quiz ainda convencer-me do erro em que eu me achava, mostrando-me que se apresentava uma probabilidade para mim de fazer fortuna, e como eu lhe replicasse que jámais a faria á custa da minha honra, cortou a conversa bruscamente e montou a cavallo quasi sem se despedir de mim. Voltei eu para casa satisfeito de não ter cahido no laço que se me pretendia armar.

Em Londres recebi uma carta, que ali me esperava, de meu irmão, escripta do calabouço da fortaleza da Lage. O conteudo desta carta causou em mim a mais dolorosa sensação, mas ao mesmo tempo dei graças a Deus por me haver dado força para resistir ás insinuações, talvez innocentes, do futuro Marquez de Barbacena. Meu irmão estava por assim dizer sepultado vivo em um buraco daquella fortaleza. Do governo as ordens contra elle erão severas, erão crueis, mas os officiaes da fortaleza de seu livre arbitrio modificavão essas ordens, e consentião que elle escrevesse, recebesse cartas e tudo o mais que era necessario aos seus commodos e alimentação, mas tudo isso se fazia secretamente e com insciencia do governo. Finalmente, e com o passar do tempo, o mesmo permittiu que o prisioneiro recebesse de quando em quando a visita de sua esposa.

Depois da dissolução da Constituinte, um decreto datado do mesmo mez de Novembro e referendado pelo ominoso futuro marquez de Nasareth, mandou

proceder uma devassa pelo crime de alta traição contra todo o mundo, e se ajuntou por prova ao corpo de delicto um ou dois numeros do *Tamoyo*. Nessa devassa, em que jurarão 81 testemunhas, dellas só 16 erão brasileiras, e estas referidas, as outras erão portuguezas. Forão pronunciados a prisão e livramento: Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond. Depois da pronuncia puzerão pedra em cima, e não derão mais andamento ao processo. Meu irmão requereu, visto não ter sido pronunciado, que o puzessem em liberdade: foi indeferido o seu requerimento. Minha cunhada foi lançar-se aos pés do Imperador pedindo a soltura de seu marido. S. Magestade a consolou, dizendo que esperasse, que seu marido era innocente e havia por isso ser solto, mas que era necessario que levasse uma boa lição para lhe abaixar a prôa. Parece incrivel que taes palavras sahissem da boca de um soberano, mas a historia deve ser inexoravel em relatar os factos. Estes muitas vezes explicão mais os tempos do que as pessoas. Finalmente, depois de alguns mezes de encarcerado em tão dura prisão, foi posto em liberdade, sem se lhe dizer porque esteve preso, nem se lhe dar a menor satisfação. Meu irmão adquiriu na prisão insalubre, em que esteve tantos mezes, molestias que nunca mais o deixarão, que lhe minarão a existencia, e das quaes veiu a fallecer alguns annos depois, ainda na força da idade, depois de ter padecido mais ou menos desde a prisão até a sua morte. A sua agonia foi penosa, cruel e durou annos. No meio de tanto horror é justo dizer que a mesma mão que tanto o affligiu, sempre se recusou em assignar decreto de demissão. Meu irmão era administrador da Alfandega, emprego que lhe conferiu, por morte de meu pai, que o exercia, o Principe Regente em 1821. Erão então muitos os pretendentes, e o conde da Louzã, ministro da Fazenda, insistia em que se não désse tal emprego a um brasileiro. Meu irmão, agradecendo ao principe o despacho, S. Alteza lhe disse que fazia bem, porque só elle fôra a seu favor, porque todo o ministerio lhe foi contrario. «Fui a seu favor, repetiu o principe, porque espero sirva esse emprego com a mesma honra e exemplar desinteresse com que seu pai o serviu.» O conde da Louzã não negou a meu irmão que lhe fôra opposto; pelo contrario, disse quando lhe agradeceu, que votára contra elle e que só o principe lhe fôra favoravel. O conde da Louzã caprichava em que os brasileiros soubessem que elle os detestava. Durante a prisão de meu irmão o Imperador por mais de uma vez recusou assignar o decreto de demissão, que os ministros lhe apresentavão, e dizia que o não fazia, porque não tirava o pão a uma familia.

O desembargador Francisco da França Miranda, que, sem o requerer havia sido aposentado, com o ordenado de 450$000, logo que José Bonifacio sahiu do ministerio em Julho de 1823, sendo esta punição que recebeu por se extremar em saber e virtudes de seus collegas, e que se achava refugiado sob a protecção ingleza, depois da pronuncia da informe e escandalosa devassa,

voltou para a sua casa, onde viveu por muito tempo quasi isoladamente, e não mais foi procurado para ser preso.

De Londres passei para Paris, e ahi residi até Abril de 1829, em que parti para o Rio de Janeiro, como logo direi; mas agora passo a relatar dous factos importantes, que talvez não sejão ainda geralmente conhecidos, excepto se o biographo do Sr. Montezuma de um delles fallou. Não vi ainda essa biographia, consta-me sómente que apparecera e fôra publicada no Rio de Janeiro. O Sr. Montezuma foi testemunha de um desses factos e ninguem melhor do que elle, que tambem soffreu as consequencias, o póde narrar; mas eu vi os documentos portuguezes que lhe dizem respeito, e tive em minha mão o testemunho de uma alta personagem maior de toda a excepção sobre o mesmo assumpto. Direi pois o que sei. Refiro-me à perfidia com que se auctorisou secretamente ao commandante da *Luconia* para levar os deportados para Lisboa, e não para o Havre, como é expresso nas instrucções ostensivas; e a parte que teve o partido republicano na dissolução da Constituinte.

Já fallei da dissolução pelas bayonetas da Assembléa Constituinte e da prisão e deportação de alguns deputados, escriptores publicos e outras pessoas; convém agora revelar o que até hoje se conserva, pelo que me parece, em segredo, concernente áquella dissolução e a esta prisão e deportação.

O partido portuguez e o partido chamado republicano achavão-se para esse fim no mais perfeito accordo. Nem um nem outro podia ser forte, porque não erão nacionaes. O partido portuguez tirava a sua força da intelligencia em que estava com o palacio de S. Christovão. O Imperador vivia rodeado de portuguezes e estes occupavão no paço, como no Estado, cargos importantes. O partido chamado republicano por si só era destituido de força e prestigio, e só unindo-se ao partido portuguez para um fim determinado é que poude nutrir esperanças de triumpho. Ambos estes partidos rodearão a Domitilla, e esta mulher em semelhante conjunctura foi o centro das cabalas e intrigas que derão em resultado a dissolução da Constituinte, e a prisão e deportação de alguns dos seus mais temiveis adversarios. O partido portuguez via nesse acto a volta do governo absoluto, a reunião do Brasil a Portugal e a satisfação de uma vingança. O partido chamado republicano nutria, se é possivel, intenções ainda mais damnadas. Com a deportação de alguns dos seus mais temiveis adversarios satisfazia o seu rancor vingativo; e com a dissolução da Constituinte esperava pôr em conflagração geral todo o Brasil, donde nascesse a Republica que desejava. O mesmo interesse, para fins diversos, uniu os dois partidos diametralmente oppostos em principios.

Figurara á testa do chamado partido republicano um moço sem talento, mas activo e rancoroso. Era filho da provincia da Bahia e nascido de pais humildes e pobres. Exercendo um cargo subalterno da magistratura na provincia de S. Paulo, ahi se casou com uma viuva rica. A riqueza lhe augmentou a actividade, e não sei se a violencia do caracter tambem. Ligado com pessoas

da familia de sua mulher, procurou influir e ser o arbitro da provincia em que residia. As suas idéas o levarão para o republicanismo, mas os seus interesses não permittião que se separasse dos portuguezes. Era portanto até certo ponto republicano e portuguez ao mesmo tempo. Depois ficou exclusivamente republicano. Nesta posição trabalhou e contribuiu para a abdicação do primeiro Imperador. Foi por isto elevado depois della a membro da Regencia trina. Nas horas do perigo desertou o posto e voltou para S. Paulo, recebendo sempre os proveitos delle. Logo que alcançou posição, elevado pelos seus amigos, que entre si distribuião os altos empregos do Estado e as considerações honorificas, mudou de parecer. Marquez, grã-cruz, conselheiro de Estado, senador e ministro por varias vezes, inclinou-se mais para o absolutismo do que para a monarchia constitucional. Enviuvando depois de Regente, mas antes de chegar a estas ultimas alturas foi a Portugal buscar mulher para casar, porque no Brasil as brasileiras não erão dignas delle! Casou no Porto com uma rapariga de baixo nascimento e de uma familia a todos os respeitos bem singular.

Tal era o homem, que por parte dos chamados republicanos mais activamente trabalhou para a dissolução da Constituinte e para a prisão e deportação de alguns dos seus adversarios.

A Domitilla foi quem mais lhe serviu nesta empreza. E' para mim caso averiguado que esta mulher, que tantos males causou ao Brasil, delle recebera doze contos de réis em premio do seu trabalho. E' para mim caso averiguado porque vi, li com os meus olhos uma carta escripta por uma mão augusta em que isto assim se relatava. Era uma carta escripta pela excelsa e virtuosa Imperatriz Leopoldina a José Bonifacio de Andrada em Novembro ou Dezembro de 1824. Esta augusta senhora até fallecer correspondeu-se com o veneravel ancião no exilio. José Bonifacio tinha-me na confidencia dessa correspondencia, o que muito contribuiu para augmentar e vigorar o respeito e a veneração que consagro á memoria da augusta imperatriz, não perdendo a occasião de pagar ás sublimes virtudes de que era ornada este tributo da minha gratidão como bom brasileiro.

Revelarei agora outro mysterio, que me parece ainda achar-se encoberto. Refiro-me á prisão e deportação dos Andradas e alguns dos seus amigos.

Forão presos ao dissolver pelas bayonetas a Constituinte, como já disse, no dia 12 de Novembro de 1823, e postos em um subterraneo da fortaleza da Lage, donde dois ou tres dias depois foi José Bonifacio transferido para a fortaleza de Santa Cruz. O conventiculo de S. Christovão tinha decidido ostensivamente fossem deportados para a França, e conduzidos até o Havre em um navio do Estado. Para este fim foi designado o transporte *Luconia*, embarcação que se achava muito arruinada. Nomeou-se para commandante um official de marinha de nome Cruz, brasileiro de nascimento. Emquanto isto assim se tratava ostensivamente, os influentes do tempo em seu particular discutião

se era ou não conveniente mandar os presos para Portugal. Villela Barbosa e Manoel Jacintho Nogueira da Gama tiverão a iniciativa, e sustentarão a proposta, que foi unanimemente approvada. Confiávão na pericia do Infante D. Miguel, que se achava então influindo decididamente no governo portuguez, para dar cabo dos presos, fosse processando-os como réos de alta traição, fosse secretamente nos calabouços do Bogio. O coração magnanimo do bondoso rei D. João 6.º ficaria neste caso sem acção pela influencia do Infante D. Miguel.

Isto assim decidido, era necessario achar pessoa *capaz* de dar boa conta da empreza para commandar a *Luconia*. O Cruz foi desembarcado e nomeado em seu lugar, com recommendação de Fernando Carneiro Leão, que muita parte teve nos acontecimentos do tempo, um official de marinha, portuguez de nascimento e muito conhecido pela sua má conducta, de nome ..... Barbosa. Nomearão para segundo commandante outro portuguez, de nome José Joaquim Raposo. A guarnição toda, excepto meia duzia de soldados, era portugueza.

Faltava tão sómente o consentimento do Imperador, mas nenhum dos conselheiros ousava fazer a proposta, para não tomar sobre si o odioso della. Nesta conjunctura decidirão que fosse o commandante Barbosa quem a fosse fazer. Este, aconselhado por Fernando Carneiro Leão, que depois foi conde, parece-me que de S. José, dirigiu-se ao Imperador a pretexto de agradecer a importante commissão de que o encarregava e entrando em conversa com S. Magestade sobre o assumpto, lembrou a conveniencia de levar os presos para Lisboa e não para o Hâvre. «Se V. Magestade consentir nisso eu prometto fazel-o de modo que salve a responsabilidade de todos». O Imperador respondeu: «Não, não consinto, porque isso é uma perfidia». O Imperador retirou-se.

A resposta do Imperador era para desconcertar a camarilha. Mas esta, interpretando a seu modo as palavras de S. Magestade, entendeu que o Imperador se daria por bem servido com a remessa dos presos para Lisboa sem elle ter tomado nisso parte, e que se devia tomar a sua negativa dissimulada por uma approvação bem clara. Neste sentido derão as suas ordens.

A *Luconia* vogava lentamente para Lisboa, e os passageiros, que não suspeitavão nada da infame intriga de que devião ser victimas, suppunhão que a marcha lenta da *Luconia* era unicamente devida á sua má construcção. Chegados á altura de Lisboa com perto de tres mezes de viagem, a *Luconia* desfazia á noute o caminho que havia feito durante o dia, de modo a não deixar as paragens em que se achava. Os passageiros perceberão isto e murmurarão com a energia de que erão capazes. O commandante esperava que algum navio de guerra portuguez o viesse capturar naquella altura. Era este o modo de salvar a responsabilidade de todos, como havia dito ao Imperador. A *Luconia* bordejava perto de terra, mas não á vista della, e o desejado navio de guerra não apparecia! Esta posição já não se podia sustentar por mais tempo. Re-

solveu então o commandante procurar a terra e entrar no Tejo. Deu disso parte ao seu immediato, dizendo que era assim que determinavão as instrucções secretas que trazião. O segundo commandante observou que ainda não tinha visto as taes instrucções secretas, e que as ostensivas que o commandante lhe havia communicado determinavão que largasse os passageiros no porto do Hâvre de Graça; que para se cumprirem outras, e não estas instrucções, era necessario que tivesse dellas conhecimento pela sua leitura. Confessou então o commandante que as instrucções secretas lhe havião sido dadas verbalmente, e não por escripto. O segundo commandante recusou obedecer ás taes instrucções verbaes; declarou ao commandante que se oppunha, em conformidade das ordens escriptas, de entrar no Tejo, e que a *Luconia*, em conformidade das mesmas ordens, emquanto elle ali se achasse, havia de levar os passageiros ao Hâvre. Desta occurrencia deu este honrado official parte aos passageiros.

Os traidores são de ordinario pusilanimes. Barbosa, com a resposta do segundo commandante, desanimou. Havia já dias, quando se approximava a consumação do crime, que Barbosa se achava em um estado de meia embriaguez permanente. A não annuencia de Raposo, com a qual não contava, o fez procurar consolação nas bebidas espirituosas e a embriaguez foi completa. Por outro lado, os passageiros lhe lançarão em rosto a sua infamia, e desde logo, por ordem de Raposo, a *Luconia* seguiu caminho do Norte; mas os mantimentos ião faltando, e julgou-se que o estado da *Luconia* não permittiria affrontar o mar do Norte naquella estação. Era no mez de Fevereiro.

A *Luconia*, máo grado os passageiros e o segundo commandante, deu fundo no porto de Vigo. Ahi principiarão novos perigos para os passageiros, de que forão salvos graças á energia que elles mostrarão e a intervenção a seu favor do governo inglez.

Governava a Corunha o general Eguia, digno representante do governo hespanhol daquelle tempo. Este homem tomou logo as medidas as mais severas contra a bandeira brasileira e os passageiros da *Luconia*. Mandou tirar o leme e arriar a bandeira. Quanto aos passageiros, determinou que não desembarcassem e nem tivessem communicação com a terra, senão por meio de um official inferior, que elle mandaria todos os dias, para o caso de ser necessario comprar algum refresco. O official inferior, a quem esta commissão fôra confiada, conduziu-se com polidez com os passageiros, mas não lhes poupou a bolsa no seu interesse. Chamava-se José Benito. O commandante da *Luconia* submetteu-se sem reclamar ás ordens de Eguia.

José Bonifacio foi então procurado a bordo pelo consul de França. José Bonifacio não conhecia nem sabia quem era o consul de França que o procurava. Este digno homem, cuja nobreza de alma não podia supportar uma traição, procurava a José Bonifacio, que elle não conhecia senão de nome, para o prevenir da infamia que elle e seus companheiros estavão prestes a serem victimas, e a offerecer os seus serviços. Disse que uma embarcação de

guerra portugueza era esperada ali a cada instante para os levar para Portugal, e deu circumstanciadas informações a esse respeito.

Apenas tinha partido o consul para terra, entrava a barra de Vigo a corveta portugueza *Lealdade*, commandada pelo capitão de fragata João Pedro Nolasco da Cunha. A corveta deu fundo perto da *Luconia* e o commandante desta charrúa vestiu a sua farda e foi immediatamente para bordo da corveta portugueza. Os passageiros da *Luconia* já não podião duvidar nem das informações do consul de França nem da conivencia do governo hespanhol para os entregar a Portugal. Eguia mandou restituir o leme com ordem de partir immediatamente, dizendo que o não tinha feito antes porque para isso precisava receber instrucções de Madrid. O commandante da *Luconia*, ao receber esta ordem de partida deu as suas para a pôr em execução. Os passageiros se revoltarão para impedir a sahida. Amparárão-se da Praça de Armas ajudados pelos soldados brasileiros, ficarão senhores da poupa, e o commandante com os marinheiros se refugiarão na prôa. De terra mandarão tropa para dissolver o conflicto e guardar o navio. Determinarão então que saisse a corveta portugueza e 24 horas depois a charrua brasileira. Os passageiros se oppuzerão tambem á execução desta ordem. Tinhão tudo disposto para metter a charrua á pique, se a não pudesse evitar por outro modo. O sr. Montezuma é quem estava á testa deste ultimo e desesperado recurso.

José Bonifacio havia já escripto uma carta a Mr. Canning expondo toda a occurrencia e outra ao rei Fernando 7.º, esta assignada por todos os passageiros, na qual, expondo a traição de que erão victimas, declaravão-se prisioneiros da Hespanha e como tal submetter-se-ião ao que o governo hespanhol quizesse fazer delles, mas que ficasse na corôa de Hespanha a nodoa de os entregar a Portugal. Estas cartas forão confiadas ao consul de França, e este as expediu com a maior diligencia para os seus destinos.

Mr. Canning deu ordem ao ministro da Inglaterra em Madrid de exigir do governo hespanhol o desembarque dos passageiros e a faculdade de transitarem por terra, como desejavão, para a França. Mr. Canning respondeu a José Bonifacio para lhe informar das ordens que havia dado, e para lhe offerecer um navio inglez, se porventura elle e seus companheiros quizessem ir para a Inglaterra.

A' vista da interferencia ingleza o governo hespanhol não tardou em a satisfazer. Os passageiros da *Luconia* desembarcarão em Vigo em plena liberdade e forão bem recebidos pelas autoridades, e com passaportes hespanhoes partirão para Bordeaux, onde chegarão a salvamento. Nos passaportes se lhes concedia a faculdade de levarem armas e criados. Sem a intervenção ingleza terião sido victimas da mais atroz cabala que se póde commetter. Tres governos unidos conspirando para a destruição de homens, cujo crime era o acrysolado amor pela terra em que nascerão! A *Luconia* já não estava em estado de poder navegar; foi condemnada em Vigo, vendida e desmanchada.

Em Lisboa me forão entregues em 1840 todos os papeis concernentes a esta horrorosa perfidia. Eu os guardei com summo cuidado e os levei para o Rio de Janeiro, para fazer uso delles em tempo competente. A sorte decidiu diversamente. Os desgostos me tirarão a saude e por fim a vista. Voltei á Europa para ver se a podia adquerir de novo, e na minha ausencia um fatal incendio, precedido de circumstancias ainda mais pungentes, deu cabo de meus papeis os mais importantes, que eu havia deixado ao cuidado de um amigo zeloso e que soffreu ainda mais do que eu dessa scena de destruição. Mas uma casualidade, que não se explica senão pelo abandono em que tudo o que era meu se achou por occasião da minha enfermidade, salvou dois desses documentos concernentes á traição da *Luconia*, que aliás terião sido igualmente victimas do fogo. Eu os achei em Paris entre outros papeis, que na occasião de embarcar no Rio de Janeiro encontrei dispersos sobre as mesas sem saber o que continhão. Sabe Deus quantos outros, igualmente valiosos, não ficarão perdidos no Rio de Janeiro, ou forão destruidos a bordo por não lhes conhecerem o valor. Dos dois que ficarão darei aqui a integra. Delles se verá que até a astucia o governo portuguez empregava para se amparar de homens que efficazmente havião contribuido para a independencia da sua terra.

Eis aqui os dois documentos a que me refiro:

« Tendo o governo de S. M. C. allegado motivos attendiveis para não entregar a Vm. a charrua *Luconia*, que ahi entrou *com bandeira do governo rebelde do Rio de Janeiro*, torna-se sem objecto a estada da corveta *Lealdade*, que Vm. commanda nesse porto; portanto ordena S. Magestade que immediatamente Vm. receber este Aviso Regio, e sem perda alguma de tempo, Vm. se faça de vela para sahir d'esse porto, publicando tanto á gente da sua corveta como a todo publico dessa cidade que recebeu ordem para voltar ao porto de Lisboa ; entretanto, bem longe de Vm. assim fazer, praticará o contrario, e navegará de maneira que fazendo persuadir aos de terra que se faz na volta de Portugal, se conserve em alcance quanto possivel fôr de cahir sobre a charrua *Luconia*, aprezal-a e trazel-a a este porto *com todos os seus passageiros*, CONFORME O QUE LHE ESTAVA DETERMINADO, empregando Vm. toda a sua habilidade para não inspirar desconfiança á charrua *Luconia*, a qual não poderá deixar de sahir para seguir viagem para o Hâvre de Graça, pois o *governo hespanhol a fará sahir logo que não haja suspeita das ordens que Vm. agora recebe*. S. Magestade ha por mui recommendada a Vm. toda a sagacidade na execução, afim que se não malogre essa diligencia. Deus Guarde a Vm. Palacio da Bemposta, 7 de Março de 1824. — *Conde de Subserra.* — Sr. João Pedro Nolasco da Cunha, capitão de fragata commandante da corveta *Lealdade*. »

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tenho a honra de participar a V. Ex.^{a} que immediatamente o tempo me deu lugar sahi a ria de Vigo, e como eu bem sabia que a charrua *Luconia* pelo seu estado se deveria demorar alguns dias, na-

veguei de maneira que se persuadisse toda a gente que com effeito a minha navegação era para Lisboa, e só capeei quando não perdendo a terra, e assim estabeleci o meu cruzeiro em distancia que pudesse, ainda que com bem difficuldade, avistar qualquer navio que sahisse, porém a grande neblina que effectivamente havia sobre a terra, e não a distancia em que eu estava, me privava muitas vezes de ver o porto, e por conseguinte de nenhum effeito o meu cruzeiro, e por isso approximei-me mais á terra, de maneira que pudesse bem ver, e só passando a terra dos Pescadores, pouco mais ou menos á distancia de duas leguas do porto, o podia bem descobrir; assím naveguei sete dias sem nada poder saber, pois que qualquer navio sahindo de noite e com o vento N. E. ou E. N. E., o qual todas as noites o tem feito, se podia escapar costeando a terra, sem ser possivel o vel-o, em consequencia do que, e de não ser já possivel encobrir a minha existencia neste lugar, pois que ou eu não havia de ver o porto ou os pescadores e mesmo a gente de terra me havião de ver, e por conseguinte digo que não devendo restar a mais pequena duvida da minha estada, me resolvi a fallar a um pescador, e remetter debaixo de todo o segredo um officio ao Vice-consul, em que lhe pedi informações sobre o estado do navio *Luconia*, e no dia 20 de Março recebi delle o officio n. 1, que por copia remetto, em consequencia do qual convoquei a conselho os meus officiaes, pois que a elles tambem já nada era desconhecido pela navegação que faziamos, sobre se deveriamos ou não conservar o nosso cruzeiro, no qual poucas ou nenhumas noticias podiamos obter, e mesmo tornar-se o tempo em estado de nos separarmos da terra, como já no dia 16 de Março tinha succedido com o vento N. E. muito forte, e depois ser muito difficultoso o apanhar a terra, em cujo tempo elle se podia escapar, ou se deviamos fundear na ria de Marim, onde estando do mesmo modo fóra de vista daquelle navio, e em franquia a um ferro, podessemos obter amiudadas noticias delle dadas pelo Vice-consul, todos assentarão em tomar este ultimo partido, como V. Ex.ª poderá ver pelo termo n.º 3, que remetto, em consequencia do que no mesmo dia 20 ás oito horas da noite deu fundo na entrada da ria Marim, sem no outro dia içar bandeira, e só o farei se por qualquer motivo saiba que se não ignora quem sou, assim como não consinto communicação alguma com a terra, á excepção de um barco que conduz noticias do Vice-consul, como agora 22 de Março de receber, e cuja copia remetto, n.º 2; todos estes passos que tenho dado só tendem ao bom resultado de minha commissão. Espero que V. Ex.ª me determine o que devo fazer, pois julgo que o navio não sahirá d'aqui tão cedo, e mesmo, segundo as noticias do consul a sua guarnição, talvez tenha a desertar, visto a representação que fizerão ao general de Vigo, com o qual mesmo nenhuma communicação tenho, e n'este Rio podem estar muitos navios sem autoridade alguma tomar d'isso conhecimento, pois estou a quatro leguas de Ponte Vedra, onde ellas existem, e é provavel que me não mandem registar. Tenho mais

a pedir a V. Ex.ª tome em consideração o quão difficultoso se torna com um só navio bloquear um porto, que tem tres sahidas, sendo duas mui francas, e podendo ficar V. Ex.ª na certeza que logo que o Vice-consul me participe a proximidade da sahida da *Luconia*, hei de deligenciar o seu encontro, e da qual todos os dias estou sabendo, porém até o presente nenhum movimento tem feito de se apromptar. Nada mais por agora se me offerece participar cipar a V. Ex.ª

Deus Guarde a V. Ex.ª muitos annos. Bordo da Corveta *Lealdade* em 22 de Março de 1824.—Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Sr. Conde de Subserra.—*João Pedro Nolasco da Cunha. Capitão de Fragata Commandante.* »

Por estes dois documentos se vê o empenho com que o governo portuguez procurava capturar a charrua *Luconia* e seus passageiros. O governo hespanhol, por motivos que parecerão plausiveis, havia recusado entregar a charrúa e os passageiros, e o governo portuguez, que já os não podia haver da mão do seu visinho, os queria alcançar por uma cilada, que lhe era bem pouco honrosa. A *Luconia* era um barco velho, sem artilharia, e em tão máo estado que foi ali mesmo em Vigo condemnado por incapaz de navegar e desmanchado. Não era pois para capturar uma embarcação em semelhante estado que o governo portuguez fazia tanta despeza e empregava tanta perseverança. A *Luconia* não valia a despeza que o governo portuguez fazia com o armamento de uma corveta para a capturar. Logo era para aprisionar os passageiros que se empregava tanta perseverança e tanta astucia. O conde de Subserra diz pelo seu officio acima transcripto que a *Luconia trazia a bandeira do governo rebelde do Rio de Janeiro.* Entre os passageiros da *Luconia* achavão-se dois ministros desse governo rebelde e um delles o principal instigador dessa rebelião, e mais quatro deputados da Assembléa Constituinte do paiz rebelde. Logo não podião deixar, uma vez que cahião nas mãos do governo portuguez, de serem tratados por elle como rebeldes e por isso condemnados á pena ultima, para o que havião sido expedidos do Rio de Janeiro!

Mas, porque houve tanta demora em Lisboa em mandar encontrar a charrua *Luconia*, uma vez que já se havia recebido aviso de que ella bordejava para ser capturada nas costas de Portugal? Darei a esta pergunta a resposta que me deu o conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá, quando eu a elle dirigi uma semelhante pergunta. O aviso chegou a Lisboa muito a tempo, e se o conde de Subserra não tivesse ouvido a el-rei, a *Luconia* teria sido infalivelmente capturada. El-rei, logo que se lhe expôz o negocio, hesitou e negou expressamente o seu consentimento. O conde de Subserra, como tinha certeza de mudar a resolução de el-rei, não quiz ir contra a sua vontade. Nisto se gastou muito tempo, até que el-rei, instado pelas considerações do seu conselho, cedeu, mas já era tarde. Cedeu depois de se haver recebido a noticia telegraphica de ter entrado a *Luconia* no porto de Vigo, e cedendo

disse: « Deus queira que esta resolução não custe a vida a meu filho e aos portuguezes que estão no Brasil.» Traçando esta scena de infamias, sinto grande satisfacção revelando esta verdade de que D. João 6.º a encarou com o horror que ella inspirava e nunca lhe deu a sua approvação; o bondoso rei previa as consequencias de uma tão feia traição, mas a fraqueza natural de seu caracter não lhe permittia romper com aquelles que propunhão que elle tivesse parte nella. Cedeu, mas já tarde, para ser levada a effeito, e foi á repugnancia do rei que os passageiros da *Luconia* deverão a sua salvação.

Não obstante o officio que se lê acima do commandante da corveta *Lealdade*, referindo toda a astucia que em vão havia empregado para capturar a *Luconia*, que o governo hespanhol tinha razões plausiveis para não entregar á satisfacção de uma vingança de seu visinho, o governo portuguez não desistiu da empreza. Mandou retirar a corveta *Lealdade*, ficando em seu lugar um navio mais pequeno, que melhor pudesse manobrar, encobrir-se com a terra e approximar-se della, afim de fazer acreditar que o governo portuguez já tinha desistido de seu proposito de capturar a *Luconia* e os seus passageiros. Eis aqui o officio que a esse respeito dirigiu o conde de Subserra ao major general:

« Ill.mo e Ex.mo Sr. — S. Magestade Hé servida que V. Ex.ª faça immediatamente sahir deste porto o brigue *Tejo* para render a corveta *Lealdade*, que deverá em consequencia regressar a Lisboa, na commissão em que se acha na ria de Vigo, recebendo do commandante da corveta as instrucções que lhe forão dadas para uma semelhante diligencia, na qual se deverá corresponder com esta secretaria de Estado por via do nosso consul em Vigo, com o qual se deverá entender conforme o dito commandante da *Lealdade* lhe indicar. O que participo a V. Ex.ª para a sua intelligencia e execução.

Deus guarde a V. Ex.ª — Paço, em 28 de Abril de 1824. — *Conde de Subserra.* — Sr. marquez de Vianna. »

Dois dias depois da data deste officio Lisboa foi o theatro de um acontecimento que ainda até hoje o publico desconhece o verdadeiro fim a que se dirigia. São tantas as versões que sobre elle ainda hoje correm, e tão poucos os esclarecimentos que temos obtido, que nos limitamos a referil-o sem o julgar.

O facto foi que D. Miguel estava então no apogeu da sua preponderancia, o que era uma fatal recommendação para os passageiros da *Luconia*, se por ventura houvessem já cahido nas mãos do governo portuguez, quando em 30 de Abril as tropas de Lisboa pegarão em armas sob o commando do infante, e por ordem deste forão presas algumas pessoas. O infante proclamára que se tentava contra a vida do rei. Este recolheu-se com a sua familia e ministros a bordo da náo ingleza *Windsor Castle* surta no Tejo. Dahi decretou e as cousas se accomodarão, pedindo o infante licença para ir viajar, o que de bom

grado lhe foi concedido, e partiu para a França. O rei desembarcou, e este acontecimento ficou como já disse envolvido em tanta obscuridade que até hoje, pelo que eu saiba, ainda se não poude conhecer o alcance nem o fim a que se dirigia.

Como estou a dictar recordações para quem escrever a historia, não é fóra de proposito referir uma anecdota explicativa da epoca e dos homens que então tinhão entre as mãos o leme do Estado. Esta anecdota me foi referida pelo conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá, official maior da secretaria da marinha, que se achava a bordo da *Windsor Castle* para dirigir a correspondencia do governo. O quadro era deploravel, disse-me elle, o rei installou-se na camara da náo e occupava-se mais da belleza da criada do almirante do que de outra qualquer cousa. Esta conheceu logo a impressão que havia feito e furtivamente apparecia de quando em quando na camara. Todas as vezes que se fallava com o rei, fosse quem fosse, S. Magestade manifestava a sua admiração pela belleza da criadinha. As infantas familiarisarão-se a bordo e achavão-se ali muito bem. O conde de Palmella estabeleceu banca de jogo dia e noute, e della só se retirava para comer e dormir. No emtanto a monarchia estava á bordo de um precipicio, e nós, continuava Manoel José Maria, pouco sabiamos com certeza do que se passava em Lisboa, e nada do que iria pelas provincias. Recebia officios de terra e era necessario responder com urgencia. Chegava então á mesa em que jogava o conde de Palmella e lhe pedia que me desse meia hora de audiencia. S. Ex.ª respondia: «Veja lá isso, responda e traga-me para assignar, assignarei aqui mesmo.—Mas é preciso que V. Ex.ª leia estes officios, que pondere o que elles contêm e decida ácerca da resposta. —Confio muito no seu discernimento, replicava o conde, mas se os quer ler, leia que eu o ouvirei, pois não ha segredo para estes senhores que se achão, como nós, interessados na sorte do rei e na causa publica.» Questionavamos assim o conde e eu meia hora, sem elle poder resolver-me a ler em alta voz a correspondencia do Estado em tão critica circumstancia diante de todos, nem eu a fazel-o deixar por meia hora as malditas cartas, que elle tinha nas mãos. «Note, meu amigo, dizia ainda Manoel José Maria, que todo esse dialogo entre nós não interrompia o jogo, o conde fallava olhando para as cartas e não para mim. Finalmente assignava sem ler sobre a banca do jogo os officios e despachos que eu lhe apresentava para esse fim. Quando acabava desta mortificação era ás vezes para submetter-me a outra ainda mais dolorosa. Era chamado por el-rei. A primeira cousa que me dizia S. Magestade era se eu já tinha visto a *criadinha* do almirante. S. Magestade interrompia o meu silencio, acrescentando: «E' bem bonita, ás vezes ella põe a cabeça na fresta daquella porta... é bem bonita.» —V. Magestade determina mais alguma cousa? Tenho ainda de redigir alguns officios importantes que devem ser expedidos sem perda de tempo. —Sim, lavre tambem um decreto conferindo o habito da Torre e Espada a um tenente ou guarda-marinha,

é um rapaz bem parecido, não o tem visto aqui? Aqui está o nome delle, é empenho da infanta F.»

Passo já a ligar as minhas notas. O acontecimento de 30 de Abril demorou a sahida do brigue *Tejo*, mas não enfraqueceu a vontade do governo em capturar a *Luconia* com os seus passageiros. A corveta *Lealdade* foi substituida pelo brigue *Tejo*, e este não deixou as aguas de Vigo, senão depois que o governo hespanhol permittiu o desembarque dos passageiros da *Luconia* e a partida delles por terra para a França.

José Bonifacio e os seus companheiros de infortunio souberão logo pelas revelações do segundo commandante Raposo, que havia um projecto de os entregar a Portugal, mas ignoravão o alcance que tinha e donde procedia.

Foi depois de se acharem em Bordeaux que José Bonifacio recebeu de fonte pura exacto esclarecimento desse negocio. Da virtuosa e sempre saudosa imperatriz Leopoldina foi que José Bonifacio recebeu a revelação da infame trama de que elle e seus companheiros em desaffronta do partido portuguez se urdira no Rio de Janeiro para ter execução em Lisboa sob os auspicios do infante D. Miguel. Em conformidade com essa revelação, pois que li com os meus proprios olhos a correspondencia que lhe dizia respeito, é que dictei este artigo tal qual se acha acima referido.

As minhas convicções a esse respeito, tendo lido a correspondencia acima mencionada, já não podião ser abaladas por nenhuma outra versão; mas em Lisboa, como já disse, 15 ou 16 annos depois, obtive as provas documentaes de tudo o que avanço. Desgraçadamente esses papeis forão perdidos, reduzidos a cinzas no incendio de 10 de Agosto de 1860. Dia fatal para mim! Ao mesmo tempo que no Rio de Janeiro um incendio reduzia a cinzas papeis tão preciosos, em Londres a morte me roubava um amigo de quasi meio seculo, que tanta falta me está fazendo! Aquelles papeis comprovarião, se fosse ainda necessario, o procedimento do governo do Rio de Janeiro, que mandava entregar a Portugal os homens que mais tinhão contribuido para a independencia do Brasil. Revelarião os nomes de certos brasileiros que tomarão parte activa nesse infame attentado. Poderia revelar eu aqui esses nomes; mas não o farei, posto que já não existão e alguns delles morressem cobertos de titulos e *honras* e de toda essa vangloria com que os soberanos satisfazem as vaidades dos que temem ou dos que lhe cahem em graça; não revelo esses nomes, não por attenção a elles, mas por piedade pelos seus descendentes, que vivem entre nós.

Agora duas palavras acerca dos dois commandantes da corveta *Lealdade* portugueza e da charrua *Luconia* brasileira. Já se viu o zelo com que o primeiro serviu ao seu governo no desempenho de capturar a *Luconia* e seus passageiros, mostrando-se habil executor das artimanhas do conde de Subserra. Se não foi feliz, não dependeu isso delle, mas tal era o empenho que havia

em se apanhar os passageiros da *Luconia*, que não se lhe levou em conta nem o zelo nem a actividade que empregou para o ser. Regressando a Lisboa ficou por algum tempo mal visto, culpado por não ter feito aquillo que estava fóra do seu alcance. A mesma sorte teve o commandante do brigue *Tejo*, que o succedeu naquella commissão. Passada porém que fosse a primeira impressão, o ex-commandante da corveta *Lealdade* foi restabelecido no conceito do governo e enviado ao Brasil em 1826 commandando outra ou a mesma embarcação de guerra. No Rio de Janeiro o seu zelo na commissão de Vigo foi apreciado tão vantajosamente que se lhe *conferio o officialato do Cruzeiro.* Doze annos depois eu o vi muitas vezes em Lisboa com esta insignia da Independencia do Brasil! Interroguei-o muitas vezes ácerca da sua missão de Vigo, e como eu o lisongeava gabando a sua habilidade elle nada negava. Era então inspector do arsenal, e neste emprego morreu de uma apoplexia.

O commandante da *Luconia* Barbosa, regressando ao Rio, foi galardoado com despachos e com o commando das galeotas do Imperador. Mas Villela Barbosa, que lhe attribuia o máo successo da commissão pela impericia e fraqueza com que se houve, nunca lhe perdoou. Na primeira occasião que teve o accusou de ladrão da fazenda publica no commando das galeotas e o mandou julgar em conselho de guerra em 1829 ou 1830. Supponho que foi condemnado á morte. Adoeceu durante o processo e tal foi o excesso de bebidas alcoolicas, que falleceu dois dias depois de ser sentenciado á morte.

Raposo, segundo commandante da *Luconia*, que se houve com tanta honra, como já disse, ficou sendo estimado de todos e até o ultimo instante de sua vida gosou dessa estima. Deixou boa memoria de si e a sua morte foi pranteada. Creiu que falleceu na Bahia, sendo commandante do porto ou da divisão naval, não me lembra o anno, mas supponho que não ha mais de dois ou tres.

(18)

Merece reparo que sendo esta biographia publicada em 1836 não chegue ella senão aos annos de 1826, 27 e 28, isto é, ao tempo em que eu residia em França imigrado do meu paiz. Esta lacuna é facil de explicar. Em 1826 publicou-se em Paris a biographia dos contemporaneos. Redigi para ella a biographia de alguns dos meus companheiros de infortunio. Segundo minha memoria a dos tres irmãos Andradas e a de José Joaquim da Rocha. Não sei quem redigiu a minha, não me recordo mesmo se ali quando foi publicada em 1826, o que sei agora, pela leitura que acabo de fazer é que nem sempre é fiel, como fica demonstrado pelas notas, das quaes esta é a ultima. A biographia dos meus amigos acima referidos eu a redigí com todo cuidado, afim de evitar quanto fosse possivel qualquer inexactidão. Quanto á biographia de José Bonifacio, levei essa exactidão a ponto de submetter o meu manuscripto á correcção delle mesmo, e foi depois de se achar assim purificado que o mandei para a impressão.

Em 1836 por especulação mercantil resumirão e publicarão a biographia dos contemporaneos com o titulo com que se acha. Não sei qual foi a reducção que fizerão da minha biographia, porque não me lembra, como já disse, de a ter lido, e agora que a procurei achei a edição esgotada, e só pude alcançar um exemplar deste resumo a que me refiro. Se tivesse vista podia ir verificar a reducção que houve, procurando a edição de 1826 em qualquer das bibliothecas publicas desta cidade. Posso porém affirmar que a biographia de José Bonifacio foi muito redusida nesta edição de 1836. O meu amigo o Sr. Silva disse-me que na bibliotheca do collegio de D. Pedro II existia um exemplar da biographia dos contemporaneos edição de 1826. E' de presumir que se ache igualmente na bibliotheca publica, e ou em uma ou em outra se poderá tirar isso a limpo.

Andão por ahi algumas biographias de José Bonifacio, e todas peccão por inexactas. Não fallo da que escreveu o Sr. João Manoel Pereira da Silva nos seus «Homens Illustres», porque essa é um tecido de falsas apreciações, de calumnias e desaforos politicos, que só merecem o mais profundo desprezo. A que eu escrevi em 1826 e foi corrigida pelo proprio Sr. José Bonifacio é a unica exacta até aquella epoca. De então até o dia do seu fallecimento uma boa pagina se lhe poderia ajuntar.

Já fallei da minha chegada á Inglaterra e do modo por que sahi da Bahia. Estive em Londres. Parti para Paris, onde cheguei em fins de Julho de 1824. A administração franceza era então bem differente do que é hoje. A policia da alfandega e dos passaportes se fazia com tão enfadonha minuciosidade que tiravão a vontade de vir á França. Na alfandega mettia-se as mãos nas algibeiras e apalpava-se o corpo dos passageiros. Andava-se a respeito dos passaportes em uma diligencia tal que a menor demora em se apresentar na policia custava algum dissabor. Hoje não ha nada disso. Ao desembarcar em Bolonha, erão duas horas da noute, fomos todos os passageiros sob escolta encurralados na alfandega e ahi, depois de se dar em nossas bagagens e em nossas pessoas rigorosa busca, fomos escoltados a uma sala immediata onde estava o agente da policia. Apresentei o meu passaporte, que me havia sido dado em Londres pelo embaixador de França. Foi achado em boa fórma. O agente da policia ficou com elle e deu-me outro provisorio para ir para Paris, no qual se dizia que me apresentasse eu na prefeitura da policia dentro das primeiras 24 horas da minha chegada a Paris, pena de dois mezes de prisão. Por este passaporte provisorio paguei 2 francos. Entre nós actualmente ainda se paga creio que 6$400 réis por um passaporte! As luzes do seculo a este respeito ainda não penetrarão no pobre Brasil.

A comminação de dois mezes de prisão escripta no passaporte reanimou a minha actividade. Cheguei a Paris ás 5 horas da manhã. A's 10 já eu estava na prefeitura. Nestas grandes administrações a ordem no serviço e a polidez com as partes então como agora são admiraveis. Cada um é servido

segundo a ordem da entrada e não ha privilegio para ninguem. Quando chegou a minha vez fui chamado á mesa de um empregado, ao qual apresentei o passaporte provisorio, e elle perguntou se eu sabia onde morava o meu embaixador. Perguntou-me em inglez, porque em França todos os estrangeiros são inglezes, como na Inglaterra francezes. Entre estas duas nações existe o instincto de que fóra dellas não ha civilisação. Respondi que eu era de um paiz que acabava de proclamar a sua independencia, que não tinha ainda agente diplomatico em França. «Vós sois portuguez, disse-me então em hespanhol o empregado da policia, e Portugal tem aqui embaixador. Tomai o vosso passaporte para o visar na embaixada do vosso paiz, e então se vos dará o *permis de séjour* para residir em Paris.» Olhei para o passaporte e vi que era o que tinha ficado em Bolonha na mão do agente da policia, que já ali estava á minha espera com o endereço do embaixador de Portugal escripto em uma extremidade. Repliquei que eu era brasileiro e que nem pela força me deixaria constranger a reconhecer o embaixador de Portugal como autoridade brasileira; que se o governo francez me considerava em liberdade eu voltaria immediatamente para a Inglaterra antes do que sujeitar-me a tão dura condição para poder residir em França. A nossa conversa já havia passado do hespanhol para o francez, e a vivacidade da minha expressão pareceu chamar o official da policia a reflectir sobre o caso. «Pois bem, disse elle, aqui tem um *permis de séjour* por 24 horas, e amanhã pelas duas horas da tarde venha aqui para saber da solução do seu negocio». Agradeci e retirei-me. Tudo isto se passou talvez em menos de 10 minutos, porque em Paris não se perde o tempo, tudo se faz com uma rapidez espantosa.

No dia seguinte, na hora indicada, apresentei-me na prefeitura da policia, e quando coube a minha vez foi para receber o *permis de séjour* por um anno. O official da policia apenas me disse, ao entregar o papel, que a minha pretenção tinha sido attendida: Agradeci. Lendo depois o *permis de séjour* vi que, em vez de subdito brasileiro, se dizia natural do Brasil simplesmente. Dahi por diante, ainda antes do reconhecimento da Independencia, não se exigiu mais dos brasileiros que fossem buscar o visto de seus passaportes á embaixada portugueza. Fui eu, pois, o primeiro brasileiro, graças ao vigor do meu caracter, que em Paris foi como tal recebido e tratado officialmente.

Ainda hoje sinto certa satisfação ao recordar-me daquelle acontecimento, e é por isso que o transcrevo aqui tão detalhadamente. Compraz-me tambem em fazer o elogio do governo francez pelo modo com que se houve e a promptidão com que resolveu este negocio, que para mim era de summa gravidade. Eu queria ficar em Paris, onde tinha um irmão, que para ali tinha ido antes da Independencia e com o qual eu desejava viver, mas sacrificava tudo antes do que sujeitar-me a passar por portuguez.

Mal cheguei a Paris puz-me logo em correspondencia com os meus amigos, que tambem acabavão de chegar de sua penivel, prolongada e perigosa viagem

a Bordeaux. José Bonifacio, procurando o retiro do campo, alugou uma chacara, para onde foi viver com sua familia e com seu sobrinho Belchior Fernandes Pinheiro, no sitio de Talence, a uma legua daquella cidade. Antonio Carlos e Martim tambem forão para o campo. Montezuma e Rocha se dirigirão para Paris, e este com os seus dois filhos em Paris viverão sempre commigo em communidade na mesma casa e tivemos a mesma mesa. Logo que pude parti para Bordeaux afim de ver e abraçar os meus amigos companheiros de infortunio, que não forão a Paris, desde a dissolução da Constituinte, em 12 de Novembro de 1823, dia em que forão presos, até então, que se achavão privados de noticias da patria. As primeiras que receberão forão dadas por mim, as menos importantes por escripto, e as outras verbalmente quando tive occasião de os abraçar pela primeira vez depois da nossa separação do Brasil. Todos os annos, durante a minha estada em Paris, repeti a minha visita a Talence, onde me demorava de 30 a 40 dias. Costumava partir de Paris em principios de Junho e regressava em meiado, pouco mais ou menos, de Julho. José Bonifacio fazia annos em 13 de Junho e eu nunca deixei durante a nossa deportação de jantar com elle nesse dia.

Os dias da minha estada em Talence erão então de prazer e de trabalho. Achava-me em companhia do meu venerando amigo, que na demonstração de sua amizade me honrava muitas vezes com o nome de seu filho. Longe da patria era a cultura da sua amizade o meu maior prazer. Fóra do tempo da recreação e do descanço trabalhavamos, elle a ditar e eu a escrever. Que de bellos versos se não perderão por descuido ou preguiça minha! Sempre que delles me recordo e do fim que levárão sinto-me ainda angustiado. De tres peças sobretudo me não posso esquecer sem viva saudade. José Bonifacio tinha composto um poema em oito cantos, verso solto. O assumpto deste poema era a dissolução da Assembléa Constituinte e a sua prisão e deportação, enriquecido de varios episodios onde se revelavão com os ornamentos poeticos acontecimentos que dizião respeito á Independencia, a maior parte dos quaes só tiverão por testemunha o Imperador e o autor. Os homens do tempo erão ali apresentados com as côres de uma critica severa. Outra poesia politica, intitulada o *Sonho*, era uma epistola a mim dirigida, que principiava, segundo minha lembrança, que já não é grande cousa, por estes versos:

« Sonhei, Carino, em noite descançada,
« Quando brando Morpheu me visitava,
« Que assistia no Rio á grande festa
« Que, em honra do Sultão, os filhos davão
« Do bom S. Bento que nem cobras mata.

A terceira poesia que lamento a perda era intitulada: *Amores da Mocidade*. O poeta parecia ter voltado aos annos risonhos da mocidade quando o seu estro lhe inspirou semelhante poesia. O colorido da imagem e o sentimento

altivo do coração se unirão de tal fórma que, desde o primeiro verso até o ultimo, a alma do leitor se sente, sem pensar, abrasada em amor. Pois bem, estas tres obras estão perdidas. Explico como. Eu as havia escripto, e José Bonifacio não ficou com uma cópia, apenas lhe poderia ficar entre os seus papeis algum verso variante, ou algum apontamento escripto de sua mão. José Bonifacio não gostava de escrever, ditava tudo o que fazia, não excluindo mesmo a poesia. Quando escrevia algum apontamento era meramente por lembrança. Levei para Paris estas tres bellas obras, de que o autor pouco caso fazia, porque para elle o poetisar, sobretudo em taes assumptos, era um mero passatempo para o fazer rir dos homens e das cousas. A minha intenção era de as dar á luz pela imprensa, logo que as circumstancias o permittissem. Esperava que os homens comprehendidos nas duas poesias politicas passassem para o dominio da historia para então poder publicar as taes poesias. Communiquei este meu pensamento ao meu amigo Francisco da França Miranda, e este me respondeu do Rio de Janeiro pedindo que lhe mandasse uma cópia para ver, porque elle estava muito perto da morte para poder esperar tanto tempo. Quiz satisfazer ao desejo deste amigo, e não tomei a precaução, que devia tomar em semelhante conjunctura. Talvez fosse preguiça, não duvido, o facto é que tendo então um portador seguro, que partia de Paris para o Rio de Janeiro, mandei os originaes sem deixar cópia delles, e pedi ao meu amigo Francisco da França Miranda que os devolvesse, ficando com cópia, pela primeira occasião de portador seguro pela casa de commercio de Bordon e Freyse. Meu amigo França accusou o recibo. Fallecendo depois, escrevi á viuva e esta não as achou entre os papeis de seu marido. Recorri em vão a alguns amigos e baldadas forão as diligencias por elles empregadas. Talvez que algum dia ainda appareção á luz sob autoridade de algum pseudo-autor.

Talvez que a minha memoria enfraquecida, como está, possa encarrilhar neste momento alguns versos dos *Amores da Mocidade*:

Satanico teria o ferreo peito
Quem amor não sentiu nos verdes annos,
Só feitos para amar e ser amado:
De amor nas ondas arde o mudo peixe,
Impellidas de Amor as aves cantão,
Nos mattos o leão segue a leôa,
Corre após a novilha furioso
O bravo touro com bramantes roncos,
E os cornos rompe sobre os duros troncos;
Do feroz Listrigão ao Scytha frio,
Do Cafre nú ao barbaro Tapuya,
Crava no peito Amor farpada setta,
Que assim o mandou Jove e o quer natura.

Ainda me estão vindo á memoria alguns versos do *Sonho;* aqui os irei depositando, posto que em pedaços isolados, para dar uma amostra do todo. Tratando da festa dos frades:

« Tinhão postas as mesas, e sentados
Vi conegos e frades, irmãos e camaradas,
Que se vendem por fitas e chocalhos,
Devotos esperarem a pitança;
Agigantados mulatões robustos,
Cabeça erguida, hombros arqueados,
Fumantes taboleiros conduzião
Atulhados de postas e tassalhos
Do fresco lombo, de perús e patos,
E dos quitutes que as Marfisas mandão.
O Dom Abbade um cantico entoava
Em som nasal desconcertado e alto,
Que na vida fradesca e nos palacios
Comilão que mais berra, mais digere. »

O autor passa desta scena a outra mais importante:

« No mesmo dia em que se dissolvêra
Com automatos azues postos em fila
A Assembléa Geral inepta e fraca,
Eu vi sobre um andar que fatigava
Becas e fardas e os toutiços gordos
De conegos e frades, o Despotismo
Carregado de fachas e venéras
E das ventas fumando orgulho e sanha,
Para fazer alardo ás Domitillas
E as Fendingas reles......... »

Segue o beija-mão, no qual figuravão todos os homens que influirão para a dissolução da Constituinte.

De Luiz José de Carvalho e Mello diz o seguinte:

« Mas indo a beijar o pé carnudo
Bambo mulato pesadão, basbaque
Satyro, já decrepito, que sabe
Por obras a Arte inteira do Vieira,
E quer por isso agora ser ministro,
Um pontapé lhe deu e o cú voltando
Este risonho o lambeu tres vezes. »

Eis os versos que me vêm á memoria ácerca de José da Silva Lisboa:

« O mesmo quer fazer Sylvio o Carcunda,
Fracção de gente, charlatão idoso,
Que abocanha no grego, inglez, hebraico,
Mas sabe bem a lingua de cabinda
E o patrio Bororó e mais o moiro,
Que escreve folhetos a milhares,
Que ninguem lê porque ninguem o entende
Por mais que lhe dê titulos diversos. »
....
....

De Manoel Jacintho Nogueira da Gama pouco me recordo. O autor o fustigou com justiça:

« Em cujo ethico rosto as feições cava
Em pedra de Lioz e não de Paros
....
....
Mineiro talentoso e novo Phydias,
Que ha de guardar os nossos debitantes
Como peça famosa da antigualha,
Onde viva sculpida a hypocrisia,
A mentira servil, a inveja, o opprobrio. »
....
....

E quer saber, meu caro sr. Mello Moraes, uma verdade? Nada mais me lembra neste momento das poesias de que estou lamentando a perda. A minha memoria já está bem fraca; e isto de nem sequer poder ver o que dito é bem penoso. Perturba-me por tal modo que me tira até a vontade de mandar ler o que está escripto, afim de poder corrigir os erros e até os lapsos de lingua. Vai como sahe á primeira vista. Vai como o material para a mão do artista, como um pedaço de marmore, do qual o esculptor deve tirar um heroe ou mesmo uma Divindade. Desculpe porém, meu bom amigo, estas tiradas em prosa e recordações em verso, que nada têm com as notas que V. S.ª me pediu. Desculpe, digo, por amor do sentimento que as dita. São destinadas a V. S.ª e eu quando lhe escrevo imagino que o tenho presente, e então vou ditando, como se estivesse a conversar com o meu saudoso amigo, fallando de tudo e não desejando acabar para que me não deixe só. Mas já são 11 horas da noute e breve está a principiar o dia 2 de Abril, e a escrevente quer ir deitar-se. Digo-lhe adeus, e até amanhã.

O meu exilio em Paris foi aproveitado no meu e no interesse do meu paiz,

e mais o fôra se tivera minha alma tranquilla. A lembrança da patria nem um só instante se separava do meu coração. Avido de noticias e quando ellas chegavão era para augmentar as mortificações do meu espirito. Na aurora da independencia a dissolução pela força armada da Assembléa Constituinte tinha assustado aos pacificos habitantes do Brasil e espalhado a confusão e o terror pela superficie do novo Imperio. No Pará centenares de brasileiros asphyxiados no porão de um navio, onde o ar não penetrava, e ahi mortos no meio de tão cruel desesperação que se dilaceravão uns aos outros. No Ceará a fome era tal que a população ficou reduzida de um terço, e o governo do Rio de Janeiro mandava então recrutar naquella desgraçada provincia os homens robustos, que podião servir de amparo a suas familias, para o exercito e para a marinha. Em Pernambuco lavrava a guerra civil e as forças do poder dizimavão os filhos daquella bella provincia. Na Bahia os soldados penetravão no quartel do general e ahi mesmo fuzilavão o commandante das armas. O Brasil todo, por um lado era victima da anarchia, e por outro do despotismo na côrte. Mas no Rio de Janeiro, o coração ainda se me aperta de dôr, a scena era outra : o Imperador achava-se embriagado em crapuloso deboche, representando o reinado de Luiz XV e rodeado de cortezãos da mais baixa extracção, ignorantes e corruptos, que erão seus alcoviteiros. Uma Messalina governava o Imperio, tinha uma côrte sua, e o proprio Imperador era o mais rendido dos seus escravos. A virtuosa e infeliz Imperatriz, espectadora de taes scenas de escandalo, era maltratada, morrendo de dôr e desespero. No Rio da Prata sustentava-se uma guerra desesperada, mas sem tino, que esgotava as finanças do Estado e o sangue dos brasileiros. O Imperio perdia os seus limites naturaes, que a tanto custo tinha alcançado pela acquisição voluntaria de Montevidéo. Não havia desastre que não affligisse ora um ora outro ponto do Brasil. Até a independencia, que os brasileiros tinhão conquistado, essa mesma o governo de D. Pedro 1.º, porque a não achou legitima, a comprou a Portugal por dois milhões de libras esterlinas e outras condições onerosas, expressas no respectivo tratado e que ainda hoje pesão sobre o Brasil. Quasi todas as nações maritimas reclamarão indemnisações pelos prejuizos que soffrerão com o bloqueio do Rio da Prata, porque os chefes das forças do Brasil fazião guerra aos neutros e não aos belligerantes, e teve de pagar muitos milhões e soffrer insultos dos reclamantes. Se a estas calamidades publicas ajuntarmos as particulares, que soffrião as familias de parentes e amigos, que se tornavão suspeitos porque não se humilhavão a fazer a côrte a uma prostituta ou porque desagradava ao partido immoral de que essa prostituta era a representante, ver-se-ha que até longe da patria, exilado della, eu tinha muitas vezes de chorar suas desgraças.

No estudo achava alguma consolação. O estudo era pois, por assim dizer, a minha vida. Frequentava os cursos publicos da Sorbona e do Conservatorio das Artes, frequentava os professores e homens illustrados, todos me estimavão e alguns delles com particular consideração. O celebre economista João Baptista

Say me distinguiu com tanta amizade que eu era recebido na sua casa por elle e pela sua familia como se fôra um membro della. Seu filho Horacio Say, homem de não vulgar illustração, tambem me distinguia com a sua amizade, e eu, já depois de ter perdido a vista, vim a Paris chorar a sua morte por uma longa e dolorosa molestia, no decurso da qual o meu infeliz amigo, para cumulo de desgraça, teve de prantear a morte de sua esposa, que era a sua unica consolação.

Royer Collard, Benjamin Constant, general Foix, Jullien de Paris, Charles Dupin, o celebre abbée Grégoire, Malte-Brun, e alguns outros sabios e litteratos com quem cultivei boas relações, me honrárão com a sua amizade e me ajudárão com os seus conselhos.

Em Genebra, por recommendação de meu amigo Say, fui recebido, acolhido e bem tratado por Sismondi, Dumont e De Candolle. Destes tres illustres escriptores recebi provas de consideração e amizade, e de todos fui hospede por mais de uma vez durante a viagem que fiz pela Suissa. Percorri a pé toda a Suissa e essa viagem ainda hoje é uma das mais bellas recordações de minha vida.

A educação publica na Suissa abrange todas as classes da sociedade. Ambos os sexos se applicão com igual vivo interesse. Talvez seja a Suissa o paiz da Europa onde o ensino primario se ache mais diffundido e aperfeiçoado. Como eu trazia sempre o Brasil no meu pensamento, e na Suissa, como em outra qualquer parte, tudo o que eu via o meu espirito desejava logo poder applicar em proveito de meu paiz. Ao passo que visitava com admiração as escolas primarias da Suissa, o meu espirito soffria, porque o que estava vendo não tinha forças nem poder para introduzir na minha terra. Deplorava o poder que tinha energia para fazer mal, e não sabia ou não queria fazer bem. Dizia a mim mesmo, por que esse governo não mandará aqui pessoas capazes de estudar este ramo do ensino publico e transportal-o para o Brasil, onde certamente daria fructo tão bom ou ainda melhor do que entre esta gente que o soube aperfeiçoar! Ah! se assim fizesse eu lhe perdoaria, por este unico acto, todo o mal que elle nos tem feito.

Frequentei em Genebra todo o curso de botanica do celebre professor De Candolle. O numero dos assistentes era sempre consideravel. As senhoras o frequentavão em maior numero ainda do que os homens, e eu tive occasião de observar nesse curso um acontecimento que prova por si só a illustração do bello sexo da Suissa. O sr. De Candolle demonstrava então aos seus discipulos e discipulas as novas vegetações que o sr. Auguste Saint-Hilaire havia recolhido da sua longa viagem ao Brasil. Fazia esta demonstração pelos desenhos originaes que o illustre botanico lhe havia mandado para ver, quando este lhe escreveu pedindo a restituição dos mesmos desenhos, porque era chegada a occasião de os mandar reproduzir pela lithographia. O sr. De Candolle em uma lição deu parte ao seu auditorio desta occurrencia, que o privava do prazer

de continuar a demonstrar aquellas novas descobertas devidas ao zelo incansavel de seu illustre collega.

Eu me achava presente á lição em que isto se passou, e posso contar como testemunha de vista. Mal o professor acabou de fallar que uma senhora levantou-se, percorreu alguns bancos fallando com algumas outras, dirigiu-se do seu lugar ao professor e perguntou-lhe quantos dias poderia elle conservar ainda os desenhos em seu poder antes de os mandar para Paris. De Candolle respondeu que quando muito oito a dez, e não mais. A senhora replicou: « Nós nos obrigamos a copiar dentro desse curto espaço de tempo toda essa collecção do sr. Saint-Hilaire, e desde já fazemos presente do nosso trabalho ao nosso bom professor. »

Essa offerta causou-me admiração, mas essa admiração subiu a enthusiasmo quando dez dias depois tive o extraordinario prazer de percorrer as folhas da obra inteira de Saint-Hilaire copiadas por aquellas senhoras, folhas que por duas semanas permanecerão na mesa do professor para serem admiradas. Quem conhecer a viagem botanica de Saint-Hilaire póde avaliar qual seria o esforço daquellas senhoras em a reproduzir com tanta perfeição, que a estampa lhe não excedia. Genebra não é uma grande cidade, bem longe disso, e todavia apresentava naquella occasião muitas senhoras applicando-se ao estudo da botanica e todas sabendo desenhar a ponto de poderem copiar taes estampas. Não conheço nada de mais maravilhoso, e se ajuntarmos a isto que as Suissas em geral são modestas, virtuosas e boas mães de familia, quem poderá deixar de lhes tributar o maior respeito e a mais sincera veneração ?

No Brasil o ensino publico não vai bem, não tem ordem nem harmonia, falta-lhe finalmente tudo, porque lhe falta uma direcção especial e intelligente. Se alguma cousa tem ganho na superficie é á custa da profundidade, que vai sempre diminuindo, e todavia o maior serviço que se lhe podia prestar nas circumstancias actuaes seria o que dissesse respeito ao ensino publico. Mas nós estamos muito atrazados, e o peior é que nem sequer sabemos qual seja o estado do ensino publico nos paizes mais adiantados da Europa. Nada sabemos nem pratica nem theoricamente. Ignoramos as leis, os regulamentos e a organisação emfim do corpo do ensino publico ; e ignoramos igualmente o modo de se pôr em pratica essas leis e esses regulamentos. Mas tudo isto constitue um estudo especial e immenso.

Na Europa o aperfeiçoamento em que se acha o ensino publico não foi feito em um dia, é o producto da cogitação e da experiencia de seculos. Felizmente para nós não precisamos já passar pelo mesmo prolongado tirocinio para chegarmos em pouco tempo ao nivel desse aperfeiçoamento. Seria necessario, para o conseguirmos com promptidão, que o governo mandasse homens especiaes que se tenhão applicado á theoria pelo menos do ensino publico á Europa, afim de estudarem esta materia, principalmente na França, Prussia e Suissa. Mas que de tino não é preciso para não errar na escolha desses indi-

viduos? Em outro qualquer paiz seria um negocio de importancia, mas no Brasil, onde o patronato e o nepotismo tomão o lugar do merito e da virtude, é elle muito mais importante ainda. Todavia deve haver no Brasil homens especiaes e devotados á santa causa do ensino publico, e é de entre elles que o governo deve fazer a sua escolha.

Indicarei um que reside actualmente na Europa, o sr. Joaquim Caetano da Silva, nosso encarregado de negocios na Hollanda, pelos seus talentos e estudos especiaes ninguem o excede para ser preferido na escolha para um tal encargo. Mas um só não basta, a vida do homem é cousa muito fragil, conviria que se mandasse mais de um; na minha opinião nunca seria demasiado o numero das pessoas que se enpregassem em taes estudos. Seria esse o caminho para chegar ao desenvolvimento de um plano theorico e pratico de ensino publico proveitoso em nossa terra.

Como se acha actualmente não pode continuar sem grave prejuizo. É preciso que o governo attenda a uma verdade. Todas as vezes que a nação se acha mais illustrada do que o governo a existencia de um grande perigo acha-se igualmente imminente. Os brasileiros viajão e adquirem conhecimentos e comparão. Entre nós o director dos estudos é uma entidade politica; é por consequencia escolhido de entre os homens politicos do partido dominante, em vez de o ser de entre os homens especiaes da instrucção publica. O director transforma o pessoal do ensino publico em um instrumento eleitoral, e esse instrumento corrompe até a mocidade, que lhe é confiada para outro fim. Nas escolas falla-se, já como nos clubs, das eleições, e o estudante obtem favores immerecidos logo que seu pai, movido pelo amor paternal, vota contra a sua consciencia. O ministro da instrucção publica, quando o houver, sendo homem politico e não especial, entrando para o ministerio porque o partido a que pertence subiu, e sahindo do ministerio porque esse mesmo partido desceu será isento desses defeitos que notamos no director? Por Deus separem o ensino publico da politica. Na Europa a esse respeito a unica questão não geralmente decidida é se o ensino deve ser livre ou sujeito ao episcopado, mas da politica está desterrado.

O sr. De Candolle, bem como o sr. Sismonde de Sismondi, erão ambos de origem italiana, este da Toscana e aquelle de Veneza. Seus nomes são tão vantajosamente conhecidos que basta cital-os para lhes fazer o elogio. O sr. Decandolle exerceu no cantão de Genebra, da sua residencia, os altos cargos do Estado, que todos são electivos. Quando eu estive em Genebra era elle conselheiro de Estado e director das prisões e casas penitenciarias. A elle se deve os melhoramentos que estas casas então tiverão, e que da Suissa passou para os paizes mais adiantados da Europa.

O sr. Sismondi tambem occupou os altos empregos do Estado, mas os seus trabalhos litterarios e economicos absorvendo todo o seu tempo não lhe permittião prestar aos negocios do Estado toda a attenção que elles merecem,

mas todavia era sempre ouvido e a sua opinião muito considerada. O sr. Dumont, posto que cidadão do cantão de Genebra, onde nascêra, jà o tinha sido da republica franceza do fim do seculo passado; foi membro da convenção que julgou o infeliz rei Luiz 16, e por isso expulso de França pela restauração de 1814. Era homem notavel pela sua alta intelligencia e de um caracter tão brando e affavel, que parecia impossivel a quem não sabe o que é o fanatismo politico, que esse homem pudesse dar o seu voto de pena ultima ao infeliz rei, que para isso não havia commettido a menor falta. Foi este Dumont que pôz em ordem e redigiu os trabalhos de seu amigo o illustre publicista inglez Beutham.

Depois de deixar a Suissa correspondi-me até certo tempo com estes illustres sabios, que me honravão com a sua amizade. De Candolle e Dumont fallecerão, e a perigrinação em que a sorte sempre me trouxe foi causa de ir pouco a pouco interrompendo até acabar a correspondencia com Sismondie correspondencia que se renovou depois pelo modo por que vou contar, e que durou até poucos annos antes da morte do illustre publicista.

Era eu encarregado de negocios em Roma, e pela semana santa de 1836 fui á capella Sixtina assistir á festa de Ramos. Olhando para o banco dos estrangeiros vi um individuo com o uniforme de membro do Instituto de França. Era o unico que ali se achava revestido de tão alta distincção; reparei e facilmente reconheci que era o Sr. Sismonde de Sismondi, que havia 9 ou 10 annos que eu não via. Senti grande satisfação em o tornar a ver. A minha posição era então bem differente daquella em que me achava quando fiz o seu conhecimento. Quando fui por elle recebido, agasalhado e estimado era eu um exilado, e quando o tornava a ver era eu o representante de um governo. Concluida a festa, dirigi-me para o lado em que estava o sr. Sismondi e o encontrei quasi ao sahir a porta da capella. Perguntei-lhe se não me reconhecia. Eu estava de farda. Respondeu-me que não, mas que nem a minha figura nem a minha voz lhe erão estranhas. Repliquei perguntando se não se lembrava de um selvagem do Brasil que elle havia recebido e agasalhado com tanta bondade em a sua casa nas immediações do lago de Genebra. A cada palavra que eu articulava elle olhava para mim com muita attenção e, antes de acabar de pronunciar as duas ultimas, exclamou: « C'est vous même, Mr. de Drummond! Selvagem! que me fez tão lindos versos?» Subiu para a minha carruagem e foi comigo para a minha casa, onde ficou até terça-feira de Paschoa, e na quarta partiu para Florença, donde regressou a Genebra.

Destes tres illustres escriptores conservei muitas cartas, que todas se consumirão no incendio de 29 de Agosto de 1860, com numerosas outras de publicistas e sabios da França, da Italia, da Belgica e da Allemanha, que durante a minha estada na Europa me distinguirão com a sua amizade. Estes importantes documentos, que erão de todos os meus papeis os que mais estimava,

eu os conservava em uma caixa de jacarandá, de proposito mandada fazer para os guardar reservados de todos os outros. Desta caixa só me resta a chave que eu trouxe commigo, tudo o mais foi victima das chammas do incendio que devorou a casa do meu amigo Dr. Mello Moraes no Rio de Janeiro, e esta chave eu ainda a trago commigo, e tal é a illusão, que sinto prazer em a apalpar. Encerrava o que eu chamava o triumpho do meu exilio.

Ainda duas palavras para fazer o retrato physico de Decandolle e de Sismondi. Nunca vi apparencia tão enganadora. Sismondi, pelo seu aspecto parecia mais um trabalhador grosseiro do campo que um homem que havia cursado as aulas. De estatura ordinaria, espaduas largas, macillento, mãos grossas, pés grandes, mas olhos vivissimos. Vestia-se simplesmente e trazia sapatos de velludo. Decandolle, este parecia antes um roceiro civilisado : era baixo, grosso, mas as feições revelavão bom nascimento, alegre, jovial e amigo da sociedade, emquanto o outro era naturalmente taciturno e pouco communicativo, excepto quando contrariava, porque neste caso fallava muito e sempre bem, ainda mesmo quando não tinha razão, porque emfim a natureza humana é tão fraca que a razão falha muitas vezes até aos homens mais abalisados. Da Suissa passei á Italia, fui pelo Tyrol á Vienna, percorri a Prussia, as margens do Rheno, a Hollanda, a Belgica, percorri pela segunda vez a Inglaterra e pela primeira a Escossia e a Irlanda, de onde voltei para a França, e dahi segui para o Brasil em Abril de 1829.

O caracter de Sismondi era tão firme que nunca se curvou nem perante o genio de Napoleão 1°. A sua mocidade foi por isso tormentosa; soffreu prisões e exilios. A republica era o seu ideal. Voltando Napoleão 1.° da ilha d'Elba em 1815, Sismondi entendeu que era chegada a hora do triumpho da liberdade, entendeu que Napoleão 1.° para debellar o despotismo só com a força da liberdade o podia fazer. Nos cem dias do segundo reinado de Napoleão 1.° publicou uma brochura neste sentido. Convidava a todos os homens de coração a se unirem a Napoleão para restaurar a liberdade. Dois dias depois de haver feito esta publicação foi condecorado com o habito da Legião de Honra. Não acceitou a condecoração, respondendo que as suas idéas andavão em busca de outra cousa e não de favores.

Paris foi para mim uma segunda patria intellectual. Nella achei amigos que se interessarão pela minha sorte e me soccorrerão com os seus conselhos. Já mencionei alguns, e a gratidão me leva a mencionar com especial satisfação outro, cuja memoria me será sempre grata. O conde de Sèze, este veneravel ancião que arriscou a sua vida para defender o infeliz rei Luiz 16 perante a convenção revolucionaria, recebeu-me em sua casa com tanta consideração e bondade que se eu fosse seu filho não podião ser maiores. A sua casa, a sua mesa, tudo quanto tinha me erão offerecidos com a mesma franqueza

com que me dava um lugar no seu coração. Era a mais decidida sympathia de um velho para um moço, que lhe retribuia com ternura e gratidão.

O tempo que sobejava dos meus estudos e das obrigações da vida social eu o empregava em trabalhos, pela maior parte do interesse do Brasil, que dava á luz pela imprensa. O tempo chega para tudo quando se não dissipa pela desordem ou se consomme em cousas inuteis.

Muito escrevi e publiquei no *Journal de voyages, découvertes et navigations modernes, ou Archives géographiques du 19.ieme siècle*. Esta vasta collecção publicada em Paris por uma sociedade de geographos, viajantes e litteratos francezes e estrangeiros. Eu era um de seus membros e o nome «Menezes de Drummond (do Rio de Janeiro)» figura na lista dos collaboradores impressa na capa de cada caderno.

Em 1827 publiquei dois artigos, um com 43 paginas e outro com 30 e tantas, ambos com a epigraphe — Notice sur les mines du Brésil par Mr. Menezes de Drummond (de Rio de Janeiro). — Esses dois artigos se acháo nos tomos 33 e 34 desta vasta collecção.

Redigindo e publicando os dois supramencionados artigos levei em vista chamar a attenção da Europa sobre as minas de minha terra, que não erão por ella sufficientemente conhecidas. Eu estava no exilio e no exilio mesmo não pensava senão do engrandecimento da minha patria. Em tudo o que escrevi e publiquei durante esse tempo na Europa uma só palavra se não encontra de azedume ou de queixume; pelo contrario muitas vezes bem significadamente extrema consideração pelo soberano e tambem pelos seus ministros. Entendia que perante os estrangeiros, quaesquer que fossem as divergencias internas, os brasileiros se devião apresentar unidos como um só homem. Na segunda *Notice sur les mines du Brésil* eis aqui como termino o artigo: «Dieu veuille surtout que les ministres de D. Pedro fassent pour la prospérité de ces établissements des voeux aussi ardents que ceux que je forme pour la gloire de ma chère patrie dont le sort m'a exilé! »

Estes artigos pela sua novidade fizerão viva sensação na Europa. Na Inglaterra forão traduzidos e publicados em separado pelos jornaes com elogios ao autor. Outro tanto aconteceu na Allemanha. A Sociedade de Mineralogia de Iena os traduziu e publicou nos seus annaes. Espontaneamente enviarão ao seu author o diploma de socio della, acompanhado de uma carta do seu presidente concebida nos termos os mais lisongeiros. Nella se dizia que o autor havia feito grande serviço á sciencia e á Europa. Até na Russia os mencionados artigos, pela consideração que merecerão forão, traduzidos, publicados e citados em jornaes e revistas scientificas.

Em França merecerão elles particular consideração; forão citados com elogios pelo *Bulletin des Sciences* e outros periodicos do tempo. Ainda hoje servem de guia aos que se occupão desta sciencia em relação ao Brasil. A «Histoire Géographique du Brésil, publiée par la Bibliothèque Populaire, en 1834,»

no tomo 1.º p. 55 e 56, os referidos artigos são citados com elogios. M.r Ferdinand Dénis, em as suas obras sobre o Brasil, os cita frequentemente. Em geral são citados em todos os trabalhos de mineralogia onde se trata do Brasil. Se não fundirão melhor proveito ao mesmo Brasil, deve isso ser levado em conta da quadra funesta em que o paiz se achou e á descoberta das minas da Australia e da California.

O meu respeitavel e intimo amigo José Bonifacio de Andrada me havia confiado as notas de uma viagem mineralogica, que elle e seu irmão Martim Francisco Ribeiro de Andrada fizerão na provincia de S. Paulo. As notas em questão estavão escriptas em pedaços de papel avulsos, não numerados, uns pela mão do primeiro e outros pela do segundo viajante. As que erão escriptas por este estavão em melhor ordem, mas as outras nem o autor mesmo podia dizer por onde principiavão ou acabavão. Vi nestas notas um trabalho de importancia e de interesse para o Brasil, e com licença de seus autores as puz em ordem e redigi a viagem.

Publiquei esta importante viagem mineralogica, dividida em 3 artigos, no supramencionado *Journal des Voyages*, de que era collaborador. Achão-se nos tomos 36 e 37 desta vasta collecção. Em face do primeiro ajuntei a seguinte nota : « J'ai parlé dans un de mes précédents articles, cahier du mois de Juin, d'un voyage minéralogique entrepris en 1820 dans la province de Saint Paul au Brésil, par mon ami le savant José Bonifacio de Andrada, ex-ministre de l'empéreur Don Pedro, et par son respectable frère. La bienviellance dons ces illustres compatriotes m'honorent, m'ayant valu la communication de notes récueillies dans cette excursion scientifique, j'ai cru devoir les rédiger en corps d'articles, espérant que nos lecteurs me sauraient gré de mon travail. »

Estes artigos forão igualmente traduzidos e publicados em Inglaterra e na Allemanha. A Sociedade de Mineralogia de Iena me felicitou pela sua publicação. Por elles a Europa teve conhecimento exacto dos terrenos mineralogicos da provincia de S. Paulo. Taes escriptos são sempre de utilidade. Se o governo do Brasil, em vez de assalariar escriptores mercenarios para mentir á Europa ácerca do Brasil, se em vez de fazer publicar parvoices politicas, que fazem rir de piedade aos nacionaes e estrangeiros, se occupasse em apresentar o Brasil tal qual elle é, com todas as suas riquezas naturaes, eu lhe perdoaria muitos outros de seus erros e a Europa lhe mandaria colonos industriosos, sabios e artistas, para explorarem tantas fontes de grandeza e enriquecerem a si e ao paiz.

Entre os variados, artigos que escrevi e publiquei no *Journal des Voyages*, mencionarei ainda um, que tem por titulo : «Lettres sur l'Afrique ancienne et moderne adressés ou rédacteur du *Journal des Voyages* par M.r Menezes de Drummond (do Rio de Janeiro) » e que foi geralmente applaudido e estimado. Acha-se este artigo no tomo 32, de pagina 190 em diante.

Nelle defendi os portuguezes contra uma accusação de Malte Brun. Este sabio geographo me honrava com a sua amizade, e eu o estimava e considerava como o primeiro mestre da sciencia. Em uma conversa na Sociedade de Geographia de Paris discordámos ácerca das descobertas e navegação dos Portuguezes da Africa. Malte Brun sustentava o que havia dito na sua grande obra, que os portuguezes não tinhão explorado as terras meridionaes da Africa com o mesmo cuidado com que o fizerão nas septentrionaes. A autoridade era muito grande para que eu a pudesse rebater e ser escutado naquelle ajuntamento. Recorri então á imprensa e tal era o respeito que ella tributava ao velho geographo, que foi preciso eliminar o seu nome do meu artigo para que pudesse passar por muito favor. Em vez de Malte Brun escrevi : « On s'est trompé en avançant que les portugais n'avaient pas exploré avec le même soin les contrées méridionales de l'Afrique que les contrées septentrionales »...

Eis aqui como principia o meu artigo : « L'étude de la géographie, de l'histoire naturelle et de l'éthnographie de l'Afrique a été depuis longtemps pour moi un grave sujet de recherches et de méditations, non seulement en ma qualité d'homme de lettres, mais principalement comme descendant des portugais et interessé à reclamer pour la nation dont je suis issu, la gloire immortelle d'être la première qui marchant sur les traces des carthaginois et des romains, ait découvert et visité les côtes et l'intérieur de cette singulière partie du monde. »

Depois da publicação deste artigo recebi uma carta de José Maria Dantas, secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, agradecendo por parte da mesma Academia o serviço que eu lhe havia prestado defendendo as descobertas e a navegação dos portuguezes, e participando que a Academia teria muito gosto de nomear-me seu socio correspondente, se isso fosse de minha vontade. A carta era escripta em francez e pelo seu conteudo facilmente conheci que me tinhão por francez descendente de portuguez. O meu ultimo appellido favorecia esta supposição, e demais em França existem ainda Pereiras, Vieiras, Rodrigues, etc., descendentes todos de portuguezes. Respondi nesta lingua rectificando o erro e agradecendo e não acceitando o diploma de socio correspondente. Disse que eu era brasileiro, e um dos primeiros que se empenharão na lucta da independencia; que não conservava a menor indisposição pelos portuguezes, pelo contrario desejava que fossem muito felizes e muito poderosos ; o que eu não queria é que elles governassem ou influissem no Brasil ; que o meu trabalho não fôra feito com a intenção de ganhar sympathias e que nem elle merecia o assignalado premio que a Academia me offerecia, e que eu sentia não poder acceitar.

O referido artigo foi publicado durante o meu exilio em 1826. Onze annos depois era eu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil na côrte de Lisboa. Durante a minha estada nesta côrte, que se pro-

longou até meiado de 1853, as minhas relações com a Academia Real de Sciencias se mantiverão no pé da mais perfeita intelligencia. Seu secretario perpetuo, o conselheiro Joaquim José da Costa de Macedo, por mais de uma vez me fallou em ser eu recebido socio correspondente, e de todas ellas declinei a offerta; pedi porém que nomeassem o conselheiro José Martins da Cruz Jobim, meu amigo e medico da Camara de S. Magestade o Imperador. O meu pedido foi recebido com tanta consideração, que para o satisfazerem dispensarão a formalidade que requer o regulamento em taes casos. Pelo regulamento da Academia o candidato deve manifestar expressamente o seu desejo de ser recebido socio, mandar uma memoria para ser julgada pela Academia ou ser autor de uma obra tal que, pela universalidade de seu alto merito, dispense a memoria. Este era o regulamento antigo. Depois da reforma da Academia não sei se passou por alguma alteração. O conselheiro Jobim nem era autor de uma obra tal, nem escreveu a memoria requerida pelo regulamento, e todavia foi eleito membro correspondente. Refiro isto em prova das boas relações que mantive com a Academia.

O mencionado meu artigo sobre a Africa antiga e moderna tornou-se notavel por uma circumstancia bem importante. Ignorava-se até então onde desembocava o Niger. Por inducção do que havia lido e reflectido, suppuz que desembocava no golfo de Guiné. Esta supposição acha-se verificada de modo a tirar toda a duvida pelos intrepidos viajantes inglezes, que descerão o Niger desde o Tombuctu até o mar.

O «Bulletin des Sciences géographiques, économie publique», na sexta sessão do «Bulletin universel», publié sous les auspices de Monseigneur le Dauphin, par la Société pour la propagation des connaissances scientifiques et industrielles, et sous la direction de Mr. le Baron de Férussac, *Paris, 1828,* no tomo 13 publica em resumo o meu artigo sobre a Africa antiga e moderna de pag. 116 em diante. A mesma consideração mereceu em outras obras notaveis na França, na Inglaterra e na Allemanha.

Varios outros artigos publicou o *Journal des Voyages* de minha lavra, uns assignados por mim e outros não; aos quaes me não refiro, porque não dizem respeito ao Brasil, nem têm relação com elle. Erão trabalhos que o tempo me ia suggerindo em presença dos acontecimentos que fazião o assumpto da importantissima collecção do *Journal des Voyages,* etc.

Como nas minhas notas não sigo ordem alguma, vou escrevendo do que se passou na minha vida o que vai lembrando; aproveito a occasião de referir um facto, que revela a firmeza de caracter de um moço que nem a adversidade o podia abater. Algum tempo depois de residir em Paris fui ali procurado pelô embaixador de Portugal Pedro de Mello Bryner. Eu conhecia este individuo do Rio de Janeiro, mas não cultivava com elle relações de amizade; encontrava-o em casa do ministro Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal e algumas vezes fui a sua casa, mandado por este em cousa de serviço, porque

Thomaz Antonio o ouvia em negocios de jurisprudencia e tinha por elle bastante consideração. Thomaz Antonio o restabeleceu quanto foi possivel no conceito do rei D. João 6.º, de cuja presença chegou a estar privado por ordem do mesmo augusto senhor, e o nomeou embaixador em Roma, donde mais tarde passou no mesmo caracter para Paris.

Fui visitado, digo, pelo embaixador de Portugal, e esta visita, nas circumstancias em que me achava, causou-me estranha admiração, mas Pedro de Mello não me deixou por muito tempo ignorar a causa della. Depois dos comprimentos sociaes, tirou uma carta da algibeira e disse-me que a acabava de receber de Lisboa. Era uma carta de Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, pela qual este veneravel ancião me recommendava a amizade de seu amigo Pedro Mello, e pedia que me tratasse como trataria a elle proprio. Fazia lembrar a memoria de meu Pai e a amizade que lhe tinha e a mim igualmente. Lida a carta, disse-me Pedro de Mello que eu já sabia o fim da sua visita, que vinha buscar-me para ser seu hospede e nisto se conformava com as ordens de Thomaz Antonio, porque se este viesse a Paris, seu hospede havia de ser. Com toda a polidez recusei a hospedagem e todos os obsequios que Pedro de Mello me offerecia, dizendo francamente que nas minhas circumstancias os não podia aceitar do embaixador de Portugal, a quem estimava pessoalmente. Toda a insistencia de Pedro de Mello foi inutil, paguei-lhe a visita e nem um só convite seu aceitei, fosse para jantar ou para saráu. Assim continuei, pagando sempre as visitas que elle me fazia, até que a sua má sorte o levou a Lisboa para ser ministro da justiça da infanta regente. No governo de D. Miguel foi preso e encarcerado na fortaleza do Bugio, onde perdeu a vista e morreu cheio de privações e ultrages. Que fatalidade! eu tambem fui perder a vista na minha patria! Não me encarcerarão, não me ultrajarão, mas desprezarão me...

Disse que Thomaz Antonio restabelecêra a Pedro de Mello na graça do rei, direi agora o que houve para que isso fosse necessario. D. João 6.º tinha certa repugnancia por Pedro de Mello em razão de ser este maçon ou ser tido por tal. Pedro de Mello não acompanhou a côrte para o Brasil, ficou em Lisboa e ahi foi empregado pelo general Junot ás ordens do ministro da fazenda. Depois da expulsão dos francezes de Portugal, Pedro de Mello teve de justificar-se de os haver servido. Parece que a sua justificação foi satisfactoria, porque nella mostrou que aceitara o lugar afim de evitar que os portuguezes fossem muito vexados pela administração dos invasores. Foi em seguida para o Rio de Janeiro. A sua justificação valeu para não ser perseguido nem castigado, mas não valeu para entrar na boa graça do rei. Assim esteve até que uma palavra indiscreta lhe fechou até as portas do paço. Nestas circumstancias é que Thomaz Antonio o acudiu, obteve que D. João lhe desse a mão a beijar e o nomeasse embaixador para Roma.

A palavra indiscreta foi a seguinte. Como se sabe, o marquez de Loulé tinha sido condemnado á morte por crime de alta traição. O marquez de Loulé havia pegado em armas com os francezes contra a sua patria. D. João 6.°, depois de muitos rodeios, que não vêm ao caso referir aqui, perdoou ao marquez de Loulé e o restabeleceu nas honras e cargos de que fôra privado por sentença. A satisfação de D. João 6.° por haver praticado este acto de clemencia foi tão grande, que S. M. a não podia dissimular. A todas as pessoas com quem fallava naquelles dias immediatos ao perdão interrogava ácerca delle. Era a phrase commum: « Como lhe parece o perdão do marquez de Loulé? » Pedro de Mello, sendo uma das pessoas a quem o rei dirigiu esta pergunta, respondeu: « Como me ha de parecer, V. M. resuscita mortos ». A esta ultima palavra D. João 6.° formalisou-se, voltou as costas sem dar a mão a beijar a Pedro de Mello, e no dia seguinte mandou-lhe uma insinuação de não voltar mais ao paço.

Até a morte de D. João 6.° Thomaz Antonio não cessou de escrever-me para Paris, insistindo para que eu fosse para Portugal. Dizia que era essa a vontade do rei e tambem a sua, e que S. Magestade tencionava contemplar em mim os importantes serviços de meu Pai. «S. Magestade, acrescentava Thomaz Antonio, já deu ordem ao Snr. Monteiro Torres, ministro da marinha, para que V. S.ª seja recebido com toda a consideração.» Resisti a esta insinuação de um amigo, que foi o primeiro protector official e a quem eu presava e presei até o ultimo instante de sua vida, e todavia eu estava exilado da minha patria, e soffrendo o mais duro tratamento!...

Collaborei igualmente na *Revue Encyclopédique*, de que era redactor em chefe Mr. Julien, de Paris. Era a mais completa revista da Europa e tinha por collaboradores os homens mais eminentes nas lettras, nas sciencias, e nas artes de França, e alguns estrangeiros igualmente distinctos. Eu fui admittido neste numero, e para ella trabalhei sob os auspicios de seu redactor em chefe, que me honrava com a sua amizade e me recebia com familiariedade no seio de sua fnmilia. Estive encarregado de analysar as obras que se publicavão, e todas as analyses que se acharem na *Revista Encyclopedica* dos annos do meu exilio, rubricadas A. D. são minhas. O numero não foi pequeno para que eu possa ter dellas lembrança, não tendo presente nem sequer um volume daquella importante collecção. Escrevi na mesma revista alguns outros artigos sobre differentes assumptos, dos quaes, os que dizião respeito proxima ou remotamente ao Brasil, forão publicados com a assignatura do meu appellido por inteiro, e os outros com a mesma rubrica A. D., com que distinguia as analyses.

Devo dizer que a minha collaboração, tanto no *Journal des Voyages* como na *Revue Encyclopédique*, foi absolutamente desinteressada. Escrevia para instruir-me e não para ganhar dinheiro. Mr. Julien dava na primeira terça-feira de cada mez, que era o dia em que se publicava a revista, um jantar

aos seus collaboradores. Estes podião levar cada um um estrangeiro. Alguns outros convidava Mr. Julien. Fóra dos circulos dos collaboradores, os nacionaes erão excluidos do convite. Mr. Julien chamava ao jantar mensal da Revista «a fraternidade das nações.» Mr. Julien, que na sua mocidade, no tempo da revolução franceza, foi enthusiastha da guerra, na idade avançada em que se achava era apostolo da paz e da fraternidade das nações. Os estrangeiros achavão nelle um verdadeiro amigo, que se comprazia em os servir, e como as suas relações erão muito extensas, estava no caso de poder bem servir aos estrangeiros que o procuravão. Em summa o estrangeiro que procurasse a Mr. Julien, fosse qual fosse o caso em que se achasse em Paris, podia estar certo que nada lhe faltaria, porque tinha um protector efficaz.

Eu era o unico brasileiro que tinha lugar no jantar mensal da *Revista Encyclopedica*, e talvez devesse a essa circumstancia a cordialidade com que era tratado pelos sabios e publicistas, que fazião o corpo da redacção da mesma Revista. O caso é que havia para mim, ainda no verdor da idade e sem outro prestigio que não fosse o ardente desejo de saber, certa consideração de que ainda me lembra com ternura e gratidão por esta França tão hospitaleira.

Refirirei agora uma anecdota com relação ao que fica dito. Em um dos jantares da primeira terça-feira de cada mez Mr. Julien observou, no seu brinde á fraternidade das nações, que todas se achavão ali representadas no seu banquete, excepto a portugueza, porque esta estava fóra da civilisação. Eu repliquei, dizendo que Portugal não me parecia estar fóra da civilisação, que se achava atrazado e muito atrazado em relação á França e a outras nações civilisadas, mas que o estar atrazasado não se podia traduzir por estar fóra; que o despotismo tinha comprimido e alterado os habitos dos portuguezes, mas que elles fazião esforços para sacudir o despotismo e seguir os passos dos povos adiantados. No jantar do mez seguinte apresentei José da Silva Carvalho. Este cavalheiro portuguez, procedente de Londres, acabava de chegar a Paris para regressar a Lisboa, donde se achava exilado desde a dissolução do governo representativo em 1823. Tinha fallecido D. João 6.º e o Imperador D. Pedro I, como herdeiro da corôa Portugueza, havia decretado uma amnistia geral, dado uma constituição, e abdicado a corôa em sua filha D. Maria da Gloria. Este extraordinario acontecimento foi que abriu a José da Silva Carvalho as portas de sua patria. Apresentando-o disse que vinha mostrar por documento o que havia avançado na ultima reunião ácerca de Portugal. Silva Carvalho, que tinha em seu favor os seus infortunios pela causa da liberdade e tambem a sua bella apparencia, foi bem recebido, applaudido e animado para que continuasse a empregar os seus esforços pela sustentação da liberdade de sua patria. Antes de regressar a Portugal Mr. Julien lhe fez presente de uma collecção completa da *Revista Encyclopedica* e lhe deu outros livros de importancia, para que derramasse a doutrina que elles encerravão entre os seus com-

patriotas. Silva Carvalho retribuiu mandando de Lisboa a Mr. Jullien o diploma de membro correspondente da Academia Real das Sciencias. A mim retribuiu com a continuação da sua amizade e com alguns serviços que me prestou durante a minha estada, annos depois, em Lisboa, com o caracter de ministro do Brasil.

Escrevi tambem para alguns jornaes politicos e principalmente para o *Globe*, que tinha então Mr. Thiers por seu principal redactor; *Le Constitutionel*, que era então *l'extrème gauche*, isto é, liberal adiantado; *l'Opinion*, etc.; mas, como de nenhum daquelles jornaes era collaborador, e só escrevia irregularmente e quando tinha alguma cousa a dizer, ou que me convinha publicar, nada mais direi a esse respeito. Na *France Chrétienne*, periodico hebdomadario, é que escrevi mais regularmente. Entre outros artigos todos os que ali se acharem com a rubrica — Le proscript brésilien — são de minha lavra. Versavão em politica relativa ao Brasil, e como talvez já não exista neste mundo uma só das pessoas a quem os meus artigos se referem, tendo todas já passado para o dominio da Historia, e estando eu tambem proximo a isso, não hesito em fazer essa confissão.

Não fallarei de alguns trabalhos em que collaborei com amigos meus, e que se publicárão sem a concurrencia do meu nome, porque assim foi a minha vontade e a condição da minha collaboração. O meu amigo e compadre Eugène de Monglave, nas suas traducções do portuguez e nas suas obras, consultava-me, ouvia-me e adoptava muitas vezes a minha opinião. Na sua historia dos Jesuitas em um volume de 500 paginas, oitavo grande, obra projectada, escripta, impressa e publicada no espaço de um mez, se acha a prova do que avanço; mas emfim não faço cabedal disso, que me não pertence, por não se achar rubricado com o meu nome. Allego em prova do muito que trabalhei em Paris.

Este meu amigo e compadre Monglave, infatigavel trabalhador, não sei que fim levou; consta-me que ainda vive, mas ninguem me diz onde se acha. Paris é tão grande, que não é cousa facil ir atinar com o *ninho* de um escriptor de segunda ordem já fóra de moda, principalmente a quem se acha, como eu, neste estado excepcional. Em França, excepto as sciencias, o dominio da moda é geral. A litteratura está sujeita á moda; a que está hoje em voga passa de moda em outro dia e ninguem mais se lembra della. O que acontece á litteratura acontece aos litteratos. Até Lamartine não ficou isento desta lei. Apesar dos seus numerosos e pomposos annuncios e da protecção que ainda lhe dão os livreiros e jornalistas, já não póde pôr pé em ramo verde. Está fóra da moda.

Meu caro sr. Mello Moraes, dou-lhe parte que já derão 11 horas da noute de sexta-feira 17 de Maio de 1861, e que vou deixal-o para ir deitar-me. Fiz hoje uma tirada maior, porque vi que andava atrazado, muito atrazado, passando quasi um mez sem ditar duas palavras. E sabe porque? Porque nem

sempre posso o que quero. De dia é raro ter tempo para ditar. A noute, emquanto se não faz a digestão, sinto-me tão abatido e pesado que o somno se ampara (*sic*) de mim sem resistencia. É bem triste este modo de existir! Não é assim? Mas que remedio! Se sabe algum, communique-me. No emtanto, dou-lhe pelo pensamento um bom abraço e vou ver se posso descançar até amanhã.

Já disse que a Sociedade de Mineralogia de Iena me enviou o diploma com titulos honrosos de seu membro. Fui igualmente contemplado pelo Instituto Historico de França, a Sociedade de Geographia e a Sociedade Asiatica de Paris. Estas tres sociedades me enviárão espontaneamente o diploma de socio. A Academia de Bruxellas e a Sociedade Litteraria de Gand me honrárão com iguaes titulos. Da Italia recebi os diplomas de socio da Academia Real de Napoles, dos Arcades de Roma, e alguns outros tambem de Roma, Florença e outras cidades, de que me não recordo agora. Todos esses diplomas, uns se perdêrão na minha peregrinação e outros acabárão no fatal incendio de 10 de Agosto de 1860. Confesso que de alguns, como por exemplo, o da Sociedade dos Antiquarios do Norte, nem sequer accusei o recibo. Tive sempre por maxima que melhor é merecel-os sem os ter, do que tel-os sem os merecer. Esta maxima me guiou sempre na vida publica, como está patente a todos.

Emquanto assim vivia na Europa, exilado de minha patria pelo crime de haver promovido a sua independencia, zelar a sua dignidade, e querer o seu engrandecimento, estudando e trabalhando para mostrar essa patria aos olhos da Europa digna da sua contemplação, no Rio de Janeiro um governo devasso, corrompido ou vendido ao estrangeiro, me perseguia ainda de longe. Mandou abrir uma devassa com o fim designado de inculpar os Andradas e a mim, servindo de corpo de delicto as folhas de um periodico que eu redigia e os discursos de dois deputados, discursos que não são responsaveis perante a lei, e periodicos, que estão sujeitos a uma jurisdicção áparte! O governo queria achar criminosos, como já tinha achado um magistrado indigno, que para isso lhe servisse de instrumento. Cabalou, ameaçou e alliciou testemunhas falsas, tiradas pela maior parte de entre estrangeiros chatins e mercenarios. Até na cadêa foi achar dois condemnados que lhe servissem de testemunhas accusadoras. Apesar de tudo isso não puderão manchar a minha honra, porque da monstruosa devassa não resultava culpabilidade a ninguem. Mas o governo, como fica dito, tinha escolhido para juiz dessa devassa um magistrado feito á sua imagem, e esse magistrado, não obstante não resultar da sua obra culpa a ninguem, pronunciou á prisão e livramento a Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Martim Francisco Ribeiro de Andrada e a mim, que nos achavamos exilados em paiz estrangeiro. Foi a espada de Damocles que suspenderão sobre as nossas cabeças. Depois da pronuncia guardarão a devassa e não lhe derão mais andamento, para que assim nos pudessem sempre ter ausentes da patria.

Em tal compressão puzerão os nossos parentes e amigos, que era preciso da parte destes um grande esforço para se corresponderem comnosco. José

Bonifacio de Andrada, escrevendo de França a seu sobrinho José Ricardo da Costa Aguiar, este se achava tão apoderado de medo que não ousou abrir a carta e a foi levar fechada ao Imperador. Sua Magestade recusou recebel a. José Ricardo partiu em busca do intendente da policia João Ignacio da Cunha, que depois foi visconde de Alcantara, e nas mãos deste esbirro-mór entregou a carta fatal, que encerrava em seu seio uma grande conspiração. Aberta que foi com todas as formalidades policiaes, achou-se que continha um simples pedido de ver onde paravão os seus livros, papeis e alfaias de sua casa, porque sua mulher, dizia José Bonifacio a seu sobrinho, só curou de obter a permissão de acompanhar seu marido ao exilio e não sabia a quem tinha deixado a casa. José Ricardo ficou alliviado do grande peso que lhe fazia a carta e a policia deplorou não achar nella alguma expressão que pudesse traduzir em conspiração. Meu irmão Luiz, porém, foi menos atormentado pelo medo, e posto que, por assim dizer, sepultado vivo em uma prisão horrivel, nunca deixou de se corresponder commigo, o que não fizerão, e com a minha approvação, porque Deus não dota a todos da mesma energia moral, os outros meus irmãos que ficárão em liberdade.

O odio do governo nos perseguiu ainda no paiz do exilio. Mandárão do Rio de Janeiro para a França um francez assalariado para nos calumniar pela imprensa. Já o tinhão empregado no mesmo abominavel officio no Rio de Janeiro. Este mercenario, de nome Deloi ou Delonai, segundo minha lembrança vaga e incerta, porque já não existem os papeis que a elle se referião, e que eu conservei até 10 de Agosto de 1860, dia em que forão devorados por um incendio, não achou em Paris jornal algum politico que lhe quizesse publicar as calumniosas diatribes que escrevia contra os Andradas e contra mim. Foi para Lyon e lá foi mais feliz. Logo que me chegou ás mãos os primeiros artigos que publicara em um jornal daquella cidade contra nós, concertei-me com os Andradas e reunidos o accusamos perante a justiça de França. Em Lyon achámos advogados que exposavão a nossa causa com ardor e desinteresse e que advogárão o nosso direito com amor e intelligencia. Achámos magistrados que nos desaggravarão, condemando o calumniador em conformidade com as leis do paiz. Nós não aceitamos a indemnisação (*domage et interêt*) que a sentença nos concedia, porque julgamos dever ter piedade com o vil instrumento do malfazejo governo do Rio de Janeiro.

Por este modo terminou o incidente, e, graças á bôa administração da justiça franceza, com o triumpho da innocencia ultrajada. O nosso advogado Mr. Torombert não quiz aceitar os honorarios que lhe erão devidos, e que bem havia merecido pelo zelo com que defendeu a nossa causa, e em uma carta que escreveu, pedindo desculpa de os não aceitar, dizia que elle tinha cumprido com um dever que a hospitalidade franceza lhe impunha rigorosamente e que outro tanto faria outro qualquer advogado francez a que eu recorresse, porque nenhum deixaria de esposar a causa de estrangeiros illustres, ultrajados

em França pela calumnia de um detractor mercenario. Mr. Julien de Paris foi quem me recommendou a este illustre advogado, e eu aproveito esta occasião para render a homenagem da minha gratidão á memoria de ambos, que nesta acção caracterisárão o seu paiz.

Já disse em outro lugar destas notas que na camara dos deputados de 1827 a 1828 o ministerio fôra interrogado acerca do nosso exilio. Direi agora, porque me acho para isso competentemente autorisado, que o deputado pelo Maranhão o sr. Odorico Mendes projectara fazer aquella interpellação na primeira sessão da primeira assembléa legislativa em 1826, mas que, communicando este seu pensamento a José Ricardo da Costa Aguiar, este lhe pedira de a não fazer, porque com isso não faria senão aggravar a situação dos Andradas, seus tios, e dos outros exilados. O sr. Odorico Mendes, segundo me affirma, cedeu a estas observações, e foi por isso que não fez a interpellação no primeiro anno da abertura da assembléa. Disse-me que sentira de não ter sido elle, por motivo de ausencia, que a fizesse nos annos seguintes.

Tambem já referi o modo pelo qual terminou a monstruosa devassa e como então fallei da defeza que eu mandara de Paris, feita em presença de uma cópia dos depoimentos das testemunhas que meu irmão Luiz lhe havia communicado, aqui a transcrevo da minuta original, que por uma singular casualidade se acha hoje em minhas mãos. A leitura desta curta e talvez pouco juridica defeza bastará para pôr em evidencia a monstruosidade da devassa, a intenção com que foi mandada fazer, e a perfidia do juiz que pronunciou a prisão e livramento pessoas contra as quaes nenhuma culpa resultava da monstruosa devassa.

Esboço da defeza do sr. Antonio de Menezes Vasconcellos
de Drummond.

Nos fastos da jurisprudencia portugueza, que é a que nos rege ainda, talvez se não encontre um phenomeno tão extraordinario como é o informe processo em que se implicou o sr. Drummond. Um decreto nullo, que não merecia execução; a não existencia de corpo de delicto legal; uma devassa emfim parcial; mas que, mesmo não laborando em taes nullidades, nada apresenta provado contra o sr. Drummond, que o torne ao menos suspeito de crime, devião socegar o sr. Drummond no testemunho da sua consciencia. Não foi porém assim, houve um magistrado que o pronunciou, houverão outros que sustentarão esta pronuncia. Para a destruirmos, pois, provarei os tres pontos que avancei: 1.° a nullidade do decreto; 2.° a não existencia do corpo de delicto; 3.° emfim, a nenhuma culpa que da informe devassa apparece. Mas antes de entrar nesta discussão lançarei uma breve vista d'olhos sobre a epoca precedente ao cerebrino processo, e o estado da opinião nesse tempo.

Portugal cansado de oppressão, com geral unanimidade reassumiu os seus direitos e começou a trabalhar na reforma dos abusos. O Brasil respondeu

prompto a esse reclamo, e como um dos maiores males que sobre elle pesavão era a desigualdade de direitos e commodos entre a antiga metropole e o novo reino, que fôra sua colonia, foi esta reforma uma das primeiras exigencias dos patriotas brasileiros. Mas bem cedo conhecerão que Portugal não queria a liberdade senão para si, e que para o reino irmão não preparava senão uma liberdade mascarada, com o pretexto da qual pudesse melhor repregar-lhe os ferros usados. Então lembrou por necessidade ao Brasil uma plena independencia, proclamou-se ella, e para o seu conseguimento abalisaram-se entre outros cidadãos, os tres irmãos Andradas, a quem o Brasil ainda fará a devida justiça. Dois destes formarão a administração e gozarão da confiança do Monarcha; o terceiro, deputado da Assembléa, trabalhava para consolidar os interesses do povo e do Imperador, quando se mudou as cousas em Portugal; os portuguezes residentes no Brasil que, ainda que de má vontade, tinhão por temor adherido ao systema da Independencia, rodearão de novo as autoridades e embalarão-se com o impossivel projecto da *união*. Então os Andradas ministros abandonarão o ministerio, e os verdadeiros brasileiros começarão suspeitar tramas contra a sua independencia e liberdade. Infelizmente o ministerio que succedera aos Andradas parecia esforçar-se a confirmar as suspeitas pela sua inconstitucionalidade e aferro mal disfarçado aos portuguezes; as queixas, pois, que antes estavão abafadas exhalarão-se em periodicos, e a polemica fez, como é ordinario, ainda mais exasperal-as. É então que o partido portuguez passa ás vias de facto, ultraja e espanca os brasileiros, e a autoridade silenciosa parece com a sua connivencia approvar taes factos. O pavor é geral, ninguem se crê seguro, as ameaças dos portuguezes fervem, e é natural que os partidos se armassem. Foi então que o governo, procedendo á dissolução violenta da Assembléa Constituinte e deportação de alguns deputados, provocou pelo decreto de .... de Novembro de 1823 a devassa informe de que procedeu culpa ao sr. Drummond. Passarei agora aos tres pontos da devassa.

1.° Nullidade do decreto.

Um decreto que ataca as leis existentes, que transtorna a ordem judicial, e avançando factos que nunca existirão, não merece execução, e não póde ter outro effeito senão responsabilisar o ministro que o assignou, o conde regedor que o mandou executar e o magistrado que por elle fez obra. Ora, estas qualidades são as do decreto de ... de Novembro de 1823. Uma lei sobre os abusos da liberdade da imprensa, passada nas côrtes portuguezas, cria jurados perante quem só se conhece destes abusos; esta lei foi mandada executar no Brasil por um decreto de S. M. I., a qual, assim como toda a legislação anterior que não fosse opposta ao systema constitucional, foi confirmada por uma lei da Assembléa Constituinte do Brasil, que S. M. I. mandou executar. O decreto, porém, de ... de Novembro manda magistrados conhecer do que é do privativo conhecimento dos jurados; ataca, pois, a lei e trans-

torna a ordem judicial. Demais, o dito decreto cria um novo caso de devassa, qual o armamento de particulares uns contra outros, caso que não vem na Ordenação nem nas extravagantes. Emfim, avança factos notoriamente falsos, como a tirada da liberdade da Assembléa nos dias 10, 11 e 12, quando é notorio, e da mesma informe devassa consta, que a introducção do povo na Assembléa no dia 10 foi por deliberação da mesma, e que o levantamento das sessões feito por um presidente, ou cobarde e ignorante, ou peitado, foi sómente porque o povo dera apoiados a um deputado, e não por força alguma que o povo fizesse ou intentasse fazer á Assembléa. É de notar que o presidente, tendo no regimento interno a regra de chamar á ordem, e depois fazer despejar a casa e só no caso de desobediencia levantar a sessão, recorresse logo ao remedio extremo.

2.º Não existencia do corpo de delicto. Demos que o decreto não fosse nullo, todavia o corpo de delicto não existe na devassa, e não existindo elle é nulla a devassa na fórma de toda a praxe. Ora o corpo de delicto deve ser feito por testemunhas contestes *re, loco et tempore*; isto é o que não succede no presente. A testemunha 1.ª diz que o sñr. Drummond fôra armado á casa do sñr. padre Barreto, deputado, e que affirmara que no outro dia havia de haver assassinios na Assembléa, e que noticiára tudo o que lá havia de succeder. A testemunha 3.ª, padre Barreto, diz que o sr. Drummond fôra á sua casa armado e que elle dissera que o fazia por temer que o assassinassem. São ellas contestes, quando uma falla de assassinios na Assembléa e outra do temor de assassinio do dito sñr. Drummond? Mas que fossem contestes, era uma só, pois que a primeira é referente e a 3.ª é referida. A testemunha 2.ª falla já de outro armamento de brasileiros que lhe dissera um pardo por alcunha Miquelino: é um facto diverso, caso fosse provado; não é pois conteste nem com a 1.ª nem com a 3.ª testemunha. O mais notavel é que o dito Miquelino referido não fosse perguntado, apesar de estar preso e á mão. A testemunha 1.ª falla de plano de sedição por conjectura, e as testemunhas 2.ª e 3.ª não fallão nem assim. A testemunha 1.ª falla, por ouvir dizer, que os Andradas erão os autores do *Tamoyo*, e as duas seguintes nada dizem a este respeito. Demos que todos os factos articulados fossem crimes e do conhecimento do magistrado, como não são, á vista do que demonstrei, ainda assim mesmo não era provada a existencia de semelhantes factos por depoimentos singulares, e não contestes; e não havendo certeza de crime não cabe inquerir pelos autores do que não existe, segundo Direito.

3.º A nenhuma culpa que da devassa apparece. Concedemos porém que houvesse, quando não ha, corpo de delicto que servisse de base á devassa; analysada ella, veremos que de quanto se articula contra o sñr. Drummond nada é provado, e o que é não forma crime, ou não é do conhecimento da magistratura. Porém primeiro permitta-se dizer em geral sobre a qualidade das testemunhas. Se um homem imparcial e justo quizesse esclarecer um facto

succedido em um paiz dividido em dois partidos, e que fosse imputado a um delles pelo outro seu inimigo, que faria? Buscaria em primeiro lugar testemunhas que não fossem nem de um nem de outro partido, e se não houvesse taes, ouviria igual numero de uma e outra parte, e escolheria sempre pessoas respeitaveis por sua moralidade e independencia. Ora o contrario disto fez o juiz devassante. Entre *oitenta e uma* testemunhas da devassa e corpo de delicto apenas *dezeseis* são brasileiros; todos os mais são portuguezes, e em vez de serem respeitaveis por sua moralidade trahem a sua paixão, mostrão uma ignorancia servil que pasma, um rancor contra os brasileiros que espanta; em vez de serem tiradas de classes notaveis, são pela maior parte chatins, taverneiros, tendeiros e caixeiros, e até figurão dois bolieiros e um delles criminoso. Os depoimentos são claramente ditados, pois até se exprimem por termos que não comporta sua ignorancia, que transluz em outras partes, como quando a opposição á um ministerio perverso transformão em anarchia, sedição e conspiração. Apesar da má escolha das testemunhas, desta devassa mesmo apparece a criminalidade dos portuguezes como partidistas, assim como os brasileiros; outras que affirmão que os portuguezes estavão preparados, e comtudo só os brasileiros são culpados. Demos porém todo o peso ás indignas testemunhas; que articulão ellas contra o sñr. Drummond? 1.° Que fazia *clubs* em sua casa; 2.° que era amigo e carregara os Andradas no dia 10 de Novembro; 3.° que era redactor do *Tamoyo*, em que vinhão doutrinas sediciosas; 4.° que andava armado. Quanto ao 1.° artigo jurarão *tres* portuguezes tendeiros, de vista. A testemunha 33 classifica os *clubs* como nocturnos; a testemunha 36 como nocturnos e diurnos, e a 37 o mesmo. Já se vê que as duas 36 e 37 não são contestes com a 33; demais a 36 é desmentida pela testemunha 64, a quem elle recorreu, e que a declara inimigo dos Menezes (Drummonds), e todos o são pela testemunha 47, que affirma que os dois Andradas tinhão *clubs* em sua casa quasi todas as noutes, a que ião os Menezes (Drummonds); ora se os Menezes ião aos clubs dos Andradas todas as noutes, não podião ter elles clubs em sua casa ás noutes, a que vinhão os Andradas. A verdade é que a lição foi ensinada, porém a maus discipulos, e que a existencia de *clubs* não é por isto provada. Mas que o fosse, *quid inde?* É prohibido se ajuntarem os cidadãos uns em casa de outros? Que se tratava nos *clubs?* Podião-no ver as testemunhas que não ião a elles, como reconhecem, e que não gosão da faculdade de penetrar as paredes? O perjurio é notorio e o que é só pasmoso é o recebimento de tão absurdos depoimentos. Cuido porém que não foi por isto que sahiu pronunciado o sñr. Drummond, porque aliás tambem o deveria ser seu irmão Luiz de Menezes, os filhos do deputado Rocha e um capitão Sampaio, contra quem se depõem o mesmo desproposito.

Articula-se em 2.° lugar contra o sñr. Drummond que era amigo e déra vivas aos Andradas no dia 10 de Novembro. Bem que as tres testemunhas 1.ª, 5.ª, 34.ª sejão varias e não contestes, todavia concederei que esteja isto

provado, o que aliás não é verdade, porque o snr. Drummond nem sequer se achava presente a esse acto, como provaria se fosse necessario. Qual é a lei que faz crime de dar vivas, e carregar em braços aos homens de nossa estima, aos deputados cuja honra, talentos e amor da patria apreciamos? Não ha lei que o vede, logo: não ha crime.

Em 3.º lugar arguido o snr. Drummond de redactor do *Tamoyo*, que contém doutrinas sediciosas. O snr. Drummond confessa que era o redactor deste periodico, e disto se honra; nenhuma lei lhe defendia este uso de sua industria; e quanto ás doutrinas conteudas nelle, perante os jurados, a quem só compete este conhecimento, protesta de mostrar que todos os artigos, ou de sua composição ou de seus collaboradores, que os não negarão, são perfeita mente constitucionaes e innocentes, e não cahem em nenhum dos abusos da liberdade da imprensa especificados na lei que rege esta materia. E só admira que até a inviolabilidade dos deputados, sem a qual não ha governo representativo, fosse atacada pelo appensamento do supplemento do numero 35 do *Tamoyo*.

Por fim em 4.º lugar se depõe contra o snr. Drummond, que andava armado na vespera do dia 10, e annunciava desordens na Assembléa no dito dia. Este depoimento é singular á testemunha 3.ª do corpo de delicto, pois a 1.ª do dito corpo de delicto e a 5.ª da devassa que igualmente o depõem, é de ouvida a dita testemunha 3.ª, a qual porém os contradiz em parte e varia dos seus depoimentos. Não ha pois prova juridica desse armamento. Mas embora houvesse, onde estava o crime de armar-se para defender sua pessoa? A unica testemunha 3.ª que depõe o facto, tambem depõe do motivo por que o snr. Drummond estava armado, e elle justifica o acto necessitado pelo justo receio que tinhão incutido as violencias e ataques dos portuguezes aos brasileiros.

Senhores. Demorar-me por mais tempo a destruir crimes que nunca existirão seria tornar-me novo D. Quixote, que transformasse em gigantes moinhos de vento. Este informe processo não rola sobre facto algum criminoso, e menos convence a pessoa alguma; a unica cousa que se delle deprehende claramente é a boa vontade de um partido vingativo, que é hoje vencedor; mas que felizmente é assaz inepto para não acertar com os meios de vingança. Tenho pois findo; mostrei que a devassa é nulla pelo attentorio do decreto e por não existir corpo de delicto; e que mesmo quando nulla não fosse, nenhum crime della resulta contra o snr. Drummond. Resta-me sómente, senhores magistrados, deprecar-vos que arredeis de vós a responsabilidade de que vos carrega este processo, e eviteis a nodoa que elle lançará sobre vós, agora e para sempre, annullando desde já todo o processado e reconhecendo no snr. Drummond um cidadão honrado, um verdadeiro patriota, limpo ainda da menor suspeita de culpa. Isto espero eu; isto espera igualmente o mundo culto aonde este processo é igualmente julgado.

X

O esboço de defeza acima transcripto dá uma idéa do monstruoso processo a que elle se refere. Transcreverei agora outro documento de muita importancia para a historia da dissolução da Assembléa Constituinte. Corrobora o juizo que tenho feito das causas daquella dissolução, juizo firmado em documentos irrefragaveis e no conhecimento dos negocios publicos daquelle tempo, e mostra não só a altivez, mas tambem a insubordinação em que se achavão os portuguezes incorporados ao exercito do Brasil. Um capitão portuguez vangloriava-se pela imprensa de ter espancado a um brasileiro por ter este usado da mesma liberdade de que elle abusa, e ameaça espancar a outro qualquer brasileiro que ousar escrever em sentido contrario aos interesses dos portuguezes. Tudo isto se fez impunemente e a dissolução da Assembléa Constituinte approvou e sanccionou a pancadaria, porque era chegada a hora de reduzir de novo os brasileiros ao estado de colonos.

O capitão Lapa, depois do seu glorioso espancamento, dirigiu á redacção do *Tamoyo*, com a data de 11 de Novembro de 1823, a seguinte carta, cujo alcance não escapa a ninguem. A resposta foi feita e mandada para a imprensa no mesmo dia, e estava já no prelo quando a Assembléa Constituinte foi dissolvida no dia seguinte, e a typographia devastada pelos heroes do dia. O capitão Lapa dirigiu-se então ao *Correio do Rio de Janeiro*, e como a Assembléa Constituinte já se achava dissolvida e os Andradas e seus amigos presos e deportados, o que dava aos portuguezes a certeza do triumpho e a reducção do Brasil á colonia, tirou a mascara do anonymo com que se dirigiu á redacção do *Tamoyo*, e apresentou-se em pessoa pedindo désse publicidade á carta que havia escripto á redacção do *Tamoyo*, afim de que o mundo soubesse qual a parte que lhe competia nos successos do dia. A unica alteração que fez foi na data. A carta que dirigiu á redacção do *Tamoyo* trazia a data de 11, e a copia que mandou ao *Correio do Rio de Janeiro* levava a de 9, como se vê na folha daquelle periodico de 19 do mesmo mez de Novembro de 1823. Devo suppor fosse isto erro typographico ou do copista. O redactor do *Correio do Rio*, dando publicidade aos dois documentos, indignado fustigou o seu autor.

Eis aqui os referidos dois documentos que acima mencionei como sendo um só.

« Rio de Janeiro, 9 de Novembro de 1823.

« Senhor Tamoyo ou Tamoyos, quem quer que é ou que são, que felizmente não conheço; agradeço muito a VV. MM. o favor que me fizerão na sua folha N.° 34, chamando-me monstro, assassino, vandalo, etc. etc. por meia duzia de bastonadas que dei na pessoa de David Pamplona, julgando ser o revolucionario infame Francisco Antonio Soares, que se tem assignado em algumas cartas da desorganisadora Sentinella « o Brasileiro Resoluto !! ». Eu desejaria antes convidar a VV. MM. com uma melhor dóse do que a do seu amigo boticario,

mas como VV. MM. chamão sobre mim o odio dos bons brasileiros denegrindo o facto, e isto carece prompto remedio pois uma grande parte dos meus amigos são brasileiros, he necessario que eu os desminta neste papel. Eu havia lido com indignação algumas das cartas insertas na baratesca *Sentinella* da Praia Grande, e desejava conhecer de pessoa o seu Author, que se assignava — O brasileiro resoluto —, isto é, quanto a mim, resoluto em escrever poucas vergonhas para alcançar a aura dos patifes como elle; eis senão quando apparece a *Sentinella* N.° 30, e no fim della a celebre carta anonyma que enche de opprobio os capitaens desta guarnição a qual me disserão geralmente era do tal resoluto patife, ao qual eu logo protestei levar aos jurados do Malagueta. Por desgraça do Boticario na noute de 5 (como me lembrão os sñrs. Tamoyos) passando eu com o capitão Moreira pela Carioca ambos á paisana, e eu por acaso com uma bengala na mão, me disse o meu amigo mostrando-me um homem de careca que estava dentro da Botica, eis alli o bregeiro author da carta; lembrou-me logo o protesto que havia feito; e parando immediatamente para lhe dar cumprimento, esperava que o dito homem sahisse para fóra, mas como se demorou e eu costumo recolher-me cedo, julgei por melhor partido convidal-o dentro mesmo da Botica, onde teria promptos os remedios se ficasse em consequencia, e dirigi as seguintes palavras ao sugeito, acompanhadas de meia duzia de bastonadas: « O sñr. he que he o Brasileiro resoluto? pois vejamos se he tão resoluto em apanhar pancadas como em escrever patifarias ». Fugiu o sugeito para dentro como pôde, gritando que eu estava enganado, o que confirmou o capitão Moreira, dizendo-me da porta que era o Boticario, por cujo motivo eu o chamei e lhe pedi perdão, que elle me não quiz dar de modo algum, como era de esperar da sua generosidade. Ora, eis aqui sñrs. Tamoyos, o caso veridico que VV. MM. escurecem com a sua calumniadora penna, dizendo que hiamos armados, e bem armados, e que deixámos o homem com a cabeça quebrada, e quasi morto, o que tudo he falso. O exemplo que VV. MM. trazem das provincias mostra bem claramente o seu perverso caracter e qual é a sua vontade; e o trabalho que tomão em chamar os bons brasileiros sobre mim é baldado, porque elles, como eu, os aborrecem e detestão, conhecendo quanto VV. MM. são desorganisadores, além disto os que me conhecem de perto e as autoridades que vigião sobre a minha conducta estão bem ao facto da energia com que eu abracei a causa do Brasil; o mesmo Grande Imperador, que VV. MM. não querem, o sabe perfeitamente: assim srs. calumniadoree Tamoyos aconselho a VV. MM. que sejão, como os seus bons patricios, mais amigos e gratos aos portuguezes, que estão ao serviço do imperio, os quaes são melhores brasileiros do que VV. MM., isto é, se têm medo dos jurados do Malagueta, porque vergonha estou eu convencido que VV. MM. não têm. Sou de VV. MM.

O Anti-Tamoyos. »

« Senhor João Soares Lisboa, rogo a V. M. queira fazer-me o favor de

inserir no seu *Correio* a carta que acima vae escripta, pois me é absolutamente necessario que o publico, e em particular os meus amigos saibão a verdade do facto de que se trata. Sou seu, etc.

José Joaquim Januario Lapa. »

Depois da leitura dos documentos acima referidos, que revelão as tendencias da epoca e intenção com que foi dissolvida pela força armada a Assembléa Constituinte, nada mais se pode dizer.

X

Já disse que parti do Hâvre de Graça em Abril de 1829, e que cheguei ao Rio de Janeiro em Junho do mesmo anno. Depois de mim chegou José Bonifacio de Andrada em um navio de Bordeaux. O Imperador e seus ministros havião governado absolutamente desde a dissolução da Constituinte até Maio de 1826, que em virtude da Constituição, que o Imperador e a nação aceitou e quiz que fosse jurada, se abriu a primeira Assembléa Legislativa.

O anno de 1825 ficará gravado na memoria dos Brasileiros como sendo de funesta e dolorosa recordação. O sangue brasileiro foi derramado por opiniões politicas nos patibulos que o despotismo ergueu em Pernambuco e no Rio de Janeiro. Foi então voz publica que um magistrado de nome Antonio Garcez Pinto de Madureira, natural de Portugal, lavrara uma sentença de morte dictada pelo Poder Executivo.

A camara dos deputados de 1826 foi, como devia ser, timida. A dissolução da Constituinte e as violencias do poder erão disso a causa. Em 1827 e 1828 a camara começou a tomar alento. Em 1829 quando cheguei ao Rio de Janeiro achava-se funccionando já com certa liberdade a Assembléa Legislativa. A chegada de José Bonifacio contribuiu para reanimar os animos. A sessão de 1829 já foi exigente, principalmente no que dizia respeito ao melhoramento da administração financeira.

O Imperador recebeu-me bem, mas os seus ministros não o acompanharão, excepto o sñr. Miguel Calmon, actualmente marquez de Abrantes. Deste cavalheiro, posso dizer, recebi então provas de consideração e amizade. Meu irmão Luiz era administrador da alfandega, e tinha pela sua intelligencia contribuido para melhorar a administração daquella casa fiscal. O rendimento crescia. O ministro considerava o administrador. O Sñr. Miguel Calmon era ministro da fazenda. Eu tinha a combater um poderoso adversario, que empregava toda a sua influencia contra mim. Refiro-me a Francisco Gomes da Silva. Este homem que, de criado de galão passou a ser o primeiro valido do Imperador, pela sua mesma insignificancia os contemporaneos o têm poupado. Foi tão perverso e deboxado como fatal ao Brasil e ao seu amo.

Comecei a viver o mais retiradamente possivel e nem á chancellaria-mór compareci mais, afim de exercer os officios que ali tinha de propriedade. Era

porém procurado por amigos, pessoaes ou politicos, que se interessavão pela causa publica ou que se não havião esquecido dos meus serviços prestados à Independencia e dos soffrimentos que por ella tinha supportado. Eu morava em casa de meu irmão Luiz em Catumby. José Bonifacio foi tambem hospede do dito meu irmão, e depois passou-se para uma velha casa abarracada no mesmo sitio de Catumby, onde por algum tempo viveu com a sua familia. Ficavamos visinhos e boa parte do dia passava elle em nossa casa.

Entre os amigos que me procuravão citarei o padre, Januario da Cunha Barbosa. Estava este então encarregado da redacção do *Diario do Governo*. No publico, nas camaras e pela imprensa tratava-se de uma grave questão, da dissolução do banco. O periodico *Aurora* apoiava essa dissolução, e infelizmente com elle concordavão pessoas notaveis, algumas das quaes de boa fé. Januario consultou-me a esse respeito e eu, cedendo á vontade deste amigo, escrevi sobre este assumpto alguns artigos que elle publicou no *Diario do Governo*. Bastou isto para eu ser desde logo taxado de ministerialista convertido.

Era a minha opinião que se não devera dissolver o banco; que o que cumpria fazer-se era reorganisal-o, dar-lhe novo regulamento e directores honrados. O banco, posto que falido para com o publico, porque não podia remir á vista em metal as suas notas, era credor do Estado de uma somma superior ao seu debito para com o publico, e o Estado não podia falir; mais tarde ou mais cedo, de um modo ou de outro, havia de embolçar ao banco. Além disto, este tinha na sua caixa mais de mil contos de réis em metal, os quaes, repartidos pelos accionistas, difficilmente tornarião a reunir-se para fazer parte do fundo de um banco. Finalmente, que aquella somma assim reunida era já uma garantia para attrahir outras que formassem um fundo sufficiente ao novo banco.

As razões com que fundamentei a minha opinião agradarão ao Imperador. S. Magestade tomou os ditos artigos como obra de Martim Francisco, e pediu a José Bonifacio que animasse a seu irmão para continuar a sustentar aquella causa. Custou a desenganar-se que não era Martim o autor, não obstante a revelação que lhe fez José Bonifacio de quem o era. Logo que se convenceu, mandou-me chamar a S. Christovão, e depois de uma larga conversação sobre os negocios publicos offereceu-me a pasta da fazenda, que eu respeitosamente rejeitei. Com a maior sinceridade disse ao Imperador que escrever artigos sobre cousas de fazenda era cousa bem differente de administrar a Fazenda Publica; que me achava com forças para escrever artigos, mas não para ser ministro da fazenda. O Imperador ainda insistiu comigo, e em seguida com José Bonifacio e Martim Francisco, para que estes me decidissem a aceitar aquella generosa offerta. José Bonifacio respondeu categoricamente que se não mettia nisso para não influir nas acções de seus amigos; e Martim Francisco disse ao Imperador que, se eu aceitasse a pasta elle me coadjuvaria e apoiaria com o mais vivo interesse, mas que se eu o consultasse antes de aceitar, elle me acon-

selharia que não aceitasse. O Imperador passava do enthusiasmo para a indifferença, e desejava sempre aquillo que não podia ou não devia alcançar. Este era seu caracter, e dahi veiu a insistencia que fez para que fosse ministro da fazenda um homem que acabava de estar 6 annos ausente da patria, e em cujo espaço de tempo a legislação financeira do Brasil tinha sido alterada e se achava incompleta e cheia de lacunas.

Este meu proceder explicava sufficientemente todo o interesse que eu tomava pela causa publica; devia por isso de alguma forma grangear-me a estima do Imperador, mas não aconteceu assim, foi o signal de renovar-se a desconfiança. Dahi por diante a mim se attribuia tudo o que apparecia pela imprensa em opposição ao governo, e eu era tratado como inimigo.

Esta circumstancia decidiu-me a annuir a vontade dos meus amigos, que insistião commigo para que eu interviesse na politica do paiz.

Quando se me attribuia tudo, eu nada fazia, não comparecia em clubs e reuniões, nem escrevia para a imprensa da opposição. Observava as tendencias polilicas, lamentava a sorte do paiz, e nisto se limitava a minha opposição.

Comecei então a escrever para a *Astréa*. Este jornal da opposição começava tambem a ser mais positivo na que fazia ao governo. Na minha opposição levei em vista dissolver o gabinete do Imperador e derrubar do ministerio o ministro José Clemente Pereira. Este portuguez eu o considerava, e ainda não mudei de opinião, adverso ao Brasil. Quem examinar os meus actos com reflexão concordará commigo. Em 1821 fez opposição á Independencia e foi um dos heroes da Praça do Commercio em Abril daquelle anno. Em 1822 apparentemente se mostrou amigo da Independencia e nesse mesmo anno cabalou contra ella. Quando quiz a Independencia não queria o Imperio. As suas idéas convergião para uma fórma de governo na qual fosse elle o mais influente. Assim passava dos principios republicanos para os absolutos e vice-versa. Em Maio implorava o principe regente que aceitasse o titulo de *Protector* e Defensor Perpetuo, e em Outubro, na falla da acclamação, pretendia pôr condições onerosas ao Imperador. Quando cheguei ao Rio de Janeiro tinha este ministro, que então o era do Imperio e muito influente, um banco organisado na rua do Rosario, onde se vendião em almoeda os titulos e condecorações do Brasil. O producto desta venda era destinado a soccorrer os immigrantes portuguezes. Infelizmente para o Brasil, este funesto pensamento predomina ainda. Já se não vendem as honras da monarchia para soccorrer immigrados, mas ainda estão em almoeda para outros fins. Foi José Clemente Pereira o fundador desta errada e vilipendiosa politica, que nem a applicação que se fez do seu producto em beneficio de obras pias a pode salvar do odioso que encerra. Quanto ao gabinete não ataquei a sua existencia, porque entendi então como entendo hoje, que se não póde impedir ao monarcha de ter um gabinete com um ou mais secretarios particulares. Ataquei a pessoa do secretario que

regia o gabinete do Imperador e a influencia que elle exercia na gerencia dos negocios publicos. O secretario ou chefe do gabinete do Imperador era um portuguez sem educação, ignorante, grosseiro e malcriado, que punha e dispunha dos ministros a seu bel-prazer. Estes erão apenas os executores de suas ordens. E este homem poderoso era um vil criado conhecido pelo titulo de *Chalaça*.

Estabeleci na *Astréa* uma correspondencia com José Clemente Pereira, na qual discutia com este ministro a sua má gerencia dos negocios publicos. A *Astréa* muito contribuiu para a dissolução do ministerio e para a separação do valido Chalaça e do valido João da Rocha Pinto. Estes dois validos forão mandados para a Europa e nunca mais voltarão ao Brasil. Parece-me que já disse em outro lugar o como acabarão ambos em Lisboa.

Devo dizer que eu não tinha relações com o snr. Souto, proprietario e principal redactor da *Astréa*. A minha intelligencia com esta folha não era directa, era por intermedio de um parente meu, official militar, irmão de monsenhor Drummond, patriota distincto pelo acrysolado amor que tinha á sua patria.

Em 16 de Outubro de 1829, segundo minha lembrança, chegou ao Rio de Janeiro a Imperatriz Amelia, segunda esposa de D. Pedro 1.º, e com ella a rainha de Portugal D. Maria 2.ª

Vinha tambem o principe Augusto, irmão da nova Imperatriz. O marquez de Barbacena, embaixador que negociara o casamento, era da comitiva. O Imperador creou a ordem da Rosa com os privilegios e prerogativas com que a mesma ordem ainda subsiste. O ministro José Clemente Pereira foi quem referendou o decreto. A Imperatriz desembarcou no dia seguinte debaixo de copiosa chuva. Arcos e illuminações e outros festejos não faltarão. Dir-se-hia que a maior harmonia reinava entre a nação e o poder. Mas erão elles, esses festejos, espontaneos? Com taes apparencias se illudem os principes! Erão o producto de certa especulação dos aduladores do poder. Taes festejos trazião titulos e condecorações immerecidas.

José Bonifacio não compareceu no paço senão depois de passados os festejos. O Imperador o apresentou á Imperatriz como sendo o seu melhor amigo. José Bonifacio dirigiu á Imperatriz um discurso em lingua franceza, dizendo que o fazia nesta lingua para que o Imperador pudesse comprehender as suas palavras. Expoz o estado do paiz com côres vivas e concluiu pedindo a Imperatriz que fosse ella o anjo que conciliasse o Imperador com a nação e a nação com o Imperador. Nesta parte do discurso foi por mais de uma vez interrompido pelo Imperador, mas José Bonifacio não mudou de linguagem, continuou sempre no mesmo estylo. De uma das vezes voltando-se para o Imperador disse: «Deixe-me dizer a verdade porque é isso do interesse de V. M., de seus filhos e de nós todos.» A Imperatriz mostrou-se commovida e com as lagrimas nos olhos pediu a José Bonifacio que não desamparasse a seu marido nem a ella.

José Bonifacio frequentava pouco o paço, mas o principe Augusto, irmão da Imperatriz, moço de intelligencia superior e que era acompanhado de seu mestre o conde Nejand, muitas vezes o procurava e com elle conversava largamente. O conde Nejand era um homem de Estado. O Dr. Casanova, que acompanhava o principe, tambem frequentava José Bonifacio e com muita franqueza expunha as suas observações ácerca do paiz, de seus homens de Estado e principalmente do Imperador. Casanova era um observador atilado. Não sei se como medico que era tinha o mesmo merecimento. Um dia no abandono da confidencia assim se exprimiu: «O Imperador é louco; se me vierem dizer que elle anda a atirar pedradas pelas ruas, não me causará isso sorpreza.» José Bonifacio quiz modificar esta expressão do doutor, dando por cunho do caracter do Imperador a volubilidade, e aos maus conselhos e á má companhia o resultado de suas acções; mas o doutor replicou que seria assim, mas que o estado actual de S. Magestade resentia-se de uma alienação mental muito pronunciada.

O marquez de Barbacena desde a sua chegada, como me parece já haver dito em outro lugar destas notas, procurava seduzir a José Bonifacio para que este se encarregasse de formar um novo ministerio, no qual entrasse Calmon e elle marquez. Barbacena guerreava o ministerio, mas estava de perfeito accôrdo com Calmon, que fazia parte do mesmo ministerio, e queria que passasse para o novo. Não sei com que sacrificio se fazia essa mudança; o que sei é que o que refiro é um facto que não pode ser contestado.

José Bonifacio, approvando muito a organisação do novo ministerio, porque o actual já não podia fazer senão mal, declarava ao mesmo tempo que jamais seria elle ministro. Foi em uma dessas occasiões, que José Bonifacio protestava que nunca mais seria ministro, que Barbacena lhe disse que sem elle não se poderia decidir o Imperador a mudar de ministerio. «V. Ex.ª, continuou Barbacena, não conhece a influencia que tem no animo do Imperador. Os seus inimigos podem abalar essa influencia na ausencia de V. Ex., mas logo que V. Ex.ª se apresenta ao Imperador este não resiste mais, entrega-se nas suas mãos. Finalmente seria de desejar para o bem publico uma de duas, ou que eu tivesse os seus talentos ou V. Ex.ª as minhas manhas.—Cousa impossivel, respondeu José Bonifacio, porque V. Ex.ª não teria as suas manhas se tivesse os meus talentos.» Creio que já referi esta anecdota em outro lugar destas notas. Se me engano, nada se perde na repetição, porque na verdade caracterisa os dois interlocutores, e contribuirá para que a posteridade reconheça ambos pelo seu justo valor.

No emtanto a opposição que eu fazia pela imprensa ao governo e ao valido Chalaça redobrava de força e era geralmente applaudida. José Bonifacio resolveu-se então a mostrar ao Imperador que era conveniente, para evitar uma crise assustadora, que elle mudasse o seu ministerio. Não hesitou em indicar Barbacena, Calmon e Caravellas como proprios para fazer parte do novo

ministerio. A esta demonstração o Imperador cedeu logo, pondo porém por condição que José Bonifacio fizesse parte do novo ministerio. Condição impossivel de realisar-se. De outro lado, a Imperatriz não cessava de manifestar os seus receios pela conservação do socego publico, se o actual ministerio não fosse substituido por outro da confiança nacional. A Imperatriz manifestava tudo isto com tanta delicadeza e com tanta ternura que o Imperador não poude mais resistir, e a mudança do ministerio se operou nos primeiros dias do mez de Dezembro.

Esta mudança não estava ainda completa quando por este mesmo tempo o Imperador em uma queda da carruagem na rua do Lavradio quebrou duas costellas. O principe Augusto, seu cunhado, quebrou um braço, a rainha de Portugal e uma dama da Imperatriz ficarão maltratadas no rosto. O Imperador conduzia os cavallos do alto da almofada, e de todas as pessoas que ião na carruagem só a Imperatriz ficou sã e salva. O Imperador foi recolhido para a casa do marquez de Cantagallo, á porta do qual tinha acontecido o sinistro. A cura não foi longa, ou antes não foi tão longa como o funesto acontecimento fazia entrever. O procedimento da Imperatriz durante a molestia do Imperador foi exemplar. A Imperatriz foi a enfermeira mais assidua e mais intelligente que teve o doente. Durante a molestia nunca lhe deixou a cabeceira. O afago e a ternura desta angelica princeza adoçavão a situação do Imperador em tão dolorosa conjunctura.

O ministerio foi completado, bem ou mal não sei, mas o que posso affirmar é que apesar de todos os seus esforços não poude gosar da confiança publica nem da maioria da camara dos deputados. O isolamento em que o Imperador se achou de seus aduladores durante a sua enfermidade contribuiu para que elle reflectisse pousadamente ácerca da sua posição e do estado em que se achava a causa publica. O novo ministerio ousou então propor a S. Magestade, como medida de conveniencia, que o Chalaça e João da Rocha Pinto deixassem o Brasil e fossem para a Europa. Estes dois validos, ambos portuguezes, ambos deboxados, corrompidos, brutaes e ignorantes, do mais baixo nascimento, erão os mais perniciosos porque erão os que gozavão em grau mais subido da confiança do Imperador. Erão os instrumentos da intriga de José Clemente Pereira, e este era o chefe do partido portuguez. O partido portuguez, como já disse em outra parte, já que não podia ligar de novo o Brasil a Portugal, queria que o Brasil fosse governado absolutamente por portuguezes.

A esta proposta do ministerio o Imperador não hesitou em a regeitar com indignação, mas as cousas estavão preparadas para que elle a ouvisse e annuisse mais cedo ou mais tarde. O Imperador argumentou que a Constituição não lhe dava poder para expatriar a nenhum de seus subditos. «Ambos são seus criados, replicou Barbacena, e como taes V. M. os póde mandar com um recado para onde bem quizer.—E se elles não quizerem ir, replicou

o Imperador? Neste caso ponha-os fóra do paço, retire a ambos a sua protecção e nós nos haveremos com elles, accrescentou Barbacena.» A duvida da parte do Imperador em se desfazer de seus dois validos subsistio por alguns dias, mas emfim S. Magestade cedeu por meio de uma capitulação. Conveiu-se em que Chalaça e João da Rocha fossem nomeados encarregados de negocios, o primeiro para Napoles e o segundo para a Suecia. Lavrarão-se os decretos, que forão assignados e referendados. Calmon, ministro dos negocios estrangeiros, fez a respectiva communicação aos dois validos e estes responderão com altivez que não aceitavão taes despachos, que dependião de seu augusto amo tão sómente, e só delle cumpririão o que houvesse de determinar.

Os dois validos partirão com effeito por ordem do Imperador, a bordo de um paquete inglez para a Inglaterra. O Imperador concedeu do seu bolsinho uma pensão annual a Chalaça de 25,000 francos, e a João da Rocha de 20,000 por todo o tempo que ficassem ausentes da côrte. Ao Imperador custou muito a separação destes dois validos, e fosse por ternura ou por ascinte ao ministerio que a fazia necessaria, occupou-se elle mesmo dos preparativos da viagem. Lembrava-se de que uma cousa ou outra poderia ser commoda aos seus amigos durante a viagem, e logo se punha tudo em movimento, afim de se encontrar nas alfaias do paço o objecto indicado. Estas pequenas attenções o Imperador as communicava aos ministros. Quando estes vinhão a despacho erão entretidos de preferencia com semelhantes redicularias. « Estive toda esta manhã occupado em fazer arranjar tal ou tal mala, um estojo para aqui, um copo para ali, um talher, etc., etc., para Francisco Gomes levar.» Isto mortificava os ministros e não contribuia para o restabelecimento da harmonia que se desejava. Como Chalaça era um grande consumidor de bebidas espirituosas, o Imperador levou muito em vista em arranjar elle mesmo as frasqueiras que seu valido devia levar em viagem. Nada esqueceu ao desvelo imperial, e os dois validos partirão emfim, objectos da attenção e carinho imperial, levando em abundancia o superfluo, além do necessario, e os beijos e os abraços do amo que ficava saudoso e cheio de tristezas. Nunca se gastou tão boa cêra com tão ruins defuntos.

As intenções dos ministros podião ser boas, mas os seus precedentes não podião fazer acreditar que a nação as tivesse por taes. Calmon era o unico homem novo que se achava no ministerio, mas o facto mesmo de ter sido collega de José Clemente no transacto ministerio dava motivo de suspeita. Calmon foi no ministerio de José Clemente, permitta-se a expressão, o maior falso moedeiro do Brasil. Cunhou seis mil contos de réis de moeda de cobre, que representava um valor quadruplo do seu valor intrinseco! Os outros ministros tinhão já nas costas da sua vida publica mais mataduras do que uma besta de Alquilé. Podia ser um ministerio de transição, mas nunca, se havia um desejo leal de melhorar o estado do paiz, um ministerio normal. Era bom para substituir o ministerio de José Clemente, mas não para permanecer no poder.

O anno de 1829 viu ainda um acontecimento que passo a registrar para referir uma anecdota, que não deve ficar esquecida. Na sessão deste anno, na camara dos deputados, foi accusado o ministro da guerra Joaquim de Oliveira Alvares por infracção da Constituição. O Imperador empenhou-se para que a accusação não procedesse. A discussão na camara foi calorosa, e o Imperador ia todos os dias collocar-se a uma janella do paço da cidade, que ficava em frente da camara dos deputados. Deste ponto de observação expedia seus agentes e recebia as participações do que se estava passando na camara. Forão-lhe dizer que Ledo estava fazendo um discurso brilhante em favor do ministro accusado. O Imperador virou-se para as pessoas que o rodeavão, e disse: «Forte tratante! é a terceira vez que o compro e de todas me tem servido bem!» Esta anecdota me foi referida dois ou tres dias depois por uma testemunha presente. Esta testemunha já a posso citar, porque já pertence ao dominio da historia. Foi o marquez de Quixeramobim, camarista que estava de semana e acompanhava o Imperador naquelle dia. É sabido que o Imperador, para salvar a Joaquim de Oliveira Alvares, nada poupou, nem mesmo a propria dignidade. Prometteu, solicitou e corrompeu, chegando a ir em pessoa procurar deputados em suas casas para esse fim.

Por incommodo de saude suspendi a redacção deste papel; hoje, porém, que tenho portador seguro para o Rio de Janeiro, resolvo a mandal-o e prometto concluir o resto em breve tempo.

Todo o verão não lhe escrevi uma palavra. E quem póde trabalhar quando faz calor? Por mim respondo negativamente. Mas o inverno bate á porta, e eu hei de aproveitar as grandes noutes para dizer o que falta para a conclusão destas notas, se Deus me conservar a vida.

Paris, 21 de Setembro de 1861.

NOTAS DAS NOTAS

Pag. 18. — Veja-se a carta de 19 de Junho de 1822, pela qual o principe regente participa a seu pai, o rei D. João 6.°, que Pernambuco o reconhecêra regente sem restricção alguma. As expressões do principe mostrão a satisfação que esse reconhecimento lhe causára. Foi feito em acto solemne do 1.° de Junho de 1822 na cidade do Recife, e já em 19 do mesmo mez se achava o principe sabedor e habilitado para communicar a seu pai, o que prova grande actividade nas communicações, porque então não havia vapores e nem mesmo á vela a correspondencia entre Pernambuco e Rio de Janeiro era frequente.

Pag. 47. — Veja-se a carta de 21 de Maio de 1822, pela qual o principe regente participa a seu pai, o rei D. João 6.°, que aceitara o titulo de defensor perpetuo do Brasil, e rejeitara o de protector, que lhe fôra igualmente offerecido pelo orgão da camara municipal do Rio de Janeiro. O principe dá nesta carta a razão porque não aceitou o titulo de protector, dizendo que o Brasil não precisava que ninguem o protegesse.

Pag. 69. — Clemente Alvares de Oliveira Mendes e Almeida é a pessoa a quem me refiro. Era natural, como já disse, da Bahia, e sobrinho de José Egydio Alvares de Almeida, barão de S.^{to} Amaro. Estudou e formou-se na Faculdade de Direito na Universidade de Coimbra. Não voltou mais ao Brasil. A protecção de Aguiar em Lisboa e do tio no Rio de Janeiro lhe valeu para ser nomeado consul geral do Brasil em Portugal. Foi o primeiro consul que ali tivemos. Demittido por causas que ignoro, continuou a viver em Lisboa, onde exercia a advocacia com talento e má reputação. Quando em 1854 deixei Lisboa para sempre ainda elle vivia, mas no Rio de Janeiro constou-me depois que fallecera em grande miseria. Este individuo, posto que então muito moço, desde que sahiu de Coimbra até a morte de Aguiar esteve muito relacionado no paço de Lisboa, e não era estranho ás cabalas que se forjavão entre elle e o paço do Rio de Janeiro. Algumas revelações me fez a esse respeito, mas nada disse que eu já não soubesse por via de Manoel José Maria da Costa e Sá, de fonte official.

Pag. 92. — A casa do futuro marquez, na Bahia. era dirigida e governada por um primo de S. Ex.ª de nome José Ricardo da Silva e Horta, homem de um caracter fleugmatico e quasi tocando ao indifferentismo. Foi commigo inalteravel desde a minha chegada até á minha sahida, nunca mostrou que estava cançado de ter-me em casa, e pouco se importava com os acontecimentos politicos: ria-se de tudo; quando porém lhe disse que partia sem demora para a Europa respondeu-me que fazia muito bem. Em 1850, sendo eu ministro na côrte de Lisboa, apresentou-se-me ali este individuo pedindo a minha protecção a bem dos requerimentos que tinha perante o governo portuguez. Achava-se elle casado com a filha de Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa, que foi visconde de Itabayana, e pedia uma contemplação pelos serviços que seu sogro, sendo ministro do Brasil na côrte de Londres, havia prestado a Portugal na questão dynastica em favor da rainha D. Maria 2.ª O visconde de Itabayana havia, com effeito, com grave detrimento dos interesses do Brasil e da sua honra, prestado relevantes serviços á causa portugueza, e pelos quaes havia recebido remuneração em uma pensão de 1:200$000, moeda portugueza, annual, e a grã-cruz da Torre e Espada. O amor de Itabayana aos portuguezes era tal que, fallecendo em Napoles, quando ali exercia as funcções de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil no presente reinado, e tinha sido por elle galardoado com o titulo de veador da imperatriz, determinou por seu testamento que o seu corpo fosse enterrado em terra portugueza. Em observancia desta ultima vontade foi mandado de Napoles para Roma, onde se acha sepultado na igreja de Santo Antonio dos Portuguezes. Esta igreja é propriedade de Portugal, annexada á embaixada da mesma nação. Em Lisboa esta ultima vontade de Itabayana foi muito applaudida, e o duque de Palmella propoz na camara dos Pares, e esta approvou que se erigisse na mesma igreja á custa do Estado um monumento em memoria do illustre finado, que tão relevantes serviços havia em sua vida prestado á corôa portugueza. O enthusiasmo não passou além da proposta, porque não me consta que até agora o tal monumento em memoria do illustre finado tenha sido erigido. Apesar destas homenagens, que se tributarão á memoria do visconde de Itabayana, o genro deste nada podia obter em contemplação dos serviços do sogro. Adoeceu gravemente no inverno de 50 a 51, esteve em perigo de vida, melhorou com a entrada da primavera e os medicos declararão que partisse sem perda de tempo para a sua terra, aliás perderia a vida se o inverno seguinte ainda o achasse em Lisboa. Mas José Ricardo estava destituido de todos os meios e devia ao hotel todo o tempo que nelle residia, devia aos medicos que o tratarão, devia á botica que lhe forneceu os remedios e devia a algumas outras pessoas por outros fornecimentos e pelo mau uso que fazia da sua prodigalidade. Recorreu então a mim e expôz a posição em que se achava, motivada pela falta de remessas que esperava da Bahia. Não hesitei em soccorrel-o, emprestando sem interesse

algum a quantia de 1:500$000, moeda portugueza, e promettendo de me occupar dos seus negocios logo que elle regressasse ao Brasil. José Ricardo não se demorou depois disto, partiu para a Bahia e de lá para o Rio de Janeiro, e eu lhe mandei um ou dois mezes depois o titulo de visconde de Gameiro, com que a rainha de Portugal o contemplou a meu pedido. Ha quem dê dinheiro para obter titulos, mas este amigo obteve titulo e dinheiro sem nada lhe custar. Até hoje 20 de Fevereiro de 1861 ainda não pude, apesar de muitos esforços ser integralmente embolçado desta divida. Creio que paguei caro a parte que este individuo teve na hospedagem que recebi na Bahia em casa de seu primo, o futuro marquez de Barbacena.

Pag. 97. — O decreto que mandou proceder á devassa é um dos documentos que a Historia deve registrar por inteiro. O historiador deve procurar ler esse informe processo que se fez em virtude de semelhante decreto. Não sei se já lhe derão consumo. Ajuntarei aqui o esboço da minha defeza, que de Paris mandei a meu irmão para guiar o advogado que tratasse della. Ignoro se este esboço serviu ou não. Meu irmão me havia mandado uma copia exacta de todos os depoimentos, e em vista delles é que eu fiz o esboço da defeza. Por elle se conhece toda a infamia com que o governo e um miseravel juiz se houverão neste negocio.

FIM

INDICE GERAL

DO VOL. XIII DOS ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL

1.ª PARTE

Historia do Brazil por Frey Vicente do Salvador

2.ª PARTE

Diccionario brazileiro da lingua portugueza

3.ª PARTE

Annotações de Drummond á sua biographia